

V. E. SCHWAB

London Calling



Galera



V.E. SCHWAB



UM TOM MAIS ESCURO DE MAGIA

OSTONS
DE MAGIA
(VOL. 1)

Obras da autora publicadas
pela Editora Record

Série Vilões

Vilão

Vingança

Série Os Tons de Magia

Um tom mais escuro de magia

Um encontro de sombras

Uma conjuração de luz

Série A Guardiã de Histórias

A guardiã de histórias

A guardiã dos vazios

Série A Cidade dos Fantasma

A cidade dos fantasmas

A vida invisível de Addie LaRue

V.E. SCHWAB

OS TONS
DE MAGIA
{VOL. I}

UM
TOM
MAIS
ESCURO
DE
MAGIA

Tradução de
Ana Carolina Delmas
8ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2021

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S425t

S425t

Schwab, V. E., 1987-

Um tom mais escuro de magia [recurso eletrônico] / V.E.

Schwab ; tradução na Carolina Delmas. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Record, 2021.

recurso digital (Os tons de magia ; 1)

Tradução de: A darker shade of magic

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-059-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Delmas, Ana
Carolina. II. Título. III. Série.

21-72934

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Título original norte-americano:

A Darker Shade of Magic

Copyright © 2015 by Victoria Schwab

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5981-059-8

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos

lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br



*Para aqueles que sonham com
mundos desconhecidos*

Grande é o dilema quando se trata de magia, pois não é uma questão de força e sim de equilíbrio. Se há pouca força, nos tornamos fracos. Mas, se há força demais, nos tornamos algo completamente diferente.

— TIEREN SERENSE

Sumo sacerdote do Santuário de Londres

SUMÁRIO

UM | O VIAJANTE

I

II

III

DOIS | A REALEZA VERMELHA

I

II

III

TRÊS | A LADRA CINZA

I

II

III

QUATRO | O TRONO BRANCO

I

II

III

IV

V

CINCO | A PEDRA PRETA

I

II

III

IV

V

SEIS | LADRÕES SE ENCONTRAM

I

II

III

IV

SETE | O SEGUIDOR

I

II

III

OITO | UM ACORDO

I

II

III

NOVE | FESTIVAL FOGO

I

II

III

IV

DEZ | UMA TORRE BRANCA

I

II

III

IV

V

VI

ONZE | BAILE DE MÁSCARAS

I

II

III

IV

V

DOZE | SANTUÁRIO SACRIFÍCIO

I

II

III

IV

V

VI

TREZE | O REI À ESPREITA

I

II

III

IV

V

VI

QUATORZE | A ÚLTIMA PORTA

I

II

III

IV

AGRADECIMENTOS



UM

O
VIAJANTE

I

Kell trajava um casaco muito peculiar.

Não tinha apenas um lado, o que seria convencional, ou dois, o que seria inesperado, mas *múltiplos*: o que era, obviamente, impossível.

A primeira coisa que fazia sempre que passava de uma Londres a outra era tirar o casaco e revirá-lo uma ou duas vezes (ou mesmo três) até que encontrasse o lado de que precisava. Nem *todos* eram elegantes, mas cada um servia a um propósito. Havia os que se misturavam à multidão e os que se destacavam, e um que não possuía um objetivo, mas lhe agradava muito.

Assim, quando Kell cruzou a parede do palácio e entrou na antessala, levou alguns instantes para se recompor — viajar entre mundos tinha o seu preço —, e então escapuliu de seu casaco vermelho de gola alta e o revirou da direita para a esquerda para torná-lo uma simples jaqueta preta. Bem, uma simples jaqueta preta elegantemente alinhavada com fios prateados e adornada com duas colunas brilhantes de botões de prata. Só porque adotava uma paleta mais modesta quando estava no exterior (sem querer ofender a realeza local nem chamar atenção) não significava que deveria sacrificar o estilo.

Ah, reis, pensou Kell enquanto abotoava a jaqueta. Estava começando a pensar como Rhy.

Na parede atrás de si, conseguiu discernir o símbolo desbotado deixado pela sua passagem, como uma pegada na areia que já se desvanecia.

Ele nunca se dava ao trabalho de marcar a porta *deste* lado, simplesmente porque nunca retornava por ali. A distância entre Windsor e Londres era terrivelmente inconveniente considerando-se que, quando viajava entre mundos, Kell só podia se deslocar de um local em um deles

ao mesmo exato ponto no outro. O que era um problema, pois não havia um Castelo de Windsor a um dia de viagem da Londres *Vermelha*. Na verdade, Kell acabara de vir da travessia do muro de pedra do pátio de um cavaleiro abastado em uma cidade chamada Disan. E Disan era, de modo geral, um lugar muito agradável.

Windsor, não.

Impressionante, com certeza. Mas não agradável.

Um balcão de mármore corria pela parede, e nele uma vasilha de água o aguardava, como sempre. Ele lavou a mão ensanguentada e a moeda de prata que usara como passagem, depois colocou no pescoço o cordão em que ela ficava pendurada e a escondeu novamente sob a gola da jaqueta. No salão à frente ele podia ouvir diferentes passos e o burburinho baixo de servos e guardas. Escolhera a antessala especificamente para evitá-los. Sabia muito bem quão pouco o príncipe regente gostava de sua presença, e a última coisa que desejava era uma plateia: um bando de ouvidos, olhos e bocas relatando ao trono os detalhes de sua visita.

Acima do balcão e da vasilha ficava um espelho de moldura dourada, e Kell verificou rapidamente seu reflexo antes de atravessar as portas para encontrar seu anfitrião. Seu cabelo castanho avermelhado caía sobre um dos olhos e ele não o ajeitou, apesar de ter parado um momento para alinhar os ombros da jaqueta.

O cômodo estava sufocantemente quente, com as janelas trancadas apesar do que parecia ser um belo dia de outubro. Um fogo ardia raivosamente na lareira.

George III estava sentado ao lado dela, um manto encolhendo sua silhueta murcha e uma bandeja de chá intocada diante de seus joelhos. Quando Kell entrou, o rei agarrou as beiradas de sua poltrona.

— Quem está aí? — perguntou o rei, sem se virar. — Ladrões? Fantasmas?

— Não creio que fantasmas lhe responderiam, Majestade — disse Kell, anunciando-se.

O monarca doente abriu um sorriso de dentes podres.

— Mestre Kell — disse ele. — Você me deixou esperando.

— Não mais que um mês — respondeu Kell, aproximando-se.

O rei George semicerrou os olhos cegos.

— Faz mais tempo, tenho certeza.

— Asseguro-lhe de que não.

— Talvez não para você — disse o rei. — Mas o tempo não passa da mesma forma para quem é louco ou cego.

Kell sorriu. O rei estava bem-disposto. Não era sempre assim. Ele nunca tinha certeza do estado em que encontraria sua majestade. Talvez parecesse fazer mais de um mês porque na última visita o rei estava temperamental e Kell quase não conseguira acalmar seus nervos esfrangalhados por tempo suficiente para lhe entregar sua mensagem.

— Talvez o ano tenha virado — continuou o rei — e não o mês.

— Ah, mas o ano é o mesmo.

— E que ano é este?

Kell franziu o cenho.

— 1819 — afirmou.

Uma sombra obscureceu o semblante do rei George, que apenas balançou a cabeça.

— Tempo — disse o rei, como se aquela palavra pudesse ser culpada por tudo. — Sente-se, sente-se — acrescentou, apontando para o cômodo. — Deve haver outra cadeira em algum lugar.

Não havia. O quarto estava surpreendentemente vazio, e Kell tinha certeza de que as portas no saguão eram trancadas e destrancadas por fora e não por dentro.

O rei estendeu a mão nodosa. Havia retirado os anéis para evitar que se machucasse, e as unhas estavam aparadas rentes aos dedos.

— Minha carta — disse, e por um instante Kell vislumbrou um lampejo de George como fora um dia. Régio.

Kell tateou os bolsos e percebeu que se esquecera de pegar o bilhete antes de se trocar. Despiu a jaqueta e a retornou por um instante ao lado vermelho, revirando suas dobras até encontrar o envelope. Quando o colocou nas mãos do rei, este afagou e acariciou o selo (o emblema do trono vermelho incrustado na cera, o cálice com um sol nascente), depois levou o papel ao nariz e inspirou.

— Rosas — disse com melancolia.

O rei estava se referindo à magia. Kell nunca notava o suave perfume aromático da Londres Vermelha entranhado em suas roupas, mas, sempre que viajava, alguém invariavelmente lhe dizia que cheirava a flores recém-cortadas. Alguns mencionavam tulipas. Outros, lírios-orientais.

Crisântemos. Peônias. Para o rei da Inglaterra, eram sempre rosas. Kell ficava satisfeito em saber que era um perfume agradável, mesmo que não fosse capaz de percebê-lo. Podia sentir o da Londres Cinza (fumaça) e o da Londres Branca (sangue), mas, para ele, a Londres Vermelha cheirava apenas ao seu lar.

— Abra-a para mim — instruiu o rei. — Mas não danifique o selo.

Kell procedeu como instruído e retirou o conteúdo. Desta vez agradeceu pelo fato de o rei não poder mais enxergar; assim não saberia o quão breve era a carta. Três pequenas linhas. Uma cortesia concedida àquela autoridade simbólica e doente, e apenas isso.

— É de minha rainha — explicou Kell.

O rei assentiu.

— Prossiga — comandou, assumindo um semblante majestoso que contrastava com seu estado frágil e sua voz vacilante. — *Prossiga*.

Kell pigarreou.

— Saudações à Vossa Majestade, o rei George III, de um trono vizinho — leu.

A rainha não se referia ao seu como o trono *vermelho* nem mandava saudações da Londres *Vermelha* (ainda que a cidade fosse de um carmim vivo graças à forte luminosidade do rio), simplesmente porque não pensava daquela forma. Para ela, e para qualquer um que habitasse apenas uma Londres, havia pouca necessidade de diferenciá-las. Quando os governantes de uma cidade se comunicavam com os de outra, os chamavam somente de *outros*, ou *vizinhos*, ou, em algumas ocasiões (particularmente com relação à Londres Branca), usavam termos menos lisonjeiros.

Somente os poucos capazes de transitar por entre as diversas Londres precisavam de um modo de diferenciá-las. Então, Kell, inspirado pela cidade perdida conhecida por todos como Londres Preta, designara uma cor para cada capital remanescente.

Cinza para a cidade sem magia.

Vermelho para o império vigoroso.

Branco para o mundo faminto.

Na verdade, as cidades guardavam pouca semelhança entre si (e menos ainda os países à sua volta e além). O fato de todas se chamarem *Londres* era um mistério, mas a teoria predominante era a de que uma das cidades

assumira o nome havia muito tempo, antes que se lacrassem as portas e que a única coisa autorizada a transitar de uma a outra fosse a correspondência entre reis e rainhas. Não havia consenso com relação a qual cidade tinha reivindicado o nome primeiro.

— Esperamos que esteja bem — continuava a carta da rainha — e que a estação esteja tão amena na sua cidade quanto está na nossa.

Kell fez uma pausa. Não havia mais nada exceto a assinatura. O rei George torceu as mãos.

— Isso é tudo? — perguntou ele.

Kell hesitou.

— Não — afirmou, dobrando a carta. — Foi apenas o início. — Ele pigarreou e começou a caminhar lentamente enquanto organizava seus pensamentos e os colocava na voz da rainha. — Agradeço por se preocupar com nossa família. O rei e eu estamos bem. O príncipe Rhy, por sua vez, continua nos impressionando e enfurecendo na mesma medida, mas pelo menos passou o último mês sem quebrar o pescoço ou ficar noivo de uma pretendente inadequada. Somos gratos a Kell por evitar que o príncipe fizesse uma dessas coisas, ou ambas. — Kell tinha a intenção de continuar fazendo a rainha divagar sobre os seus méritos, mas então o relógio na parede badalou cinco vezes e ele praguejou baixinho. Estava atrasado. — Até minha próxima carta — concluiu. — Desejo que permaneça feliz e bem. Afetuosamente, sua alteza Emira, rainha de Arnes.

Kell esperou que o rei dissesse algo, mas os olhos cegos sustentavam um olhar vidrado e distante, e o viajante receou que o tivesse perdido. Deixou o bilhete dobrado na bandeja de chá e já estava a meio caminho da parede quando o rei falou:

— Não tenho uma carta para ela.

— Não tem problema — disse Kell gentilmente.

O rei não conseguia escrever uma carta havia muitos anos. Em alguns meses ele tentava, arrastando a pena a esmo pelo pergaminho, e em outros insistia em ditá-la para Kell, mas na maioria dos meses ele simplesmente narrava a mensagem e Kell prometia memorizá-la.

— Entenda, não tive tempo — acrescentou o rei, tentando salvar um vestígio de dignidade. Kell concedeu isso ao rei.

— Compreendo — disse. — Transmitirei suas melhores estimas à família real.

Kell se virou para sair, e novamente o rei gritou que parasse.

— Espere, espere — protestou. — Volte.

Kell se deteve. Seus olhos se voltaram para o relógio. Estava cada vez mais atrasado. Imaginou o príncipe regente sentado à sua mesa em St. James, agarrado à cadeira e fervilhando de impaciência. O pensamento fez com que Kell sorrisse, então retornou para o rei enquanto este tirava algo de suas vestes com dedos desajeitados.

Uma moeda.

— Está desvanecendo — afirmou o rei, aninhando o metal em suas mãos envelhecidas como se fosse precioso e frágil. — Não consigo mais sentir a magia. Nem o aroma.

— Uma moeda é só uma moeda, Majestade.

— Não é, e você sabe disso — resmungou o velho rei. — Esvazie seus bolsos.

Kell suspirou.

— O senhor vai me colocar em apuros.

— Vamos, vamos — disse o rei. — Nosso segredinho.

Kell enfiou a mão em um bolso. Na primeira vez que visitara o rei da Inglaterra, entregara-lhe uma moeda como prova de quem era e de onde vinha. A história de outras Londres era confiada à coroa e passada de herdeiro para herdeiro, mas fazia anos desde que o último viajante se apresentara. O rei George olhara para o rapaz, estreitara os olhos e estendera sua mão robusta, e Kell depositara a moeda em sua palma. Era um simples *lin*, muito semelhante ao xelim da Londres Cinza, porém cunhado com uma estrela vermelha no lugar da face real. O rei fechara seu punho sobre a moeda e a levara para perto do nariz, inalando seu perfume. E então sorria, guardara a moeda em seu manto e acolhera Kell no palácio.

Daquele dia em diante, sempre que Kell o visitava, o rei insistia que a magia havia se desgastado e o fazia trocá-la por outra moeda, nova e ainda guardando algum calor dos bolsos. Todas as vezes, Kell avisava que a prática era proibida (e era mesmo, terminantemente), e todas as vezes o rei insistia que aquilo seria seu segredinho, e então Kell suspirava e tirava uma nova peça de metal de seu casaco.

Desta vez, pegou o velho *lin* da palma da mão do rei e o trocou por um novo, fechando os dedos nodosos de George sobre a moeda.

— Isso, isso — murmurou o rei para a moeda em sua mão.

— Cuide-se — falou Kell enquanto se virava para sair.

— Sim, sim — disse o rei, seu foco extinguindo-se até ficar perdido para o mundo e para seu convidado.

Havia cortinas fechadas em um canto do cômodo, e Kell afastou o tecido pesado para revelar uma marca no papel de parede decorado. Um círculo simples dividido ao meio por uma linha, desenhado em sangue um mês antes. Em outra parede de outro cômodo de outro palácio, havia a mesma marca. Eram como maçanetas em lados opostos de uma mesma porta.

O sangue de Kell, quando emparelhado com o símbolo, permitia que se movesse por *entre* os mundos. Não era necessário especificar um lugar porque, onde quer que estivesse em um, era para lá que iria no outro. Mas, para fazer uma porta *dentro* de um mundo, ambos os lados precisavam estar marcados exatamente com o mesmo símbolo. Parecido não era o bastante. Isso Kell aprendera do jeito mais difícil.

O símbolo na parede ainda estava visível da última visita, as bordas apenas um pouco borradas, mas não importava. Tinha que ser feito.

Ele dobrou a manga e libertou a faca que mantinha atada à parte interna de seu antebraço. Era um objeto admirável, aquela faca, uma obra de arte, prateada da ponta ao cabo e gravada com seu monograma: *K e L*.

A única relíquia de outra vida.

Uma vida que não conhecia. Ou, ao menos, da qual não se lembrava.

Kell levou a lâmina até o dorso de seu antebraço. Já havia entalhado uma linha naquele dia para a porta que o levara até ali. Agora cortava uma segunda. Seu sangue vermelho-vivo brotou e se espalhou, então ele devolveu a faca à sua bainha e tocou o corte com os dedos e depois a parede, redesenhando o círculo e a linha que o cruzava. Kell baixou a manga da camisa sobre a ferida — trataria todos os cortes quando chegasse em casa — e olhou de relance para o rei balbuciente antes de pressionar sua palma estendida na marca na parede.

A marca zumbiu com magia.

— *As Tascen* — proferiu. *Transportar*.

O papel de parede adornado enrugou-se, suavizou-se e cedeu ao seu toque, e Kell avançou através dele.

II

Entre um passo e outro, a Windsor melancólica se tornou a elegante St. James. O pequeno quarto abafado deu lugar a tapeçarias esplendorosas e pratarias reluzentes, e os balbucios do rei louco foram substituídos por um pesado silêncio e por um homem sentado à cabeceira de uma mesa ornamentada, segurando um cálice de vinho e parecendo bastante irritado.

— Está atrasado — observou o príncipe regente.

— Minhas desculpas — disse Kell com uma reverência breve demais.

— Tive uma missão.

O príncipe regente depositou o cálice na mesa.

— Pensei que *eu* fosse sua missão, mestre Kell.

Kell se endireitou.

— Minhas ordens, Vossa Alteza, são para visitar primeiro o *rei*.

— Gostaria que não satisfizesse os caprichos dele — falou o príncipe regente, cujo nome também era George (Kell achava o hábito da Londres Cinza de filhos receberem os nomes de seus pais ao mesmo tempo redundante e confuso), enquanto gesticulava desdenhosamente com a mão.

— Isso o deixa animado.

— E faz mal? — perguntou Kell.

— Para ele, sim. Ficaré frenético mais tarde. Dançando nas mesas e falando de magia e de outras Londres. Que truque apresentou a ele desta vez? Convinceu-o de que ele podia voar?

Kell cometera esse erro apenas uma vez. Fora informado na visita seguinte de que o rei da Inglaterra quase saltara de uma janela. No terceiro andar.

— Asseguro-lhe de que não realizei nenhuma demonstração.

O príncipe George beliscou a ponte do nariz.

— Ele não consegue mais segurar a língua. Por isso está restrito aos seus aposentos.

— Aprisionado, então?

O príncipe George correu a mão pela borda dourada da mesa.

— Windsor é um lugar perfeitamente respeitável para resguardar alguém.

Uma prisão respeitável ainda é uma prisão, pensou Kell, retirando uma segunda carta do bolso da jaqueta.

— Sua correspondência.

O príncipe ordenou que ele permanecesse ali enquanto lia o bilhete (nunca comentava como cheirava a flores) e então retirou uma resposta semipronta de um dos bolsos e a completou. Certamente estava se demorando em um esforço para aborrecer Kell, mas o viajante não se importava. Ocupou-se tamborilando os dedos na borda da mesa dourada. Cada vez que ele ia do dedo mindinho ao indicador, uma das muitas velas da sala se apagava.

— Deve ser uma corrente de ar — afirmou distraidamente enquanto o príncipe regente apertava mais a pena. Quando terminou o bilhete, havia quebrado duas e estava de mau humor, ao passo que o estado de espírito de Kell melhorara muito.

Estendeu a mão para pegar a carta, mas o príncipe regente não a entregou. Em vez disso, levantou-se de seu trono.

— Estou cansado de ficar sentado. Caminhe comigo.

Kell não era fã da ideia, mas não podia sair de mãos vazias, então foi obrigado a concordar. Não antes de pegar da mesa a última pena intacta do príncipe e escondê-la no bolso.

— Você voltará imediatamente para casa? — perguntou o príncipe, enquanto conduzia Kell por um salão até uma porta discreta, oculta por uma cortina.

— Logo mais — afirmou Kell, mantendo-se um passo atrás. Dois soldados da guarda real haviam se juntado a eles no salão e agora os seguiam furtivamente, como sombras. Kell podia sentir os olhos deles sobre si e perguntou-se o quanto sabiam sobre seu convidado. Esperava-se que a realeza soubesse, mas o conhecimento por parte dos serviços era deixado a critério dela.

— Pensei que você só tivesse negócios comigo — disse o príncipe.

— Sou fã da sua cidade — respondeu Kell delicadamente. — E meu trabalho drena minhas energias. Dou uma volta e pego um pouco de ar, então retorno.

Os lábios do príncipe formavam uma linha fina e soturna.

— Receio que o ar não seja tão revigorante aqui na cidade quanto no campo. Como é que você nos chama... Londres *Cinza*? Nos dias de hoje, é um nome muito apropriado. Fique para o jantar.

O príncipe terminava quase todas as suas frases com um ponto final. Até mesmo as perguntas. Rhy agia da mesma forma, e Kell achava que o comportamento devia ser um efeito colateral de nunca terem ouvido *não*.

— Você está muito melhor aqui — pressionou o príncipe. — Deixe-me revigorá-lo com vinho e companhia.

Parecia uma oferta generosa, mas o príncipe regente nunca fazia as coisas por generosidade.

— Não posso ficar — falou Kell.

— Eu insisto. A mesa está posta.

E quem está vindo?, perguntou-se Kell. O que o príncipe queria? Exibi-lo? Kell frequentemente suspeitava de que ele gostaria de fazê-lo, e pela simples razão de que o jovem George considerava os segredos um fardo e preferia o espetáculo. Mas, com todas as suas falhas, o príncipe não era tolo, e apenas um tolo concederia a Kell a oportunidade de se destacar. A Londres Cinza esquecera a magia havia muito tempo. Kell não seria o responsável por lembrá-la.

— Uma oferta generosa, Alteza, mas é melhor que eu seja um espectador do que o espetáculo.

Kell inclinou a cabeça de forma que seu cabelo acobreado não mais cobrisse os olhos, revelando não apenas o azul translúcido do esquerdo, mas também o preto maciço do direito. Um preto que ia de ponta a ponta, preenchendo tanto a íris como a esclera branca. Nada havia de humano naquele olho. Era puramente mágico. A marca de um mago de sangue. De um *Antari*.

Kell gostou do que viu nos olhos do príncipe regente quando este tentou sustentar seu olhar. Precaução, desconforto... e medo.

— Sabe por que nossos mundos são mantidos separados, Alteza? — Ele não esperou pela resposta do príncipe. — Para manter o seu mundo seguro. Veja, houve um tempo, eras atrás, em que eles não eram separados.

Quando portas corriam entre seu mundo e o meu, e outros, e qualquer um com um pouco de poder conseguia atravessá-las. A magia em si podia transitar. Mas o problema da magia — acrescentou Kell — é que ela se apodera tanto dos obstinados quanto dos fracos de espírito, e um desses mundos não foi capaz de se controlar. As pessoas se alimentaram da magia, e a magia se alimentou delas até devorar seus corpos, suas mentes e então suas almas.

— A Londres Preta — sussurrou o príncipe regente.

Kell assentiu. Não fora ele quem designara a cor que intitulava a cidade. Todos, ou ao menos todos nas Londres Vermelha e Branca e os poucos da Cinza que sabiam de alguma coisa, conheciam a lenda da Londres Preta. Era uma história de ninar. Um conto de fadas. Um *aviso*. Sobre a cidade — e o mundo — que não existia mais.

— Sabe o que a Londres Preta e a sua têm em comum, Alteza? — Os olhos do príncipe regente se estreitaram, mas ele não interrompeu Kell. — Falta-lhes moderação. Ambas são famintas por poder. A única razão de a sua Londres ainda existir é ter sido isolada. E aprendeu a esquecer. O senhor não quer que ela lembre.

O que Kell não disse foi que a Londres Preta tinha magia em abundância em suas veias, e a Londres Cinza, quase nenhuma; ele queria provar seu ponto de vista. E, pelo jeito, tinha conseguido. Desta vez, quando estendeu a mão para pegar a carta, o príncipe não se opôs nem resistiu. Kell guardou o pergaminho em seu bolso junto com a pena roubada.

— Obrigado, como sempre, por sua hospitalidade — afirmou, prestando uma reverência exagerada.

O príncipe regente convocou um guarda com um simples estalar de dedos.

— Assegure-se de que o mestre Kell chegue a seu destino. — E então, sem dizer mais nada, virou-se e se afastou.

Os guardas reais deixaram Kell na entrada do parque. O palácio de St. James despontava atrás dele. A Londres Cinza, à sua frente. Ele inspirou profundamente e sentiu o gosto da fumaça no ar. Mesmo ávido para voltar para casa, ele tinha negócios para tratar e, após lidar com a doença do rei e com o comportamento do príncipe, Kell precisava de uma bebida. Espanou as mangas, endireitou a gola e partiu em direção ao coração da cidade.

Ele caminhou pelo St. James Park até chegar a um caminho de terra que ladeava o rio. O sol estava se pondo, e o ar era fresco apesar de poluído, uma brisa de outono tremulando a barra de seu casaco preto. Alcançou uma passarela de madeira que cruzava o rio, e suas botas ressoaram baixinho enquanto ele a atravessava. Kell deteve-se no arco da ponte, a Buckingham House iluminada por lampiões atrás dele e o Tâmesa à frente. A água espirrava gentilmente sob as ripas de madeira, e ele descansou os cotovelos no parapeito e olhou para baixo. Quando dobrou os dedos distraidamente, a corrente se aquietou, a água parando lisa como um espelho.

Ele avaliou seu reflexo.

"Você não é tão bonito assim", dizia Rhy sempre que flagrava Kell contemplando um espelho.

"Não me canso de mim mesmo", respondia Kell, ainda que nunca estivesse se admirando. Ao menos não por inteiro: apenas seu olho. O direito. Mesmo na Londres Vermelha, onde a magia florescia, o olho o destacava dos demais. Marcava-o sempre como *diferente*.

Uma risada tilintante soou à direita de Kell, seguida por um grunhido e outros sons menos nítidos, e a tensão em seus dedos se aliviou, fazendo com que o rio abaixo dele voltasse a seguir seu curso. Ele prosseguiu até que o parque deu lugar às ruas de Londres, e depois à imponente silhueta de Westminster. Kell tinha afeição pela abadia e acenou com a cabeça para ela, como se faz para uma velha amiga. Apesar da fuligem e da sujeira, de sua desordem e pobreza, a cidade possuía algo que faltava à Londres Vermelha: resistência às mudanças. Uma valorização da permanência e dos esforços necessários para construir algo permanente.

Quantos anos haviam sido necessários para construir a abadia? Por quantos mais ela ficaria de pé? Na Londres Vermelha, os gostos mudavam como as estações, e, com eles, construções iam abaixo e eram reerguidas de formas diferentes. A magia tornava as coisas fáceis. Às vezes, pensou Kell, *tornava-as fáceis demais*.

Em sua cidade, havia noites em que ele sentia como se tivesse ido dormir em um lugar e acordado em outro.

Mas, aqui, a abadia de Westminster resistia de pé, esperando para cumprimentá-lo.

Ele abriu caminho pela estrutura de torres de pedra, através das ruas apinhadas de carruagens e por uma rua estreita que circundava o jardim do deão, murado com pedras cheias de musgo. A rua se estreitava ainda mais antes de finalmente terminar em frente a uma taverna.

Foi ali que Kell parou e despiu seu casaco. Revirou-o novamente da direita para a esquerda, trocando o traje preto com botões prateados por um visual mais simples e apropriado para aquelas ruas: uma jaqueta de gola alta marrom com as bainhas esfiapadas e os cotovelos gastos. Então apalpou os bolsos e, satisfeito por estar pronto, entrou.

III

A Stone's Throw era uma taverna estranha.

Suas paredes eram envelhecidas, seu assoalho estava manchado, e Kell tinha certeza de que seu dono, Barron, adicionava água às bebidas. Mas, apesar de tudo, ele continuava retornando.

O lugar o fascinava, porque, apesar de sua aparência suja e de seus clientes ainda mais sujos, o fato é que por sorte ou destino a Stone's Throw estava *sempre ali*. O nome mudava, é lógico, assim como as bebidas servidas, mas, nesse ponto exato das Londres Cinza, Vermelha e Branca, havia uma taverna. Não era uma *fonte* de magia em si, como o Tâmis ou Stonehenge, ou as dúzias de faróis de magia menos conhecidos no mundo, mas era *algo*. Um fenômeno. Um ponto fixo.

E como ele conduzia seus negócios na taverna (quer a placa dissesse Stone's Throw, Setting Sun ou Scorched Bone), isso também tornava o próprio Kell uma espécie de ponto fixo.

Poucos apreciariam a poesia nisso. Talvez Holland, se ele apreciasse alguma coisa.

Mas, poesia à parte, a taverna era o lugar perfeito para se fazer negócios. Os raros crentes da Londres Cinza — aqueles poucos excêntricos que se apegavam à ideia da magia, que se agarravam a um sussurro ou lufada de mágica — gravitavam ali, atraídos pela sensação de algo diferente, algo a mais. Kell também era atraído por isso. A diferença é que ele sabia o que lhes estava instigando.

Obviamente, os benfeitores amantes da magia da Stone's Throw não eram atraídos somente pela sutil e profunda corrente de poder do local ou pela promessa de alguma coisa diferente, de algo mais. Também eram incitados por *ele*. Ou ao menos pelo rumor de sua existência. O que corria de boca em boca tinha sua própria magia, e aqui, na Stone's Throw,

murmúrios sobre o *mag*o passavam pelos lábios dos homens com tanta frequência quanto a cerveja diluída.

Ele estudou o líquido âmbar em sua própria caneca.

— Boa noite, Kell — disse Barron, parando para reabastecer sua bebida.

— Boa noite, Barron.

Era tudo o que costumavam dizer um ao outro.

O dono da Stone's Throw tinha o porte de um paredão — se um paredão resolvesse cultivar uma barba —, alto, largo e impressionantemente maciço. Sem dúvida Barron já vira sua cota de estranhezas, mas isso nunca parecia perturbá-lo.

Se perturbava, ele sabia como disfarçar.

Um relógio na parede atrás do balcão badalou as sete horas, e Kell retirou uma bugiganga da jaqueta marrom. Uma caixa de madeira aproximadamente do tamanho da palma de sua mão, fechada por um simples gancho de metal. Quando ele abriu o trinco e empurrou a tampa com o polegar, a caixa se desdobrou em um jogo de tabuleiro com cinco compartimentos, cada um contendo um elemento.

Na primeira divisão, um torrão de terra.

Na segunda, uma colherada de água.

Na terceira, em vez de ar repousava um tantinho de areia solta.

Na quarta, uma gota de óleo, altamente inflamável.

Na quinta e última divisão, um pedaço de osso.

No mundo de Kell, a caixa e seu conteúdo não eram apenas um brinquedo, mas um teste, um modo de as crianças descobrirem quais elementos as atraíam e quais eram atraídos por elas. A maioria logo se cansava do jogo e partia para feitiços ou para versões mais complicadas em busca de refinar suas habilidades. Tanto por sua abrangência quanto por suas limitações, o jogo de elementos podia ser encontrado em quase toda casa da Londres Vermelha e muito provavelmente das vilas ao redor (ainda que Kell não tivesse certeza disso). Mas aqui, na cidade sem magia, era realmente raro, e Kell tinha certeza de que seu cliente aprovaria. Afinal, o homem era um Colecionador.

Na Londres Cinza, apenas dois tipos de pessoas procuravam por Kell.

Colecionadores e Entusiastas.

Colecionadores eram pessoas abastadas e entediadas, que normalmente não tinham interesse na magia em si. Não sabiam diferenciar uma runa de cura de um feitiço de ligação, e Kell apreciava o seu patrocínio.

Entusiastas eram mais incômodos. Imaginavam-se verdadeiros magos e queriam comprar bugigangas, não pelo prazer de possuí-las ou pelo luxo de exibi-las, mas para *usá-las*. Kell não gostava de Entusiastas, em parte porque julgava suas aspirações um desperdício, e em parte porque lhes servir parecia quase uma traição. Foi por isso que, quando um jovem se sentou ao seu lado e Kell olhou para cima esperando ver seu cliente Colecionador e encontrou um Entusiasta desconhecido, seu humor azedou consideravelmente.

— Este lugar está ocupado? — perguntou o Entusiasta, apesar de já estar sentado.

— Vá embora — disse Kell calmamente.

Mas o Entusiasta não se retirou.

Kell tinha certeza de que o homem era um. Era desengonçado e estranho, sua jaqueta, um tanto curta para sua estatura, e, quando ele apoiou os braços no balcão e o tecido subiu um pouco, Kell reconheceu a ponta de uma tatuagem. Uma runa de poder maldesenhada cujo objetivo era vincular a magia ao corpo de alguém.

— É verdade? — persistiu o Entusiasta. — O que dizem?

— Depende de quem está falando — disse Kell fechando a caixa, deslizando a tampa e colocando o gancho de volta no lugar — e do que está sendo dito.

Ele já havia ensaiado esta dança centenas de vezes. Pelo canto do olho azul, observou os lábios do homem coreografarem seu próximo movimento. Se ele fosse um Colecionador, Kell poderia ter lhe dado uma trégua, mas homens que entram na água afirmando saber nadar não deveriam precisar de salva-vidas.

— Que você traz *coisas* — disse o Entusiasta, os olhos percorrendo a taverna. — *Coisas* de outros lugares.

Kell sorveu um pequeno gole de sua bebida, e o Entusiasta entendeu seu silêncio como concordância.

— Suponho que deva me apresentar — prosseguiu o homem. — Edward Archibald Tuttle, terceiro. Mas me chamam de Ned.

Kell arqueou uma sobrancelha. O jovem Entusiasta estava obviamente esperando que ele se apresentasse também, mas, como o homem visivelmente já tinha noção de quem ele era, Kell dispensou as formalidades e perguntou.

— O que você quer?

Edward Archibald — *Ned* — retorceu-se na cadeira e inclinou-se com um ar conspiratório.

— Procuro por um pouco de terra.

Kell apontou o copo em direção à porta.

— Verifique no parque.

O jovem deu uma risada baixa e desagradável. Kell terminou sua bebida. *Um pouco de terra*. Parecia um pedido simples. Não era. A maioria dos Entusiastas sabia que seu próprio mundo continha pouco poder, mas muitos acreditavam que, se possuísem um pedaço de *outro* mundo, isso lhes permitiria acessar sua magia.

E houve um tempo em que eles estariam certos. Uma época em que as portas permaneciam abertas à beira das fontes, o poder fluía por entre os mundos, e qualquer um com um pouco de magia em suas veias e um artefato de outro mundo podia não apenas acessar aquele poder, mas também mover-se com ele e ir de uma Londres a outra.

Mas essa época se fora.

As portas se foram. Destruídas havia séculos, depois de a Londres Preta cair e levar consigo os restos de seu mundo, deixando apenas histórias em seu encalço. Agora, apenas os *Antari* detinham poder suficiente para criar novas portas, e mesmo assim somente eles podiam cruzá-las. *Antari* sempre foram raros, mas ninguém sabia ao certo quanto, até as portas serem lacradas e o seu número começar a decrescer. A fonte do poder dos *Antari* sempre fora um mistério (não seguia uma linhagem sanguínea), mas algo era certo: quanto mais os mundos eram mantidos separados, menos *Antari* surgiam.

Agora, Kell e Holland pareciam ser os últimos de uma espécie que estava entrando rapidamente em extinção.

— Então? — urgiu Ned. — Vai me trazer a terra ou não?

Kell baixou os olhos para a tatuagem no pulso do Entusiasta. Muitos habitantes do mundo cinza pareciam não entender que um feitiço era tão poderoso quanto a pessoa a conjurá-lo. Quão forte seria este Entusiasta?

Um sorriso repuxou o canto dos lábios de Kell quando ele empurrou a caixa devagar na direção do homem.

— Sabe o que é isto?

Ned ergueu cautelosamente o jogo de criança, como se pudesse entrar em combustão a qualquer momento. (Kell considerou a possibilidade de incendiá-lo, mas se conteve.) Ele brincou com a caixa até que seus dedos encontraram o fecho e o tabuleiro caiu aberto no balcão. Os elementos cintilaram sob a luz bruxuleante da taverna.

— Façamos o seguinte — disse Kell. — Escolha um elemento. Mova-o de seu compartimento, sem tocá-lo, é óbvio, e eu lhe trarei a sua terra.

Ned franziu o cenho. Considerou as opções e depois enfiou um dedo na água.

— Este aqui.

Ao menos ele não foi tolo o bastante para escolher o osso, pensou Kell. Ar, terra e água eram os mais fáceis de comandar. Até mesmo Rhy, que não demonstrava aptidão alguma, conseguia movê-los. Fogo era um pouco mais complicado, mas o elemento mais difícil de ser comandado era de longe o pedaço de osso. E por uma boa razão. Quem conseguia mover ossos conseguia mover corpos. Era a magia mais poderosa, mesmo na Londres Vermelha.

Kell observou a mão de Ned pairar sobre o tabuleiro. Ele começou a sussurrar baixinho para a água em uma língua que poderia ser latim ou apenas baboseiras, mas certamente não inglês. Os lábios de Kell se curvaram. Os elementos não tinham idioma, ou seja, podia-se falar com eles em qualquer língua. As palavras em si eram menos importantes que o foco que induziam na mente do interlocutor, a conexão que ajudavam a formar, o *poder* que evocavam. Ou seja, o idioma não importava, apenas a intenção. O Entusiasta poderia ter falado com a água em inglês corrente (não que fosse fazer a menor diferença), mas escolhera murmurar sua língua inventada. Enquanto o fazia, movia a mão no sentido horário sobre o pequeno tabuleiro.

Kell suspirou, apoiou o cotovelo no balcão e descansou a cabeça nele enquanto Ned tentava, o rosto ficando vermelho pelo esforço.

Após um bom tempo, a água ondulou sutilmente (o que poderia ter sido causado pelo bocejo de Kell ou pelo homem que se agarrava ao balcão) e depois se acalmou.

Ned encarou o tabuleiro, suas veias pulsando. Seu punho se fechou, e por um segundo Kell teve medo de que ele fosse esmagar o pequeno jogo, mas os nós de seus dedos bateram com força ao lado do tabuleiro.

— Então? — disse Kell.

— É uma fraude — rosnou Ned.

Kell levantou a cabeça.

— É? — perguntou. Ele flexionou um pouco os dedos e o torrão de terra ergueu-se de seu compartimento e flutuou calmamente para a palma de sua mão. — Tem certeza? — continuou enquanto uma pequena rajada de ar capturava a areia e formava um redemoinho circulando seu pulso. — Talvez seja. — A água ergueu-se, formando uma gota, e congelou em sua palma. — Ou talvez não — disse no momento em que o óleo se incendiava em seu nicho. — *Talvez* — falou Kell conforme o pedaço de osso se elevava no ar —, você simplesmente não possui uma gota de poder sequer.

Ned olhou para ele, boquiaberto, enquanto os cinco elementos executavam suas danças particulares em torno dos dedos de Kell. Este podia ouvir a repreensão de Rhy: *Exibido*. E então, tão casualmente quanto comandara as peças a se erguer, ele as deixou cair. A terra e o gelo bateram em seus compartimentos com um baque surdo e um tinido, ao passo que a areia se acomodou silenciosamente em sua cavidade e a chama que dançava no óleo se apagou. Restava apenas o osso, pairando no ar entre eles. Kell o fitou, o tempo todo sentindo o peso do olhar faminto do Entusiasta.

— Quanto quer pela caixa? — perguntou ele.

— Não está à venda — respondeu Kell, então se corrigiu. — Não para você. — Ned empurrou o banco e se virou para sair, mas Kell ainda não havia terminado com ele. — Se eu lhe trouxesse sua terra — falou —, o que você me daria por ela?

Ele observou o Entusiasta congelar entre uma passada e outra.

— Diga seu preço.

— Meu preço? — Kell não contrabandeava objetos entre os mundos por *dinheiro*. Dinheiro mudava. O que ele faria com xelins na Londres Vermelha? E libras? Teria melhor sorte queimando-os do que tentando comprar qualquer coisa nos becos Brancos. Até poderia gastar o dinheiro na Londres Cinza, mas *no que* ele gastaria? Não, o jogo de Kell era outro.

— Não quero seu dinheiro — afirmou. — Quero algo que importe. Algo que você não queira perder.

Ned assentiu prontamente.

— Está bem. Fique aqui e eu vou...

— Hoje, não — interrompeu Kell.

— Quando?

Kell encolheu os ombros.

— Dentro de um mês.

— Você quer que eu fique sentado, *esperando*?

— Eu não *quero* nada de você — esgarçou Kell. Era cruel, ele sabia, mas queria ver até onde o Entusiasta estava disposto a ir. E caso sua determinação se mantivesse e ele estivesse ali no próximo mês, Kell decidiu que traria para o homem seu saco de terra. — Agora vá embora.

Os lábios de Ned se abriram e se fecharam, então ele bufou e marchou, quase se chocando com um pequeno homem de óculos ao sair da taverna.

Kell colheu do ar o pedaço de osso e o recolocou na caixa enquanto o homem de óculos se aproximava do banco agora vazio.

— O que foi isso? — perguntou ele, sentando-se.

— Nada de mais — respondeu Kell.

— Isso é para mim? — inquiriu o homem, indicando com a cabeça a caixa de jogos.

Kell assentiu e a ofereceu ao Colecionador, que a retirou cautelosamente de sua mão. Ele deixou o cavalheiro brincar um pouco, então começou a demonstrar como a caixa funcionava. Os olhos do Colecionador se arregalaram.

— Esplêndido, esplêndido.

Então, o homem revirou seu bolso e retirou um lenço dobrado. Houve um baque surdo quando ele o colocou no balcão. Kell o pegou e desembalou o pacote, revelando uma caixa brilhante de prata com uma minúscula manivela na lateral.

Uma caixa de *música*. Kell sorriu para si mesmo.

Havia música na Londres Vermelha, e também caixas de música, porém a maioria funcionava por encantamentos e não por engrenagens. Kell ficava muito impressionado com o esforço aplicado naquelas pequenas máquinas. Tantas coisas no mundo cinza eram ultrapassadas, mas às vezes a falta de magia levava à engenhosidade. As caixas de

música, por exemplo. Um projeto complexo e ainda assim elegante. Tantas partes e tanto trabalho, tudo para produzir uma pequena melodia.

— Precisa que eu lhe explique como funciona? — perguntou o Colecionador.

Kell negou com a cabeça.

— Não — disse baixinho. — Tenho muitas.

As sobrancelhas do homem se uniram.

— Servirá mesmo assim? — perguntou. Kell assentiu e começou a dobrar o lenço sobre o objeto para mantê-lo protegido. — Gostaria de ouvi-la?

Kell gostaria, sim, mas não naquela taverna sombria, onde o som não poderia ser saboreado. Além disso, já era hora de ir para casa.

Ele deixou o Colecionador no balcão inspecionando o jogo de criança — maravilhando-se com a maneira como nem o gelo derretido nem a areia derramavam-se de seus compartimentos, não importando o quanto ele balançasse a caixa — e saiu para a noite. Kell caminhou de volta ao Tâmis ouvindo os sons da cidade à sua volta, as carruagens próximas e os gritos longínquos, alguns de prazer, outros de dor (ainda que não se comparassem aos gritos que cortavam a Londres Branca). O rio logo apareceu à sua frente, uma faixa preta na noite enquanto os sinos de igreja soavam distantes, oito deles no total.

Hora de partir.

Alcançou uma parede de tijolos de uma loja defronte à água e parou à sua sombra, subindo a manga de sua túnica. Seu braço começava a doer dos dois primeiros cortes, mas ele desembainhou sua faca e entalhou um terceiro, tocando primeiro no sangue e depois na parede.

De um dos cordões em seu pescoço pendia um lin vermelho, como o que o rei George lhe devolvera naquela tarde. Ele segurou a moeda e a pressionou contra o sangue nos tijolos.

— Muito bem — falou. — Vamos para casa.

Kell sempre se pegava falando com a magia. Não comandando, mas simplesmente conversando. A magia era algo vivo, isso todos sabiam. Mas ele sentia algo mais, como se ela fosse uma amiga, alguém da família. Afinal, era parte dele (muito mais do que da maioria das pessoas), e Kell não conseguia evitar a sensação de que a magia sabia o que ele estava

dizendo, o que estava sentindo. E não apenas quando a invocava, mas o tempo inteiro, em todas as batidas de seu coração e a cada respiração.

Ele era, afinal, um *Antari*.

E um *Antari* podia falar com o sangue. Com a vida. Com a própria magia. O primeiro e o último elemento, aquele que vivia em tudo e não estava em lugar nenhum.

Kell sentiu a magia agitando-se na palma de sua mão, a parede de tijolos se aquecendo e se resfriando ao mesmo tempo com ela. Hesitou, esperando para ver se a magia responderia sem ser perguntada. Mas ela se manteve quieta, esperando que ele pronunciasse o comando. A magia dos elementos podia não ter idioma, mas a magia *Antari* (magia verdadeira, magia de sangue) falava uma e somente uma. Kell pressionou os dedos na parede.

— *As Travars* — comandou. *Viajar*.

Desta vez, a magia escutou e obedeceu. O mundo ondulou e Kell avançou através da porta e para a escuridão, despindo-se da Londres Cinza como se fosse um casaco.





DOIS

**A REALEZA
VERMELHA**

— Santo! — anunciou Gen, jogando sobre a pilha uma carta com a face para cima. Nela, uma figura encapuzada com a cabeça inclinada segurava uma runa como um cálice, e em seu banco Gen sorriu triunfante.

Parrish fez uma careta e depositou suas últimas cartas na mesa com a face para baixo. Poderia acusar Gen de trapaça, mas seria em vão. O próprio Parrish vinha trapaceando por boa parte da última hora, e ainda assim não ganhara uma única mão. Ele resmungou ao empurrar suas moedas pela mesa estreita até a pilha crescente do outro guarda. Gen recolheu seus ganhos e começou a embaralhar as cartas.

— Mais uma partida? — perguntou ele.

— Eu passo — respondeu Parrish, pondo-se de pé. Uma capa de tecidos pesados em vermelho e dourado flamejando como raios de sol se derramou sobre seus ombros encouraçados assim que ele se levantou, as placas de metal sobrepostas em seu peitoral e caneleiras tinindo ao se encaixarem.

— *Ir chas era* — disse Gen, passando gradualmente do inglês real para o arnesiano. O idioma comum.

— Não estou ressentido — resmungou Parrish. — Estou falido.

— Vamos — incitou Gen. — A terceira é a vez da sorte.

— Tenho que mijar — falou Parrish, ajeitando sua espada curta.

— Então mije!

Parrish hesitou, buscando sinais de confusão no corredor, que estava livre de problemas e de qualquer tipo de atividade, porém cheio de objetos bonitos: retratos reais, troféus, mesas (como aquela em que estavam jogando) e, ao final, um par de portas ornamentadas. Feitas de cerejeira, eram entalhadas com os emblemas reais de Arnes, o cálice e o sol nascente, as ranhuras preenchidas com ouro derretido, e, acima do

emblemata, as linhas de brilho metálico tracejavam um R pela madeira polida.

As portas levavam aos aposentos do príncipe Rhy, de modo que Gen e Parrish, soldados da sua guarda particular, estavam alocados do lado de fora.

Parrish gostava do príncipe. Ele era mimado, é óbvio, como eram todos os membros da realeza (ou pelo menos foi o que Parrish presumiu, pois tinha servido a apenas um), mas também era afável e excessivamente leniente com relação a seus guardas (ora, ele mesmo dera o belo baralho com bordas douradas a Parrish) e, às vezes, após uma noite de bebedeira, deixava de lado seu inglês e suas pretensões e conversava com eles no idioma comum (seu arnesiano era impecável). No mínimo, Rhy parecia se sentir culpado pela constante presença de guardas em seu encalço quando certamente tinham algo melhor para fazer com seu tempo do que se plantar do lado de fora de seus aposentos e ficar de vigia (e, na verdade, na maioria das noites, eles tinham de ser mais discretos que vigilantes).

As melhores noites eram aquelas em que o príncipe Rhy e o mestre Kell partiam para a cidade e permitiam que ele e Gen os seguissem a distância ou os dispensavam completamente de suas obrigações e permitiam que ficassem por companhia em vez de proteção. (Todos sabiam que Kell era mais eficiente que qualquer guarda para manter o príncipe em segurança.) Mas o *Antari* ainda estava viajando, um fato que deixava o sempre disposto Rhy de mau humor, e, assim, o príncipe recolhera-se a seus aposentos. Parrish e Gen assumiram a vigília, e Gen tomara de Parrish a maior parte de seus trocados.

Parrish pegou o elmo sobre a mesa e foi se aliviar; o som de Gen contando suas moedas seguiu em seu encalço. Parrish demorou-se, achando que isso era merecido após ter perdido tantos lins, e, quando finalmente retornou a passos lentos ao corredor do príncipe, ficou aflito por encontrá-lo vazio. Não havia sinal de Gen. Parrish franziu o cenho; havia limites para a leniência. Jogar era uma coisa, mas, se os aposentos do príncipe fossem vistos desprotegidos, o capitão ficaria furioso.

As cartas ainda estavam sobre a mesa, e Parrish começou a recolhê-las quando ouviu uma voz masculina nos aposentos do príncipe e se deteve. Não era algo estranho de se ouvir naqueles cômodos uma vez que Rhy gostava de entreter convidados, tanto as que desfilavam vestidos quanto

aqueles que usavam calças (o príncipe real não fazia segredo de seus gostos variados, e não era da alçada de Parrish questionar suas inclinações).

Mas Parrish reconheceu imediatamente a voz; não pertencia a uma das conquistas de Rhy. As palavras eram ditas em inglês, porém marcadas por um sotaque, os sons mais ásperos do que os de uma língua arnesiana.

A voz era como uma sombra na floresta à noite. Calma, escura e fria.

Pertencia a Holland. O *Antari* que vinha de longe.

Parrish empalideceu. Ele idolatrava o mestre Kell, um fato com que Gen o atormentava diariamente, mas Holland o aterrorizava. Não sabia se era a monotonia de sua voz, sua aparência estranhamente pálida ou seus olhos assombrados — um preto, evidentemente, e o outro de um verde leitoso. Ou talvez fosse porque parecia ser feito mais de água e pedras do que de carne, osso e alma. Fosse o que ele fosse, o *Antari* estrangeiro sempre lhe dera arrepios.

Alguns guardas o chamavam de *Hollow* pelas costas, a palavra em inglês que significava “vazio”. Algo que Parrish nunca se atrevera a fazer.

"Qual é o problema?", provocava Gen. "Não é como se ele pudesse escutá-lo através dos muros entre os mundos."

"Você não sabe", respondia Parrish sussurrando. "Talvez ele possa."

E agora Holland estava nos aposentos de Rhy. Ele deveria estar ali? Quem o deixara entrar?

Onde estava Gen?, indagou Parrish ao tomar seu lugar em frente à porta. Ele não pretendia entre ouvir, mas havia uma brecha estreita entre os lados direito e esquerdo da porta, e, ao virar ligeiramente a cabeça, a conversa ficou audível através da fenda.

— Perdoe-me a intromissão — soou a voz de Holland, firme e grave.

— De forma alguma — respondeu Rhy casualmente. — Mas que assuntos o trazem a mim e não a meu pai?

— Meus assuntos com seu pai já foram resolvidos — disse Holland.

— Venho a você para algo diferente.

As bochechas de Parrish enrubesceram com o tom sedutor de Holland. Talvez fosse melhor abandonar seu posto do que bisbilhotar, mas ele manteve sua posição e ouviu Rhy cair sobre uma almofada.

— E o que seria? — perguntou o príncipe, retribuindo o flerte.

— Seu aniversário está se aproximando, não?

— Está próximo — respondeu Rhy. — Você deveria vir às celebrações, caso seu rei e sua rainha permitam.

— Receio que não o farão — afirmou Holland. — Mas meu rei e minha rainha são a razão de minha visita. Eles me ordenaram que lhe trouxesse um presente.

Parrish pôde ouvir a hesitação de Rhy.

— Holland — falou, o som de almofadas se deslocando enquanto ele sentava-se direito —, você conhece as leis. Não posso aceitar...

— Conheço as leis, jovem príncipe — apaziguou-o Holland. — Quanto ao presente, eu o escolhi aqui em sua própria cidade, em nome de meus mestres.

Houve uma longa pausa seguida pelo som de Rhy se levantando.

— Muito bem — disse ele. Parrish ouviu o ruído de um pacote sendo entregue e depois aberto. — Para que serve? — perguntou o príncipe após uma pausa silenciosa.

Holland emitia um ruído, algo entre uma risada e uma gargalhada. E nenhuma das duas coisas era algo que Parrish houvesse testemunhado antes.

— Para dar força — afirmou o *Antari*.

Rhy começou a dizer algo, mas no mesmo instante os relógios começaram a badalar pelo palácio marcando a hora e encobrendo o que foi dito entre o *Antari* e o príncipe. Os sinos ainda estavam ecoando pelo corredor quando a porta se abriu e Holland saiu, seus olhos de duas cores pousando instantaneamente em Parrish.

Holland fechou a porta e avaliou o guarda real com um suspiro resignado. Correu os dedos pelo cabelo cor de carvão.

— É só mandar embora um guarda — disse quase para si mesmo — que outro assume seu lugar.

Antes que Parrish pudesse pensar em uma resposta, o *Antari* pegou uma moeda do bolso e a atirou no ar em direção a ele.

— Eu não estive aqui — afirmou Holland enquanto a moeda subia e caía.

No momento em que tocou a palma da mão de Parrish, ele já estava sozinho no corredor, olhando para o pequeno disco e se perguntando como aquilo tinha parado ali, certo de que estava esquecendo algo. Apertou a

moeda no punho cerrado como se assim pudesse capturar a memória que lhe escorria pelos dedos, e retê-la.

Mas ela já havia desaparecido.

II

Mesmo à noite, o rio resplandecia vermelho.

Quando Kell passou da margem de uma Londres à margem de outra, o preto lustroso do Tâmsa deu lugar à luminosidade cálida e constante do Atol. Cintilava como uma joia, iluminado por dentro, uma faixa de luz constante emanando pela Londres Vermelha. Uma fonte.

Uma veia de poder. Uma artéria.

Alguns pensavam que a magia provinha da mente, outros, da alma, ou do coração, ou da força de vontade.

Mas Kell sabia que vinha do sangue.

O sangue era a manifestação da magia. Ali ela prosperava. E ali envenenava. Kell vira o que acontecia quando seu poder lutava com o corpo, observara-a enegrecer as veias de homens corrompidos e transformar seu sangue carmim em preto. Se o vermelho era a cor da magia em equilíbrio, da harmonia entre o poder e a humanidade, o preto era a cor da magia desequilibrada, desordenada e sem limites.

Como era um *Antari*, Kell era feito de ambos, equilíbrio e caos; o sangue em suas veias, como o Atol da Londres Vermelha, circulava num tom vermelho cintilante e saudável, ao passo que seu olho direito tinha a cor de nanquim derramado, um preto reluzente.

Ele queria acreditar que sua força vinha apenas do seu sangue, mas não podia ignorar a marca preta de magia que desfigurava seu semblante. Fitava-o em cada espelho e em cada par de olhos comuns que se arregalavam em reverência ou de medo. Zumbia em seu crânio todas as vezes que ele conjurava o poder.

Mas seu sangue nunca enegrecia. Corria leal e vermelho. Exatamente como o Atol.

Pairando sobre o rio em uma ponte de vidro, bronze e pedra, erguia-se o palácio real. Era conhecido como Soner Rast. O “Coração Pulsante” da cidade. Seus pináculos encurvados cintilavam como contas de luz.

Pessoas aglomeravam-se dia e noite no palácio do rio, algumas para resolver disputas com a ajuda do rei ou da rainha, mas muitas simplesmente para estar perto do Atol que corria logo abaixo. Acadêmicos iam à margem estudar a fonte da magia, e magos iam com a esperança de sorver sua força, enquanto visitantes da zona rural arnesiana queriam apenas observar o palácio e o rio e colocar flores (de lírios a prímulas, de azaleias a crisântemos) por toda a sua margem.

Kell se demorou sob a sombra da loja que ficava na margem oposta à estrada que ladeava o rio e fitou o palácio, que parecia um permanente sol nascente sobre a cidade. E, por um momento, ele o vislumbrou da forma como os visitantes deviam enxergá-lo. Com admiração.

Então, uma físgada de dor percorreu seu braço e ele voltou a si. Estremeceu, recolocou a moeda de viagem no pescoço e percorreu o caminho em direção ao rio, às margens repletas de vida.

O mercado noturno estava em plena atividade.

Comerciantes em barracas coloridas vendiam mercadorias sob a luminosidade do rio, de lampiões e da lua; comidas e bugigangas, tanto mágicas quanto mundanas, para habitantes locais e peregrinos. Uma jovem segurava uma braçada de lírios para os visitantes depositarem nos degraus do palácio. Um velho senhor exibia dúzias de colares em um braço estendido, cada um adornado com uma pedra polida: amuletos que supostamente aumentavam o controle sobre um elemento.

O perfume sutil das flores era sobrepujado pelo aroma de carne assando e de frutas recém-cortadas, de inúmeras especiarias e de vinho com canela. Um homem com vestes pretas oferecia ameixas cristalizadas ao lado de uma mulher vendendo pedras de clarividência. Um vendedor derramou chá fumegante em pequenos cálices de vidro à frente de outra tenda vibrante que exibia máscaras, e uma terceira oferecia pequenos frascos de água retirada do Atol; o conteúdo ainda brilhava suavemente com sua luminosidade. Todas as noites do ano, o mercado vivia, respirava e prosperava. As barracas mudavam constantemente, porém a energia permanecia, tão pertencente à cidade quanto o rio do qual se alimentava. Kell caminhou nos limites da margem, misturando-se à feira noturna,

degustando os sabores e os aromas do ar, o som de risos e de música, a vibração ritmada da magia.

Um mágico de rua fazia truques com fogo para um punhado de crianças, e, quando as chamas irromperam de suas mãos em concha na forma de um dragão, um garotinho tropeçou de surpresa e caiu bem aos pés de Kell, que agarrou a manga da camisa do garoto antes que ele batesse nas pedras do calçamento e o colocou de pé.

O menino estava no meio do resmungo *multoobrigadosenhordesculpe* quando olhou para cima e vislumbrou o olho preto de Kell por baixo de seu cabelo. E os olhos do próprio garoto, ambos castanhos, arregalaram-se.

— Mathieu — ralhou uma mulher enquanto o menino se livrava da mão de Kell e se escondia atrás da capa da mãe. — Desculpe-me, senhor — pediu ela em arnesiano, balançando a cabeça. — Não sei o que deu... — E então ela viu o rosto de Kell e as palavras morreram. Teve a decência de não virar e fugir como seu filho fizera. Porém, o que ela fez foi muito pior. A mulher curvou-se no meio da rua, tão exageradamente que Kell pensou que ela fosse cair. — *Aven*, Kell — disse sem fôlego.

Seu estômago ficou embrulhado e ele buscou o braço dela, esperando levantá-la antes que alguém percebesse o gesto, mas estava distante e não foi rápido o suficiente.

— Ele não estava... olhando — gaguejou ela, lutando para encontrar as palavras em inglês, o idioma real. Isso apenas fez com que Kell se encolhesse mais.

— Foi minha culpa — falou ele gentilmente em arnesiano, segurando seu cotovelo para levantá-la e encerrar a reverência.

— Ele apenas... ele apenas... não o reconheceu — disse a mulher, nitidamente grata por falarem na língua comum — ... vestido como está.

Kell olhou para si mesmo. Ainda estava trajando a jaqueta marrom e esfiapada da Stone's Throw, em vez de seu uniforme. Não havia esquecido; queria aproveitar o mercado, ainda que por alguns minutos, como um dos peregrinos ou habitantes do lugar. Mas o disfarce chegara ao fim. Ele podia sentir a notícia se espalhando pela multidão, os ânimos se alterando como a maré conforme os clientes da feira noturna percebiam quem estava entre eles.

No momento que soltou o braço da mulher, a multidão já abria caminho para ele, os risos e as exclamações reduzidos a sussurros

reverentes. Rhy sabia o que fazer nesses momentos, como alterá-los, como dominá-los.

Kell queria apenas sumir.

Tentou sorrir, mas sabia que pareceria uma careta, então deu boa-noite à mulher e ao menino e seguiu o caminho ao longo da margem do rio, o burburinho de comerciantes e clientes em seu encalço. Não olhou para trás, mas as vozes o seguiram até os degraus cheios de flores do palácio.

Os guardas não deixaram seus postos, cumprimentando-o apenas com um breve meneio de cabeça conforme ele subia as escadas. Ficou grato pela maioria deles não lhe prestar reverências. Apenas o guarda de Rhy, Parrish, pareceu incapaz de resistir, mas ao menos teve a decência de ser discreto. Ao subir os degraus, escapuliu da jaqueta e a revirou da direita para a esquerda. Quando enfiou os braços nas mangas novamente, elas não estavam mais esfarrapadas e sujas de fuligem. Ao contrário: eram graciosas, elegantes, do mesmo vermelho cintilante que o Atol correndo sob o palácio.

Um vermelho reservado para a realeza.

Kell parou no último degrau, abotoando os botões dourados e brilhantes, e entrou.

III

Ele os encontrou no pátio tomando um chá tardio sob a noite sem nuvens e a copa outonal das árvores.

O rei e a rainha estavam sentados à mesa ao passo que Rhy estava jogado no sofá, divagando novamente sobre seu aniversário e as inúmeras festividades planejadas para comemorá-lo.

— Seu aniversário dura *um dia* — disse o rei Maxim, um homem robusto com ombros largos, olhos brilhantes e uma barba preta, sem levantar o olhar da pilha de papéis que estava lendo —, não *vários dias* e certamente não *semanas*.

— Vinte anos! — retrucou Rhy, balançando a xícara vazia. — Vinte! Alguns dias de celebração não me soam excessivos. — Seus olhos cor de âmbar brilharam maliciosamente. — E, além disso, metade deles é para o povo. Quem sou eu para lhes negar uma festa?

— E a outra metade? — indagou a rainha Emira, seu longo cabelo preto adornado com fitas douradas e arrumado em uma grossa trança às costas.

Rhy exibiu seu sorriso sedutor.

— Você é quem está determinada a encontrar uma pretendente para mim, mãe.

— Sim — afirmou ela, arrumando distraidamente o jogo de chá —, mas prefiro não transformar o palácio num prostíbulo para isso.

— Um prostíbulo, não! — exclamou Rhy, correndo os dedos por seu espesso cabelo preto e desarrumando a coroa de ouro que repousava ali. — É só um jeito eficiente de avaliar os muitos atributos necessários para... Ah, Kell! Kell me apoiará.

— Acho uma ideia horrível — disse Kell, caminhando em direção a eles.

— Traidor! — afrontou Rhy, dissimulado.

— Mas — acrescentou Kell ao aproximar-se da mesa —, ele o fará de qualquer jeito. Então os senhores poderiam fazer a festa aqui no palácio, onde todos podemos mantê-lo longe de problemas. Ou ao menos minimizar os danos.

Rhy sorriu.

— Parece lógico, parece lógico — falou, imitando a voz grave de seu pai.

O rei pôs de lado os papéis que estava segurando e observou Kell.

— Como foi sua viagem?

— Mais longa do que eu gostaria — afirmou ele, revirando seus casacos e bolsos até encontrar a carta do príncipe regente.

— Estávamos começando a ficar preocupados — disse a rainha Emira.

— O rei não estava bem e o príncipe estava pior — falou Kell, oferecendo o bilhete. O rei Maxim o pegou e o colocou de lado sem ler.

— Sente-se — insistiu a rainha. — Você parece pálido.

— Está se sentindo bem? — perguntou o rei.

— Estou, senhor — afirmou Kell, acomodando-se, agradecido, em uma das cadeiras à mesa. — Apenas cansado.

A rainha esticou a mão e tocou o rosto de Kell. Sua pele era mais escura que a dele; a família real possuía uma bela pele negra que, somada aos seus olhos cor de avelã e seus cabelos pretos, lhes dava a aparência de madeira polida. De pele alva e cabelo avermelhado, Kell sentia-se permanentemente deslocado. A rainha afastou algumas mechas de cabelo acobreado do rosto dele. Ela sempre buscava a verdade em seu olho direito, como se fosse uma tábua de divinação, algo para se contemplar e ver através. Mas o que quer que enxergasse, nunca revelava. Kell segurou sua mão e a beijou.

— Estou bem, Majestade. — Ela lhe lançou um olhar exaurido e ele se corrigiu. — Mãe.

Um serviçal surgiu para lhe servir chá, adoçado e guarnecido com hortelã, e Kell demorou-se bebendo e deixando que sua família falasse, sua mente divagando no conforto daquele som.

Quando mal conseguia manter os olhos abertos, pediu licença para se retirar. Rhy levantou-se do sofá com ele. Kell não se surpreendeu. Havia sentido o olhar de Rhy sobre si desde que se sentara. Então, após ambos

terem desejado uma boa noite aos pais, Rhy seguiu Kell até o saguão, brincando com a coroa de ouro aninhada em seus cachos pretos.

— O que eu perdi? — perguntou Kell.

— Nada de mais — respondeu Rhy. — Holland fez uma visita. Acabou de sair.

Kell franziu o cenho. As Londres Vermelha e Branca mantinham um contato mais próximo que as Londres Vermelha e Cinza, mas ainda assim sua comunicação obedecia a certa rotina. Holland estava fora de seu cronograma — quase uma semana adiantado.

— O que você trouxe hoje? — indagou Rhy.

— Dor de cabeça — respondeu Kell, esfregando os olhos.

— Você me entendeu — retrucou o príncipe. — O que trouxe por aquela porta?

— Nada além de alguns lins. — Kell abriu os braços. — Pode me revistar se quiser — acrescentou com um sorriso insolente.

Rhy nunca conseguira decifrar os muitos lados do casaco de Kell, e este já estava se virando para o corredor, dando o assunto por encerrado, quando Rhy o surpreendeu ao alcançar seus ombros e não seus bolsos, empurrando-o de costas contra a parede. Com força. Um quadro do rei e da rainha que estava próximo estremeceu, sem cair. Os guardas espalhados pelo corredor olharam para eles, mas não saíram de seus postos.

Kell era um ano mais velho que Rhy, mas com o porte de uma sombra à tarde, alto e magro, ao passo que Rhy tinha a forma de uma estátua e era quase tão forte quanto uma.

— Não minta — advertiu o príncipe. — Não para mim.

Os lábios de Kell enrijeceram. Rhy descobrira dois anos antes. Não o pegara em *flagrante delito*, é óbvio, e sim por um meio muito mais tortuoso. Confiança. Os dois estavam bebendo em uma das muitas sacadas do palácio em uma noite de verão, o brilho do Atol sob eles e o imenso céu acima, quando a verdade escapulira. Kell contara ao irmão sobre as negociações que fazia nas Londres Cinza e Branca, e mesmo na Vermelha; sobre os diversos objetos que contrabandeara. Rhy apenas o encarara, o ouvira. E, quando falou, não foi para repreendê-lo e listar todos os argumentos indicando que o ato era errado ou ilegal. Foi para lhe perguntar *por quê*.

— Não sei — confessara Kell, e era verdade.

Rhy se empertigara, os olhos turvos de tanto beber.

— Nós não cuidamos de você? — perguntara, nitidamente chateado.

— Existe alguma coisa que lhe falte?

— Não — respondera Kell, e isso era verdade e mentira na mesma medida.

— Você não é amado? — sussurrara Rhy. — Não foi acolhido como parte da família?

— Mas eu *não sou* parte da família, Rhy — desabafara Kell. — Não sou realmente um Maresh, mesmo que o rei e a rainha tenham me oferecido esse nome. Sinto-me mais uma possessão que um príncipe.

E, com isso, Rhy o socara no rosto.

Por uma semana, Kell tivera dois olhos escuros em vez de um, desfilando com um deles roxo, e nunca mais falara daquela forma, mas o estrago estava feito. Esperava que Rhy estivesse bêbado demais para se lembrar da conversa, mas ele se recordava de tudo. Não contara ao rei ou à rainha, e Kell supôs que ficara lhe devendo essa, mas, a partir dali, toda vez que viajava tinha que aguentar os questionamentos de Rhy. E com isso a lembrança de que o que estava fazendo era insensato e errado.

Rhy soltou os ombros de Kell.

— Por que você insiste em continuar com essas buscas?

— Elas me divertem — respondeu Kell, ajeitando-se.

Rhy balançou a cabeça negativamente.

— Escute, eu fiz vista grossa para sua rebeldia infantil por muito tempo, mas aquelas portas foram fechadas por uma razão — advertiu ele. — Transferência é *traição*.

— São apenas bugigangas — disse Kell, avançando pelo corredor. — Não há perigo real nelas.

— Há perigo suficiente — vociferou Rhy, acompanhando o passo. — Como o que o espera se nossos pais algum dia descobrirem...

— Você contaria a eles? — interpelou Kell.

Rhy suspirou. Kell o observou tentando responder diversas vezes antes de finalmente dizer:

— Eu faria qualquer coisa por você.

Kell sentiu o peito arder.

— Eu sei.

— Você é meu irmão. Meu melhor amigo.

— Eu sei.

— Então ponha um fim nessa tolice, antes que eu o faça.

Kell conseguiu abrir um sorriso débil.

— Cuidado, Rhy. Está começando a soar como um rei.

Os lábios do príncipe se abriram num sorriso.

— Um dia, eu serei. E preciso de você ao meu lado.

Kell retribuiu a gentileza.

— Acredite. Não há outro lugar em que eu prefira estar.

E era verdade.

Rhy tocou-lhe o ombro e foi dormir. Kell enfiou as mãos nos bolsos e o observou se afastar. O povo de Londres e dos arredores amava seu príncipe. E por que não deveria? Ele era jovem, bonito e gentil. Talvez encarnasse o papel de libertino vezes demais e bem demais, mas, por trás do sorriso carismático e do ar galanteador, estava uma mente afiada e uma boa índole, além do desejo de fazer todos à sua volta felizes. Seu talento para a magia era pequeno, e sua concentração para praticá-la, menor ainda, mas o que lhe faltava em poder sobrava em encanto. Além disso, se Kell havia aprendido algo em suas viagens à Londres Branca, foi que a magia tornava os governantes piores e não o contrário.

Ele seguiu pelo corredor até os próprios aposentos, onde um par de portas escuras de carvalho se abria para um quarto espaçoso. O brilho vermelho do Atol derramava-se pelas portas abertas de uma sacada privativa, e tapeçarias moviam-se com as correntes de ar, formando ondas que caíam do teto alto. Uma luxuosa cama de dossel com colchão de penas e lençóis de seda o aguardava. Convidava-o. Foi preciso toda a força de vontade de Kell para não desmaiar sobre ela. Em vez disso, ele atravessou o cômodo e entrou em um segundo aposento, menor e abarrotado de livros (uma variedade de tomos sobre magia, incluindo os poucos que conseguira encontrar sobre os *Antari* e seus encantamentos de sangue; por medo, a maioria fora destruída no expurgo da Londres Preta), e fechou a porta atrás de si. Estalou os dedos casualmente, e uma vela empoleirada no canto de uma prateleira incandesceu. À sua luz pôde distinguir diversas marcas atrás da porta. Um triângulo invertido, um conjunto de linhas, um círculo; marcas simples, fáceis o bastante para refazer, mas específicas o suficiente para serem diferenciadas. Portas para diferentes lugares na Londres Vermelha. Seus olhos dirigiram-se para a do meio. Duas linhas

cruzadas. O X indica o local, pensou consigo mesmo, pressionando os dedos no corte mais recente em seu braço, ainda úmido com sangue, e então desenhou a marca.

— *As Tascen* — disse, cansado.

A parede cedeu sob seu toque, e a biblioteca particular tornou-se um quartinho apertado, a exuberância tranquila de seus aposentos reais substituída pelo barulho da taverna abaixo dele e da cidade ao redor, muito mais próxima do que estivera um segundo antes.

Is Kir Ayes — a Ruby Fields — era o nome pendurado acima da porta da taverna. O lugar era administrado por uma velha senhora de nome Fauna, que possuía o corpo de uma avó, o linguajar de um marinheiro e o temperamento de uma bêbada. Kell fizera um acordo com ela quando ele ainda era jovem (ela já era velha então, sempre velha) e o cômodo no alto da escada tornou-se dele.

O quarto em si era rude, gasto e demasiadamente pequeno, mas era todo seu, só seu. Um feitiço — não exatamente permitido por lei — marcava a janela e a porta para que ninguém mais pudesse encontrá-lo ou mesmo perceber que existia. À primeira vista, o cômodo parecia praticamente vazio, porém uma inspeção mais cuidadosa revelava que o espaço debaixo da cama estreita e as gavetas da cômoda estavam cheias de caixas. E, nessas caixas, havia tesouros de todas as Londres.

Kell presumiu que também era, ele mesmo, um Colecionador.

Os únicos itens em exibição eram um livro de poesia, uma esfera de vidro cheia de areia preta e um trio de mapas. Os poemas eram de um homem chamado Blake e foram dados a Kell por um Colecionador da Londres Cinza no ano anterior. Sua lombada estava quase completamente desgastada. A esfera de vidro era uma bugiganga da Londres Branca que supostamente mostrava os sonhos da pessoa na areia, porém Kell ainda não a testara.

Os mapas eram um lembrete.

As três telas estavam penduradas uma ao lado da outra, a única decoração das paredes. A distância, poderiam ser tomadas como o *mesmo* mapa — os mesmos contornos do mesmo país insular —, mas, olhando de perto, a palavra *Londres* era a única comum aos três. Londres Cinza. Londres Vermelha. Londres Branca. O mapa da esquerda era da Grã-Bretanha, do Canal da Mancha aos limites da Escócia, todos os aspectos

representados em detalhes. Em contraposição, o mapa da direita não continha quase nenhum. O país se chamava Makt e sua capital era dominada pelos impiedosos gêmeos Dane, mas o território ao redor vivia em constante mudança. O mapa do meio era o que Kell conhecia melhor, porque era seu lar. Arnes. O nome do país fora escrito com uma elegante caligrafia ao longo do comprimento da ilha, mas, na verdade, o território de Londres era apenas a ponta do império real.

Três Londres completamente distintas em três países completamente distintos, e Kell era uma das poucas almas vivas a ter visto todas elas. A grande ironia, supôs, era a de nunca ter visto os mundos *além* das cidades. Preso ao serviço de seu rei e da coroa, e mantido constantemente ao alcance, ele nunca havia estado a mais de um dia de distância de uma Londres ou de outra.

A exaustão consumiu Kell assim que se espreguiçou e despiu seu casaco. Revirou os bolsos até encontrar o pacote do Colecionador e o depositou com cuidado na cama, desfazendo o embrulho cautelosamente até expor a pequena caixa de música de prata. As lamparinas do cômodo brilharam mais fortes quando ele segurou a bugiganga no alto, perto da luz, para admirá-la. A dor em seu braço o interrompeu, e Kell deixou a caixa de música de lado, voltando a atenção para a cômoda.

Uma bacia de água e um jogo de jarros aguardavam ali, e Kell enrolou a manga de sua túnica preta e foi cuidar do antebraço. Suas mãos se moveram com destreza e em minutos ele enxaguou a pele e aplicou um bálsamo. Havia um encantamento de sangue para cura — *As Hasari* —, mas não fora feito para que os *Antari* usassem em si mesmos, especialmente para ferimentos pequenos, pois drenava mais energia do que contribuía com a cura. Na realidade, os cortes em seu braço já começavam a se fechar. Os *Antari* curavam-se depressa graças à quantidade de energia circulando em suas veias, e pela manhã as marcas superficiais já teriam desaparecido, deixando apenas pele lisa. Ele estava prestes a desenrolar sua manga quando uma pequena cicatriz reluzente chamou sua atenção. Sempre chamava. Logo abaixo da dobra do cotovelo, as linhas estavam tão borradas que o símbolo era quase ilegível.

Quase.

Kell morava no palácio desde os 5 anos. Notara a marca pela primeira vez aos 12. Passara semanas procurando pela runa nas bibliotecas do

palácio. *Memória*.

Passou o polegar sobre a cicatriz. Apesar do nome, o símbolo não fora feito para ajudá-lo a lembrar. Seu desígnio era fazer com que esquecesse.

Esquecesse um instante. Um dia. Uma vida. Mas a magia que restringia o corpo ou a mente de alguém não era apenas proibida, era um crime capital. Quem fosse acusado e condenado era destituído de seu poder, um destino que alguns julgavam pior do que a morte em um mundo governado pela magia. E, ainda assim, Kell sustentava a marca de tal feitiço. Pior, suspeitava que fora autorizado pessoalmente pelo rei e pela rainha.

K.L.

As iniciais em sua faca. Havia tantas coisas que ele não compreendia — e nunca entenderia — sobre a arma, seu monograma, e sobre a vida associada a ele. (Seriam as letras em inglês? Ou arnesiano? As letras faziam parte de ambos os alfabetos. O L seria a inicial de quê? E o K? Ele nada sabia das letras que tinham composto seu nome — *K.L.* se tornara *Kay-Ell*, e *Kay-Ell* se tornara *Kell*.) Ele era apenas uma criança quando fora trazido ao palácio. Será que a faca sempre havia pertencido a ele? Ou pertencera a seu pai? Um símbolo, algo para levar consigo, algo para ajudá-lo a se lembrar de quem fora? Quem ele *havia* sido? A ausência de memória o consumia. Frequentemente se flagrava encarando o mapa central na parede, imaginando de onde vinha. De quem ele vinha.

Quem quer que fossem, não haviam sido *Antari*. A magia vivia no sangue, mas não na linhagem consanguínea. Não era passada de pai para filho. Escolhia seu próprio caminho e forma. O forte às vezes dava à luz o fraco, e o contrário também acontecia. Dominadores de fogo frequentemente nasciam de magos da água, movedores de terra nasciam de curadores. O poder não podia ser cultivado como uma plantação, destilado através de gerações. Se pudesse, os *Antari* seriam semeados e colhidos. Eram receptáculos ideais, capazes de controlar qualquer elemento, conjurar qualquer feitiço, usar o próprio sangue para comandar o mundo à sua volta. Eram ferramentas e, nas mãos erradas, seriam armas. Talvez a falta de linhagem tenha sido a forma que a natureza encontrou de equilibrar as coisas, de manter a ordem.

Na verdade, ninguém sabia o que levava ao nascimento de um *Antari*. Alguns acreditavam que era obra do acaso, uma jogada de sorte. Outros

diziam que os *Antari* eram divinos, destinados a grandes feitos. Alguns acadêmicos, como Tieren, acreditavam que os *Antari* eram fruto da transferência entre os mundos, magias de diferentes tipos interligando-se, e era por isso que estavam se extinguindo. Mas, independentemente das teorias sobre como surgiam, a maioria acreditava que os *Antari* eram sagrados. Escolhidos pela magia ou abençoados por ela, talvez. Mas certamente *marcados* por ela.

Kell levou os dedos inconscientemente até o olho direito.

Qualquer que fosse a teoria escolhida, a certeza era de que os *Antari* se tornavam cada vez mais raros e por isso mais preciosos. Seu talento sempre fora algo cobiçado, mas, agora, sua escassez o tornava algo a ser recolhido, protegido, conservado. Possuído. E mesmo que Rhy não quisesse admitir, Kell pertencia ao acervo imperial.

Ele pegou a caixa de música de prata e girou a pequena manivela de metal.

Uma bugiganga valiosa, pensou, mas ainda assim uma bugiganga. A música começou, fazendo cócegas em sua mão como um passarinho, mas ele não a largou. Ao contrário, segurou-a firme, as notas sussurrando enquanto ele se recostava na cama estreita e dura e admirava o pequeno e belo dispositivo.

Como ele havia ido parar naquele pedestal? O que acontecera quando seu olho se tornara preto? Teria nascido desse jeito e sido escondido, ou a marca da magia se manifestara depois? Cinco anos. Por cinco anos ele fora o filho de outras pessoas. Teriam se entristecido por deixá-lo partir? Ou o oferecido de bom grado à coroa?

O rei e a rainha se recusavam a contar sobre seu passado, e ele aprendera a parar de fazer perguntas, mas o cansaço sempre vencias suas muralhas e deixava as dúvidas entrarem.

Que vida ele teria esquecido?

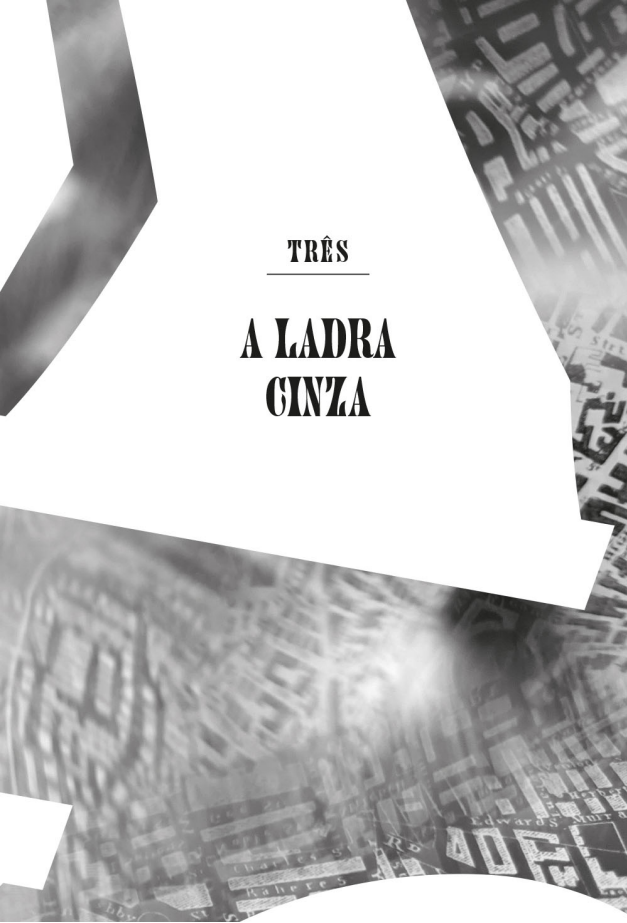
A mão de Kell se afastou de sua face enquanto ele se censurava. Quanto uma criança de 5 anos teria para lembrar? A pessoa que fora antes de ser levado para o palácio, quem quer que tenha sido, não importava mais.

Aquela pessoa não existia.

A canção da caixa de música esmoreceu e parou, e Kell lhe deu corda novamente e fechou os olhos, deixando a melodia da Londres Cinza e o ar

da Londres Vermelha embalarem seu sono.





TRÊS

**A LADRA
GINZA**

I

Lila Bard vivia de acordo com uma regra simples: se valia a pena possuir algo, valia a pena roubá-lo.

Ela segurou o relógio de bolso de prata à fraca luz do poste de iluminação, admirando o metal polido brilhar e imaginando o que significariam as iniciais *L.L.E.* gravadas na parte de trás. Ela o havia furtado de um cavaleiro: um esbarrão desastrado em um meio-fio muito cheio que levava a um rápido pedido de desculpas, uma mão no ombro para desviar a atenção daquela no casaco. Os dedos de Lila não eram apenas rápidos, eram leves. Uma inclinada na cartola e um agradável *boa noite*, e ela era então a nova dona de um relógio. E o cavaleiro seguira seu caminho sem saber de nada.

Ela não se importava com o objeto em si, mas valorizava bastante o que ele poderia lhe comprar: liberdade. Uma liberdade frágil, certamente, mas preferível a uma prisão ou abrigo. Ela deslizou o polegar enluvado sobre o mostrador de cristal do relógio.

— Poderia me informar as horas? — perguntou um homem por sobre seus ombros.

Lila olhou rapidamente para cima. Era um policial.

Sua mão alcançou a aba da cartola, roubada na semana anterior de um condutor de carruagem que cochilava. Ela torceu para que o gesto passasse por um cumprimento e não por um descuido de nervosismo, uma tentativa de esconder o rosto.

— São nove e meia — murmurou com voz grossa, enfiando o relógio no bolso do colete que estava por baixo da capa, com cuidado para que o policial não visse nenhuma das várias armas que cintilavam sob ela. Lila era alta e magra, com um físico que a ajudava a passar por um rapaz, mas apenas a certa distância. Uma inspeção próxima desfaria a ilusão.

Lila sabia que deveria dar meia-volta e ir embora enquanto podia, mas, quando o policial procurou por algo para acender seu cachimbo e nada encontrou, ela pegou um graveto caído na rua. Apoiou a bota na base do poste e esticou o corpo para acender o graveto nas chamas. A luz do lampião iluminou brevemente queixo, lábios, maçãs do rosto, os contornos da face expostas sob a cartola. Uma euforia deliciosa percorreu seu peito, estimulada pela proximidade do perigo, e Lila se perguntou, não pela primeira vez, se havia algo errado com ela. Barron costumava dizer isso, mas Barron era um chato.

Procurando por problemas, dizia ele. *Você vai procurar até encontrá-los.*

São os problemas que procuram, retrucava ela. *Continuam procurando até encontrar você. É melhor encontrá-los primeiro.*

Por que você quer morrer?

Não quero, dizia ela. *Só quero viver.*

Lila desceu, o rosto afundando novamente nas sombras da cartola à medida que ela entregava o graveto incandescente ao policial. Ele murmurou um agradecimento e acendeu o cachimbo, tragando e baforando a fumaça algumas vezes, e pareceu pronto para ir embora, mas se deteve. O coração de Lila palpitou nervosamente quando ele a observou de novo, desta vez com mais cautela.

— O senhor deveria ter mais cuidado — disse ele finalmente. — Sozinho à noite. Está sujeito a ser furtado.

— Assaltantes? — perguntou Lila, fazendo de tudo para manter a voz grossa. — Certamente não em Eaton.

— Em Eaton, sim, senhor.

O policial fez que sim com a cabeça e puxou uma folha dobrada do bolso da farda. Lila estendeu a mão e a pegou, apesar de saber à primeira vista o que era. Um cartaz de procurado. Fitou um retrato falado que era pouco mais do que uma silhueta obscura usando uma máscara, na verdade um simples retalho de pano sobre os olhos, e um chapéu de abas largas.

— Tem batido carteiras, furtou inclusive alguns cavalheiros e uma dama a céu aberto. Um problema corriqueiro, é evidente, mas não por estes lados. Um patife bastante audacioso, esse aí.

Lila reprimiu um sorriso. Era verdade. Afanar alguns trocados em South Bank era uma coisa; roubar prata e ouro dos ocupantes de

carruagens em Mayfair era bem diferente. Os ladrões eram tolos de se ater às áreas pobres. Os pobres sabiam manter a guarda. Os ricos pavoneavam-se, presumindo que estariam seguros enquanto frequentassem apenas as áreas nobres da cidade. Mas Lila sabia que não havia áreas nobres. Apenas áreas onde as pessoas ficavam espertas e áreas onde as pessoas eram descuidadas, e ela era rápida o bastante para saber em qual agir.

Entregou o papel de volta ao policial e lhe acenou com a cartola.

— Tomarei cuidado com meus bolsos, então.

— Tome, sim — recomendou o policial. — As coisas não são mais como costumavam ser. Nada é...

Ele se afastou lentamente, tragando o cachimbo e murmurando sobre como o mundo estava perto do fim ou algo do tipo. Lila não conseguiu ouvir o resto, por causa do latejar que reverberava em seus ouvidos.

No momento em que o policial saiu do seu campo de visão, Lila suspirou e jogou-se contra o poste de luz, tonta de alívio. Tirou a cartola da cabeça e admirou a máscara e o chapéu de abas largas guardados dentro dela. Sorriu para si mesma. E então recolocou a cartola, afastou-se do poste e dirigiu-se para as docas, assobiando pelo caminho.

II

O *Sea King* não era tão impressionante como o nome insinuava.

O navio estava pesadamente adernado nas docas, a pintura desgastada pelo sal, o casco de madeira um pouco apodrecido em algumas partes e totalmente em outras. A embarcação parecia estar afundando muito, mas muito devagar no Tâmesa.

A única coisa que parecia manter a nau de pé eram as docas, que não estavam lá em muito bom estado, e Lila imaginou se algum dia o costado do navio e as tábuas do porto simplesmente ruiriam juntos ou se desmantelariam nas águas escuras da baía.

Powell afirmava que o *Sea King* continuava firme como sempre. *Ainda serve para navegar os sete mares*, jurava. Lila achava que ele não servia nem para aguentar o balanço das ondas do porto de Londres.

Ela apoiou uma das botas na rampa e as tábuas rangeram, o som reverberando até parecer que a embarcação inteira reclamava de sua chegada — um protesto que ela ignorou enquanto subia a bordo, afrouxando o nó da capa na garganta.

O corpo de Lila ansiava por uma noite de sono, mas a jovem prosseguiu com seu ritual de todas as noites, atravessando as docas até a proa do navio e fechando os dedos ao redor do timão. A madeira fria sob os dedos, o movimento suave do convés sob os pés, tudo parecia *certo*. Lila Bard sentia em seus ossos que nascera para ser pirata. Tudo que precisava era de um navio em bom estado. E quando tivesse um... Uma brisa roçou em seu casaco e, por um instante, ela se viu longe do porto de Londres, longe de qualquer terra, singrando o mar aberto. Ela fechou os olhos e tentou imaginar o toque da brisa marinha correndo por suas mangas puídas. O pulsar do oceano contra os costados do navio. A emoção da liberdade — da verdadeira liberdade — e da aventura. Ela elevou o

queixo enquanto um borrifo imaginário de água salgada fazia-lhe cócegas. Respirou fundo e sorriu com o gosto do ar marinho. Quando abriu os olhos surpreendeu-se ao encontrar o *Sea King* exatamente como antes. Ancorado e morto.

Lila se afastou do parapeito e atravessou o convés. Pela primeira vez naquela noite, enquanto suas botas ecoavam pela madeira, ela se sentiu segura. Sabia que ali *não era* seguro, sabia que lugar nenhum na cidade era. Nem uma carruagem opulenta em Mayfair, e certamente nem um navio meio apodrecido no lado obscuro das docas, mas sentia um pouco como se fosse. Um lugar familiar... seria isso? Ou talvez apenas escondido. Isso era o mais perto que chegaria da segurança. Sem olhos a observá-la atravessar o convés. Ninguém a vendo descer a escada íngreme que entrava pelos ossos e vísceras do navio. Ninguém a seguindo pelo pequeno corredor frio e úmido ou para dentro da cabine em sua extremidade.

O nó na garganta finalmente se desfez, e Lila tirou a capa dos ombros, atirando-a na cama estreita que ocupava uma das paredes da cabine. A capa caiu esvoaçando na cama, seguida prontamente pela cartola, derramando seus disfarces como joias no tecido preto. Um pequeno aquecedor a carvão ocupava o canto, as brasas mal conseguindo esquentar o cômodo. Lila as atçou e usou o graveto para acender algumas velas de sebo espalhadas pela cabine. Então tirou as luvas e as jogou na cama junto com o resto. Finalmente tirou o cinto, libertando o coldre e a adaga da cinta de couro. Não eram suas únicas armas, obviamente, mas eram as únicas que se dava ao trabalho de tirar. A faca nada tinha de especial, sendo apenas perversamente afiada, e ela a atirou na cama junto com o resto das coisas descartadas. Mas a pistola era um tesouro, um revólver com mecanismo de pederneira que passara, um ano antes, das mãos de um morto abastado para as dela. Caster — todas as boas armas mereciam um nome — era uma beleza, e ela a depositou com cuidado, de forma quase reverente, na gaveta da escrivaninha.

A euforia da noite esfriara com o passeio pelas docas, o entusiasmo queimado até as cinzas, e Lila acabou se acomodando em uma cadeira. Esta protestou tanto quanto todo o resto do navio, gemendo severamente enquanto ela chutava as botas para cima da escrivaninha, cuja superfície de madeira desgastada estava apinhada de mapas, a maioria enrolada, exceto por um aberto e preso no lugar por pedras ou bugigangas roubadas.

Era o seu favorito, aquele mapa, porque nenhum dos lugares estava legendado. Certamente alguém devia saber que tipo de mapa era e aonde levava, mas Lila, não. Para ela, era um mapa para qualquer lugar.

Um grande espelho estava apoiado na escrivaninha, inclinado na parede do casco, as bordas embaçadas e cinzentas. Lila viu seu reflexo no vidro e encolheu-se de leve. Correu os dedos pelo cabelo desganhado e escuro que roçava o queixo.

Lila tinha 19 anos.

Dezenove, e cada um de seus anos de vida parecia entalhado nela. Cutucou a pele sob os olhos, repuxou as bochechas, correu um dedo sobre os lábios. Fazia muito tempo que alguém a havia chamado de bonita.

Não que Lila quisesse ser bonita. Beleza não lhe serviria de nada. E Deus sabia que ela não invejava as *damas* com seus espartilhos apertados e saias volumosas, suas risadas em falsete e a forma ridícula como se utilizavam delas. O modo como desmaiavam e se recostavam nos homens, fingindo fraqueza para se deleitar com sua força.

Ela não entendia por que alguém *fingiria* ser fraco.

Lila tentou se imaginar como uma das damas de quem roubara naquela noite. Seria tão fácil se enrolar em tanto tecido, tão fácil tropeçar e ser pega. Então sorriu. Quantas damas haviam flertado com *ela*? Desmaiado, recostado e fingido terem se maravilhado com a força *dela*?

Lila sentiu o peso dos ganhos da noite no bolso.

O suficiente.

Bem feito para elas por fingirem ser fracas. Talvez agora não desmaiassem tão rápido diante de qualquer cartola nem segurassem qualquer mão que lhes fosse oferecida.

Lila tombou a cabeça no encosto da cadeira. Podia ouvir Powell em suas instalações, seguindo a própria rotina noturna de beber, xingar e murmurar histórias para as paredes curvas daquele navio apodrecido. Histórias de lugares que nunca visitara. Donzelas que nunca cortejara. Tesouros que nunca pilhara. Ele era um mentiroso, um bebedor e um tolo, e ela o havia visto ser as três coisas em várias noites na Barren Tide. Porém, ele possuía uma cabine extra da qual ela precisava, e os dois fecharam um acordo. Ela perdia uma parte dos ganhos da noite para pagar pela hospitalidade dele, e, em troca, ele esquecia que estava alugando um quarto para uma criminosa procurada, ainda por cima uma garota.

Powell perambulava em seu próprio quarto. Foi assim por horas, mas Lila estava tão acostumada com o som que este logo desvaneceu entre os outros gemidos, lamentos e murmúrios do velho *Sea King*.

A cabeça de Lila estava começando a pender de sono quando alguém bateu três vezes à sua porta. Bem, alguém bateu duas vezes, mas estava bêbado demais para terminar a terceira, arrastando a mão pela madeira. As botas dela deslizaram da escrivaninha e aterrissaram pesadamente no chão.

— O que é? — perguntou ela, levantando-se no mesmo momento em que a porta se abriu.

Powell estava ali de pé, balançando por causa da bebida e do embalo suave do navio.

— Liiila — cantou o nome dela. — Liiilaaaaaa.

— O quê?

Uma garrafa sacolejou em uma das mãos. Ele estendeu a outra com a palma virada para cima.

— Minha parte.

Lila enfiou a mão no bolso e retirou um punhado de moedas. A maioria estava desgastada, mas algumas peças de prata brilharam no montante, e ela as selecionou e as soltou na palma da mão de Powell. O homem fechou o punho e chacoalhou o dinheiro.

— Não é o suficiente — disse ele enquanto ela devolvia as moedas de cobre ao bolso.

Lila sentiu o relógio de prata no colete, quente contra suas costelas, mas não o pegou. Não soube ao certo por quê. Talvez tivesse gostado do acessório. Ou talvez temesse que, se começasse a ofertar objetos tão valiosos, Powell ficasse mal-acostumado.

— Noite fraca — justificou Lila, cruzando os braços. — Vou compensar a diferença amanhã.

— Você é encrenca — falou Powell arrastadamente.

— É verdade — respondeu ela, exibindo um sorriso. Seu tom era doce, mas seus dentes eram afiados.

— Talvez mais encrenca do que vale a pena — continuou ele. — Certamente mais do que vale hoje.

— Trarei o restante amanhã — respondeu ela, as mãos deslizando para os lados do corpo. — Você está bêbado. Vá para a cama.

Ela começou a se virar, mas Powell agarrou seu cotovelo.

— Eu quero hoje — escarneceu ele.

— Eu disse que não...

A garrafa caiu da outra mão de Powell quando ele forçou Lila contra a escrivaninha, prendendo-a com os quadris.

— Não precisa pagar em moedas — sussurrou ele, desviando os olhos para a parte da frente da camisa dela. — Deve haver um corpo de mulher aqui embaixo em algum lugar.

As mãos dele começaram a procurar, e Lila deu-lhe uma joelhada no estômago, fazendo com que o homem cambaleasse para trás.

— Não devia ter feito isso — rosnou Powell, o rosto vermelho.

Seus dedos tatearam a fivela do cinto. Lila não esperou. Tentou alcançar a pistola na gaveta, mas Powell ergueu a cabeça e agarrou seu pulso, puxando-a para si. Jogou-a de costas na cama estreita, e ela caiu sobre o chapéu, as luvas, a capa e a faca descartada.

Lila procurou pela adaga ao mesmo tempo em que Powell investia sobre ela. Ele agarrou seu joelho enquanto os dedos dela se fechavam sobre a bainha de couro. Quando ele a puxou para si, Lila liberou a lâmina, e, no momento em que Powell agarrou a outra mão dela, Lila tomou impulso, ficando de pé e enfiando a faca em suas vísceras.

E, simples assim, toda a luta cessou naquele quartinho apertado.

Powell encarou desconcertado a lâmina que se projetava de sua barriga, os olhos arregalados e surpresos, e por um instante pareceu que, apesar disso, ele iria seguir com o ataque, mas Lila sabia como usar uma faca, sabia onde cortar para ferir e onde cortar para matar.

Ele a segurou com mais força. E então a soltou. Cambaleou e franziu o cenho, e então seus joelhos cederam.

— Não devia ter feito isso — ecoou Lila, puxando a faca antes que ele caísse.

O corpo de Powell tombou no chão e assim ficou. Lila o encarou por um instante, maravilhando-se com a imobilidade dele, o silêncio perturbado apenas pelas batidas do seu próprio coração e pelo murmúrio da água batendo no casco do navio. Ela cutucou o homem com a ponta da bota.

Morto.

Morto... e fazendo uma lambança.

O sangue estava se espalhando pelas tábuas, enchendo as frestas e pingando nas partes inferiores do navio. Lila precisava tomar providências. *Agora*.

Ela se agachou, limpou a lâmina na camisa de Powell e recuperou a prata dos bolsos dele. Então passou por cima do cadáver, pegou a pistola na gaveta e se vestiu. Quando o cinto já estava de novo em sua cintura e a capa sobre os ombros, ela apanhou do chão a garrafa de uísque. Não se quebrara ao cair. Lila retirou a rolha com os dentes e esvaziou o conteúdo em cima de Powell, embora provavelmente houvesse álcool suficiente em seu organismo para queimar sem mais bebida.

Ela pegou uma vela e estava prestes a derrubá-la no chão quando se lembrou do mapa. Aquele que levava a qualquer lugar. Retirou-o da escrivaninha, escondeu-o embaixo da capa e então, com uma última olhada no cômodo, ateou fogo ao homem morto e ao navio.

Lila ficou parada de pé nas docas e assistiu ao *Sea King* queimar.

Ela o fitou fixamente, o rosto aquecido pelo fogo que dançava em seu queixo e em suas bochechas da mesma forma que a luz do poste perante o oficial de polícia. *É uma pena*, pensou. Ela até gostava do navio apodrecido. Mas não era dela. Não, o dela seria muito melhor.

O *Sea King* gemia conforme as chamas consumiam sua pele e depois seus ossos, e Lila viu o navio morto começar a afundar. Permaneceu ali até ouvir os gritos distantes e o som de botas — tarde demais, sem dúvida, mas vieram assim mesmo.

Então, ela suspirou e partiu em busca de outro lugar para passar a noite.

III

Barron estava de pé na escada da Stone's Throw, olhando distraidamente na direção das docas quando Lila apareceu, a cartola e o mapa enfiados debaixo do braço. Quando ela acompanhou o olhar dele, pôde ver um pouco das chamas sobre o topo das construções, a fumaça fantasmagórica contrastando com a noite nebulosa.

Barron fingiu não vê-la a princípio. Ela não podia culpá-lo. Da última vez em que a vira, quase um ano antes, a expulsara por roubar. Não dele, naturalmente. De um cliente. E então ela saíra intempestivamente, amaldiçoando a ele e a sua pequena taverna.

"Aonde você vai, então?", ribombara ele atrás de Lila, como um trovão. Foi o mais próximo que chegara de gritar.

"Encontrar uma aventura", retrucara ela, sem olhar para trás.

Agora ela arrastava as botas pelas pedras da rua. Barron trouxe um charuto.

— De volta tão cedo? — disse ele, sem olhar para cima. Ela subiu os degraus e se recostou na porta da taverna. — Já encontrou aventura? Ou ela encontrou você?

Lila não respondeu. Podia ouvir o tilintar de canecas no interior da taverna e a conversa de homens bêbados ficando mais bêbados. Ela odiava aquele som, odiava a maioria das tavernas, mas não a Stone's Throw. Todas as outras lhe causavam repulsa, *a afastavam*, mas este lugar a arrebatava como a gravidade, com uma atração pequena e constante. Mesmo quando não era sua intenção, ela sempre acabava retornando. Quantas vezes no último ano seus pés a haviam levado de volta àqueles degraus? Por quantas vezes quase entrara ali? Não que Barron precisasse saber disso. Ela o observou inclinar a cabeça para trás e fitar o céu, como se conseguisse enxergar alguma coisa além das nuvens.

— O que aconteceu ao *Sea King*? — perguntou ele.

— Pegou fogo.

Uma palpitância desafiadora de orgulho encheu seu peito quando os olhos dele se arregalaram levemente, surpresos. Ela gostava de surpreender Barron. Não era algo fácil.

— É mesmo? — indagou ele em um tom despreocupado.

— Sabe como é — respondeu Lila, dando de ombros. — Madeira velha queima muito fácil.

Barron lançou-lhe um olhar demorado e então exalou uma baforada de fumaça.

— Powell devia ter sido mais cuidadoso com o brigue.

— Devia — retrucou Lila. E brincou com a aba da cartola.

— Você está cheirando a fumaça.

— Preciso alugar um quarto. — As palavras entalaram na garganta dela.

— Que engraçado — disse Barron, tragando mais um pouco. — Eu me lembro perfeitamente de você sugerindo que eu pegasse minha taverna e seus muitos, ainda que modestos, cômodos e enfiasse cada um deles...

— As coisas mudam — falou ela, pegando o charuto da boca dele e o tragando.

Ele a examinou à luz do lampião.

— Você está bem?

Lila examinou a fumaça que saía de seus lábios.

— Estou sempre bem.

Ela lhe devolveu o charuto e tirou o relógio de bolso de prata do bolso do colete. Estava quente e agradável ao toque, e ela não sabia por que gostava tanto dele, mas gostava. Talvez porque representasse uma escolha. Roubá-lo fora uma escolha. Guardá-lo para si, também. E talvez a escolha tivesse começado por acaso, mas havia algo nela. Talvez o tivesse mantido por uma razão. Ou talvez tivesse sido para aquilo. Ela o estendeu para Barron:

— Isto pagaria por algumas noites?

O dono da Stone's Throw examinou o relógio. Então estendeu a mão e fechou os dedos de Lila sobre o objeto.

— Fique com ele — falou em tom casual. — Sei que você é boa pagadora.

Lila guardou a bugiganga de novo no bolso, aliviada, e percebeu que estava de volta à estaca zero. Bem, quase zero. Uma cartola, um mapa para qualquer lugar, ou lugar nenhum, um punhado de facas, uma pistola, algumas moedas e um relógio de prata.

Barron abriu a porta, mas, quando ela se virou para entrar, ele bloqueou seu caminho.

— Ninguém aqui é alvo. Entendeu?

Lila fez que sim com a cabeça, de um jeito tenso.

— Não vou ficar por muito tempo — afirmou ela. — Só até a poeira baixar.

O som de um copo quebrando chegou até eles através da porta, e Barron suspirou e entrou, falando sobre o ombro:

— Bem-vinda de volta.

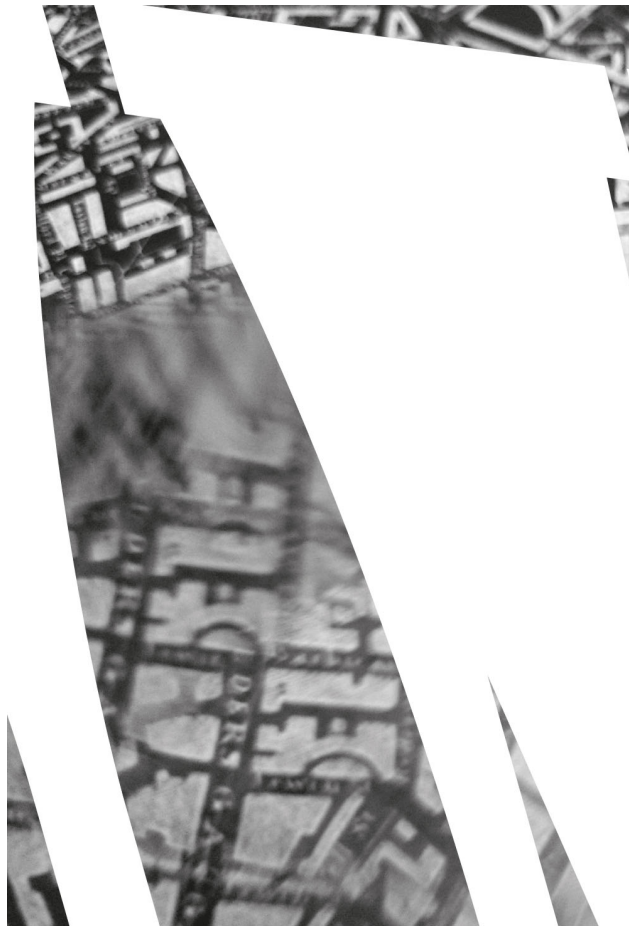
Lila suspirou e olhou para cima, não para o céu, mas para as janelas superiores da pequena taverna enfadonha. Estava longe de ser um navio pirata, um lugar para a liberdade e a aventura.

Só até a poeira baixar, repetiu ela para si mesma.

Talvez não fosse tão ruim. Afinal, ela não havia voltado à Stone's Throw com o rabo entre as pernas. Estava se escondendo. Era um homem procurado. Ela sorriu com a ironia do termo.

Um papel estava fixado no poste ao lado da porta. Era o mesmo aviso que o policial havia lhe mostrado, e Lila sorriu para a figura com chapéu de abas largas e máscara olhando para ela abaixo da palavra procurado. *O Ladrão das Sombras*, era como a chamavam. Desenharam-na ainda mais alta e mais magra do que realmente era; esticaram-na em um espectro, vestido de preto e assustador. Algo saído de contos de fadas. E de lendas.

Lila deu uma piscadela para a sombra e entrou.



An aerial, black-and-white photograph of a city street grid, likely New York City, showing various street names like 'E 10th St', 'E 11th St', 'E 12th St', 'E 13th St', 'E 14th St', 'E 15th St', 'E 16th St', 'E 17th St', 'E 18th St', 'E 19th St', 'E 20th St', 'E 21st St', 'E 22nd St', 'E 23rd St', 'E 24th St', 'E 25th St', 'E 26th St', 'E 27th St', 'E 28th St', 'E 29th St', 'E 30th St', 'E 31st St', 'E 32nd St', 'E 33rd St', 'E 34th St', 'E 35th St', 'E 36th St', 'E 37th St', 'E 38th St', 'E 39th St', 'E 40th St', 'E 41st St', 'E 42nd St', 'E 43rd St', 'E 44th St', 'E 45th St', 'E 46th St', 'E 47th St', 'E 48th St', 'E 49th St', 'E 50th St'. A large, white, irregular geometric shape is overlaid on the left side of the image, partially obscuring the street grid.

QUATRO

**O TRONO
BRANCO**

— Talvez devesse ser um baile de máscaras.

— Concentre-se.

— Ou um baile à fantasia. Algo com um pouco de ousadia.

— Vamos, Rhy. Preste atenção.

O príncipe estava sentado em uma cadeira de encosto alto, as botas de fivela de ouro apoiadas sobre a mesa, rolando uma esfera de vidro nas mãos. O orbe integrava uma versão maior e mais complexa do jogo que Kell havia permutado na Stone's Throw. No lugar de pedras, poças de água ou montinhos de areia aninhados no pequeno tabuleiro, havia cinco esferas de vidro, cada uma contendo um elemento. Quatro permaneciam apoiadas no baú de madeira escura sobre a mesa, seu interior forrado com seda e suas bordas folheadas a ouro. A que estava nas mãos de Rhy continha um punhado de terra, que balançava de um lado para o outro com o movimento de seus dedos.

— Fantasias com camadas que possam ser despidas... — prosseguiu o príncipe.

Kell suspirou.

— Podemos todos começar a noite em trajes completos e terminar em...

— Você nem ao menos está tentando.

Rhy resmungou. Suas botas bateram no chão com um baque quando ele se endireitou e levantou a esfera à sua frente.

— Está bem — disse. — Observe minha proeza mágica.

Rhy olhou de soslaio para a terra presa na esfera e, tentando se concentrar, falou baixinho com ela, sussurrando em inglês. Mas a terra não se moveu. Kell viu uma ruga aparecer no meio da testa de Rhy conforme

ele focalizava, sussurrava e esperava, ficando cada vez mais irritado. Por fim, a terra deslocou-se (embora sem entusiasmo) dentro do vidro.

— Consegui! — exclamou Rhy.

— Você sacudiu — afirmou Kell.

— Eu não ousaria!

— Tente de novo.

Rhy emitiu um som de desalento ao mesmo tempo em que desabava em sua cadeira.

— Santo, Kell. O que há de errado comigo?

— Não há nada de errado — falou Kell.

— Eu falo onze línguas — disse Rhy. — Algumas de países em que nunca estive, e é provável que nem visite, e ainda assim não consigo persuadir um torrão de terra a se mover ou uma gota de água a se elevar de sua poça. — Seu mau humor veio à tona. — É enlouquecedor! — rosnou ele. — Por que minha língua não consegue aprender o idioma da magia?

— Porque você não pode seduzir os elementos com seu charme, seu sorriso ou seu status — respondeu Kell.

— Eles me desrespeitam — disse Rhy com um sorriso árido.

— A terra sob seus pés não liga se você será rei. Nem a água em seu cálice. Nem o ar que você respira. Deve falar com eles de igual para igual, ou, ainda melhor, suplicando.

Rhy suspirou e esfregou os olhos.

— Eu sei. Eu sei. Só gostaria... — Mas desistiu de falar.

Kell franziu o cenho. O príncipe parecia realmente chateado.

— Gostaria de quê?

O olhar de Rhy se elevou até o de Kell, o dourado pálido brilhando mesmo quando um muro se erguia por trás deles.

— Gostaria de uma bebida — disse ele, encerrando o assunto. Levantou-se de sua cadeira e atravessou o cômodo para se servir de um aparador encostado na parede. — Eu realmente tento, Kell. Quero ser bom, ou pelo menos melhor. Mas nem todos podem ser... — Rhy tomou um gole e acenou com a mão para o irmão.

Ele presumiu que a palavra que Rhy buscava era *Antari*. A palavra que disse foi:

— *Você*.

— O que posso dizer? — retrucou Kell, passando a mão pelos cabelos.
— Eu sou único.

— Na verdade, existem dois de vocês — corrigiu Rhy.

Kell fechou o rosto.

— Estava para lhe perguntar: o que Holland queria aqui?

Rhy deu de ombros e olhou para o baú de elementos.

— A mesma coisa de sempre. Entregar correspondência.

Kell avaliou o príncipe. Algo estava errado. Rhy era conhecido por ficar inquieto quando mentia, e Kell o viu transferir o peso de um pé para o outro e tamborilar os dedos na tampa aberta do baú. Mas, em vez de insistir no assunto, Kell deixou passar e resolveu escolher outra esfera de vidro do baú, desta vez contendo água. Ele a equilibrou na palma da mão, os dedos abertos.

— Você está exagerando no esforço que faz. — Kell mandou a água no vidro se mexer, e ela se mexeu, primeiro espiralando devagar dentro do orbe, depois mais rápida e concentrada, criando um pequeno e contido ciclone.

— Porque é difícil demais — afirmou Rhy. — Só porque *you* faz parecer fácil, não quer dizer que realmente seja.

Kell não contaria a Rhy que ele nem precisava falar para que a água se movesse. Podia simplesmente pensar nas palavras, senti-las, e o elemento ouvia e respondia. O que fluía pela água, assim como pela areia, pela terra, e por todo o resto, fluía por ele também, e Kell era capaz de comandá-lo como se fosse um dos seus membros. A única exceção era o sangue. Apesar de fluir tão prontamente como o resto, o sangue em si não obedecia às leis dos elementos: não podia ser manipulado, comandado a se mover ou forçado a se paralisar. O sangue tinha vontade própria, e era preciso se dirigir a ele não como um objeto, mas de igual para igual, como um adversário. Era por isso que os *Antari* se destacavam. Por dominar não apenas os elementos, mas o sangue. Se a invocação de elementos era projetada para apenas ajudar a mente a se concentrar, a encontrar a sincronia pessoal com a magia (era meditativo, tanto um canto quanto uma convocação), os comandos de sangue dos *Antari* eram, como o próprio termo sugeria, *comandos*. As palavras que Kell pronunciava para abrir portas ou curar feridas com seu sangue eram *ordens*. E elas tinham que ser proferidas para serem obedecidas.

— Como é? — perguntou Rhy, do nada.

Kell desviou sua atenção do vidro, mas a água continuou girando no interior.

— Como é o quê?

— Ser capaz de viajar. De ver outras Londres. Como *elas* são?

Kell hesitou. Havia uma tábua de divinação pendurada na parede. Diferentemente dos lisos painéis pretos de ardósia que transmitiam mensagens através da cidade, a tábua servia a um propósito diferente. Em vez de pedra, era uma poça rasa de água parada, encantada para projetar as ideias, memórias e imagens de alguém direto de sua mente para a superfície da água. Era utilizada para reflexão, sim, mas também para compartilhar os pensamentos com outros, para ajudar quando as palavras falhavam em descrevê-los ou simplesmente não eram suficientes.

Com a tábua, Kell poderia mostrar a ele. Deixar que Rhy visse as outras Londres que ele vira. Uma parte egoísta de Kell gostaria de dividir isso com seu irmão para que não se sentisse tão sozinho, para que alguém mais visse e soubesse. Mas o problema, Kell descobrira, é que as pessoas não queriam *realmente* saber. Elas achavam que sim, mas a descoberta apenas as tornava extremamente infelizes. Por que encher a cabeça com coisas às quais você não pode ter acesso? Por que se apegar a lugares que não pode visitar? Que bem faria a Rhy saber que, mesmo com todos os privilégios concedidos por seus status real, jamais poderia pisar em outra Londres?

— Não são nada de mais — respondeu Kell, devolvendo a esfera para o baú.

Assim que seus dedos deixaram a esfera, o ciclone se desfez, e a água oscilou até parar completamente. Antes que Rhy pudesse perguntar mais alguma coisa, Kell apontou para o vidro nas mãos do príncipe e lhe disse para tentar novamente.

Rhy tentou mover a terra de novo e falhou de novo. Emitiu um som de frustração e derrubou a esfera, que rolou pela mesa.

— Eu sou um fracasso nisso, e ambos sabemos.

Kell pegou o globo de vidro quando chegou à borda da mesa, e a rolou de volta.

— Pratique — recomendou.

— Praticar não fará diferença alguma.

— O seu problema, Rhy — repreendeu Kell —, é que você não quer aprender magia só por aprender. Você quer aprender porque acha que atrairá pessoas para sua cama.

Os lábios de Rhy se contorceram.

— Não vejo qual o *problema* nisso — retrucou. — E atrairia. Notei o modo como garotas e garotos se derretem pelo seu olho preto, Kell. — Ele se levantou. — Esqueça a aula. Estou de mau humor para aprender. Vamos sair.

— Para quê? — perguntou Kell. — Para você usar a *minha* magia para atrair pessoas para a *sua* cama?

— Uma boa ideia — disse Rhy. — Mas não. Temos que sair, veja bem, porque estamos em uma missão.

— Ah, é? — indagou Kell.

— Sim. Porque, a menos que você planeje se casar comigo, e, não me interprete mal, acho que faríamos um par deslumbrante, eu preciso tentar encontrar uma companheira.

— E você acha que encontrará uma perambulando pela cidade?

— Santo, não! — disse Rhy com um sorriso torto. — Mas sabe-se lá a diversão que encontrarei enquanto procuro e não encontro.

Kell revirou os olhos e guardou os orbes.

— Vamos prosseguir.

— Acabe logo com isso — choramingou Rhy.

— Já vamos acabar — disse Kell. — Assim que você conseguir conter uma chama.

De todos os elementos, o fogo era o único com o qual Rhy demonstrara... bem, *talento* era uma palavra forte demais, mas talvez certa *habilidade*. Kell esvaziou a mesa de madeira e colocou um prato fundo de metal diante do príncipe, junto com um pedaço de giz branco, um frasco de óleo e um estranho dispositivo composto por um par de peças de madeira enegrecida cruzadas com uma articulação no centro. Rhy suspirou e desenhou um círculo de contenção na mesa, em volta do prato, usando o giz. Então esvaziou o conteúdo do frasco no prato. O óleo concentrou-se no centro, formando uma poça aproximadamente do tamanho de uma moeda de dez lins. Por fim, ele levantou o dispositivo, que cabia facilmente na palma de sua mão. Era um acendedor de fogo. Quando Rhy

fechou a mão sobre o objeto e o apertou, as duas hastes se esfregaram, a fagulha que produziram caiu da articulação na poça de óleo e a incendiou.

Uma pequena chama azul dançou na superfície da poça do tamanho de uma moeda, e Rhy estalou os nós dos dedos, alongou o pescoço e dobrou as mangas.

— Antes que a chama se apague — incitou Kell.

Rhy o fuzilou com o olhar, mas colocou uma das mãos em cada lado do círculo de contenção de giz, palmas para dentro, e começou a falar com o fogo. Não em inglês, mas em arnesiano. Era um idioma mais fluido e persuasivo, que se aproximava da magia. As palavras vertiam em um sussurro, uma fileira suave e contínua de sons que pareciam tomar forma no cômodo à volta deles.

E, para o espanto de ambos, funcionou. A chama no prato ficou branca e cresceu, envolvendo o que restava do óleo e continuando a queimar sem ele. E se espalhou, cobrindo a superfície do prato e flamejando no ar diante do rosto de Rhy.

— Veja! — exclamou Rhy, apontando para a chama. — Veja, eu consegui!

E conseguira. Porém, mesmo após parar de falar com a chama, ela continuava crescendo.

— Não perca a concentração — indicou Kell conforme a espiral de fogo branco se alastrava, lambendo as bordas do círculo de giz.

— O quê? — desafiou Rhy enquanto o fogo se contorcia e pressionava contra o círculo de contenção. — Nenhum elogio? — Ele tirou os olhos do fogo e fitou Kell, seus dedos roçando na mesa conforme se movia. — Nem mesmo um...

— *Rhy* — preveniu Kell, mas era tarde demais.

A mão de Rhy tocou de leve o círculo, borrando a linha de giz. O fogo se libertou e se alastrou pela mesa, rápido e quente. Rhy quase caiu de sua cadeira ao tentar sair do caminho.

Com um único movimento, Kell alcançou sua faca, arrastou-a pela palma de sua mão e a pressionou ensanguentada no tampo da mesa.

— *As Anasae* — ordenou. *Dispersar.*

O fogo encantado se extinguiu instantaneamente, desvanecendo no ar. Kell sentiu a cabeça girar.

Rhy ficou parado, sem fôlego.

— Eu sinto muito — disse, culpado. — Sinto muito, eu não deveria ter...

Rhy odiava quando Kell era forçado a utilizar a magia de sangue, porque se sentia responsável (e frequentemente era) pelo sacrifício que isso acarretava. Certa vez ele havia causado a Kell uma dor enorme e nunca se perdoara por isso. Kell pegou um pano e limpou a mão machucada.

— Está tudo bem — disse ele, jogando o tecido em um canto. — Estou bem. Mas acho que terminamos por hoje.

Rhy concordou com a cabeça, trêmulo.

— Eu preciso de outra bebida — afirmou. — Algo forte.

— Concordo — disse Kell com um sorriso cansado.

— Ei! Não vamos ao Aven Stras há séculos! — lembrou Rhy.

— Não podemos ir lá — falou Kell.

O que ele queria dizer era: *Eu não posso deixar você ir lá*. Apesar do nome, o Aven Stras, “Águas Abençoadas”, tornara-se infestado pelos tipos mais desagradáveis da cidade.

— Vamos! — exclamou Rhy, já de volta ao seu estado galhofeiro. — Pediremos a Parrish e Gen que nos arranjam uns uniformes e nos disfarçaremos de...

Nesse momento, um homem pigarreou, e tanto Rhy quanto Kell viraram-se e encontraram o rei Maxim parado à porta.

— Senhor — disseram em uníssono.

— Garotos — falou o rei. — Como vão os estudos?

Rhy lançou um olhar sério a Kell, que levantou uma sobrancelha, mas apenas disse:

— Indo. Já acabamos.

— Ótimo — afirmou o rei, mostrando uma carta.

Kell não se dera conta do quanto queria aquela bebida com Rhy até ver o envelope e perceber que não a tomaria. Seu coração ficou pesado, mas ele não permitiu que a emoção transparecesse.

— Preciso que leve uma mensagem — continuou o rei — para nosso vizinho poderoso.

O peito de Kell se apertou com a familiar e estranha mistura de medo e excitação. Eram sentimentos inseparáveis quando se tratava da Londres Branca.

— Certo, senhor — afirmou.

— Holland trouxe uma carta ontem — explicou o rei —, mas não pôde ficar para receber a resposta. Falei a ele que a mandaria por você.

Kell franziu o cenho.

— Espero que tudo esteja bem — disse com cautela.

Raramente conhecia o conteúdo das mensagens reais que carregava, mas, no geral, conseguia captar seu tom. As correspondências com a Londres Cinza tinham recaído para mera formalidade, uma vez que as cidades nada tinham em comum, ao passo que o diálogo com a Branca era constante, complexo e deixava rugas na testa do rei. O “vizinho poderoso” (como o monarca chamava a outra cidade) era um lugar dilacerado pela violência e pelo poder, e o nome ao fim das cartas reais mudava com uma frequência perturbadora. Teria sido fácil pôr um fim à troca de correspondências e deixar a Londres Branca à mercê da própria decadência, mas a coroa vermelha não poderia. Não o faria.

Sentiam-se responsáveis pela cidade agonizante.

E eram.

Afinal, isolar-se fora uma decisão da Londres *Vermelha*, deixando a Londres Branca, que ficava entre a Vermelha e a Preta, encurralada e forçada a lutar sozinha contra a praga, a isolar-se para manter afastada a magia corrompida. Fora uma decisão que por séculos assombrara gerações de reis e rainhas, mas, naquela época, a Londres Branca era poderosa, ainda mais que a Vermelha, e a coroa vermelha ponderara (ou alegara) que esse era o único meio de todos sobreviverem. Estavam tanto certos quanto errados. A Cinza recuara a um silencioso esquecimento. A Vermelha não apenas sobrevivera, mas florescera. Porém, a Branca fora alterada para sempre. A cidade que já fora gloriosa sucumbira ao caos e à dominação. Sangue e cinzas.

— Tudo está tão bem quanto deveria estar — falou o rei ao entregar o bilhete a Kell e então se virar na direção da porta.

Kell moveu-se para segui-lo, mas Rhy segurou seu braço.

— Prometa — murmurou o príncipe baixinho. — Prometa que desta vez voltará de mãos vazias.

Kell hesitou.

— Prometo — disse ele, se perguntando quantas vezes já teria dito essas palavras e quão vazias haviam se tornado.

Porém, enquanto puxava um objeto de prata desbotado de dentro de sua gola, teve a esperança de que desta vez fossem verdadeiras.

II

Kell atravessou a porta, saiu para o mundo e estremeceu. A Londres Vermelha havia desaparecido e levado o calor consigo; suas botas tocaram as pedras frias e sua respiração condensou no ar diante de seus lábios. Ele ajeitou a jaqueta, a preta com botões prateados, fechando-a por completo.

Priste ir Essen. Essen ir Priste.

“Poder no Equilíbrio. Equilíbrio no Poder.” Ao mesmo tempo um lema, um mantra e uma oração, as palavras figuravam abaixo do emblema real da Londres Vermelha e eram encontradas tanto em lojas quantos em residências. As pessoas do mundo de Kell acreditavam que a magia não era um recurso infinito nem elementar. Surgira para ser utilizado sem abuso, manejado tanto com reverência quanto com cautela.

A Londres Branca pensava muito diferente.

Ali, a magia não era vista como um igual. Era considerada algo a ser *conquistado. Escravizado. Controlado*. A Londres Preta deixara a magia entrar, assumir o controle e os consumir. Na esteira da queda da cidade, a Londres Branca assumira uma abordagem oposta, buscando controlar o poder de qualquer maneira que conseguisse. *Poder no Equilíbrio* tornara-se *Poder na Dominação*.

E quando o povo lutara para controlar a magia, esta resistira. Contraíra-se em si mesma e se enterrara na terra, fora de alcance. As pessoas arranharam a superfície do mundo, desenterrando qualquer resquício de magia que pudessem agarrar, mas ela estava minguada e cada vez mais franzina, assim como aqueles dispostos a lutar para encontrá-la. A magia parecia determinada a matar seus captores de fome. E, lentamente, estava conseguindo.

Essa batalha tivera um efeito colateral, e fora esse efeito que levara Kell a nomear a Londres Branca de *branca*: cada centímetro da cidade, de

dia ou de noite, no verão ou no inverno, exibia a mesma mortalha, como uma fina camada de neve ou cinzas cobrindo tudo. E todos. A magia ali era amarga e má e drenara a vida daquele mundo assim como seu calor e suas cores, dissolvendo tudo e deixando para trás apenas um cadáver pálido e inchado.

Kell pendurou a moeda da Londres Branca, um artefato pesado de ferro, em volta do pescoço e a enfiou sob a gola. O preto vívido de sua jaqueta o destacava contra o pano de fundo desbotado das ruas da cidade, e ele enfiou a mão ensanguentada no bolso antes que a visão daquele vermelho rico estimulasse a imaginação de alguém. O tom perolado da superfície do rio quase congelado — que aqui não se chamava Tâmis nem Atol, mas Sijlt — espalhava-se atrás dele e à sua volta, o lado norte da cidade estendendo-se no horizonte. À sua frente ficava o lado sul, e diversos quarteirões adiante o castelo cortava o ar com seus pináculos em forma de lâminas, uma magnitude de pedra sobrepujando todas as construções à volta.

Ele não perdeu tempo e foi diretamente para o castelo.

Por ser esguio, Kell tinha o hábito de caminhar com desleixo, mas, ao andar pelas ruas da Londres Branca, ele se endireitava para chegar à altura máxima e mantinha o queixo altivo e os ombros para trás enquanto suas botas ecoavam nos paralelepípedos. Sua postura não era a única coisa a se alterar. Em sua cidade, Kell disfarçava seu poder. Aqui, ele sabia que isso não era o mais indicado. Deixava a magia encher o ar, e o ar faminto a consumia, aquecendo-se em sua pele, contorcendo-se em espirais de névoa. Era um caminho perigoso a percorrer. Ele tinha que mostrar sua força de um jeito contido. Se emanasse pouca magia, seria visto como presa. Se demonstrasse muito poder, seria visto como prêmio.

Em *teoria*, os habitantes da cidade conheciam Kell ou sabiam de sua existência, cientes de que estava sob a proteção da coroa branca. E em *teoria* ninguém seria tolo o bastante para desafiar os gêmeos Dane. Mas a fome — de energia, de vida — fazia algo com as pessoas. Levava *todos* a cometerem ações perigosas.

E então Kell manteve a guarda, observando o sol se pôr enquanto andava, sabendo que a Londres Branca era mais dócil à luz do dia. A cidade mudava à noite. O silêncio anormal e pesado, de fazer prender a respiração, era quebrado e dava lugar ao barulho, a sons de risos, de paixão

(que alguns acreditavam ser uma forma de conjurar poder), mas sobretudo de lutas e de morte. Uma cidade de extremos. Emocionante, talvez, mas mortal. A cidade estaria manchada pelo sangue há muito tempo se os assassinos não bebessem tudo.

Com o sol ainda no céu, os pobres e os perdidos demoravam-se à soleira das portas, fitavam a rua do alto de suas janelas e matavam o tempo nas brechas entre as construções. E todos espreitavam Kell conforme ele passava; seus olhares famintos e desolados e suas silhuetas esqueléticas. As roupas tinham a mesma aparência desbotada do restante da cidade. Assim como seus cabelos, seus olhos, suas peles recobertas de marcas. Marcas a ferro e cicatrizes, mutilações feitas no intuito de vincular-se à magia que conseguiam conjurar para seus corpos. Quanto mais fracos eram, mais marcas infligiam em si mesmos, arruinando a carne na tentativa frenética de conter qualquer resquício de poder que tivessem.

Na Londres Vermelha, essas marcas seriam vistas como inferiores, maculando não apenas o corpo, mas a magia ao vincularem-se a ela. Aqui, apenas os fortes podiam se permitir abster-se das marcas, e, mesmo assim, não as encaravam como violações e sim como mero desespero. Porém, mesmo aqueles que não se sujeitavam às marcas dependiam de amuletos e encantamentos (apenas Holland andava sem qualquer joia, exceto pelo broche que o distinguia como servo do trono). A magia não se manifestava de bom grado por aqui. O idioma dos elementos fora abandonado quando eles pararam de ouvi-lo (o único elemento que podia ser conjurado era uma forma pervertida de energia, um filho bastardo do fogo, algo mais sombrio e corrompido). Qualquer magia que *pudesse* ser possuída era arrebatada, forçada a se moldar em amuletos, feitiços e vinculações. Nunca era o bastante, nunca satisfazia.

Mas as pessoas não iam embora.

O poder do Sijlt, mesmo em seu estado semicongelado, os acorrentava à cidade, sua magia sendo a única centelha de calor restante.

E então eles permaneciam e a vida continuava. Aqueles que (ainda) não haviam sido vítimas da sede corrosiva por magia levavam suas vidas trabalhando dia após dia, cuidando dos próprios assuntos e fazendo o melhor para esquecer que seu mundo estava morrendo aos poucos. Muitos se agarravam à crença de que a magia retornaria. Que um governante forte

o suficiente poderia forçar o poder de volta às veias do mundo e ressuscitá-lo.

E então esperavam.

Kell se perguntou se a população da Londres Branca realmente acreditava que Astrid e Athos Dane eram fortes o suficiente ou se estava apenas esperando pelo próximo mago a se erguer e derrubá-los. O que alguém acabaria fazendo. Alguém sempre o fazia.

O silêncio se tornou mais pesado quando o castelo apareceu em seu campo de visão. As Londres Cinza e Vermelha tinham palácios para seus governantes.

A Londres Branca tinha uma *fortaleza*.

Um muro alto cercava o castelo, e, entre a abóbada da cidadela e seus muros exteriores, ficava um vasto pátio de pedra, cercado como um fosso a estrutura ameaçadora que transbordava com esculturas de mármore. A lendária Krös Mejkt, a “Floresta de Pedra”, não era feita de árvores e sim de estátuas, todas de figuras humanas. Corriam rumores de que nem sempre haviam sido de pedra e que a floresta era na verdade um cemitério, mantido pelos Dane para celebrar aqueles que tinham assassinado e lembrar a todos que cruzavam o muro exterior o que acontecia com traidores na Londres dos gêmeos.

Passando pelo portão de entrada e pelo pátio, Kell aproximou-se dos degraus maciços de pedra. Dez guardas flanqueavam a escadaria da fortaleza, imóveis como as estátuas da floresta. Eram simples marionetes, despidas de tudo pelo rei Athos, exceto do ar em seus pulmões, do sangue em suas veias e dos comandos em seus ouvidos. A visão deles fez Kell estremecer. Na Londres Vermelha, usar magia para controlar, possuir ou vincular o corpo e a mente de outra pessoa era proibido. Aqui era mais um sinal da força de Athos e Astrid, de sua *capacidade*, e portanto de sua *autoridade*, de governar.

Os guardas permaneceram imóveis; apenas seus olhos vazios o seguiram conforme se aproximava e passava pelas portas pesadas. Além delas, mais guardas ocupavam as paredes de uma antessala que culminava em uma abóbada, parados como pedras exceto por seus olhares. Kell atravessou o cômodo e entrou em um segundo corredor que estava vazio. Apenas depois que as portas se fecharam atrás dele, permitiu-se respirar e baixar um pouco a guarda.

— Eu não faria isso ainda — disse uma voz entre as sombras. No instante seguinte, uma silhueta saiu da penumbra. Tochas forravam as paredes, queimando sem nunca se extinguir, e em sua luz bruxuleante Kell viu o homem.

Holland.

A pele do *Antari* era quase desprovida de cor, e o cabelo cor de carvão caía em sua testa, parando logo acima dos olhos. Um deles era de um verde acinzentado, mas o outro era de um preto reluzente. E quando aquele olho encontrou o de Kell, foi como se duas pedras faiscassem uma contra a outra.

— Venho entregar uma carta — falou Kell.

— É mesmo? — disse Holland. — Pensei que tivesse vindo para o chá.

— Bem, isso também, suponho, já que estou aqui.

Os lábios de Holland se retorceram em algo que não era um sorriso.

— Athos ou Astrid? — perguntou ele, como se propusesse um enigma. Mas para enigmas havia respostas corretas, e, no que dizia respeito aos gêmeos Dane, não havia nenhuma. Kell nunca conseguia decidir qual deles preferia encarar. Não confiava nos irmãos, nem juntos e certamente nem quando estavam separados.

— Astrid — escolheu Kell, perguntando a si mesmo se fora a escolha certa.

Holland permaneceu indecifrável; apenas assentiu e mostrou o caminho.

O castelo fora construído como uma igreja (e talvez algum dia tivesse sido uma), seu esqueleto amplo e vazio. O vento soprava nos saguões, e seus passos ecoavam pelas pedras. Bom, os passos de Kell ecoavam. Holland movia-se com a elegância aterrorizante de um predador. Uma meia capa branca recaía sobre seus ombros, ondulando atrás dele conforme andava. Estava presa por uma fivela, um broche circular de prata incrustado com marcações que a distância pareciam mera decoração.

Mas Kell conhecia a história de Holland e da fivela de prata.

Ele não a ouvira da boca do próprio *Antari*, é lógico, mas comprara a verdade de um homem na Scorched Bone, trocara a história toda por um lin da Londres Vermelha alguns anos antes. Não podia entender por que Holland, possivelmente a pessoa mais poderosa da cidade e talvez do mundo, serviria a um par de assassinos glorificados como Astrid e Athos.

O próprio Kell havia estado na cidade algumas vezes antes de o último rei cair e vira Holland ao lado do governante como aliado e não como servo. Ele era diferente naquela época, mais novo e arrogante, sim, mas havia outra coisa, algo mais, uma luz em seus olhos. Um *fogo*. E, então, entre uma visita e outra, o fogo morrera, assim como o rei, substituído pelos Dane. Holland permanecera ali ao lado deles, como se nada tivesse mudado. Mas *ele* havia mudado, tornado-se frio e sombrio, e Kell queria saber o que acontecera, o que realmente acontecera.

Então saíra em busca de respostas. E as encontrara, como encontrava a maioria das coisas e a maioria delas o encontrava: na taverna que nunca mudava de lugar, não importando em que cidade estivesse.

Aqui era chamada de Scorched Bone.

O contador da história agarrara-se à moeda como alguém que busca por calor enquanto se debruçava no banco e despejava o conto em maktahn, o gutural idioma nativo da cidade cruel.

"*Ön vejr tök...*", começara a sussurrar. *A história começa...* "Nosso trono não é daqueles que se nasce para assumir. Não é assegurado pelo sangue, mas conquistado através dele. Alguém ceifa seu caminho até o trono e o mantém por quanto tempo conseguir. Um ano, talvez dois, até alguém cair e outro se erguer. Reis vêm e vão. É um ciclo constante. E normalmente é algo simples: os assassinos tomam o lugar dos assassinados. Sete anos atrás, quando o último rei foi morto, muitos tentaram reivindicar a coroa, mas, no final, restaram três. Astrid, Athos e Holland."

Kell arregalara os olhos. Embora soubesse que Holland servira à coroa anterior, não sabia de suas aspirações a se tornar rei. Apesar de fazer sentido; Holland era um *Antari* em um mundo onde o poder significava tudo. Ele teria sido o vencedor óbvio. Ainda assim, os gêmeos Dane provaram ser quase tão poderosos quanto eram impiedosos e ardilosos. E juntos o derrotaram. Mas não o mataram. Em vez disso, eles o *vincularam*.

A princípio, Kell pensara que havia entendido errado. Seu maktahn não era tão impecável quanto seu arnesiano, e ele fizera o homem repetir a palavra. *Vöxt. Vínculo*.

"É aquela fivela", afirmara o homem na Scorched Bone, apontando para o peito. "O círculo de prata."

Era um feitiço de vinculação, explicara ele. E um feitiço das trevas. Feito pelo próprio Athos. O rei tinha o dom incomum de controlar os outros, mas o selo não tornava Holland um escravizado sem arbítrio como os guardas que ocupavam os corredores do castelo. Não o levava a pensar, a sentir ou a querer. Simplesmente o levava a *fazer*.

"O rei pálido é astuto", acrescentara o homem, mexendo nervosamente em sua moeda. "*Terrível, mas astuto.*"

Holland parou abruptamente e Kell forçou sua mente e seu olhar a voltarem ao corredor do castelo e à porta que agora esperava em frente a eles. Observou quando o *Antari* branco levou a mão à porta, onde um círculo de símbolos estava gravado a fogo na madeira. Arrastou habilmente os dedos sobre eles, tocando quatro em sequência; uma trava se abriu por dentro, e ele conduziu Kell para o cômodo.

O salão do trono era tão imenso e vazio quanto o restante do castelo, porém tinha forma circular e era feito de pedra branca cintilante, desde as paredes arredondadas e as colunas arqueadas do teto até o piso reluzente e os tronos gêmeos na plataforma elevada ao centro. Kell sentiu um calafrio, apesar de o cômodo não estar frio. Apenas *parecia* ser feito de gelo.

Ele sentiu Holland escapulir, mas não desviou sua atenção do trono nem da mulher sentada nele.

Astrid Dane teria se camuflado perfeitamente ali, não fossem suas veias.

Elas se destacavam como linhas escuras nas mãos e têmporas; o restante dela era um estudo em branco. Muitos habitantes da Londres Branca tentavam esconder o fato de estarem desvanecendo, ao cobrir a pele ou ao pintá-la para parecerem mais saudáveis. Não a rainha. Seu cabelo longo e sem cor estava penteado para trás em uma trança, e sua pele de porcelana misturava-se às bordas da túnica. Seu traje inteiro ajustava-se a ela como uma armadura: a gola da blusa era alta e rígida, abrigando o pescoço, e a própria túnica ia do queixo ao pulso e à cintura. Menos por recato, Kell tinha certeza, do que por proteção. Abaixo de um cinto de prata reluzente, ela usava calças ajustadas que se afunilavam em botas de cano alto (dizem que um homem certa vez cuspira nela por se recusar a trajar um vestido; ela decepara os lábios dele). Os únicos pontos de cor eram o azul transparente dos olhos e os verdes e vermelhos dos talismãs pendurados no pescoço, nos pulsos e presos no cabelo.

Astrid refestelara-se em um dos dois tronos, seu corpo longo e delgado parecendo um arame esticado sob as roupas. Delgada, mas longe de ser fraca. Ela brincou com o pingente em seu pescoço, a superfície como vidro fosco e as bordas vermelhas como sangue recém-derramado. Estranho, pensou Kell, ver algo tão resplandecente na Londres Branca.

— Sinto o cheiro de algo doce — disse ela. Estivera fitando o teto. Agora, seus olhos haviam baixado e recaído sobre Kell. — Olá, garoto das flores.

A rainha falava em inglês. Kell sabia que ela não havia estudado o idioma; que ela, assim como Athos, contava na verdade com um encantamento. Em algum lugar de suas roupas muito ajustadas, uma runa de tradução estava marcada na pele. Ao contrário das tatuagens de desespero feitas pelos sedentos de poder, a runa de idiomas era a resposta de um soldado para o problema de um político. A Londres Vermelha tratava o inglês como a marca da alta sociedade, mas a Londres Branca tinha pouco uso para ele. Holland certa vez contara a Kell que essa era uma terra de guerreiros e não de diplomatas. Valorizavam batalhas mais do que salões de baile e não viam valor em uma língua que seu povo não compreendia. Em vez de gastar anos aprendendo o idioma comum entre os reis, aqueles que se apropriavam do trono simplesmente se apropriavam das runas também.

— Majestade — falou Kell.

A rainha endireitou-se para sentar reta. A indolência de seus movimentos era uma farsa. Astrid Dane era uma serpente, lenta só até o momento do ataque.

— Aproxime-se — ordenou ela. — Deixe-me ver o quanto você cresceu.

— Já estou crescendo há algum tempo — retrucou Kell.

Ela arrastou uma unha pelo braço do trono.

— Mas ainda não desvaneceu.

— Ainda não — disse ele, produzindo um sorriso cauteloso.

— Venha até mim — disse ela novamente, estendendo a mão. — Ou irei até você.

Kell não tinha certeza se isso era uma promessa ou uma ameaça, mas, de qualquer forma, ele não tinha escolha, então caminhou em direção ao ninho da serpente.

III

O chicote estalou no ar, sua ponta bifurcada rasgando a pele das costas do menino. Ele não gritou — Athos gostaria que tivesse gritado —, mas uma arfada de dor assoviou através de seus dentes cerrados.

O garoto estava preso a uma moldura de metal quadrada como se fosse uma mariposa: os braços abertos, cada pulso atado a uma das duas barras verticais que formavam os lados da moldura. A cabeça pendia para a frente, suor e sangue escorrendo pelas linhas de seu rosto e pingando do queixo.

Ele tinha 16 anos e não havia se curvado em reverência.

Athos e Astrid haviam cavalgado pelas ruas da Londres Branca em seus corcéis pálidos, cercados por seus soldados de olhos vazios, saboreando o medo no olhar do povo e, com isso, sua obediência. Joelhos batiam nas pedras do chão. Cabeças curvavam-se humildemente.

Porém, um garoto, que Athos depois descobriu se chamar Beloc (a palavra foi tossida por seus lábios ensanguentados), ficou de pé, a cabeça imperceptivelmente inclinada para a frente. Os olhos da multidão voltaram-se para ele, um murmúrio visceral espalhando-se entre todos: chocados, sim, mas sob isso havia uma admiração que beirava a aprovação. Athos parara seu cavalo e encarara o menino, avaliando seu momento de rebeldia e obstinação juvenil.

Athos também já fora jovem, obviamente. Realizara sua cota de tolices e teimosias. Mas aprendera muitas lições em sua batalha pela coroa branca e muitas mais depois de tomá-la para si. Sabia que a rebeldia, acima de tudo, é como uma erva daninha, algo que deve ser arrancado pela raiz.

Em seu corcel, a irmã observou, com deleite, quando Athos jogou uma moeda para a mãe do garoto, que estava ao lado dele.

— *Öt vosa rijke* — dissera ele. — Pela sua perda.

Naquela noite, os soldados de olhares vazios voltaram, arrombaram a porta da pequena casa de Beloc e o arrastaram chutando, gritando e encapuzado pelas ruas; sua mãe fora contida por um feitiço rabiscado nas paredes de pedra, incapaz de fazer qualquer coisa além de se lamentar.

Os soldados arrastaram o garoto por todo o caminho até o palácio e o atiraram, espancado e ensanguentado, no chão branco reluzente em frente ao trono do monarca.

— Olhem para isso — repreendera Athos. — Vocês o machucaram. — O rei pálido pôs-se de pé e olhou para o garoto. — Essa é a minha função.

O chicote cortou o ar e a carne novamente, e, desta vez, Beloc gritou.

O açoite cascadeou da mão de Athos como prata líquida, derramando-se no chão ao lado de sua bota. Ele começou a enrolá-lo em volta da mão.

— Sabe o que eu vejo em você? — Ele dobrou a corda de prata e a guardou em um coldre preso à cintura. — Um fogo.

Beloc cuspiu sangue no chão entre eles. Os lábios de Athos se retorceram. Ele deu um passo à frente, pegou o rosto do garoto pela mandíbula e bateu sua cabeça com força na madeira da moldura em que estava preso. Beloc gemeu de dor, o som abafado pela mão de Athos sobre sua boca. O rei levou os lábios até a orelha do garoto.

— Queima dentro de você — sussurrou perto da bochecha dele. — Mal posso esperar para apagá-lo.

— *Nō kijñ avost* — rosnou Beloc quando a mão do rei se afastou. *Não tenho medo de morrer.*

— Acredito em você — disse Athos calmamente. — Mas não vou matá-lo. Apesar de ter certeza — acrescentou ao se virar — que você desejará ter morrido.

Uma mesa de madeira fora colocada ali perto. Sobre ela, um cálice de metal cheio de tinta, e, ao lado, uma lâmina muito afiada. Athos pegou ambos e os levou para perto do corpo imobilizado de Beloc. Ele arregalou os olhos ao entender o que iria acontecer e tentou lutar contra suas amarras, mas elas não cederam.

Athos sorriu.

— Então você já ouviu falar das marcas que faço.

A cidade inteira sabia da predileção — e habilidade — de Athos pelos feitiços de vinculação. Marcas que removiam de alguém sua liberdade, sua identidade, sua alma. Athos demorou-se preparando a faca, deixando o

medo do garoto preencher o cômodo conforme mergulhava a lâmina na tinta, recobrando-a. Havia um sulco por toda a extensão da lâmina, e a tinta o preenchia como se fosse uma caneta. Quando tudo ficou pronto, o rei pálido sacou a faca manchada com gestos sedutoramente lentos, cruéis. Ele sorriu e levou a ponta até o peito arfante do garoto.

— Deixarei que fique com sua mente — falou Athos. — Sabe por quê? — A ponta da lâmina penetrou e Beloc arfou. — Para que eu possa observar a batalha interna se passando em seus olhos todas as vezes que seu corpo obedecer à minha vontade em vez da sua.

Athos pressionou a lâmina e Beloc mordeu os lábios para segurar o grito enquanto a faca entalhava sua pele, descendo pela garganta e passando sobre o coração. Athos sussurrava algo baixo e constante conforme desenhava as linhas do feitiço de vinculação. A pele se abriu e o sangue jorrou, derramando-se na trilha percorrida pela lâmina, mas Athos parecia indiferente, os olhos semicerrados enquanto guiava a faca.

Quando acabou, pôs a faca de lado e se afastou para admirar seu trabalho.

Beloc estava caído sobre as amarras, o peito arfando. Sangue e tinta escorriam de sua pele.

— Levante-se e fique ereto — comandou Athos, cheio de satisfação ao assistir a Beloc tentando resistir, seus músculos estremecendo contra a instrução antes de desistir e arrastar o corpo machucado até se colocar em algo semelhante à postura exigida. O ódio queimava nos olhos do garoto, brilhantes como sempre, mas seu corpo agora pertencia a Athos. — O que é? — perguntou o rei.

A pergunta não foi dirigida ao garoto, mas a Holland, que aparecera na porta. Os olhos do *Antari* percorreram a cena. O sangue, a tinta, o plebeu torturado. Sua expressão um misto de surpresa indiferente e desinteresse. Como se a visão nada significasse para ele.

O que era mentira.

Holland gostava de bancar o insensível, mas Athos sabia que era um ardil. Ele podia fingir torpor, mas não era imune a sensações. À dor.

— *Ös-vo tach?* — indagou Holland, apontando para Beloc. *Está ocupado?*

— Não — respondeu Athos, limpando as mãos em um tecido escuro. — Acho que já terminamos por ora. O que é?

— Ele está aqui.

— Certo — falou Athos, deixando a toalha de lado. Sua capa branca estava pendurada em uma cadeira; ele a pegou e a jogou sobre os ombros em um movimento fluido, fechando a fivela na garganta. — Onde ele está?

— Eu o deixei com sua irmã.

— Bem — disse Athos —, vamos torcer para que não seja tarde demais.

O rei voltou-se para a porta e, ao fazê-lo, viu Holland fitando o garoto preso à moldura de metal.

— O que devo fazer com ele? — perguntou.

— Nada — respondeu Athos. — Ainda estará aqui quando eu voltar.

Holland aquiesceu, mas, antes que pudesse sair, Athos pousou a mão em seu rosto. Holland não se afastou, nem ao menos se retesou ao toque do rei.

— Está com ciúmes? — perguntou Athos. Os olhos de dois tons sustentaram o olhar do rei, o verde e o preto ambos firmes, sem piscar. — O garoto sofreu — acrescentou ele, com suavidade. — Mas não como você. — Aproximou-se mais do *Antari*. — Ninguém sofre tão lindamente como você.

Ali estava, no canto da boca de Holland, na ruga de seu olho. Raiva. Dor. Revolta. Athos sorriu, vitorioso.

— É melhor irmos — disse, afastando a mão. — Antes que Astrid devore inteiro nosso jovem convidado.

IV

Astrid acenou.

Kell desejou que pudesse deixar a carta na pequena mesa que ficava entre os tronos e ir embora, mantendo distância, mas a rainha pálida estava sentada com a mão estendida para ele.

Ele tirou a carta do rei Maxim do bolso e a ofereceu para ela, mas, quando Astrid esticou o braço para pegá-la, sua mão ultrapassou o papel e se fechou ao redor do pulso de Kell. Ele o puxou instintivamente, mas ela apenas apertou mais forte. Os anéis em seus dedos brilharam, e o ar estalou quando a rainha proferiu uma palavra e um raio dançou pelo braço de Kell, seguido quase instantaneamente de dor. A carta caiu de sua mão quando a magia em seu sangue emergiu, querendo agir, *reagir*, mas ele lutou contra o ímpeto. Era um jogo. O jogo de Astrid. Ela *queria* que Kell lutasse, então ele se controlou para não o fazer, nem mesmo quando o poder dela, a coisa mais perto de um elemento que conseguia conjurar (uma espécie de energia afiada, elétrica e não natural) forçou suas pernas a se dobrarem.

— Gosto de quando se ajoelha — disse ela em um tom de voz ameno, soltando o pulso dele. Kell apertou a mão contra o chão de pedra frio e inspirou, trêmulo. Astrid pegou a carta do chão e a deixou na mesa antes de afundar de novo em seu trono. — Eu deveria pegar você para mim — acrescentou ela, batendo pensativa com um dedo no pingente pendurado perto da garganta.

Kell se pôs de pé devagar. Uma dor lancinante correu por seu braço conforme a energia despertava.

— Por quê? — perguntou ele.

A mão de Astrid se afastou do amuleto.

— Porque não gosto de coisas que não me pertencem — respondeu ela.
— Não confio nelas.

— Você confia em *alguma coisa*? — retrucou ele, esfregando o pulso.
— Ou mesmo em *alguém*?

A rainha o examinou, seus lábios pálidos curvando nas extremidades.

— Todos os cadáveres em meu chão confiaram em alguém. Agora ando sobre eles para me divertir.

Kell baixou o olhar para o granito sob seus pés. Havia rumores, sem dúvida, sobre os pontos de branco opaco que cravejavam o chão.

Nesse momento, a porta se abriu atrás dele, e Kell virou-se para ver o rei Athos entrando, Holland o seguindo muitos passos atrás. Athos era o reflexo da irmã, apenas um pouco distorcido por seus ombros largos e cabelo mais curto. Mas todo o restante dele, desde a compleição até os músculos rijos e a crueldade lasciva que compartilhavam, era uma réplica exata.

— Ouvi dizer que temos companhia — disse ele alegremente.

— Alteza — falou Kell com uma mesura. — Eu já estava de saída.

— Tão cedo? — disse o rei. — Fique e tome uma bebida.

Kell hesitou. Rejeitar o convite do príncipe regente era uma coisa; recusar o de Athos Dane era completamente diferente.

Athos sorriu diante de sua indecisão.

— Veja como ele se aflige, irmã.

Kell não percebeu que ela havia se levantado do trono até sentir sua presença ao lado dele, correndo um dedo pelos botões prateados de sua jaqueta. *Antari* ou não, os Dane faziam-no sentir como um rato na companhia de cobras. Ele se forçou a não fugir do toque da rainha uma segunda vez, para não provocá-la.

— Eu queria ficar com ele para nós, irmão — disse Astrid.

— Receio que nossa coroa vizinha não ficaria satisfeita — falou Athos. — Mas ele ficará para uma bebida. Não é, mestre Kell? — Kell se pegou assentindo lentamente, e Athos abriu um sorriso, os dentes cintilando como pontas de faca. — Esplêndido. — Ele estalou os dedos e um servo apareceu, voltando os olhos mortos para seu mestre. — Uma cadeira — ordenou Athos, e o servo a trouxe e a colocou atrás dos joelhos de Kell antes de se retirar, silencioso como um fantasma.

— Sente-se — comandou Athos.

Kell não se sentou. Ele observou o rei subir no estrado e se aproximar da mesa entre os dois tronos. Nela havia um decantador com um líquido dourado e dois cálices de vidro vazios. Athos levantou um deles, mas não se serviu do decantador. Em vez disso, ele se virou para Holland.

— Venha até aqui.

O outro *Antari* havia recuado até a parede mais distante, sumindo à frente dela mesmo com o cabelo cor de carvão e o preto retinto de seu olho. Agora ele se aproximava com passos lentos e silenciosos. Quando alcançou Athos, o rei estendeu o cálice vazio e disse:

— Corte-se.

O estômago de Kell embrulhou. Os dedos de Holland seguiram em direção à fivela por um instante antes de seguir para o lado exposto de sua meia capa. Ele enrolou a manga, revelando o rendilhado de suas veias e também um emaranhado de cicatrizes. Os *Antari* curavam-se mais rápido que a maioria das pessoas. Os cortes deviam ter sido profundos.

Ele desembainhou a faca do cinto e levou tanto o braço quanto a lâmina sobre o cálice.

— Perdão — disse Kell apressadamente. — Não gosto de sangue. Vossa Majestade se incomodaria se eu pedisse outra bebida?

— Imagine — disse Athos levianamente. — Não me incomodaria de jeito algum.

Kell ainda estava na metade de um trêmulo suspiro de alívio quando Athos voltou a atenção para Holland, que tinha começado a baixar o braço. O rei pálido franziu o cenho.

— Pensei ter mandado se cortar.

Kell se encolheu quando Holland levantou o braço sobre o cálice e deslizou a faca pela própria pele. O corte era superficial, um arranhão, apenas profundo o suficiente para extrair sangue. O líquido jorrou e derramou-se em um filete no cálice.

Athos sorriu e sustentou o olhar de Holland.

— Não temos a noite toda — urgiu o rei. — Pressione a faca mais fundo.

A mandíbula de Holland se contraiu, mas ele fez o que lhe foi mandado. A faca perfurou seu braço profundamente, e o sangue, de um vermelho-escuro bem forte, fluíu para a taça. Quando o cálice estava cheio, Athos o entregou à irmã e correu um dedo pelo rosto de Holland.

— Vá se limpar — disse com um tom de voz gentil, da maneira que um pai falaria a seu filho.

Holland retirou-se, e Kell se deu conta de que, além de não ter se sentado, estava agarrado ao braço da cadeira, e os nós dos dedos estavam brancos. Ele forçou os dedos a soltarem enquanto Athos pegava a segunda taça da mesa e servia o pálido líquido dourado nela.

Ele a segurou para que Kell a visse e então bebeu para mostrar que tanto a taça quanto seu conteúdo eram seguros antes de servir mais uma dose e oferecê-la. O gesto de um homem acostumado a armadilhas.

Kell pegou o cálice e bebeu rápida e sofregamente, num esforço para acalmar os nervos. Assim que o cálice esvaziou, Athos o encheu novamente. A bebida era leve, doce e forte, e desceu suavemente. Enquanto isso, os Dane dividiam sua taça, o sangue de Holland tingindo seus lábios de um vermelho-vivo enquanto bebiam. O poder reside no sangue, pensou Kell enquanto o seu próprio começava a esquentar.

— É impressionante — disse ele, forçando-se a beber o segundo drinque mais devagar que o primeiro.

— O quê? — perguntou Athos, afundando no trono.

Kell acenou para o cálice com o sangue de Holland.

— Que vocês consigam manter suas roupas tão brancas.

Ele terminou o segundo cálice. Astrid riu e lhe serviu o terceiro.

Kell deveria ter parado no primeiro cálice.

Ou no segundo.

Ele achava que havia parado no terceiro, mas não estava inteiramente certo. Não havia sentido os efeitos da bebida até se colocar de pé e o chão de pedra branca inclinar-se perigosamente. Kell sabia que havia sido tolice beber tanto quanto bebera, mas a visão do sangue de Holland havia mexido com ele. Não conseguia tirar a expressão do *Antari* da cabeça, o seu olhar antes de a faca perfurá-lo. A fisionomia de Holland era uma máscara perene de uma calma ameaçadora, mas, por um instante, a ilusão havia se desfeito. E Kell nada fizera. Não tinha pedido, nem mesmo exigido, que Athos desistisse daquilo. De nada adiantaria, mas, ainda assim... Ambos eram *Antari*. Por mero acaso, Holland nascera ali, na impiedosa Londres Branca, e Kell, na vibrante Vermelha. E se seus destinos tivessem sido trocados?

Kell soltou pela boca o ar, que condensou diante de seus lábios. O frio não estava ajudando nem um pouco a clarear sua mente, mas ele sabia que não podia ir para casa, não ainda, não do jeito que estava. Então continuou perambulando pelas ruas da Londres Branca.

O que também era tolice. Imprudência. Ele estava sempre sendo imprudente.

Por quê?, ponderou, subitamente com raiva de si mesmo. Por que sempre fazia isso? Sair da segurança para as sombras, para o risco, para o perigo? *Por quê?* Ele ouviu Rhy implorando aquela noite no telhado.

Ele não sabia por quê. Gostaria de saber, mas não sabia. Tudo o que sabia é que gostaria de parar. A raiva se dissipou, deixando algo quente e constante. Ou talvez fosse efeito da bebida.

Era uma boa bebida, o que quer que fosse. Forte. Mas não do tipo que o deixava fraco. Não, não, do tipo forte que o deixava forte. Que fazia seu sangue cantar. Que fazia... Kell levantou o queixo para olhar o céu e quase perdeu o equilíbrio.

Ele precisava se concentrar.

Estava quase certo de que se dirigia na direção do rio. O ar tocava frio em seus lábios, e o céu escurecia. Quando o sol havia se posto? E, no que restava de luz, a cidade começava a se agitar à volta dele. O silêncio quebrava-se em barulho.

— Coisa linda — sussurrou uma idosa em maktahn, da soleira de uma porta. — Pele linda. Ossos lindos.

— Por aqui, mestre — chamou outra.

— Entre aqui.

— Descanse os pés.

— Descanse os ossos.

— Lindos ossos.

— Lindo sangue.

— Beba sua magia.

— Coma sua vida.

— Entre aqui.

Kell tentou se concentrar, mas parecia não conseguir organizar os pensamentos. Assim que conseguia pensar em algo, uma brisa soprava em sua mente e a embaralhava, deixando-o atordoado e um pouco tonto. O perigo formigava nas extremidades de seus sentidos. Ele fechou os olhos, mas todas as vezes que o fazia via o sangue de Holland escorrendo na taça, então se forçou a abri-los e a mantê-los assim.

Ele não pretendia se encaminhar para a taverna. Seus pés deram a partida. Seu corpo o levou. Agora se via encarando a placa acima da porta da Scorched Bone.

Apesar de ser um ponto fixo, a taverna na Londres Branca não tinha a mesma *atmosfera* das outras. Ainda o atraía, mas o ar cheirava a sangue e cinzas, e as pedras da rua eram frias sob suas botas. Perturbavam seu calor. Seu poder. Seus pés tentaram levá-lo para a frente, mas ele comandou que ficassem onde estavam.

Vá para casa, pensou Kell.

Rhy estava certo. Nada de bom podia vir dessas transações. Nada bom o bastante. Não valia a pena. As bugigangas que ele negociava não lhe traziam paz. Era apenas um jogo idiota. E já era hora de parar.

Ele se agarrou a essa ideia enquanto puxava a faca da bainha e a levava para perto do antebraço.

— É você — disse uma voz atrás dele.

Kell se virou, guardando novamente a faca.

Uma mulher estava parada na entrada do beco, o rosto escondido pelo capuz de uma capa azul surrada. Se estivessem em qualquer outra Londres, o azul poderia ter sido da cor das safiras ou do mar. Porém, aqui era do tom mais desbotado, como o céu atrás de camadas e camadas de nuvens.

— Eu a conheço? — perguntou ele, olhando de soslaio para a escuridão.

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Mas eu o conheço, *Antari*.

— Não, você não me conhece — falou ele com alguma convicção.

— Eu sei o que você *faz*. Quando não está no castelo.

Kell meneou a cabeça.

— Não estou fazendo negócios esta noite.

— Por favor — disse ela, e ele percebeu que a mulher segurava um envelope. — Não quero que me traga nada. — Ela estendeu a carta. — Quero apenas que você *leve* algo.

Kell enrugou a testa. Uma carta? Os mundos foram separados e selados havia séculos. Para *quem* ela poderia estar escrevendo?

— Minha família — falou a mulher, lendo a pergunta em seus olhos.

— Muito tempo atrás, quando a Londres Preta caiu e as portas foram lacradas, nós fomos separados. Ao longo de séculos, nossas famílias tentaram manter contato... mas fui a única que restou. Todos os outros daqui estão mortos, e todos os de lá também, exceto um. Olivar. Ele é a única família que tenho e está do outro lado da porta, está morrendo, e eu queria apenas... — Ela apertou a carta contra o peito. — Somos tudo o que restou.

A cabeça de Kell ainda rodava.

— E como foi que você descobriu que Olivar está doente? — perguntou.

— O outro *Antari* — explicou ela, olhando ao redor como se temesse que alguém pudesse ouvir. — Holland. Ele me trouxe uma carta.

Kell não conseguiu imaginar Holland dignando-se a contrabandear *qualquer coisa* entre as Londres, muito menos correspondências entre plebeus.

— Ele não queria — acrescentou a mulher. — Olivar lhe deu tudo o que tinha para comprar a passagem da carta, e ainda assim... — Ela levou a mão ao pescoço como se procurasse um colar e encontrasse apenas pele. — Eu paguei o resto.

Kell franziu o cenho. Isso combinava ainda menos com o comportamento de Holland. Ele não era altruísta, mas Kell duvidava que fosse ganancioso dessa forma; duvidava que desse importância a esse tipo de pagamento. No entanto, todos tinham segredos, e Holland guardava os seus com tanto afínco que Kell foi obrigado a se perguntar o quanto realmente sabia sobre o caráter do *Antari*.

A mulher mostrou a carta novamente.

— *Nijk shöst* — disse ela. — Por favor, mestre Kell.

Ele tentou se concentrar, pensar. Prometera a Rhy... Mas era apenas uma carta. E, tecnicamente, sob as leis decretadas pelas coroas das três Londres, cartas eram uma exceção necessária à regra que proibia as transferências. Evidentemente, as leis se referiam apenas a cartas entre os governantes das coroas, mas, ainda assim...

— Posso lhe pagar adiantado — advertiu ela. — Não precisa voltar para concluir o acordo. Esta é a última e única carta. Por favor.

Ela revirou o bolso e retirou dele um pequeno embrulho de pano e, antes que Kell pudesse dizer que sim ou que não, empurrou a carta e o pagamento nas mãos dele. Uma sensação estranha percorreu seu corpo quando o tecido do embrulho tocou sua pele. E então a mulher começou a se afastar.

Kell baixou os olhos para a carta, com um endereço escrito no envelope, e então para o pacote. Tentou desembrulhá-lo, mas a mulher se aproximou e segurou sua mão.

— Não seja tolo — sussurrou ela, olhando ao redor do beco. — Eles o matarão por uma moeda nestas bandas. — Ela fechou os dedos dele sobre o embrulho. — Não aqui — advertiu. — Mas é o suficiente, eu juro. Precisa ser. — As mãos dela se afastaram. — É tudo que posso dar.

Kell olhou desconfiado para o objeto. O mistério era tentador, mas havia perguntas demais, muitas informações que não faziam sentido, então ele ergueu o olhar e começou a dizer que se recusava...

Mas não havia ninguém ali para ouvir sua recusa.

A mulher se fora.

Kell ficou ali parado, na entrada da Scorched Bone, atordoadado. O que tinha acabado de acontecer? Ele finalmente tomara a decisão de não fazer mais negócios, e a transação viera até ele. Olhou para a carta e para o pagamento, o que quer que fosse. E, então, a distância, alguém gritou, e o som despertou Kell para a escuridão e o perigo. Ele enfiou a carta e o embrulho no bolso da jaqueta e deslizou a faca pelo braço, tentando ignorar o terror que jorrou com seu sangue enquanto ele conjurava a porta para casa.





GINCO

**A PEDRA
PRETA**

I

O dinheiro chacoalhava no bolso de Lila conforme ela voltava para a Stone's Throw.

O sol mal havia se posto na cidade, mas ela já conseguira uma quantia razoável. Era arriscado furtar bolsos à luz do dia, especialmente com seu disfarce peculiar, que requeria uma visão turva ou pouca luz, mas Lila precisaria se arriscar se quisesse recomeçar. Um mapa e um relógio de prata não compravam um navio nem eram o começo de uma fortuna.

Além disso, ela gostava do peso das moedas no bolso. Seu tilintar soava como uma promessa. Davam confiança ao seu andar. Um pirata sem navio, era o que ela era, da cabeça aos pés. Mas um dia teria um navio e, então, navegaria para longe e ficaria livre daquela cidade miserável para sempre.

Enquanto Lila percorria os paralelepípedos, começou a elaborar uma lista mental (como frequentemente fazia) de todas as coisas de que precisaria para ser um pirata de verdade. Um par de botas de bom couro apropriadas para o mar, para começar. Uma espada com bainha, é óbvio. Já tinha uma pistola, Caster, linda como era, e suas facas, todas afiadas o suficiente para cortar. Mas todo pirata precisava de uma espada com bainha. Pelo menos aqueles que ela conhecera... e aqueles sobre os quais lera a respeito. Lila nunca tivera muito tempo para ler, mas *sabia* ler. Era uma boa habilidade para uma ladra, e acabara aprendendo rápido; ocasionalmente roubava livros, mas apenas aqueles sobre piratas e aventuras.

Então, um par de botas de boa qualidade, uma espada com bainha. Ah! E um chapéu. Lila possuía o preto de abas largas, mas não era muito vistoso. Não tinha sequer uma pena, um laço ou...

Lila passou por um garoto empoleirado em uma varanda algumas portas antes da Stone's Throw e diminuiu o passo, seus pensamentos se dispersando. O garoto usava roupas esfarrapadas e era magro, tinha metade da sua idade e estava tão sujo quanto uma vassoura de chaminé. Ele estendeu as mãos, as palmas para o céu, e Lila remexeu no próprio bolso. Não sabia o que a levava a fazer isso — talvez o seu bom humor ou o fato de a noite estar apenas começando —, mas deixou cair algumas moedas de cobre nas mãos em forma de concha do menino enquanto passava. Ela não parou, não falou e não recebeu agradecimento, mas o fez mesmo assim.

— Cuidado — disse Barron quando Lila alcançou os degraus da taverna. Ela não o ouvira sair. — Alguém pode pensar que há um coração por baixo disso tudo.

— Nenhum coração — retrucou Lila, puxando a capa para o lado e revelando a pistola no coldre e uma de suas facas. — Só isto.

Barron suspirou e balançou a cabeça, mas ela percebeu a ponta de um sorriso, e, por trás dele, algo como orgulho. Isso a fez se encolher.

— Tem algo para comer? — perguntou ela, cutucando o degrau com sua bota velha.

Ele indicou a porta com um gesto de cabeça, e Lila estava prestes a segui-lo taverna adentro para tomar uma cerveja e uma tigela de sopa (tinha moedas para gastar com isso, se ele as aceitasse), quando ouviu uma briga atrás de si. Ela se virou e viu um punhado de moleques de rua, três, mais novos que ela, agredindo o garoto de roupas esfarrapadas. Um dos moleques era gordo, o outro, muito magro, o terceiro, baixo, e todos obviamente encenqueiros. Lila observou o mais baixo bloquear o caminho do garoto. O gordo o empurrou contra a parede. O magro arrebatou as moedas das mãos dele. O garoto nem lutou. Apenas olhou para as mãos com um tipo de resignação sofrida. Elas estiveram vazias instantes antes e estavam vazias novamente.

Lila cerrou os punhos enquanto os três bandidos desapareciam por uma rua lateral.

— Lila — advertiu Barron.

Eles não valiam o esforço, Lila sabia. Ela furtava dos ricos por uma razão: eles tinham mais para ser roubado. Aqueles garotos provavelmente nada tinham que valesse a pena pegar além do que já haviam arrebatado do

garoto na rua. Algumas moedas das quais Lila obviamente não sentiria falta. Mas essa não era a *questão*.

— Não gosto desse olhar — falou Barron quando ela não entrou.

— Segure o meu chapéu.

Ela colocou a cartola nas mãos dele, ao mesmo tempo pegando e puxando o disfarce que estava guardado ali dentro.

— Eles não valem a pena — disse Barron. — E, caso não tenha notado, eles são três e você é apenas uma.

— Que falta de fé — declarou ela, desdobrando o macio chapéu de abas largas. — Além disso, é uma questão de princípio, Barron.

O dono da taverna suspirou.

— Princípio ou não, Lila, qualquer dia desses você vai acabar sendo morta.

— Você vai sentir minha falta? — perguntou ela.

— Como sentiria de uma coceira — respondeu ele.

Ela lhe lançou o esboço de um sorriso e amarrou a máscara ao redor dos olhos.

— Tome conta do garoto — pediu, puxando a aba do chapéu para esconder o rosto. Barron grunhiu quando ela pulou do degrau em que estava.

— Ei, você. — Ela ouviu Barron chamando o garoto empoleirado na varanda próxima, ainda encarando as mãos vazias. — Venha até aqui...

E então ela se foi.

II

Naresk Vas, 7.

Esse era o endereço escrito no envelope.

Kell estava quase sóbrio e decidira ir direto ao ponto de entrega e acabar logo com aquele acordo peculiar envolvendo a carta. Rhy não precisava saber. Kell inclusive deixaria a bugiganga, o que quer que fosse, em seu quarto na Ruby Fields antes de voltar ao palácio. Então poderia, com a consciência tranquila, retornar de mãos vazias.

Parecia um bom plano, ou pelo menos o melhor entre diversos planos ruins.

Porém, ao chegar à esquina da Otrech com a Naresk e o endereço no papel se tornar visível, Kell desacelerou e parou, então deu dois passos para o lado e mergulhou na sombra mais próxima.

Algo estava errado.

Não de uma forma óbvia, mas sentia sob sua pele, em seus ossos.

Naresk Vas parecia vazia, mas não estava.

Esta era a questão quando se tratava de magia. Estava em todos os lugares. Em tudo. Em *todos*. E enquanto fluía como um pulso lento e estável pelo ar e pela terra, batia mais forte nos corpos de coisas vivas. E, se Kell tentasse, se *procurasse*, conseguiria senti-la. Era um sentido, não tão forte como a visão, a audição ou o olfato, mas mesmo assim um sentido, e sua presença agora flutuava até ele das sombras do outro lado da rua.

O que significava que Kell não estava sozinho.

Ele prendeu a respiração e ficou parado no beco, os olhos fixos no endereço do outro lado da rua. E então viu algo se *mover*. Uma figura encapuzada pairava na escuridão entre os números 7 e 9 da *Naresk Vas*.

Kell não conseguia enxergar nada nela exceto o brilho de uma arma ao lado do corpo.

Por um segundo, Kell, ainda um pouco abalado por causa de seu encontro com os Dane, pensou que pudesse ser Olivar, o homem para quem se destinava a carta em seu poder. Mas *não poderia* ser Olivar. A mulher dissera que o homem estava morrendo, e ainda que estivesse bem o suficiente para encontrar Kell na rua, não poderia *saber* que o encontraria ali, não quando o próprio havia acabado de aceitar a tarefa. O que significava que não era Olivar. Mas, se não era ele, quem seria?

O perigo formigou na pele de Kell. Ele pegou a carta do bolso, estudando o endereço, então prendeu o fôlego ao quebrar o selo e abriu a carta. Kell teve de se controlar para não dizer um palavrão.

Mesmo no escuro, podia ver que o papel estava em branco.

Nada além de um pedaço de pergaminho dobrado.

Kell botou a cabeça para funcionar. Haviam lhe armado uma cilada.

Se eles, quem quer que fossem, não estavam atrás da carta, então...

Santo. A mão de Kell buscou o pacote que ainda estava em seu bolso. *O pagamento.* Quando seus dedos se fecharam sobre o tecido dobrado, aquela estranha sensação subiu novamente por seu braço. O que ele havia aceitado?

O que havia feito?

De repente, a sombra do outro lado da rua olhou para ele.

O papel nas mãos de Kell refletiu a luz da lanterna apenas por um segundo, mas foi o suficiente. A sombra avançou na direção do *Antari*.

E Kell se virou e correu.

III

Lila seguiu o grupo de bandidos pelas ruas sinuosas de Londres, presumindo que tomariam caminhos diferentes. Barron estava certo, as chances não eram muito boas contra os três juntos, então ela se decidiu por um deles. E, quando os três se transformaram em dois, e os dois por fim se separaram, ela seguiu seu alvo.

Estava atrás do mais magro, o moleque que havia arrebatado as moedas do pele-e-osso nos degraus. Ela se escondia nas sombras enquanto o seguia pelo labirinto de ruas estreitas, as moedas roubadas tilintando no bolso dele, um palito de madeira entre os dentes. Por fim, ele entrou em um beco, e Lila se manteve em seu encalço sem ser ouvida, vista ou notada.

Assim que ficaram sozinhos, ela diminuiu a distância entre eles com um único passo e levou a lâmina à garganta do moleque magricela, pressionando o suficiente para verter algum sangue.

— Esvazie os bolsos — rosnou ela com uma voz rouca.

Ele não se moveu.

— Tá cometendo um erro — disse ele, movendo o palito de madeira na boca.

Ela mudou a pegada para que a faca cravasse um pouco no pescoço dele, na altura da garganta.

— Estou?

Foi então que ela ouviu o som de diferentes passos apressados atrás de si e se abaixou bem a tempo de se desviar de um soco. Outro dos moleques havia aparecido, o baixinho desagradável, uma das mãos gordas fechada e a outra segurando uma barra de metal. E então, um instante depois, o gordo finalmente os alcançou, as faces vermelhas, ofegante.

— É *você* — disse ele, e por um momento Lila achou que o garoto a tinha reconhecido. Então percebeu que reconhecera o retrato falado no cartaz de procurado. — O Ladrão das Sombras.

O magro cuspiu o palito que estivera mastigando e abriu um sorriso.

— Parece que encontramos um prêmio, cavalheiros.

Lila hesitou. Ela sabia que poderia enfrentar um moleque de rua, quem sabe dois, mas três? Talvez, se eles ficassem parados, mas os garotos trocavam de lugar constantemente para que ela não pudesse ver todos de uma vez só. Ouviu o clique de um canivete sendo aberto e o bater da barra de metal contra as pedras da rua. Ela tinha a arma no coldre, a faca na mão e outra na bota, mas não seria rápida o suficiente para dar conta dos três.

— O cartaz dizia vivo ou morto? — perguntou o baixinho.

— Sabe, acho que não entrava nesse detalhe — disse o magro, limpando o sangue do pescoço.

— Acho que dizia morto — acrescentou o gordo.

— Mesmo que diga vivo — argumentou o magro —, acho que não se importarão se estiverem faltando alguns pedaços.

Ele investiu sobre Lila, e ela se esquivou, entrando acidentalmente no alcance do gordo. Ele tentou agarrá-la e ela o cortou, derramando sangue antes que o baixinho a agarrasse. Mas quando ele fechou os braços à volta do tórax dela, Lila sentiu o aperto ficar mais forte.

— O que temos aqui? — sibilou ele. — Nosso garoto é...

Lila não esperou que ele terminasse de falar. Pisou no pé do baixinho com tanta força que ele arquejou e a soltou. Apenas por um segundo, mas foi o suficiente para Lila fazer o que sabia que tinha que fazer, a única coisa que ela *detestava* fazer.

Ela fugiu.

IV

Kell podia ouvir os passos, primeiro de uma pessoa, depois duas e então três, ou talvez o terceiro ruído fosse somente a pulsação de seu coração enquanto ele corria pelos becos e ruas laterais. Não parou, não respirou até alcançar a Ruby Fields. Fauna, encontrando seu olhar no momento que ele entrou, franziu a sobrancelha grisalha — ele quase nunca entrava pela porta da frente —, mas ela não o deteve nem fez perguntas. Os passos haviam cessado alguns quarteirões atrás, mas ainda assim ele verificou as marcas na escada, enquanto subia para o quarto no topo, e na porta do cômodo: encantamentos vinculados ao prédio, à madeira e à pedra, projetados para manter o quarto escondido de todos os olhos exceto os dele.

Kell fechou a porta e se jogou contra a madeira conforme velas se acendiam pelo cômodo estreito.

Haviam armado uma cilada para ele, mas quem? E pelo *quê*?

Ele não tinha certeza se *queria* saber, mas precisava, então tirou o pacote roubado do bolso. Estava envolvido em um retalho de tecido desbotado cinza, e, quando ele o desembalou, uma pedra bruta caiu na palma de sua mão.

Era pequena o bastante para caber em um punho fechado, tão preta quanto o olho direito de Kell, e cantava em sua mão: uma vibração grave e profunda que chamava seu próprio poder como um diapasão, uma forquilha para afinar instrumentos. De igual para igual. Ressonando. Amplificando. O pulso dele se acelerou.

Parte dele queria largar a pedra. A outra parte queria segurá-la com mais força.

Quando Kell a segurou contra a luz das velas, viu que um dos lados estava trincado, como se tivesse sido quebrado, mas o outro era liso, e

nessa superfície lisa brilhava um símbolo debilmente.

O coração de Kell deu um solavanco quando ele o viu.

Nunca tinha visto a pedra antes, mas reconhecia a marca.

Estava escrita em um idioma que poucos sabiam falar e menos ainda utilizar. Um idioma que corria em suas veias como seu sangue e que pulsava em seu olho preto.

Um idioma em que ele pensava simplesmente como *Antari*.

Mas o idioma da magia não havia sempre pertencido exclusivamente aos *Antari*. Não, havia histórias. De um tempo em que outros podiam falar diretamente com a magia (mesmo que não a comandassem pelo sangue). De um mundo tão ligado ao poder que todo homem, mulher e criança eram fluentes na língua da magia.

A Londres Preta. O idioma da magia pertencera a eles.

Porém, após a queda da cidade, todas as relíquias haviam sido destruídas. Todos os resquícios em cada um dos mundos, forçosamente apagados como parte da limpeza, do expurgo, um modo de se proteger contra a praga de poder que os havia consumido.

Essa era a razão para não existirem livros escritos em *Antari*. Os poucos textos que ainda existiam eram fragmentos, feitiços coletados e transcritos foneticamente e passados adiante. O idioma original havia sido erradicado.

Ele sentiu calafrios ao vê-lo desenhado como deveria ser, não com letras, e sim em runas.

A única runa que ele conhecia.

Kell possuía um único livro na língua *Antari*, confiado a ele por seu tutor, Tieren. Era um diário de couro cheio de encantamentos de sangue: feitiços que conjuravam luz ou trevas, estimulavam o crescimento e quebravam outros encantamentos. Todos eles transcritos foneticamente e explicados; na capa, porém, havia um símbolo.

"O que significa?", perguntara ele ao tutor.

"É uma palavra", explicara Tieren. "Uma palavra que pertence a todos os mundos e a nenhum. A palavra para *magia*. Refere-se à sua existência e à sua criação..." Tieren encostara um dedo na runa. "Se a magia tivesse um nome, seria este", disse ele, tracejando as linhas do símbolo. "*Vitari*."

Agora Kell corria o polegar pela runa na pedra, o significado ecoando em sua mente.

Vitari.

Naquele momento, passos ecoaram na escada e Kell enrijeceu. Ninguém deveria ser capaz de ver aquela escada, quanto mais subir por ela, mas ele podia ouvir o barulho das botas. Como o haviam seguido até ali?

E foi então que Kell viu o desenho no retalho de tecido desbotado que havia envolvido a pedra e agora estava jogado sobre a cama. Havia símbolos rabiscados por todo o pano. Um feitiço de rastreamento.

Santo.

Kell enfiou a pedra no bolso e se atirou pela janela ao mesmo tempo que a pequena porta atrás de si era bruscamente arrombada. Ele se equilibrou no peitoril e pulou, atingindo com força a rua abaixo e rolando para se pôr de pé enquanto os intrusos invadiam seu quarto.

Alguém havia lhe armado uma cilada. Alguém queria que ele trouxesse uma relíquia proibida da Londres Branca para a cidade *dele*.

Uma figura pulou pela janela em seu encalço, e Kell se virou e viu que as sombras o alcançavam. Esperava ver dois deles, mas encontrou apenas um. A figura encapuzada desacelerou e parou.

— Quem é você? — exigiu Kell.

A sombra não lhe respondeu. Caminhou para a frente, pegando a arma em seu quadril, e, na luz fraca do beco, Kell viu um X marcado no dorso daquela mão. A marca de assassinos e traidores. Matadores de aluguel. Mas, quando o homem desembainhou a arma, Kell ficou paralisado. Não era uma adaga enferrujada, mas uma espada curta cintilante, e ele conhecia o símbolo gravado no cabo da lâmina. O cálice e o sol nascente. O emblema da família real. Era a lâmina empunhada pelos soldados da guarda real. E apenas por eles.

— Onde conseguiu isso? — rosnou Kell, a raiva percorrendo o seu corpo.

O assassino fechou os dedos sobre a espada, que começou a brilhar intensamente, e Kell enrijeceu. As espadas dos guardas reais não eram apenas belas ou afiadas; eram *encantadas*. O próprio Kell havia ajudado a criar o feitiço que corria pelo metal, um feitiço que anulava o poder de um mago com somente um corte. As lâminas eram projetadas para acabar com os conflitos antes mesmo que estes começassem, para remover a ameaça de retaliação mágica. Por causa de seu potencial e do medo de esse

potencial cair nas mãos erradas, os guardas reais eram instruídos a manter a arma com eles o tempo *todo*. Se um deles perdera a espada, provavelmente perdera a vida também.

— *Sarenach* — disse o assassino. *Renda-se*.

O comando pegou Kell de surpresa. Matadores de aluguel faziam pilhagens e derramavam sangue, não faziam prisioneiros.

— Baixe essa espada — ordenou Kell.

Ele tentou comandar a arma nas mãos do assassino, mas ela estava protegida. Mais um mecanismo para manter a lâmina a salvo de cair em mãos erradas. O que já havia acontecido. Kell praguejou e desembainhou a própria faca. Tinha uns bons trinta centímetros a menos que a lâmina real.

— Renda-se — disse o assassino de novo, a voz estranhamente calma.

Ele levantou o queixo, e Kell viu um cintilar de magia em seus olhos. Um feitiço de compulsão? Kell teve apenas um segundo para perceber o uso da magia proibida antes que o homem atacasse, a arma brilhante cortando o ar à sua frente. Ele se esquivou, desviando da espada ao mesmo tempo que uma segunda figura apareceu na outra extremidade do beco.

— Renda-se — disse o segundo homem.

— Um de cada vez — explodiu Kell. Ele levantou a mão no ar, e as pedras da rua estremeceram e depois se elevaram em um paredão de pedra e terra, bloqueando o caminho do segundo atacante.

Mas o primeiro prosseguiu, brandindo a lâmina e cortando o ar, e Kell moveu-se para trás e para fora do alcance da espada. Quase conseguiu: a espada atingiu seu braço, cortando o tecido e errando a pele por milímetros. Ele se esquivou quando a arma cortou novamente, mas desta vez acertou sua carne, talhando-a ao longo das costelas. A dor rasgou o peito de Kell enquanto o sangue brotava e escorria por seu abdômen. O homem investiu e Kell recuou um passo, tentando comandar as pedras da rua a se elevar entre eles. Elas estremeceram, mas permaneceram no lugar.

— Renda-se — ordenou o assassino com sua voz monótona.

Kell pressionou a mão na frente da túnica, tentando estancar o sangue enquanto se desviava de outro golpe.

— Não. — Ele girou a adaga na mão, pegou-a pela ponta e a atirou com toda a força que conseguiu.

A lâmina encontrou seu alvo e se enterrou no ombro do assassino. Porém, para o horror de Kell, o homem não deixou cair a própria arma.

Continuou vindo em sua direção. A dor nem ficou visível em seu rosto quando ele puxou a faca do ombro e a atirou ao longe.

— Entregue a pedra — falou, os olhos vazios.

A mão de Kell se fechou, protetora, sobre o talismã no bolso. Ela zumbiu entre seus dedos, e Kell percebeu, enquanto a segurava, que, mesmo que ele pudesse entregá-la (o que não podia e não faria, não sem saber para que servia e quem estava atrás dela), não *queria* abrir mão dela. Não suportaria a dor da separação. O que era um absurdo. E ainda assim algo nele ansiava por ficar com ela.

O assassino o atacou novamente.

Kell tentou dar outro passo para trás, mas seus ombros encontraram a barricada improvisada.

Não havia para onde correr.

A escuridão cintilou nos olhos do assassino, sua lâmina vibrou no ar, e Kell levantou a mão vazia e ordenou:

— Pare! — Como se isso fosse adiantar alguma coisa.

Mas, de alguma forma, adiantou.

A palavra ecoou pelo beco, e, entre uma reverberação e outra, a noite mudou à volta dele. O tempo pareceu desacelerar, assim como o assassino, assim como Kell, mas a pedra presa em sua mão ganhou vida. A magia de Kell havia sangrado pela ferida de suas costelas, mas a pedra cantava com poder, e uma fumaça densa e preta verteu de seus dedos. Percorreu o braço de Kell, passando por seu peito e pela outra mão estendida, e avançou pelo ar até o assassino. Quando a fumaça o alcançou, não o atacou nem o derrubou. Em vez disso, retorceu-se e se enrolou em volta do corpo, espalhando-se sobre suas pernas e braços e envolvendo seu peito. E todos os lugares em que tocou, tão logo encostou, ficaram paralisados, capturando o assassino entre um passo e outro, uma respiração e outra.

O tempo voltou ao normal e Kell arquejou, sua pulsação martelando nos ouvidos e a pedra cantando em sua mão.

A lâmina real roubada estava parada no meio do golpe, a centímetros de seu rosto. O próprio assassino estava imóvel, seu casaco congelado no ar atrás dele. Através da camada de gelo escuro, ou pedra, ou o que quer que fosse, Kell conseguia ver a forma endurecida do inimigo, os olhos abertos e vazios. Não o olhar inexpressivo dos enfeitiçados, mas o olhar vago dos mortos.

Kell encarou a pedra que ainda zumbia em sua mão e o símbolo brilhante em sua superfície.

Vitari.

A palavra para magia. Refere-se à sua existência e à sua criação.

Poderia também significar o *ato* de criação?

Não havia comando de sangue para *criar*. A regra de ouro da magia afirmava que ela não podia *ser* criada. O mundo era feito de doações e recepções, e a magia podia ser fortalecida ou enfraquecida, mas nunca se manifestar a partir do nada. E, ainda assim... ele estendeu a mão e tocou no homem paralisado.

Teria o poder sido de alguma forma conjurado pelo seu sangue? Mas ele não tinha dado um comando de sangue, não havia feito nada além de ter dito *Pare*.

A pedra havia feito o restante.

O que era impossível. Mesmo com a mais poderosa magia elemental era preciso mentalizar a forma que se pretendia moldar. Mas Kell não havia imaginado aquela casca paralisada. A pedra não tinha simplesmente seguido uma ordem. Tinha *interpretado*. Tinha *criado*. Teria sido dessa forma que a magia funcionara na Londres Preta? Sem muros, sem regras, sem qualquer coisa além de querer e realizar?

Kell se forçou a recolocar o talismã no bolso. Seus dedos não queriam abandoná-lo. Ele precisou de toda a sua concentração para largá-lo, e, no instante que a pedra escorregou de sua mão para o bolso, um calafrio o percorreu e o mundo oscilou. Ele sentiu-se fraco e ferido. Drenado. *Não recebi algo sem pagar um preço, afinal*, pensou Kell. Mas ainda era algo. Algo poderoso. Algo perigoso.

Tentou se erguer, mas a dor rasgou seu abdômen e ele gemeu, caindo sobre o muro do beco. Sem seu poder, não conseguiria comandar que a ferida se fechasse, não poderia sequer manter o próprio sangue em suas veias. Ele precisava recuperar o fôlego, precisava limpar a mente, precisava *pensar*, mas, naquele momento, as pedras às suas costas começaram a tremer, e Kell se afastou do muro um segundo antes de ele se desfazer, revelando a segunda figura encapuzada.

— Renda-se — disse o homem no mesmo tom de voz enfadonho de seu colega.

Kell não podia.

Não confiava na pedra, mesmo que estivesse comichando para pegá-la novamente. Não sabia como controlá-la, mas também não podia entregá-la, então se abaixou e resgatou a própria faca do chão. Quando o homem foi ao seu encontro, ele a cravou no peito do atacante. Por um segundo, Kell temeu que o homem não fosse cair, receando que a compulsão o mantivesse de pé da mesma forma que fizera com o outro. Kell enterrou profundamente a lâmina e a torceu por órgãos e ossos, até que finalmente os joelhos do homem cederam. Por um breve instante, o feitiço compulsório se quebrou e a luz invadiu os olhos dele novamente. E então se foi.

Não era a primeira vez que Kell matava alguém, mas, mesmo assim, se sentiu mal ao puxar a faca e ver o homem cair morto aos seus pés.

O beco oscilou e Kell segurou seu abdômen, lutando para respirar conforme a dor percorria seu corpo. E então ouviu outros passos a distância e se forçou a levantar. Tropeçou pelos corpos, o congelado e o caído, e correu.

Kell não conseguia estancar o sangue.

Encharcava sua camisa, o tecido colando no corpo enquanto corria, ou melhor, tropeçava pelo labirinto estreito de ruas que se juntavam como uma teia nos cantos da Londres Vermelha.

Ele apalpou o bolso para se certificar de que a pedra estava segura e um pulsar percorreu seus dedos quando a sentiu. Ele deveria ter corrido para o rio, deveria ter arremessado o talismã no Atol cintilante e o deixado afundar. Deveria, mas não o fez, e isso o deixou com um problema.

E o problema estava se aproximando.

Kell fez uma curva muito fechada e derrapou, chocando-se com um muro, reprimindo um arquejo de dor quando seu lado ferido colidiu com os tijolos. Não podia continuar correndo, mas tinha que escapar. Para algum lugar onde não fosse seguido.

Algum lugar onde não *pudesse* ser seguido.

Kell arrastou-se até parar e buscou pelo pingente da Londres Cinza no pescoço, arrancando o cordão pela cabeça.

Os passos ecoaram pesados e perto demais, mas Kell manteve a posição e pressionou a mão nas costelas ensopadas de sangue, estremecendo. Levou a palma da mão e a moeda às pedras do beco e disse.

— *As Travars*.

Ele sentiu as palavras correrem pelos lábios e estremecerem em sua mão simultaneamente.

Mas nada aconteceu. A parede permaneceu ali, assim como Kell.

A dor do corte da lâmina real o afligiu, queimando a lateral do corpo, o feitiço separando-o de seu poder.

— Não — implorou Kell sem emitir som algum.

A magia de sangue era a mais poderosa do mundo. Não podia ser anulada, não por um simples feitiço. Era mais forte. *Tinha* que ser mais forte. Kell fechou os olhos.

— *As Travars* — comandou novamente.

Ele não deveria ter que dizer mais nada, não deveria ter que forçar a magia, mas estava cansado, sangrando e lutando para manter os olhos concentrados, quanto mais seu poder, então acrescentou:

— Por favor.

Ele engoliu em seco e recostou a testa nas pedras, e ouviu passos se aproximando cada vez mais. Então disse novamente:

— *Por favor, deixe-me passar.*

A pedra zumbiu em seu bolso, uma débil promessa de poder, de ajuda, e ele estava a ponto de pegá-la e de convocar seu poder quando finalmente a parede estremeceu e cedeu ao seu toque.

O mundo desapareceu e um segundo depois reapareceu. Kell desmoronou na rua de paralelepípedos, e a luz estável da Londres Vermelha deu lugar à fria, úmida e enfumaçada noite da Londres Cinza. Ele permaneceu apoiado nas mãos e nos joelhos por um tempo, considerando seriamente a possibilidade de desmaiar ali mesmo no beco, mas conseguiu se colocar de pé. Quando o fez, a cidade inclinou-se perigosamente à sua volta. Deu dois passos e na mesma hora colidiu com um homem de máscara e chapéu de abas largas. Kell sabia que era estranho usar um disfarce, mas não estava em posição de julgar aparências, dado seu atual estado.

— Desculpe — murmurou ele, fechando a jaqueta para esconder o sangue.

— De onde você veio? — perguntou o homem.

Kell olhou melhor e percebeu que, sob aquele disfarce, não havia um homem. Era uma mulher. Nem isso. Uma garota. Toda empertigada como uma sombra, como Kell, como a sombra no fim do dia. Muito alta e magra. Mas estava *vestida* como homem: botas, calças e uma capa (e sob ela algumas armas cintilantes). E, é lógico, a máscara e o chapéu. Ela parecia ofegante, com se também estivesse correndo. Estranho, pensou Kell novamente.

Ele cambaleou um pouco.

— O senhor está bem, cavalheiro? — perguntou a garota disfarçada.

O som de passos ecoou na rua atrás do beco e Kell ficou tenso, forçando-se a lembrar que estava seguro agora, ali. A garota olhou rapidamente para trás antes de voltar sua atenção para ele. Kell deu um passo em direção a ela e suas pernas quase cederam sob seu corpo. Ela fez menção de segurá-lo, mas Kell se apoiou primeiro na parede.

— Ficarei bem — sussurrou ele, vacilante.

A garota meneou o queixo, e havia algo forte e desafiador em seus olhos e nas linhas de sua mandíbula. Uma provocação. E então ela sorriu. Não com a boca inteira, apenas as extremidades, e Kell pensou (de um modo distante e tonto) que em outras circunstâncias eles poderiam ter sido amigos.

— Tem sangue no seu rosto — disse ela.

Onde não havia sangue? Kell levou a mão à face, mas ela também estava ensopada de sangue e não ajudou muito. A garota se aproximou. Tirou um lenço pequeno e escuro de seu bolso e o estendeu, tocando levemente o queixo dele com o tecido antes de colocá-lo nas mãos dele.

— Fique com ele — falou ela.

E então se virou e foi embora.

Kell viu a estranha garota partir e em seguida se jogou contra a parede do beco.

Levantou a cabeça e encarou o céu da Londres Cinza, sem estrelas e sem vida sobre o topo das construções. Em seguida, buscou no bolso a pedra da Londres Preta e ficou paralisado.

Não estava mais ali.

Revirou furiosamente os bolsos, um por um, em vão. O talismã se fora. Sem fôlego, sangrando e exausto, Kell olhou para o lenço enfiado em sua mão.

Não podia acreditar.

Tinha sido roubado.





SEIS

**LADRÕES
SE
ENCONTRAM**

I

A uma Londres de distância, os sinos da cidade deram oito badaladas.

O som vinha do santuário nos limites da cidade, mas dobrava sobre o cintilante Atol e através das ruas, derramando-se em janelas abertas, saindo por portas abertas e rumando por becos até atingir a Ruby Fields e, um pouco adiante, a figura congelada de um homem no escuro.

Um homem com um X no dorso da mão e uma espada real roubada ainda elevada sobre sua cabeça. Um homem preso no gelo, ou na pedra, ou em algo ainda mais estranho.

Assim que o som dos sinos se dissipou, uma rachadura se formou na casca que cobria o rosto do homem. E depois outra, descendo por seu braço. E outra ao longo da lâmina. Pequenas fissuras que rapidamente se aprofundaram, alastrando-se por todo o invólucro.

Pare!, ordenara o jovem *Antari* a seu atacante, e este não havia escutado, mas a magia, sim. Vertera da pedra preta na mão do *Antari* e se enrolara no homem, endurecendo-o como uma casca.

E agora a casca estava se quebrando.

Não da forma como *deveria* se quebrar, com a superfície rachando e os fragmentos se esmigalhando e caindo na rua. Não, esta casca se partiu, porém não se soltou do homem. Ao contrário, agarrou-se a ele enquanto derretia, não escorrendo por seu corpo, mas *para dentro* dele. Sorvida por suas roupas e sua pele até desaparecer. Ou melhor, até ser *absorvida*.

O homem antes congelado estremeceu e então inspirou. A espada curta real escorregou de seus dedos e retumbou contra as pedras enquanto uma última centelha de magia cintilava como óleo em sua pele antes de ser absorvida e de suas veias escurecerem, tracejando-o como nanquim. A cabeça do homem pendia para a frente, os olhos abertos, porém vazios. E

completamente pretos; pupilas dilatadas espalhando-se pelas íris e pelas escleras.

O primeiro feitiço de compulsão lançado sobre ele havia extirpado sua resistência e permitido que a outra magia penetrasse sem dificuldade. Através das veias, do cérebro e dos músculos, dominando tudo que tocava, o cerne de vida antes vermelho agora queimando puro e negro.

Lentamente o homem, ou melhor, a coisa dentro dele, levantou a cabeça. Seus olhos pretos brilharam, lustrosos em contraste com a escuridão árida conforme ele analisava o beco. O corpo do segundo assassino jazia ali perto, mas já estava realmente morto, a luz se dissipara. Nada para salvar. Nada para queimar. Também não restara muita vida em seu próprio corpo, energia suficiente apenas para a magia se alimentar, mas serviria por enquanto.

Ele moveu os ombros e começou a andar, hesitante a princípio, como um homem desacostumado ao seu corpo. E então mais rápido e assertivo. Sua postura se endireitou e suas pernas seguiram em direção à luz e à construção mais próxima. A boca do homem formou um sorriso. Era tarde, mas os lampiões estavam acesos nas janelas, e risos altos, doces e promissores enchiam o ar como o som de sinos.

II

Lila cantarolava enquanto voltava à Stone's Throw.

Ao caminhar, ela começou a despir o disfarce; a máscara primeiro, seguida pelo chapéu de abas largas. Ela esquecera que os estava usando quando esbarrara no rapaz bêbado lá no beco, mas ele estivera tão entretido com a própria bebedeira que não parecera notar. Como parecera não notar sua mão no casaco dele enquanto lhe oferecia o lenço, ou seus dedos se fechando sobre o conteúdo do bolso ao empurrar o tecido escuro em sua mão. Um alvo fácil.

Verdade seja dita, ela ainda estava irritada consigo mesma por ter fugido, ou pior, por ter corrido para uma armadilha e ter *precisado* fugir do trio de moleques de rua. *Mas*, refletiu, fechando a mão sobre o peso satisfatório no bolso de sua capa, *o resultado acabou não sendo uma perda total*.

Conforme se aproximava da taverna, Lila tirou a bugiganga da capa e parou sob um poste para olhar melhor o fruto do roubo. Quando o fez, sentiu um aperto no coração. Ela esperava metal, algo de prata, ou ouro, mas era uma pedra. Não uma gema e tampouco uma joia. Nem mesmo um cristal. Parecia um seixo de rio, brilhoso e preto, um lado liso e o outro trincado, como se tivesse sido quebrado ou entalhado de uma pedra maior. Que tipo de cavalheiro andava por aí com pedras no bolso? Quebradas, ainda por cima?

Ainda assim, ela pensou ter sentido algo, um tipo de formigamento onde a pele tocava a superfície da pedra. Lila a segurou contra a luz e olhou de soslaio para a pedra um instante antes de ignorar a sensação e decidir que o objeto não tinha valor. Na melhor das hipóteses, somente valor sentimental. Seu humor azedou ao enfiar a pedra de volta no bolso e subir os degraus da Stone's Throw.

Mesmo com a taverna em plena atividade, Barron olhou para ela quando entrou, os olhos percorrendo do rosto ao disfarce dobrado sob o braço. Lila pensou ver uma centelha de preocupação, e isso a fez se encolher. Ela não era parente dele. Ele não era parente dela. Ela não precisava daquela preocupação, e ele não precisava daquele fardo.

— Encontrou problemas? — perguntou Barron quando Lila passou pelo balcão e seguiu diretamente para a escada.

Ela não estava com vontade de admitir que havia sido encurralada em um beco ou que havia fugido de uma briga, além do fato de seu último roubo ter sido um fracasso total, então simplesmente deu de ombros.

— Nada que eu não pudesse resolver.

O garoto magricela dos degraus estava sentado em um banco no canto da taverna, comendo uma tigela de sopa. Lila se deu conta de que estava com fome, ou melhor, com mais fome que o normal, pois não se sentia *totalmente saciada* havia anos. Mas ela também estava cansada e aliviada por perceber que a atração de seus ossos pela cama era maior que a de seu estômago pela mesa. Além disso, ainda não havia recuperado as moedas. Ela tinha dinheiro, é óbvio, mas precisava poupá-lo se quisesse um dia sair daquela taverna, daquela cidade. Lila sabia bem como era o ciclo: ladrões que roubavam o suficiente apenas para continuarem sendo ladrões.

Ela não tinha a intenção de se contentar com vitórias tão minguadas. E, agora que havia sido desmascarada — amaldiçoou o fato de três moleques de rua terem descoberto o que três dúzias de policiais não haviam conseguido —, roubar ficaria cada vez mais difícil. Ela precisava de alvos maiores; precisava deles o mais rápido possível.

Seu estômago roncou, e ela sabia que Barron lhe daria algo para comer sem exigir pagamento se ela lhe pedisse, mas Lila não podia. *Não o faria.*

Lila Bard podia ser uma ladra, mas não era uma mendiga.

E, quando ela partisse — e ela partiria —, tinha a sincera intenção de deixar ali todo o dinheiro que devia a ele, até o último centavo. Rumou escada acima.

No topo da estreita escadaria ficava um pequeno cômodo com uma porta verde. Ela se lembrou de quando bateu aquela mesma porta, atropelando Barron e descendo os degraus, deixando apenas seu ataque de cólera como rastro. Lembrava-se da briga: tinha roubado de um cliente e Barron a repreendera. O pior é que ele queria receber o dinheiro do

aluguel, mas a proibira de pagar pelo alojamento e pela alimentação com qualquer trocado “emprestado”. Queria apenas dinheiro honesto, e ela não tinha como consegui-lo, então ele se oferecera para pagá-la pela ajuda com os serviços da taverna. Ela recusara. Dizer sim teria significado ficar, e ficar significaria se estabelecer ali. No fim, fora mais fácil virar as costas e fugir. *Não sem rumo*, dissera Lila a si mesma. Não; Lila estava em busca de algo. Algo melhor. E mesmo que não o tivesse encontrado ainda, ela conseguiria.

"Isso não é vida!", gritara, o punhado de coisas que pertencia enfiado debaixo do braço. "Isso não é nada. Não é o bastante. Não é o bastante, droga!"

Ela ainda não havia adotado o disfarce, não havia sido ousada o suficiente para furtar abertamente.

Tem que haver mais, pensara ela. *Eu tenho que ser mais*.

Ela pegara o chapéu de abas largas de um gancho perto da porta quando saíra esbravejando. Não era dela.

Barron não tentara detê-la. Apenas saíra de seu caminho.

Uma vida que vale a pena viver é uma vida que vale a pena roubar.

Fazia quase um ano (onze meses, duas semanas e um punhado de dias) desde que ela havia saído intempestivamente do pequeno quarto na Stone's Throw, jurando que estava farta de ambos.

No entanto, lá estava ela novamente. Alcançou o topo da escada, cada degrau protestando contra a sua chegada tanto quanto ela mesma, e entrou.

A visão do quarto a encheu com uma mistura de repulsa e alívio. Cansada até os ossos, tirou a pedra do bolso e a largou na mesa de madeira ao lado da porta, produzindo um baque surdo.

Barron deixara a cartola na cama, e Lila afundou ao lado dela para desamarrar as botas. Estavam desgastadas até quase o limite, e ela se encolheu com o pensamento de quanto custaria para comprar um par decente. Não era algo fácil de roubar. Aliviar um homem de seu relógio de bolso era uma coisa. Aliviá-lo de seus sapatos era outra bem diferente.

Ela já havia desatado metade do cadarço da primeira bota quando ouviu um som emitido por alguém exausto, como um *ufa*, e levantou o olhar, encontrando um homem de pé em seu quarto.

Ele não havia entrado pela porta, que estava trancada, e ainda assim estava ali, uma das mãos ensanguentadas apoiada na parede. O lenço de

Lila estava enrolado entre a palma da mão e as tábuas de madeira, e ela pensou ter visto algum tipo de marca sombreada no lambri.

O cabelo dele cobria um dos olhos, mas ela o reconheceu instantaneamente.

Era o rapaz do beco. O bêbado.

— Devolva — disse ele, respirando pesadamente.

Ele tinha um leve sotaque, que Lila não soube situar.

— Como diabos você entrou aqui? — perguntou ela, pondo-se de pé.

— Você tem que me devolver. — Ali, à luz do pequeno quarto fechado, ela pôde ver a túnica grudada em seu peito, o brilho de suor em sua testa. — Você não deveria... ter... pegado...

Os olhos de Lila se dirigiram para onde a pedra estava apoiada na mesa, e o olhar dele os seguiu e parou. Ambos avançaram ao mesmo tempo sobre o móvel. Ou melhor, Lila avançou. O estranho tomou um impulso na parede naquela direção, cambaleou bruscamente e então desmaiou aos pés dela. A cabeça dele quicou de leve quando atingiu o chão.

Ótimo, pensou Lila, encarando o corpo dele. Ela cutucou o ombro de Kell com a ponta da bota e, como ele não se mexeu, ajoelhou-se e o rolou de barriga para cima. Parecia ter tido uma noite daquelas. Sua túnica preta estava grudada na pele; ela primeiro pensou se tratar de suor, mas, ao tocá-la, seus dedos ficaram vermelhos de sangue. Considerou a possibilidade de revirar os bolsos dele e jogar o corpo pela janela, mas notou o fraco movimento de seu peito na camisa manchada e percebeu que ele não estava, de fato, morto.

Ainda.

De perto, o estranho não parecia tão velho quanto ela havia pensado que era. Por baixo da fuligem e do sangue, sua pele era lisa, e seu rosto ainda guardava alguns traços de menino. Aparentava ser um ou dois anos mais velho que a própria Lila, não mais que isso. Quando ela tirou o cabelo acobreado da testa dele, as pálpebras tremularam e os olhos começaram a se abrir.

Lila recuou abruptamente. Um de seus olhos era de um delicado azul translúcido. O outro era totalmente preto. Não uma íris preta como em alguns homens do oriente que ela havia conhecido, mas um preto retinto e anormal, de ponta a ponta, sem qualquer traço de cor ou de branco.

Quando a visão dele voltou ao foco, Lila buscou pelo objeto mais próximo, um livro, e o golpeou. A cabeça dele pendeu para o lado e seu corpo relaxou. E como não mostrava sinais de que iria recobrar os sentidos, ela deixou o livro de lado e segurou-o pelos pulsos.

Ele tem cheiro de flores, pensou enquanto arrastava o corpo pelo chão.

III

Quando Kell voltou a si, estava amarrado à cama.

Uma corda áspera enrolava seus pulsos, prendendo-o à cabeceira atrás dele. Sua cabeça latejava, e uma dor lancinante irradiava pelas costelas quando ele tentava se mover. Mas ao menos o sangramento havia parado e, quando ele invocou seu poder, ficou aliviado de vê-lo responder ao chamado. O encantamento da espada real havia passado.

Depois de alguns instantes de autoavaliação, Kell percebeu que não estava sozinho no quarto. Levantando a cabeça do travesseiro, viu a ladra em uma cadeira aos pés da cama, dando corda em um relógio de bolso e o observando por cima dos joelhos. Ela havia abandonado o disfarce, e Kell ficou surpreso com o rosto que viu. Seu cabelo curto seguia a linha da mandíbula, que acabava em um queixo pontudo. Ela parecia jovem, porém sábia, magra de um jeito que lembrava um pássaro faminto. A única forma arredondada em seu rosto era a dos olhos, ambos castanhos, mas não exatamente do mesmo tom. Ele abriu a boca, pretendendo começar a conversa com uma pergunta do tipo *Poderia me soltar?* ou *Onde está a pedra?*, mas, em vez disso, ouviu-se dizendo:

— Um de seus olhos é mais claro que o outro.

— E um dos seus olhos é preto — revidou ela. Parecia cautelosa, mas não amedrontada. Ou então disfarçava muito bem. — O que você é?

— Um monstro — respondeu Kell ríspidamente. — Melhor me deixar ir.

A garota esboçou um leve sorriso de escárnio.

— Monstros não desmaiam na presença de damas.

— Damas não se vestem como homens e furtam bolsos — retrucou Kell.

O sorriso dela ficou mais mordaz.

— O que você é de verdade?

— Sou alguém preso à sua cama — disse Kell com naturalidade.

— E?

A testa dele franziu.

— E com problemas.

Isso, finalmente, surtiu nela uma expressão de surpresa.

— Além do fato óbvio de estar amarrado à minha cama?

— Sim — disse Kell, lutando para se sentar um pouco apesar das amarras, para que pudesse olhá-la nos olhos. — Eu preciso que me deixe ir e que me devolva o que roubou. — Ele examinou o cômodo tentando encontrar a pedra, mas ela não estava mais sobre a mesa. — Não vou entregar você — acrescentou ele. — Vamos fingir que isso nunca aconteceu, mas eu *preciso* dela.

Ele esperava que a garota olhasse, virasse ou mesmo se inclinasse na direção do talismã, mas ela permaneceu imóvel, seu olhar firme.

— Como entrou aqui? — perguntou ela.

Kell mordeu o canto da boca.

— Você não acreditaria em mim — respondeu com desdém.

A garota deu de ombros.

— Isso é algo que teremos que descobrir.

Ele hesitou. Ela não tinha hesitado ao ver seu olho, não o havia entregado ou gritado por socorro quando ele chegara ensanguentado através de uma parede em seu quarto. O mundo cinza sabia tão pouco de magia, havia esquecido tanto, mas havia algo no olhar dessa garota, um desafio, que o fez imaginar se ela provaria que ele estava errado. Se ela *seria capaz* de provar.

— Qual é o seu nome? — indagou Kell.

— Não mude de assunto.

— Não estou mudando de assunto — falou ele, enroscando os dedos em volta das cordas que o prendiam à cama. — Só quero conhecer minha captora.

Ela o avaliou por um instante antes de responder.

— Delilah Bard — disse ela. — Mas pode me chamar de Lila. — *Lila*. Um nome doce, porém pronunciado como uma faca, cortando na primeira sílaba, a segunda um mero sussurro de metal pelo ar. — E o meu prisioneiro?

— Kell. Meu nome é Kell, eu venho de outra Londres e entrei no seu quarto utilizando magia.

Com certeza os lábios dela se curvaram.

— Magia — ecoou ela secamente.

— Sim — confirmou Kell. — Magia.

Desta vez, quando pronunciou a palavra, agarrou as cordas com firmeza e elas pegaram fogo, queimando instantaneamente até virarem cinzas. Um pouco exibido, talvez, mas alcançou o efeito desejado. Lila enrijeceu visivelmente na cadeira quando Kell se sentou ereto na cama. Uma onda de tontura o percorreu e ele parou ali, esfregando os pulsos e aguardando que o quarto parasse de rodar.

— Especificamente — continuou ele. — Usei magia para fazer uma porta. — Kell procurou em sua roupa e descobriu que sua faca havia sumido. Ela o havia desarmado. Ele franziu a testa e jogou as pernas lentamente para fora da cama, as botas tocando o chão. — Quando você afanou meu bolso no beco, deixou seu lenço comigo. Assim, pude usá-lo para abrir uma porta, uma que me levasse até você.

O que era, a propósito, *muito* mais difícil do que parecia. Portas deviam levar até lugares, não pessoas. Essa foi apenas a segunda vez em que Kell conseguira ter sucesso ao utilizar a magia para encontrar alguém. Sem mencionar que havia sangrado poder por todo o caminho. Tinha sido demais. Os últimos resquícios de magia o levaram até ali, e então...

— Outra Londres — suspirou Lila.

— É.

— E você fez uma porta.

— Fiz.

— Usando magia.

— Isso.

Ele fitou os olhos dela esperando ver confusão, ceticismo, descrença e encontrou algo diferente. A expressão dela era neutra; não, *não* neutra. O olhar dela era intenso. Inquisitivo. Kell torceu para que ela não pedisse outra demonstração. Seu poder ainda estava se restabelecendo, e ele precisava poupá-lo.

Ela apontou para a parede, para onde ainda estava a marca sombreada.

— Acho que isso explica a marca.

Kell estranhou um pouco. A maioria das pessoas dali não conseguia ver os ecos dos encantamentos ou pelo menos não reparava neles. As marcas, como a maior parte da magia, passavam despercebidas do alcance de seus sentidos.

— E a pedra? — perguntou ela.

— Magia — respondeu ele. *Magia sombria. Magia poderosa. Magia mortal.* — Magia ruim.

Finalmente, Lila se traiu. Por uma fração de segundo, os olhos dela se voltaram para uma cômoda encostada na parede. Kell não hesitou. Investiu sobre a gaveta de cima, mas, antes que seus dedos tocassem na madeira, uma faca encontrou sua garganta. Aparecera do nada. Um bolso. Uma manga de camisa. Uma lâmina longa e fina estava aninhada bem abaixo de seu queixo. E o sorriso de Lila era tão afiado quanto o gume do metal.

— Sente-se antes que você caia, garoto mágico.

Lila abaixou a faca e Kell afundou lentamente ao pé da cama. E então ela o surpreendeu pela segunda vez ao apresentar o talismã, não depois de retirá-lo da gaveta de cima da cômoda onde havia insinuado, mas do nada. Num instante, a palma da mão dela estava vazia e, no seguinte, a pedra simplesmente apareceu ali, seu jogo de mãos impecável. Kell engoliu em seco, pensativo. Ele podia pegar aquela faca, mas ela provavelmente tinha outra. Pior, tinha a pedra. Lila era humana e nada sabia de magia, mas, se fizesse um pedido à pedra, talvez fosse atendida. Kell pensou no assassino congelado.

A garota correu o polegar sobre a pedra.

— O que há de tão ruim nela?

Kell hesitou, escolhendo as palavras.

— Não deveria existir.

— O que vale?

— A sua vida — afirmou Kell, cerrando os punhos. — Porque, acredite em mim, quem quer que esteja atrás de mim irá matar você em um piscar de olhos para reavê-la.

O olhar de Lila alcançou a janela.

— Você foi seguido?

Kell balançou a cabeça.

— Não — respondeu devagar. — Não podem me seguir até aqui.

— Então não tenho com que me preocupar.

A atenção dela se voltou para o talismã. Kell pôde ver a curiosidade ardendo e imaginou se a pedra a atraía como fizera com ele.

— Lila — disse ele calmamente. — Por favor, solte-a.

Ela apertou os olhos ao observar o símbolo na superfície da pedra, como se isso de alguma forma a ajudasse a ler.

— O que significa? — Kell não respondeu. — Se você me disser, eu a devolverei.

Kell não acreditou nela, mas respondeu mesmo assim.

— É o símbolo para magia — afirmou ele. — *Vitari*.

— Uma pedra mágica chamada "magia"? Não é muito original. O que ela faz?

— Não sei.

Era mais ou menos verdade.

— Não acredito em você.

— Não me importo.

Lila fez uma careta.

— Estou começando a achar que você não a quer de volta.

— Não quero — disse Kell, e isso era quase verdade, ainda que uma parte dele desejasse muito segurá-la de novo. — Mas eu preciso dela. E respondi à sua pergunta.

Lila analisou a pedra.

— Uma pedra mágica chamada "magia" — devaneou ela, girando-a na palma da mão. — O que me leva a crer o quê? Que ela *produz* magia? Ou produz coisas *com* magia? — A garota devia ter enxergado a resposta no rosto preocupado de Kell, porque sorriu triunfante. — Uma fonte de poder, então... — Parecia que ela estava conversando consigo mesma. — Posso produzir qualquer coisa? Fico me perguntando como funcio...

Kell tentou alcançar o talismã. A mão dele percorreu a metade da distância antes que a faca de Lila cortasse o ar e sua palma. Ele arquejou ao mesmo tempo em que o sangue pingou no chão.

— Eu avisei — disse ela, balançando a faca como se fosse um dedo em riste.

— Lila — pediu ele, exaurido, levando a mão ao peito. — Por favor. Devolva.

Mas Kell sabia que ela não o faria. Havia um brilho travesso em seus olhos, um olhar que ele conhecia e que já estivera nele próprio, conforme

os dedos dela se fechavam sobre a pedra. O que ela conjuraria? O que ela seria *capaz* de conjurar, essa humana magricela? Lila estendeu as mãos cerimoniosamente diante de si e Kell assistiu, meio curioso e meio preocupado, a uma fumaça emanar por entre seus dedos. A névoa enroscou-se na mão livre, retorcendo-se e se solidificando até surgir na outra mão uma bela espada com uma bainha elegante.

Os olhos dela arregalaram-se de choque e de prazer.

— Funcionou — sussurrou ela, um pouco para si mesma.

O punho da espada brilhava com o mesmo preto lustroso do olho de Kell e da pedra roubada, e, quando ela a desembainhou, o metal reluziu, também preto, à luz das velas, e sólido como qualquer espada forjada em aço. Lila deixou escapar um som de satisfação. Kell deixou escapar um suspiro de alívio ao ver a espada, sabendo que poderia ter sido algo pior, e a observou deixar a arma apoiada na parede.

— Então você viu — disse Kell, cuidadoso. — Agora entregue-a. — Lila não percebia, não tinha como perceber, que esse tipo de magia era *errado*, e que a pedra estava se alimentando da energia dela. — Por favor. Antes que você se machuque.

Lila olhou para ele com desdém e acariciou a pedra.

— Ah, não! — exclamou ela. — Estou apenas começando.

— Lila... — começou Kell, mas era tarde demais.

A fumaça preta já vertia por entre os dedos dela, em muito mais quantidade que antes, tomando forma no espaço entre eles. Só que, em vez de uma arma, moldou-se na forma de um jovem. Não qualquer jovem, Kell percebeu conforme as feições se suavizavam e se transformavam de fumaça em carne.

Era *Kell*.

A semelhança era quase perfeita, desde o casaco com a bainha desfiada até o cabelo avermelhado que caía sobre o rosto, cobrindo o olho preto. Porém, esse Kell não possuía um olho azul. Ambos brilhavam tão duros e pretos como a pedra na mão de Lila. A aparição não se moveu, não prontamente; apenas ficou de pé parada, esperando.

O Kell que *era* Kell olhou fixamente para o Kell que não era.

— O que pensa que está fazendo?

A pergunta era direcionada a Lila.

— Apenas me divertindo um pouco — respondeu ela.

— Você não pode sair por aí *fabricando pessoas*.

— Obviamente, eu posso — retrucou ela.

E, com isso, o Kell de olhos pretos começou a se mover. Ele despiu o casaco e o jogou na cadeira mais próxima. E, então, Kell assistiu horrorizado ao seu eco começar a desabotoar a túnica, um botão de cada vez.

Kell deu uma risada breve e sufocada.

— Você só pode estar brincando.

Lila apenas sorriu e girou a pedra na palma da mão enquanto o Kell que não era Kell despia devagar e provocativamente a túnica e ficava ali parado com o peito nu. Seus dedos começaram a abrir o cinto na calça.

— Tudo bem, já chega — vociferou Kell. — Disperse-o.

Ela suspirou.

— Você é tão sem graça.

— Isso *não tem* a menor graça.

— Talvez não para você — falou ela com um sorriso tolo enquanto o outro Kell prosseguia com o *strip-tease*, deslizando o cinto pelas passadeiras da calça.

Mas Lila não enxergou o que ele enxergava; o rosto do eco, que estivera inexpressivo, começava a *mudar*. Era uma alteração sutil na magia, algo vazio começando a se encher.

— Lila — insistiu Kell. — Por favor, me ouça. Disperse-o *agora*.

— Está bem, está bem — disse ela, encontrando o olhar do Kell de olhos pretos. — Hã... como eu faço isso?

— Você desejou que ele existisse — ponderou Kell, ficando de pé. — Agora deseje que ele vá *embora*. — Lila franziu a testa e o fantasma parou de se despir, mas não desapareceu. — *Lila!*

— Estou tentando — retrucou ela, segurando a pedra com mais força.

E então o rosto do Kell fantasma se contorceu, mudando rapidamente de vago para *raivoso*. Era como se *soubesse* o que estava acontecendo. Os olhos dele foram do rosto de Lila para a mão dela e de volta para o rosto. E então ele a atacou. Moveu-se tão rápido, que em um instante estava sobre ela. A pedra caiu das mãos de Lila quando o Kell que não era Kell bateu as costas dela na parede. Sua boca se abriu para falar, mas, antes que pudesse, suas mãos se dissolveram. *Ele* se dissolveu. Subitamente voltou à fumaça e depois ao nada, e Lila viu-se frente a frente com o Kell que *era* Kell. Sua

mão ensanguentada elevada no lugar onde a ilusão estivera, e seu comando, *As Anasae*, ainda ecoando pelo quarto.

Lila cambaleou e se apoiou na cômoda, seu breve momento de posse da pedra visivelmente cobrando um preço, da mesma forma que havia feito com Kell. Ela inspirou, trêmula, uma única vez antes de a mão ensanguentada de Kell se fechar em sua garganta.

— Onde está minha faca? — rosnou ele.

— Gaveta de cima — arfou ela.

Kell assentiu, mas não a largou. Em vez disso, agarrou o pulso dela e o prendeu à parede, ao lado de sua cabeça.

— O que você está fazendo? — explodiu a garota, mas Kell não respondeu.

Ele se concentrou na madeira e ela começou a estalar e a se deformar, a se desprender e crescer em volta do pulso dela. Lila lutou, mas em um instante estava feito. Quando Kell a soltou, a parede a manteve presa. Ele pegou a pedra no chão enquanto Lila se contorcia e lutava contra sua amarra improvisada.

— Que diabos...? — Ela tentou se desvencilhar das algemas de madeira ao mesmo tempo em que Kell se forçava a guardar a pedra no bolso. — Você destruiu a parede. Como poderei pagar por isso? Como poderei *explicar* isso?

Kell foi até a gaveta. Encontrou a maioria de seus pertences, agradecido por ela só ter vasculhado seu casaco preto, e sua faca.

— Você não pode me deixar aqui assim! — resmungou Lila.

Kell devolveu os pertences aos bolsos e passou o dedo nas letras familiares em sua lâmina antes de recolocá-la no coldre em seu antebraço. E então ele ouviu atrás de si o som de metal deslizando e sendo retirado do couro conforme Lila pegava outra adaga da bainha em suas costas.

— Se eu fosse você, não atiraria essa — disse ele, dirigindo-se para a janela.

— E por quê? — rosnou ela.

— Porque — disse ele, abrindo a janela — vai precisar dela para se soltar.

E, com isso, Kell subiu no peitoril e saltou.

Foi uma queda maior do que o esperado, mas ele pousou com um agachamento, o ar do beco movendo-se apressado para amenizar sua

queda. A janela pareceu ser a rota mais segura, uma vez que Kell não tinha certeza em que lugar na Londres Cinza estava nem em que tipo de casa havia sido mantido. Olhando da rua, percebeu que não se tratava de uma casa, mas de uma taverna, e então ele a contornou e viu a placa oscilando no ar noturno. Balançava das sombras até a luz do lampião e então de volta às sombras, mas Kell soube num vislumbre o que dizia.

stone's throw.

Kell não deveria ter ficado surpreso ao ver aquele nome, pois todos os caminhos pareciam terminar ali, mas isso mexeu com ele. *Quais as probabilidades?*, ponderou, mesmo sabendo que a magia driblava todas as probabilidades. Mas, ainda assim...

Kell teve um pressentimento estranho sobre a garota, mas ignorou aquela sensação.

Lila não importava. Ele tinha a pedra.

Agora precisava descobrir o que fazer com ela.

IV

Lila levou quase uma hora para golpear, cortar e serrar seu caminho para a liberdade. Quando a madeira se rendeu, por fim, à sua faca, a lâmina estava irreparavelmente sem corte, uma parte da parede, destruída, e ela, muito necessitada de uma bebida forte. Seu dinheiro não havia se multiplicado, mas para o inferno com a poupança: esta noite, precisava beber.

Ela esfregou os pulsos doloridos, jogou a faca sem corte sobre a cama e pegou sua outra adaga, ainda afiada, do chão onde a havia jogado. Um fluxo contínuo de palavrões saiu de sua boca ao limpar o sangue de Kell da lâmina, e mais uma série de questões encheu sua mente ao embainhar a arma. Mas ela afastou tudo aquilo e pegou o revólver da gaveta, guardando-o no coldre. Se tivesse estado com ele quando precisara, teria feito um buraco na cabeça de Kell.

Ainda estava xingando baixinho e vestindo a capa sobre os ombros quando algo lhe chamou atenção. A espada que havia conjurado ainda estava escorada na parede. O desgraçado não havia parado para dispersar *aquilo* quando saiu. Ela a pegou com cuidado. Era realmente belíssima, e Lila admirou o cabo preto e reluzente. Era exatamente como havia imaginado, até o último entalhe do punho. A bainha zumbiu em seus dedos da mesma forma que a pedra havia feito quando ela a segurara. Lila *queria* ficar com a lâmina, queria *continuar* segurando-a, com uma estranha e profunda sensação de desejo na qual ela não confiava. Lila sabia como era desejar algo, a forma como a vontade sussurrava, cantava e gritava em seus ossos. E essa sensação se parecia com isso, mas não era. Era uma ânsia impostora.

Ela se lembrou de como se sentira quando perdera a pedra, a tontura súbita e visceral que viera depois, como se toda a energia tivesse se

esvaído de seus membros. Roubada quando ela não estava olhando. De uma forma estranha, a sensação lembrou a Lila dos furtos aos bolsos, um truque de mãos astuto. Era assim que funcionava. Um truque adequado precisava de *duas* mãos, uma para desviar a atenção e a outra para passar despercebida. Lila havia se concentrado no truque diante de seus olhos, algo brilhante, por isso não notara a outra mão roubando de seu bolso.

Magia ruim, dissera Kell.

Não, pensou Lila. *Magia inteligente*.

E *inteligente* era mais perigoso que *ruim*, sempre. Lila sabia disso. E então, por mais que lhe doesse fazê-lo, ela se dirigiu à janela e atirou a espada para fora. *Boa viagem*, pensou enquanto via a espada cair nas pedras do beco abaixo.

Seu olhar se elevou para os telhados e chaminés, e ela se perguntou para onde Kell teria ido. Ela se perguntou isso, mas a pergunta levava a dezenas de outras, e, sabendo que nunca conheceria as respostas para qualquer uma delas, fechou a janela com força e foi buscar aquela bebida.

Um homem saiu cambaleando da Stone's Throw e quase caiu da escada. *Malditos degraus*, pensou ele, embriagado. Eles não tinham estado ali quando entrara na taverna algumas horas mais cedo. Ou, se tinham, haviam mudado de lugar, reorganizado-se de alguma forma. Talvez houvesse mais deles agora. Ou menos. Tentou contá-los, mas sua visão ficou turva e ele desistiu, cambaleando.

O nome do homem era Booth, e ele precisava mijar.

O pensamento se destacou em meio à sua confusão mental, claro como a luz. Booth arrastou as botas pelos paralelepípedos até o beco mais próximo (ele teve a decência de não se aliviar nos degraus, mesmo que eles *tivessem* surgido do nada).

Andou trôpego até a brecha estreita entre as construções, percebendo então como estava escuro: não conseguia enxergar a própria mão, nem se de repente ficasse sóbrio o suficiente para procurá-la. Mas, de qualquer jeito, seus olhos ficavam se fechando, então na verdade aquilo não importava.

Booth encostou a testa nas pedras frias do muro da taverna e mijou, cantarolando baixinho para si mesmo uma canção sobre mulheres e vinho

e... algo mais de que ele não se lembrava. Deixou a melodia seguir seu curso enquanto abotoava as calças, mas, quando retornava à entrada do beco, sua bota chutou algo no chão. O objeto derrapou raspando nas pedras da rua antes de encostar no muro, e ele o teria deixado ali, não fosse uma rajada de vento que atijou o fogo do lampião e espalhou uma claridade pelo beco escuro.

A nesga de luz refletiu no metal e os olhos de Booth se arregalaram. Ele podia ter bebido todas, mas a cobiça era algo capaz de deixar um homem sóbrio, e ele se viu de quatro no chão molhado do beco, tateando nas sombras até que seus dedos finalmente encontraram seu prêmio.

Booth se esforçou para ficar de pé e titubeou alguns passos até a luz mais próxima, e então viu que estava segurando a bainha de uma espada, a arma ainda a salvo dentro dela. O punho reluzia, nem prateado nem dourado, e sim preto. Preto como petróleo e liso como pedra. Ele fechou os dedos ao redor do cabo e retirou a espada da bainha, soltando um gemido baixo de satisfação. O metal da lâmina era brilhante e preto como o punho. Uma espada estranha, e que parecia rara. Booth sentiu o peso da arma com as mãos carnudas. Renderia uma boa quantia. Uma *excelente* quantia. Mas nos lugares certos, é lógico. Não poderiam pensar que era roubada, é lógico. Achado não é roubado... achado pode ser vendido, algo assim, por aí vai, é lógico.

Só que havia algo engraçado.

As pontas de seus dedos, encostadas no punho da espada, começaram a formigar. *Isso é um pouco estranho*, pensou, daquela forma lenta e distante que se pensa ao estar embriagado. Ele não se preocupou, não a princípio. Mas então tentou largar a arma e não conseguiu. Ordenou aos dedos que se soltassem, mas eles permaneceram firmes em volta do cabo preto e brilhante da espada.

Booth sacudiu a mão, primeiro devagar, depois vigorosamente, mas não conseguia libertar os dedos da arma. E então, do nada, o formigamento se tornou um choque, frio e quente e estranho ao mesmo tempo. Uma sensação muito *desagradável*, que se espalhou pelo braço, por debaixo da pele, e, quando ele tropeçou para trás e para perto da luz na entrada do beco, viu que as veias no dorso da mão, em seus pulsos e subindo seu antebraço, estavam ficando *pretas*.

Ele sacudiu a mão com mais força e quase perdeu o equilíbrio, mas ainda assim não parecia ser capaz de largá-la. A espada não o deixava fazê-lo.

— Solte! — rosnou ele, sem saber se falava com a própria mão ou com a espada presa a ela.

Em resposta, a mão que brandia a espada (e que parecia absolutamente não pertencer mais a ele) apertou o cabo. Booth arquejou quando seus dedos viraram a lâmina lentamente em direção à sua própria barriga.

— Que diabos! — praguejou ele, engalfinhando-se consigo mesmo, a mão livre lutando para afastar a outra.

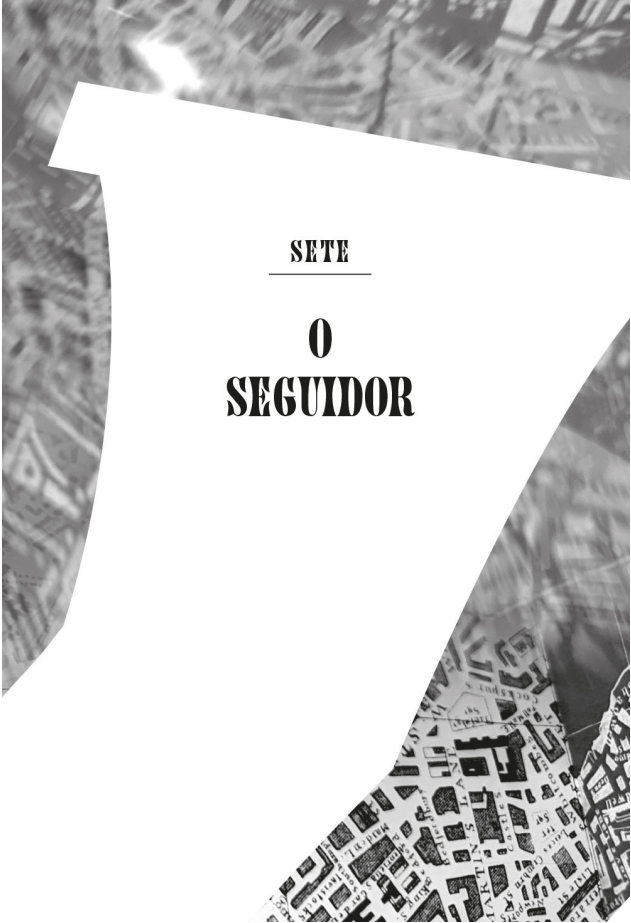
Mas não foi o suficiente. O que a estava dominando era mais forte e, com uma única e precisa estocada, a mão de Booth, aquela com a espada, enterrou-a até o punho em suas entranhas.

Ele se dobrou no beco com um gemido, a mão ainda fixa no cabo. A espada preta brilhou com uma luz interna e então começou a se *dissolver*. A arma reluzente derreteu e escorreu, não para baixo, mas para dentro, pela ferida, penetrando no corpo do moribundo. Em seu sangue. As batidas de seu coração falharam e então redobram, estáveis e fortes em suas veias conforme a magia se espalhava. O corpo dele estremeceu e então ficou imóvel.

Por um longo tempo, Booth, ou o que restava dele, ficou jogado ali no chão do beco, sem se mover, as mãos no abdômen onde a lâmina havia se cravado e onde agora restava apenas uma mancha preta como de nanquim, a textura de cera derretida. E então, lentamente, os braços escorregaram para os lados do corpo, as veias que o percorriam agora completa e verdadeiramente pretas. A cor da magia de verdade. Sua cabeça se ergueu e ele piscou dois olhos pretos, observando o entorno, depois a si mesmo, examinando sua forma. Ele flexionou os dedos cuidadosamente, testando-os.

E então, devagar mas com firmeza, ele se colocou de pé.



The background of the page is a grayscale aerial photograph of a city, showing a dense grid of streets and buildings. A large, white, irregular geometric shape, resembling a stylized letter 'A' or a torn piece of paper, is positioned in the center-left, partially obscuring the map. The text is centered within the white area.

SETE

0
SEGUIDOR

I

Lila poderia ter ido simplesmente ao saguão da Stone's Throw, mas já devia demais a Barron. Ele não aceitaria seu dinheiro, tanto por achar que ela precisava dele quanto por não pertencer de fato a ela, para início de conversa. E a garota precisava de ar fresco para refrescar as ideias.

Outras Londres.

Homens atravessando portas mágicas.

Pedras que produziam coisas a partir do nada.

Isso só acontecia em histórias.

Em *aventuras*.

Tudo isso estivera ao seu alcance. E então se fora. E Lila ficara se sentindo vazia, faminta e oca de um jeito novo e aterrorizante. Ou talvez fosse o mesmo tipo de fome que ela sempre sentira, e agora o que faltava tinha um nome: *magia*. Ela não tinha certeza. Tudo o que sabia era que, ao segurar a pedra, sentira algo. E, ao ver o olho preto de Kell, sentira algo. E quando a magia retorcera a madeira da parede em volta de seu pulso, sentira algo. Novamente as perguntas surgiram e novamente ela teve que afastá-las. Inspirou o ar da noite, espesso, úmido e pesado com a iminência da chuva, e arrastou-se pela teia de ruas atravessando Westminster até a Barren Tide.

A Barren Tide ficava perto da extremidade norte da ponte da região sul, enfiada entre Belvedere e York em uma ruela chamada Mariner's Walk, e Lila costumava parar ali em suas noites de maior sucesso antes de seguir para o navio de Powell (do seu ponto de vista, dessa forma restavam menos moedas para ele lhe tirar). Ela gostava da taverna porque era repleta de madeira escura e vidros embaçados. Sua aparência era rude, e seus frequentadores, ainda mais. Não era um bom lugar para furtos, mas ótimo para se misturar, desaparecer. Ela sentia pouco medo de ser

reconhecida ali, tanto como garota (a luz estava sempre fraca, e seu capuz, cobrindo a cabeça) quanto como foragido da polícia (a maioria dos clientes era procurada por *alguma coisa*).

Suas armas estavam à mão, mas ela não achava que fossem ser necessárias. Na Barren Tide, as pessoas tendiam a ficar na delas. Nas não tão raras ocasiões em que ocorria uma briga, os frequentadores ficavam mais preocupados com a segurança de suas bebidas (preferiam proteger uma jarra em uma mesa chacoalhando a ajudar o homem que a balançara ao cair). Lila achava que se alguém gritasse por ajuda no meio do salão, receberia pouco mais que um aceno com a caneca e com as sobancelhas.

Não era um lugar para ir todas as noites, com certeza. Mas era um lugar para aquela noite.

Só depois de estar perfeitamente acomodada no balcão e com os dedos fechados em volta de uma caneca de cerveja é que Lila deixou as perguntas ocuparem sua mente e fluírem. Os *porquês* e os *comos*, sobretudo os *e agora*, porque ela sabia que não poderia simplesmente voltar a não saber, a não ver e a não imaginar. E estava tão absorta que não notou que um homem se sentara ao lado dela. Não até ele falar.

— Está com medo?

Sua voz era grave, baixa e forasteira, e Lila olhou para ele.

— O quê? — perguntou ela, quase se esquecendo de manter a voz grossa.

— Está segurando a caneca com força — explicou o homem, apontando para os dedos dela, as juntas brancas.

Lila relaxou, mas só um pouco.

— Noite longa — falou ela, levando a cerveja morna aos lábios.

— E está apenas começando — devaneou o homem, bebericando de sua caneca de vidro.

Mesmo na Barren Tide, frequentada pelos mais diversos tipos de pessoas, o homem parecia deslocado. À luz fraca da taverna, ele parecia estranhamente... desbotado. Suas roupas eram cinza-escuro e ele usava uma capa simples e curta presa por uma fivela de prata. Sua pele era pálida, e a palidez era acentuada pela madeira escura do balcão sob suas mãos. Seu cabelo era de um tom estranho e sem vida, tentando ser preto. Quando ele falava, sua voz era segura sem ser doce, vazia de um jeito que lhe dava calafrios, e seu sotaque era arenoso.

— Você não é daqui, é? — perguntou ela.

Os cantos da boca dele se curvaram com a pergunta.

— Não.

Ele correu um dedo pela borda da caneca, distraidamente. Porém, não parecia distraído. Nenhum de seus movimentos parecia. Ele se movia com uma precisão lenta que deixava Lila nervosa.

Havia algo nele que era estranho e ao mesmo tempo desagradavelmente familiar. Ela não conseguia ver, mas *sentia*. E então se deu conta. Aquela sensação. Era a mesma que tivera olhando no olho preto de Kell, segurando a pedra, presa à parede. Um arrepio. Um formigamento. Um sussurro.

Magia.

Lila ficou tensa e torceu para que não tivesse demonstrado isso enquanto levava a cerveja à boca.

— Suponho que devemos nos apresentar — disse o estranho, virando-se em seu banco para que ela pudesse ver seu rosto. Lila quase engasgou com a bebida. Nada havia de errado com o ângulo de seu queixo, ou com a composição do nariz, ou com a linha de seus lábios. Mas com seus *olhos*. Um era verde acinzentado. O outro era completamente preto. — Meu nome é Holland.

Um arrepio a percorreu. Ele era como Kell e ainda assim inteiramente diferente. Olhar no olho preto de Kell havia sido como olhar para um mundo novo através de uma janela. Estranho e confuso, mas não assustador. Olhar no de Holland fez a pele dela se arrepiar. Coisas macabras dançavam sob aquela escuridão profunda. Uma palavra sussurrou em sua mente. *Corra*.

Ela não confiava em si mesma para erguer a caneca novamente — sua mão poderia tremer —, então a empurrou e casualmente tirou um xelim do bolso.

— Bard — falou seu sobrenome, à guisa de apresentação e ao mesmo tempo de despedida.

Lila estava prestes a se afastar do balcão quando o homem agarrou seu pulso, imprensando-o contra a madeira desgastada. Um arrepio subiu por seu braço ao toque dele, e os dedos de sua mão livre se contraíram, tentados a pegar a adaga sob a capa, mas ela resistiu.

— E seu nome, senhorita?

Ela tentou se desvencilhar, mas o aperto dele era forte como pedra. Nem parecia estar se esforçando.

— Delilah — rosnou ela. — Lila, se preferir. Agora me deixe ir se não quiser perder os dedos.

Novamente, os lábios dele se curvaram em algo que não era exatamente um sorriso.

— Onde ele está, Lila?

Ela sentiu um aperto no peito.

— Quem?

Holland a apertou mais forte em desafio. Lila estremeceu.

— Não minta. Posso farejar a magia dele em você.

Lila o encarou.

— Talvez porque ele a tenha utilizado para me algemar à parede depois que eu furtei algo dele e o amarrei a uma cama. Se você está procurando seu amigo, não olhe para mim. Nós nos conhecemos em condições ruins e nos separamos em condições piores ainda.

Holland afrouxou o aperto, e Lila respirou aliviada, alívio este que acabou no momento seguinte, ao ver Holland de pé de repente. Ela sequer o viu se mover. Ele a pegou bruscamente pelo braço e a arrastou em direção à porta.

— O que diabos você está fazendo? — explodiu Lila, as botas raspando o chão gasto enquanto ela tentava (e não conseguia) refrear seu avanço. — Eu já lhe disse, não somos amigos.

— Veremos — disse Holland, levando-a em direção à porta.

Os clientes da Barren Tide sequer levantaram os olhos de suas bebidas. *Desgraçados*, pensou Lila enquanto era brutalmente empurrada para a rua.

No momento em que a porta da taverna se fechou atrás deles, Lila buscou a pistola no cinto, mas, para alguém cujos movimentos pareciam tão lentos, Holland era rápido, inacreditavelmente rápido. Quando ela puxou o gatilho, acertou apenas o ar. Antes que o som do tiro se dissipasse, Holland reapareceu, desta vez atrás dela. Lila o sentiu ali, sentiu o ar mudar um segundo antes de uma das mãos dele se fechar em sua garganta, prendendo seus ombros ao peito dele. A outra mão pegou a pistola e encostou o cano na têmpora dela. Tudo havia acontecido em um piscar de olhos.

— Livre-se de todas armas — instruiu Holland. — Ou farei isso por você.

O modo como empunhava a pistola não era tenso; era de certa forma casual, confiante, e Lila tinha estado perto de assassinos por tempo suficiente para saber que aqueles que devia realmente temer eram os que seguravam suas armas com naturalidade, como se tivessem nascido com elas. Lila usou a mão livre para pegar a faca do cinto e jogá-la no chão. Puxou uma segunda de suas costas. Havia uma terceira que costumava manter na bota, mas que agora estava sobre sua cama, arruinada. A mão de Holland correu de sua garganta para seu ombro, mas ele ergueu a pistola como advertência.

— O quê, nada de canhões? — perguntou ele secamente.

— Você é louco — sibilou Lila. — Seu amigo Kell já está bem longe.

— Você acha? — perguntou Holland. — É o que vamos descobrir.

O ar à volta deles começou a estalar com energia. Com magia. E Holland tinha razão: dava para sentir o *cheiro*. Não de flores, como em Kell (flores e algo mais, algo herbal e fresco). Ao contrário, o poder de Holland tinha um cheiro metálico, como ferro quente. Chamuscava o ar.

Ela ponderou se Kell conseguiria sentir o cheiro, também. Se era isso o que Holland queria.

Havia algo mais na magia dele, não só um cheiro, mas também uma sensação, algo como raiva, ódio. Uma ferocidade que não era aparente nas linhas do rosto de Holland. Não. O rosto dele era de uma calma assustadora. Uma calma aterrorizante.

— Grite — disse ele.

Lila franziu o cenho.

— O que você... — A pergunta foi interrompida por dor. Um raio de energia, como um raio encapsulado, subiu pelo braço que ele segurava, dançando pela pele e eletrificando os nervos, e ela não conseguiu evitar o grito. E então, quase tão rapidamente quanto veio, a dor se foi, deixando Lila sem fôlego e tremendo. — Seu... desgraçado — rosnou.

— Chame o nome dele — instruiu Holland.

— Posso lhe garantir... ele não... virá — falou ela, atropelando as palavras. — Certamente não... por *mim*. Nós...

Outra onda de dor, esta mais forte, mais aguda, e Lila trincou os dentes para segurar o grito e esperar a dor passar. Mas desta vez não passou,

apenas piorou, e através dela Lila pôde ouvir Holland dizer calmamente:

— Talvez eu deva começar a quebrar seus ossos...

Ela tentou dizer *não*, mas, quando abriu a boca para responder, tudo que ouviu foi um grito, e então, como se encorajada, a dor piorou. Ela chamou o nome de Kell, apesar de saber que não adiantaria de nada. Ele não viria. Mas, talvez, se ela tentasse, esse louco poderia perceber isso e a deixaria ir. Procuraria outra isca. A dor a consumiu, e Lila se deu conta de que estava de joelhos, uma das mãos agarrando a pedra fria da rua e a outra retorcida às costas, ainda sob o aperto de Holland. Achou que ia vomitar.

— Melhor assim — falou Holland.

— Vá para o inferno — cuspiu ela.

Ele a pôs de pé, apoiada nele, e colocou a arma debaixo de seu queixo.

— Nunca usei um revólver — disse no ouvido dela. — Mas sei como funcionam. Seis tiros, não? Você disparou um. Se a arma estava totalmente carregada, sobraram cinco. Acha que consigo disparar o resto sem matar você? Humanos morrem tão facilmente, mas aposto que, se eu for esperto... — Ele deixou a arma escorregar pelo corpo dela, parando nos ombros, e no cotovelo, antes de deslizar pela lateral até a coxa e então parar no joelho. — Quanto mais rápido ele vier, mais rápido deixarei você ir. Chame o nome dele.

— Ele não virá — murmurou ela amargamente. — Por que você se recusa a acreditar...

— Porque conheço nosso amigo — respondeu Holland. Ele levantou a mão que segurava a arma, e Lila estremeceu de alívio quando o beijo de metal deixou sua pele e Holland botou o braço nos ombros dela. — Ele está próximo. Posso ouvir as botas dele nos paralelepípedos. Feche os olhos. Consegue ouvi-lo?

Lila apertou os olhos, mas tudo o que conseguiu ouvir foram as batidas de seu coração e os pensamentos correndo em sua mente. *Eu não quero morrer. Não aqui. Não assim.*

— Traga-o para mim — sussurrou Holland.

O ar começou a zumbir novamente.

— Não...

Os ossos de Lila incandesceram de dor. A sensação atravessou o crânio e foi até as botas velhas e depois voltou, e ela gritou. Então, de repente, a

agonia parou, o som morreu em seus lábios e Holland a soltou. Ela caiu na rua de paralelepípedos, as pedras ralando os joelhos e a palma das mãos quando ela se amparou.

Por trás do martelar em sua cabeça, ela ouviu a voz de Holland dizer:

— Aí está você.

Ela levantou a cabeça e viu Kell parado na rua, o estranho garoto mágico com seu casaco preto, parecendo ofegante e com raiva.

Lila não podia acreditar.

Ele tinha voltado.

Mas *por quê?*

Antes que ela conseguisse perguntar, ele olhou diretamente para ela, um olho preto, um azul e ambos arregalados, e disse uma única palavra:

— Corra.

II

Kell estava parado na ponte, debruçado sobre o parapeito e tentando descobrir como e por que haviam armado uma cilada para ele (a carta falsa, o pedido submisso, os assassinos enfeitiçados), quando sentiu o aroma da magia no ar. Não de um jeito sutil, e sim ostensivo. Um farol de luz em uma cidade escura. E uma assinatura que ele reconheceria em qualquer lugar. Metal quente e cinzas.

Holland.

Os pés de Kell o levaram em direção à magia e somente quando ele surgiu na parte sul da ponte foi que ouviu o primeiro grito. Deveria ter parado ali mesmo para pensar antes de agir. Era uma armadilha tosca e óbvia; a única razão para Holland emitir um sinal de seu poder era querer ser notado, e a única pessoa na Londres Cinza que o notaria era Kell. E, mesmo assim, Kell correu para lá.

Você foi seguido?, perguntara Lila.

Não. Não podem me seguir até aqui.

Mas Kell estava errado. Ninguém dos outros mundos poderia... exceto Holland. Ele era o único capaz de fazer aquilo e o tinha seguido, o que significava que estava atrás da pedra. Também significava que Kell deveria correr para longe da assinatura mágica e do grito, e não em direção a eles.

A voz gritou novamente, e desta vez ele estava perto o suficiente para reconhecer a fonte do grito que arranhava o ar pesado.

Lila.

Por que Holland teria ido atrás *dela*?

Mas Kell já sabia a resposta. Jazia pesada em seu peito. Holland fora atrás de Lila por causa *dele*. Em um mundo com tão pouca magia, cada resquício se destacava. E Lila teria vestígios, tanto da magia dele quanto

da pedra, por todo o corpo. Kell sabia como disfarçar a dele. Lila não tinha como saber. Ela era como uma tocha acesa.

É culpa dela, pensou Kell, seguindo depressa em direção ao grito. *A culpa é toda dela*.

Ele desceu a rua correndo, ignorando a queimação em suas costelas e a voz em sua cabeça que lhe dizia para deixá-la para trás e fugir enquanto podia.

Uma armadilha tosca e óbvia.

Ele cortou caminho pelo rio, através de um beco, seguiu um desvio e saiu com uma freada cambaleante em uma rua estreita bem a tempo de ouvir o grito cortante de Lila, de ver seu corpo caindo nos paralelepípedos. Holland estava de pé sobre ela, mas seus olhos se concentravam em Kell.

— Aí está você — falou Holland, como se estivesse feliz em ver o outro *Antari*.

Lila olhou para cima. Kell pensou rápido.

— Corra — disse Kell, mas Lila continuava olhando para ele. — Lila, vá.

Os olhos dela entraram então em foco e ela se levantou com dificuldade, mas Holland a segurou pelo ombro e pressionou a pistola na base de seu pescoço.

— Não, Lila — disse ele de um jeito calmo e ao mesmo tempo irritante. — Fique.

Kell cerrou os punhos.

— O que está acontecendo aqui, Holland?

— Você sabe muito bem. Você está com algo que não é seu.

A pedra pesou em seu bolso. Não, não era dele. Mas também não era de Holland. E certamente não pertencia ao trono branco. Se os Dane, sedentos de poder, possuísem o talismã, nunca teriam se desfeito dele, e muito menos o mandado para outro mundo. Mas quem o *faria*? Quem o *fizera*?

Com o poder dele, Astrid e Athos seriam praticamente invencíveis, sim, mas um plebeu também poderia usar a magia da pedra para se tornar rei. Em um mundo sedento de poder, por que alguém se daria a tanto trabalho para se livrar dele?

Medo, pensou Kell. Medo da magia e medo do que aconteceria se ela caísse nas mãos dos gêmeos. Astrid e Athos devem ter tomado

conhecimento da pedra e de seu desaparecimento, e enviaram Holland para pegá-la.

— Me passe a pedra, Kell.

Kell tentou ganhar tempo.

— Não sei do que você está falando.

Holland lançou-lhe um olhar intimidante. Seus dedos se fecharam um pouco mais, quase imperceptivelmente, no ombro de Lila, e o poder estalou pela pele dela. Ela mordeu os lábios para reprimir um grito e lutou para permanecer de pé.

— *Pare!* — ordenou Kell.

Holland parou.

— Preciso repetir? — perguntou ele.

— Apenas a deixe ir — pediu Kell.

— Primeiro a pedra — disse Holland.

Kell engoliu em seco enquanto tirava o talismã do casaco. Ele cantava nas pontas de seus dedos, querendo ser usado.

— Você pode tentar tirá-la de mim — falou ele. — Depois que a deixar ir.

Assim que as palavras deixaram os lábios de Kell, ele se arrependeu de tê-las dito.

O canto da boca de Holland curvou-se cruelmente. Ele retirou a mão, um dedo de cada vez, de Lila. Ela cambaleou para a frente e se virou para o *Antari*.

— Voe, passarinho — escarneceu ele, o olhar ainda fixo em Kell.

— *Vá!* — explodiu Kell.

Podia sentir os olhos de Lila presos nele, mas não seria tolo o bastante para deixar o próprio olhar desviar-se de Holland, não naquele momento, e ficou aliviado quando finalmente ouviu as botas ecoando nas pedras da rua. *Bom*, pensou. *Bom*.

— Isso foi burrice — falou Holland, jogando a pistola para longe como se a arma não fosse digna dele. — Diga-me, você é tão arrogante quanto parece, ou apenas ingênuo?

— Holland, por favor...

O olhar do *Antari* escureceu.

— Você olha para mim, Kell, e acha que somos parecidos. Que somos a mesma coisa, até, uma pessoa em dois caminhos divergentes. Talvez

você pense que nossos poderes nos unem. Permita-me corrigir seu equívoco. Não é porque compartilhamos uma habilidade, você e eu, que isso nos torna iguais.

Ele dobrou os dedos e Kell teve a leve sensação de que aquilo ia acabar mal. Holland lutara contra os Dane. Holland havia derramado sangue, vida e magia. Holland quase reivindicara o trono Branco para si.

Kell devia parecer uma criança mimada para o outro *Antari*.

Mas Kell ainda tinha a pedra. Era magia ruim, magia proibida, mas era algo. Ela o chamava, e ele segurou-a com mais força, o lado rachado entrando na palma de sua mão. O poder pressionava sua superfície, querendo entrar, mas ele resistiu, mantendo um muro entre a energia do talismã e a sua própria. Ele não precisava de muito. Precisava apenas conjurar algo inanimado, algo que refreasse Holland sem se voltar contra ambos.

Uma jaula, pensou ele. E então comandou. *Uma jaula*.

A pedra zumbiu em sua mão e uma fumaça preta começou a verter dentre seus dedos, e...

Mas Holland não esperou.

Uma rajada de vento irrompeu no ar e jogou Kell violentamente contra a porta de uma loja atrás dele. A pedra caiu de sua mão e as nuvens de fumaça se dissolveram quando o talismã atingiu a rua. Antes que Kell pudesse investir para pegá-lo, pregos de metal de outra porta se soltaram e cantaram pelo ar, perfurando seu casaco e o pregando à madeira. A maioria dos pregos furou apenas o tecido, mas um deles atingiu a carne, e Kell arquejou de dor quando este atravessou seu braço e a porta logo atrás.

— A hesitação é a morte da vantagem — devaneou Holland enquanto Kell lutava em vão contra a imobilização do metal.

Ele comandou que se movessem, mas Holland ordenou que ficassem, e o comando deste se provou mais forte.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Kell por entre os dentes cerrados.

Holland suspirou.

— Pensei que fosse óbvio — respondeu ele, caminhando na direção da pedra. — Estou limpando uma bagunça.

Enquanto Holland se aproximava do talismã, Kell lutava para se concentrar no metal que o segurava. Os pregos começaram a estremecer

conforme seu comando suplantava o do outro *Antari*. Eles se soltaram alguns centímetros, e Kell cerrou a mandíbula quando o que estava no braço se moveu. A atenção de Holland foi desviada quando ele se ajoelhou para pegar a pedra no chão.

— Não faça isso — advertiu Kell.

Mas Holland o ignorou. Pegou o talismã e se levantou, pesando a pedra na palma da mão. Seu comando e sua atenção estavam direcionados para a pedra, agora, e, desta vez, quando Kell se concentrou, os pregos que o prendiam estremeceram e se soltaram da parede, de seu casaco e de sua pele, caindo no chão na hora em que Holland erguia a pedra perto do lampião mais próximo.

— Solte-a — ordenou Kell, segurando o braço ferido.

Holland não soltou.

Em vez disso, levantou a cabeça e analisou a pequena pedra preta.

— Você já descobriu como funciona?

De repente, quando Kell se aproximou, os dedos finos de Holland cobriram a pedra. Um gesto tão pequeno, lento, casual, mas, no momento em que seu punho se fechou, uma fumaça preta verteu por entre seus dedos e envolveu Kell. Aconteceu muito rápido. Em um segundo ele estava avançando, e, no outro, suas pernas congelaram no meio do passo. Quando ele olhou para baixo, viu sombras se retorcerem em volta de suas botas.

— Fique imóvel — comandou Holland conforme a fumaça se transformava em pesadas correntes de ferro pretas que brotavam da rua e tinham ao se prender nos tornozelos de Kell, aferrolhando-o no lugar. Ao tocar nelas, queimaram suas mãos, e Kell se retraiu, sibilando de dor. — Convicção é a chave — observou Holland, correndo o polegar pela superfície da pedra. — *Você acredita que a magia é uma igual. Uma companhia. Uma amiga. Mas não é. A pedra é a prova. Ou você é mestre da magia ou seu servo.*

— Solte-a — disse Kell. — Nada de bom virá dela.

— Você está certo — retrucou Holland, ainda segurando a pedra. — Mas tenho minhas ordens.

Mais fumaça saiu do talismã e Kell se protegeu, só que a magia não se assentou, não tomou forma. Apenas espiralou e se contorceu à volta deles, como se Holland ainda não tivesse decidido o que fazer com ela. Kell conjurou uma rajada de vento, esperando dispersá-la, mas o vento passou

através, ondulando a capa de Holland, e deixando a magia sombria intocada.

— É estranho — disse Holland para si mesmo e para Kell. — Como uma pequena pedra pode realizar tanto.

Seus dedos se fecharam sobre a pedra, e então a fumaça envolveu Kell. Subitamente estava em todos os lugares, borrando a visão e forçando entrada no nariz e na boca, descendo pela garganta, asfixiando-o e sufocando-o.

E então se foi.

Kell tossiu, lutou para respirar e olhou para si mesmo, intocado.

Por um instante, pensou que a magia tinha falhado.

E então sentiu gosto de sangue.

Kell levou os dedos aos lábios, mas parou quando viu a palma da mão toda molhada de vermelho. Seus pulsos e braços pareciam úmidos também.

— O que... — Ele começou a falar, mas não conseguiu terminar.

Sentiu um gosto de cobre e sal na boca. Ele se dobrou e vomitou antes de perder o equilíbrio e cair de quatro na rua.

— Algumas pessoas dizem que a magia vive na mente, outras, no coração — falou Holland calmamente. — Mas você e eu sabemos que ela vive no sangue.

Kell tossiu de novo, e mais vermelho respingou no chão. Pingava do nariz e da boca. Brotava das palmas das mãos e dos pulsos. A cabeça de Kell girou e o coração acelerou conforme ele sangrava na rua. Não estava sangrando de uma ferida. Estava apenas sangrando. Os paralelepípedos começavam a ficar escorregadios. Ele não conseguia parar aquilo. Sequer conseguia se levantar. A única pessoa que poderia quebrar o feitiço o olhava de cima com uma resignação que beirava o desinteresse.

— Holland... ouça — implorou Kell. — Você pode... — Ele lutou para se concentrar. — A pedra... ela pode...

— Poupe o fôlego.

Kell engoliu e forçou as palavras a sair.

— Você pode usar a pedra... para *quebrar o seu selo*.

O *Antari* branco ergueu uma sobancelha cor de carvão, então balançou a cabeça.

— Não é *esta coisa* — falou Holland — que me vincula. — Ele se ajoelhou diante de Kell, com o cuidado de evitar o sangue espalhado. — É apenas o ferro que me marcou. — Ele puxou a gola para o lado para revelar a marca chamuscada na pele sobre o coração. — *Esta* é a marca.

A pele era um tanto prateada, a marca estranhamente recente, e, mesmo que Kell não pudesse ver as costas de Holland, sabia que o símbolo atravessava o corpo. *Um selo de alma*. Um feitiço queimado não apenas no corpo de alguém, mas em sua vida.

Inquebrável.

— Nunca enfraquece — contou Holland —, mas Athos a refaz de vez em quando. Sempre que julga que estou hesitando. — Ele baixou o olhar para a pedra na mão. — Ou quando está entediado. — Os dedos dele se fecharam mais forte em volta dela, e Kell tossiu mais sangue.

Desesperado, tentou alcançar os artefatos pendurados no pescoço, mas Holland chegou primeiro. Ele os puxou de debaixo da gola de Kell e arrebentou os cordões com um puxão rápido, jogando-os pelo beco. O coração de Kell apertou ao ouvi-los quicando para a escuridão. Sua mente percorreu os comandos de sangue, mas ele parecia não conseguir encontrar as palavras em sua cabeça, muito menos moldá-las. Todas as vezes que uma surgia, desmoronava, quebrada pela força assassina dentro dele. Sempre que tentava pronunciar uma palavra, sangue enchia sua boca. Ele tossia e se agarrava às sílabas, apenas para sufocar com elas.

— *As... An...* — gaguejava ele, mas a magia forçava o sangue a subir pela garganta, bloqueando a palavra.

Holland estalou a língua.

— Meu comando contra o seu, Kell. Você nunca vai vencer.

— Por favor. — Kell engasgou, a respiração irregular. A marca escura estava se espalhando rápido demais. — Não... faça isso.

Holland lançou-lhe um olhar de pena.

— Você sabe que não tenho escolha.

— *Crie uma!*

O cheiro metálico de sangue encheu a boca e a garganta de Kell. Sua visão falhou. Um dos braços cedeu.

— Está com medo de morrer? — perguntou Holland, como se estivesse genuinamente curioso. — Não se preocupe. É muito difícil matar um *Antari*. Mas eu não posso...

Ele foi interrompido pelo brilho de metal no ar e o som de ossos se quebrando quando um objeto se conectou com seu crânio. Holland tombou pesadamente, a pedra caindo de sua mão e rolando vários metros no escuro. Kell conseguiu se concentrar o suficiente para ver Lila de pé ali, segurando uma barra de ferro.

— Estou atrasada?

Kell deu um risinho atordoado que rapidamente se transformou em uma forte tosse. Sangue fresco manchou seus lábios. O feitiço não havia sido quebrado. As correntes em seus tornozelos começaram a apertar, e ele arquejou. Holland não estava atacando, mas a magia estava.

Ele tentou desesperadamente explicar a Lila, mas estava sem ar. Porém, felizmente, não precisou. Ela já tinha entendido. Pegou a pedra, esfregou-a no chão ensanguentado e então a segurou à sua frente, como uma lanterna.

— *Pare!* — ordenou ela.

Nada.

— *Vá embora.* — A magia vacilou.

Kell apoiou as mãos espalmadas na poça de sangue.

— *As Anasae* — tossiu ele, o comando passando por seus lábios sem que a força de Holland o empurrasse de volta.

E, desta vez, a magia ouviu.

Os feitiços se quebraram. As correntes em volta de suas pernas dissolveram-se completamente e os pulmões de Kell se encheram de ar. O poder preencheu o pouco de sangue que restava em suas veias. Ele sentia como se não restasse quase nenhum.

— Consegue ficar de pé? — perguntou Lila.

Ela o ajudou a se levantar, e o mundo inteiro balançou, a visão dele fraquejando por vários e terríveis segundos. Sentiu que ela o segurou com mais força.

— Calma — falou ela.

— Holland... — murmurou ele, sua voz soando estranha e distante em seus próprios ouvidos. Lila olhou para trás, para o homem estatelado no chão. A mão dela se fechou sobre a pedra e fumaça verteu.

— Espere... — pediu Kell, trêmulo.

Mas as correntes já haviam começado a se formar, primeiro em fumaça e depois no mesmo metal preto do qual ele acabara de escapar.

Pareciam brotar da rua e se enrolar ao corpo de Holland, à sua cintura, aos pulsos e tornozelos, prendendo-o ao chão úmido como haviam feito com Kell. Não o segurariam por muito tempo, mas era melhor que nada. Primeiro Kell ficou maravilhado com a maneira como Lila conseguira conjurar algo tão específico. Então se lembrou de que ela não precisava ter poder. Bastava apenas querer algo. A pedra fazia o restante.

— Chega de magia — advertiu ele conforme ela guardava a pedra no bolso, o desgaste aparecendo no seu rosto. Ela o havia soltado por um instante, e Kell quase caiu quando deu um passo à frente, mas ela estava novamente ali para pegá-lo.

— Fique firme — disse Lila, passando o braço dele sobre seus ombros estreitos. — Preciso só achar a minha arma. Fique comigo.

Kell agarrou-se à consciência o quanto pôde. Mas o mundo estava perigosamente silencioso, e a distância entre seus pensamentos e seu corpo, cada vez maior. Ele não sentia dor no braço onde o prego lhe atingira, não conseguia sentir quase nada, o que o assustava mais do que a escuridão insistente. Kell havia lutado antes, mas nunca daquela forma, nunca pela própria vida. Tivera sua cota de brigas (a maioria por culpa de Rhy) e sua cota de arranhões, mas sempre saíra intacto. Nunca fora gravemente ferido, nunca lutara para manter o próprio coração batendo. Agora temia que, se parasse de brigar, se parasse de forçar os pés a se manterem firmes e os olhos a se abrirem, poderia realmente morrer. Não queria morrer. Rhy nunca o perdoaria se morresse.

— Fique comigo — ecoou Lila.

Kell tentou se concentrar no chão sob suas botas. Na chuva que começara a cair. Na voz de Lila. As próprias palavras pareciam se tornar um só borrão, mas ele se agarrou ao som enquanto lutava para manter a escuridão longe. Aguentou enquanto ela o ajudava a atravessar a ponte aparentemente interminável, a seguir pelas ruas que se curvavam e se inclinavam ao redor dos dois. Ele aguentou enquanto mãos, as de Lila e depois as de mais alguém, o arrastaram por uma porta, depois subiram um lance de escada com degraus velhos até um quarto e o despiram de suas roupas encharcadas de sangue.

Aguentou até que sentiu uma cama sob seu corpo, a voz de Lila parou, e a ameaça se foi.

E então finalmente, de bom grado, mergulhou na escuridão.

III

Lila estava encharcada até os ossos.

Após atravessar a metade da ponte, o céu finalmente desabara. Não fora uma garoa, o normal em Londres, mas um aguaceiro. Em instantes, eles tinham ficado encharcados. Isso certamente não tornara mais fácil a tarefa de arrastar um Kell semiconsciente. Os braços de Lila ardiam, e ela quase caíra duas vezes. Quando chegaram à porta dos fundos da Stone's Throw, Kell estava quase inconsciente, Lila tremia, e tudo em que ela conseguia pensar era que devia ter continuado a correr.

Ela não havia sobrevivido e ficado livre por todo esse tempo por parar e ajudar qualquer tolo que se metia em problemas. Mal conseguia manter a si mesma *longe* de problemas, e o que quer que Holland fosse, era certamente um problema.

Mas Kell tinha voltado.

Ele não precisava, não tinha nenhuma razão para isso, mas voltara assim mesmo, e o peso disso se agarrara a Lila quando ela fugira, desacelerando-a até finalmente parar suas botas. Mesmo quando ela se virara e correria de volta, uma pequena parte sua esperava que fosse tarde demais. Esperava que eles já tivessem sumido. Mas o restante dela queria chegar a tempo, ao menos para saber *por quê*.

Por que ele voltara?

Lila lhe fizera essa pergunta enquanto o colocava de pé. Mas Kell não respondera. A cabeça dele estava recostada em seu pescoço. Que diabos tinha acontecido? O que Holland tinha feito com ele?

Lila sequer conseguia dizer se Kell ainda estava sangrando; ela não via nenhuma ferida óbvia, mas ele estava coberto de sangue e isso a fez desejar ter acertado Holland uma segunda vez, por segurança. Kell soltara um som baixo, entre um arquejo e um gemido, e Lila começara a falar,

com medo de que ele pudesse morrer em seus braços, e isso seria de alguma forma culpa dela, mesmo ela tendo voltado.

— Fique comigo — dissera, colocando o braço dele em seu ombro.

Com o corpo de Kell tão próximo ao dela, tudo em que conseguia pensar era o cheiro. Não de sangue, que não a incomodava, mas nos *outros* perfumes, aqueles que se agarravam a Kell e a Holland. Flores e terra, metal e cinzas.

Posso farejar a magia dele em você.

Era isso? O perfume da magia? Ela tinha sentido de leve quando arrastara o corpo de Kell pelo chão do seu quarto. Mas depois, com o braço dele em seu ombro, o aroma era avassalador. Os vestígios de aço queimado de Holland ainda pairavam no ar. E ainda que a pedra estivesse guardada em seu bolso, ela podia farejá-la também, o cheiro se espalhando pelo beco. Cheiro de mar e madeira queimada. Sal e escuridão. Ela sentiu um instante de orgulho pela capacidade de seus sentidos, até se lembrar de que não sentira o cheiro das flores de Kell ou da fumaça da pedra nela mesma quando se dirigira à Barren Tide, ou quando se sentara ao balcão e Holland a localizara através de ambos.

Mas a chuva caía pesada e constante, e logo ela não sentia mais cheiro algum a não ser o da água nas pedras. Talvez seu olfato não fosse forte o suficiente. Talvez o cheiro da magia ainda estivesse ali, sob a chuva. Ela não sabia se os aromas *podiam* ser expurgados ou ao menos suavizados pela umidade, mas esperava que a tempestade ajudasse a encobrir a trilha que deixavam.

Ela estava no meio da escada, as botas de Kell deixando água tingida de vermelho pelo caminho, quando uma voz a fez parar.

— O que em *nome de Deus* você está fazendo?

Lila virou-se e viu Barron, e Kell quase lhe escapou. Ela o pegou pela cintura no último instante, salvando-o por pouco de cair pelos degraus.

— Longa história. Corpo pesado.

Barron olhou de relance para a taverna, gritou algo para a atendente e subiu os degraus com um trapo jogado nos ombros. Juntos eles içaram o corpo encharcado de Kell pelo restante da escada até o pequeno quarto no topo.

Barron segurou a língua enquanto tiravam o casaco molhado de Kell e sua camisa manchada e o deitavam na cama de Lila. Ele não perguntou

onde ela encontrara aquele estranho ou por que não havia ferida que explicasse a trilha de sangue que ele deixara na escada da taverna (mesmo que o talho em suas costelas ainda estivesse bem vermelho). Quando Lila percorreu o quarto à procura de algo para queimar (no caso de a chuva não ter sido suficiente para esconder o cheiro deles e de o perfume da magia de horas antes ainda permanecer no quarto) e voltou de mãos vazias, Barron nada perguntou. Apenas desceu e pegou algumas ervas na cozinha.

Ele observou silenciosamente enquanto ela segurava a tigela cheia de plantas sobre uma vela e deixava o quarto se encher com o cheiro terroso que nada tinha a ver com Kell, Holland ou magia. Permaneceu ali enquanto ela vasculhava os bolsos do casaco de Kell (que acabou se revelando muitos casacos dobrados de alguma forma em um só) à procura de algo, qualquer coisa, que ajudasse a curá-lo. Ele era um mago, afinal, e todo mundo sabe que magos carregam magia consigo. E Barron nada disse quando ela enfim tirou a pedra preta do bolso e a colocou em uma pequena caixa de madeira, depositando ali também um punhado de ervas mornas antes de enfiar tudo na última gaveta de sua cômoda.

Foi apenas depois que Lila se jogou em uma cadeira ao pé da cama e começou a limpar sua pistola que Barron finalmente falou:

— O que você está fazendo com esse homem?

Os olhos dele se estreitaram.

Lila levantou o olhar da arma.

— Você o conhece?

— De certa forma — respondeu Barron, misterioso.

— Então você sabe o que ele é? — perguntou ela.

— *Você* sabe? — desafiou Barron.

— De certa forma. Primeiro, achei que fosse um simples alvo.

Barron correu a mão pelo cabelo e Lila percebeu pela primeira vez que os fios estavam rareando.

— Meu Deus, Lila — resmungou Barron. — O que você roubou dele?

Os olhos de Lila apontaram para a última gaveta da cômoda, depois voltaram para Kell. Ele parecia mortalmente pálido em contraste com o cobertor escuro da cama e não se mexia, exceto pelo fraco subir e descer de seu peito.

Lila o analisou, o jovem mago em sua cama, antes tão reservado, agora tão exposto. Vulnerável. Os olhos dela acompanharam as linhas do seu

abdômen, passando pelas costelas feridas e alcançando a garganta. Depois passaram pelos braços dele, nus exceto pela faca amarrada ao antebraço. Ela não a tocara desta vez.

— O que aconteceu? — indagou Barron.

Lila não tinha certeza de como responder. Havia sido uma noite muito estranha.

— Eu roubei algo e ele veio procurar — disse ela calmamente, incapaz de desviar os olhos do rosto de Kell. Ele parecia mais jovem quando dormia. — E pegou de volta. Pensei que era o fim da história. Mas havia mais alguém procurando por ele. E essa pessoa acabou me encontrando... — Lila fez uma pausa, depois recomeçou. — Ele salvou minha vida — disse ela, também para si mesma, a testa franzida. — Não sei por quê.

— Então você o trouxe aqui.

— Desculpe — pediu Lila, virando-se para Barron. — Eu não tinha outro lugar para ir. — As palavras feriram mesmo sendo ditas por ela mesma. — Assim que ele acordar...

Barron balançou a cabeça negativamente.

— Prefiro vocês aqui do que mortos. A pessoa que fez isso... — Ele apontou para o corpo de Kell. — Está morta?

Lila sacudiu a cabeça, negando.

Barron franziu o cenho.

— É melhor você me descrever essa pessoa, para que eu possa reconhecê-la e não deixá-la entrar.

Lila descreveu Holland da melhor forma que pôde. Sua aparência pálida. Seus olhos de duas cores.

— Ele passa a mesma sensação de Kell — acrescentou ela. — Se é que isso faz algum sentido. É como...

— Magia — disse Barron com naturalidade.

Lila arregalou os olhos.

— Como você...?

— Administrando uma taverna, a gente conhece pessoas de todos os tipos. Administrando *essa* taverna, a gente conhece pessoas de todos os tipos e mais alguns outros.

Lila percebeu que estava tremendo, e Barron foi procurar outra túnica para Kell enquanto ela se trocava. Voltou com uma toalha extra, uma pequena pilha de roupas e uma tigela de sopa fumegante. Lila sentiu-se

mal e ao mesmo tempo agradecida. A gentileza de Barron era como uma maldição, porque Lila sabia que não havia feito nada para merecê-la. Não era justo. Barron nada devia a ela. Ela é que devia muito a ele. Muito mesmo. Isso a deixava louca.

Ainda assim, sua fome havia se equiparado ao seu cansaço, e o frio que sentia na pele estava rapidamente chegando aos ossos, então ela tomou a sopa e murmurou um agradecimento. E adicionou o custo ao valor que já devia, como se esse tipo de dívida pudesse algum dia ser paga.

Barron os deixou a sós e desceu. Lá fora, a noite prosseguiu seu curso. E a chuva também.

Ela não se lembrava de ter sentado, mas acordou mais ou menos uma hora depois em sua cadeira de madeira com um cobertor jogado nos ombros. Estava dolorida, e Kell ainda dormia.

Lila girou o pescoço e se inclinou para a frente.

— Por que você voltou? — perguntou ela de novo, como se Kell pudesse responder dormindo.

Mas ele não o fez. Não balbuciou. Não se remexeu. Apenas ficou deitado ali, tão pálido e imóvel que de vez em quando Lila segurava um espelho em frente ao rosto dele para ter certeza de que não havia morrido. Seu peito nu subia e descia, e ela notou que, além das feridas atuais, ele tinha algumas cicatrizes. Uma linha desvanecida no ombro. Outra, mais recente, atravessando a palma da mão. A sombra de uma marca na dobra do cotovelo.

Lila possuía cicatrizes demais para contar, mas era capaz de contar as de Kell. E contou. Diversas vezes.

A taverna abaixo ficou silenciosa e Lila se levantou, queimou mais algumas ervas, deu corda em seu relógio de prata e esperou que Kell acordasse. O sono pesava em seus ossos, mas, todas as vezes que ela pensava em descansar, imaginava Holland atravessando a parede da mesma forma como Kell fizera. A dor ecoou por seu braço onde ele a segurara, deixando uma pequena queimadura irregular como relíquia, e os dedos dela foram para a pistola no quadril.

Se tivesse outra chance de atirar, não erraria.





OITO

UM
ACORDO

I

Kell acordou na cama de Lila pela segunda vez naquela noite.

Ao menos desta vez, ele descobriu, não havia cordas. Suas mãos repousavam ao lado do corpo, contidas apenas pelo áspero cobertor colocado sobre ele. Levou um segundo para lembrar que estava no quarto de Lila, na cama de Lila, e para organizar as lembranças sobre Holland, o beco e seu sangue. E sobre o que acontecera depois: o apoio de Lila e a voz dela, constante como a chuva. Esta já tinha parado de cair, a luz suave da manhã despontava lentamente no céu, e, por um instante, tudo o que Kell queria era estar em casa. Não no quarto pobre da Ruby Fields, mas no palácio. Ele fechou os olhos e quase pôde ouvir Rhy batendo à sua porta, dizendo para que se aprontasse porque as carruagens estavam esperando, assim como o povo.

"Apronte-se ou ficará para trás", diria o príncipe, invadindo o quarto.

"Então me deixe", resmungaria Kell.

"Sem chance", responderia Rhy com seu melhor sorriso de príncipe.

"Hoje, não."

Uma carroça rangeu do lado de fora, Kell piscou, e a imagem de Rhy desapareceu.

Será que já estariam preocupados com ele, a família real? Teriam alguma ideia do que estava acontecendo? Como poderiam ter? Nem Kell tinha. Sabia apenas que estava com a pedra e que precisava se livrar dela.

Tentou se sentar, mas seu corpo protestou e ele teve de morder a língua para não fazer barulho. Sua pele, seus músculos, até seus ossos... tudo doía de uma forma constante e terrível, como se ele inteiro fosse um grande machucado. Até os batimentos de seu coração dentro do peito e a pulsação de seu sangue nas veias pareciam doloridos, tensos. Ele se sentia morto. Era o mais perto que já havia chegado da morte e o mais perto que

desejava chegar. Quando a dor, ou pelo menos o primeiro choque de senti-la, melhorou, ele se forçou a se levantar, apoiando um dos braços na cabeceira da cama.

Lutou para focalizar a visão, e, quando conseguiu, descobriu que olhava diretamente para os olhos de Lila. Ela estava sentada na mesma cadeira ao pé da cama, a pistola no colo.

— Por que você fez aquilo? — irrompeu a garota, a pergunta na ponta da língua como se estivesse esperando o momento de fazê-la.

Kell apertou os olhos, inquisitivo.

— Fiz o quê?

— Voltar — disse ela, pronunciando lentamente a palavra. — Por que você voltou?

Duas palavras pairaram no ar, não ditas, mas implícitas. *Por mim.*

Kell lutou para colocar os pensamentos em ordem, mas estavam tão tensos e doloridos quanto o restante dele.

— Eu não sei.

Lila não pareceu impressionada com a resposta. Apenas suspirou e colocou a arma de volta no coldre na cintura.

— Como está se sentindo?

Um trapo, pensou Kell. Mas então olhou para si mesmo e percebeu que, apesar do corpo dolorido, tanto o ferimento no braço onde o prego atravessara quanto o do abdômen, feito pelo assassino com a espada roubada, estavam quase curados.

— Quanto tempo eu dormi?

— Algumas horas — disse Lila.

Kell passou a mão cautelosamente pelas costelas. Não fazia sentido. Cortes dessa profundidade levavam dias para se curar, e não horas. A menos que ele...

— Usei isso — disse Lila, jogando-lhe uma latinha circular.

Kell a agarrou no ar, estremecendo um pouco com o esforço. O recipiente estava sem identificação, mas ele o reconheceu imediatamente. A pequena lata de metal continha um bálsamo curativo. Não um bálsamo curativo qualquer, mas um que pertencia a ele, com o emblema real do cálice e do sol nascente gravado em relevo na tampa. Fazia semanas que ele não lembrava onde o havia colocado.

— Onde você achou isso? — perguntou.

— Em um dos bolsos do seu casaco — respondeu Lila, espreguiçando-se. — Aliás, você *sabia* que seu casaco é mais de um? Tenho certeza de que procurei em uns cinco ou seis até encontrar isso. — Kell a encarou, boquiaberto. — Que foi? — perguntou ela.

— Como você sabia para que serve?

Lila deu de ombros.

— Eu não sabia.

— E se fosse um *veneno*? — explodiu ele.

— Você realmente nunca está satisfeito — explodiu ela também. — Cheirava bem. Parecia bom. — Kell gemeu. — E obviamente eu testei em mim primeiro.

— Você *o quê*?

Lila cruzou os braços.

— Não vou ficar repetindo as coisas só para você ficar me encarando com cara de irritado. — Kell sacudiu a cabeça, xingando baixinho enquanto ela indicava com a cabeça uma pilha de roupas no pé da cama. — Barron as trouxe para você.

Kell franziu o cenho (Santo, até a testa dele doía quando franzida). Ele e Barron tinham um acordo de *negócios*. E ele tinha certeza de que isso não cobria abrigo e necessidades pessoais. Ficaria devendo a Barron pelo transtorno, e aquilo *era* um transtorno. Os dois sabiam disso.

Kell pôde sentir os olhos de Lila fixos nele enquanto pegava a túnica limpa e a colocava com cuidado sobre os ombros.

— O que foi? — perguntou ele.

— Você disse que ninguém o seguiria.

— Eu disse que ninguém *poderia* — corrigiu Kell. — Porque ninguém pode, exceto Holland. — Ele olhou para as próprias mãos e franziu a testa. — É que eu nunca pensei...

— Alguém não é o mesmo que ninguém, Kell — falou Lila. E então suspirou e passou uma das mãos pelo cabelo preto e curto. — Bom, suponho que você não devia estar em seu juízo perfeito. — Kell levantou o olhar, surpreso. Ela o estava realmente eximindo de culpa? — E eu o acertei com um livro.

— O quê?

— Nada — disse Lila, gesticulando com a mão. — Então, esse Holland... Ele é como você?

Kell engoliu em seco, lembrando-se das palavras de Holland. *Não é porque compartilhamos uma habilidade, você e eu, que isso nos torna iguais.* E também do olhar sombrio e quase desdenhoso dele quando as pronunciara. Pensou na marca queimada na pele do outro *Antari*, a colcha de retalhos de cicatrizes nos braços dele e no sorriso presunçoso do rei branco quando Holland pressionara a faca na própria pele. Não, Holland não se parecia em nada com Kell, e Kell não se parecia em nada com Holland.

— Ele também pode se mover entre mundos — explicou. — Nesse sentido, somos parecidos.

— E o olho? — questionou Lila.

— Uma marca da nossa magia — explicou Kell. — *Antari*. É assim que somos chamados. Magos de sangue.

Lila mordeu o lábio.

— Existem outros que eu deva saber a respeito? — perguntou ela, e Kell pensou ter visto a fagulha de algo (medo?) passar pelas suas feições, escondida quase instantaneamente por trás da atitude desafiadora do queixo apontado para cima.

Kell meneou a cabeça lentamente.

— Não — respondeu ele. — Somos apenas nós dois.

Esperou que ela ficasse aliviada, mas sua expressão apenas se agravou.

— Foi por isso que ele não matou você?

— O que você quer dizer?

Lila endireitou-se na cadeira.

— Bem, se ele quisesse matar você, poderia ter matado. Por que drenar o seu sangue? Por diversão? Ele não parecia estar se divertindo.

Ela estava certa. Holland poderia ter cortado sua garganta. Mas não o fizera.

É muito difícil matar um Antari. As palavras de Holland ecoaram na mente de Kell. *Mas eu não posso...*

Não pode o quê?, pensou Kell. Acabar com a vida de um *Antari* podia ser difícil, mas não era impossível. Teria Holland lutado contra suas ordens ou as seguido?

— Kell? — pressionou Lila.

— Holland nunca se diverte — disse ele em voz baixa. E então olhou bruscamente para cima. — Onde está a pedra?

Lila lhe lançou um olhar longo e deliberado, e então falou:

— Está comigo.

— Devolva-a para mim — exigiu Kell, surpreso com seu tom de urgência.

Dizia a si mesmo que a pedra estaria mais segura com ele, mas, na verdade, queria *segurá-la*; não conseguia se livrar da sensação de que, se a segurasse, seus músculos relaxariam e seu sangue fraco se revigoraria.

Ela revirou os olhos.

— Não comece com isso de novo.

— Lila, escute. Você não faz ideia do que...

— Na verdade — interrompeu ela —, estou começando a ter uma boa ideia do que essa coisa pode fazer. Se a quiser de volta, conte-me o resto da história.

— Você não entenderia — disse Kell automaticamente.

— Tente — desafiou ela.

Kell olhou inquisitivamente para ela, aquela garota estranha. Lila Bard parecia ter um jeito de descobrir as coisas. Ela ainda estava viva. Isso dizia muito. *E* tinha voltado por ele. Kell não sabia por quê (assassinos e ladrões não eram especialmente conhecidos por seus escrúpulos), mas sabia que, sem ela, estaria em um estado muito pior.

— Muito bem — falou, tirando as pernas da cama. — A pedra vem de um lugar chamado Londres Preta.

— Você mencionou outras Londres — comentou ela, como se o conceito fosse curioso, mas não impossível. Ela não se surpreendia facilmente. — Quantas existem?

Kell passou a mão pelo cabelo ruivo. Depois da chuva e do sono, os fios apontavam para várias direções.

— Existem quatro mundos — explicou ele. — Pense neles como casas diferentes construídas sobre a mesma fundação. Os quatro têm pouco em comum, exceto pela geografia e pelo fato de que cada um tem uma versão desta cidade, que cresceu em torno desse rio, nesse país insular. E, em cada um deles, essa cidade se chama Londres.

— Isso deve ser confuso.

— Na verdade, não. Não quando você vive em apenas um deles e nunca precisa pensar nos outros. Mas, como tenho que viajar entre eles, uso cores para diferenciá-los. A Londres Cinza é a sua. A Londres

Vermelha é a minha. A Londres Branca, a de Holland. E a Londres Preta, de ninguém.

— E por que é assim?

— Porque ela caiu — disse Kell, esfregando a nuca onde os colares com os pingentes haviam se partido. — Perdeu-se na escuridão. A primeira coisa que você tem que entender sobre magia, Lila, é que ela não é algo inanimado. Está viva. Viva de uma forma diferente de mim ou de você, mas ainda assim muito viva.

— Foi por isso que ficou irritada? — perguntou Lila. — Quando eu tentei me livrar dela?

Kell franziu a testa. Nunca tinha visto magia *tão* viva.

— Há cerca de três séculos — disse ele lentamente, fazendo as contas (parecia mais, consequência de se referir por tanto tempo a isso simplesmente como “o passado”) —, os quatro mundos eram interligados, e tanto a magia quanto aqueles que conseguiam usá-la se movimentavam entre eles com relativa facilidade através de qualquer uma de suas muitas fontes.

— Fontes?

— Poços de um imenso poder natural — explicou Kell. — Alguns pequenos e discretos, como um pequeno bosque de árvores distante ao leste ou uma ravina no continente; e outros, enormes, como o seu Tâmis.

— O Tâmis? — indagou Lila, bufando com zombaria. — Uma fonte de magia?

— Talvez a maior fonte do mundo — afirmou Kell. — Não que vocês percebam isso aqui, mas, se você pudesse ver como é na *minha* Londres... — Kell se interrompeu. — Mas, como eu estava dizendo, as portas entre os mundos ficavam abertas e as quatro cidades de Londres se misturavam. Porém, mesmo com transferências constantes, não eram exatamente iguais em poder. Se a magia de verdade fosse uma lareira, então a Londres Preta ficava sentada mais perto do fogo. — Por essa lógica, a Londres Branca era a segunda mais forte, e Kell sabia que deveria ser, mas não conseguia imaginar isso agora. — Acreditava-se que a magia lá corria forte não apenas no sangue, mas que pulsava como uma segunda alma em tudo. E, em determinado momento, ela se tornou poderosa demais, sobrepujando tudo. O mundo precisa de equilíbrio — ponderou Kell. — A humanidade de um lado, a magia do outro. As duas existem em tudo o que vive; em um

mundo perfeito, existe uma espécie de harmonia, e nenhuma ultrapassa a outra. Mas a maioria dos mundos não é perfeita. Na Londres Cinza, a sua Londres, a humanidade se tornou forte, e a magia, fraca. Mas, na Londres Preta, aconteceu o contrário. As pessoas de lá não apenas mantiveram a magia em seus corpos, mas deixaram que entrasse em suas mentes, e ela as reivindicou para si, consumindo suas vidas para abastecer seu poder. O povo se tornou um receptáculo, condutor das vontades da magia, e, através dele, a magia transformou a fantasia em realidade, obscurecendo e rompendo os limites: criando, destruindo e corrompendo tudo.

Lila nada disse, apenas ouviu e andou lentamente de um lado para o outro.

— Espalhou-se como uma praga — continuou Kell. — E os três mundos restantes se isolaram e trancaram as portas para evitar que a doença se alastrasse.

Ele não disse que havia sido uma iniciativa da Londres *Vermelha*, selando-se e forçando as outras cidades a fazer o mesmo, deixando a Londres Branca presa entre suas portas fechadas e a magia violentamente fervilhante da Londres Preta. Não disse que o mundo preso entre elas fora forçado a lutar sozinho contra a escuridão.

— Com as fontes inacessíveis e as portas trancadas, as três cidades restantes ficaram isoladas e começaram a se afastar, cada uma se tornando o que é agora. Mas nós só podemos imaginar o que aconteceu com a Londres Preta e o restante daquele mundo. A magia precisa de um hospedeiro vivo e só pode florescer onde a vida também floresce, então muitos acham que a praga consumiu seus hospedeiros e eventualmente ficou sem combustível, deixando apenas resquícios carbonizados. Ninguém sabe ao certo. Com o tempo, a Londres Preta se tornou uma história de fantasmas. Um conto de fadas. Contado tantas vezes que alguns acham que nem mesmo é real.

— Mas e a pedra...? — disse Lila, ainda zanzando pelo quarto.

— A pedra não deveria existir — afirmou Kell. — Quando as portas foram seladas, todas as relíquias da Londres Preta foram rastreadas e destruídas, por precaução.

— Obviamente nem *todas* as relíquias — observou Lila.

Kell fez que não com a cabeça.

— A Londres Branca supostamente assumiu essa tarefa com ainda mais fervor do que nós. Você precisa entender, eles temiam que as portas não aguentassem, temiam que a magia conseguisse escapar e os consumisse. No expurgo deles, não se ativeram apenas a artefatos e objetos. Eles cortaram a garganta de cada um que suspeitassem ter entrado em contato com a magia corrupta da Londres Preta. — Kell levou os dedos até o olho preto. — Dizem que alguns interpretaram as marcas dos *Antari* como sendo sinais da maldição e os arrastaram de suas casas no meio da noite. Uma geração inteira foi massacrada antes que se percebesse que, sem as portas, aqueles magos seriam a única forma de buscar ajuda. — A mão de Kell caiu de seu rosto. — Mas, não, obviamente nem *todas* as relíquias foram destruídas. — Ele imaginou se fora assim que a pedra havia se quebrado, se haviam tentado destruí-la e falhado e então a enterrado; imaginou se alguém a havia desenterrado. — A pedra não deveria existir, e não posso permitir que exista. Ela é...

Lila parou de zanzar.

— Má?

Kell negou com a cabeça.

— Não — respondeu ele. — Ela é *Vitari*. De certa forma, suponho que seja pura. Mas é puro potencial, puro poder, pura *magia*.

— E nenhuma humanidade — completou Lila. — Nenhuma harmonia.

Kell aquiesceu.

— A pureza sem equilíbrio é a sua própria maldição. Os estragos que esse talismã pode produzir em mãos erradas... — *Em qualquer mão*, pensou ele. — A magia da pedra é a magia de um mundo arruinado. Não pode permanecer aqui.

— Bem, o que você pretende fazer? — indagou Lila.

Kell fechou os olhos. Ele não sabia quem tinha encontrado a pedra, ou como, mas entendia seu medo. A lembrança dela nas mãos de Holland e a ideia dela nas mãos de Athos ou Astrid embrulhavam seu estômago. Sua própria pele cantava para o talismã, ansiava por ele, e isso o assustava mais do que qualquer coisa. A Londres Preta caíra por causa de magia como aquela. Que terror traria para as Londres que restavam? Para a sedenta Branca, a madura Vermelha ou a indefesa Cinza?

Não; a pedra tinha que ser destruída.

Mas como? Ela não era com as outras relíquias. Não era algo que poderia ser atirado ao fogo ou esmigalhado sob um machado. Parecia que alguém já havia tentado, mas um lado rachado não parecia ter diminuído sua capacidade, o que significava que, se ele conseguisse despedaçá-la, poderia apenas produzir mais pedras, transformando cada estilhaço em uma arma. Não era um simples artefato; a pedra tinha vida e vontade próprias e havia mostrado isso mais de uma vez. Apenas uma magia poderosa seria capaz de extinguir algo como aquilo, mas o talismã era magia pura e ele duvidava que fosse possível conjurar qualquer forma de magia capaz de destruí-la.

A cabeça de Kell doeu ao perceber que, se a pedra não podia ser destruída, ele teria que se livrar dela. Mandá-la para longe, para algum lugar em que não pudesse causar danos. E havia apenas um lugar onde ela estaria protegida, e todos estariam protegidos dela.

Kell sabia o que tinha que fazer. Uma parte dele soubera assim que a pedra tocara suas mãos.

— Ela pertence à Londres Preta — afirmou ele. — Tenho que levá-la de volta.

Lila ergueu a cabeça.

— Mas como fará isso? Você não sabe o que restou de lá, e, mesmo que soubesse, você disse que o mundo estava selado e isolado.

— Não sei o que restou de lá, mas a magia *Antari* foi usada originalmente para fabricar portas entre os mundos. E a magia *Antari* foi utilizada para lacrá-los. Então faz sentido que a magia *Antari* possa abri-las novamente. Ou ao menos criar uma fenda.

— E por que você nunca fez isso? — desafiou Lila, com um brilho nos olhos. — Por que ninguém tentou? Sei que são uma raça em extinção, mas não venha me dizer que, nos séculos desde que se isolaram, nenhum *Antari* ficou curioso o suficiente para tentar entrar lá.

Kell analisou o sorriso desafiador dela e ficou grato, pelo bem da humanidade, por ela não possuir a magia necessária para tentar. Quanto a Kell, é óbvio que já ficara curioso. Durante a infância, uma parte dele não acreditava que a Londres Preta era real, ou que já havia sido, pois as portas já estavam seladas havia muito tempo. Que criança nunca desejou saber se os lugares de suas histórias de ninar eram fantasia ou realidade? Mas

mesmo que ele *quisesse* quebrar o lacre, e ele não queria, não o suficiente para arriscar a escuridão do outro lado, nunca tivera um meio de fazê-lo.

— Talvez alguns tenham ficado — disse Kell —, mas um *Antari* precisa de *duas* coisas para criar uma porta: a primeira é sangue, e a segunda é um artefato do lugar para onde deseja ir. E, como eu falei, as relíquias foram todas destruídas.

Os olhos de Lila se arregalaram.

— Mas a pedra é um artefato.

— A pedra é um artefato — ecoou Kell.

Lila apontou para a parede de onde Kell saíra da primeira vez.

— Então você abre uma porta para a Londres Preta e depois faz o quê? Joga a pedra por ela? O que é que você está esperando?

Kell fez que não com a cabeça.

— Não posso fazer uma porta daqui para lá.

Lila reagiu exasperada.

— Mas você acabou de dizer...

— As outras Londres estão no meio do caminho — explicou ele. Havia um pequeno livro na mesa ao lado da cama. Ele passou o polegar pelas páginas. — Os mundos são como folhas de papel empilhadas. — Era como ele sempre os imaginara. — Você precisa se deslocar de um para outro na ordem. — Ele pegou algumas páginas entre os dedos. — Londres Cinza — mostrou, deixando uma folha cair de volta na pilha. — Londres Vermelha. — Ele soltou a segunda. — Londres Branca. — A terceira página caiu lentamente. — E Preta. — E deixou o restante das folhas cair de volta no livro.

— Então você tem que viajar *através* deles — falou Lila.

Parecia tão simples quando ela colocava dessa forma. Mas não seria. Sem dúvida a coroa estava procurando por ele na Londres Vermelha, e sabe-se lá quem mais. (Teria Holland enfeitiçado outros? Estariam eles procurando também?) Além do mais, sem os seus pingentes, ele teria que procurar um novo objeto para ir dali até a Londres Branca. E, quando chegasse lá, se chegasse, e presumindo que os Dane não o alcançassem em um segundo, e presumindo que ele fosse capaz de subjugar o lacre e abrir uma porta para a Londres Preta, a pedra não poderia ser apenas jogada por ali. Portas não funcionavam daquela forma. Kell teria que atravessar com ela. Ele tentou não pensar nessa parte.

— Então... — começou Lila, os olhos brilhando. — Quando vamos partir?

Kell levantou os olhos.

— *Nós* não vamos.

Lila estava recostada na parede, bem ao lado do lugar onde ele a havia algemado na madeira. A tábua estava dilacerada e arruinada nos pontos que ela havia serrado para se libertar, como se para lembrar a ele tanto de suas ações quanto das dela.

— Eu quero ir — insistiu Lila. — Não vou lhe dizer onde a pedra está. Não até você concordar em me deixar ir.

Os punhos de Kell se fecharam.

— Aquelas amarras que você conjurou para Holland não vão segurá-lo. A magia *Antari* é poderosa o suficiente para dispersá-las, e, quando ele acordar, não vai levar muito tempo para perceber isso, para se soltar e começar a nos caçar novamente. O que significa que eu não tenho tempo para brincadeiras.

— Isso não é uma brincadeira — disse ela com simplicidade.

— Então o que é?

— Uma oportunidade — retrucou Lila, afastando-se da parede. — Uma saída. — A tranquilidade dela fraquejou, e, por um momento, ele viu de relance o que estava por baixo. A vontade, o medo, o desespero.

— Você quer sair daqui — falou ele —, mas não tem ideia daquilo em que está se *metendo*.

— Não me importo — afirmou ela. — Eu quero ir.

— Você não pode — disse ele, levantando-se.

Uma pequena onda de tontura o atingiu e ele se apoiou na cama, esperando que passasse.

Ela soltou uma risada de escárnio.

— Você não está em condições de ir sozinho.

— Você não pode ir, Lila — afirmou ele novamente. — Apenas os *Antari* podem viajar entre os mundos.

— A minha pedra...

— Não é sua.

— É, no momento. E você mesmo disse, ela é magia pura. Ela *cria* magia. Vai me deixar passar — declarou Lila, como se tivesse certeza.

— E se não deixar? — desafiou Kell. — E se não for todo-poderosa? E se for apenas uma bugiganga para conjurar feitiços menores? — Mas ela não acreditava nele. Ele não tinha certeza se acreditava em si mesmo. Tinha segurado a pedra, sentido seu poder, e a sensação era de uma força ilimitada. Mas ele não queria que Lila o testasse. — Você não tem como saber com certeza.

— É um risco que cabe a mim decidir correr, e não a você.

Kell a encarou.

— Por quê? — perguntou ele.

Lila deu de ombros e respondeu:

— Sou um homem procurado.

— Você não é homem.

Lila abriu um sorriso vazio.

— As autoridades não sabem disso. E é provavelmente por esse motivo que eu ainda sou procurada e não fui enforcada.

Kell recusou-se a deixar o assunto morrer.

— Por que realmente quer fazer isso?

— Porque sou uma tola.

— *Lila...*

— Porque não posso ficar aqui — explodiu ela, e o sorriso deixou seu rosto. — Porque quero ver o mundo, mesmo que não seja o meu. E porque vou salvar sua vida.

Loucura, pensou Kell. Loucura total. Ela não passaria pela porta. E, mesmo que a pedra funcionasse, mesmo que ela atravessasse de alguma forma, o que aconteceria depois? Transferência era traição, e Kell tinha quase certeza de que a lei também se aplicava à transferência de pessoas, particularmente de fugitivos. Contrabandear um globo de neve ou uma caixa de música era uma coisa, mas fazer isso com uma ladra era bem diferente. *E contrabandear uma relíquia da Londres Preta?*, ralhou uma voz em sua cabeça. Ele esfregou os olhos. Podia sentir os dela fixos nele. Traição à parte, restava o fato de que Lila era uma habitante da Londres Cinza; ela não pertencia à Londres dele. Era perigoso demais. Era loucura, e ele seria louco de deixá-la tentar... Mas Lila estava certa sobre uma coisa. Kell não se sentia forte o suficiente para fazer aquilo sozinho. E, pior, ele não queria fazê-lo. Estava com medo, com mais do que gostaria de admitir, da tarefa que lhe aguardava e do destino que o esperava no fim.

E alguém precisaria contar ao trono vermelho, contar à sua mãe, ao seu pai e a Rhy o que acontecera. Kell não podia levar o perigo até a porta deles, mas podia levar Lila para contar.

— Você não sabe nada sobre esses mundos — disse ele, mas a convicção estava se esvaindo de sua voz.

— Óbvio que sei — retrucou Lila com animação. — Existe a Londres Sem Graça, a Londres de Kell, a Londres Assustadora e a Londres Morta — recitou ela, enumerando-as nos dedos. — Viu? Eu aprendo rápido.

Você também é humana, pensou Kell. Estranha, teimosa e assassina, mas ainda assim humana. A luz, leve e diluída pela chuva, começou a surgir no céu. Ele não podia se dar ao luxo de ficar ali esperando por ela.

— Me entregue a pedra — falou Kell. — E eu deixo você ir comigo.

Lila deu uma risadinha.

— Acho que ficarei com ela até atravessarmos.

— E se você não sobreviver? — provocou Kell.

— Aí você pode vasculhar meu cadáver — respondeu ela secamente. — Duvido que eu vá me incomodar.

Kell encarou-a, intrigado. Essa coragem era fachada ou ela realmente tinha tão pouco a perder? No mínimo, tinha a própria vida, algo que sempre podia ser perdido. Como ela poderia não temer nem mesmo a morte?

Está com medo de morrer?, perguntara Holland a ele no beco. E Kell estava. Sempre estivera, desde que conseguia se lembrar. Ele temia *não* viver, temia deixar de existir. O mundo de Lila podia acreditar em Céu e Inferno, mas o dele acreditava no pó. Ele aprendera desde cedo que a magia reivindicava a magia e a terra reivindicava a terra, as duas se separando quando o corpo morria: a pessoa que havia sido fruto da combinação delas simplesmente se perdia. Nada durava. Nada permanecia.

Durante a infância, ele tivera pesadelos em que subitamente se partia em mil pedaços: um minuto correndo pelo pátio ou de pé nos degraus do palácio, e no momento seguinte disperso em ar e cinzas. Ele acordava ensopado de suor e sufocando, com Rhy sacudindo seus ombros.

— Você não tem medo de morrer? — perguntou Kell agora a Lila.

Ela olhou para ele como se aquela fosse uma pergunta estranha. E então fez que não com a cabeça.

— A morte chega para todos — disse ela simplesmente. — Não tenho medo de morrer. Mas tenho medo de morrer *aqui*. — Ela fez um gesto indicando o quarto, a taverna, a cidade. — Prefiro morrer numa aventura a viver sem ter feito nada.

Kell analisou-a por alguns segundos. Então falou:

— Muito bem.

Lila franziu o cenho, descrente.

— O que você quer dizer com "muito bem"?

— Você pode ir comigo — explicou Kell.

Lila abriu um sorriso que iluminou seu rosto de uma forma inteiramente nova e a fez parecer mais jovem. Os olhos dela se voltaram para a janela.

— O sol está quase nascendo — disse ela. — E a esta hora Holland provavelmente já está procurando por nós. Você está se sentindo bem o suficiente para ir?

É muito difícil matar um Antari.

Kell assentiu enquanto Lila vestia a capa sobre os ombros e se armava, movendo-se com gestos rápidos e eficientes, como se estivesse com medo de demorar muito e Kell mudar de ideia. Ele apenas ficou parado ali, admirado.

— Não quer se despedir? — perguntou ele, apontando para as tábuas do piso e, em algum lugar abaixo delas, para Barron.

Lila hesitou, olhando para as botas e pensando no mundo embaixo delas.

— Não — disse baixinho, a voz insegura pela primeira vez desde que haviam se conhecido.

Ele não sabia qual era a ligação de Lila e Barron, mas deixou o assunto de lado. Não a culpava. Afinal de contas, ele não tinha planos de se desviar do caminho e parar no castelo para ver seu irmão uma última vez. Dissera a si mesmo que era muito perigoso, ou que Rhy não o deixaria partir, mas a verdade era que Kell não conseguiria dizer adeus.

Seu casaco estava pendurado na cadeira. Kell se dirigiu até ele e o revirou da esquerda para a direita, trocando o preto surrado pelo vermelho-rubi.

O interesse tremeluziu de leve nos olhos de Lila, sem se revelar com toda a sua força, o que fez Kell supor que ela vira o truque por si mesma

quando vasculhara seus bolsos durante a noite.

— Quantos casacos você acha que existem dentro desse aí? — indagou ela casualmente, como se perguntasse sobre o tempo e não sobre um encantamento complexo.

— Não sei ao certo — respondeu Kell, revirando um bolso bordado a ouro e respirando aliviado quando seus dedos encontraram uma moeda. — De vez em quando acho que encontrei todos, aí me deparo com um novo. E algumas vezes os antigos se perdem. Alguns anos atrás descobri com um casaco curto, uma coisa verde e feia com remendos nos cotovelos. Só que nunca mais o vi.

Ele tirou o lin da Londres Vermelha e o beijou. Moedas eram chaves perfeitas. Em teoria, qualquer coisa de um mundo servia, e a maioria das peças que Kell usava vinha da Londres Vermelha, mas moedas eram simples, sólidas, específicas, e sempre funcionavam. Ele não podia se dar ao luxo de fazer algo errado, não quando outra vida estava em suas mãos (e estava, não importando as alegações de Lila).

Enquanto ele estava procurando pelo artefato, Lila esvaziou o dinheiro dos próprios bolsos, uma seleção bastante eclética de xelins e centavos, e os empilhou na cômoda ao lado da cama. Kell esticou a mão e pegou a de menor valor para repor o artefato da Londres Cinza que havia perdido. Ao mesmo tempo, Lila mordeu o lábio e encarou as moedas por um instante, as mãos enfiadas nos bolsos internos da capa. Ela mexia nervosamente em algo ali, e alguns segundos depois puxou um elegante relógio de prata e o deixou ao lado da pilha de moedas.

— Estou pronta — declarou, tirando os olhos do relógio.

Eu, não, pensou Kell, encolhendo-se no casaco e indo até a porta. Outra onda de tontura o atingiu no momento em que ele abriu a porta, mas foi menor e mais breve que a anterior.

— Espere — disse Lila. — Pensei que iríamos como você veio. Pela parede.

— Paredes não estão sempre onde deveriam estar — disse Kell.

Na verdade, a Stone's Throw era um dos poucos lugares em que as paredes *não* mudavam, mas isso não a tornava mais segura. A Setting Sun podia estar na mesma fundação na Londres Vermelha, mas também era o local em que Kell fazia negócios, e um dos primeiros lugares em que alguém poderia ir procurar por ele.

— Além disso, não sabemos o quê, ou quem — acrescentou ele, lembrando dos atacantes enfeitiçados —, está esperando do outro lado. É melhor irmos para um local próximo de onde vamos, antes de ir para lá de fato. Entendeu?

Lila não parecia ter entendido, mas concordou mesmo assim.

Os dois desceram devagar a escada, passando por um pequeno patamar que se abria para um corredor estreito cheio de quartos. Lila parou ao lado da porta mais próxima e escutou. Um ronco suave ecoou pela madeira. Barron. Ela botou a mão na porta por uma fração de segundo, depois ultrapassou Kell e desceu o restante da escada sem olhar para trás. Ela deslizou a tranca da porta dos fundos e se apressou até o beco. Kell a seguiu, parando tempo suficiente para elevar a mão e ordenar que a tranca voltasse para o lugar. Ele ouviu o rangido do metal deslizando para o encaixe e então se virou e viu Lila esperando, de costas para a taverna, como se seu presente já tivesse se transformado em passado.

II

A chuva havia parado, deixando as ruas lúgubres e úmidas, mas, apesar do chão molhado e do frio de outubro, Londres começava a acordar. O som dos carrinhos de madeira enchia o ar junto com o cheiro de pães frescos e fornos recém-acesos. Mercadores e compradores davam início ao dia de trabalho, abrindo as portas e janelas de lojas e preparando seus negócios. Kell e Lila avançaram pela cidade vibrante, movendo-se vigorosamente à fraca luz da aurora.

— Tem certeza de que está com a pedra? — perguntou Kell.

— Tenho — afirmou Lila, e fez bico. — E se você está pensando em roubá-la de volta, é melhor não tentar, pois teria que me revistar, e, mago ou não, posso apostar que minha faca encontraria seu coração antes de sua mão encontrar a pedra.

Ela falou com uma confiança tão casual que Kell suspeitou de que estivesse certa, mas não tinha o menor desejo de pagar para ver. Em vez disso, voltou sua atenção para as ruas à volta deles, tentando situá-la em outro mundo.

— Estamos quase lá.

— Onde é lá? — perguntou ela.

— Whitbury Street.

Ele já havia cruzado pela Whitbury antes (a rua o deixava perto do quarto na Ruby Fields, o que significava que ele poderia deixar ali qualquer item recém-adquirido antes de se dirigir ao palácio). Porém, mais importante, a fileira de lojas na Whitbury não desembocava diretamente na Ruby Fields, mas cerca de duas quadras antes. Ele aprendera a nunca entrar em um mundo exatamente onde queria ir. Se houvesse problemas à espreita, você chegaria bem no meio deles.

— Há uma hospedaria na Londres Vermelha — explicou ele, tentando não pensar na última vez que estivera lá. No feitiço de rastreamento, no ataque e nos cadáveres de homens no beco do outro lado. Cadáveres de homens que *ele* matara. — Tenho um quarto nela — continuou. — Eu vou achar nele o que preciso para fazer uma porta para a Londres Branca.

Lila não notou o uso do “eu” ao invés de “nós”, ou, se notou, não se deu ao trabalho de corrigi-lo. Na verdade, ela parecia perdida nos próprios pensamentos enquanto eles se deslocavam pelo emaranhado de ruas laterais. Kell mantinha o queixo erguido e os sentidos aguçados.

— Não vou esbarrar em mim mesma, vou? — indagou Lila, quebrando o silêncio.

Kell olhou para ela.

— Do que você está falando?

Ela chutou uma pedra solta.

— Bem, quero dizer, é outro mundo, não é? Outra versão de Londres. Existe outra versão de mim?

Kell franziu a testa.

— Nunca conheci *ninguém* como você.

Ele não teve a intenção de fazer um elogio, mas Lila entendeu dessa forma, abrindo um sorriso.

— O que posso dizer? — falou ela. — Sou única.

Kell esboçou o eco de um sorriso, e ela suspirou.

— O que é isso no seu rosto?

O sorriso desapareceu.

— O quê?

— Não importa — disse Lila, rindo. — Já sumiu.

Kell apenas sacudiu a cabeça. Não entendeu a piada, mas, o que quer que fosse, pareceu divertir Lila, e ela riu sozinha por todo o caminho até Whitbury.

Ao virar na pequena e agradável rua, Kell parou no meio-fio entre as fachadas de duas lojas. Uma pertencia a um dentista e a outra, a um barbeiro (na Londres Vermelha, eram um boticário e um ferreiro). Se Kell apertasse os olhos, poderia enxergar os vestígios de sangue na parede de tijolos à sua frente, a superfície resguardada por um beiral estreito. Lila observava a parede atentamente.

— É aqui que fica o seu quarto?

— Não — respondeu ele. — Mas é aqui que vamos atravessar.

Os punhos de Lila se fecharam e se abriram ao lado do corpo. Kell achou que ela devia estar apavorada, mas quando olhou na direção dele, seus olhos brilhavam e o esboço de um sorriso se formava em seus lábios.

Kell engoliu em seco e se aproximou do muro. Lila o seguiu. Ele hesitou.

— O que estamos esperando?

— Nada — disse Kell. — É só...

Ele despiu o casaco e o colocou sobre os ombros de Lila, como se a magia pudesse ser enganada. Como se não fosse distinguir entre um ser humano e um *Antari*. Kell duvidava que seu casaco fosse fazer alguma diferença — ou a pedra a deixaria passar ou não —, mas ainda assim o entregou a ela.

Lila reagiu pegando seu lenço, o mesmo que lhe dera quando furtara seu bolso e que havia pegado de volta quando ele desmaiou no chão do quarto, e o enfiou no bolso traseiro de Kell.

— O que você está fazendo? — perguntou ele.

— Parece a coisa certa a fazer — falou ela. — Você me deu algo seu. Eu lhe dei algo meu. Agora estamos conectados.

— Não funciona dessa forma — explicou ele.

Lila deu de ombros.

— Mal não vai fazer.

Kell supôs que ela estivesse certa. Ele pegou a faca, deslizou a lâmina pela palma da mão, e uma linha fina de sangue brotou. Ele passou o dedo nela e desenhou uma linha na parede.

— Pegue a pedra — disse.

Lila olhou para ele, desconfiada.

— Você vai *precisar* dela — urgiu Kell.

Lila suspirou e puxou um chapéu de abas largas de uma dobra em seu casaco. Estava amassado, mas, com uma sacudidela, ele se ajeitou. Lila botou a mão dentro dele como uma ilusionista e tirou a pedra preta. Algo em Kell pareceu se revirar ao ver a pedra, uma ânsia em seu sangue, e ele precisou se controlar para não estender a mão e pegar o talismã. Ele reprimiu o ímpeto e pensou pela primeira vez que talvez fosse melhor se não a segurasse.

Lila fechou os dedos sobre a pedra e Kell fechou os seus sobre os de Lila, e foi como se pudesse *sentir* o talismã zumbindo através da pele e dos ossos dela. Tentou não pensar na forma como a pedra cantava para ele.

— Tem certeza? — perguntou ele uma última vez.

— Vai funcionar — afirmou Lila. Sua voz soou menos convicta do que antes; menos como se acreditasse e mais como se *quisesse* que funcionasse, então Kell assentiu. — Você mesmo disse — acrescentou ela — que todos somos uma mistura de humanidade e magia. Isso significa que eu também sou. — Ela levantou o olhar e encontrou o dele. — O que acontece agora?

— Não sei — disse ele com sinceridade.

Lila chegou mais perto, tão perto que suas costelas se encostaram e Kell pôde sentir o coração acelerado dela. A garota era boa em esconder seu medo. Não aparecia nos olhos ou nas linhas do rosto, mas sua pulsação a traía. E então os lábios de Lila abriram um sorriso, e Kell se perguntou se o que ela sentia era mesmo medo ou algo totalmente diferente.

— Eu não vou morrer — falou ela. — Não até ter visto.

— Visto o quê?

O sorriso dela se alargou.

— Tudo.

Kell sorriu também. E então Lila levou a mão livre até o queixo dele e puxou a boca de Kell na direção da sua. O beijo veio e num instante se foi, como um dos sorrisos dela.

— Por que você fez isso? — perguntou ele, atordoado.

— Para dar sorte — respondeu ela, alinhando os ombros com a parede. — Não que eu precise de sorte.

Kell a encarou por um instante e então se forçou a virar na direção dos tijolos marcados de sangue. Ele apertou a mão dela e levou os dedos até a marca.

— *As Travars* — pronunciou.

A parede cedeu, e o viajante e a ladra andaram para a frente e a atravessaram.

III

Barron acordou com um barulho.

Era a segunda vez naquela manhã.

Barulhos eram algo bastante comum em uma taverna; o volume subia e descia dependendo do horário, algumas vezes trovejante e outras murmurante, mas estava sempre lá, em alguma medida. Mesmo quando estava fechada, a Stone's Throw nunca ficava totalmente silenciosa. Mas Barron conhecia todos os barulhos que sua taverna fazia, do ranger das tábuas do chão ao gemido das portas e ao vento que se infiltrava pelas centenas de rachaduras nas velhas paredes.

Ele conhecia todos.

Esse era diferente. Desconhecido.

Barron era dono daquele esqueleto de taverna — pois era assim que via a velha e sofrida construção — havia um longo tempo. Tempo suficiente para compreender o estranho que ia e vinha como o vento. Tempo suficiente para o estranho parecer normal. E como ele não fazia parte do que era estranho, e não compartilhava interesses nem afinidades com a prática da estranheza que chamavam de magia, desenvolvera uma forma de sexto sentido a respeito do que era estranho.

E prestava atenção nele.

Exatamente como fazia agora, ouvindo o barulho acima de sua cabeça. Não era alto, de forma alguma, mas não se encaixava, e lhe provocava uma sensação sob a pele e nos ossos. Uma sensação de que havia algo errado. De perigo. Os pelos de seu braço eriçaram-se, e seu coração, sempre tranquilo, começou a bater mais rápido, como em alerta.

O barulho se repetiu e ele reconheceu o ranger de passos no velho chão de madeira. Sentou-se na cama. O quarto de Lila ficava diretamente em cima do seu. Mas os passos não pertenciam a Lila.

Quando alguém passa tempo suficiente sob seu teto (como Lila estivera sob o dele), você começa a conhecer os barulhos que faz; não apenas a voz, mas a forma como se desloca. E Barron conhecia o som dos passos de Lila quando ela queria ser ouvida e o som de quando não queria, e nenhum deles se encaixava. Além disso, Barron primeiro acordara com o barulho de Lila e Kell saindo, não fazia muito tempo (ele não a detivera; aprendera que era inútil tentar, então resolvera ser um esteio, sempre ali e pronto para quando ela decidisse voltar, o que invariavelmente acontecia).

Mas, se não era Lila andando no quarto, quem era?

Barron se levantou, a arrepiante sensação de algo errado ficando pior enquanto ele levantava os suspensórios da cintura até os ombros largos e calçava as botas.

Uma espingarda estava pendurada na parede ao lado da porta, meio enferrujada pela falta de uso (nas ocasiões em que algum problema eclodia no salão, o porte de brutamontes de Barron em geral era suficiente para resolver a questão). Ele segurou a arma pelo cano e a puxou de sua moldura. Abriu a porta, fazendo uma careta por causa do rangido, e rumou escada acima para o quarto de Lila.

Tentar ser furtivo seria inútil. Barron nunca fora um homem pequeno, e os degraus rangiam alto sob suas botas conforme ele subia. Quando alcançou a pequena porta verde no topo da escada, ele hesitou, encostou a orelha na madeira e nada ouviu. Por um breve instante, duvidou de si mesmo. Pensou ter cochilado depois da saída de Lila e simplesmente sonhado com aquela ameaça, por causa de sua preocupação. Seu aperto firme na arma, que havia deixado os nós de seus dedos brancos, começou a afrouxar e ele inspirou, pensando em voltar para a cama. Mas então ouviu o som metálico de moedas tilintando e a dúvida derreteu-se como uma vela. Ele abriu a porta com a arma em punho.

Lila e Kell tinham saído, mas o quarto não estava vazio: havia um homem de pé ao lado da janela aberta, pesando o relógio de bolso de Lila na palma da mão. A lamparina sobre a mesa queimava com uma luz fraca e esquisita, o que tornava o homem estranhamente desbotado, do cabelo cor de carvão à pele pálida e ao casaco cinza-claro. Quando seu olhar se desviou casualmente do relógio e viu Barron (ele não pareceu nem um pouco perturbado pela arma), o dono da taverna viu que um de seus olhos era verde. O outro era totalmente preto.

Lila descrevera o homem para ele e lhe dissera seu nome.

Holland.

Barron não hesitou. Puxou o gatilho, e a espingarda explodiu pelo quarto com um barulho ensurdecedor que deixou seus ouvidos zumbindo. Mas, quando a nuvem de fumaça se dissipou, o intruso sem cor continuava de pé exatamente onde estivera antes da explosão, sem um arranhão. Barron arregalou os olhos, sem acreditar. O ar em frente a Holland brilhava, e Barron levou um segundo para entender que estava cheio de partículas de chumbo. As minúsculas contas de metal suspensas em frente ao peito de Holland. E então caíram, estalando no chão como granizo.

Antes que pudesse atirar novamente, Holland dobrou os dedos e a arma voou das mãos de Barron através do cômodo estreito, colidindo com a parede. Ele investiu para pegá-la, ou pelo menos foi o que tentou fazer, mas seu corpo se recusou, permanecendo enraizado no lugar, não por medo, mas por algo mais forte. *Magia*. Ele deu um comando mental para que suas pernas se mexessem, mas a força da magia comandou que ficassem paradas.

— Onde estão eles? — perguntou Holland. Sua voz era grave, fria e vazia.

Uma gota de suor rolou pelo rosto de Barron enquanto ele tentava se libertar do efeito da magia, sem sucesso.

— Foram embora — respondeu ele, sua voz saindo como um grave estrondo.

Holland franziu o cenho, desapontado. Tirou uma faca curva do cinto.

— Isso já deu para perceber. — Ele cruzou o quarto com passos cadenciados que ecoavam, e levou a lâmina lentamente até a garganta de Barron. Era muito fria e afiada. — Para onde foram?

De perto, Kell exalava um aroma de lírios e grama. Holland cheirava a cinzas, sangue e metal.

Barron encarou os olhos do mago. Eram como os de Kell. E ao mesmo tempo muito diferentes. Olhando dentro deles, viu raiva, ódio e dor, coisas não disseminadas, não aparentes, no restante do rosto.

— Então? — pressionou ele.

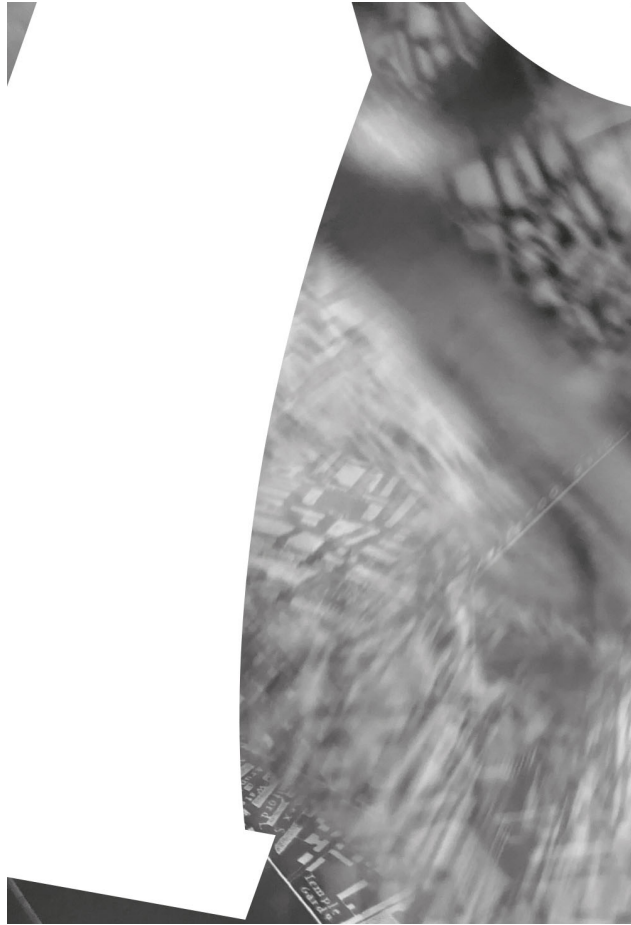
— Não faça a menor ideia — rosnou Barron.

Era verdade. Ele podia apenas esperar que estivessem bem longe dali.

Holland franziu os lábios.

— Resposta errada.

Ele deslizou a lâmina e Barron sentiu um calor escaldante em sua garganta; depois, mais nada.





NOVE

**FESTIVAL
&
FOGO**

I

A Londres Vermelha acolheu o retorno de Kell como se nada estivesse errado. Não havia chovido ali, e o céu estava listrado com rastros de nuvens e um tom avermelhado, como se fosse um reflexo do Atol. Carruagens seguiam elegantes pelas ruas, e o ar estava repleto dos vapores adocicados de temperos e chá. Um pouco além, ouvia-se os sons da crescente celebração.

Fazia mesmo apenas algumas horas desde que Kell fugira, ferido e confuso, daquele mundo para outro? A normalidade do ambiente e a sensação de que tudo estava certo por ali o deixaram atordoado e o fizeram duvidar, ainda que por um segundo apenas, de que algo pudesse estar errado. Mas ele sabia que a paz era superficial. Em algum lugar no palácio acima do rio, sua ausência certamente fora sentida; em algum lugar na cidade, dois homens jaziam mortos, e mais deles, com olhos vazios, provavelmente procuravam por ele e por seu prêmio. Mas ali, no que fora Whitbury e agora era *Ves Anash*, com a luminosidade do rio brilhando de um lado e o sol da manhã do outro, a Londres Vermelha parecia alheia ao perigo em que se encontrava, o perigo que ele carregava.

Uma pequena pedra preta capaz de criar qualquer coisa e destruir tudo. O pensamento o fez estremecer e apertar ainda mais a mão de Lila, mas nesse momento se deu conta de que ela não estava ali.

Ele se virou, esperando encontrá-la de pé ao seu lado, esperando que tivessem sido separados apenas por um passo ou dois durante a travessia. Mas ele estava sozinho. O eco da magia *Antari* brilhava fraco no muro, marcando o caminho pelo qual viera com Lila.

Mas Lila se fora.

E com ela, a pedra.

Kell esmurrou o muro, abrindo o rasgo que mal começara a se fechar. Sangue escorreu por seu pulso. Ele falou um palavrão e se pôs a procurar um pedaço de pano em seu casaco, esquecendo que o colocara sobre os ombros de Lila. Estava prestes a soltar outro palavrão quando se lembrou do lenço. O que ela lhe dera em troca, enfiado em seu bolso traseiro.

Parece a coisa certa a fazer, dissera ela. *Você me deu algo seu. Eu lhe dei algo meu. Agora estamos conectados.*

Conectados, pensou Kell. Botou a cabeça para funcionar quando pegou o quadrado de tecido. Funcionaria? Não se ela tivesse sido despedaçada ou ficado presa entre os mundos (havia relatos de não *Antaris* que tentaram abrir portas e ficaram entalados). Mas, se ela não tivesse chegado a atravessar, ou se estivesse ali de alguma forma, viva ou morta, poderia funcionar.

Ele levou o lenço manchado de sangue até o muro e pressionou a palma da mão sobre o eco de sua marca recente.

— *As Enose* — disse ele para a magia. — *As Enose* Delilah Bard.

Lila abriu os olhos e viu tudo vermelho.

Não um vermelho-vivo, como o da tinta que pintava as construções, mas um matiz sutil e penetrante, como se ela estivesse olhando através de um painel de vidro colorido. Lila tentou piscar para se livrar da cor, mas ela permaneceu. Quando Kell chamou a cidade de Londres *Vermelha*, ela presumira que ele havia escolhido a cor por algum motivo arbitrário ou pelo menos normal. Agora, via que quisera dizer literalmente. Ela respirou fundo e sentiu o cheiro de flores no ar. Lírios, calêndulas e lírios-orientais. O aroma era avassalador, beirando um doce enjoativo, como perfume. Não era de se admirar que se impregnasse em Kell. Depois de alguns segundos, o aroma abrandou, assim como o matiz da luz, e os sentidos de Lila se ajustaram ao novo ambiente. Mas, quando respirou mais fundo, tudo a acometeu novamente.

Lila tossiu e permaneceu deitada, imóvel. Ela estava de costas em um beco, de frente para uma porta vermelha muito bonita (pintada, não matizada). Ela sentiu o chão sob o corpo, uma pedra solta da rua cutucando suas costas através do casaco. O casaco de Kell. Espalhado no chão embaixo dela, aberto como asas.

Mas Kell não estava ali.

Lila fechou os dedos para ter certeza de que podia mexê-los e sentiu a pedra preta aninhada na mão, ainda zumbindo. *Funcionou*, pensou ela, suspirando maravilhada enquanto se sentava. Havia realmente *funcionado*.

Mas não perfeitamente. Se tivesse funcionado perfeitamente, ela e Kell estariam de pé no mesmo lugar, mas ela estava aqui. Que era na verdade *ali*. Algum lugar *novo*.

Ela havia conseguido.

Delilah Bard finalmente tinha escapado, zarpado. Não com um navio, mas com uma pedra.

Quanto a onde exatamente estava, não tinha a menor ideia. Ela se levantou e percebeu que a matiz vermelha não vinha do céu, e sim do chão. O mundo à sua direita era consideravelmente mais vermelho que o mundo à sua esquerda. E, percebeu conforme seus sentidos foram se aguçando, consideravelmente mais barulhento. Não o ruído usual de mascates e carroças, pois as Londres pareciam ter isso em comum, mas o estrondo de uma multidão crescente, com vivas, gritos e celebração. Parte dela sabia que devia ficar parada e esperar que Kell a encontrasse, mas a outra parte já se deslocava em direção ao volume de luz, cor e som.

Kell a encontrara uma vez, pensou ela. Poderia encontrá-la de novo.

Lila enfiou a pedra preta no bolso escondido de sua capa (a vertigem que sentiu ao largá-la foi breve e superficial), então pegou o casaco de Kell, espanou-o e o vestiu por cima. Ela imaginou que fosse ficar grande demais, e completamente desajeitado, mas, para sua surpresa, o casaco lhe serviu perfeitamente, os botões de prata alinhados com precisão no rico tecido preto.

Que estranho, pensou Lila, enfiando as mãos nos bolsos. Não era a coisa mais estranha que lhe acontecera até então, mas ainda assim era estranho.

Ela vagou pelas ruas, que eram como as de sua Londres, em toda a sua estreiteza e sinuosidade, e, contudo, tão diferentes. Em vez de pedra bruta e vidros sujos de fuligem, as lojas eram feitas de madeira escura e pedra lisa, vidros coloridos e metal brilhante. Pareciam robustas e estranhamente delicadas ao mesmo tempo, e, passando por todas elas, por *tudo*, havia uma energia (ela não conseguiu pensar em outra palavra). Lila andou em direção à multidão, maravilhada com as diferenças daquele mundo, cujos

ossos eram iguais aos do mundo dela, mas cujo corpo era algo novo e glorioso.

Quando dobrou a esquina, Lila viu a fonte da comoção. Milhares de pessoas estavam aglomeradas ao longo da rua principal, irrequietas, na expectativa. Tinham ares de plebeus, mas suas roupas eram muito mais finas do que Lila jamais vira nos plebeus de sua Londres. Seu estilo em si não era tão estranho (os homens usavam casacos elegantes com golas altas e as mulheres trajavam vestidos ajustados na cintura, sob capas), mas os materiais fluíam por eles como metal derretido, e fios de ouro percorriam cabelos, chapéus e punhos de camisa.

Lila fechou bem o casaco com botões de prata de Kell, agradecida por conseguir esconder a capa surrada que usava por baixo. Nas brechas que havia entre a multidão que se acotovelava, ela pôde distinguir o rio vermelho ao longe, exatamente onde o Tâmisia deveria estar, sua estranha luminosidade alterando as margens.

O Tâmisia? Uma fonte de magia?

Talvez a maior fonte do mundo. Não que vocês percebam isso aqui, mas, se você pudesse ver como é na minha Londres...

Era realmente magnífico. Porém, Lila estava menos interessada na água do que nos navios que a recobriam. Embarcações de todos os formatos e tamanhos, de brigues e galeras a escunas e navios imponentes, balançavam ao sabor das ondas vermelhas, as velas ondulando. Dezenas de emblemas marcavam o tecido em seus mastros e flancos, mas sobre todos eles haviam sido pendurados estandartes vermelhos e dourados. Eles cintilavam, provocando-a. *Suba a bordo*, pareciam dizer. *Eu posso ser seu*. Se Lila fosse homem e os navios, belas donzelas acenando com as saias, ela não poderia tê-los desejado mais. *Danem-se os vestidos bonitos*, pensou ela. *Prefiro um navio*.

Mas, apesar de a frota eclética ser o suficiente para tirar o fôlego de Lila, não eram os navios maravilhosos nem o inacreditável rio vermelho que prendiam a atenção da multidão.

Uma procissão marchava pela avenida.

Lila chegou até a borda da multidão quando uma fileira de homens desfilou em formação, vestidos com faixas de tecido escuro que envolviam seus corpos como se seus membros fossem carretéis. Os homens seguravam fogo na palma das mãos, e, quando dançavam e

giravam, o fogo formava arcos à sua volta, seguindo seus passos e demorando-se no ar atrás deles. Seus lábios moviam-se junto com o fogo, as palavras abafadas pelos sons da parada, e Lila se viu penetrando na aglomeração para ter uma visão melhor. De repente, os homens partiram, mas em seu encalço uma fila de mulheres apareceu. Trajando vestidos fluidos, executavam uma versão mais delicada da mesma dança, só que com água. Lila assistiu a tudo com olhos arregalados; a água se comportava como fitas nas mãos delas, espiralando e enrolando no ar, como que por magia.

É óbvio, pensou Lila, aquilo era coisa da magia.

As dançarinas da água deram lugar às da terra, às do metal e, por fim, às do vento, este último elemento fazendo-se visível por meio do pó colorido soprado das palmas das mãos para o ar.

As dançarinas estavam vestidas com roupas diferentes, mas todas levavam fitas vermelhas e douradas amarradas em braços e pernas, seguindo-os como caudas de cometas conforme se deslocavam pela cidade.

A música se elevou no rastro das dançarinas, forte como tambores porém doce como um instrumento de cordas, atingindo notas que Lila jamais escutara com instrumentos que ela nunca vira. Os músicos seguiram em frente, mas a melodia permaneceu no ar, pairando sobre a multidão como o teto de uma tenda, como se o próprio som pudesse se materializar. Era hipnótico.

E então vieram os cavaleiros em suas montarias, as capas vermelhas ondulando atrás deles. Os próprios cavalos eram animais gloriosos: não eram malhados; ou eram totalmente brancos ou cinza ou de um preto reluzente. *Quase tão bonitos quanto os navios*, pensou Lila. Seus olhos pareciam pedras polidas, alguns marrons, outros azuis ou verdes. As crinas sedosas fluíam pretas, prateadas ou douradas, e eles se moviam com uma graça que não condizia com seu tamanho ou sua marcha.

Todos os cavaleiros empunhavam estandartes como lanças de justa, um sol dourado nascendo em um céu vermelho.

Naquele momento, um amontoado de meninos cortou o caminho de Lila, fitas ondulando em seus braços e pernas, e ela segurou um deles pela gola da camisa.

— O que é tudo isso? — perguntou à criança irrequieta.

Os olhos do menino se arregalaram, e ele cuspiu uma sequência de palavras em um idioma que ela não reconheceu. Com certeza não era inglês.

— Você consegue me entender? — perguntou Lila, articulando as palavras, mas o garoto apenas balançou a cabeça, ainda preso, e continuou cuspindo palavras desconhecidas até que ela o deixou ir.

Aplausos mais altos irromperam na multidão, e Lila se virou para ver uma carruagem se aproximando. Era puxada por um conjunto de cavalos brancos e flanqueada por guardas de armadura. A carruagem levava estandartes mais ornamentados, mais elaborados: o sol que ela vira em tantas bandeiras pairava sobre um cálice, como se o conteúdo dele fosse a luz da manhã. O próprio cálice estava decorado com um M ornamentado, tudo confeccionado com fios de ouro bordados em seda vermelha.

Um homem e uma mulher estavam de pé na carruagem, de mãos dadas, as capas cor de carmim caindo dos ombros e acumulando-se no chão da carruagem. Ambos eram negros, com uma pele beijada pelo sol e cabelos pretos que destacavam o ouro das coroas ali aninhadas. (*Realeza*, pensou Lila. De fato. Era um mundo diferente. Um rei e uma rainha diferentes. Mas sempre havia a realeza.)

E, entre o rei e a rainha, com uma bota no banco da frente como um conquistador, havia um jovem também de pé. Uma fina coroa reluzia sobre seus cachos pretos e despenteados, e uma capa de ouro puro escorria sobre seus ombros largos. Um príncipe. Ele acenou para a multidão, e os plebeus foram à loucura.

— *Vares Rhy!* — Um grito emergiu do outro lado do desfile, e rapidamente se espalhou por dezenas de outras vozes. — *Vares Rhy! Vares Rhy!*

O príncipe lhes lançou um sorriso deslumbrante e, alguns passos à esquerda de Lila, uma jovem literalmente desmaiou. Lila escarneceu da tolice da garota, mas, quando se voltou para o desfile, pegou o príncipe olhando para *ela*. Intensamente. Lila sentiu o rosto queimar. Ele não sorriu, não piscou, apenas sustentou o olhar dela por alguns segundos, a testa franzindo de leve como se ele soubesse que ela não pertencia àquele mundo. Como se ele olhasse para ela e visse algo diferente. Lila sabia que provavelmente deveria fazer uma reverência ou pelo menos desviar o olhar, mas também o encarou. E então o momento passou. O príncipe

abriu um novo sorriso, virou-se para seus súditos e a carruagem continuou, deixando fitas, dançarinos e cidadãos animados por onde passava.

Lila forçou-se a voltar a si. Ela não havia percebido o quanto tinha avançado com o restante da multidão até ouvir um pequeno grupo de garotas tagarelando ao seu lado.

— Onde ele estava? — murmurou uma delas.

Lila espantou-se, aliviada por ouvir *alguém* falando seu idioma.

— *Ser asina gose* — disse outra e, então, em um inglês com muito sotaque: — Você soa bem.

— *Rensa tav* — falou a primeira. — Estou praticando para hoje à noite. Você também deveria, se quiser dançar.

Ela ficou na ponta dos pés para acenar para o príncipe que desaparecia.

— Seu parceiro de dança — colocou a terceira em um inglês truncado — parece estar desaparecido.

A primeira garota murchou.

— Ele sempre está na procissão. Espero que esteja bem.

— *Mas aven* — exclamou a segunda, revirando os olhos. — Elissa está apaixonada pelo príncipe de olho preto.

Lila franziu o cenho. Príncipe de olho preto?

— Você não pode negar que ele é deslumbrante. De uma forma estranha.

— *Anesh*. De um jeito *aterrorizante*.

— *Tac*. Ele não se compara a Rhy.

— Com licença — interrompeu Lila. As três garotas se viraram para ela. — O que é tudo isso? — perguntou, apontando para a parada. — Para que é isso?

A jovem que falava com o inglês truncado soltou uma risada atônita, como se Lila só pudesse estar brincando.

— *Mas aven* — disse a segunda. — De onde você vem para não saber? É o aniversário do príncipe Rhy, é óbvio.

— É óbvio — ecoou Lila.

— Seu sotaque é maravilhoso — falou aquela que estava procurando por seu príncipe de olho preto. Elissa. — Quem é o seu tutor?

Foi a vez de Lila rir. As garotas apenas a encararam. Mas, então, as trombetas (instrumentos que soavam mais ou menos como trombetas) começaram a tocar na direção de onde a realeza e o restante do festival

tinham vindo, e a multidão, agora seguindo a procissão, moveu-se no sentido da música, levando consigo o pequeno grupo de garotas. Lila saiu da aglomeração e levou a mão ao bolso, verificando se a pedra preta ainda estava ali. Estava. Ela zumbia, esperando ser apanhada, mas Lila resistiu à tentação. A pedra podia ser esperta, mas ela também era.

Sem a procissão bloqueando sua visão, Lila pôde ver todo o rio brilhante do outro lado da rua. Resplandecia com uma improvável luz vermelha que parecia emanar de baixo dele. Uma *fonte*, Kell havia chamado o rio, e Lila pôde ver por quê. Ele *vibrava* com poder, e a procissão real devia ter cruzado uma ponte, porque agora rumava pela margem oposta para receber cânticos e vivas longínquos. Os olhos de Lila seguiram o caminho da água até repousarem numa estrutura robusta e com abóbadas que só podia ser o palácio. Não ficava à margem do rio, como o Parlamento, mas *sobre* o próprio rio, cruzando a água como uma ponte. Parecia esculpido em vidro, ou cristal, suas junções unidas com cobre e pedra. Lila analisou a estrutura com olhos ávidos. O palácio parecia uma joia. Não, uma coroa de joias que se ajustaria melhor a uma montanha do que a uma cabeça.

As trombetas estavam sendo tocadas dos degraus, de onde saíam serviçais com capas curtas vermelhas e douradas, carregando bandejas de bebidas e comidas para o povo.

O aroma no ar, de comida estranha, bebidas e magia, era totalmente empolgante. Lila sentiu a cabeça inebriada com elas quando pisou na rua.

As multidões estavam rareando, e entre a rua que se esvaziava e o rio vermelho, um mercado desabrochava como uma cerca viva de rosas. Uma parte das pessoas seguiu a parada real, mas o restante se dirigiu ao mercado, e Lila os seguiu.

— *Crysac!* — gritou uma mulher segurando gemas preciosas de um vermelho inflamado. — *Nissa lin.*

— *Tessane!* — incitou outro comerciante, segurando o que parecia ser uma chaleira fumegante de metal. — *Cas tessane.* — Ele acenou com dois dedos no ar. — *Sessa lin.*

Todos os negociantes anunciavam as mercadorias em seu idioma estranho. Lila tentou captar o que diziam, comparando as palavras gritadas com os itens destacados. *Cas* parecia significar quente, e *lin*, deduziu, era um tipo de moeda, mas tudo era brilhante, colorido e zumbia com poder. E

ela mal conseguia se concentrar por tempo suficiente para acompanhar tudo.

Ela se aninhou no casaco de Kell e perambulou pelos estandes e barracas com olhos famintos. Não tinha dinheiro, mas tinha dedos rápidos. Passou por uma tenda chamada *Essenir* e viu, sobre uma mesa, uma pilha de pedras polidas de todas as cores, não simples vermelhos ou azuis, mas imitações perfeitas da natureza: amarelo-fogo, verde de grama no verão, azul-noturno. O mercador estava de costas para ela, que não resistiu.

Lila decidiu pegar o amuleto mais próximo, uma linda pedra azul-esverdeada da cor do mar (pelo menos era a cor que imaginava que tivesse, a cor que ela vira em pinturas) com pequenas marcas brancas, como ondas se quebrando. Mas, quando seus dedos se fecharam em torno da pedra, uma dor quente queimou em sua pele.

Lila arfou, mais pelo susto da queimadura do que pelo calor em si, e recuou bruscamente, a mão ardendo. Antes que pudesse se retirar, o mercador a pegou pelo pulso.

— *Kers la?* — exigiu ele. Quando ela não respondeu, e não saberia responder, ele começou a gritar mais rápido e mais alto, as palavras confundindo-se nos ouvidos dela.

— Solte minha mão — ordenou Lila.

A testa do negociante enrugou ao som da voz dela.

— Está achando o quê? — disse ele em um inglês gutural. — Que se livra falando bonito?

— Não tenho ideia do que você está falando — explodiu Lila. — Agora me *solte!*

— Fale *arnesiano*. Fale inglês. Não importa. Ainda *gast*. Ainda ladra.

— Não sou uma *gast* — rosnou Lila.

— *Viris gast*. Ladra tola. Tentou roubar de tenda enfeitiçada.

— Eu não sabia que estava enfeitiçada — rebateu Lila, tentando alcançar a adaga em sua cintura.

— *Pilse!* — rugiu o mercador, e Lila teve a impressão de que acabara de ser insultada.

E então o mercador elevou a voz.

— *Strast!* — gritou ele, e Lila se retorceu, presa ao homem e vendo guardas de armadura nos limites do mercado. — *Strast!* — gritou ele novamente, e um dos guardas levantou a cabeça e se virou para eles.

Droga, pensou Lila, retorcendo-se e libertando-se do mercador, mas caindo em outro par de mãos. Elas apertaram seus ombros, e Lila já estava prestes a desembainhar sua faca quando viu que o negociante ficara pálido.

— *Mas aven* — disse ele, curvando-se em uma reverência.

As mãos que seguravam Lila desapareceram, e ela se virou para ver Kell parado ali, franzindo o cenho como de costume e encarando o mercador atrás dela.

— O que significa isso? — perguntou ele, e Lila não saberia dizer o que a surpreendera mais: sua súbita aparição, a forma como ele falou com o mercador (a voz calma e indiferente), ou o jeito como o negociante olhava para ele, com uma mistura de admiração e medo.

O cabelo ruivo de Kell estava puxado para trás, seu olho preto à vista sob a luz vermelha da manhã.

— *Aven vares*. Se eu soubesse que ela estava com o senhor... — gaguejou o mercador antes de passar para o arnesiano, ou qualquer que fosse o nome daquela língua.

Lila ficou surpresa ao ouvir o idioma saindo da boca de Kell enquanto ele tentava acalmar o homem. Então ela escutou aquela palavra novamente, *gast*, na fala do mercador e se lançou sobre ele. Kell a puxou de volta.

— Já chega — rosnou ele no ouvido dela. — *Solase* — disse Kell ao mercador, desculpando-se. — Ela é *estrangeira*. Não é civilizada, mas não é perigosa.

Lila lançou-lhe um olhar irritado.

— *Anesh, mas vares* — falou o negociante, curvando-se ainda mais. — Perigosa o suficiente para roubar...

Com a cabeça baixa, o mercador não viu Kell olhar sobre o ombro para o guarda que avançava pelo mercado na direção deles. Não viu a forma como Kell enrijeceu. Mas Lila, sim.

— Comprarei qualquer coisa que ela tenha tentado pegar — disse Kell apressado, enfiando a mão no bolso do casaco, indiferente ao fato de que Lila ainda o estava usando.

O mercador endireitou-se e começou a sacudir a cabeça, parecendo não conseguir parar.

— *An. An*. Não posso aceitar seu dinheiro.

O guarda estava se aproximando, e Kell certamente não queria estar ali quando ele chegasse, porque pegou uma moeda no casaco e deixou sobre a mesa com um baque.

— Pelo seu aborrecimento — falou ele, virando Lila para o outro lado.
— *Vas ir.*

Ele não esperou pela resposta do mercador, apenas empurrou Lila pela multidão, para longe da barraca e do guarda que quase os alcançava.

— Não é civilizada? — rugiu Lila quando ele agarrou seu ombro e a guiou para fora do mercado.

— Cinco minutos! — vociferou Kell, tirando o casaco dos ombros de Lila e colocando-o em si mesmo, virando a gola. — Você não consegue ficar com as mãos paradas por cinco minutos! Diga-me que você ainda não vendeu a pedra.

Lila reagiu revoltada.

— Inacreditável! — explodiu ela enquanto Kell a levava para longe da multidão e do rio, em direção a uma das ruas mais estreitas. — Fico feliz em ver que está tudo bem com você, Lila — ironizou ela. — Ainda bem que usar a pedra não partiu você em milhares de pedacinhos desonestos.

A mão de Kell afrouxou o aperto no ombro dela.

— Não acredito que funcionou.

— Não fique tão animado — retrucou Lila secamente.

Kell parou e a virou para si.

— Não estou — disse ele. Seu olho azul parecia preocupado, o preto, indecifrável. — Estou feliz que não esteja ferida, Lila, mas as portas entre os mundos deveriam estar fechadas para todos que não são *Antari*, e o fato de a pedra ter dado passagem a você só prova o quanto é perigosa. E, enquanto ela estiver aqui, no *meu* mundo, estarei com medo.

Lila percebeu os próprios olhos mirando o chão.

— Bem — falou ela —, então vamos tirá-la daqui.

Um sorriso pequeno e agradecido se abriu nos lábios de Kell. Então Lila pegou a pedra do bolso e a segurou. Kell se sobressaltou e cobriu a mão de Lila com a sua, escondendo a pedra. Algo cintilou em seus olhos quando encostou nela, mas Lila não achou que fosse o seu toque que mexera com ele. A pedra tremeu estranhamente em sua mão, como se sentisse Kell e quisesse ficar com ele. Lila sentiu-se um pouco insultada.

— *Santo!* — praguejou Kell. — Isso, mostre a pedra para que todos possam vê-la!

— Pensei que a quisesse de volta! — gritou ela também, exasperada. — Você nunca está satisfeito.

— Apenas fique com ela — sibilou Kell. — E, pelo amor do rei, mantenha-a escondida.

Lila enfiou a pedra de volta na capa, falando em voz baixa algumas coisas bastante indelicadas.

— E, quanto ao idioma — disse Kell. — Você não pode falar livremente aqui. O inglês não é a língua corrente.

— Percebi. Obrigada pelo aviso.

— Eu disse que os mundos seriam diferentes. Mas você está certa, eu deveria ter lhe avisado. Aqui o inglês é usado pela elite, e por aqueles que desejam associar-se a ela. Só o fato de usá-lo fará você se destacar.

Os olhos de Lila estreitaram-se.

— O que quer que eu faça? Não fale?

— A ideia passou pela minha cabeça — falou Kell. Lila fez uma careta. — Mas, como duvido que isso seja possível para você, gostaria de pedir simplesmente que fale baixo. — Ele sorriu e Lila sorriu também, resistindo à vontade de quebrar o nariz dele. — Agora, com isso resolvido... — Ele se virou para ir.

— *Pilse* — resmungou ela, indo atrás de Kell, esperando que significasse algo bem desagradável.

II

Aldus Fletcher não era um homem honesto.

Ele era dono de uma loja de penhores no beco perto das docas, e todos os dias homens saíam de seus barcos, alguns com coisas que queriam, outros com algo de que desejavam se livrar. Fletcher atendia a todos. E aos habitantes locais também. Era um fato amplamente conhecido nos cantos escuros da Londres Vermelha que a loja de Fletcher era o lugar para se obter qualquer coisa que você não deveria ter.

Vez ou outra, pessoas *honestas* entravam ali, tentando encontrar, ou se desfazer de, cachimbos e instrumentos, tábuas de divinação, pedras com runas e candelabros. E Fletcher não se incomodava em encher a loja com esses objetos também, para o caso de a guarda real fazer uma inspeção. Mas seu negócio era baseado em produtos arriscados e raros.

Havia um painel de pedra polida pendurado na parede ao lado do balcão, grande como uma janela, mas preto como breu. Em sua superfície, uma fumaça branca se movia, tremulava e se espalhava como giz, anunciando o itinerário completo das celebrações do aniversário do príncipe. O eco do rosto sorridente de Rhy se formou na tábua de divinação sobre o aviso. Ele sorriu e piscou enquanto uma mensagem flutuava debaixo de seu pescoço:

*O rei e a rainha convidam você
para a celebração do aniversário
de vinte anos do príncipe nos degraus
do palácio depois do desfile anual.*

Alguns segundos depois, a mensagem e o rosto do príncipe se dissolveram e, por um instante, a tábua ficou escura. Então se reanimou e

começou a veicular uma série de outros anúncios.

— *Erase es ferasse?* — ressoou Fletcher com sua voz grave. *Chegando ou partindo?*

A pergunta era dirigida a um garoto cuja barba mal começara a crescer e que estava de pé analisando uma mesa com bugigangas perto da porta. *Chegando* significava comprador e *partindo* queria dizer vendedor.

— Nenhum dos dois — murmurou o garoto. Fletcher ficou de olho nas mãos perambulantes do jovem, mas não estava preocupado; a loja era protegida contra ladrões. O dia estava fraco, e Fletcher quase desejou que o garoto tentasse. Ele podia se divertir um pouco. — Apenas olhando — acrescentou o garoto, nervoso.

A loja de Fletcher não atraía muitos observadores. As pessoas vinham com um propósito. E tinham que torná-lo explícito. O que quer que o garoto estivesse procurando, ele não o desejava o suficiente para dizer.

— Avise se não encontrar o que está procurando — disse Fletcher.

O garoto assentiu, mas ficava olhando de relance para Fletcher. Ou melhor, para os braços de Fletcher, que estavam apoiados no balcão. O ar do lado de fora estava pesado para uma manhã no meio da estação da colheita (alguém poderia supor que, dada a clientela, a loja funcionaria no horário preferido dos ladrões, do anoitecer ao amanhecer, mas Fletcher descobrira que os melhores trapaceiros sabiam como disfarçar e agir de modo casual), e Fletcher enrolara as mangas da camisa até os cotovelos, expondo uma variedade de marcas e cicatrizes em seus antebraços bronzeados. A pele dele era um mapa de sua vida. Uma vida sofrida.

— É verdade o que dizem? — perguntou o garoto finalmente.

— Sobre o quê? — retrucou Fletcher, erguendo uma sobrancelha grossa.

— Sobre você. — O olhar do garoto parou nas marcas em volta dos pulsos de Fletcher. Os limitadores circundavam suas mãos como algemas gravadas na pele e em algo ainda mais profundo. — Posso vê-las?

— Ah, isso? — perguntou Fletcher, levantando as mãos. As marcas eram uma punição dada apenas àqueles que desafiavam a regra de ouro da magia. — Não deverás usar teu poder para controlar teu semelhante — recitou ele, exibindo um sorriso frio e torto.

Para tal tipo de crime, a coroa mostrava pouca clemência. O culpado era *vinculado*, marcado com limitadores projetados para interromper seu

poder.

Mas os de Fletcher estavam quebrados. As marcas na parte interna dos pulsos estavam desfiguradas, obscurecidas, como elos fraturados de uma corrente metálica. Ele tinha ido aos confins do mundo para quebrar esses vínculos, negociado corpo e alma e anos de sua vida, mas ali estava. Livre novamente. De certa forma. Ainda estava vinculado à loja e à ilusão de impotência, uma ilusão que ele mantinha para que os guardas não descobrissem sua recuperação e voltassem para reivindicar mais que a sua magia. Ajudava, é certo, que ele trocasse favores com alguns deles. Todos, até mesmo os ricos, os orgulhosos e a realeza, queriam coisas que não deveriam ter. E essas coisas eram a especialidade de Fletcher.

O garoto ainda encarava as marcas, pálido e com os olhos arregalados.

— *Tac.* — Fletcher apoiou novamente os braços no balcão. — O tempo para olhar acabou. Vai comprar algo ou não?

O garoto saiu correndo de mãos vazias e Fletcher suspirou, tirando um cachimbo do bolso traseiro. Ele estalou os dedos e uma pequena chama azul dançou na ponta de seu polegar, que ele usou para acender as folhas pressionadas no forninho do cachimbo. Em seguida, tirou algo do bolso da camisa e colocou sobre o balcão de madeira.

Era uma peça de xadrez. Uma pequena torre branca, mais especificamente. A marca de uma dívida que ele ainda não cobrara, mas que o faria.

A torre havia pertencido ao jovem *Antari*, Kell, mas chegara a Fletcher muitos anos antes como parte da partilha de uma rodada de Santo.

Santo era o tipo de jogo que podia se estender por algum tempo. Uma mistura de estratégia, sorte e uma boa parte de trapaça, podia terminar em minutos ou durar horas. E a mão final de uma noite já durava quase duas. Eles eram os últimos jogadores, Fletcher e Kell, e a noite ia longe, assim como a partilha. Eles não estavam jogando por dinheiro, é óbvio. Na mesa havia uma pilha de amuletos, bugigangas e magia rara. Um frasco de areia da esperança. Uma lâmina de água. Um casaco que escondia um número infinito de lados.

Fletcher havia jogado todas as cartas exceto três: um par de reis com um santo entre eles. Estava certo de que ganharia. Então Kell jogou três santos. O problema é que só havia três santos em todo o baralho, e Fletcher tinha um. Mas, quando Kell baixou a mão, a carta na de Fletcher

tremulou e mudou de um santo para um servo, a carta mais baixa do baralho.

Fletcher ficou vermelho enquanto observava. O pirralho real havia deslizado uma carta enfeitada no baralho e manipulado Fletcher como manipulara as cartas. Isso era o melhor e o pior no Santo. Nada era proibido. Não era preciso ganhar de forma justa. Era preciso apenas ganhar.

Fletcher não teve escolha a não ser baixar a mão arruinada, e o cômodo irrompeu em comentários jocosos e vaias. Kell apenas sorriu e deu de ombros, depois se levantou. Ele escolheu uma bugiganga do topo da pilha, uma peça de xadrez de outra Londres, e a jogou para Fletcher.

— Sem ressentimentos — disse ele com uma piscadela antes de pegar o restante e sair.

Sem ressentimentos.

Os dedos de Fletcher se fecharam sobre a pequena estátua de pedra. O sino da porta da frente da loja badalou quando outro cliente entrou com uma barba grisalha e um brilho faminto no olhar. Fletcher guardou a torre no bolso e exibiu um sorriso cruel.

— *Erase es ferasse?* — perguntou ele.

Chegando ou partindo?

III

Kell podia *sentir* a pedra no bolso de Lila enquanto andavam.

Houve um momento, quando seus dedos se fecharam sobre os dela e sua pele roçara o talismã, em que tudo o que quis foi tirá-lo de Lila. Ele sentia que tudo ficaria bem se ele simplesmente o segurasse. O que era uma ideia absurda. Nada ficaria bem enquanto a pedra existisse. Ainda assim, ela atraía seus sentidos, e ele sentiu um calafrio. Tentou não pensar nisso enquanto guiava Lila pela Londres Vermelha, longe do barulho e em direção à Ruby Fields.

As celebrações de Rhy durariam o dia todo, levando a maior parte da cidade, o povo e os guardas, para as margens do rio e para o palácio vermelho.

Culpa inundou seus pensamentos. Ele deveria ter feito parte da procissão, desfilado na carruagem aberta com a família real e estado ali para provocar e censurar o irmão pela forma como ele desfrutava da atenção.

Kell tinha certeza de que Rhy ficaria semanas de mau humor por causa de sua ausência. E então se lembrou de que nunca teria a chance de se desculpar. O pensamento lhe cortou como uma faca, mesmo que dissesse a si mesmo que tinha que ser assim e que, quando a hora chegasse, Lila explicaria. E Rhy? Rhy o perdoaria.

Kell manteve a gola do casaco levantada e a cabeça baixa, mas ainda sentia olhos sobre ele conforme se deslocavam pelas ruas. Ficava olhando por cima dos ombros, incapaz de se livrar da sensação de estar sendo seguido. E estava, é óbvio, por Lila, que o examinava cada vez mais minuciosamente conforme os dois se embrenhavam pelas ruas.

Algo a estava incomodando, mas ela permaneceu calada, e, por um momento, Kell se perguntou se Lila havia concordado com a sua ordem ou

se estava apenas ganhando tempo. Então a aparição de um par de guardas reais (com os elmos casualmente debaixo dos braços) fez Kell, e por consequência Lila, se esconder apressadamente em uma porta recuada. E ela finalmente quebrou o silêncio.

— Me diga uma coisa, Kell — indagou quando os dois voltaram ao meio-fio depois que os homens passaram. — Os plebeus o tratam como nobre, mas você se esconde dos guardas como um ladrão. Qual dos dois você é?

— Nenhum dos dois — respondeu ele, torcendo para que ela deixasse esse assunto para lá.

Mas Lila não deixou.

— Você é algum tipo de criminoso valente? — pressionou ela. — Um Robin Hood, herói para o povo e fora da lei para a coroa?

— Não.

— É procurado por alguma coisa?

— Não exatamente.

— Pela minha experiência — observou Lila —, uma pessoa é procurada ou não é. Por que você se esconderia dos guardas se não fosse?

— Porque pensei que eles pudessem estar procurando por mim.

— E por que eles fariam isso?

— Porque estou desaparecido.

Ele ouviu os passos de Lila desacelerando.

— Por que eles se importariam? — perguntou ela, parando. — Quem é você?

Kell virou-se para encará-la.

— Eu lhe disse...

— Não — retrucou ela, estreitando os olhos. — Quem é você *aqui*? Quem é você para *eles*?

Kell hesitou. Tudo o que ele queria era cruzar a cidade o mais rápido possível, pegar um artefato da Londres Branca de seus aposentos e tirar aquela pedra preta desgraçada de seu mundo. Mas Lila parecia não pretender se mexer até que ele respondesse.

— Eu pertenço à família real — falou Kell.

No espaço de horas em que viera a conhecer Lila, ele aprendera que ela não se surpreendia facilmente, mas com essa declaração os olhos dela finalmente se arregalaram com descrença.

— Você é um príncipe?

— Não — disse ele com firmeza.

— Como o rapaz bonito na carruagem? Ele é seu irmão?

— O nome dele é Rhy, e não. — Kell se encolheu ao dizer isso. — Bem, não exatamente.

— Então *você* é o príncipe de olho preto. Tenho que admitir, nunca achei que você fosse um...

— Não sou príncipe, Lila.

— Acho que agora entendo; você é muito arrogante e...

— Não *sou*...

— Mas o que um integrante da família real está fazendo...

Kell a empurrou contra o muro de tijolos do beco.

— Não sou um *integrante* da família real — explodiu ele. — Eu *pertenço* a eles.

Lila franziu a testa.

— O que você quer dizer com isso?

— Eles são meus donos — falou Kell, sentindo-se mal ao proferir aquelas palavras. — Sou uma possessão. Uma bugiganga. Veja, eu cresci no palácio, mas aquele não é meu lar. Fui criado com a realeza, mas eles não são minha família, não de sangue. Eu tenho valor para eles, e eles me mantêm por perto, mas isso não é o mesmo que me acolher.

As palavras queimaram quando ele as disse. Sabia que não estava sendo justo com o rei e a rainha, que o tratavam com zelo, se não com amor, ou com Rhy, que sempre o vira como um irmão. Mas era verdade, não era? Por mais que lhe doesse. Apesar de todo o carinho que sentiam uns pelos outros, o fato é que ele era uma arma, um escudo, uma ferramenta a ser utilizada. Ele não era um príncipe. Não era um filho.

— Pobrezinho — disse Lila friamente, empurrando-o. — O que você quer? Pena? Não encontrará em mim.

Kell retesou o maxilar.

— Eu não...

— Você tem uma casa, se não um lar — cuspiu ela. — Você tem pessoas que cuidam de você e talvez se preocupem com você. Pode não ter tudo o que quer, mas aposto que tem tudo de que poderia *precisar* e ainda sim tem a audácia de desmerecer isso porque não é amor.

— Eu...

— O amor não nos impede de congelar até a morte, Kell — continuou ela. — Ou de passar fome, ou de ser esfaqueada por causa do dinheiro em seu bolso. O amor não nos compra nada, então fique feliz pelo que você tem e por quem tem, porque você pode até querer coisas, mas não *precisa* delas.

Ela estava sem fôlego quando terminou; os olhos marejados e as bochechas coradas.

E ali, pela primeira vez, Kell viu Lila. Não como ela queria ser vista, mas como ela era. Uma menina assustada apesar de esperta, tentando desesperadamente permanecer viva. Uma menina que provavelmente passara frio e fome e lutara, que quase certamente matara, para se agarrar a uma ilusão de vida, protegendo-a como a uma vela na ventania.

— Diga alguma coisa — provocou ela.

Kell engoliu em seco, os punhos cerrados ao lado do corpo, e ele olhou duramente para ela.

— Você está certa — disse.

A admissão o deixou estranhamente vazio, e tudo que queria naquele momento era apenas ir para casa (e era um lar, muito mais perto de um do que Lila provavelmente tivera). Deixar a rainha tocar seu rosto e o rei encostar em seu ombro. Passar o braço ao redor do pescoço de Rhy e brindar seu aniversário com ele, escutando-o divagar e rir.

A vontade doía de tão profunda.

Mas ele não podia.

Ele cometera um erro. Havia colocado todos em perigo, e tinha que consertar as coisas.

Porque era seu dever protegê-los.

E porque ele os amava.

Lila ainda o encarava, esperando pela cilada em suas palavras, mas não havia nenhuma.

— Você está certa — repetiu ele. — Eu sinto muito. Comparada à sua vida, a minha deve parecer uma joia...

— Não se atreva a ter pena de mim, garoto mágico — rugiu Lila, uma faca na mão.

E logo a garota de rua assustada se foi e a assassina estava de volta. Kell sorriu de leve. Não havia como ganhar essas batalhas com Lila, mas ele estava aliviado por vê-la de volta à sua forma ameaçadora. Parou de

encará-la e olhou para o céu, o vermelho do Atol refletido nas nuvens baixas. Uma tempestade estava vindo. Rhy se ressentiria disso também, rancoroso com qualquer coisa que pudesse atrapalhar o esplendor de seu dia.

— Venha — chamou Kell. — Estamos quase lá.

Lila embainhou sua lâmina e o seguiu, desta vez com um olhar menos ameaçador.

— Esse lugar para onde estamos indo — disse ela. — Ele tem um nome?

— *Is Kir Ayes* — falou Kell. — Ruby Fields.

Ele ainda não tinha dito a Lila que a jornada dela terminaria ali. Que tinha que terminar. Pela paz de espírito dele e pela segurança dela.

— O que você espera encontrar lá?

— Um artefato — respondeu Kell. — Algo que dê passagem para a Londres Branca. — Ele analisou as prateleiras e gavetas em sua mente, as diversas bugigangas de várias cidades brilhando em seus olhos. — A hospedaria — continuou ele — é administrada por uma mulher chamada Fauna. Vocês vão se dar muito bem.

— E por quê?

— Porque vocês duas são...

Kell estava prestes a dizer *duras como pedra*, mas, quando dobrou a esquina, parou bruscamente, as palavras morrendo em sua boca.

— Isso é a Ruby Fields? — perguntou Lila perto do ombro dele.

— É — respondeu baixinho. — Ou era.

Nada restava além de cinzas e fumaça.

A hospedaria e tudo nela haviam sido completamente queimados.

IV

Não fora um incêndio comum.

Incêndios comuns não consumiam metal como consumiam madeira. E um incêndio normal se espalhava. Esse não o fizera. Havia seguido os limites da construção e queimado com uma labareda com a forma quase perfeita; apenas algumas chamas chamuscaram as pedras das ruas que circulavam a edificação.

Não, aquilo fora um feitiço.

E recente. O calor ainda pairava nas ruínas enquanto Kell e Lila as percorriam procurando por alguma coisa, *qualquer coisa*, que pudesse ter permanecido intacta. Mas nada havia.

Kell ficou enjoado.

Esse tipo de incêndio incandescia quente e rápido, e os limites sugeriam um feitiço de restrição. Não teria simplesmente contido as chamas. Teria contido tudo. Todos. Quantas pessoas teriam ficado presas ali? Quantos cadáveres estariam ali nos destroços, reduzidos aos ossos ou a meras cinzas?

E então Kell lembrou, egoísta, de seu quarto.

Anos colecionando caixas de música e medalhões, instrumentos e ornamentos, coisas preciosas, coisas simples e coisas estranhas: tudo destruído.

O aviso de Rhy — *pare com essa tolice antes que seja pego* — ecoou em sua cabeça, e, por um instante, Kell ficou feliz por tudo lhe ter sido roubado antes que ele fosse descoberto. E então o peso do que realmente acontecera lhe caiu nos ombros. Quem quer que tenha feito isso não havia *roubado nada* dele — pelo menos não fora esse o motivo principal. Mas o haviam despido de sua pilhagem para isolá-lo. Um *Antari* não pode viajar

sem artefatos. Estavam tentando acuá-lo, ter certeza de que, se ele conseguisse voltar para a Londres Vermelha, não haveria nada a seu dispor.

Tal grau de perfeccionismo cheirava a um trabalho feito pelas mãos do próprio Holland. As mesmas mãos que arrancaram as moedas das Londres do pescoço de Kell e as jogaram longe no escuro.

Lila cutucou os restos derretidos de uma chaleira com a ponta do pé.

— E agora?

— Não sobrou nada aqui — falou Kell, deixando que um punhado de cinzas escorresse por entre os dedos. — Teremos que encontrar outro artefato.

Ele espanou a fuligem das mãos, pensando. Não era a única pessoa da Londres Vermelha com um objeto daqueles, mas a lista era pequena, já que ele era muito mais disposto a negociar os artefatos da curiosa e inofensiva Cinza do que da pervertida e violenta Branca. O próprio rei tinha um, passado entre as gerações. Fauna também, como parte do acordo deles (mas Fauna, ele temia, estava agora soterrada em algum lugar sob os escombros).

E Fletcher também tinha um.

Kell se encolheu por dentro.

— Conheço um homem — falou ele. O que não era nem a metade da história, mas era certamente mais simples do que explicar que Fletcher era um criminoso mesquinho que perdera uma partilha para ele em um jogo de Santo quando Kell era muitos anos mais jovem e diversas vezes mais arrogante. E que Kell havia lhe presenteado com um objeto da Londres Branca tanto como uma oferta de paz (se estivesse mentindo para si mesmo) quanto como uma provocação (se estivesse sendo sincero). — Fletcher. Ele tem uma loja nas docas. E tem um artefato da Londres Branca.

— Bem, então vamos torcer para que não tenham queimado a loja *dele* também.

— Gostaria de vê-los tent...

As palavras morreram na garganta de Kell. Alguém estava se aproximando. Alguém que cheirava a sangue seco e metal incandescente. Kell alcançou Lila, e ela exprimiu meia palavra de protesto antes que ele tampasse sua boca com a mão e enfiasse a outra no bolso dela. Seus dedos encontraram a pedra e a envolveram, e o poder ondulou pelo corpo dele,

correu por seu sangue. Kell prendeu a respiração quando um arrepio o percorreu, mas não havia tempo para desfrutar a sensação, ao mesmo tempo excitante e aterrorizante, nem para hesitar. *Convicção*, dissera Holland, *convicção é a chave*, então Kell não titubeou nem vacilou.

— *Esconda-nos* — ordenou ele ao talismã.

E a pedra obedeceu. Ela cantou com vida, seu poder reverberando por ele ao mesmo tempo que (entre uma batida de seu coração e outra) a fumaça preta envolvia Kell e Lila. A fumaça se acomodou sobre os dois como uma sombra, como um véu; ao tocá-la, encontrou algo que era mais espesso que o ar e menos que tecido. Quando Kell olhou para Lila, foi capaz de enxergá-la, e quando ela olhou para ele também pôde vê-lo nitidamente, e o mundo à volta deles ainda estava perfeitamente visível, embora tingido pelo feitiço. Kell prendeu a respiração e torceu para que a pedra tivesse feito seu trabalho. Ele não tinha escolha. Não havia tempo para fugir.

Naquele exato momento, Holland apareceu no começo da rua adjacente.

Kell e Lila retesaram-se ao avistá-lo. Ele parecia um pouco desgrenhado pelo tempo em que passara no chão do beco. Seus pulsos estavam vermelhos e machucados sob a meia capa amassada. A fivela de prata estava oxidada, sua gola, manchada de lama e sua expressão, o mais perto da raiva que Kell já havia visto. Uma pequena ruga entre as sobrancelhas. Uma rigidez no maxilar.

Kell podia sentir a pedra estremecer em sua mão e se perguntou se Holland era atraído por ela, ou se ela era atraída por Holland.

O outro *Antari* estava segurando algo perto dos lábios, um cristal achatado do tamanho e da forma de uma carta de baralho, e falava para ele em seu tom grave e monótono.

— *Öva sö taro* — disse ele em seu idioma nativo. *Ele está na cidade.*

Kell não ouviu a resposta da outra pessoa, mas, depois de uma pausa, Holland respondeu:

— *Kösa.* — *Tenho certeza.*

E enfiou o cristal de volta no bolso. O *Antari* recostou o ombro na parede e estudou as ruínas carbonizadas da hospedaria. Ele ficou ali de pé, parado, como se estivesse perdido em pensamentos.

Ou esperando.

A firmeza de seu olhar fez com que Lila se remexesse um pouco, encostando em Kell, e ele apertou mais a mão que estava sobre a boca da garota.

Holland apertou os olhos. Talvez estivesse pensando. Talvez estivesse olhando para eles. E então falou.

— Eles gritaram enquanto o prédio ardia em chamas — disse ele em inglês, sua voz alta demais para estar falando consigo mesmo. — Todos gritaram no fim. Até mesmo a velha.

Kell rangeu os dentes.

— Sei que está aqui, Kell — continuou Holland. — Nem os restos queimados conseguem esconder seu cheiro. E a magia da pedra não pode esconder a pedra. Não de mim. Ela me chama da mesma forma que chama você. Vou encontrá-lo em qualquer lugar, então acabe com essa tolice e me enfrente.

Kell e Lila permaneceram imóveis na frente dele, a apenas alguns passos de distância.

— Não estou com vontade de brincar — advertiu Holland. Seu tom calmo usual agora tinha vestígios de irritação.

Quando nem Kell nem Lila se moveram, ele suspirou e tirou de sua capa um relógio de bolso de prata. Kell o reconheceu como o que Lila havia deixado para Barron. Ele a sentiu enrijecer quando Holland jogou o relógio na sua direção; ele quicou pela rua enegrecida, derrapando até parar no limite dos vestígios carbonizados da hospedaria. Dali, Kell podia ver que estava sujo de sangue.

— Ele morreu por sua causa — afirmou Holland, dirigindo-se a Lila. — Porque você fugiu. Você foi covarde. Continua sendo?

Lila lutou para se libertar dos braços de Kell, mas ele usou toda a sua força para segurá-la ali, prendendo-a junto a seu peito. Ele sentiu as lágrimas deslizando pela mão que estava na boca de Lila, mas não a soltou.

— Não — sussurrou no ouvido dela. — Não aqui. Não assim.

Holland suspirou.

— Você vai sofrer a morte de uma covarde, Delilah Bard. — Ele tirou uma lâmina curva da capa. — Quando isso terminar — continuou —, vocês dois desejarão ter saído daí.

Ele levantou a mão vazia e uma rajada de vento varreu as cinzas da hospedaria destruída, revolvendo-as no ar acima de suas cabeças. Kell olhou para a nuvem em cima deles e proferiu uma oração em voz baixa.

— Última chance — disse Holland.

Ante a permanência silêncio, ele baixou a mão e as cinzas começaram a cair. E Kell se deu conta do que aconteceria. Elas iriam pairar e se acumular no véu que os envolvia, expondo-os, e Holland estaria sobre eles em um segundo. A mente de Kell se agitou enquanto ele segurava a pedra com mais força; estava prestes a conjurar seu poder novamente quando as cinzas encontraram o véu... e o atravessaram.

Elas desceram direto pelo tecido improvável, e através deles, como se não estivessem ali. Como se não fossem reais. O vinco entre os olhos de duas cores de Holland ficou mais profundo quando a última partícula das cinzas se acomodou nas ruínas, e Kell sentiu um prazer (bem pequeno) na frustração do *Antari*. Ele podia ser capaz de senti-los ali, mas não conseguia vê-los.

Finalmente o vento se foi e tudo se aquietou. Kell e Lila permaneceram escondidos pelo poder da pedra, e a certeza de Holland vacilou. Ele embainhou a lâmina curva e deu um passo para trás, a capa ondulando às suas costas.

No instante em que Holland se foi, Kell diminuiu a força com que segurava Lila e ela se retorceu, libertando-se dele e disparando em direção ao relógio de prata no chão da rua.

— Lila! — gritou.

Ela não pareceu ouvi-lo, e Kell não sabia se era porque tinha saído do sudário protetor ou porque seu mundo havia sido reduzido ao tamanho e à forma de um pequeno relógio ensanguentado. Ele a observou tombar sobre um dos joelhos e pegar o objeto com os dedos trêmulos.

Kell foi até o lado de Lila e levou a mão ao ombro dela, ou tentou, mas seu toque a atravessou. Então ele estava certo. O véu não os tornara simplesmente invisíveis. Também os tornara incorpóreos.

— Revele-me — ordenou à pedra.

Uma onda de energia o percorreu e um instante depois o véu se dissolveu. Kell ficou maravilhado com a facilidade do ato enquanto se ajoelhava ao lado dela; a magia viera sem esforço, mas era a primeira vez que havia se dispersado de bom grado. Eles não podiam ficar ali, expostos,

então Kell segurou o braço dela e silenciosamente conjurou a magia para escondê-los novamente. Foi obedecido, e o véu de sombras se assentou novamente sobre os dois.

Lila tremeu sob o seu toque, e ele queria dizer a ela que estava tudo bem, que Holland podia ter roubado o relógio e poupado a vida de Barron, mas não queria mentir. Holland era muitas coisas, a maioria bem camuflada, mas não era sentimental. Se algum dia fora compassivo, ou pelo menos misericordioso, Athos tirara isso dele havia muito tempo, extirpando o sentimento junto com sua alma.

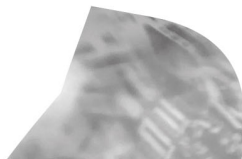
Não. Holland era implacável.

E Barron estava morto.

— Lila — disse Kell baixinho. — Eu sinto muito.

Os dedos dela se fecharam com força sobre o relógio quando ela se levantou. Kell levantou-se com ela, e, apesar de Lila não olhá-lo nos olhos, ele podia ver a raiva e a dor desenhadas nas linhas de seu rosto.

— Quando isso terminar — falou ela, guardando o relógio na capa —, quero ser eu a cortar a garganta dele. — E então ela se empertigou e soltou o ar pesadamente. — Agora — continuou —, qual é o caminho até Fletcher?





DEZ

**UMA
TORRE
BRANCA**

Booth estava começando a se desfazer.

Nessa Londres sombria e cinzenta, o corpo do bêbado não havia durado muito, o que aborreceu a coisa que o utilizava como combustível. Não era culpa da magia; havia pouco ao que se agarrar ali, muito pouco do que se alimentar. A vida que as pessoas tinham dentro de si equivalia a uma singela luz de velas, não ao fogo a que a escuridão estava acostumada. Tão pouco calor e tão facilmente extinta. Assim que se infiltrara, queimara e consumira o corpo até que nada restasse; sangue e ossos reduzidos à casca e às cinzas em apenas um segundo.

Os olhos pretos de Booth dirigiram-se a seus dedos carbonizados. Com um combustível tão pobre, ele não conseguiria se espalhar; não duraria muito em nenhum corpo.

Não por falta de tentativas. Afinal, deixara uma trilha de cascas descartadas pelas docas.

Acabara com o lugar que chamavam de Southwark em apenas uma hora.

Porém, seu corpo atual, o que havia tomado no beco da taverna, começava a se desfazer. A marca preta na frente da camisa pulsou, tentando impedir que os últimos vestígios de vida fossem derramados. Talvez não devesse ter apunhalado o bêbado primeiro, mas parecera a forma mais fácil de entrar.

Porém, a casca enfraquecida e a falta de perspectivas o estavam deixando em apuros. Ele parecia estar apodrecendo.

Pedaços de pele caíam em lascas a cada passo. As pessoas na rua olhavam para ele e se afastavam, como se o que o consumia fosse contagioso. O que, certamente, era. A magia era uma doença

verdadeiramente bela. Mas apenas quando seus hospedeiros eram fortes o suficiente. Puros o suficiente. As pessoas dali não eram.

Ele andou pela cidade, àquela altura tropeçando e mancando, o poder em sua casca agora como brasas que rapidamente esfriavam.

E, em seu desespero, ele se viu atraído, mais uma vez, para o lugar em que começara: a Stone's Throw. Ele se regozijou na atração exercida pela pequena e estranha taverna. Era uma centelha de calor na cidade fria e morta. Um vislumbre de luz, de vida, de magia.

Se conseguisse chegar até lá, talvez encontrasse outro combustível a tempo.

Estava tão consumido pela necessidade de encontrar a taverna que não notou o homem parado à porta, nem a carruagem que se aproximava rapidamente conforme ele saía do meio-fio e passava a andar na rua.

Edward Archibald Tuttle estava de pé do lado de fora da Stone's Throw, carrancudo.

Ela já deveria estar aberta àquela hora, mas o ferrolho ainda estava trancado, as janelas, fechadas, e tudo dentro parecia estranhamente silencioso. Ele olhou o relógio de bolso. Já passava de meio-dia. Muito estranho. *Suspeito*, pensou ele. *Maligno, até*. Sua mente se demorou nas possibilidades, todas nefastas.

Sua família insistia que ele possuía uma imaginação fértil demais, mas ele acreditava que o resto do mundo simplesmente não tinha a visão, o senso de magia, que ele obviamente possuía. Ou, pelo menos, que gostaria de possuir. Ou, na verdade, que começara a recear que nunca possuiria, que começara a pensar (mesmo que não admitisse) que não existia.

Até que encontrara o viajante. O célebre mago conhecido apenas como Kell.

Aquele encontro único e singular havia renovado suas crenças, alimentado o fogo, tornando-o mais quente do que jamais havia sido.

E então Edward fizera como lhe fora ordenado e voltara à Stone's Throw na esperança de encontrar o mago pela segunda vez e receber sua prometida bolsa de terra. Por esse motivo, ele havia retornado no dia anterior, e por esse motivo retornaria novamente no dia seguinte, e no seguinte a esse, até que a ilustre figura retornasse.

Enquanto aguardava, Ned (era assim que seus amigos e familiares o chamavam) criou histórias em sua cabeça, tentando imaginar como o eventual encontro aconteceria e como se desenrolaria. Os detalhes variavam, mas o fim era sempre o mesmo: em todas as versões, o mago Kell ergueria a cabeça e avaliaria Ned com seu olho preto.

"Edward Archibald Tuttle", diria ele. "Posso chamá-lo de Ned?"

"Todos os meus amigos chamam."

"Bem, Ned, eu vejo algo especial em você..."

Ele insistiria em ser o mentor de Ned, ou melhor, seu parceiro. Depois disso, a fantasia normalmente se transformava em louvor.

Ned estava em meio a outro desses devaneios enquanto permanecia parado nos degraus da Stone's Throw, esperando. Seus bolsos estavam cheios de bugigangas e moedas, tudo o que o mago poderia querer em troca de seu prêmio. Mas o mago não viera, a taverna estava trancada, e Ned (depois de murmurar algo que era tanto um feitiço quanto uma oração e também palavras sem sentido na tentativa fracassada de mover o ferrolho) estava prestes a interromper sua busca por enquanto e ir passar algumas horas em algum estabelecimento aberto, quando ouviu o estrondo na rua, atrás dele.

Cavalos relincharam e rodas retiniram até parar, vários engradados de maçãs despencando da carroça quando o condutor puxou as rédeas bruscamente. Ele parecia mais assustado que os cavalos.

— O que houve? — perguntou Ned, aproximando-se.

— Maldição! — disse o condutor — Eu o acertei. Eu atrolei alguém.

Ned olhou ao redor.

— Acho que não atropelou nada.

— Ele está sob a carroça? — continuou o condutor. — Ah, Deus! Eu não o vi.

Mas, quando Ned se ajoelhou para inspecionar o espaço embaixo da carruagem e os raios das rodas, viu algo que não passava de uma mancha de fuligem com a forma estranhamente similar à de uma pessoa. Estava espalhada pelas pedras e já começava a ser varrida pelo vento. Um pequeno monte pareceu se mover, mas então desmoronou e se foi. *Estranho*, pensou ele, franzindo o cenho. *Sinistro*. Ele prendeu a respiração e esticou a mão para tocar a poeira preta, esperando que levantasse com

vida. Seus dedos encontraram as cinzas e... nada aconteceu. Ele esfregou a fuligem entre o polegar e o indicador, desapontado.

— Nada aqui, senhor — disse, levantando-se.

— Eu juro — falou o condutor. — Havia alguém aqui. Bem aqui.

— Deve ter sido um engano.

O condutor balançou a cabeça, resmungando, então desceu da carroça e reposicionou os engradados, olhando embaixo da carroça algumas vezes, por precaução.

Ned ergueu os dedos na luz, admirando a fuligem. Ele havia sentido — ou pensou que havia sentido — um formigamento quente, mas a sensação logo se esvaiu. Ele cheirou a fuligem uma vez e deu um sonoro espirro, então limpou as cinzas na perna da calça e saiu vagando pela rua.

II

Kell e Lila seguiram para as docas, invisíveis aos transeuntes. Mas não apenas invisíveis. *Intangíveis*. Exatamente como ocorrera com as cinzas que os perpassaram na hospedaria destruída e com a mão de Kell pelo ombro de Lila, também acontecia com as pessoas na rua. Elas não podiam senti-los nem ouvi-los. Era como se, embaixo do véu, Kell e Lila não fizessem parte do mundo à sua volta. Como se existissem fora dele. E assim como o mundo não podia tocá-los, eles não podiam tocar o mundo. Quando Lila distraidamente tentou pegar uma maçã de uma carroça, a mão dela passou direto pela fruta da mesma forma que a fruta passou por sua mão. Eles eram como fantasmas na cidade movimentada.

Essa magia era poderosa, mesmo na Londres rica em poder. A energia da pedra reverberou por Kell, entrelaçando-se à circulação dele como uma segunda pulsação. Uma voz em sua mente o advertiu contra o que estava circulando em seu corpo, mas ele a silenciou. Pela primeira vez desde que fora ferido, Kell não se sentia tonto e fraco, e ele se agarrou tanto à força quanto à própria pedra enquanto levava Lila até as docas.

Ela estava silenciosa desde que deixara os escombros da hospedaria, segurando Kell com uma das mãos e o relógio com a outra. Quando finalmente falou, sua voz estava baixa e mordaz.

— Antes que você comece a pensar que Barron e eu éramos parentes... não éramos — disse ela enquanto andavam lado a lado. — Ele não era da minha família. Não de verdade.

As palavras pairaram duras e vazias, porém a forma como Lila cerrava o maxilar e esfregava os olhos (quando pensou que ele não estava olhando) contavam uma história diferente. Mas Kell deixou Lila sustentar a mentira.

— Você tem alguém? — perguntou ele, lembrando-se dos comentários sardônicos de Lila acerca da situação dele com a coroa. — Parentes, digo.

Lila balançou a cabeça negativamente.

— Minha mãe morreu quando eu tinha 10 anos.

— Sem pai?

Lila deu uma risadinha melancólica.

— Meu *pai*. — Ela pronunciou como se fosse um palavrão. — A última vez que o vi, ele tentou vender meu corpo para pagar as próprias dívidas.

— Sinto muito — disse Kell.

— Não sinta — retrucou Lila, conseguindo abrir um pequeno sorriso sarcástico. — Cortei a garganta do homem antes que ele pudesse tirar o cinto. — Kell ficou tenso. — Eu tinha 15 anos. Lembro-me de ficar surpresa com a quantidade de sangue, a forma como continuava escorrendo dele...

— Foi a primeira vez que matou alguém? — perguntou Kell.

— Sim — respondeu ela, o sorriso tornando-se pesaroso. — Mas eu suponho que o lado bom de matar é que vai se tornando mais fácil.

Kell franziu o cenho.

— Não deveria.

Os olhos de Lila encontraram os dele.

— *Você* já matou alguém? — indagou ela.

Kell ficou mais carrancudo.

— Sim.

— E?

— E o quê? — desafiou ele.

Esperava que ela perguntasse quem, quando, onde ou como. Mas, não. Lila perguntou por quê.

— Porque não tive escolha — respondeu ele.

— Você gostou? — questionou ela.

— É óbvio que não.

— Eu gostei. — Havia um traço de amargura nessa confissão. — Quer dizer, não gostei do sangue, nem do som gorgolejante que ele emitia enquanto morria, nem da forma como o corpo ficou quando tudo terminou. Vazio. Mas, no momento que decidi que ia fazer, e no instante em que a faca entrou e eu soube que estava feito, eu me senti... — Lila procurou as

palavras. — Poderosa. — Ela analisou Kell. — É assim que você se sente com a magia? — perguntou honestamente.

Talvez na Londres Branca, pensou Kell, onde o poder era carregado como uma faca, uma arma a ser usada contra quem estivesse no caminho.

— Não — disse ele. — Isso não é magia, Lila. É apenas assassinato. Magia é... — Mas ele se perdeu, distraído pela tábua de divinação mais próxima que subitamente ficou escura.

Nas ruas acima e abaixo, os quadros negros de notícias fixados em postes e vitrines de lojas se apagaram. Kell desacelerou. Por toda a manhã eles estiveram divulgando notícias sobre as celebrações de Rhy, repassando o itinerário dos desfiles do dia, da semana e dos banquetes públicos, dos festivais e dos bailes particulares. Quando os quadros ficaram escuros, Kell presumiu que estivessem simplesmente mudando de conteúdo. Mas todos começaram a divulgar a mesma mensagem alarmante. Uma única palavra:

DESAPARECIDO

As letras piscaram brancas e em negrito no topo de cada quadro, e abaixo delas havia uma foto de Kell. Cabelo ruivo, um olho preto e um casaco de botões prateados. A imagem se moveu levemente, mas não sorriu, apenas ficou encarando o mundo. Uma segunda palavra apareceu abaixo do retrato:

RECOMPENSA

Santo.

Kell parou de repente, e Lila, que estava meio passo atrás dele, deu-lhe um encontrão.

— Qual é o problema? — perguntou ela, empurrando o braço dele. E então também viu. — Ah...

Um senhor idoso parou a alguns metros de distância para ler o quadro, alheio ao fato de que o homem desaparecido estava bem atrás de seu ombro. Abaixo da imagem oscilante do rosto de Kell, um círculo vazio desenhou-se em giz. As instruções ao seu lado diziam:

Se o avistar, toque aqui.

Kell praguejou baixinho. Ser caçado por Holland era ruim o bastante, mas agora a cidade inteira estaria em alerta. E eles não podiam ficar invisíveis para sempre. Ele não seria capaz de pegar o artefato, muito menos de usá-lo, enquanto estivesse debaixo do véu.

— Venha. — Ele retomou o passo, arrastando Lila junto até que chegassem às docas. Em todos os lugares o seu rosto os encarava, um pouco carrancudo.

Quando chegaram à loja de Fletcher, a porta estava fechada e trancada, com uma pequena placa pendurada que dizia *renache. Ausente*.

— Vamos esperar? — perguntou Lila.

— Não aqui fora — respondeu Kell.

A porta estava trancada de três formas e provavelmente encantada também, mas eles não precisavam que os deixasse entrar. Passaram diretamente através da madeira da mesma forma que haviam feito com meia dúzia de pessoas nas ruas.

Apenas quando estavam seguros dentro da loja Kell ordenou que a magia dispersasse o véu. Novamente ela ouviu e obedeceu sem protestar, escasseando e dissolvendo-se inteiramente. *Convicção*, devaneou ele conforme o feitiço escorria de seus ombros, o cômodo entrando em foco à volta dele. Holland estava certo. Era preciso ficar no controle. E Kell ficara.

Lila soltou sua mão, virou-se para olhar para ele e ficou paralisada.

— Kell — falou ela cuidadosamente.

— O quê?

— Solte a pedra.

Ele franziu o cenho, baixou os olhos para o talismã que segurava e prendeu a respiração. As veias nas costas de sua mão estavam escuras, tão escuras que se destacavam como tinta em sua pele, as linhas tracejando até o cotovelo. A magia que ele sentira pulsando em seu corpo estivera realmente pulsando através dele, tornando seu sangue preto. Estivera tão focado em sua força renovada e no feitiço em si, em permanecer escondido, que não sentira, não quisera sentir, o calor da magia espalhando-se por seu braço como um veneno. Mas ele deveria ter notado,

deveria ter sabido. E essa era a questão. Kell *sabia*. Sabia o quão perigosa era a pedra, e, no entanto, mesmo agora, encarando suas veias enegrecidas, o perigo parecia estar estranhamente distante. Uma calma persistente pesou sobre ele, seguindo o ritmo da magia da pedra, dizendo-lhe que tudo ficaria bem contanto que ele a continuasse segurando...

Uma faca se enterrou no pilar ao lado de sua cabeça, e, com um estalo, o cômodo voltou a entrar em foco.

— Você me ouviu? — rosnou Lila, pegando outra lâmina. — Eu disse: *solte a pedra!*

Antes que a calma pudesse envolvê-lo novamente, Kell ordenou-se a largar a pedra. Num primeiro momento, os dedos permaneceram em volta do talismã, enquanto o calor, e em seu esteio um tipo de dormência, o envolvia. Ele levou a mão livre e imaculada até o pulso escurecido e o segurou com força, comandando os dedos resistentes a se abrirem, a soltarem a pedra.

E, por fim, ainda que com certa relutância, eles a soltaram.

A pedra caiu de sua mão e os joelhos de Kell instantaneamente cederam sob seu peso. Ele se apoiou na beirada da mesa, lutando para respirar quando sua visão tremulou e o cômodo se inclinou. Não havia sentido a pedra drenar sua magia, mas agora que ela estava longe era como se alguém tivesse apagado o seu fogo. Tudo ficou frio.

O talismã brilhou no chão de madeira, um filete de sangue manchando a aresta quebrada onde Kell havia segurado forte demais. Mesmo depois de despertar, foi necessária toda a força de vontade de Kell para não pegá-la novamente. Tremendo e gelado, ele ainda ansiava por segurá-la. Era como uma droga. Havia homens que se escondiam nos antros e nos cantos escuros de Londres, atrás de êxtases como aquele, mas Kell nunca havia sido um deles, nunca desejara o poder bruto. Nunca precisara. A magia não era algo que cobiçava; era simplesmente algo que *tinha*. Mas, agora, suas veias estavam famintas, e famintas *por* ela.

Antes que ele perdesse a batalha pelo controle, Lila ajoelhou-se ao lado da pedra.

— Que coisinha esperta — disse ela, pegando-a.

— Não... — começou Kell, mas Lila já havia usado o lenço para apanhá-la.

— Alguém tem que ficar com ela — afirmou, colocando o talismã no bolso. — E aposto que sou a melhor opção no momento.

Kell agarrou-se na mesa enquanto a magia se esvanecia, as veias em seu braço clareando pouco a pouco.

— Você está bem? — indagou Lila.

Kell engoliu em seco e assentiu. A pedra era um veneno, e precisavam se livrar dela. Ele se ergueu.

— Estou bem.

Lila arqueou uma sobrancelha.

— Está, sim. Você é a própria imagem da saúde.

Kell suspirou e desmoronou em uma cadeira. Nas docas do lado de fora, as celebrações estavam a todo vapor. Fogos de artifício pontuavam a música e os festejos, o barulho abafado, mas não muito, pelas paredes da loja.

— Como ele é? — perguntou Lila, olhando em um armário. — O príncipe.

— Rhy? — Kell correu uma das mãos pelo cabelo. — Ele é... charmoso e mimado, generoso, volúvel e hedonista. Ele flertaria até com uma cadeira bonita e nunca leva as coisas a sério.

— Ele é capaz de se meter em tanta confusão quanto você?

Kell abriu um sorriso.

— Ah, muito mais. Acredite ou não, eu sou o irmão responsável.

— Mas vocês são próximos.

O sorriso de Kell se desfez, e ele assentiu com a cabeça.

— Somos. O rei e a rainha podem não ser meus pais, mas Rhy é meu irmão. Eu morreria por ele. Mataria por ele. E já matei.

— Mesmo? — questionou Lila, admirando um chapéu. — Conte.

— Não é uma história agradável — afirmou Kell, empertigando-se na cadeira.

— Agora quero ouvi-la ainda mais — disse Lila.

Kell a observou e suspirou, fitando as próprias mãos.

— Quando tinha 13 anos, Rhy foi sequestrado. Estávamos jogando algum jogo estúpido no jardim do palácio quando o levaram. Mas, conhecendo Rhy, ele provavelmente foi de bom grado, a princípio. Quando jovem, ele era muito inocente.

Lila deixou o chapéu de lado.

— O que aconteceu?

— A Londres Vermelha é um bom lugar — insistiu Kell. — A realeza é gentil e justa, e a maioria dos súditos é feliz. Mas — continuou ele —, eu estive em todas as três Londres e posso dizer com certeza: não há versão que não sofra de um jeito ou de outro.

Ele pensou na opulência, na riqueza ostensiva e em como isso deveria parecer para aqueles que não a tinham. Aqueles que haviam sido destituídos de poder por seus crimes e aqueles que nunca haviam sido abençoados com muito, para começo de conversa. Kell não podia deixar de se perguntar: o que teria acontecido com Rhy Maresh se ele não tivesse nascido na realeza? Onde ele estaria? Mas é certo que Rhy sobreviveria com seu charme e seu sorriso. Ele sempre daria um jeito.

— Meu mundo é um mundo de magia — recomeçou ele. — Os privilegiados colhem suas bênçãos, e a família real quer acreditar que os menos afortunados também o fazem. Que a sua generosidade e seus cuidados se estendem a todos os cidadãos. — Ele encontrou os olhos de Lila. — Mas eu já estive nas partes mais escuras dessa cidade. Em seu mundo, a magia é uma raridade. No meu, a falta dela é tão estranha quanto. E aqueles sem dons são frequentemente desprezados como indignos das bênçãos e tratados como inferiores por isso. As pessoas daqui acreditam que a magia escolhe seu caminho. Que ela julga, e por isso eles também podem fazê-lo. *Aven essen*, assim chamam. *Equilíbrio divino*.

Porém, por essa lógica, a magia teria escolhido Kell, e ele não acreditava nisso. Qualquer um poderia facilmente ter sido escolhido ou ter nascido com a marca *Antari* e sido levado ao luxo dos cômodos vermelhos do palácio em vez dele.

— Vivemos de um jeito iluminado — disse Kell. — Para o bem ou para o mal, nossa cidade incandesce com vida. Com luz. E onde há luz... Muitos anos atrás, um grupo começou a se formar. Eles se autoproclamaram os Sombras. Meia dúzia de homens e mulheres, alguns com poder, outros sem, que acreditavam que a cidade usava seu poder com pouca consciência, esbanjando-o. Para eles, Rhy não era um menino, mas o símbolo de tudo o que era errado. E então o sequestraram. Depois eu soube que pretendiam pendurar seu corpo nas portas do palácio. Graças aos santos eles não chegaram a ter essa chance. Eu tinha 14 anos na época, um ano a mais que Rhy e ainda aprendendo a lidar com meu poder.

Quando o rei e a rainha souberam do sequestro do filho, enviaram a guarda real por toda a cidade. Todas as tábuas de divinação em todas as praças públicas e residências ardiam com a mensagem urgente para encontrar o príncipe perdido. E eu sabia que não iriam encontrá-lo. Sabia em meus ossos e em meu sangue. Fui até os aposentos de Rhy. Eu me lembro de como o palácio estava vazio, com todos os guardas procurando nas ruas. E encontrei a primeira coisa que eu sabia que era realmente dele, um pequeno cavalo de madeira que ele havia entalhado e cabia na palma da mão. Eu já havia conjurado portas usando símbolos, mas nunca uma como essa, nunca para uma pessoa em vez de um lugar. Mas existe uma palavra *Antari* para *encontrar*, e então achei que poderia funcionar. Tinha que funcionar. E funcionou. A parede do quarto dele deu lugar ao fundo de um barco. Rhy estava caído no chão. E não estava respirando.

O ar sibilou entre os dentes de Lila, mas ela não o interrompeu.

— Eu tinha aprendido os comandos de sangue para muitas coisas — contou Kell. — *As Athera*. Crescer. *As Pyrata*. Queimar. *As Illumae*. Iluminar. *As Travars*. Viajar. *As Orense*. Abrir. *As Anasae*. Dispersar. E *As Hasari*. Curar. Então tentei curá-lo. Cortei minha mão, pressionei sobre o peito dele e disse as palavras. Mas não funcionou. — Kell jamais esqueceria a imagem de Rhy caído no chão molhado do convés, pálido e imóvel. Foi uma das únicas vezes em sua vida que ele parecera pequeno. — Eu não sabia o que fazer — continuou. — Pensei que talvez não tivesse usado sangue suficiente. Então cortei os pulsos.

Kell sentiu que Lila o encarava fixamente enquanto ele olhava para as próprias mãos, as palmas para cima, analisando as cicatrizes esmaecidas.

— Eu me lembro de me ajoelhar sobre ele, da dor torpe se espalhando por meus braços conforme eu pressionava as palmas das mãos contra ele e dizia as palavras repetidamente. *As Hasari. As Hasari. As Hasari*. Só que eu não tinha me dado conta do fato de que um feitiço de cura, mesmo um comando de sangue, leva tempo para funcionar. E já estava funcionando desde a primeira invocação. Poucos instantes depois, Rhy acordou. — Kell abriu um sorriso triste. — Olhou para cima e me viu agachado sobre ele, sangrando, e a primeira coisa que disse não foi “o que aconteceu” ou “onde estamos”. Ele tocou o sangue no próprio peito e perguntou: “É seu? É tudo seu?” E quando eu confirmei, ele começou a chorar, e eu o levei para casa.

Quando encontrou o olhar de Lila, os olhos pretos da garota estavam arregalados.

— Mas o que aconteceu com os Sombras? — perguntou ela, quando ficou explícito que ele havia terminado de contar a história. — Aqueles que o levaram? Estavam no barco? Você voltou para pegá-los? Enviou os guardas?

— Sim — falou Kell. — O rei e a rainha rastrearam todos os integrantes dos Sombras. E Rhy perdoou todos eles.

— O quê? — sibilou Lila. — Depois de terem tentado matá-lo?

— Esse é o problema do meu irmão. Ele é teimoso e pensa com todas as partes do corpo exceto o cérebro a maior parte do tempo, mas é um *bom* príncipe. Possui o que muitos desconhecem: *empatia*. Ele perdoou seus captores. Entendeu por que fizeram aquilo e sentiu seu sofrimento. E ele estava convencido de que, se lhes mostrasse misericórdia, não tentariam machucá-lo novamente. — Kell baixou os olhos para o chão. — E eu me certifiquei de que não poderiam.

Lila franziu a testa quando entendeu o que ele estava dizendo.

— Pensei que tivesse dito...

— Eu disse que *Rhy* os perdoou. — Kell se levantou. — Nunca disse que eu os tinha perdoado. — Lila o encarou, não com perplexidade ou horror, mas com respeito. Kell deu de ombros e ajeitou o casaco. — Acho que é melhor começarmos a procurar.

Ela piscou duas vezes, obviamente querendo dizer algo mais, porém Kell deixou evidente que aquela conversa em particular estava encerrada.

— O que estamos procurando? — perguntou ela finalmente.

Kell inspecionou as prateleiras, os gabinetes e os armários superlotados.

— Uma torre branca.

III

Apesar de toda a procura que realizara nas ruínas da Ruby Fields, Kell não reparara no beco onde fora atacado e onde deixara dois corpos para trás, apenas algumas horas antes. Se tivesse se aventurado por lá, teria visto que um desses corpos, o assassino que havia ficado preso na pedra, não estava mais ali.

O mesmo assassino agora descia do meio-fio, cantarolando baixinho enquanto curtia o calor do sol e os sons de celebração distantes.

O corpo dele não estava bem. Melhor que a outra casca, com certeza, o bêbado da Londres enfadonha, que não havia durado muito. Este corpo aguentara melhor, muito melhor, mas agora estava todo queimado por dentro e começando a enegrecer por fora, a escuridão se espalhando pelas veias e sobre a pele como um miasma. Começava a se parecer menos com um homem e mais com um pedaço de madeira carbonizado.

Mas isso já era esperado. Afinal, ele estivera ocupado.

Na noite anterior, as luzes do bordel brilhavam, atraindo os homens no escuro, e uma mulher estava de pé esperando por ele à porta com um sorriso pintado de batom e o cabelo cor de fogo, de vida.

— *Avan, res nastar* — ronronara ela no idioma arnesiano. Levantara as saias ao dizê-lo, mostrando um vislumbre do joelho. — Não quer entrar?

E ele entrara, as moedas do assassino tilintando no bolso.

A mulher o guiara pelo corredor, que estava escuro, muito mais escuro do que do lado de fora, e ele a deixara guiá-lo, desfrutando da sensação da mão dela (ou, na verdade, da pulsação dela) na dele. Ela não o olhara nos olhos, senão teria visto que eram mais escuros que o corredor em si. Em vez disso, concentrara-se nos lábios dele, em sua gola, em seu cinto.

Ele ainda estava se acostumando com as nuances de seu novo corpo, porém fora capaz de pressionar os lábios ressecados na boca macia da

mulher. Algo se transferira entre eles, a brasa de uma chama puramente preta, e a mulher estremeceu.

— *As Besara* — sussurrara ele na orelha dela. *Pegue.*

Ele deslizara o vestido dos ombros dela e a beijara sofregamente, sua escuridão passando pela língua dela e rumando para sua cabeça, intoxicante. Poder. Todos o queriam, queriam estar perto da magia, de sua fonte. E ela a acolhera. Ela o acolhera. Os nervos formigaram quando a magia os possuía, banquetando-se na corrente de vida, no sangue e no corpo. Ele havia possuído o bêbado, Booth, à força, mas um hospedeiro solícito era sempre melhor. Ou pelo menos tendiam a durar mais.

— *As Herena* — arrulhara ele, pressionando o corpo da mulher na cama. *Dar.* — *As Athera* — gemera enquanto a possuía, e ela o recebera. *Crescer.*

Os dois moveram-se juntos como uma pulsação perfeita, um preenchendo o outro. E, quando ele acabara, e os olhos da mulher reviraram-se abertos, refletiram os dele: ambos de um preto brilhante. A coisa sob a pele dela repuxara os lábios vermelhos em um sorriso torto.

— *As Athera* — ecoara ela, levantando-se da cama. Ele ficara de pé e a seguira. E então saíram, uma mente e dois corpos, primeiro pelo bordel e depois pela noite.

Sim, ele estivera ocupado.

Sentia a si mesmo se espalhando pela cidade conforme rumava para o rio vermelho que o aguardava, o pulso de magia e vida disposto como a promessa de um banquete.

IV

A loja de Fletcher era como um labirinto, organizada de um modo que apenas uma cobra como ele mesmo entenderia. Kell passara os últimos dez minutos revirando gavetas e descobrindo uma variedade de armas e amuletos, além de uma sombrinha bastante inofensiva, mas nenhuma torre branca. Ele rosnou e jogou a sombrinha de lado.

— Você não pode achar a maldita coisa usando magia? — perguntou Lila.

— O lugar inteiro é vigiado — respondeu Kell. — Contra feitiços localizadores. E contra ladrões, então devolva isso.

Lila largou a bugiganga que estava prestes a afanar de volta no balcão.

— Então — disse ela, analisando o conteúdo de um estojo de vidro —, você e Fletcher são amigos?

Kell lembrou-se do rosto de Fletcher na noite em que ele perdera a aposta.

— Não exatamente.

Lila ergueu a sobrancelha.

— Bom — disse ela. — *É mais divertido roubar de inimigos.*

Inimigos era uma palavra justa. O que era estranho, pois eles poderiam ter sido parceiros.

"Um receptador e um contrabandista", dissera Fletcher. "Seríamos uma equipe perfeita."

"Eu passo", dissera Kell. Mas, quando o jogo de Santo estava na última rodada, e ele soubera que havia ganhado, ludibriara Fletcher com a única coisa que este não recusaria.

"*Anesh*", admitira ele. "Se você ganhar, eu trabalharei para você."

Fletcher exibira seu sorriso ganancioso e mostrara sua última carta.

Kell sorria também, fizera sua jogada e ganhara tudo, deixando Fletcher com nada mais que um ego ferido e uma pequena torre branca.

Sem ressentimentos.

Agora Kell revirava metade da loja, procurando por um artefato e olhando de vez em quando para a porta enquanto seu próprio rosto o observava da tábua de divinação na parede.

DESAPARECIDO

Enquanto isso, Lila parara de procurar e estava admirando um mapa emoldurado. Ela o fitou inquisitivamente, inclinou a cabeça e franziu o cenho como se algo estivesse faltando.

— O que é? — indagou Kell.

— Onde está Paris? — perguntou ela, apontando para o lugar no continente onde a cidade deveria estar.

— Não existe Paris — respondeu Kell, vasculhando um armário. — Nem França, nem Inglaterra, também.

— Mas como pode haver uma Londres sem uma Inglaterra?

— Como eu já disse, a cidade é uma excentricidade linguística. Aqui, Londres é a capital de Arnes.

— Então Arnes é simplesmente o nome que usam para Inglaterra.

Kell riu.

— Não — falou ele, sacudindo a cabeça enquanto se aproximava dela. — Arnes ocupa mais da metade da Europa. A ilha, sua Inglaterra, chama-se *raska*. A *coroa*. Mas é apenas a ponta do império. — Ele tracejou o território com a ponta do dedo. — Além do nosso país fica Vesk, ao norte, e Faro, ao sul.

— E além disso?

Kell deu de ombros.

— Mais países. Alguns enormes, outros pequenos. É um mundo inteiro, afinal.

O olhar dela percorreu o mapa, os olhos brilhando. Um sorriso pequeno e particular se abriu em seus lábios.

— É, é sim.

Ela se afastou e entrou em outro cômodo. Instantes depois, exclamou:

— A-rá!

Kell se assustou.

— Você encontrou? — gritou ele.

Ela reapareceu, segurando seu prêmio, mas não era uma torre. Era uma faca. As esperanças de Kell foram por água abaixo.

— Não — respondeu ela —, mas isso não é inteligente? — Lila estendeu o objeto para Kell. O cabo da adaga não era simplesmente um punho: o metal se curvava sobre as juntas dos dedos, dando uma volta antes de retornar ao cabo. — Para bater — explicou Lila, como se Kell não tivesse entendido o propósito das soqueiras de metal. — Você pode esfaqueá-los ou acertar seus dentes. Ou ambos. — Ela tocou a ponta da lâmina com o dedo. — Não ao mesmo tempo, é lógico.

— *É lógico* — ecoou Kell, fechando um gabinete. — Você adora armas.

Lila o encarou inexpressivamente.

— Quem não adora?

— E você já tem uma faca — salientou ele.

— E daí? — questionou Lila, admirando o cabo. — Facas nunca são demais.

— Você é uma garota violenta.

Ela meneou a lâmina.

— Nem todos podem usar sangue e sussurros como armas.

Kell eriçou-se.

— Eu não sussurro. E não estamos aqui para saquear.

— Pensei que estivéssemos aqui *justamente* para isso.

Kell suspirou e olhou em volta. Ele havia revirado o lugar inteiro, incluindo o quartinho entulhado de Fletcher nos fundos, e nada havia encontrado. Fletcher não venderia a torre... ou venderia? Kell fechou os olhos e deixou os sentidos divagarem, como se talvez pudesse sentir a magia estrangeira. Mas o espaço estava praticamente zumbindo com poder em sons distintos que se sobrepunham, o que tornava impossível distinguir o que era estrangeiro e proibido do que era meramente proibido.

— Tenho uma pergunta — disse Lila, os bolsos tilintando suspeitosamente.

— É óbvio que tem — suspirou Kell, abrindo os olhos. — E eu pensei ter dito a você para não roubar.

Ela mordeu o lábio e tirou do bolso algumas pedras e uma enghoca de metal que nem Kell sabia para que servia, colocando-as sobre uma cômada.

— Você disse que os mundos estavam isolados. Então como esse homem, Fletcher, tem um objeto da Londres Branca?

Kell vasculhou uma escrivaninha que ele jurava já ter revirado, procurando gavetas escondidas sob a tampa.

— Porque eu dei a ele.

— Bem, o que *você* estava fazendo com ela? — Os olhos de Lila estreitaram-se. — Você a roubou?

Kell fechou a cara. Ele a tinha roubado.

— Não.

— Mentiroso.

— Eu não tomei para mim — defendeu-se Kell. — Poucas pessoas em seu mundo sabem sobre o meu. Aquelas que sabem, Colecionadores e Entusiastas, estão dispostas a pagar muito por um pedaço dela. Uma bugiganga. Um artefato. Em meu mundo, a maioria sabe da existência do seu, e algumas pessoas ficam tão curiosas pela sua mundaneidade quanto você pela nossa magia; mas todos sabem sobre a *outra* Londres. A Londres Branca. E alguns pagariam muito por um pedaço *daquele* mundo.

Um sorriso de esguelha surgiu nos lábios de Lila.

— Você é contrabandista.

— Falou a batedora de carteiras — explodiu Kell, na defensiva.

— Eu sei que sou ladra — falou Lila, pegando um lin vermelho de cima da cômada e rolando-o sobre as juntas dos dedos. — Já aceitei isso. Não é culpa minha se você ainda não aceitou. — A moeda desapareceu. Kell abriu a boca em protesto, mas o lin reapareceu um segundo depois na palma da outra mão dela. — Eu não entendo. Se você é da realeza...

— Eu não sou...

Lila lançou-lhe um olhar intimidador.

— Se você *vive* com a realeza, *janta* com eles e *pertence* a eles, certamente não precisa do dinheiro. Por que se arriscar?

Kell cerrou o maxilar, pensando no apelo de Rhy para que parasse com essas brincadeiras estúpidas.

— Você não entenderia.

Lila arqueou uma sobrancelha.

— Cometer crimes não é algo tão complicado — disse ela. — As pessoas roubam porque isso lhes dá algo. Se não for pelo dinheiro, pode ser pelo controle. O ato de roubar, de violar regras, as faz se sentir poderosas. Elas se envolvem com isso por pura rebeldia. — Ela virou as costas. — Algumas pessoas roubam para se manter vivas, outras para se sentir vivas. É simples assim.

— E que tipo de ladra *é você*? — questionou Kell.

— Eu roubo por liberdade — afirmou Lila. — Suponho que seja um pouco de ambos. — Ela perambulou por um pequeno corredor entre dois cômodos. — Então foi assim que você encontrou a pedra preta? — perguntou ela. — Você a trocou por algo?

— Não — explicou Kell. — Eu cometi um erro. Um que pretendo consertar, se eu conseguir encontrar essa porcaria.

Frustrado, ele fechou uma gaveta com violência.

— Cuidado — disse uma voz áspera em arnesiano. — Você pode quebrar alguma coisa.

Kell virou-se e viu o dono da loja ali, de pé, o ombro reclinado em um armário, parecendo vagamente surpreso.

— Fletcher — disse Kell.

— Como você entrou? — perguntou Fletcher.

Kell forçou-se a dar de ombros enquanto lançava um olhar para Lila, que teve o bom senso de ficar no corredor e fora de vista.

— Acho que suas defesas estão ficando fracas.

Fletcher cruzou os braços.

— Duvido muito.

Kell olhou novamente de relance para Lila, mas ela não estava mais no corredor. Uma pontada de pânico o percorreu e piorou um instante depois quando ela reapareceu atrás de Fletcher. Ela se moveu com passos silenciosos, uma faca brilhando em uma das mãos.

— *Tac* — falou Fletcher, levantando uma das mãos ao lado da cabeça. — Sua amiga é muito indelicada.

Ao dizer isso, Lila congelou no meio do movimento. O esforço ficou nítido no rosto dela enquanto tentava se libertar da força invisível que a segurava, mas era inútil. Fletcher possuía a rara e perigosa habilidade de controlar *ossos* e, por consequência, *corpos*. Uma habilidade que lhe

rendera as marcas de vinculação que ele se orgulhava tanto de ter quebrado.

Lila, por sua vez, não parecia impressionada. Ela resmungou algumas palavras bastante violentas, e Fletcher abriu os dedos. Kell ouviu um som que lembrava gelo sendo quebrado, Lila soltou um grito abafado e a faca caiu de seus dedos.

— Pensei que preferisse trabalhar sozinho — disse Fletcher em tom de conversa.

— Solte-a — ordenou Kell.

— Vai me obrigar, *Antari*?

Os dedos de Kell se fecharam num punho. A loja estava protegida com dezenas de feitiços contra intrusos e, com a sorte de Kell, contra qualquer um que desejasse fazer mal a Fletcher. Porém, o dono da loja riu baixinho e baixou a mão; Lila caiu de quatro, segurando os pulsos e falando vários palavrões.

— *Anesh* — falou ele casualmente. — O que o traz de volta à minha humilde loja?

— Eu lhe dei algo uma vez — começou Kell. — Gostaria de pegar emprestado.

Fletcher escarneceu, bufando.

— Não trabalho com empréstimos.

— Eu a compro, então.

— E se não estiver à venda?

Kell forçou um sorriso.

— Você, mais que qualquer pessoa — falou ele —, sabe que *tudo* está à venda.

Fletcher imitou o sorriso, frio e seco.

— Eu não a venderei para você, mas poderia vender para ela. — Ele olhou de soslaio para Lila, que havia se levantado e recostado na parede mais próxima para se esconder e xingar. — Pelo preço certo.

— Ela não fala arnesiano — avisou Kell. — Não tem a menor ideia do que você está dizendo.

— Jura? — Fletcher agarrou a própria virilha. — Aposto que posso fazê-la entender — afirmou ele, chacoalhando-se na direção dela.

Os olhos de Lila se estreitaram.

— Vá para o inferno, seu idio...

— Eu não me daria ao trabalho — interveio Kell. — Ela morde.
Fletcher suspirou e balançou a cabeça.

— Em que tipo de problema você se meteu, *mestre Kell*?

— Nenhum.

— Você deve estar encrencado para vir aqui. Além disso — disse Fletcher com um sorriso mordaz —, não colocariam seu rosto nas telas a troco de nada.

Os olhos de Kell se voltaram para a tela de divinação na parede, que havia exibido seu rosto pela última hora. E então ficou pálido. O círculo na parte inferior que dizia *se o avistar, toque aqui* estava pulsando em verde brilhante.

— O que você fez? — rosnou Kell.

Fletcher apenas sorriu.

— Sem ressentimentos — falou ele, segundos antes de as portas da loja serem escancaradas e a guarda real invadir o lugar.

V

Kell teve apenas um instante para mudar de expressão, para transformar pânico em compostura, antes que os guardas chegassem, cinco ao todo, enchendo o cômodo com movimento e barulho.

Ele não poderia fugir. Não havia para *onde* fugir. E não queria feri-los, e Lila... bem, ele não fazia ideia de onde Lila estava. Em um instante ela estava bem ali recostada na parede, e no próximo havia desaparecido (apesar de Kell ter visto seus dedos entrando no bolso do casaco um segundo antes de ela desaparecer e de poder sentir o zumbido sutil da magia da pedra no ar, da mesma forma como Holland devia ter sentido na Ruby Fields).

Kell forçou-se a ficar parado e a parecer calmo, apesar de seu coração estar pulando no peito. Tentou se lembrar de que não era um criminoso e de que a família real provavelmente estava apenas preocupada com seu desaparecimento. Nada havia feito de errado, não aos olhos da *coroa*. Nada de que eles *soubessem*. A menos que, em sua ausência, Rhy tivesse contado ao rei e à rainha sobre suas transgressões. Ele não faria isso (Kell *esperava* que não), mas, ainda que tivesse feito, Kell era um *Antari*, um integrante da família real, alguém a ser respeitado e até mesmo temido. Ele se imbuíu desse pensamento conforme se recostava preguiçosamente, quase arrogante, na mesa atrás de si.

Quando os soldados da guarda real o viram ali parado, vivo e despreocupado, a confusão tomou conta de seus rostos. Estariam esperando um cadáver? Uma luta? Metade se ajoelhou, metade levou as mãos aos cabos de suas espadas e um deles ficou de pé, parado ali no meio com um semblante confuso.

— Ellis — falou Kell, acenando para o chefe da guarda real.

— Mestre Kell — respondeu Ellis, avançando. — O senhor está bem?

— Sim.

Ellis ficou inquieto.

— Estávamos preocupados com você. O palácio inteiro estava.

— Não pretendia alarmar ninguém — disse ele, analisando os guardas que o rodeavam. — Estou perfeitamente bem.

Ellis olhou ao redor e depois novamente para Kell.

— É que... senhor... quando não retornou de sua incumbência no exterior...

— Eu me atrasei — afirmou Kell, esperando que isso suprimisse perguntas.

Ellis franziu o cenho.

— O senhor não viu os anúncios? Estão espalhados por todos os lugares.

— Acabei de retornar.

— Então me perdoe — retrucou Ellis, gesticulando para a loja. — Mas o que o senhor está fazendo *aqui*?

Fletcher fechou o rosto. Apesar de só falar arnesiano, ele entendia o idioma real perfeitamente para saber que estava sendo insultado.

Kell forçou um sorriso.

— Comprando o presente de Rhy.

O guarda deu uma risada nervosa.

— O senhor virá conosco, então? — indagou Ellis, e Kell entendeu as palavras que não foram ditas. *Sem lutar*.

— Certamente — disse Kell, levantando-se e ajeitando o casaco.

Os guardas pareciam aliviados. A mente de Kell estava a mil por hora quando ele se virou para Fletcher e lhe agradeceu pela ajuda.

— *Mas marist* — respondeu o dono da loja. *O prazer foi meu*. — Estava apenas cumprindo meu dever de cidadão.

— Eu voltarei — afirmou Kell em inglês (o que fez com que os guardas reais arqueassem as sobrancelhas). — Assim que puder. Para encontrar o que estava procurando. — As palavras foram dirigidas a Lila. Ele podia senti-la no cômodo, sentir a pedra mesmo que a estivesse escondendo. Ela sussurrava para ele.

— Senhor — falou Ellis, apontando a porta. — Depois do senhor.

Kell assentiu e o seguiu para fora da loja.

No momento em que ouviu os guardas invadindo a loja, Lila teve o bom senso de fechar os dedos sobre a pedra e dizer:

— Esconda-me.

E a pedra obedeceu mais uma vez.

Ela sentiu um formigamento em seu braço, logo abaixo da pele, uma sensação deliciosa (havia sido tão bom assim da última vez que ela usara o talismã?), e então o véu se acomodou novamente à sua volta e ela desapareceu. Assim como antes, conseguia ver a si mesma, mas ninguém mais parecia ser capaz disso. Nem os guardas, nem Fletcher, nem mesmo Kell, cujos olhos de dois tons alinharam-se a ela, mas pareciam perceber apenas o lugar em que estivera e não onde estava agora.

No entanto, apesar de ele não poder vê-la, Lila conseguia vê-lo, e viu uma centelha de preocupação no rosto dele, disfarçada em sua voz, embora não em sua postura. E sob esta havia uma advertência misturada à falsa calma de suas palavras.

Fique, parecia ordenar ele, mesmo antes de pronunciar as palavras que foram lançadas ao ar, explicitamente dirigidas a ela. Então, Lila ficou e observou Kell e quatro dos cinco soldados da guarda saírem para a rua. Observou enquanto o único guarda ficava para trás, seu rosto escondido sob o visor abaixado do seu elmo.

Fletcher estava dizendo algo a ele, gesticulando na palma da mão o sinal universal para pagamento. O guarda aquiesceu e levou a mão ao cinto enquanto Fletcher se virava para olhar Kell pela janela.

Lila percebeu o que ia acontecer.

Fletcher, não.

Em vez de procurar uma bolsa, o guarda buscou a espada. O metal reluziu uma vez na luz difusa da loja e então estava sob o queixo de Fletcher, desenhando uma linha vermelha e silenciosa ao longo da garganta dele.

Uma carruagem fechada esperava por Kell na frente da loja, puxada por dois cavalos brancos reais, as fitas douradas e vermelhas entrelaçadas nas crinas, resquícios da parada que acontecera horas antes.

Conforme Kell se dirigia à carruagem, ele despiu o casaco e o virou da esquerda para a direita, deslizando os braços de volta nas mangas, que

agora eram as vermelhas de seu traje real. Seus pensamentos giraram em torno do que dizer ao rei e à rainha. Não a verdade, evidentemente. Mas o próprio rei tinha um artefato da Londres Branca, um enfeite que ficava em uma prateleira de seus aposentos privados, e, se Kell conseguisse pegá-lo e voltar para Lila e para a pedra... Imaginar Lila e a pedra perdidos na cidade era perturbador. Mas Kell tinha esperanças de que ela ficaria onde estava, apenas por um momento. Longe de problemas.

Ellis andou meio passo atrás de Kell com mais três guardas em seu encalço. O último havia ficado para falar com Fletcher e muito provavelmente acertar a questão da recompensa (apesar de Kell ter quase certeza de que Fletcher o odiava a ponto de entregá-lo mesmo sem a perspectiva de lucro).

Na descida do rio em direção ao palácio, o dia de celebrações estava acabando. Na verdade, modificava-se para dar lugar às festividades noturnas. A música suavizara, e as multidões ao longo das docas e pelo mercado haviam se espalhado e escasseado, migrando para as diversas tavernas e hospedarias para continuar a brindar em nome de Rhy.

— Venha, senhor — falou Ellis, segurando a porta da carruagem aberta para ele. Em vez de bancos virados um para o outro, esta carruagem tinha dois grupos de bancos virados para a frente. Dois guardas sentaram-se atrás e um deles se sentou ao lado do condutor, ao passo que Ellis deslizou pelo banco dianteiro ao lado de Kell e fechou a porta. — Vamos levá-lo para casa.

O peito de Kell doeu ao ouvir isso. Ele havia tentado não se permitir pensar em sua casa, em quanto queria estar lá. Não desde que a pedra e a tarefa de se livrar dela caíram em suas mãos. Agora, tudo o que desejava era ver Rhy, abraçá-lo pela última vez, e estava secretamente agradecido pela oportunidade.

Ele soltou o ar pesadamente e afundou no banco enquanto Ellis fechava as cortinas da carruagem.

— Sinto muito por isto, senhor — disse Ellis.

Kell estava prestes a perguntar por que quando a mão de um deles pressionou um pano sobre sua boca, e seus pulmões encheram-se de algo amargo e ao mesmo tempo doce. Ele tentou se libertar, porém mãos cobertas por uma armadura fecharam-se sobre seus pulsos e o seguraram no banco. Em instantes, tudo escureceu.

Lila inspirou rispidamente, sem ser ouvida por baixo do véu, quando o guarda soltou o ombro de Fletcher e ele desmoronou com um baque surdo, uma massa sem vida contra as tábuas gastas do chão da loja.

O guarda ficou ali parado, inabalado pelo assassinato e parecendo alheio ao fato de que agora estava respingado com o sangue de outra pessoa. Ele analisou o cômodo, o olhar afastando-se dela, mas, através da fenda no elmo, Lila pensou ter visto um brilho estranho em seus olhos. Algo como magia. Satisfeito por não haver outros de quem se livrar, o guarda embainhou a espada, girou nos calcanhares e saiu da loja. Um badalar maçante o seguiu na saída, e alguns instantes depois Lila ouviu uma carruagem começar a andar e ribombar, seguindo pela rua.

O corpo de Fletcher permaneceu esparramado no chão de sua loja, o sangue empapando o cabelo louro e manchando as tábuas embaixo de seu peito. A expressão presunçosa se fora, substituída por surpresa, a emoção preservada na morte como um inseto em âmbar. Seus olhos estavam abertos e vazios, mas algo claro caíra do bolso de sua camisa e agora estava preso entre o cadáver e o chão.

Algo que se parecia muito com uma torre branca.

Lila olhou ao redor para ter certeza de que estava sozinha, então desfez o feitiço de ocultamento. Foi fácil desfazer a magia, porém largar a pedra provou ser consideravelmente mais difícil; após um longo tempo, quando ela finalmente conseguiu se libertar e largar o talismã no bolso, o cômodo inteiro oscilou. Um arrepio passou por seu corpo, roubando calor e algo mais. Na esteira da magia, ela se sentiu... *vazia*. Lila estava acostumada à fome, mas a pedra a deixou se sentindo faminta até os ossos. Oca.

Maldita pedra, pensou, enfiando a ponta de sua bota embaixo do ombro morto de Fletcher e virando-o para cima. Seu olhar vazio agora fitava o teto e Lila.

Ela se ajoelhou com cuidado para evitar a gosma vermelha e escorregadia que se espalhava, enquanto pegava a peça de xadrez salpicada de sangue.

Lila xingou, aliviada, e ficou de pé, avaliando o objeto. À primeira vista, parecia bastante comum, e, ainda assim, quando ela fechou os dedos sobre a pedra (ou osso, ou qualquer que fosse o material no qual fora entalhada), quase pôde sentir a diferença entre a energia da peça e a energia da Londres à sua volta. Era sutil, e talvez ela estivesse imaginando

coisas, mas a torre parecia uma corrente de ar em um cômodo quente. Fria o suficiente para parecer não pertencer àquele lugar.

Lila espantou a sensação e deslizou a peça de xadrez para dentro de sua bota (ela não sabia como a magia funcionava, mas não parecia sensato manter os dois talismãs muito perto um do outro, não até que fosse necessário, e ela não tocaria a pedrinha oportunista novamente a menos que fosse absolutamente essencial). Então limpou o sangue de Fletcher nas próprias calças.

De maneira geral, Lila sentia-se bastante satisfeita. Afinal, tinha a pedra da Londres Preta e o artefato da Londres Branca. Tudo de que precisava era Kell.

Dirigiu-se para a porta e hesitou. Ele pedira a ela que ficasse ali, mas, ao baixar os olhos para o cadáver recente de Fletcher, Lila temeu que Kell tivesse encontrado problemas. Ela só estava na Londres Vermelha havia um dia, mas não lhe parecia um lugar em que os guardas reais saíssem cortando gargantas. Talvez Kell estivesse bem. Mas e se não estivesse?

Seus instintos lhe diziam para ir, e anos de roubos para sobreviver a ensinaram a prestar atenção quando eles falavam. Além disso, ponderou, ninguém na cidade estava procurando por *ela*.

Lila rumou para a porta e estava quase lá quando viu novamente a faca, aquela de que gostara tanto, apoiada sobre a cômoda onde a deixara. Kell a advertira para não roubar a loja, mas o dono estava morto e a arma, jogada ali, desprezada. Ela a pegou e correu um dedo pela lâmina. Era realmente uma faca ótima. Lila fitou a porta, perguntando-se se as proteções da loja contra ladrões teriam morrido com seu conjurador. Era melhor testar. Cuidadosamente, abriu a porta, colocou a arma no chão e usou a ponta da bota para chutá-la através da soleira. Encolheu-se, esperando pela reação: uma corrente de energia, uma onda de dor ou mesmo que a faca retornasse teimosamente à loja. Mas nada aconteceu.

Lila sorriu e foi para a rua. Pegou a faca, acomodou-a no cinto e saiu para encontrar (e mais provavelmente *resgatar*) Kell de qualquer confusão em que ele estivesse metido.

VI

Parrish e Gen andavam trôpegos pelo festival, elmos em uma das mãos e canecas de vinho na outra. Parrish ganhara seu dinheiro de volta. Na verdade, entre cartas boas e apostas ruins, os dois pareciam ter apenas alternado a posse de seus trocados, sem muitas perdas nem muitos ganhos. Mas, tendo mais espírito esportivo, Parrish ofereceu-se para pagar uma bebida a Gen.

Afinal de contas, estavam em uma celebração.

O príncipe Rhy fora gentil em conceder algumas horas de folga aos dois soldados mais próximos de sua guarda particular, para que pudessem aproveitar as festividades com as multidões reunidas ao longo do Atol. Parrish, inclinado a preocupações, havia hesitado, mas Gen argumentara que neste dia, dentre todos os outros, Rhy estaria muito bem protegido sem eles. Pelo menos por um tempo. E então os dois vagaram pelas atrações do festival.

A celebração abraçou o rio, o mercado atingiu o triplo de seu tamanho normal e as margens transbordavam com clientes e animação, música e magia. A cada ano, as festividades pareciam ficar maiores. O que antes fora uma simples hora ou duas de diversão agora era um dia inteiro de festejos, seguido por diversos dias de recuperação, a excitação esvaindo-se lentamente até que a vida voltasse ao normal. Mas, nesse dia, o principal, o desfile matutino dera lugar a uma tarde de comida, bebida e bom astral, então finalmente haveria uma noite de baile.

Este ano seria um baile de máscaras.

A escadaria principal do palácio já estava sendo liberada, as flores recolhidas e levadas para enfeitar o saguão de entrada. Esferas de luz ofuscante eram penduradas como estrelas baixas, tanto do lado de fora do palácio como do lado de dentro. Tapetes de um tom azul-escuro foram

estendidos, portanto, naquela noite, o chão do palácio real não pareceria flutuar acima do rio como um sol nascente, mas aparentaria estar muito acima, como uma lua cercada pelo deslumbrante céu noturno. Por toda a Londres, os jovens e belos da elite subiam em suas carruagens, praticando o inglês em voz baixa conforme rumavam para o palácio com suas máscaras, vestidos e capas. E, quando chegassem lá, reverenciariam o príncipe como se fosse um deus, e ele se regozijaria com a adoração como sempre fazia, com deleite e bom humor.

O baile de máscaras dentro do palácio era um evento apenas para convidados, mas às margens do rio a festa era aberta a todos, e continuaria à sua maneira até depois da meia-noite, antes de finalmente se acabar e os remanescentes perambularem para casa com os alegres foliões.

Parrish e Gen em breve seriam convocados para se juntar ao príncipe, mas, no momento, estavam recostados no poste de uma tenda do mercado, observando as multidões e se divertindo imensamente. Vez ou outra, Parrish batia no ombro de Gen, um cutucão silencioso para manter os olhos atentos na multidão. Mesmo sem estarem oficialmente de serviço, eles (ou pelo menos Parrish) tinham orgulho de seus trabalhos, de usar as armaduras reais (também não era ruim o fato de as damas parecerem gostar de homens de uniforme) e de observar sinais de confusão. Na maior parte da tarde, o problema dera-se na forma de alguém que celebrava o dia de Rhy com um entusiasmo excessivo. Porém, aqui e ali brigas eclodiam, e uma arma ou um clarão de magia requeriam intervenção.

Gen parecia estar aproveitando o momento, mas Parrish estava ficando inquieto. Seu parceiro insistia que o motivo era Parrish ter bebido apenas uma caneca, mas ele não acreditava nisso. Havia uma energia no ar, e, mesmo sabendo que o rumor provavelmente vinha do próprio festival, ainda se sentia nervoso. Não se tratava apenas de *mais* poder que o normal circulando. A atmosfera parecia *diferente*. Ele rolou o copo vazio entre as mãos e tentou aquietar a mente.

Uma trupe de domadores de fogo estava se apresentando perto dali, transformando chamas em dragões, cavalos e pássaros. E enquanto Parrish os observava, a luz de seu fogo encantado ofuscou sua visão. Quando voltou ao foco, ele encontrou o olhar de uma mulher não muito longe, bela, os lábios vermelhos, o cabelo dourado e os seios voluptuosos e quase

inteiramente à mostra. Ele ergueu o olhar dos seios dela até seus olhos e então ficou confuso. Eles não eram azuis, nem verdes, nem castanhos.

Eram pretos.

Pretos como um céu sem estrelas ou uma tábua de divinação.

Pretos como o olho direito do mestre Kell.

Ele apertou os olhos para ter certeza e então chamou Gen. Como seu companheiro não respondeu, Parrish se virou e viu o guarda observando um jovem. Não, era uma *garota* com trajes masculinos, trajes estranhos e sem graça, avançando pela multidão até o palácio.

Gen a encarava ligeiramente carrancudo, como se ela parecesse estranha, deslocada, e parecia mesmo, mas não tão estranha quanto a mulher com olhos pretos. Parrish agarrou o braço de Gen e desviou sua atenção com violência.

— *Kers?* — rugiu Gen, quase derrubando seu vinho. *O quê?*

— Aquela mulher de azul — falou Parrish, virando-se para a multidão.

— Os olhos dela...

Mas ele parou de falar. A mulher de olhos pretos se fora.

— Ficou apaixonado?

— Não é isso, eu juro que os olhos dela eram *pretos*.

Gen arqueou uma sobrancelha e tomou um gole de seu copo.

— Talvez você tenha celebrado um pouco demais, afinal de contas — disse ele, golpeando o braço do outro guarda.

Sobre seu ombro, Parrish viu a garota com roupas de homem desaparecer em uma barraca antes de Gen fazer uma careta e dizer:

— Parece que você não foi o único.

Parrish seguiu o olhar dele e viu um homem virado de costas para os guardas, abraçando uma mulher no meio do mercado. As mãos dele estavam explorando o corpo dela de um jeito exagerado, mesmo para um dia de festas, e a mulher não parecia estar gostando. Ela levou as mãos ao peito do homem, como se fosse afastá-lo, mas a reação dele foi beijá-la mais ardorosamente. Gen e Parrish abandonaram seus postos e dirigiram-se até o casal. E então, de repente, a mulher parou de resistir. Suas mãos caíram dos lados do corpo e sua cabeça pendeu. Quando o homem a soltou um instante depois, ela cambaleou e caiu sentada. O homem, por sua vez, simplesmente se virou e foi embora, andando e cambaleando pela multidão.

Parrish e Gen o seguiram, diminuindo a distância a passos lentos e regulares para não fazer alarde. O homem apareceu e desapareceu na multidão antes de finalmente atravessar as barracas até a margem do rio. Os guardas apertaram o passo e alcançaram a passagem logo após o homem desaparecer por ela.

— Você, aí! — chamou Gen, liderando. Ele sempre o fazia. — Pare!

O homem que seguia para o Atol diminuiu o passo até parar.

— Vire-se — ordenou Gen quando chegou perto dele, uma das mãos na espada.

O homem obedeceu. Os olhos de Parrish se arregalaram ao encontrar o rosto do estranho. Duas poças brilhantes e pretas como seixos de rio à noite ocupavam o lugar dos olhos, e a pele à sua volta estava cheia de veias pretas. Quando o homem repuxou os lábios em um sorriso, flocos se desprenderam como cinzas.

— *Asan narana* — disse ele, em um idioma que não era arnesiano.

O homem estendeu a mão e Parrish recuou quando viu que estava inteiramente preta, as pontas dos dedos afunilando-se em ossos pontudos e carbonizados.

— O que, em nome do rei... — começou Gen, mas não teve a chance de terminar porque o homem sorriu e enfiou a mão enegrecida através da armadura, diretamente no peito do guarda.

— Coração preto — falou ele, desta vez em inglês.

Parrish ficou petrificado de choque e horror enquanto o homem, ou o que quer que fosse, retirava a mão, os dedos arruinados encharcados de sangue. Gen despencou no chão e Parrish saiu de seu torpor, voltando a se mexer. Ele avançou, desembainhando a curta espada real, e enfiou a lâmina no estômago do monstro de olhos pretos.

Por um segundo, a criatura pareceu estar achando graça. E então a espada de Parrish começou a brilhar, quando o feitiço da lâmina encantada se pôs a funcionar e a separar o homem da magia. Seus olhos se arregalaram e o preto se esvaiu deles e de suas veias, até que ele se assemelhou novamente a um homem normal (embora moribundo). Ele respirou de forma barulhenta e agarrou a armadura de Parrish. Trazia um X, a marca dos assassinos, no dorso da mão, e então se despedaçou em cinzas em volta da lâmina.

— *Santo!* — xingou Parrish, encarando o monte de fuligem que começou a se dissipar ao vento.

E então, do nada, uma dor assomou em suas costas, lancinante, e ele olhou para baixo para ver a ponta de uma espada projetando-se de seu peito. Ela deslizou com um som horrível e úmido, e os joelhos de Parrish cederam enquanto seu atacante o rodeava.

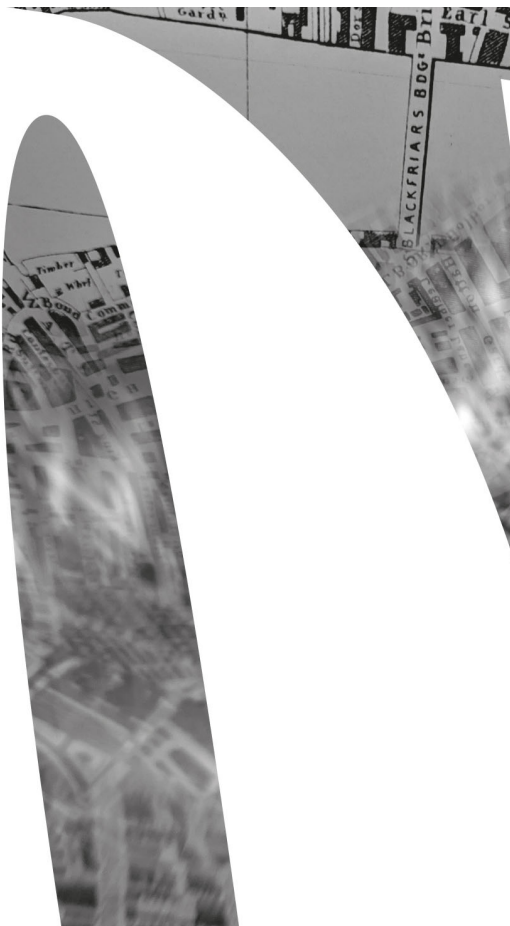
Ele inspirou tremulamente, os pulmões enchendo-se de sangue, e olhou para cima para ver Gen pairando sobre ele, a lâmina ensanguentada pendurada ao seu lado.

— Por quê? — sussurrou Parrish.

Gen o contemplou com dois olhos pretos e um sorriso macabro.

— *Asan harana* — falou. — Coração nobre.

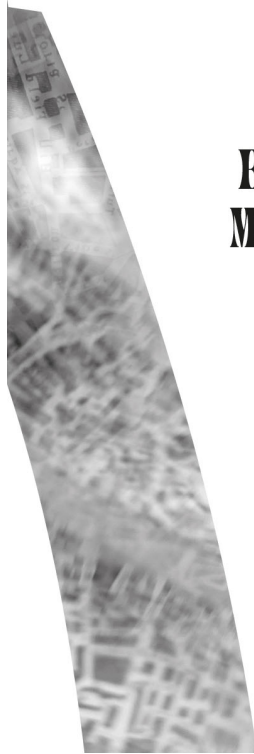
E então elevou a espada sobre sua cabeça e desferiu o golpe.





ONZE

BAILE DE MÁSCARAS



I

O palácio erguia-se como um segundo sol sobre o Atol conforme a luz do dia baixava e se escondia atrás dele, criando um halo de luz dourada em sua silhueta. Lila caminhou em direção à estrutura brilhante, abrindo caminho pelo mercado superlotado. O festival se tornara bastante estridente à medida que o dia e a bebida avançaram, e a mente dela se revirava tentando pensar numa forma de *entrar* no palácio quando chegasse lá. A pedra pulsava em seu bolso, seduzindo-a como uma opção fácil, mas ela tomara a decisão de não usar a magia novamente a menos que não tivesse outra opção. O talismã exigia demais dela e fazia isso com a habilidade silenciosa de um ladrão. Não, se houvesse outra forma de entrar, ela encontraria.

E então, quando se aproximou do palácio e viu a escadaria da frente, Lila vislumbrou uma oportunidade.

As portas do palácio estavam escancaradas, o sedoso tapete azul espalhado como água escorrendo pelos degraus à noite, e sobre eles um fluxo ascendente de foliões. Eles pareciam estar indo a um baile.

Não qualquer baile, percebeu ela ao observar o mar de convidados.

Um baile de *máscaras*.

Todos os homens e mulheres usavam máscaras. Algumas simples, feitas de couro tingido, outras mais ornamentadas, adornadas com chifres, penas ou joias. Algumas cobriam apenas os olhos, e outras nada revelavam. Lila abriu um sorriso malicioso. Ela não precisava fazer parte da alta sociedade para entrar. Nem precisaria mostrar o rosto.

Porém, havia outra coisa que todos os convidados pareciam ter: um *convite*. Isso, temia ela, seria mais difícil de conseguir. Mas então, como um golpe de sorte ou da providência, Lila ouviu o som alto e doce de risadas e virou-se para ver três garotas que deviam ter a sua idade serem

auxiliadas a descer da carruagem, os vestidos opulentos e os sorrisos largos conforme tagarelavam, gorjeavam e se endireitavam ali na rua. Lila as reconheceu instantaneamente do desfile matinal, as garotas que haviam suspirado por Rhy e pelo “príncipe de olho preto” que Lila agora sabia ser Kell. As garotas que estiveram praticando falar inglês. É *óbvio*. Porque o inglês era o idioma da realeza e daqueles que a ela se associavam. O sorriso de Lila se alargou. Talvez Kell estivesse certo; em qualquer outro cenário, seu sotaque a faria se destacar. Mas, ali, a ajudaria a se misturar, a *pertencer*.

Uma das garotas, aquela que se orgulhava de seu inglês, exibiu um convite enfeitado a ouro, e as três o admiraram por vários instantes antes que ela o guardasse novamente debaixo do braço. Lila se aproximou.

— Com licença — disse ela, apoiando uma das mãos no cotovelo da garota. — A que horas o baile de máscaras começa?

A garota não pareceu se lembrar dela. Lançou a Lila um olhar lento e avaliador (do tipo que a fez querer arrancar alguns dentes da boca da menina) antes de sorrir forçosamente.

— Está começando agora.

Lila imitou o sorriso.

— É óbvio — falou, enquanto a garota se libertava, ignorando o fato de ter perdido o convite.

As garotas rumaram para a escadaria do palácio e Lila analisou seu prêmio. Ela correu um polegar sobre as bordas douradas do papel e a escrita ornamentada em arnesiano. Os olhos dela se levantaram novamente, observando a procissão para as portas do palácio, mas ela não se juntou ao grupo. Os homens e as mulheres subindo os degraus praticamente reluziam em seus vestidos de tons de joias e seus trajes escuros e elegantes. Capas exuberantes derramavam-se de seus ombros, e fios de metais preciosos brilhavam em seus cabelos. Lila olhou para si mesma, para a capa surrada e as botas gastas, e sentiu-se mais maltrapilha do que nunca. Ela pegou a própria máscara do bolso, mas era apenas uma tira de tecido preto e amarrotado. Mesmo com um convite e uma boa dose da língua inglesa, nunca a deixariam entrar; não com aquela aparência.

Ela enfiou a máscara de volta no bolso da capa e olhou em volta, para as bancas do mercado mais próximas. Ao longe, as barracas estavam cheias de comida e bebida, mas ali, à beira do palácio, vendiam outras

mercadorias. Amuletos, sim, mas também bengalas, sapatos e outros artigos finos. Tecidos e luz derramavam-se da entrada da tenda mais próxima; Lila se empertigou e entrou.

Uma centena de rostos a cumprimentou da parede oposta, cuja superfície estava recoberta com máscaras. De austeros a intrincados, bonitos e grotescos, os rostos inquiriram, repreenderam e, por fim, a acolheram. Lila atravessou a sala e chegou até as máscaras, libertando uma de seu gancho. Uma máscara preta de cobrir a metade superior do rosto com dois chifres que subiam espiralando das têmporas.

— *A tes fera, kes ile?*

Lila deu um salto e viu uma mulher parada ao seu lado. Era pequena e roliça, com meia dúzia de tranças enroladas como serpentes em volta da cabeça e uma máscara aninhada nelas como um grampo de cabelo.

— Desculpe — disse Lila devagar. — Não falo arnesiano.

A mulher apenas sorriu e entrelaçou os dedos em frente à barriga protuberante.

— Ah! Mas seu inglês é magnífico.

Lila suspirou de alívio.

— Assim como o seu — disse ela.

A mulher corou. Aquilo era obviamente um motivo de orgulho.

— Sou uma serviçal do baile — respondeu ela. — É apenas adequado.

— Então apontou para a máscara nas mãos de Lila. — Um pouco sombria, não acha?

Lila analisou a máscara.

— Não — disse. — Acho que é perfeita.

Então virou a máscara e viu uma fileira de números que devia ser seu preço. Não estava escrito em xelins ou libras, mas Lila tinha certeza de que, independentemente do tipo de moeda, ela não poderia pagar. Relutante, recolocou a máscara em seu gancho.

— Por que a colocou de volta se é perfeita? — pressionou a mulher.

Lila suspirou. Ela a teria roubado se a vendedora não estivesse ali.

— Não tenho dinheiro — respondeu, enfiando a mão no bolso. — Ela sentiu a prata do relógio e engoliu em seco. — Mas tenho isso...

Ela puxou o relógio e o estendeu, esperando que a mulher não visse o sangue (ela tentara limpar a maior parte dele).

A mulher, porém, apenas fez que não com a cabeça.

— *An, an* — falou ela, dobrando os dedos de Lila sobre o relógio.

— Não posso aceitar seu pagamento. Não importa a forma.

Lila franziu o cenho, confusa.

— Eu não entendo...

— Vi você hoje de manhã. No mercado.

Os pensamentos de Lila se voltaram para a cena, quando ela quase fora presa por furto. Mas a mulher não estava falando do roubo.

— Você e mestre Kell são... amigos, não é?

— Algo assim — respondeu Lila, corando por sua resposta ter provocado um sorriso confidente na mulher. — Não — corrigiu ela. — Não, eu não quis dizer... — Mas a mulher simplesmente afagou a mão de Lila.

— *Ise av eran* — disse ela suavemente. — Não estou em posição de...

— Ela fez uma pausa, procurando as palavras. — De me intrometer. Mas o mestre Kell é *aven, abençoado*, uma joia na coroa de nossa cidade. E se você é dele, ou ele é seu, minha loja é sua também.

Lila se encolheu. Ela odiava caridade. Mesmo quando as pessoas pensavam estar dando algo de graça, sempre havia uma dívida a pagar, um peso que acabava com o equilíbrio das coisas. Lila preferia roubar algo abertamente a ficar em dívida com a bondade de alguém. Mas ela precisava de roupas.

A mulher pareceu ler a hesitação nos olhos dela.

— Você não é daqui, então não compreende. Arnesianos pagam suas dívidas de muitas formas. Nem todas em dinheiro. Eu não preciso de qualquer coisa sua agora, então você me pagará em outra ocasião, e da forma como decidir. Tudo bem?

Lila hesitou. Os sinos começaram a badalar no palácio, alto o suficiente para reverberar por ela, então assentiu.

— Tudo bem — afirmou.

A vendedora sorriu.

— *Ir chas* — disse ela. — Agora vamos encontrar algo apropriado.

— Hum. — A vendedora, que se chamava Calla, mordeu o lábio. — Tem certeza de que não prefere algo com espartilho? Ou com cauda?

Calla tentara levar Lila até a arara de vestidos, mas os olhos da garota foram diretamente para os casacos masculinos. Peças gloriosas com ombros fortes, golas altas e botões brilhantes.

— Não — respondeu Lila, pegando um do cabide. — Este é exatamente o que eu quero.

A vendedora olhou para ela com uma estranha admiração, mas pouco (ou pelo menos muito bem-escondido) julgamento, e disse:

— *Anesh*. Se é esse o estilo que você quer, vou lhe encontrar botas.

Alguns minutos depois, Lila estava em um canto da barraca protegido por uma cortina, segurando as melhores roupas em que já havia tocado, que dirá possuído. *Emprestado*, corrigiu-se ela. Emprestado até que pagasse por elas.

Lila tirou o conteúdo de seus vários bolsos: a pedra preta, a torre branca, o relógio de prata sujo de sangue, o convite, e os colocou no chão antes de descalçar as botas e despir seu casaco antigo e gasto. Calla lhe dera uma túnica nova e preta (que servia tão bem que ela imaginou se não havia algum tipo de feitiço alfaiate) e um par de calças justas que ainda ficavam um pouco frouxas em sua silhueta ossuda. Ela insistira em manter seu cinto, e Calla tivera a decência de não ficar boquiaberta ao ver o número de armas presas nele enquanto lhe passava as botas.

Todo pirata precisa de um bom par de botas, e aquele era deslumbrante, feito de couro preto e alinhavado com algo mais macio que fios de algodão. Lila ficou maravilhada ao calçá-las. E, então, havia o casaco. Era um sonho, com golas altas, lindo e preto. Verdadeiramente preto, aveludado e rico, com uma cintura ajustada e uma capa curta embutida que se unia com presilhas vermelhas e brilhantes dos lados do pescoço, derramando-se sobre seus ombros e costas. Lila correu os dedos sobre os botões pretos e brilhantes que adornavam a frente, admirando-os. Ela nunca fora dada a adornos e ornamentos, nunca quisera mais do que o ar salgado, um barco resistente e um mapa vazio, mas agora que estava ali, em uma barraca exótica em uma terra longínqua, vestida com tecidos luxuosos, começava a entender o apelo.

Por fim, ela pegou a máscara. Muitos dos rostos pendurados na barraca eram adoráveis, delicados e feitos de penas e rendas e adornadas com espelhos. Mas este era bonito de um jeito diferente, um jeito oposto. Lembrava menos a Lila sobre vestidos e ornamentos, e mais sobre facas

afiadas e navios no mar à noite. Parecia *perigosa*. Ela a levou ao rosto e sorriu.

Havia um espelho prateado apoiado no canto, e ela admirou o próprio reflexo nele. Parecia menos com a sombra do ladrão nos cartazes de procurado de sua Londres e em nada com a menina magricela acumulando moedas de cobre para escapar de uma vida sórdida. Suas botas engraxadas brilhavam das pontas dos pés aos joelhos, alongando suas pernas. O casaco alargava seus ombros e afinava a cintura. E a máscara afinava suas bochechas, os chifres pretos curvando-se sobre a cabeça de um modo que era ao mesmo tempo elegante e monstruoso. Ela concedeu-se um olhar longo e apreciativo, da mesma forma que a garota fizera com ela na rua, mas agora nada havia para zombar.

Delilah Bard parecia um rei.

Não, pensou ela, endireitando-se. Ela parecia uma *conquistadora*.

— Lila? — A voz da vendedora atravessou a cortina. — Ela pronunciou o nome como se fosse cheio de Is. — Serviu?

Lila guardou seus objetos nos bolsos forrados de seda do casaco novo e saiu. Os saltos das botas estalaram orgulhosos no chão de pedra, ainda que ela tivesse testado o andar e soubesse que, se pisasse com a frente dos pés, não faria barulho. Calla sorriu com um brilho malicioso nos olhos, mesmo estalando a língua em leve reprovação.

— *Mas aven* — disse ela. — Você parece mais preparada para conquistar uma cidade do que para seduzir um homem.

— Kell vai amar — assegurou Lila. A forma como disse seu nome, instilando uma suavidade sutil, fez com que a vendedora se agitasse alegremente. E então os sinos badalaram novamente pela cidade, e Lila praguejou para si mesma. — Preciso ir — falou ela. — Mais uma vez, obrigada.

— Você me pagará depois — disse Calla, simplesmente.

Lila aquiesceu.

— Farei isso.

Ela estava na saída da barraca quando a vendedora acrescentou:

— Cuide bem dele.

Lila sorriu e fechou a gola do casaco.

— Farei isso — afirmou, antes de desaparecer pela rua.

II

Cores desabrochavam na cabeça de Kell, borrões de vermelho, dourado e então azul. Primeiro, nada mais eram do que faixas largas, mas, à medida que sua visão entrou em foco, ele as reconheceu como as cortinas do palácio, do tipo que pendiam do teto de cada aposento real, desenhando padrões celestes com o tecido.

Apertando os olhos, Kell percebeu que devia estar no quarto de Rhy.

Ele sabia disso porque o teto do seu próprio quarto era decorado como o céu à meia-noite, com ondas de tecidos quase pretos cravejados com fios de prata, ao passo que o teto do quarto da rainha era decorado como o céu ao meio-dia, sem nuvens e azul-claro. O do rei era como o crepúsculo, com faixas de amarelo e laranja. Apenas o de Rhy era cortinado assim. Como a aurora. A cabeça de Kell girou, e ele fechou os olhos e inspirou fundo enquanto tentava ordenar seus pensamentos.

Estava deitado em um sofá, o corpo afundado em almofadas macias. Música tocava além das paredes do quarto, uma orquestra, e, misturados a ela, sons de risos e de comemoração. Era evidente. O baile de aniversário de Rhy. Foi quando alguém pigarreou. Kell fez força para abrir os olhos e virou a cabeça para ver o próprio Rhy sentado à sua frente.

O príncipe estava jogado em uma poltrona, um tornozelo cruzado no joelho, bebericando chá e parecendo muito irritado.

— Irmão — disse Rhy, inclinando sua xícara.

Estava todo vestido de preto, casaco, calças e botas adornados com dezenas de botões dourados. Sua máscara era uma coisa espalhafatosa decorada com milhares de pequenas escamas brilhantes de ouro e repousava no topo de sua cabeça, no lugar de sua coroa usual.

Kell foi afastar o cabelo dos olhos e rapidamente descobriu que não podia. Suas mãos estavam algemadas atrás do corpo.

— Você deve estar brincando... — Ele se contorceu para conseguir se sentar. — Rhy, por que em nome dos santos estou usando isso?

As algemas não eram as correntes comuns encontradas na Londres Cinza, feita de elos de metal. Tampouco eram como as amarras da Branca, que causavam dor excruciante quando havia resistência. Não, estas eram esculpidas em uma peça de ferro sólida, entalhadas com feitiços projetados para amortecer a magia. Não de forma tão severa quanto as espadas dos guardas, com certeza, mas bastante eficazes.

Rhy apoiou sua xícara de chá em uma mesa de canto ornamentada.

— Eu não podia deixá-lo fugir novamente.

Kell suspirou e recostou a cabeça de volta no sofá.

— Isso é ridículo. Suponho que tenha sido por isso que me drogou também? Francamente, Rhy!

Rhy cruzou os braços. Estava visivelmente amuado. Kell levantou a cabeça com dificuldade e olhou em volta, notando que havia dois soldados da guarda real no cômodo com eles, ainda vestidos com a armadura formal, os elmos colocados, os visores fechados. Mas Kell conhecia os integrantes da guarda pessoal de Rhy bem o suficiente para reconhecê-los, com ou sem armadura, e sabia que não eram eles.

— Onde estão Gen e Parrish? — perguntou Kell.

Rhy deu de ombros preguiçosamente.

— Divertindo-se além da conta, imagino.

Kell mudou de posição no sofá, tentando se libertar das algemas. Estavam apertadas demais

— Não acha que está exagerando um pouco?

— Onde você esteve, irmão?

— Rhy — disse Kell —, tire isso de mim.

A bota de Rhy escorregou de seu joelho e bateu firme no chão. Ele se endireitou na cadeira, inclinando-se para Kell.

— É verdade?

Kell franziu o cenho.

— O quê?

— Que você tem um pedaço da Londres Preta?

Kell enrijeceu.

— Do que você está falando?

— É verdade? — insistiu o príncipe.

— Rhy — disse Kell, lentamente. — Quem lhe disse isso?

Ninguém sabia, exceto aqueles que queriam a pedra longe e aqueles que queriam possuí-la.

Rhy balançou a cabeça com tristeza.

— O que você trouxe para nossa cidade, Kell? O que você lançou sobre ela?

— Rhy, eu...

— Eu avisei a você que isso aconteceria. Eu disse que, se você continuasse com suas negociações, seria pego, e nem mesmo eu poderia protegê-lo.

O sangue de Kell ficou gelado.

— O rei e a rainha sabem?

Rhy estreitou os olhos.

— Não. Ainda não.

Kell soltou um breve suspiro de alívio.

— Eles não precisam saber. Eu farei o que preciso fazer. Vou levá-lo de volta, Rhy. Até a cidade morta.

A testa de Rhy se franziu.

— Não posso permitir isso.

— Por que não? — indagou Kell. — É o único lugar a que o talismã pertence.

— Onde ele está agora?

— Seguro — respondeu Kell, esperando que fosse verdade.

— Kell, não posso ajudá-lo se não me deixar.

— Estou cuidando disso, Rhy. Prometo que estou.

O príncipe estava sacudindo a cabeça.

— Promessas não são o suficiente — disse ele. — Não mais. Diga-me onde está a pedra.

Kell congelou.

— Eu nunca lhe disse que era uma pedra.

Um silêncio pesado se fez entre eles. Rhy sustentou seu olhar. E, então, finalmente, seus lábios desenharam um sorriso pequeno e sombrio, contorcendo-se em seu rosto de uma forma que lembrava o de outra pessoa.

— Ah, Kell — disse ele.

O príncipe inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, e Kell vislumbrou algo sob a gola da camisa dele que o fez paralisar. Era um pingente. Um colar de vidro com bordas cor de vermelho sangue. Ele o conhecia; o vira alguns dias antes.

Em Astrid Dane.

Kell deu um salto e se pôs de pé, mas os guardas já estavam sobre ele, segurando-o. Os movimentos deles eram coordenados demais, seu aperto era esmagador demais. Enfeitiçados. Sem dúvida. Por isso estavam com os visores abaixados. O feitiço podia ser visto em seus olhos.

— Olá, garoto das flores.

As palavras saíram da boca de Rhy em uma voz que era e não era a dele.

— Astrid — sibilou Kell. — Você enfeitiçou a todos neste palácio?

Uma risada grave escapou da boca de Rhy.

— Ainda não, mas estou trabalhando nisso.

— O que você fez com meu irmão?

— Apenas o peguei emprestado. — Os dedos de Rhy se fecharam sob a gola da própria camisa e tiraram o pingente. Só poderia ser uma coisa: um feitiço de possessão. — Sangue *Antari* — falou ela, orgulhosa. — Permite que o feitiço exista nos dois mundos.

— Você vai pagar por isso — rosnou Kell. — Eu vou...

— O quê? Vai me ferir? E arriscar machucar seu querido príncipe? Duvido. — Novamente o sorriso frio, tão estranho ao rosto de Rhy, abriu-se em seus lábios. — Onde está a pedra, Kell?

— O que você está fazendo aqui?

— Não é óbvio? — A mão de Rhy acenou para o cômodo. — Estou ramificando.

Kell puxou suas amarras, o metal encravando em seus pulsos. As algemas amortecedoras eram fortes o suficiente para anular as habilidades elementais e prevenir contra feitiços, mas não podia impedir a magia *Antari*. Se ao menos ele pudesse...

— Diga-me onde escondeu a pedra.

— Diga-me por que está usando o corpo do meu irmão — gritou ele de volta, tentando ganhar tempo.

Astrid suspirou de dentro do corpo do príncipe.

— Você sabe tão pouco sobre a guerra. Batalhas podem ser ganhas de fora para dentro, mas guerras são vencidas de dentro para fora. — Ela apontou para o corpo de Rhy. — Reinos e coroas são conquistados por dentro. A mais poderosa das fortalezas pode aguentar um ataque de fora de seus muros, mas ainda assim não ser fortificada para um ataque que venha de dentro deles. Se eu tivesse marchado até seu palácio pelas escadarias, teria chegado tão longe? Mas, assim, ninguém me verá chegando. Nem o rei, nem a rainha, nem o povo. Sou o seu amado príncipe e serei até o momento que escolher não ser mais.

— Eu sei — falou Kell. — Eu sei o que e quem você é. O que você fará, Astrid? Vai me matar?

O rosto de Rhy iluminou-se com um brilho estranho.

— Não. — A palavra escorregou de sua língua. — Mas tenho certeza de que você desejará que eu o tivesse matado. Agora... — A mão de Rhy levantou o queixo de Kell. — Onde está a minha pedra?

Kell olhou nos olhos cor de âmbar do irmão e além deles, para a coisa escondida no seu corpo. Ele queria implorar a Rhy, apelar para que lutasse contra o feitiço. Mas não adiantaria. Enquanto *ela* estivesse ali, ele não estaria.

— Não sei onde está — afirmou Kell.

Rhy abriu um sorriso feroz e mordaz.

— Sabe... — Os lábios de Rhy formaram as palavras, erguendo as mãos e observando seus longos dedos, as juntas adornadas com anéis brilhantes. As mesmas mãos começaram a rodar os anéis para que a moldura das joias ficasse virada para dentro. — Uma parte de mim estava torcendo para que você dissesse isso.

E então os dedos de Rhy fecharam-se num punho e se conectaram com o maxilar de Kell.

A cabeça de Kell estalou para o lado e ele quase tombou, mas os guardas o seguraram com mais firmeza e ele permaneceu de pé. Kell sentiu gosto de sangue, mas Rhy apenas abriu aquele sorriso terrível e esfregou os nós dos dedos.

— Isso vai ser divertido.

III

Lila subiu a escadaria do palácio, a capa curta de seu novo casaco oscilando atrás dela. O tapete brilhante como o céu da meia-noite ondulava suavemente a cada degrau que ela transpunha, como se fosse realmente água. Outros convidados subiam a escada em pares ou grupos pequenos, mas Lila fez o melhor que pôde para imitar sua arrogância imponente: ombros retos e cabeça erguida enquanto subia sozinha. Ela podia não ter dinheiro, mas roubara o suficiente daqueles que o possuíam para ser capaz de copiar suas maneiras e afetações.

No topo da escadaria, apresentou o convite para um homem vestido de preto e dourado, que se curvou e a deixou passar, permitindo que entrasse em um vestíbulo forrado de flores. Mais flores do que Lila jamais havia visto. Rosas, lírios e peônias, narcisos e azaleias, além de dezenas de outras que ela não reconheceu. Arranjos de pequeninos botões brancos que pareciam flocos de neve e outros de caules grossos que lembravam girassóis, se girassóis fossem azuis como o céu. O cômodo estava impregnado com a fragrância de todas as flores, e ainda assim não lhe sufocava. Talvez ela simplesmente estivesse se acostumando.

A música derramava-se por uma segunda porta, oculta por uma cortina, e o mistério acerca do que estaria além dela moveu Lila através da galeria de flores. E, então, assim que alcançou a cortina para afastá-la para o lado, um segundo serviçal apareceu e obstruiu seu caminho. Lila ficou tensa, com medo que, de alguma forma, seu disfarce e o convite não tivessem sido suficientes, que ela seria descoberta como impostora, forasteira. Os dedos dela contorceram-se em direção à faca que levava sob o casaco.

Mas o homem sorriu e falou em um inglês rígido:

— A quem devo apresentar?

— O quê? — perguntou Lila, mantendo a voz baixa, circunspecta.

A testa do homem enrugou.

— Sob que título e nome devo anunciá-lo, senhor?

— Ah!

O alívio a percorreu e sua mão escorregou de volta para o lado do corpo. Um sorriso se alastrou pelos lábios dela.

— Capitão Bard — disse ela — do *Sea King*.

O serviçal pareceu confuso, mas se virou e pronunciou as palavras sem protestar.

O nome dela ecoou e foi engolido pelo salão antes que ela pudesse entrar nele.

Quando entrou, seu queixo caiu.

O deslumbramento do mundo lá fora ficou pálido em comparação ao mundo ali dentro. O palácio era uma abóbada de vidro e tapeçarias brilhantes e, perpassando tudo como uma luz, havia *magia*. O ar estava vivo com ela. Não a magia secreta e sedutora da pedra, mas algo sonoro, brilhante e envolvente. Kell dissera a Lila que a magia era como um sexto sentido, sobreposto à visão, ao olfato e ao paladar, e agora ela compreendia. Estava em todo lugar. Em tudo. E era maravilhoso. Ela não conseguia dizer se a energia emanava das centenas de corpos no salão ou do próprio salão, que com certeza a refletia. *Amplificava*-a como o som em uma câmara de ecos.

E era estranhamente, *incrivelmente*, familiar.

Sob a magia, ou talvez por causa dela, o espaço estava vivo com cor e luz. Ela nunca havia pisado na corte de St. James, mas certamente não poderia se comparar ao esplendor deste palácio. Nada na sua Londres poderia. Seu mundo parecia realmente cinza em comparação a este, desbotado e vazio de uma forma que fez com que Lila quisesse beijar a pedra por libertá-la de lá, por trazê-la para este lugar que reluzia como uma joia. Para todo canto que olhava ela via riqueza. Seus dedos comicharam e ela resistiu ao ímpeto de começar a furtar bolsos, lembrando a si mesma que o conteúdo dos seus próprios era precioso demais para arriscar ser apanhada.

A porta atrás da cortina a levou a um patamar, uma escadaria que descia até o meio do chão polido do salão, cujas pedras se perdiam debaixo de botas e saias rodopiantes.

Na base da escada estavam o rei e a rainha, saudando cada um dos convidados. Parados ali, vestidos de dourado, pareciam extremamente elegantes. Lila nunca tinha estado tão perto da realeza (Kell não contava) e sabia que devia desaparecer o mais rápido possível, mas não conseguiu resistir ao ímpeto de ostentar seu disfarce. Além disso, seria grosseiro não cumprimentar seus anfitriões. *Imprudente*, rosnou uma voz em sua cabeça, mas Lila apenas sorriu e desceu a escada.

— Bem-vindo, capitão — disse o rei, apertando a mão de Lila com firmeza.

— Majestade — falou ela, lutando para manter a voz firme. Ela inclinou a máscara em direção a ele, com cuidado para não espetá-lo com os chifres.

— Seja bem-vindo — ecoou a rainha ao mesmo tempo que Lila beijava sua mão estendida. Mas, quando ela se afastou, a rainha continuou: — Não nos conhecemos.

— Sou amigo de Kell — respondeu Lila o mais casualmente que pôde, ainda fitando o chão.

— Ah! — exclamou a rainha. — Então seja bem-vindo.

— Na verdade — continuou Lila —, Alteza, estou procurando por ele. A senhora sabe onde ele pode estar?

A rainha a olhou de modo inexpressivo e disse:

— Não está aqui.

Lila franziu o cenho, e a rainha acrescentou:

— Mas não estou preocupada.

O tom de voz dela era estranhamente uniforme, como se estivesse recitando uma fala que não era sua. O mau pressentimento no peito de Lila se agravou.

— Tenho certeza de que ele aparecerá — disse Lila, soltando a mão da rainha.

— Tudo ficará bem — falou o rei com uma voz igualmente vazia.

— Ficaré, sim — acrescentou a rainha.

Lila ficou preocupada. Algo estava errado. Ela ergueu o rosto, arriscando a impertinência de olhar nos olhos da rainha, e viu um brilho sutil. O mesmo brilho trêmulo que ela notara nos olhos do guarda depois que ele retalhara a garganta de Fletcher. Algum tipo de *feitiço*. Ninguém

mais notara? Ou ninguém mais fora atrevido o suficiente para olhar tão destemidamente para a realeza?

O próximo convidado pigarreou atrás de Lila e ela desviou o olhar da rainha.

— Lamento ter monopolizado sua atenção — disse rapidamente, afastando-se dos anfitriões reais e avançando pelo salão.

Ela margeou a aglomeração de pessoas dançando e bebendo, procurando algum sinal do príncipe, mas, a julgar pela ansiedade no ar e pelos olhos constantemente se voltando para as portas e escadarias, ele ainda não havia aparecido.

Ela escapuliu por um par de portas no fim do salão de baile e viu-se em um corredor. Estava vazio, exceto por um guarda e uma jovem engajados em um abraço bastante amoroso e ocupados demais para notar Lila passando e desaparecendo por outro par de portas. E então por outro. Navegar pelas ruas de Londres havia ensinado bastante a ela sobre o fluxo labiríntico dos lugares, sobre a forma como a riqueza se concentra no meio e escasseia nas extremidades. Ela avançou de corredor em corredor, serpenteando pelo coração pulsante do palácio sem se desviar demais. Em todos os lugares que entrava, via convidados, guardas e serviçais, porém nenhum sinal de Kell ou do príncipe, nem qualquer brecha no labirinto. Até que, finalmente, deparou-se com uma escada em espiral. Era elegante, mas estreita, e nitidamente não fora feita para uso público. Ela lançou uma última olhadela na direção do baile e então subiu os degraus.

O andar de cima estava quieto de uma forma reservada, e ela sabia que devia estar chegando perto, não apenas por causa do silêncio, mas porque a pedra em seu bolso começou a zumbir. Como se pudesse *sentir* que Kell estava por ali e quisesse se aproximar. Novamente, Lila tentou não se sentir ofendida.

Ela se viu em um novo conjunto de corredores: o primeiro estava vazio e o segundo, não. Lila circulou o canto e prendeu a respiração. Imprensou-se em um recanto escondido pelas sombras, escapando por pouco do olhar de um guarda. Ele vigiava um par de portas ornamentadas e não estava sozinho. Na verdade, enquanto todas as outras portas do corredor estavam sem vigias, aquela estava guardada por não menos que três homens de armadura e armados.

Lila engoliu em seco e tirou sua nova faca do cinto. Hesitou. Pela segunda vez em poucos dias, viu-se sozinha contra três. Não havia terminado bem da primeira vez. Sua mão apertou a faca enquanto ela pensava num plano que não significasse morte certa. A pedra retomou seu ritmo murmurante, e ela estava a ponto de tirá-la do casaco quando parou e notou algo.

O corredor era repleto de portas, e, ainda que a mais longínqua estivesse resguardada, a mais próxima encontrava-se entreaberta. Ela levava a um quarto luxuoso, e, no fim dele, havia uma sacada, as cortinas flutuando no ar noturno.

Lila sorriu e devolveu a faca ao cinto.

Teve uma ideia.

IV

Kell cuspiu sangue no chão belo e ornamentado de Rhy, arruinando o padrão rebuscado. Se o próprio Rhy estivesse ali, não ficaria feliz. Mas ele não estava.

— A pedra, meu botão de rosa. — O tom opressivo de Astrid escorreu dos lábios de Rhy. — Onde está?

Kell lutou para ficar de joelhos com os braços ainda presos atrás do corpo.

— O que você quer com ela? — rugiu ele quando os dois guardas o colocaram de pé.

— Tomar o trono, é lógico.

— Você já tem um trono — observou Kell.

— Em uma Londres moribunda. E você sabe por que ela está morrendo? Por causa de vocês. Por causa dessa cidade e sua fuga egoísta e covarde. Ela nos usou como escudo e agora floresce enquanto nós perecemos. Parece apenas justo que eu a conquiste, como uma reparação. Retribuição.

— E então fará o quê? — perguntou Kell. — Abandonará seu irmão ao cadáver decadente de seu mundo para que possa desfrutar do esplendor desse aqui?

Uma risada fria e árida escapou da garganta de Rhy.

— De jeito algum. Isso faria de mim uma irmã absolutamente medíocre. Athos e eu governaremos juntos. Lado a lado.

Os olhos de Kell estreitaram-se.

— O que você quer dizer com isso?

— Vamos restaurar o equilíbrio entre os mundos. Reabrir as portas. Ou melhor, derrubá-las, criar uma que permaneça aberta para que *todos*

possam transitar entre os mundos. Uma fusão, se preferir, das nossas duas ilustres Londres.

Kell ficou lívido. Mesmo quando as portas estavam destrancadas, havia *portas*. E eram mantidas fechadas. Uma porta aberta entre os mundos não seria apenas algo perigoso. Seria algo *instável*.

— A pedra não é poderosa o suficiente para fazer isso — afirmou ele, tentando soar categórico.

Mas não tinha certeza. A pedra havia criado uma porta para Lila. Mas passar uma agulha por um tecido era bem diferente de rasgar o pano ao meio.

— Tem certeza? — provocou Astrid. — Talvez esteja certo. Talvez a sua metade da pedra não seja o suficiente.

O sangue de Kell enregelou.

— Minha metade?

A boca de Rhy se contorceu num sorriso.

— Não notou que está quebrada?

Kell ficou boquiaberto.

— A parte rachada.

— Athos a encontrou assim, em duas partes. Sabe, ele gosta de encontrar tesouros. Sempre gostou. Quando éramos jovens, costumávamos esquadrinhar as rochas ao longo da costa, buscando algo de valor. Um hábito que ele nunca abandonou. Suas buscas apenas se tornaram um pouco mais sofisticadas. Um pouco mais focadas. É óbvio, sabíamos do expurgo da Londres Preta, da erradicação dos artefatos, mas ele tinha certeza de que haveria alguma coisa, *qualquer coisa*, que ajudaria a salvar nosso mundo moribundo.

— E ele encontrou — disse Kell, forçando os pulsos contra as algemas de metal.

As bordas eram lisas e não afiadas, e uma dor entorpecente se espalhou por seu braço, mas a pele recusou-se a romper-se. Ele baixou o olhar para o sangue de seu lábio no chão de Rhy, mas os guardas o estavam segurando ereto, com um aperto inflexível.

— Ele vasculhou — prosseguiu Astrid na língua de Rhy. — Encontrou um punhado de coisas inúteis escondidas: um caderno, um pedaço de tecido. E então, eis que, de repente, descobriu a pedra. Partida em duas, sim, mas, como tenho certeza que notou, seu estado não a impediu de

funcionar. É magia, afinal de contas. Pode estar dividida, mas não se enfraqueceu. As metades permanecem conectadas mesmo que estejam separadas. Cada metade é poderosa o bastante por si mesma, forte o bastante para mudar o mundo. Mas elas desejam uma a outra, sabe. São atraídas através da barreira mágica. Se uma gota de seu sangue é suficiente para produzir uma porta, imagine o que as metades da pedra poderiam fazer.

Poderiam acabar com a própria barreira, pensou Kell. Despedaçar a realidade.

Os dedos de Rhy tamborilaram ao longo das costas de uma poltrona.

— Foi ideia minha, confesso, dar a pedra a você e permitir que a carregasse pela fronteira.

Kell fez uma careta enquanto torcia os pulsos contra o ferro que os prendia.

— E por que não usar Holland? — perguntou, tentando ganhar mais tempo. — Para atravessar a pedra para cá? Ele obviamente entregou o colar a Rhy.

Astrid esticou os lábios de Rhy em um sorriso e passou um dedo delicadamente pelo rosto de Kell.

— Eu queria você.

A mão de Rhy continuou subindo e se entrelaçou no cabelo de Kell enquanto Astrid inclinou-se, pressionou o rosto emprestado na face ensanguentada de Kell e sussurrou no ouvido dele:

— Eu lhe disse uma vez que seria sua dona. — Kell jogou-se para trás e a mão de Rhy caiu. — Além disso — continuou ela com um suspiro —, fazia sentido. Se algo desse errado e Holland fosse apanhado, a culpa recairia sobre nossa coroa e não teríamos outra chance. Se algo desse errado e *você* fosse apanhado, a culpa recairia sobre a sua cabeça. Conheço seus passatempos, Kell. Acha que a Scorched Bone guarda segredos? *Nada* passa despercebido em minha cidade. — A língua de Rhy estalou. — Um servo real com o mau hábito de contrabandear coisas entre as fronteiras. Não é tão difícil de acreditar. E se as coisas dessem *certo* e eu fosse bem-sucedida em conquistar este castelo, este reino, não poderia ter você por aí, desaparecido, lutando contra mim. Eu o queria aqui, onde é o seu lugar. Aos meus pés.

Uma energia sombria começou a crepitar na palma da mão de Rhy, e Kell se preparou, mas Astrid não parecia conseguir controlá-la, não com as habilidades precárias de Rhy. O raio foi atirado para a esquerda, atingindo o poste de metal da cama do príncipe.

Kell forçou-se a rir um pouquinho.

— Você deveria ter escolhido um corpo melhor — provocou ele. — Meu irmão nunca teve aptidão para a magia.

Astrid girou os pulsos de Rhy, observando os dedos dele.

— Não faz diferença — disse ela. — Tenho uma família inteira à minha disposição.

Kell teve uma ideia.

— Por que não tenta com alguém um pouco mais forte? — incitou ele.

— Como você? — perguntou Astrid calmamente. — Gostaria que eu levasse o *seu* corpo para dar uma volta?

— Gostaria de ver você tentar — respondeu Kell.

Se conseguisse convencê-la a tirar o colar para colocar nele em vez de...

— Eu poderia — sussurrou ela. — Mas possessão é algo que não funciona nos *Antari* — acrescentou aridamente. O coração de Kell afundou. — Eu sei disso, e você também. Mas foi uma bela tentativa. — Kell observou quando o irmão se virou e pegou uma faca de uma mesa próxima. — Agora, *compulsão* — disse ele, ou ela, admirando o gume brilhante — é outro assunto.

Os dedos de Rhy se fecharam sobre a lâmina e Kell se afastou, mas não havia para onde ir. Os guardas o seguraram com força enquanto o príncipe caminhava lentamente até ele e então levantava a faca, cortando os botões da camisa de Kell e afastando o colarinho para revelar a pele clara e lisa sobre o coração.

— Tão poucas cicatrizes... — Os dedos de Rhy levaram a ponta da lâmina até a pele de Kell. — Vamos dar um jeito nisso.

— Pare! — veio uma voz da sacada.

Lila. Ela estava vestida de forma diferente, com um casaco preto e uma máscara com chifres, e estava de pé sobre o balaústre, segurando-se no portal da sacada e apontando a pistola para o peito do príncipe.

— Isso é assunto de família — advertiu Astrid com a voz de Rhy.

— Ouvi o suficiente para saber que você não é realmente da família.
— Lila ergueu a arma e a nivelou com Rhy. — Agora, afaste-se de Kell.

A boca de Rhy se abriu num sorriso macabro. E então a mão dele adejou. Desta vez, o raio encontrou seu alvo, atingindo Lila em cheio no peito. Ela arquejou e se soltou do portal, as botas escorregando do corrimão do balaústre enquanto ela despencava e mergulhava na escuridão.

— Lila! — gritou Kell quando ela desapareceu por trás do corrimão. Ele se libertou dos guardas, as algemas finalmente cortando seus pulsos o suficiente para derramar sangue. Em um segundo ele fechou os dedos sobre o metal e cuspiu o comando para abri-lo.

— *As Orense*. — Abra.

Suas correntes caíram e o restante do poder de Kell voltou a fluir. Os guardas partiram para cima dele, mas suas mãos se elevaram e a dupla voou longe, um de encontro à parede e o outro contra o metal da cabeceira da cama de Rhy. Kell empunhou sua adaga e virou-se para o príncipe, pronto para lutar.

Mas Rhy olhou para ele, divertindo-se.

— O que planeja fazer agora, Kell? Não me machucaria; não enquanto estou no corpo do seu irmão.

— Mas eu sim.

Era a voz de Lila novamente, seguida pelo som de uma arma. Dor e surpresa cintilaram ao mesmo tempo no rosto de Rhy, e então uma de suas pernas cedeu sob ele, o sangue escurecendo o tecido na panturrilha. Lila estava de pé do lado de fora, não no balaústre como estivera antes, mas no ar sobre ele, apoiando o pé em uma nuvem de fumaça preta. O alívio tomou conta de Kell, seguido instantaneamente por terror. Ela não tinha apenas vindo em direção ao perigo, mas também trouxera a pedra.

— Terá que se esforçar mais para conseguir me matar — falou ela, pulando da plataforma de fumaça para a sacada e entrando no cômodo.

Rhy se levantou.

— Isso é um desafio?

Os guardas estavam se recuperando também, um movendo-se por trás de Lila e o outro pairando atrás de Kell.

— Fuja! — disse ele a Lila.

— É bom ver você também — explodiu ela, enfiando o talismã de volta no bolso.

Kell viu a fraqueza tomar conta de Lila quando se separou da magia, mas apenas em seus olhos e no maxilar. Ela era boa em escondê-la.

— Você não deveria ter vindo aqui — rosnou Kell.

— Não — ecoou Rhy. — Não deveria. Mas agora está aqui. E me trouxe um presente. — A mão de Lila apertou o casaco, e a boca de Rhy curvou-se naquele sorriso terrível. Kell preparou-se para um ataque, mas, em vez disso, Rhy apontou a lâmina para o próprio peito e apoiou a ponta entre suas costelas, bem abaixo do coração. Kell se retesou. — Me dê a pedra ou matarei o príncipe.

Lila franziu a testa, indecisa, o olhar alternando entre Rhy e Kell.

— Você não o mataria — desafiou Kell.

Rhy ergueu uma sobrancelha preta.

— Realmente acredita nisso, garoto das flores, ou apenas tem esperança de que seja verdade?

— Você escolheu esse corpo porque ele é parte do seu plano. Você não...

— Nunca presume conhecer seu inimigo. — A mão de Rhy pressionou a faca, a ponta enterrando-se entre suas costelas. — Tenho um armário cheio de reis.

— *Pare!* — ordenou Kell quando o sangue brotou na ponta da faca. Ele tentou comandar os ossos do braço de Rhy a ficarem imóveis, mas a vontade poderosa de Astrid dentro do corpo do príncipe tornava fraco o controle de Kell.

— Por quanto tempo conseguirá impedir minha mão? — desafiou ela. — O que acontecerá quando seu foco começar a falhar? — Seus olhos cor de âmbar alcançaram Lila. — Ele não quer que eu machuque o irmão. É melhor me entregar a pedra antes que eu o faça.

Lila hesitou. A mão livre de Rhy fechou-se sobre o amuleto de possessão e o retirou pela cabeça, segurando-o displicentemente na palma de sua mão.

— A pedra, Lila.

— Não faça isso — pediu Kell, sem saber se as palavras eram para Astrid ou Lila, ou para ambas.

— *A pedra.*

— Astrid, por favor — sussurrou Kell, a voz vacilando.

E, então, a boca de Rhy contorceu-se em um sorriso triunfante.

— Você é meu, Kell, e eu o domarei. Começando por seu coração.

— *Astrid*.

Mas era tarde demais. O corpo de Rhy virou-se em direção à Lila, e uma única palavra saiu de sua boca — *pegue* — antes que ele jogasse o pingente no ar e enterrasse a faca no próprio peito.

V

Tudo aconteceu muito rapidamente, o pingente movendo-se ao mesmo tempo que a lâmina. Kell viu Lila se jogar para longe do alcance do amuleto e virou-se para ver Rhy enterrando a faca entre as próprias costelas.

— Não! — gritou Kell, atirando-se para a frente.

O colar derrapou pelo chão e foi parar na bota de um dos guardas, e Rhy tombou, a lâmina transpassada até o cabo, enquanto Kell caía ao lado dele e retirava a faca.

Rhy (e agora *era* Rhy) soltou um som engasgado, e Kell pressionou os dedos ensanguentados no peito do irmão. A frente da camisa já estava molhada, e ele tremeu sob o toque de Kell. Este mal havia começado a falar, a mandar a magia curar o príncipe, quando um dos guardas deu um encontrão nele e ambos caíram no chão ornamentado.

A alguns metros dali, Lila estava atracada com o outro guarda enquanto o atacante de Kell segurava o amuleto em uma das mãos e tentava apertar a garganta do *Antari* com a outra. Ele chutou e lutou até se libertar, e quando o guarda (com Astrid dentro) o atacou, ele ergueu a mão. A armadura de metal e o corpo dentro dela foram atirados para trás, não na parede, mas no balaústre da sacada, que se esfarelou com o impacto, deixando o guarda passar e cair. Ele se arrebentou no pátio de pedras abaixo, o som seguido instantaneamente por gritos, e Kell correu para o terraço e viu uma dúzia de convidados do baile cercando o corpo. Um deles, uma mulher com um belo vestido verde, pegou intrigada o pingente, agora jogado nas pedras do pátio.

— Pare! — exclamou Kell, mas era tarde demais.

No momento em que os dedos da mulher se fecharam sobre o amuleto, ele a viu mudar, a possessão percorrendo-a com um único e prolongado

calafrio antes de sua cabeça se virar para ele, a boca desenhando um sorriso frio e sombrio. Ela girou nos calcanhares e entrou no palácio.

— Kell! — chamou Lila e ele se virou, percebendo o cômodo pela primeira vez como realmente estava: uma confusão.

O guarda restante jazia imóvel no chão, uma adaga transpassada pelo visor de seu elmo, e Lila estava agachada sobre Rhy, sua máscara levantada e as mãos entrelaçadas pressionando o peito do príncipe. Ela estava coberta de sangue, mas não dela. A camisa de Rhy estava completamente encharcada.

— *Rhy* — falou Kell, a palavra num soluço, sua respiração tremendo enquanto se ajoelhava ao lado do irmão. Ele puxou a adaga e rasgou a própria mão, cortando profundamente. — Agente firme, Rhy.

Ele pressionou a palma da mão ferida no peito do príncipe, que se elevava e descia com uma respiração estranha e em *staccato*.

— *As Hasari*. — Curar.

Rhy tossiu sangue.

O pátio inferior explodiu em comoção, vozes infiltrando-se pela sacada quebrada. O barulho de passos ecoava nos corredores, punhos esmurrando as portas do cômodo, que agora Kell percebia estarem rabiscadas com encantamentos. Feitiços bloqueadores.

— Temos que ir — avisou Lila.

— *As Hasari* — pronunciou Kell novamente, pressionando a ferida.

Havia muito sangue. Sangue demais.

— Desculpe — murmurou Rhy.

— Cale a boca, Rhy — disse Kell.

— Kell! — pediu Lila.

— Não vou deixá-lo — disse ele, decidido.

— Então vamos levá-lo com a gente — retrucou Lila. Kell hesitou. — Você disse que a magia requer tempo para funcionar. Não podemos esperar. Leve-o com a gente se quiser, mas temos que ir *agora*.

Kell engoliu em seco.

— Desculpe — disse ele pouco antes de forçar a si mesmo e a Rhy a se levantar. O príncipe arquejou de dor. — Desculpe.

Eles não podiam sair pela porta. Não podiam desfilar com o príncipe ferido na frente de um palácio cheio de pessoas que estavam ali para celebrar o aniversário dele. E em algum lugar entre eles estava Astrid

Dane. Mas havia um corredor privativo entre os quartos de Rhy e de Kell que eles usavam desde que eram pequenos, e agora Kell se dividia entre carregar e arrastar o irmão em direção à porta escondida e através dela. Ele levou o príncipe e Lila pela passagem estreita, cujas paredes estavam recobertas com uma variedade de marcas estranhas: apostas, desafios e placares pessoais mantidos por entalhes, as tarefas em si havia muito esquecidas. Uma viagem por sua infância estranha e resguardada.

Eles deixavam para trás uma trilha de sangue.

— Fique comigo — pediu Kell. — Fique comigo, Rhy. Ouça minha voz.

— Uma voz tão bela — disse Rhy calmamente, a cabeça pendendo para frente.

— *Rhy*.

Kell ouviu pessoas de armadura invadindo o quarto do príncipe no momento em que alcançaram seu próprio quarto. Ele fechou a porta do corredor e pressionou a mão ensanguentada na madeira, dizendo:

— *As Staro*. — Trancar.

Assim que as palavras deixaram seus lábios, ferragens saíram de seus dedos, delineando e envolvendo a porta de cima a baixo, selando-a completamente.

— Não podemos ficar correndo de quarto em quarto! — explodiu Lila. — Temos que sair do palácio!

Kell sabia disso. Sabia que precisavam escapar. Ele os levou ao escritório particular na outra extremidade do cômodo, aquele com as marcas de sangue atrás da porta. Atalhos para meia dúzia de lugares na cidade. O que levava à Ruby Fields agora era inútil, mas os outros funcionariam. Ele analisou as opções até que encontrou uma; a única que ele sabia que seria segura.

— Vai funcionar? — perguntou Lila.

Kell não tinha certeza. Portas para lugares no *mesmo* mundo eram mais difíceis de conjurar, porém mais fáceis de usar; podiam ser criadas apenas por um *Antari*, mas outros podiam (*hipoteticamente*) passar também. Na verdade, Kell já havia levado Rhy por um portal, no dia que o encontrara no barco, mas tinham sido apenas os dois e agora eram três.

— Não me soltem — avisou Kell.

Ele desenhrou sobre a marca antiga com sangue fresco e segurou Rhy e Lila o mais perto que conseguiu, esperando que a porta e a magia pudessem ser poderosas o suficiente para levá-los ao santuário.



An aerial, black and white photograph of a city, likely Rio de Janeiro, showing a dense urban landscape with buildings and roads. A large, white, irregular geometric shape is superimposed on the image, framing the central text. The shape has sharp angles and a jagged bottom edge.

DOZE

**SANTUÁRIO
&
SACRIFÍCIO**

I

O Santuário de Londres ficava em uma das margens do rio nos limites da cidade, uma estrutura de pedra com a elegância simples de um templo e um aspecto igualmente reverente. Era um lugar em que homens e mulheres iam tanto para estudar a magia quanto para venerá-la. Eruditos e mestres passavam a vida ali se esforçando para compreender, e se conectar com, a essência do poder, sua origem, sua fonte. Para entender o elemento da magia. A entidade em tudo e ao mesmo tempo em nada.

Quando criança, Kell passava tanto tempo no santuário quanto no palácio, estudando sob o olhar de (e sendo estudado por) seu tutor, mestre Tieren. Mas, apesar de visitá-lo, Kell não voltava havia anos para ficar (não desde que Rhy começara a ter acessos de raiva todas as vezes que Kell se ausentava, insistindo que ele não era apenas um acessório, mas parte da família). Ainda assim, Tieren insistia que ele sempre teria um quarto ali, e então Kell mantivera a porta desenhada em sua parede, marcada com um círculo simples de sangue e um X desenhado por cima.

O símbolo de santuário.

Agora, ele e Lila, com um Rhy ensanguentado entre os dois, chegavam ali aos tropeços, saindo do esplendor e do caos que se instalara no palácio e entrando no simples quarto de pedra.

A luz de velas bruxuleava na parede de pedras lisas, e o cômodo em si era estreito, com teto alto e pouca mobília. O santuário desprezava distrações, então os aposentos privados eram guarnecidos apenas com o essencial. Kell podia ser *aven*, *abençoado*, mas Tieren insistia em tratá-lo como qualquer outro estudante; algo pelo que Kell era grato. Sendo assim, seu quarto não possuía mais nem menos objetos que os demais: uma mesa de madeira encostada em uma parede, uma cama baixa e estreita na outra, com um pequeno criado-mudo ao lado. Nesse criado-mudo, queimando,

como sempre queimara, havia uma vela infinita. O quarto não tinha janelas, apenas uma porta, e o ar possuía a frieza de lugares subterrâneos, de criptas.

Um círculo estava gravado no chão, símbolos rabiscados em volta das margens. Uma esfera de elevação, destinada à meditação. O sangue de Rhy deixava uma trilha pelo cômodo conforme Kell e Lila o arrastavam para a cama e o deitavam o mais delicadamente possível.

— Fique comigo — continuava repetindo Kell.

Mas os baixos “sim” e “sem problemas” e “como quiser” tinham dado lugar ao silêncio e a uma respiração superficial.

Quantos *As Hasaris* Kell tinha dito? As palavras mais uma vez tornaram-se um canto murmurado em seus lábios, em sua mente, em sua pulsação, mas Rhy não estava melhorando. Quanto tempo demoraria para a magia funcionar? Tinha que funcionar. O medo cravou suas garras na garganta de Kell. Ele devia ter examinado a arma de Astrid, prestado atenção ao metal e às marcações nela. Teria ela feito algo para bloquear sua magia? *Por que não estava funcionando?*

— Fique comigo — murmurou ele.

Rhy tinha parado de se mexer. Seus olhos estavam fechados, e a tensão deixara seu maxilar.

— Kell — disse Lila suavemente. — Acho que é tarde demais.

— Não! — falou ele, agarrando a cama. — Não é. A magia precisa de tempo. Você não entende como ela funciona.

— Kell.

— *Precisa de tempo.* — Kell pressionou as duas mãos no peito do irmão e sufocou um grito. Não subia nem descia. Ele não sentia pulsação sob as costelas. — Não posso... — disse ele, arfando como se também estivesse privado de ar. — Não posso... — A voz de Kell vacilou quando seus dedos se enrolaram na camisa ensanguentada do irmão. — Não posso desistir.

— Acabou — falou Lila. — Não há mais nada que você possa fazer.

Mas não era verdade. Ainda havia algo. Todo o calor deixou o corpo de Kell. Assim como a hesitação, a confusão e o medo. Ele sabia o que fazer. Sabia o que *tinha* que fazer.

— Me dê a pedra — pediu ele.

— Não.

— Lila, me dê a maldita pedra antes que seja tarde demais.

— Já é tarde demais. Ele está...

— *Ele não está morto!* — vociferou Kell. Ele levantou a mão trêmula e ensanguentada. — Passe a pedra para cá.

A mão de Lila foi até seu bolso e pairou ali.

— Há um motivo para ela estar comigo, Kell — afirmou Lila.

— Droga, Lila. *Por favor.*

Ela soltou o ar pesadamente e pegou a pedra. Ele a arrancou dos seus dedos, ignorando o pulso de poder em seu braço enquanto se virava para o corpo de Rhy.

— Você mesmo me disse, nada bom pode vir dela — falou Lila enquanto Kell colocava a pedra sobre o coração parado de Rhy e pressionava a palma da mão sobre ela. — Eu sei que está triste, mas não pode achar que isso...

Mas ele não conseguia ouvi-la. A voz dela se dissolveu junto com todo o resto enquanto Kell se concentrava na magia que corria em suas veias.

Salve-o, ordenou ele à pedra.

O poder cantou em seu sangue, e uma fumaça verteu de seus dedos. Ela serpenteou pelo braço dele e em volta das costelas de Rhy, transformando-se em uma corda preta enquanto envolvia os dois. Amarrando-os juntos. Vinculando-os. Mas Rhy ainda jazia ali, imóvel.

Minha vida é sua vida, pensou Kell. *A vida dele é minha. Vincule-a a mim e traga-o de volta.*

Ele pôde sentir a magia faminta e ansiosa, pressionando-o, tentando entrar em seu corpo, em seu poder, em sua força vital. E, desta vez, ele deixou.

Assim que permitiu, a corda preta apertou, e o coração de Kell deu um salto em seu peito. Pulou uma batida e o coração de Rhy a apanhou, pulsando uma vez sob o toque de Kell. Por um instante, tudo o que ele sentiu foi alívio, alegria.

E então, *dor*.

Como se estivesse sendo despedaçado, um nervo de cada vez. Kell gritou ao se dobrar sobre o príncipe, mas não o soltou. As costas de Rhy arquearam-se sob a mão de Kell, as espirais pretas da magia estreitando-se à volta deles. A dor apenas piorava, cravando-se por estocadas arrebatadoras em sua pele, seu coração, sua vida.

— Kell! — A voz de Lila atravessou a névoa.

Então ele a viu correndo, um passo e depois dois, já o alcançando para pará-lo, para libertá-lo do feitiço. *Pare*, pensou ele. Kell nada disse, não levantou um dedo, mas a magia estava em sua mente e ouviu sua vontade. Percorreu-o e a fumaça verteu dele e golpeou Lila. Ela atingiu com força a parede de pedra e desabou no chão.

Algo em Kell agitou-se, distante e abafado. *Errado*, sussurrou. *Isso é...* Mas então outra onda de dor o fez cambalear. O poder martelou em suas veias e sua cabeça pousou sobre as costelas do irmão conforme a dor o rasgava, pele e músculos, ossos e alma.

Rhy arquejou, assim como Kell, seu coração pulando mais uma batida dentro do peito.

E então parou.

II

O quarto ficou mortalmente silencioso.

A mão de Kell escorregou das costelas de Rhy, e seu corpo caiu da cama no chão de pedra com um baque surdo. Os ouvidos de Lila ainda zumbiam pela força com que sua cabeça havia atingido a parede. Ela ficou de quatro e se pôs de pé.

Kell não estava se mexendo. Não estava respirando.

E então, após um instante que pareceu durar horas, ele respirou fundo, o corpo estremecendo. Assim como Rhy.

Lila soltou um palavrão de alívio enquanto se ajoelhava sobre ele. Sua camisa estava aberta, o abdômen e peito cobertos de sangue. Porém, sob o sangue estava um símbolo preto, feito de círculos concêntricos, marcado a fogo em seu peito, diretamente sobre o coração. Lila olhou para a cama. A mesma marca estava desenhada no corpo ensanguentado de Rhy.

— O que você fez? — sussurrou ela.

Ela não sabia muito sobre magia, mas tinha quase certeza de que trazer alguém de volta dos mortos estava definitivamente na lista das coisas *ruins*. Se toda magia tinha um preço, o que isso havia custado a Kell?

Como se em resposta, os olhos de Kell se abriram. Lila ficou aliviada ao ver que um deles ainda era azul. Houve um instante, durante o feitiço, em que ambos se tornaram completamente pretos.

— Bem-vindo de volta — disse ela.

Kell gemeu, e Lila o ajudou a se sentar no chão de pedra fria. Sua atenção voltou-se para a cama, onde o peito de Rhy agora subia e descia em um movimento lento, porém regular. Seus olhos foram da marca na pele do príncipe até a marca espelhada em sua própria pele, que ele tocou, estremecendo levemente.

— O que você fez? — perguntou Lila.

— Vinculei a vida de Rhy à minha — respondeu ele com a voz rouca.
— Enquanto eu viver, ele também viverá.

— Parece um encantamento perigoso.

— Não é um encantamento — disse ele baixinho. Ela não sabia se faltava a ele a força para falar mais alto ou se estava com medo de acordar o irmão. — Chama-se um selo de alma. Encantamentos podem ser quebrados. Um selo de alma, não. É um pedaço de magia permanente. Mas *isso* — acrescentou ele, roçando a marca —, isso é...

— Proibido? — arriscou Lila.

— Impossível — falou Kell. — Esse tipo de magia não existe.

O *Antari* pareceu atordoado e distante ao se levantar, e Lila ficou tensa ao ver que ele ainda segurava a pedra. Veias pretas tracejavam seu braço.

— Você precisa soltá-la agora.

Kell olhou para baixo, como se tivesse esquecido que a segurava. Mas, quando conseguiu abrir os dedos, o talismã não caiu. Fios pretos saíam da pedra, enrolando-se nos dedos dele e subindo por seu pulso. Ele a encarou por muito tempo.

— Parece que não consigo — disse, por fim.

— Isso não é ruim? — questionou Lila.

— É — respondeu ele, e sua calma a preocupou mais do que qualquer coisa. — Mas eu não tive escolha... Tive que... — Ele se afastou, virando-se para Rhy.

— Kell, você está bem? — Parecia uma pergunta absurda, dadas as circunstâncias, e Kell lançou a Lila um olhar que dizia isso, então ela continuou: — Quando estava conjurando o encantamento, você não era *você*.

— Bem, sou eu agora.

— Tem certeza? — perguntou ela, apontando para a mão dele. — Porque isso é novo. — Kell franziu o cenho. — Essa pedra é magia ruim, você mesmo disse. Alimenta-se de energia. De pessoas. E agora está atrelada a você. Não venha me dizer que isso não o preocupa.

— Lila — disse ele, a expressão séria. — Eu não podia deixá-lo morrer.

— Mas o que você fez para impedir...

— Fiz o que tinha que fazer — afirmou ele. — Suponho que não faça diferença. Já estou perdido.

Lila fez uma careta.

— O que você quer dizer com isso?

Os olhos de Kell suavizaram um pouco.

— Alguém tem que devolver a pedra à Londres Preta, Lila. Não se trata de abrir uma porta e jogar o objeto por ela. Tenho que *levá-la até lá*. Tenho que atravessar com ela. — Kell baixou os olhos para a pedra que se prendia à sua mão. — Eu nunca tive esperanças de retornar.

— Meu Deus, Kell! — rugiu Lila. — Se não vai se dar ao trabalho de continuar vivo, por que fez tudo isso? Por que vincular a vida de Rhy à sua se vai simplesmente jogá-la fora?

Kell encolheu-se.

— Enquanto eu viver, ele também viverá. E eu não disse que estava planejando morrer.

— Mas você acabou de dizer...

— Eu disse que não *voltarei*. Os selos da Londres Preta foram construídos mais para impedir alguém de sair do que para não deixar alguém entrar. Não posso desfazer os feitiços. Mesmo que pudesse, não o faria. E, com os feitiços intactos, mesmo que eu consiga conjurar uma porta para *entrar* na Londres Preta, os selos jamais me deixarão *sair*.

— E você não pretendia mencionar *nada* disso. Iria apenas me deixar segui-lo nessa viagem só de ida para...

— Você disse que queria uma aventura! — estourou Kell. — E não, nunca pretendi deixar que você...

Foi então que a porta se abriu. Kell e Lila ficaram em silêncio, sua discussão ecoando nas paredes do estreito quarto de pedra.

Um homem idoso estava parado na soleira da porta, trajando vestes pretas, uma das mãos no portal, a outra sustentando uma esfera de luz branca e pálida. Não era velho de uma forma encarquilhada. Na verdade, tinha a postura ereta e os ombros largos, sua idade denunciada apenas pelos cabelos brancos e pelas rugas profundas em seu rosto, que pareciam ainda mais profundas pelas sombras lançadas pela luz pálida na palma de sua mão. Kell fechou o casaco e enfiou a mão avariada no bolso.

— Mestre Tieren — disse ele casualmente, como se a informalidade em sua voz pudesse encobrir o fato de que ele e Lila estavam cobertos de sangue e parados na frente do corpo de um príncipe quase morto.

— Kell — falou o homem, muito consternado. — *Kers la? Ir vanesh mer...* — E então ele parou e olhou para Lila. Os olhos dele eram transparentes e assustadoramente azuis; pareciam ver através dela. Ele franziu o cenho e recomeçou a falar, desta vez em inglês, como se pudesse perceber, com um único vislumbre, que ela não o entendia, não pertencia àquele lugar. — O que os traz aqui? — perguntou a eles.

— Você disse que eu sempre teria um quarto — respondeu Kell, cansado. — Receio ter precisado dele.

Ele se afastou para que mestre Tieren pudesse ver o príncipe ferido.

Os olhos do homem se arregalaram, e ele tocou os lábios com os dedos, num gesto que parecia acompanhar uma oração.

— Ele está...?

— Está vivo — afirmou Kell, levando a mão até a gola do casaco para esconder a marca. — Mas o palácio está sendo atacado. Não posso explicar tudo, não agora, mas você tem que acreditar em mim, Tieren. Foi tomado por traidores. Estão usando magia proibida, possuindo os corpos e as mentes dos que estão à sua volta. Ninguém está seguro, lugar nenhum é seguro, e não se pode confiar em ninguém.

Ele estava sem fôlego quando terminou.

Tieren atravessou o cômodo e alcançou Kell com uma série de passos lentos. Ele segurou o rosto de Kell em suas mãos, um gesto estranhamente íntimo, e olhou dentro dos olhos dele como fizera com Lila, como se pudesse ver através deles.

— O que você fez consigo mesmo?

A voz de Kell ficou presa na garganta.

— Apenas o que tive que fazer. — Seu casaco se abriu e o olhar do homem foi até a marca enegrecida sobre o coração de Kell. — Por favor — pediu ele, parecendo apavorado. — Mestre Tieren, eu nunca teria trazido o perigo para dentro dessas paredes, mas não tive escolha.

O homem afastou a mão.

— O santuário é protegido contra a escuridão. O príncipe ficará a salvo aqui. — O alívio percorreu as feições de Kell. Tieren se virou para observar Lila uma segunda vez. — Você não é daqui — disse ele, à guisa de introdução.

Lila estendeu a mão.

— Delilah Bard.

O homem a pegou e algo como um calafrio, porém morno, correu sob a pele dela, uma calma espalhando-se em seguida.

— Meu nome é mestre Tieren — disse ele. — Sou o *onase aven*, o que significa sumo-sacerdote, do Santuário de Londres. E um taumaturgo — acrescentou, como se quisesse explicar a sensação. As mãos deles se soltaram e Tieren foi para a cabeceira do príncipe, repousando seus dedos ossudos levemente sobre o peito de Rhy. — Os ferimentos dele são graves.

— Eu sei — disse Kell, trêmulo. — Posso senti-los como se fossem meus.

Lila ficou tensa, e a expressão de Tieren, sombria.

— Então farei o que puder para amenizar a dor dele e a sua.

Kell aquiesceu, agradecido.

— É minha culpa — declarou ele. — Mas vou consertar as coisas. — Tieren abriu a boca para falar, mas Kell o interrompeu. — Não posso lhe contar — continuou ele. — Preciso pedir sua confiança e também sua discrição.

Os lábios de Tieren tornaram-se uma linha fina.

— Vou levá-los aos túneis — falou ele. — Dali vocês conseguirão encontrar seu caminho. Qualquer caminho de que precisem.

Kell ficara em silêncio desde que deixara o pequeno quarto. Não fora capaz de olhar para o irmão nem de dizer adeus; apenas engolira em seco, assentira e virara-se para sair, seguindo o mestre Tieren. Lila caminhava atrás deles, descascando o sangue seco de Rhy dos punhos de seu casaco novo (ela sabia que teria que sujar as mãos e as mangas mais cedo ou mais tarde). À medida que eles avançavam pelas entranhas do santuário na esteira do sumo-sacerdote, ela observou Kell e também o olhar fixo dele em Tieren, como se estivesse esperando que o sacerdote dissesse algo. Mas ele manteve os lábios fechados e os olhos no caminho à frente, e eventualmente o passo de Kell começou a se arrastar até que ele e Lila estivessem lado a lado, atrás de Tieren.

— Essas roupas caíram bem em você — disse ele baixinho. — Vou querer saber como as conseguiu?

Lila inclinou a cabeça.

— Eu não as roubei, se é isso que está insinuando. Comprei de uma mulher no mercado chamada Calla.

Kell esboçou um leve sorriso ao ouvir o nome.

— E como você pagou por elas?

— Ainda não paguei — retrucou Lila. — Mas isso não quer dizer que não vou pagar. — Ela desviou o olhar. — Apesar de não saber se terei a chance...

— Vai ter, sim — falou Kell. — Porque vai ficar aqui.

— É ruim que eu vou! — retrucou Lila.

— Você ficará segura no santuário.

— Não serei deixada para trás.

Kell balançou a cabeça.

— Nunca pretendi que você fosse mais longe. Quando eu concordei em trazê-la, fiz com a intenção de deixá-la aqui, na minha cidade, para contar o que aconteceu comigo para o rei e a rainha. — Lila respirou fundo, mas ele levantou a mão que não estava machucada. — E para mantê-la a salvo. A Londres Branca não é lugar para uma habitante do mundo cinza. Não é lugar para *ninguém*.

— Eu decido isso — afirmou ela. — Vou com você.

— Lila, isso não é um *jogo*. Já morreram pessoas suficientes, e eu não...

— Você está certo, não é um jogo — urgiu Lila. — É uma *estratégia*. Ouvi o que a rainha disse sobre a pedra estar quebrada em duas. Você precisa se livrar dos *dois* pedaços, e, no momento, tem apenas um. O rei branco tem a outra, certo? O que significa que temos um trabalho a fazer. E é *nós*, Kell. Dois deles significam que deve haver dois de nós também. Você fica com o rei, e eu cuido da rainha.

— Você não é páreo para Astrid Dane.

— Me diga uma coisa, você subestima todo mundo ou só a mim? É porque sou uma garota?

— É porque você é *humana* — explodiu ele. — Porque você pode ser a alma mais valente e destemida que eu já conheci, mas ainda é muito mais feita de carne e osso do que de poder. Astrid Dane é feita de magia e maldade.

— Bem, isso é ótimo para ela, mas a mulher nem mesmo está *no* próprio corpo, está? Está aqui, divertindo-se na Londres Vermelha. O que

significa que deve ser um alvo fácil. — Lila lançou a Kell o melhor esboço de um sorriso. — E, posso ser humana, mas cheguei até aqui.

Kell franziu o cenho.

É impressionante, pensou Lila, *que ele não tenha mais rugas*.

— Chegou, sim — disse ele. — Mas não irá além.

— A garota tem poder — apontou Tieren sem olhar para trás.

Lila ficou radiante.

— Viu? — Ela se empertigou. — Venho lhe dizendo isso o tempo todo.

— Que *tipo* de poder? — perguntou Kell, arqueando uma sobrancelha.

— Não seja tão descrente — retrucou Lila.

— Não cultivado — respondeu Tieren. — Não cuidado. Não despertado.

— Bem, então vamos lá, *onase aven* — disse ela, levantando as mãos. — Desperte-o.

O sacerdote olhou para trás e ofereceu a ela o espectro de um sorriso.

— Ele deve despertar por si mesmo, Delilah Bard. E, se você o cultivar, ele vai florescer.

— Ela vem da outra Londres — falou Kell. Tieren não demonstrou surpresa. — Daquela sem magia.

— Nenhuma Londres é completamente desprovida de magia — observou o sacerdote.

— E humana ou não — acrescentou Lila acidamente —, gostaria de lembrá-lo de que ainda está vivo por minha causa. *Eu* sou o motivo de a rainha branca não estar usando você como casaco. *E* tenho algo de que precisa.

— E o que é?

Lila pegou a torre branca do bolso.

— A chave.

Os olhos de Kell se arregalaram ligeiramente com a surpresa, depois se estreitaram.

— Acha mesmo que pode escondê-la de mim se eu quiser tomá-la?

Em uma fração de segundo, Lila tinha a torre em uma das mãos e a faca na outra. As soqueiras do punho brilharam à luz das velas enquanto a pedra zumbia baixa e constante, como se sussurrasse para Kell.

— Tente — escarneceu ela.

Kell parou de andar e olhou para ela.

— Qual é o seu *problema*? — perguntou ele, parecendo realmente perplexo. — Tem tão pouco apreço pela sua vida que a jogaria fora por algumas horas de aventura e uma morte violenta?

Lila franziu o cenho. Ela admitia que, no início, tudo o que queria era uma aventura, mas não era por isso que estava insistindo agora. Na verdade, havia percebido a mudança em Kell, visto como a sombra tomava conta de seus olhos quando conjurava aquela magia inteligente e amaldiçoada, percebido como era difícil para ele retomar seus sentidos depois. Todas as vezes que ele usava a pedra, parecia perder um pedaço maior de si mesmo. Então, não, Lila não iria com ele apenas para satisfazer sua sede de perigo. E não iria com ele apenas para lhe fazer companhia. Ela iria porque haviam chegado até ali e porque temia que ele não fosse conseguir fazer o que era preciso, não sozinho.

— Eu faço da minha vida o que eu quiser — respondeu ela. — E não vou passá-la aqui, não importa quão maravilhosa seja a sua cidade nem quão segura. Fizemos um acordo, Kell. E agora você tem Tieren para contar sua história e curar seu irmão. Eu não posso ajudar Rhy. Deixe-me ajudar você.

Os olhos de Kell encontraram os dela.

— Você ficará presa lá — disse ele. — Quando tudo acabar.

Lila estremeceu.

— Talvez — continuou ela. — Ou talvez eu vá com você para o fim do mundo. Afinal, você me deixou curiosa.

— Lila...

Os olhos dele estavam escuros de dor e preocupação, mas Lila apenas sorriu.

— Uma aventura de cada vez — falou ela.

Eles alcançaram os limites do túnel e Tieren abriu um par de portões de metal. O brilho do rio vermelho abaixo chegou até eles. Estavam em sua margem norte, e o palácio cintilava à distância, ainda cercado pela luz das estrelas como se nada estivesse errado.

Tieren levou a mão ao ombro de Kell e murmurou algo em arnesiano antes de acrescentar em inglês:

— Que os santos e a fonte de tudo estejam com vocês dois.

Kell assentiu e pegou a mão do sacerdote com a sua mão boa antes de adentrar a noite. Mas, quando Lila foi segui-lo, Tieren segurou seu braço.

Ele a olhou inquisitivamente, como se procurasse por um segredo.

— O quê? — perguntou Lila.

— Como o perdeu? — indagou ele.

Lila franziu a sobancelha.

— Perdi o quê?

Seus dedos envelhecidos pairaram sob o queixo dela.

— Seu olho.

Lila tirou o rosto da mão de Tieren e sua mão foi até o mais escuro de seus olhos castanhos. Aquele feito de vidro. Poucas pessoas notavam. Seu cabelo cobria o rosto, e, mesmo quando alguém a olhava nos olhos, raramente sustentava o olhar por tempo o suficiente para perceber a diferença.

— Não me lembro — afirmou ela. Não era mentira. — Eu era criança e foi um acidente, pelo que me disseram.

— Hum — murmurou Tieren, pensativo. — Kell sabe?

O vinco na testa de Lila ficou ainda mais profundo.

— Isso importa?

Depois de um longo instante, o velho senhor inclinou a cabeça. Não assentiu nem negou; foi um inclinar ambíguo.

— Creio que não — respondeu ele.

Kell olhava para Lila, esperando por ela.

— Se a escuridão tomar conta dele — sussurrou Tieren —, você deve pôr fim à vida dele. — O velho olhou para ela. Através dela. — Acha que consegue?

Lila não entendeu se ele queria saber se ela tinha a capacidade ou a força de vontade.

— Se ele morrer — afirmou ela —, Rhy também morrerá.

Tieren suspirou.

— Então o mundo será como deveria ser — continuou ele, triste. — Em vez de como é.

Lila engoliu em seco, aquiesceu e foi se juntar a Kell.

— Para a Londres Branca, então? — perguntou ela assim que o alcançou, segurando a torre.

Kell não se mexeu. Estava fitando o rio e o palácio acima dele. Lila pensou que o *Antari* devia estar memorizando a sua Londres, seu lar, proferindo suas despedidas, mas então ele começou a falar.

— A base é a mesma em todos os mundos — disse, indicando a cidade. — Mas o restante é diferente. Tão diferente quanto este mundo é do seu. — Ele apontou para o rio e seguiu para o centro de Londres. — No lugar para onde vamos, o castelo é ali. Athos e Astrid estarão ali também. Assim que cruzarmos, fique bem perto de mim. Não saia do meu lado. É noite aqui, o que significa que também é noite na Londres Branca e que a cidade está cheia de sombras. — Kell olhou para Lila. — Ainda dá tempo de mudar de ideia.

Lila endireitou-se e puxou o colarinho do casaco. Ela sorriu.

— Sem chance.

III

O palácio estava em polvorosa.

Os convidados desciam correndo, confusos e preocupados, pela escadaria principal, guiados para a saída pelos guardas reais. Rumores espalhavam-se como fogo pela multidão, rumores de violência e morte e de pessoas da realeza feridas. Palavras como *traição*, *golpe* e *assassino* pairavam no ar, alimentando o frenesi.

Alguém afirmou que um guarda havia sido assassinado. Outra pessoa alegou que vira o guarda cair da sacada do príncipe no pátio abaixo. Outro alguém disse que uma mulher de vestido verde roubara um colar da cena macabra e correria para dentro do palácio. E ainda outro insistia em ter visto a mulher colocar o pingente nas mãos de outro guarda e então desmaiar a seus pés. O guarda nem ao menos pedira ajuda. Simplesmente saíra correndo intempestivamente em direção aos aposentos reais.

Neles estavam recolhidos o rei e a rainha, sua estranha calma apenas acentuando a confusão dos convidados. O guarda havia desaparecido em seus aposentos, e um instante depois o rei aparentemente irrompera de lá, sua calma posta de lado enquanto ele gritava sobre traição. Clamava que o príncipe havia sido esfaqueado e que o culpado era Kell, exigindo a prisão do *Antari*. E assim a confusão se transformara em pânico, o caos pairando como fumaça pela noite.

Quando as botas de Gen se aproximaram do palácio, as escadas estavam abarrotadas de convidados preocupados. A coisa no interior da armadura ergueu os olhos pretos para as luzes dançantes e para os corpos que se acotovelavam. Não fora a confusão que o trouxera até ali. Fora o cheiro. Alguém usara uma magia poderosa, uma magia linda, e ele pretendia encontrar quem fora.

Subiu as escadas empurrando e passando pelos convidados afobados. Ninguém pareceu notar que sua armadura estava fendida, aberta sobre o coração, uma mancha como cera preta sobre o peito. Nem ao menos notaram o sangue, o sangue de Parrish, espalhado sobre o metal.

Quando ele alcançou o topo da escadaria, respirou fundo e sorriu; a noite estava pesada com o pânico e o poder, e a energia encheu seus pulmões, alimentando-o como um carvão em brasa. Agora podia farejar a magia. Podia sentir seu *gosto*.

E estava faminto.

Ele havia escolhido sua última casca muito bem; os guardas, na comoção, deixaram-no passar. Apenas quando já estava lá dentro, atravessando o vestibulo forrado de flores e marchando através do salão de baile vazio, foi que uma figura de elmo o deteve.

— Gen — disse o guarda —, onde você esteve...? — Mas as palavras morreram em sua garganta quando viu os olhos do homem. — *Mas aven...*

A interjeição foi cortada pela espada de Gen, deslizando sobre a armadura e por entre as costelas. O guarda inspirou lentamente e com dificuldade apenas uma vez, então tentou gritar, mas a espada o cortou horizontalmente e para cima, de forma que o ar morreu na garganta dele. Colocando o corpo no chão, a coisa vestindo a pele de Gen embainhou novamente sua arma e removeu o elmo do guarda, colocando-o sobre a própria cabeça. Quando ele fechou o visor, seus olhos escuros nada mais eram do que um brilho através da fenda metálica.

Sons de passos soaram pelo palácio, gritos de ordens ecoaram sobre sua cabeça. Ele se aprumou. O ar estava repleto de sangue e magia, e ele partiu para encontrar sua fonte.

* * *

A pedra ainda cantava na mão de Kell, mas não da forma como fizera antes. Agora a melodia, o tamborilar de poder, parecia estar cantando *em* seus ossos em vez de para eles. A cada instante, ele a sentia nas batidas do próprio coração e na mente. Um eco. Uma segunda pulsação. E com isso vinha uma estranha quietude, uma calma, uma sensação em que ele confiava ainda menos que a onda inicial de poder. A calma lhe dizia que

tudo ficaria bem, arrulhava e abrandava e estabilizava seu coração, e fazia Kell esquecer que qualquer coisa estava errada, esquecer até mesmo que estava segurando a pedra. Essa era a pior parte. Ela estava presa à sua mão e ainda assim interferia em seus sentidos, e Kell tinha que lutar para se lembrar de que estava ali com ele. *Dentro* dele. Cada vez que se lembrava era como acordar de um sonho cheio de pânico e medo, apenas para ser arrastado para o sono novamente. Nesses breves instantes de lucidez, ele queria abrir a mão, quebrá-la, rasgá-la ou cortar a pedra de sua pele. Mas não o fez, porque competindo com a ânsia de deixá-la de lado estava o equivalente e oposto desejo de segurá-la firme, de se agarrar ao seu calor como se estivesse morrendo de frio. Ele *precisava* da força dela. Agora mais do que nunca.

Kell não queria que Lila visse o quão assustado ele estava, mas sabia que ela percebia mesmo assim.

Os dois haviam retornado ao centro da cidade. As ruas daquele lado do rio estavam na maioria desertas, mas ainda precisavam cruzar alguma das pontes que se arqueavam para lá e para cá sobre o Atol. Era perigoso demais, exposto demais. Ainda mais depois que, a meio caminho de lá, o rosto de Kell reapareceu nas tábuas de divinação que se alinhavam pelas ruas.

Mas desta vez, em vez de dizer:

DESAPARECIDO

Lia-se:

PROCURADO

Por traição, assassinato e sequestro.

O peito de Kell ficou apertado com a acusação, e ele se apegou ao fato de que Rhy estava seguro, tão seguro quanto poderia estar. Seus dedos tocaram a marca sobre seu coração; quando ele se concentrava, conseguia sentir um eco das batidas do coração de Rhy, a pulsação dele uma fração de segundo mais lenta que a sua.

Ele olhou em volta, tentando visualizar as ruas não apenas como eram ali, mas como eram na Londres Branca, sobrepondo as imagens em sua mente.

— Vai ter que servir — disse ele.

O lugar em que eles estavam naquele momento, a saída de um beco diante de uma fileira de navios (Lila os avaliara com admiração) seria diante de uma ponte na próxima cidade. Uma ponte que levava a uma rua que terminava nas muralhas do Castelo Branco. Enquanto andavam, Kell descreveu a Lila os perigos da outra Londres, desde os governantes gêmeos até a população faminta e sedenta de poder. E então descreveu o castelo e o esboço de seu plano, porque era tudo que ele tinha agora.

Um plano e esperança. Esperança de que eles conseguiriam, de que ele seria capaz de se controlar por tempo suficiente para derrotar Athos e pegar a segunda metade da pedra, e então...

Kell fechou os olhos e inspirou devagar e profundamente para se estabilizar. *Uma aventura de cada vez*, as palavras de Lila ecoaram em sua mente.

— O que estamos esperando? — Lila estava recostada no muro. Ela bateu de leve nos tijolos. — Vamos lá, Kell. Hora de fazer uma porta.

Seu ar casual, sua energia provocadora e a forma como, mesmo naquele momento, ela não parecia preocupada ou assustada apenas o *animavam*, davam-lhe força.

O talho na palma da mão dele, embora parcialmente obscurecido pela pedra preta, ainda estava aberto. Ele tocou o corte com o dedo e desenhou uma linha no muro de tijolos à frente. Lila pegou sua mão, palma com palma, e entre elas a pedra cantando. Ela lhe ofereceu a torre branca, e ele a levou até a marca de sangue no muro, mitigando seu nervosismo.

— *As Travars* — ordenou ele, e o mundo ficou maleável e escuro ao seu redor quando deram um passo à frente, através da porta recém-aberta.

Pelo menos era isso que deveria ter acontecido.

Porém, quando estavam no meio do passo, uma força sacudiu e desequilibrou Kell, separando a mão de Lila da dele ao mesmo tempo que o arrancava do lugar entre os mundos e o levava de volta ao duro chão de pedras da Londres Vermelha. Kell piscou e olhou para a noite, atordoado, e então percebeu que não estava sozinho. Alguém estava parado ao lado dele. No primeiro instante, a figura era apenas uma sombra dobrando as

mangas de sua roupa. E então Kell viu o círculo de prata cintilando na gola.

Holland o olhou de cima e franziu o cenho.

— Já vai embora?

IV

As botas pretas de Lila aterrissaram na rua pálida. Sua cabeça girava um pouco pela mudança repentina, e ela se apoiou no muro. Ouviu o som dos passos de Kell atrás de si.

— Bem, isso é um progresso — disse ao se virar. — Pelo menos estamos no mesmo lugar desta...

Mas ele não estava lá.

Ela estava de pé no meio-fio, diante de uma ponte, o Castelo Branco despontando a distância sobre o rio que não era cinza nem vermelho, mas uma extensão de água semicongelada cor de pérola, brilhando turvo na noite escura. Ao longo do rio, lampiões queimavam com uma luz azul pálida que dava ao mundo um aspecto estranho e sem cor, e Lila, com suas novas roupas pretas, destacava-se tanto quanto uma luz nas sombras.

Algo brilhou no chão perto de seus pés e ela olhou para baixo, vendo a torre branca jogada na rua, salpicada com o sangue de Kell. Mas nada de Kell. Ela recolheu a torre e a colocou no bolso, tentando controlar seus nervos.

Perto dali, um cão faminto olhava para ela com os olhos vazios.

E então, rapidamente, Lila notou outros olhos. Nas janelas, portas e sombras entre débeis poças de luz. Sua mão foi até a faca com as soqueiras de metal.

— Kell? — sussurrou ela, mas não obteve resposta.

Talvez fosse como da última vez, talvez os dois apenas tivessem sido separados e neste momento ele já estivesse a caminho para encontrá-la. Talvez, mas Lila sentira o estranho puxão quando começaram a atravessar, sentira a mão dele separar-se da sua cedo demais.

O som de passos ecoou, e ela virou-se lentamente, mas não viu ninguém.

Kell a advertira sobre esse mundo. Ele o chamara de *perigoso*, mas tantos aspectos do mundo de Lila encaixavam-se nesse termo que ela não havia levado o aviso muito a sério. Afinal, ele crescera em um palácio, e ela, nas ruas, e Lila pensara que sabia muito mais do que Kell sobre becos assustadores e homens ainda piores. Agora, de pé ali, sozinha, ela estava começando a achar que não lhe dera crédito suficiente. Qualquer um, mesmo bem-nascido, podia enxergar o perigo ali. Podia farejá-lo. Morte, cinzas e um ar invernal.

Ela estremeceu. Não apenas pelo frio, mas de medo. Uma sensação simples e profunda de que havia algo *errado*. Era como olhar no olho preto de Holland. Pela primeira vez, Lila desejou ter mais que facas e uma pistola.

— *Övos norevjk* — soou uma voz à direita dela.

Lila se virou e viu um homem careca, com cada centímetro de pele exposta, do topo da cabeça até os dedos dos pés, recoberto de tatuagens. Ela não sabia em que idioma ele estava falando, mas não parecia arnesiano. Era ríspido, gutural, e mesmo que ela não reconhecesse as palavras, conseguia apreender o tom. E não gostou dele.

— *Tovach ös mostevna* — disse outro homem, cuja pele parecia um pergaminho, à sua esquerda.

O primeiro deu uma risadinha. O outro emitiu um sinal negativo, estalando a língua duas vezes.

Lila puxou sua faca.

— Fiquem longe de mim — ordenou ela, esperando que seu gesto compensasse qualquer barreira idiomática.

Os homens se entreolharam, então desembainharam as próprias lâminas.

Uma brisa gélida soprou, e Lila lutou para conter um calafrio. Sorrisos podres de escárnio irromperam nos rostos dos homens. Ela baixou a faca. E então, em um movimento suave, sacou a pistola do cinto, ergueu-a e atirou entre os olhos do primeiro homem. Ele caiu como um saco de pedras, e Lila sorriu antes de se dar conta de quão alto soara o tiro. Ela não notara o profundo silêncio da cidade até que o tiro ecoasse, a explosão propagando-se nas ruas. Portas começaram a se abrir por todos os lados à volta deles. Sombras moveram-se. Sussurros e murmúrios vieram das esquinas da rua, primeiro um, depois dois, depois uma dúzia deles.

O segundo homem, aquele com a pele fina como papel, olhou para o que estava morto e então para Lila. Ele recomeçou a falar num rosnado baixo e ameaçador, e Lila ficou grata por não falar sua língua. Não queria saber o que ele estava dizendo.

Fagulhas de energia sombria crepitaram no ar à volta da lâmina do homem. Ela podia sentir as pessoas movendo-se atrás de si, suas sombras tomando a forma de silhuetas humanas, esqueléticas e cinzentas.

Vamos lá, Kell, pensou ela, enquanto erguia a arma novamente. *Onde você está?*

V

— Deixe-me passar — pediu Kell. Holland apenas ergueu uma sobrancelha. — Por favor — disse ele. — Posso acabar com isso.

— Pode? — desafiou Holland. — Não creio que você seja capaz disso. — Seu olhar dirigiu-se para a mão de Kell, a magia sombria enroscando-se em volta dela. — Eu lhe avisei, a magia não tem a ver com equilíbrio. Mas com dominação. Você a controla, ou ela controla você.

— Ainda estou no controle — falou Kell por entre os dentes.

— Não — afirmou Holland. — Não está. Ao deixar a magia entrar, você já está perdido.

Kell sentiu um aperto no peito.

— Não quero brigar com você, Holland.

— Você não tem escolha. — Holland tinha um anel afiado em uma das mãos, e o usava agora para cortar uma linha na própria palma. O sangue pingou na rua. — *As Isera* — pronunciou ele baixinho. *Congelar*.

As gotas pretas atingiram o chão e transformaram-se em gelo preto, deslizando e se espalhando pela rua. Kell tentou desviar pulando para trás, mas o gelo movia-se rápido demais e em questão de segundos ele estava de pé sobre a superfície congelada e lisa, lutando para se equilibrar.

— Sabe o que o torna fraco? — perguntou Holland. — Você nunca teve que ser forte. Nunca teve que tentar. Nunca teve que lutar. E tenho certeza de que nunca teve que lutar pela sua *vida*. Mas, hoje, isso vai mudar, Kell. Hoje, se não lutar, você *vai* morrer. E se você...

Kell não esperou que ele terminasse. Uma súbita rajada de vento soprou sobre eles e quase o derrubou enquanto formava um ciclone ao redor de Holland. O tornado envolveu o *Antari* Branco, ocultando-o de sua visão. O vento assobiou, mas através dele Kell pôde ouvir um som baixo e aterrorizante. E então percebeu que era uma risada.

Holland estava gargalhando.

Um instante depois, a mão ensanguentada de *Holland* apareceu, dividindo a parede do ciclone, e então o restante dele saiu e a parede de vento desmoronou à sua volta.

— Ar não é afiado e cortante — repreendeu ele. — Não pode machucar. Não pode matar. Você deveria escolher seus elementos com mais cuidado. Observe.

Holland moveu-se com tamanha rapidez e sutileza que foi difícil acompanhar suas ações. Reagir a elas era quase impossível. Em um movimento único e fluido, ele caiu sobre um dos joelhos, tocou o chão e disse:

— *As Steno*. — *Quebrar*.

O chão de pedra sob a palma da mão dele espatifou-se em uma dúzia de estilhaços afiados, e, conforme *Holland* se levantava, os estilhaços erguiam-se com ele, pairando no ar como os pregos haviam feito no beco. Ele dobrou o pulso, e os estilhaços dispararam pelo ar na direção de *Kell*. A pedra na sua palma zumbiu em tom de aviso e ele mal teve tempo de erguer a mão, com o talismã brilhando, e pronunciar:

— Pare.

A fumaça verteu e se estendeu à sua frente, apanhando os estilhaços em seu caminho e triturando-os até virarem pó. *Kell* sentiu o poder percorrê-lo ao pronunciar o comando, seguido instantaneamente por algo mais sombrio e frio. Ele perdeu o fôlego com a sensação. Podia sentir a magia formigando sobre sua pele e por baixo dela, então a comandou a parar, empurrando-a com toda a força até que a fumaça se dissolvesse.

Holland estava balançando a cabeça.

— Vá em frente, *Kell*. Use a pedra. Vai consumi-lo mais rápido, mas você pode até vencer.

Kell praguejou baixinho e conjurou outro ciclone, desta vez à sua frente. Ele estalou os dedos com a mão livre. Uma chama surgiu em sua palma e, quando tocou o ar que espiralava, o apanhou, envolvendo o vento em fogo. O ciclone ardente queimou pelo chão, derretendo o gelo conforme se dirigia a *Holland*, que estendeu a mão e fez com que a rua se transformasse em um escudo. Então, no instante que a chama se apagou, ele projetou o muro na direção do outro *Antari*. *Kell* ergueu as mãos, lutando para controlar os paralelepípedos, e percebeu tarde demais que

eram apenas uma distração da grande onda de água que o atingia pelas costas.

A onda vinda do rio acertou Kell em cheio, derrubando-o de quatro no chão, e, antes que pudesse se recuperar, a água o agarrou e envolveu. Em segundos, Kell estava preso pela ondulação, lutando para respirar antes que ficasse completamente submerso. Ele lutou, encarcerado pela força da água.

— Astrid quer você vivo — falou Holland, tirando a lâmina curva de dentro da sua capa. — Ela insistiu nisso. — A mão livre de Holland fechou-se em punho e a espiral de água estreitou-se, expulsando o ar dos pulmões de Kell. — Mas tenho certeza de que entenderá se eu não tiver escolha senão matá-lo para conseguir recuperar a pedra.

Holland avançou para ele com passos lentos e calculados sobre o chão recoberto de gelo, a lâmina curva pendendo ao seu lado, e Kell revirou-se e debateu-se, procurando por qualquer coisa que pudesse utilizar. Ele tentou convocar a faca na mão de Holland, mas o metal estava protegido e sequer estremeceu. Kell estava ficando sem ar, e Holland estava quase chegando a ele. E então, através do muro de água, ele viu a imagem ondulante de suprimentos de navio, a pilha de tábuas, mastros e o metal escuro de correntes atadas às colunas da ponte.

Os dedos de Kell contraíram-se e o conjunto de correntes mais próximo projetou-se para a frente, envolvendo o pulso de Holland e tirando-lhe a concentração. A água perdeu sua forma e desmoronou, e Kell despencou no chão, ensopado e lutando para respirar. Holland ainda estava tentando se desvencilhar, e Kell sabia que não podia se dar ao luxo de hesitar. Outro conjunto de correntes, de outra coluna, enrolou-se como uma cobra em volta da perna e da cintura do *Antari*. Holland buscou a lâmina curva, mas um terceiro conjunto de correntes agarrou seu braço e o segurou firme. Aquilo não aguentaria, não por muito tempo. Kell ordenou que um poste de metal em cima das docas voasse pelo ar e pairasse a cerca de três metros atrás de Holland.

— Não posso deixá-lo vencer — disse Kell.

— Então é melhor me matar — rosnou Holland. — Caso contrário, isso nunca vai terminar. — Kell desembainhou a faca em seu antebraço e a ergueu, em postura de ataque. — Terá que se esforçar mais do que isso — falou Holland ao mesmo tempo que a mão de Kell paralisava no ar, os

ossos imobilizados pelo comando do outro *Antari*. Era exatamente o que Kell estava esperando. No instante em que Holland se concentrou na faca, Kell atacou, não pela frente, mas pelas costas, comandando a barra de metal a atingi-lo com toda a força.

A barra zuniu pelos ares e encontrou seu alvo, golpeando Holland nas costas com força suficiente para perfurar capa, pele e ossos. Projetou-se pelo peito de Holland, metal e sangue obscurecendo o selo gravado a fogo em seu coração. A fivela de prata se quebrou e caiu em algum lugar, a capa curta deslizando dos ombros de Holland enquanto seus joelhos cediam.

Kell se levantou com dificuldade ao mesmo tempo que Holland desmoronava na rua molhada. Uma tristeza sem igual o acometeu enquanto ele se dirigia até o corpo do *Antari*. Os dois eram os últimos sobreviventes da espécie, uma raça em extinção. Agora, ele era o único. E logo não restaria nenhum. Talvez fosse assim que devesse ser. Assim que *tivesse* que ser.

Kell fechou os dedos em torno da barra de metal ensanguentada e a puxou para retirá-la do peito de Holland. Jogou o poste para o lado, o barulho abafado de seu tinido metálico ritmado descendo a rua como batimentos cardíacos vacilantes. Kell ajoelhou-se ao lado do corpo de Holland enquanto uma poça de sangue se formava sob ele. Quando tentou sentir sua pulsação, a encontrou. Estava fraca, porém, desvanecendo-se.

— Sinto muito — disse ele.

Parecia algo sem sentido de se dizer, mas o fio de sua raiva havia ficado menos afiado. Sua tristeza, seu medo, sua perda: todos ficaram entorpecidos em uma dor constante, que ele pensou que talvez nunca fosse abandoná-lo enquanto vasculhava a gola do casaco do *Antari* e encontrava o artefato da Londres Branca em um cordão ao redor de seu pescoço.

Holland *sabia*. Ele vira o ataque chegando e não o impedira. Antes que o metal o atingisse pelas costas, Holland já havia parado de lutar. Fora apenas um segundo, mas o suficiente para dar a Kell a oportunidade, a vantagem. E, no fragmento de tempo após o metal perfurar seu corpo, antes que ele caísse, não fora raiva ou dor que perpassara o seu rosto. Mas alívio.

Kell arrancou o cordão e se levantou, mas não conseguiu abandonar o *Antari* ali, no meio da rua. Seus olhos foram do artefato até o muro que o

aguardava, e então ele arrastou o corpo de Holland e o colocou de pé.

VI

A primeira coisa que Kell viu quando entrou na Londres Branca foi Lila brandindo duas facas, ambas ensanguentadas. Ela conseguira cortar caminho através de vários homens, cujos corpos estavam jogados pela rua, porém quatro ou cinco deles a circundavam. E mais estavam parados à volta deles assistindo a tudo com olhos famintos, sussurrando:

— Bonitinha de sangue vermelho.

— Ela tem cheiro de magia.

— Vamos abri-la.

— Ver o que tem dentro dela.

Kell largou o corpo de Holland no chão e deu um passo à frente.

— *Vös rensk torejk!* — gritou ele com a voz estrondosa, fazendo o chão retumbar, por precaução. *Afastem-se dela.*

Sussurros se alastraram pela multidão quando eles o viram: alguns fugiram, mas outros, curiosos demais, apenas recuaram um passo ou dois. No instante em que Lila o viu, ela estreitou os olhos.

— Você está *muito, muito* atrasado — rosnou ela. Sua máscara habitual de calma havia se partido, e estava visivelmente tensa e assustada. — E por que está molhado?

Kell baixou os olhos e viu suas roupas pingando. Ele passou as mãos nelas, comandando que a água as deixasse, e um momento depois estava seco, exceto pela poça sob suas botas.

— Tive um problema — falou ele, apontando para Holland.

Mas diversos cidadãos mal-encarados já começavam a investigar o corpo. Um puxou uma faca e a pressionou no pulso do *Antari* moribundo.

— Parem — ordenou Kell, lançando os assaltantes para trás com uma rajada de vento.

Ele jogou com força o *Antari* por cima do próprio ombro.

— Largue-o aqui — disse Lila com desprezo. — Deixe que eles o depenem.

Mas Kell balançou a cabeça.

— Se não fizer isso — prosseguiu Lila —, eles *nos* depenarão.

Kell se virou e viu homens e mulheres os cercando.

As pessoas na Londres Branca conheciam as ordens, sabiam que os Dane degolariam qualquer um que tocasse no seu convidado estrangeiro. Mas era noite, e a tentação da magia fresca somada ao estado indefeso de Holland ("Deixem-me fazer uma coroa com ele", disse um. "Aposto que ainda resta algum sangue", falou outro) pareciam privá-los de seu bom senso. Lila e Kell afastaram-se de costas até que seus calcanhares encontraram a ponte.

— Lila? — falou Kell assim que eles se apoiaram na estrutura.

— Sim? — perguntou ela com a voz baixa e firme.

— *Corra.*

Ela não hesitou. Pelo contrário, virou-se e partiu em disparada pela ponte. Num piscar de olhos a mão de Kell se ergueu, e, com ela, um muro de pedra, uma barricada para dar mais tempo a eles. E então ele também começou a correr o mais rápido que pôde, com o corpo de Holland sobre o ombro estreito e a magia preta fervilhando em seu sangue.

Kell estava no meio da ponte e Lila quase do outro lado, quando os plebeus finalmente conseguiram derrubar o muro e atravessaram a estrutura para persegui-los. No momento em que alcançou a margem oposta, Kell caiu no chão e tocou o piso da ponte com sua mão ensanguentada.

— *As Steno* — ordenou, da mesma forma como fizera Holland.

Instantaneamente a ponte começou a desmoronar, lançando pedras e corpos no Sijlt gelado. Kell lutou para respirar e ouviu sua pulsação martelar em seus ouvidos. Lila estava de pé ao lado dele, olhando fixamente para o corpo de Holland.

— Ele está morto?

— Bem perto disso — respondeu Kell, levantando-se e erguendo consigo o corpo do *Antari*.

— Espero que o tenha feito sofrer — escarneceu ela, voltando-se para o castelo imponente e assustador.

Não, pensou Kell, enquanto partiam. *Ele já sofreu demais.*

Ele podia sentir as pessoas olhando enquanto andavam pelas ruas, mas ninguém saiu de casa. Estavam muito perto do castelo agora, e o castelo enxergava tudo. Logo surgiu diante deles, a cidadela de pedra por detrás do muro alto, a arcada como uma boca escancarada levando-os para o pátio obscuro e suas estátuas.

A pedra zumbiu na palma da mão de Kell, que percebeu que não chamava mais apenas por ele. Chamava por sua outra metade. A seu lado, Lila tirou outra lâmina do casaco. Mas essa não era uma faca comum. Era uma espada curta real usada na Londres Vermelha.

Kell ficou boquiaberto.

— Onde conseguiu isso? — perguntou ele.

— Peguei do guarda que tentou me matar — respondeu ela, admirando a arma. Kell podia enxergar as marcas rabiscadas ao longo da lâmina. Metal que incapacitava a magia. — Como eu disse antes, facas nunca são demais.

Kell estendeu a mão.

— Pode me emprestar?

Lila parou um momento para pensar, então deu de ombros e entregou a arma. Kell fechou os dedos ao redor do cabo enquanto ela sacava sua pistola e começava a recarregá-la.

— Está pronto? — perguntou ela, girando o tambor.

Kell contemplou o portão do castelo.

— Não.

Então ela lhe ofereceu um sorriso genuíno.

— Que bom — disse ela. — Aqueles que pensam que estão prontos sempre acabam mortos.

Kell esboçou a sombra de um sorriso.

— Obrigado, Lila.

— Pelo quê?

Mas Kell não respondeu, apenas caminhou na direção da escuridão que os aguardava.





TREZE

**O REI
À ESPREITA**

I

Uma nuvem de fumaça preta pairava no ar da sala do trono branco, um pedaço de noite em contraste com o pano de fundo pálido. Suas bordas eram esfrangalhadas, recurvadas e desvanecidas, mas seu cerne era suave e brilhante, como o fragmento de pedra na mão de Athos ou a superfície de uma tábua de divinação. E fora exatamente isso que o rei pálido havia conjurado com ela.

Athos Dane sentou-se em seu trono, o corpo de sua irmã no próprio trono ao lado dele, e revirou a pedra na mão enquanto assistia à imagem oscilante de Kell e sua companhia passando pelo pátio do castelo.

Para qualquer lugar que a outra metade da pedra fosse, também ia o seu olhar.

A Londres mais distante havia sido pouco mais que um borrão, mas, conforme Kell e sua acompanhante se aproximavam, a imagem na superfície da tábua se tornava mais exata e clara. Athos assistira aos eventos se desenrolando através das várias cidades: a fuga de Kell e a astúcia da garota, o fracasso de seu servo e a tolice da irmã, o príncipe ferido e o *Antari* massacrado.

Os dedos dele se fecharam com mais força sobre o talismã.

Athos assistira a todos os acontecimentos com um misto de diversão e aborrecimento, e, admitia, com animação. Ficara furioso com a perda de Holland, mas uma pontada de prazer percorreu seu corpo com a ideia de matar Kell.

Astrid ficaria furiosa.

Athos virou a cabeça e analisou o corpo da irmã, escorado no trono dela, com o amuleto pulsando na garganta. A uma Londres de distância, ela ainda poderia estar causando estragos, mas aqui estava sentada, imóvel e pálida como a pedra esculpida abaixo dela. Suas mãos jaziam nos braços

da cadeira, e mechas de cabelo branco caíam como fitas sobre seus olhos fechados. Athos fitou a irmã e estalou a língua produzindo um som de desaprovação.

— *Ös vosa nochten* — falou ele. — Você deveria ter deixado que eu fosse ao baile de máscaras em seu lugar. Agora meu brinquedinho está morto e o seu fez uma bagunça terrível. O que você tem a dizer em sua defesa?

Naturalmente, ela nada respondeu.

Athos tamborilou os dedos longos e pálidos na beirada de seu trono, pensando. Se ele quebrasse o feitiço e a acordasse, ela apenas complicaria as coisas. Não, ele lhe dera a chance de lidar com Kell à sua maneira, e ela falhara. Agora era a vez dele.

Athos sorriu e se levantou. Seus dedos apertaram a pedra com mais força, e a imagem de Kell se dissolveu em fumaça e então desapareceu. O poder vibrou através do rei, a magia faminta por mais, porém ele a manteve no lugar, alimentando-a apenas com o necessário. Era algo a ser controlado, e Athos nunca fora um mestre indulgente.

— Não se preocupe, Astrid — disse à rainha enfeitiçada. — Consertarei as coisas.

E então ele ajeitou o cabelo, arrumou a gola da capa branca e foi receber seus convidados.

II

A fortaleza da Londres Branca erguia-se em uma coluna de luz forte que saía diretamente do pátio obscuro de pedra. Lila entrou sorrateiramente na floresta de estátuas para realizar sua parte no plano enquanto Kell rumava para os degraus que o aguardavam. Acomodou o corpo de Holland em um banco de pedra e subiu as escadas, com uma das mãos fechada em torno da lâmina real, e a outra, do talismã da Londres Preta.

Vá em frente, Kell, havia instigado Holland. Use a pedra. Vai consumi-lo mais rápido, mas você pode até vencer.

Ele não a usaria. Havia jurado não usá-la. Fazer isso na última batalha apenas incentivara a magia a se espalhar. Os fios pretos agora envolviam o braço acima do cotovelo e subiam em direção a seu ombro, e Kell não podia se dar ao luxo de perder mais um pedaço de sua essência. Da forma como estava agora, cada batida de seu coração parecia espalhar mais o veneno.

A pulsação martelava em seus ouvidos enquanto subia os degraus. Kell não era tolo a ponto de pensar que poderia surpreender Athos, não ali. O rei sabia que Kell estava chegando, e, ainda assim, deixara que chegasse à sua porta sem perturbá-lo. Os dez guardas de olhos vazios que normalmente vigiavam as escadas não estavam lá, deixando o caminho livre para Kell. O percurso sem obstáculos era em si mesmo um desafio. Um ato de arrogância condizente com o rei pálido.

Kell preferia ter enfrentado um exército do que aquelas portas abandonadas e o que mais estivesse aguardando do outro lado. Cada degrau desobstruído escalado apenas o deixava mais nervoso quanto ao próximo. Quando alcançou o topo da escada, suas mãos tremiam e seu peito estava apertado.

Ele levou as pontas dos dedos trêmulos até as portas, comandando que ficassem firmes ao mesmo tempo que se forçava a inspirar o ar gélido uma última vez. E então empurrou. As portas do castelo se abriram ao seu toque sem requisitar o uso de força ou magia, e a sombra de Kell esparramou-se pelo corredor. Ele deu um passo para atravessar a soleira da porta e os archotes do cômodo arderam com um fogo pálido, como se rastejassem contra os tetos abobadados e salão adentro, revelando os rostos da dúzia de guardas parados ali.

Kell respirou fundo, preparando-se para a luta, mas os soldados não se mexeram.

— Eles não tocarão em você — soou uma voz melodiosa. — A menos que tente fugir. — Athos Dane saiu das sombras usando seu habitual branco imaculado, suas feições pálidas perdendo ainda mais a cor para a luz das tochas. — O prazer de matá-lo será meu. E somente meu. — Athos segurava a outra metade da pedra preta displicentemente em uma das mãos, e uma vibração de poder atravessou o corpo de Kell à visão dela. — Astrid vai ficar de mau humor, é óbvio — continuou Athos. — Ela o queria como animal de estimação, mas eu sempre disse que você traria mais aborrecimentos se ficasse vivo. E acredito que os últimos acontecimentos provaram que é melhor tê-lo morto.

— Acabou, Athos — falou Kell. — Seu plano falhou.

Athos abriu um sorriso cruel.

— Você é parecido com Holland — disse o rei. — Sabe por que ele não conseguiu tomar a coroa? Ele nunca sentiu prazer na guerra. Via o derramamento de sangue e as batalhas como meios para atingir um fim. Um destino. Mas *eu* sempre saboreei a jornada. E prometo a você que vou me deleitar com isso.

Os dedos de Athos fecharam-se com força em torno da sua metade da pedra e a fumaça verteu. Kell não hesitou. Comandou as armaduras, assim como os guardas dentro delas, a saírem de seus postos encostados na parede e a formarem uma barricada entre ele e o rei pálido. Mas não foi o suficiente. A fumaça os contornou, atravessou as frestas e alcançou Kell, tentando se enroscar em volta de seus braços. Ele comandou a parede de guardas a avançar até Athos e cortou a fumaça com a espada real. Mas o rei não largou a pedra, e a magia era esperta, movendo-se ao redor da espada e agarrando os pulsos de Kell, assumindo então a forma de

correntes forjadas que não vinham do chão, mas das paredes de ambos os lados do salão do vestíbulo.

As correntes se retraíram, obrigando os braços de Kell a se abrirem enquanto Athos saltava sobre os guardas e aterrissava suavemente e sem esforço à sua frente. As correntes se apertaram em volta dos pulsos já machucados de Kell, cortando-os ainda mais, e a espada roubada tombou de seus dedos ao mesmo tempo que Athos conjurava um chicote de prata. Este se desenrolou da mão do rei, serpenteando no chão, sua ponta bifurcada roçando as pedras.

— Vamos ver o quanto você suporta a dor.

Quando Athos ameaçou levantar o chicote, Kell segurou as correntes com as mãos. O sangue em sua palma estava quase seco, mas ele apertou o metal com força suficiente para reabrir o corte.

— *As Orense* — pronunciou Kell um instante antes de o chicote estalar no ar. A corrente se partiu a tempo de deixá-lo desviar do forçado de prata. Ele rolou para o lado, alcançando a espada caída e pressionando a palma da mão ensanguentada nas pedras do chão, lembrando-se do ataque de Holland. — *As Steno* — disse em seguida.

O chão de pedra se partiu sob seus dedos em dezenas de cacos afiados. Kell se levantou, e os estilhaços se ergueram junto; quando ele projetou a mão para a frente, os fragmentos investiram contra o rei. Athos ergueu despreocupadamente a mão em resposta, a pedra fechada em seu punho, e um escudo se formou à sua frente. Os estilhaços de pedra se chocaram inutilmente contra ele.

Athos sorriu de forma sinistra.

— Ah, sim — falou ele, baixando o escudo. — Vou gostar disso.

Lila abriu caminho entre a floresta de estátuas cujas cabeças estavam curvadas num gesto de rendição, suas mãos postas em súplica.

Ela circundou a fortaleza em forma de abóbada que lembrava uma catedral, se uma catedral fosse construída com estacas e não possuísse vitrais, apenas aço e pedras. Ainda assim, a fortaleza era alongada e estreita como uma igreja, com um par de portas principais na face norte e três entradas menores, embora também impressionantes, nas faces sul, leste e oeste. O coração de Lila acelerou quando ela se aproximou da

entrada leste, cujo caminho para as escadarias era demarcado por duas filas de suplicantes de pedra.

Ela preferia escalar as paredes e entrar pela janela superior, algo mais discreto do que subir marchando pelas escadas, mas não possuía cordas nem ganchos. E mesmo que tivesse o equipamento necessário para tal empreitada, Kell a havia advertido contra a ideia.

Os Dane, dissera ele, não confiavam em ninguém, e o castelo era tanto uma imensa armadilha quanto a residência do rei.

"As portas principais são viradas para o norte", dissera ele. "Eu vou chegar por elas. Você entra pelas portas do lado sul."

"Não é perigoso?"

"Nesse lugar", respondera ele, "tudo é perigoso. Mas se as portas a impedirem de entrar, pelo menos a queda não será tão grande."

Então, Lila concordara em entrar pelas portas apesar do medo persistente de que aquilo fosse uma armadilha. Tudo era uma armadilha. Ela alcançou a escadaria sul e botou sua máscara de chifres antes de começar a subi-la. Quando chegou ao topo, as portas se abriram sem resistência, e mais uma vez os instintos de Lila lhe disseram para ir embora, para correr na direção oposta. Porém, pela primeira vez em sua vida, ela ignorou a advertência e entrou. O espaço além das portas era escuro, mas, no instante em que cruzou a soleira, os lampiões se acenderam e Lila estacou. Dezenas de guardas estavam alinhados às paredes, como armaduras vivas. Suas cabeças se viraram na direção da porta, e ela se preparou para o ataque iminente.

Mas nada aconteceu.

Kell lhe contara que o trono da Londres Branca fora sempre tomado à força e mantido à força, e que essa forma de ascensão geralmente não inspira lealdade. Os guardas estavam certamente compelidos por magia, aprisionados sob algum tipo de feitiço de controle. Mas esse era o problema em obrigar as pessoas a fazer coisas indesejadas. Era preciso ser muito específico. Eles não tinham escolha a não ser seguir ordens, mas provavelmente não estavam muito dispostos a ir além do estritamente necessário.

Um pequeno sorriso começou a se desenhar nos lábios dela.

Qualquer que fosse a ordem expedida pelo rei Athos aos seus guardas, não parecia se estender a ela. Os olhos vazios deles seguiram-na enquanto

ela se movia o mais calmamente possível. Como se pertencesse àquele lugar. Como se não estivesse ali para matar sua rainha. Lila se perguntou, conforme passava por eles, quantos gostariam que ela tivesse êxito na tarefa.

Os corredores do palácio vermelho eram labirínticos, porém estes aqui formavam uma simples grade de linhas e interseções, mais uma prova de que o castelo já havia sido algo parecido com uma igreja. Um corredor deu lugar ao seguinte, que por fim a levou à sala do trono, exatamente com Kell tinha dito que fariam.

Mas Kell também dissera que o corredor estaria vazio.

E não estava.

Um garoto estava de pé guardando a porta da sala do trono. Era mais jovem que Lila e magro de uma maneira musculosa e rija. Ao contrário dos guardas de olhar vazio, os olhos dele eram sombrios, feridos e febris. Quando a viu chegar, ele desembainhou sua espada.

— *Vösk* — ordenou ele. Lila franziu o cenho. — *Vösk* — vociferou ele novamente. — *Ös reijkav vösk*.

— Ei, você — disse ela, bruscamente. — Saia daí. — O garoto começou a falar em tom baixo e urgente em sua própria língua. Lila meneou a cabeça e desembainhou a faca com as soqueiras no punho. — Saia do meu caminho.

Sentindo que tinha dado o recado, Lila caminhou em direção à porta. Mas o garoto empunhou a própria espada e se colocou diretamente no caminho dela, dizendo:

— *Vösk*.

— Olhe aqui — explodiu ela. — Não faço ideia do que você está dizendo... — O jovem guarda olhou em volta, exasperado. — Mas eu sinceramente aconselho você a ir embora e fingir que esse nosso encontro nunca aconteceu e... Ei! Que diabos você pensa que está fazendo? — O garoto sacudiu a cabeça, murmurou algo baixinho, e então levou a espada até o próprio braço e fez um corte. — *Ei!* — exclamou Lila novamente, enquanto o rapaz trincava os dentes e fazia uma segunda incisão, depois uma terceira. — *Pare com isso!*

Ela tentou segurar o pulso dele, e nessa hora o garoto parou de entalhar as linhas e a olhou nos olhos.

— *Saia daqui* — disse o garoto. Por um instante Lila pensou ter ouvido errado. E então percebeu que ele estava falando em inglês. Ele entalhara algum tipo de símbolo na própria pele. — *Saia daqui* — disse ele novamente. — *Agora*.

— Saia você do meu caminho — retrucou Lila.

— Não posso.

— Garoto... — advertiu ela.

— Não posso — falou ele novamente. — Devo proteger a porta.

— Senão? — desafiou Lila.

— Não há *senão*. — Ele afastou a gola da camisa para mostrar uma marca, inflamada e preta, cicatrizada em sua pele. — Ele ordenou que eu protegesse a porta, então devo protegê-la.

Lila franziu o cenho. A marca era diferente da de Kell, mas ela compreendeu o que devia ser: algum tipo de selo.

— O que acontece se você me der passagem? — questionou ela.

— Não posso dar.

— O que acontece se eu ferir você?

— Eu morrerei.

Ele respondeu as duas vezes com uma certeza triste. *Que mundo maluco*, pensou Lila.

— Qual é o seu nome? — perguntou ela.

— Beloc.

— Quantos anos você tem?

— O suficiente.

O queixo dele estava erguido com orgulho e havia um fogo em seus olhos que ela reconhecia. Desafio. Mas ele ainda era jovem. Jovem demais para aquilo.

— Não quero machucá-lo, Beloc — avisou ela. — Não me obrigue.

— Gostaria de não precisar fazer isso. — Ele se aprumou para ela, empunhando a espada com as duas mãos, os nós dos dedos brancos. — Terá que me matar primeiro. — Lila rosnou e segurou sua faca. — Por favor — acrescentou ele. — Por favor, me mate.

Lila o encarou longamente.

— Como? — perguntou ela afinal.

Beloc arqueou as sobrancelhas como se questionasse o que ela disse.

— Como você quer morrer? — indagou ela.

O fogo nos olhos dele oscilou por um momento, e então ele se recuperou e disse:

— Rápido.

Lila assentiu. Ela levantou a faca e ele baixou a espada só um pouco, o bastante. Então fechou os olhos e começou a sussurrar algo para si mesmo. Lila não hesitou. Ela sabia como usar uma faca, para ferir e para matar. Aproximou-se dele e enfiou a lâmina por entre as costelas de Beloc, e a puxou para cima antes mesmo que ele tivesse terminado a oração. Havia jeitos piores de morrer, mas ainda assim ela praguejou baixinho contra Athos, Astrid e toda aquela cidade esquecida por Deus enquanto deitava o corpo do garoto no chão.

Ela limpou sua lâmina na bainha da própria camisa e a embainhou enquanto andava até as portas de segurança da sala do trono. Um círculo de símbolos estava gravado na madeira, doze marcas no total. Ela levou a mão até o disco, lembrando-se das instruções de Kell.

"Pense nele como a face de um relógio", dissera ele, desenhando o movimento no ar. "Um, sete, três, nove."

Agora, ela desenhava com o dedo, tocando o símbolo na primeira hora, depois arrastando a ponta do dedo para baixo e através do círculo até o sete, em volta e para cima até o três, e depois direto pelo meio até o nove.

"Tem certeza de que memorizou?", perguntara Kell, e Lila suspirara, soprando o cabelo para longe dos olhos.

"Eu já falei que aprendo rápido."

No primeiro momento, nada aconteceu. E então algo passou dos dedos dela até a madeira, e uma trava deslizou dentro do mecanismo.

— Eu avisei — murmurou ela, empurrando e abrindo a porta.

III

Athos estava rindo. Era um som horrível.

O salão à volta deles estava em completa desordem: os guardas de olhos vazios, amontoados; as cortinas, rasgadas, e os archotes, espalhados pelo chão, ainda queimando. Um hematoma aflorava abaixo do olho de Kell, e a capa branca do rei estava chamuscada e salpicada de sangue enegrecido.

— Vamos recomeçar? — perguntou Athos.

Antes que as palavras deixassem seus lábios, um raio de energia sombria emergiu da frente do escudo do rei pálido. Kell ergueu a mão e o chão se elevou entre eles, mas não rápido o bastante. A eletricidade o atingiu em cheio e o arremessou longe, de volta às portas principais do castelo, com tanta força que a madeira rachou. Ele tossiu, sem fôlego e tonto por causa do golpe, mas não teve chance de se recuperar. O ar estalou e ganhou vida, e outro raio o atingiu tão forte que as portas racharam e se quebraram. Kell foi atirado de volta ao frio da noite.

Por um momento, tudo ficou preto, e, quando a sua visão retornou, ele estava despencando.

O vento saltou para ampará-lo ou pelo menos amortecer a queda, porém, mesmo assim, ele atingiu o pátio de pedra na base da escadaria com força suficiente para quebrar algum osso. A lâmina real derrapou e deslizou para longe, a muitos metros de distância. O sangue pingou do nariz de Kell nas pedras.

— Nós dois empunhamos espadas — ralhou Athos enquanto descia as escadas, sua capa branca ondulando regamente às suas costas. — E ainda assim você escolhe lutar com um alfinete.

Kell se esforçou para ficar de pé, praguejando. O rei parecia imune à magia da pedra preta. As veias dele sempre foram pretas, e os olhos

permaneciam com seu usual tom azul gélido. Ele estava nitidamente no comando da situação, e pela primeira vez Kell se perguntou se Holland estava certo. Se realmente não existia o chamado equilíbrio, mas apenas vencedores e vítimas. Será que já havia perdido? A magia preta zumbiu pelo seu corpo, implorando para ser utilizada.

— Você vai morrer, Kell — falou Athos ao alcançar o pátio. — Pelo menos poderia morrer lutando.

A fumaça verteu da pedra de Athos e lançou-se para a frente, os tentáculos de escuridão transformando-se em facas pretas brilhantes conforme avançavam para Kell. Ele projetou a mão vazia e tentou comandar as lâminas para que parassem, mas elas eram formadas de magia, não de metal. Portanto, não cederam nem desaceleraram. E, então, um instante antes que a parede de facas retalhasse Kell, sua outra mão, aquela vinculada à pedra, ergueu-se como se tivesse vontade própria e a ordem ecoou em sua mente.

Proteja-me.

Mal o pensamento havia se formado, tornou-se realidade. Uma sombra o envolveu, colidindo com as pontas das facas de fumaça. O poder inundou o corpo de Kell: fogo, água gelada e energia, todos de uma só vez. Ele arquejou conforme a escuridão se espalhava mais fundo por baixo de sua pele e sobre ela, serpenteando da pedra para seu braço, e dali subindo pelo peito, enquanto a parede de magia desviava o ataque e o devolvia a Athos.

O rei se esquivou, atirando as lâminas para o lado com uma onda advinda de sua pedra. A maioria despencou no chão do pátio, mas uma atingiu seu alvo e enterrou-se na perna de Athos. O rei sibilou e arrancou a ponta da faca. Atirou-a longe e abriu um sorriso sinistro enquanto se colocava de pé.

— Assim é bem melhor.

Os passos de Lila ecoaram pela sala do trono. O espaço era cavernoso, circular e branco como a neve, interrompido apenas por um círculo de pilares em torno dos cantos e pelos dois tronos sobre uma plataforma ao centro, posicionados lado a lado e entalhados em uma única peça de pedra pálida. Um dos tronos estava vazio.

O outro sustentava Astrid Dane.

O cabelo dela, tão louro que parecia sem cor, estava enrolado como uma coroa em volta da cabeça, com tufo tão finos como teias de aranha caindo-lhe sobre o rosto, que tombara quando ela adormecera. Astrid era cadavericamente pálida e estava vestida de branco, mas não o branco angelical das rainhas de contos de fadas, nenhum veludo ou renda. Não, as roupas desta rainha a envolviam como uma armadura, estreitando-se agressivamente em seu pescoço e seus pulsos. Quando outras trajariam vestidos, Astrid Dane usava calças precisamente ajustadas que entravam por botas de um branco viçoso e brilhante. Seus dedos longos estavam agarrados aos braços do trono, e metade das articulações era marcada por anéis, porém a única cor de verdade estava no pingente pendurado ao redor de seu pescoço, cujas bordas estavam delineadas com sangue.

Lila fitou a rainha imóvel. Seu pingente parecia exatamente o mesmo que Rhy estava usando na Londres Vermelha quando não era ele mesmo. Um feitiço de possessão.

E, pelo que tudo indicava, Astrid Dane ainda estava sob o encantamento.

Lila deu um passo à frente, encolhendo-se ao som do eco que suas botas produziam pelo salão vazio, o som de uma pureza nada natural. *Inteligente*, pensou Lila. O formato da sala do trono não era apenas uma decisão estética. Era projetada para propagar o som. Perfeito para um governante paranoico. Mas, apesar do som dos passos de Lila, a rainha não se mexeu. Ela prosseguiu, ainda esperando que os guardas irrompessem de cantos escondidos (que, por sinal, não existiam) e corressem ao auxílio de Astrid.

Mas ninguém apareceu.

Que beleza, pensou Lila. Centenas de guardas, e o único a brandir uma espada desejava vê-la no peito dela. Grande rainha.

O pingente brilhou contra o peito de Astrid, pulsando debilmente com a luz. Em algum lugar em outra cidade, em outro mundo, ela possuía outro corpo. Talvez o rei, ou a rainha, ou o capitão da guarda. Mas, aqui, ela estava indefesa.

Lila abriu um sorriso cruel. Ela gostaria de poder levar o tempo que quisesse, de fazer a rainha pagar por tudo que fizera a Kell, mas sabia que era melhor não abusar da sorte. Puxou a pistola do coldre. Um tiro. Rápido, fácil e definitivo.

Ela levantou a arma, nivelou-a com a cabeça da rainha e atirou.

O tiro reverberou pela sala do trono, seguido instantaneamente por um feixe de luz, um ribombar como de um trovão e uma dor lancinante no ombro de Lila. Isso a fez cambalear para trás e a arma caiu de sua mão. Ela segurou o braço com um arquejo, vociferando palavrões enquanto o sangue brotava em sua camisa e em seu casaco. Fora atingida.

A bala ricocheteara, mas em quê?

Lila apertou os olhos inquisitivamente na direção de Astrid em seu trono e percebeu que o ar em volta da mulher de branco não estava tão vazio quanto parecia; ondulava na esteira do tiro, o ataque direto revelando um ar que tremulava e brilhava, salpicado com fragmentos vítreos de luz. Com *magia*. Lila cerrou os dentes quando sua mão deixou o ombro ferido (e seu casaco rasgado) e foi até a cintura. Ela desembainhou a faca, ainda salpicada com o sangue de Beloc, e se aproximou até ficar diretamente em frente ao trono. Sua respiração batia contra a barreira quase invisível e voltava em direção às suas bochechas.

Ela ergueu a faca devagar, levando a ponta da lâmina para a frente até encontrar o limite do feitiço. O ar crepitou à volta da extremidade da faca, cintilando como cristais de gelo, mas não cedeu. Lila xingou baixinho ao olhar para baixo através do ar, para o corpo da rainha e por fim para o chão a seus pés. Com essa descoberta, seus olhos se estreitaram. A pedra que sustentava o trono estava recoberta de símbolos. Ela não sabia ler o que diziam, é óbvio, mas a forma como se entrelaçavam, a forma como envolviam todo o trono e a rainha, deixara explícito que eram importantes. Elos de uma corrente de feitiços.

E elos podem se quebrados.

Lila se agachou e cuidadosamente levou a lâmina ao símbolo mais próximo da borda. Ela prendeu a respiração e arrastou a faca pelo chão, arranhando a marca perto dela até apagar uma linha estreita de tinta, sangue ou qualquer substância com a qual o feitiço houvesse sido escrito. Ela não queria saber.

O ar ao redor do trono perdeu o brilho e esmaeceu. E enquanto Lila se punha ali, encolhida, sabia que o encantamento que antes protegia a rainha agora cessara.

Os dedos de Lila moveram-se sobre a faca.

— Adeus, Astrid — disse ela, mergulhando a lâmina na direção do peito da mulher.

Mas, antes que a ponta da faca pudesse rasgar a túnica branca, Lila sentiu seu pulso ser agarrado. Ela olhou para baixo e viu os olhos azuis e pálidos de Astrid Dane encarando-a de volta. Acordada. Os lábios da rainha desenharam um sorriso fino e mordaz.

— Ladrazinha má — sussurrou ela.

A mão de Astrid apertou o pulso de Lila com mais força, e uma dor lancinante irrompeu por seu braço. Ela ouviu alguém gritando e demorou um instante para perceber que o som estava vindo da própria garganta.

* * *

O sangue escorria pelo rosto de Athos.

Kell lutou para recuperar o fôlego.

A capa branca do rei estava rasgada, e cortes superficiais marcavam a perna, pulso e abdômen de Kell. Metade das estátuas do pátio à volta deles jazia tombada e quebrada pela magia empregada no confronto, que se chocava e lutava resolutamente contra si mesma.

— Vou arrancar o seu olho preto — falou Athos — e usá-lo pendurado em meu pescoço.

Ele estalou o chicote novamente, e Kell rebateu comando por comando, pedra por pedra. Mas Kell estava travando duas batalhas, uma contra o rei e outra consigo mesmo. A escuridão continuava se espalhando, reivindicando mais partes dele a cada momento, a cada ação. Ele não venceria; a esta altura, perderia a batalha ou perderia a si mesmo. Algo teria que ceder.

A magia de Athos encontrou uma fissura no escudo de sombras de Kell e o atingiu com força, quebrando suas costelas. Ele tossiu, sentindo o gosto de sangue enquanto se esforçava para concentrar sua visão no rei. Precisava fazer alguma coisa, rápido. A espada curta real cintilou no chão perto dele. Athos ergueu a pedra para atacar novamente.

— Isso é tudo o que consegue fazer? — provocou Kell por entre os dentes. — Os mesmos truques de sempre? Você não tem a criatividade da sua irmã.

Athos estreitou os olhos. E, então, ergueu a pedra e conjurou algo novo.

Não era um muro, uma lâmina nem uma corrente. Não. Desta vez, a fumaça se enrolou em volta dele, tomando a forma de uma sombra sinistra e curvilínea. Uma gigantesca serpente prateada com olhos pretos, cuja língua bifurcada chicoteava no ar enquanto a criatura se erguia mais alto que o próprio rei.

Kell forçou uma risada baixa e desdenhosa, mesmo que isso machucasse ainda mais as suas costelas quebradas. Ele pegou a espada curta real no chão. Estava lascada e pegajosa de poeira e sangue, mas ainda era possível distinguir os símbolos ao longo do metal.

— Estava esperando você fazer uma coisa assim — disse ele. — Criar algo forte o suficiente para me matar. Já que está nítido que não consegue fazer isso sozinho.

Athos olhou-o irritado.

— Que diferença faz a forma de sua morte? Ainda será pelas minhas mãos.

— Você disse que queria me matar por conta própria — retrucou Kell. — Mas acho que isso é o mais perto que consegue chegar. Vá em frente e se esconda atrás da magia da pedra. Chame-a de sua magia.

Athos deixou escapar um rugido baixo.

— Você está certo — sibilou ele. — Sua morte deveria ser, e será, inteiramente minha.

Ele apertou a pedra entre os dedos, visivelmente e pretendendo dispersar a serpente. A cobra, que ficara deslizando em torno do rei, parou seu percurso, porém não se dissolveu. Em vez disso, voltou seus olhos pretos e brilhantes para Athos da mesma forma que a imagem de Kell fizera com Lila no quarto dela. Athos encarou fixamente a serpente, comandando que desaparecesse. Quando a criatura não obedeceu ao seu pensamento, ele vocalizou a ordem.

— Você obedece a *mim* — ordenou Athos ao mesmo tempo que a língua da serpente chicoteou. — É minha criação, e eu sou seu...

Ele não teve a chance de terminar.

A serpente recuou e o atacou. Suas presas se fecharam sobre a pedra na mão de Athos, e, antes mesmo que o rei pálido pudesse gritar, a cobra o envolveu completamente. O corpo prateado se enrolou em volta de seus

braços e peito, então em torno do pescoço, quebrando-o com um estalo alto.

Kell respirou fundo quando a cabeça de Athos Dane pendeu para a frente, o rei aterrorizante reduzido a nada mais que o cadáver de uma boneca de trapo. A serpente se desenrolou, e o corpo do rei despencou no chão, destruído. E então a cobra voltou os olhos pretos e brilhantes para Kell. Deslizou em sua direção a uma velocidade assustadora, mas ele estava pronto.

Enterrou a espada real na barriga da serpente. Ela perfurou a pele dura da cobra, os feitiços entalhados no metal brilhando por um momento antes que a criatura, debatendo-se violentamente, partisse a lâmina em duas. A cobra estremeceu e caiu, dissolvida em uma sombra aos pés de Kell.

Uma sombra e, no meio dela, um pedaço quebrado de pedra preta.

IV

As costas de Lila atingiram o pilar com força.

Ela desabou no chão de pedra da sala do trono. O sangue escorreu por seu olho falso enquanto ela lutava para se colocar de quatro. Seu ombro protestou de dor, assim como o restante do corpo. Ela tentou não pensar nisso. Já Astrid parecia estar se divertindo. Sorria preguiçosamente para Lila como um gato brincando com um camundongo.

— Vou tirar esse sorriso da sua cara — rosnou Lila, cambaleando para se levantar.

Ela havia lutado com muitas pessoas, mas nunca enfrentara alguém com Astrid Dane. A mulher se movia tanto com uma velocidade brusca quanto com uma graça estranha: em um momento era lenta e suave, no outro atacava tão rápido que Lila fazia o que podia para continuar de pé. Para continuar viva.

Lila sabia que ia perder.

Sabia que ia *morrer*.

Mas que o diabo a carregasse se ela fosse morrer por nada.

A julgar pelos estrondos vindos dos terrenos do castelo à volta delas, Kell estava bastante ocupado. O mínimo que Lila podia fazer era ajudá-lo para que pudesse lutar com um Dane de cada vez. Ganhar um pouco de tempo para ele.

Francamente, o que tinha acontecido com ela? A Lila Bard do sul de Londres sabia cuidar de si mesma. Aquela Lila nunca daria a vida para ajudar alguém. Nunca escolheria o certo em vez do errado se o errado significasse se manter viva. Nunca teria voltado para ajudar o estranho que a ajudara. Lila cuspiu um bocado de sangue e se endireitou. Talvez nunca devesse ter roubado a maldita pedra, mas, mesmo aqui e agora, encarando a morte sob a forma de uma rainha pálida, ela não se arrependia. Queria

liberdade. Queria aventura. E não se importava de morrer por isso. Apenas desejou que morrer não doesse tanto.

— Você já ficou no meu caminho por tempo demais — falou Astrid, erguendo as mãos à sua frente.

Lila sorriu.

— Parece que tenho talento para isso.

Astrid começou a pronunciar o idioma gutural que Lila ouvira nas ruas. Mas, na boca da rainha, as palavras soaram diferentes. Estranhas, ásperas e bonitas, elas verteram dos lábios da mulher, farfalhando como uma brisa por folhas secas e podres. Recordaram a Lila da música que envolvia a multidão no desfile de Rhy: a manifestação física do som. *Poderosa*.

Mas Lila não era tola o suficiente para ficar ali parada e ouvir. Sua pistola, agora vazia, jazia abandonada a muitos metros de distância, e sua mais nova faca estava aos pés do trono. Ela ainda possuía uma adaga atada às costas e a alcançou, liberando a arma. Porém, antes que a lâmina conseguisse deixar seus dedos, Astrid terminou o encantamento e uma onda de energia estourou em Lila, roubando o ar de seus pulmões quando ela atingiu o chão e deslizou por muitos metros.

Ela rolou e ficou agachada, arfando em busca de ar. A rainha estava brincando com ela.

Astrid ergueu os dedos enquanto se preparava para atacar novamente, e Lila sabia que seria sua única chance. Ela empunhou a adaga com firmeza e a atirou para a frente com toda a sua força, mirando com destreza no coração da rainha. A faca voou até Astrid, que, em vez de se desviar, simplesmente ergueu o braço e colheu o metal do ar. Com a própria mão. O coração de Lila parou no momento que a rainha partiu a lâmina em duas e jogou os pedaços para longe, sem precisar sequer interromper seu feitiço.

Merda, pensou Lila, instantes antes de o chão começar a ribombar e tremer. Ela lutou para se manter de pé e quase não viu a onda de pedras quebradas que se formava sobre sua cabeça. Pedrinhas começaram a chover, e ela se esgueirou para fugir delas na hora em que a onda começou a se quebrar e desabar. Ela era rápida, mas não rápida o suficiente. Uma dor excruciante irrompeu do lado direito de seu corpo, do tornozelo ao

joelho, na perna que estava presa sob um pedregulho pálido salpicado com fragmentos de rochas esbranquiçadas.

Não, não eram rochas esbranquiçadas, percebeu Lila, aterrorizada.

Ossos.

Lila revirou o corpo, tentando libertar a perna, mas Astrid estava ali, prendendo-a de costas no chão e ajoelhando-se sobre o seu peito. A rainha se abaixou e arrancou a máscara de chifres de seu rosto, jogando-a longe. Ela segurou o queixo de Lila e puxou o rosto para si.

— Que lindinha — falou a rainha. — Escondida sob tanto sangue.

— Vá para o inferno! — retrucou Lila.

Astrid apenas sorriu. E então as unhas de sua outra mão afundaram no ombro ferido de Lila, que mordeu os lábios para segurar um grito e se debateu nas garras da rainha. Mas era inútil.

— Se você vai me matar — sibilou Lila —, faça isso logo.

— Ah, eu irei matá-la, sim — disse Astrid, retirando os dedos do ombro latejante de Lila. — Mas não agora. Quando eu terminar com Kell, voltarei para você e demorarei o tempo que quiser para acabar com a sua vida. E, quando eu terminar, vou acrescentá-la ao meu chão. — Ela ergueu a mão entre as duas, mostrando as pontas de seus dedos agora manchadas de sangue para Lila. Era um vermelho muito vivo em contraste com a palidez da pele da rainha. — Mas antes...

Astrid levou um dedo ensanguentado ao ponto entre os olhos de Lila, desenhando algo ali.

Lila lutou o máximo que pôde para se libertar, mas Astrid era uma força intransponível sobre ela, prendendo-a no chão enquanto desenhava com sangue no próprio rosto pálido.

Astrid começou a falar em tom grave e rápido naquela outra língua. Lila lutou freneticamente e tentou gritar, tentando interromper o feitiço, mas os longos dedos da rainha se fecharam sobre sua boca e ela derramou o feitiço, que tomou forma no ar em volta delas. Uma pontada gélida percorreu Lila e sua pele formigou enquanto a magia se espalhava por seu corpo. E, pairando acima de sua cabeça, o rosto da rainha começou a *mudar*.

O queixo dela afinou e suas bochechas cor de porcelana ganharam um tom mais quente e saudável. Os lábios ficaram vermelhos e os olhos escureceram do azul para o castanho (em dois tons distintos), e seu cabelo,

que era branco como a neve e enrolado em volta da cabeça, passou a cair sobre o rosto, num tom castanho escuro e cortado em uma linha reta que acompanhava o maxilar. Até mesmo suas roupas ondularam e mudaram para assumir uma forma extremamente familiar. A rainha pálida exibiu um sorriso afiado como uma navalha e Lila olhou com horror não para Astrid Dane, mas para a imagem refletida de si mesma.

Quando Astrid falou, o som que verteu foi o da voz de Lila.

— É melhor eu ir — disse a rainha. — Tenho certeza de que Kell está precisando de ajuda. — Lila brandiu um último e desesperado soco, mas Astrid segurou o pulso dela sem qualquer esforço e o prendeu contra o chão. Depois se debruçou sobre a cabeça de Lila, encostando os lábios no ouvido dela. — Não se preocupe — sussurrou ela. — Mandarei suas lembranças a ele.

E então Astrid bateu a cabeça de Lila no chão destruído, e ela perdeu os sentidos.

* * *

Kell viu-se de pé no pátio de pedra, cercado por estátuas quebradas, um rei morto e um pedaço rachado de pedra preta. Estava sangrando e ferido, mas continuava vivo. Ele deixou a espada real arruinada cair no chão, produzindo um estalido metálico, e inspirou, estremecendo; o ar gelado queimava seus pulmões e era exalado em forma de fumaça na frente dos lábios ensanguentados. Algo se movia através dele, quente e frio, inquietante e perigoso. Queria parar de lutar, queria se entregar, mas não podia. Ainda não havia terminado.

Metade da pedra pulsou na palma da mão dele. A outra metade cintilava no chão onde a serpente a deixara. Ela chamava por ele, e o corpo de Kell se deslocou com vontade própria na direção da metade que faltava. A pedra guiou seus dedos até o chão estilhaçado e fechou a mão sobre o fragmento da pedra que aguardava ali. No instante em que as duas partes se encontraram, Kell sentiu as palavras em seus lábios:

— *As Hasari* — pronunciou ele, o comando vertendo por conta própria em uma voz que era e ao mesmo tempo não era a dele.

E, em sua mão, as metades da pedra começaram a se *curar*. Os pedaços fundiram-se novamente em um só, as fendas apagando-se até que a superfície voltou a ser lisa, de um preto imaculado. E, em seguida, um poder imenso (vívido, belo e doce) se espalhou pelo corpo de Kell, trazendo consigo uma sensação de certeza. Uma sensação de *completude*, que o encheu com tranquilidade. Com calma. O ritmo simples e constante da magia o amorteceu como um sono. Tudo o que Kell desejava era se deixar levar, desaparecer no seio do poder, da escuridão e da paz.

Entregue-se, disse uma voz em sua mente. Os olhos dele se fecharam e seus pés vacilaram.

Foi então que ele ouviu a voz de Lila chamando seu nome.

A calma oscilou quando Kell se esforçou para abrir os olhos e a viu descendo as escadas. Ela parecia muito distante. Tudo parecia muito distante.

— Kell — chamou ela novamente quando o alcançou. Os olhos dela percorreram a cena: o pátio destruído, o cadáver de Athos, o corpo ferido de Kell e o talismã, agora completo. — Acabou — disse ela. — Está na hora de largar a pedra.

Ele olhou para o talismã em sua mão, na forma como os fios pretos haviam ficado grossos como cordas e se enrolado ao redor de seu corpo.

— Por favor — pediu Lila. — Eu sei que pode fazer isso. Sei que pode me ouvir. — Ela estendeu a mão para ele com os olhos arregalados de pavor. Kell franziu o cenho, o poder ainda o percorrendo inteiro, distorcendo sua visão e seus pensamentos. — *Por favor* — repetiu ela.

— Lila — disse ele baixinho.

Ele buscou apoio e se equilibrou segurando no ombro dela.

— Estou aqui — sussurrou a garota. — Apenas me entregue a pedra.

Kell observou o talismã. E então seus dedos se fecharam ao redor dele, e a fumaça verteu num murmúrio. Não precisou falar. A magia agora estava na sua mente e sabia o que ele queria. Entre um instante e o seguinte, a fumaça formou uma espada. Ele baixou os olhos para o fio brilhante do metal.

— Lila — falou ele de novo.

— Sim, Kell.

Seus dedos se fecharam com mais força.

— Pegue.

E então ele enterrou a lâmina no abdômen dela.

Lila arquejou de dor. Em seguida, seu corpo inteiro estremeceu, oscilou e se tornou o de outra pessoa. Alongou-se na silhueta de Astrid Dane, cujo sangue escuro brotava, contrastando com suas roupas brancas.

— Como...? — rosnou ela.

Mas Kell ordenou que seu corpo ficasse parado, seu maxilar fechado. Nenhuma palavra, nenhum feitiço a salvaria agora. Ele queria matar Astrid Dane. Porém, mais do que isso, queria que ela *sofresse*. Pelo irmão dele. Seu príncipe. Porque, naquele momento, encarando os olhos azuis e arregalados dela, tudo o que ele via era Rhy.

Rhy usando o talismã dela.

Rhy exibindo um sorriso que era cruel demais e frio demais para ser realmente dele.

Rhy fechando os dedos em volta da garganta de Kell e sussurrando em seu ouvido as palavras de outra pessoa.

Rhy enfiando uma faca no próprio estômago.

Rhy, o *seu* Rhy, desabando no chão de pedra.

Rhy sangrando.

Rhy morrendo.

Kell queria esmagá-la pelo que fizera. E, em suas mãos, esse desejo tornou-se um comando, e a escuridão começou a se espalhar da faca enterrada no abdômen dela. Rastejou por suas roupas e por baixo da pele, transformando tudo o que tocava em pedra pálida, branca. Astrid tentou abrir a boca para falar ou gritar, mas, antes que qualquer som escapasse por entre os dentes cerrados, a pedra alcançou seu peito, sua garganta, seus lábios vermelhos desbotados. Apoderou-se de seu tórax, percorreu suas pernas e suas botas antes de correr direto para o chão esburacado. Kell ficou parado, observando a estátua de Astrid Dane, os olhos arregalados em choque e congelados, os lábios repuxados em um rosnado eterno. Ela agora se assemelhava ao restante do pátio.

Mas isso não era o suficiente.

Por mais que ele quisesse deixá-la ali no jardim arruinado, junto com o cadáver do irmão, ele não podia. A magia, como tudo mais, desvanecia. Feitiços eram quebrados. Astrid poderia ser libertada novamente, algum dia. E ele não podia deixar isso acontecer.

Kell segurou seu ombro de pedra branca. Os dedos dele estavam ensanguentados, assim como o seu corpo inteiro, e a magia *Antari* fluiu tão fácil como o ar.

— *As Steno* — falou ele.

Fendas profundas se formaram por todo o rosto da rainha pálida, rachaduras entalharam o corpo dela, e, quando os dedos de Kell apertaram com mais força, a estátua de pedra de Astrid Dane se estilhaçou sob o seu toque.

V

Kell sentiu um calafrio, e novamente uma estranha calma tomou conta dele.

Era mais pesada desta vez. E então alguém chamou seu nome, da mesma forma como havia acontecido momentos antes, e ele olhou para cima e viu Lila, segurando o próprio ombro enquanto descia as escadas correndo e mancando ao mesmo tempo, ferida e ensanguentada, porém viva. A máscara preta pendia de seus dedos machados de sangue.

— Você está bem? — perguntou ela quando o alcançou.

— Nunca estive melhor — respondeu ele, ainda que estivesse usando cada gota de força que possuía para concentrar seus olhos nela, concentrar sua mente nela.

— Como soube? — indagou ela, olhando os destroços da rainha no chão. — Como soube que não era eu?

Kell conseguiu produzir um sorriso exausto.

— Porque ela pediu *por favor*.

Lila o encarou, horrorizada.

— Isso foi uma piada?

Kell deu de ombros de leve. Precisou se esforçar muito para fazer o movimento.

— Eu simplesmente soube — falou ele.

— Você simplesmente soube — ecoou ela.

Kell assentiu. Lila o examinou com olhos cautelosos, e ele se perguntou em que estado estaria naquele momento.

— Você está péssimo — disse ela. — Melhor se livrar dessa pedra. — Kell concordou. — Eu poderia ir com você.

Kell meneou a cabeça.

— Não. Por favor. Não quero que vá.

Estava sendo sincero. Ele não sabia o que o esperava do outro lado, mas, o que quer que fosse, ele enfrentaria sozinho.

— Certo — falou Lila, engolindo em seco. — Ficarei aqui.

— O que você vai fazer? — perguntou ele.

Lila forçou-se a dar de ombros.

— Vi alguns navios interessantes nas docas quando estávamos correndo para salvar nossas vidas. Um deles deve servir.

— Lila...

— Ficarei bem — disse ela, enfática. — Agora corra antes que alguém perceba que matamos os monarcas.

Kell tentou rir e algo o percorreu por inteiro, como uma dor, porém mais sombria. Ele dobrou o corpo, sua visão ficando turva.

— Kell? — Lila caiu de joelhos ao lado dele. — O que foi? O que está havendo?

Não, implorou ele ao próprio corpo. *Não. Agora não*. Ele estava tão perto. Tão perto. Tudo o que precisava fazer era...

Outra onda o percorreu e o derrubou de quarto.

— Kell! — exigiu Lila. — Fale comigo.

Ele tentou falar, dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas sua mandíbula travou, seus dentes trincados. Ele lutou contra a escuridão, mas ela lutava de volta. E estava vencendo.

A voz de Lila estava cada vez mais distante.

— Kell... pode me ouvir? Fique comigo. Fique comigo.

Pare de lutar, disse uma voz na mente dele. *Você já perdeu*.

Não, pensou Kell. *Não. Ainda não*. Ele conseguiu levar os dedos ao corte superficial ao longo do abdômen e desenhou uma marca no chão rachado. Mas, antes que pudesse pressionar a mão vinculada à pedra sobre o desenho, uma força o atirou contra o chão. A escuridão o envolveu e o afogou. Ele lutou contra a magia, mas ela já estava dentro dele, percorrendo suas veias. Kell tentou se libertar de seu fardo, atirá-la para longe, mas era tarde demais.

Ele inspirou o ar uma última vez, e então a magia o arrastou para as profundezas.

Kell não conseguia se mexer.

Sombras envolviam seus membros e os seguravam como pedras, mantendo-o imóvel. Quanto mais lutava, mais o apertavam, drenando o restante de sua força. A voz de Lila estava muito, muito distante, então cessou. E Kell permaneceu em um mundo onde havia apenas a escuridão.

Uma escuridão que estava em todos os lugares.

E então, de alguma forma, não estava. Ela se recolheu, espiralando na frente dele, agrupando-se até formar uma sombra e depois um homem. Com a silhueta de Kell, a mesma altura, seu cabelo, até seu casaco, porém cada centímetro era de um preto suave e brilhante, como a pedra reconstruída.

— Olá, Kell — disse a escuridão, cujas palavras não eram em inglês, nem arnesiano, nem maktahn, e sim na língua nativa da magia.

E Kell finalmente compreendeu. Isso era *Vitari*. A coisa que o vinha atraindo, forçando para entrar, tornando-o forte ao mesmo tempo que enfraquecia sua vontade e se alimentava de sua vida.

— Onde estamos? — perguntou ele com a voz rouca.

— Estamos em você — respondeu *Vitari*. — Estamos nos *tornando* você.

Kell lutou inutilmente contra as cordas escuras.

— Saia do meu corpo — rosnou.

Vitari sorriu com seu sorriso preto e sombrio e deu um passo na direção de Kell.

— Você lutou bem — falou *Vitari*. — Mas a hora de lutar acabou. — Ele diminuiu a distância entre os dois e levou a mão ao peito de Kell. — Você foi feito para mim, *Antari* — continuou. — Um receptáculo perfeito. Vestirei sua pele para sempre.

Kell se contorceu ao toque do outro. Ele tinha que lutar. Tinha chegado tão longe. Não podia desistir agora.

— É tarde demais — disse *Vitari*. — Eu já possuo o seu coração.

E, com isso, as pontas de seus dedos pressionaram e Kell arquejou enquanto a mão de *Vitari* passava *por dentro* do seu peito. Ele sentiu os dedos de *Vitari* se fechando sobre seu coração pulsante, sentiu o solavanco, a escuridão derramando-se no peito de sua camisa esfarrapada como sangue.

— Acabou, Kell — falou a magia. — Você é meu.

O corpo de Kell se debateu no chão. Lila pegou o rosto dele nas mãos. Estava ardendo. As veias em sua garganta e em sua têmpora escureceram até ficarem pretas, e o desgaste era visível nas linhas de seu maxilar. Porém, ele não se movia, não abria os olhos.

— Lute contra isso — gritou ela enquanto o corpo dele convulsionava.
— Você chegou até aqui. Não pode simplesmente *desistir*.

As costas dele se arquearam contra o chão. Lila abriu sua camisa e viu a mancha preta que se espalhava sobre o coração.

— Merda — praguejou ela, tentando arrancar a pedra da mão dele. Mas a pedra não cedia. — Se você morrer — explodiu ela —, o que acontecerá com Rhy?

As costas de Kell bateram no chão e ele exalou o ar com dificuldade.

Lila havia recuperado suas armas e agora pegava sua faca, pesando-a na palma da mão. Ela não queria ter que matá-lo. Mas mataria. E não queria cortar a mão dele, mas certamente o faria.

— Não se atreva a desistir, Kell. Ouviu?

O coração de Kell vacilou, pulando uma batida.

— Eu pedi tão amigavelmente — disse *Vitari*, cuja mão ainda estava enterrada no peito de Kell. — Eu lhe dei a chance de desistir. Você me obrigou a usar a força.

Um calor se espalhou pelos membros de Kell, deixando um estranho frio em seu rastro. Ele ouviu a voz de Lila. Muito distante e baixa, o eco de um eco que mal o alcançava. Mas ele ouviu um nome. *Rhy*.

Se morresse, Rhy também morreria. Ele não podia parar de lutar.

— Eu não vou matá-lo, Kell. Não exatamente.

Kell apertou os olhos com força, a escuridão envolvendo-o.

— *Não havia uma palavra para isso?* — ecoou a voz de Lila em sua mente. — *Qual era, mesmo? Vamos lá, Kell. Diga a maldita palavra.*

Kell se esforçou para se concentrar. É lógico. Lila estava certa. Havia uma palavra. *Vitari* era a magia pura. E toda magia estava vinculada a regras. A ordens. *Vitari* era criação, mas tudo que podia ser criado também podia ser destruído. *Dispersado*.

— *As Anasae* — falou Kell.

Ele sentiu um vislumbre de poder. Mas nada aconteceu.

A mão livre de *Vitari* se fechou sobre sua garganta.

— Você realmente pensou que isso funcionaria? — escarneceu a magia sob a forma de Kell.

Mas havia algo na voz dele, na forma como ficara tenso. *Medo*. Poderia funcionar. Funcionaria. Tinha que funcionar.

Mas a magia *Antari* era um pacto verbal. Ele nunca havia conseguido conjurá-la apenas com o pensamento, e aqui, em sua mente, tudo era pensamento. Kell tinha que *dizer* a palavra. Ele se concentrou, buscando com seus sentidos enfraquecidos até conseguir sentir seu corpo. Não da forma como estava ali, naquela ilusão, naquele plano mental, mas como estava na realidade, estirado no chão cruelmente frio do pátio destruído, com Lila debruçada sobre seu corpo. Sobre ele. Kell se agarrou àquele frio, concentrando-se no modo como incomodava suas costas. Esforçou-se para sentir os próprios dedos agarrados na pedra com tanta força que doíam. Concentrou-se na própria boca, trincada e dolorida, obrigada a permanecer fechada. Ele forçou os lábios a se abrirem.

A formar as palavras.

— *As An...*

O coração dele falhou quando os dedos de *Vitari* o apertaram.

— *Não!* — rosnou a magia, o medo agora corajoso, transformando a impaciência em raiva.

E Kell entendeu o medo dele. *Vitari* não era simplesmente um feitiço. Ele era a *fonte* de todo o poder da pedra. Dispersá-lo iria dispersar a magia do próprio talismã. Acabaria com tudo.

Kell lutou para se agarrar ao próprio corpo. A si mesmo. Ele forçou o ar a entrar em seus pulmões, e então a sair de sua boca.

— *As Anas...* — Ele conseguiu falar antes que a mão de *Vitari* mudasse do coração para os seus pulmões, expulsando o ar deles.

— Você não pode — falou a magia, desesperadamente. — Eu sou a única coisa que mantém seu irmão vivo.

Kell hesitou. Ele não sabia se isso era verdade, se o vínculo que fizera com seu irmão *poderia* ser quebrado. Mas sabia que Rhy nunca o perdoaria pelo que fizera, que nada importaria a menos que ambos sobrevivessem.

Kell reuniu o resquício de suas forças e se concentrou. Não em *Vitari* tentando lhe extirpar a vida, nem na escuridão que o percorria, mas na voz

de Lila, no chão frio, nos seus dedos dormentes e seus lábios ensanguentados enquanto formavam as palavras.

— *As Anasae*.

VI

Corpos desabaram por toda a Londres Vermelha.

Homens e mulheres que haviam sido beijados ou possuídos, cortejados ou forçados, aqueles que deixaram a magia entrar e aqueles que foram trespassados por ela: todos caíram quando a chama preta dentro deles foi eviscerada e saiu. Dispersada.

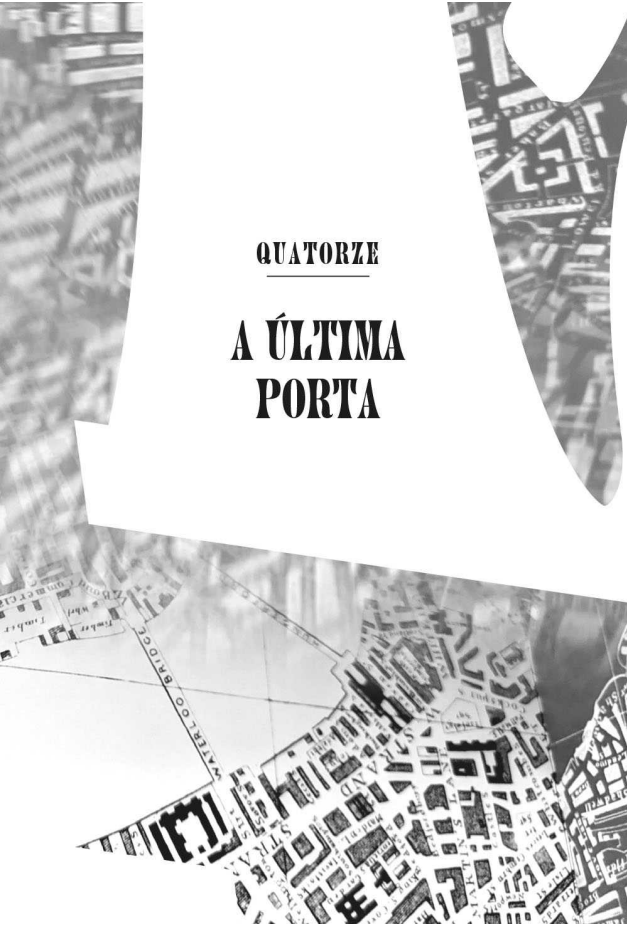
Em todos os lugares, a magia deixou uma trilha de corpos.

Nas ruas, eles cambalearam e desmoronaram. Alguns se fragmentaram em cinzas, queimados por inteiro, outros ficaram reduzidos a cascas, ocos. E alguns sortudos desmaiaram, ofegantes e fracos, porém vivos.

No palácio, a magia vestida com o corpo de Gen tinha acabado de alcançar os aposentos reais, sua mão enegrecida na porta, quando a escuridão morreu e o levou com ela.

E, no santuário, longe dos muros do castelo, em uma cama baixa e estreita e sem lençóis, o príncipe da Londres Vermelha estremeceu e ficou imóvel.





QUATORZE

**A ÚLTIMA
PORTA**

Kell abriu os olhos e viu as estrelas.

Elas flutuavam acima das muralhas do castelo, nada além de pontinhos de luz pálida na imensidão.

A pedra escorregou de seus dedos, batendo no chão com um tinido surdo. Nada mais havia nela, nenhum zumbido, nenhum chamado, nenhuma promessa. Era apenas um pedaço de pedra.

Lila estava dizendo alguma coisa, e pela primeira vez ela não parecia furiosa, não tanto quanto de costume, mas ele não conseguia ouvi-la sobre o som das batidas de seu coração enquanto levava a mão trêmula até a gola de sua camisa. Ele não queria realmente ver. Não queria saber. Mas afastou a gola mesmo assim e olhou para a pele sobre o coração, para o local onde o selo havia vinculado a vida de Rhy à sua própria.

O tracejado preto da magia havia sumido.

Mas não a cicatriz da marca. O selo em si ainda estava intacto. O que significava que não havia apenas sido vinculado a *Vitari*. Havia sido vinculado a *ele*.

Kell suspirou aliviado.

E finalmente o mundo à sua volta entrou mais uma vez em foco. A pedra gelada do chão do pátio, o cadáver de Athos, os estilhaços de Astrid, e Lila, com seus braços lançados sobre os ombros dele por um instante e apenas um instante, recolhidos antes que ele pudesse desfrutar de sua presença.

— Sentiu minha falta? — sussurrou Kell com a garganta em carne viva.

— Óbvio — respondeu ela com os olhos vermelhos. Ela chutou o talismã com a ponta da bota. — Está *morta*? — perguntou.

Kell pegou a pedra e sentiu apenas o peso dela.

— Não se pode matar a magia — respondeu Kell, levantando-se devagar. — Apenas dispersá-la. Mas ela se foi.

Lila mordeu o lábio.

— Você ainda tem que mandá-la embora?

Kell avaliou a pedra vazia e assentiu lentamente.

— Por segurança — falou ele.

Mas, talvez, agora que estava finalmente livre do jugo da pedra, não tivesse que ser ele a se livrar dela. Kell esquadrinhou o pátio até enxergar o corpo de Holland. Havia caído do banco de pedra durante a luta e agora jazia estirado no chão; a capa ensanguentada era o único indício de que ele não estava apenas dormindo.

Kell se levantou, cada centímetro de seu corpo protestando conforme ele se aproximava de Holland. Ele se ajoelhou e pegou uma das mãos do *Antari*. A pele de Holland estava se tornando gélida, sua pulsação, cada vez mais fraca, o coração se arrastando entre as batidas finais. Mas ainda estava vivo.

É muito difícil matar um Antari, dissera ele uma vez. Parece que estava certo.

Kell sentiu Lila espreitando atrás dele. Não sabia se isso funcionaria, se um *Antari* podia comandar a magia por outro, mas ele pressionou os dedos na ferida do peito de Holland e desenhou uma única linha no chão ao lado do corpo. E então tocou no sangue com a pedra vazia e a depositou em cima da linha, trazendo a mão de Holland para repousar em cima dela.

— Paz — disse ele com suavidade.

Uma palavra de despedida para um homem destruído. E então pressionou a mão por cima da mão de Holland e disse:

— *As Travars*.

O chão sob o *Antari* branco cedeu, transformando-se em sombra. Kell se afastou enquanto a escuridão, e o que mais houvesse ali embaixo, engolia o corpo de Holland e a pedra, deixando para trás apenas o chão ensanguentado.

Kell encarou o solo manchado, incapaz de acreditar que realmente havia funcionado. Que ele fora poupado. Que estava vivo e podia voltar para *casa*.

Ele se desequilibrou, e Lila o segurou.

— Fique comigo — pediu ela.

Kell assentiu, tonto. A pedra havia mascarado a dor, mas, na ausência dela, sua visão ficou turva. As feridas de Rhy somavam-se às suas próprias, e, quando ele tentou cerrar os lábios para suprimir um gemido, sentiu o gosto de sangue.

— Temos que ir — falou Kell.

Agora que a cidade estava sem um rei e uma rainha, as batalhas recomeçariam. Alguém galgaria o caminho sangrento até o trono. Sempre fora assim.

— Vamos levá-lo para casa — disse Lila.

O alívio o percorreu como uma onda antes que a dura realidade o atingisse.

— Lila — falou ele, ficando rígido. — Não sei se consigo levá-la comigo.

A pedra havia assegurado a passagem dela através dos mundos, conjurado uma porta para Lila quando não deveria haver nenhuma. Sem a pedra, as chances de o mundo permitir que ela atravessasse...

Lila pareceu compreender. Ela olhou em volta e envolveu o próprio corpo com os braços. Estava ferida e sangrando. Quanto tempo duraria ali sozinha? E, no entanto, era Lila. Ela provavelmente sobreviveria a qualquer coisa.

— Bem — começou ela —, podemos tentar.

Kell engoliu em seco.

— Qual é a pior coisa que poderia me acontecer? — perguntou ela conforme caminhavam em direção ao muro do pátio. — Ser dilacerada em mil pedacinhos e ficar presa entre os mundos? — falou ela com um sorriso de esguelha, mas ele enxergou o medo em seus olhos. — Estou preparada para ficar. Mas quero tentar ir embora.

— Se não funcionar...

— Encontrarei meu caminho — respondeu ela.

Kell aquiesceu e a levou até o muro do pátio. Desenhou uma marca nas pedras pálidas e tirou o pingente da Londres Vermelha do bolso. Puxou Lila para perto, envolveu-a com seu corpo machucado, e encostou sua fronte na dela.

— Ei, Lila — disse ele baixinho no espaço entre eles.

— Sim?

Em seguida beijou os lábios dela por um breve instante, o calor presente e dissipado em um segundo. Ela franziu o cenho para ele, mas não se afastou.

— Por que você fez isso? — perguntou ela.

— Para dar sorte — respondeu ele. — Não que você precise de sorte.

Então Kell pressionou a mão contra o muro e pensou em seu lar.

II

A Londres Vermelha tomou forma ao redor de Kell, imersa na noite alta. Cheirava a terra e fogo, a flores desabrochando e a chá de especiarias. E, sob tudo isso, exalava o cheiro de lar. Kell nunca estivera tão feliz por retornar. Mas seu coração ficou pesado quando percebeu que seus braços estavam vazios.

Lila não estava com ele.

Ela não conseguira voltar.

Kell engoliu em seco e olhou para baixo, para a moeda em sua mão ensanguentada. Em seguida, a atirou longe com a maior força possível. Fechou os olhos e inspirou fundo, tentando se acalmar.

E então ouviu uma voz. A voz dela.

— Nunca pensei que ficaria tão feliz em sentir o cheiro de flores.

Kell piscou e se virou, vendo Lila parada ali. Viva e inteira.

— Não é possível! — exclamou ele.

Os cantos da boca de Lila se arquearam.

— É bom ver você também.

Kell a abraçou. E, por um segundo, apenas um segundo, ela não se afastou, não ameaçou apunhalá-lo. Por um segundo e apenas um segundo, ela o abraçou mais forte.

— O que você é? — perguntou ele, maravilhado.

Lila apenas deu de ombros.

— Teimosa.

Os dois ficaram ali por um momento, apoiando-se um no outro, um mantendo o outro de pé, ainda que nenhum deles soubesse qual precisava mais de apoio. Ambos sabiam apenas que estavam felizes em estar ali, em estar vivos.

E então Kell ouviu o som de botas e espadas e viu feixes de luz.

— Acho que estamos sendo atacados — sussurrou Lila perto da gola da camisa dele.

Kell levantou a cabeça do ombro dela e viu uma dúzia de soldados da guarda que os cercavam, as lâminas em punho. Através de seus elmos, seus olhos fitavam Kell com um misto de medo e fúria. Ele pôde sentir o corpo de Lila ficar tenso contra o seu, sentir que comichava para pegar uma pistola ou uma faca.

— Não lute — sussurrou ele enquanto tirava lentamente o braço das costas dela. Ele pegou a mão dela e se virou para os guardas de sua família. — Nós nos rendemos.

Os guardas forçaram Kell e Lila a se ajoelharem diante do rei e da rainha e os mantiveram ali, apesar dos palavrões murmurados por Lila. Seus pulsos estavam atados por metal atrás deles da mesma forma que Kell estivera horas antes naquela noite, nos aposentos de Rhy. Havia acontecido a apenas algumas horas? Tinham o peso de anos sobre Kell.

— Deixem-nos — ordenou o rei Maxim.

— Senhor — protestou um dos guardas reais, lançando um olhar para Kell. — Não é seguro...

— *Eu disse para saírem* — trovejou o rei.

Os guardas se retiraram, deixando apenas Kell e Lila de joelhos no salão de baile vazio, o rei e a rainha pairando sobre eles. Os olhos do rei Maxim estavam febris, sua pele avermelhada pela raiva. Ao lado dele, a rainha Emira parecia cadavericamente pálida.

— O que você fez? — exigiu o rei.

Kell se encolheu, porém lhe contou a verdade. Sobre o amuleto de possessão de Astrid e o plano dos gêmeos Dane, mas também sobre a pedra e a forma como havia chegado até ele (e de seu hábito anterior). Contou sobre a descoberta da pedra e sobre a tentativa de devolvê-la ao único lugar em que estaria segura. E o rei e a rainha ouviram, menos com descrença do que com horror; o rei ficava cada vez mais vermelho, e a rainha, cada vez mais pálida a cada parte da explicação.

— Agora a pedra se foi — terminou Kell. — E a magia se foi com ela.

O rei esmurrou o balaústre com o punho.

— Os Dane vão pagar pelo que tentaram...

— Os Dane estão mortos — afirmou Kell. — Eu mesmo os matei.

Lila pigarreou.

Kell revirou os olhos.

— Com a ajuda de Lila.

O rei pareceu notar Lila pela primeira vez.

— Quem é você? Que loucuras você acrescentou a essa trama?

— Meu nome é Delilah Bard — retrucou ela. — Nós fomos apresentados mais cedo, esta noite. Quando eu estava tentando salvar a sua cidade, e vocês estavam de pé ali, com os olhos vazios sob algum tipo de encantamento.

— *Lila!* — explodiu Kell, horrorizado.

— Eu sou metade da razão pela qual sua cidade ainda está de pé.

— *Nossa* cidade? — indagou a rainha. — Então você não é daqui?

Kell ficou tenso. Lila abriu a boca, mas antes que pudesse responder, ele disse:

— Não, ela é de longe.

As sobrancelhas do rei se uniram.

— Quão distante é esse longe?

E antes que Kell pudesse responder, Lila endireitou sua postura.

— Meu navio aportou aqui há alguns dias — declarou ela. — Vim a Londres porque ouvi que as festividades de seu filho eram imperdíveis e porque eu tinha negócios com uma mercadora chamada Calla, no mercado à beira do rio. O meu caminho e o de Kell já haviam se cruzado uma ou duas vezes, e era evidente que ele precisava de ajuda. Eu o auxiliiei.

Kell encarou Lila. Ela apenas arqueou uma sobrancelha e acrescentou:

— Ele me prometeu uma recompensa, é óbvio.

O rei e a rainha também encararam Lila, tentando decidir que parte da história dela parecia *menos* plausível (o fato de ela possuir um navio, ou o fato de uma estrangeira falar um inglês tão impecável), mas, por fim, a compostura da rainha ruiu.

— Onde está nosso *filho*? — implorou ela.

O jeito como falou, como se eles tivessem apenas um, fez com que Kell se encolhesse.

— Rhy está vivo? — perguntou o rei.

— Graças a Kell — interrompeu Lila. — Passamos o dia inteiro tentando salvar o seu reino, e vocês nem ao menos...

— Ele está vivo. — Foi a vez de Kell interrompê-la. — E vai continuar vivo — acrescentou ele, sustentando o olhar fixo do rei — enquanto eu também estiver.

Havia um leve tom de desafio na fala de Kell.

— O que você quer dizer?

— Senhor — falou Kell, desviando o olhar. — Fiz apenas o que tive que fazer. Se eu pudesse ter dado a minha vida a ele, eu teria. Em vez disso, pude apenas compartilhá-la.

Ele se retorceu nas amarras, a ponta da cicatriz visível sob a gola da camisa. A rainha respirou fundo. O rosto do rei ficou sério.

— Onde ele está, Kell? — perguntou o rei, com a voz mais baixa.

Os ombros de Kell relaxaram, o peso deixado para trás.

— Libertem-nos — disse ele. — E nós o traremos para casa.

III

— Entre.

Kell nunca ficara tão feliz por ouvir a voz do irmão. Ele abriu a porta e entrou no quarto de Rhy, tentando não lembrar da forma como estivera da última vez que saíra dali; o sangue do príncipe espalhado por todo o chão.

Três dias tinham se passado desde aquela noite, e todos os sinais do caos haviam sido apagados. A sacada fora reconstruída, o sangue incrustado na madeira, removido, os móveis e tecidos, renovados.

Agora Rhy estava deitado em sua cama. Havia manchas sob seus olhos, mas ele parecia mais entediado do que doente, o que era um progresso. Os curandeiros lhe deram o melhor tratamento possível (e também curaram Kell e Lila), mas o príncipe não estava melhorando tão rápido quanto deveria. Kell sabia o porquê, logicamente. Rhy não tinha simplesmente sido ferido, como disseram a todos. Ele havia morrido.

Dois criados permaneciam a uma mesa ali perto, um guarda ficava sentado em uma cadeira ao lado da porta, e os três observaram Kell quando ele entrou. Parte do mau humor de Rhy se devia ao fato de que o guarda não era Parrish nem Gen. Ambos foram encontrados mortos, um pela espada, o outro pela febre preta, como fora rapidamente nomeada, que se espalhara pela cidade. Um fato que perturbava Rhy tanto quanto sua própria condição.

Os criados e o guarda examinaram Kell com mais cuidado conforme ele se aproximava da cama do príncipe.

— Eles não me deixam levantar, os desgraçados — resmungou Rhy, olhando-os com raiva. — Se eu não posso sair — disse a eles —, então tenham vocês a gentileza de ir embora. — O peso da perda e da culpa, combinado ao incômodo dos ferimentos e do confinamento, deixavam Rhy com um péssimo humor. — Fiquem à vontade — acrescentou conforme os

criados se levantaram — para permanecer de guarda do lado de fora. Me façam sentir mais como um prisioneiro do que já me sinto.

Quando todos saíram, Rhy suspirou e se jogou nos travesseiros.

— Eles só querem ajudar — falou Kell.

— Talvez não fosse ser tão ruim — disse Rhy — se eles fossem mais bonitos.

Mas a reclamação infantil soara estranhamente vazia. Os olhos dele encontraram os de Kell, e o olhar de Rhy ficou sombrio.

— Conte-me tudo — pediu. — Mas comece com isso. — Ele tocou o lugar sobre o próprio coração, onde carregava uma cicatriz igual à de Kell. — Que tolice você fez, meu irmão?

Kell baixou os olhos para as ricas roupas de cama vermelhas, e puxou a gola de sua camisa para o lado, para mostrar a cicatriz espelhada.

— Fiz apenas o que você teria feito se estivesse no meu lugar.

Rhy franziu o cenho.

— Eu amo você, Kell, mas não estava a fim de ter tatuagens combinando.

Kell sorriu com tristeza.

— Você estava morrendo, Rhy. Salvei sua vida.

Ele não conseguiu se forçar a contar toda a verdade a Rhy, que a pedra não tinha apenas salvado a vida dele, mas a devolvido.

— Como? — exigiu o príncipe. — A que preço?

— Um preço que já paguei — respondeu Kell. — E que pagaria novamente.

— *Responda sem rodeios!*

— Vinculei a sua vida à minha — falou Kell. — Enquanto eu viver, você também viverá.

Rhy arregalou os olhos.

— Você fez o quê? — sussurrou ele, horrorizado. — Eu devia levantar dessa cama e torcer seu pescoço.

— Eu não faria isso — advertiu Kell. — Sua dor é minha, e a minha dor é sua.

As mãos de Rhy se fecharam em punhos.

— Como você pôde? — disse ele.

E Kell temeu que o príncipe estivesse desgostoso por estar vinculado a ele, mas, em vez disso, Rhy disse:

— Como pôde carregar esse fardo?

— As coisas são do jeito que são, Rhy. Não pode ser desfeito. Então, por favor, apenas seja grato e supere isso.

— Como posso superar isso? — menosprezou Rhy, já mudando seu tom para um mais brincalhão. — Está entalhado no meu peito.

— Amantes gostam de homens com cicatrizes — afirmou Kell, abrindo um sorriso. — Foi o que ouvi dizer.

Rhy suspirou e jogou a cabeça para trás, e ambos ficaram em silêncio. Primeiro houve uma quietude tranquila, mas então ela começou a se agitar, e logo quando Kell estava prestes a quebrá-la, Rhy falou primeiro.

— O que foi que eu fiz? — sussurrou ele, os olhos cor de âmbar voltados para o teto de gaze do dossel da cama. — O que foi que eu fiz, Kell? — Ele virou a cabeça para poder ver o irmão. — Holland me trouxe aquele colar. Disse que era um presente, e eu acreditei. Disse que era dessa Londres, e eu também acreditei.

— Você cometeu um erro, Rhy. Todos cometemos erros. Até príncipes. Eu cometi muitos. É justo que você cometa um.

— Eu devia ter percebido. Eu *percebi* — acrescentou ele, sua voz falhando.

Ele tentou se sentar e estremeceu. Kell o obrigou a se deitar novamente.

— Por que você o aceitou? — perguntou quando o príncipe estava acomodado.

Pela primeira vez, Rhy não olhou nos olhos do irmão.

— Holland disse que me daria força.

Kell franziu o cenho.

— Você já é forte.

— Não como você. Isto é, eu sei que nunca serei como você. Mas não tenho talento para a magia, e isso me faz sentir fraco. Um dia eu serei rei. E gostaria de ser um rei forte.

— A magia não torna as pessoas fortes, Rhy. Acredite em mim. E você tem algo melhor. Você tem o amor das pessoas.

— É fácil ser amado. Eu quero ser respeitado, e pensei... — A voz de Rhy era pouco mais que um sussurro. — Aceitei o colar. Tudo o que importa é que o aceitei. — Lágrimas começaram a rolar, escorrendo para seus cachos pretos. — E eu poderia ter destruído tudo. Poderia ter perdido

a coroa antes mesmo de usá-la. Poderia ter condenado minha cidade à guerra, ao caos, ou à ruína.

— Que filhos nossos pais têm — disse Kell gentilmente. — Nós dois podemos acabar com o mundo.

Rhy emitiu um som abafado, algo entre uma risada e um choro.

— Será que algum dia eles nos perdoarão?

Kell abriu um sorriso.

— Não estou mais acorrentado. Isso já é um progresso.

O rei e a rainha espalharam pela cidade, por meio dos guardas e das tábuas de divinação, a notícia de que Kell era inocente de todas as acusações. Mas os olhos pelas ruas ainda pesavam sobre ele; cautela, medo e suspeita transpareciam nas reverências. Talvez, quando Rhy estivesse bem de novo e pudesse falar diretamente ao seu povo, eles acreditariam que o príncipe estava bem e que Kell não tivera nenhuma participação na escuridão que assomara o palácio naquela noite. Talvez, mas Kell duvidava que a vida seria tão simples como fora antes.

— Queria lhe contar — falou Rhy — que Tieren veio me visitar. Ele trouxe algumas...

Então foi interrompido por uma batida na porta. Antes que ele ou Kell pudessem responder, Lila entrou intempestivamente no quarto. Ela ainda usava seu casaco novo, com remendos costurados sobre os pontos em que havia sido rasgado por balas, lâminas e pedras. Mas pelo menos ela tomara banho, e uma fivela de ouro tirava-lhe o cabelo dos olhos. Ainda se assemelhava a uma ave faminta, porém estava limpa, alimentada e curada.

— Não gosto da forma como esses guardas me olham — disse ela antes de olhar para cima e ver os olhos dourados do príncipe pousados nela. — Desculpem-me — acrescentou. — Não tive a intenção de interromper.

— Então qual foi a sua intenção? — desafiou Kell.

Rhy ergueu a mão.

— Você certamente não é uma interrupção — disse ele, erguendo-se na cama. — Mas temo que tenha me conhecido fora do meu estado de graça habitual. Qual é o seu nome?

— Delilah Bard — respondeu ela. — Já nos conhecemos. E você parecia pior.

Rhy riu baixinho.

— Peço desculpas por qualquer coisa que eu tenha feito. Eu não era eu mesmo.

— Peço desculpas por ter atirado na sua perna — falou Lila. — Eu era totalmente eu mesma.

Rhy abriu seu sorriso perfeito.

— Gosto dessa aqui — gracejou para Kell. — Posso pegá-la emprestada?

— Você pode tentar — provocou Lila, arqueando uma sobrancelha. — Mas seria um príncipe sem os dedos.

Kell fez uma careta, mas Rhy apenas riu. A risada rapidamente se dissolveu em tremor, e Kell se esticou para apoiar o irmão, mesmo que a dor ecoasse em seu próprio peito.

— Guarde seu flerte para quando estiver bem — ralhou.

Kell levantou-se e começou a escoltar Lila para fora do quarto.

— Verei você de novo, Delilah Bard? — perguntou o príncipe.

— Talvez nossos caminhos se cruzem novamente.

Rhy deu um sorriso torto.

— Se eu tiver alguma influência nisso, certamente irão.

Kell revirou os olhos, mas pensou ter visto Lila corar ao guiá-la para fora e fechar a porta, deixando o príncipe descansar.

IV

— Posso tentar levá-la de volta — começou a dizer Kell. — Para a sua Londres.

Ele e Lila estavam caminhando ao longo da beira do rio, passando pelo mercado noturno, onde as pessoas ainda os encaravam duramente e por tempo demais, e mais adiante na direção das docas. O sol estava se pondo atrás deles, lançando longas sombras em frente aos dois, como caminhos a seguir.

Lila meneou a cabeça e pegou o relógio de prata no bolso.

— Não há nada para mim lá — disse ela, abrindo e fechando o relógio. — Não mais.

— Você também não pertence à Londres Vermelha — falou ele.

Ela deu de ombros.

— Vou encontrar meu caminho. — E, então, ergueu o queixo e olhou nos olhos dele. — E você?

Uma pontada entorpecida assomou a cicatriz sobre o coração dele, um fantasma de dor, e ele esfregou o ombro.

— Vou tentar. — Ele enfiou a mão no bolso do casaco, agora preto com botões de prata, e retirou um pequeno embrulho. — Tenho um presente para você.

Ele o entregou a ela e observou Lila desembulhar a caixa e em seguida deslizar a tampa. Ela se abriu na sua mão, revelando um pequeno jogo de tabuleiro e um punhado de elementos.

— Para você praticar — explicou ele. — Tieren disse que você tem algum tipo de magia. É melhor encontrá-la.

Os dois pararam em um banco e Kell mostrou a ela como funcionava. Lila o repreendeu por se exhibir, então colocou a caixa de lado e disse "muito obrigada". Parecia ser uma frase difícil de pronunciar, mas ela

conseguiu. Então se levantaram, nenhum dos dois desejando se afastar ainda, e Kell olhou para Delilah Bard, assassina e ladra, parceira valente e uma garota estranha e assustadora.

Ele a veria novamente. Sabia que sim. A magia transformava o mundo. Mudava a sua forma. Havia pontos fixos. Na maior parte do tempo, esses pontos eram lugares. Mas, às vezes, raramente, eram pessoas. Para alguém que nunca ficava parada, Lila ainda parecia um marco no mundo de Kell. Um marco ao qual ele com certeza se agarraria.

Ele não sabia o que dizer, então simplesmente falou:

— Fique longe de problemas.

Ela abriu um sorriso que dizia que não ficaria, é óbvio.

E então ergueu a gola do casaco, enfiou as mãos nos bolsos e começou a caminhar.

Kell a observou ir embora.

Ela não olhou para trás.

Delilah Bard finalmente estava livre.

Ela pensou no mapa que ficara em Londres, na Londres Cinza, a sua Londres, a velha Londres. O pergaminho que deixara no quartinho apertado da Stone's Throw. O mapa para qualquer lugar. Não era isso que ela possuía agora?

Seus ossos cantavam com essa promessa.

Tieren dissera que havia algo nela. Algo não cultivado. Ela não sabia que forma teria, mas estava ansiosa para descobrir. Quer fosse o tipo de magia que percorria em Kell, quer fosse algo diferente, algo novo, Lila sabia de uma coisa:

O mundo era seu.

Os *mundos* eram seus.

E ela pretendia conquistar todos eles.

Seus olhos passearam sobre os navios na margem mais distante do rio, seus cascos cintilantes e mastros entalhados, altos e afiados o suficiente para perfurar as nuvens mais baixas. Bandeiras e velas ondulavam na brisa com seus vermelhos e dourados, bem como verdes, roxos e azuis.

Barcos com estandartes reais e barcos sem eles. Embarcações de outras terras do outro lado de outros mares, perto e longe do horizonte.

E ali, escondido entre eles, ela divisou um navio preto e altivo, com cascos polidos e estandarte prateado, cujas velas eram da cor da noite. Um preto que parecia azulado quando visto sob determinada luz.

Aquele, pensou Lila com um sorriso.

Aquele vai servir.

AGRADECIMENTOS

Pensamos em autores como criaturas solitárias debruçadas sobre o trabalho em quartos claustrofóbicos e ainda assim vazios. E se é verdade que escrever é um caminho percorrido em grande parte na solidão, um livro não é o resultado apenas de uma única mente ou de um único par de mãos, mas sim de muitas e muitos. Agradecer a cada alma seria impossível, mas aqui estão algumas que eu *não* poderia me esquecer de mencionar. Elas são tão responsáveis por este livro quanto eu.

Para minha editora, Miriam, minha parceira no crime, por amar Kell, Lila e Rhy tanto quanto eu mesma. E por me ajudar a construir a fundação desta série de histórias com sangue, sombras e figurinos estilosos. Grandes editores não possuem todas as respostas, mas fazem as perguntas certas. E você é *verdadeiramente* uma grande editora.

Para minha agente, Holly, por ser uma defensora maravilhosa desta pequena e estranha fantasia, mesmo quando a descrevi com piratas, ladrões, reis sádicos e coisas mágicas e violentas. E para meu agente cinematográfico, Jon, por compartilhar cada centímetro da paixão de Holly. Ninguém poderia querer profissionais melhores.

Para minha mãe, por perambular pelas ruas de Londres comigo, seguindo os passos de Kell. E para meu pai, por me levar a sério quando eu contei que estava escrevendo um livro sobre ladras travestidas e homens mágicos em casacos fabulosos. Na verdade, para os dois, por nunca me menosprezarem quando eu disse que queria ser escritora.

Para Lady Hawkins, por caminhar comigo pelas ruas de Edimburgo, e para Edimburgo, por ser mágica por si mesma. Meus ossos pertencem a você.

Para Patricia, por conhecer este livro tão bem quanto eu, e por sempre me emprestar seus olhos capazes, não importa quão cruas estivessem as páginas.

Para Carla e Courtney, as melhores líderes de torcida e as melhores *amigas* que uma autora neurótica e viciada em cafeína poderia ter.

Para a comunidade criativa de Nashville: Ruta, David, Lauren, Sarah, Sharon, Rae Ann, Dawn, Paige e tantos outros, que acolheram minhas ideias com amor, encanto e margaritas.

Para a Tor e para Irene Gallo, Will Staehle, Leah Withers, Becky Yeager, Heather Saunders e todos os outros que ajudaram a tornar este livro pronto para o mundo.

E para meus leitores, tanto os fiéis quanto os novos, porque sem vocês sou apenas uma garota falando sozinha em público.

Isto é para vocês.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Um tom mais escuro de magia

Livros da autora:

<https://www.record.com.br/autores/v-e-schwab/>

Goodreads da autora:

https://www.goodreads.com/author/show/7168230.V_E_Schwab

Site da autora:

<https://www.veschwab.com/>

Twitter da autora:

<https://twitter.com/veschwab>

Instagram da autora:

<https://www.instagram.com/veschwab/?hl=pt>

V.E. SCHWAB



UM
ENCONTRO
DE
SOMBRAS



OS TONS
DE MAGIA
(VOL. II)

UM ENCONTRO DE SOMBRAS

Obras da autora publicadas
pela Editora Record

Série Vilões

Vilão

Vingança

Série Os Tons de Magia

Um tom mais escuro de magia

Um encontro de sombras

Uma conjuração de luz

Série A Guardiã de Histórias

A guardiã de histórias

A guardiã dos vazios

Série A Cidade dos Fantasma

A cidade dos fantasmas

A vida invisível de Addie LaRue

V.E. SCHWAB

OS TONS
DE MAGIA
(VOL. II)

UM ENCONTRO DE SOMBRAS

Tradução de
Ana Carolina Delmas
4ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2021

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S425e

Schwab, V. E.

Um encontro de sombras [recurso eletrônico] / V. E. Schwab ;
tradução Ana

Carolina Delmas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2021.
recurso digital (Os tons de magia ; 2)

Tradução de: A gathering of shadows

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-060-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Delmas, Ana
Carolina. II. Título. III. Série.

21-72832

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Título original norte-americano:

A Gathering of Shadows

Copyright © 2016 by Victoria Schwab

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5981-060-4

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br



*Para aqueles que sonham com
mundos desconhecidos*

*A magia e o mago devem ter equilíbrio entre si.
A magia é o caos. O mago deve ser calmo.
Uma personalidade fraturada é um receptáculo frágil
para o poder, derramando-o sem foco ou razão por
cada rachadura.*

— TIEREN SERENSE,
Sumo sacerdote do Santuário de Londres

SUMÁRIO

UM | LADRA AO MAR

I

II

III

IV

V

DOIS | UM PRÍNCIPE À SOLTA

I

II

III

IV

V

TRÊS | A VIRADA DA MARÉ

I

II

III

IV

V

VI

QUATRO | O CHAMADO DAS LONDRES

I

II

III

IV

V

CINCO | ACOLHIDA REAL

I

II

III

IV

V

VI

VII

SEIS | IMPOSTORES

I

II

III

IV

V

SETE | INTERSEÇÕES

I

II

III

IV

V

OITO | O ESSEN TASCH

I

II

III

IV

V

VI

VII

NOVE | ROTA DE COLISÃO

I

II

III

IV

V

VI

DEZ | CATÁSTROFE

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

AGRADECIMENTOS





UM

**LADRA
AO MAR**

Mar Arnesiano

Delilah Bard tinha um dom para encontrar problemas.

Ela sempre achou que era melhor do que deixar que os problemas *a* encontrassem, mas estar flutuando no oceano em um esquife sem remos, sem avistar terra firme e sem recursos a não ser pelas cordas atando seus pulsos, quase a estava fazendo mudar de ideia.

O céu noturno não tinha luar, e o mar e o céu espelhavam a mesma escuridão estrelada por todos os lados; apenas o ondular da água sob o barco balançando demarcava a diferença entre o que havia em cima e o que estava embaixo. Aquele reflexo infinito normalmente fazia com que Lila se sentisse empoleirada no centro do universo.

Hoje à noite, à deriva, aquilo lhe dava vontade de gritar.

Em vez disso, ela apertou os olhos para enxergar as luzinhas ao longe; somente a tonalidade vermelha distinguia as lanternas do navio do restante das estrelas. Ela observou o navio — o seu navio — mover-se devagar, mas decididamente para longe.

O pânico subiu rastejando por sua garganta, mas ela se manteve firme.

Eu sou Delilah Bard, pensou, conforme as cordas cortavam sua pele. Sou uma ladra, uma pirata e uma viajante. Pisei em três mundos diferentes e sobrevivi. Derramei sangue da realeza e tive a magia em minhas mãos. Um navio cheio de homens não pode fazer o que eu posso. Não preciso de nenhum de vocês.

Eu sou única, caramba.

Sentindo-se devidamente poderosa, recostou-se no barco e contemplou a imensa noite à frente.

Poderia ser pior, pensou, segundos antes de sentir a água gelada lambendo suas botas, olhar para baixo e ver que havia um buraco no barco. Não era assim tão grande, mas o tamanho não era de se menosprezar; um buraco pequeno poderia afundar uma embarcação com a mesma eficácia e talvez até mais rápido.

Lila resmungou e baixou os olhos para a grossa corda amarrada com força em volta de suas mãos, duplamente grata pelos desgraçados terem deixado suas pernas livres, mesmo que ela estivesse presa naquele *vestido* abominável. Uma geringonça verde e imbecil de saia rodada com tule demais e uma cintura tão apertada que ela mal conseguia respirar. *Por que em nome de Deus* as mulheres precisam *fazer* isso com elas mesmas?

A água subiu mais um centímetro no esquite, e Lila se forçou a focar na situação. Ela respirou o pouco de ar que sua roupa permitia e fez um inventário de seu escasso — e cada vez mais encharcado — estoque: um único barril de cerveja (um presente de despedida); três facas (todas escondidas); meia dúzia de sinalizadores (legados dos homens que a deixaram à deriva); o já mencionado vestido (que queimasse no inferno) e os conteúdos da saia e dos bolsos dele (necessários, se ela quisesse triunfar).

Lila pegou um dos sinalizadores — um dispositivo como fogos de artifício que, quando golpeado contra qualquer superfície, produzia um raio de luz colorida. Não uma explosão, mas um feixe constante, forte o suficiente para cortar a escuridão como uma faca. Cada sinalizador deveria durar quinze minutos, e cada cor tinha seu próprio código em alto-mar: amarelo para um navio afundando, verde para uma doença a bordo, branco para um problema desconhecido e vermelho para piratas.

Lila tinha um de cada tipo, e seus dedos dançaram sobre suas extremidades enquanto ela considerava as opções. Ela olhou para a água que subia e parou no sinalizador amarelo, pegando-o com as mãos e batendo-o na lateral do pequeno barco.

A luz explodiu, súbita e ofuscante. Dividiu o mundo em dois, o violento branco-dourado do sinalizador e o denso escuro vazio ao redor. Lila passou meio minuto xingando e piscando para se livrar das lágrimas provocadas pela luminosidade enquanto elevava o sinalizador para longe do rosto. E então começou a contar. Quando seus olhos estavam finalmente se acostumando, o sinalizador falhou, piscou e apagou. Ela examinou o

horizonte à procura de um navio, mas nada viu, e a água no barco continuou a lenta, porém firme, ascensão até a panturrilha de sua bota. Ela pegou um segundo sinalizador — branco para problemas — e bateu na madeira, protegendo os olhos. Contou os minutos conforme passavam, verificando a noite além do barco, procurando sinais de vida.

— Vamos lá — sussurrou. — Vamos lá, vamos lá, vamos lá... — As palavras se perderam no silvo do sinalizador enquanto esse se apagava, deixando-a novamente na escuridão.

Lila rangeu os dentes.

A julgar pelo nível de água em seu pequeno barco, tinha apenas uns quinze minutos — o tempo de um sinalizador — antes de realmente correr o risco de afundar.

Então algo serpenteou ao longo do esquite de madeira. Algo com dentes.

Se existe um Deus, pensou, um corpo celestial, um poder divino ou alguém acima — ou abaixo — que possa querer me ver viver outro dia, por pena ou por diversão, agora seria uma boa hora de intervir.

E, assim, puxou o sinalizador vermelho — aquele para piratas — e o golpeou, banhando a noite à sua volta em uma estranha luz carmesim. Isso a fez lembrar por um instante do rio Atol, lá em Londres. Não na *sua* Londres — se aquele lugar lúgubre algum dia fora dela — ou da aterrorizantemente pálida Londres responsável por Athos, Astrid e Holland, mas a Londres *dele*. A Londres de Kell.

Ele apareceu em sua visão como um sinalizador, o cabelo castanho avermelhado e o cenho constantemente franzido fazendo uma ruga entre os olhos: um azul, outro preto. *Antari*. Garoto mágico. Príncipe.

Lila olhou diretamente para a luz vermelha do sinalizador até tirar a imagem de sua cabeça. Ela tinha preocupações mais urgentes no momento. A água continuava subindo. O sinalizador estava apagando. Sombras resvalavam no barco.

Assim que a luz vermelha do sinalizador de piratas começou a falhar, ela viu.

Começou como um nada — um fiapo de névoa na superfície do mar —, mas logo a neblina se transformou no fantasma de um navio. O casco escuro polido e as velas pretas reluzentes refletiam a noite por todos os lados, e as lanternas a bordo eram pequenas e incolores o suficiente para

se passarem por estrelas. Somente quando se aproximou o bastante para que a luz vermelha e quase extinta do sinalizador dançasse pelas superfícies refletoras foi que o navio entrou em foco. E nesse momento já estava quase em cima dela.

Sob o brilho crepitante do sinalizador, Lila pôde distinguir o nome do navio, marcado com uma pintura cintilante ao longo do casco. *Is Ranes Gast*.

Copper Thief.

Os olhos de Lila se arregalaram de perplexidade e alívio. Ela abriu um sorriso pequeno, secreto, e então enterrou a expressão sob algo mais apropriado — uma expressão em algum lugar entre a gratidão e a súplica, com um traço de esperança cautelosa.

O sinalizador oscilou e apagou, mas o navio estava ao seu lado agora, perto o suficiente para que ela visse os rostos dos homens inclinados sobre a amurada.

— *Tosa!* — gritou ela em arnesiano, colocando-se de pé com cuidado para não balançar o pequeno barco condenado.

Socorro. A vulnerabilidade nunca tinha sido algo natural para Lila, mas ela fez o possível para representá-la enquanto os homens a olhavam, amontoados ali diante de seu pequeno barco inundado, com os pulsos atados e o vestido verde encharcado. Ela se sentiu ridícula.

— *Kers la?* — perguntou um deles, mais para os outros do que para ela. *O que é isso?*

— Um presente? — falou outro.

— Vocês vão ter que dividir — resmungou um terceiro.

Alguns dos outros homens disseram coisas menos agradáveis, e Lila se retesou, grata por seus sotaques estarem muito abafados pelo barulho das ondas do mar para que ela entendesse todas as palavras, mesmo captando seu significado.

— O que você está fazendo aí embaixo? — perguntou um deles, sua pele tão escura que seus contornos se confundiam com a noite.

Seu arnesiano ainda estava longe de ser ótimo, mas quatro meses no mar, cercada por pessoas que não falavam inglês, certamente o haviam melhorado.

— *Sensan* — respondeu Lila, *afundando*, o que mereceu uma risada da tripulação. Eles, contudo, pareciam não ter pressa em tirá-la dali. Lila

ergueu as mãos para que pudessem ver a corda. — Uma ajuda seria útil — disse lentamente, as palavras ensaiadas.

— Estou vendo — disse o homem.

— Quem joga fora uma coisinha bonitinha dessas? — interrompeu outro.

— Talvez ela esteja muito usada.

— Nah.

— Ei, garota! Você está inteirinha?

— Melhor deixar a gente ver!

— Que gritaria é essa? — ressoou uma voz, e, um instante depois, um homem extremamente magro, com olhos fundos e cabelos pretos puxados para trás apareceu na lateral do navio. Os outros se afastaram em deferência quando ele pegou a amurada de madeira e olhou para Lila. Seus olhos a percorreram por inteiro, o vestido, a corda, o barril, o barco.

O capitão, apostou ela.

— Você parece estar em apuros — disse ele. Não levantou a voz, mas ela ainda assim chegou até Lila; o sotaque arnesiano acentuado, mas o que dizia era compreensível.

— Que perspicaz — respondeu Lila antes que pudesse se conter. A insolência era um risco, mas não importava onde ela estivesse, se havia uma coisa que sabia era como ler um alvo. Como era de se esperar, o homem magro sorriu. — Meu navio foi roubado — continuou ela. — E o novo não vai durar muito, e, como você pode ver...

Ele a interrompeu.

— Não seria mais fácil conversar se a senhorita subisse aqui?

Lila concordou com uma pontada de alívio. Ela estava começando a temer que eles navegassem para longe e a deixassem para se afogar. O que, a julgar pelos tons lascivos da tripulação e olhares ainda mais libidinosos, poderia realmente ser a melhor opção. Ali embaixo, porém, ela nada tinha, e lá em cima havia uma chance.

Uma corda foi jogada pela lateral; o nó caiu na água ascendente, perto dos seus pés. Ela segurou e usou-a para guiar o barco para perto da lateral do navio, onde havia sido baixada uma escada; antes que pudesse se levantar, no entanto, dois homens desceram e pularam no barco ao lado dela, fazendo com que ele afundasse *consideravelmente* mais rápido. Nenhum dos dois parecia incomodado. Um deles se ocupou em levantar o

barril de cerveja e o outro, para grande consternação de Lila, começou a *carregá-la*. Atirou-a sobre o ombro, e foi preciso cada miligrama do seu autocontrole — que nunca tinha sido abundante — para ela não enterrar uma faca nas costas dele, especialmente quando as mãos dele começaram a subir pela saia.

Lila cravou as unhas nas palmas das próprias mãos e, no momento em que o homem finalmente a colocou no convés do navio ao lado do barril à espera para ser aberto (“Ela é mais pesada do que parece”, murmurou ele, “e menos macia do que deveria...”), marcara oito pequenas meias-luas em sua pele.

— Filho da mãe — rosnou Lila em inglês, baixinho. Ele deu uma piscadela e murmurou algo sobre ela ser macia onde importava, e Lila jurou matá-lo. Lentamente.

Então ela se endireitou e viu-se parada diante de um círculo de marinheiros.

Não, não marinheiros, evidentemente.

Piratas.

Encardidos, manchados pelo mar e descorados pelo sol, suas peles escurecidas e suas roupas desbotadas, cada um com uma faca tatuada na garganta. A marca dos piratas do *Copper Thief*. Ela contou sete ao seu redor, cinco trabalhando nos equipamentos e nas velas, e presumiu que devia haver outra meia dúzia sob o convés. Dezoito. Arredondando para vinte.

O homem magro rompeu o círculo e deu um passo à frente.

— *Solase* — disse ele, abrindo os braços. — O que meus homens têm em ousadia lhes falta em boas maneiras. — Ele levou as mãos aos ombros do vestido verde. Havia sangue sob as unhas. — Você está tremendo.

— Eu tive uma noite difícil — respondeu Lila, torcendo, enquanto examinava o violento grupo, para que não estivesse prestes a piorar.

O homem magro sorriu, sua boca surpreendentemente cheia de dentes.

— *Anesh* — falou ele —, mas agora você está em boas mãos.

Lila conhecia o suficiente sobre a tripulação do *Copper Thief* para saber que era mentira, mas fingiu ignorância.

— De quem seriam essas mãos? — perguntou ela quando a figura esquelética pegou seus dedos e pressionou os lábios rachados nos nós deles, ignorando a corda ainda atada firmemente nos pulsos dela.

— Baliz Kasnov — disse ele. — Ilustre capitão do *Copper Thief*.

Perfeito. Kasnov era uma lenda no mar Arnesiano. Sua tripulação era pequena, porém ágil, e tinha uma propensão a embarcar navios e cortar gargantas nas horas mais escuras da madrugada, fugindo com a carga e deixando os mortos para trás para apodrecer. Ele podia parecer desnutrido, mas era um suposto glutão por tesouros, especialmente o tipo consumível, e Lila sabia que o *Copper Thief* estava navegando para a costa setentrional de uma cidade chamada Sol, na esperança de emboscar os donos de um navio particularmente grande transportando bebidas finas.

— Baliz Kasnov — disse ela, pronunciando o nome como se nunca o tivesse ouvido.

— E a senhorita é? — pressionou ele.

— Delilah Bard — respondeu ela. — Ex-tripulante do *Peixe Dourado*.

— Ex? — instigou Kasnov conforme seus homens, obviamente impacientes pelo fato de ela ainda estar vestida, começavam a bater no barril. — Bem, senhorita Bard — disse ele, unindo seu braço ao dela com um ar conspiratório. — Por que você não me conta como foi parar naquele pequeno barco? O mar não é lugar para uma linda jovem como você.

— *Vaskens* — falou ela, *piratas*, como se não soubesse que a palavra se aplicava à sua presente companhia. — Eles roubaram meu navio. Foi um presente do meu pai, de casamento. Nosso destino era navegar em direção a Faro, e partimos duas noites atrás, mas eles vieram do nada, invadiram o *Peixe Dourado*... — Ela havia praticado o discurso; não apenas as palavras, como também as pausas. — Eles... Eles mataram meu marido. Meu capitão. A maior parte da minha tripulação. — Nesse momento Lila abandonou o idioma arnesiano e voltou para o seu. — Aconteceu tão rápido... — Ela se interrompeu, como se o deslize tivesse sido acidental.

Mas a atenção do capitão foi fisgada, como um peixe no anzol.

— De onde você é?

— Londres — disse Lila, deixando o sotaque aparecer. Um burburinho percorreu o grupo. Ela continuou, com a intenção de terminar sua história. — O *Peixe* era pequeno — contou —, mas precioso. Carregado com um mês de suprimentos. Comida, bebida... dinheiro. Como eu disse, era um presente. E agora se foi.

Mas não se fora realmente, ainda não. Ela olhou para trás por sobre a amurada. O navio era um borrão de luz no horizonte distante. Havia interrompido sua retirada e parecia estar esperando. Os piratas seguiram o olhar de Lila com olhos vorazes.

— Quantos homens? — perguntou Kasnov.

— O suficiente — respondeu ela. — Sete? Oito?

Os piratas sorriram avidamente, e Lila sabia o que estavam pensando. Eles tinham mais que o dobro desse contingente e um navio que se camuflava como uma sombra no escuro. Se pudessem pegar a recompensa flutuante... Ela pôde sentir os olhos fundos de Baliz Kasnov examinando-a. Lila olhou para ele e se perguntou se ele poderia fazer qualquer magia. A maioria dos navios era protegida por um punhado de feitiços — coisas para tornar suas vidas mais seguras e mais práticas —, mas ela se surpreendera ao descobrir que a maioria dos homens que conheceu no mar tinha pouca inclinação para as artes elementais. Alucard dissera que a proficiência mágica era uma destreza valiosa, e que a verdadeira habilidade normalmente rendia um emprego lucrativo em terra. Os magos no mar quase sempre se concentravam nos elementos de relevância — água e vento —, mas poucas mãos conseguiam virar a maré, e, no fim, a maioria ainda preferia o bom e velho aço. O que Lila certamente podia apreciar, tendo no momento várias peças escondidas em sua pessoa.

— Por que pouparam você? — perguntou Kasnov.

— Pouparam? — desafiou Lila.

O capitão lambeu os lábios. Ele já havia decidido o que fazer a respeito do navio, ela sabia; agora estava decidindo o que fazer com ela. Os tripulantes do *Copper Thief* não tinham reputação de serem misericordiosos.

— Baliz... — disse um dos piratas, um homem com a pele mais escura do que o restante. Ele apertou o ombro do capitão e sussurrou em seu ouvido. Lila só conseguiu distinguir algumas das palavras murmuradas. *Londrinos. Ricos. E resgate.*

Um sorriso lento se abriu nos lábios do capitão.

— *Anesh* — falou ele, com um aceno de cabeça. E então, para toda a tripulação reunida: — Levantar velas! Curso sul por oeste! Temos um peixe dourado para pegar.

Os homens retumbaram sua aprovação.

— Minha senhora — disse Kasnov, conduzindo Lila em direção aos degraus. — Você teve uma noite difícil. Deixe-me lhe mostrar meus aposentos, onde certamente ficará mais confortável.

Atrás dela, Lila ouviu os sons do barril sendo aberto e da cerveja sendo servida, sorrindo enquanto o capitão a conduzia por sob o convés.

* * *

Kasnov não demorou a sair, graças a Deus.

Ele a depositou em seus aposentos, a corda ainda nos pulsos, e desapareceu novamente, trancando a porta atrás dele. Para seu alívio, ela só tinha visto três homens sob o convés. Isso significava quinze a bordo do *Copper Thief*.

Lila se encarapitou na borda da cama do capitão e contou até dez, vinte e trinta, enquanto os degraus rangiam acima e o navio se inclinava em direção à sua própria embarcação em fuga. Eles nem sequer se preocuparam em revistá-la à procura de armas, o que Lila achou um pouco presunçoso, conforme tirava uma lâmina da bota e, com um único gesto praticado, girava o cabo e cortava as cordas. Elas caíram no chão e Lila esfregou os pulsos, cantarolando para si mesma. Uma canção de marinheiros sobre o Sarows, um fantasma que dizem assombrar navios rebeldes à noite.

Como se sabe quando o Sarows está chegando?

(Está chegando está chegando está chegando a bordo?)

Lila puxou o tecido da cintura do vestido com as mãos e o rompeu; a saia rasgou, revelando as calças pretas justas — com coldres que seguravam uma faca acima de cada joelho até se enfiarem nas botas. Ela pegou a lâmina e deslizou-a em direção ao espartilho nas costas, cortando as fitas para que pudesse respirar.

Quando o vento para de soprar, mas ainda canta em seus ouvidos,

(Em seus ouvidos em sua cabeça em seu sangue em seus ossos.)

Ela jogou a saia verde na cama e cortou-a da bainha até a cintura esfarrapada. Escondidos entre os tules havia meia dúzia de paus finos que passavam por barbatanas e sinalizadores, mas não eram nem um nem outro. Ela deslizou a lâmina de volta na bota e libertou as estacas.

*Quando a corrente para, mas o navio continua à deriva,
(Flutua à deriva flutua para longe, sozinho.)*

Lá em cima, Lila ouviu um baque, como peso morto. E então outro e mais outro, conforme a cerveja fazia efeito. Ela pegou um pedaço de pano preto, esfregou carvão em um dos lados e o amarrou sobre o nariz e a boca.

*Quando a lua e as estrelas se escondem da escuridão,
(Porque a escuridão não é nada vazia, não.)
(Porque a escuridão não é nada vazia.)*

A última coisa que Lila tirou de dentro das dobras da saia verde foi sua máscara. Uma peça de couro preto, simples a não ser pelos chifres que se curvavam com uma graça estranha e ameaçadora sobre a testa. Lila colocou a máscara sobre o nariz e amarrou-a no lugar.

*Como se sabe quando o Sarows está chegando?
(Está chegando está chegando está chegando a bordo?)*

Um espelho, já desgastado pelo tempo, estava encostado no canto da cabine do capitão, e ela viu seu reflexo enquanto ouvia passos na escada.

*Por que não se vê e não vê e não o verá chegando,
(Não o verá chegando jamais.)*

Lila sorriu por trás da máscara. E então se virou e pressionou as costas contra a parede. Golpeou as pequenas estacas contra a madeira, da mesma forma como fizera com os sinalizadores, mas, diferentemente deles, nenhuma luz se derramou, apenas verteram nuvens de fumaça pálida.

Um instante depois, a porta dos aposentos do capitão se abriu, mas os piratas chegaram tarde demais. Ela jogou as estacas de fumaça no cômodo e ouviu passos virarem tropeços, e os homens tossirem antes de a fumaça drogada os derrubar.

Dois a menos, pensou Lila, pisando em seus corpos.

Faltam só treze.

II

Ninguém conduzia o navio.

Ele havia se inclinado nas ondas e agora quebrava contra elas, recebendo golpes pelo lado em vez de pela frente, de modo que a coisa toda balançava de forma desagradável sob os pés de Lila.

Ela chegou a meio caminho da escada antes de o primeiro pirata cruzar seu caminho. Ele era enorme, mas seus passos desaceleraram e ficaram desajeitados por causa da droga dissolvida na cerveja. Lila se desvencilhou e acertou-o no esterno com a bota, fazendo-o bater na parede com força suficiente para quebrar alguns ossos. Ele gemeu e deslizou para as tábuas de madeira, metade de um xingamento nos lábios antes de a ponta da bota de Lila encontrar sua mandíbula. A cabeça girou para os lados, depois se inclinou sobre o peito.

Doze.

Passos ecoaram lá em cima. Ela acendeu outra estaca e jogou-a nos degraus quando mais três homens apareceram sob o convés. O primeiro viu a fumaça e tentou retroceder, mas o impulso do segundo e terceiro barrou sua retirada, e logo os três estavam tossindo, ofegando e caindo pela escada de madeira.

Nove.

Lila cutucou o mais próximo com a ponta da bota, passou por cima dele e então subiu os degraus. Ela parou na beirada do convés, escondida na sombra da escada, e procurou sinais de vida. Quando não viu nenhum, afastou o pano sujo de carvão da boca, respirando fundo o ar gélido de inverno antes de sair para a noite. Os corpos estavam espalhados pelo convés. Contou-os enquanto caminhava, diminuindo cada um da quantidade de piratas a bordo.

Oito.

Sete.

Seis.

Cinco.

Quatro.

Três.

Dois.

Lila parou, olhando para os homens. Então, por cima da amurada, algo se moveu. Ela tirou uma das facas da bainha na coxa — uma de suas favoritas, uma lâmina grossa com um cabo modelado em forma de soco-inglês — e caminhou em direção à forma vacilante, cantarolando enquanto andava.

Como se sabe quando o Sarows está chegando?

(Está chegando está chegando está chegando a bordo?)

O homem estava rastejando pelo chão do convés, o rosto inchado por causa da cerveja drogada. Em um primeiro momento, Lila não o reconheceu. Então ele olhou para cima e ela percebeu que era o homem que a carregara a bordo. Aquele com as mãos bobas. Aquele que tinha falado sobre encontrar seus lugares macios.

— Vadia estúpida — murmurou ele em arnesiano.

Era quase difícil compreendê-lo através da respiração ofegante. A droga não era letal, pelo menos não em doses baixas (ela não tinha exatamente economizado na quantidade inserida no barril), mas fazia inchar as veias e as vias aéreas, privando o corpo de oxigênio até a vítima desmaiar.

Olhando para o pirata agora, com o rosto inchado, os lábios roxos e exalando o ar de forma entrecortada, ela supôs que talvez tivesse sido muito generosa demais com a quantidade. O homem estava tentando — sem sucesso — se levantar. Lila se abaixou, enredou os dedos da mão livre na gola da camisa dele e o ajudou a se pôr de pé.

— Do que você me chamou? — perguntou ela.

— Eu disse — ofegou ele — vadia... estúpida. Você vai pagar... por isso. Eu vou...

Ele nunca terminou. Lila deu-lhe um forte empurrão e ele tombou sobre a amurada, caindo direto no mar.

— Mostre algum respeito pelo Sarows — murmurou ela, observando-o flutuar por um instante e depois desaparecer sob a superfície da maré.

Um.

Lila ouviu as tábuas gemerem atrás dela e conseguiu pegar a faca um segundo antes de a corda ser enrolada em volta de sua garganta. Fibras grossas arranharam seu pescoço antes de ela cortá-las, e se libertar. Quando o fez, cambaleou para a frente e girou para encontrar o capitão do *Copper Thief*, seus olhos astutos, seus passos resolutos.

Baliz Kasnov não tinha compartilhado a cerveja com sua tripulação.

Ele jogou os pedaços de corda para o lado, e Lila apertou a faca ao se preparar para a luta, mas o capitão não sacou nenhuma arma. Em vez disso, estendeu as mãos à frente, as palmas voltadas para cima.

Lila inclinou a cabeça, os chifres da máscara apontando para ele.

— Você está se rendendo? — perguntou ela.

Os olhos escuros do capitão cintilaram, e sua boca se contraiu. À luz da lanterna, a tatuagem de faca em sua garganta parecia reluzir.

— Ninguém rouba o *Copper Thief* — declarou ele.

Seus lábios se moveram e seus dedos se contraíram quando as chamas saltitaram sobre eles. Lila olhou para baixo, viu a marca destruída aos seus pés e soube o que ele estava prestes a fazer. A maioria dos navios era protegida contra o fogo, mas ele havia quebrado o feitiço. Ele pulou para a vela mais próxima, Lila girou a lâmina em sua mão, e então a arremessou. O equilíbrio da faca era precário por causa do punho pesado, e ela o atingiu no pescoço em vez de na cabeça. Ele caiu para a frente, as mãos projetadas para aparar a queda, o fogo conjurado encontrando um rolo de corda em vez das velas.

O fogo se manteve, mas o próprio corpo de Kasnov abafou a maior parte quando o pirata caiu. O sangue que escorria do pescoço o extinguiu ainda mais. Apenas pequenas chamas persistiram, mastigando seu caminho cordas acima. Lila estendeu a mão para o fogo; quando fechou os dedos em punho, as chamas morreram.

Ela sorriu e recuperou sua faca favorita do pescoço do capitão morto, limpando o sangue da lâmina nas roupas dele. Estava embainhando-a

novamente quando ouviu um assobio; olhou para cima e viu seu navio, o *Night Spire*, parando ao lado do *Copper Thief*.

Os homens haviam se reunido ao longo da amurada, e ela cruzou a extensão do *Thief* para cumprimentá-los, empurrando a máscara para o alto da testa. A maioria dos homens estava de cenho franzido, mas no centro havia uma figura alta, portando uma faixa preta e um sorriso divertido, os cabelos castanhos avermelhados puxados para trás e uma safira na testa. Alucard Emery. O capitão dela.

— *Mas aven* — resmungou o primeiro imediato, Stross, incrédulo.

— Não é possível, caramba — disse o cozinheiro, Olo, examinando os corpos espalhados pelo convés.

Tanto Vasry Formoso quanto Tavestronask (que atendia simplesmente por Tav) aplaudiram, Kobis observou com os braços cruzados, e Lenos permaneceu boquiaberto como um peixe.

Lila ficou satisfeita com a mistura de perplexidade e aprovação conforme ia até a amurada e abria os braços.

— Capitão — falou ela alegremente. — Parece que tenho um navio para você.

Alucard sorriu.

— É o que parece.

Uma prancha foi colocada entre as duas embarcações e Lila andou habilmente por ela, sem olhar nem uma vez para baixo. Ela pousou no convés do *Night Spire* e se virou para o jovem esguio com olheiras como se nunca dormisse.

— Pode pagar, Lenos.

Ele franziu a testa.

— Capitão — implorou ele, com uma risada nervosa.

Alucard deu de ombros.

— Vocês fizeram a aposta — disse ele. — Você e Stross — acrescentou, acenando com a cabeça para o seu primeiro imediato, um homem bruto de barba. — Ideia e dinheiro de vocês.

E eles apostaram, sim. Lógico, Lila se vangloriara de que conseguiria roubar o *Copper Thief* sozinha, mas foram eles que decidiram apostar que ela não conseguiria. Levava quase um mês para comprar uma quantidade suficiente de droga para as estacas e a cerveja, um pouco cada vez que o navio atracava. Valera a pena.

— Mas foi um truque! — retrucou Lenos.

— Idiotas — falou Olo, com a voz grave e trovejante.

— Ela claramente planejou isso — resmungou Stross.

— É — disse Lenos. — Como é que a gente ia saber que ela estava *planejando* tudo?

— Deveriam saber que é melhor não apostar com Bard, para começo de conversa. — Alucard encontrou o olhar dela e deu uma piscadela. — Regras são regras, e a menos que vocês queiram ficar com os corpos naquele navio quando terminarmos, sugiro que paguem à minha ladra o que lhe é devido.

Stross puxou a carteira do bolso.

— Como você fez isso? — exigiu ele, empurrando a carteira nas mãos dela.

— Não importa — retrucou Lila, pegando o dinheiro. — O que importa é que fiz.

Lenos já ia abdicar da própria carteira, quando Lila balançou a cabeça.

— Não foi isso que eu apostei, e você sabe disso.

Lenos começou a se encolher ainda mais do que o normal, enquanto soltava a lâmina do antebraço.

— Você já não tem facas demais? — resmungou, os lábios projetados para a frente em um beicinho.

O sorriso de Lila se alargou.

— Facas nunca são demais — afirmou ela, fechando os dedos ao redor da lâmina. *Além disso*, ela pensou, *esta é especial*. Ela vinha cobiçando a arma desde que vira Lenos usá-la pela primeira vez, em Korma.

— Vou ganhá-la de volta de você — resmungou ele.

Lila deu um tapinha em seu ombro.

— Você pode tentar.

— *Anesh!* — ressoou Alucard, batendo com a mão na prancha. — Chega de ficar sem fazer nada, Spires, temos um navio para saquear. Peguem tudo. Quero que aqueles desgraçados acordem sem nada nas mãos, a não ser os próprios paus.

Os homens aplaudiram, e Lila riu sem querer.

Ela nunca conhecera um homem que amasse seu trabalho mais do que Alucard Emery. Ele o saboreava da mesma forma que as crianças se deleitam com um jogo, do mesmo modo que homens e mulheres se

deliciam em atuar, jogando-se em suas peças com alegria e abandono. Havia uma medida de teatralidade em tudo o que Alucard fazia. Ela se perguntou quantos outros papéis ele poderia interpretar. Perguntava-se qual, se é que havia algum, *não* era um personagem, mas o ator.

Os olhos dele encontraram os dela na escuridão. Eram uma tempestade de azul e cinza, às vezes brilhante e outras, quase incolor. Ele inclinou a cabeça na direção de seus aposentos sem dizer uma palavra, e ela o seguiu.

A cabine de Alucard tinha o cheiro de sempre, de vinho de verão, lençóis limpos e brasas se extinguindo. Ele gostava de coisas boas, isso era óbvio, mas, ao contrário de colecionadores ou ostentadores, que colocam seus ornamentos em exibição apenas para serem vistos e invejados, todos os luxos de Alucard pareciam absolutamente bem-aproveitados.

— Então, Bard — indagou ele, passando para o inglês assim que eles se viram sozinhos. — Vai me dizer como conseguiu?

— Que graça teria isso? — desafiou ela, afundando em uma das duas cadeiras de espaldar alto diante da lareira, onde ardia um fogo pálido, como sempre, e dois copos de aperitivo estavam apoiados na mesa, esperando para receber seu conteúdo. — Os mistérios são sempre mais emocionantes do que a realidade.

Alucard andou até a mesa e pegou uma garrafa, enquanto sua gata branca, Esa, apareceu e se esfregou na bota de Lila.

— Você é feita de algo *além* de mistérios?

— Houve apostas? — perguntou ela, ignorando tanto ele quanto a gata.

— Sim, evidentemente — respondeu ele, tirando a rolha da garrafa. — Todo tipo de pequenas apostas. Se você se afogaria, se o *Thief* iria mesmo apanhá-la, se encontraríamos os seus restos caso eles a apanhassem... — Ele derramou um líquido âmbar nos copos e ofereceu para Lila. Ela o aceitou e, enquanto o fazia, ele arrancou a máscara de chifres da cabeça dela, atirando-a sobre a mesa entre eles. — Foi uma performance impressionante — disse ele, afundando na própria cadeira. — Aqueles a bordo que não a temiam antes da noite de hoje certamente a temem agora.

Lila olhou para o copo da mesma forma como alguns olhavam fixamente para o fogo.

— Havia alguém a bordo que não me temia? — perguntou ela, maliciosamente.

— Alguns deles ainda a chamam de Sarows, sabia? — divagou ele. — Quando você não está por perto. Falam num sussurro, como se pensassem que você pode ouvir.

— Talvez eu possa. — Ela rolou o copo por entre os dedos.

Não houve nenhuma réplica inteligente. Ela olhou por cima do copo e viu Alucard observando-a, como ele sempre fazia, examinando seu rosto da mesma maneira que os ladrões vasculham bolsos, tentando encontrar alguma coisa.

— Bem — falou ele, finalmente, erguendo o copo —, ao que devemos brindar? Ao Sarows? A Baliz Kasnov e seus tolos de cobre? A capitães bonitos e navios elegantes?

Mas Lila sacudiu a cabeça.

— Não — disse ela, erguendo o copo com um sorriso astuto. — À melhor ladra.

Alucard riu, suavemente e sem emitir som.

— À melhor ladra — repetiu ele.

E então ele inclinou seu copo para o dela, e ambos beberam.

III

Quatro Meses Atrás Londres Vermelha

Ir embora tinha sido fácil.

Não olhar para trás foi mais difícil.

Lila sentira Kell a observando enquanto se afastava, parando apenas quando ela estava fora de vista. Estava sozinha, de novo. *Livre*. Para ir a qualquer lugar. Ser quem quisesse. À medida que a luz diminuía, contudo, sua coragem começou a vacilar. A noite arrastou-se pela cidade e ela passou a se sentir menos como uma conquistadora e mais como uma garota sozinha em um mundo estranho sem entender a língua e com nada nos bolsos, exceto pelo presente de despedida de Kell (um conjunto de elementos), seu relógio de prata e o punhado de moedas que ela tinha apanhado de um guarda do palácio antes de sair.

Ela já havia possuído menos, com certeza, mas também já tivera mais.

E sabia o suficiente para reconhecer que não iria longe, não sem um navio.

Abria e fechava o relógio de bolso com cliques, observando os contornos das embarcações ondulando no rio, o brilho vermelho do Atol mais demarcado na escuridão que se instaurava. Tinha olhos para um navio em particular; havia ficado observando, cobiçando, o dia todo. Era um navio esplêndido, seu casco e mastros esculpidos em madeira escura e decorados com prata, suas velas mudando do azul-marinho para o preto, de acordo com a luz. Um nome corria ao longo de seu casco — *Saren Noche* —, e mais tarde ela descobriria que significava *Night Spire*, ou “pináculo noturno”. Por enquanto Lila só sabia que o queria. Mas ela não poderia simplesmente invadir um navio totalmente tripulado e reivindicá-lo como

seu. Ela era boa, mas não tão boa. E havia o triste fato de que *tecnicamente* Lila não sabia como navegar. Então ela encostou-se a um muro de pedra lisa, seu traje preto misturando-se às sombras, e observou, o balanço suave do barco e o barulho do Mercado Noturno mais acima da margem, induzindo-a a uma espécie de transe.

Um transe que se quebrou quando meia dúzia de homens irrompeu pelo convés do navio e desceu pela prancha com suas botas pesadas, moedas tilintando nos bolsos e gargalhadas estridentes. O navio estivera se preparando para o mar o dia inteiro, e os homens tinham um entusiasmo maníaco que só podia ser o de uma última noite em terra. Pareciam ávidos para desfrutá-la. Um deles começou uma canção e os demais acompanharam, levando a música com eles em direção às tavernas.

Lila fechou o relógio de bolso com força, afastou-se da parede e os seguiu.

Ela não tinha disfarce, só suas roupas, que eram de corte masculino, os cabelos escuros, que caíam nos olhos, e suas próprias feições, que exibiu de um jeito fechado. Baixando o tom de voz, esperava poder passar por um jovem esbelto. Máscaras podiam ser usadas em becos escuros e bailes de máscaras, mas não em tavernas. Não sem atrair mais atenção do que valia a pena.

Os homens à frente desapareceram dentro de um estabelecimento. O lugar não tinha um nome que deixasse óbvio do que se tratava, mas a placa acima da porta era feita de metal, um cobre cintilante que girava e ondulava ao redor de uma bússola de prata. Lila arrumou o casaco, levantou o colarinho e entrou.

O cheiro a atingiu em cheio.

Não podre ou mofado, como as tavernas do cais que ela conhecera, ou o cheiro perfumado, como o palácio real vermelho, mas cálido, simples e acolhedor, o aroma de guisado fresco misturando-se com os filetes de fumo de cachimbo e o sal distante do mar.

Chamas crepitavam em lareiras nos cantos, e o bar não ficava ao longo de uma parede, mas no centro do ambiente, um círculo de metal que imitava a bússola da porta. Era uma peça de artesanato incrível, uma única peça de prata, os raios apontando para as quatro lareiras.

Era uma taverna de marinheiros diferente de qualquer outra que ela já tinha visto, com quase nenhuma mancha de sangue nos assoalhos ou brigas

que ameaçavam terminar na rua. A Barren Tide, na Londres de Lila — não, não a dela, não mais —, tinha servido a uma multidão muito mais rude, mas aqui metade dos homens usava as cores reais, claramente a serviço da coroa. O resto era uma grande mistura, mas nenhum tinha a aparência abatida e os olhos famintos do desespero. Muitos — como os homens que ela havia seguido — estavam bronzeados e tinham a pele curtida, mas mesmo suas botas pareciam polidas, e suas armas, bem-embainhadas.

Lila deixou o cabelo cair na frente do olho cego, adotou uma postura arrogante, mas reservada, e caminhou até o balcão.

— *Avan* — disse o barman, um homem magro com olhos amigáveis. Uma lembrança a atingiu, de Barron, da Stone's Throw, com sua calidez sisuda e sua calma impassível, mas ela ergueu a guarda antes que o golpe pudesse atingi-la. Sentou-se em um banquinho e o barman fez-lhe uma pergunta, e mesmo que não entendesse as palavras, adivinhou o significado delas. Bateu com o indicador no copo quase vazio de uma bebida ao lado dela, e o homem se virou para buscar o pedido. Apareceu um instante depois com uma bela e espumante cerveja da cor da areia, e Lila tomou um longo e tranquilizante gole.

A um quarto de volta ao redor do balcão, um homem estava brincando distraidamente com suas moedas, e levou um instante para Lila perceber que ele não estava realmente tocando nelas. O metal circulava em torno dos dedos e sob as palmas das mãos dele, como por magia, e logicamente era isso mesmo. Outro homem, do outro lado, estalou os dedos e acendeu o cachimbo com a chama que pairava na ponta do próprio polegar. Os gestos não a assustaram, e ela se maravilhou com aquilo; apenas uma semana neste mundo e parecia mais natural para ela do que a Londres Cinza jamais fora.

Ela se virou em seu assento e localizou os homens do *Night Spire*, agora espalhados pelo salão. Dois conversando ao lado de uma lareira, um sendo atraído por uma mulher bem-dotada para a sombra mais próxima, três se preparando para jogar cartas com um casal de marinheiros trajando vermelho e dourado. Um dos homens do grupo de três atraiu a atenção de Lila, não porque ele fosse particularmente bonito — era, na verdade, muito feio, pelo que ela podia ver sob a mata de pelos em seu rosto —, mas porque estava trapaceando.

Pelo menos, ela *achava* que ele estivesse roubando. Não podia ter certeza, uma vez que o jogo parecia ter poucas regras. Ainda assim, ela tinha certeza de que o tinha visto guardar uma carta e apresentar outra. A mão dele era rápida, mas não tão rápida quanto os olhos dela. Lila sentiu o desafio comichando em seus nervos conforme o olhar dela passava dos dedos do homem para o banquinho baixo em que ele estava sentado, onde a bolsa dele descansava na madeira. A bolsa estava amarrada ao seu cinto por uma correia de couro e parecia pesada e cheia de moedas. A mão de Lila deslizou até o quadril, onde uma faca curta e afiada estava embainhada. Ela a tirou dali.

Imprudente, sussurrou uma voz em sua cabeça, e ela ficou bastante desconcertada ao perceber que a voz que uma vez soara como Barron agora soava como Kell. Ela a descartou, seu sangue fervilhando com o risco, mas parou bruscamente quando o homem se virou e olhou diretamente para ela — não, não para ela, para o barman logo atrás. Ele gesticulou para a mesa com o sinal universal de *traga mais bebidas*.

Lila terminou sua cerveja e deixou cair algumas moedas no balcão, observando enquanto o barman servia a rodada de bebidas em uma bandeja e um segundo homem aparecia para levar o pedido até a mesa.

Ela viu sua chance e se levantou.

O salão pareceu girar um pouco pelo efeito da cerveja, a bebida mais forte do que ela estava acostumada, mas rapidamente voltou ao normal. Ela seguiu o homem com a bandeja, seus olhos fixos na porta mais adiante mesmo quando sua bota pegou o calcanhar dele. O homem tropeçou e conseguiu manter o equilíbrio, mas não o da bandeja; bebidas e copos caíram para a frente sobre a mesa, varrendo metade das cartas para o chão em uma onda de cerveja derramada. O grupo irrompeu, xingando, gritando e se levantando, tentando salvar moedas e roupas, e quando o pesaroso criado se voltou para ver quem tropeçara nele, a bainha do casaco preto de Lila já desaparecia pela porta.

* * *

Lila perambulou pela rua, a bolsa roubada do jogador pendurada em uma das mãos. Para ser uma boa ladra não era preciso apenas ter dedos rápidos.

Era preciso transformar situações em oportunidades. Ela levantou a bolsa, avaliando-a, e sorriu com o peso. Seu sangue cantou, triunfante.

E então, atrás dela, alguém gritou.

Ela se virou e deu de cara com o sujeito barbudo que acabara de roubar. Nem se deu ao trabalho de negar — não sabia o suficiente de arnesiano para tentar, e a bolsa ainda estava pendurada em seus dedos. Em vez disso, ela guardou o fruto do roubo e se preparou para uma briga. O homem tinha o dobro de seu tamanho em largura, era uns trinta centímetros mais alto, e entre um passo e outro uma lâmina curvada apareceu em suas mãos, uma versão em miniatura de uma foice. Ele disse algo para ela, um resmungo baixo de uma ordem. Talvez ele estivesse lhe dando a chance de deixar o prêmio roubado e ir embora sem se machucar. Mas ela duvidava que seu orgulho ferido fosse permitir isso, e, mesmo que permitisse, ela precisava do dinheiro o bastante para arriscar. As pessoas sobrevivem sendo cautelosas, mas progridem sendo ousadas.

— Achado não é roubado — disse ela, observando a surpresa iluminar os traços do homem. *Inferno*. Kell a advertira que o inglês tinha um propósito e um lugar neste mundo. Vivia entre integrantes da realeza, não entre piratas. Se ela quisesse ser bem-sucedida no mar, teria que dobrar a língua até aprender uma nova.

O homem barbudo resmungou algo, passando a mão pela curva de sua faca. Parecia muito, muito afiada.

Lila suspirou e sacou sua arma, uma lâmina denteada com um cabo em forma de soco-inglês. E então, depois de avaliar seu oponente mais uma vez, ela sacou uma segunda lâmina. A curta e afiada que usara para roubar a bolsa.

— Sabe — disse ela em inglês, já que não havia ninguém por perto para ouvir. — Você ainda pode se safar disso.

O homem barbudo cuspiu uma frase nela que terminou com *pilse*. Era uma das poucas palavras em arnesiano que Lila conhecia. E ela sabia que não era educada. Ainda estava se sentindo ofendida quando o homem atacou. Lila saltou para trás e atingiu a foice com ambas as lâminas, o som do metal no metal soando estridentemente pela rua. Mesmo com o barulho do mar e o ruído das tavernas, não ficariam sozinhos por muito tempo.

Ela empurrou a lâmina, lutando para recuperar o equilíbrio, e se afastou no mesmo instante que ele golpeou novamente, desta vez errando

sua garganta por um fio de cabelo.

Lila se agachou, girou e se levantou, recebendo o último golpe da foice com sua faca principal, as armas deslizando até que a lâmina dele se aproximou do cabo da adaga. Ela girou a faca e a liberou, indo por cima da foice e batendo o soco-inglês do punho da faca na mandíbula do homem. Antes que ele pudesse se recuperar, ela atacou com a segunda lâmina e enterrou-a entre as costelas dele. O homem tossiu, o sangue manchando a barba, e investiu com o restante de suas forças para atacar Lila, mas ela forçou a arma da investida para cima, transpassando órgãos entre os ossos, até que finalmente a foice do homem caiu e seu corpo ficou inerte.

Por um instante, outra morte apareceu em sua mente, outro corpo em sua lâmina, um menino num castelo em um mundo gélido e branco. Não havia sido a sua primeira morte, mas fora a primeira a ficar gravada em sua mente. A primeira que doeu. A lembrança vacilou e morreu, e ela estava de volta ao cais, a culpa sangrando junto com a vida do homem. Acontecera tão rápido.

Ela se soltou e deixou que ele desabasse na rua, seus ouvidos ainda zumbindo pelo barulho do choque das lâminas e pela emoção da luta. Ela respirou fundo algumas vezes, depois se virou para correr e deu de cara com os outros cinco homens do navio.

Um burburinho percorreu a tripulação.

Armas foram sacadas.

Lila xingou baixinho, seus olhos se desviando por um instante para o palácio arqueado sobre o rio atrás deles, conforme um débil pensamento cintilava por sua mente — ela deveria ter ficado, *poderia* ter ficado, teria sido seguro —, mas Lila o afastou e segurou firme suas facas.

Ela era Delilah Bard, e iria viver ou morrer por seus próprios malditos...

Um punho se conectou com o estômago dela, interrompendo sua linha de raciocínio. Outro colidiu com sua mandíbula. Lila caiu bruscamente na rua, uma das facas deslizando da mão enquanto sua visão era espatifada por uma explosão de estrelas. Ela se esforçou para se erguer de cócoras, segurando a segunda lâmina, mas uma bota caiu firme em seu pulso. Outra encontrou suas costelas. Algo a acertou na lateral da cabeça e o mundo ficou fora de foco por vários segundos, voltando somente quando mãos fortes a arrastaram e a colocaram de pé. Uma espada veio repousar

debaixo de seu queixo, e ela se preparou, mas seu mundo não terminou com uma mordida da lâmina.

Em vez disso, uma correia de couro, não muito diferente da que ela tinha cortado para liberar a bolsa, foi atada em seus pulsos e firmemente apertada, e ela foi forçada a descer as docas.

As vozes dos homens encheram sua cabeça como estática, uma palavra saltando para a frente e para trás mais do que as demais.

Casero. Ela não sabia o que significava.

Lila sentiu gosto de sangue, mas não soube dizer se vinha do nariz, da boca ou da garganta. O que não fazia a menor diferença, se estavam planejando despejar seu corpo no Atol (a menos que isso fosse um sacrilégio, o que fez Lila se perguntar o que as pessoas daqui faziam com seus mortos), mas depois de vários minutos de discussão acalorada, ela foi conduzida pela prancha para o navio que passara a tarde toda observando. Ouviu um baque surdo e olhou para trás para ver um homem colocar o cadáver barbudo na prancha. *Interessante*, pensou ela, sombriamente. *Os homens não o trouxeram a bordo*.

Durante todo o tempo, Lila segurou a língua, e seu silêncio só pareceu irritar a tripulação. Eles gritavam uns com os outros e com ela. Mais homens apareceram. Mais gritos de *casero*. Lila desejou ter tido mais do que alguns dias para estudar arnesiano. *Casero* significava julgamento? Morte? Assassinato?

E então um homem atravessou o convés, portando uma faixa preta e um chapéu elegante, uma espada reluzente e um sorriso perigoso. Os gritos cessaram, e Lila compreendeu.

Casero queria dizer *capitão*.

* * *

O capitão do *Night Spire* era impressionante. E impressionantemente jovem. Sua pele era bronzeada, mas não curtida; seu cabelo, de um castanho-escuro entremeado com fios acobreados, estava preso para trás com uma fivela elegante. Seus olhos, de um azul tão escuro que era quase preto, desviaram do corpo sobre a prancha para a multidão de homens reunidos, e para Lila. Uma safira cintilava em sua sobrancelha esquerda.

— *Kers la?* — perguntou ele.

Os cinco homens que tinham arrastado Lila a bordo começaram a tagarelar. Ela nem tentou entendê-los ou pescar palavras conforme eles a circundavam. Em vez disso, manteve os olhos fixos no capitão e, embora ele estivesse obviamente ouvindo as afirmações dos homens, manteve os olhos nela. Quando se acalmaram, o capitão começou a interrogá-la — ou, pelo menos, a divagar. Ele não parecia particularmente irritado, apenas descontente. Apertou a ponte do nariz e falou muito rápido, claramente alheio ao fato de ela não saber mais do que algumas poucas palavras em arnesiano. Lila esperou que ele percebesse, e eventualmente ele deve ter reconhecido o vazio em seu olhar pela falta de compreensão, porque se interrompeu.

— *Shast* — murmurou em voz baixa e depois recomeçou, lentamente, tentando várias outras línguas, cada uma mais gutural ou mais fluida do que o arnesiano, esperando captar a luz do entendimento em seus olhos, mas Lila só conseguia sacudir cabeça. Ela sabia algumas palavras de francês, mas isso provavelmente não iria ajudá-la neste mundo. Não *havia* França aqui. — *Anesh* — falou finalmente o capitão, uma palavra em arnesiano que, tanto quanto Lila podia dizer, era um som geral de assentimento. — *Ta...* — Ele apontou para ela. — *Vasar...* — Traçou uma linha na própria garganta. — *Mas...* — Apontou para si mesmo. — *Eran gast* — Com isso, ele apontou para o corpo do homem que ela tinha matado.

Gast. Ela já conhecia aquela palavra. *Ladrão.*

Ta vasar mas eran gast.

Você matou o meu melhor ladrão.

Lila sorriu sem querer, acrescentando as novas palavras ao seu parco arsenal.

— *Vasar es* — disse um dos homens, apontando para Lila. *Mate-a.* Ou talvez, *Mate-o*, uma vez que Lila tinha certeza de que ainda não tinham descoberto que era mulher. E não tinha intenção de contar para eles. Ela podia estar muito longe de casa, mas algumas coisas não mudam, e ela preferia ser homem, mesmo que fosse ser um homem morto. E a tripulação parecia estar mirando nesse fim, pois um murmúrio de aprovação perpassou o grupo, pontuado por *vasar*.

O capitão passou a mão nos cabelos, obviamente considerando a proposta. Ele arqueou uma sobrancelha para Lila como se dissesse: *Bem? O que você quer que eu faça?*

Lila teve uma ideia. Uma ideia muito estúpida. Mas uma ideia estúpida era melhor do que nenhuma, pelo menos em teoria. Então, ela arrastou as palavras até formá-las e as pronunciou com seu sorriso mais afiado.

— *Nas* — falou, lentamente. — *An to eran gast.*

Não. Eu sou seu melhor ladrão.

Ela sustentou o olhar do capitão ao dizer isso, o queixo empinado e presunçoso. Os demais resmungaram e rosnaram, mas eles não importavam para ela, não existiam. O mundo limitava-se a Lila e ao capitão do navio.

O sorriso dele foi quase imperceptível. O menor franzir de lábios.

Outros ficaram menos entretidos com seu show. Dois deles avançaram nela e, no tempo que Lila levou para recuar um passo, já tinha outra faca na mão. O que foi uma façanha, considerando a correia de couro que lhe prendia os pulsos. O capitão assobiou, e ela não soube dizer se era uma ordem para seus homens ou um som de aprovação. Não importava. Um punho atingiu as costas dela, e Lila cambaleou para a frente esbarrando no capitão, que pegou seus pulsos e criou um sulco entre seus ossos. A dor disparou por seu braço, e a faca se estatelou no convés. Ela olhou ferozmente para o rosto do capitão, que estava a poucos centímetros do seu próprio, e, quando os olhos dele penetraram nos dela, Lila os sentiu procurando por algo.

— *Eran gast?* — perguntou ele. — *Anesh...* — E então, para a surpresa dela, o capitão a soltou. Ele deu um tapinha no casaco. — *Casero Alucard Emery* — disse ele, pronunciando as sílabas de forma bem explicada. Então apontou para ela com um olhar interrogativo.

— Bard — respondeu ela.

Ele acenou com a cabeça, uma vez, refletindo, e depois se virou para a tripulação à espera. Começou a falar com eles, as palavras fluidas e rápidas demais para Lila decifrar. Ele gesticulou para o corpo na prancha e então para ela. A tripulação não parecia satisfeita, mas o capitão era capitão por um bom motivo, e eles o ouviram. Quando terminou, eles continuaram parados, imóveis e mal-humorados. O Capitão Emery virou-

se e fez o caminho de volta através do convés para a escada que descia sob o casco do navio.

Quando sua bota tocou o primeiro degrau, ele parou e olhou para trás com um novo sorriso, agora afiado.

— *Nas vasar!* — ordenou. *Não matar.*

Então lançou à Lila um olhar que dizia: *Boa sorte*, e desapareceu sob o convés.

* * *

Os homens enrolaram o corpo em uma lona e o colocaram de volta nas docas.

Superstição, imaginou ela, sobre trazer mortos a bordo.

Uma moeda de ouro foi colocada na testa do homem, talvez como pagamento para o despojo. Pelo que Lila podia dizer, a Londres Vermelha não era um lugar particularmente religioso. Se esses homens adoravam alguma coisa era a magia, o que ela supunha que seria considerado uma heresia na Londres Cinza. Pensando bem, contudo, os cristãos veneravam um homem velho no céu, e se Lila tivesse que dizer qual deles parecia mais real no momento, teria que ficar do lado da magia.

Por sorte, ela nunca havia sido devota. Nunca acreditara em poderes superiores, nunca frequentara a Igreja, nunca orara antes de dormir. Na verdade, a única pessoa para quem Lila já havia rezado era ela mesma.

Considerou furtar a moeda de ouro, mas, Deus existindo ou não, aquilo lhe pareceu errado, então ela ficou no convés e assistiu aos procedimentos com resignação. Era difícil se sentir mal por matar o homem — ele a teria matado —, e nenhum dos outros marinheiros parecia terrivelmente devastado por causa da perda em si... mas, por sua vez, Lila supôs que não estava em posição de julgar o valor de uma pessoa por aqueles que sentiriam a sua falta. Não com a coisa mais próxima de uma família que havia tido apodrecendo a um mundo de distância. Quem encontrara Barron? Quem o tinha enterrado? Ela empurrou as perguntas para o fundo da mente. Não o trariam de volta.

O amontoado de homens embarcou novamente. Um deles foi direto até Lila, e ela reconheceu sua adaga com soco-inglês no punho. Ele

resmungou algo em voz baixa, ergueu a faca e enterrou a ponta em um caixote ao lado da cabeça dela. Em sua defesa, não foi *na* cabeça dela, e, na de Lila, ela não se esquivou. Ela posicionou os pulsos em volta da lâmina e puxou para baixo em um único movimento brusco, libertando-se da correia.

O navio estava quase pronto para zarpar, e Lila parecia ter ganhado um lugar nele, embora não tivesse certeza se era como prisioneira, carga ou tripulação. Uma chuva fraca começou a cair, mas ela ficou no convés e fora do caminho como a pária do *Night Spire*, o coração acelerado quando o navio desviou para o meio do Atol e deu as costas para a cidade cintilante. Lila segurou a amurada da popa do *Spire* e observou a Londres Vermelha encolher a distância.

Ela ficou de pé ali até suas mãos estarem duras de frio e a loucura do que ela fizera ter se instalado em seus ossos. Então, o capitão gritou o nome dela:

— Bard! — E apontou para um grupo lutando para carregar as caixas, e ela foi ajudá-los.

E foi assim — não só assim, evidentemente, pois houve muitas noites tensas e brigas ganhas, primeiro contra e depois ao lado dos outros homens, sangue derramado e navios tomados — que Lila Bard tornou-se integrante da tripulação do *Night Spire*.

IV

Uma vez a bordo do *Night Spire*, Lila mal dissera uma palavra (Kell teria ficado impressionado). Ela passava cada instante tentando aprender arnesiano, construindo um vocabulário —, mas, apesar de estar absorvendo rápido, ainda era mais fácil apenas ouvir do que participar.

A tripulação passava um bom tempo atirando palavras para ela, tentando descobrir sua língua nativa, mas foi Alucard Emery quem descobriu.

Lila tinha estado a bordo por somente uma semana quando o capitão se deparou com ela amaldiçoando Caster, sua pistola, por ser um pedaço de merda encharcado com a última bala presa no tambor.

— Ora, isso é uma surpresa.

Lila olhou para cima e viu Alucard parado ali. Em um primeiro momento, ela pensou que seu arnesiano estava melhorando, porque compreendeu as palavras sem pensar, mas então percebeu que ele não estava falando arnesiano. Estava falando *inglês*. E mais, seu sotaque tinha a enunciação nítida e execução suave de alguém fluente na língua real. Não como os alpinistas sociais que tateavam as palavras, oferecendo-as como um truque de festa. Não, falava como Kell ou Rhy. Alguém que tinha sido criado com o idioma equilibrado nos lábios.

A um mundo de distância, nas ruas cinzentas da antiga cidade de Lila, essa fluência pouco significaria, mas ali significava que nenhum dos dois era um simples marinheiro.

Em um último esforço para proteger seu segredo, Lila fingiu não entendê-lo.

— Ah, não fique sem palavras comigo agora, Bard — disse ele. — Você está só começando a se tornar interessante.

Eles estavam sozinhos naquela área do navio, enfiados debaixo da borda do convés superior. Os dedos de Lila rumaram para a faca na cintura, mas Alucard levantou a mão.

— Por que não levamos essa conversa para os meus aposentos? — perguntou ele, os olhos cintilando. — A menos que você queira fazer uma cena.

Lila supôs que seria melhor não cortar a garganta do capitão à vista de todos.

Não: aquilo poderia ser feito em particular.

* * *

No instante em que ficaram sozinhos, Lila o confrontou.

— Você fala ing... — começou, então se corrigiu — ... ilustre real. — Era como se referiam ao idioma inglês por ali.

— Obviamente — disse Alucard, antes de passar sem esforço para o arnesiano. — Mas não é a *minha* língua nativa.

— *Tac* — retrucou Lila no mesmo idioma. — Quem disse que é a minha?

Alucard abriu um sorriso brincalhão e voltou para o inglês.

— Primeiro, porque seu arnesiano é horrível — ralhou ele. — E segundo, porque é uma lei universal que todos os homens xingam em sua língua nativa. E devo dizer que seu uso foi bastante colorido.

Lila cerrou os dentes, irritada com sua mancada enquanto Alucard a conduzia para dentro de sua cabine. Era elegante, porém aconchegante, com uma cama em um recanto ao longo de uma parede, uma lareira ao longo da outra e duas cadeiras de espaldar alto diante de um fogo pálido. Uma gata branca estava deitada encolhida em uma mesa de madeira escura, como um peso de papel sobre os mapas. Chicoteou a cauda quando eles chegaram e abriu um olho cor de lavanda quando Alucard atravessou o cômodo até a mesa, examinando alguns papéis. Ele acariciou a gata atrás das orelhas distraidamente.

— Esa — falou ele, à guisa de apresentação. — Senhora do meu navio.

Ele agora estava de costas para Lila, e a mão dela rumou mais uma vez para a faca em seu quadril. Antes que ela pudesse alcançar a arma, no

entanto, os dedos de Alucard se contraíram, a lâmina saltou de sua bainha e voou para a mão dele, o cabo batendo na palma. Ele nem sequer olhou em sua direção. Os olhos de Lila se estreitaram. Na semana em que estivera a bordo, não vira ninguém praticar magia. Alucard voltou-se para ela agora com um sorriso fácil, como se ela não tivesse acabado de tentar atacá-lo. Ele jogou a faca casualmente sobre a mesa (o som fez Esa chicotear a cauda novamente).

— Você pode me matar mais tarde — disse ele, sinalizando as duas cadeiras diante do fogo. — Primeiro, vamos conversar.

Um decantador estava sobre uma mesa entre as cadeiras, junto com dois copos, e Alucard serviu uma bebida da cor de frutas vermelhas e estendeu-a para Lila. Ela não aceitou.

— Por quê? — perguntou ela.

— Porque gosto muito de ilustre real — respondeu ele — e sinto falta de alguém para conversar nesse idioma. — Era um sentimento que Lila entendia. O puro alívio de falar depois de tanto tempo em silêncio era como esticar os músculos após dormir mal, livrando-se da rigidez. — Eu não gostaria que enferrujasse enquanto estou no mar.

Alucard afundou em uma das cadeiras e sorveu a bebida, a joia em sua testa brilhando à luz da lareira. Ele inclinou o copo vazio para a outra cadeira e Lila refletiu sobre ele, sobre as suas opções, e então se sentou. O decantador de vinho roxo estava na mesa entre os dois. Ela serviu-se de um copo e inclinou-se para trás, imitando a postura de Alucard, sua bebida apoiada no braço da cadeira, as pernas estendidas, as botas cruzadas na altura do tornozelo. A imagem da indiferença. Ele torceu um de seus anéis distraidamente, uma pena de prata enrolada em um círculo.

Por um longo momento, eles avaliaram um ao outro em silêncio, como dois jogadores de xadrez antes do primeiro movimento. Lila sempre odiara xadrez. Nunca teve paciência para isso.

Alucard foi o primeiro a se mover, o primeiro a falar.

— Quem é você?

— Eu já lhe disse — respondeu ela, com simplicidade. — Meu nome é Bard.

— Bard — repetiu ele. — Não há nenhuma casa nobre com esse nome. De qual família você realmente é? Os Rosec? Os Casin? Os Loreni?

Lila bufou silenciosamente, mas não respondeu. Alucard estava fazendo uma suposição, a única suposição que um arnesiano faria: que, por falar inglês, ou melhor, ilustre real, ela tinha que ser nobre. Um integrante da corte, ensinado a exibir palavras em inglês como joias, com a intenção de impressionar um membro da família real, reivindicando um título, uma coroa. Imaginou o príncipe, Rhy, com seu charme fácil e seu ar galanteador. Ela provavelmente poderia ter atraído sua atenção, se quisesse. E então seus pensamentos vagaram para Kell, parado como uma sombra atrás do herdeiro exuberante. Kell, com seu cabelo avermelhado, seu olho preto e carranca permanente.

— Tudo bem — cortou Alucard. — Uma pergunta mais fácil. Você tem um primeiro nome, senhorita Bard? — Lila arqueou uma sobrancelha. — É, eu sei que você é mulher. Você pode até passar por um menino muito bonito lá na corte, mas o tipo de homem que trabalha em navio tende a ter um pouco mais de...

— Músculos? — arriscou ela.

— Eu ia dizer pelos faciais.

Lila não conseguiu conter o sorriso.

— Há quanto tempo você sabe?

— Desde que você subiu a bordo.

— Mas você me deixou ficar.

— Fiquei curioso. — Alucard encheu o próprio copo. — Diga-me, o que a trouxe para o meu navio?

— Seus homens.

— Mas eu a vi naquele dia. Você *queria* vir a bordo.

Lila o examinou por um momento e então falou:

— Gostei do seu navio. Parecia caro.

— Ah, realmente é.

— Eu pretendia esperar que a tripulação desembarcasse, para então matá-lo e tomar o *Spire* para mim.

— Quanta candura — disse ele pausadamente, bebendo seu vinho.

Lila deu de ombros.

— Eu sempre quis um navio pirata.

Nesse momento, Alucard riu.

— O que a faz pensar que sou um pirata, senhorita Bard?

O queixo de Lila caiu. Ela não entendia. Ela os vira capturar um navio no dia anterior, embora tivesse ficado confinada ao *Spire*, tinha observado desde o início enquanto lutaram, invadiram e seguiram navegando com uma nova recompensa.

— O que mais você seria?

— Sou um *corsário* — explicou ele, empinando o queixo. — A serviço da boa coroa arnesiana. Eu navego com a permissão da família Maresh. Monitoro seus mares e cuido de qualquer problema que encontrar neles. Por que você acha que meu ilustre real é tão polido?

Lila xingou baixinho. Não era de se admirar que os homens tivessem sido bem-recebidos naquela taverna com a bússola. Eram bons marinheiros. Seu coração afundou um pouco com esse pensamento.

— Mas você não usa as cores reais — afirmou ela.

— Suponho que eu poderia...

— Então por que não o faz? — explodiu ela.

Ele deu de ombros.

— Acredito que seja menos divertido. — Ele abriu um novo sorriso, dessa vez perverso. — E, como disse, eu *poderia* usar as cores reais, *se* quisesse ser atacado em cada volta ou assustar a minha presa. Mas eu gosto muito dessa embarcação e não gostaria de vê-la naufragada nem de perder meu posto por falta de serviço. Não, os Spires preferem uma forma mais sutil de infiltração. Mas não somos piratas. — Ele deve ter visto Lila desanimar, porque acrescentou: — Vamos, não fique tão desapontada, senhorita Bard. Não importa do que você chamar, *pirata* ou *corsário*, a única diferença é o nome. O que importa é que eu sou o *capitão* deste navio. E pretendo manter meu posto e minha vida. O que nos leva à questão do que fazer com *você*.

Ele fez uma pausa e então continuou:

— Aquele homem que você esfaqueou na primeira noite, Bels... a única coisa que salvou sua pele foi o fato de você tê-lo matado em terra e não no mar. Existem regras em navios, Bard. Se você tivesse derramado o sangue dele a bordo do meu navio, eu não teria escolha a não ser derramar o seu.

— Você ainda poderia ter feito isso — observou ela. — Seus homens certamente não desaprovaram. Então por que me poupou? — A pergunta a estava corroendo por dentro desde a primeira noite.

— Eu estava curioso — respondeu ele, olhando para a calma luz clara do fogo da lareira. — Além disso — acrescentou, com seus olhos escuros voltando a olhar para ela —, eu vinha procurando uma maneira de me livrar de Bels por meses; aquela escória traiçoeira estava me roubando. Então suponho que você tenha me feito um favor, e eu decidi retribuí-lo. Para a sua sorte, a maioria da tripulação detestava o filho da mãe, de qualquer maneira.

Esa apareceu ao lado da cadeira dele, seus grandes olhos cor de lavanda olhando para — ou encarando — Lila. A gata não piscou. Lila tinha certeza de que os gatos deveriam piscar.

— Então — disse Alucard, endireitando-se. — Você veio a bordo com a intenção de me matar e roubar meu navio. Já se passou uma semana; por que ainda não tentou?

Lila deu de ombros.

— Ainda não estivemos em terra.

Alucard riu.

— Você é sempre assim, encantadora?

— Só em minha língua nativa. Meu arnesiano, como você ressaltou, deixa a desejar.

— Estranho, considerando que nunca conheci alguém que pudesse falar a língua da corte, mas não o idioma comum...

Ele parou, obviamente esperando uma resposta. Lila sorveu seu vinho e deixou o silêncio tomar conta.

— Vou lhe dizer uma coisa — começou ele, quando estava nítido que ela não iria segui-lo naquele raciocínio. — Passe as noites comigo, e eu vou ajudá-la a melhorar a sua língua.

Lila quase engasgou com o vinho e olhou para Alucard. Ele estava rindo — era um som fácil e natural, embora fizesse a gata eriçar o pelo.

— Não foi isso que eu quis dizer — disse ele, recuperando a compostura. Lila sentiu como se estivesse da cor da bebida em seu copo. O rosto dela queimava. Isso a fez querer dar um soco nele. — Venha me fazer companhia — tentou ele de novo — e eu guardarei seu segredo.

— E deixar a tripulação pensar que estou indo *para a cama* com você?

— Ah, duvido que eles pensem isso — falou ele com um gesto de mão. Lila tentou não se sentir ofendida. — E prometo que só quero os prazeres da sua conversa. Eu lhe ajudarei com seu arnesiano.

Lila tamborilou com os dedos no braço da cadeira, refletindo.

— Muito bem — respondeu. Ela se levantou e seguiu até a mesa dele, onde a faca ainda estava sobre os mapas. Pensou na maneira como ele a arrancara das mãos dela. — Mas quero um favor em troca.

— Engraçado, pensei que o favor era permitir que você permanecesse no meu navio, apesar do fato de ser uma mentirosa, uma ladra e uma assassina. Mas, por favor, vá em frente.

— Magia — disse ela, devolvendo a lâmina ao coldre.

Ele arqueou a sobrancelha decorada com a safira.

— O que tem ela?

Ela hesitou, tentando escolher as palavras.

— Você a pratica.

— E?

Lila puxou o presente de Kell do bolso e colocou-o sobre a mesa.

— E eu quero aprender. — Se ela quisesse ter uma chance neste novo mundo, precisava aprender a sua *verdadeira* linguagem.

— Não sou um professor muito bom — disse Alucard.

— Mas eu aprendo rápido.

Alucard inclinou a cabeça, considerando a ideia. Então, pegou a caixa de Kell e soltou o fecho, deixando-a abrir na palma de sua mão.

— O que você quer saber?

Lila voltou para a cadeira e se inclinou para a frente, com os cotovelos sobre os joelhos.

— Tudo.

Mar Arnesiano

Lila cantarolava enquanto atravessava o ventre do navio. Ela enfiou uma das mãos no bolso, os dedos se fechando em torno do fragmento de pedra branca que guardava ali. Um lembrete.

Era tarde, e o *Night Spire* tinha deixado para trás as sobras do *Copper Thief*. Os treze piratas que ela não matara acordariam em breve e encontrariam seu capitão morto e seu navio saqueado. Poderia ser pior; suas gargantas poderiam ter sido cortadas em cima daquelas facas tatuadas, mas Alucard preferiu deixar os piratas viverem, alegando que a captura e libertação tornam os mares mais interessantes.

Seu corpo estava quente pelo vinho e pela companhia agradável, e enquanto o navio balançava suavemente sob seus pés, o ar do mar envolvendo seus ombros e as ondas murmurando sua canção, aquela canção de ninar que ela desejava havia tanto tempo, Lila percebeu que estava feliz.

Uma voz sibilou em seu ouvido.

Vá embora.

Lila reconheceu aquela voz, não do mar, mas das ruas da Londres Cinza — pertencia a ela, à menina que ela havia sido por tantos anos. Desesperada, desconfiada de qualquer coisa que não fosse dela e somente dela.

Vá embora, pediu com veemência. Mas Lila não queria ir.

E *isso* a assustava mais do que tudo.

Ela balançou a cabeça e cantarolou a canção do Sarows enquanto chegava à própria cabine, os acordes agindo como uma espécie de proteção contra problemas, embora ela não tivesse encontrado nenhum a

bordo de seu navio em meses. Não que fosse *seu* navio, não exatamente, ainda não.

Sua cabine era pequena — grande o suficiente apenas para uma cama estreita e um baú — mas era o único lugar do navio onde ela podia estar verdadeiramente sozinha, e o peso de sua persona deslizava de seus ombros como um casaco quando ela fechava a porta.

Uma única janela interrompia as tábuas de madeira da parede mais distante, o luar refletindo nas ondas do oceano. Ela pegou uma lanterna de cima do baú e acendeu-a na mão com o mesmo fogo encantado que preenchia a lareira de Alucard (o feitiço não era dela, nem a magia). Pendurando a luz em um gancho na parede, ela tirou as botas, assim como as armas, alinhando-as no baú, todas menos a faca com o soco-inglês no punho, que mantinha consigo. Mesmo que agora tivesse um quarto próprio, ela ainda dormia de costas para a parede e com a arma no joelho, da mesma forma que fizera no começo. Velhos hábitos. Ela não se importava muito. Não tinha uma boa noite de sono havia anos. A vida nas ruas da Londres Cinza lhe ensinara a descansar sem realmente dormir.

Ao lado de suas armas ficava a pequena caixa que Kell lhe dera naquele dia. Tinha o cheiro dele, o que significava dizer que tinha o cheiro da Londres Vermelha, de flores e solos recém-remexidos, e toda vez que ela a abria, uma pequena parte sua ficava aliviada pelo cheiro ainda estar lá. Uma ligação com a cidade, com ele. Levou-a consigo para a cama, sentando-se de pernas cruzadas e colocando o objeto sobre o cobertor rígido diante de seus joelhos. Lila estava cansada, mas isso havia se tornado parte de seu ritual noturno, e ela sabia que não dormiria bem — se dormisse — até que o fizesse.

A caixa era feita de madeira escura entalhada e mantida trancada por um pequeno fecho de prata. Era refinada, e ela teria sido capaz de vendê-la por um bom preço, mas Lila manteve-a por perto. Não por sentimentalismo, dizia a si mesma — o relógio de bolso prateado era a única coisa que não conseguia vender —, mas porque era útil.

Ela deslizou o fecho de prata, e o tabuleiro caiu aberto na frente dela, os elementos em seus sulcos — terra e ar, fogo, água e osso — esperando para serem movidos. Lila flexionou os dedos. Ela sabia que a maioria das pessoas só conseguia dominar um único elemento, talvez dois, e que ela, sendo de outra Londres, não deveria ser capaz de controlar nenhum.

Mas Lila nunca deixou que as estatísticas ficassem em seu caminho.

Além disso, aquele velho padre, mestre Tieren, dissera que ela tinha poder em algum lugar de seus ossos. E que ele só precisava ser nutrido.

Agora ela sustentava as mãos acima de cada lado da gota de óleo no sulco, palmas viradas como se ela pudesse se aquecer com ele. Lila não sabia as palavras para invocar magia. Alucard insistiu que ela não precisava aprender outra língua, que as palavras eram mais para a pessoa do que para o objeto, destinadas a ajudá-la a encontrar seu foco, mas, sem um feitiço em si, Lila se sentia tola. Nada além de uma garota louca falando sozinha no escuro. Não, ela precisava de algo. E um poema, ela tinha descoberto, era como uma espécie de feitiço. Ou, pelo menos, era mais do que apenas palavras sem sentido.

— *Tigre! Tigre! Brilho, brasa...* — murmurou ela baixinho.

Ela não conhecia muitos poemas — o roubo não levava ao estudo literário —, mas conhecia Blake de cor, graças a sua mãe. Lila não se lembrava muito da mulher, que morrera havia mais de uma década, mas lembrava-se das noites em que o sono era atraído por *Canções da Inocência e da Experiência*. A suave cadência da voz de sua mãe embalando-a como ondas a um barco.

As palavras embalavam Lila agora, como tinham feito naquela época, aquietando a tempestade que acontecia dentro de sua cabeça, e soltavam o nó de tensão em seu peito.

— *Que a fumaça noturna abrasa...*

As palmas das mãos de Lila se aqueceram enquanto ela tecia o poema através do ar. Ela não sabia se estava fazendo direito, se *havia* uma forma certa — se Kell estivesse aqui, ele provavelmente insistiria que havia e resmungaria até que ela a fizesse, mas Kell não estava aqui, e Lila achou que devia haver mais de uma maneira de fazer algo funcionar.

— *Em que céu se foi forjar...*

Talvez o poder tivesse que ser cultivado, como Tieren dissera, mas nem todas as coisas cresciam em jardins.

Muitas plantas cresciam selvagens.

E Lila sempre pensara em si mesma mais como um tipo de erva daninha do que como um arbusto de rosas.

— *... o fogo do teu olhar?*

O óleo no sulco cintilou com vida: não branco, como na lareira de Alucard, mas dourado. Lila sorriu triunfante enquanto a chama saía do sulco para o ar entre as palmas das suas mãos, dançando como metal derretido, despertando a memória do desfile que ela vira no primeiro dia na Londres Vermelha, quando elementais de toda espécie dançavam pelas ruas, fogo, água e ar como fitas em seu rastro.

O poema continuou em sua mente enquanto o calor fazia cócegas em suas palmas. Kell diria que era impossível. Que palavra inútil em um mundo com magia.

“O que é você?”, Kell lhe perguntara certa vez.

O que eu sou?, perguntava-se ela agora, conforme o fogo rolava pelos nós de seus dedos como uma moeda.

Ela deixou o fogo se apagar, a gota de óleo afundando de volta no sulco. A chama tinha desaparecido, mas Lila podia sentir a magia no ar como fumaça enquanto pegava sua mais nova faca, a que ela ganhara de Lenos. Não era uma arma comum. Um mês antes, quando eles tinham levado um navio pirata faroense chamado *Serpent* para fora da costa de Korma, ela o tinha visto usá-la. Passou a mão pela lâmina até encontrar o entalhe oculto, onde o metal se encontrava com o cabo. Empurrou o fecho e ele soltou, e a faca executou uma espécie de truque de mágica. Ela se separava em suas mãos, e o que tinha sido uma lâmina agora se tornavam duas, imagens espelhadas tão finas quanto navalhas. Lila tocou o grânulo de óleo e passou o dedo pelas costas de ambas as facas. E então ela as equilibrou em suas mãos, cruzou suas bordas afiadas — *Tigre! Tigre! Brilho, brasa* — e golpeou.

O fogo percorreu todo o metal, e Lila sorriu.

Isso ela não tinha visto Lenos fazer.

As chamas se espalharam até cobrir as lâminas do cabo à ponta, cintilando com uma luz dourada.

Isso ela não tinha visto *ninguém* fazer.

O que eu sou? Única.

Eles dizem o mesmo sobre Kell.

O mensageiro vermelho.

O príncipe de olho preto.

O último *Antari*.

Mas, quando ela girou as facas flamejantes em seus dedos, não pôde deixar de pensar...

Eles eram realmente únicos, ou dois do mesmo tipo de único?

Ela esculpiu um arco de fogo no ar, maravilhada com o caminho da luz que se arrastava como a cauda de um cometa, e lembrou-se da sensação dos olhos dele em suas costas enquanto ela se afastava. Esperando. Lila sorriu para a lembrança. Ela não tinha dúvida de que seus caminhos se cruzariam novamente.

E, quando se encontrassem, ela *mostraria* a ele o que era capaz de fazer.





DOIS

**UM PRÍNCIPE
À SOLTA**



Londres Vermelha

Kell ajoelhou-se no centro do Dique.

A grande sala circular fora escavada em um dos pilares da ponte que sustentava o palácio. Por baixo da corrente do Atol, o mais débil brilho vermelho do rio penetrava as paredes de pedra vítrea com uma luz misteriosa. Um círculo de concentração tinha sido gravado no chão de pedra, o padrão projetado para canalizar o poder, e todo o espaço, tanto a parede quanto o ar, zumbiam com energia, um som profundo e ressonante como o interior de um sino.

Kell sentiu o poder vertendo por ele, querendo sair — sentiu toda a energia, a tensão, a raiva e o medo arranhando e tentando fugir —, mas se forçou a se concentrar em sua respiração, para encontrar seu equilíbrio, para tornar um ato consciente o processo que se tornara tão natural. Ele retrocedeu o relógio mental até seus 10 anos, sentado no chão da cela monástica do Santuário de Londres, a voz firme de mestre Tieren em sua cabeça.

A magia é confusa, então você deve ser sereno.

A magia é selvagem, então você deve ser manso.

A magia é caos, então você deve ser calmo.

Você está calmo, Kell?

Kell levantou-se lentamente e ergueu a cabeça. Além dos limites do círculo de concentração, a escuridão se retorceu e as sombras surgiram. À luz bruxuleante das tochas, figuras de treinamento começaram a assumir o rosto de inimigos.

A voz reconfortante de Tieren desapareceu de sua cabeça, e o tom frio de Holland tomou seu lugar.

Sabe o que o torna fraco?

A voz do *Antari* ecoou em sua mente.

Kell encarou as sombras fora dos limites do círculo, imaginando uma capa ondulante, um reflexo de aço.

Você nunca teve que ser forte.

A luz das tochas vacilou, e Kell inalou, exalou e golpeou.

Ele golpeou a primeira forma, derrubando-a. No momento em que a sombra caiu, Kell já estava girando para a segunda às suas costas.

Nunca teve que tentar.

Kell estendeu a mão; água saltou até cercá-la e, em seguida, em um único movimento, navegou em direção à figura, transformando-se em gelo segundos antes de se chocar com a cabeça da forma.

Nunca teve que lutar.

Kell girou e ficou face a face com uma sombra que tomou a forma de Holland.

E tenho certeza de que nunca teve que lutar pela sua vida.

Houve um tempo em que ele teria hesitado — um tempo em que ele *havia* hesitado —, mas não desta vez. Com um gesto de sua mão, estacas de metal deslizaram da bainha de seu casaco até sua palma. Elas pairaram no ar e dispararam para a frente, enterrando-se na garganta do espectro, em seu coração, em sua cabeça.

Mas havia mais sombras. Sempre havia mais.

Kell pressionou as costas contra a parede curva do Dique e ergueu as mãos. Um pequeno triângulo de metal afiado cintilou na parte de trás de seu pulso; quando ele flexionou a mão, tornou-se uma ponta, e Kell cortou a palma da mão com ela, derramando sangue. Ele pressionou as duas mãos juntas e depois as separou.

— *As Osoro* — comandou ao sangue.

Escureça.

O comando soou, ecoando através da câmara, e entre as palmas de suas mãos o ar começou a engrossar e a girar, transformando-se em sombras tão grossas quanto fumaça. Elas ondularam e se espalharam, e em poucos instantes a sala foi tomada pela escuridão.

Kell se recostou de volta à parede de pedra fria da sala, ofegante e tonto pela força de tanta magia. O suor escorria para seus olhos — um

azul, o outro inteiramente preto — conforme ele deixava o silêncio do espaço assentar sobre ele.

— Matou todos?

A voz veio de algum lugar atrás dele, não um fantasma, mas de carne e osso e com um traço de divertimento.

— Não tenho certeza — respondeu Kell.

Ele acabou com o espaço entre suas mãos e o véu de escuridão se dissolveu instantaneamente, revelando o espaço pelo que realmente era: um cilindro de pedra vazio obviamente projetado para meditação, não para combate. As figuras de treinamento estavam espalhadas, uma queimando com vivacidade, outra toda espetada por lanças de metal. As demais — golpeadas, maltratadas, quebradas — dificilmente ainda poderiam ser chamadas de manequins de treinamento. Ele fechou a mão em punho e o fogo na figura se apagou.

— Exibido — resmungou Rhy.

O príncipe estava encostado no arco de entrada, seus olhos cor de âmbar iluminados como os de um gato pela luz das tochas. Kell passou a mão ensanguentada pelo cabelo acobreado enquanto seu irmão se aproximava, as botas ecoando no chão de pedra do Dique.

Rhy e Kell não eram realmente irmãos, não de sangue. Um ano mais velho que Rhy, Kell fora adotado pela família real arnesiana quando tinha 5 anos, sem família e sem memória. Na verdade, sem nada além de um punhal e um olho completamente preto: a marca de um mago *Antari*. Mas Rhy era a coisa mais próxima de um irmão que Kell conhecera. Daria a vida pelo príncipe. E, muito recentemente, dera de fato.

Rhy arqueou uma sobrancelha para o que sobrou do treinamento de Kell.

— Sempre pensei que ser um *Antari* significava que você não precisava treinar, que tudo vinha — ele gesticulou de um jeito casual — naturalmente.

— A *habilidade* vem naturalmente — respondeu Kell. — A *proficiência* demanda treino. Exatamente como expliquei em cada uma de suas lições.

O príncipe deu de ombros.

— Quem precisa de magia quando se é tão bonito?

Kell revirou os olhos. Havia uma mesa na entrada da alcova, repleta de recipientes — alguns continham terra, outros areia e óleo — e uma grande tigela de água; ele mergulhou as mãos na tigela e jogou água no rosto antes que seu sangue pudesse manchá-la de vermelho.

Rhy entregou-lhe uma toalha.

— Melhor?

— Melhor.

Nenhum deles estava se referindo às propriedades refrescantes da água. A verdade era que o sangue de Kell pulsava com uma batida inquieta quando a coisa que corria dentro dele desejava atividade. Algo havia sido despertado nele e não parecia ter a intenção de voltar a dormir. Ambos sabiam que as visitas de Kell ao Dique estavam aumentando, tanto em frequência quanto em duração. O treino acalmava seus nervos e a energia em seu sangue, mas só por um tempo. Era como uma febre que baixava, só para subir novamente.

Rhy agora estava inquieto, jogando o peso do corpo de um pé para outro, e quando Kell lhe deu uma olhada geral, notou que o príncipe trocara seu habitual vermelho e dourado por esmeralda e cinza, a fina seda por lã e algodão gasto, suas botas ornamentadas a ouro por um par de couro preto.

— O que você está tentando parecer? — perguntou Kell.

Havia um brilho travesso nos olhos de Rhy quando ele se curvou com um floreio.

— Um plebeu, lógico.

Kell balançou a cabeça. Aquele era um ardil ineficaz. Apesar da roupa, o cabelo preto de Rhy estava lustroso e penteado, seus dedos, cheios de anéis, seu casaco cor de esmeralda, fechado com botões perolados. Tudo nele transpirava realeza.

— Você ainda parece um príncipe.

— Bem, obviamente — retrucou Rhy. — Só porque estou disfarçado não significa que não quero ser reconhecido.

Kell suspirou.

— Na verdade — falou ele —, é exatamente o que significa. Ou *significaria* para qualquer um, menos para você. — Rhy apenas sorriu, como se fosse um elogio. — Eu quero saber *por que* você está vestido assim.

— Ah! — exclamou o príncipe. — Porque nós vamos sair.

Kell sacudiu a cabeça.

— Passo. — Tudo o que ele queria era um banho e uma bebida, e ambos estavam ao seu alcance na paz de seus aposentos.

— Ótimo — disse Rhy. — *Eu* vou sair. E quando for roubado e deixado em um beco, *você* pode dizer aos nossos pais o que aconteceu. Não se esqueça de incluir a parte em que você ficou em casa em vez de garantir a minha segurança.

Kell resmungou.

— Rhy, da última vez...

Mas o príncipe fez um aceno de desdém para *a última vez* como se não tivesse envolvido um nariz quebrado, muitos subornos e mil lins em danos.

— Hoje vai ser diferente — insistiu Rhy. — Nada de brincadeiras de mau gosto. Nenhum caos. Só uma bebida em algum lugar adequado à nossa posição. Vamos, Kell, por mim? Não posso passar mais um minuto aprisionado planejando torneios enquanto nossa mãe critica todas as minhas escolhas e nosso pai se preocupa com Faro e Vesk.

Kell não confiava que seu irmão fosse ficar longe de problemas, mas pôde ver na expressão do rosto dele e no brilho de seus olhos que ele sairia de qualquer jeito. O que significava que *eles* sairiam. Kell suspirou e acenou com a cabeça para a escada.

— Posso pelo menos parar em meu quarto e trocar de roupa?

— Não precisa — disse Rhy alegremente. — Eu lhe trouxe uma túnica limpa. — Ele pegou uma camisa macia da cor de trigo. Era evidente que pretendia tirar Kell do palácio antes que este pudesse mudar de ideia.

— Quanta consideração — resmungou Kell, tirando a camisa. Ele viu o olhar do príncipe recair na cicatriz gravada em seu peito. A imagem espelhada daquela que havia sobre o próprio coração de Rhy. Um pedaço de magia proibida, irreversível.

Minha vida é dele. A vida dele é minha. Traga-o de volta.

Kell engoliu em seco. Ele ainda não estava acostumado com o desenho — primeiro preto, agora prateado — que os unia. A dor de ambos. A alegria de ambos. A vida de ambos.

Ele vestiu a túnica limpa, exalando o ar quando a marca desapareceu sob o algodão. Tirou o cabelo do rosto e se virou para Rhy.

— Satisfeito?

O príncipe começou a balançar a cabeça concordando, depois parou.

— Quase esqueci — disse ele, tirando alguma coisa do bolso. — Eu trouxe chapéus. — Pôs um chapéu cinza pálido escrupulosamente em seus cachos pretos, tomando o cuidado de colocá-lo em um ligeiro ângulo de modo que o brilho das gemas verdes se dispersasse pela borda.

— Maravilha — resmungou Kell enquanto o príncipe estendia a mão e depositava um chapéu cor de carvão sobre os cabelos avermelhados de Kell. Seu casaco pendia em um gancho na alcova, e ele o pegou e o vestiu.

Rhy estalou a língua, produzindo um som de desaprovação.

— Você nunca vai se enturmar usando isso — ressaltou o príncipe, e Kell resistiu ao desejo de argumentar que com sua pele clara, cabelos ruivos e um olho preto, sem mencionar a palavra *Antari* seguindo-o aonde quer que fosse, metade do tempo em tom de oração e metade em tom de maldição, ele nunca se enturmara em nenhum lugar.

Em vez disso, Kell falou:

— Nem você. Achei que essa era a intenção.

— Eu quis dizer usando o casaco — forçou Rhy. — Preto não é a cor da moda nesse inverno. Não tem nada em azul-índigo ou azul-cerúleo escondido aí dentro?

Quantos casacos você acha que existem dentro desse aí?

A memória o atingiu como um soco. Lila.

— Eu prefiro esse aqui — afirmou Kell, afastando a memória dela, a mão de uma batedora de carteiras espantada com as dobras de um casaco.

— Está bem, está bem.

Rhy deslocou seu peso de um pé para o outro novamente. O príncipe nunca tinha sido hábil em ficar quieto, mas Kell achou que vinha piorando. Havia uma nova inquietação em seus movimentos, uma energia retesada que refletia a de Kell. E ainda assim a de Rhy era diferente. Perturbada. Perigosa. Seu humor estava mais sombrio, e suas mudanças, mais bruscas, durando o intervalo de segundos. Era tudo o que Kell podia fazer para acompanhar.

— E então, estamos prontos?

Kell olhou para o topo da escada.

— E quanto aos guardas?

— Os seus ou os meus? — perguntou o príncipe. — Os seus estão de guarda nas portas superiores. Ajuda o fato de eles não saberem que há outra maneira de sair desse lugar. Quanto aos meus próprios homens, provavelmente ainda estão do lado de fora do meu quarto. Minha capacidade de agir furtivamente está realmente em ótima forma hoje. Vamos?

O Dique tinha sua própria rota de saída do palácio, uma escadaria estreita que circulava a estrutura acima e saía na margem do rio. Os dois subiram iluminados apenas pela penumbra avermelhada e pelas lanternas pálidas que pendiam escassamente, queimando com chamas eternas.

— Essa é uma má ideia — falou Kell, não porque esperasse fazer Rhy repensar aquela saída, mas simplesmente porque era seu trabalho dizer isso, para que depois pudesse contar ao rei e à rainha que ele tentara.

— O melhor tipo de ideia — disse Rhy, apoiando o braço nos ombros de Kell.

E assim os dois saíram do palácio e caíram na noite.

II

Outras cidades aproveitavam para se recuperar nos meses de inverno, mas a Londres Vermelha não mostrava sinais de retração. Enquanto os dois irmãos caminhavam pelas ruas, fogos elementais queimavam em cada lareira, vapor flutuava pelas chaminés, e, por entre a sua respiração condensada, Kell viu as luzes aureoladas do Mercado Noturno ao longo da margem do rio. O cheiro de vinho quente e de ensopado invadia as ruas cheias de figuras envoltas em cachecóis e capas das cores de joias.

Rhy estava certo: Kell era o único de preto. Ele puxou o chapéu para baixo sobre a testa, menos para protegê-lo do frio do que dos olhares inevitáveis.

Duas moças passeavam de braços dados, e quando uma lançou um olhar furtivo para Rhy, quase tropeçando nas próprias saias, ele a segurou pelo cotovelo.

— *An, solase, res naster* — desculpou-se a moça.

— *Mas marist* — respondeu Rhy em seu arnesiano fácil e impecável.

A moça não pareceu notar Kell, que ainda se mantinha um passo atrás, com metade corpo na sombra da margem do rio. Mas a amiga notou. Ele pôde sentir os olhos dela se demorando nele, e, quando ele finalmente encontrou o olhar da garota, sentiu uma satisfação soturna por ela estar prendendo a respiração.

— *Avan* — disse Kell, sua voz pouco mais espessa que a névoa.

— *Avan* — respondeu ela, tensa, fazendo uma medida com a cabeça.

Rhy beijou a mão enluvada da outra moça, mas Kell não desviou os olhos daquela que o observava. Houve um tempo em que os arnesianos o adoravam como se fosse abençoado, caíam tentando curvar-se baixo o suficiente. Mesmo ele nunca tendo gostado daquela exibição, isso era pior. Havia certa reverência nos olhos dela, mas também medo e o pior:

desconfiança. Ela olhava para Kell como se ele fosse um animal perigoso. Como se qualquer movimento súbito pudesse fazê-lo atacar. Afinal, até onde ela sabia, ele fora o culpado pela Noite Preta que tinha varrido a cidade, pela magia que fizera os olhos das pessoas se tornarem tão pretos quanto o seu próprio conforme os consumia de dentro para fora. E não importava quais declarações o rei e a rainha tenham emitido, não importava quantos rumores Rhy tentara espalhar contando o contrário, todos acreditavam que fora obra de Kell. Culpa dele.

E, de certa forma, é lógico, fora mesmo.

Ele sentiu a mão de Rhy em seu ombro e piscou.

As garotas estavam indo embora, de braços dados, cochichando energicamente.

Kell suspirou e olhou para trás, para o palácio real arqueando-se sobre o rio.

— Essa foi uma má ideia — disse ele novamente, mas Rhy já estava longe, afastando-se do Mercado Noturno e do brilho do Atol. — Para onde estamos indo? — perguntou Kell, entrando no ritmo dos passos do príncipe.

— É surpresa.

— Rhy — advertiu Kell, que passara a odiar surpresas.

— Nada tema, irmão. Prometi uma noite elegante e pretendo cumprir a promessa.

* * *

Kell odiou o lugar assim que o viu. Chamava-se *Rachenast*.

Esplendor.

Nocivamente ruidoso e dissolutamente colorido, o Esplendor era um palácio do lazer onde a *ostra* da cidade — a elite — podia protelar os meses mais frios apenas negando sua presença. Atravessando as portas recobertas de prata, a noite de inverno evaporava. Lá dentro era um dia de verão, das lanternas de fogo queimando como a luz do sol até as árvores artificiais lançando sombras sobre todos como um dossel de folhas verdes entremeadas.

Ao sair da noite gelada com sua cortina de sombra e neblina para um campo expansivo e bem-iluminado, Kell se sentiu repentina — e horrivelmente — exposto. Ele não podia acreditar, mas ele e Rhy estavam realmente *malvestidos*. Ele se perguntou se Rhy *queria* causar um escândalo ou uma cena, ter sua presença desafiada. Mas os criados à porta devem ter reconhecido o príncipe real ou o próprio Kell (e, por extensão, Rhy, já que, santos, todos sabiam que ninguém mais poderia arrastar o *Antari* para tal festa), porque os dois foram bem recebidos.

Kell semicerrou os olhos diante da fúria de atividades. As mesas de banquete estavam cheias com pilhas de frutas, queijos e jarras de vinho gelado de verão, e casais rodopiavam em uma plataforma de pedra azul feita para se assemelhar a um lago, enquanto outros descansavam em almofadas sob as árvores encantadas. Os carrilhões de vento ecoavam, e as pessoas riam — o riso alto e cintilante dos aristocratas —, brindando aos seus companheiros com cálices de cristal, suas riquezas, como a paisagem, em exibição.

Talvez toda a pantomima tivesse sido encantadora se não fosse tão frívola, tão espalhafatosa. Em vez disso, Kell a achou insuportável. A Londres Vermelha poderia ter sido a joia do império arnesiano, mas ainda tinha pessoas pobres e em sofrimento — e, ainda assim, em lugares como o Esplendor, a *ostra* podia fingir, construir utopias com dinheiro e magia.

Além de tudo, Rhy tinha razão: ninguém mais estava de preto, e Kell se sentiu como uma mancha em uma toalha limpa assim que o príncipe colocou a mão em seu ombro e conduziu-o para a frente (pensou em mudar o casaco, trocando o preto por algo mais claro, mas não conseguiria usar nenhum dos tons pavoneantes que estavam na moda neste inverno). Passaram por uma mesa de banquete, e Rhy pegou duas taças de vinho de verão. Kell manteve o chapéu, examinando a sala entre a aba do acessório e a borda do copo que Rhy pressionava nas mãos.

— Acha que já desvendaram meu disfarce — devaneou o príncipe, mantendo a cabeça abaixada — ou estão todos muito ocupados alisando as próprias penas?

Kell ficou surpreso com a insinuação de julgamento no tom do irmão.

— Dê um tempo a eles — falou —, nós acabamos de chegar.

Mas ele podia sentir o burburinho da informação movendo-se como um tremor através do salão conforme Rhy os levava até um sofá debaixo

de uma árvore.

O príncipe afundou nas almofadas e tirou o chapéu. Seus cachos pretos brilharam, e, mesmo sem a habitual coroa de ouro no cabelo, tudo nele — sua postura, seu sorriso perfeito, seu autocontrole — transpiravam realeza. Kell sabia que não podia imitar nenhuma dessas coisas; já havia tentado. Rhy jogou o chapéu na mesa. Kell hesitou, passando os dedos pela aba, mas manteve-o na cabeça, pois era sua única armadura contra os olhares intrometidos.

Ele sorveu a bebida, pouco interessado no resto do Esplendor, e analisou o irmão. Ele ainda não entendia o disfarce meia-boca de Rhy. O Esplendor era um esconderijo para a elite, e a elite conhecia a companhia do príncipe melhor do que qualquer um na cidade. Eles passavam meses aprendendo o idioma real apenas para que pudessem cair em suas graças (ainda que Kell soubesse que Rhy achava esse hábito desconfortável e desnecessário). A roupa não era a única coisa que o incomodava, no entanto. Tudo no príncipe estava em seu lugar, mas...

— Eu sou mesmo tão bonito assim? — perguntou Rhy, sem encontrar o olhar do irmão, enquanto uma risada estridente atravessava a sala.

— Você sabe que é — respondeu Kell, voltando a atenção para o tapete de grama sob seus pés.

Ninguém se aproximou do sofá, a não ser por uma criada, uma jovem de vestido branco que perguntou se havia alguma coisa que pudesse fazer para tornar a noite deles mais agradável. Rhy abriu um sorriso e a enviou em busca de uma bebida mais forte e de uma flor.

Kell observou o príncipe esticar os braços pelas costas do sofá, seus olhos dourados pálidos brilhando enquanto examinava o salão. Este era Rhy no seu modo mais discreto, e ainda era terrivelmente chamativo.

A criada voltou segurando um decantador com uma bebida cor de rubi e uma única flor azul-escura; Rhy aceitou a bebida e colocou a flor atrás da orelha dela com um sorriso. Kell revirou os olhos. Algumas coisas nunca mudavam.

Conforme Rhy enchia seu copo, Kell captou uma onda de sussurros enquanto mais olhos voltavam-se para eles. Sentia o peso inevitável quando o olhar coletivo se deslocava do príncipe para seu companheiro. A pele de Kell se arrepiou ante aquele escrutínio, mas, em vez de esquivar a cabeça, ele se forçou a encará-los.

— Isso seria muito mais divertido — observou Rhy — se você parasse de fazer cara feia para todo mundo.

Kell lançou-lhe um olhar fulminante.

— Eles têm medo de mim.

— Eles veneram você — disse Rhy com um gesto de desdém. — A maioria das pessoas desta cidade pensa que você é um *deus*.

Kell se encolheu com a menção da palavra. Magos *Antari* eram raros — tão raros que eram vistos por alguns como divinos, escolhidos.

— E o restante pensa que sou um demônio.

Rhy chegou para a frente.

— Você sabia que em Vesk acreditam que você pode mudar as estações do ano, controlar a maré e abençoar o império?

— Se você está querendo massagear o meu ego...

— Estou simplesmente lembrando que você sempre será singular.

Kell ficou paralisado, pensando em Holland. Ele disse a si mesmo que um novo *Antari* nasceria ou seria encontrado algum dia, mas não tinha certeza se acreditava nisso. Ele e Holland tinham sido dois exemplares de uma espécie quase extinta. *Antaris* sempre foram raros, mas estavam rapidamente se aproximando da extinção. E se ele realmente fosse o último?

Kell franziu o cenho.

— Preferia ser normal.

Agora foi a vez de Rhy usar o olhar fulminante.

— Pobrezinho. Imagino como é se sentir em um pedestal.

— A diferença — falou Kell — é que as pessoas te *amam*.

— Para cada dez que me amam — disse Rhy, gesticulando para a sala —, uma gostaria de me ver morto.

Uma lembrança surgiu, dos Sombras, homens e mulheres que seis anos antes haviam tentado tirar a vida de Rhy, apenas para enviar uma mensagem à coroa de que estavam desperdiçando recursos preciosos em assuntos frívolos, ignorando as necessidades de seu povo. Pensando no Esplendor, Kell quase podia entender.

— O que quero dizer — continuou Rhy — é que para cada dez pessoas que te adoram, uma quer vê-lo queimar. Essa é a proporção quando se trata de pessoas como nós.

Kell serviu-se de uma bebida.

— Este lugar é horrível — ponderou ele.

— Bem... — falou Rhy, esvaziando o copo com um gole e colocando-o sobre a mesa, produzindo um som de *clique*. — Nós podemos ir embora.

E ali estava, no olhar de Rhy, aquele brilho, e Kell de repente compreendeu a vestimenta do príncipe. Rhy não estava vestido para o Esplendor porque aquele não era seu verdadeiro destino.

— Você escolheu este lugar de propósito.

Rhy abriu um sorriso lânguido.

— Não sei do que você está falando.

— Você o escolheu porque *sabia* que eu ficaria infeliz aqui e mais suscetível a concordar quando você sugerisse irmos para outro lugar.

— E?

— E você subestima muito a minha resistência ao sofrimento.

— Como quiser — disse o príncipe, levantando-se com a habitual graciosidade indolente. — *Eu* vou dar uma voltinha pelo salão.

Kell olhou-o enfurecido, mas não se levantou. Observou o príncipe andando para longe, tentando imitar a indiferença calculada do irmão enquanto se ajeitava no sofá e se recostava com seu copo.

Viu o irmão circular pelo mar de pessoas, sorrindo alegremente, apertando mãos, beijando bochechas e gesticulando ocasionalmente para a própria roupa com uma risada autodepreciativa. Apesar de sua observação anterior, o fato era que Rhy ambientava-se sem esforço. *Como deveria ser*, ponderou Kell.

E ainda assim, Kell detestava a forma gananciosa com que a *ostra* olhava para o príncipe. O pestanejar afetado das mulheres continha afeto de menos e astúcia demais. Os olhares de avaliação dos homens mostravam pouca bondade e muita voracidade. Um ou dois lançaram olhares para Kell com um espectro da mesma ânsia, mas ninguém era suficientemente corajoso para se aproximar. Bom. Que sussurrassem, que olhassem. Ele sentiu o impulso estranho e súbito de fazer um escarcéu, ver a diversão deles se transfigurar em terror ao presenciar seu verdadeiro poder.

Kell apertou o copo com mais força, prestes a se levantar, quando captou um fragmento da conversa do grupo de pessoas mais próximo.

Ele não pretendia bisbilhotar; a prática veio naturalmente. Talvez a magia em suas veias lhe tivesse dado ouvidos potentes, ou talvez ele

simplesmente tivesse aprendido a sintonizá-los ao longo dos anos. Quando se era tantas vezes o assunto de conversas sussurradas, isso se tornava um hábito.

— Eu poderia ter entrado — falou um nobre, reclinado sobre uma montanha de almofadas.

— Ora, vamos — repreendeu uma mulher ao seu lado. — Mesmo que possuísse as habilidades, o que você não possui, é tarde demais. A lista de participantes já foi montada.

— Foi mesmo?

Como a maior parte da cidade, eles estavam falando sobre os *Essen Tash* — Os Jogos Elementais —, e a princípio Kell lhes deu pouca importância, uma vez que a *ostra* normalmente se preocupava mais com bailes e banquetes do que com os concorrentes. E quando raramente falavam dos magos, era da forma como se fala de animais exóticos.

— Bem, a lista ainda não foi *divulgada* — continuou a mulher em um tom conspiratório —, mas meu irmão tem seus métodos.

— Alguém que conheçamos? — perguntou outro homem, de forma displicente e despreocupada.

— Ouvi dizer que a última vencedora, Kisimyr, disputará de novo.

— E o Emery?

Nesse momento o corpo de Kell se enrijeceu e ele segurou o cálice com tanta força que os nós de seus dedos ficaram brancos. *Certamente isso é um engano*, pensou ele, ao mesmo tempo que uma mulher perguntou:

— *Alucard* Emery?

— O próprio. *Ouvi dizer* que ele está voltando para competir.

O sangue pulsou em baques surdos nos ouvidos de Kell, e o vinho em seu cálice começou a formar um redemoinho.

— Isso é bobagem — insistiu um dos homens.

— Você dá *muita atenção* às fofocas. Emery não pisa em Londres há três anos.

— Pode ser — insistiu a mulher —, mas o nome dele está na lista. O amigo do meu irmão tem uma irmã que é mensageira para o *Aven Essen*, e ela disse que...

Uma dor repentina percorreu o ombro de Kell, e ele quase derrubou o cálice. Ergueu a cabeça subitamente, procurando a fonte do ataque

enquanto sua mão ia até o ombro. Demorou um instante para registrar que a dor não era sua. Era um eco.

Rhy.

Onde estava Rhy?

Kell se levantou de um salto, derrubando tudo o que estava sobre a mesa enquanto esquadrihava o salão à procura do cabelo cor de ônix do príncipe, de seu casaco azul. Ele não estava em lugar algum. O coração de Kell martelou no peito, e ele resistiu à vontade de gritar o nome de Rhy por todo o gramado. Podia sentir olhos em cima dele, mas não se importava. Não ligava a mínima para nenhum deles. A única pessoa neste lugar — nesta *cidade* — com quem ele se importava estava próximo dali, sentindo dor.

Kell semicerrou os olhos ante o brilho forte demais do ambiente do Esplendor. As lanternas solares resplandeciam logo acima, mas ao longe a luz da tarde do salão aberto se afunilava nos corredores de uma floresta mais escura. Kell praguejou e se embrenhou pelo campo, ignorando os olhares dos outros clientes.

A dor veio novamente, desta vez na região lombar, e a faca de Kell já estava desembainhada conforme ele invadia o dossel sombreado, xingando as árvores densas que faziam das luzes das estrelas que passavam por entre os ramos as únicas fontes de iluminação. As únicas outras coisas que havia naquele bosque eram casais entrelaçados.

Maldição, praguejou, sua pulsação atingindo um ritmo colérico conforme ele retrocedia.

Ele aprendera a guardar um objeto de Rhy com ele, por via das dúvidas, e estava prestes a derramar seu sangue e conjurar um feitiço para encontrá-lo quando sentiu sua cicatriz latejar de uma maneira que lhe indicou que o príncipe estava perto. Ele se virou e ouviu uma voz abafada pela copa de árvore mais próxima, uma voz que poderia ser de Rhy. Kell avançou, esperando encontrar uma luta, e se deparou com algo completamente diferente.

Ali, em uma inclinação coberta de musgo, Rhy estava semivestido, pairando sobre a garota de branco, a flor azul ainda nos cabelos, o rosto enterrado no ombro dela. Ao longo das costas nuas dele, Kell pôde ver marcas de arranhões profundas o suficiente para verter sangue, e um eco

recente de dor floresceu perto dos quadris de Kell enquanto ela cravava as unhas na carne de Rhy.

Kell expirou bruscamente, por desconforto e por alívio. A garota o viu parado ali e arquejou. Rhy ergueu lentamente a cabeça, ofegante, e teve a audácia de sorrir.

— Seu idiota — sibilou Kell.

— Amante? — perguntou a garota.

Rhy se endireitou e então se virou com uma elegância lânguida, reclinando-se no musgo.

— Irmão — explicou.

— Vá embora — ordenou Kell à garota. Ela pareceu desconcertada, mas arrumou o vestido de qualquer jeito e se foi, enquanto Rhy levantou vacilante e procurou por sua camisa. — Pensei que você estivesse sendo atacado!

— Bem... — Rhy deslizou a túnica delicadamente sobre a cabeça. — De certa forma, eu estava.

Kell encontrou o casaco de Rhy pendurado sobre um galho baixo e o atirou em cima dele. Então conduziu o príncipe de volta através dos bosques e do campo, passando pelas portas de prata e saindo para a noite. Fora uma procissão silenciosa, mas no momento em que saíram do Esplendor, Kell virou o irmão para si.

— O que você estava *pensando*?

— Precisa mesmo perguntar?

Kell sacudiu a cabeça, incrédulo.

— Você é um imbecil sem comparação.

Rhy apenas riu.

— Como eu iria saber que ela seria tão bruta comigo?

— Vou matar você.

— Você não pode — falou Rhy de maneira simples, estendendo os braços. — Assegurou-se disso.

E por um instante, enquanto as palavras pairavam na nuvem de seu hálito gélido de inverno, o príncipe pareceu genuinamente chateado. Mas então o sorriso já estava de volta.

— Venha — disse ele, apoiando o braço nos ombros de Kell. — Eu já cansei mesmo do Esplendor. Vamos encontrar um lugar mais agradável para beber.

Uma neve fina começou a cair à volta deles, e Rhy suspirou.
— Você não se lembrou de pegar meu chapéu, lembrou?

III

— Santos — praguejou Rhy. — *Todas* as Londres ficam assim tão geladas?

— Ficam — respondeu Kell enquanto seguia o príncipe para longe do coração pulsante e brilhante da cidade, descendo ruas cada vez mais estreitas. — E ainda mais.

Enquanto caminhavam, Kell imaginou essa Londres interposta com as outras Londres, como uma camada ou mesmo um espectro sobre as demais. Por ali, eles iriam para Westminster. Lá estaria o pátio de pedra onde certa vez houvera uma estátua dos Danes.

Os passos de Rhy pararam de súbito à frente, e Kell ergueu os olhos para ver o príncipe segurando a porta de uma taverna. Uma placa de madeira trazia os dizeres *IS AVEN STRAS*.

Blessed Waters.

Kell xingou baixinho. Ele conhecia o suficiente sobre o lugar para saber que eles não deveriam estar ali. *Rhy* não deveria estar ali. Não era tão ruim quanto a Three of Knives, no coração do *shal*, onde as marcas pretas dos limitadores faiscavam em quase todos os punhos, ou a Jack and All, que tinha causado tantos problemas na última saída deles. Mas a Waters tinha a sua reputação de desordeira.

— *Tac* — repreendeu Kell, em arnesiano, porque este não era o tipo de lugar para falar ilustre real.

— O quê? — perguntou Rhy inocentemente, tirando o chapéu da cabeça de Kell. — Não é o Rachenast. E tenho negócios aqui.

— Que negócios? — perguntou Kell enquanto Rhy acomodava o chapéu sobre seus cachos, mas o príncipe apenas piscou e entrou, de modo que ele não teve escolha senão congelar ali fora ou segui-lo.

O interior do lugar cheirava a mar e a cerveja. Enquanto o Esplendor era amplo, com cores vivas e luz brilhante, a Waters era feita de cantos

escuros e lareiras com fogo baixo, mesas e cabines espalhadas como corpos pelo salão. O ar era denso de fumaça e barulhento, com risadas estridentes e ameaças ébrias.

Pelo menos este lugar é autêntico, pensou Kell. Sem fingimento. Sem ilusões. Lembrava-o da Stone's Throw, da Setting Sun e da Scorched Bone. Pontos fixos no mundo, lugares onde Kell tinha feito negócios, tempos atrás, quando seus negócios eram menos aceitáveis. Quando barganhava com bugigangas de lugares distantes, do tipo que apenas ele podia alcançar.

Rhy puxou a aba do chapéu para cobrir os olhos claros conforme se aproximava do bar. Ele apontou para uma sombra atrás do barman, deslizando um pedaço de papel e um único *lish* de prata pela madeira do balcão.

— Para o *Essen Tasch* — disse o príncipe em voz baixa.

— Competidor? — perguntou a sombra com uma voz áspera.

— Kameron Loste.

— Vencedor?

Rhy negou com a cabeça.

— Não. Só até as nonas.

A sombra lançou um olhar cauteloso, mas pegou a aposta com um movimento rápido dos dedos, como quem recolhe uma carta de baralho em um truque, e recuou para o canto do bar.

Kell sacudiu a cabeça, incrédulo.

— Você veio aqui fazer uma aposta. No torneio que *você mesmo* está organizando.

Havia um brilho nos olhos de Rhy.

— Exatamente.

— Isso é ilegal — retrucou Kell.

— E é por isso que estamos *aqui*.

— E pode me explicar por que não podíamos ter *começado* a noite aqui?

— Porque — explicou Rhy, chamando o barman com um aceno de mão — você estava de péssimo humor quando eu o arrastei daquele palácio. O que não é nada incomum, mas, ainda assim... E estava determinado a desprezar o primeiro destino da noite por uma questão de princípios. Eu apenas vim preparado.

O barman se aproximou, porém manteve o olhar no copo que estava polindo. Se ele reparou no cabelo ruivo de Kell ou em seu olho preto, não demonstrou.

— Dois Black Sallies — pediu Rhy em arnesiano, e foi astuto o suficiente para pagar em moedas trocadas de *lin* em vez de usar o *lish* ou o *rish* de ouro empregado pelos nobres. O barman assentiu com a cabeça e serviu dois copos de um líquido grosso e escuro.

Kell ergueu o copo — o conteúdo era denso demais para se ver através dele — e tomou um gole, com cautela. Ele quase engasgou, o que provocou risadas em um punhado de homens no bar. A bebida era áspera, viscosa e doce, porém forte, e agarrou-se à garganta de Kell enquanto subia para sua cabeça.

— Isso é repulsivo — falou Kell com a voz sufocada. — O que tem aqui?

— Acredite em mim, irmão, você não quer saber. — Rhy se voltou para o barman. — Vamos querer também duas cervejas de inverno.

— Quem bebe isso? — Kell tossiu.

— Pessoas que querem ficar bêbadas — respondeu Rhy, tomando um longo e sofrido gole.

Kell sentiu a cabeça rodar conforme empurrava seu copo para longe.

— Vá devagar — disse ele, mas o príncipe parecia decidido a terminar a bebida, e bateu o copo vazio no balcão, estremecendo. Os homens no fim do bar bateram seus próprios copos, em um gesto de aprovação, e Rhy fez uma medida vacilante.

— Impressionante — murmurou Kell, ao mesmo tempo que alguém atrás deles falava com desprezo:

— Se você quer saber, o príncipe é um merdinha mimado.

Kell e Rhy ficaram tensos. O homem estava jogado a uma mesa com mais dois homens, todos virados de costas para o bar.

— Olha como você fala — avisou o outro. — É a realeza que você tá jogando na lama. — Mas antes que Kell pudesse sentir qualquer alívio, todos começaram a rir.

Rhy segurou a borda do balcão com tanta força que os nós de seus dedos ficaram brancos, e Kell apertou o ombro do irmão forte o suficiente para sentir a dor ecoar no seu próprio. A última coisa de que precisava era do príncipe herdeiro envolvido em uma briga na Blessed Waters.

— O que foi que você disse antes — sibilou no ouvido de Rhy — sobre aqueles que queriam nos ver queimar?

— Dizem que ele não tem um pinga de magia nele — prosseguiu o primeiro homem, obviamente bêbado. Nenhum homem sóbrio falaria algo assim em voz alta.

— Vai entender — murmurou o segundo.

— Num é justo — falou o terceiro. — Se ele não tivesse naquele palácio enfeitado, estaria mendigando como um cachorro.

A pior parte era que o homem provavelmente estava certo. O mundo era *governado* pela magia, mas o poder não seguia linha ou linhagem clara; fluía espesso em alguns e ralo em outros. E, além disso, se a magia negava seu poder a uma pessoa, o povo entendia como um julgamento. Os fracos eram evitados e deixados à própria mercê para se defenderem. Às vezes, tais pessoas iam para a vida no mar, onde o poder elemental importava menos do que a força simples dos músculos, mas era mais comum que ficassem e roubassem, acabando com menos do que tinham de início. Era uma vida da qual Rhy tinha sido poupado apenas por seu nascimento.

— Que direito ele tem de sentar naquele trono? — resmungou o segundo.

— Nenhum, essa é que...

Kell já tinha ouvido o suficiente. Estava a ponto de se virar para a mesa quando Rhy estendeu a mão. O gesto foi relaxado, o toque, despreocupado.

— Não se dê ao trabalho — disse ele, pegando as cervejas e se dirigindo para o outro lado do salão.

Um dos homens estava recostado na cadeira, inclinada e apenas com duas pernas de madeira no chão, e Kell a desequilibrou ao passar. Ele não olhou para trás, mas ouviu o som do corpo caindo no chão.

— Cachorrinho levado — sussurrou Rhy, mas Kell percebeu o sorriso na voz dele.

O príncipe passou entre as mesas para chegar a uma cabine na parede mais distante, e Kell estava prestes a segui-lo quando algo na taverna chamou sua atenção. Ou melhor, *alguém*. Ela se destacava, não apenas porque era uma das únicas mulheres no local, mas porque ele a conhecia. Haviam se encontrado somente duas vezes, mas ele a reconheceu

instantaneamente, desde o sorriso felino até o cabelo preto torcido como uma corda atrás de sua cabeça, cada mecha intrincada com fios de ouro. Era muito corajoso trajar metal tão precioso em um lugar de bandidos e ladrões.

Mas Kisimyr Vastrin era mais ousada do que a maioria.

Era também a atual campeã do *Essen Tasch*, e a razão pela qual o torneio estava sendo realizado em Londres. Os Jogos só começariam dali a quinze dias, mas lá estava ela, divertindo-se com seu cortejo em um canto da Blessed Waters, cercada por sua costumeira comitiva de belos bajuladores. A competidora passara a maior parte do ano viajando pelo império, exibindo-se e orientando jovens magos — quando os bolsos deles eram grandes o suficiente. A primeira vez em que conseguira um lugar na cobiçada lista de participantes foi quando tinha apenas 16 anos, e nos últimos doze anos e quatro torneios, ela havia escalado posições até o lugar de vencedora.

Com apenas 28 anos, podia facilmente voltar a fazê-lo.

Kisimyr mexeu preguiçosamente em um brinco de pedra, um dos três que tinha em cada orelha, sustentando um sorriso lupino no rosto. Então ela deixou o olhar vagar, passando por sua mesa e pelo salão, até repousá-lo em Kell. Os olhos dela tinham uma miríade de cores, e alguns insistiam que ela podia ver dentro da alma de uma pessoa. Mesmo Kell duvidando de que suas íris únicas pudessem lhe conceder algum poder extraordinário (mas quem era ele para julgar, carregando a marca da magia desenhada como tinta em um dos olhos?), o olhar dela era enervante ainda assim.

Ele inclinou o queixo para cima e deixou que a luz da taverna captasse o preto brilhante de seu olho direito. Kisimyr sequer pareceu surpresa. Ela simplesmente brindou a ele, com um movimento quase imperceptível, quando levou um copo daquele líquido preto aos lábios.

— Você vai se sentar — perguntou Rhy — ou vai ficar de sentinela?

Kell desviou o olhar e virou-se para o irmão. Rhy estava esticado ao longo do banco com os pés para cima, mexendo na aba do chapéu de Kell e murmurando o quanto gostara do seu próprio. Kell empurrou as botas do príncipe para o lado para conseguir sentar.

Ele queria perguntar sobre a lista de participantes do torneio, sobre Alucard Emery —, mas, mesmo não dito, o nome deixou um sabor amargo

em sua boca. Ele tomou um longo gole de cerveja, que não foi capaz de limpar a bile.

— Devíamos fazer uma viagem — falou Rhy, arrastando-se para sentar-se direito. — Quando o torneio acabar.

Kell riu.

— Estou falando sério — insistiu o príncipe, embaralhando ligeiramente as palavras.

Ele sabia que Rhy estava realmente falando sério, mas também sabia que isso nunca aconteceria. A coroa não permitia que Kell viajasse além das fronteiras de Londres, mesmo quando se aventurava em mundos diferentes. Alegavam que era para sua própria segurança — e talvez fosse —, mas ele e Rhy sabiam que essa não era a única razão.

— Vou falar com papai... — disse Rhy, divagando como se o assunto já estivesse desaparecendo de sua mente. E então já estava novamente de pé, deslizando para fora da cabine.

— Aonde você está indo? — perguntou Kell.

— Buscar outra rodada para nós.

Kell olhou para o copo descartado de Rhy e depois para o seu, ainda pela metade.

— Acho que já bebemos o suficiente — afirmou Kell.

O príncipe girou à volta dele, agarrando-se à cabine.

— Então agora você fala por nós dois? — explodiu, os olhos vidrados. — Primeiro o corpo e agora a vontade?

A alfinetada o atingiu, e Kell de repente se sentiu horivelmente cansado.

— Está bem — rosnou. — Vá nos envenenar.

Ele esfregou os olhos e viu seu irmão se afastar. Rhy sempre tivera uma inclinação pela bebida, mas nunca com o único propósito de estar bêbado demais para funcionar. Bêbado demais para pensar. Os santos sabiam que Kell tinha seus próprios demônios, mas não poderia afogá-los. Não daquele jeito. Não sabia por que continuava deixando Rhy tentar.

Kell procurou nos bolsos de seu casaco e encontrou um clipe de bronze com três cigarrilhas.

Ele nunca tinha sido um grande fumante — embora também nunca houvesse sido um grande bebedor — e ainda assim, querendo recuperar pelo menos um pouco do controle sobre o que colocava no próprio corpo,

estalou os dedos e acendeu a cigarrilha com a pequena chama que dançava sobre seu polegar.

Ele aspirou profundamente — não era tabaco, como na Londres Cinza, nem o horrível charuto que fumavam na Londres Branca, e sim uma agradável folha condimentada que arejava sua cabeça e acalmava seus nervos. Kell soltou uma baforada, seus olhos perdendo o foco na nuvem de fumaça.

Ele ouviu passos e ergueu os olhos, esperando ver Rhy, mas encontrou uma jovem. Ela trazia as marcas da comitiva de Kisimyr, desde o cabelo escuro enrolado, passando pelas borlas de ouro, até o pingente de olho de gato no pescoço.

— *Avan* — falou ela com uma voz suave como seda.

— *Avan* — respondeu Kell.

A mulher se aproximou, e a barra de seu vestido roçou na beirada da cabine.

— A mestra Vasrin envia seus cumprimentos e deseja que eu lhe transmita uma mensagem.

— E qual é a mensagem? — indagou ele, tragando mais uma vez.

Ela sorriu, e antes que ele pudesse fazer qualquer coisa, antes mesmo que pudesse exalar a fumaça, estendeu as mãos, pegou o rosto de Kell e o beijou. A respiração ficou presa no peito de Kell, o calor percorreu seu corpo, e, quando a garota se afastou — o suficiente para encontrar seu olhar — ela soltou um sopro de fumaça. Ele quase riu. Seus lábios se curvaram em um sorriso felino, e os olhos dela procuraram os dele, não com medo ou mesmo surpresa, mas com algo que lembrava empolgação. Reverência. E Kell sabia que aquele era o momento em que ele deveria se sentir como um impostor... mas não sentiu.

Ele olhou por trás dela, para o príncipe que ainda estava de pé em frente ao bar.

— Ela só disse isso? — perguntou Kell.

A boca da jovem se contraiu de leve.

— As instruções dela foram vagas, *mas aven vares*.

Meu abençoado príncipe.

— Não — disse ele, franzindo o cenho. — Não diga príncipe.

— O quê, então?

Ele engoliu em seco.

— Apenas Kell.

Ela corou. Era íntimo demais. As normas da sociedade ditavam que, mesmo que ele se despisse do título real, deveria ser chamado de *mestre* Kell. Mas ele também não queria ser isso. Só queria ser ele mesmo.

— Kell — pronunciou, testando a palavra nos lábios.

— E qual é o seu nome? — perguntou ele.

— Asana — sussurrou ela, a palavra escapando como um som indicativo de prazer.

Ela o guiou de volta ao banco, o gesto de alguma forma ousado e tímido ao mesmo tempo. E então sua boca estava na dele. Suas roupas eram acinturadas, de acordo com a moda atual, e ele enredou os dedos nos laços do corpete que ficavam na parte inferior das costas.

— Kell — alguém sussurrou no ouvido dele.

Mas não era Asana e sim Delilah Bard. Ela fazia isso, entrava em seus pensamentos e roubava sua concentração, como uma ladra. E isso era exatamente o que ela era. O que ela *havia* sido, antes que ele a tirasse do mundo dela e a levasse para o dele. Só os santos sabiam como ou onde ela estava atualmente, mas em seus pensamentos ela sempre seria a ladra que roubava nos momentos mais inoportunos. *Vá embora*, pensou, agarrando com mais força o vestido da jovem. Asana o beijou de novo, mas ele estava sendo arrastado para outro lugar, lá fora, nas ruas da noite fria de outubro, e outros lábios estavam pressionados contra os dele, durando apenas um instante: um fantasma de um beijo.

— *Por que você fez isso?*

Ela abriu um sorriso afiado como uma navalha.

— *Para dar sorte.*

Ele gemeu, frustrado, e puxou Asana para si, beijando-a profunda e desesperadamente, tentando sufocar a intromissão de Lila enquanto os lábios de Asana roçavam seu pescoço.

— *Mas vares* — exalou ela na pele dele.

— Não sou... — começou ele, mas então a boca de Asana estava na dele de novo, roubando a argumentação e o fôlego. A mão dele desapareceu em algum lugar sob a cascata dos cabelos dela. E agora reaparecia sobre a nuca. A mão dela estava espalmada no peito dele, e então seus dedos desceram para a boca do estômago e...

Dor.

Resvalou pelo queixo, súbita e pungente.

— O que foi? — perguntou Asana. — Qual é o problema?

Kell cerrou os dentes.

— Nada.

Vou matar meu irmão.

Ele desviou os pensamentos de Rhy para Asana, mas, assim que sua boca encontrou a dela novamente, a dor voltou, assolando seu quadril.

Por um único e nebuloso instante, Kell se perguntou se Rhy tinha apenas encontrado outra conquista entusiasmada. Mas então a dor veio pela terceira vez, agora nas costelas, lancinante o suficiente para arrebatá-lo seu fôlego, e a possibilidade se esvaiu.

— Santo — praguejou ele, desvencilhando-se do abraço de Asana e saindo da cabine ao mesmo tempo em que murmurava desculpas. A sala oscilou por ele ter se levantado rápido demais, e Kell se recostou na cabine, examinando o salão e se perguntando em que tipo de problema Rhy tinha se metido dessa vez.

Então ele viu a mesa perto do bar, onde antes os três homens estiveram conversando. Eles tinham ido embora. Havia duas portas no Blessed Waters: a da frente e a dos fundos. Kell escolheu a segunda opção, e sua escolha foi certa. Ele saiu intempestivamente pela noite com uma velocidade que francamente o surpreendeu, dado o quanto ele e Rhy tinham bebido. Mas a dor e o frio eram coisas que deixavam um homem sóbrio rapidamente, e enquanto ele resvalava até parar em um beco coberto de neve, já podia sentir a magia correndo quente por suas veias, pronta para o combate.

A primeira coisa que Kell viu foi o sangue.

E depois a faca do príncipe caída sobre os paralelepípedos.

Os três homens tinham encurralado Rhy no final do beco. Um deles tinha um corte no antebraço. O outro, na bochecha. Rhy deve ter conseguido desferir alguns golpes antes de perder sua arma, mas agora estava encurvado, com um braço em torno das costelas e sangue escorrendo do nariz. Os homens, obviamente, não sabiam quem ele era. Uma coisa era falar mal da realeza, já colocar as mãos nele...

— Vou te dar uma lição por cortar o meu rosto — rosnou um.

— Fiz uma melhoria — resmungou Rhy por entre os dentes cerrados. Kell não podia acreditar: Rhy estava provocando os homens.

— ... procurando problemas. — Vai acabar encontrando.

— Não... tenha tanta... certeza... — O príncipe tossiu.

Sua cabeça se ergueu acima dos homens e ele viu Kell. Abriu um sorriso fraco, cheio de dentes ensanguentados.

— Vejam só. Olá — falou, como se tivessem acabado de se esbarrar ao acaso.

Como se ele não estivesse sendo surrado para valer atrás da Blessed Waters. E como se, naquele instante, Kell não tivesse vontade de deixar os homens baterem em Rhy por ser estúpido e autodestrutivo o suficiente para provocar essa briga (porque Kell não tinha dúvida de que o príncipe tinha começado). O desejo aumentava pelo fato de que, embora os bandidos não soubessem, eles não podiam matá-lo. Essa era a razão do feitiço gravado em sua pele. *Nada* podia matar Rhy. Porque não era mais a vida de Rhy que o mantinha vivo. Era a de Kell. E, enquanto Kell vivesse, o príncipe também viveria.

Mas podiam machucá-lo, e Kell não estava com raiva suficiente para deixar isso acontecer.

— Olá, irmão — falou Kell, cruzando os braços.

Dois dos três homens se viraram para Kell.

— *Kers la?* — debochou um. — Um cãozinho de estimação veio morder nossos calcanhares?

— Não parece que consiga morder muito — disse outro.

O terceiro sequer se deu ao trabalho de se virar. Rhy dissera alguma coisa para insultá-lo — Kell não entendeu as palavras —, e agora ele se preparava para chutar o estômago do príncipe. Mas não o atingiu. Kell cerrou os dentes e a bota do homem congelou no ar, os ossos em sua perna paralisados.

— Que diabos...

Kell o girou com a mente e o homem foi voando de lado até se chocar contra a parede mais próxima. Ele caiu no chão, gemendo, e os outros dois olharam com surpresa e horror.

— Você não pode... — resmungou um deles, embora o fato de que Kell *podia* era menos chocante do que o fato de que ele já *havia* feito.

Manipular ossos com magia era uma habilidade rara e perigosa, proibida porque quebrava a lei cardeal: que ninguém podia usar magia, mental ou física, para controlar outra pessoa. Aqueles que demonstravam a

habilidade eram fortemente encorajados a desaprendê-la. Qualquer pessoa apanhada fazendo aquilo seria recompensada com um conjunto completo de limitadores.

Um mago comum nunca arriscaria receber a punição.

Kell não era um mago comum.

Ele levantou o queixo para que os homens pudessem ver seus olhos, e sentiu uma satisfação sombria quando a cor se esvaiu de seus rostos. Então ouviu o barulho de passos e se voltou para ver mais homens chegando ao beco. Bêbados, com raiva e armados. Algo se agitou nele.

Seu coração disparou, e magia borbulhou em suas veias. Ele sentiu algo em seu rosto, e levou um instante para perceber que estava *sorrindo*.

Ele tirou a adaga da bainha escondida em seu braço e com um único movimento cortou a palma da mão. O sangue caiu na rua em pesadas gotas vermelhas.

— *As Isera* — pronunciou. As palavras tomaram forma em seu sangue e no ar ao mesmo tempo. Vibraram por todo o beco.

E, então, o chão começou a *congelar*.

Começou nas gotas de sangue e se espalhou rapidamente como uma geada sobre as pedras e sob os pés, até que, um instante depois, todos no beco estavam em cima de uma única placa sólida de gelo. Um homem deu um passo, e seus pés voaram para o alto, agitando os braços em busca de equilíbrio conforme caía. Outro devia estar com botas melhores, porque deu um passo seguro para a frente. Mas Kell já estava em movimento. Ele se agachou, pressionou a palma sangrenta contra as pedras da rua e disse:

— *As steno*.

Quebrar.

Um som de algo rachando cortou a noite, o silêncio se quebrando junto com a placa de gelo vítreo. Rachaduras verteram da mão de Kell, fissurando o chão por todos os lados, e, quando ele se levantou, os estilhaços o acompanharam. Cada pedaço de gelo que não estava preso por botas ou corpos se ergueu no ar e ali ficou, com as bordas afiadas como facas voltadas para o lado oposto de Kell como raios de luz perversos.

De repente, todos no beco ficaram imóveis, não porque ele estivesse comandando os ossos em seus corpos, mas porque estavam com medo. Como deveriam estar. Ele não se sentia bêbado agora. Não sentia frio.

— Ei, você — disse um deles, suas mãos se erguendo em rendição. — Não precisa fazer isso.

— Não é justo — rosnou outro devagar, uma lâmina de gelo em sua garganta.

— Justo? — perguntou Kell, surpreso com a firmeza da própria voz. — Três contra um é justo?

— Ele começou!

— Oito contra dois é justo? — continuou Kell. — Parece para mim que as chances estão a *seu* favor.

Os pedaços de gelo pairando no ar começaram a se mover para a frente. Kell ouviu os silvos de pânico.

— Estávamos apenas nos defendendo.

— Não sabíamos.

Virado de costas para a parede traseira, Rhy se endireitou.

— Qual é, Kell...

— Fique quieto, Rhy — avisou Kell. — Você já causou problemas demais.

Os fragmentos pontiagudos de gelo flutuaram para todos os lados e, em seguida, voaram com uma precisão lenta até que dois ou três encontraram cada homem, traçaram um curso até garganta, coração e vísceras. Os estilhaços e os homens que olhavam para eles esperaram com olhos arregalados e prenderam a respiração para ver o que fariam.

O que *Kell* faria. Um movimento de seu pulso era tudo o que era preciso para acabar com todos os homens no beco.

Pare, disse uma voz, a palavra quase suave demais para se ouvir.

Pare.

E então, de repente, muito mais alto, a voz era de Rhy, as palavras irrompendo de sua garganta.

— *KELL, PARE!*

E a noite voltou ao foco e ele percebeu que estava ali de pé, controlando oito vidas em suas mãos, e quase as tinha exterminado. Não para puni-los por atacar Rhy (o príncipe provavelmente os havia provocado) nem por terem sido homens maus (embora vários deles pudessem ser). Mas apenas porque *podia*, porque era bom estar no controle, ser o mais forte, saber que no final ele seria o único que ficaria de pé.

Kell expirou e baixou a mão, deixando os estilhaços de gelo caírem nos paralelepípedos, onde se quebraram. Os homens arfaram, xingaram e tropeçaram juntos, o feitiço daquele instante sendo quebrado.

Um caiu no chão, tremendo.

Outro parecia prestes a vomitar.

— Saíam daqui — falou Kell, calmamente.

E os homens obedeceram. Ele os viu sair correndo.

As pessoas já pensavam que Kell era um monstro, e agora ele tinha dado mais peso aos medos, o que só faria tudo ficar pior. Mas não importava. Nada do que ele fazia parecia tornar as coisas melhores.

Seus passos crepitaram no gelo quebrado conforme ele caminhava até onde Rhy estava apoiado na parede. Ele parecia atordoado, mas Kell pensou que tinha menos a ver com a surra e mais com a bebida. O sangue tinha parado de escorrer do nariz e do lábio, e seu rosto não estava ferido. Quando Kell examinou o próprio corpo em busca de ecos de dor, sentiu apenas um par de costelas doloridas.

Kell estendeu a mão e ajudou Rhy a se levantar. O príncipe deu um passo à frente e se desequilibrou, mas Kell o pegou e o manteve de pé.

— Lá vai você de novo — murmurou Rhy, apoiando a cabeça no ombro de Kell. — Você nunca me deixa cair.

— E deixar você me levar junto? — ralhou Kell, apoiando o braço do príncipe em seus ombros. — Vamos, irmão. Acho que já nos divertimos bastante por uma noite.

— Sinto muito — sussurrou Rhy.

— Eu sei.

Mas a verdade era que Kell não conseguia se esquecer do modo como se sentira durante a luta, a pequena parte desafiadora que, sem dúvida, *gostara* de tudo. Ele não podia esquecer aquele sorriso que pertenceria a ele e ao mesmo tempo a alguém inteiramente diferente.

Kell estremeceu e ajudou o irmão a voltar para casa.

IV

Os guardas estavam esperando por eles no corredor.

Kell levara o príncipe por todo o caminho de volta ao palácio e pela escadaria do Dique antes de esbarrar com os homens: dois deles eram guardas de Rhy, os outros dois dele próprio, e os quatro pareciam irritados.

— Vis, Tolners — falou Kell, fingindo frivolidade. — Querem me dar uma ajuda?

Como se estivesse carregando um saco de trigo e não o príncipe real de Arnes.

Os guardas de Rhy estavam pálidos de raiva e preocupação, mas nenhum se moveu.

— Staff, Hastra? — disse ele, apelando para seus próprios guardas. Tudo que encontrou foi um silêncio inquebrável. — Ótimo, saiam do caminho; eu mesmo vou levá-lo.

Ele passou com truculência pelos guardas.

— Esse sangue é do príncipe? — perguntou Vis, apontando para a manga da blusa de Kell, que ele usara para limpar o rosto de Rhy.

— Não — mentiu. — Só meu.

Os homens de Rhy relaxaram consideravelmente ao ouvir essa informação, o que Kell achou desconcertante. Vis era do tipo nervoso, os pelos sempre eriçados, e Tolners não tinha um pinga de senso de humor, com a carranca de um oficial militar. Ambos tinham servido ao rei Maxim antes de serem designados para proteger o jovem da realeza, e viam a rebeldia do príncipe com muito menos indiferença do que os anteriores. Quanto aos guardas de Kell, Hastra era jovem e ansioso, mas Staff quase nunca dizia uma palavra, fosse para Kell ou em sua presença. No primeiro mês, Kell não conseguia ter certeza se o guarda o odiava, o temia ou

ambos. Então Rhy lhe contara a verdade: a irmã de Staff tinha morrido na Noite Preta, e Kell soube que ele provavelmente sentia ambos.

— Ele é um bom guarda — disse Rhy quando Kell perguntou por que designariam um homem como ele para protegê-lo. Então acrescentou sombriamente: — Foi escolha do papai.

Agora, quando o grupo alcançou o corredor real que os irmãos compartilhavam, Tolners pegou um bilhete e ergueu-o para Kell ler.

— Isso não é engraçado.

Aparentemente Rhy tivera a graça de fixar um bilhete na porta de seu quarto, no caso de alguém no palácio se preocupar.

Não fui sequestrado.

Saí para beber com Kell.

Fiquem aqui esperando.

O quarto de Rhy ficava no fim do corredor, destacado por duas portas ornamentadas. Kell deu um chute para abri-las.

— Muito barulho — resmungou Rhy.

— Mestre Kell — advertiu Vis, seguindo-o para dentro do aposento. —

Devo insistir para que você pare com essas...

— Não o forcei a sair.

— Mas você *permitiu*...

— Sou irmão dele, não *guarda* — explodiu Kell.

Ele sabia que tinha sido criado para proteger Rhy tanto quanto para ser seu companheiro, mas não era uma tarefa fácil e, além do mais, já não tinha feito o suficiente?

Tolners ralhou:

— O rei e a rainha...

— Vão embora — gritou Rhy, despertando. — Estão me dando dor de cabeça.

— Alteza — começou Vis, alcançando o braço de Rhy.

— *Fora* — vociferou o príncipe com súbito vigor.

Os guardas se afastaram, depois olharam, inseguros, para Kell.

— Vocês ouviram o príncipe — resmungou ele. — Saiam — Seu olhar recaiu sobre seus próprios homens. — Todos vocês.

Quando as portas se fecharam atrás dele, Kell meio guiou, meio arrastou Rhy para a cama.

— Acho que os guardas estão começando a gostar de mim — resmungou ele.

Rhy cambaleou e caiu de costas na cama, um dos braços cobrindo os olhos.

— Desculpe... desculpe... — disse ele, quase sussurrando, e Kell estremeceu, lembrando-se daquela noite horrível: o príncipe sangrando até a morte enquanto ele e Lila tentavam levá-lo para a segurança, os suaves *desculpe* se esvaindo até se transformarem em silêncio, quietude e...

— ... tudo minha culpa... — a voz de Rhy o trouxe de volta à realidade.

— Fique quieto — pediu Kell, desabando em uma cadeira que estava ao lado da cama.

— Eu só queria... como era antes.

— Eu sei — disse Kell, esfregando os olhos. — Eu sei.

Ele continuou sentado ali até Rhy ficar em silêncio, a salvo em seu sono, então fez força para se colocar de pé. O quarto balançou ligeiramente, e Kell se apoiou por um instante na coluna de madeira esculpida da cama antes de voltar para os próprios aposentos. Não pelo corredor principal e por seus guardas, mas pelo corredor secreto que seguia entre os quartos. Quando Kell entrou, as lamparinas se acenderam, vivas. Era magia fácil, sem esforço, mas a luz não o fez se sentir em casa. O cômodo sempre parecera estranhamente alheio. Rígido, como uma vestimenta malfeita e sem o caimento apropriado.

Era um quarto para a realeza. O teto era revestido de tecidos que caíam oscilantes, das cores da noite, e uma elegante escrivaninha ocupava uma das paredes. Um sofá e cadeiras estavam dispostos em volta de um conjunto de chá de prata, e um par de portas de vidro levava a uma varanda agora coberta por uma fina camada de neve. Kell tirou o casaco e revirou-o de dentro para fora algumas vezes, retornando ao vermelho real antes de colocá-lo sobre um otomano.

Ele sentia falta de seu pequeno quarto no alto da escada da Ruby Fields, com suas paredes ásperas, sua cama estreita e dura e seu ruído constante. Mas o quarto, a taverna e a mulher que o administrava haviam sido queimados até virar cinzas meses atrás por Holland, e Kell não conseguiu encontrar forças para procurar outro.

O quarto fora um segredo, e Kell havia prometido à coroa — e a Rhy — que pararia de guardar segredos. Ele perdera o quarto e a privacidade que vinha com ele, mas havia algo bom em continuar sentindo aquela falta. Ele supôs que merecia isso. Outros perderam muito mais por causa dele.

E então Kell permaneceu nos aposentos reais.

A cama o convidava em uma plataforma elevada, com um colchão macio e um mar de travesseiros, mas, em vez de ir para lá, Kell desabou em sua cadeira favorita. Uma coisa gasta se comparada à cama, encontrada em um dos escritórios do palácio, encarava as portas da varanda e o horizonte, voltada para o brilho quente e vermelho do Atol. Ele estalou os dedos, e as lamparinas escureceram até apagar.

Sentado ali apenas à luz do rio, sua mente cansada se voltou, como invariavelmente fazia, para Delilah Bard. Quando Kell pensava nela, não era uma garota e sim, três: a ladra de rua magrela que o roubara em um beco, a parceira sanguínea que lutara ao lado dele e a garota impossível que fora embora sem nunca olhar para trás.

Onde você está, Lila?, ponderou. *E em que tipo de problemas você está se metendo?*

Kell puxou um lenço do bolso traseiro: um pequeno quadrado de tecido escuro, que lhe fora dado pela primeira vez por uma garota vestida de garoto em um beco escuro, um truque de mãos para poder roubá-lo. Ele o usara para encontrá-la mais de uma vez, e se perguntou se poderia fazê-lo de novo ou se agora pertencia mais a ele do que a ela. Imaginou aonde o levaria, se funcionasse.

Ele sabia com uma certeza que vinha de suas entranhas que ela estava viva, ela tinha que estar viva, e a invejava. Invejava o fato de que aquela garota da Londres Cinza estava lá fora em algum lugar, vendo partes do mundo que Kell, um habitante da Londres Vermelha, um *Antari*, nunca tinha vislumbrado.

Kell colocou o lenço de lado, fechou os olhos e esperou que o sono o dominasse. Quando isso aconteceu, ele sonhou com ela. De pé em sua varanda, incitando-o a sair e brincar. Sonhou que a mão dela se enroscava na dele, um pulso de poder os entrelaçando e unindo. Sonhou com os dois correndo por ruas desconhecidas, não aquelas de Londres que já haviam percorrido, mas curvas e desvios em lugares aonde ele nunca tinha ido e

outros que ele poderia jamais conhecer. Mas lá estava ela, ao seu lado, puxando-o para a liberdade.

Londres Branca

Ojka sempre fora graciosa.

Graciosa quando dançava. Graciosa quando matava.

A luz do sol se derramava pelo chão de pedra enquanto ela girava, suas facas lambendo o ar enquanto arqueavam e mergulhavam, presas às mãos dela e umas às outras por um único pedaço de cordão preto.

Seu cabelo, antes pálido, agora brilhava vermelho, um contraste com sua pele ainda cor de porcelana, vistoso como sangue. Roçava seus ombros quando ela girava e se curvava, um raio brilhante no centro de um círculo mortal. Ojka dançou, e o metal acompanhou o ritmo; era o parceiro perfeito para seus movimentos fluidos. E durante todo o tempo ela manteve os olhos fechados. Conhecia a dança de cor, uma dança que ela tinha aprendido ainda criança nas ruas de Kosik, na pior parte de Londres. Uma dança que ela dominara. Não se ficava vivo nesta cidade apenas por sorte. Não se você tivesse um traço que fosse de poder. Os carneiros o farejariam, rasgariam sua garganta para poder roubar qualquer vestígio que houvesse em seu sangue. Eles não se importavam se você fosse criança. Só o tornaria um alvo mais fácil de agarrar e matar.

Mas não Ojka. Ela havia aberto caminho à força por Kosik. Crescera e sobrevivera em uma cidade que conseguia matar a todos. E a tudo.

Mas aquilo fora em outra vida. Aquilo fora antes. Isso era depois.

As veias de Ojka traçavam elegantes linhas pretas sobre sua pele conforme ela se movia. Podia sentir a magia correndo por ela, um segundo pulso entrelaçado com sua pulsação. Primeiro havia queimado, tão quente que ela temeu que a consumisse, da mesma forma que tinha consumido outros. Mas então ela se entregara. Seu corpo parara de lutar, assim como

o poder. Ela o abraçara, e, uma vez que o havia feito, ele retribuía o abraço e eles dançaram juntos, queimaram juntos, fundindo-se como aço reforçado.

As lâminas cantaram, extensões de suas mãos. A dança estava quase terminada.

E então ela sentiu a convocação, como uma labareda de calor dentro do crânio.

E parou. Não de súbito, lógico, mas lentamente, enrolando o cordão preto em torno das mãos até que as lâminas bateram nas palmas. Só então seus olhos se abriram.

Um era amarelo.

O outro era preto.

Prova de que ela havia sido escolhida.

Não era a primeira, mas isso não era problema. Não importava. O que importava era que os outros haviam sido muito fracos. O primeiro durara apenas alguns dias. O segundo mal conseguira aguentar uma semana. Mas Ojka era diferente. Ojka era forte. Ela tinha sobrevivido. Ela *iria* sobreviver enquanto fosse digna.

Essa fora a promessa do rei quando a escolhera.

Ojka enrolou o cordão ao redor das lâminas e deslizou a arma de volta no coldre em seu quadril.

O suor gotejava das pontas do cabelo carmesim, e ela o torceu antes de se enfiar no casaco e amarrar a capa. Seus dedos tracejaram a cicatriz que subia da garganta até a mandíbula e ao longo da bochecha, terminando logo abaixo da marca do rei.

Quando a magia trouxe força aos seus músculos, calor ao seu sangue e cor às suas feições, ela temeu que isso fosse apagar a cicatriz. Tinha ficado aliviada quando não aconteceu. Ela merecera aquela cicatriz, assim como todas as outras que carregava.

A convocação flamejou novamente atrás de seus olhos, e ela saiu. O dia estava frio, mas não demais, e lá em cima, além das nuvens, o céu estava azul. *Azul*. Não o branco gelado com o qual ela crescera, mas um azul verdadeiro. Como se o próprio céu estivesse descongelado. A água do Sijlt estava descongelando também, cada dia mais; o gelo dava lugar à água verde-cinzenta.

Em todos os lugares para onde olhava, o mundo estava acordando.

Renascendo.

E o sangue de Ojka acelerava ante essa visão. Ela havia estado em uma loja certa vez, e tinha visto um baú coberto de poeira. Lembrou-se de ter passado a mão por ele, retirando a camada de cinza e revelando a madeira escura embaixo. Era exatamente assim, pensou. O rei veio e passou a mão pela cidade, limpando a poeira.

Levaria tempo, dissera ele, mas estava tudo a contento. A mudança estava chegando.

Apenas uma estrada ficava entre seus aposentos e os muros do castelo, e, ao atravessar a rua, seu olhar flutuou na direção do rio e da outra metade da cidade ao longe. Do coração de Kosik aos degraus do castelo. Ela havia percorrido um longo caminho.

Os portões estavam abertos, novas videiras escalando as paredes de pedra de ambos os lados. Ela estendeu a mão e tocou um pequeno gomo roxo quando entrou no terreno.

Onde o Krös Mejkt uma vez se espalhara, um cemitério de cadáveres de pedra aos pés do castelo, agora havia grama selvagem, crescendo apesar do frio do inverno. Apenas duas estátuas permaneciam, flanqueando as escadas do castelo, ambas encomendadas pelo novo rei. Não um aviso, e sim um lembrete de falsas promessas e tiranos caídos.

Eram semelhantes aos antigos governantes, Athos e Astrid Dane, esculpidos em mármore branco. Ambas as figuras estavam de joelhos. Athos Dane olhava para o chicote em suas mãos, enrolado como uma serpente em torno dos pulsos, e seu rosto estava retorcido de dor. Por sua vez, Astrid agarrava o punho de uma adaga, a lâmina enterrada no peito, e sua boca estava escancarada em um grito silencioso e imortal.

As estátuas eram horríveis, objetos sem elegância. O oposto do novo rei.

O novo rei era perfeito.

O novo rei fora escolhido.

O novo rei era Deus.

E Ojka? Ela via a maneira como ele a olhava com aqueles olhos lindos, e sabia que o rei também via a beleza nela, mais e mais a cada dia.

Ela chegou ao topo da escadaria e entrou no castelo.

Ojka ouvira histórias sobre os guardas de olhos vazios que haviam servido aos Dane. Homens destituídos de suas mentes e almas, que se

transformaram em nada além de cascas vazias. Mas eles já haviam desaparecido e o castelo estava aberto, e estranhamente vazio. Havia sido invadido, tomado, mantido e perdido nas semanas após os Dane terem caído, mas não havia sinal de massacre agora. Tudo estava calmo.

Havia criados, homens e mulheres aparecendo e desaparecendo com as cabeças abaixadas em reverência, e uma dúzia de guardas, mas seus olhos não eram vazios. Do contrário, moviam-se com um propósito, uma devoção que Ojka entendia. Esta fora a ressurreição, uma lenda trazida à vida, e todos eles faziam parte dela.

Ninguém a deteve enquanto andava castelo adentro.

Na verdade, alguns se ajoelharam conforme ela passava, outros sussurravam bênçãos e baixavam a cabeça. Quando ela chegou à sala do trono, as portas estavam abertas, e o rei estava à sua espera. O teto abobadado se fora, paredes e colunas maciças agora dando lugar ao céu aberto.

Os passos de Ojka ecoaram no chão de mármore.

Houve um tempo em que realmente fora feito de ossos, ela se perguntou, *ou isso é lenda?* (Tudo o que Ojka tinha ouvido eram rumores, então ela fora inteligente e se escondera em Kosik, evitando os Dane a todo custo durante o seu reinado. Muitas histórias cercavam os gêmeos, todas sangrentas.)

O rei estava de pé diante do trono, admirando a superfície lustrosa da piscina de divinação que formava um círculo preto e liso diante do estrado em que ele estava. Ojka achou sua imobilidade quase tão hipnótica quanto o homem refletido nela.

Quase.

Mas havia algo nele que faltava à piscina preta. Sob a superfície calma do rei, a energia ondulava. Ela podia senti-la do outro lado da sala, agitando-se em ondas. Uma fonte de poder.

A vida poderia estar fincando raízes na cidade. Porém, no rei, já havia florescido.

Ele era alto e forte, os músculos delineando o corpo esculpido, sua força evidente até mesmo através de suas roupas elegantes. O cabelo preto puxado para trás revelava seu rosto de maçãs altas e mandíbula forte. O arco de seus lábios franziu levemente, e um vinco sutil se formou entre suas sobrancelhas conforme ele analisava a piscina, com as mãos

entrelaçadas para trás, em suas costas. As mãos dele. Ela se lembrou daquele dia, quando aquelas mãos tinham se apoiado na pele dela, uma pressionada contra a nuca, a outra estendida sobre os olhos. Ela havia sentido o seu poder antes mesmo de passar entre eles, pulsando sob a pele do rei. E ela o queria, precisava dele como precisava de ar.

A boca do rei estivera demasiadamente perto de sua orelha quando ele falara:

— Você aceita esse poder?

— Aceito — respondera ela.

E então tudo se transformara em um calor abrasador, escuridão e dor. Queimando. Até que a voz dele voltara, bem perto, e tinha dito:

— Pare de lutar, Ojka. Deixe-o entrar.

E ela deixara.

Ele a escolhera, e ela não o decepcionaria. Assim como nas profecias, o salvador havia chegado. E ela estaria ao lado dele.

— Ojka — falou ele agora, sem erguer o olhar. O nome dela era um feitiço nos lábios dele.

— Majestade — disse ela, ajoelhando-se diante da piscina.

A cabeça dele se ergueu.

— Você sabe que eu não gosto de títulos — disse ele, rodeando a piscina. Ela se endireitou e encontrou os olhos dele: um verde, o outro preto. — Pode me chamar de Holland.





TRÊS

**A VIRADA
DA MARÉ**

Londres Vermelha

O pesadelo começou da mesma forma de sempre, com Kell parado no meio de um lugar público — às vezes na Stone's Throw, no jardim de estátuas em frente à fortaleza dos Dane ou no Santuário de Londres —, ao mesmo tempo cercado e sozinho.

Dessa vez ele estava no meio do Mercado Noturno.

Estava lotado, mais cheio do que Kell já tinha visto, o povo imprensado ombro a ombro ao longo da margem do rio. Ele pensou ter visto Rhy na outra extremidade, mas, quando chamou o nome do irmão, o príncipe já havia desaparecido na multidão.

Perto de onde estava, vislumbrou uma garota com cabelos escuros que iam até a linha do queixo e gritou:

— Lila?

Assim que deu um passo na direção dela, contudo, a multidão se agitou e a engoliu novamente. Todos ali tinham rostos familiares, e ao mesmo tempo todos na massa de corpos eram estranhos.

E então uma mecha de cabelos brancos chamou sua atenção: a figura pálida de Athos Dane deslizava como uma serpente através da multidão. Kell grunhiu e pegou a faca, porém foi impedido por dedos frios se fechando sobre os dele.

— Garoto das flores — arrulhou uma voz em seu ouvido, e ao se virar Kell encontrou Astrid, coberta de rachaduras, como se alguém tivesse colado os pedaços de seu corpo. Kell cambaleou para trás, mas a multidão estava aumentando ainda mais, e alguém o empurrou por trás. Quando recuperou o equilíbrio, os irmãos Dane já haviam sumido.

Rhy voltou a aparecer ao longe. Ele estava olhando ao redor como se procurasse alguém, pronunciando uma palavra, um nome que Kell não conseguia ouvir.

Outro estranho esbarrou em Kell com força.

— Sinto muito — murmurou ele. — Sinto muito...

Mas as palavras ecoaram e as pessoas continuaram passando por ele como se não o vissem, como se ele não estivesse lá. Então, assim que pensou nisso, todos pararam no meio dos próprios passos e cada rosto voltou-se em sua direção, os rostos assumindo horríveis feições de raiva, medo e nojo.

— Sinto muito — falou ele novamente. Ergueu as mãos e viu que suas veias estavam ficando pretas.

— Não — sussurrou, enquanto a magia traçava linhas em seus braços. — Não, por favor, não.

Ele podia sentir a escuridão zumbindo em seu sangue conforme se espalhava. A multidão começou a se mover novamente, mas, em vez de se afastar, todos estavam indo em sua direção.

— Afastem-se — disse Kell. Quando eles não o fizeram, ele tentou correr, mas descobriu que suas pernas não se moviam.

— Tarde demais — reverberou a voz de Holland, vinda de lugar nenhum. E de todos os lugares. — Ao deixar a magia entrar, você já perdeu.

A magia forçou seu caminho por dentro do corpo dele a cada batida de seu coração. Kell tentou lutar contra ela, mas agora estava em sua cabeça, sussurrando na voz de *Vitari*.

Deixe-me entrar.

A dor disparou lancinante pelo peito de Kell quando a escuridão atingiu seu coração, e, a distância, Rhy desmoronou.

— Não! — gritou Kell, tentando inútil e desesperadamente alcançar o irmão, mas, ao esbarrar com a mão na pessoa mais próxima, a escuridão saltou como fogo de seus dedos para o peito do homem. Ele estremeceu e depois desmoronou, desfazendo-se em cinzas enquanto seu corpo atingia as pedras da rua. Antes que ele caísse totalmente no chão, as pessoas de ambos os lados começaram a desabar também, a morte atingindo a multidão como uma onda, consumindo silenciosamente a todos. Além

deles, os edifícios começaram a desmoronar também, assim como as pontes e depois o palácio, até que Kell se viu sozinho em um mundo vazio.

E então, em meio ao silêncio, ele ouviu um som: não um soluço nem um grito, mas uma *risada*.

E levou um instante para reconhecer a voz.

Era a sua.

* * *

Kell arquejou, acordando bruscamente.

A luz estava sendo filtrada pelas portas do pátio, refletindo em uma camada recente de neve. Os fragmentos de sol o fizeram se encolher e desviar o olhar enquanto pressionava a palma da mão contra o peito e esperava que o coração diminuísse o ritmo.

Ele adormecera na cadeira, completamente vestido, com a cabeça dolorida por causa das indulgências do irmão.

— Droga, Rhy — murmurou, pondo-se de pé.

Sua cabeça estava martelando, um som espelhado pelo que quer que estivesse acontecendo do lado de fora de sua janela. Os golpes que ele, ou melhor, que Rhy levara na noite anterior já eram lembranças, mas o efeito decorrente das bebidas era dilacerante, e Kell decidiu naquele momento que preferia de longe a dor aguda e breve de uma ferida à dor entorpecida e prolongada de uma ressaca. Parecia que estava morrendo e, enquanto jogava água fria em seu rosto e pescoço e se vestia, só conseguia desejar que o príncipe estivesse se sentindo pior.

Do lado de fora da porta, um homem sisudo e grisalho vigiava. Kell se encolheu. Ele sempre torcia para que seu guarda fosse Hastra. Em vez disso, ele costumava ter Staff. Aquele que o odiava.

— Bom dia — falou Kell, passando pelo guarda.

— Boa *tarde*, senhor — respondeu Staff, ou Silver, como Rhy apelidara o guarda real que estava ficando grisalho e que começou a andar atrás de Kell.

Ele não ficara empolgado com o aparecimento de Staff ou Hastra no rescaldo da Noite Preta, mas também não ficara surpreso. Os guardas não eram culpados pela perda de confiança do rei Maxim em seu *Antari*.

Assim como não era culpa de Kell que os guardas nem sempre soubessem onde estava.

Ele encontrou Rhy na pérgula, um pátio fechado por vidro, almoçando com o rei e a rainha. O príncipe parecia estar lidando com a própria ressaca com uma serenidade surpreendente, embora Kell pudesse sentir a dor de cabeça de Rhy latejando junto da sua, e notou que o príncipe estava sentado de costas para as vidraças e, portanto, para a luz brilhante que emanava delas.

— Kell — falou Rhy alegremente. — Estava começando a pensar que você dormiria o dia todo.

— Peço desculpas — disse Kell. — Devo ter me excedido um pouco demais ontem à noite.

— Boa tarde, Kell — falou a rainha Emira, uma mulher elegante, com a pele cor de madeira polida e uma coroa de ouro descansando sobre o cabelo preto e brilhante.

Seu tom era amável, porém distante, e parecia que havia semanas desde que ela se aproximara e tocara o rosto dele. Na verdade, havia mais tempo. Quase quatro meses, desde a Noite Preta, quando Kell trouxera a pedra preta para a cidade, *Vitari* assolara as ruas, Astrid Dane enfiara uma adaga no peito de Rhy, e Kell dera um pedaço de sua vida para trazê-lo de volta.

“Onde está nosso filho?”, implorara ela, como se só tivesse um.

— Espero que esteja descansado — disse o rei Maxim, olhando por cima de uma pilha de papéis à sua frente.

— Estou sim, senhor.

A mesa estava cheia de frutas e pães, e, quando Kell sentou-se na cadeira que estava vazia, um criado apareceu com um bule de prata e lhe serviu uma xícara de chá fumegante. Kell sorveu o líquido da xícara em um único gole, que desceu queimando, e o criado o observou e então deixou o bule, um pequeno gesto pelo qual Kell ficou imensamente grato.

Duas outras pessoas estavam sentadas à mesa: um homem e uma mulher, ambos vestidos em tons de vermelho e cada um com um broche dourado do selo Maresh (o cálice e o sol nascente) preso ao ombro. A joia os marcava como amigos da coroa: permitia-lhes pleno acesso ao palácio e instruía todos os servos e guardas a não somente acolhê-los, mas também auxiliá-los.

— Parlo, Lisane — saudou Kell.

Eles foram os representantes da *ostra* selecionados para ajudar a organizar o torneio, e Kell sentiu como se os tivesse visto mais nas últimas semanas do que tinha visto o rei e a rainha.

— Mestre Kell — disseram em uníssono, inclinando a cabeça com sorrisos praticados e propriedade calculada.

Um mapa do palácio e dos terrenos ao redor estava aberto sobre a mesa, uma ponta enfiada debaixo de um prato de tortas, outra sob uma xícara de chá, e Lisane estava apontando para a ala sul.

— Providenciamos para que o príncipe Col e a princesa Cora ficassem ali, na suíte esmeralda. As flores frescas serão cultivadas lá na véspera de sua chegada.

Rhy fez uma careta para Kell através da mesa. Kell estava cansado demais para tentar entendê-la.

— Lorde Sol-in-Ar, entretanto — prosseguiu Lisane —, será acomodado no solário da ala oeste. Abastecemos o cômodo com café, assim como foi instruído, e...

— E a rainha veskana? — resmungou Maxim. — Ou o rei faroense? Por que *eles* não nos prestigiam com sua presença? Não confiam em nós? Ou simplesmente têm coisas melhores para fazer?

Emira franziu o cenho.

— Os emissários que escolheram são apropriados.

Rhy escarneceu.

— A rainha Lastra de Vesk tem *sete* filhos, mãe; duvido que seja muito inconveniente para ela nos emprestar dois deles. Quanto aos faroenses, lorde Sol-in-Ar é um conhecido antagonista que passou as duas últimas décadas incitando o descontentamento por onde quer que fosse, esperando provocar conflito suficiente para destronar seu irmão e conquistar o controle de Faro.

— Desde quando você está tão envolvido na política imperial? — perguntou Kell, sorvendo sua terceira xícara de chá.

Para sua surpresa, Rhy olhou para ele com uma carranca.

— Estou envolvido no meu *reino*, irmão — esbravejou ele. — Você também deveria estar.

— Não *sou* o príncipe deles — observou Kell. Não estava com disposição para o mau humor de Rhy. — Sou apenas aquele que tem que

dar um jeito nas *bagunças* dele.

— Ah, porque você mesmo não fez nenhuma?

Eles se entreolharam duramente. Kell resistiu ao desejo de enfiar um garfo em sua própria perna só para ver o irmão estremecer.

O que estava acontecendo com eles? Nunca haviam sido cruéis um com o outro. Mas dor e prazer não eram as únicas coisas que pareciam ser transferidas com o vínculo. Medo, aborrecimento, raiva: todos arraigados ao feitiço de ligação, reverberando entre eles, amplificando-se. Rhy sempre fora frívolo, mas agora Kell *sentia* o temperamento volúvel do irmão, a constante oscilação, e isso era enlouquecedor. A distância não significava nada. Eles poderiam estar lado a lado ou em Londres distintas. Não havia escapatória.

Cada vez mais, o elo se assemelhava a uma corrente.

Emira pigarreou.

— Acredito que o solário da ala leste seja melhor para lorde Sol-in-Ar. Entra mais luz ali. Mas e sua comitiva? Os veskanos viajam sempre com um cortejo completo...

A rainha acalmou o clima à mesa, guiando a conversa devagar para longe dos humores acirrados dos irmãos, mas havia muitas coisas não ditas no ar, tornando-o sufocante. Kell pôs-se de pé e se virou para sair.

— Aonde você vai? — perguntou Maxim, entregando seus papéis a um serviçal.

Kell virou-se para ele.

— Supervisionar a construção nas arenas flutuantes, Majestade.

— Rhy pode cuidar disso — decretou o rei. — Você tem uma missão a cumprir. — Com isso, ele estendeu um envelope.

Kell não percebera como estava ansioso para ir, para escapar não apenas do palácio, mas também daquela cidade, daquele mundo, até que viu aquele pedaço de papel.

Não continha endereço, mas ele sabia exatamente aonde deveria levá-lo. Com o trono da Londres Branca vazio e a cidade mergulhada em uma guerra pela coroa pela primeira vez em sete anos, a comunicação havia sido suspensa. Kell tinha ido lá apenas uma vez, nas semanas após os gêmeos Dane caírem, e quase perdera a vida para as massas violentas. Depois disso fora decidido que Kell deixaria a Londres Branca de lado por algum tempo, até que as coisas se acalmassem.

Com isso restava apenas a Londres Cinza. O reino simples e sem magia, permeado por fumaça de carvão e pedras antigas e resistentes.

— Irei agora — declarou Kell, cruzando o cômodo até o rei.

— Cuidado com o príncipe regente — advertiu Maxim. — Essas correspondências são uma questão de tradição, mas as perguntas do homem têm se tornado cada vez mais inconvenientes.

Kell acenou com a cabeça. Muitas vezes ele desejara perguntar ao rei Maxim o que ele pensava sobre o líder da Londres Cinza e se via curioso a respeito do conteúdo de suas cartas: se o príncipe regente fazia tantas perguntas sobre a coroa vizinha quanto fazia sobre Kell.

— Ele pergunta frequentemente sobre magia — contou Kell ao rei. — Faço o meu melhor para dissuadi-lo.

Maxim grunhiu.

— Ele é um homem tolo. Tome cuidado.

Kell arqueou uma sobrancelha. Maxim estava realmente preocupado com a segurança dele? Porém, quando foi pegar a carta, viu a centelha de desconfiança nos olhos do rei e sentiu um aperto no coração. Os rancores de Maxim eram como cicatrizes. Esmaeciam gradualmente, mas sempre deixavam marcas.

Kell sabia que era culpado por isso. Durante anos, ele usara suas expedições de conexão entre as coroas para transportar objetos proibidos entre os mundos. Se ele não tivesse desenvolvido uma reputação de contrabandista, a pedra preta nunca teria chegado às suas mãos, nunca teria matado tantos homens e mulheres e nunca teria causado destruição na Londres Vermelha. Ou talvez os Dane ainda tivessem encontrado uma forma de fazê-lo, mas não teriam usado *Kell*. Ele havia sido um peão e um tolo e agora estava pagando por isso — assim como Rhy fora forçado a pagar por sua participação, pelo amuleto de possessão que deixara Astrid Dane tomar conta de seu corpo. No fim das contas, ambos eram culpados. Mas o rei ainda amava Rhy. A rainha ainda conseguia olhar para o príncipe.

Emira estendeu um envelope menor. O bilhete para o rei George. Era acima de tudo uma cortesia, mas o rei frágil se agarrava a essas correspondências, assim como Kell. O rei doente não fazia ideia de como seu conteúdo ficava cada vez mais breve, e Kell não tinha intenção de deixá-lo saber. Ele tinha se dedicado a elaborar histórias, tecendo tramas

sobre o rei e a rainha arnesianos, as façanhas do príncipe e sua própria vida no palácio. Talvez desta vez ele contasse a George sobre o torneio. O rei adoraria isso.

Ele pegou as cartas e virou-se para ir embora, já pensando no que diria, quando Maxim o deteve.

— E o seu local de retorno?

Kell enrijeceu imperceptivelmente. A pergunta foi como um pequeno puxão, um lembrete de que ele estava sendo mantido em uma coleira.

— A porta estará na entrada de Naresh Kas, na margem sul do Mercado Noturno.

O rei olhou para Staff, que estava parado à porta para se certificar de que tinha ouvido, e o guarda acenou uma vez com a cabeça.

— Não se atrase — ordenou Maxim.

Kell se virou e deixou a família real conversando sobre os visitantes do torneio, lençóis limpos e quem preferia café, vinho ou chá forte.

Às portas da pérgula, ele olhou para trás e viu Rhy olhando para ele com uma expressão que poderia significar *eu sinto muito*, mas também *que se dane*, ou, pelo menos, *falaremos mais tarde*. Kell deixou a questão de lado e saiu, enfiando as cartas no bolso do casaco. Ele caminhou rapidamente através dos salões do palácio, de volta para seus aposentos e para o segundo quarto, menor, fechando a porta atrás de si. Rhy provavelmente teria usado tal alcova para guardar botas ou broches de casaco, mas Kell transformara o espaço em uma biblioteca pequena, porém bem guarneçada, protegendo os textos que tinha colecionado sobre magia. Eles eram tão filosóficos quanto práticos, muitos presenteados por mestre Tieren ou emprestados da biblioteca real, assim como alguns diários próprios, rabiscados com pensamentos sobre a magia de sangue *Antari*, a respeito da qual tão pouco se sabia. Um fino volume de capa preta ele dedicara a *Vitari*, a magia sombria que ele capturara, despertara e destruía no ano anterior. O diário continha mais perguntas do que respostas.

Na parte de trás da porta de madeira da biblioteca havia meia dúzia de símbolos desenhados à mão. Simples, porém distintos entre si: atalhos para outros lugares da cidade, cuidadosamente desenhados com sangue. Alguns desvanecidos pela falta de uso, outros recém-reforçados. Um dos símbolos — um círculo com um par de linhas cruzadas sobre ele — levava

ao santuário de Tieren na margem oposta do rio. Enquanto Kell tracejava a marca com os dedos, lembrou-se vividamente de quando ajudara Lila a carregar um Rhy moribundo pela porta. Outra marca costumava levar ao quarto particular de Kell na Ruby Fields, o único lugar em Londres que tinha sido verdadeiramente dele. Agora não passava de uma mancha.

Kell analisou a porta até encontrar o símbolo que estava procurando: uma estrela feita de três linhas que se cruzavam.

Esta marca trazia suas próprias memórias de um velho rei em um quarto que parecia uma cela, seus dedos nodosos fechados ao redor de uma única moeda vermelha, enquanto murmurava sobre a magia desvanecente.

Kell tirou a adaga de seu lugar sob o punho do casaco e arranhou o pulso. O sangue brotou, rico e vermelho, ele tocou levemente no corte e desenhou novamente a marca. Quando terminou, pressionou a mão aberta contra o símbolo e disse:

— *As Tascen.* — *Transportar.*

E então deu um passo e atravessou.

O mundo suavizou-se e deformou-se em torno de sua mão, e ele passou da alcova escura para a luz do sol, viçosa e brilhante o suficiente para reavivar a dor de cabeça atrás de seus olhos que estivera melhorando. Kell não estava mais na sua biblioteca improvisada, mas de pé em um pátio bem provido. Não estava na Londres Cinza, ainda não, mas em um jardim da *ostra*, em uma elegante vila chamada Disan, importante não por causa de suas árvores frutíferas ou estátuas de vidro, mas porque ocupava o mesmo terreno na Londres Vermelha que o Castelo de Windsor ocupava na Londres Cinza.

Exatamente o mesmo terreno.

As viagens por magia funcionavam de duas formas. Kell poderia se transportar entre dois lugares diferentes de um mesmo mundo ou viajar para o mesmo lugar em mundos diferentes. E porque mantinham o rei inglês em Windsor, que ficava fora da cidade de Londres, ele primeiro teve que abrir caminho para o jardim de Paveron, membro da *ostra*. Foi uma manobra de navegação inteligente da parte de Kell... não que alguém soubesse o suficiente sobre magia *Antari* para apreciá-la. Holland poderia ter apreciado, mas Holland estava morto, e ele provavelmente tinha sido detentor de uma rede de caminhos entrecruzados suficientemente complexos para fazer os esforços de Kell parecerem infantis. O ar do

inverno o açoitou, e ele estremeceu ao tirar as cartas do bolso com a mão que não estava ensanguentada e depois revirar o casaco para dentro e para fora até encontrar o lado que estava procurando: uma vestimenta preta na altura do joelho com capuz e forro de veludo. Perfeita para a Londres Cinza, onde o frio sempre parecia mais frio, pungente e úmido de uma maneira que se infiltrava através dos tecidos e da pele.

Kell se enfiou no casaco novo e colocou as cartas no fundo de um dos bolsos (revestidos com lã macia em vez de seda), soprou uma nuvem de hálito quente e marcou a parede gelada com o sangue de sua mão. Mas então, quando ia segurar o cordão com pingentes de cada lugar ao redor de seu pescoço, algo chamou sua atenção. Kell fez uma pausa e olhou ao redor, analisando o jardim. Ele estava sozinho, realmente sozinho, e sentiu vontade de saborear a sensação. Além de uma viagem ao norte quando ele e Rhy eram meninos, este lugar era o mais distante da cidade em que Kell já havia estado. Ele sempre tinha sido vigiado, mas se sentira mais confinado nos últimos quatro meses do que nos quase vinte anos em que vinha servindo à coroa. Kell costumava se sentir como uma posse. Agora se sentia como um prisioneiro.

Talvez devesse ter fugido quando tivera a chance.

Você ainda pode fugir, disse uma voz em seu ouvido. Soava suspeitamente como Lila.

No fim das contas, ela havia fugido. Poderia ele fazer o mesmo? Kell não precisava sair correndo para outro mundo. E se ele simplesmente... fosse embora? Embora do jardim e da aldeia, embora da cidade. Ele poderia pegar um coche ou um barco para o oceano, e então... Então o quê? Até onde ele chegaria com quase nenhum dinheiro próprio e um olho que o marcava como *Antari*?

Você poderia pegar o que precisasse, disse a voz.

Era um mundo muito grande. E ele nunca o tinha visto.

Se ele ficasse em Arnes, acabaria por ser encontrado. E se fugisse para Faro ou Vesk? Os faroenses viam seu olho como uma marca de força, nada mais, mas Kell tinha ouvido seu nome ao lado de uma palavra em veskano: *crat'a* — *pilar*. Como se ele sozinho sustentasse o império arnesiano. E se um dos outros impérios pusesse as mãos nele...

Kell encarou a mão manchada de sangue. Santos, como ele poderia realmente ter considerado a possibilidade de fugir?

Era loucura, a ideia de que ele poderia — de que iria — abandonar sua cidade. Seu rei e sua rainha. Seu irmão. Ele os havia traído uma vez — bem, fora um crime, embora cometido muitas vezes — e isso quase lhe custara tudo. Não os abandonaria de novo, independentemente da inquietação que havia sido despertada nele.

Você poderia ser livre, insistiu a voz.

Mas essa era a questão. Kell *nunca* seria livre. Não importava para quão longe ele fugisse. Ele havia desistido da liberdade com sua vida, quando a entregara a Rhy.

— Chega — disse em voz alta, silenciando as dúvidas enquanto tirava o cordão de baixo do colarinho e o puxava pela cabeça.

Na faixa estava pendurada uma moeda de cobre, a face completamente lisa por causa dos vários anos de uso. *Chega*, pensou ele, e então levou a mão ensanguentada até a parede do jardim. Ele tinha um trabalho a fazer.

— *As Travars*.

Viajar.

O mundo começou a curvar-se em torno das palavras, do sangue e da magia, e Kell deu um passo à frente, esperando deixar seus problemas para trás, junto com sua Londres. Trocá-los por alguns minutos com o rei.

Assim que suas botas tocaram o tapete do castelo, no entanto, ele percebeu que seus problemas estavam apenas começando. No mesmo instante, Kell soube que algo estava errado.

Windsor estava calmo demais. Escuro demais.

A tigela de água que normalmente esperava por ele na antessala estava vazia, e as velas que ficavam em ambos os lados estavam apagadas. Quando buscou ouvir o som de passos, ouviu-os ao longe, nos corredores atrás dele. Nos aposentos à sua frente, foi recebido com silêncio.

O temor se instalou nele quando entrou no quarto do rei, esperando ver sua silhueta sem viço dormindo em sua poltrona de encosto alto, ouvir sua voz frágil e melódica. Mas o cômodo estava vazio. As janelas estavam fechadas por causa da neve, e não havia fogo na lareira. O quarto estava frio e escuro de uma forma claustrofóbica.

Kell dirigiu-se até a lareira e estendeu as mãos, como se fosse aquecê-las, e um instante depois as chamas lambeiram onde antes nada havia. O fogo não duraria muito se fosse alimentado apenas por ar e magia, mas à sua luz Kell andou pelo espaço em busca de sinais de ocupação recente.

Chá frio. Um xale deixado de lado. Mas a sala parecia abandonada, sem vida.

E então seu olhar foi atraído pela carta.

Se aquilo pudesse ser chamado de carta.

Um único pedaço de papel bege novo, quase intacto, dobrado e apoiado na bandeja diante do fogo. Trazia seu nome escrito na frente com a caligrafia firme e confiante do príncipe regente.

Kell pegou a nota, sabendo o que encontraria antes de desdobrar a página, mas ainda assim sentiu-se indisposto quando as palavras dançaram sob a luz do fogo encantado.

O rei está morto.

II

As quatro palavras o atingiram como um soco.

O rei está morto.

Kell cambaleou; não estava acostumado à perda. Temia a morte — sempre temera — agora mais do que nunca, com a vida do príncipe ligada à sua. Até a Noite Preta, porém, Kell nunca perdera alguém que conhecesse. Alguém de quem *gostasse*. Ele sempre sentira afeição pelo rei enfermo, mesmo em seus últimos anos, quando a loucura e a cegueira haviam roubado a maior parte de sua dignidade e todo o seu poder.

E agora o rei tinha morrido. Uma parte retornara ao todo, como Tieren diria.

Abaixo, o príncipe regente havia acrescentado um *post-scriptum*.

Vá até o saguão. Alguém o levará aos meus aposentos.

Kell hesitou e olhou ao redor do cômodo vazio. E então, relutante, fechou a mão em punho, esmagando o fogo da lareira até extingui-lo. Deixou o quarto na escuridão e saiu, passando pela antessala para os corredores adiante.

Foi como entrar em outro mundo.

Windsor não era tão opulento como St. James, mas não era tão sombrio quanto o quarto do velho rei fazia parecer. Tapeçarias e carpetes aqueciam os salões. Ouro e prata cintilavam em castiçais e pratos. Lâmpadas ardiam em candeeiros nas paredes, vozes e música percorriam o local como uma corrente de ar.

Alguém pigarreou e Kell se virou, deparando-se com um atendente elegantemente vestido à espera.

— Ah, senhor, muito bem, por aqui — disse o homem com uma reverência. E então, sem aguardar, partiu pelo corredor.

Enquanto caminhavam, o olhar de Kell percorria tudo. Nunca havia explorado os salões que ficavam além dos aposentos do rei, mas tinha certeza de que nem sempre haviam sido assim.

Fogos ardiam nas lareiras de cada cômodo pelos quais passaram, tornando o palácio incomodamente quente. Todos estavam ocupados, e Kell não pôde deixar de sentir como se estivesse sendo posto em exibição, abrindo caminho entre senhoras murmurantes e cavalheiros curiosos. Ele cerrou os punhos e baixou o olhar. No momento em que chegou à grande sala de estar, seu rosto estava corado de calor e de aborrecimento.

— Ah, mestre Kell.

O príncipe regente — o *rei*, corrigiu-se Kell — estava sentado em um sofá, flanqueado por um punhado de homens retesados e mulheres dando risadinhas. Parecia mais gordo e mais arrogante do que de costume, com os botões estourando, o nariz e o queixo erguidos. Seus acompanhantes ficaram em silêncio ao ver Kell, de pé ali, com seu casaco de viagem preto.

— Majestade — disse ele, inclinando a cabeça para a frente na mais sutil demonstração de deferência.

O gesto recolocou o cabelo sobre seu olho preto. Ele sabia que suas palavras seguintes deveriam expressar condolências, mas, olhando para o rosto do novo rei, Kell sentiu que era o mais acometido pela perda dos dois.

— Eu teria ido a St. James se soubesse...

George meneou a mão imperiosamente.

— Eu não vim aqui por você — declarou ele, ficando de pé, embora sem qualquer graciosidade. — Vou passar quinze dias em Windsor, resolvendo coisas. Encerrando assuntos, por assim dizer. — Ele deve ter percebido o desgosto que contorceu o rosto de Kell, porque acrescentou: — O que foi?

— O senhor não parece entristecido pela perda — observou Kell.

George bufou, irritado.

— Meu pai morreu há três semanas e deveria ter tido a decência de morrer anos atrás, quando ficou doente. Pelo bem dele e pelo meu. — Um sorriso sombrio se espalhou pelo rosto do novo rei como uma ondulação. — Mas suponho que para você o choque seja recente. — Ele foi até um balcão lateral para servir-se de uma bebida. — Eu sempre esqueço — disse ele, enquanto o líquido âmbar vertia pelo cristal — que, enquanto você está no seu mundo, nada ouve do nosso.

Kell ficou tenso, sua atenção movendo-se repentinamente para os aristocratas que pontilhavam a vasta sala. Eles estavam sussurrando, olhando para Kell com interesse por cima de suas taças.

Kell resistiu ao desejo de estender a mão e agarrar o rei pela manga de sua camisa.

— O quanto essas pessoas sabem? — exigiu saber, lutando para manter a voz baixa e composta. — Sobre mim?

George acenou com a mão.

— Ah, nada que cause problemas. Acredito que disse a eles que você era um dignitário estrangeiro. O que é verdade, no sentido mais estrito. Mas o problema é que, quanto menos sabem, mais eles fofocam. Talvez devêssemos simplesmente lhe apresentar...

— Gostaria de prestar meus respeitos — interrompeu Kell. — Ao antigo rei. — Ele sabia que neste mundo eles enterravam os homens. Parecia-lhe estranho colocar um corpo numa caixa, mas significava que o rei, o que restava dele, estaria ali, em algum lugar.

George suspirou, como se o pedido fosse ao mesmo tempo esperado e terrivelmente inconveniente.

— Eu já imaginava — disse, terminando sua bebida. — Ele está na capela. Mas primeiro... — Ele estendeu a mão, adornada com anéis. — Minha carta. — Kell retirou o envelope do bolso do casaco. — E a carta para meu pai.

Relutantemente, Kell pegou a segunda missiva. O velho rei sempre tivera muito cuidado com as cartas, instruindo Kell a não danificar o selo. O novo rei pegou uma pequena faca no balcão lateral e cortou o envelope, retirando o conteúdo. Kell odiou a ideia de George ver o diminuto bilhete.

— Você veio até aqui para ler isso para ele? — perguntou o rei, com desprezo.

— Eu gostava do rei.

— Bem, agora terá que se contentar comigo.

Kell nada disse.

A segunda carta era significativamente mais longa, e o novo rei sentou-se em um sofá para lê-la. Kell sentiu-se absolutamente desconfortável, parado ali enquanto George olhava para a carta e a comitiva do rei olhava para *ele*. Quando o rei já havia lido e relido três ou quatro vezes, ele acenou com a cabeça para si mesmo, guardou a carta e ficou de pé.

— Muito bem — declarou. — Vamos acabar com isso.

Kell seguiu George, grato por escapar daquele cômodo e de todos os olhares sobre ele.

— Frio insuportável — disse o rei, enrolando-se em um luxuoso casaco com gola de pele. — Acredito que não possa fazer algo a respeito?

Os olhos de Kell se estreitaram.

— Do clima? Não.

O rei encolheu os ombros, e eles saíram para os terrenos do palácio, seguidos de perto por um grupo de serviçais. Kell fechou bem o casaco; era um dia frio e pungente de fevereiro, com ventos fortes, ar úmido e um frio penetrante. A neve caía à volta deles, se aquilo podia ser chamado de cair. O ar envolvia a neve e as correntes de vento se tornavam espirais de gelo, de forma que pouco chegava ao solo congelado. Kell vestiu o capuz.

Apesar do frio, suas mãos estavam nuas dentro dos bolsos, e as pontas dos dedos estavam entorpecidas, mas um *Antari* dependia de suas mãos e de seu sangue para fazer magia: luvas eram incômodas, um obstáculo para feitiços súbitos. Não que ele temesse um ataque no solo da Londres Cinza, mas preferia estar preparado...

No entanto, pensando bem, com George até uma simples conversa lembrava um duelo, os dois possuindo pouca consideração e ainda menos confiança um pelo outro. Além disso, o fascínio do novo rei pela magia estava crescendo. Quanto tempo levaria para George atacar Kell apenas para ver se e como ele se defenderia? Entretanto, tal movimento acabaria com a comunicação entre os dois mundos, e Kell não julgava que o rei fosse *tão* tolo. Pelo menos esperava que não; mesmo odiando George, Kell não queria perder sua única desculpa para viajar.

A mão de Kell encontrou a moeda no bolso, e ele a virou e revirou distraidamente para manter os dedos quentes. Supôs que estivesse andando

em direção a um cemitério, mas, em vez disso, o rei o levou a uma igreja.

— A Capela de São Jorge — explicou o rei, entrando no santuário.

Era uma edificação impressionante, uma estrutura elevada, cheia de arestas afiadas. No interior, o teto era abobadado sobre um piso de pedra xadrez. George tirou o casaco e o soltou sem olhar para trás, simplesmente presumindo que haveria alguém para pegá-lo — e havia. Kell olhou para a luz que penetrava pelas janelas de vitral colorido e pensou que não seria um lugar tão ruim para ser enterrado. Até perceber que George III não tinha sido colocado para descansar ali, rodeado pela luz do sol.

Ele estava no mausoléu.

O teto era mais baixo, e a luz, mais escassa. Tudo isso, em conjunto com o cheiro de pedra empoeirada, fez Kell se arrepiar.

George pegou um candelabro apagado em uma prateleira.

— Você se importaria? — perguntou.

Kell franziu o cenho. Houve algo de faminto na maneira como George perguntou. De cobiçoso.

— Claro que não — respondeu Kell.

Ele estendeu a mão para as velas, e seus dedos pairaram acima delas antes de passar direto e chegar a um recipiente cheio de fósforos longos. Ele pegou um e o riscou com um meneio cerimonial, depois acendeu as velas.

George apertou os lábios, decepcionado.

— Você era bastante afoito para se exhibir para meu pai.

— Seu pai era um homem diferente — declarou Kell, sacudindo e apagando o fósforo.

A carranca de George ficou mais severa. Ele obviamente não estava acostumado a ser contrariado, mas Kell não tinha certeza se estava aborrecido apenas pelo fato de ter um pedido negado, ou especificamente por lhe ter sido negada uma demonstração de magia. Por que ele estava tão empenhado em ver uma? Simplesmente desejava provas? Entretenimento? Ou era mais do que isso?

Ele seguiu o homem através do mausoléu real, suprimindo um estremecimento ao pensar em ser enterrado ali. Ser colocado em uma caixa enterrada no chão era bastante ruim, mas ser *sepultado* assim, com camadas de pedra entre você e o mundo? Kell nunca entenderia o modo como esses habitantes do mundo cinza lacravam seus mortos,

aprisionando as conchas descartadas em ouro, madeira e pedra, como se algum remanescente de quem eles tinham sido na vida permanecesse. E se isso realmente acontecesse? Que castigo cruel.

Quando George alcançou o túmulo de seu pai, ele abaixou o candelabro, pegou a bainha do casaco em sua mão e ajoelhou, inclinando a cabeça. Seus lábios moveram-se silenciosamente por alguns segundos, então ele tirou uma cruz de ouro debaixo de sua gola e tocou-a nos lábios. Finalmente ele ficou de pé, franzindo o cenho para o pó em seus joelhos e espanando-o.

Kell estendeu a mão e a apoiou pensativamente no túmulo, desejando que ele pudesse sentir algo, qualquer coisa, ali dentro. Estava silencioso e frio.

— Seria apropriado fazer uma oração — avisou o rei.

Kell franziu o cenho, confuso.

— Com que finalidade?

— Pela alma dele, obviamente. — A confusão de Kell deve ter transparecido. — Vocês não têm Deus em seu mundo? — Kell balançou a cabeça. George pareceu surpreso. — Nenhum poder superior?

— Eu não disse isso — respondeu Kell. — Suponho que você poderia dizer que veneramos a magia. Esse é o nosso maior poder.

— Isso é heresia.

Kell ergueu uma sobrancelha, sua mão escorregando da tampa da tumba.

— Majestade, o senhor venera algo que não pode ver nem tocar, enquanto eu venero algo com que lido em cada momento de cada dia. Qual é o caminho mais lógico?

George franziu a testa.

— Não é uma questão de lógica. É uma questão de fé.

Fé. Parecia uma substituição superficial, mas Kell supôs que não podia culpar os habitantes do mundo cinza. Todos precisavam acreditar em *algo*, e, sem magia, eles haviam estabelecido suas orações para um deus menor. Um cheio de pontos falhos, mistérios e regras inventadas. A ironia era que eles haviam abandonado a magia muito antes de ela abandoná-los, sufocando-a com este Deus todo poderoso deles.

— Mas e os seus mortos? — pressionou o rei.

— Nós os queimamos.

— Um ritual pagão.

— Melhor que colocar seus corpos em uma caixa.

— E quanto às suas *almas*? — insistiu George, parecendo genuinamente perturbado. — Para onde acreditam que vão, se não creem em céu e inferno?

— Retornam para a fonte — explicou Kell. — A magia é tudo, Majestade. É a corrente da vida. Acreditamos que quando alguém morre, sua alma retorna para essa corrente, e seu corpo é reduzido novamente aos elementos.

— Mas e a *pessoa*?

— A *pessoa* deixa de existir.

— Qual é o sentido, então? — resmungou o rei. — De viver uma boa vida se nada nos espera? Nada é conquistado?

Kell se perguntara diversas vezes a mesma coisa, à sua maneira, mas não era uma vida após a morte que desejava. Ele simplesmente não queria voltar a ser nada, como se nunca tivesse sido algo. Mas o inferno da Londres Cinza congelaria antes que ele concordasse com o novo rei em qualquer coisa.

— Suponho que o importante é viver bem.

A pele de George estava ficando vermelha.

— Mas o que impede alguém de cometer pecados se não há nada a temer?

Kell deu de ombros.

— Vi pessoas pecarem em nome de Deus *e* em nome da magia. As pessoas abusam de seus poderes superiores, não importa qual forma tenham.

— Mas não ter uma vida após a morte — murmurou o rei. — Sem alma imortal? Não é natural.

— Pelo contrário — retrucou Kell. — É a coisa mais natural do mundo. A natureza é feita de ciclos, e nós somos feitos da natureza. O que não é natural é acreditar em um homem infalível e um lugar agradável esperando no céu.

A expressão de George ficou sombria.

— Cuidado, mestre Kell. Isso é blasfêmia.

Kell ficou confuso.

— O senhor nunca me pareceu um homem devoto, Majestade.

O rei fez o sinal da cruz.

— Melhor prevenir do que remediar. Além disso — disse ele, olhando ao redor —, sou o rei da Inglaterra. Meu legado é divino. Eu governo pela graça deste Deus de que você zomba. Sou Seu servo, assim como este reino é meu por graça Dele. — Parecia uma declamação. O rei colocou a cruz de volta sob a gola da roupa. — Talvez — acrescentou, contorcendo o rosto — eu pudesse venerar o seu deus, se pudesse vê-lo e tocá-lo como você pode.

E começou tudo de novo. O velho rei olhava a magia com admiração, maravilhado como uma criança. Este novo rei olhava para ela do jeito que olhava para tudo. Com luxúria.

— Eu lhe avisei uma vez, Majestade — disse Kell. — A magia não tem lugar em seu mundo. Não mais.

George sorriu e, por um instante, pareceu mais um lobo do que um homem bem alimentado.

— Você mesmo disse, mestre Kell, que o mundo é feito de ciclos. Talvez o nosso tempo chegue de novo.

E então o sorriso desapareceu, engolido por sua habitual expressão jocosa. O efeito era desconcertante, e Kell se perguntou se o homem era realmente tão intenso e egoísta como seu povo pensava que era, ou se havia algo mais sob a casca superficial e hedonista.

O que foi que Astrid Dane dissera?

Não confio em algo, a menos que me pertença.

Uma corrente de ar perpassou a abóbada, agitando a luz das velas.

— Venha — disse George, virando as costas para Kell e para o túmulo do velho rei.

Kell hesitou, então tirou o *lin* da Londres Vermelha do bolso, a estrela brilhando no centro da moeda. Ele sempre trazia uma para o rei; todos os meses, o velho monarca afirmava que a magia na moeda dele estava desvanecendo, como brasas de carvão morrendo, então Kell lhe trazia uma nova para trocar pela antiga, dessa vez ainda guardando o calor do bolso e cheirando a rosas. Agora Kell avaliava a moeda, girando-a por entre os dedos.

— Esta aqui está nova, Majestade.

Ele a tocou nos lábios e estendeu a mão para depositar a moeda quente sobre o túmulo de pedra fria.

— *Sores nast* — sussurrou. *Durma bem.*

E, com isso, Kell subiu as escadas atrás do novo rei e retornou ao frio.

* * *

Kell lutou para não ficar se remexendo enquanto esperava que o rei da Inglaterra terminasse de escrever sua carta.

O homem estava enrolando, deixando o silêncio na sala se avolumar até se tornar algo profundamente desconfortável, a ponto de Kell se pegar querendo falar, mesmo que fosse apenas para quebrá-lo. Sabendo que provavelmente era essa a intenção do rei, segurou a língua e ficou de pé observando a neve cair e o céu escurecer no horizonte da janela.

Quando finalmente terminou a carta, George recostou-se na cadeira e pegou um cálice de vinho, olhando para as páginas enquanto bebia.

— Conte-me algo — pediu ele — sobre a magia. — Kell ficou tenso, mas o rei continuou. — Todos em seu mundo possuem essa habilidade?

Kell hesitou.

— Nem todos — respondeu. — E não da mesma forma.

George inclinou o cálice para um lado e depois para o outro.

— Então pode-se dizer que os poderosos são escolhidos.

— Alguns acreditam nisso — retrucou Kell. — Outros pensam que é simplesmente uma questão de sorte. Uma boa mão em um jogo de cartas.

— Se esse for o caso, então você deve ter conseguido uma mão muito boa.

Kell o analisou por inteiro.

— Se o senhor terminou sua carta, eu deveria...

— Quantas pessoas podem fazer o que você faz? — interrompeu o rei. — Viajar entre mundos. Aposto que não muitos, ou então eu poderia tê-los visto. Realmente — disse ele, levantando-se — é de se admirar que o seu rei o deixe fora das vistas dele.

Ele podia ver os pensamentos nos olhos de George, como engrenagens girando. Mas Kell não pretendia se tornar parte da coleção do rei.

— Majestade — disse Kell, tentando manter a voz calma —, se sente o desejo de me manter aqui, pensando que poderia lhe render alguma coisa, eu desencorajaria *veementemente* a tentativa e lembraria que qualquer

gesto assim acarretaria na interrupção de futuras comunicações com o meu mundo. — *Por favor, não faça isso*, ele queria acrescentar. *Nem tente*. Kell não podia suportar a ideia de perder sua última válvula de escape. — Além disso — acrescentou para não deixar dúvidas —, acho que descobriria que não é fácil me manter preso.

Felizmente, o rei ergueu as mãos cheias de anéis em um gesto zombeteiro de rendição.

— Você se engana sobre mim — falou ele com um sorriso, embora Kell não pensasse que havia se enganado. — Apenas não vejo por que nossos dois *grandes* reinos não devam compartilhar um vínculo mais estreito.

O rei dobrou a carta e selou-a com cera. Era extensa, várias páginas mais longa do que de costume, a julgar pela forma como o papel se abaulava e pelo peso que Kell sentiu quando a pegou.

— Durante anos essas cartas foram permeadas de formalidades, anedotas em vez de história, avisos em lugar de explicações, pedaços de informações inúteis quando poderíamos compartilhar um conhecimento *real* — pressionou o rei.

Kell enfiou a carta no bolso do casaco.

— Se isso é tudo...

— Na verdade, não é — disse George. — Tenho algo para você.

Kell se encolheu quando o homem colocou uma pequena caixa sobre a mesa. Ele não estendeu a mão para pegá-la.

— É muito gentil de sua parte, Majestade, mas devo recusar.

O sorriso superficial de George desapareceu.

— Você recusaria um presente do *rei da Inglaterra*?

— Eu recusaria um presente de qualquer pessoa — afirmou Kell —, especialmente quando fica evidente que se trata de um pagamento. Embora eu não saiba pelo quê.

— É bastante simples — explicou George. — Da próxima vez que você vier, eu gostaria que me trouxesse algo em troca.

Kell fez uma careta por dentro.

— A transferência é uma traição — disse ele, recitando uma regra que ele tinha quebrado diversas vezes.

— Você seria bem recompensado.

Kell apertou a ponte do nariz.

— Majestade, houve um momento em que eu teria considerado o seu pedido. — *Bem, não* o seu, pensou, *mas* o de alguém. — Porém esse tempo passou. Peça explicações ao meu rei, se desejar. Peça um presente *a ele*, e se for concedido, irei trazê-lo para o senhor. Mas não carrego nada por vontade própria.

Era doloroso pronunciar tais palavras, uma ferida ainda não completamente curada, a pele ainda dolorida. Ele inclinou-se em uma reverência e virou-se para sair, embora o rei não o tivesse liberado.

— Muito bem — falou George de pé, com as bochechas coradas. — Vou conduzi-lo à saída.

— Não — disse Kell, voltando-se. — Não vou incomodá-lo — acrescentou. — O senhor tem convidados para receber. — As palavras foram cordiais. Seu tom, não. — Voltarei pelo mesmo caminho por onde vim.

E você não me seguirá.

Kell deixou George de rosto vermelho ao lado da escrivania e refez seus passos até a câmara do velho rei. Desejou poder trancar a porta atrás dele. Mas, é lógico, as fechaduras ficavam do lado de fora deste cômodo. Outro lembrete de que aquele ambiente tinha sido mais uma prisão do que um palácio.

Ele fechou os olhos e tentou se lembrar da última vez em que vira o monarca vivo. O velho rei não parecia bem. Não parecia nada bem, mas reconhecera Kell, ainda se iluminava por sua presença, ainda sorria e levava a carta real ao nariz, inalando seu aroma.

Rosas, murmurou suavemente. *Sempre rosas.*

Kell abriu os olhos. Parte dele — uma parte cansada e triste — simplesmente queria voltar para casa. Mas o resto dele queria sair desse castelo maldito, ir a algum lugar onde não fosse um mensageiro real ou um *Antari*, não um prisioneiro e nem um príncipe, e vagar pelas ruas da Londres Cinza até se tornar apenas uma sombra, uma entre milhares.

Ele cruzou para a parede mais distante, onde pesadas cortinas emolduravam a janela. Estava tão frio ali que não havia geada no vidro. Ele abriu a cortina, revelando o papel de parede rebuscado, o desenho maculado por um símbolo desbotado, pouco mais que um borrão quando visto à pouca luz. Era um círculo com uma única linha através dele, a marca de transferência que levava de Windsor a St. James. Ele deslocou a

pesada cortina, abrindo-a ainda mais e revelando uma marca que teria sido apagada havia muito tempo se não estivesse totalmente protegida do tempo e da luz.

Uma estrela de seis pontas. Uma das primeiras marcas que Kell fizera, anos atrás, quando o rei fora trazido para Windsor. Ele havia desenhado a mesma marca nas pedras de uma parede de jardim que corria ao lado de Westminster. A segunda marca havia se perdido havia muito tempo, lavada pela chuva ou enterrada pelo musgo, mas não importava. Tinha sido desenhada uma vez, e mesmo que as linhas já não fossem mais visíveis, um símbolo mágico de sangue não desaparecia do mundo tão rapidamente quanto o fazia do olhar de todos.

Kell puxou a manga e desembainhou a faca. Ele cortou uma linha superficial na parte de trás do braço, tocou os dedos no sangue e redesenhou o símbolo. Pressionou a palma da mão e lançou um último olhar para o quarto vazio, para a luz que se infiltrava sob a porta, escutando os longínquos sons de riso.

Malditos reis, pensou Kell, deixando Windsor de uma vez por todas.

III

Fronteira de Arnes

As botas de Lila tocaram terra firme pela primeira vez em meses.

A última vez que eles haviam atracado tinha sido em Korma, três semanas antes, e Lila tinha dado azar no sorteio, sendo forçada a ficar a bordo do navio. Antes disso, houve Sol e Rinar, mas em ambas Emery insistiu que ela permanecesse no *Spire*. Ela provavelmente não teria dado ouvidos, mas algo na voz do capitão a fizera ficar. Ela tinha desembarcado na cidade portuária de Elon, mas isso tinha sido por apenas metade da noite, mais de dois meses antes.

Agora arrastava uma das botas, maravilhando-se de como o mundo parecia sólido sob seus pés. No mar, tudo se movia. Mesmo nos dias de vento calmo e maré tranquila ainda se estava em uma coisa sobre a água. O mundo ia e vinha. Os marinheiros falavam sobre pernas acostumadas ao mar, a forma como elas desequilibram tanto quando você embarca pela primeira vez, quanto depois, quando desembarca.

Mas, quando Lila desceu para as docas, ela não sentiu seu equilíbrio abalado. Se havia algo, era a sensação de que estava centrada, aterrada. Como um peso equilibrado no meio de seu ser, e mais nada poderia derrubá-la.

Isso a fazia querer começar uma briga.

O primeiro imediato de Alucard, Stross, gostava de dizer que ela tinha sangue quente. Lila tinha certeza de que ele queria fazer disso um elogio, mas, na verdade, uma briga era apenas a maneira mais fácil de testar seu vigor e perceber se você havia ficado mais forte ou mais fraco. Claro, ela vinha lutando no mar durante todo o inverno, mas a terra era uma criatura

diferente. Como cavalos que eram treinados na areia para serem mais rápidos quando corriam em terra batida.

Lila estalou os dedos e jogou seu peso de um pé para o outro.

Procurando por problemas, disse uma voz em sua cabeça. *Você vai procurar até encontrá-los.*

Lila se encolheu diante do espectro das palavras de Barron, uma lembrança que ainda era dolorosa demais para recordar.

Ela olhou ao redor. O *Night Spire* havia atracado em um lugar chamado Sassenroche, uma aglomeração de madeira e pedra na fronteira do império arnesiano. No *limite* da fronteira.

Sinos soaram as horas, e o som se dissolveu no precipício e na neblina. Se ela apertasse os olhos, podia distinguir três outros navios, um arnesiano e os outros dois estrangeiros: o primeiro (que ela reconheceu pelas bandeiras) era uma embarcação comerciante de Vesk, esculpido no que parecia ser um pedaço sólido de madeira preta, e o outro era um planador faroense: longo, esquelético e em forma de pluma. No mar, lonas podiam ser esticadas sobre suas farpas alongadas em dezenas de maneiras diferentes para manobrar o vento.

Lila observou como os homens se misturavam no convés do navio veskano. Ela estava havia quatro meses no Spire e nunca viajara para águas estrangeiras, nunca vira o povo dos impérios vizinhos de perto. Tinha ouvido histórias, evidentemente (marinheiros sobreviviam de histórias tanto quanto de ar do mar e bebida barata), sobre a pele escura dos faroenses, adornadas de joias, e sobre os veskanos altíssimos com seus cabelos que brilhavam como metal polido.

Mas uma coisa era ouvir falar, e outra era ver com os próprios olhos.

Ela tropeçara em um mundo grande, cheio de regras que não conhecia, etnias que nunca vira e línguas que não falava. Cheio de *magia*. Lila descobrira que a parte mais difícil de sua empreitada era fingir que tudo era velho, quando era tudo tão novo. Ser forçada a fingir o tipo de indiferença que só vem de uma vida inteira tendo contato e achando tudo natural. Lila era uma aprendiz rápida e sabia como manter uma fachada, mas por trás da máscara de desinteresse, ela absorvia *tudo*. Era como uma esponja, aprendendo as palavras e os costumes, treinando-se para ver algo pela primeira vez e ser capaz de fingir que já havia visto aquilo uma dezena, uma centena de vezes.

As botas de Alucard ressoaram na doca de madeira, e ela desviou a atenção dos navios estrangeiros. O capitão parou ao lado de Lila, respirou fundo e apoiou a mão no ombro dela. A garota ainda se retesava sob um toque repentino, um reflexo que ela duvidava que fosse desaparecer algum dia, mas não se desvencilhou.

Alucard estava vestido com seu estilo habitual, um casaco azul-prateado cintado com uma faixa preta, seu cabelo castanho frisado puxado para trás com uma fivela preta, sob um chapéu elegante. Ele parecia gostar de chapéus como Lila gostava de facas. A única coisa fora de lugar era a bolsa pendurada no ombro.

— Sente esse cheiro, Bard? — perguntou ele em arnesiano.

Lila fungou.

— Sal, suor e cerveja? — arriscou ela.

— Dinheiro — respondeu ele, animado.

Lila olhou em volta, admirando a cidade portuária. Uma névoa de inverno engolira os topos dos poucos edifícios achatados, e o que aparecia através da neblina era relativamente inexpressivo. Nada sobre o lugar gritava dinheiro. Na verdade, nada no lugar atraía a atenção. Sassenroche era a própria definição de modéstia. E essa era, aparentemente, a ideia.

Porque, oficialmente, Sassenroche sequer existia.

Não aparecia em nenhum mapa de terra — Lila aprendeu logo que havia dois tipos de mapas, um de terra e um de mar, e eles eram tão diferentes como uma Londres da outra. Um mapa de terra era uma coisa comum, mas um mapa de mar era uma coisa especial, mostrando não só o mar aberto como também seus segredos, suas ilhas e cidades escondidas, os lugares a evitar e os lugares a percorrer, e a quem procurar quando se chegasse lá. Um mapa de mar nunca devia ser retirado de seu navio. Não podia ser vendido ou trocado, não sem que a notícia chegasse ao dono, e a punição era severa. Era um mundo pequeno, e a recompensa não valia o risco. Se qualquer homem das águas — ou qualquer homem que quisesse manter a cabeça no pescoço — visse um mapa de mar em terra firme, queimaria o artefato antes que ele o queimasse.

Sendo assim, Sassenroche era um segredo bem guardado em terra e uma lenda no mar. Indicado nos mapas certos (e conhecido pelos marinheiros certos) simplesmente como o Canto, Sassenroche era o único lugar onde os três impérios fisicamente se encontravam. Faro, as terras ao

sul e ao leste, e Vesk, o reino ao norte, aparentemente encontravam Arnes bem ali, naquela modesta cidade portuária. E isso tornava o lugar perfeito, explicara Alucard, para encontrar coisas forasteiras sem atravessar águas estrangeiras e para se livrar de qualquer coisa que não pudesse levar para casa.

— Um mercado clandestino? — perguntara Lila, olhando pasma para o mapa que pertencia ao *Spire*, na mesa do capitão.

— O mais clandestino de todas as terras — respondera Alucard, bem-humorado.

— Por favor, me diga. O que estamos fazendo aqui exatamente?

— Todo bom navio corsário — explicara ele — tem em suas mãos dois tipos de coisas: aquelas que pode entregar para a coroa e aquelas que não pode. Certos artefatos não têm lugar no reino, por qualquer motivo, mas valem uma boa quantia em um lugar como este.

Lila suspirara, fingindo desaprovação.

— Isso não parece lícito.

Alucard lançara um sorriso que provavelmente poderia encantar cobras.

— Agimos em nome da coroa, mesmo quando ela não sabe.

— E mesmo quando lucramos? — desafiara Lila com ironia.

A expressão de Alucard mudara para um arremedo de ofensa.

— Esses serviços que fazemos para manter a coroa imaculada e o reino seguro passam despercebidos. Sendo assim, devemos recompensar a nós mesmos de vez em quando.

— Entendo...

— É um trabalho perigoso, Bard — dissera ele, tocando o peito com a mão cheia de anéis — para nossos corpos e nossas almas.

Agora, enquanto os dois estavam no cais, ele voltou a lançar aquele sorriso recatado, e ela percebeu que havia começado a sorrir também, logo antes de serem interrompidos por um estrondo. Parecia que um saco de pedras havia sido jogado nas docas, mas era apenas o resto da tripulação do *Night Spire* desembarcando. Não era de se admirar que todos pensassem em Lila como um fantasma. Os marinheiros faziam uma quantidade atroz de ruído. A mão de Alucard caiu do ombro de Lila conforme ele se virou para olhar para seus homens.

— Vocês conhecem as regras — vociferou ele. — São livres para fazerem o que quiserem, mas nada desonroso. Vocês são, afinal de contas, homens de Arnes que estão aqui a serviço de sua coroa.

Uma risada baixinha percorreu o grupo.

— Nós nos encontraremos na Inroads ao entardecer, e eu tenho negócios para discutir, então não fiquem muito embriagados antes disso.

Lila ainda só entendia cerca de seis palavras em cada dez. O arnesiano era uma língua fluida, com palavras se unindo de uma forma serpentina — mas ela foi capaz de preencher as lacunas.

Uma tripulação mínima ficou a bordo do *Spire* e os demais foram dispensados. A maioria dos homens seguiu um caminho, em direção às lojas e tavernas mais próximas do cais, mas Alucard tomou outro rumo, indo sozinho para a entrada de uma rua estreita e desaparecendo rapidamente na névoa.

Havia uma regra tácita de que, para onde Alucard ia, Lila o seguia. Se ele a convidava ou não, pouca diferença fazia. Ela se tornara a sombra dele.

— Seus olhos se fecham em algum momento? — perguntara ele em Elon, vendo quão intensamente ela examinava as ruas.

— Descobri que observar é a maneira mais rápida de aprender e a forma mais segura de permanecer viva.

Alucard sacudiu a cabeça, exasperado.

— O sotaque da nobreza e as sensibilidades de uma ladra.

Mas Lila apenas sorriu. Ela havia dito algo muito parecido uma vez para Kell. Antes que soubesse que ele *era* da realeza. E, na verdade, também um ladrão.

Uma vez que a tripulação já havia se dispersado, ela seguiu os passos do capitão conforme ele traçava seu sinuoso caminho em Sassenroche. E, ao fazer isso, Sassenroche começou a mudar. Se vista do mar ela parecia ser uma diminuta cidade à beira das falésias rochosas, de perto se mostrava muito mais profunda, as ruas se desenrolando e afluindo. A cidade tinha escavado tocas nas falésias: a rocha (um mármore escuro rajado de veios brancos) arqueava, serpenteava e se erguia por toda parte, engolindo edifícios e formando outros, revelando becos e escadarias apenas a uma curta distância. Entre a forma espiralada da cidade e as brumas do mar, era difícil acompanhar o capitão. Lila o perdeu várias vezes de vista, mas

então divisava a cauda do casaco ou ouvia o som entrecortado de suas botas e o encontrava novamente. Ela passou por um punhado de pessoas, mas seus capuzes estavam levantados para protegê-los do frio, e seus rostos, escondidos nas sombras.

Então ela virou uma esquina, e o nevoeiro do crepúsculo que se espalhava deu lugar a algo completamente diferente. Algo que reluzia, resplandecia e cheirava a magia.

O Mercado Clandestino de Sassenroche.

IV

O mercado se ergueu ao redor de Lila, súbito e grandioso, como se ela tivesse entrado nos penhascos e os encontrado ocos. Havia dezenas de barracas, todas aninhadas sob o teto arqueado da rocha, cuja superfície parecia estranhamente... viva. Ela não saberia dizer se os veios da pedra estavam realmente reluzindo ou se estavam apenas refletindo as lanternas que pendiam de cada loja. De qualquer forma, o efeito era impressionante.

Alucard manteve um ritmo lento e casual à frente dela, mas era óbvio que ele tinha um destino. Lila o seguiu, mas era difícil manter sua atenção no capitão em vez de voltá-la para as barracas. A maioria exibia coisas que ela nunca tinha visto, o que não era em si tão extraordinário, uma vez que ela jamais havia visto a maior parte do que este mundo tinha para oferecer, mas ela estava começando a entender a ordem fundamental, e muitas das coisas que vira ali pareciam quebrá-la. A magia tinha um pulso, e ali no Mercado Clandestino de Sassenroche, ele parecia errático.

No entanto, a maioria das coisas exibidas parecia, à primeira vista, bastante inofensiva. Onde, ponderou, Sassenroche escondia seus tesouros verdadeiramente perigosos? Lila tinha aprendido em primeira mão o que a magia proibida podia fazer, e ao mesmo tempo que esperava nunca mais encontrar uma coisa como a pedra da Londres Preta, não conseguia conter sua curiosidade. Era incrível o quão rapidamente o mágico tornara-se mundano: havia poucos meses ela não sabia que a magia era real, mas agora sentia o ímpeto de procurar as coisas mais estranhas.

O mercado estava fervilhando, porém era assustadoramente silencioso, o murmúrio de uma dezena de dialetos suavizados pela rocha, transformando uma amálgama de sons em um ruído ambiente. À frente, Alucard finalmente parou diante de uma barraca sem nome. Era uma tenda, uma banca envolta numa cortina de seda de um azul bem escuro,

por trás da qual ele desapareceu. Lila perderia toda a pretensão de sutileza se o seguisse, então permaneceu e esperou, examinando uma mesa com uma série de lâminas que iam de facas curtas e afiadas a grandes cimitarras.

Nenhuma pistola, ela notou, desapontada.

Seu revólver precioso, Caster, estava guardado, inútil, no baú perto de sua cama. Ela tinha ficado sem balas, para então descobrir que não se usava armas de fogo neste mundo, pelo menos não em Arnes. Ela poderia levá-la para um ferreiro, mas o fato era que o objeto não tinha lugar ali, e a transferência era considerada traição (veja o que acontecera a Kell, fazendo o contrabando de itens; um desses itens fora ela mesma e outro tinha sido a pedra preta), então Lila estava um pouco relutante em introduzir uma nova arma no mundo. E se isso desencadeasse algum tipo de reação em cadeia? E se mudasse a forma como a magia era usada? E se isso tornasse este mundo mais parecido com o dela?

Não, não valia o risco.

Em vez disso, Caster permanecia vazio, uma lembrança do mundo que ela deixara para trás. Um que ela nunca mais veria.

Lila endireitou-se e deixou seu olhar passear pelo mercado. Quando ele parou, não foi em armas ou bugigangas, mas nela mesma.

A barraca logo à esquerda estava cheia de espelhos de diferentes formas e tamanhos; alguns emoldurados e outros simples painéis de vidro revestido.

Não havia vendedor algum à vista, e Lila se aproximou para analisar seu reflexo. Para se proteger do frio, ela usava um manto curto de feltro e um dos chapéus de Alucard (ele tinha o suficiente para emprestar), um tricórnio com uma pena feita de prata e vidro. Sob o chapéu, seus olhos castanhos olharam de volta para ela, um mais claro que o outro e inútil, embora poucas pessoas notassem. Seus cabelos escuros agora roçavam os ombros, fazendo com que ela parecesse mais uma garota do que gostaria (ela deixara crescer para o ardil do *Copper Thief*), e fez uma anotação mental de cortá-lo em seu comprimento usual na altura da linha do queixo.

Seu olhar desceu.

Ela não ganhara busto, graças a Deus, mas quatro meses a bordo do *Night Spire* tinham gerado uma transformação sutil. Lila sempre fora magra, só não fazia ideia se era fruto da sua genética ou produto de

comida escassa e corrida demais por muitos anos. A tripulação de Alucard trabalhava duro e comia bem, então ela tinha passado de franzina a magra, de esquelética a musculosa. As distinções eram pequenas, mas faziam diferença.

Ela sentiu um frio cortante perpassar seus dedos e olhou para baixo e viu que sua mão tocara a superfície fria do espelho. Estranho, ela não se lembrava de ter estendido a mão.

Olhando para cima, ela encontrou o olhar de seu próprio reflexo. Ele a analisava. Então, lentamente, começou a mudar. Seu rosto envelheceu vários anos e seu casaco ondulou e escureceu até se parecer com o de Kell, aquele com bolsos demais e ainda mais lados. Uma monstruosa máscara repousava sobre sua cabeça, como uma fera com a boca larga, e uma chama lambeu os dedos do reflexo no ponto em que encontravam o espelho, mas não os queimou. Em torno de sua outra mão havia água, enrolada como uma cobra, que logo depois se transformou em gelo. O chão sob os pés do reflexo começou a rachar e a se partir, como se estivesse sob algo pesado, e o ar ao redor do reflexo estremeceu. Lila tentou afastar a mão do espelho, mas não conseguiu, assim como foi incapaz de desviar o olhar do rosto de seu reflexo, onde seus olhos (ambos) se tornaram pretos, algo girando nas profundezas deles.

De repente, a imagem se soltou, e o corpo de Lila foi projetado para trás, ofegando. A dor latejou em sua mão, ela olhou para baixo e viu pequenos cortes com gotas de sangue vertendo de cada ponta de seus dedos.

Os cortes eram limpos, as linhas feitas por algo afiado. Como vidro.

Ela levou a mão ao peito, e seu reflexo — agora apenas uma garota usando um chapéu de tricórnio — fez o mesmo.

— A placa diz *não toque* — falou alguém atrás dela, e quando ela se virou lá estava o vendedor da barraca.

Era faroense, sua pele negra era como as paredes de rocha e toda a sua vestimenta era feita de um único pedaço de seda branca. Ele estava muito bem barbeado, como a maioria dos faroenses, mas usava apenas duas gemas em sua pele, uma sob cada olho. Ela sabia que ele era o vendedor da barraca por causa dos óculos no nariz dele: o vidro não era apenas vidro, mas espelhos, refletindo o rosto pálido dela.

— Sinto muito — disse ela, olhando para o espelho e esperando ver o lugar onde ela o havia tocado, onde tinha se *cortado*, mas o sangue tinha desaparecido.

— Você sabe o que esses espelhos fazem? — perguntou ele.

Levou um momento para Lila perceber que, embora a voz tivesse um sotaque carregado, ele estava falando em inglês. E, no entanto, não, ele não estava, não exatamente. As palavras que ele pronunciava não se alinhavam com as que ela ouvia. Um talismã brilhava na garganta dele. À primeira vista ela julgara que fosse um broche prendendo o tecido, mas agora pulsava fracamente, e ela entendeu.

O homem levou os dedos ao pingente.

— Ah, sim, uma coisa útil, isto, quando se é um comerciante na esquina do mundo. Não é exatamente lícito, certamente, com as leis contra ilusões, mas...

Ele encolheu os ombros, como se dissesse: *O que se pode fazer?* Parecia fascinado pela linguagem que articulava, como se soubesse seus significados.

Lila voltou-se para os espelhos.

— O que eles fazem?

O vendedor analisou o espelho, e, nos óculos dele, ela viu o artefato refletido várias vezes.

— Bem — disse ele —, um dos lados mostra o que você quer.

Lila pensou na garota de olhos pretos e reprimiu um arrepio.

— Não me mostrou o que eu quero — afirmou ela.

Ele adejou a cabeça.

— Tem certeza? A forma, talvez não, mas a ideia, talvez?

Qual seria a ideia por trás do que ela tinha visto? A Lila no espelho era... poderosa. Tão poderosa quanto Kell. Mas também era diferente. Mais sombria.

— As ideias são bonitas e boas — prosseguiu o mercador —, mas as realidades podem ser... menos agradáveis.

— E o outro lado? — perguntou ela.

— Hã? — Seus óculos espelhados eram irritantes.

— Você disse que *um dos lados* mostra o que a pessoa quer. E o outro?

— Bem, se você ainda quiser o que vê, o outro lado mostra como conseguir.

Lila ficou tensa. Foi isso que fez com que os espelhos fossem proibidos? O mercador faroense olhou para ela, como se pudesse ver seus pensamentos tão claramente quanto seu reflexo, e continuou:

— Talvez olhar para a própria mente não pareça tão raro. Pedras de sonho e tábuas de divinação, essas coisas nos ajudam a ver dentro de nós mesmos. O primeiro lado do espelho não é tão diferente, é quase comum...

— Lila pensou que jamais consideraria *esse* tipo de magia como comum.

— Ver os fios do mundo é uma coisa. Mexer neles é outra. Saber como fazer música com eles, bem... Digamos apenas que isso não é mesmo uma coisa simples.

— Não, suponho que não — falou ela calmamente, ainda esfregando os dedos machucados. — Quanto lhe devo por usar o primeiro lado?

O vendedor deu de ombros.

— Qualquer um pode se ver — disse ele. — O espelho recolhe o próprio dízimo. A questão agora, Delilah, é se você quer ver o segundo lado.

Mas Lila já estava se afastando dos espelhos e do vendedor misterioso.

— Obrigada — falou ela, percebendo que ele não tinha indicado o preço. — Mas vou declinar.

Ela já percorrera metade do caminho da volta para a barraca de armas antes de perceber que nunca dissera seu nome ao comerciante.

Bom, pensou Lila, apertando seu manto ao redor dos ombros, *isso foi perturbador*. Ela enfiou as mãos nos bolsos — tanto para evitar que tremessem quanto para ter certeza de que não tocara acidentalmente em mais nada — e voltou para a barraca de armas. Logo sentiu que alguém se aproximava e captou o aroma familiar de mel, prata e vinho temperado.

— Capitão — disse ela.

— Acredite ou não, Bard — falou ele —, sou suficientemente capaz de defender minha própria honra.

Ela lançou-lhe um olhar enviesado e notou que a bolsa tinha desaparecido.

— Não é sua honra que me preocupa.

— É a minha saúde, então? Ninguém me matou ainda.

Lila encolheu os ombros.

— Todos são imortais até não serem mais.

Alucard sacudiu a cabeça.

— Que perspectiva deliciosamente mórbida, Bard.

— Além disso — continuou Lila —, não estou particularmente preocupada com sua honra *ou* com sua vida, capitão. Eu estava apenas esperando receber minha parte nos lucros.

Alucard suspirou e passou o braço pelos ombros dela.

— E eu começando a pensar que você se importa. — Ele se virou para analisar as facas na mesa em frente e riu. — A maioria das garotas deseja comprar vestidos.

— Eu não sou como a maioria das garotas.

— Sem dúvida. — Ele gesticulou para o que estava exposto. — Vê algo de que gosta?

Por um momento, a imagem no espelho surgiu na mente de Lila, ameaçadora, com os olhos pretos e vibrando com poder. Lila a afastou de seus pensamentos, olhou para as lâminas e indicou com a cabeça um punhal com uma lâmina denteada.

— Você já não tem facas demais?

— Facas nunca são demais.

Ele balançou a cabeça.

— Você continua sendo uma criatura muito peculiar. — Com isso, ele começou a levá-la embora dali. — Mas mantenha seu dinheiro em seus bolsos. Nós *vendemos* para o Mercado Clandestino de Sassenroche, Bard. Não compramos dele. *Isso* seria muito errado.

— Você tem uma bússola moral distorcida, Alucard.

— Já me disseram isso.

— E se eu roubasse? — perguntou ela, casualmente. — Certamente não pode ser errado *roubar* alguma coisa de um mercado ilegal?

Alucard engasgou com uma risada.

— Você poderia tentar, mas falharia. E provavelmente perderia uma das mãos pela tentativa.

— Você tem pouca fé em mim.

— Não tem nada a ver com fé. Observe como os fornecedores não parecem particularmente preocupados em vigiar suas mercadorias. Isso é porque o mercado foi protegido. — Eles agora estavam na entrada da caverna, e Lila se virou para analisar o lugar. Ela semicerrou os olhos, esforçando-se para enxergar algo nas barracas. — É magia forte —

continuou ele. — Se um objeto deixasse seu lugar sem permissão, o resultado seria... desagradável.

— Então, você alguma vez já tentou roubar algo?

— Não sou tão idiota.

— Talvez seja apenas um boato criado para assustar os ladrões.

— Não é — afirmou Alucard, saindo da caverna e adentrando a noite.

A neblina ficara mais espessa, e a noite caíra como um cobertor de frio.

— Como você sabe? — pressionou Lila, cruzando os braços sob a capa.

O capitão encolheu os ombros.

— Suponho que... — Hesitou. — Suponho que eu tenha um talento especial.

— Para quê?

A safira cintilou na testa dele.

— Para ver a magia.

Lila franziu o cenho. As pessoas falavam em *sentir* magia, *cheirá-la*, mas nunca em *vê-la*. Obviamente, podia-se ver os efeitos que ela tinha sobre as coisas, os elementos sendo possuídos por ela, porém nunca a magia em si. Ela supunha que era como a alma em um corpo. Podia-se ver a carne, o sangue, mas não o que eles continham.

Pensando bem, a única vez que Lila já *vira* magia fora no rio da Londres Vermelha, o brilho do poder emanando dele com uma constante luz carmesim. Uma fonte, foi como Kell o havia chamado. As pessoas pareciam acreditar que aquele poder corria em todos e em tudo. Nunca ocorrera a ela que alguém pudesse ver isso em qualquer lugar do mundo.

— Hã — falou ela.

— Hum — exalou ele. E nada mais disse.

Os dois moveram-se em silêncio pelo labirinto pétreo de ruas, e logo todos os sinais do mercado foram engolidos pela névoa. A pedra escura dos túneis deu lugar à madeira conforme o coração de Sassenroche cedeu novamente à sua fachada.

— E quanto a mim? — perguntou ela quando chegaram ao porto.

Alucard olhou para trás.

— O que tem você?

— O que você vê — indagou ela — quando olha para mim?

Ela queria saber a verdade. Quem era Delilah Bard? *O que* ela era? A primeira era uma pergunta para a qual ela achava que sabia a resposta, porém a segunda... Havia tentado não se preocupar com isso, mas, como Kell tinha sinalizado tantas vezes, ela não deveria estar ali. Não deveria estar viva, para começar. Ela distorcera a maioria das regras. Quebrara as demais. E queria saber por quê. Como. Se ela era apenas um pontinho no universo, uma anomalia, ou se era algo *mais*.

— E então? — pressionou ela.

Ela estava esperando que Alucard ignorasse a pergunta, mas por fim ele se virou, endireitando-se para olhar para ela.

Por um instante, o rosto dele se contorceu. Ele tão raramente franzia o cenho que a expressão parecia errada nele. Houve um longo silêncio, preenchido apenas pelas batidas da pulsação de Lila, enquanto os olhos escuros do capitão a analisavam.

— Segredos — disse ele, finalmente. E então deu uma piscadela. — Por que você acha que a deixei ficar?

E Lila sabia que, se quisesse saber a verdade, teria que dar outra em troca, e ainda não estava pronta para isso. Então ela se forçou a sorrir e deu de ombros.

— Você gosta do som da própria voz. Achei que tivesse sido para ter alguém com quem conversar.

Ele riu e apoiou o braço nos ombros dela.

— Isso também, Bard. Isso também.

Londres Cinza

A cidade parecia positivamente lúgubre, envolta em uma luz moribunda, como se tudo tivesse sido pintado apenas com preto e branco, uma paleta inteira amortecida pelos tons de cinza. As chaminés lançavam nuvens de fumaça, e formas amontoadas passavam rapidamente, os ombros encurvados contra o frio.

E Kell nunca estivera tão feliz por estar ali.

Por estar invisível.

Parado na rua estreita à sombra de Westminster, ele respirou fundo, apesar do ar nebuloso, cheio de fumaça e frio, e se deleitou com a sensação. Um vento gelado soprou cortante, levando-o a enfiar as mãos nos bolsos e começar a andar. Não sabia para onde estava indo. Não importava.

Não havia lugar para se esconder na Londres Vermelha, não mais, mas aqui ele ainda podia abrir um espaço para si mesmo. Passou por algumas pessoas nas ruas, mas ninguém o conhecia. Ninguém hesitou ou se encolheu. Certamente já havia rumores em certos círculos, mas para a maioria dos transeuntes ele era apenas mais um estranho. Uma sombra. Um fantasma em uma cidade cheia de...

— É *você*.

Kell ficou tenso ao ouvir aquela voz. Ele desacelerou, mas não parou, supondo que as palavras não eram destinadas para ele, ou, se fossem, que haviam sido ditas por engano.

— Senhor! — chamou a voz de novo, e Kell olhou ao redor. Não para a fonte dela, mas para qualquer um com quem poderia estar falando. Mas

não havia ninguém por perto, e a palavra fora dita com identificação, com *reconhecimento*.

A melhora em seu humor estremeceu e morreu quando ele se forçou a parar, virou-se e viu um homem esguio segurando uma braçada de papéis e olhando diretamente para ele com olhos arregalados do tamanho de moedas. Um lenço escuro pendia dos ombros do homem, e suas roupas não eram esfarrapadas, mas não lhe serviam bem. Ele parecia estar esticado, o rosto e os membros muito alongados para o terno. Seus pulsos saíam dos punhos do paletó, e, na parte de trás de um deles, Kell viu a ponta de uma tatuagem.

Uma runa de poder.

Da primeira vez que Kell a vira, lembrava de ter pensado duas coisas. A primeira foi que era imprecisa, distorcida da forma como uma cópia de uma cópia de uma cópia poderia ficar. A segunda era que pertencia a um Entusiasta, um habitante do mundo cinza que se achava um mago.

Kell *odiava* Entusiastas.

— Edward Archibald Tuttle terceiro — disse Kell em tom seco.

O homem — Ned — abriu um sorriso estranho, como se Kell tivesse acabado de lhe dar a notícia mais espetacular.

— Você se lembra de mim!

Kell lembrava. Lembrava-se de todos com quem fizera negócios (ou aqueles com quem preferira *não* fazer negócios).

— Eu não tenho sua terra — falou ele, lembrando-se da promessa sarcástica de trazer para o homem um saco de terra, se ele esperasse por Kell.

Ned acenou com a mão, fazendo pouco caso da promessa.

— Você voltou — disse ele, correndo. — Eu estava começando a pensar que você não voltaria, depois de tudo, quer dizer, depois do que aconteceu de horrível com o proprietário do pub, uma coisa terrível. Eu esperei, sabe, antes que acontecesse, e depois, é lógico, ainda estava esperando. E estava começando a me perguntar, o que não é a mesma coisa que duvidar, sabe, eu não tinha começado a duvidar, mas ninguém tinha visto você por meses e meses, e agora, bem, você está de volta...

Ned finalmente parou de falar, ofegante. Kell não sabia o que dizer. O homem já falara o suficiente pelos dois. Um vento cortante soprou, e Ned quase perdeu seus papéis.

— Que diabos, está frio — praguejou ele. — Deixe-me lhe oferecer uma bebida.

Ele acenou com a cabeça para algo atrás de Kell ao dizer isso, e Kell se virou e viu uma taverna. Seus olhos se arregalaram quando percebeu aonde seus pés traiçoeiros o haviam levado. Ele deveria ter imaginado. A sensação estava lá, no próprio solo, a atração sutil que pertencia apenas a um ponto fixo.

Stone's Throw.

Kell estava a poucos passos do local onde havia feito negócios, o lugar onde Lila tinha morado e onde Barron tinha morrido. (Ele havia voltado uma vez, depois que tudo acabara, mas as portas estavam trancadas. Havia arrombado e entrado, porém o corpo de Barron já tinha sido removido. Ele subira as estreitas escadas até o quarto de Lila, lá em cima, e nada encontrara além de uma mancha escura no chão e um mapa sem marcações... Levou o mapa com ele, a última coisa que contrabandeou. E não havia voltado desde então.)

O peito de Kell doeu ao ver o lugar. Já não se *chamava* Stone's Throw. Parecia o mesmo lugar, tinha a mesma *sensação*, agora que Kell estava prestando atenção, mas a placa que pendia acima da porta dizia: The Five Points.

— Eu realmente não deveria... — disse Kell, franzindo o cenho para o nome.

— A taverna só abre daqui a uma hora — insistiu Ned. — E quero lhe mostrar uma coisa.

Ele tirou uma chave do bolso, deixando cair um de seus pergaminhos no processo. Kell estendeu a mão e o pegou, mas sua atenção estava na chave quando Ned a enfiou na fechadura.

— Você é o *dono*? — perguntou, incrédulo.

Ned assentiu.

— Bem, quero dizer, não desde sempre, mas eu a comprei, depois de tudo que aconteceu de desagradável. Houve quem quisesse demoli-la, mas isso simplesmente não parecia certo, então, quando foi posta à venda, bem, quer dizer, você e eu, nós dois sabemos que este lugar não é *apenas* uma taverna, é um lugar especial, tem essa aura de — ele baixou a voz — *magia*... — e depois voltou a falar em voz alta — sobre ele. E, além disso, eu sabia que você voltaria. Eu simplesmente *sabia*...

Ned entrou, andando atrapalhado, e Kell não teve escolha a não ser segui-lo. Ele poderia ter virado as costas e deixado o homem tagarelando, mas Ned havia esperado, tinha comprado a maldita taverna para poder *continuar* esperando, e havia algo de intrigante nessa determinação teimosa, então ele seguiu o homem e entrou.

O lugar estava absolutamente escuro, então Ned colocou os pergaminhos na mesa mais próxima e se dirigiu, tateando, até a lareira com o intuito de acender o fogo.

— O horário de funcionamento mudou — explicou ele, empilhando alguns troncos na lareira — porque minha família não sabe, veja você, que eu comprei a Points. Eles simplesmente não entenderiam, diriam que não é uma profissão digna para alguém na minha posição, mas eles não me conhecem, não de verdade. Acho que sempre tive algo de gato vadio. Mas você não liga para isso, desculpe, eu só queria explicar por que estava fechado. O público também é diferente hoje em dia...

Ned parou, lutando com uma pedra para produzir fagulhas, e o olhar de Kell se afastou das toras semicarbonizadas na lareira para as lanternas apagadas que estavam espalhadas sobre as mesas e penduradas nas vigas do teto. Ele suspirou, e então, porque estava sentindo frio ou apenas com boa vontade, estalou os dedos. O fogo na lareira explodiu e se acendeu, e Ned cambaleou para trás enquanto ele crepitava com a luz branca azulada de chamas encantadas, antes de se acalmar e se assentar nos amarelos e vermelhos de um fogo mais comum.

Uma a uma, as lanternas começaram a cintilar também, e Ned ficou de pé e se virou, observando as luzes que emanavam das lâmpadas que se inflamaram sozinhas como se Kell tivesse convocado as estrelas para a sua taverna.

Ned fez um barulho, uma inspiração aguda, e seus olhos se arregalaram: não com medo, nem mesmo com surpresa, mas com adoração. Com *reverência*. Havia algo no fascínio aparente do homem, em sua alegria desenfreada ao olhar o espetáculo, que lembrou Kell do velho rei. Seu coração doeu. Ele havia interpretado o interesse do Entusiasta como desejo, ganância, mas talvez tivesse se enganado. Ele não se parecia em nada com o novo rei George. Não, Ned tinha a intensidade infantil de alguém que *queria* que o mundo fosse mais estranho do que era, alguém que pensava que podia *acreditar* na magia e torná-la real.

Ned estendeu a mão e a deixou perto de uma das lanternas.

— Está quente — sussurrou.

— O fogo geralmente é — disse Kell, examinando o local.

Com a infusão de luz, ele pôde ver que, enquanto o exterior permanecera o mesmo, por dentro a Five Points era um lugar completamente diferente.

As cortinas haviam sido penduradas a partir do teto em faixas escuras, erguendo-se e caindo acima das mesas, que estavam dispostas como raios em uma roda. Padrões pretos haviam sido desenhados, ou melhor, *pirogravados* nos tampos das mesas de madeira, e Kell supôs que deveriam ser símbolos de poder — embora alguns parecessem a tatuagem de Ned, vagamente distorcida, enquanto outros pareciam inteiramente inventados.

A Stone's Throw sempre fora um lugar de magia, mas a Five Points *parecia* um. Ou pelo menos, uma ideia infantil de um.

Havia um ar de mistério, performático, e quando Ned despiu o casaco, Kell viu que ele estava usando uma camisa preta de colarinho alto com botões brilhantes de ônix. Um colar em sua garganta tinha uma estrela de cinco pontas, e Kell se perguntou se era dali que a taverna tinha obtido o seu nome, até ver o desenho emoldurado na parede. Era um esquema da caixa que Kell levava consigo quando ele e Ned se conheceram. O jogo de elementos, com seus cinco sulcos.

Fogo, água, terra, ar, osso. Kell franziu o cenho. O diagrama era impressionantemente preciso, até os veios na madeira. Ele ouviu o som de vidros tilintando e viu Ned atrás do balcão, mexendo em garrafas na parede. Ele serviu duas doses de algo escuro e as estendeu, oferecendo.

Por um instante, Kell pensou em Barron. O barman era tão largo quanto Ned era estreito, tão brusco quanto o jovem era exuberante. Mas fizera parte desse lugar como a madeira e as pedras e estava morto por causa de Holland. Por causa de Kell.

— Mestre Kell? — insistiu Ned, ainda segurando o copo.

Ele sabia que devia ir embora, mas se pegou indo até o balcão, comandando o banquinho a se mexer alguns centímetros antes de se sentar.

Exibido, falou uma voz em sua cabeça, e talvez estivesse certa, mas a verdade era que fazia muito tempo que ninguém o olhava da maneira como Ned fazia agora.

Kell pegou a bebida.

— O que você queria me mostrar, Ned?

O homem sorriu ao ouvir seu apelido.

— Bem, sabe — disse ele, pegando uma caixa de baixo do balcão —, eu tenho *praticado*. — Ele colocou a caixa sobre o balcão, abriu a tampa e tirou um pequeno pacote de dentro. Kell estava com o copo a meio caminho de seus lábios quando viu o que Ned estava segurando e prontamente colocou a bebida no balcão. Era um conjunto de elementos, parecido com o que Kell havia negociado quatro meses atrás. Não, era *exatamente* o mesmo conjunto de elementos, desde os lados de madeira escura até o pequeno fecho de bronze.

— Onde você conseguiu isso? — perguntou Kell.

— Bem, eu comprei. — Ned colocou o tabuleiro do mago sobre o balcão entre eles com reverência e deslizou o fecho, deixando-o se desdobrar para revelar os cinco elementos em seus sulcos. — Daquele cavalheiro para quem você vendeu. Não foi fácil, mas chegamos a um acordo.

Ótimo, pensou Kell, seu humor de repente esfriando. A única coisa pior do que um Entusiasta comum era um Entusiasta rico.

— Eu tentei fazer o meu próprio — continuou Ned —, mas não era a mesma coisa, eu nunca fui muito bom nisso, você deveria ter visto a porcaria que estava esse esquema antes que eu contratasse...

— Foco — disse Kell, sentindo que Ned poderia andar a noite toda por digressões mentais.

— Certo — falou ele. — Então, o que eu queria mostrar — ele estalou os nós dos dedos dramaticamente — era isso.

Ned bateu com o indicador no sulco que continha água, e depois apoiou as mãos espalmadas no balcão. Ele focalizou os olhos semicerrados no tabuleiro e Kell relaxou quando percebeu aonde isso iria parar: em lugar nenhum.

No entanto, algo estava diferente. Da última vez que Ned tentara isso, ele gesticulara no ar e proferira palavras absurdas acima da água, como se elas próprias tivessem algum poder. Desta vez, seus lábios se moveram, mas Kell não conseguia ouvir o que ele estava dizendo. Suas mãos ficaram abertas, esticadas no balcão, uma em cada lado do tabuleiro.

Por um instante, conforme o previsto, nada aconteceu.

E então, quando Kell já estava perdendo a paciência, a água se *moveu*. Não muito, mas uma gota pareceu levantar ligeiramente da poça antes de cair de novo, provocando ondas minúsculas pela superfície da água.

Santo.

Ned deu um passo para trás, triunfante, e, embora conseguisse manter a compostura, estava nítido que queria jogar os braços para cima e comemorar.

— Você viu isso? Você viu? — celebrou ele. E Kell tinha visto.

Não era nem de longe uma habilidade perigosa para a magia, mas era muito mais do que ele esperava. Deveria ser impossível — para Ned, para qualquer habitante do mundo cinza —, porém os últimos meses fizeram com que ele se perguntasse se algo estava realmente fora de ordem. Afinal, Lila tinha vindo da Londres Cinza, e estava... bom, mas ela era algo inteiramente diferente.

A magia não tem lugar em seu mundo, dissera ele ao rei. Não mais.

O mundo é feito de ciclos. Talvez o nosso tempo chegue de novo.

O que estava acontecendo? Ele sempre pensara na magia como um fogo, cada Londres mais longe da fonte de calor do que a outra. A Londres Preta havia queimado por estar perto demais da chama, mas a Londres Cinza tinha esgotado seu combustível havia muito tempo. Será que de alguma forma ainda havia uma faísca? Algo para acender? Teria ele acidentalmente soprado as flamas moribundas? Ou tinha sido Lila?

— Isso é tudo que eu tenho sido capaz de fazer — disse Ned, animadamente. — Mas, com o treinamento apropriado... — Ele olhou para Kell com expectativa enquanto dizia isso e então rapidamente olhou para baixo de novo. — Quer dizer, com o professor certo ou pelo menos alguma orientação...

— Ned — começou Kell.

— Sim, eu sei que você deve estar ocupado, comprometido, e o tempo é precioso...

— Edward — tentou ele, novamente.

— Mas eu tenho algo para você — insistiu o homem.

Kell suspirou. Por que todos de repente estavam tão ansiosos para lhe dar presentes?

— Eu tentei pensar no que você disse, da última vez, sobre como você só estava interessado em coisas que importassem, e levei algum tempo,

mas acho que encontrei algo digno. Vou buscar.

Antes que Kell pudesse dizer a ele para parar, pudesse explicar que, o que quer que fosse, ele não poderia aceitar, o homem saíra de trás do balcão e disparara em direção ao corredor, subindo as escadas dois degraus de cada vez.

Kell observou-o ir, desejando poder ficar.

Ele sentia falta da Stone's Throw, não importava seu nome, sentia falta da solidez simples deste lugar, desta cidade. Ele tinha mesmo que ir para casa? E aquele era o problema, exatamente. A Londres Vermelha era *sua casa*. Kell não pertencia a este mundo. Ele era uma criatura de magia — arnesiana, não inglesa. E, mesmo que este mundo ainda guardasse algum poder (pois Tieren dissera que nenhum lugar era verdadeiramente desprovido dele), Kell não poderia dar-se ao luxo de atirá-lo, nem por Ned, nem pelo rei, nem por ele mesmo. Ele já havia perturbado dois mundos. Não seria culpado por um terceiro.

Kell passou a mão pelos cabelos e se levantou do banco, os passos que ouvia no teto sobre sua cabeça ficando cada vez mais fracos.

O tabuleiro de jogo ainda estava aberto no balcão. Kell sabia que devia levá-lo de volta, mas então o quê? Ele teria que explicar sua presença para Staff e Hastra. Não, que o menino tolo ficasse com ele. Colocou o copo vazio no balcão e virou-se para sair, enfiando as mãos nos bolsos.

Seus dedos roçaram algo no fundo do casaco.

Sua mão se fechou sobre o objeto, e ele tirou de lá um segundo *lin* da Londres Vermelha. Estava velho, a estrela dourada quase totalmente desgastada pelo tempo e pelo toque das mãos, e Kell não sabia dizer quanto tempo havia ficado perdida em seu bolso. Poderia ser uma das moedas que ele tinha pegado do velho rei, trocado por uma nova. Ou poderia ter sido um trocado esquecido, perdido no bolso de lã. Ele o analisou por um instante, então ouviu o som de uma porta se fechando no andar de cima e passos na escada.

Kell colocou a moeda no balcão, ao lado do copo vazio, e saiu.

VI

Sasenroche

Ao longo de sua vida, Lila sempre odiara tavernas.

Parecia ligada a elas por algum tipo de amarração; fugia o mais rápido que podia, e então em algum momento ela chegava ao fim da linha e era puxada de volta. Passara anos tentando cortar aquele laço. Nunca conseguira.

A Inroads ficava no fim do píer, com suas lanternas envoltas por fios de névoa do mar que se infiltravam pelo porto. Uma placa acima da porta estava escrita em três línguas, e Lila reconheceu apenas uma.

Os sons familiares vindos lá de dentro chegaram a ela, o ruído ambiente de cadeiras sendo arrastadas e vidros tilintando, de risos, ameaças e brigas prestes a eclodir. Eram os mesmos sons que ela tinha ouvido centenas de vezes na Stone's Throw, e parecia-lhe estranho que esses sons pudessem existir ali, em uma cidade com um mercado clandestino à margem de um império em um mundo mágico. Havia, supôs, um conforto nesses lugares, no tecido de que eram feitos, no modo como duas tavernas, em cidades separadas — em *mundos* separados — pudessem passar a mesma sensação, parecerem iguais, soarem da mesma maneira.

Alucard estava segurando a porta aberta para ela.

— *Tas enol* — falou ele, passando de novo para o arnesiano. *Depois de você.*

Lila meneou a cabeça e entrou.

Lá dentro, a Inroads parecia bastante familiar; as *pessoas* é que eram diferentes. Ao contrário do mercado clandestino, ali capuzes e chapéus haviam sido deixados de lado e Lila pôde dar uma boa olhada nas

tripulações dos outros navios atracados ao longo do cais. Um veskano muito alto passou por eles, praticamente preenchendo a soleira da porta ao passar, uma enorme trança loira caindo-lhe pelas costas. Seus braços estavam nus quando ele saiu no frio do inverno.

Um amontoado de homens estava parado perto da porta, falando em voz baixa em línguas estrangeiras e fluidas. Um deles olhou para ela, que ficou assustada ao ver que seus olhos eram dourados. Não cor de âmbar, como os do príncipe, mas brilhantes e quase refletindo a luz, seus centros metálicos salpicados de preto. Aqueles olhos reluziam em contraste com uma pele tão escura quanto o oceano à noite, e, ao contrário do faroense que ela tinha visto no mercado, o rosto desse homem estava repleto de dezenas de pedaços de cristal verde-claro. Os fragmentos traçavam linhas sobre suas sobrancelhas, seguiam a curva de sua bochecha e desciam por sua garganta. O efeito era perturbador.

— Feche a boca — sibilou Alucard em seu ouvido. — Está parecendo um peixe.

A luz na taverna era baixa, cintilando nas mesas e lareiras em vez de vir descendo do teto e das paredes. Lançavam sombras estranhas nos rostos conforme as luzes das velas refletiam nas bochechas e sobrancelhas.

O lugar não estava muito lotado. Ela só tinha visto quatro navios no porto e conseguia distinguir os homens do *Spire*, espalhados e conversando em alguns grupos de dois ou três.

Stross e Lenos tinham surrupiado uma mesa junto ao bar e estavam jogando cartas com um punhado de veskanos; Olo observava, e Tav, de ombros largos, conversava absorto com um arnesiano de outro navio.

Vasry Formoso estava flertando com uma garçonete que aparentava ser faroense — nada de estranho aqui —, e um marinheiro atlético chamado Kobis estava sentado na ponta de um sofá, lendo um livro à luz baixa, claramente saboreando a coisa mais próxima que encontrara de paz e silêncio.

Uma dezena de rostos se virou conforme Lila e Alucard se moveram pelo salão, e ela se sentiu encolher em direção à sombra mais próxima antes de perceber que nenhum deles estava olhando para ela. Era o capitão do *Night Spire* quem atraía a atenção. Alguns menearam a cabeça, outros ergueram uma das mãos ou um copo, uns poucos exclamaram uma saudação. Ele obviamente fizera alguns amigos durante seus anos no mar.

Pensando bem, se Alucard Emery tinha feito *inimigos*, ela ainda não conhecera um.

Um arnesiano de outra embarcação acenou para Alucard, e, em vez de segui-lo, Lila dirigiu-se para o bar e pediu uma espécie de sidra que cheirava a maçã, especiarias e muito álcool. Ela tomou vários goles antes de voltar sua atenção para o veskano a poucos metros do bar.

A tripulação do *Spire* chamava os veskanos de “*choser*” — *gigantes* —, e ela estava começando a entender por quê.

Lila tentou não olhar fixamente — ou melhor, tentou olhar sem parecer que estivesse encarando —, mas o homem era *enorme*, mais alto do que Barron, com um rosto que parecia um bloco de pedra rodeado por uma corda de cabelos loiros. Não o loiro esbranquiçado e desbotado dos gêmeos Dane, mas uma cor de mel, viva de uma forma que combinava com a sua pele, como se ele nunca tivesse passado um dia na sombra.

Os braços dele, um dos quais estava apoiado no balcão, tinham cada um o tamanho da cabeça dela. O sorriso dele era mais largo do que a faca de Lila, mas não tão perverso; e os olhos, quando se moveram na direção dela, eram como um céu azul sem nuvens. O cabelo e a barba do veskano cresciam juntos em volta de seu rosto, abrindo-se apenas para seus olhos largos e nariz reto, e tornavam sua expressão difícil de ler. Ela não sabia dizer se estava apenas sendo avaliada ou desafiada.

Os dedos de Lila se dirigiram ao punhal em seu quadril, embora ela honestamente não quisesse tentar a sorte contra um homem que provavelmente esmagaria sua faca em vez de ser empalado por ela.

Então, para sua surpresa, o veskano ergueu o copo.

— *Is aven* — disse ela, levantando sua própria bebida. *Saúde*.

O homem deu uma piscadela e então começou a tomar a cerveja em um único e contínuo gole. Lila, percebendo o desafio, fez o mesmo. Seu copo tinha a metade do tamanho do dele, mas, justiça seja feita, ele tinha mais que o dobro do tamanho dela, por isso parecia uma competição equilibrada. Quando sua caneca vazia bateu no balcão um instante antes da dele, o veskano riu e bateu na mesa duas vezes com o punho cerrado, enquanto murmurava em apreciação.

Lila depositou uma moeda no balcão e se levantou. A sidra a atingiu em cheio, fazendo-a sentir-se como se já não estivesse em terra firme, mas de volta ao *Spire* no meio de uma tempestade.

— Devagar. — Alucard segurou seu cotovelo, então passou o braço em seus ombros para esconder a falta de equilíbrio dela. — É isso que se ganha por fazer amigos.

Ele a levou até uma cabine onde a maioria dos homens se reunira, e ela afundou, grata, em uma cadeira na ponta. Quando o capitão se sentou em seu lugar, o resto da tripulação se aproximou, como se tivesse sido atraído por uma corrente invisível. Mas, evidentemente, a corrente era o próprio Alucard.

Homens riam. Copos tilintavam. Cadeiras arranhavam o chão.

Em outro canto da cabine, Lenos arriscou um olhar de soslaio para ela. Fora ele quem começara os rumores sobre ela ser o Sarows. Será que ele ainda tinha medo dela, depois de tanto tempo?

Ela desembainhou a faca dele (que agora era dela) do cinto e a poliu com a ponta da camisa.

Sua cabeça estava girando por causa daquela primeira bebida, e ela deixou que seus ouvidos e atenção vagassem pela tripulação como fumaça, deixando as palavras em arnesiano se dissolverem novamente em tons altos e baixos, as melodias de uma língua estrangeira.

Do lado oposto da mesa, Alucard se vangloriou, aplaudiu e bebeu com sua tripulação, e Lila ficou maravilhada com a maneira como o homem mudava para se adaptar ao ambiente. Ela sabia como se adaptar o suficiente, mas Alucard sabia como se *transformar*. De volta ao *Spire*, ele não era apenas capitão, mas também rei. Aqui nesta mesa, cercado por seus homens, era um deles. Ainda o chefe, sempre o chefe, mas não tão acima do resto. Este Alucard se esforçava para rir tão alto quanto Tav, flertar quase tanto quanto Vasry e derramar cerveja como Olo, embora Lila o tivesse visto dar chiliques em sua cabine sempre que ela derramava água ou vinho.

Era uma performance, uma cena interessante de assistir. Lila se perguntou, talvez pela centésima vez, qual versão de Alucard era a verdadeira, ou se, de alguma forma, todas eram reais, cada uma à sua maneira.

Ela também se perguntou onde Alucard encontrara um grupo tão estranho de homens, quando e de que forma foram recrutados. Ali, em terra, eles pareciam ter tão pouco em comum, mas no *Spire* funcionavam como amigos, como uma *família*. Ou, pelo menos, como Lila imaginava

que uma família agiria. Lógico que brigavam, e de vez em quando chegavam a trocar socos, mas também eram extremamente leais.

E quanto a Lila? Era leal também?

Ela pensou em suas primeiras noites no navio, quando dormira de costas para a parede e com uma faca à mão, esperando ser atacada. Quando teve que encarar o fato de que não sabia quase nada sobre a vida a bordo e lutou todos os dias para permanecer de pé, agarrando-se a pedaços de habilidade e linguagem e, na ocasião em que era oferecida, ajuda. Parecia que uma vida inteira se passara. Agora a tratavam mais ou menos como se fosse um deles. Como se ela *pertencesse* àquele grupo. Uma parte pequena e desafiadora dela, a parte que buscara ao máximo sufocar nas ruas de Londres, se alegrou com esse pensamento.

Mas o resto dela se sentiu mal.

Queria se afastar da mesa e sair, ir embora, arrebentar as cordas que a amarravam a este navio, a esta tripulação e a esta vida, e recomeçar. Sempre que sentia o peso desses laços desejava poder pegar sua faca mais afiada e cortá-los, extirpar a parte dela que queria ficar, que se importava, que acolhia a sensação da mão de Alucard no ombro, o sorriso de Tav, o aceno de cabeça de Stross.

Fraca, advertiu uma voz em sua cabeça.

Fuja, disse outra.

— Tudo bem, Bard? — perguntou Vasry, parecendo genuinamente preocupado.

Lila acenou com a cabeça, fixando o fio de um sorriso de volta no rosto.

Stross deslizou uma bebida em sua direção, como se não fosse nada.

Fuja.

Alucard atraiu a atenção dela e deu uma piscadela.

Cristo, ela devia tê-lo matado quando teve a chance.

— Muito bem, capitão — gritou Stross por cima do barulho. — Você nos reuniu aqui. Estamos esperando. Qual é a grande notícia?

A mesa começou a ficar silenciosa, e Alucard baixou sua caneca de cerveja.

— Ouçam, seus miseráveis — disse ele, sua voz repercutindo em uma onda. O grupo começou a murmurar e depois ficou em silêncio. — Vocês

podem passar a noite em terra. Mas zarparemos à primeira luz do amanhecer.

— Para onde? — perguntou Tav.

Alucard olhou diretamente para Lila quando falou.

— Para Londres.

Lila ficou rígida no assento.

— Para quê? — perguntou Vasry.

— Negócios.

— Que engraçado — interveio Stross, coçando a bochecha. — Não está na época do torneio?

— Pode ser — respondeu Alucard com um sorriso maroto.

— Você *não fez* isso — ofegou Lenos.

— Não fez o quê? — perguntou Lila.

Tav deu uma risadinha.

— Ele se inscreveu no *Essen Tasch*.

Essen Tasch, pensou Lila, tentando traduzir a frase. *Elemento... alguma coisa*. O que era isso? Todo mundo na mesa parecia saber. Apenas Kobis não disse nada, simplesmente franzindo a testa para sua bebida, mas ele não parecia confuso, apenas preocupado.

— Não sei, não, capitão — falou Olo. — Você acha que é bom o suficiente para disputar esse jogo?

Alucard deu uma risada e sacudiu a cabeça. Ele levou seu copo até os lábios, tomou um gole e, em seguida, bateu com a caneca na mesa. Ela se quebrou, mas, antes que a sidra pudesse se derramar, saltou para o ar, junto com o conteúdo de cada um dos copos na mesa, o líquido congelando à medida que subia. Os drinques congelados pairaram por um momento, depois caíram na mesa de madeira. Alguns fincaram a extremidade pontuda nela, outros rolaram. Lila observou a lança congelada que uma vez tinha sido sua sidra bater contra o copo. Somente o pedaço de gelo que havia sido a bebida de Alucard ficou em pé, pairando suspenso acima de sua caneca de vidro despedaçada.

A tripulação gritou e aplaudiu.

— Ei — rosnou um homem atrás do balcão. — Você paga por tudo que quebrar.

Alucard sorriu e levantou as mãos em rendição. Então, quando flexionou os dedos, os estilhaços de vidro espalhados sobre a mesa

tremeram e se reposicionaram na forma de uma caneca, como se o próprio tempo tivesse rebobinado. A caneca se reconstituiu em uma das mãos de Alucard, as rachaduras se unindo e então desaparecendo conforme o vidro se refundia. Ele a ergueu, como se quisesse analisar a peça, e o fragmento de sidra congelada ainda pairando no ar acima de sua cabeça se liquefez e se derramou de volta no copo intacto. Ele tomou um gole e brindou ao homem atrás do bar, então a tripulação explodiu em uma comemoração estridente, batucando na mesa, esquecendo-se de suas próprias bebidas.

Somente Lila permaneceu imóvel, aturdida pela exibição.

Ela já tinha visto Alucard fazer magia, é lógico; ele a vinha ensinando durante meses. Mas havia uma diferença — um abismo, um mundo — entre levitar uma faca e *isso*. Ela não tinha visto ninguém lidar com magia de tal forma. Não desde Kell.

Vasry devia ter percebido a surpresa dela, porque inclinou a cabeça em sua direção.

— O capitão é um dos melhores em Arnes — disse ele. — A maioria dos magos só consegue controlar um elemento. Alguns são duplos. Mas Alucard? Ele é tríade. — Ele disse a palavra com admiração. — Não anda por aí exibindo seu poder porque os grandes magos são raros nessas águas, mais raros do que uma recompensa, então é arriscado ser capturado e vendido. É lógico que não seria a primeira oferta por sua cabeça, mas, ainda assim... A maioria não sai das cidades.

Então por que ele saiu?, perguntou-se ela.

Quando ergueu o olhar, viu o olhar de Alucard sobre ela, a safira reluzindo acima de um olho escuro como uma tempestade.

— Você já foi a um *Essen Tasch*, Vasry? — perguntou ela.

— Uma vez — disse o belo marinheiro. — A última vez que os Jogos foram em Londres.

Jogos, pensou Lila. Então era isso que *Tasch* queria dizer.

Os Jogos Elementais.

— Só acontece de três em três anos — continuou Vasry —, na cidade do último vencedor.

— Como são? — indagou ela, lutando para manter seu interesse casual.

— Nunca foi a um? Bem, você está com sorte.

Lila gostava de Vasry. Ele não era o homem mais inteligente, nem de longe; não percebeu o que estava escondido nas perguntas, não se questionou como ou por que ela não sabia as respostas.

— O *Essen Tasch* vem acontecendo há mais de sessenta anos, desde a última guerra imperial. A cada três anos os impérios se reúnem, Arnes, Faro e Vesk, e inscrevem seus melhores magos. Pena que durem só uma semana.

— É o jeito dos impérios de apertar as mãos e sorrir, mostrando que tudo está bem — disse Tav, que se inclinara em tom de conspiração.

— *Tac*, política é chato — disse Vasry, acenando com a mão. — Mas os duelos são divertidos de se assistir. E as *festas*. As bebidas, as apostas, as lindas mulheres...

Tav bufou.

— Não dê ouvidos ao Vasry, Bard — falou ele. — Os duelos são a melhor parte. Uma dezena dos maiores magos de cada império lutando cabeça a cabeça.

Duelos.

— Ah, e as máscaras são bonitas, também — divagou Vasry, com os olhos vidrados.

— Máscaras? — perguntou Lila, com o interesse a mil.

Tav inclinou-se para a frente com entusiasmo.

— No começo — explicou ele —, os competidores usavam capacetes, para se protegerem. Mas com o tempo começaram a enfeitá-los. Para se destacar. Com o tempo, as máscaras se tornaram parte do torneio. — Tav franziu o cenho ligeiramente. — Estou surpreso que você nunca tenha ido a um *Essen Tasch*, Bard.

Lila se encolheu.

— Nunca estive no lugar certo na hora certa.

Ele assentiu com a cabeça, como se a resposta fosse boa o suficiente, e deixou o assunto de lado.

— Bem, se Alucard está competindo, será um torneio para ficar na memória.

— Por que os homens fazem isso? — perguntou ela. — Só para se exibir?

— Não apenas homens — falou Vasry. — Mulheres também.

— É uma honra ser escolhido para competir pela sua coroa...

— A glória é muito boa — disse Vasry —, mas neste jogo o vencedor leva tudo. Não que o capitão precise do dinheiro.

Tav lançou-lhe um olhar de advertência.

— Uma quantia tão grande — disse Olo, acenando — até mesmo o próprio rei está sofrendo por se separar dela.

Lila passou o dedo pela sidra que começava a derreter na mesa, apenas entreouvindo a tripulação enquanto conversavam. Magia, máscaras, dinheiro... O *Essen Tasch* estava se tornando cada vez mais interessante.

— Qualquer um pode competir? — perguntou ela, distraída.

— Sim, certamente — respondeu Tav —, se for bom o suficiente para conseguir um lugar.

Lila parou de passar o dedo pela sidra, e ninguém notou que o líquido derramado continuou se movendo, traçando padrões na madeira.

Alguém colocou uma nova bebida na frente dela.

Alucard estava querendo chamar atenção.

— Para Londres — disse ele, levantando o copo.

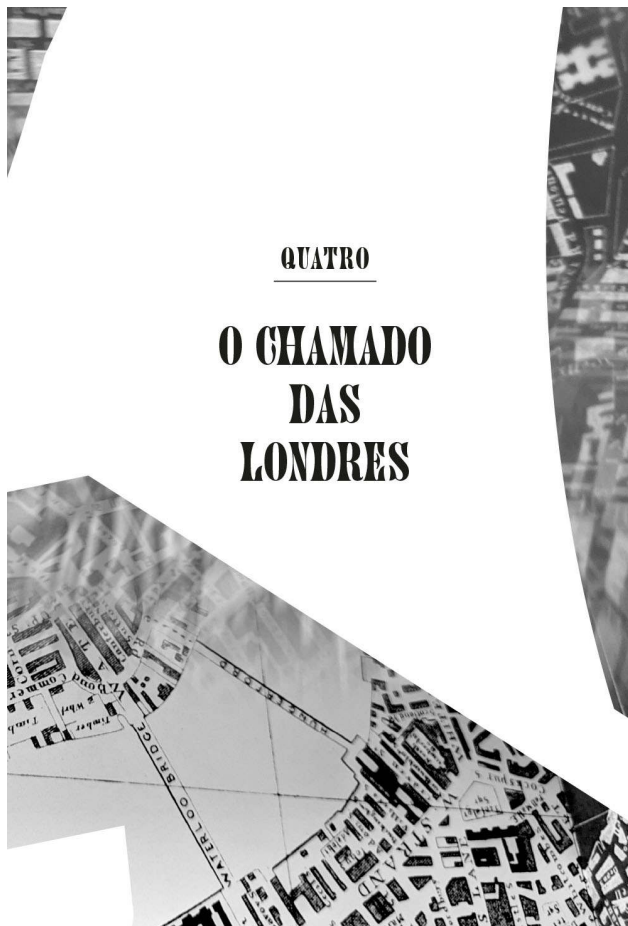
Lila levantou o seu.

— Para Londres — disse ela, abrindo um sorriso afiado como uma faca.



QUATRO

O CHAMADO DAS LONDRES



Londres Vermelha

A cidade estava sitiada.

Rhy estava na varanda mais alta do palácio e observava as forças se reunirem. O ar frio lhe mordida as bochechas e açoitava sua meia capa, erguendo-a como uma bandeira dourada atrás dele.

Lá embaixo, estruturas colidiam e paredes eram erguidas. Os sons de fogueiras sendo atizadas e martelos batendo em aço ecoavam como armas sendo empilhadas em uma barragem de madeira, metal e vidro.

Seria surpreendente para a maioria das pessoas saber que, quando Rhy pensava em si mesmo como rei, via-se assim: não em um trono nem brindando com amigos em jantares luxuosos, mas supervisionando exércitos. E, mesmo que ele nunca tivesse visto um campo de batalha *real* — a última guerra de verdade tinha ocorrido mais de sessenta anos antes, e as forças de seu pai sempre sufocaram as labaredas das fronteiras e as escaramuças civis antes que pudessem tomar vulto —, Rhy fora abençoado com imaginação suficiente para compensar esse fato. À primeira vista, Londres *parecia* estar sob ataque, embora as forças fossem todas arnesianas.

Para onde quer que Rhy olhasse, a cidade estava sendo tomada, não por soldados inimigos, mas por pedreiros e magos, por construções frenéticas de plataformas e palcos, das arenas flutuantes e das tendas que iriam abrigar o *Essen Tasch* e seus competidores.

— A vista daqui de cima... — falou um homem atrás dele — é... magnífica. — As palavras foram proferidas em ilustre real, suas bordas suavizadas pelo sotaque arnesiano do membro da *ostra*.

— É verdade, mestre Parlo — disse Rhy, virando-se para o homem.

Ele teve que morder o lábio para conter um sorriso. Parlo estava visivelmente infeliz, um tanto congelado e obviamente desconfortável com a distância entre a varanda e o rio vermelho lá embaixo, apertando os pergaminhos contra o padrão florido de seu colete como se fossem cordas de segurança. Quase tão tenso quanto Vis: o guarda estava de pé com sua armadura pressionada na parede, pálido.

Rhy sentiu-se tentado a se inclinar na grade, apenas para deixar o membro da *ostra* e o guarda nervosos. Era algo que Kell faria. Em vez disso, afastou-se da beirada, e Parlo repetiu a ação, agradecido, recuando um passo na direção da porta.

— O que o traz ao telhado? — perguntou Rhy.

Parlo pegou um rolo de pergaminho que estava sob seu braço.

— Os preparativos para as cerimônias de abertura, Alteza.

— É claro. — Ele pegou o pergaminho com os planos, mas não os desenrolou. Parlo ainda estava lá, parado, como se estivesse esperando alguma coisa... Uma dica? Uma recompensa? Rhy finalmente disse: — Você pode ir agora.

O *ostra* pareceu ofendido, então Rhy convocou seu sorriso mais principesco.

— Ora, mestre Parlo, você foi dispensado, não banido. A vista aqui pode ser magnífica, mas o clima não é, e você parece estar precisando de chá e de uma lareira. Encontrará ambos na galeria lá embaixo.

— Isso realmente parece agradável... Mas os planos...

— Espero não precisar de ajuda para decifrar um planejamento que eu mesmo fiz. Se eu precisar, sei onde encontrá-lo.

Um instante depois, Parlo finalmente acenou com a cabeça e se retirou. Rhy suspirou e pôs os planos em uma pequena mesa de vidro perto da porta. Ele desenrolou o pergaminho, estremecendo conforme a luz do sol lançava na página um brilho branco, a cabeça ainda latejando muito por causa da noite anterior. As noites vinham se tornando mais difíceis para Rhy. Ele nunca tivera medo do escuro, nem mesmo depois que os Sombras vieram e tentaram matá-lo no meio da noite, mas isso era porque a escuridão costumava estar vazia. Agora não mais. Podia senti-la, onde quer que estivesse, pairando no ar ao seu redor, esperando o sol se pôr e o mundo ficar em silêncio. Silencioso o suficiente para permitir *pensar*.

Pensamentos, era isso o que espreitava, e, uma vez que começavam, nada parecia conseguir silenciá-los.

Santos, e como ele tentava.

Rhy serviu-se de um copo de chá e forçou sua atenção de volta para os planejamentos, pondo pesos nos cantos para protegê-los da ação do vento. E lá estava, exposto diante dele, aquilo em que se concentrava, em uma tentativa desesperada de manter os pensamentos longe.

Is Essen Tasch.

Os Jogos Elementais.

Um torneio internacional entre os três impérios: Vesk, Faro e, é claro, Arnes. Não era um empreendimento modesto. O *Essen Tasch* era composto por 36 magos, mil espectadores ricos dispostos a fazer a viagem para assistir-lhe, e, obviamente, os convidados reais. O príncipe e a princesa de Vesk. O irmão do rei de Faro. Por tradição, o torneio era hospedado pela capital de onde viera o vencedor do anterior. E graças à façanha de Kisimyr Vasin e à visão de Rhy, Londres seria o deslumbrante ornamento central dos jogos daquele ano.

E, no centro disso tudo, o ápice das conquistas de Rhy: as primeiras arenas flutuantes.

Tendas e estádios floresciam por toda a cidade, porém os maiores orgulhos de Rhy eram aqueles três estádios erguidos não nas margens, mas sobre o próprio rio. Eles eram temporários, sim, e seriam derrubados quando o torneio terminasse, mas também eram *gloriosos*, obras de arte, estátuas em escala de estádios. Rhy havia contratado os melhores artesãos de metal e de terra do reino para construir suas arenas magníficas. Pontes e passagens estavam sendo erguidas em torno do palácio, e lá de cima pareciam ondulações douradas através da água vermelha do Atol. Cada estádio era um octógono, as lonas esticadas como velas sobre um esqueleto de pedra. Por cima deste corpo, as arenas foram recobertas: a primeira com escamas esculpidas, a segunda com penas de tecido e a terceira com um casaco de peles feito de grama.

Sob as vistas de Rhy, imensos dragões esculpidos em gelo foram sendo colocados no rio para circundar a arena leste, enquanto os pássaros de lona fluuavam como pipas acima da arena central, presos em um vento perpétuo. E, a oeste, oito magníficos leões de pedra marcavam os pilares

do estádio, cada um deles congelado em uma posição diferente, um momento capturado na narrativa de predador e presa.

Ele poderia ter simplesmente numerado as plataformas, supôs, mas isso teria sido muito previsível demais. Não, o *Essen Tasch* exigia mais.

Espetáculo.

Era isso que todos esperavam. E espetáculo era certamente algo que Rhy sabia como dar. Mas isso não se tratava apenas de fazer um show. Kell podia provocar o quanto quisesse, mas Rhy realmente se importava com o futuro do seu reino. Quando seu pai o colocara no comando do torneio, ele se sentira insultado. Achava que o *Essen Tasch* era uma festa gloriosa, e, mesmo sendo tão bom em entreter, Rhy queria mais. Mais responsabilidade. Mais poder. E dissera isso ao rei.

— Reinar é algo delicado — repreendera o pai. — Cada gesto tem propósito e significado. Esse torneio não é apenas um jogo. Ajuda a manter a paz com os nossos impérios vizinhos e nos permite mostrar os nossos recursos a eles sem insinuar qualquer ameaça. — O rei havia entrelaçado seus dedos. — A política é uma dança até o momento em que se torna uma guerra. E nós controlamos a música.

E quanto mais Rhy pensava nisso, melhor ele compreendia.

A família Maresh estava no poder havia mais de cem anos. Desde antes da Guerra dos Impérios. A elite *ostra* os amava, e ninguém da *vestra* real tinha coragem suficiente para desafiar seu reinado, sólido como era. Esse era o benefício de governar por mais de um século; ninguém se lembrava de como era a vida antes de os Maresh chegarem ao poder. Era fácil acreditar que a dinastia nunca terminaria.

Mas e os outros impérios? Ninguém falava de guerra — ninguém jamais falava em guerra —, mas sussurros de descontentamento passavam como o nevoeiro através das fronteiras. Com sete filhos, os veskanos almejavam o poder, e o irmão do rei estava faminto; era apenas uma questão de tempo até que lorde Sol-in-Ar forçasse seu caminho para o trono faroense, e, mesmo que Vesk e Faro estivessem de olho um no outro, o fato era que Arnes estava localizado exatamente no meio deles.

E havia Kell.

Ainda que Rhy brincasse com o irmão sobre sua reputação, não havia brincadeira para Faro ou Vesk. Alguns estavam convencidos de que Kell

era a pedra fundamental do império arnesiano e que este desmoronaria e ruiria sem ele no centro.

Não importava se isso era verdade. Os vizinhos estavam sempre procurando por uma fraqueza, porque governar um império tinha tudo a ver com *força*. Com o que era realmente a *imagem* da força. O *Essen Tasch* era a plataforma perfeita para tal exibição.

Uma chance para Arnes brilhar.

Uma chance para *Rhy* brilhar, não apenas como uma joia, mas como uma espada. Ele sempre fora um símbolo de riqueza. Queria ser um símbolo de *poder*. A magia era poder, logicamente, mas não era o *único* tipo. Rhy disse a si mesmo que ainda podia ser forte sem ela.

Seus dedos apertaram o balaústre da varanda.

A lembrança do presente de Holland tremeluziu em sua mente. Meses antes, ele havia feito algo tolo — tão tolo que quase custara tudo a ele e à cidade — apenas para ser forte da forma como Kell era. Seu povo nunca saberia quão perto ele havia chegado de falhar com eles. E mais do que tudo, Rhy Maresh queria ser aquilo de que seu povo precisava. Por muito tempo ele pensara que precisavam do nobre alegre e dissoluto. Ele não era tão ignorante a ponto de pensar que sua cidade estava livre de sofrimento, mas costumava pensar, ou talvez apenas *quisesse* pensar, que poderia trazer um pouco de felicidade para o seu povo sendo ele mesmo feliz. Afinal, eles o amavam. Mas o que servia para um príncipe não servia para um rei.

Não seja mórbido, pensou. Ambos os pais gozavam de boa saúde. No entanto, as pessoas viviam e morriam. Essa era a natureza do mundo. Ou, pelo menos, era assim que deveria ser.

As lembranças subiram como bile em sua garganta. A dor, o sangue, o medo e, finalmente, o silêncio e o escuro. A entrega de se deixar levar e ser arrastado de volta com uma força que lembrava a de uma queda, seguida de uma dor terrível e lancinante quando ele bateu no chão. Só que ele não estava caindo. Estava subindo. Erguendo-se à superfície de si mesmo, e...

— Príncipe Rhy.

Ele piscou os olhos e viu seu guarda, Tolners, de pé na porta. Alto, rígido e cerimonioso.

Os dedos de Rhy estavam doendo quando ele os tirou do balaústre gelado. Ele abriu a boca para falar e sentiu gosto de sangue. Provavelmente mordera a língua. *Desculpe, Kell*, pensou. Era uma coisa tão peculiar, saber que sua dor estava amarrada a alguém, que toda vez que você se machucava, ele sentia, e que quando ele se machucava era por sua causa. Atualmente Rhy parecia ser sempre a fonte do sofrimento de Kell, enquanto o próprio Kell andava como se o mundo de repente fosse feito de vidro, tudo por causa de Rhy. No final, não havia igualdade, nem equilíbrio nem justiça. Rhy tinha a *dor* de Kell em suas mãos, enquanto Kell tinha a *vida* de Rhy nas dele.

— O senhor está bem? — pressionou o guarda. — Está pálido.

Rhy pegou o copo de chá, agora frio, e enxaguou o sabor metálico de sua boca, colocando o cálice de lado com dedos trêmulos.

— Diga-me, Tolners — disse ele, fingindo indiferença. — Estou correndo tanto perigo que não preciso de um, mas de *dois* homens protegendo a minha vida? — Rhy apontou para o primeiro guarda, que ainda estava de pé, encostado na parede exterior de pedra fria. — Ou você veio para render o pobre Vis antes que ele desmaie sobre nós?

Tolners olhou para Vis e acenou com a cabeça. O outro guarda, grato, recuou pelas portas do pátio e entrou na segurança do quarto. Tolners não assumiu o posto encostado na parede; ficou diante de Rhy, atento. Estava vestido, como sempre, com a armadura completa: a capa vermelha ondulando atrás dele no vento frio e o capacete dourado enfiado debaixo do braço. Parecia mais uma estátua do que um homem, e naquele instante — como em muitos outros — Rhy sentiu falta de seus velhos guardas, Gen e Parrish. Sentiu falta de seu senso de humor, de suas brincadeiras casuais e da forma como ele conseguia fazê-los esquecer de que era um príncipe. E, às vezes, da maneira como eles conseguiam fazer com que *ele* também esquecesse.

Não seja contraditório, pensou Rhy. *Você não pode ser o símbolo do poder e um homem comum ao mesmo tempo. Você tem que escolher. Escolha direito.*

A varanda de repente parecia lotada. Rhy pegou os planos na mesa e se retirou para o calor de seus aposentos. Ele jogou os papéis em um sofá e estava cruzando o cômodo até o aparador para pegar uma bebida mais forte quando percebeu a carta sobre a mesa. Estava lá havia quanto tempo?

O olhar de Rhy correu para seus guardas. Vis estava de pé junto às portas de madeira escura, ocupando-se com um fio solto em sua capa. Tolners ainda estava na varanda, olhando para as construções do torneio lá embaixo com um leve vinco entre as sobrancelhas.

Rhy pegou o papel e o desdobrou. A mensagem rabiscada em preto com uma caligrafia pequena não estava em inglês ou arnesiano, mas em *kas-avnes*, um raro dialeto de fronteira que Rhy tinha aprendido vários anos antes.

Ele sempre tivera aptidão para idiomas, desde que pertencessem aos homens e não à magia.

Rhy sorriu ao ver o dialeto. Tão inteligente quanto usar um código e muito menos perceptível.

O bilhete dizia:

Príncipe Rhy,

Eu desaprovo completamente e mantenho a esperança, por menor que seja, de que ambos recuperem o juízo. No caso de não o fazerem, providencie os arranjos necessários; espero que eles não venham me assombrar. Vamos discutir o custo de seus esforços esta tarde. Talvez os vapores clareiem suas ideias. Independentemente da sua decisão, espero que uma doação substancial seja feita ao Santuário de Londres quando isso acabar.

*Seu servo, ancião e Aven Essen,
Tieren Serense*

Rhy sorriu e deixou o bilhete de lado enquanto os sinos soavam pela cidade, dobrando no próprio santuário do outro lado do rio.

Talvez os vapores clareiem suas ideias.

Rhy bateu palmas, surpreendendo os guardas.

— Cavalheiros — disse ele, pegando um roupão. — Acho que estou com vontade de tomar um banho.

II

O mundo embaixo d'água era morno e calmo.

Rhy permaneceu sob a água o máximo que pôde, até que sua cabeça se moveu involuntariamente, seu pulso acelerou e seu peito começou a doer. Então, e só então, ele emergiu, enchendo os pulmões com ar.

Ele amava os banhos reais: passara muitas tardes lânguidas — noites e manhãs também — neles, mas raramente sozinho. Estava acostumado com a risada de presenças barulhentas ecoando nas pedras, o abraço lúdico de uma companhia e beijos estalando na pele, mas hoje os banhos estavam em silêncio, exceto pelo suave gotejar da água. Seus guardas se postavam um de cada lado da porta, e um par de assistentes estava empoleirado, aguardando com jarras de sabão e óleo, escovas, roupões e toalhas enquanto Rhy atravessava a piscina com água pela cintura.

Uma piscina profunda feita de rochas pretas polidas ocupava metade do salão, suas bordas adornadas com vidro e ouro. A luz dançava pelos tetos arqueados, e a parede externa era interrompida apenas por janelas altas e finas preenchidas com vidro colorido.

A água ao redor ainda estava agitada com a sua saída, e ele esticou os dedos pela superfície, esperando que as ondulações se acalmassem novamente.

Era um jogo que costumava jogar quando era jovem, tentando ver se conseguia acalmar a superfície da água. Não com magia, apenas com paciência. Quando jovem, havia sido ainda pior em esperar do que em convocar elementos, mas ultimamente estava melhorando. Ficou no centro da banheira e diminuiu a respiração, observando a água ficar imóvel e lisa como vidro. Logo seu reflexo apareceu na superfície, nítido como um espelho, e Rhy analisou os cabelos pretos e olhos cor de âmbar antes que

seu olhar invariavelmente vagasse por seus ombros negros até a marca em seu peito.

Os círculos se enroscavam e se uniam de uma maneira intuitiva e estranha. Um símbolo de morte e de vida. Ele se concentrou e tomou consciência da pulsação em seus ouvidos, do eco do pulso de Kell, ambos os batimentos cada vez mais altos, até Rhy achar que o som arruinaria a quietude vítrea da água.

Uma sutil aura de paz quebrou o som dos pulsos sobrepostos.

— Alteza — falou Vis de seu lugar à porta. — Você tem uma...

— Deixe-o passar — ordenou o príncipe, de costas para o guarda. Ele fechou os olhos e ouviu o som abafado dos passos de pés descalços, o sussurro das vestes roçando as pedras: suave e ainda assim alto o bastante para abafar o som do coração de seu irmão.

— Boa tarde, príncipe Rhy. — A voz do *Aven Essen* era um tamborilar suave, mais suave que a do rei, porém tão forte quanto. Sonora.

Rhy girou lentamente para encarar o sacerdote, com um sorriso acendendo seu rosto.

— Tieren. Que surpresa agradável.

O sumo sacerdote do Santuário de Londres não era um homem grande, mas suas vestes brancas dificilmente o engoliam. Ao contrário, ele as preenchia, o tecido balançava ligeiramente em torno dele, mesmo quando estava parado. O ar da sala mudara com a sua presença, uma calma se assentando sobre tudo da mesma forma que a neve o fazia. O que era bom, porque neutralizava o desconforto visível que a maioria parecia sentir perto do homem, afastando-se como se Tieren pudesse ver através deles, passando por pele e ossos até chegar aos pensamentos, às vontades e à alma. Provavelmente por isso Vis estava analisando as próprias botas.

O *Aven Essen* era uma figura intimidante para a maioria — muito parecido com Kell, supunha Rhy — mas, para ele, o mestre Serense sempre fora *Tieren*.

— Se cheguei em uma hora ruim... — começou a falar o sacerdote, cruzando as mãos sob as mangas de suas vestes.

— De forma alguma — disse Rhy, subindo as escadas de vidro alinhadas em todos os lados da piscina.

Ele podia sentir os olhos no ambiente se moverem para o seu peito: não apenas para o símbolo gravado em sua pele cor de bronze, mas

também para a cicatriz entre as costelas, onde sua faca — a faca de Astrid — havia penetrado. Antes, contudo, que o ar frio pudesse incomodá-lo ou que os olhos se demorassem, um atendente chegou e o enrolou em um luxuoso manto vermelho.

— Por favor, deixem-nos a sós — ordenou ele, dirigindo-se ao restante dos que estavam no cômodo. Os assistentes imediatamente começaram a se retirar, mas o guarda permaneceu. — Você também, Vis.

— Príncipe Rhy — começou ele. — Eu não deveria...

— Está tudo bem — falou Rhy ironicamente. — Não creio que o *Aven Essen* queira me fazer mal.

As sobrancelhas prateadas de Tieren subiram um milímetro.

— Isso é o que veremos — disse o sacerdote, calmamente.

Vis tinha dado um passo para se afastar, mas parou ao ouvir essas palavras. Rhy suspirou. Desde a Noite Preta, os guardas reais haviam recebido instruções estritas com relação ao herdeiro do seu reino. E ao *Antari*. Ele não sabia as palavras exatas que seu pai havia usado, mas estava bastante certo de que incluíam *não deixá-los e fora de sua vista* e, possivelmente, *sob risco de morte*.

— Vis — disse Rhy lentamente, tentando convocar a expressão de comando firme de seu pai. — Você me insulta, e ao sumo sacerdote, com sua presença. Há apenas uma porta de entrada e saída deste cômodo. Fique do outro lado, junto com Tolners, e *guarde-a*.

A expressão deve ter sido convincente, porque Vis assentiu e se retirou, relutante.

Tieren tomou assento sobre um amplo banco de pedra grudado à parede, as vestes brancas se espalhando ao seu redor, e Rhy foi sentar-se ao lado dele, recostando-se nas pedras.

— Não há muito senso de humor nestes aqui — disse Tieren quando se viram sozinhos.

— Nenhum — reclamou Rhy, dando de ombros. — Sabe, a sinceridade é uma forma peculiar de castigo.

— Os preparativos para o torneio estão caminhando?

— Estão — respondeu Rhy. — As arenas estão quase prontas, e as tendas do império estão positivamente decadentes. Quase invejo os magos.

— Por favor, me diga que *você* não está pensando em competir também.

— Depois de tudo o que Kell fez para me manter vivo? Isso seria um agradecimento estranho.

O menor dos vincos se formou entre os olhos de Tieren. Teria sido imperceptível em qualquer outra pessoa, porém, no rosto calmo do *Aven Essen*, transparecia seu descontentamento — embora ele alegasse que Kell e Rhy eram os únicos que conseguiam provocar aquele vinco em particular na sua testa.

— Falando em Kell... — disse Rhy.

O olhar de Tieren ficou afiado.

— Você reconsiderou?

— Você realmente pensou que eu o faria?

— Um homem pode sonhar.

Rhy sacudiu a cabeça.

— Há alguma coisa com que deveríamos estar preocupados?

— Além de seus próprios planos tolos? Acredito que não.

— E o capacete?

— Estará pronto. — O *Aven Essen* fechou os olhos. — Estou ficando velho demais para subterfúgios.

— Ele precisa disso, Tieren — pressionou Rhy. E então abriu um sorriso que tentava passar recato. — Quantos anos você *tem*?

— Sou velho o suficiente — respondeu Tieren. — Por quê? — Um olho se abriu. — Já estou com cabelos brancos?

Rhy sorriu. A cabeça de Tieren fora prateada desde que conseguia se lembrar. Rhy amava o velho e suspeitava que, contra o bom senso de Tieren, ele também amava Rhy. Como o *Aven Essen*, ele era o protetor da cidade, um curandeiro talentoso e um amigo muito próximo da coroa. Ele tinha orientado Kell quando os poderes dele apareceram e cuidara da saúde de Rhy sempre que ele estivera doente ou quando havia feito algo estúpido e não queria ser pego. Ele e Kell certamente tinham mantido o velho ocupado ao longo dos anos.

— Sabe — disse Tieren lentamente —, você realmente deveria ter mais cuidado com quem vê sua cicatriz.

Rhy lançou-lhe um olhar de afronta fingida.

— Você não espera que eu fique vestido o tempo *todo*, mestre Tieren.

— Suponho que isso seria pedir muito.

Rhy inclinou a cabeça nas pedras.

— As pessoas presumem que seja apenas uma cicatriz daquela noite — afirmou ele —, o que é exatamente o que ela é. E contanto que *Kell* permaneça vestido, o que, sejamos honestos, é uma demanda *muito* mais fácil, ninguém vai perceber que é algo além.

Tieren suspirou, seu sinal universal de descontentamento. A verdade era que a marca desconcertava Rhy, mais do que ele gostaria de admitir, e escondê-la só fazia com que sentisse que era como uma maldição. E, estranhamente, era tudo o que ele tinha. Olhando para seus braços, para seu dorso, Rhy viu que, além da marca de feitiço prateada e da ferida de faca que parecia tão pequena e pálida embaixo da outra, ele tinha pouquíssimas cicatrizes. O selo não era agradável, mas era uma cicatriz que ele ganhara. E com a qual precisava viver.

— As pessoas comentam — observou Tieren.

— Se eu tentar escondê-la além do que seria normal para mim, elas apenas comentarão *mais*.

O que teria acontecido, perguntou-se Rhy, *se eu tivesse ido a Tieren com meus medos de fraqueza, em vez de aceitar o presente de Holland para ganhar força? Será que o sacerdote teria sabido o que dizer? Teria sabido como ajudar?* Rhy se confessara a Tieren nas semanas que se seguiram ao incidente. Contara sobre como aceitara o talismã — com o feitiço de possessão — esperando ser repreendido pelo ancião. Em vez disso, Tieren tinha ouvido, falando apenas quando Rhy não tinha mais palavras.

— Força e fraqueza são coisas entrelaçadas — falara o *Aven Essen*. — São muito parecidas, e muitas vezes as confundimos, da mesma forma como confundimos magia e poder.

Rhy julgara a resposta frívola, mas nos meses seguintes Tieren esteve sempre ali, ao lado de Rhy, como um lembrete e um apoio.

Ao olhar agora para Tieren, viu que o homem estava encarando a água, olhando através dela como se pudesse ver algo lá, refletido na superfície ou no vapor.

Talvez Rhy pudesse aprender a fazer isso. Vidência. Mas Tieren lhe dissera certa vez que não era tanto sobre olhar para fora quanto sobre olhar para dentro, e Rhy não tinha certeza se queria gastar ainda mais tempo do que o necessário fazendo isso. Ainda assim, não conseguia afastar a sensação — a esperança — de que todos nascem com a habilidade de fazer

alguma coisa, e de que, se ele apenas se esforçasse o bastante, encontraria. Seu dom. Seu *propósito*.

— Então — disse Rhy, quebrando o silêncio —, as águas lhe agradam?

— Por que não me deixa em paz?

— Há muito o que fazer.

Tieren suspirou.

— Como parece que você não será dissuadido... — Ele tirou um rolo de pergaminho das mangas dobradas de suas vestes. — A lista final de competidores.

Rhy se endireitou no assento e pegou o papel.

— Será publicada nos próximos dias — explicou o sacerdote —, assim que recebermos as listas de Faro e Vesk. Mas achei que gostaria de vê-la primeiro. — Havia algo no tom de voz dele, um cuidado gentil, então Rhy desamarrou a fita e desenrolou o pergaminho com dedos nervosos, sem saber o que encontraria. Como *Aven Essen* da cidade, era tarefa do mestre Tieren escolher os doze representantes de Arnes.

Rhy examinou a lista, sua atenção recaindo primeiro sobre Kameron Loste — ele sentiu empolgação ao ver o nome, uma invenção, uma ficção tornada real — antes que um nome mais abaixo capturasse seu olhar, um espinho escondido entre as rosas.

Alucard Emery.

Rhy estremeceu, recuou, mas não antes que o nome sugasse seu sangue.

— Como? — perguntou ele, sua voz baixa, quase inexpressiva.

— Aparentemente — respondeu Tieren —, você não é o único capaz de mexer alguns pauzinhos. E antes de ficar chateado, saiba que Emery quebrou *muito* menos regras do que você. Na verdade, ele tecnicamente não quebrou regra alguma. Fez um teste comigo no outono, quando o *Spire* estava atracado, e, até onde sei, ele é o mais forte dos concorrentes. Duas semanas atrás, a irmã dele veio até mim, para refrescar minha memória e pedir o lugar do irmão, embora eu ache que ela simplesmente quer que ele volte para casa. Se isso não for suficiente, há a questão da lacuna.

Rhy teve que se segurar para não amassar o pergaminho.

— Que lacuna?

— Emery foi formalmente convidado para competir há três anos, porém... — Tieren hesitou, parecendo desconfortável. — Bem, nós dois

sabemos que certas circunstâncias o impediram. Ele tem direito a um lugar.

Rhy queria voltar para a piscina e desaparecer debaixo d'água. Em vez disso, lenta e metodicamente enrolou o pergaminho e reatou a fita.

— E eu pensando que você poderia ficar contente — falou Tieren. — O mistério e a loucura da juventude estão claramente fora do meu alcance.

Rhy se inclinou para a frente, esfregando o pescoço e depois o ombro. Seus dedos encontraram a cicatriz sobre seu coração, e ele tracejou as linhas distraidamente, um hábito recente. A pele era prateada e lisa, ligeiramente mais alta do que o restante, mas ele sabia que o selo o atravessava por inteiro, carne, osso e alma.

— Deixe-me ver — disse Tieren, de pé.

Rhy ficou grato pela mudança de assunto. Ele inclinou a cabeça para trás, tirando-a do caminho, e deixou o homem examinar seu ombro, pressionando uma mão fria e seca pela frente e outra por trás. Rhy sentiu um calor estranho se espalhando por ele ao longo das linhas do feitiço.

— O vínculo enfraqueceu?

Rhy sacudiu a cabeça.

— Pelo contrário, parece estar ficando mais forte. No começo, os ecos eram abafados, mas agora... Também não é apenas dor, Tieren. Prazer, cansaço. Mas também raiva, inquietação. Como agora, se eu esvaziar minha mente, posso sentir... — Ele hesitou, procurando pelo irmão. — ... o aborrecimento dele. É exaustivo.

— Faz sentido — disse Tieren, deixando as mãos caírem. — Não é apenas um vínculo físico. Você e Kell estão compartilhando uma força vital.

— Eu estou compartilhando a *dele*, você quer dizer — corrigiu Rhy. A sua própria vida tinha sido cortada pela adaga cravada em seu peito. O que ele tinha, estava sugando de Kell. O calor do banho tinha desaparecido, e Rhy agora sentia cansaço e frio.

— A autocomiseração não lhe cai bem, Alteza — afirmou Tieren, voltando-se para a porta.

— Obrigado — gritou Rhy para ele, segurando o pergaminho. — Por isto.

Tieren nada disse, apenas franziu o cenho ligeiramente. Ali estava outra vez, aquele vinco. Então desapareceu.

Rhy afundou novamente no banco e observou a lista mais uma vez; o nome de Kamerov tão perto do de Alucard.

Uma coisa era certa.

Ia ser um torneio e tanto.

III

Os guardas estavam aguardando Kell na entrada de Naresh Kas, conforme o planejado.

Staff com seu peitoral de barril, suas costeletas e barba prateadas, e Hastra, jovem e alegre, com uma tez aquecida pelo sol e uma coroa de cachos escuros. *Pelo menos ele é bonito*, Rhy tinha dito meses antes, ao ver os novos guardas. O príncipe estivera de mau humor porque os guardas designados para ele, Tolners e Vis, não tinham beleza nem senso de humor.

— Cavalheiros — saudou Kell, enquanto acomodava o casaco sobre si no beco. Os guardas pareciam enregelados, e ele se perguntou quanto tempo estiveram esperando por ele. — Eu teria trazido uma bebida quente para vocês, mas... — Ele ergueu as mãos vazias, como se dissesse *são as regras*.

— Tá tudo bem, mestre Kell — disse Hastra por entre os dentes cerrados, não entendendo a ironia. Staff, por sua vez, nada falou.

Eles tiveram a decência de não revistá-lo ali mesmo; viraram-se e seguiram silenciosamente atrás de Kell quando ele partiu em direção ao palácio. Ele podia sentir os olhos vagando para sua pequena procissão, qualquer possibilidade de se misturar arruinada pela presença dos guardas reais que o flanqueavam, reluzentes em suas armaduras e capas vermelhas.

Kell teria preferido um subterfúgio, a suspeita de ser seguido, à realidade. Porém, endireitou os ombros, manteve a cabeça erguida e tentou lembrar-se de que parecia um membro da realeza, mesmo que se sentisse como um prisioneiro.

Ele não havia feito nada de errado, não hoje, e os santos sabiam que ele tinha tido chance. *Várias chances*.

Afinal chegaram aos degraus do palácio, até agora salpicados com flores recobertas de gelo.

— O rei? — perguntou Kell enquanto passavam pela entrada.

Staff liderou o caminho até uma câmara onde o rei Maxim estava perto de uma lareira ardente, conversando com vários membros da *ostra*. Quando viu Kell, ele os dispensou. Kell manteve a cabeça erguida, mas nenhum dos assistentes encontrou seu olhar. Quando haviam ido embora, o rei acenou com a cabeça para que ele viesse à frente.

Kell continuou no meio do cômodo antes de estender os braços para Staff e Hastra, em um gesto que era tanto um desafio quanto um convite.

— Não seja dramático — disse Maxim.

Os guardas tiveram a decência de parecer inseguros à medida que se aproximavam.

— Rhy deve estar me influenciando, Majestade — falou Kell com um ar severo enquanto Staff o ajudava a despir seu casaco, e Hastra revistou-lhe a camisa e as calças, além de passar a mão pelo contorno de suas botas.

Ele nada tinha consigo, e eles não seriam capazes de encontrar coisa nenhuma em seu casaco, não a menos que ele quisesse que fosse encontrado. Às vezes, preocupava-se que o casaco tivesse vontade própria. A única pessoa que conseguira encontrar o que queria nos bolsos fora Lila. Ele nunca descobrira como ela tinha feito aquilo. Casaco traiçoeiro.

Staff retirou a carta da Londres Cinza de um dos bolsos e entregou-a ao rei antes de devolver o casaco a Kell.

— Como estava o rei? — perguntou Maxim, pegando a carta.

— Morto — respondeu Kell.

Isso pegou o homem desprevenido. Kell contou sobre sua visita e sobre o renovado interesse do príncipe regente, agora George IV, pela magia. Até mencionou que o novo rei tinha tentado suborná-lo, tendo o cuidado de enfatizar o fato de que ele tinha *recusado* a oferta.

Maxim acariciou sua barba e pareceu preocupado, mas não disse uma palavra, apenas acenou com uma das mãos para mostrar a Kell que estava dispensado. Ele se virou, sentindo seu humor azedar, mas, quando Staff e Hastra se moveram para segui-lo, Maxim os chamou de volta.

— Deixem-no em paz — ordenou, e Kell sentiu-se grato por aquela pequena gentileza enquanto escapava para seus aposentos.

Seu alívio não durou muito. Quando chegou às portas de seu quarto, encontrou mais dois guardas em pé. Os homens de Rhy.

— *Santos*, posso jurar que vocês ficam se multiplicando — murmurou.

— Senhor? — perguntou Tolners.

— Nada — resmungou Kell, passando por eles. Havia apenas uma razão para que Tolners e Vis estivessem parados à porta de *seu* quarto.

Ele encontrou Rhy de pé no meio do aposento, de costas, enquanto se admirava em um espelho de corpo inteiro. De onde estava, Kell não podia ver o rosto do príncipe e, por um momento, uma lembrança surgiu em sua mente: de Rhy esperando que ele acordasse, só que não era Rhy, obviamente, mas Astrid usando a pele dele. Então estavam nos aposentos de Rhy, não nos seus. Mas, por um instante, os detalhes ficaram borrados, e ele se encontrou examinando Rhy e buscando quaisquer pendentes ou amuletos, procurando por sangue no chão antes que o passado desmoronasse e voltasse a ser apenas memória.

— Já era hora — exclamou Rhy, e Kell ficou secretamente aliviado quando percebeu que a voz que saiu dos lábios de Rhy era, sem dúvida, de seu irmão.

— O que o traz ao meu quarto? — perguntou Kell, o alívio transformando-se em aborrecimento.

— Aventura. Intriga. Preocupação fraternal. Ou — continuou languidamente o príncipe — talvez eu esteja apenas dando ao seu espelho algo para olhar que não seja sua constante cara amarrada.

Kell franziu o cenho, e Rhy sorriu.

— Ah, aí está! A famosa carranca.

— Eu não sou carrancudo.

Rhy lançou um olhar conspiratório para seu próprio reflexo. Kell suspirou e jogou o casaco sobre o sofá mais próximo antes de ir para a alcova ao lado de seu quarto.

— O que você está fazendo? — perguntou Rhy.

— Espere um instante — pediu Kell, fechando a porta entre eles.

Uma única vela acendeu sozinha, e, à sua luz, ele viu os símbolos desenhados na madeira. Lá, entre as outras marcas e a recém-desenhada com sangue, estava a porta de entrada para Disan. O caminho para o Castelo de Windsor. Kell estendeu a mão e esfregou a marca até que ficasse borrada, então completamente apagada.

Quando Kell voltou, Rhy estava sentado na cadeira favorita dele, que o irmão havia arrastado para que ficasse de frente para o quarto em vez de para as portas da varanda.

— O que você fez ali? — perguntou Rhy com a cabeça apoiada na mão.

— Essa é a minha cadeira — disse Kell, de pronto.

— Uma coisa velha e surrada — desdenhou Rhy, sabendo o quanto Kell gostava dela. O príncipe tinha travessura nos olhos cor de ouro pálido quando se levantou.

— Ainda estou com dor de cabeça — reclamou Kell. — Então, se você está aqui para me forçar a sair em outra excursão...

— Não é por isso que estou aqui — disse Rhy, atravessando o cômodo até o aparador.

Ele começou a servir-se de uma bebida, e Kell estava prestes a dizer algo muito desagradável quando viu que era apenas chá. Ele acenou com a cabeça para um dos sofás.

— Sente-se.

Kell teria ficado de pé apenas para provocá-lo, mas estava cansado da viagem, então se jogou no sofá mais próximo. Rhy terminou de servir-se de chá e sentou-se de frente para o irmão.

— E então? — perguntou Kell.

— Pensei que Tieren estava lhe ensinando a ser paciente — repreendeu Rhy. Ele colocou o chá sobre a mesa e pegou uma caixa de madeira embaixo dela. — Eu queria me desculpar.

— Pelo quê? — indagou Kell. — Pela mentira? Pela bebedeira? Pela luta? Pela implacável... — Mas algo na expressão de Rhy o fez parar.

O príncipe tirou os cachos pretos do rosto, e Kell percebeu que ele parecia mais velho. Não *velho*, Rhy tinha apenas 20 anos, um ano e meio mais jovem do que Kell, porém as extremidades de seu rosto estavam mais angulosas, e seus olhos brilhantes estavam menos deslumbrados, mais intensos. Ele havia crescido, e Kell não pôde deixar de se perguntar se era algo natural (a simples e inevitável progressão do tempo), ou se os últimos resquícios de sua juventude haviam sido arrancados pelo que tinha acontecido.

— Olhe — disse o príncipe —, sei que as coisas têm sido difíceis. Mais difíceis do que nunca nos últimos meses. E sei que eu só as fiz piorar.

— Rhy...

O príncipe ergueu a mão para silenciá-lo.

— Eu tenho sido difícil.

— Eu também — admitiu Kell.

— Você realmente tem sido.

Kell se pegou rindo, mas balançou a cabeça.

— Uma vida é algo difícil de manter, Rhy. Duas é...

— Acharemos o nosso compasso — insistiu o príncipe. E então deu de ombros. — Ou você vai matar a nós dois.

— Como pode dizer isso de forma tão leviana? — exclamou Kell, endireitando-se.

— Kell. — Rhy inclinou-se para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos. — Eu estava morto.

As palavras pairaram no ar entre eles.

— Eu estava *morto* — disse de novo —, e você me trouxe de volta. Você já me deu algo que eu não deveria ter. — Uma sombra passou pelo seu rosto quando ele disse isso, estava lá e de repente se fora. — Caso eu morra de novo — prosseguiu Rhy —, eu já teria vivido duas vezes. Tudo isso me foi emprestado.

— Não — disse Kell, com severidade —, foi comprado e pago.

— Por quanto tempo? — retrucou Rhy. — Você não pode mensurar o que adquiriu. Sou grato pela vida que você me comprou, embora eu odeie o custo. Mas o que você pretende fazer, Kell? Viver para sempre? Eu não quero isso.

Kell franziu o cenho.

— Você prefere morrer?

Rhy parecia cansado.

— A morte vem para todos nós, irmão. Você não pode se esconder dela para sempre. Nós *morreremos* um dia, você e eu.

— E isso não o assusta?

Rhy deu de ombros.

— Não tanto quanto a ideia de desperdiçar uma vida perfeitamente boa com medo da morte. E, pensando nisso... — Ele empurrou a caixa na direção de Kell.

— O que é isso?

— Uma oferta de paz. Um presente. Feliz aniversário.

Kell franziu o cenho.

— Meu aniversário é daqui a um mês.

Rhy pegou o chá.

— Não seja ingrato. Apenas aceite.

Kell puxou a caixa, colocou-a sobre os joelhos e levantou a tampa. Dentro dela, um rosto olhou para ele.

Era um capacete feito de uma única peça de metal que se curvava do queixo até o topo da cabeça e seguia até a base do crânio. Uma rachadura formava a boca, um arco era o nariz, e um visor com a forma da testa escondia os olhos de quem a usasse. Além desta modelagem simples, as únicas marcas da máscara eram um par de asas decorativas, uma acima de cada orelha.

— Estou indo para a guerra? — perguntou Kell, confuso.

— De certo modo — respondeu Rhy. — É a sua máscara para o torneio.

Kell quase deixou cair o capacete.

— O *Essen Tasch*? Você perdeu o juízo?

Rhy deu de ombros.

— Acho que não. Não, a não ser que tenha perdido o seu... — Ele fez uma pausa. — Você acha que funciona assim? Quero dizer, suponho que...

— Eu sou um *Antari*! — interrompeu Kell, lutando para manter sua voz baixa. — O filho adotado da coroa Maresh, o mago mais forte do império arnesiano, possivelmente do mundo...

— Cuidado com seu ego, Kell.

— ... e você quer que eu participe de um torneio interimperial.

— Obviamente, o grande e poderoso Kell não pode competir — falou Rhy. — Isso seria uma fraude no jogo. Poderia iniciar uma guerra.

— *Exatamente*.

— É por isso que você estará disfarçado.

Kell gemeu, balançando a cabeça.

— Isso é loucura, Rhy. E, mesmo que você fosse louco o suficiente para pensar que poderia funcionar, Tieren nunca permitiria isso.

— Ah, ele não permitiu. Não no primeiro momento. Ele lutou comigo com unhas e dentes. Chamou de loucura. Chamou a nós dois de tolos...

— Mas sequer foi ideia minha!

— ... mas no final ele entendeu que aprovar algo e permitir algo não são sempre a mesma coisa.

Kell estreitou os olhos.

— Por que Tieren mudaria de ideia?

Rhy engoliu em seco.

— Porque eu disse a verdade a ele.

— E qual é a verdade?

— Que você precisava disso.

— Rhy...

— Que *nós* precisávamos disso. — Ele fez uma careta quando falou.

Kell hesitou, encontrando o olhar de seu irmão.

— O que você quer dizer com isso?

Rhy levantou-se subitamente da cadeira.

— Você não é o único que quer fugir da própria pele, Kell — esbravejou, andando de um lado para o outro. — Eu vejo o modo como este confinamento está desgastando você. — Ele bateu no próprio peito. — Posso *sentir*. Você passa horas treinando no Dique sem ninguém para lutar; não ficou em paz por um único dia desde Holland, desde os Dane, desde a Noite Preta. E, se você quer a verdade nua e crua, a menos que encontre alguma válvula de escape — Rhy parou de andar —, vou acabar eu mesmo estrangulando você.

Kell estremeceu e olhou para a máscara em seu colo. Ele passou os dedos pela prata lisa. Era simples e elegante, a prata polida de tal forma que era quase um espelho. Seu reflexo olhou para ele, distorcido. Era uma loucura, e o assustava o quanto ele queria concordar com isso. Mas não podia.

Ele colocou a máscara no sofá.

— É perigoso demais.

— Não se tivermos cuidado — insistiu o irmão.

— Estamos presos um ao outro, Rhy. Minha dor será a sua dor.

— Estou bem consciente da nossa condição.

— Então você sabe que eu não posso. *Não vou*.

— Não sou apenas seu irmão — afirmou Rhy. — Eu sou seu príncipe. E eu ordeno que o faça. Você vai competir no *Essen Tasch*. Vai queimar um pouco deste fogo antes que ele se espalhe.

— E o nosso vínculo? Se eu me machucar...

— Então irei compartilhar sua dor — disse Rhy, despreocupadamente.

— Você diz isso agora, mas...

— Kell. O maior medo que tenho na vida não é morrer. É ser a fonte do sofrimento de alguém. Eu sei que você se sente preso. Sei que sou sua gaiola. E não posso... — A voz dele falhou, e Kell pôde sentir a dor de seu irmão, tudo o que ele tentara sufocar até o escurecer e abafar até o amanhecer. — Você *fará* isso — disse Rhy. — Por mim. Por nós dois.

Kell sustentou o olhar do irmão.

— Está bem — disse ele.

As feições de Rhy ficaram confusas, e então ele abriu um sorriso. Ao contrário do resto de seu rosto, seu sorriso era tão infantil quanto antes.

— Vai mesmo?

Kell sentiu uma emoção perpassando seu corpo enquanto pegava a máscara de novo.

— Vou. Mas, se não estou competindo como eu mesmo — indagou ele —, então quem serei?

Rhy colocou a mão dentro da caixa e retirou dos embrulhos um rolo de papel que Kell não notara. Ele o estendeu para Kell, e, quando este o desenrolou, viu a lista de competidores arnesianos. Doze nomes. Os homens e as mulheres que representariam seu império.

Ali estava Kisimyr, é claro, assim como Alucard — uma empolgação percorreu Kell ao pensar em ter uma desculpa para lutar com ele. Olhou todos, procurando.

— Eu mesmo escolhi o seu nome — explicou Rhy. — Você vai competir como...

— Kamerov Loste — respondeu Kell, lendo o sétimo nome em voz alta.

Era evidente.

K. L.

As letras gravadas na faca que ele carregava em seu antebraço. As únicas coisas que tinham vindo com ele de sua vida anterior, fosse qual fosse. Essas letras haviam se tornado seu nome — *KL, Ka-El, Kell* —, mas quantas noites ele passara perguntando a si mesmo o que queriam dizer? Quantas noites ele tinha sonhado com nomes para si mesmo?

— Ah, vamos lá — repreendeu Rhy, interpretando mal a tensão de Kell como aborrecimento. — É um bom nome! Um tanto principesco, se quer saber.

— Vai servir — afirmou Kell, lutando para conter um sorriso enquanto colocava o pergaminho de lado.

— Bem — disse Rhy, pegando o capacete e estendendo-o para Kell. — Experimente.

Kell hesitou. A voz do príncipe era leve, e o convite era casual, mas havia mais no gesto, e ambos sabiam disso. Se Kell colocasse a máscara, tudo deixaria de ser uma ideia estúpida e inofensiva e se tornaria algo mais. Algo real. Ele estendeu a mão e pegou o capacete.

— Espero que sirva — brincou Rhy. — Você sempre teve uma cabeça grande.

Kell colocou o capacete, ficando de pé conforme o fazia. O interior era macio, o caimento era confortável por causa do estofamento. O visor cortava o capacete de orelha a orelha, de modo que sua visão e audição eram claras.

— Como estou? — perguntou Kell, sua voz ligeiramente abafada pelo metal.

— Veja você mesmo — falou Rhy, indicando o espelho. Kell virou-se. Era assustador: o metal polido criava um reflexo replicado, e o recorte do visor escondia seu olhar de modo que, mesmo ele enxergando bem, ninguém conseguiria ver que um de seus olhos era azul e o outro era preto.

— Eu vou me destacar — disse Kell.

— É o *Essen Tasch* — falou Rhy. — Todo mundo se destaca.

E embora fosse verdade que todos usavam *máscaras* e que isso fazia parte do drama, da tradição, essa não era apenas uma máscara.

— A maioria dos competidores não se veste como se estivesse indo para a guerra.

Rhy cruzou os braços e lançou-lhe um olhar de avaliação.

— Bem, a maioria dos competidores não *precisa* realmente manter seu anonimato, mas suas características são... únicas.

— Está dizendo que sou feio?

Rhy bufou.

— Nós dois sabemos que você é o rapaz mais bonito do baile.

Kell não conseguia parar de lançar olhares furtivos para o espelho. O capacete de prata pairava sobre sua roupa preta simples, mas algo estava faltando...

Seu casaco ainda estava jogado na parte de trás do sofá. Ele o pegou e o sacudiu ligeiramente enquanto o revirava de dentro para fora. E, conforme fez isso, sua jaqueta preta usual com botões de prata tornou-se outra coisa. Algo novo.

— Nunca vi esse antes — exclamou Rhy.

Nem Kell, até alguns dias antes, quando ficara entediado e decidira ver que outros lados o casaco tinha escondido; de vez em quando, os não utilizados pareciam desaparecer e outros novos apareciam no lugar.

Kell havia se perguntado sobre a aparição repentina daquele traje, tão diferente dos outros. Mas agora, enquanto se enfiava nele, percebeu que era porque este casaco não lhe pertencia.

Pertencia a *Kamerov*.

O casaco ia até o joelho e era prateado, enfeitado com uma barra preta bordada e forrado em seda cor de sangue. As mangas eram estreitas, e a parte de baixo se abria em evasê, a gola suficientemente alta para alcançar a base do crânio.

Kell terminou de vestir o casaco, abotoando os fechos que delimitavam uma linha assimétrica do ombro ao quadril. Rhy tinha ido bisbilhotar no armário de Kell e agora voltava trazendo uma bengala prateada. Atirou-a, e Kell a pegou no ar, seus dedos fechados em torno da cabeça de leão preta que era o seu cabo.

E então se virou novamente para o próprio reflexo.

— Bem, mestre Loste — disse Rhy, recuando —, você está mesmo esplêndido.

Kell não reconheceu o homem no espelho, e não apenas porque a máscara escondia seu rosto. Não, era também a sua postura, os ombros retos e a cabeça erguida, seu olhar firme por trás do visor.

Kamerov Loste era uma figura impressionante.

Uma brisa soprou suavemente ao redor dele, agitando seu casaco. Kell sorriu.

— Sobre isso — disse Rhy, referindo-se ao redemoinho de ar. — Por razões óbvias, Kamerov não pode ser um *Antari*. Sugiro que você escolha um elemento e se atenha a ele. Dois, se fizer questão... Ouvi dizer que há muitos duplos este ano, e os tríades são raros o suficiente para chamar atenção...

— Hum — murmurou Kell, ajustando sua postura.

— Embora seja solidário ao seu súbito ataque de narcisismo — falou Rhy —, isso é importante, Kell. Quando você estiver usando essa máscara, não pode ser o mago mais poderoso de Arnes.

— Eu entendo. — Kell tirou o capacete e lutou para ajeitar seu cabelo. — Rhy — começou Kell —, você tem certeza...? — O coração dele estava disparado. Ele queria aquilo. Não deveria querer. Era uma ideia horrível. Mas ele queria do mesmo jeito. O sangue de Kell cantou com a ideia de uma luta. De uma boa luta.

Rhy assentiu.

— Tudo bem, então.

— Caiu em si?

Kell balançou a cabeça, aturdido.

— Ou perdi a cabeça. — Mas ele agora estava sorrindo com tanta vontade que sentiu que seu rosto poderia se quebrar.

Ele virou e revirou o capacete em suas mãos.

E então, tão subitamente quanto seu espírito se elevou, ele afundou.

— *Santo* — praguejou, jogando-se de volta no sofá. — E os meus guardas?

— Prata e Ouro? — perguntou Rhy, usando seus apelidos favoritos para os homens. — O que tem eles?

— Não posso exatamente me livrar de Staff e Hastra durante todo o torneio. Tampouco posso “me perder” deles em cada luta.

— Desculpe, eu pensei que você fosse um grande mago.

Kell ergueu as mãos, defendendo-se.

— Não tem nada a ver com minhas habilidades, Rhy. Existem suspeitas, e existe o óbvio.

— Bem, então — falou o príncipe —, nós teremos que contar a eles.

— E eles vão contar ao rei. E você quer adivinhar o que o rei fará? Porque eu estou disposto a apostar que ele não vai arriscar a estabilidade do reino para que eu possa aliviar um pouco a minha tensão.

Rhy beliscou a ponte do nariz. Kell franziu o cenho. Aquele gesto não combinava com o príncipe; era algo que *ele* faria, que havia feito centenas de vezes.

— Deixe comigo — disse Rhy.

Ele dirigiu-se às portas do quarto de Kell e as abriu, encostando-se na soleira. Kell esperava que os guardas tivessem realmente ficado para trás

quando deixara o rei Maxim, mas eles deviam apenas ter lhe concedido uma vantagem, porque Rhy os chamou, fechando a porta antes que seus próprios guardas pudessem segui-los.

Kell se levantou sem saber o que seu irmão pretendia fazer.

— Staff — começou Rhy, dirigindo-se ao homem com costeletas prateadas. — Quando meu pai o designou para ser a sombra Kell, o que ele disse?

Staff olhou de Kell para Rhy, como se fosse uma armadilha, uma pergunta capciosa.

— Bem... Ele disse que deveríamos vigiá-lo e protegê-lo e relatar à Sua Majestade se víssemos o mestre Kell fazendo alguma coisa. . . suspeita.

Kell franziu o cenho, mas Rhy lançou um sorriso encorajador.

— Foi isso mesmo, Hastra?

O guarda com cabelo dourado escuro meneou a cabeça.

— Foi, sim, Alteza.

— Mas se você fosse informado sobre algo com antecedência, então não seria suspeito, seria?

Hastra olhou para cima.

— Hum... não, Alteza?

— Rhy — protestou Kell, mas o príncipe ergueu a mão, pedindo que o deixasse continuar.

— Vocês dois juraram suas vidas a esta família, a esta coroa e a este império. Seus juramentos são válidos?

Ambos fizeram medidas com a cabeça e levaram as mãos ao peito.

— É claro, Alteza — disseram, quase em uníssono.

Onde diabos Rhy está querendo chegar?, perguntou-se Kell.

E, então, o semblante do príncipe mudou. A leveza se foi, assim como seu sorriso alegre. Sua postura se endireitou e sua mandíbula se apertou, e naquele momento parecia menos um príncipe do que um futuro rei. Ele parecia *Maxim*.

— Então compreendam uma coisa — declarou, sua voz agora baixa e severa. — O que estou prestes a dizer a vocês diz respeito não apenas à segurança da nossa família, mas também do império arnesiano.

Os olhos dos homens se arregalaram de preocupação. Os de Kell estreitaram-se.

— Acreditamos que há uma ameaça no torneio. — Rhy lançou um olhar conspiratório para Kell, embora ele honestamente não tivesse ideia de aonde o irmão estava querendo chegar. — Para descobrir a natureza dessa ameaça, Kell vai competir no *Essen Tasch* disfarçado como um concorrente comum, Kamerov Loste.

Os guardas franziram as sobrancelhas, lançando olhares para Kell, que conseguiu produzir um rígido gesto de concordância.

— O segredo da minha identidade — interrompeu — é primordial. Se Faro ou Vesk descobrirem meu envolvimento, presumirão que trapaceamos no jogo.

— Meu pai já sabe do envolvimento de Kell — acrescentou Rhy. — Ele tem os próprios assuntos para resolver. Se virem alguma coisa durante o torneio, irão contar para Kell ou para mim.

— Mas como vamos protegê-lo — perguntou Staff —, se ele estiver fingindo ser outra pessoa?

Rhy não vacilou nem por um segundo.

— Um de vocês se colocará como seu segundo. Cada competidor precisa de um assistente. E o outro continuará a protegê-lo de uma distância segura.

— Eu sempre quis fazer parte de uma conspiração — sussurrou Hastra. E então, erguendo a voz: — Alteza, eu poderia ser aquele que vai estar disfarçado? — Sua ânsia era algo muito mal contido.

Rhy olhou para Kell, que assentiu. Hastra sorriu, e Rhy juntou as mãos em um aplauso suave e decisivo.

— Então está resolvido. Quando Kell for Kell, vocês o guardarão com sua atenção usual. Mas quando lidarem com Kamerov, a ilusão deve ser impecável, e o segredo, bem guardado.

Os dois guardas concordaram com um gesto solene e foram dispensados. *Santos*, pensou Kell, enquanto as portas se fechavam. *Ele realmente conseguiu.*

— Pronto — disse Rhy, recostando-se no sofá. — Isso não foi tão difícil.

Kell olhou para o irmão com uma mistura de surpresa e admiração.

— Sabe — falou, pegando a máscara —, se sua capacidade para governar for metade de sua capacidade para mentir, você será um rei incrível.

Rhy abriu um sorriso deslumbrante.
— Obrigado.

IV

Sasenroche

Já era tarde quando Lila voltou para o *Night Spire*. Sasenroche tinha se acalmado e começara a chover granizo, uma mistura gelada que se transformou em lama no convés e teve que ser varrida antes que congelasse.

Na Londres dela, a *antiga* Londres, Lila sempre odiara o inverno.

Noites mais longas significavam mais horas para roubar, mas as pessoas que se aventuravam nas ruas geralmente o faziam porque não tinham escolha, o que as tornava alvos ruins. Pior do que isso, no inverno tudo era úmido, cinzento e de um frio cortante.

Em muitas noites na sua vida passada ela fora para a cama tremendo. Noites em que ela não podia comprar lenha ou carvão, então vestira cada peça de roupa que possuía, encolhera-se e congelara. O calor custava dinheiro, mas alimentos e abrigo também custavam, assim como todas as outras coisas de que alguém precisava para sobreviver, e às vezes era preciso escolher.

Mas aqui, se Lila praticasse, podia invocar fogo com as pontas dos dedos, podia mantê-lo ardendo em nada além de magia e perseverança. Ela estava determinada a dominá-lo, não apenas porque o fogo era útil ou perigoso, mas porque era *quente*, e, não importava o que acontecesse, Lila Bard nunca mais queria voltar a sentir frio.

Foi por isso que Lila preferira o fogo.

Ela soltou um sopro de ar. A maioria dos homens ficou para trás para desfrutar a noite em terra, mas Lila preferiu seu quarto no navio, e ela queria ficar sozinha para conseguir pensar.

Londres. Sua pulsação se agitou com o pensamento. Fazia quatro meses que ela embarcara no *Night Spire*. Quatro meses desde que dissera adeus a uma cidade que sequer conhecia, cujo nome era a única amarra à sua antiga vida. Ela planejava voltar, é lógico. Eventualmente. O que Kell diria quando a visse? Não que *esse* fosse seu primeiro pensamento. Não era. Era o sexto, ou talvez o sétimo, em algum lugar abaixo de todos aqueles sobre Alucard e o *Essen Tasch*. Mas ainda estava *lá*, nadando em sua cabeça.

Lila suspirou, sua respiração formando fumaça enquanto ela apoiava os cotovelos no parapeito coberto de neve parcialmente derretida e olhava para a maré enquanto esta batia e espumava contra o casco. Lila preferia o fogo, mas não era seu único truque.

Ela direcionou seu foco para a água lá embaixo e, enquanto fazia isso, tentava empurrar a corrente para trás, para longe. A onda mais próxima titubeou, mas o restante continuou vindo. A cabeça de Lila começou a doer, latejando no compasso das ondas, mas ela agarrou o parapeito lascado, determinada. Imaginou que podia *sentir* a água — não apenas o tremor que subia pelo barco, mas a energia que a percorria. A magia não deveria ser aquilo que formava todas as coisas? Se aquilo era verdade, então não se tratava de mover a água, e sim de mover a *magia*.

Ela pensou em “O Tigre”, o poema que ela usava para se concentrar, com seu ritmo forte e constante... mas aquela era uma canção para o fogo. Não, ela queria algo diferente. Algo que fluísse.

— *Doces sonhos...* — murmurou, convocando um verso de outro poema de Blake, tentando se concentrar na sensação certa. — ... *de riachos aprazíveis...* — Ela recitou outro verso de novo e de novo até a água encher sua visão, até que o som das ondas quebrando era tudo o que conseguia ouvir, e a batida delas coincidia com a batida de seu coração. Ela podia sentir a corrente em suas veias, e a água para cima e para baixo no cais começou a se acalmar, e...

Uma gota escura atingiu o parapeito, no espaço entre suas mãos.

Lila levou os dedos ao nariz; eles voltaram sujos de sangue.

Alguém estalou a língua, produzindo um som de desaprovação, e Lila levantou rapidamente a cabeça. Há quanto tempo Alucard estava ali de pé, às suas costas?

— Por favor, não me diga que você acabou de tentar exercer a sua vontade no *oceano* — disse ele, oferecendo-lhe um lenço.

— Eu quase consegui — insistiu ela, segurando o tecido contra o rosto. Cheirava como ele. Como sua magia, uma mistura estranha de ar marinho, mel, prata e especiarias.

— Não que eu duvide do seu potencial, Bard, mas isso não é possível.

— Talvez não para *você* — retrucou ela, embora, na verdade, ainda estivesse intimidada pelo que tinha visto Alucard fazer na taverna.

— Não é possível para *ninguém* — disse Alucard em tom professoral. — Eu lhe disse: quando você controla um elemento, sua vontade tem que ser capaz de englobá-lo. Tem que ser capaz de alcançá-lo, de cercá-lo. É assim que se dá forma a um elemento, e é assim que você o comanda. Ninguém pode esticar a mente em torno de um oceano. Não sem se romper. Da próxima vez, mire em algo men...

Ele se interrompeu quando um torrão de lama gelada bateu no ombro de seu casaco.

— Argh! — exclamou, enquanto pedaços escorriam pelo colarinho. — Eu sei onde você dorme, Bard.

Ela sorriu maliciosamente.

— Então sabe que eu durmo com facas.

Seu sorriso vacilou.

— Ainda?

Ela deu de ombros e virou-se para a água.

— O jeito que eles me tratam...

— Minhas ordens foram muito claras — falou ele, obviamente presumindo que algo de errado havia acontecido. Mas não era isso.

— ... como se eu fosse um deles — ela terminou de falar.

Alucard piscou, confuso.

— Por que não deveriam? Você faz parte da tripulação.

Lila se encolheu. *Tripulação*. A própria palavra referia-se a mais de uma pessoa. Mas pertencer significava se importar, e se importar era algo perigoso. Na melhor das hipóteses, complicava tudo. Na pior das hipóteses, as pessoas morriam. Pessoas como Barron.

— Você preferiria que eles tentassem esfaqueá-la no escuro? — perguntou o capitão. — Jogá-la ao mar e fingir que foi um acidente?

— Óbvio que não — respondeu Lila. Mas pelo menos ela saberia como reagir àquilo. Lutar era algo que ela conhecia. Amizade? Ela não sabia o que fazer com aquilo. — Eles provavelmente estão muito assustados para tentar.

— Alguns deles podem ter medo de você, mas todos a respeitam. E não se deixe levar — acrescentou ele, cutucando o ombro dela com o seu —, mas alguns parecem até *gostar* de você.

Lila grunhiu, e Alucard riu.

— Quem é você? — perguntou ele.

— Eu sou Delilah Bard — disse ela calmamente. — A melhor ladra a bordo do *Night Spire*.

Normalmente, Alucard deixaria por isso mesmo, mas não naquela noite.

— Mas quem *era* Delilah Bard antes de embarcar no meu navio?

Lila manteve os olhos na água.

— Outra pessoa — respondeu ela. — E ela será ainda outra pessoa quando partir.

Alucard soltou uma baforada de ar, e os dois ficaram ali, lado a lado no convés, olhando para a névoa. Ela pairava acima da água, embaçando a linha entre céu e mar, porém sem estar inteiramente imóvel. Mudava, contorcia-se e espiralava, os movimentos sutis e fluidos como o balanço da água.

Os marinheiros a chamavam de névoa de divinação — supostamente, se você olhasse para ela por tempo suficiente, começaria a ver coisas. Se eram mesmo visões ou apenas uma ilusão de ótica, dependia de para quem você perguntava.

Lila olhou para a névoa espiralada com os olhos semicerrados, esperando nada enxergar — ela nunca tivera uma imaginação particularmente fértil — porém, depois de um instante, ela pensou ter visto a neblina começar a se alterar, começar a *mudar*. O efeito era estranhamente fascinante, e Lila descobriu que não conseguia desviar o olhar enquanto os fios de névoa fantasmagórica se tornavam dedos, e depois uma mão tentando alcançá-la através da escuridão.

— Então. — A voz de Alucard era como uma pedra estilhaçando a visão. — Londres.

Ela exalou, a nuvem de respiração obstruindo a vista.

— O que tem ela?

— Pensei que você ficaria feliz. Ou triste. Ou com raiva. Na verdade, pensei que você sentiria *alguma coisa*.

Lila inclinou a cabeça.

— E por que você pensaria isso?

— Já se passaram quatro meses. Imaginei que você tivesse partido por alguma razão.

Ela lançou-lhe um olhar severo.

— Por que *você* partiu?

Houve uma pausa, a mais breve sombra, então ele deu de ombros.

— Para ver o mundo.

Lila encolheu os ombros.

— Eu também.

As duas respostas eram mentiras ou, na melhor das hipóteses, meias verdades, mas desta vez um não desafiou o outro. Os dois se afastaram da água e atravessaram o convés em silêncio, protegendo seus segredos do frio ao redor.

Londres Branca

Até as estrelas agora brilhavam coloridas.

O que ele sempre tomara por branco se tornara um azul gélido, e o céu noturno, outrora preto, agora se mostrava um roxo aveludado, como a aresta mais escura de um hematoma.

Holland sentou-se no trono, olhando além das paredes abobadadas para a grande extensão do céu, esforçando-se para discernir as cores do seu mundo. Elas sempre estiveram lá, enterradas sob a película da magia extinta, ou eram novas? Vinhas em tons fortes de verde se esgueiravam, escuras e deliciosas, subindo em torno dos pilares de pedra pálidos que circundavam a sala do trono, suas folhas de esmeralda alcançavam o luar prateado, ao passo que suas raízes tracejavam o chão e entravam na superfície imóvel e escura da piscina de divinação.

Por quantas vezes Holland havia sonhado em sentar-se neste trono? Em cortar a garganta de Athos, enterrar uma espada no coração de Astrid e retomar sua vida. Quantas vezes... e no entanto não tinha sido a sua mão, no fim das contas.

Tinha sido a de Kell.

A mesma mão que havia transpassado uma barra de metal pelo peito de Holland e empurrado seu corpo moribundo para o abismo.

Holland se levantou, as ricas dobras de sua capa assentando-se ao seu redor enquanto ele descia os degraus do estrado, parando diante da piscina preta e reflexiva. A sala do trono estava vazia. Ele havia dispensado a todos, aos criados e aos guardas, desejando a solidão. Mas isso não existia, não mais. Seu reflexo olhava para ele da superfície vítrea da água, como uma janela no escuro: seu olho verde uma joia flutuando sobre a água, seu

olho preto desaparecendo nas profundezas. Parecia mais jovem, mas é lógico que, mesmo na juventude, Holland nunca havia sido *assim*. O rubor da saúde, a suavidade de uma vida sem dor.

Holland permaneceu perfeitamente imóvel, mas seu reflexo se moveu.

Um aceno de cabeça, o nuance de um sorriso, o olho verde devorado pelo preto.

Nós formamos um ótimo rei, disse o reflexo, as palavras ecoando na mente de Holland.

— Formamos — falou Holland em voz baixa. — Formamos, sim.

Londres Preta

Três meses atrás

Escuridão.

Por toda parte.

Do tipo que se estendia.

Por segundos, horas e dias.

E depois.

Lentamente.

A escuridão foi iluminada pelo entardecer.

O nada deu lugar a algo, recompondo-se até que houvesse terra, ar, e um mundo entre eles.

Um mundo que era calmo de uma forma impossível, não natural.

Holland estava deitado sobre a terra fria, manchado de sangue no peito e nas costas onde a barra de metal o tinha transpassado. Ao redor de seu corpo, o entardecer tinha uma estranha permanência, sem raios persistentes de luz do dia, sem as bordas da noite que se aproximava. Havia um silêncio pesado naquele lugar, como prateleiras debaixo da poeira havia muito assentada. Uma casa abandonada. Um corpo sem respiração.

Até que Holland arquejou.

Em resposta, o mundo empoeirado estremeceu ao seu redor, como se ao respirar ele tivesse soprado vida nele, tivesse feito o tempo, ainda que de forma vacilante, voltar a andar para a frente. Flocos de sujeira, cinzas ou algo parecido pairavam no ar acima dele, do mesmo modo como

partículas faziam ao entrar em feixes de luz do sol, e agora caíam, depositando-se como neve em seus cabelos, em suas bochechas, em suas roupas.

Dor. Tudo era dor.

Mas ele estava vivo.

De alguma maneira impossível, ele estava vivo.

Seu corpo inteiro doía: não apenas a ferida em seu peito, mas seus músculos e seus ossos, como se ele tivesse ficado deitado no chão por dias, semanas, e cada respiração superficial enviava estocadas aos seus pulmões. Ele deveria estar morto. Em vez disso, reuniu forças e se sentou.

Sua visão oscilou por um momento, mas, para seu alívio, a dor em seu peito não piorou. Permaneceu uma dor aguda, pulsando no compasso de seu coração. Ele olhou ao redor e descobriu que estava sentado em um jardim murado, ou, pelo menos, o que poderia ter sido um. As plantas haviam murchado havia muito tempo, e o que ainda restava de videira e caule parecia pronto para se desfazer em cinzas ao menor toque.

Onde ele estava?

Holland revirou sua memória, mas a última imagem que guardava era do rosto de Kell com uma determinação inflexível, mesmo enquanto lutava contra a água que Holland usara para prendê-lo. Os olhos de Kell estreitando-se para manter o foco, seguido pela pontada de dor nas costas de Holland, a haste de metal rasgando carne e músculos, estilhaçando costelas e desfazendo a cicatriz em seu peito. Uma dor imensa, seguida de rendição, e então mais nada.

Mas essa luta tinha acontecido em outra Londres. Este lugar aqui não tinha nenhum resquício do aroma floral daquela cidade, nenhum traço de sua magia pulsante. Nem era a *sua* Londres, e isto Holland sabia com igual certeza, pois embora compartilhasse a atmosfera estéril, a paleta sem cor, faltava o frio amargo e o cheiro de cinza e metal.

Vagamente, Holland lembrou-se de estar deitado na Floresta de Pedra, entorpecido para tudo, exceto para o lento desvanecimento de sua pulsação. E depois, lembrou-se de ser arrastado para o abismo. Uma escuridão que ele presumiu ser a morte. Mas a morte o havia rejeitado, entregando-o a este lugar.

E só poderia ser um lugar.

A Londres Preta.

Holland tinha parado de sangrar, e seus dedos se moveram de maneira distraída e automática, não para seu ferimento, mas para o círculo de prata que prendia seu manto — a marca do controle dos Dane —, e ele descobriu que havia desaparecido, assim como a própria capa. Sua camisa estava rasgada, e a pele abaixo dela, onde houvera uma cicatriz prateada do selo de Athos, era agora uma bagunça de carne rasgada e sangue seco. Só então, com seus dedos pairando sobre a ferida, Holland sentiu a mudança. Havia sido ofuscada pelo choque, pela dor e pelo arredor estranho, mas agora formigava em sua pele e em suas veias: uma leveza que não sentia havia sete anos.

Liberdade.

O feitiço de Athos tinha sido quebrado, a ligação havia sido estilhaçada. Mas como? A magia estava ligada à alma, não à pele. Holland sabia, tinha tentado cortá-la uma dúzia de vezes. Ela só podia ser quebrada por quem a conjurara.

O que só poderia significar uma coisa.

Athos Dane estava *morto*.

A compreensão reverberou por Holland com uma intensidade inesperada, e ele ofegou, e agarrou o solo ressecado embaixo dele. Só que não estava mais seco. Enquanto o mundo, por todos os lados, tinha a quietude erma de uma paisagem de inverno, o solo sob Holland, o lugar que havia sido embebido com seu sangue, tinha um verde rico e vivaz.

Ao lado dele na grama estava a pedra preta — *Vitari* —, e ele ficou tenso antes de perceber que estava inócua. Vazia.

Ele se revistou em busca de armas. Nunca se preocupara particularmente em estar armado, preferindo seus próprios talentos afiados ao fio mais desajeitado de uma lâmina, mas sua cabeça estava zonz e, considerando a força que estava fazendo apenas para ficar de pé, honestamente não tinha certeza se possuía qualquer magia para convocar naquele momento. Ele havia perdido sua lâmina curva na outra Londres, mas encontrou uma adaga presa à canela. Pressionou a ponta contra o chão duro e usou-a para ajudá-lo a se pôr de joelhos, depois a se levantar.

Uma vez de pé — após controlar uma onda de tontura e uma explosão de dor —, Holland viu que a vegetação não estava inteiramente restrita ao local em que estivera no chão. Ela se afastava dele, forjando uma espécie de caminho. Era pouco mais do que um fio de verde bordado pela terra

estéril, uma faixa estreita de grama, ervas daninhas e flores selvagens desaparecendo através do arco murado na extremidade do jardim.

Hesitante, Holland o seguiu.

Seu peito latejava e seu corpo doía, suas veias ainda estavam famintas de sangue, mas as costelas que ele sabia que estavam quebradas tinham começado a se curar, e os músculos a voltar para o lugar. E, pouco a pouco, Holland encontrou algo semelhante ao seu antigo ritmo.

Os anos sob a crueldade de Athos Dane o ensinaram a suportar sua dor em silêncio, então rangeu os dentes e seguiu a fita de vida que o conduzia para além da parede do jardim, em direção à estrada.

A respiração de Holland ficou presa em seu peito, enviando uma nova pontada de dor pelo seu ombro. A cidade se alastrava ao seu redor, uma versão de Londres ao mesmo tempo familiar e inteiramente *estranha*. As construções eram estruturas elegantes, impossíveis, esculpidas em pedra vítrea, suas silhuetas flutuando para o céu como fumaça. Elas refletiam a pouca luz que restava à medida que o entardecer se tornava crepúsculo, mas não havia outra fonte de luz. Sem lanternas em ganchos ou fogos em lareiras. Holland tinha olhos aguçados, então não era a escuridão opressiva que o incomodava, mas o que ela significava: ou não havia ninguém aqui para *precisar* de luz, ou o que restava preferia a escuridão.

Todos haviam suposto que a Londres Preta tinha consumido a si mesma, se destruído como um fogo privado de combustível e ar. E por mais que isso parecesse ser verdade, Holland sabia que pressupostos foram feitos para ocupar o lugar de verdades, e o trecho de verde aos pés de Holland o fez ponderar se aquele mundo estava realmente morto ou meramente *esperando*.

Afinal, você pode matar pessoas, mas não pode matar a magia.

Não de verdade.

Ele seguiu o fio do novo crescimento, que atravessava as ruas fantasmagóricas, esticando-se aqui e ali para se apoiar nas paredes de pedra lisa, espiando pelas janelas e nada encontrando. Ninguém.

Chegou ao rio, aquele que possuía diversos nomes, mas corria por todas as Londres. Era preto como tinta, mas isso perturbava menos a Holland do que o fato de que não fluía. Não estava congelado, como o Atol; e, como era feito de água, não poderia ter se decomposto como o resto da cidade. E ainda assim não havia corrente. A imobilidade

impossível só aumentava a sensação inquietante de que Holland estava em um pedaço de tempo em vez de em algum lugar.

Eventualmente, o caminho verde o levou ao palácio.

Da mesma forma como acontecia com as outras construções, ele subia como fumaça para o céu, seus pináculos pretos desaparecendo na névoa do crepúsculo. Os portões estavam abertos, o peso apoiado sobre dobradiças enferrujadas, os grandes degraus rachados. O fio de grama continuou, perseverante a despeito da paisagem. Na verdade, parecia engrossar, trançado em uma corda de videira e flores conforme subia pela escada quebrada. Holland subiu com ele, uma das mãos pressionando suas costelas doloridas.

As portas do palácio abriram-se sob o seu toque, o ar lá dentro estagnado como em um túmulo, os tetos abobadados lembrando os da Londres Branca e sua forma de igreja, porém com arestas mais suaves. A forma como a pedra vítrea era contínua por dentro e por fora, sem sinal de forja ou emenda, fazia com que parecesse etéreo, impossível. O lugar inteiro havia sido feito com magia.

O caminho de grama verde persistiu na frente dele, sinuoso, sobre os pisos de pedra e por baixo de outro par de portas, painéis gigantescos de vitrais coloridos com flores murchas presas no interior. Holland abriu as portas e deparou-se com um rei.

Sua respiração ficou presa antes de perceber que o homem diante dele, lançado nas sombras, não era feito de carne e osso, mas de uma pedra preta e vítrea.

Apenas uma estátua sentada em um trono.

Porém, ao contrário das estátuas que ocupavam a Floresta de Pedra em frente ao palácio dos Dane, esta estava *vestida*. E as roupas pareciam se *mover*. O manto que rodeava os ombros do rei flutuava, como se ondulado pelo vento, e os cabelos, embora fossem *esculpidos*, pareciam farfalhar suavemente na brisa (embora *não houvesse* brisa no salão). Havia uma coroa sobre a cabeça do rei, e um fio de fumaça cinza, de um tom mais claro do que a pedra em si, rodopiava em frente aos olhos abertos da estátua. Em um primeiro momento, Holland pensou que era simplesmente parte da rocha, mas então o redemoinho de cinza se contraiu e se moveu. Enrolou-se até formar pupilas que ficaram à deriva até encontrarem Holland, então pararam.

Holland ficou tenso.

A estátua estava *viva*.

Talvez não da forma como vivem os homens, mas ainda assim viva, de uma forma simples e resistente, como a grama a seus pés. Natural. E ao mesmo tempo completamente não natural.

— *Oshoc* — murmurou Holland.

Uma palavra para um pedaço de magia que se desgarrou, tornou-se algo mais, algo com uma mente própria. Uma vontade.

A estátua nada disse. Os fios de fumaça cinza o observavam do rosto do rei, e a trilha de verde subia pelo estrado, enrolava-se ao redor do trono do *oshoc* e à volta de uma bota esculpida. Holland avançou até que seus sapatos tocaram o limite da plataforma do trono.

E então, finalmente, a estátua falou.

Não em voz alta, mas na mente de Holland.

Antari.

— Quem é você? — perguntou Holland.

Sou rei.

— Você tem um nome?

Novamente, a ilusão de movimento. O gesto mais sutil: os dedos apertando o trono, uma inclinação da cabeça, como se isso fosse um enigma. *Todas as coisas têm nomes*.

— Havia uma pedra encontrada em minha cidade — continuou Holland —, e ela se autodenominava de *Vitari*.

Um sorriso pareceu bruxulear como luz no rosto petrificado da criatura. *Eu não sou Vitari*, disse ele calmamente. *Mas Vitari era eu*. Holland franziu a testa, e a criatura pareceu desfrutar de sua confusão. *Uma folha em uma árvore*, disse ele, indulgente.

Holland ficou tenso. A ideia de que o poder da pedra era uma mera folha em comparação com a coisa que estava diante dele — a *coisa* com seu rosto de pedra, os modos calmos e os olhos tão velhos quanto o mundo...

Meu nome, disse a criatura, *é Osaron*.

Era uma palavra antiga, uma palavra *Antari*, que significava *sombra*.

Holland abriu a boca para falar, mas ficou sem ar quando outro espasmo de dor percorreu seu peito. A fumaça cinza contorceu-se.

Seu corpo é fraco.

O suor escorreu pelo rosto de Holland, mas ele se forçou a ficar ereto.
Eu salvei você.

Holland não sabia se o *oshoc* queria dizer que salvara sua vida uma vez ou se ainda a estava salvando.

— Por quê? — engasgou ele.

Eu estava sozinho. Agora estamos juntos.

Um arrepio percorreu Holland. Essa era a *coisa* que tinha se banqueteado com um mundo inteiro de magos. E agora, de algum modo, Holland a tinha despertado.

Outro espasmo de dor, e ele sentiu um joelho ameaçando falhar.

Você vive por minha causa. Mas ainda está morrendo.

A visão de Holland entrou e saiu de foco. Ele engoliu em seco e sentiu gosto de sangue.

— O que aconteceu com este mundo? — perguntou ele.

A estátua olhou-o de forma leviana. *Morreu.*

— Você o matou?

Holland sempre presumira que a praga da Londres Preta era algo vasto e incontrollável, nascida da fraqueza, da ganância e da fome. Nunca lhe ocorrera que pudesse ser uma criatura, uma entidade. Um *oshoc*.

Morreu, repetiu a sombra. Como tudo morre.

— Como? — indagou Holland. — Como este mundo morreu?

Eu... não sabia, disse, que os seres humanos eram coisas tão frágeis.

Eu aprendi... a ser mais cuidadoso. Mas...

Mas era tarde demais, pensou Holland. Não havia sobrado ninguém.

Eu salvei você, disse a coisa novamente, reforçando o argumento.

— O que você quer?

Selar um acordo. O vento invisível em torno de Holland se agitou e a estátua de Osaron pareceu se inclinar para a frente. *O que você quer, Antari?*

Ele tentou proteger sua mente daquela pergunta, mas as respostas verteram como fumaça. Viver. Ser livre. E então ele pensou em seu mundo, faminto por poder, por vida. Pensou em como morreria — não como este lugar, porém lenta e dolorosamente.

O que você quer, Holland?

Ele queria salvar seu mundo. Atrás dos olhos, a imagem começou a mudar conforme Londres — a *sua* Londres — voltava à vida. Ele viu a si

mesmo no trono, olhando para o topo de um palácio sem teto na direção de um céu azul brilhante, o calor do sol em sua pele e...

— Não — vociferou ele, enterrando a mão no ombro ferido e fazendo com que a dor o retirasse daquela visão. Era um truque, uma armadilha.

Todas as coisas têm um preço, disse Osaron. Essa é a natureza do mundo. Dar e receber. Você pode ficar aqui e morrer por nada enquanto seu mundo morre também. Ou pode salvá-lo. A escolha é sua.

— O que você quer? — perguntou Holland.

Viver, respondeu a sombra. Posso salvar sua vida. Posso salvar seu mundo. É uma negociação simples, Antari. Meu poder pelo seu corpo.

— E a mente de quem? — desafiou Holland. — A vontade de quem?

Nossas, ronronou o rei.

O peito de Holland doía. Outro vínculo. Ele nunca seria livre?

Ele fechou os olhos e se viu de volta no trono, admirando aquele céu maravilhoso.

Bem, perguntou o rei da sombra. Temos um acordo?





CINCO

**ACOLHIDA
REAL**

Mar Arnesiano

— Maldição, Bard, você vai atear fogo na gata.

Lila subitamente levantou a cabeça. Ela estava sentada na beirada de uma cadeira na cabine de Alucard, segurando uma chama entre as palmas das mãos. Sua atenção deve ter vacilado, porque baixara as mãos sem pensar, deixando o fogo entre elas descer alguns centímetros em direção ao chão e de Esa, que estava ali sentada observando com uma intensidade felina.

Ela respirou fundo e uniu rapidamente as palmas das mãos, extinguindo a chama a tempo de salvar a ponta da cauda branca e felpuda de Esa.

— Desculpe — murmurou ela, recostando-se na cadeira. — Devo ter ficado entediada.

Na verdade, Lila estava exausta. Vinha dormindo ainda menos do que o normal desde o anúncio de Alucard, gastando cada momento de folga praticando tudo que ele lhe tinha ensinado e algumas coisas que ele não tinha. E quando ela realmente *tentava* dormir, seus pensamentos invariavelmente se voltavam para Londres. E para o torneio. E para Kell.

— Deve ter sido isso — resmungou Alucard, alçando Esa com um braço e colocando-a em segurança sobre sua mesa.

— O que você queria? — bocejou ela. — Eu estava segurando aquela chama havia séculos.

— Exatamente 43 minutos — disse ele. — E o *objetivo* principal do exercício é treinar sua mente a não divagar.

— Bom — falou Lila, servindo-se de uma bebida —, acho que só estou distraída.

— Pela minha presença inebriante ou por nossa chegada iminente?

Lila girou o cálice de vinho e tomou um gole. Era forte e doce, mais encorpado do que o tipo que Alucard costumava ter no decantador sobre a mesa.

— Você já lutou contra um veskano? — perguntou ela, esquivando-se da pergunta dele.

Alucard bebeu de seu copo.

— Atrás de uma taverna, sim. Em um torneio, não.

— E quanto a um faroense?

— Bem — disse ele, recostando-se na cadeira em frente. — Se eles lutam da mesma forma como se comportam na cama...

— Você pode zombar — falou ela, chegando o corpo para a frente —, mas não terá que lutar contra ambos no *Essen Tasch*?

— Se eu não perder a primeira rodada, terei sim.

— Então, o que sabe sobre eles? — pressionou Lila. — Suas habilidades? Seus estilos de luta?

A safira cintilou quando ele ergueu a sobrancelha.

— Você está muito curiosa.

— Sou naturalmente curiosa — retrucou ela. — E, acredite ou não, prefiro não ter que procurar um novo capitão quando isso acabar.

— Ah, não se preocupe, poucos competidores chegam a *morrer*. — Ela lançou-lhe um olhar duro. — E o que eu sei sobre eles? Vamos ver. Além de os veskanos serem altos como árvores e os faroenses levarem minhas escolhas de adornos faciais ao extremo, ambos são bastante fascinantes quando se trata de magia.

Lila deixou a bebida de lado.

— Como assim?

— Bem, nós arnesianos temos o Atol como uma fonte. Acreditamos que a magia flui pelo mundo da maneira que o rio corre por nossa capital, como uma veia. De forma semelhante, os veskanos têm suas montanhas e alegam que elas os aproximam de seus deuses, cada um dos quais incorpora um elemento. São pessoas fortes, mas se apoiam na força física, acreditando que, quanto mais se parecem com as montanhas, mais perto estão do poder.

— E os faroenses? Qual é a fonte deles?

Alucard sorveu um gole de seu cálice.

— Essa é a questão. Eles não têm uma. Os faroenses acreditam que a magia está em toda parte. E de certa forma eles estão certos. A magia tecnicamente está em tudo, mas eles afirmam que podem tocar no coração do mundo simplesmente por andar sobre ele. Os faroenses se consideram um povo abençoado. Um pouco arrogantes, mas são *poderosos*. Talvez *tenham* encontrado uma maneira de se tornarem veículos. Ou talvez usem aquelas joias para vinculá-los à magia. — Sua voz mostrou uma pontada de desgosto quando ele disse isso, e Lila se lembrou do que Kell havia contado a ela sobre os habitantes da Londres Branca, sobre a forma como eles usavam tatuagens para ligar o poder a si mesmos e sobre como as pessoas da Londres Vermelha consideravam a prática vergonhosa. — Ou talvez seja tudo apenas para se exibir.

— Não te incomoda que cada um acredite em coisas diferentes?

— Por que deveria me incomodar? — perguntou ele. — Na verdade, todos acreditamos na mesma coisa, apenas damos nomes diferentes a ela. Isso não é crime.

Lila bufou. Se as pessoas no mundo dela tivessem uma postura tolerante assim...

— O *Essen Tasch* é uma espécie de lição — continuou Alucard — de que não importa o que você chame de magia, desde que acredite.

— Você realmente acha que pode ganhar o torneio? — perguntou Lila. Ele assumiu um ar zombeteiro.

— Provavelmente não.

— Então por que se inscrever?

— Porque a luta é metade da diversão — respondeu ele, então percebeu o ceticismo dela. — Não finja que é um conceito desconhecido para você, Bard. Eu já vi a maneira como você se mete em encrencas.

— Não é isso que...

E não era. Ela estava apenas tentando imaginar Alucard em um duelo mágico. Era difícil, porque Lila nunca tinha visto o capitão *brigar*. Claro, ela o vira segurar uma espada e fazer grandes gestos com ela, mas ele geralmente só ficava por perto, fazendo poses. Antes de sua performance em Sassenroche, ela não fazia ideia de como ele era bom em magia. Mas a maneira como ele havia se exibido sem qualquer esforço na Inroads... Ela não podia deixar de se perguntar como seria sua forma de lutar. Seria

como uma torrente de energia ou como uma brisa? Ou seria como Kell, que era de alguma forma ambas ao mesmo tempo?

— Estou surpreso — falou Alucard — que você nunca tenha visto o torneio.

— Quem disse que não?

— Você está fazendo perguntas para meus homens há dias. Achou que eu não notaria?

Obviamente, pensou ela.

— Tá. E daí? Eu nunca vi. — Lila deu de ombros, sorvendo sua bebida novamente. — Nem todo mundo passa os invernos na cidade.

A expressão presunçosa dele vacilou.

— Você poderia simplesmente ter perguntado para *mim*.

— E aguentar sua especulação, suas respostas que são na verdade perguntas, o fato de que você está sempre sondando, explorando?

— Já me disseram que minha exploração constante é bastante agradável. — Lila bufou em sua xícara. — Você não pode culpar um capitão por querer conhecer sua tripulação.

— E você não pode culpar uma ladra por ter seus segredos.

— Você tem dificuldade em confiar nos outros, Delilah Bard.

— Seu poder de observação é espantoso.

Ela sorriu e terminou sua bebida. Seus lábios formigavam e sua garganta queimava. Era realmente mais forte do que o habitual. Lila não costumava beber muito, passara muitos anos precisando de todas as faculdades que possuía funcionando, para se manter viva. Mas ali, na cabine de Alucard Emery, ela percebeu algo: não tinha medo. Não estava fugindo. Certamente era um ato de equilíbrio a cada vez que conversavam, mas ela sabia como se manter de pé.

Alucard lhe ofereceu um sorriso preguiçoso e inebriado. Ébrio ou sóbrio, ele estava sempre sorrindo. Tão diferente de Kell, constantemente carrancudo.

Alucard suspirou e fechou os olhos, inclinando a cabeça para trás no estofamento da cadeira. Ele tinha um rosto bonito, suave e anguloso ao mesmo tempo. Ela teve o estranho desejo de estender a mão e traçar as linhas com os dedos.

Lila realmente devia tê-lo matado quando se encontraram pela primeira vez. Antes que ela pudesse conhecê-lo. Antes que pudesse gostar

tanto dele.

Os olhos do capitão se abriram.

— Prata e ouro pelos seus pensamentos — disse suavemente, erguendo o copo até os lábios.

Esa roçou o corpo na cadeira de Lila, e ela enrolou a cauda da gata em torno de seus dedos.

— Estava apenas desejando tê-lo matado meses atrás — respondeu ela animadamente, saboreando o modo como Alucard quase engasgou com o próprio vinho.

— Ah, Bard — provocou ele —, isso significa que você passou a gostar de mim?

— A afeição é uma fraqueza — falou ela automaticamente.

Ao ouvir isso, Alucard parou de sorrir e colocou o copo de lado. Ele se inclinou para a frente, observou-a por um longo momento e então disse:

— Sinto muito.

As palavras soaram tão... verdadeiras, e isso imediatamente deixou Lila cabreira. Alucard era muitas coisas, mas, normalmente, honesto não era uma delas.

— Por me cativar? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

— Pelo que quer que tenha acontecido com você. Por quem te machucou tão profundamente que fez você enxergar amigos e afeição como armas e não escudos.

Lila sentiu o calor subindo pelo seu rosto.

— Isso me manteve viva, não foi?

— Talvez. Mas a vida é inútil sem prazer.

Lila se irritou com isso e se levantou.

— Quem disse que eu não sinto prazer? Sinto prazer quando ganho uma aposta. Prazer quando conjuro o fogo. Prazer quando...

Alucard a interrompeu. Não com uma palavra, mas com um beijo. Ele acabou com o espaço entre eles com um único e fluido movimento, e então uma de suas mãos estava no braço de Lila, a outra apoiando a nuca e a boca na dela. Lila não se afastou. Mais tarde, ela dissera a si mesma que fora detida pela surpresa, mas isso poderia ter sido mentira. Talvez tivesse sido o vinho. Talvez tivesse sido o calor do quarto. Talvez o medo de que ele estivesse certo sobre ela, sobre ter prazer, sobre a vida. Talvez, mas

naquele momento tudo que ela sabia era que Alucard a estava beijando e que ela estava sendo receptiva. E então, de repente, a boca do capitão se afastou da dela, seu sorriso flutuando na frente do rosto de Lila.

— Diga-me — sussurrou ele —, isso foi melhor do que ganhar uma aposta?

Ela estava sem fôlego.

— Você propôs um argumento válido.

— Eu adoraria insistir no assunto — falou ele —, mas primeiro... — Ele pigarreou e olhou para a faca que ela havia apoiado no interior da perna dele.

— Reflexo — disse ela com um sorriso, devolvendo a arma à bainha.

Nenhum deles se moveu. Seus rostos estavam tão próximos, nariz com nariz, lábio com lábio, cílios com cílios, e tudo o que ela podia ver eram os olhos dele, uma tempestade azul, além das tênues linhas de sorriso que arranhavam os cantos ao lado deles da mesma forma como no rosto de Kell havia um vinco no espaço entre eles. Opostos. O polegar de Alucard roçou sua bochecha, e então ele a beijou novamente, e desta vez o gesto não foi um ataque, não houve nenhuma surpresa. Apenas uma precisão lenta. A boca de Alucard roçou a dela, e, quando ela se inclinou, entrando no beijo, ele recuou, brincando. Movimento por movimento, como uma dança. Ele queria que ela o desejasse, queria provar que estava certo — seu lado racional sabia de tudo isso, mas esse lado estava se perdendo sob seu coração palpitante. Corpos eram coisas traidoras, ela percebeu, enquanto os lábios dele roçavam seu queixo e começaram a descer pelo pescoço, fazendo-a tremer.

Ele deve ter sentido o tremor, porque sorriu junto à pele dela, aquele sorriso perfeito e viperino. As costas dela arquearam. A mão dele estava na sua lombar, puxando-a enquanto ele percorria o caminho ao longo de sua clavícula, provocando-a. O calor floresceu por todo o corpo dela nos locais em que as mãos dele encontraram sua pele. Lila enlaçou os dedos nos cabelos dele e puxou sua boca de volta para a dela. Eles eram um emaranhado de membros e desejo, e ela não achava que aquilo era *melhor* do que a liberdade, o dinheiro ou a magia, mas certamente estava perto.

Alucard foi o primeiro a buscar por ar.

— Lila — sussurrou, ofegante.

— Eu — falou ela, e a palavra era metade resposta e metade pergunta.

Os olhos semicerrados de Alucard dançavam.

— Do que você está fugindo?

As palavras foram como um banho de água fria, arrancando-a do momento. Ela o empurrou para longe. A parte de trás dos joelhos dele bateu na cadeira e ele caiu graciosamente nela, exalando algo que era tanto um riso quanto um suspiro.

— Você é um *idiota* — explodiu ela, corando.

Ele inclinou a cabeça preguiçosamente.

— Sem dúvida.

— Tudo isso, o que quer que tenha sido — ela acenou com a mão —, apenas para eu te contar a verdade.

— Eu não diria isso. Eu sou mais do que capaz de realizar múltiplas tarefas.

Lila pegou o copo de vinho e atirou-o nele. Tanto o vinho quanto o cálice voaram pelo ar, mas, antes de alcançarem a cabeça de Alucard, apenas... pararam. O copo ficou suspenso no ar entre eles, e gotas de vinho roxo flutuaram como se não tivessem peso.

— Esse vinho — explicou ele, erguendo a mão para colher o cálice que pairava no ar — é de uma safra *muito* cara.

Os dedos de sua outra mão fizeram um movimento de espiral, e o líquido se tornou uma fita, derramando-se de volta no cálice. Ele sorriu. E Lila também, pouco antes de arrebatá-la a garrafa da mesa e atirá-la na lareira. Desta vez Alucard não foi rápido o suficiente; o fogo crepitou e aumentou conforme devorava o vinho.

Alucard soltou um som exasperado, mas Lila já estava saindo intempestivamente, e o capitão teve bom senso suficiente para não segui-la.

II

Londres Vermelha

Os sinos dobravam, e Rhy estava atrasado.

Ele podia ouvir os sons distantes de música e risos, o barulho de carruagens e danças. As pessoas estavam esperando por ele. Tinham brigado, ele e o pai, pelo fato de ele não levar as coisas a sério. De *nunca* ter levado as coisas a sério. Como poderia ser rei quando sequer se dava ao trabalho de chegar na hora?

Os sinos pararam de tocar e Rhy praguejou, tentando fechar sua túnica. Ele continuava lutando com o botão superior.

— Onde ele *está*? — ouviu seu pai resmungando.

O botão voltou a abrir. Rhy gemeu e se aproximou de seu espelho, mas, quando se pôs na frente dele, ficou paralisado.

O mundo calou-se em seus ouvidos.

Ele olhou para o espelho, mas foi *Kell* quem olhou de volta.

Os olhos de seu irmão estavam arregalados, alarmados. O quarto de Rhy estava refletido atrás dele, mas Kell agia como se estivesse preso em uma caixa, seu peito subindo e descendo pelo pânico.

Rhy estendeu a mão, mas um arrepio terrível perpassou por ele quando tocou o espelho. Ele se afastou.

— Kell — chamou. — Você pode me ouvir?

Os lábios de Kell se moveram, e Rhy pensou por um instante que aquele reflexo impossível estava apenas repetindo suas próprias palavras, mas as formas que a boca de Kell assumia eram diferentes.

Kell pressionou as mãos no espelho, elevou a voz, e uma única palavra abafada atravessou a barreira.

— *Rhy...*

— Onde você está? — perguntou Rhy, conforme o quarto atrás de Kell começava a escurecer e girar entre as sombras, o aposento se dissolvendo na escuridão. — *O que está acontecendo?*

E então, do outro lado do espelho, Kell agarrou seu peito e *gritou*.

Um som horrível e aterrorizante que rasgou o cômodo e eriçou todos os cabelos no corpo de Rhy.

Ele gritou o nome de Kell e esmurrou o espelho com os punhos, tentando quebrar o feitiço, ou o vidro, tentando alcançar seu irmão, mas a superfície sequer sofreu uma fissura. Rhy não sabia o que estava errado. Ele não conseguia sentir a dor de Kell. Não conseguia sentir *nada*.

Do outro lado do espelho, Kell soltou outro grito soluçante e se dobrou antes de cair de joelhos.

E então Rhy viu o sangue. Kell pressionava as mãos contra o próprio peito e Rhy observava, aterrorizado e impotente, enquanto o sangue vertia por entre os dedos do irmão. Muito sangue. Sangue demais. Equivalente a uma vida. *Não, não, não*, pensou Rhy, *isso não*.

Ele olhou para baixo e viu a faca enterrada em suas costelas, seus próprios dedos enrolados em torno do cabo dourado.

Rhy arquejou e tentou puxar a lâmina, mas estava presa.

Do outro lado do espelho, Kell tossiu sangue.

— *Aguente firme!* — exclamou Rhy.

Kell estava ajoelhado em uma poça vermelha. Um quarto. Um mar. Tanto vermelho. Suas mãos despencaram.

— *Aguente firme!* — implorou Rhy, puxando a faca com toda a força. Ela não se moveu.

A cabeça de Kell pendeu para a frente.

— *Aguente firme.*

O corpo dele caiu.

A faca se libertou.

* * *

Rhy acordou com um sobressalto.

Seu coração estava acelerado e os lençóis estavam encharcados de suor. Ele levou um travesseiro ao colo e enterrou o rosto nele, respirando

de forma difícil e entrecortada enquanto esperava que seu corpo percebesse que o sonho não era real. O suor escorreu pelo rosto. Seus músculos se contraíram. Sua respiração começou a entrar em compasso e ele olhou para cima, esperando encontrar a luz da manhã entrando pelas portas da varanda. Mas tudo o que encontrou foi a escuridão, amenizada apenas pelo brilho vermelho pálido do Atol.

Ele reprimiu o choro de frustração.

Havia um copo de água ao lado da cama, que ele engoliu, segurando com dedos trêmulos, enquanto esperava para ver se seu irmão viria invadir o cômodo, convencido de que o príncipe estava sendo atacado, da mesma forma como havia feito naquelas primeiras noites.

Mas quando se tratava de noites, manhãs e dos sonhos entre elas, Rhy e Kell tinham rapidamente desenvolvido um acordo silencioso. Depois de uma noite ruim, um daria ao outro um olhar curto e tranquilizador, mas parecia crucialmente importante que nada fosse realmente *dito* sobre os pesadelos que os atormentavam.

Rhy pressionou a palma da mão contra o peito, diminuindo a pressão ao inspirar, aumentando ao expirar, exatamente como Tieren lhe ensinara a fazer anos antes, depois de ter sido sequestrado pelos Sombras. Não fora o rapto que lhe dera pesadelos nos meses seguintes, mas a visão de Kell agachado sobre ele com os olhos arregalados e a pele pálida, a faca na mão e os rios de sangue vertendo de suas veias cortadas.

Está tudo bem, Rhy falou agora para si mesmo. *Você está bem. Está tudo bem.*

Sentindo-se mais tranquilo, ele atirou os lençóis para longe e saiu da cama cambaleando.

Suas mãos comicharam para buscar uma bebida, mas ele não podia suportar a ideia de voltar a dormir. Além disso, estava mais perto da aurora do que do crepúsculo. Era melhor esperar.

Rhy pegou um par de calças de seda e um roupão — esse último felpudo e pesado de uma maneira simples e reconfortante — e abriu a varanda, deixando o frio congelado da noite dissipar qualquer vestígio de sono.

Lá embaixo, as arenas flutuantes não passavam de sombras manchando o brilho do rio. A cidade estava salpicada com luzes aqui e ali, mas sua

atenção flutuou para as docas, onde mesmo nesse momento navios velejavam sonolentos em direção ao porto.

Rhy apertou os olhos, esforçando-se para enxergar um navio em particular.

Um navio de madeira escura com decorações prateadas e velas azuis escuras.

Mas não havia qualquer sinal do *Night Spire*.

Ainda não.

III

Mar Arnesiano

Lila correu pelo convés do *Spire*, encarando furiosamente qualquer um que se atrevesse a olhar para ela. Seu casaco havia ficado na cabine de Alucard, e o vento noturno a açoitou, penetrando pelas mangas até atingir sua pele. O frio a pinicou e mordeu, mas Lila não voltou; em vez disso, agradeceu pelo choque do ar frio tê-la deixado sóbria conforme ela cruzava para a popa do navio e depois se debruçava no parapeito.

— *Idiota* — resmungou ela para a água lá embaixo.

Ela estava acostumada a ser a ladra e não o alvo. E quase caíra na armadilha, com sua atenção focada na mão na frente de seu rosto, enquanto a outra tentava afanar seu bolso. Ela agarrou o parapeito com os dedos nus e olhou para o mar aberto, furiosa: com Alucard, consigo mesma, com esse navio estúpido cujos limites eram tão firmes e tão pequenos.

Do que você está fugindo?, perguntara ele.

De nada.

De tudo.

De nós. Disso aqui.

Da magia.

A verdade era que, por um instante, ela olhara para o fogo sibilante, e ele olhara de volta para ela, quente e violento, escutando, e ela soube que poderia tê-lo feito aumentar, poderia ter incendiado a cabine inteira em um momento de raiva. Queimado o navio, ela mesma e todos que estavam nele.

Estava começando a entender que a magia não era apenas algo para ser acessado, instigado quando necessário. Ela estava sempre lá, pronta,

aguardando. E isso a assustou. Quase tanto quanto a forma como Alucard tinha sido capaz de engabelá-la, de brincar com ela, manipular a distração dela em proveito próprio. Ela havia baixado a guarda, um erro que não cometeria novamente.

Idiota.

O ar frio ajudou a esfriar o fogo em seu rosto, mas a energia ainda fervilhava sob sua pele. Ela olhou para o mar e imaginou a si mesma estendendo a mão e empurrando a água com todas as suas forças. Como uma criança em uma banheira.

Sequer se incomodou em invocar poemas, não esperava que o desejo realmente fosse tomar forma, mas um instante depois sentiu a energia fluir através dela. A água se ergueu, formando uma súbita onda na qual o navio se inclinou violentamente.

Gritos de preocupação emergiram pelo *Spire* enquanto os homens tentavam descobrir o que tinha acontecido, e Lila sorriu maliciosamente, esperando que lá embaixo alguns outros vinhos caros de Alucard tivessem sido derrubados. E então ela se deu conta do que acontecera, do que ela tinha feito. Tinha movido o oceano, ou pelo menos uma porção do tamanho do navio. Ela levou uma das mãos ao nariz, esperando encontrar sangue, mas não havia nenhum. Estava bem. Ilesa. Deixou escapar uma risadinha breve e aturdida.

O que você é?

Lila estremeceu, o frio finalmente atingindo seus ossos. De repente sentiu-se cansada, sem saber se era uma reação da magia que realizara ou simplesmente sua frustração se esvaindo.

O que Barron costumava dizer?

Algo sobre temperamento, velas e barris de pólvora.

O fato de que ela não conseguia se lembrar exatamente das palavras atingiu-a como um golpe certo no peito. Barron fora uma de suas únicas amarras, e agora se fora. E que direito ela tinha de chorar? Ela queria ser livre dele, não queria? E era por isso. As pessoas só podiam te machucar se você se importasse o suficiente para deixar que elas o fizessem.

Lila estava prestes a se afastar do parapeito quando ouviu um som de fungar abafado e percebeu que não estava sozinha. Evidentemente ninguém estava realmente sozinho, não em um navio, mas alguém estava de pé apoiado no cordame ali perto, prendendo a respiração. Ela olhou

para as sombras, e, então, quando a figura parecia mais propensa a desmoronar do que a dar um passo à frente, ela estalou os dedos e convocou uma chama pequena e vibrante; um gesto realizado com indiferença, mesmo que ela tivesse praticado por semanas.

A luz, que lutava contra a brisa do mar, iluminou a silhueta de espantalho de Lenos, o segundo imediato de Alucard. Ele guinchou, então ela suspirou e extinguiu o fogo, mergulhando ambos de volta em uma confortável escuridão.

— Lenos — disse ela, tentando parecer amigável.

Teria ele visto o que ela fizera com o navio e com o mar? O olhar no rosto dele era de cautela, se não de medo absoluto, mas aquela era a expressão habitual que ele exibia perto de Lila. Afinal, fora ele o responsável por começar o boato de que ela era o Sarows, assombrando o *Spire*.

O homem deu um passo à frente e ela viu que ele estava segurando algo e oferecendo para ela. O casaco dele.

Uma recusa veio automaticamente até os seus lábios, mas então o bom senso a fez estender a mão e pegá-lo. Sobrevivera a portas mágicas e a rainhas más; não se perdoaria se morresse por pegar um resfriado.

Ele soltou o casaco no instante em que os dedos dela o encontraram, como se tivesse medo de ser queimado, e ela o vestiu, sentindo o forro ainda quente do corpo de Lenos. Levantou a gola e enfiou as mãos nos bolsos, flexionando os dedos para aquecê-los.

— Você tem medo de mim? — perguntou ela em arnesiano.

— Um pouco — admitiu ele, desviando o olhar.

— Porque não confia em mim?

Ele balançou a cabeça.

— Não é isso — murmurou ele. — Mas você é diferente de nós...

Ela abriu um sorriso torto.

— Já me disseram.

— Não porque você é uma, bem, você sabe, uma garota. Não isso.

— Porque eu sou o Sarows, então? Você realmente acha isso?

Ele encolheu os ombros.

— Não isso, não exatamente. Mas você é *aven*.

Lila franziu o cenho. A palavra que ele usou foi *abençoada*. Mas Lila havia aprendido que não havia um equivalente exato em inglês. Em

arnesiano, *abençoado* nem sempre era uma coisa boa. Alguns diziam que significava *escolhido*. Outros diziam *favorecido*. Mas alguns diziam *amaldiçoado*. *Diferente*. *Isolado*.

— *Aven* também pode ser uma coisa boa — falou ela —, contanto que estejam do seu lado.

— Você está do nosso lado? — perguntou ele, calmamente.

Lila estava do próprio lado, mas supôs que também estava do lado do *Spire*.

— É claro.

Lenos se abraçou e voltou sua atenção para a água. Uma névoa estava flutuando, e, quando ele olhou atentamente para ela, Lila se perguntou o que ele vira lá.

— Eu cresci em um pequeno lugar chamado Casta — contou ele. — Nos penhascos do sul, os castanhenses acreditam que às vezes a magia escolhe as pessoas.

— Como o mestre Kell — disse ela, acrescentando —, o príncipe com olho preto.

Lenos assentiu.

— Isso, a magia escolheu o mestre Kell. Mas o que ele é, *Antari*, é apenas um tipo de *aven*. Talvez o mais forte, mas depende da sua definição de forte. Os sacerdotes são outro tipo. Algumas pessoas pensam que *eles* são os mais fortes, porque têm apenas poder suficiente sobre cada elemento para usar todos em equilíbrio, para que possam curar, cultivar, fazer crescer e dar a vida. Costumava haver todos os tipos de *aven*. Uns que podiam dominar todos os elementos. Outros que só conseguiam dominar um, mas eram tão poderosos que podiam mudar as marés, o vento ou as estações. Aqueles que podiam ouvir o que a magia tinha a dizer. *Aven* não é só uma coisa, porque a magia não é só uma. É tudo, velho e novo e em constante mutação. Os castanhenses pensam que, quando alguém *aven* aparece, é por uma razão. É porque a magia está tentando nos dizer algo... — Ele parou. Lila o encarou. Era o máximo que Lenos já dissera a ela. Pensando bem, o máximo que ela já ouvira Lenos dizer a qualquer um.

— Então você acha que eu estou aqui por uma razão? — perguntou Lila.

Lenos ficou na ponta dos pés, balançando-se até voltar a apoiar o calcanhar no chão.

— Todos estamos aqui por uma razão, Bard. Apenas acontece que algumas razões são maiores do que outras. Então acho que eu não tenho medo de quem você é ou mesmo do que você é. Estou com medo da razão por que você está aqui.

Ele estremeceu e se virou.

— Espere — disse ela, tirando o casaco dele. — Pegue aqui.

Ele estendeu a mão para ela e, para alívio de Lila, quando suas mãos quase roçaram, ele não se esquivou. Ela observou o homem recuar através do convés, então alongou o pescoço e fez seu caminho para o andar de baixo.

Chegando lá, encontrou seu próprio casaco pendurado na porta da cabine, junto com uma garrafa fechada de vinho roxo e uma nota que dizia *Solase*.

Sinto muito.

Lila suspirou e pegou a garrafa, seus pensamentos se agitando e seu corpo suplicando por sono.

E então ela ouviu o grito lá em cima.

— *Hals!* — bradou uma voz do convés.

Terra.

IV

Os sinos soaram uma dezena de vezes, então uma dezena mais. Continuaram até que Kell perdeu a conta, muito além das horas em um dia, de uma semana, de um mês.

O som persistente só podia significar uma coisa: a realeza tinha chegado.

Kell estava em sua varanda e observou-os chegando. Passaram-se seis anos desde que Londres fora anfitriã do *Essen Tasch*, mas ele ainda se lembrava de assistir à procissão de navios e pessoas, tentando imaginar de onde vinham, o que tinham visto. Ele não podia ir até o mundo, mas, nessas raras ocasiões, o mundo parecia vir até ele.

Agora, enquanto observava os navios subirem pelo Atol (até onde as arenas flutuantes de Rhy permitissem), ele se perguntou qual Lila escolheria para si. Havia um punhado de pequenas embarcações particulares, mas a maioria era de navios enormes, barcos de luxo projetados para transportar comerciantes e nobres ricos de Faro e Vesk até as festividades da capital arnesiana. Todos os navios carregavam uma marca de origem, na vela ou na lateral: o símbolo pintado de sua coroa. Isso, junto com um pergaminho de autorização, lhes concederia acesso às docas pela duração do *Essen Tasch*.

Será que Lila preferiria um elegante navio de madeira prateada, como aquele que ostentava a marca faroense? Ou algo mais ousado, como o vibrante navio veskano decorado que se aproximava? Ou talvez uma orgulhosa nau arnesiana, com madeira escura polida e velas novas? Pensando bem, será que Lila sabia *como* navegar? Provavelmente não, mas, se alguém podia fazer o estranho parecer comum, o impossível parecer fácil, era Delilah Bard.

— Por que você está sorrindo? — perguntou Rhy, aparecendo ao lado dele.

— Suas arenas estão fazendo uma bagunça no rio.

— Bobagem — retrucou Rhy. — Eu ordenei que fossem construídas docas provisórias nas margens norte e sul do rio, nos dois lados da cidade. Há espaço de sobra.

Kell acenou com a cabeça para o Atol.

— Diga isso aos nossos convidados.

Lá embaixo, os outros navios haviam aberto caminho para a frota de Vesk que subia o rio, e esta parou somente quando chegou à barricada. A barça real veskana, um navio esplêndido feito de sequoia, com velas escuras que sustentavam o emblema real do corvo em voo em frente a uma lua branca, era flanqueada por dois navios militares.

Minutos mais tarde, o navio imperial dos faroenses os seguiu, todas as suas embarcações esqueléticas e prateadas, com a insígnia da árvore preta gravada a fogo em suas velas.

— Devíamos ir andando — falou o príncipe. — Temos que estar lá para recebê-los.

— *Devíamos?* — ecoou Kell, mesmo que o rei já tivesse deixado evidente que sua presença era necessária. Não porque Kell fosse da família, ele pensou com amargura, mas porque ele era *aven*. Um símbolo do poder arnesiano.

— Vão querer ver você — tinha dito o rei, e Kell tinha entendido.

Quando Maxim dissera *você*, não se referiu à pessoa de Kell. Referira-se a Kell, o *Antari*. Ele ficara indignado. Por que se sentia como um troféu? Ou pior, um objeto...

— Pare com isso — repreendeu Rhy.

— Parar com o quê?

— Com o que quer que esteja passando por sua cabeça e que está fazendo você franzir mais a testa do que o habitual. Vai provocar rugas em nós dois. — Kell suspirou. — Venha — pressionou Rhy. — De jeito nenhum eu vou enfrentá-los sozinho.

— De qual você tem medo? Lorde Sol-in-Ar?

— Cora.

— A princesa veskana? — Kell riu. — Ela é apenas uma criança.

— Ela *era* apenas uma criança. E já era um pesadelo. Mas ouvi dizer que ela se tornou algo verdadeiramente temível.

Kell sacudiu a cabeça.

— Vamos, então — disse ele, apoiando o braço no ombro do príncipe.

— Vou defender você.

— Meu herói.

* * *

O Palácio Vermelho tinha cinco salões: o Grand, um extravagante salão de baile com pé-direito triplo feito de madeira polida e cristais esculpidos; o Gold, um amplo salão de recepção, todo em pedras e metais preciosos; o Jewel, situado no coração do palácio e feito inteiramente de vidro; o Sky, no telhado, com seu piso de mosaico brilhando sob o sol e as estrelas; e o Rose. Esse último, posicionado perto da parte dianteira do palácio e alcançado através de seu próprio corredor e portas, possuía uma elegância majestosa. Tinha sido construído em uma ala do palácio sem nada acima, e a luz brilhava através das janelas colocadas no teto. As paredes e o chão eram de mármore real, uma pedra pálida intrincada com granada e ouro, trabalhada pelos magos dos minerais para uso exclusivo da coroa. No lugar de colunas, buquês de flores em urnas gigantescas talhavam linhas paralelas através da câmara. Por entre estas colunas, um corredor de ouro levava da entrada até o estrado e o trono.

O Rose Hall era o lugar em que a coroa realizava as audiências com seu povo, e onde pretendia receber os membros das realezas vizinhas.

Se eles aparecessem.

Kell e Rhy estavam um de cada lado dos tronos, Rhy encostado no trono do pai, Kell em posição de sentido ao lado do trono da rainha.

O mestre Tieren estava de pé ao lado do estrado, mas não dirigia o olhar a Kell. Seria sua imaginação, ou o *Aven Essen* o estava evitando? Os guardas reais permaneciam como estátuas em suas armaduras reluzentes, enquanto um seletto amontoado de membros da *ostra* e da *vestra* se movimentava pelo salão, reunindo-se em pequenos grupos para conversar. Fazia mais de uma hora que os navios reais haviam atracado, e uma escolta tinha sido enviada para acompanhá-los até o palácio. Taças de

espumante esperavam nas bandejas, fazendo com que a bebida ficasse choca com a espera.

Rhy jogava seu peso de um pé para o outro, claramente tenso. Esta era, afinal, a primeira vez que ele lidava com um assunto real, e, ao passo que ele sempre fora preocupado com detalhes, estes geralmente se concentravam em torno de suas roupas ou seus cabelos. O *Essen Tasch* estava em uma escala inteiramente diferente. Kell o observou mexer e remexer no selo de ouro reluzente da casa Maresh (um cálice e sol nascente) que estava alfinetado na altura de seu coração. Ele tinha confeccionado um segundo selo, para Kell, que o tinha relutantemente espetado no peito de seu casaco vermelho.

O rei Maxim brincava com uma moeda, algo que Kell só o vira fazer quando não conseguia ficar sentado. Como seu próprio pai, Maxim Maresh era metalúrgico, um mago forte em seu próprio ofício, embora tivesse pouca necessidade disso agora. Ainda assim, Kell tinha ouvido histórias da juventude de Maxim, contos do “príncipe de aço”, que forjava exércitos e derretia corações. E sabia que, mesmo nos dias de hoje, o rei viajava duas vezes por ano para as fronteiras para atizar o fogo no coração do exército.

— Espero que nada tenha acontecido aos nossos convidados — disse o rei Maxim.

— Talvez tenham se perdido — refletiu Rhy.

— Se tivéssemos essa sorte — murmurou Kell.

A rainha Emira lançou-lhes um olhar penetrante e Kell quase riu. Era uma censura muito simples e maternal.

Por fim, as trombetas soaram e as portas se abriram.

— Finalmente — murmurou Rhy.

— Príncipe Col e Princesa Cora — anunciou um criado, a voz ecoando pelo salão — da Casa Taskon, família governante de Vesk.

Os irmãos Taskon entraram flanqueados por uma dezena de acompanhantes. Eram impressionantes, vestidos com roupas largas em verde e prata e mantos elegantes adejando atrás deles. Col tinha 18 anos agora, dois anos mais velho que Cora.

— Majestades — disse o príncipe Col, um jovem robusto cujo arnesiano era carregado de sotaque.

— Nos sentimos bem-vindos em sua cidade — acrescentou a princesa Cora com uma reverência e um sorriso angelical.

Kell lançou a Rhy um olhar que dizia: *Jura? Esta é a garota de quem você tem tanto medo?*

Rhy atirou de volta um que dizia: *Você também deveria estar.*

Kell olhou novamente para a princesa Cora, agora tentando avaliá-la. A princesa quase não parecia forte o suficiente para segurar a taça de espumante. Sua cascata de cabelos loiros cor de mel estava arrumada em uma trança elaborada que circundava sua cabeça como uma coroa, adornada com esmeraldas.

Ela era delgada para uma veskana. Era alta, mas com a cintura fina, esbelta de uma forma que se encaixaria melhor na corte arnesiana. Rhy tinha sido autorizado a acompanhar sua mãe ao *Essen Tasch* em Vesk, três anos antes, então ele a vira crescer. Mas Kell, confinado à cidade, só acompanhara o torneio nos anos em que Arnes o havia sediado. Quando os Jogos foram realizados lá, seis anos antes, o príncipe Col tinha vindo junto com um de seus outros irmãos.

Da última vez que Kell vira *Cora*, há doze anos, ela era uma criança pequena.

Agora, os olhos azuis pálidos dela haviam divagado e subido até pousar nos olhos de dois tons de Kell e ali ficaram. Ele estava tão acostumado a ter as pessoas evitando seu olhar, a ter seus próprios olhos fugindo dos demais para encontrar um local seguro, que a intensidade da princesa o pegara desprevenido, e ele teve que lutar contra a súbita vontade de desviar o olhar.

Enquanto isso, um criado carregara um objeto grande, envolto em um pano verde pesado, até o estrado do trono, e o colocara no degrau. Afastando o pano com um gesto dramático, o criado revelou um pássaro dentro de uma gaiola. Não era um imitador multicolorido nem um pássaro canoro, ambos favoritos da corte arnesiana, mas algo mais... *predatório*. Era enorme e prateado, exceto por sua cabeça, que tinha uma pluma e um colarinho pretos. Seu bico parecia afiado.

— Um agradecimento — anunciou o príncipe Col — por nos convidar à sua casa.

Col compartilhava a tez de Cora e nada mais. Se ela era alta, ele era mais alto. Se ela era esbelta, ele tinha a estrutura de um touro. Um touro muito bonito, mas, ainda assim, havia algo de taurino e agressivo em sua atitude e expressão.

— Gratidão — falou o rei, acenando com a cabeça para mestre Tieren, que avançou e pegou a gaiola.

Ele iria para o santuário, supôs Kell, ou seria libertado. Um palácio não era lugar para animais selvagens.

Kell acompanhou a troca com o canto dos olhos, sua atenção ainda presa pela princesa, cujo olhar permanecia atrelado ao dele, como se estivesse hipnotizada pelo seu olho preto. Ela parecia o tipo de garota que apontava para alguma coisa, ou mesmo para alguém, e dizia: *Eu quero um daqueles*. A ideia era quase divertida, até Kell se lembrar das palavras de Astrid: *Eu seria sua dona, garoto de flores*. Então o humor dele ficou gélido. Kell deu um leve passo para trás, recuando quase imperceptivelmente.

— Nossa casa será sua — afirmou o rei Maxim.

Tudo parecia um roteiro.

— E se os deuses nos favorecerem — disse o príncipe Col com um sorriso —, assim também será o seu torneio.

Rhy se eriçou, mas o rei simplesmente riu.

— Veremos o que vai acontecer — falou Maxim com um sorriso cordial que Kell sabia que era falso. O rei não se importava com o príncipe Col, nem com qualquer outro membro da família real veskana. O verdadeiro perigo residia em Faro. Em lorde Sol-in-Ar.

Como se reagindo a uma deixa, as trombetas voltaram a soar, então o séquito de Vesk pegou seus copos de vinho e se afastou.

— Lorde Sol-in-Ar, regente de Faro — anunciou o criado enquanto as portas se abriam.

Ao contrário dos veskanos, cuja comitiva os cercava, Sol-in-Ar entrou na frente, seus homens atrás dele em formação. Estavam todos vestidos em estilo faroense, que consistia em um único pedaço de tecido complexamente dobrado em volta do corpo, a extremidade da cauda jogada para trás sobre um dos ombros, como uma capa. Todos os seus homens trajavam um roxo vivo, acentuado por preto e branco, ao passo que Sol-in-Ar usava branco, as bordas do tecido enfeitadas com azul-índigo.

Como todos os faroenses de destaque, ele estava barbeado, possibilitando uma visão completa das contas colocadas em seu rosto. Porém, ao contrário da maioria, que preferia vidro ou pedras preciosas, a

ornamentação de lorde Sol-in-Ar parecia ser de ouro branco, partículas em forma de diamante que tracejavam caminhos de suas têmporas até a garganta. Seu cabelo preto estava cortado bem rente, e uma única lágrima maior de ouro branco se destacava em sua testa, logo acima das sobrancelhas, marcando-o como realeza.

— Como será que eles escolhem? — Rhy tinha se perguntado em voz alta, anos antes, segurando um rubi na testa. — Quero dizer, papai fala que o *número* de gemas tem um significado social, mas aparentemente a cor é um mistério. Duvido que seja arbitrário. Talvez se fosse em Vesk, mas nada nos faroenses parece aleatório. O que significa que as cores devem significar *alguma coisa*.

— Isso importa? — perguntara Kell, cansado.

— É lógico que importa — ralhara Rhy. — É como saber que há uma língua que você não fala, e não há ninguém disposto a ensiná-la a você.

— Talvez seja secreto.

Rhy inclinara a cabeça e franzira a testa para evitar que o rubi caísse.

— Como estou?

Kell resfolegara.

— Ridículo.

Mas nada havia de ridículo em lorde Sol-in-Ar. Ele era alto — vários centímetros mais alto do que os homens de sua guarda —, com um queixo bem delineado e um aspecto rígido. Sua pele era da cor do carvão, seus olhos eram verdes, pálidos e afiados como vidro quebrado. Era irmão mais velho do rei de Faro, comandante da frota faroense, responsável pela unificação dos territórios que uma vez foram dispersos e considerado responsável pela maior parte do pensamento estratégico por trás do trono.

E incapaz de governar, por falta de magia. Ele mais do que compensara aquilo com suas proezas militares e olho atento para a ordem, mas Kell sabia que o fato deixava Rhy pouco à vontade.

— Seja bem-vindo, lorde Sol-in-Ar — disse o rei Maxim.

O regente de Faro assentiu, mas não sorriu.

— Sua cidade brilha — disse ele simplesmente.

Seu sotaque era pesado e suave, como uma pedra de rio. Ele acenou com a mão, e dois assistentes transportaram um par de vasos com mudas de planta, cuja casca era preta como tinta. As mesmas árvores que marcavam o selo real de Faro, assim como o pássaro era o símbolo de

Vesk. Kell tinha ouvido falar das bétulas de Faro, árvores raras que supostamente tinham propriedades medicinais, até mesmo mágicas.

— Um presente — disse ele calmamente. — Para que as coisas boas possam florescer.

O rei e a rainha curvaram suas cabeças em agradecimento, e o olhar de lorde Sol-in-Ar varreu todo o estrado, passando por Rhy e pousando em Kell por apenas um instante antes de ele se curvar e recuar. Com isso, o rei e a rainha desceram de seus tronos, pegando copos de espumante na descida. O restante da sala se moveu para imitar o movimento, e Kell suspirou.

Ficar ali em exibição já era doloroso o suficiente.

Agora vinha a tarefa verdadeiramente pesada de socializar.

Rhy estava claramente protegendo-se da princesa, que tinha passado o último encontro tentando roubar beijos e colocar flores no cabelo dele, mas a preocupação de Rhy acabou por se provar vazia: ela tinha outra presa em vista. *Reis*, praguejou Kell em sua mente, agarrando uma taça de vinho enquanto ela se aproximava.

— Príncipe Kell — falou ela, abrindo um sorriso infantil. Ele não se incomodou em dizer que ela deveria dirigir-se a ele como *mestre*, não *príncipe*. — Você dançará comigo nos bailes noturnos.

Ele não tinha certeza se o arnesiano dela era simplesmente limitado ou se ela pretendia ser tão direta, mas Rhy lançou a Kell um olhar que dizia que passara meses se preparando para este torneio, que era uma demonstração de política e diplomacia, que todos estariam fazendo sacrifícios e que preferiria esfaquear a si mesmo do que deixar o irmão colocar a paz do império em perigo ao negar uma dança à princesa.

Kell conseguiu sorrir e fez uma mesura.

— É claro, Alteza — disse ele, acrescentando em veskano: — *Gradaich an'ach*.

O prazer é meu.

O sorriso dela se alargou quando ela acenou para um de seus atendentes.

Rhy inclinou-se.

— Parece que não sou eu quem precisa de proteção, afinal. Você sabe... — Ele tomou um gole de vinho. — Seria uma união interessante...

Kell manteve o sorriso.

— Vou atacar você com este broche.

— Você sofreria também.

— Valeria a pena... — Ele foi interrompido pela aproximação de lorde Sol-in-Ar.

— Príncipe Rhy — disse o regente, reverenciando-o com a cabeça. Rhy endireitou-se, então fez uma mesura.

— Lorde Sol-in-Ar — falou Rhy. — *Hasanal rasnavoras ahas.*

Sua presença honra nosso reino.

Os olhos do regente se arregalaram de surpresa.

— *Amun shahar* — disse ele antes de voltar para o arnesiano. — Seu faroense é excelente.

O príncipe corou. Ele sempre tivera um bom ouvido para idiomas. Kell também tinha um ótimo conhecimento de faroense, graças a Rhy preferir ter alguém com quem praticar, mas nada disse.

— Você teve o trabalho de aprender nossa língua — falou Rhy. — É no mínimo respeitoso retribuir. — E então, com um sorriso de desarmar qualquer um, acrescentou: — Além disso, sempre achei a língua faroense linda.

Sol-in-Ar assentiu, seu olhar voltando-se para Kell.

— E você — disse o regente. — Você deve ser o *Antari* arnesiano.

Kell curvou a cabeça, mas, quando olhou para cima, Sol-in-Ar ainda estava examinando-o, da cabeça aos pés, como se a marca de sua magia não estivesse desenhada apenas em seu olho, mas em cada centímetro dele. Quando finalmente sua atenção se fixou no rosto de Kell, ele franziu o cenho levemente, fazendo com que a gota de metal na testa brilhasse.

— *Namunast* — murmurou ele. *Fascinante.*

No instante em que Sol-in-Ar se foi, Kell terminou seu vinho com um único gole e depois se retirou pelas portas abertas do Rose Hall antes que alguém pudesse detê-lo.

Ele tinha visto membros da realeza mais do que suficientes por um dia.

V

O rio estava ficando vermelho.

Quando o *Night Spire* chegou à foz do Atol, Lila conseguiu distinguir apenas uma tonalidade sutil da água, só visível à noite. Agora, com a cidade se aproximando rapidamente, a água brilhava como um rubi iluminado de dentro para fora, a luz vermelha visível até mesmo ao meio-dia. Era como um farol guiando-os para Londres.

Em um primeiro momento, ela pensou que a luz do rio fosse algo constante, uniforme, mas agora notava — após meses de treinamento para ver, sentir e pensar sobre a magia como uma coisa viva — que pulsava sob a superfície, como um relâmpago atrás de camadas de nuvens.

Ela se debruçou no parapeito e revirou o fragmento de pedra pálida entre seus dedos. O objeto só estava com ela desde que enfrentara os gêmeos Dane na Londres Branca, mas as bordas já começavam a ficar lisas. Ela tentou fazer com que as mãos ficassem paradas, mas havia muita energia nervosa e nenhum lugar para onde pudesse fluir.

— Chegaremos ao anoitecer — disse Alucard ao lado dela. O pulso de Lila disparou. — Se há algo que você queira me contar sobre sua saída da cidade, agora é a hora. Bem, na verdade, qualquer momento dos últimos quatro meses teria sido a hora, agora é a última chance, mas...

— Não comece — resmungou Lila, guardando o fragmento de pedra de volta em seu bolso.

— Todos temos demônios, Bard. Mas se o seu estiver esperando lá...

— Meus demônios estão todos mortos.

— Então eu a invejo. — O silêncio desceu entre eles. — Você ainda está zangada comigo.

Ela se endireitou.

— Você tentou me seduzir, para obter *informações*.

— Você não pode jogar isso na minha cara para sempre.

— Isso aconteceu *ontem à noite*.

— Bem, eu estava ficando sem opções e achei que valeria a pena tentar.

Lila revirou os olhos.

— Você realmente sabe como fazer uma garota se sentir especial.

— Pensei que estivesse em apuros precisamente por fazer você se sentir especial.

Lila bufou, soprando o cabelo de seus olhos. Ela voltou a observar o rio e ficou surpresa quando Alucard permaneceu ali, apoiando os cotovelos no parapeito ao lado dela.

— *Você* está animado para voltar? — perguntou ela.

— Gosto muito de Londres — respondeu ele.

Lila esperou que ele continuasse, mas ele não o fez. Em vez disso, começou a esfregar os pulsos.

— Você faz isso — disse Lila, acenando com a cabeça para as mãos dele — sempre que está pensando.

Ele parou.

— Ainda bem que não tenho o hábito de pensar profundamente.

Com os cotovelos ainda apoiados no parapeito, ele virou as mãos com as palmas para cima, deixando os punhos de sua túnica subirem para que Lila pudesse ver as marcas em seus pulsos. Na primeira vez que os notara, ela pensou serem apenas sombras, mas, de perto, percebeu que eram cicatrizes.

Ele cruzou os braços e tirou um cantil do bolso de dentro de seu casaco. Era feito de vidro, o líquido rosa-claro chacoalhando lá dentro. Alucard nunca parecera ser fã da sobriedade, porém, quanto mais perto chegavam da cidade, mais ele bebia.

— Estarei sóbrio de novo quando atracarmos — disse ele, lendo o olhar de Lila. A mão que estava livre voltou para seu pulso.

— É um trejeito — falou ela. — Seus pulsos. Por isso falei neles. As pessoas devem sempre conhecer os trejeitos que denunciam seus blefes.

— E qual é o seu, Bard? — perguntou, oferecendo-lhe o cantil.

Lila o pegou, mas não bebeu. Em vez disso, ergueu a cabeça.

— Por que você não me diz?

Alucard virou o corpo na direção dela e apertou os olhos, como se pudesse ver a resposta no ar ao redor de Lila. Seus olhos azuis se arregalaram, parodiando uma revelação.

— Você coloca o cabelo atrás da orelha — disse ele. — Mas só do lado direito. Sempre que está nervosa. Suponho que seja para evitar que fique mexendo nele.

Lila lhe deu um sorriso de má vontade.

— Você percebeu o gesto, mas errou o motivo.

— Esclareça, então.

— As pessoas tendem a se esconder atrás de suas feições quando estão nervosas — explicou ela. — Coloco meu cabelo atrás da orelha para mostrar ao meu oponente, alvo ou adversário, como preferir, que eu não estou escondendo coisa alguma. Olho-os nos olhos e deixo que olhem nos meus.

Alucard ergueu uma sobrancelha.

— Bem, no seu *olho*.

O cantil se quebrou na mão de Lila. Ela sibilou, primeiro em estado de choque, depois com a dor que a bebida provocou ao queimar a palma de sua mão. Ela soltou o cantil, que caiu em pedaços pelo convés.

— O que você disse? — sussurrou ela.

Alucard ignorou a pergunta. Ele balançou e brandiu o pulso, fazendo com que os estilhaços quebrados pairassem no ar acima de seus dedos. Lila levou a palma da mão sangrenta ao peito, mas Alucard estendeu a outra mão.

— Permita-me — pediu ele, pegando o pulso dela e virando-o gentilmente para expor os cortes superficiais.

O vidro brilhava em sua palma, mas, conforme os lábios dele se moviam, as partículas e os fragmentos flutuaram para se juntar aos pedaços maiores que já estavam no ar. Com um contrair de dedos, ele afastou os cacos, que caíram silenciosamente do lado de fora do barco.

— Alucard — rosnou ela. — O que você disse?

A mão de Lila ainda estava descansando sobre a dele.

— Seu trejeito — falou ele, inspecionando os cortes. — É sutil. Você tenta disfarçar erguendo a cabeça e estabilizando o olhar, mas na verdade está fazendo isso para compensar a lacuna em sua visão. — Ele tirou um pedaço de tecido preto da manga da própria camisa e começou a envolver

a mão dela. Ela permitiu. — E o cabelo — acrescentou, amarrando a bandagem improvisada com um nó. — Você só o coloca para trás da orelha do lado *direito*, para distrair as pessoas. — Ele soltou sua mão. — É tão sutil que duvido que muitos tenham percebido.

— Você percebeu — murmurou.

Alucard estendeu a mão, ergueu o queixo dela com os nós dos dedos e olhou-a nos olhos. Olho.

— Sou extraordinariamente perspicaz — disse ele.

Lila cerrou os punhos, concentrando-se na dor que florescia ali.

— Você é uma ladra incrível, Lila — falou ele —, especialmente con...

— Não se atreva a dizer *considerando* — explodiu ela, desvencilhando-se dele. Ele a respeitava o suficiente para não desviar o olhar. — Eu sou uma ladra incrível, Alucard. Isto — disse ela, gesticulando para seu olho — não é uma fraqueza. Não tem sido há muito tempo. E, mesmo que fosse, eu mais do que a compenso.

Alucard sorriu. Um sorriso pequeno, porém genuíno.

— Todos nós temos cicatrizes — falou ele, e, antes que ela pudesse se conter, olhou para os pulsos dele. — É verdade — continuou ele, percebendo o olhar —, até mesmo capitães encantadores. — Ele puxou novamente os punhos da camisa, revelando uma pele lisa e bronzeada interrompida apenas pelas faixas prateadas ao redor de ambos os pulsos. Eram estranhamente uniformes. Na verdade, pareciam quase...

— Algemas — confirmou ele.

Lila franziu o cenho.

— Pelo quê?

Alucard encolheu os ombros.

— Um dia ruim. — Ele deu um passo para trás e se recostou numa pilha de engradados. — Sabe o que os arnesianos fazem com os piratas que capturam? — perguntou ele, casualmente. — Aqueles que tentam escapar?

Lila cruzou os braços.

— Pensei que você tivesse dito que não era pirata.

— Não sou. — Ele acenou com a mão. — Não mais. Mas somos todos uns tolos na juventude. Digamos que eu estava no lugar errado, na hora errada e do lado errado.

— O que eles fazem? — perguntou Lila, curiosa.

Alucard desviou o olhar para o rio.

— Os carcereiros usam um sistema eficiente de dissuasão. Eles mantêm todos os prisioneiros algemados, presos antes mesmo de ouvir sua apelação. São coisas pesadas, fundidas no pulso, mas não tão ruins como podem parecer. No entanto, se você faz muito barulho ou começa uma briga, eles simplesmente aquecem o metal. Não demais. A primeira vez é na verdade apenas um aviso. Mas, se for sua segunda ou terceira ofensa, ou se você for tolo o suficiente para tentar escapar, é muito pior. — De alguma forma, os olhos de Alucard estavam penetrantes e vazios ao mesmo tempo, como se ele estivesse focalizando, mas em algo além, algo muito distante. A voz dele tinha uma sonoridade estranhamente uniforme enquanto continuava. — É um método bastante simples. Eles pegam uma barra de metal direto do fogo e tocam no punho de ferro até ficar quente. Quanto pior a ofensa, mais tempo eles mantêm a barra encostada nos punhos. Na maioria das vezes, param quando você começa a gritar ou quando veem que a pele começou a queimar...

A imagem de Alucard Emery veio à mente de Lila, porém não aquele com o casaco de capitão impecável, mas machucado e derrotado, o cabelo castanho grudado no rosto recoberto de suor, as mãos amarradas enquanto tentava se afastar do ferro quente. Tentando usar seu charme para se livrar da enrascada. Mas obviamente não funcionara, então ela imaginou o som dele implorando, o cheiro de carne queimada, os gritos...

— O problema — continuou Alucard — é que o metal aquece muito mais rápido do que esfria, então a punição não termina quando recolhem a barra.

Lila sentiu-se enjoada.

— Sinto muito — disse ela, embora odiasse aquelas palavras, odiasse a piedade que as acompanhava.

— Eu não — falou ele, simplesmente. — Todo bom capitão precisa de suas cicatrizes. Mantém os homens na linha.

Ele disse isso de forma muito casual, mas ela podia ver os traços da memória em seu rosto. Sentiu o mais estranho desejo de estender a mão e tocar o pulso de Alucard, como se o calor ainda pudesse estar emanando da pele.

Em vez disso, ela perguntou:

— Por que você se tornou um pirata?

Ele lançou para ela aquele sorriso recatado.

— Bem, parecia a melhor no meio de várias más ideias.

— Mas não deu certo.

— Você é muito perspicaz.

— Então, como você escapou?

A safira cintilou acima do olho dele.

— Quem disse que eu escapei?

Nesse momento, o grito correu pela tripulação.

— Londres!

Lila se virou e viu a cidade erguendo-se como fogo por entre a luz desvanecente.

O coração dela disparou, e Alucard empertigou-se, levantando as costas e deixando as mangas da túnica deslizarem sobre seus pulsos.

— Certo — falou ele, seu sorriso libertino de volta ao rosto. — Parece que chegamos.

VI

O *Night Spire* atracou ao pôr do sol.

Lila ajudou a amarrar as cordas guias e a colocar as rampas, sua atenção se desviando para as dezenas de navios elegantes que enchiam as margens do Atol. Os ancoradouros da Londres Vermelha eram um emaranhado de energia e pessoas, caos e magia, risos e decadência. Apesar do frio de fevereiro, a cidade irradiava calor. Ao longe, o palácio real erguia-se como um segundo sol sobre a escuridão que se instalava.

— Bem-vinda de volta — disse Alucard, roçando o ombro no dela enquanto carregava um baú para o píer.

Ela levou um susto quando viu Esa sentada no topo, com os olhos violeta arregalados e a cauda balançando.

— Ela não deveria ficar no barco? — A orelha da gata se contraiu, e Lila sentiu que tinha acabado de perder qualquer inclinação favorável que a gata estivesse formando em relação a ela.

— Não seja ridícula — disse Alucard. — O navio não é lugar para uma gata. — Lila estava prestes a apontar que a gata havia estado a bordo do navio por todo o tempo em que ela própria estivera quando ele acrescentou: — Eu gosto de manter meus objetos de valor comigo.

Lila se interessou. Os gatos eram tão preciosos ali? Ou raros? Ela nunca tinha visto outro, mas no pouco tempo em que estivera em terra não estivera exatamente procurando por eles.

— Ah, é?

— Não gosto desse olhar — disse Alucard, virando o baú e a gata para o outro lado.

— Que olhar? — perguntou Lila inocentemente.

— O olhar que diz que Esa poderia desaparecer de repente se eu lhe disser o quanto ela vale. — Lila bufou. — Mas se lhe interessa, ela só é

inestimável porque eu mantenho meu coração dentro dela, para que ninguém possa roubá-lo. — Ele sorriu ao dizer isso, mas Esa sequer piscou.

— É mesmo?

— Na verdade — explicou ele, colocando o baú em um carrinho —, ela foi um presente.

— De quem? — perguntou Lila, sem conseguir se conter.

Alucard sorriu maliciosamente.

— Ah, de repente você está pronta para compartilhar segredos? Devemos começar a negociar perguntas e respostas?

Lila revirou os olhos e foi ajudar os homens a desembarcar mais baús. Alguns tripulantes ficariam no *Spire* enquanto o resto iria para uma hospedaria. Com o carrinho carregado, Alucard apresentou seus papéis a um guarda de armadura reluzente, e Lila deixou seu olhar vagar pelos outros navios. Alguns eram adornados, outros, simples, mas todos eram, à sua maneira, impressionantes.

E então, dois navios à frente, Lila viu uma figura descendo de uma embarcação arnesiana. Uma *mulher*. E não do tipo que Lila sabia que frequentava navios. Estava de calças e um casaco sem gola, com uma espada pendurada na cintura.

A mulher começou a descer o píer em direção ao *Spire*, e havia algo animalesco na maneira como se movia. *Espreitando*. Ela era mais alta que Lila, na verdade mais alta do que Alucard, com traços afiados como os de uma raposa, e tinha uma juba (não havia palavra melhor para descrever) de cabelo castanho-avermelhado selvagem. Grandes mechas não exatamente trançadas, mas torcidas em torno de si mesmas de forma que ela se parecia tanto com um leão quanto com uma cobra. Talvez Lila devesse ter se sentido ameaçada, mas estava muito ocupada ficando maravilhada.

— *Aquela* é uma capitã que não se deve provocar — sussurrou Alucard no ouvido de Lila.

— Alucard Emery — disse a mulher quando chegou perto deles. Sua voz tinha uma ligeira aspereza do mar, e seu arnesiano era cheio de arestas. — Não o vejo nas terras de Londres há algum tempo. Presumo que esteja aqui para o torneio.

— Você me conhece, Jasta. Não consigo recusar uma chance de me fazer de bobo.

Ela riu, produzindo um som como o de sinos enferrujados.

— Algumas coisas nunca mudam.

Ele fez uma careta de brincadeira.

— Isso significa que não vai apostar em mim?

— Verei se consigo dispor de alguns trocados — retrucou ela. E, com isso, Jasta prosseguiu, suas armas tilintando como moedas.

Alucard se inclinou para Lila.

— Um conselho, Bard. Nunca desafie aquela mulher para beber. Ou para uma luta de espadas. Ou qualquer coisa em que você possa perder. Porque vai.

Mas Lila mal o ouvia. Ela não conseguia desviar o olhar de Jasta enquanto a mulher se afastava pelas docas, um punhado de homens lascivos a seguindo.

— Nunca vi uma capitã.

— Não há muitas em Arnes, mas é um mundo grande — falou Alucard. — É mais comum de onde ela vem.

— E de onde ela vem?

— Jasta? Ela é de Sonal. Lado oriental do império. Acima da fronteira de Vesk, e é por isso que ela parece...

— Grandiosa.

— Exatamente. E não vá procurar um novo navio. Se você tivesse feito aquele show para entrar no navio *dela*, ela teria cortado sua garganta e jogado você ao mar.

Lila sorriu.

— O meu tipo de capitã.

* * *

— Chegamos — anunciou Alucard quando alcançaram a hospedaria.

O nome do lugar era *Is Vesnara Shast*, que significava Wandering Road, ou Estrada Errante. O que Lila não sabia, até ver o mal-estar de Lenos, era que a palavra arnesiana *shast*, traduzida para o inglês *road*, podia significar tanto *estrada* quanto *alma*. Ela achou a alternativa um pouco inquietante, e a atmosfera da hospedaria pouco contribuiu para aliviar a sensação.

Era uma estrutura velha e torta que lembrava caixas empilhadas caoticamente umas sobre as outras. Ela não havia notado em seu curto período de estadia na Londres Vermelha, no outono passado, que a maioria dos prédios pareciam novos. Na verdade, a hospedaria lembrou-lhe um pouco os lugares em que havia morado, na Londres Cinza. Pedras velhas que começavam a se assentar, pisos que começavam a ranger.

O salão principal estava abarrotado de mesas, cada uma, por sua vez, repleta de marinheiros arnesianos, e a maioria parecia ter tomado várias canecas apesar do fato de que era apenas o pôr do sol. Uma única lareira queimava na parede mais distante, um cão lebel irlandês esparramado na frente dela, mas o cômodo estava repleto de pessoas.

— Estamos vivendo no luxo, não estamos? — resmungou Stross.

— Temos camas — disse Tav, sempre otimista.

— Tem certeza disso? — perguntou Vasry.

— Alguém substituiu minha tripulação durona por um bando de crianças choronas? — repreendeu Alucard. — Devo ir buscar algo para amamentar você, Stross?

O primeiro imediato resmungou, mas nada mais disse quando o capitão entregou-lhes as chaves. Quatro homens para um quarto. Mas, apesar dos espaços apertados e do fato de que a hospedaria parecia ter excedido sua capacidade, Alucard conseguira pegar um quarto apenas para si.

— Privilégio de capitão — disse ele.

Quanto a Lila, dividiria o quarto com Vasry, Tav, e Lenos.

O grupo se dispersou, levando os baús até seus aposentos. A Wandering Road era, como o nome sugeria, uma confusão emaranhada de corredores e escadarias que parecia desafiar várias leis da natureza de uma só vez. Lila se perguntou se havia algum tipo de feitiço na hospedaria ou se era simplesmente peculiar. Era o tipo de lugar onde você poderia facilmente se perder, e ela só podia imaginar que ficaria mais confuso conforme a noite e a bebedeira avançassem. Alucard chamava isso de *excêntrico*.

O quarto dela tinha quatro pessoas, mas apenas duas camas.

— Isso vai ser aconchegante — falou Tav.

— Não — disse Lila em um arnesiano decidido e abrupto. — Eu não divido a cama...

— *Tac?* — provocou Vasry, jogando seu baú no chão. — Certamente podemos dar um jeito de...

— ... porque tenho o hábito de esfaquear as pessoas enquanto durmo — terminou ela, friamente.

Vasry teve a decência de empalidecer um pouco.

— Bard pode ficar com uma cama — disse Tav. — Vou ficar no chão. E Vasry, quais são as chances de você realmente passar suas noites aqui conosco?

Vasry piscou seus longos cílios pretos.

— É mesmo.

Até então, Lenos nada dissera. Nem quando pegaram a chave, nem quando subiram as escadas. Ele abraçou a parede, obviamente nervoso por estar compartilhando o aposento com o Sarows. Tav era o mais resiliente, mas, se ela jogasse bem suas cartas, provavelmente poderia ter o quarto somente para si na noite seguinte.

Não era um cômodo ruim. Tinha aproximadamente o mesmo tamanho de sua cabine, que era aproximadamente do mesmo tamanho de um armário, mas quando ela olhou pela janela estreita pôde ver a cidade, o rio e o palácio arqueado sobre ele.

E a verdade era que era bom estar de volta.

Ela calçou suas luvas, colocou um chapéu e retirou um pacote de seu baú antes de sair. Fechou a porta assim que Alucard saiu de um quarto do outro lado do corredor. A cauda branca de Esa enrolou-se em torno de sua bota.

— Para onde você está indo? — perguntou ele.

— Para o Mercado Noturno.

Ele levantou uma sobrancelha enfeitada com uma safira.

— Mal voltou ao solo de Londres e já está gastando suas moedas?

— O que posso dizer? — perguntou Lila. — Preciso de um vestido novo.

Alucard bufou, mas não forçou o assunto. E, embora a tenha seguido até a escada, ele não a seguiu do lado de fora da hospedaria.

Pela primeira vez em meses, Lila estava realmente sozinha. Ela respirou fundo e sentiu seu peito amainar quando deixou de lado Bard, a melhor ladra a bordo do *Night Spire*, e se tornou simplesmente uma estranha na escuridão.

Ela passou por várias tábuas de divinação que anunciavam o *Essen Tasch*, o giz branco dançando sobre a superfície escura enquanto escrevia detalhes sobre as várias cerimônias e celebrações. Algumas crianças pairavam ao redor de uma poça, congelando-a e descongelando-a. Um homem de Vesk acendeu um cachimbo com um estalar de dedos. Uma mulher faroense, de alguma forma, mudou a cor de seu lenço simplesmente passando os dedos nele.

Para qualquer lugar que Lila olhasse, via sinais de magia.

Quando estava navegando era uma visão bastante rara, não tão estranha quanto teria sido na Londres Cinza, evidentemente; mas aqui estava em toda parte. Lila tinha esquecido o jeito como a Londres Vermelha brilhava com magia, e, quanto mais tempo ela passava ali, mais percebia que Kell realmente não pertencia àquele lugar. Não se encaixava aos estrondos de cor, às risadas, ao estardalhaço e ao cintilar da magia. Ele era discreto demais.

Ali era um lugar para performances. E isso era adequado para Lila.

Não era tarde, mas a escuridão do inverno já havia se instalado sobre a cidade quando ela chegou perto do Mercado Noturno. O trecho de barracas ao longo da margem do rio parecia *brilhar*, iluminado não apenas pelas lanternas e tochas de sempre, mas também por pálidas esferas de luz que seguiam os frequentadores do mercado aonde quer que fossem. A princípio, parecia que eles próprios estavam brilhando. Não da cabeça aos pés: era algo que parecia emanar de seu núcleo, como se sua própria força vital de repente tivesse se tornado visível. O efeito era inquietante, centenas de pequenas luzes queimando à frente das capas. Quando ela se aproximou, contudo, percebeu que a luz estava vindo de algo nas mãos deles.

— Fogo de mão? — perguntou um homem na entrada do mercado, segurando uma esfera de vidro cheia de luz pálida. Era quente o suficiente para enevoar o ar em volta de suas bordas.

— Quanto custa?

— Quatro lins.

Não era barato, mas os dedos de Lila estavam gelados, mesmo com as luvas, e ela estava fascinada com a esfera, então pagou ao homem e pegou o orbe, maravilhando-se com o calor suave e difuso que se espalhava por suas mãos e subia por seus braços. Ela embalou o fogo de mão, sorrindo

sem querer. O ar do mercado ainda cheirava a flores, mas também a madeira queimada, canela e frutas. Ela fora uma completa estranha no outono passado — e ainda era uma forasteira, é lógico —, mas agora sabia o suficiente para entender algumas coisas. Letras embaralhadas que não significavam nada para ela meses antes, agora começavam a formar palavras. Quando os mercadores anunciavam seus produtos, ela já era capaz de decifrar seu significado, e, quando a música parecia tomar forma no ar, como por magia, ela sabia exatamente o que era, e isso não a deixou perturbada. Na verdade, ela se sentira deslocada por toda a sua vida, e agora seus pés estavam firmemente plantados.

A maioria das pessoas passeava de barraca em barraca, provando vinho quente e carne assada no espeto, acariciando capuzes de veludo e amuletos mágicos, mas Lila caminhava com a cabeça erguida, cantarolando para si mesma enquanto perambulava entre as tendas e barracas na direção da outra extremidade do mercado. Haveria tempo para passear mais tarde. Nesse momento, ela tinha uma missão.

Mais à frente na margem do rio, o palácio parecia uma lua vermelha. Ali adiante, espremida entre duas outras barracas na extremidade do mercado, perto dos degraus do palácio, ela encontrou a barraca que procurava.

Da última vez que estivera ali, sequer conseguira ler o letreiro montado acima da entrada. Agora ela sabia arnesiano o suficiente para decifrá-lo.

IS POSTRAN.

O Wardrobe.

Simples, porém inteligente. Exatamente como no inglês, a palavra *postran* se referia tanto à roupa quanto ao lugar onde ela era guardada.

Pequenos sinos haviam sido costurados na cortina de tecido que servia como porta, e eles soaram suavemente quando Lila empurrou o pano para o lado. Entrar na tenda era como cruzar a soleira para entrar em uma casa bem aquecida. Lanternas queimavam nos cantos, emitindo não apenas uma luz rosada, como uma gloriosa quantidade de calor. Lila examinou a tenda. Certa vez a parede de trás havia estado recoberta de rostos, mas agora estava revestida com coisas de inverno: chapéus, cachecóis, capuzes e alguns acessórios que pareciam unir todos os três.

Uma mulher roliça, com o cabelo castanho enrolado na cabeça em um coque trançado, estava ajoelhada diante de uma das mesas, procurando por algo embaixo dela.

— *An esto* — pediu ela ao ouvir o som dos sinos, então praguejou baixinho para o que quer que houvesse escapado: — A-ha! — disse ela afinal, enfiando uma bugiganga de volta no bolso antes de se levantar. — *Solase* — disse ela, ajeitando-se enquanto se virava. — *Kers...* — Então parou e abriu um sorriso.

Fazia quatro meses que Lila havia entrado na tenda de Calla para admirar as máscaras ao longo da parede. Quatro meses desde que a comerciante lhe dera um rosto de diabo, um casaco e um par de botas: o começo de uma nova identidade. Uma nova vida.

Quatro meses, mas os olhos de Calla se iluminaram instantaneamente ao reconhecê-la.

— Lila — falou ela, estendendo o único “i” em vários deles.

— Calla — disse Lila. — *As esher tan ves.*

Eu espero que esteja bem.

A mulher sorriu.

— Seu arnesiano — falou ela em inglês — está melhorando.

— Não rápido o suficiente — retrucou Lila. — Seu ilustre real é impecável, como sempre.

— *Tac* — repreendeu Calla, alisando a frente de seu avental escuro.

Lila sentiu uma afeição peculiar pela mulher, um afeto que deveria lhe ter causado nervosismo, mas ela não conseguiu se obrigar a reprimir o sentimento.

— Você sumiu.

— Fui para o mar — respondeu Lila.

— Parece que você atracou junto com metade do mundo — disse Calla, cruzando para a frente da tenda e fechando a cortina. — E bem a tempo para o *Essen Tasch*.

— Não é coincidência.

— Então você veio assistir — concluiu ela.

— Meu capitão está competindo — respondeu Lila.

Calla arregalou os olhos.

— Você navega com Alucard Emery?

— Conhece ele?

Calla deu de ombros.

— Reputações são coisas barulhentas. — Ela acenou com a mão no ar, como se estivesse afastando fumaça. — O que a traz à minha barraca? Precisa de um casaco novo? Talvez verde. Ou azul. O preto está fora de moda neste inverno.

— Não me importo — declarou Lila. — Você nunca vai me separar do meu casaco.

Calla riu e correu um dedo pela manga de Lila, explorando.

— Está aguentando bem. — E então estalou a língua entre os dentes, emitindo um som de desaprovação. — Só os santos sabem o que você tem feito com ele. Isso é um corte de *faca*?

— Ficou preso em um prego — mentiu ela.

— *Tac*, Lila, meu trabalho não é tão frágil.

— Bem — admitiu a garota —, pode ter sido uma pequena faca.

Calla sacudiu a cabeça.

— Primeiro invade castelos intempestivamente e agora briga pelos mares. Você é uma garota muito peculiar. *Anesh*, o mestre Kell é um garoto peculiar, então o que eu sei...

Lila corou com a insinuação.

— Não esqueci da minha dívida — disse ela. — Eu vim pagá-la. — E então pegou uma pequena caixa de madeira. Era uma coisa elegante, incrustada de vidro. Dentro, a caixa estava forrada com seda preta e dividida em nichos. Um continha pérolas de fogo, outro, um carretel de fio de prata, fivelas de pedra violeta e minúsculas penas de ouro, extremamente delicadas. Calla emitiu um suspiro curto e agudo ao ver o tesouro.

— *Mas aven* — sussurrou a mulher. E então olhou para cima. — Perdoe-me por perguntar, mas posso ter certeza de que ninguém virá procurá-los? — Surpreendentemente, quase não havia julgamento implícito na pergunta. Lila sorriu.

— Se você conhece Alucard Emery, então sabe que ele comanda um navio real. Estes objetos foram confiscados de uma embarcação em nossas águas. Eram meus e agora são seus.

Os dedos curtos de Calla percorreram as pequenas joias. Então ela fechou a tampa e guardou a caixa.

— O valor disso é muito alto — falou ela. — Você terá um crédito.

— Fico feliz em ouvir isso — disse Lila. — Porque vim pedir um favor.

— Não é um favor se você comprou e pagou. Em que posso ajudar?

Lila enfiou a mão no casaco e tirou a máscara preta que Calla lhe dera meses antes, a que tinha solidificado sua alcunha de Sarows. Estava desgastada pelo ar salgado e por meses de uso: o couro preto estava recoberto de rachaduras, os chifres não estavam mais tão empertigados para cima, e as fitas que a prendiam corriam o risco de arrebentar.

— Que diabos você tem feito com isso? — repreendeu Calla, seus lábios franzidos com algo como desaprovação materna.

— Você a consertaria?

Calla sacudiu a cabeça.

— É melhor fazer uma nova — disse, afastando a máscara.

— Não — insistiu Lila, esticando a mão para pegá-la. — Eu gosto desta. Certamente você pode reforçá-la.

— Para quê? — perguntou Calla, maliciosamente. — Uma batalha?

Lila mordiscou o lábio, e a vendedora pareceu ler a resposta.

— *Tac*, Lila, existe excentricidade e existe loucura. Você não pode querer competir no *Essen Tasch*.

— Por quê? — provocou Lila. — Isso não é digno de uma dama?

Calla suspirou.

— Lila, quando nos conhecemos, deixei todas as minhas mercadorias à sua escolha, e você escolheu uma máscara de diabo e um casaco de homem. Isso não tem nada a ver com o que é apropriado, mas perigoso. *Anesh*, você também é. — Ela disse isso como se fosse um elogio, embora de má vontade. — Mas não está na lista de participantes.

— Não se preocupe com isso — falou Lila com um sorriso malicioso.

Calla começou a protestar, porém se deteve e sacudiu a cabeça.

— Não, eu não quero saber. — Ela olhou para a máscara de diabo. — Eu não deveria ajudá-la com isso.

— Você não tem que fazer isso — retrucou Lila. — Eu poderia encontrar outra pessoa.

— Você *poderia* encontrar — disse Calla —, mas eles não seriam tão bons.

— Nem *de longe* tão bons — reforçou Lila.

Calla suspirou.

— *Stas reskon* — murmurou. Era uma frase que Lila já havia escutado antes. *Perseguindo o perigo*.

Lila sorriu, pensando em Barron.

— Um amigo me disse uma vez que, se houvesse um problema para ser encontrado, eu o encontraria.

— Nós seríamos amigos, então, seu amigo e eu.

— Acho que seriam — falou Lila, seu sorriso vacilando. — Mas ele se foi.

Calla colocou a máscara de lado.

— Volte daqui a dois dias. Verei o que posso fazer.

— *Rensa tav*, Calla.

— Não me agradeça ainda, menina estranha.

Lila virou-se para ir, mas hesitou ao alcançar a cortina.

— Acabei de chegar — disse, cautelosa —, então ainda não tive tempo de encontrar os príncipes. — Ela olhou para trás. — Como eles estão?

— Certamente você pode ir e ver por si mesma.

— Não posso — falou Lila. — Quer dizer, eu não deveria. Kell e eu, o que tínhamos... Foi um arranjo temporário.

A mulher lançou-lhe um olhar que dizia que não acreditava naquilo nem por um instante. Lila presumiu que era o fim da conversa, então se virou de novo, mas Calla disse:

— Ele veio até mim depois que você se foi. O mestre Kell.

Lila arregalou os olhos.

— Para quê?

— Para pagar a dívida de suas roupas.

O humor de Lila azedou.

— Eu posso pagar minhas próprias dívidas — retrucou, irritada —, e Kell sabe disso.

Calla sorriu.

— Foi exatamente o que eu disse. E ele foi embora. Mas voltou uma semana depois com a mesma oferta. Ele vem toda semana.

— Imbecil — murmurou Lila, mas a vendedora sacudiu a cabeça.

— Você não percebe? — repreendeu Calla. — Ele não estava vindo para pagar sua dívida. Estava vindo para ver se você havia voltado para pagá-la. — Lila sentiu o rosto ficar quente. — Eu não sei por que vocês dois estão circundando um ao outro como estrelas. Não é a *minha* dança

cósmica. Mas sei que vocês vêm aqui um perguntando pelo outro, quando apenas alguns passos e um punhado de escadas os separam.

— É complicado — ponderou Lila.

— *As esta narash* — murmurou ela para si mesma, e Lila agora sabia o suficiente para entender o que ela dissera. *Todas as coisas são.*

VII

Kell passeou pelo Mercado Noturno pela primeira vez em semanas. Ele tinha procurado evitar tais aparições públicas, e seus momentos de rebeldia estavam se tornando raros em comparação àqueles de constrangimento. *Deixe-os pensar o que quiserem* era um pensamento que o visitava com muito menos frequência e ímpeto do que *Eles o veem como um monstro*.

Mas ele precisava de ar, e Rhy, uma vez na vida, estava muito ocupado para entretê-lo. O que era ótimo. Na crescente loucura dos jogos que se aproximavam, Kell simplesmente queria se mover, perambular, e assim ele se pegou passeando pelo mercado sob a proteção pesada das multidões. O influxo de estranhos na cidade lhe proporcionava abrigo. Havia tantos estrangeiros para atrair o olhar dos habitantes locais que assim eles ficavam muito menos propensos a notá-lo. Especialmente porque Kell havia aceitado o conselho de Rhy e trocado seu severo casaco preto por um azul acinzentado que estava mais na moda. E tinha coberto seu cabelo castanho avermelhado com um pesado capuz.

Hastra caminhava ao lado dele, usando roupas comuns. Ele não havia tentado escapar do guarda hoje, e, em troca, o jovem concordara em trocar a armadura vermelha e dourada por algo menos chamativo, ainda que a espada real continuasse guardada na bainha.

Agora, conforme a hesitação inicial dava lugar ao alívio, Kell se viu *desfrutando* o mercado pela primeira vez em muito tempo, movendo-se através da multidão com um feliz nível de anonimato. Isso o deixou impaciente para vestir a máscara de competidor, para se tornar outra pessoa.

Kameroov.

Hastra sumiu e reapareceu alguns minutos depois com uma taça de vinho temperado, oferecendo-a a Kell.

— Onde está o seu? — perguntou Kell, pegando o cálice.

Hastra sacudiu a cabeça.

— Não é apropriado, senhor, beber enquanto estou de guarda.

Kell suspirou. Ele não gostava da ideia de beber sozinho, mas estava precisando muito do vinho. Sua primeira parada não fora no mercado. Ele tinha ido até as docas.

E ali encontrara o inevitável: casco escuro, decorações de prata, velas azuis.

O *Night Spire* tinha voltado para Londres.

O que significava que Alucard Emery estava ali. Em algum lugar.

A ideia de afundar o navio passara pela mente de Kell, mas isso só causaria problemas, e, se Rhy descobrisse, provavelmente daria um chique ou se esfaquearia por despeito.

Assim, ele se conformara em olhar para o *Spire* e deixar sua imaginação fazer o resto.

— Estamos em uma missão, senhor? — sussurrara Hastra. O jovem guarda estava levando muito a sério seu novo papel de confidente e cúmplice.

— Estamos — murmurara Kell, fingindo severidade.

Ele permanecera na sombra de uma loja e franzira o cenho para o navio por vários minutos, sem intercorrências, antes de anunciar que precisava de uma bebida.

E foi assim que Kell terminara no mercado, sorvendo seu vinho e olhando para a multidão sem prestar muita atenção.

— Onde está Staff? — perguntou. — Cansou de ser deixado para trás?

— Na verdade, acho que ele foi enviado para escoltar o lorde Sol-in-Ar.

Escoltar?, pensou Kell. Será que o rei estava assim tão nervoso a respeito do lorde faroense?

Ele começou a andar novamente pelo mercado com Hastra alguns passos atrás.

As multidões ficavam mais densas conforme Kell caminhava, girando em torno dele como a maré. Faroenses com seus tecidos brilhantes e decorados dobrados de forma complexa e suas peles adornadas de joias.

Veskanos enfeitados com faixas de prata e ouro, altos e parecendo ainda mais altos por causa de suas jubas de cabelo. E, evidentemente, os arnesianos, com seus ricos capuzes e capas.

E, em seguida, algumas pessoas que Kell não conseguiu precisar de onde vinham. Alguns com a pele clara o suficiente para serem veskanos, porém com roupas tipicamente arnesianas. Uma figura de pele escura com o cabelo enrolado em tranças veskanas.

O pesadelo flutuou na superfície de sua mente: tantos rostos estranhos, tantos outros quase familiares... Mas ele o sufocou. Um estranho roçou seu braço quando seus caminhos se cruzaram, e Kell se pegou levando as mãos até os bolsos para verificar se faltava alguma coisa, embora nada houvesse ali para roubar.

Tantas pessoas, pensou. Lila furtaria todos os bolsos daqui.

E assim que o pensamento ocorreu, ele viu uma sombra entre a cor e a luz.

Uma figura magra.

Um casaco preto.

Um sorriso afiado.

Kell prendeu a respiração, mas, quando ele piscou, a sombra desapareceu. Apenas outro fantasma projetado pela multidão. Um truque do olhar.

Ainda assim, o vislumbre, mesmo falso, fez com que ele se sentisse inseguro, e o ritmo de seu andar diminuiu o suficiente para interromper o movimento das pessoas ao redor dele.

Hastra logo estava de novo ao lado de Kell.

— O senhor está bem?

Kell acenou com a mão, desdenhando da preocupação dele.

— Estou bem, mas é melhor voltarmos.

Ele partiu na direção da extremidade do palácio, parando apenas quando alcançou a tenda de Calla.

— Espere aqui — ordenou ele a Hastra antes de entrar.

A loja de Calla estava sempre mudando para atender às diferentes necessidades festivas da cidade. O olhar dele percorreu os vários acessórios de inverno que agora revestiam as paredes e cobriam as mesas.

— *Avan!* — gritou a comerciante quando apareceu saída de uma área encortinada perto da parte traseira da barraca, segurando um pedaço de

couro preto em uma das mãos. Calla era baixa e roliça, com o olhar perspicaz de uma mulher de negócios e o calor de madeira em brasa. Seu rosto se iluminou quando ela o viu. — Mestre Kell! — disse ela, curvando-se em uma reverência exagerada.

— Vamos, Calla — falou ele, erguendo-a —, não há necessidade disso. Seus olhos dançavam com mais malícia do que de costume.

— O que o traz à minha loja esta noite, *mas vares*?

Ela dissera as palavras, *meu príncipe*, com tanta bondade que ele não se deu ao trabalho de corrigi-la. Em vez disso, remexeu em uma caixa que estava sobre a mesa, um belo objeto decorado.

— Ah, eu acabei vindo ao mercado e pensei em vir até aqui ver se você está bem.

— Isso me traz muita honra — falou ela, o sorriso se expandindo. — E, se você tiver vindo para saber sobre a dívida — continuou ela com os olhos brilhantes —, deve saber que ela foi paga recentemente.

O peito de Kell ficou apertado.

— O quê? *Quando*?

— Na verdade — continuou Calla —, há apenas alguns minutos.

Kell nem sequer disse adeus.

Ele pulou para fora da barraca e para o mercado agitado, vasculhando as correntes de pessoas que passavam.

— Senhor — perguntou Hastra, claramente preocupado. — Algo errado?

Kell não respondeu. Ele girou em um círculo lento, vasculhando a multidão à procura da sombra delgada, do casaco preto, do sorriso afiado.

Ela era real. Estava *ali*. E, evidentemente, já havia ido embora.

Kell sabia que estava começando a chamar atenção, mesmo com o abrigo das massas. Alguns arnesianos começaram a sussurrar. Ele podia sentir seus olhares.

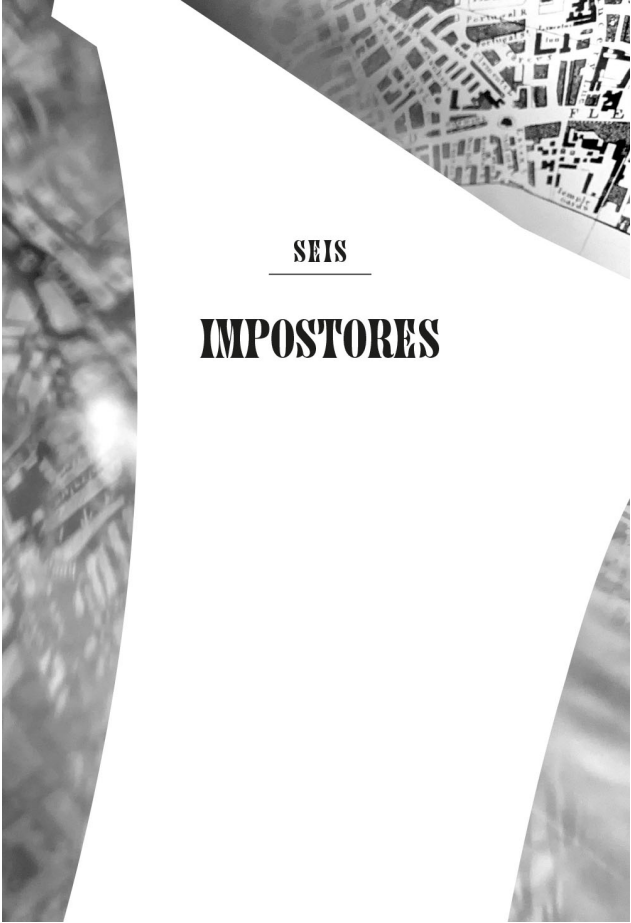
— Vamos — disse Kell, obrigando-se a voltar para o palácio.

Mas, enquanto caminhava, com o coração batendo acelerado, ele reviveu o momento em sua mente, o vislumbre de um fantasma.

Mas não *fora* um fantasma. Nem um truque do olhar.

Delilah Bard estava de volta a Londres.





SEIS

IMPOSTORES

Londres Branca

Holland conhecia as histórias de cor.

Crescera com elas: histórias de um rei mau, um rei louco, uma maldição; de um rei bom, um rei forte, um salvador. Histórias de por que a magia se fora e de quem a traria de volta. E cada vez que um novo governante assumia o trono com sangue e resquícios de poder em suas veias, o povo dizia *agora*. Agora a magia vai voltar. Agora o mundo vai acordar. Agora vai ficar melhor, agora vamos ficar mais fortes.

As histórias corriam nas veias de todos os habitantes da Londres Branca. Mesmo quando as pessoas ficavam magras e pálidas, mesmo quando começavam a apodrecer por dentro e por fora, mesmo quando não tinham comida, nem força, nem poder, ainda assim as histórias sobreviviam. E Holland também acreditara nelas quando era jovem. Acreditou até mesmo quando seu olho ficou preto, que ele poderia ser o herói. O rei bom. O rei forte. O salvador.

Ao se ver de joelhos diante de Athos Dane, contudo, Holland percebera o que as histórias realmente eram: contos nascidos do desespero de almas famintas.

E ainda assim.

E ainda assim.

Agora ele estava na praça no coração da cidade, com seu nome na ponta de cada língua e o poder de um deus correndo por suas veias. Por onde quer que passasse, a geada se retraía. Tudo o que ele tocava recuperava a cor. Ao redor dele, a cidade estava descongelando — o povo havia enlouquecido no dia em que o Siljt descongelara. Holland havia liderado levantes, testemunhado revoltas, mas nunca em sua vida tinha

visto uma *celebração*. Houvera tensão, lógico. As pessoas estavam famintas havia muito tempo, haviam sobrevivido apenas de violência e de ganância. Ele não podia culpá-las. Mas elas aprenderiam. Veriam. Esperança, fé, mudança: eram coisas frágeis e tinham que ser nutridas.

— *Køt!* — gritavam, *Rei*, enquanto a voz em sua cabeça, aquela companhia constante, zumbia de prazer.

O dia estava claro, o ar estava vivo, e o povo, mantido a distância pela Guarda de Ferro, se aglomerava para ver o último feito de Holland. Ojka estava ao lado dele, o cabelo de fogo ao sol, segurando uma faca.

Rei! Rei! Rei!

O local onde estavam chamava-se Praça do Sangue. Um lugar de execuções, sob suas botas havia pedras manchadas de preto e cheias de marcas estriadas nos locais onde dedos desesperados tinham vasculhado a vida derramada, caso houvesse algum resquício de magia. Oito anos antes, os Dane o tinham arrastado para longe de uma morte rápida ali, e, no lugar dela, concedido a ele uma morte lenta.

Praça do Sangue.

Já era hora de conceder outro significado ao nome.

Holland estendeu as mãos, e Ojka levou a lâmina a descansar nas palmas das mãos dele. A multidão se acalmou, esperando que algo acontecesse.

— Meu rei? — disse Ojka, seu olho amarelo pedindo permissão. Tantas vezes movera sua mão sem estar no comando. Desta vez a mão era de sua serva, e a vontade era realmente sua.

Holland acenou com a cabeça, e a lâmina o cortou. O sangue brotou, derramando-se sobre as pedras arruinadas e, onde caiu, rompeu a superfície do mundo, como uma pedra atirada em uma poça. O chão ondulou, e com seus próprios olhos Holland viu a praça renascer. Limpa e completa. Quando as ondulações se espalharam, engoliram as manchas, remendaram as fendas, transformaram as calçadas quebradas em mármore polido, um poço abandonado em uma fonte, as colunas caídas em arcos abobadados.

Podemos fazer mais, disse o deus em sua cabeça.

E antes que Holland pudesse separar seus pensamentos dos do *oshoc*, a magia estava se espalhando.

Os arcos da Praça do Sangue ondularam e se refizeram, transfigurando-se de pedra em água antes de endurecer em forma de vidro. Além deles as ruas estremeceram, e o chão sob os pés da multidão se dissolveu de sua forma rochosa, transformando-se em terra fértil e escura. O povo caiu de joelhos, afundando na terra argilosa e enfiando as mãos nela até cobrir seus pulsos.

Basta, Osaron, pensou Holland. Ele fechou as mãos ensanguentadas, mas as ondulações continuaram, as carcaças de edifícios arruinados desabando e se desfazendo em areia, a fonte jorrando não com água, mas com vinho de cor âmbar.

Os pilares se transformaram em macieiras, os troncos ainda em pedra de mármore, e o peito de Holland começou a doer, seu coração batendo mais forte conforme a magia vertia como sangue de suas veias, cada batida instilando mais poder no mundo.

Basta!

As ondulações cessaram.

O mundo ficou quieto.

A magia esvaneceu; a praça era uma monstruosidade cintilante de elementos, as margens de uma costa varrida pelas ondas. As pessoas estavam sujas de terra e molhadas pela chuva da fonte. Seus rostos brilhantes, seus olhos arregalados — não com fome, mas com reverência.

— Rei! Rei! Rei! — gritavam todos, enquanto na cabeça de Holland ecoavam as palavras de Osaron.

Mais. Mais. Mais.

II

Londres Vermelha

Quando voltou à Wandering Road, o aglomerado de clientes havia diminuído, mas o lebre irlandês continuava esparramado na frente da lareira, exatamente na mesma posição. Lila não pôde deixar de se perguntar se o cão ainda estaria vivo. Ela cruzou o cômodo até a lareira e se ajoelhou devagar, pousando a mão sobre o peito da criatura.

— Já verifiquei — disse uma voz atrás dela. Lila ergueu os olhos e viu Lenos se remexendo, inquieto. — Ele está bem.

Lila se levantou.

— Onde está todo mundo?

Lenos inclinou a cabeça na direção de uma mesa no canto do salão.

— Stross e Tav estão jogando.

Os homens estavam disputando uma partida de Santo. E, pelo que ela podia perceber, não estavam jogando havia muito tempo: nenhum dos dois parecia muito irritado, e ambos ainda tinham consigo todas as suas armas e a maioria de suas roupas. Lila não era fã do jogo, principalmente porque depois de observar os marinheiros ganharem e perderem durante quatro meses, ela não se sentia nem um pouco mais perto de entender as regras o suficiente para jogar. E muito menos para trapacear.

— Vasry saiu — continuou Lenos conforme Lila andava lentamente na direção da mesa. — Kobis foi dormir.

— E Alucard? — perguntou Lila, tentando manter um tom de voz desinteressado. Ela pegou a bebida de Stross e a sorveu de uma só vez, ignorando os protestos murmurados pelo primeiro imediato.

Stross jogou uma carta com uma figura encapuzada segurando dois cálices.

— Tarde demais — disse ele para Lila, mantendo os olhos na mesa e nas cartas. — O capitão disse que estava se recolhendo.

— Absurdamente cedo — ponderou Lila.

Tav riu e resmungou algo que ela não conseguiu entender. Ele era de algum lugar na fronteira do império e, quanto mais bebia, menos inteligível se tornava seu sotaque. E como o padrão de Lila quando não entendia algo era manter a boca fechada, ela simplesmente se afastou. Depois de alguns passos ela parou e se virou para Lenos, tirando o fogo de mão do casaco. A luz já estava se apagando, e ela não havia pensado em perguntar se existia uma maneira de restaurá-la ou se era um tipo de feitiço para ser usado uma única vez, o que parecia um desperdício.

— Tome — disse ela, jogando o orbe para Lenos.

— Para que isso? — perguntou ele, surpreso.

— Mantém as sombras longe — respondeu ela, caminhando para a escada.

Lenos ficou ali, olhando para o orbe, perplexo com a esfera em si ou com o fato de que o Sarows tinha acabado de lhe dar um presente.

Por que ela o tinha *dado* a ele?

Ficando sensível, resmungou uma voz em sua cabeça. Não a voz de Kell, nem a de Barron. Não, essa voz era dela mesma.

Enquanto subia a escada, Lila pegou uma garrafa de vinho alongada que havia surrupiado, não da pousada ou do mercado — ela sabia que não daria certo roubar das barracas protegidas —, mas da adega do próprio Alucard, a bordo do *Spire*.

O quarto do capitão ficava em frente ao dela, as portas se encarando como em um duelo. O que parecia adequado. Mas, quando ela alcançou as portas, parou no meio delas, assolada pela pergunta de por qual porta procurava, e qual planejava abrir.

Lila ficou pairando no corredor, indecisa.

Ela não sabia muito bem *por que* o quarto dele a atraía mais do que o dela. Talvez porque estivesse inquieta, voltando para esta cidade pela primeira vez, um lugar ao mesmo tempo estranho e familiar. Talvez porque ela quisesse voltar para o conforto do inglês. Talvez porque quisesse saber mais sobre o torneio e sobre a participação de Alucard. Ou talvez por simples hábito. Afinal, era assim que eles passavam a maior parte das noites no mar: uma garrafa de vinho e um fogo mágico, cada um

tentando extrair os segredos do outro sem revelar nenhum dos seus. Será que Lila estava tão acostumada com aquela dança a ponto de realmente sentir falta dela?

Espera aí, pensou ela. Que desperdício de vida, ficar parada ali e pensar tanto em cada pequena coisa. Por que importava o motivo de querer ver o capitão? Ela simplesmente queria.

E assim, deixando de lado a especulação do motivo, ela estendeu a mão para bater, mas se deteve quando ouviu passos lá dentro vindo rapidamente para a porta.

Seu sentido de ladra pulsou e seu corpo se moveu antes de sua mente, as botas silenciosamente recuando um passo, depois dois, antes de deslizar suavemente para trás do recanto na curva mais próxima do corredor. Ela não tinha motivos para se esconder, mas fazia isso havia tanto tempo que o gesto lhe veio naturalmente. Além disso, esconder-se era simplesmente ver sem ser visto, o que lhe dava uma vantagem. Não tinha nada a perder com o movimento, mas muitas vezes algo a ganhar.

Um instante depois, a porta se abriu e Alucard Emery saiu para o corredor.

A primeira coisa que ela notou foi o silêncio dele. O capitão do *Night Spire* normalmente fazia uma quantidade razoável de ruído. Suas joias chacoalhavam, suas armas retiniam e suas botas de salto de aço anunciavam cada passo. Mesmo quando sua indumentária estava quieta, o próprio Alucard costumava cantarolar. Lila tinha mencionado isso uma vez, e ele simplesmente dissera que nunca fora um fã do silêncio. Ela o julgara incapaz de ser silencioso, mas, conforme ele caminhava pelo corredor com seus passos marcados apenas pelo suave rangido das tábuas do piso, ela percebeu que antes ele sempre *quisera* ser barulhento.

Outro aspecto do papel que ele desempenhava, agora deixado de lado, substituído pelo... quê?

Ele estava completamente vestido, mas não com suas roupas habituais. Alucard sempre havia preferido peças finas e chamativas, mas agora se parecia menos com um capitão pirata e mais com uma sombra elegante. Trocara o casaco azul que usara em terra por uma meia capa cor de carvão, com um simples lenço cor de prata em seu pescoço. Não portava armas óbvias, e a safira desaparecera de sua testa junto com todos os anéis de seus dedos, exceto um: a grossa faixa de prata em forma de pluma. Seu

cabelo castanho avermelhado fora penteado para trás e coberto com um chapéu preto. O primeiro pensamento de Lila foi que, ao se vestir de forma mais simples, ele parecia mais jovem, quase um garoto.

Mas para onde ele estava indo? E por que estava disfarçado?

Lila o seguiu pela escada da estalagem e noite afora, perto o suficiente para acompanhá-lo e longe o bastante para evitar ser vista. Ela podia ter passado os últimos quatro meses como uma corsária, mas passara *anos* como uma sombra. Sabia como se misturar à escuridão, como seguir um alvo, como respirar e se mover no sentido da corrente da noite ao invés de ir contra ela. E os passos de Alucard podiam ser leves, mas os dela eram silenciosos.

Ela esperava que ele fosse para o mercado, abarrotado de pessoas, ou para a rede de ruas que traçava linhas iluminadas para longe do rio. Em vez disso, ele margeou o Atol, seguindo seu brilho vermelho, passando pelo pátio principal depois do palácio até alcançar uma ponte no lado oposto. Era feita de pedra pálida e enfeitada com cobre: balaústres de cobre, pilares de cobre e marquises esculpidas em cobre. O conjunto todo formava uma espécie de túnel brilhante. À sua entrada, Lila hesitou. Toda a extensão da ponte sob as marquises estava bem iluminada, e o metal refletia e amplificava a luz, embora houvesse pessoas espalhadas ao longo dela, principalmente em pares e grupos, as golas viradas para cima para protegê-las do frio, poucas realmente pareciam estar cruzando para a outra margem. Misturar-se seria quase impossível.

Alguns poucos comerciantes haviam montado barracas sob as lanternas, envolvidos pela névoa e pela luz de velas, e Lila esperou para ver se Alucard estava indo para alguma delas, mas ele se moveu rapidamente, com os olhos voltados para a frente, e Lila foi forçada a seguir ou seria deixada para trás. Ela partiu atrás dele, lutando para manter um ritmo tranquilo, ignorando as tendas cintilantes e o teto de metal entalhado, porém não tão decididamente a ponto de denunciar seu propósito. No final, foi um esforço desperdiçado, uma vez que Alucard nunca olhou para trás.

Caminhando sob as marquises de cobre, ela notou que elas estavam pintadas para parecerem árvores, a luz das estrelas brilhando através das folhas, e Lila pensou mais uma vez em com que mundo estranho ela tinha se deparado e em como ela estava feliz por estar ali.

Alucard atravessou toda a extensão da ponte e desceu uma grande escadaria para a margem sul do Atol. Lila só estivera uma vez desse lado do rio, quando ela e Kell levaram Rhy para o Santuário, e ela nunca tinha pensado muito no que mais havia nesta outra metade, mais escura, da cidade. Lojas e tavernas, ela teria imaginado, ou talvez uma versão mais sombria da margem norte. Ela teria errado. Esta metade de Londres era silenciosa em comparação com a outra: o Santuário se erguia solenemente em uma curva do rio, e, depois de uma fronteira formada por lojas e estalagens à beira da água, a cidade dava lugar a jardins e pomares e, além deles, a mansões senhoriais.

Os antigos campos de ação de Lila em Mayfair e Regent Park empalideceram em comparação à margem sul dessa Londres. Carruagens elegantes puxadas por corcéis magníficos salpicavam as ruas cheias de grandes propriedades, com suas paredes altas e decoradas com mármore, vidro e metal brilhante. A própria névoa da noite parecia reluzir com riqueza.

À frente, Alucard apertara o passo, e Lila acelerou o dela para acompanhá-lo. Havia muito menos pessoas nessas ruas, o que tornava o ato de segui-lo muito mais difícil, mas a atenção dele estava fixa na rua à frente. Até onde Lila podia dizer, aqui nada havia para ver. Sem negociações a serem feitas. Sem problemas para encontrar. Nada além de casas com metade das janelas às escuras.

Finalmente, Alucard saiu da rua e passou por um intrincado portão, entrando em um pátio cheio de arbustos e cercado por árvores cujos galhos estavam desnudos por causa do inverno.

Quando Lila o alcançou, viu que o trabalho de metal que ornamentava o portão formava um intrincado *E*. Então ela olhou para dentro e prendeu a respiração. O chão do pátio era um mosaico de pedras cintilantes azuis e prateadas. Ela espreitou na sombra do portão enquanto Alucard andava até a entrada e observou quando, a meio caminho da porta, ele parou para se recompor. Arrancou o chapéu da cabeça e enfiou-o na bolsa pendurada em seu ombro, desarrumou o cabelo, flexionou as mãos, murmurou algo que ela não conseguiu ouvir, voltou a caminhar com calma e confiança enquanto subia alguns degraus e em seguida tocava uma campainha.

Um instante depois, uma das duas portas da frente se abriu e um mordomo apareceu. Ao ver Alucard, ele fez uma reverência.

— Lorde Emery — disse ele, afastando-se. — Seja bem-vindo.

Lila olhou, incrédula.

Alucard não estava visitando o dono da casa.

Ele *era* o dono da casa.

Antes que ele pudesse entrar, uma garota apareceu à porta, guinchou de alegria e jogou os braços ao redor do pescoço dele.

— Luc! — exclamou ela, enquanto ele a lançava para o ar. A menina não podia ter mais de 12 ou 13 anos; tinha os mesmos cachos castanhos ondulados e os mesmos olhos escuros.

— Anisa.

Ele abriu um sorriso que Lila nunca tinha visto antes, não no rosto dele. Não era o sorriso orgulhoso de um capitão ou o sorriso malicioso de um libertino, mas de absoluta adoração de um irmão mais velho. Ela nunca tivera irmãos, então não *entendeu* o olhar, mas reconheceu o amor simples e cego, e isso revolveu algo dentro dela.

E assim, tão repentinamente quanto a garota se lançara sobre ele, ela se afastou, simulando a carranca falsa que Lila tinha visto tantas vezes na boca do próprio Alucard.

— Onde está Esa? — perguntou a garota.

E Lila ficou tensa, não com a pergunta em si, mas com o fato de ela ter perguntado em *inglês*. Ninguém falava aquela língua na Londres Vermelha, não a menos que estivesse tentando impressionar a realeza. Ou que *fosse* da realeza.

Alucard riu.

— Lógico — falou ele, cruzando a soleira da porta. — Três anos longe de casa e sua primeira pergunta é sobre a gata...

Eles entraram e desapareceram, deixando Lila olhando para a porta da frente quando ela se fechou.

Alucard Emery, capitão do *Night Spire*, mago participante do torneio e... membro da nobreza da Londres Vermelha? Alguém sabia disso? *Todos* sabiam disso? Lila sabia que deveria estar surpresa, mas não estava. Ela soubera desde o momento em que conhecera Alucard a bordo do *Night Spire* que ele estava representando um papel. Era apenas uma questão de descobrir o homem por trás dele. Agora ela sabia a verdade, e esta havia lhe dado uma carta para jogar. E quando se tratava de homens como Alucard Emery, qualquer vantagem valia a pena.

Um muro decorativo circundava a casa, e Lila conseguiu se erguer com a ajuda de um galho mais baixo. Empoleirada sobre ele, ela podia ver através das grandes janelas de vidro, muitas com as cortinas abertas. Sua silhueta se misturou com o rendilhado das árvores atrás dela conforme contornava a casa, seguindo os vislumbres de Alucard e da irmã enquanto caminhavam por uma grande sala com janelas altas, uma lareira ardente e um par de portas de vidro na parede oposta que conduzia a um jardim suntuoso. Sem descer do muro, ela se agachou rapidamente quando um homem apareceu. Ele tinha a tez e a cor de cabelo de Alucard, e seu queixo era igualmente quadrado, mas parecia sisudo sem o sorriso de Alucard. O homem parecia ser muitos anos mais velho.

— Berras — disse Alucard em forma de saudação.

As janelas estavam abertas, e a palavra alcançou Lila através do vidro semicerrado.

O homem, Berras, caminhou para a frente e, por um instante, parecia que poderia atacar Alucard. Porém, antes que pudesse, a garota se lançou diante do irmão como um escudo. Havia algo de terrivelmente ensaiado no gesto, como se ela já houvesse feito isso muitas vezes, e Berras deteve sua mão no ar. Em um de seus dedos, Lila viu uma duplicata do anel de pluma de Alucard antes que a sua mão caísse ao lado do corpo.

— Saia, Anisa — ordenou ele.

A menina hesitou, mas Alucard lançou para ela um sorriso gentil e um aceno de cabeça, então ela saiu da sala. No momento em que estavam sozinhos, Berras explodiu.

— Onde está Kobis?

— Eu o empurrei no mar — falou Alucard. A aversão se espalhou pelo rosto do homem, e Alucard revirou os olhos. — Santos, Berras, é uma piada. Seu espião mal-humorado está alojado com segurança em uma pousada com o resto da minha tripulação.

Berras desdenhou levemente da menção aos homens do *Spire*.

— Esse olhar não o favorece, irmão — disse o capitão. — E o *Night Spire* navega pela coroa. Insultar meu posto é insultar a Casa Maresh, e não gostaríamos de fazer *isso*.

— Por que você está *aqui*? — rosnou Berras, pegando um cálice.

Antes que ele pudesse beber, no entanto, Alucard moveu o pulso e o vinho abandonou a taça, ergueu-se em forma de fita e enrolou-se sobre si

mesmo. De um instante para o outro, tinha endurecido em um bloco de gelo cor de rubi.

Alucard arrancou o cristal do ar e o analisou, casualmente.

— Estou na cidade para o torneio. Vim apenas para ter certeza de que minha família estava bem. Que tolo fui em pensar que seria bem-vindo. — Ele jogou o cubo congelado na lareira e se virou para sair.

Berras nada disse, não até que Alucard estivesse na porta do jardim.

— Eu teria deixado você apodrecer naquela prisão.

Um sorriso pequeno e amargo tocou o canto dos lábios de Alucard.

— Ainda bem que não dependeu de você.

Com isso, Alucard saiu, furioso. Lila ficou de pé sobre o muro e percorreu o perímetro até encontrar Alucard de pé em uma ampla varanda, olhando para o terreno. Além do muro, ela conseguia enxergar o arco do palácio e o brilho difuso do rio.

O rosto de Alucard era uma máscara de compostura gélida, quase desinteressada, mas seus dedos agarraram o parapeito da varanda e os nós de seus dedos ficaram brancos.

Lila não emitiu som algum, mas ainda assim Alucard suspirou e disse:

— Não é educado espionar.

Droga. Ela havia se esquecido de seu dom para ver a magia nas pessoas. Seria uma habilidade útil para um ladrão, e Lila se perguntou, não pela primeira vez, se havia uma maneira de roubar talentos como se fazia com objetos.

Ela saltou do muro baixo para o parapeito do pátio antes de cair silenciosamente no terraço, ao lado dele.

— Capitão — falou ela, em um misto de cumprimento e pedido de desculpas.

— Ainda está simplesmente cuidando de seus interesses? — perguntou ele. Mas não parecia irritado.

— Você não está chateado — observou ela.

Alucard ergueu uma sobrancelha, e ela percebeu que sentia falta do familiar cintilar azul.

— Suponho que não. Além disso, minhas excursões foram bastante inócuas em comparação com a sua.

— Você me seguiu? — perguntou Lila, irritada.

Alucard riu.

— Você não tem o direito de parecer ofendida.

Lila balançou a cabeça, silenciosamente grata por não ter decidido ir até o palácio e surpreender Kell. Para dizer a verdade, ela ainda não havia decidido quando iria vê-lo. *Se* iria vê-lo. Mas quando — e se — ela o fizesse, certamente não queria Alucard lá para espioná-los. Kell era alguém ali, um membro da realeza, um santo, mesmo que ela só pensasse nele como o contrabandista tolo que franzia demais o cenho e quase havia matado a ambos.

— Por que você está sorrindo?

— Nada — retrucou Lila, suavizando sua expressão. — Então... *Luc*, hein?

— É um apelido. Certamente existe isso, de onde quer que você venha. E, só para constar, prefiro Alucard. Ou capitão Emery.

— A tripulação sabe?

— Sabe o quê?

— Que você é... — Ela gesticulou para a propriedade, procurando pela palavra correta.

— Não é um segredo, Bard. A maioria dos arnesianos já ouviu falar da Casa Emery.

Ele lançou a ela um olhar que dizia: *Estranho, não é, que você não tenha ouvido?*

— Você nunca os ouviu me chamando de *vestra*?

Lila tinha ouvido.

— Eu apenas presumi que era um xingamento. Como *pilse*.

Alucard riu silenciosamente.

— Talvez seja, para eles. Significa *realeza*.

— Como um *príncipe*?

Ele riu, porém sem humor.

— Devo ser uma decepção para você. Eu sei que queria um pirata. Você deveria ter armado para subir a bordo de um navio diferente. Mas não se preocupe. Há muitas portas separando a minha pessoa do trono. E não desejo vê-las abertas.

Lila mordeu o lábio.

— Mas, se todo mundo sabe, então por que se esgueirar como um ladrão?

O olhar dele se voltou para a parede do jardim.

— Porque há outras pessoas nesta cidade, Bard. Algumas que eu não desejo ver. E outras que prefiro que não me vejam.

— Como assim? — provocou ela. — O grande Alucard Emery tem inimigos?

— Ossos do ofício, eu receio.

— É difícil imaginar você conhecendo alguém que não possa seduzir.

Os olhos dele se estreitaram.

— Você diz isso como se não fosse um elogio.

— Talvez não seja.

Um silêncio incômodo começou a se instalar.

— Linda casa — falou Lila.

Foi a coisa errada a se dizer. A expressão dele endureceu.

— Espero que me perdoe por não lhe ter convidado a entrar e não lhe apresentar à minha estimada família. Pode ser complicado explicar a repentina presença de uma garota com roupas masculinas e com a habilidade de falar a língua real, mas sem a delicadeza de usar a porta da frente.

Lila engoliu uma resposta. Ela se sentiu dispensada, mas, quando saiu da varanda, Alucard disse:

— Espere — e havia algo na voz dele que ela mal reconheceu, porque nunca o tinha ouvido expressar isso antes. Sinceridade. Ela se voltou e o viu envolto em um halo de luz que vinha da sala atrás dele, todo o conjunto emoldurado pela porta. Ele era pouco mais que uma silhueta, um retrato simplificado de um nobre.

A imagem do que alguém deveria ser, não do que era.

Então Alucard deu um passo à frente, para longe da luz e para dentro das sombras com ela. Esta versão dele parecia real. Parecia correta. E Lila compreendeu que, quando ele dissera *Espere*, o que quisera dizer foi *Espere por mim*.

— Suponho que ambos deveríamos voltar — acrescentou, tentando parecer indiferente, mas falhando.

— Você não deveria se despedir?

— Nunca fui fã de despedidas. Ou de olás, na verdade. Uma rotina desnecessária. Além disso, eles vão me ver novamente.

Lila olhou de novo para a casa.

— Anisa não ficará chateada?

— Ah, eu imagino que sim. Receio estar acostumado à decepção dela.

— Mas e o que...

— Sem mais perguntas, Lila — pediu ele. — Estou cansado.

Os últimos protestos esfriaram e se desfizeram em sua língua enquanto Alucard subia no corrimão ao lado dela, e depois, em um único passo sem esforço algum, no muro baixo.

Era estreito, mas ele se movia com segurança e facilidade. Alucard sequer olhou para baixo para verificar seus passos.

— Cresci aqui — disse ele, lendo a surpresa dela. — Se há uma maneira de entrar ou sair, eu já experimentei.

Eles deslizaram pelo muro do jardim e desceram para o pátio, abraçando as sombras até que estivessem em segurança do lado de fora do portão.

Alucard partiu pela rua sem olhar para trás, mas Lila lançou um olhar para a grande propriedade.

A verdade era que Lila entendia por que Alucard fizera o que fizera. Porque havia trocado a segurança e o tédio pela aventura. Ela não sabia como era se sentir segura e nunca havia tido o luxo de ficar entediada, mas era como dissera a Kell certa vez: pessoas roubam para permanecer vivas ou para se sentir vivas. Ela só podia imaginar que alguém fugiria pelas mesmas razões.

Lila correu para alcançá-lo e acertou o passo ao lado do capitão, a rua silenciosa a não ser pelos sons das botas deles. Ela ainda ensaiou uma olhadela para o lado, porém o olhar de Alucard estava sempre voltado para a frente, para muito longe.

Ela costumava odiar pessoas como ele, pessoas que abriam mão de algo bom, desdenhando refeições quentes e telhados sólidos como se não importassem.

Mas então Barron morrera e Lila percebera que de certa forma ela havia feito a mesma coisa. Fugir do que poderia ter sido uma boa vida. Ou pelo menos uma vida feliz. Porque ser feliz não era o suficiente, não para Lila. Ela queria *mais*. Queria uma aventura. Costumava pensar que, se roubasse o suficiente, o desejo desapareceria e a fome iria embora, mas talvez não fosse assim tão simples. Talvez não dependesse do que ela não tinha ou do que ela não era, mas do que ela *era*. Talvez ela não fosse o tipo de pessoa que roubava para *permanecer* viva. Talvez fizesse isso apenas

pela emoção. E isso a assustava, porque significava que ela não precisava fazê-lo, não podia justificá-lo, que ela poderia ter ficado na Stone's Throw e salvado a vida de Barron... Era um terreno escorregadio, aquele tipo de pensamento, do tipo que terminava em um precipício, então Lila recuou.

Ela era quem era.

E Alucard Emery?

Bem, ele era um homem com seus próprios segredos.

E ela não podia culpá-lo por isso.

III

Kell se abaixou e se esquivou, movendo-se como sombra e luz pelo Dique.

Ele sentia prazer nos músculos doloridos, em seu coração pulsante; havia dormido mal e acordado pior, seus pensamentos ainda agitados com a notícia do retorno de Lila. Fazia sentido, não? Se ela tivesse entrado para uma tripulação arnesiana, a maioria delas havia aportado em Londres para o torneio.

Faltavam apenas dois dias para o *Essen Tasch*.

Uma lâmina cortou o ar no alto, e Kell pulou para fora de seu alcance.

Dois dias, e ainda nenhum sinal dela. Uma parte pequena e irracional dele havia se convencido de que ele seria capaz de *sentir* seu retorno, de estar sintonizado com ela da mesma forma como acontecia com a Stone's Throw, a Setting Sun e a Scorched Bone. Os pontos fixos nos diferentes mundos. E, no entanto, talvez ele *estivesse* sintonizado com ela. Talvez ela fosse a força pequena e invisível que o levara a passear pela cidade, para começo de conversa.

Mas ele se desencontrara dela, e, com a cidade tão cheia, como conseguiria encontrá-la novamente?

Apenas siga as facas, disse uma voz em sua cabeça. *E os corpos em que estiverem fincadas.*

Ele sorriu para si mesmo. E então, com uma pequena angústia, perguntou-se há quanto tempo ela estaria em Londres. E por que não tinha vindo vê-lo ainda. Seus caminhos só haviam se cruzado por alguns dias, mas ele, Rhy e Tieren eram as únicas pessoas que ela conhecia neste mundo, ou pelo menos as únicas pessoas que conhecia quatro meses antes. Talvez ela tivesse saído por aí e feito uma tonelada de amigos — mas ele duvidava disso.

O golpe seguinte quase encostou na pele dele, e Kell se esquivou a tempo.

Foco, ele se repreendeu. *Respire*.

A máscara de prata contornava perfeitamente o seu rosto, blindando tudo, exceto o ar e a visão. Ele a colocara para se acostumar com o tamanho e o peso, e rapidamente se pegara saboreando a diferença, deslizando para o conforto do anonimato, do personagem. Enquanto usasse a máscara, Kell não era Kell.

Ele era *Kamerov*.

O que Lila pensaria disso? Lila, Lila, ele até mesmo considerara usar magia de sangue para encontrá-la — ainda tinha o lenço dela —, mas se deteve antes de sacar a faca. Passara meses sem se rebaixar tanto. Além disso, ele não era um cãozinho perseguindo um mestre ou um osso. Que ela viesse até ele. Mas por que ela *não tinha* vindo...

O metal cintilou perto demais, e ele xingou e rolou, recuperando-se e colocando-se de pé.

Ele trocara dezenas de inimigos por apenas um, mas ao contrário dos manequins com os quais treinara, este estava muito vivo. Hastra se movia de um lado para outro, trajando armadura completa e tentando evitar os golpes de Kell. O jovem guarda estivera surpreendentemente disposto a correr ao redor do Dique armado com apenas um escudo pequeno e uma lâmina cega enquanto Kell aprimorava sua agilidade e praticava transformar elementos em armas.

A armadura... Ele pensou, um vento chicoteando ao redor dele, *é projetada para rachar...* Ele saltou, dando impulso em uma parede, lançou uma rajada de ar contra as costas de Hastra... *quando atingida*. Hastra tropeçou para a frente e girou para encará-lo. *O primeiro a marcar dez pontos...* Ele continuou recitando as regras enquanto a água girava em torno de sua mão... *ganha o jogo...* A água se dividiu, circulando ambas as mãos... *a menos que um dos competidores...* Ambas as correntes de água dispararam para a frente, congelando antes que atingissem... *seja incapaz de continuar...* Hastra só conseguiu bloquear um bloco de gelo, e o segundo o atingiu na coxa blindada e se quebrou em gotas de gelo... *ou admita a derrota*.

Kell abriu um sorriso por trás da máscara, e, quando o guarda sem fôlego tirou seu capacete, estava sorrindo também. Kell tirou a máscara

prateada, e seu cabelo ensopado ficou no mesmo lugar.

— É isso que o senhor tem feito aqui embaixo todas estas semanas, mestre Kell? — perguntou Hastra sem fôlego. — Praticando para o torneio?

Kell hesitou, então respondeu:

— Acho que sim.

Afinal, ele estivera mesmo treinando; simplesmente não sabia *para o quê*.

— Bem, está dando certo, senhor — falou o guarda. — O senhor faz parecer fácil.

Kell riu. A verdade era que o seu corpo inteiro estava dolorido, e, mesmo quando seu sangue cantava pedindo uma luta, seu poder parecia ralo. Drenado. Ele tinha se acostumado com a eficiência da magia do sangue, mas os elementos demandavam mais determinação para serem manejados. A exaustão de usar feitiços de sangue o atingia de uma vez só, mas esse tipo de luta o desgastava. Talvez ele realmente conseguisse ter uma boa noite de sono antes do torneio.

Hastra atravessou a sala de treinamento com cautela, como se estivesse pisando em solo sagrado, e parou junto ao arco do Dique, analisando a mesa de equipamentos com sua tigela de água e seus recipientes de terra, areia e óleo.

— *Você* tem um elemento? — perguntou Kell, ajeitando o cabelo.

O sorriso de Hastra se suavizou.

— Um pouco disso, um pouco daquilo, senhor.

Kell franziu o cenho.

— O que você quer dizer com isso?

— Meus pais queriam que eu fosse sacerdote — explicou o jovem guarda, coçando a cabeça. — Mas eu achei que não parecia nem de longe tão divertido. Passar o dia todo meditando naquela estrutura de pedra mofada...

— Você consegue *equilibrá-los*? — interrompeu Kell, espantado.

Os sacerdotes eram escolhidos não por sua força com um elemento específico, mas pela sua capacidade moderadora de gerir tudo; não como Kell fazia, com poder absoluto, mas com o equilíbrio necessário para nutrir a vida. Equilibrar os elementos era uma habilidade sagrada. Mesmo Kell lutava para conseguir equilíbrio. Assim como um vento forte poderia

arrancar um broto de planta, o poder de um *Antari* tinha força demasiada para as artes sutis. Ele poderia impactar em coisas já crescidas, mas a vida era frágil no início e exigia um toque suave.

O jovem guarda deu de ombros e depois se iluminou um pouco.

— O senhor quer ver? — perguntou ele, quase tímido.

Kell olhou ao redor.

— Agora?

Hastra sorriu e enfiou a mão no bolso, pegando uma pequena semente. Quando Kell ergueu uma sobrancelha, o guarda riu.

— Nunca se sabe quando será preciso impressionar uma dama — falou ele. — Muita gente estufa o peito e vai direto para luzes e explosões. Mas eu não consigo contar quantas noites começaram com uma semente e terminaram, bem... — Hastra parecia divagar sempre que ficava nervoso, e Kell aparentemente o deixava muito nervoso. — Mas eu duvido que tenha que se esforçar muito para impressioná-las, senhor.

Hastra examinou os elementos da mesa. Em uma pequena tigela havia um pouco de terra solta: não o fértil solo de pomares e jardins, mas o tipo rochoso encontrado sob as calçadas das ruas. Não era a coisa mais elegante para se treinar, e, quando havia escolha, Kell preferia pedras a terra, mas era abundante. Kell observou enquanto Hastra encheu uma das mãos com terra e fez um pequeno sulco com o dedo antes de jogar a semente. Então mergulhou a outra mão na tigela de água e a pressionou sobre a terra, embrulhando a semente e o solo entre as palmas das mãos, formando uma bola. Hastra fechou os olhos e seus lábios começaram a se mover. Kell sentiu um calor sutil no ar entre eles, uma sensação que conhecia bem do tempo que passara com Tieren.

E então, ainda murmurando, Hastra começou a abrir lentamente as mãos, o montículo de terra úmida como um ovo entre elas.

Kell assistiu, hipnotizado, a um caule verde pálido se erguer da terra úmida. O caule cresceu um centímetro, depois dois, retorcendo-se pelo ar. As folhas começaram a se desdobrar, sua superfície de um roxo escuro, antes que uma flor branca e esférica surgisse.

Hastra parou, parecendo satisfeito.

— O que é isso? — perguntou Kell.

— Acina — respondeu o guarda. — Suas folhas são boas para a dor.

— Isso é incrível.

O jovem guarda deu de ombros.

— Minha mãe e meu pai não ficaram felizes quando eu escolhi ser um guarda em vez de sacerdote.

— Posso imaginar.

Kell queria dizer a Hastra que ele estava desperdiçando o tempo dele ali. Que seu talento era precioso demais para ser jogado fora em favor de uma espada e uma armadura. Mas, se só o valor de uma pessoa fosse suficiente para determinar o seu lugar no mundo, que argumento Kell teria para querer mais?

— Mas isso é porque eles não sabem de tudo — continuou Hastra, alegremente. — Eles provavelmente acham que eu estou patrulhando ruas no *sha*. Ficarão orgulhosos quando souberem que estou protegendo o senhor. Além disso, fiz um acordo com meu pai — acrescentou. — Vou me juntar ao santuário, algum dia. Mas, desde que consigo me lembrar, eu sempre quis ser um guarda real. Sabia que não seria feliz, não até tentar. Não consigo pensar em uma coisa pior do que ficar me perguntando como teria sido. Então, pensei, por que não ter ambos? O santuário ainda me terá, quando eu estiver pronto.

— E se você morrer antes disso?

O humor alegre de Hastra não se abalou.

— Então outra pessoa receberá meu dom. E espero que seja menos teimoso. É o que minha mãe diz. — Ele se inclinou com um ar conspiratório. — Mas eu cuido dos jardins quando ninguém está olhando.

Kell sorriu. Os terrenos do palácio *estavam* suspeitosamente exuberantes para esta época do ano. Hastra endireitou a postura, seu olhar flutuando até a escada.

— Nós devemos ir...

— Ainda temos tempo — assegurou Kell, levantando-se.

— Como sabe? — indagou Hastra. — Não podemos ouvir os sinos aqui embaixo, e não há janelas para perceber a luz.

— Magia — disse Kell. E então, quando Hastra arregalou os olhos, ele apontou para a ampulheta que estava sobre a mesa junto com as outras ferramentas. — E aquilo.

Ainda havia areia no vidro, e Kell não estava pronto para enfrentar o mundo lá em cima.

— Vamos recomeçar.

Hastra assumiu sua posição.

— Sim, senhor.

— Me chame de Kamerov — disse Kell, colocando o capacete de volta sobre a cabeça.

IV

Sessa Av!

As palavras apareciam nas superfícies das tábuas de divinação espalhadas por toda a Londres.

Dois dias!

A cidade estava em contagem regressiva.

Dois dias para o Essen Tasch!

Dois dias, e Lila Bard tinha um problema.

Ela esperava que houvesse uma falha óbvia no sistema, uma forma de entrar para a lista de competidores do torneio através de ameaça ou suborno, ou de roubar um lugar reserva, mas aparentemente todos os campeões haviam sido escolhidos *semanas* antes. Havia doze nomes na lista, além de dois suplentes, o que significava que, se Lila Bard quisesse uma chance de competir — e ela *queria* — teria que roubar um nome.

Lila já havia afanado muitas coisas, mas uma identidade não era uma delas. Logicamente ela tinha assumido pseudônimos, representado uma variedade de papéis, mas nunca personificara alguém *real*.

E, claro, não poderia simplesmente personificá-lo. Ela teria que *substituí-lo*.

Não vale a pena, advertiu uma voz em sua cabeça, aquela voz irritante e pragmática que soava muito como Kell. Talvez fosse loucura. Talvez ela devesse apenas ocupar seu lugar nas arquibancadas, torcer por seu capitão e ganhar algumas moedas extras no ranking de apostas. Não era uma maneira desagradável de passar a semana. E, afinal, que lugar ela tinha na arena? Só vinha praticando por alguns meses.

Mas.

Lá estava aquela palavra, alojada em sua pele como uma farpa.

Mas.

Mas ela estava inquieta.

Mas ela queria emoção.

Mas seria um desafio.

E quando se tratava de magia, Lila não era apenas uma aluna que aprendia rápido. Ela possuía um talento *inato*.

Mestre Tieren tinha dito meses antes que havia algo poderoso dentro dela, esperando para ser acordado. Bem, Lila o tinha cutucado com uma vara, e estava bem acordado: algo vivo e que cantarolava, tão inquieto quanto ela.

E a inquietação sempre a fizera ser imprudente.

Ainda assim, havia aquela questão irritante da lista.

Lila passara o dia vagando pela Londres Vermelha, aprendendo tudo o que podia sobre o *Essen Tasch* e seus competidores. Passara tempo suficiente em tavernas, bordéis e pubs para saber em quais lugares você provavelmente encontraria respostas a perguntas sem nunca perguntar. Lógico, você sempre podia molhar algumas mãos, mas muitas vezes era preciso apenas sentar-se em um lugar por tempo suficiente para aprender mais do que com qualquer um a quem pagou. E todos pareciam estar falando sobre o torneio.

Alucard, aparentemente, era um dos favoritos entre os arnesianos, junto com uma mulher chamada Kisimyr, vencedora do torneio anterior, e um homem chamado Jinnar. Mas nomes eram apenas nomes. Ela precisava *ver* a lista de competidores antes de eles aparecerem para o público. Se não houvesse bons alvos, disse a si mesma, ela deixaria a ideia de lado e ficaria nas arquibancadas com o resto da tripulação. Se não houvesse bons alvos. Mas ela precisava ver. Precisava saber.

Frustrada, Lila terminou sua bebida, desceu do banco em que estava e voltou para a hospedaria.

Em algum lugar no caminho seus pés mudaram de rumo, e, quando ela procurou saber onde estava, viu-se de pé em frente à estrada principal que levava ao palácio real, olhando para cima. Não ficou surpresa. Durante o dia todo, suas pernas a puxaram para cá. O dia todo ela percebera seu olhar vagando para a estrutura reluzente.

Entre, disse uma voz.

Lila bufou. O que ela poderia fazer? Subir os degraus da frente? Ela já havia feito isso uma vez, mas como convidada, com um convite roubado.

As portas estavam abertas naquela ocasião, mas agora estavam fechadas, uma dezena de guardas em armaduras polidas e capas vermelhas de pé em sentinela.

O que ela lhes diria? *Estou aqui para ver o príncipe de olho preto*. Seu inglês poderia deixá-la passar pela porta da frente, mas e depois? Será que o rei e a rainha a reconheceriam como a garota esquelética que ajudara Kell a salvar sua cidade? Lila suspeitava de que *Rhy* se lembraria dela. Ela se pegou pensando, enternecida, no príncipe. Não nele sob o controle de Astrid Dane ou sangrando até a morte em um catre do santuário, mas depois de tudo, cercado por travesseiros, com olheiras sob seus olhos cor de âmbar. Cansado e amável e flertando apesar da dor.

E Kell?

E o príncipe de olho preto? Ele a acolheria? Serviria uma bebida a ela e perguntaria sobre suas viagens ou franziria o cenho e perguntaria se ela estava pronta para ir embora, para voltar ao seu próprio mundo, ao qual ela pertencia?

Lila semicerrou os olhos à luz do crepúsculo — as elevadas varandas do palácio reduzidas a auréolas de luz na noite fria —, e pensou distinguir uma sombra em um dos pátios mais altos. Estava muito longe para ter certeza, aquela distância tamanha a ponto de reduzir tudo a formas vagas, e a mente poderia distorcê-las em qualquer coisa. Ainda assim, a sombra parecia se curvar diante de seus olhos, como se estivesse apoiada no parapeito, e naquele momento a mancha de escuridão se tornou um mago com um casaco de gola alta. Lila ficou de pé e observou até que a forma se dissolveu, engolida pela noite espessa.

A atenção dela desceu e pousou em um par de elegantes tábuas pretas de divinação que se erguiam como colunas diante dos degraus do palácio. Meses antes, o rosto de Kell tinha aparecido nelas, primeiro com a palavra *desaparecido* sobre ele e mais tarde com a palavra *procurado*. Agora, o giz fantasmagórico anunciava uma variedade de eventos nas horas que antecederiam o torneio em si. Droga! Havia muitas festas, mas uma em particular chamou sua atenção. Algo chamado *Is Gosar Noche*.

A Noite dos Estandartes.

Ela percebeu o aviso pouco antes de a tábua se apagar e teve que ficar ali por dez minutos esperando a mensagem ser escrita novamente. Quando

apareceu, ela leu o mais rápido que pôde, tentando entender a escrita em arnesiano.

Pelo que ela conseguiu captar, concorrentes de todos os três impérios estavam sendo convocados para o palácio na noite seguinte, a véspera do torneio, para uma recepção real. E para selecionar seu estandarte, o que quer que isso fosse.

Não era isso que ela queria?

Uma desculpa para entrar no Palácio Vermelho.

Tudo de que ela precisava era um nome.

Os sinos dobraram, e Lila xingou em voz baixa.

Um dia inteiro se passara, pensou sombriamente enquanto caminhava de volta para a Wandering Road, sem estar mais perto de seu objetivo.

— Aí está você — falou a voz do capitão assim que ela entrou.

Um punhado dos homens de Alucard estava reunido no salão da frente. Não estavam vestidos para o navio, para o cais ou para a taverna. Tav, Stross e Vasry usavam belas meias capas de capuz franzidas nos pulsos, cujos punhos e gola eram presos com fivelas de prata polida. O próprio Alucard estava usando um casaco elegante, azul-marinho com forro prateado; os cachos presos sob um chapéu que se inclinava e se curvava como o mar. Uma das mãos estava apoiada no cabo da sua espada curta e o anel de pena de prata brilhava na luz difusa. Apesar de a safira ainda cintilar sobre sua sobrancelha direita, ele não se parecia com o *casero* do *Night Spire*. E, no entanto, se não parecia um pirata, tampouco parecia um príncipe. Ele parecia polido, mas também afiado, como uma faca bem-guardada.

— Onde você estava, Bard?

Ela encolheu os ombros.

— Explorando.

— Quase saímos sem você.

Ela franziu o cenho.

— Aonde vocês vão?

Alucard deu um sorriso.

— A uma festa — respondeu ele.

Porém, a palavra para *festa* em arnesiano não era tão simples. Lila estava aprendendo que o significado de diversas palavras arnesianas mudava para se ajustar ao contexto. A palavra que Alucard usara era a

mais ampla: *tasura*, que significava *feira*, *evento*, *reunião* ou *encontro*. Uma gama de significados que variava de comemorativo a nefasto.

— Odeio festas — declarou ela, indo em direção à escada.

Mas Alucard não se deixava dissuadir tão facilmente. Ele a alcançou e a segurou pelo cotovelo: cautelosamente e apenas por um instante, pois sabia o quão perigoso era tocar Lila quando ela não queria ser tocada.

— Acho que você vai gostar desta — murmurou ele em inglês.

— Por quê?

— Porque eu sei o quanto você está fascinada pelo torneio que está chegando.

— E?

— E é uma tradição não oficial — explicou ele — que os concorrentes locais compartilhem uma bebida antes do início dos jogos. — O interesse de Lila aumentou. — Admito que é um pouco de exibição — acrescentou, gesticulando para os outros —, mas eu esperava que você viesse.

— Por que eu?

— Porque é uma chance de avaliar a concorrência — disse Alucard. — E você tem os olhos mais aguçados — adicionou, com uma piscadela.

Lila tentou esconder sua empolgação.

— Bem — falou ela. — Se você insiste.

Alucard sorriu e tirou um lenço cor de prata do bolso.

— Para que isso? — perguntou ela enquanto ele amarrava o lenço frouxamente ao redor da garganta dela.

— Hoje à noite você faz parte do meu séquito.

Lila soltou uma gargalhada, um som árido que feriu os ouvidos dos outros homens.

— Seu *séquito*.

O que viria depois?, imaginou ela. *Escudeira?*

— Pense nisso apenas como o nome de uma tripulação quando está em terra.

— Espero que não queira que eu lhe chame de *Mestre* — disse ela, ajustando o nó.

— Santos, não, essa palavra só tem lugar na cama. E *Lorde* me dá calafrios. *Capitão* está ótimo. — Ele apontou para os homens à espera. — Vamos?

O sorriso de Lila ficou afiado quando ela indicou a porta com um movimento de cabeça.

— Mostre o caminho, Capitão.

* * *

A placa sobre a entrada da taverna dizia *Is Casnor Ast*.

The Setting Sun.

Lila diminuiu o passo e então parou. Era algo muito estranho, mas ela não conseguia se livrar da sensação de que já estivera ali antes. Não estivera, evidentemente. Ela só ficara na Londres Vermelha por alguns dias depois do pesadelo com os Dane, e antes de se unir à tripulação do *Spire*. Tempo suficiente apenas para se curar e para responder perguntas, e estivera confinada ao palácio o tempo todo.

Porém, parada ali, na soleira, o lugar parecia *tão familiar*. Quando ela fechou os olhos, quase se sentiu como se estivesse... não podia ser. Lila piscou e olhou em volta para as ruas vizinhas, tentando sobrepor a imagem desta cidade sobre a de outra, aquela na qual ela tinha vivido por toda a sua vida. E conforme as imagens se fundiram, ela percebeu que sabia exatamente onde estava. Onde estaria. Nesse canto, de volta à Londres Cinza, exatamente à mesma distância do rio, havia outra taverna, que ela conhecia muito bem.

The Stone's Throw.

Quais eram as chances? Tavernas eram tão abundantes quanto problemas, mas duas ocupando o mesmo local exato? Vistas do lado de fora elas não se pareciam em nada, contudo o lugar atraía seus ossos com a mesma gravidade peculiar que ela sempre sentira em casa. *Casa*. Nunca tinha pensado na Stone's Throw dessa forma quando estava lá, mas agora era a única palavra que servia. Só que não era pela *construção* que ela ansiava. Não exatamente.

Ela enfiou a mão no bolso e fechou os dedos ao redor do relógio de bolso de prata que pesava no fundo do forro de seda.

— *Kers la*, Bard?

Ela olhou para cima e percebeu que Alucard estava segurando a porta aberta para ela. Lila balançou a cabeça.

— *Skán* — respondeu ela. *Nada*.

Lá dentro, o poder a atingiu em uma onda. Ela não podia ver a magia como Alucard fazia, mas ainda podia senti-la enchendo o ar como vapor enquanto emanava dos magos reunidos. Nem todos os concorrentes viajavam com uma comitiva completa. Alguns — como a mulher bronzeada na parede de trás, seus cabelos pretos retorcidos como cordas e repletos de ouro — estavam no centro de seu próprio universo, ao passo que outros se sentavam em pequenos grupos ou vagavam sozinhos pelo salão, deixando uma aura de poder em seus rastros.

Enquanto isso, a sensação de *déjà vu* continuava. Ela fez o possível para se livrar dela e se concentrar. Afinal, não estava ali apenas para fazer parte da comitiva de Alucard. Havia a questão de encontrar um alvo, de realizar seu pequeno truque mágico. A taverna estava cheia de magos, e Delilah Bard ia fazer um deles desaparecer.

Alguém gritou uma saudação a Alucard, e o séquito parou quando os dois engancharam os pulsos. Tav foi buscar bebidas, enquanto Stross percorria o salão fazendo uma avaliação perspicaz. Ela supôs que ele tivesse sido trazido pela mesma razão que ela: para julgar a concorrência.

Por sua vez, Vasry examinava o salão como se fosse um banquete.

— Essa é a atual campeã, Kisimyr — sussurrou para Lila em arnesiano, enquanto a mulher com o cabelo amarrado se aproximava de Alucard, as botas ressoando no chão de madeira. O homem que cumprimentara Alucard recuou alguns passos quando ela se aproximou.

— Emery — falou ela com um sorriso felino e um sotaque atrevido. — Você realmente não sabe como ficar longe de problemas. — Ela não era de Londres. Estava falando ilustre real, mas suas palavras corriam todas juntas. Não na forma serpentina da língua faroense, mais como se ela tivesse cortado todas as bordas e tirado o espaço entre elas. A voz era baixa e retumbante, e, quando ela falou, soou como um trovão estrondoso.

— Não quando os problemas são mais divertidos — retrucou Alucard com uma reverência. O sorriso de Kisimyr se alargou quando os dois entabularam uma conversa reservada. Havia algo afiado sobre aquele sorriso, emparelhado com o resto de seu rosto, a sobrancelha inclinada e o olhar direto; parecia uma provocação. Um desafio. A mulher exalava confiança. Não arrogância, exatamente. Isso, em geral, era infundado e

tudo em Kisimyr dizia que ela *adoraria* uma desculpa para lhe mostrar o que era capaz de fazer.

Lila gostava disso e se pegou imitando os traços dela, perguntando-se que tipo de força acrescentariam ao seu próprio rosto.

Não sabia se queria lutar com a mulher ou ser amiga dela, mas certamente não iria *substituí-la*. A atenção de Lila mudou, passando por um par de figuras corpulentas e por uma menina muito bonita, vestindo azul e com cascatas de cabelos escuros, isso sem mencionar um bom número de curvas. Nenhuma combinação boa ali. Ela continuou a examinar o salão enquanto a comitiva de Alucard se dirigia a uma cabine no canto.

Kisimyr havia se retirado para dentro do círculo de seu próprio grupo e estava conversando com um homem jovem, de pele escura, que estava ao lado dela. Ele tinha uma bela estrutura óssea e era musculoso, com braços nus e brincos de ouro por toda a extensão de suas orelhas, combinando com os de Kisimyr.

— Losen — disse Alucard, em voz baixa. — O protegido dela.

— Eles terão que competir um contra o outro?

Ele deu de ombros.

— Depende do sorteio.

Um homem com uma pilha de papel apareceu ao lado de Kisimyr.

— Aquele ali trabalha para o periódico *Scryer* — falou Stross. — É melhor evitá-lo, a não ser que queira se ver nas fofocas das tábuas de divinação.

Naquele momento as portas da taverna se abriram e um jovem flutuou — literalmente — em uma rajada de vento. Ele rodopiava ao redor do homem e por toda a taverna, estremecendo as chamas das velas e balançando as lanternas. Alucard se contorceu em seu assento e revirou os olhos com um sorriso.

— Jinnar! — disse ele, e, pela forma como falara, Lila não pôde dizer se isso era um nome ou um xingamento.

Mesmo ao lado dos enormes veskanos e dos faroenses cheios de joias que ela conhecera em Sassenroche, o recém-chegado era um dos homens mais impressionantes que Lila já vira. Magro como uma sombra no fim da tarde, sua pele tinha o bronzeado de um arnesiano e o cabelo preto apontava para cima em uma grande mecha vertical. Abaixo das

sobrancelhas pretas, seus olhos eram *prateados*, brilhando como os de um gato à luz difusa da taverna e marcados apenas pelas contas pretas em seu centro. Franjas de espessas pestanas pretas emolduravam as duas piscinas de prata, e ele tinha um sorriso de chacal, não afiado, e sim largo. Ficou ainda mais largo quando viu Alucard.

— Emery! — gritou ele, tirando a capa dos ombros e atravessando o salão, os dois gestos entrelaçados em um movimento contínuo.

Debaixo da capa, suas roupas não eram apenas justas; eram modeladas ao corpo, ornamentadas por algemas de prata que circundavam sua garganta e percorriam o comprimento de seus antebraços.

Alucard se levantou.

— Eles te deixaram sair em público?

O jovem jogou o braço no ombro do capitão.

— Somente para o *Essen Tasch*. Você sabe que o velho Tieren tem um fraco por mim.

Ele falou tão rápido que Lila mal conseguiu acompanhar, mas sua atenção deu um salto com a menção do sumo sacerdote de Londres.

— Jin, conheça minha tripulação. Pelo menos, aqueles de quem mais gosto.

Os olhos do homem dançaram pela mesa, pairando em Lila por um instante — pareciam uma brisa fresca — antes de voltar para Alucard. De perto, seu olhar metálico era ainda mais inquietante.

— De que estamos chamando você hoje?

— Capitão está ótimo.

— Que oficial! Embora eu suponha que não seja tão ruim quanto um título de *vestra*. — Ele se curvou em um gesto elaborado que vagamente se assemelhava a uma reverência, se esta fosse acompanhada de um gesto de mão rude. — Sua Eminência Alucard, segundo filho da Casa Real de Emery.

— Você está passando vergonha.

— Não, estou envergonhando *você* — falou Jin, pondo-se de pé. — Há uma diferença.

Alucard ofereceu-lhe um assento, mas Jin recusou, pousando no ombro da própria cadeira de Alucard, leve como uma pena.

— O que eu perdi?

— Nada ainda.

Jin olhou em volta.

— Vai ser um torneio estranho.

— É?

— Ares de mistério em torno de tudo este ano.

— Isso é uma piada elemental?

— Rá! — disse Jin. — Eu nem pensei nisso.

— Pensei que tivesse uma lista de piadas de vento — provocou Alucard. — Eu com certeza tenho, só para você, e as dividi nas categorias de calafrios, ventos, vapor...

— Você é igual às suas velas — cutucou Jin, saltando da cadeira. — Um cabeça de vento. Mas estou falando sério — disse ele, inclinando-se. — Eu ainda não vi metade dos competidores. Talvez estejam escondidos para causar efeito. E a pompa que cerca tudo! Estive em Faro três anos atrás, e você sabe o quanto eles gostam de ouro, mas era um casebre em comparação com isto aqui. Estou lhe dizendo, o ar de espetáculo perdeu os limites. Eu culpo o príncipe. Sempre teve uma queda pelo drama.

— Diz o homem flutuando a três polegadas do chão.

Lila olhou para baixo e se espantou ligeiramente quando viu que Jinnar estava, de fato, pairando no ar. Não constantemente, mas, a cada vez que se movia, ele demorava mais do que o normal para voltar ao chão, como se a gravidade não tivesse o mesmo domínio sobre ele do que sobre todos os outros. Ou, talvez, como se algo mais o estivesse levantando.

— Bem — falou Jin, encolhendo os ombros —, suponho que combinarei esplendidamente com o evento. Assim como você — acrescentou, balançando a pena de prata no chapéu de Alucard. — Agora, se me dão licença, eu devo circular por aí e dar boas-vindas. Já volto.

E assim ele saiu. Lila se virou para Alucard, perplexa.

— Ele é sempre assim?

— Jinnar? Ele sempre foi um pouco... entusiasmado. Mas não deixe seu humor infantil enganá-la. Ele é o melhor mago do vento que já conheci.

— Ele estava *levitando* — disse Lila. Ela tinha visto muitos magos *fazendo* magia. Mas Jinnar *era* magia.

— Jinnar pertence a uma determinada escola de magia, que acredita não apenas em usar um elemento, mas em se unir a ele. — Alucard coçou a cabeça. — É como quando as crianças estão aprendendo a jogar *renna* e

precisam levar a bola com eles para todos os lugares, para se sentir confortáveis com ela. Bem, Jin nunca abandonou a bola.

Lila observou o mago do vento andar pela sala, saudando Kisimyr, Losen e também a menina de azul. E então parou para se empoleirar no braço de um sofá e começou a falar com um homem que ela ainda não havia notado. Ou melhor, ela o *tinha* notado, mas ela o tomara por membro do séquito de outra pessoa, vestido como ele estava, com um casaco preto simples e um broche iridescente em forma de S em sua garganta. Ele havia percorrido a reunião mais cedo, abraçando as bordas da sala e segurando um copo de cerveja clara. As ações denotavam mais desconforto do que discrição, e ele finalmente se retirou para um sofá para beber sua bebida em paz.

Agora, Lila apertava os olhos para ver através do salão cheio de fumaça e sombras, enquanto Jin apertava a mão dele. A pele do homem era clara, e o cabelo, escuro — mais escuro do que o de Lila — e mais curto, mas seus ossos eram alongados. *Qual a altura dele?*, perguntou-se Lila, medindo o corte de seus ombros, o comprimento de seus braços longos. Uma lufada de ar fresco tocou seu rosto e ela piscou, percebendo que Jin tinha retornado.

Ele estava sentado novamente no espaldar da cadeira de Alucard, aparecendo sem ao menos se anunciar.

— Bem — perguntou Alucard, inclinando a cabeça para trás —, estão todos aqui?

— Quase. — Jinnar puxou a lista da competição de seu bolso. — Nenhum sinal de Brost. Ou do companheiro Kamerov. Ou Zenisra.

— Louvai os santos — murmurou Alucard a este nome.

Jin deu uma risadinha.

— Você faz mais inimigos do que a maioria faz companheiros de cama.

A safira na testa de Alucard cintilou.

— Ah, eu faço muitos desses, também. — Ele acenou com a cabeça para o homem no sofá. — E o sombra?

— Alto, sombrio e quieto? Chama-se Stasion Elsor. Colega bastante agradável. Tímido, eu acho.

Stasion Elsor, pensou Lila, rolando aquele nome por sua língua.

— Ou inteligente o suficiente para manter seus trunfos perto do peito.

— Talvez — retrucou Jin. — De qualquer forma, é a primeira vez dele. E é de Besa Nal, na costa.

— Meu homem, Stross, é dessa região.

— Bem, espero que a performance de Stasion na arena seja melhor que na taverna.

— Nem sempre é importante fazer um show — repreendeu Alucard.

Jin cacarejou.

— Quem é você para falar, Emery? — Com isso, ele saiu da cadeira e pairou para longe.

Alucard se levantou. Ele olhou para a bebida em sua mão como se não tivesse certeza de como tinha chegado ali. Então a terminou em um único gole.

— Acho que é melhor eu ir saudar as pessoas — disse ele, pousando o copo vazio na mesa. — Volto já.

Lila assentiu distraidamente, sua atenção já retornando ao homem no sofá. Só que ele não estava mais lá. Ela vasculhou o salão, olhos pousando na porta bem a tempo de ver Stasion Elsor desaparecendo através dela. Lila terminou sua bebida e se pôs de pé.

— Aonde você está indo? — perguntou Stross.

Ela lançou a ele um sorriso afiado e levantou a gola do casaco.

— Vou procurar problemas.

V

Eles eram quase da mesma altura. Essa foi a primeira coisa que ela notou enquanto seguia os passos dele. Elsor era ligeiramente mais alto, e seus ombros eram sutilmente mais largos, mas ele tinha uma cintura estreita e pernas compridas. Conforme Lila o seguia, primeiro tentou aprender a forma como ele andava e então começou a imitá-lo.

Tão perto do rio, as ruas estavam cheias o suficiente para encobrir a perseguição, e ela começou a se sentir menos como uma ladra com um alvo e mais como um gato perseguindo sua presa.

Houve muitas chances de voltar atrás. Mas ela continuou.

Lila nunca tinha realmente acreditado em destino, mas, como a maioria das pessoas que rejeitam a religião, ela podia convocar uma centelha de crença quando era necessário.

Elsor não era de Londres. Ele não possuía uma comitiva. Conforme eliminava a distância entre eles, ela se perguntou quantas pessoas lá na taverna haviam reparado nele, além de Jinnar. A luz na Setting Sun estava baixa. Será que alguém tinha conseguido dar uma boa olhada no rosto dele?

De qualquer forma, uma vez que o torneio começasse, eles não teriam rostos.

Loucura, advertiu uma voz, mas o que ela tinha a perder? Alucard e o *Spire*? Cuidado, pertencimento... o valor que se dava a isso tudo era tão exagerado.

Elsor pôs as mãos nos bolsos.

Lila pôs as mãos nos bolsos.

Ele alongou o pescoço.

Ela alongou o pescoço.

Lila trazia uma variedade de facas consigo, mas não planejava matá-lo, não se pudesse evitar. Roubar uma identidade era uma coisa; roubar uma vida era outra, e, embora ela certamente tivesse sua cota de mortes, não tomara isso de forma leviana. Ainda assim, para o seu plano funcionar, *algo* tinha que acontecer com Stasion Elsor.

Ele dobrou uma esquina para uma rua estreita que levava às docas. A rua era irregular e estava vazia, contando apenas com lojas escurecidas e uma série de lixeiras e caixotes espalhados.

Sem dúvida, Elsor era um excelente mago, mas Lila tinha o elemento surpresa e nenhum problema em jogar sujo.

Uma barra de metal estava encostada em uma porta, cintilando à luz bruxuleante da lanterna.

O objeto fez barulho ao raspar nas pedras quando Lila o levantou, e Elsor virou-se para trás. Ele era rápido, mas ela era mais, imprensando-se na soleira da porta antes que os olhos dele encontrassem o lugar em que ela estivera.

Uma chama se acendeu na palma da mão do homem, e ele segurou a luz no alto, as sombras dançando pela rua. Um mago do fogo.

Era o último sinal de que Lila precisava.

Seus lábios se moveram, a magia percorrendo-a enquanto convocava alguns versos de Blake. Não uma canção de fogo ou de água, e sim de terra. Um vaso no peitoral da janela acima dele deslizou para fora da borda e caiu, errando o alvo por centímetros e quebrando no chão da rua. Elsor girou para procurar o som uma segunda vez. Com isso, Lila diminuiu a distância e levantou a barra de metal, sentindo-se um pouco menos culpada.

Engane-me de novo, culpa do bobo, pensou ela, balançando a barra.

As mãos dele se ergueram, lentas demais para deter o golpe, mas rápidas o suficiente para agarrar a frente do casaco dela antes de desabar na rua com o som de um peso morto e o assobio de uma chama apagada com água.

Lila bateu nas gotas de fogo em seu casaco e franziu a testa. Calla não ficaria feliz.

Ela apoiou a barra na parede e se ajoelhou para analisar Stasion Elsor de perto, vendo que os ângulos de seu rosto eram ainda mais afilados. O sangue corria em sua testa, mas seu peito estava subindo e descendo, e

Lila sentiu-se bastante orgulhosa de seu comedimento enquanto arrastava o braço dele por cima de seus ombros e lutava para ficar de pé sob a carga. Com a cabeça inclinada para a frente e o cabelo escuro cobrindo a ferida na têmpora, quase parecia um homem muito bêbado.

E agora?, pensou ela, e nesse exato momento uma voz atrás dela disse:

— Agora o quê?

Lila girou o corpo, soltando Elsor e ao mesmo tempo desembainhando sua adaga. Com um chicotear do pulso, o punhal tornou-se dois, e, quando golpeou o metal contra o metal, as duas lâminas se acenderam, o fogo lambendo as bordas.

Alucard estava na entrada da rua estreita, com os braços cruzados.

— Impressionante — disse ele, soando decididamente *não impressionado*. — Diga-me, você está planejando me queimar, me apunhalar ou ambos?

— O que você está fazendo aqui? — sibilou ela.

— Acho que eu é quem deveria estar fazendo essa pergunta.

Ela gesticulou para o corpo.

— Não é óbvio?

O olhar de Alucard saiu das lâminas para a barra de metal e então para a forma encolhida aos pés de Lila.

— Não, realmente não é. Porque você não poderia ser tola o bastante para matar um competidor.

Lila reuniu as facas, apagando as flamas.

— Eu não o matei.

Alucard deixou um gemido baixo escapar.

— Santos, você realmente quer morrer. — Ele segurou o chapéu. — No que estava *pensando*?

Lila olhou em volta.

— Há uma porção de embarcações indo e vindo. Eu ia escondê-lo em uma delas.

— E o que você pretende fazer quando ele acordar, fizer o navio retornar e voltar a tempo para garantir que você seja presa e ele possa continuar a competir? — Quando Lila não respondeu, pois ela não havia pensado em tudo isso, Alucard sacudiu a cabeça. — Você tem um verdadeiro dom para pegar as coisas, Bard. Mas já não é tão boa em se livrar delas.

Lila se manteve firme.

— Vou dar um jeito. — Em voz baixa, Alucard estava murmurando xingamentos em uma variedade de idiomas. — Você estava me *seguindo*?

Alucard ergueu as mãos.

— Você atacou um concorrente... só posso imaginar que tivesse a ideia estúpida de tomar o lugar dele... e tem a petulância de ficar ofendida com as *minhas* ações? Você sequer *pensou* no que isso significaria para *mim*?

— Ele parecia vagamente histérico.

— Isso não tem nada a ver com você.

— Isso tem tudo a ver comigo! — explodiu ele. — Sou seu capitão! Você é da minha tripulação. — A farpa a atingiu com força inesperada. — Quando as autoridades descobrirem que um marinheiro a bordo do meu navio sabotou um competidor, o que você acha que vão presumir? Que você estava louca o suficiente para fazer algo tão estúpido por conta própria, ou que *eu* ordenei isto?

Ele estava pálido de fúria e o ar ao redor deles zumbia. A indignação flutuou através de Lila, seguida rapidamente pela culpa. A combinação embrulhou seu estômago.

— Alucard... — Lila começou a falar.

— Ele viu o seu rosto?

Lila cruzou os braços.

— Acho que não.

Alucard andou de um lado para o outro, murmurando algo, e depois ficou de joelhos ao lado de Elsor. Ele virou o homem e começou a cavoucar-lhe os bolsos.

— Você está *roubando* o homem? — perguntou ela, incrédula.

Alucard nada disse enquanto espalhava o conteúdo do casaco de Elsor sobre as pedras congeladas. Uma chave de hospedaria. Algumas moedas. Um punhado de páginas dobradas. Escondido no centro, Lila viu, estava seu convite formal para o *Essen Tasch*. Alucard arrancou o broche iridescente da gola do casaco do homem, depois sacudiu a cabeça e recolheu os itens. Ele ficou de pé, empurrando os artigos nas mãos de Lila.

— Quando isto acabar mal, e *irá*, você não vai levar o *Spire* com você. Entendeu, Bard?

Lila assentiu com firmeza.

— E, para constar — disse ele —, esta é uma péssima ideia. Você *será* pega. Talvez não de imediato. Mas eventualmente. E, quando acontecer, eu não vou te proteger.

Lila levantou uma sobrancelha.

— Eu não estou pedindo isso. Acredite ou não, Alucard, posso me proteger sozinha.

Ele olhou para o homem inconsciente entre eles.

— Isso significa que você *não* precisa da minha ajuda para se livrar desse homem?

Lila enfiou os cabelos atrás da orelha.

— Não tenho certeza de que *preciso*, mas certamente apreciaria.

Ela se ajoelhou para pegar um dos braços de Elsor, e Alucard estendeu a mão para o outro, mas, no meio do caminho, ele parou e pareceu reconsiderar. Ele cruzou os braços, seus olhos escuros e sua boca em um sorriso sombrio.

— O que é agora? — perguntou Lila, ficando de pé.

— Este é um segredo caro, Bard — decretou ele. — Vou guardá-lo em troca de outro.

Droga, pensou Lila. Ela havia passado meses no mar sem compartilhar algo que não quisesse.

— Eu lhe concedo uma pergunta — disse ela, finalmente. — Uma resposta.

Lila havia perdido a conta de quantas vezes Alucard fizera as mesmas perguntas: *quem é você, o que você é e de onde você veio?* E as respostas que ela tinha dito repetidas vezes não eram mentiras. *Delilah Bard. Sou única. Londres.*

Mas, parado ali nas docas naquela noite, Alucard não fez nenhuma dessas perguntas.

— Você diz que é de Londres... — Ele a olhou nos olhos. — Mas não quer dizer *dessa* aqui, não é?

O coração de Lila apertou, e ela sentiu que estava sorrindo, embora esta fosse a única pergunta que ela não poderia responder com uma mentira.

— Não — respondeu ela. — Agora me ajude com este corpo.

* * *

Alucard mostrou-se perturbadoramente apto a fazer alguém desaparecer.

Lila apoiou-se em um conjunto de caixas na extremidade de transporte das docas, o lugar onde os navios iam e vinham, ao contrário daqueles que estavam instalados para ficar durante todo o torneio, e revirou o broche em forma de *S* de Elsor em seus dedos. Elsor estava sentado no chão, caído contra as caixas, enquanto Alucard tentava convencer um par de homens de aparência rude a pegar uma carga de última hora. Ela só captou trechos da conversa, a maioria deles vindos de Alucard, afinada como estava com o arnesiano dele.

— Onde você coloca... que dura o quê, quinze dias nesta época do ano...?

Lila colocou o broche no bolso e percorreu os papéis de Elsor, segurando-os à luz do lampião mais próximo. O homem gostava de desenhar. Imagens pequenas preenchiam as margens de cada pedaço de papel, salvo o convite formal. Este era um objeto encantador, com bordas de ouro, lembrando a ela o convite do baile do aniversário do príncipe Rhy, maculado apenas por uma dobra no meio. Elsor também carregava uma carta parcialmente escrita e algumas anotações escassas sobre os outros concorrentes. Lila sorriu quando viu a nota de apenas uma palavra sobre Alucard Emery:

Ator.

Ela dobrou as páginas e as enfiou no casaco. Falando em casacos, ela se agachou e começou a despir o do homem inconsciente. Era de boa qualidade, um cinza escuro como carvão com um colarinho baixo e duro e uma cintura com cinto. Por um instante ela pensou em trocar, mas não conseguiu se separar da obra-prima de Calla, então, em vez disso, tirou um cobertor de lã de um carrinho e o enrolou em torno de Elsor para que ele não congelasse.

Por fim, ela pegou uma faca e cortou uma grande mecha de cabelo da cabeça do homem, amarrando-a em um nó antes de colocá-la no bolso.

— Eu não quero saber — murmurou Alucard, que de repente estava de pé ao lado dela com os marinheiros um passo atrás. Ele acenou com a

cabeça para o homem no chão. — *Ker tas naster* — resmungou ele. *Este é o homem.*

Um dos marinheiros tocou Elsor com a bota.

— Bêbado?

O outro marinheiro ajoelhou-se e prendeu um par de ferros em volta dos pulsos de Elsor, e Lila viu Alucard se encolher instintivamente.

— Cuidado com ele — disse ele enquanto levantavam o homem.

O marinheiro encolheu os ombros e murmurou alguma coisa tão confusa que Lila não podia dizer onde uma palavra terminava e a próxima começava. Alucard apenas balançou a cabeça enquanto eles se viravam e começavam a levá-lo para o navio.

— Só isso? — perguntou Lila.

Alucard franziu o cenho.

— Você conhece a moeda mais valiosa da vida, Bard?

— Qual?

— Um favor. — Os olhos dele se estreitaram. — Agora devo a esses homens. E você deve a mim. — Ele manteve os olhos treinados sobre os marinheiros enquanto transportaram o inconsciente Elsor a bordo. — Eu me livrei do seu problema, mas ele não vai *permanecer* longe. Este é um navio de criminosos. Uma vez que partir, não estará autorizado a voltar até chegar a Delonar. E ele não consta da lista de prisioneiros, então, quando aportarem, saberão que estão levando um homem inocente. Portanto, não importa o que aconteça, é melhor você não estar aqui quando ele voltar.

O significado das palavras era explícito, mas ela ainda tinha que perguntar.

— E o *Spire*?

Alucard olhou para ela com a mandíbula cerrada.

— Só tem espaço para um criminoso. — Ele soltou uma respiração baixa, que se transformou em vapor diante de sua boca. — Mas eu não me preocuparia.

— Por quê?

— Porque você vai ser pega muito antes de partirmos.

Lila conseguiu abrir um sorriso sombrio conforme Stasion Elsor e os marinheiros desapareciam sob o convés.

— Tenha um pouco de fé, Capitão.

Mas a verdade era que ela não tinha ideia do que faria quando isso degradingolasse, a menor ideia de se havia se condenado por acidente, ou pior, de propósito. Sabotado outra vida. Assim como na Stone's Throw.

— Permita-me elucidar algo — falou Alucard enquanto se afastavam das docas. — Minha ajuda termina aqui. Alucard Emery e Stasion Elsor não têm negócios em conjunto. E, se tivermos oportunidade de nos encontrar na arena, não vou poupar você.

Lila bufou.

— Espero que não. Além disso, ainda tenho alguns truques na manga.

— Suponho que sim — disse ele, finalmente olhando para ela. — Afinal, se você correr o bastante, ninguém poderá alcançar você.

Ela franziu o cenho, lembrando-se da pergunta dele e da resposta dela.

— Há quanto tempo você sabe? — indagou ela.

Alucard conseguiu exibir o esboço de um sorriso, emoldurado pela soleira da hospedaria.

— Por que acha que eu a deixei entrar no meu navio?

— Porque eu era a melhor ladra?

— Certamente a mais estranha.

* * *

Lila não se deu ao trabalho de dormir; havia muito a fazer. Ela e Alucard desapareceram em seus respectivos quartos sem nem sequer dizer *boa noite*, e, quando ela saiu algumas horas depois com as coisas de Elsor enfiadas debaixo do braço, Alucard não a seguiu, mesmo ela *sabendo* que ele estava acordado.

Um problema de cada vez, disse a si mesma enquanto subia a escada da hospedaria Coach and Castle, a chave do quarto pendurada em seus dedos. Uma etiqueta de bronze na extremidade continha o nome do lugar e do quarto: três.

Ela encontrou o quarto de Elsor e entrou.

Tinha revistado os bolsos do homem e estudado seus papéis, mas, se houvesse qualquer outra coisa a aprender antes que ela assumisse o papel ao anoitecer, acreditava que encontraria ali.

O quarto era simples. A cama estava arrumada. Um espelho estava apoiado ao lado da janela, e havia um porta-retratos dobrável de prata sobre o peitoril estreito, um retrato de Elsor de um lado e de uma jovem do outro.

Remexendo em um baú ao pé da cama, ela encontrou mais algumas peças de roupa, um caderno, uma espada curta e um par de luvas. Estas últimas eram peculiares, projetadas para cobrir a parte superior das mãos, mas expor as palmas e pontas dos dedos. Perfeito para um mago de fogo, pensou ela, colocando-as no bolso.

Em sua maior parte, o caderno continha esboços, incluindo vários da jovem, bem como algumas notas rabiscadas e um registro de viagem. Elsor era meticoloso e parecia ter realmente vindo sozinho. Várias cartas e fichas estavam enfiadas no caderno, e Lila estudou sua assinatura, praticando primeiro com seus dedos e depois com um toco de lápis até que pegasse o jeito.

Ela então começou a esvaziar o baú, jogando o conteúdo na cama, objeto por objeto. Um conjunto de caixas perto do fundo guardava um chapéu alongado que se desenrolava sobre a testa e uma tela que se desdobrava, mostrando um conjunto de artigos de higiene.

E então, em uma caixa no fundo do baú, ela encontrou a máscara de Elsor.

Era esculpida em madeira e lembrava vagamente um carneiro, com chifres que abraçavam os lados da cabeça e se curvavam ao lado das bochechas. A única cobertura facial de verdade ficava sobre o nariz. Isso não adiantaria. Ela o devolveu ao fundo do baú e fechou a tampa.

Em seguida, ela experimentou cada peça de roupa, comparando suas medidas com as de Elsor. Como esperava, não eram muito diferentes. Examinando um par de calças ela confirmou que era alguns centímetros mais baixa do que o homem, mas, colocando algumas meias nos calcanhares de suas botas, alcançou a altura certa.

Por fim, Lila pegou o retrato do peitoril e examinou o rosto do homem. Ele usava um chapéu como o que estava jogado na cama, os cabelos escuros derramados sob ele emoldurando seu rosto anguloso com cachos quase pretos.

O próprio cabelo de Lila era vários tons mais claro, mas, quando ela o molhou com água, ficaram parecidos. Não era uma solução permanente, é

lógico, especialmente no inverno, mas isso a ajudou a se concentrar enquanto desembainhava uma de suas facas.

Ela devolveu o retrato ao peitoril, estudando-o conforme pegava um monte de cabelo e o cortava com a lâmina. Tinha crescido muito nos meses no mar, e havia algo libertador em cortá-lo novamente. Os fios caíram no chão enquanto ela encurtava a parte de trás e modelava a frente, a combinação violenta de frio e aço dando às extremidades um ligeiro enrolamento.

Vasculhando os escassos suprimentos de Elsor, ela encontrou um pente e um tubo de algo escuro e brilhante. Cheirava a nozes silvestres, e, conforme ela o aplicava no próprio cabelo, ficou aliviada de ver que mantinha os cachos no lugar.

O casaco cor de carvão jazia na cama, e ela o vestiu. Pegando o chapéu da cama, colocou-o cautelosamente sobre a cabeça e voltou-se para o seu reflexo. Um estranho, não exatamente Elsor, mas certamente não Bard, olhava de volta para ela. Algo estava faltando. O broche. Ela procurou nos bolsos de seu casaco e tirou o alfinete de gola iridescente, prendendo-o em sua garganta. Então inclinou a cabeça, ajustando sua postura e maneirismos até que a ilusão entrou em um foco mais nítido.

Lila abriu um sorriso.

Isso, pensou ela, acrescentando a espada curta de Elsor à cintura, é quase tão divertido quanto ser um pirata.

— *Avan, ras Elsor* — disse uma mulher corpulenta enquanto Lila descia as escadas. A estalajadeira.

Lila assentiu, desejando ter tido a chance de ouvir o homem falar. Alucard não tinha dito que ele e Stross eram da mesma parte do império? O sotaque dele tinha bordas ásperas, que Lila tentou imitar enquanto murmurava:

— *Avan.*

A ilusão se manteve. Ninguém mais lhe deu atenção, e Lila caminhou na luz da manhã, não como um ladrão de rua ou um marinheiro, mas um mago, pronto para o *Essen Tasch*.





SETE

INTERSEÇÕES

I

Na véspera do *Essen Tasch*, o Mercado Noturno começou a fervilhar por volta do meio-dia.

Aparentemente, a atração das festividades e dos estrangeiros ansiosos para gastar dinheiro era suficiente para alterar o horário de funcionamento. Com tempo para matar antes da Noite dos Estandartes, Lila perambulou pelas barracas, suas moedas tilintando nos bolsos de Elsor; ela comprou uma xícara de chá temperado e um tipo de pão doce e tentou se sentir confortável em sua nova personagem.

Ela não se atreveu a voltar para a Wandering Road, onde teria de trocar Elsor por Bard ou, do contrário, ser desmascarada. Uma vez que o torneio começasse, não importaria. Identidades desapareceriam atrás de máscaras. Mas hoje ela precisava ser vista. Reconhecida. Lembrada.

Não era uma tarefa difícil. Os donos das barracas eram notoriamente fofoqueiros; tudo o que ela tinha que fazer era puxar conversa enquanto fazia compras, deixar escapar uma dica, um detalhe, um nome aqui e ali, mencionar de propósito algo sobre o torneio e esquecer um pacote para que alguém corresse atrás dela gritando: Elsor! Mestre Elsor!

Quando ela chegou à fronteira do mercado com o palácio, o trabalho estava feito: havia rumores percorrendo a multidão. *Stasion Elsor. Um dos competidores. Rapaz bonito. Magro demais. Nunca o vi antes. Do que será que ele é capaz? Acho que veremos.* Ela sentia os olhos sobre si conforme fazia compras, captava resquícios de conversas sussurradas e lutava para sufocar seus instintos de ladra de enganar os olhares e desaparecer.

Ainda não, pensou ela quando o sol finalmente começou a se pôr.

Um assunto ainda estava pendente.

— Lila! — disse Calla quando ela entrou na tenda. — Chegou cedo.

— Você não falou o horário.

A mercadora parou, assimilando a nova aparência de Lila.

— Que tal estou? — perguntou ela, enfiando as mãos nos bolsos do casaco de Elsor.

Calla suspirou.

— Você está se parecendo ainda menos com uma mulher do que habitualmente.

Ela tirou o chapéu de Lila da cabeça da garota e o rodopiou nas mãos.

— Não é ruim — disse Calla, antes de notar que Lila estava com os cabelos mais curtos. Ela pegou uma mecha entre as mãos. — Mas por que *isso*?

Lila deu de ombros.

— Eu quis mudar.

Calla estalou a língua, produzindo um som de desaprovação, mas não continuou a conversa. Em vez disso, desapareceu atrás da cortina e emergiu de volta um instante depois, segurando uma caixa.

Dentro dela estava a máscara de Lila.

Ela a pegou e titubeou ao sentir o peso. O interior havia sido forrado com um metal escuro, tão finamente forjado e trabalhado que parecia ter sido derramado em vez de martelado. Calla não havia se desfeito da máscara de demônio feita em couro, não totalmente, mas tinha desmembrado a peça e criado algo novo. As linhas eram simples, e os ângulos, agudos. Os chifres pretos e simples que antes serpenteavam e se enrolavam para cima e sobre a cabeça, agora se curvavam para trás de uma maneira elegante. A fronte estava mais angulosa, projetando-se ligeiramente para a frente como um visor. A parte de baixo da máscara, que antes terminava na altura das maçãs do rosto, agora se estendia mais para baixo, dos lados, seguindo as linhas do queixo dela. Ainda era um rosto monstruoso, mas era uma nova raça de demônio.

Lila colocou a máscara sobre a cabeça. Ela ainda estava maravilhada com o objeto lindo e monstruoso quando Calla lhe entregou outra coisa. Era feito do mesmo couro preto e forrado com o mesmo metal escuro, formando uma espécie de coroa ou sorriso; os lados mais largos que o centro. Lila revirou-o nas mãos, perguntando-se o que era, até que Calla o pegou de volta, se dirigiu até as costas de Lila e colocou a placa metálica em torno da garganta dela.

— Para manter sua cabeça no devido lugar — disse a mulher, que então começou a prender as laterais do protetor de pescoço a pequenas dobradiças escondidas nos lados da máscara, que se afunilavam. Era como uma mandíbula, e, quando Lila olhou para seu reflexo, viu seu rosto aninhado entre as duas metades do crânio do monstro.

Ela abriu um sorriso diabólico, os dentes cintilando dentro da boca do capacete.

— Você — falou Lila — é brilhante.

— *Anesh* — disse Calla, encolhendo os ombros, embora Lila pudesse ver que a mercadora estava orgulhosa.

Lila teve uma vontade súbita e peculiar de *abraçar* a mulher, mas resistiu.

A mandíbula articulada permitia que ela levantasse a máscara, o que ela fez. A cabeça do demônio ficou apoiada sobre a dela como uma coroa, a mandíbula ainda circundando sua garganta.

— Como estou? — perguntou ela.

— Estranha — respondeu Calla. — E perigosa.

— Perfeito.

Lá fora, os sinos começaram a dobrar, e o sorriso de Lila se alargou.

Chegara a hora.

* * *

Kell foi até sua cama e examinou as roupas — um conjunto de calças pretas e uma camisa preta de gola alta, ambas adornadas com detalhes em ouro. Em cima da camisa estava o broche dourado que Rhy lhe dera para a recepção real. Seu casaco estava jogado sobre o encosto de uma cadeira, mas ele o deixou ali. Era o amuleto de um viajante, mas esta noite ele estava confinado ao palácio.

As roupas sobre a cama haviam sido escolhidas por Rhy e não eram simplesmente um presente.

Eram uma mensagem.

Amanhã, você pode ser *Kamero*v.

Hoje à noite, você é *Kell*.

Hastra tinha aparecido antes, apenas para confiscar sua máscara, por ordens de Rhy.

Kell havia relutado em abandoná-la.

— Você deve estar animado — dissera Hastra, lendo sua hesitação — com o torneio. Não imagino que possa testar seu valor com frequência.

Kell tinha franzido o cenho.

— Isso não é um jogo — dissera ele, talvez com severidade demais. — É para a segurança do reino. — Ele sentira uma pontada de culpa ao observar Hastra ficar pálido.

— Fiz um juramento para proteger a família real.

— Então me desculpe — falara Kell, pesaroso — por você estar preso comigo, *me* protegendo.

— É uma honra, senhor. — Nada houve em seu tom de voz que a mais pura e simples verdade. — Eu o defenderia com a minha vida.

— Bom — dissera Kell, entregando a máscara de Kamerov. — Espero que você nunca precise fazê-lo.

O jovem guarda conseguira abrir um pequeno sorriso envergonhado.

— Eu também, senhor.

Kell andou de um lado para o outro de seu quarto, tentando tirar o dia seguinte de sua mente. Primeiro teria que sobreviver à noite de hoje.

Um jarro e uma bacia estavam sobre o aparador. Kell derramou a água na bacia e pressionou as mãos nas laterais até a água ferver. Uma vez limpo, ele vestiu o traje escolhido por Rhy, disposto a agradar o irmão. Era o mínimo que podia fazer, embora Kell se perguntasse, enquanto vestia a túnica, por quanto tempo Rhy cobraria seu preço. Podia imaginar o príncipe daqui a uma década pedindo a Kell para lhe trazer chá.

— Pegue você mesmo — diria ele, e Rhy responderia:

— Você se lembra de Kamerov?

As roupas de gala de Kell eram justas, no estilo que Rhy gostava, e feitas de um tecido preto tão delicado que captava a luz em vez de engoli-la. O corte e o caimento o forçavam a ficar ereto, empertigado, eliminando sua habitual postura desajeitada. Ele abotoou os botões de ouro, os punhos e os colarinhos — *Santos, quantas fivelas eram necessárias para vestir um homem?* — e, por fim, espetou o broche real acima do coração.

Kell olhou-se no espelho e enrijeceu.

Mesmo com sua pele clara e o cabelo castanho-avermelhado, mesmo com o olho preto que brilhava como pedra polida, Kell parecia *régio*. Ele olhou para seu reflexo por um longo momento, hipnotizado, antes de desviar o olhar. Ele parecia um príncipe.

* * *

Rhy ficou diante do espelho, abotoando os botões brilhantes de sua túnica. Do lado de fora da varanda fechada, os sons de celebração se elevavam na noite fria como vapor. Carruagens e risos, passos e música.

Ele estava atrasado e sabia disso, mas não conseguia controlar seus nervos, dominar seus medos. Estava escurecendo, e a escuridão se aninhara ao palácio, e a ele; o peso se assentava em seu peito.

Ele serviu uma bebida para si mesmo — a terceira — e forçou um sorriso ao olhar para seu reflexo.

Onde estava o príncipe que gostava dessas festas, que amava acima de tudo ser a alegria contagiosa no centro do salão?

Morto, pensou Rhy, friamente, antes que conseguisse se deter. Ficou aliviado, não pela primeira vez, que Kell não pudesse ler sua mente tão bem quanto sentia sua dor. Por sorte, outras pessoas pareciam olhar para Rhy e ainda ver o que ele tinha sido em vez do que era agora. Ele não sabia se isso significava que era bom em esconder a diferença ou que eles apenas não estavam prestando atenção. Kell o olhava, e Rhy tinha certeza de que enxergava a mudança, mas tinha a consideração de não dizer nada. Nada havia a ser dito. Kell tinha dado a Rhy uma vida — a vida *dele* — e não era culpa de Kell se Rhy não gostara tanto dela quanto da sua própria. Ele havia perdido aquela, um preço pago por sua própria tolice.

Ele sorveu a bebida, esperando que isso fosse deixá-lo com o humor melhor, mas só entorpeceu o mundo sem sequer tocar em seus pensamentos.

Passou os dedos pelos botões brilhantes e ajustou sua coroa pela décima vez, estremecendo quando uma rajada de ar frio roçou seu pescoço.

— Temo que não esteja usando ouro suficiente — disse uma voz vinda das portas da varanda.

Rhy enrijeceu.

— Para que servem os guardas — disse lentamente — quando deixam entrar até piratas?

O homem deu um passo à frente e depois outro, a prata que o adornava produzindo um tilintar abafado.

— *Corsário* é o nome que se usa hoje em dia.

Rhy engoliu em seco e virou-se para encarar Alucard Emery.

— Quanto ao ouro — disse ele em voz baixa —, é um equilíbrio delicado. Quanto mais eu uso, é mais provável que alguém tente roubá-lo de mim.

— É um grande dilema — falou Alucard, avançando outro passo.

Rhy o deixou entrar. Ele estava vestido com roupas que claramente nunca haviam estado no mar. Vestes de um azul escuro que contrastavam com uma capa prateada, o belo cabelo castanho penteado e entremeado com pedras preciosas. Uma única safira cintilava sobre seu olho direito. Aqueles olhos, como os lírios da noite à luz do luar. Ele costumava cheirar como essas flores. Agora ele cheirava à brisa do mar e a especiarias e outras coisas que Rhy não conseguia nomear, vindas de terras que nunca vira.

— O que traz um patife como você aos meus aposentos? — perguntou Rhy.

— Um patife — Alucard rolou a palavra pela língua. — Melhor um patife do que um nobre entediado.

Rhy sentiu os olhos de Alucard passeando lentamente, vorazes, sobre ele, então corou. O calor começou em seu rosto e se espalhou para baixo, por seu pescoço, seu peito, por baixo da camisa e do cinto. Era desconcertante. Rhy talvez não tivesse magia, mas, quando se tratava de conquistas, ele estava acostumado a ser o dono do poder: as coisas aconteciam ao seu capricho, para o seu prazer. Agora ele sentia o poder vacilar, se esvaír. Em toda a Arnes, havia apenas uma pessoa capaz de perturbar o príncipe, de reduzi-lo de um orgulhoso nobre a um jovem nervoso, e esse era Alucard Emery. Inadequado. Patife. Corsário. E nobre. Afastado do trono por um emaranhado de linhagens sanguíneas, sim, mas ainda na linha sucessória. Alucard Emery poderia ter tido um brasão e um lugar na corte. Em vez disso, ele fugira.

— Você veio para o torneio — disse Rhy, conversando fiado.

Alucard apertou os lábios.

— Entre outras coisas.

Rhy hesitou, sem saber o que dizer. Com qualquer outra pessoa, ele teria retrucado com um flerte. Porém, parado ali, a um passo de Alucard, não conseguia respirar, quanto mais dizer alguma coisa. Ele se afastou, remexendo os punhos da camisa. Ouviu o som de prata tilintando, e, um instante depois, Alucard passou um braço possessivamente em seus ombros e levou os lábios ao pescoço do príncipe, logo abaixo da orelha. Rhy *estremeceu*, de verdade.

— Você está íntimo demais de seu príncipe — advertiu ele.

— Então você admite? — Ele roçou os lábios no pescoço de Rhy. — Que você é meu?

Ele mordeu o lóbulo da orelha de Rhy, e o príncipe arquejou, as costas arqueando. Alucard sempre sabia o que dizer, e o que fazer, para que o mundo cedesse às suas vontades.

Rhy se virou para dizer alguma coisa, mas a boca de Alucard já estava na dele. Mãos enroladas nos cabelos, apertando os casacos. Eles eram uma colisão estimulada pela força de três anos de distância.

— Você sentiu minha falta — disse Alucard.

Não era uma pergunta, mas *havia* uma confissão nela, porque tudo sobre Alucard, desde a tensão em suas costas, a forma como seus quadris pressionavam o de Rhy, até o compasso de seu coração e o tremor em sua voz, diziam que a saudade havia sido mútua.

— Sou um príncipe — falou Rhy, lutando para manter a compostura. — Eu sei como me manter entretido.

A safira cintilou na testa de Alucard.

— *Eu* posso entreter muito bem.

Ele já estava se inclinando para a frente enquanto falava, e Rhy se pegou diminuindo a distância, mas, no último momento, Alucard enredou seus dedos no cabelo de Rhy e puxou a cabeça dele para trás, expondo a garganta do príncipe. Ele pressionou seus lábios na depressão abaixo do queixo de Rhy.

Rhy cerrou os dentes, lutando para conter um gemido, mas seu silêncio provavelmente o traiu; ele sentiu Alucard sorrir contra sua pele. Os dedos do homem deslizaram pela sua túnica, desabotoando habilmente o

colarinho para que seus beijos pudessem continuar a descer, mas Rhy sentiu que ele hesitou ao ver a cicatriz sobre seu coração.

— Alguém feriu você — sussurrou ele na clavícula de Rhy. — Devo fazer você se sentir melhor?

Rhy puxou o rosto de Alucard de volta para o dele, desesperado para desviar sua atenção da cicatriz e das perguntas que poderiam surgir. Mordeu o lábio de Alucard e se deleitou com a pequena vitória contida no suspiro que arrancou conforme...

Os sinos tocaram.

A Noite dos Estandartes.

Ele estava atrasado. Eles estavam atrasados.

Alucard riu suave e tristemente. Rhy fechou os olhos e engoliu em seco.

— *Santo* — praguejou ele, odiando o mundo que o esperava depois das portas de seu quarto, assim como seu lugar nele.

Alucard já estava se afastando, e por um instante tudo o que Rhy queria fazer era puxá-lo para trás, abraçá-lo, apavorado com o pensamento de que, se ele o deixasse ir, Alucard desapareceria novamente, não apenas do quarto, mas de Londres, fugindo *dele*, sumindo na noite e no mar como fizera três anos antes. Alucard devia ter visto o pânico em seus olhos, porque voltou e envolveu Rhy, pressionando seus lábios nos dele uma última vez em um beijo suave e duradouro.

— Calma — disse ele, desvencilhando-se lentamente. — Não sou um fantasma. — E então sorriu, arrumou o casaco e se virou para sair. — Ajeite sua coroa, meu príncipe — falou ele quando chegou à porta. — Está torta.

II

Kell estava no meio da escadaria quando encontrou com um membro baixinho da *ostra*, de barba aparada e olhar cansado. Parlo, a sombra do príncipe desde o início dos preparativos para o torneio.

— Mestre Kell — disse ele, sem fôlego. — O príncipe não está com você?

Kell inclinou a cabeça.

— Achei que ele já tivesse descido.

Parlo sacudiu a cabeça.

— Alguma coisa poderia estar errada?

— Nada está errado — respondeu Kell, assertivo.

— Bem, então está prestes a ficar. O rei está perdendo a paciência; a maioria dos convidados já chegou e o príncipe ainda não fez sua entrada.

— Talvez seja exatamente isso o que ele esteja tentando fazer. — Parlo parecia enjoado de tanto pânico. — Se você está preocupado, por que não vai ao quarto dele buscá-lo?

O membro da *ostra* empalideceu ainda mais, como se Kell tivesse acabado de sugerir algo inadmissível. Obsceno.

— Está bem — resmungou Kell, voltando a subir as escadas. — *Eu vou.*

Tolners e Vis estavam do lado de fora do quarto de Rhy. Kell estava a poucos passos da câmara quando as portas se abriram e uma figura saiu quase correndo. Uma figura que certamente *não era* Rhy. Os guardas arregalaram os olhos ao vê-lo. O homem obviamente não havia entrado por ali. Kell freou quando eles quase colidiram e, mesmo que anos tivessem se passado — muito poucos, na opinião de Kell —, ele reconheceu o homem imediatamente.

— Alucard Emery — disse friamente, exalando o nome como se fosse um xingamento.

Um sorriso lento se abriu na boca do homem, e Kell precisou de todas as suas forças para não removê-lo fisicamente.

— Mestre Kell — disse Alucard, alegremente. — Que prazer inesperado encontrá-lo aqui. — A voz possuía uma risada natural ao fundo, e Kell nunca sabia dizer se Alucard estava zombando dele.

— Não sei como pode ser inesperado — retrucou Kell —, uma vez que *eu* moro aqui. O que *é* inesperado é esbarrar com *você*, pois achei que tivesse sido bastante elucidativo da última vez que nos encontramos.

— Muito — ecoou Alucard.

— Então, o que você estava fazendo no quarto do meu irmão?

Alucard levantou uma sobrancelha.

— Você quer uma descrição detalhada? Ou basta um resumo?

Kell enterrou as unhas nas palmas das próprias mãos. E sentiu o sangue brotar. Alguns feitiços vieram à sua mente, dezenas de formas diferentes de arrancar aquele olhar convencido do rosto de Alucard.

— O que você está fazendo aqui? — rosnou Kell.

— Tenho certeza de que você já sabe — falou Alucard, colocando as mãos nos bolsos. — Estou competindo no *Essen Tasch*. E, sendo assim, fui convidado para vir ao palácio real para a Noite dos Estandartes.

— Que está acontecendo lá embaixo, *não* no quarto do príncipe. Você se perdeu? — Ele não esperou pela resposta de Alucard. — Tolners — vociferou Kell. O guarda deu um passo à frente. — Acompanhe o mestre Emery ao Rose Hall. Assegure-se de que ele não fique perambulando por aí.

Tolners se moveu e fez menção de segurar o braço de Alucard, mas se viu subitamente atirado de costas contra a parede. Alucard sequer tirou as mãos dos bolsos, nem seu sorriso vacilou enquanto dizia:

— Tenho certeza de que consigo achar o caminho.

Ele partiu em direção à escada, mas, quando passou por Kell, este agarrou seu braço.

— Você se lembra do que eu lhe disse antes de bani-lo dessa cidade?

— Vagamente. Suas ameaças são muito parecidas.

— Eu disse — rosnou Kell através dos dentes cerrados — que se você partisse novamente o coração do meu irmão, eu arrancaria o seu. E

reafirmo essa promessa, Alucard.

— Ainda gosta de rosnar, não é, Kell? Sempre o cão fiel, mordiscando os calcanhares. Talvez um dia você realmente morda.

E com isso ele libertou o braço e caminhou para longe a passos rápidos, o casaco cor de prata azulada ondulando atrás dele.

Kell o observou partir.

No momento em que Alucard saiu de seu campo de visão, ele esmurrou uma parede com força suficiente para rachar o lambri de madeira. Xingou por causa da dor e da frustração, e um eco desse xingamento pôde ser ouvido nos aposentos de Rhy. Porém, dessa vez, Kell não se sentiu mal por causar um pouco de dor ao irmão. O sangue manchou a palma de sua mão no lugar onde as unhas haviam penetrado a pele, e Kell o pressionou sobre a madeira quebrada.

— *As Sora* — murmurou ele. *Consertar.*

A rachadura começou a se retrair, os pedaços de madeira unindo-se novamente. Ele manteve a mão ali, tentando desfazer o nó em seu peito.

— Mestre Kell... — começou a falar Vis.

— O quê? — explodiu ele, dando a volta nos guardas. O ar no corredor se agitou ao redor dele. As tábuas do piso estremeceram. Os homens ficaram pálidos. — Se virem esse homem perto do quarto de Rhy novamente, prendam-no.

Kell inspirou para se acalmar; e estava perto da porta do quarto do príncipe quando esta se abriu mostrando Rhy, que ajeitava a coroa de ouro sobre a cabeça. Quando viu a aglomeração de guardas e Kell no centro deles, Rhy inclinou a cabeça.

— O que foi? — disse ele. — Não estou *tão* atrasado. — Antes que qualquer um deles pudesse dizer algo, Rhy partiu na direção do corredor. — Não fique aí parado, Kell — gritou para trás. — Há uma festa esperando por nós.

* * *

— Você está de mau humor — disse o príncipe conforme passavam pelo esplendor respeitável do Rose Hall.

Kell nada disse, tentando preservar a imagem do homem que vira mais cedo no espelho de seu quarto. Ele esquadrinhou o salão, sua atenção quase instantaneamente recaindo sobre Alucard Emery, que estava conversando com um grupo de magos.

— Honestamente, Kell — ralhou Rhy. — Se um olhar pudesse matar...

— Talvez *olhares* não possam — disse ele, flexionando os dedos.

Rhy sorriu e acenou com a cabeça para um grupo de convidados.

— Você sabia que ele viria — falou por entre os dentes.

— Não imaginei que você fosse recepcioná-lo de forma tão íntima — retrucou Kell com violência. — Como pode ser tão tolo...

— Eu não o convidei para...

— ... depois de tudo o que aconteceu?

— *Basta* — sibilou o príncipe, em tom alto o suficiente para fazer algumas pessoas mais próximas virarem a cabeça.

Kell teria se encolhido com a atenção, mas Rhy abriu os braços, acolhendo-a.

— Pai — gritou Rhy do extremo oposto do salão —, permite-me fazer as honras?

O rei Maxim ergueu seu cálice em resposta. Rhy se encaminhou para a jardineira de pedra mais próxima e a comoção foi silenciada.

— *Avan!* — disse Rhy, sua voz ecoando pelo salão. — *Glad'ach. Sasors* — acrescentou, para os convidados de Vesk e Faro. — Sou o príncipe Rhy Maresh — continuou ele, voltando a falar em arnesiano. — Maxim e Emira, ilustres rei e rainha de Arnes, meu pai e minha mãe, concederam-me a honra de ser o anfitrião desse torneio. E é uma honra. — Ele ergueu uma das mãos, e uma onda de serviçais reais apareceu trazendo bandejas repletas de cálices de cristal, frutas cristalizadas, carnes defumadas e dezenas de outras iguarias. — Amanhã, vocês serão apresentados como campeões. Hoje à noite, peço que se divirtam como convidados ilustres e amigos. Bebam, banqueteiem-se e escolham seus símbolos. Amanhã pela manhã, os Jogos começam!

Rhy fez uma reverência, e a multidão de magos e nobres reunidos o aplaudiu enquanto ele descia de seu poleiro. A maré de pessoas mudou de rumo, algumas para os locais de banquete, outras para as mesas com os estandartes.

— Impressionante — observou Kell.

— Vamos — falou Rhy, sem olhar o irmão nos olhos. — *Um* de nós precisa de uma bebida.

* * *

— Pare.

Lila mal havia começado a subir os degraus do palácio com a máscara de demônio embaixo do braço, quando ouviu a ordem.

Ela ficou rígida, e seus dedos se moveram no reflexo em direção à faca que estava às suas costas quando um par de guardas com armaduras reluzentes bloqueou seu caminho. A pulsação dela se elevou, incitando-a a lutar ou fugir, mas Lila se forçou a ficar ali, firme. Eles não estavam desembainhando as armas.

— Estou aqui para a Noite dos Estandartes — explicou ela, retirando do casaco o convite real de Elsor. — Fui instruído a me apresentar ao palácio.

— Você deve ir ao Rose Hall — explicou o primeiro guarda, como se Lila tivesse alguma noção de onde ficava o lugar.

O outro guarda apontou para outra escadaria, menor que a principal. Lila nunca havia notado as outras entradas do palácio. Ali havia duas, flanqueando os degraus principais, e ambas eram simples em comparação com a primeira. Porém, agora que haviam sido apontadas, o fluxo de pessoas que perambulavam por aqueles degraus era óbvio, especialmente se comparado ao vazio da grande escadaria de entrada. Assim como o fato de que as portas do Rose Hall haviam sido abertas, ao passo que a entrada principal do palácio estava firmemente fechada.

— *Solase* — disse ela, balançando a cabeça. — Devo estar mais nervoso do que pensei. — Os guardas sorriram.

— Vou acompanhá-lo — falou um deles, como se ela pudesse, sem querer, se perder pela segunda vez.

O guarda a conduziu até a escadaria certa e subiu com ela até entregá-la a um atendente, que a conduziu através da entrada e direto para o Rose Hall.

Era um espaço impressionante, menos um salão de baile do que uma sala do trono, sem dúvida refinado sem ser ostensivo. Até onde ela

chegara, pensou com ironia, para achar enormes vasos de flores recém-colhidas e suntuosas tapeçarias vermelhas e douradas algo *sutil*.

Um capitão conhecido estava perto da entrada do salão, vestido em prata e azul-marinho. Ele viu Lila, e por seu rosto passaram várias reações antes de se fixar em uma estima cordial.

— Mestre Elsor.

— Mestre Emery. — Lila fez um floreio e uma reverência, a postura rígida em ângulos.

Alucard sacudiu a cabeça.

— Honestamente, não sei se fico impressionado ou nervoso.

Lila se endireitou.

— Os dois não são mutuamente excludentes.

Ele apontou com a cabeça para a máscara de Sarows sob seu braço.

— Você *quer* ser descoberta?

Lila deu de ombros.

— Há muitas sombras na noite.

Ela viu a máscara enfiada debaixo do braço dele. Feita de escamas azuis com as bordas tingidas de prata, a máscara cobria da linha do cabelo até a maçã do rosto. Uma vez colocada, deixaria seu sorriso encantador à mostra, e nada faria para domar a coroa de cachos que ficava em cima. A máscara em si parecia puramente decorativa; suas escamas não ofereciam nem anonimato, nem proteção.

— O que você é? — perguntou ela em arnesiano. — Um peixe?

Alucard fingiu ultraje.

— *Obviamente* — disse ele, brandindo o capacete —, eu sou um dragão.

— Não seria mais sensato que você fosse um peixe? — desafiou Lila.

— Afinal, você vive no mar, é um pouco escorregadio, e...

— Eu sou um dragão — interveio ele. — Você não está sendo muito imaginativa.

Lila sorriu, em parte se divertindo, em parte aliviada por caírem em uma brincadeira familiar.

— Pensei que o símbolo da Casa de Emery fosse uma pena. Você não deveria ser um pássaro?

Alucard tamborilou com os dedos na máscara.

— Minha família já tem pássaros demais — disse ele, as palavras carregadas de rancor. — Meu pai era um abutre. Minha mãe era uma harpia. Meu irmão mais velho é um corvo. Minha irmã é um pardal. Eu nunca fui realmente um pássaro.

Lila resistiu ao desejo de dizer que ele poderia ter sido um pavão. Não parecia um momento apropriado.

— Mas o símbolo de nossa casa — continuou — representa *o voo*, e os pássaros não são as únicas coisas que voam. — Ele ergueu a máscara de dragão. — Além disso, eu não estou competindo pela Casa de Emery. Estou competindo por mim mesmo. E, se você pudesse ver o restante do meu traje, não iria...

— Você tem asas? Ou uma cauda?

— Bem, não, elas me atrapalhariam. Mas eu tenho mais escamas.

— Assim como um peixe.

— Vá embora — explodiu ele, mas havia humor em sua voz, e logo eles caíram em uma risada solta. Então eles se lembraram de onde estavam. De *quem* eles eram.

— Emery! — gritou Jinnar, aparecendo ao lado do capitão.

A máscara dele — uma coroa de prata que enrolava como algodão doce ou talvez como um redemoinho de ar — pendia das pontas de seus dedos. Esta noite, os pés de Jinnar estavam firmes no chão, mas ela podia praticamente sentir o zumbido de energia emanando dele, distorcendo os limites de seu corpo. Como um beija-flor. Como ela lutaria com um beija-flor? Como lutaria com qualquer um deles?

— E quem é esse? — perguntou Jinnar, olhando para Lila.

— Ora, Jinnar — falou Alucard, jocosamente. — Não está reconhecendo o mestre Elsor?

Os olhos prateados do mago se estreitaram. Lila ergueu uma sobrancelha com um ar de desafio. Jinnar havia conhecido o *verdadeiro* Stasion Elsor na taverna. Agora seus olhos metálicos a examinavam, confusos e cheios de suspeita. Os dedos de Lila se contraíram, e Alucard pousou a mão no ombro dela; ela não sabia se para mostrar solidariedade ou para impedir que ela desembainhasse a faca.

— Mestre Elsor — disse Jinnar lentamente. — Você está diferente hoje à noite. No entanto — acrescentou, olhando rapidamente para

Alucard —, a luz estava muito fraca na taverna, e eu não o vejo desde aquele dia.

— Um erro fácil de cometer — falou Lila em um tom suave. — Eu não gosto muito de me exhibir.

— Bem — interrompeu Alucard, com um tom alegre. — Espero que você consiga superar isso quando entrarmos na arena.

— Tenho certeza de que vou encontrar meu ritmo — retrucou Lila.

— Tenho certeza de que vai.

Um silêncio caiu sobre eles, o que era notável, considerando o barulho da multidão.

— Bem, com licença — pediu Alucard, quebrando o clima do momento —, ainda não atormentei Brost adequadamente, e estou determinado a conhecer este companheiro, Kamerov...

— Foi um prazer conhecê-lo... de novo — disse Jinnar, antes de seguir atrás de Alucard.

Lila observou os dois se afastarem, então começou a circular entre a multidão, tentando manter suas feições tranquilas, como se o fato de se misturar com dezenas de magos imperiais fosse algo corriqueiro. Ao longo de uma das paredes havia mesas carregadas de amostras de tecido e ânforas de tinta, e os magos percorriam páginas e páginas de desenhos para declarar seus estandartes: um corvo verde, uma chama branca, uma rosa preta; flâmulas que tremulariam nas arquibancadas no dia seguinte.

Lila pegou uma taça de cristal da bandeja de um dos serviçais, sentindo o peso com os dedos antes de se lembrar de que não estava ali para roubar. Lila percebeu que Alucard estava olhando para ela e brindou, lançando-lhe uma piscadela. Enquanto dava voltas pelo salão, observando o piso principal e a tribuna acima, bebia o vinho doce e fino, contando as pessoas na tentativa de ocupar sua mente e manter a compostura.

Trinta e seis magos, incluindo ela mesma; doze de cada um dos três impérios, e todos marcados pela máscara sobre a cabeça, debaixo do braço ou jogada sobre um dos ombros.

Cerca de 24 serviçais — era difícil precisar, pois estavam vestidos exatamente com a mesma roupa e sempre em movimento.

Doze guardas.

Quinze membros da *ostra*, a julgar pelas suas expressões arrogantes.

Seis membros da *vestra*, contados pelo uso de broches com emblema real.

Dois veskanos loiros usando coroas em vez de máscaras, cada um com uma comitiva de seis acompanhantes, e um faroense alto com um rosto inexpressivo e um séquito de oito pessoas.

O rei e a rainha de Arnes com trajes esplêndidos em vermelho e dourado.

O príncipe Rhy no alto da tribuna.

E de pé ao lado dele, Kell.

Lila prendeu a respiração. Pela primeira vez, o cabelo castanho avermelhado não caía sobre o rosto dele: estava puxado para trás, revelando tanto o azul límpido do olho esquerdo quanto o preto brilhante do olho direito. Ele não trajava seu casaco habitual, em *nenhuma* de suas versões. Em vez disso, estava vestido elegantemente de preto da cabeça aos pés, com um broche de ouro na altura do coração.

Kell dissera a ela uma vez que se sentia mais um objeto de posse que um príncipe, mas ali, ao lado de Rhy, com uma taça em uma das mãos e a outra apoiada no parapeito enquanto olhava para os convidados no piso principal, ele parecia pertencer àquele mundo.

O príncipe disse algo e o rosto de Kell se iluminou em uma risada silenciosa.

Onde estava o garoto ensanguentado que desmaiara no chão do quarto dela?

Onde estava o mago atormentado cujas veias se tornavam pretas enquanto ele lutava contra a força de atração do talismã?

Onde estava o nobre triste e solitário que ficara parado no pór, olhando Lila ir embora?

Esse último ela quase conseguia enxergar. Ali, na extremidade dos lábios dele, no canto de seu olho.

Lila sentiu o próprio corpo se mover na direção dele, atraído como por gravidade, muitos passos percorridos antes que ela se detivesse e virasse. Ela não era Lila Bard essa noite. Era Stasion Elsor, e, embora a ilusão estivesse funcionando bem até agora, ela sabia que desmoronaria na frente de Kell. Apesar disso, parte dela ainda gostaria de encontrar o olhar dele, desfrutar do instante da surpresa e observar esse instante se dissolver em reconhecimento. E depois, esperançosamente, em acolhida. Mas ela não

conseguia imaginar que ele ficaria feliz em vê-la, não ali, misturada com a aglomeração de competidores. E, na verdade, Lila gostou da sensação de tê-lo observado sem ser observada. Fez com que se sentisse como uma predadora, e, em um salão cheio de magos, isso era algo incrível.

— Acho que ainda não nos conhecemos — soou atrás dela uma voz em um inglês carregado de sotaque.

Ela se virou e encontrou um jovem alto e magro, com cabelo castanho quase vermelho e cílios pretos emoldurando os olhos cinzentos. Ele carregava uma máscara de prata muito clara sob um dos braços, que mudou para o outro lado antes de estender a mão enluvada para ela.

— Kamerov — disse ele, cordialmente. — Kamerov Loste.

Então este era o mago esquivo que nem Jinnar nem Alucard conseguiram encontrar. Ela não conseguia entender o porquê de tanto estardalhaço.

— Stasion Elsor — respondeu ela.

— Bem, mestre Elsor — falou ele com um sorriso confiante —, talvez nos encontremos na arena.

Ela ergueu uma sobrancelha e começou a se afastar.

— Talvez.

III

— Tomei a liberdade de criar sua flâmula — falou Rhy, apoiando os cotovelos no corrimão de mármore da tribuna. — Espero que não se importe.

Kell se encolheu.

— Será que eu quero mesmo saber o que há nela?

Rhy tirou um pedaço de tecido dobrado de dentro do bolso e o entregou para Kell. O pano era vermelho, e, quando ele o desdobrou, viu a imagem de uma rosa em preto e branco. A rosa havia sido espelhada, dobrada ao longo do eixo central e refletida, de modo que o desenho continha na verdade *duas* flores, cercadas por uma espiral de espinhos.

— Que sutil — disse Kell, sem emoção na voz.

— Você poderia pelo menos fingir que está agradecido.

— E você não poderia ter escolhido algo um pouco mais... Não sei... imponente? Uma serpente? Uma grande fera? Uma ave de rapina?

— A marca de uma mão ensanguentada? — retrucou Rhy. — Ah, que tal um olho preto brilhante?

Kell o encarou, furioso.

— Você está certo — continuou Rhy. — Eu devia ter desenhado apenas um rosto com as sobrancelhas franzidas. Mas então todos *saberiam* que é você. Pensei que isso aqui fosse mais apropriado.

Kell murmurou algo desagradável enquanto enfiava a flâmula no bolso.

— De nada.

Kell examinou o Rose Hall.

— Você acha que alguém vai notar que eu, bem, que Kamerov Loste não está participando das festividades?

Rhy sorveu um gole de sua bebida.

— Duvido — respondeu ele. — Mas, por via das dúvidas...

Ele acenou com a bebida para uma figura magra que se movia através da multidão. Kell estava no meio de um gole de vinho quando viu o homem e quase engasgou. A figura era alta e esbelta, com cabelos castanhos avermelhados bem arrumados. Estava com elegantes calças pretas e uma túnica prateada de gola alta, mas foi a máscara debaixo do braço que capturou o olhar de Kell.

Uma única peça de metal branco esculpido em prata, polido até ficar extremamente brilhante.

A máscara *dele*. Ou melhor, a máscara de *Kamero*v.

— Quem diabos é *esse*?

— Esse, meu querido irmão, é Kamero

v

Loste. Pelo menos esta noite.

— Droga, Rhy, quanto mais pessoas souberem desse plano, mais provável é que ele falhe.

O príncipe acenou com a mão.

— Paguei generosamente nosso ator para desempenhar o papel hoje à noite, e, até onde ele sabe, é porque o verdadeiro Kamero

v

não gosta de aparições públicas. Este é o único evento onde se espera que os 36 competidores mostrem seus rostos, incluindo Kamero

v

Além disso, Castars é discreto.

— Você *conhece* ele?

Rhy deu de ombros.

— Nossos caminhos já se cruzaram.

— Pare — disse Kell. — Por favor. Eu não quero ouvir sobre seus interlúdios românticos com o homem que está se passando por mim.

— Não seja obsceno. Não estive com ele desde que ele concordou em assumir esse papel em particular. E isso é uma prova do meu respeito por você.

— Que lisonjeiro.

Rhy olhou o homem nos olhos e, alguns instantes depois, já tendo percorrido o salão, o falso Kamero

v

Loste — bem, Kell se lembrou de que ambos eram falsos, então se tratava da cópia da cópia — subiu as escadas para a tribuna.

— Príncipe Rhy — disse o homem, curvando-se com mais floreio do que Kell faria. — E mestre Kell — acrescentou ele, com reverência.

— Mestre Loste — disse Rhy, alegremente.

Os olhos do homem, ambos da cor cinza, migraram de Rhy para Kell. De perto, ele viu que tinham a mesma altura e constituição física. Rhy tinha sido minucioso.

— Desejo-lhe sorte nos próximos dias — disse Kell.

O sorriso do homem se alargou.

— É uma *honra* lutar por Arnes.

— Um pouco exagerado, não é? — perguntou Kell enquanto o impostor retornava ao piso principal.

— Ah, não seja tão amargo — disse Rhy. — O importante é que Kamerov tenha um *rosto*. Especificamente, um rosto que não seja o *seu*.

— Ele não está usando o casaco.

— Não, infelizmente para nós, você não pode *tirar* casacos de seu casaco, e eu achei que não estaria disposto a se separar dele.

— Você acertou.

Kell estava se afastando quando viu uma sombra se movendo pelo salão: uma figura vestida de preto, com o esboço de um sorriso e uma máscara de demônio. Parecia com a que ele tinha visto em Lila no baile de máscaras de Rhy. Na noite em que Astrid aprisionara Kell e possuía o corpo do príncipe. Lila tinha aparecido como um espectro na varanda, vestida de preto e usando uma máscara com chifres. Ela a usara ali e depois mais tarde, quando fugiram carregando o corpo moribundo de Rhy. E também no quarto do Santuário enquanto Kell lutava para ressuscitá-lo. Ela a usara sobre os cabelos enquanto adentravam a floresta de pedra e subiam os degraus do castelo da Londres Branca, e a máscara havia pendido dos dedos ensanguentados de Lila quando tudo acabara.

— Quem é aquela pessoa? — perguntou.

Rhy seguiu a direção do olhar de Kell.

— Alguém que claramente compartilha seu gosto por roupas monocromáticas. Fora isso... — Rhy tirou um papel dobrado do bolso e examinou a lista. — Não é Brost, ele é enorme. Eu conheci Jinnar. Deve ser Stasion.

Kell apertou os olhos, mas a semelhança já estava desvanecendo. O cabelo era curto demais, escuro demais; a máscara era diferente, o sorriso fora substituído por expressões duras. Kell sacudiu a cabeça.

— Eu sei que é loucura, mas por um segundo pensei que fosse...

— Santos, agora você está vendo Lila em todo mundo e em todos os lugares, Kell? Há uma palavra para isso.

— Alucinação?

— Paixão.

Kell bufou.

— Não estou apaixonado — retrucou ele. — Eu só... — Ele só queria vê-la de novo. — Nossos caminhos se cruzaram uma vez. Meses atrás. Acontece.

— Ah, sim, seu relacionamento com a senhorita Bard é positivamente comum.

— Silêncio.

— Cruzando mundos, matando reis, salvando cidades. As marcas de todo bom namoro.

— Nós não estávamos namorando — respondeu Kell. — Caso tenha se esquecido, ela foi embora.

Não queria parecer magoado. Não era porque ela o tinha deixado para trás, mas simplesmente porque tinha ido embora. E ele não pudera segui-la, mesmo que quisesse. E agora ela estava *de volta*.

Rhy endireitou-se.

— Quando isso acabar, devíamos fazer uma viagem.

Kell revirou os olhos.

— Não vai começar com isso de novo, vai?

E então viu as vestes brancas de mestre Tieren se movendo pelo salão lá embaixo. A noite toda — na verdade a semana toda, o mês todo —, o *Aven Essen* o evitara.

— Segure isso — disse ele, entregando sua bebida para o príncipe.

Antes que Rhy pudesse protestar, Kell já estava longe.

* * *

Lila fugiu antes que a multidão começasse a escassear, a máscara de demônio pendurada em uma das mãos e a flâmula que escolhera na outra. Duas facas de prata cruzadas sobre um fundo preto. Ela estava no saguão de entrada quando ouviu o som de passos atrás dela. Não de botas estalando no mármore, mas de sapatos macios, muito usados.

— Delilah Bard — disse uma voz calma e familiar.

Ela parou no meio do passo e se virou. O sumo sacerdote do Santuário de Londres estava ali, segurando um cálice de prata com as duas mãos, os dedos entrelaçados. Suas vestes brancas eram adornadas com ouro, seu cabelo prateado estava arrumado de forma simples em torno de seus perspicazes olhos azuis.

— Mestre Tieren — cumprimentou ela, sorrindo mesmo com o coração batendo forte em alerta. — O *Aven Essen* deveria estar bebendo?

— Não vejo por que não — respondeu ele. — A chave para todas as coisas, sejam elas mágicas ou alcoólicas, é a moderação. — Ele analisou a taça. — Além disso, é apenas água.

— Ah — exclamou Lila, dando um passo para trás, a máscara escondida às suas costas.

Ela não tinha certeza de como agir. Normalmente, suas duas opções ao ser encurralada eram virar e sair correndo ou ficar e lutar, mas, por se tratar de mestre Tieren, nenhuma delas parecia apropriada. Uma pequena parte dela se emocionou por ser reconhecida, e ela honestamente não podia conceber a ideia de puxar uma faca contra o mentor de Kell.

— É um traje e tanto esse que você está usando — observou o *Aven Essen*, aproximando-se. — Se você quisesse uma audiência com o príncipe Rhy e o mestre Kell, tenho certeza de que poderia simplesmente ter requisitado uma. Um disfarce era realmente necessário? — E então, lendo a expressão dela: — Mas este disfarce não é simplesmente para entrar no palácio, não é mesmo?

— Na verdade, eu estou aqui como competidora.

— Não, você não está — disse ele, simplesmente.

Lila se eriçou.

— Como você sabe?

— Porque eu mesmo selecionei os competidores.

Lila deu de ombros.

— Um deles deve ter desistido.

Tieren lançou a ela um olhar longo e avaliador.

Estava lendo seus pensamentos? Ele *conseguia* fazer isso? Essa era a parte mais difícil de mergulhar em um mundo onde a magia era possível. Fazia você se perguntar se *tudo* seria possível. Lila não era cética nem

crente; ela confiava em seus instintos e no mundo que conseguia enxergar. Mas esse mundo havia ficado consideravelmente mais estranho.

— Senhorita Bard, em que confusão se meteu agora? — Antes que ela pudesse responder, ele continuou: — Mas essa não é a pergunta certa, não é? A julgar pela sua aparência, a pergunta certa seria: onde está o mestre Elsor?

Lila abriu um sorriso.

— Ele está vivo e bem — respondeu ela. — Bom, ele está vivo. Ou pelo menos estava, da última vez que o vi. — O sacerdote exalou um pequeno suspiro. — Ele está bem, mestre Tieren. Mas não poderá vir ao *Essen Tasch*, então ficarei no lugar dele.

Houve outro breve suspiro, cheio de desaprovação.

— Foi o senhor quem me encorajou — desafiou Lila.

— Eu lhe disse para cuidar do poder que estava desabrochando em você, não trapacear para conseguir uma vaga em um torneio internacional.

— Você me disse que havia magia em mim. Agora acha que não tenho magia o suficiente?

— Eu não *sei* o que há em você, Lila. E nem você. E, enquanto me alegra saber que a sua estadia no nosso mundo tem sido até agora frutífera, o que você realmente precisa é de tempo, prática e uma boa dose de disciplina.

— Tenha um pouco de fé, mestre Tieren. Algumas pessoas acreditam que a necessidade é a chave para florescer.

— Essas pessoas são tolas. E você tem um desprezo perigoso por sua própria vida, além de pela vida dos outros.

— Já me disseram isso. — Ela deu mais um passo para trás. Agora chegara até a porta. — Você vai tentar me impedir?

Ele lançou um olhar duro para ela.

— E eu poderia?

— Você poderia tentar. Poderia me prender ou me expor. Podemos fazer um belo circo disso tudo. Mas não acho que seja isso o que você quer. O verdadeiro Stasion Elsor está a caminho de Delonar e não voltará a tempo de competir. Além disso, este torneio é importante, não é? — Ela passou um dedo pelo batente da porta. — Para as relações diplomáticas. Há pessoas aqui de Vesk e de Faro. O que você acha que fariam se soubessem de onde eu realmente vim? O que isso diria sobre as portas

entre os mundos? O que isso diria sobre *mim*? A confusão fica cada vez pior, não é, mestre Tieren? Mas, além disso, acho que você está curioso para ver o que uma garota da Londres Cinza é capaz de fazer.

Tieren a encarou.

— Alguém já lhe disse que você é perspicaz demais para seu próprio bem?

— Perspicaz demais. Espalhafatosa demais. Imprudente demais. Já ouvi tudo isso. É um milagre que eu ainda esteja viva.

— De fato.

A mão de Lila soltou o batente.

— Não conte a Kell.

— Ah, acredite, criança, isso é a última coisa que farei. Quando você for pega, planejo fingir ignorância completa. — Ele baixou a voz e acrescentou, principalmente para si mesmo: — Esse torneio ainda vai me matar. — Então pigarreou. — Ele sabe que você está aqui?

Lila mordeu o lábio.

— Ainda não.

— Pretende contar a ele?

Lila olhou para o Rose Hall, atrás do sacerdote. Ela pretendia, não? Então, o que a estava impedindo? A incerteza? Enquanto ela soubesse de tudo e ele não, era ela quem estava no controle. No momento que ele descobrisse, esse equilíbrio mudaria. Além disso, se Kell descobrisse que ela estava competindo, se ele descobrisse o que ela *tinha feito* para competir, ela nunca veria o interior de uma arena. Inferno, ela provavelmente nunca mais veria nada além do interior de uma cela e, mesmo que não fosse presa, provavelmente iria ouvir sermões para o resto da vida.

Lila saiu para o patamar da escadaria, Tieren em seu encalço.

— Como eles estão? — perguntou ela, olhando para a cidade.

— Os príncipes? Eles parecem bem o suficiente. E, ainda assim... — Tieren parecia genuinamente preocupado.

— Qual o problema? — perguntou ela de imediato.

— As coisas não são mais as mesmas desde a Noite Preta. O Príncipe Rhy é ele mesmo e ao mesmo tempo não é. Ele sai às ruas com menos frequência, arranja cada vez mais problemas quando o faz.

— E Kell?

Tieren hesitou.

— Alguns acreditam que ele tenha sido responsável pela sombra que atravessou nossa cidade.

— Isso não é justo — retrucou Lila. — Nós salvamos a cidade.

Tieren deu de ombros, como se dissesse: tal é a natureza do medo e da dúvida. Eles se reproduzem com muita facilidade. Kell e Rhy pareciam felizes naquela tribuna, mas ela podia ver os limites frágeis dos seus disfarces. A escuridão logo ali.

— É melhor você ir embora — falou o *Aven Essen*. — Amanhã será... Bem, será algo inesperado.

— Você vai torcer por mim? — perguntou ela, forçando-se a manter a voz tranquila.

— Vou rezar para que não seja morta.

Lila sorriu e começou a descer os degraus. Ela estava na metade do caminho para a rua quando ouviu alguém dizer:

— Espere.

Mas não fora Tieren. A voz era mais jovem, uma voz que ela não ouvia havia quatro meses. Afiada e grave, com um toque de tensão, como se estivesse sem fôlego ou se contendo.

Kell.

Ela hesitou na escada, a cabeça abaixada, os dedos doendo no lugar onde seguravam o capacete. Estava a ponto de se virar, mas ele falou de novo, chamando um nome. E não era o dela.

— Tieren — chamou Kell. — Por favor, espere.

Lila engoliu em seco, de costas para o sumo sacerdote e para o príncipe de olho preto.

Foi necessário reunir toda a força que possuía para começar a andar de novo.

E, quando o fez, ela não olhou para trás.

* * *

— O que foi, mestre Kell? — perguntou Tieren.

Kell sentiu as palavras secarem em sua garganta. Finalmente, ele conseguiu dizer uma única frase petulante.

— Você tem me evitado.

Os olhos do velho cintilaram, mas ele não negou a alegação.

— Eu tenho muitos talentos, Kell — disse ele —, mas, acredite ou não, enganar os outros nunca esteve entre eles. Suspeito que seja por isso que nunca ganhei um jogo de Santo...

Kell arqueou uma sobrancelha. Para começar, ele não conseguia imaginar o *Aven Essen* jogando.

— Eu queria lhe agradecer. Por permitir que Rhy, por permitir que eu...

— Eu não permiti que você fizesse coisa alguma — interrompeu Tieren. Kell se encolheu. — Simplesmente não os impedi, porque, se aprendi alguma coisa sobre vocês dois, é que, se quiserem fazer algo, vocês farão, e o mundo que se exploda.

— Você acha que estou sendo egoísta.

— Não, mestre Kell. — O padre esfregou os olhos. — Acho que está sendo humano.

Kell não sabia se isso era desprezo por parte do *Aven Essen*, que devia acreditar que ele era *abençoado*.

— Às vezes, penso que enlouqueci.

Tieren suspirou.

— Verdade seja dita, eu acho que todo mundo enlouqueceu. Acho que Rhy está louco por engendrar esse esquema e ainda mais louco por planejá-lo tão bem. — A voz ficou um pouco mais baixa. — Acho que o rei e a rainha estão loucos por culpar um filho mais do que o outro.

Kell engoliu em seco.

— Eles nunca irão me perdoar?

— O que você preferiria ter? O perdão deles ou a vida de Rhy?

— Eu não deveria ter que escolher — explodiu ele.

O olhar de Tieren rumou para os degraus, para o Atol e para a cidade reluzente.

— O mundo não é nem justo nem correto, mas tem sua própria maneira de achar um equilíbrio. A magia nos ensina muito. Mas quero que me prometa uma coisa.

— O quê?

O olhar azul perspicaz de Tieren voltou-se para Kell.

— Que vai tomar cuidado.

— Eu vou fazer o meu melhor. Você sabe que não quero causar dor a Rhy, mas...

— Não estou pedindo que tome cuidado com a vida de Rhy, seu menino estúpido. Estou pedindo para você tomar cuidado com a sua vida.

— Mestre Tieren levou a mão ao rosto de Kell, e uma calma familiar se transferiu como se fosse calor.

Nesse instante, Rhy surgiu, parecendo alegremente bêbado.

— Aí está você! — chamou ele, apoiando o braço nos ombros de Kell e sibilando em seu ouvido. — *Esconda-se*. A princesa Cora está caçando príncipes...

Kell deixou Rhy arrastá-lo de volta para dentro, lançando um último olhar para Tieren, que estava de pé nos degraus, com as costas voltadas para o palácio e seus olhos fixos na noite.

IV

— O que estamos fazendo aqui?

— Estamos nos escondendo.

— Certamente poderíamos ter nos escondido no palácio.

— Sério, Kell. Você não tem imaginação.

— Isso aqui vai afundar?

A garrafa escorregou da mão de Rhy.

— Não seja ridículo.

— Acho que é uma pergunta válida — retrucou Kell.

— E me disseram que não poderia ser construído — disse Rhy, brindando à arena.

— Não poderia ou não deveria? — perguntou Kell, pisando no chão do estádio como se fosse feito de vidro. — Porque, se for a segunda...

— Você é um resmungão... Ai! — Rhy deu uma topada em algo, e uma dor aguda ecoou pelos dedos do pé de Kell.

— Aqui — reclamou ele, conjurando uma chama na palma da mão.

— Não. — Rhy se lançou contra ele, forçando-o a fechar a mão e apagando a luz. — Nós estamos fugindo. Fugir é algo para ser feito no escuro.

— Bem, então preste atenção onde pisa.

Rhy deve ter decidido que haviam ido longe o suficiente, porque desmoronou sobre o chão de pedra polida da arena. À luz do luar, Kell podia ver os olhos de seu irmão, a coroa de ouro em seus cabelos e a garrafa de vinho temperado que ele desenvolhava.

Kell se sentou no chão ao lado do príncipe e descansou, recostando em alguma coisa — uma plataforma, uma parede ou degraus. Ele inclinou a cabeça para trás e ficou maravilhado com o estádio, mesmo o pouco que conseguia enxergar. As arquibancadas logo estariam repletas, o

estratagema logo seria posto em prática e, com isso, a ideia de que tudo poderia realmente funcionar.

— Você tem certeza sobre isso? — perguntou Kell.

— É um pouco tarde para mudar de ideia — murmurou o príncipe.

— Estou falando sério, Rhy. Ainda temos tempo.

O príncipe tomou um gole de vinho e colocou a garrafa entre eles, claramente pensando em como responder.

— Você se lembra do que eu disse? — perguntou ele, gentilmente. — Depois daquela noite. Sobre o motivo de eu ter aceitado o colar de Holland?

Kell acenou com a cabeça.

— Você queria ter força.

— E ainda quero — sussurrou Rhy. — Todos os dias eu acordo querendo ser uma pessoa mais forte. Um príncipe melhor. Um rei digno. Esse desejo é como um fogo em meu peito. E então há esses momentos, esses horríveis momentos frios em que me lembro do que fiz... — A mão dele foi até seu coração. — A mim mesmo. A você. Ao meu reino. E isso dói... — A voz dele tremia. — Dói mais do que morrer. Há dias em que sinto que não mereço isso. — Ele encostou um dedo no vínculo da alma. — Eu mereço estar... — Ele parou de falar, mas Kell podia sentir a dor de seu irmão como se fosse algo físico.

— Acho que o que estou tentando dizer — falou Rhy — é que eu preciso disso também. — Os olhos dele finalmente encontraram os de Kell. — Ok?

Kell engoliu em seco.

— Ok. — E pegou a garrafa.

— Dito isso, tente não nos matar.

Kell resmungou, e Rhy deu uma risada.

— A planos inteligentes — disse Kell, brindando com o irmão. — E a príncipes impetuosos.

— A magos mascarados — falou Rhy, passando o vinho.

— A ideias loucas.

— Ao *Essen Tasch*.

Algum tempo depois, quando a garrafa já estava vazia, Rhy murmurou:

— Não seria maravilhoso se nos safássemos dessa?

— Quem sabe — disse Kell. — Talvez seja possível.

* * *

Rhy entrou tropeçando em seu quarto, desviando das perguntas de Tolner sobre onde estivera e fechando a porta na cara do guarda. Estava escuro, e ele deu três passos cambaleantes antes de bater com a canela em uma mesa baixa, xingando com vontade.

O quarto oscilava, uma confusão de sombras iluminadas apenas pela luz pálida do fogo baixo que queimava na lareira e pelas velas nos cantos, mas apenas metade delas havia sido acesa. Rhy recuou até que suas costas encontrassem a parede mais próxima e esperou que a sala entrasse em foco.

No andar de baixo, a festa finalmente havia terminado; a realeza estava se retirando para suas alas, e os nobres, para suas casas. Amanhã. Amanhã o torneio finalmente começaria.

Rhy sabia o verdadeiro motivo da hesitação de Kell, e não era ser descoberto nem causar problemas; era o medo de lhe causar dor. Todos os dias, Kell se movimentava como se Rhy fosse feito de vidro, e isso estava enlouquecendo os dois. Mas, quando o torneio começasse, quando ele visse que Rhy estava bem, que podia aguentar e sobreviver a ele — diabos, ele podia sobreviver a *qualquer coisa*, não era essa a questão? —, então talvez Kell finalmente se soltasse, deixasse de prender a respiração, parasse de tentar protegê-lo e apenas *vivesse*.

Porque Rhy não precisava da proteção dele, não mais, e ele só contara meia verdade quando dissera que ambos precisavam disso.

A verdade era que Rhy precisava *mais* disso do que Kell.

Porque Kell havia lhe dado um presente que ele não queria e que nunca poderia pagar.

Ele sempre invejara a força do irmão.

E agora, de uma maneira horrível, ela era dele.

Ele era imortal.

E *odiava* isso.

E odiava o fato de odiar isso. Odiava ter se tornado algo que nunca quisera ser: um fardo para o irmão, uma fonte de dor e sofrimento, uma

prisão. Odiava saber que, se tivesse escolha, ele teria dito não. Odiava ser grato por não ter tido escolha, porque queria viver, mesmo que não merecesse.

Mas, acima de tudo, Rhy odiava a forma como manter sua vida mudara a maneira como *Kell* vivia, o modo como o irmão andava pela vida como se de repente fosse frágil. A pedra preta, e o que quer que tivesse vivido dentro dela, e por um tempo dentro de Kell, havia mudado seu irmão, acordado algo inquieto, algo imprudente. Rhy queria gritar, sacudir Kell e dizer a ele para não se esquivar do perigo por sua causa. E sim se jogar nele de cabeça, mesmo que significasse se ferir.

Porque Rhy merecia aquela dor.

Ele podia ver seu irmão sufocando sob o peso daquilo tudo. Sob o peso dele.

E odiava isso.

Esse gesto — esse gesto tolo, louco e perigoso — era o melhor que ele podia fazer.

O máximo que podia fazer.

O quarto havia se estabilizado, e, de repente, desesperadamente, Rhy precisava de outra bebida.

Um aparador ficava ao longo da parede, uma peça ornamentada feita em madeira e incrustada de ouro. Pequenos cálices de vidro estavam amontoados ao lado de uma bandeja com uma dezena de diferentes garrafas de bebidas finas, e Rhy apertou os olhos para enxergar na penumbra, examinando a variedade antes de pegar o frasco ao fundo, escondido pelas garrafas mais altas e cintilantes. O tônico no frasco era de um branco leitoso, a rolha presa em uma haste fina.

Uma gota para se acalmar. Duas para silenciar. Três para dormir.

Foi o que Tieren dissera ao receitá-lo.

Os dedos de Rhy tremiam quando ele pegou o frasco, esbarrando nas outras garrafas.

Estava tarde, e ele não queria ficar sozinho com seus pensamentos.

Ele podia chamar alguém. Nunca tivera dificuldade em encontrar uma companhia. Mas não estava com disposição para sorrir, rir e seduzir ninguém. Se Gen e Parrish estivessem ali, jogariam Santo com ele e ajudariam a manter os pensamentos a distância. Mas Gen e Parrish estavam mortos, e era culpa de Rhy.

Você não deveria estar vivo.

Ele sacudiu a cabeça, tentando se livrar das vozes, mas elas se agarraram a ele.

Você decepcionou a todos.

— Pare — rosnou baixinho.

Odiava a escuridão e a onda de sombras que sempre o alcançava. Ele tinha esperado que a festa o exaurisse e o ajudasse a dormir, mas seu corpo cansado não conseguiu acalmar seus pensamentos furiosos.

Você é fraco.

Ele pingou três gotas em um copo vazio e em seguida o encheu com um pouco de água adoçada com mel.

Um fracasso.

Rhy bebeu todo o conteúdo — *Assassino* — e começou a contar, em parte para perceber os efeitos e em parte para abafar as vozes. Ficou de pé em frente ao aparador olhando para o copo vazio e contando os segundos até que seus pensamentos e sua visão começaram a se embarçar.

Rhy se moveu para longe do aparador e quase caiu quando o quarto se inclinou ao redor dele. Ele se segurou no pilar da cama e fechou os olhos — *Você não deveria estar vivo* —, descalçando as botas e tateando o caminho para a cama. Ele se encolheu em posição fetal enquanto os pensamentos o açoitavam: a voz de Holland, o amuleto, distorcido agora, transformando-se nas memórias da noite em que Rhy morrera.

Ele não se lembrava de tudo, mas se lembrou de Holland lhe estendendo o presente.

Para dar força.

Lembrou-se de estar de pé em seus aposentos e de passar o cordão com o pingente sobre a cabeça, de estar no meio do corredor, e então... nada. Nada até sentir um calor abrasador rasgando seu peito e olhar para baixo para ver a própria mão em torno do punho de uma adaga, a lâmina enterrada entre suas costelas.

Lembrou-se da dor, do sangue, do medo e finalmente do silêncio e da escuridão. A entrega de se deixar levar, de afundar, de se esvair, e o choque de ser arrastado de volta com uma força que lembrava a de uma queda, seguido de uma dor terrível e lancinante quando bateu no chão. Só que ele não estava caindo. Estava subindo. Erguendo-se à superfície de si mesmo, e então, e então...

E então o tônico finalmente fez efeito, as lembranças silenciadas conforme o passado e o presente misericordiosamente desapareciam e Rhy caía febrilmente em um sono profundo.

Londres Branca

Holland perambulava pelos aposentos reais.

Eram tão grandes quanto a sala do trono, com o mesmo teto abobadado e amplas janelas por todos os lados. Construído no pináculo oeste do castelo, tinha vista para a cidade inteira. Dali ele podia ver o cintilar que a dança das águas do Sijlt emanava, como se fosse a luz da lua em nuvens baixas; podia ver as lamparinas queimando pálidas, porém estáveis, difusas pelos vidros das janelas e pela névoa circundante. Podia ver a cidade, a *sua* cidade, dormir e acordar, descansar e se mover, e voltar à vida.

Ele virou a cabeça de repente ao ouvir algo pousar no peitoril, seu poder vindo à tona em um reflexo, mas era apenas um pássaro. Branco e cinza com uma crista em tom dourado pálido, olhos que brilhavam tão pretos quanto os de Holland. Ele exalou um suspiro, surpreso.

Um *pássaro*.

Há quanto tempo ele não via um? Os animais havia muito tempo tinham ido embora junto com a magia, buscando os lugares distantes em que o mundo não estava morrendo, cavando o chão para alcançar algum resquício da vida que se retraía. Qualquer criatura tola o suficiente para perambular ao alcance das mãos era abatida para ser devorada ou usada em algum feitiço; ou ambos. Os Dane haviam mantido dois cavalos consigo, animais de um branco imaculado, e até mesmo estes pereceram nos dias após a morte dos irmãos, quando a cidade mergulhou em caos e chacina pela coroa. Holland não estivera ali naqueles primeiros dias, claro. Ele os passara agarrando-se à vida em um jardim a um mundo de distância.

Porém, agora havia um pássaro ali.

Ele não percebeu que estava se aproximando dele até o animal se arrepiar e abrir as asas. As pontas dos dedos dele roçaram suas penas antes que saísse do alcance.

Um único pássaro. Mas era um sinal. O mundo estava mudando.

Osaron poderia conjurar muitas coisas, mas não aquilo. Nada com um coração pulsante, nada com uma alma. Holland supôs que fosse melhor assim. Afinal, se Osaron pudesse fazer um corpo para si mesmo, não precisaria de Holland. E, por mais que Holland precisasse da magia de Osaron, a ideia do *oshoc* movendo-se livremente lhe dava calafrios. Não, Holland não era apenas o parceiro de Osaron; era a prisão de Osaron.

E seu prisioneiro estava ficando inquieto.

Mais.

A voz ecoava em sua cabeça.

Holland pegou um livro e começou a ler, mas havia percorrido apenas duas páginas quando o papel estremeceu em suas mãos, como se tremulasse com o vento, e se transformou inteiramente em vidro, do miolo à capa.

— Isso é uma infantilidade — murmurou ele, deixando o livro arruinado de lado e esparramando as mãos no peitoril.

Mais.

Ele sentiu um tremor sob as palmas das mãos e olhou para baixo, vendo fios de névoa alastrando-se sobre a pedra e deixando em seu encalço geada, flores, hera e fogo.

Holland afastou as mãos como se tivesse se queimado.

— Pare com isso — disse ele, voltando seu olhar para o espelho alto e elegante que ficava entre duas janelas. Observou seu reflexo e viu o olhar impaciente e impetuoso de Osaron.

Poderíamos fazer mais.

Poderíamos ser mais.

Poderíamos ter mais.

Poderíamos ter qualquer coisa.

E, em vez disso...

A magia resvalou para a frente, serpenteou para fora das mãos de Holland, dezenas de finos fios de fumaça o envolvendo e se enrolando à

volta dele, tecendo uma trama de parede a parede, do teto ao chão, até que ele se viu no centro de uma gaiola.

Holland balançou a cabeça e dissipou a ilusão.

— Este é o meu mundo — vociferou ele. — E não uma tela para seus caprichos.

Você não tem visão, falou, enfurecido, o Osaron do reflexo.

— Tenho sim — respondeu Holland. — Eu vi o que aconteceu ao seu mundo.

Osaron nada disse, mas Holland podia sentir a inquietação dele. Podia sentir o *oshoc* perambulando nos limites do corpo do *Antari*, ocupando os sulcos de sua mente. Osaron era velho como o mundo e tão selvagem quanto.

Holland fechou os olhos e tentou forçar uma espécie de cobertor de calma sobre os dois. Ele precisava dormir. Havia uma enorme cama no centro do quarto, elegante, porém intocada. Holland não dormia. Ao menos, não dormia bem. Athos passara vários anos instilando — queimando, destruindo, quebrando — no corpo dele uma desconfiança sobre a paz. Seus músculos se recusavam a relaxar; sua mente não se acalmava; os muros que havia construído nela para se proteger não tinham sido projetados para se desfazer. Athos talvez estivesse morto, mas Holland não conseguia se livrar do medo de que, quando seus olhos se fechassem, os de Osaron poderiam se abrir. E ele não podia suportar a ideia de perder novamente o controle sobre si mesmo.

Ele havia colocado guardas na porta de seu quarto para ter certeza de que não sairia vagando por aí, mas, toda vez que acordava, o aposento parecia diferente. Havia uma trepadeira de rosas subindo pela janela, um candelabro de gelo, um tapete de musgo ou de algum tecido exótico; alguma pequena mudança realizada durante a noite.

Nós tínhamos um acordo.

Holland podia sentir a vontade do *oshoc* lutando com a sua própria e ficando mais forte a cada dia, e, embora Holland ainda estivesse no controle, não sabia por quanto tempo. Algo teria que ser sacrificado. Ou alguém.

Holland abriu os olhos e encontrou o olhar do *oshoc*.

— Quero propor um novo acordo.

No espelho, Osaron inclinou a cabeça, esperando, ouvindo.

— Vou encontrar outro corpo para você.

A expressão de Osaron ficou azeda. *Eles são fracos demais para me sustentar. Até mesmo Ojka sucumbiria sob meu verdadeiro toque.*

— Vou lhe encontrar um corpo tão forte quanto o meu — falou Holland cautelosamente.

Osaron pareceu intrigado. *Um Antari?*

Holland continuou.

— *E o mundo dele.* Para criar o seu próprio mundo. E em troca você deixará esse mundo para mim. Não como era, mas como pode ser. Restaurado.

Outro corpo, outro mundo, ponderou Osaron. *Está tão ansioso assim para se livrar de mim?*

— Você quer mais liberdade — disse Holland. — Estou lhe oferecendo isso.

Osaron recusou a oferta. Holland tentou manter sua mente calma e clara, sabendo que o oshoc perceberia seus sentimentos e conheceria seus pensamentos. *Você me oferece um hospedeiro Antari. Sabe que eu não conseguirei possuir tal corpo sem permissão.*

— Isso é problema meu — explicou Holland. — Aceite minha oferta, e você terá um novo corpo e um novo mundo para fazer o que quiser. Mas não irá tomar *este* mundo. Não irá destruí-lo.

Hummm, o som era uma vibração na cabeça de Holland. *Muito bem,* disse finalmente o oshoc. *Traga-me outro corpo e temos um acordo. Tomarei o mundo dele no lugar do seu.*

Holland acenou com a cabeça.

Mas, acrescentou Osaron, *se ele não puder ser persuadido, vou ficar com seu corpo para mim.*

Holland rosnou. Osaron aguardou.

E então? Um sorriso lento surgiu no reflexo. *Ainda quer fazer o acordo?*

Holland engoliu em seco e olhou pela janela quando um segundo pássaro passou voando.

— Quero.





0110

0
ESSEN
TASCH

I

Kell se sentou na cama, um grito ainda preso na garganta.

O suor tracejava linhas em seu rosto enquanto ele piscava, tentando se livrar das imagens do pesadelo.

No sonho, a Londres Vermelha ardia em chamas. Mesmo agora, acordado, ele ainda podia sentir o cheiro da fumaça; levou um instante para perceber que não era apenas um eco seguindo-o para fora do sono. Os lençóis estavam chamuscados no lugar em que os segurava: ele havia, de alguma forma, invocado o fogo durante o sono. Kell encarou as próprias mãos: os nós dos dedos estavam brancos. Havia anos seu controle não vacilava.

Kell se livrou das cobertas. Estava se pondo de pé quando ouviu a cascata de sons do lado de fora das janelas: as trombetas e os sinos, as carruagens e os gritos.

O torneio.

O sangue de Kell zumbia enquanto ele se vestia, virando o casaco várias vezes — assegurando-se de que a jaqueta prateada de Kamerov não havia sido engolida pelas dobras infinitas de tecido — antes de convocar o casaco vermelho real e descer para o andar de baixo.

Ele fez uma rápida aparição no café da manhã, cumprimentando o rei e a rainha com um aceno de cabeça e desejando sorte a Rhy conforme um grupo de assistentes girava em volta do príncipe com planos, sugestões e perguntas de última hora.

— Aonde pensa que vai? — perguntou o rei enquanto Kell apanhava um pão doce e se virava na direção da porta.

— Senhor? — indagou ele, olhando para trás.

— Este é um evento real, Kell. Espera-se que você compareça a ele.

— É claro. — Ele engoliu em seco. Rhy lançou-lhe um olhar que dizia: *Eu o fiz chegar até aqui. Não estrague tudo agora.* E se ele estragasse? Será que Rhy teria que chamar Castars para fazer outra aparição? Seria muito arriscado trocar de papéis de novo a tempo para as disputas, e Kell tinha a sensação de que o charme de Castars não o salvaria no ringue. Kell buscou uma desculpa. — É só que... Não achei prudente ficar ao lado da família real.

— E por quê? — interpelou o rei Maxim.

A rainha olhou em sua direção, seu olhar passando de relance pelo ombro dele, e Kell teve que engolir o desejo de sugerir que ele *não era* de fato um membro da família real, como os últimos quatro meses haviam deixado abundantemente nítido. Mas o olhar de Rhy tinha um tom de advertência.

— Bem — disse Kell, pensando em uma explicação —, para a segurança do príncipe. Uma coisa é me exhibir ao lado de dignitários e competidores na companhia de membros da realeza, Majestade, mas o senhor mesmo disse que eu sou um alvo. — O príncipe fez um aceno discreto e encorajador, e Kell continuou. — Será realmente prudente me colocar tão perto de Rhy em um local tão público? Esperava ficar em um lugar menos visível, no caso de eu ser necessário. Algum local com uma boa visão do pódio real, mas não nele.

O olhar do rei se estreitou enquanto ponderava. O olhar da rainha retornou para seu chá.

— Bem pensado — falou Maxim, de má vontade. — Mas mantenha Staff ou Hastra com você o tempo inteiro — advertiu. — Nada de vagar por aí.

Kell abriu um sorriso.

— Não há outro lugar em que eu prefira estar.

E, com isso, ele saiu.

— O rei *sabe* do seu papel — disse Hastra enquanto caminhavam pelo corredor. — Não sabe?

Kell lançou um olhar ao jovem guarda.

— É claro — respondeu ele, casualmente. Então, por capricho, acrescentou: — Mas a rainha não. Seus nervos não conseguiriam lidar com a tensão.

Hastra assentiu com a cabeça.

— Ela não tem sido a mesma, não é? — sussurrou ele. — Não desde aquela noite.

Kell endireitou-se e acelerou o passo.

— Nenhum de nós tem sido.

Quando chegaram à escada para o Dique, Kell parou.

— Você conhece o plano.

— Conheço, senhor — respondeu Hastra, abrindo um sorriso animado antes de desaparecer.

Kell despiu o casaco e o revirou de dentro para fora enquanto descia para o Dique, onde já havia desenhado um atalho na parede de vidro. Sua máscara estava em uma caixa sobre a mesa junto com um bilhete de seu irmão.

Mantenha isso — e a sua cabeça — acima do pescoço.

Kell pôs de lado o casaco de Kamerov e abriu a caixa. A máscara esperava ali dentro, sua superfície polida como um espelho límpido, refletindo com exatidão a imagem de Kell, até que esta pareceu ser de outra pessoa.

Ao lado da caixa havia um pedaço de tecido vermelho enrolado, e, quando Kell o abriu, viu que era uma nova flâmula. As duas rosas tinham sido substituídas por leões gêmeos em preto e branco, delineados com ouro contra o fundo carmesim.

Kell sorriu e colocou a máscara sobre a cabeça, escondendo seu cabelo avermelhado e os olhos de dois tons por trás da superfície prateada.

— Mestre Kamerov — disse Staff quando Kell saiu no ar da manhã. — O senhor está pronto?

— Estou — respondeu ele em arnesiano, os limites de sua voz abafados e suavizados pelo metal.

Eles começaram a subir os degraus, e, quando chegaram ao topo, Kell esperou enquanto o guarda desaparecia, reaparecendo um instante depois para confirmar que o caminho estava livre. Ou melhor, encoberto. Os degraus eram abrigados pelas fundações do palácio, indo do rio para a rua, e as barracas do mercado lotavam suas margens, obstruindo o caminho. Quando Kell saiu da sombra do palácio e se embrenhou entre as barracas

até a estrada principal, o *Antari* real foi deixado para trás. Kamerov Loste havia tomado seu lugar.

Ele poderia ser outro homem, mas ainda era alto, magro e vestido de prata da máscara até a bota, e os olhos da multidão rapidamente registraram o mago no meio deles. Depois da primeira onda de sussurros, contudo, Kell não se encolheu em reação a toda aquela atenção. Em vez de tentar encarnar Rhy, ele encarnou uma versão de si mesmo, alguém que não temia o olhar do público, alguém que tinha poder e nada a esconder, e logo assumiu um andar fácil e confiante.

Ao seguir caminho junto com a multidão, em direção ao estádio central, Staff ficou para trás, misturando-se aos outros guardas que ladeavam a rua a intervalos regulares e andavam entre a massa de pessoas.

Kell sorriu conforme cruzava a ponte das margens até a maior das três arenas flutuantes. Na noite anterior ele imaginara ter sentido o chão se movendo debaixo dele, mas devia ser efeito do vinho, porque esta manhã, quando atravessou o arco e entrou na arena, o chão estava sólido como terra sob seus pés.

Meia dúzia de outros homens e mulheres, todos arnesianos, já estavam reunidos no corredor esperando para fazer sua grande entrada. Os magos de Faro e Vesk deviam estar reunidos em seus próprios locais. Como Kell, eles estavam vestindo seus trajes oficiais para o torneio, com casacos ou capas elegantes e, lógico, capacetes.

Ele reconheceu os cabelos enrolados de Kisimyr por trás de uma máscara semelhante a um gato, com Losen um passo atrás dela, como se ele fosse realmente uma sombra. Ao lado deles estava a forma maciça de Brost, os traços mal disfarçados pela tira simples de metal escuro sobre seus olhos. E ali, por trás de uma máscara feita de escamas decoradas em azul, estava Alucard.

O olhar do capitão pairou sobre Kell e ele sentiu-se enrijecer de tensão. Mas, é lógico, onde Kell via um inimigo, Alucard teria visto apenas um estranho com uma máscara prateada. E um que obviamente se apresentara a ele na Noite dos Estandartes, porque Alucard inclinou a cabeça, acenando com um sorriso arrogante.

Kell acenou de volta, torcendo secretamente para que seus caminhos pudessem se cruzar no ringue. Jinnar apareceu em uma rajada de vento às

costas de Kell, passando por ele com uma risada vivaz antes de ir de encontro aos ombros de Alucard.

O som de mais passos soou no túnel, e Kell se virou para ver os últimos arnesianos se juntarem ao grupo, a silhueta escura de Stasion Elsor na retaguarda. Ele era longilíneo e magro, seu rosto completamente escondido pela máscara de um demônio. Por um instante Kell perdeu o fôlego, mas Rhy estava certo: ele estava determinado a ver Lila Bard em todas as formas vestidas de preto, em cada sombra com um sorriso presunçoso.

Os olhos de Stasion Elsor estavam protegidos pela máscara, mas, de perto, o rosto do demônio era diferente: os chifres arqueavam para trás e uma mandíbula esquelética cobria a boca e garganta. Uma mecha de cabelo um tom mais escuro do que o de Lila traçava uma linha como uma fenda entre os olhos castanhos do mago, que estavam sob a sombra da máscara. E embora sua boca fosse visível por entre os dentes do demônio, Stasion não sorriu, apenas encarou Kell. Kamerov.

— *Fal chas* — falou Kell. *Boa sorte.*

— Idem — respondeu Stasion, simplesmente, a voz quase engolida pelo súbito toque de trombetas.

Kell se voltou para os arcos conforme o portão se abriu e as cerimônias começaram.

II

— Viu só, Parlo? — disse Rhy, entrando na tribuna real do estádio. — Eu disse que não afundaria.

O assistente se agarrava à parede, parecendo enjoado.

— Até o momento está tudo certo, Alteza — disse ele, gritando para ser ouvido por causa do barulho das trombetas.

Rhy direcionou seu sorriso para a multidão que aguardava. Milhares de pessoas haviam se amontoado no estádio central para as cerimônias de abertura. Acima, os pássaros de lona mergulhavam e subiam em suas amarras de seda, e, abaixo, a pedra polida do chão da arena estava vazia, exceto pelas três plataformas erguidas. Postes montados em cada uma hasteavam enormes bandeiras, cada uma com o símbolo de um império.

A árvore faroense.

O corvo veskano.

O cálice arnesiano.

Sobre cada plataforma, doze postes menores se erguiam trazendo os estandartes enrolados, aguardando por seus campeões.

Tudo estava perfeito. Tudo estava pronto.

Quando as trombetas pararam de soar, uma brisa fria farfalhou nos cachos de Rhy, e ele tocou na coroa de ouro que enfeitava suas têmporas. Mais ouro reluzia em suas orelhas, em sua garganta, na gola e nos punhos de suas vestes, e, conforme captavam a luz, ele sentiu a voz de Alucard pressionada contra sua pele.

Temo que não esteja usando ouro suficiente...

Rhy parou de ficar se remexendo. Atrás dele, o rei e a rainha estavam sentados em cadeiras douradas, flanqueados por lorde Sol-in-Ar e os irmãos Taskon. O mestre Tieren estava ali ao lado.

— Devo começar, pai?

O rei assentiu com a cabeça, e Rhy deu um passo à frente até chegar ao parapeito da plataforma, colocando-se bem no centro, com vista para a arena. A tribuna real não estava no topo do estádio, mas embutida no centro de um lado enviesado, um elegante camarote no meio do caminho entre as entradas dos competidores e diretamente em frente à plataforma do juiz.

A multidão começou a se acalmar, e Rhy sorriu, levantando um círculo de ouro do tamanho de um bracelete. Quando falou, o metal encantado amplificou suas palavras. Semelhantes círculos encantados, embora de cobre e aço, haviam sido enviados para tavernas e pátios espalhados pela cidade, para que todos pudessem ouvir. Durante as disputas, os comentaristas usariam os círculos para manter a cidade informada sobre as diferentes vitórias e derrotas, mas, neste momento, a atenção da cidade pertencia a Rhy.

— Bom dia a todos que estão aqui reunidos.

Uma onda de espanto e satisfação percorreu a multidão quando esta percebeu que ele estava falando em arnesiano. Da última vez que o torneio tinha sido realizado em Londres, o pai de Rhy havia se dirigido ao povo em ilustre real enquanto um tradutor em uma plataforma abaixo oferecia as palavras na língua comum.

Mas o evento não era apenas um assunto de Estado, como seu pai alegara. Era uma celebração para o povo, para a cidade, para o império. E assim Rhy dirigiu-se ao seu povo, à sua cidade, ao seu império, na língua *deles*.

Ele foi ainda mais além: a plataforma abaixo, onde tradutores não apenas de Arnes, mas também de Faro e Vesk deveriam estar, encontrava-se vazia. Os estrangeiros fecharam a cara, perguntando-se se a ausência era alguma espécie de deslize. Mas suas expressões se animaram quando Rhy prosseguiu.

— *Glad-ach!* — falou ele, dirigindo-se aos veskanos. — *Anagh cael tach.* — E então, com a mesma perfeição, deslizou para a língua serpentina de Faro. — *Sasors noran amurs.*

Ele deixou as palavras esvaecerem, saboreando a reação da multidão. Rhy sempre tivera habilidade com idiomas. Já era tempo de utilizá-la.

— Meu pai, o rei Maxim, me deu a honra de supervisionar o torneio deste ano.

Dessa vez, enquanto falava, suas palavras ecoavam de outros cantos do estádio, sua voz se transformando nas outras duas línguas vizinhas. Uma ilusão, que Kell o ajudara a criar, usando uma variedade de feitiços de voz e projeção. Seu pai insistia que a força era a *imagem* da força. Talvez o mesmo fosse verdade para a magia.

— Por mais de cinquenta anos, os Jogos Elementais nos uniram através do esporte de qualidade e do ótimo festival, dando-nos motivo para brindar nossos irmãos e irmãs de Vesk e abraçar nossos amigos de Faro. Embora apenas um mago, uma nação, possa reivindicar o título deste ano, esperamos que os Jogos continuem a celebrar o vínculo entre os nossos grandes impérios! — Rhy inclinou a cabeça e abriu um sorriso maroto. — Mas duvido que estejam aqui para ouvir sobre política. Imagino que estejam aqui para ver um pouco de *magia*.

A massa de ouvintes deu gritos de aprovação.

— Sendo assim, apresento-lhes os magos.

Uma coluna de tecido preto brilhante desdobrou-se da base da plataforma real, com um peso na ponta para que ficasse esticado. Um estandarte equivalente se desenrolou do outro lado da arena.

— De Faro, nosso venerável vizinho do sul, apresento-lhes as gêmeas do vento e do fogo, Tas-on-Mir e Tos-an-Mir; o encantador de ondas, Ol-ran-Es; o incomparável Ost-ra-Gal...

Conforme Rhy lia cada nome, este aparecia em letras brancas na bandeira de seda escura abaixo dele.

— De Vesk, nossos nobres vizinhos do norte, apresento-lhes o montanhoso Otto; o inabalável Vox, o feroz Rul...

E, a cada nome chamado, o mago em questão atravessava o chão da arena e tomava seu lugar no pódio.

— E, finalmente, de nosso grande império de Arnes, apresento a sua campeã, a gata do fogo, Kisimyr — uma ovação ensurdecidora atravessou a multidão —; o rei do mar, Alucard; o filho do vento, Jinnar...

E à medida que cada mago assumia seu lugar, o estandarte escolhido desdobrava-se acima de sua cabeça.

— E Kamerov, o cavaleiro de prata.

Era como uma dança, elaborada, elegante e coreografada à perfeição.

Aplausos ribombaram na multidão quando a última das flâmulas arnesianas estalou no ar fresco da manhã, um conjunto de lâminas duplas

sobre a cabeça de Stasion Elsor.

— Nos próximos cinco dias e noites — continuou Rhy —, esses 36 magos competirão pelo título e pela coroa. — Ele tocou a própria cabeça. — Vocês não podem ter esta aqui — acrescentou ele com uma piscadela. — É minha. — Uma onda de risos perpassou as arquibancadas. — Não, a coroa do torneio é algo muito mais espetacular. Riquezas incomparáveis; reconhecimento sem par; glória ao seu nome, à sua casa e ao seu reino.

Todos os vestígios de escrita desapareceram das cortinas de tecido preto, dando lugar a linhas da tabela com os participantes do torneio, desenhadas na cor branca.

— Nessa primeira rodada, nossos magos foram pareados ao acaso.

Enquanto ele falava, os nomes apareceram escritos nas bordas externas da tabela. Murmúrios atravessaram a multidão e os magos se agitaram quando viram os nomes de seus adversários pela primeira vez.

— Os dezoito vencedores — continuou Rhy — serão novamente emparelhados, e os nove que avançarem serão colocados em grupos de três, onde se enfrentarão um a um. De cada grupo, apenas o que alcançar a melhor posição emergirá para a batalha da disputa final. Três magos entrarão na arena e somente um sairá vitorioso. Então digam — terminou Rhy, girando o círculo dourado entre os dedos —, estão prontos para ver a magia?

O barulho no estádio alcançou um nível ensurdecedor e o príncipe sorriu. Ele podia não ser capaz de invocar o fogo, fazer chover ou fazer árvores crescerem, mas ainda sabia causar impacto. Podia sentir a animação do público como se estivesse batendo dentro dele. E então percebeu que não era apenas a animação dele que estava sentindo.

Era também a de Kell.

Certo, irmão, pensou ele, equilibrando o círculo de ouro no polegar, como uma moeda.

— Chegou a hora de se maravilharem, de torcerem e de escolherem seus campeões. E assim, sem mais delongas... — Rhy lançou o círculo dourado no ar e, ao mesmo tempo, fogos de artifício explodiram no céu. Cada explosão de luz tinha sido combinada com sua própria explosão de fumaça azul-marinho, uma ilusão de noite que só alcançava os fogos e desaparecia contra o céu cinzento do inverno.

Ele pegou o círculo e segurou-o de novo, sua voz sobrepondo-se aos fogos de artifício e aos aplausos da multidão.

— Que comecem os jogos!

III

Lila tinha enlouquecido. Essa era a única explicação. Ela estava de pé sobre uma plataforma, cercada por homens e mulheres que praticamente exalavam poder, com uma explosão de fogos de artifício no céu e o rugido da multidão por todos os lados. Estava ali, com roupas roubadas de um estranho e prestes a competir em um torneio em nome de um império ao qual ela não servia, em um mundo de onde não viera.

E ela estava sorrindo como uma tonta.

Alucard cutucou o ombro dela, que percebeu que os outros magos estavam descendo a plataforma e voltando para o corredor pelo qual tinham entrado.

Ela seguiu a procissão para fora da arena e atravessou a ponte coberta. Honestamente, ela não saberia dizer o que estava sustentando o estádio, mas, o que quer que fosse, era nisso que caminhava agora. E enfim ela saíra para o chão sólido das margens do sul da cidade.

Uma vez em terra, as lacunas entre os magos começaram a se alargar enquanto caminhavam, cada um a seu ritmo, em direção às barracas. Dessa forma, Lila e Alucard viram-se com espaço suficiente para se mover e falar.

— Você ainda parece um peixe — sussurrou Lila.

— E você ainda parece uma garota brincando de se fantasiar — explodiu Alucard. Alguns passos silenciosos mais tarde, ele acrescentou: — Você ficará feliz em saber que providenciei que uma pequena quantia fosse enviada para a casa do nosso amigo, alegando que era um bônus para os concorrentes.

— Quanta generosidade — falou Lila. — Pagarei de volta com meus *prêmios*.

Alucard abaixou a voz.

— Jinnar vai ficar calado, mas não há nada que eu possa fazer sobre o mestre Tieren. É melhor evitá-lo, já que ele certamente sabe como é Stasion Elsor.

Lila acenou com a mão.

— Não se preocupe com isso.

— Você não pode *matar o Aven Essen*.

— Eu não estava pensando nisso — retrucou ela. — Além do mais, Tieren já sabe.

— *O quê?* — Seus olhos escuros como uma tempestade se estreitaram atrás da máscara de escamas. — E desde quando você chama o *Aven Essen* de Londres pelo primeiro nome? Tenho certeza de que isso é uma espécie de blasfêmia.

A boca de Lila se curvou.

— *Mestre* Tieren e eu temos o hábito de nos esbarrar por aí.

— Com certeza tudo isso faz parte do seu passado misterioso. Não, tudo bem, não se preocupe em me dizer algo útil, eu sou apenas seu capitão e o homem que a ajudou a enviar um sujeito inocente para santos sabem onde, para que você pudesse competir em um torneio para o qual não está nem de longe habilitada a participar.

— Está bem — disse ela. — Não direi. E pensei que você não estivesse associado a Stasion Elsor.

Alucard franziu o cenho, a boca totalmente exposta sob a máscara. Ele parecia estar de mau humor.

— Para onde vamos? — perguntou ela, tentando quebrar o silêncio.

— Para as tendas — respondeu Alucard, como se isso explicasse tudo. — A primeira partida começa em uma hora.

Lila tentou se lembrar da lista de competidores e disputas, o que se mostrou desnecessário, uma vez que todas as tábuas de divinação por que passaram pareciam estar mostrando a tabela. Cada dupla estava acompanhada de um símbolo marcando a arena: um dragão para a do leste; um leão para a do oeste; um pássaro para aquela no centro; e também uma ordem. De acordo com a tabela, Kisimyr foi designada para enfrentar seu próprio pupilo, Losen; Alucard duelaria com um veskano chamado Otto; Jinnar com um faroense cujo nome era uma fileira de sílabas. E Lila? Ela leu o nome que se opunha ao de Stasion. *Sar Tanak*. Um corvo à esquerda indicava que Sar era veskano.

— Alguma ideia de qual deles é Sar? — perguntou Lila, acenando com a cabeça para os enormes homens e mulheres loiros que caminhavam à frente.

— Ah — respondeu Alucard, apontando para uma figura do outro lado da procissão. — *Ali* está Sar.

Os olhos de Lila se arregalaram quando a figura deu um passo à frente.

— *Ali*?

A criatura veskana tinha mais de um metro e oitenta de altura e a constituição física de uma laje de pedra. Era uma mulher, pelo que Lila pôde observar; as feições estavam inflexíveis atrás de sua máscara falcônica, seu cabelo lembrava palha e estava arrumado em tranças curtas que se projetavam como penas. Ela parecia o tipo de criatura que levava consigo um machado.

O que Alucard tinha dito sobre veskanos adorarem suas montanhas?

Sar *era* uma montanha.

— Pensei que a magia não tivesse nada a ver com o tamanho físico.

— O corpo é um recipiente — explicou Alucard. — Os veskanos acreditam que, quanto maior ele for, mais poder poderá conter.

— *Ótimo* — murmurou Lila para si mesma.

— Anime-se — falou Alucard, enquanto se aproximavam de outra tábua de divinação. Ele meneou a cabeça na direção de seus nomes, posicionados em lados opostos da tabela. — Pelo menos, nossos caminhos provavelmente não irão se cruzar.

O ritmo dos passos de Lila diminuiu.

— Você quer dizer que eu tenho que derrotar todas essas pessoas só para ter a chance de atacar você?

Ele inclinou a cabeça.

— Você poderia ter implorado por esse privilégio em qualquer noite a bordo do *Spire*, Bard. Se quisesse uma morte rápida e humilhante.

— Ah, é mesmo?

Eles atravessaram em frente ao palácio enquanto conversavam, e Lila descobriu que, no lado oposto, em vez dos jardins que normalmente preenchiam o espaço entre o muro do palácio e a ponte de cobre, havia três tendas, grandes construções circulares que carregavam as cores de seu império. Lila ficou secretamente feliz com o fato de as tendas não flutuarem também. Ela havia encontrado suas pernas do mar, é claro, mas

já tinha o bastante com que se preocupar no *Essen Tasch* sem a perspectiva de se afogar.

— E fique contente por você não ter Kisimyr como adversária — continuou Alucard enquanto um guarda mantinha aberta a cortina que servia de entrada principal na sua tenda. — Ou Brost. Você teve sorte.

— Não precisa parecer tão aliviado... — disse Lila, perdendo-se em sua fala ao contemplar o esplendor do interior da tenda arnesiana.

Eles estavam de pé em uma espécie de área comum ao centro, o resto da tenda dividida em doze partes, como uma torta. Tecidos caíam ondulados do pico central do teto, exatamente como acontecia nos cômodos do palácio real, e tudo era suave, macio e adornado com ouro. Pela primeira vez em sua vida, a estupefação de Lila era maior que seu desejo de afanar qualquer coisa. Ou ela estava se acostumando à riqueza ou, mais provavelmente, tinha acusações suficientes em sua ficha nesse momento sem precisar acrescentar roubo.

— Acredite ou não — sussurrou Alucard —, um de nós gostaria de vê-la viver.

— Talvez eu o surpreenda.

— Você sempre faz isso. — Ele olhou em volta, avistando seu estandarte à frente de um dos doze cômodos com cortinas. — E agora, se me der licença, tenho que me preparar para uma disputa.

Lila acenou com a cabeça.

— Vou me certificar de pegar a sua flâmula. É aquela com um peixe, certo?

— Rá, rá, rá.

— Boa sorte.

* * *

Lila abriu o fecho do capacete ao entrar na tenda privada marcada por uma flâmula preta com facas cruzadas.

— Inferno — murmurou ela enquanto tentava tirar a máscara, a mandíbula do diabo emaranhada em seus cabelos.

Então ela olhou para cima. E parou. O cômodo era marcado por múltiplas informações: simples, elegante, suavizado por sofás, mesas e

tecidos ondulantes. Mas *não* estava vazio.

Uma mulher aguardava no centro do espaço, vestida de branco e dourado, segurando uma bandeja de chá. Lila saltou para trás, lutando contra o desejo de desembainhar uma faca.

— *Kers la?* — vociferou ela, o capacete ainda em sua cabeça.

A mulher franziu a testa ligeiramente.

— *An tas arensor.*

— Não preciso de uma ajudante — retrucou Lila, ainda em arnesiano e ainda lutando com o capacete.

A mulher pousou a bandeja, aproximou-se e, com um movimento e sem qualquer esforço, desembaraçou o nó e libertou Lila das mandíbulas do demônio. Ela tirou o capacete da cabeça de Lila e colocou-o sobre a mesa.

Lila tinha resolvido não agradecer a ela pela ajuda não autorizada, mas as palavras saíram mesmo assim.

— De nada — respondeu a mulher.

— Não preciso de você — repetiu Lila.

Mas a mulher se manteve firme.

— Assistentes foram designados para todos os competidores.

— Bom, sendo assim — disse Lila bruscamente —, eu dispenso você.

— Não creio que possa fazer isso.

Lila esfregou o pescoço.

— Você fala ilustre real?

A mulher mudou rapidamente para o inglês sem qualquer dificuldade.

— É adequado à minha posição.

— Como serve?

Um sorriso cortou o canto da boca da mulher.

— Como sacerdotisa.

Lógico, pensou Lila. Mestre Tieren escolhera os concorrentes. Fazia sentido que ele também designasse os assistentes.

— O príncipe insistiu que todos os competidores fossem agraciados com um ajudante, para atender às suas várias necessidades — disse ela.

Lila ergueu uma sobrancelha.

— Como o quê?

A mulher deu de ombros e apontou para uma cadeira.

Lila ficou tensa. Havia um *corpo* nela. E sem cabeça.

A mulher se dirigiu até a silhueta e Lila percebeu que não era um cadáver sem cabeça, e sim uma armadura. Não polida como aquelas usadas pelos guardas reais, mas simples e branca. Lila pegou a peça mais próxima. Quando a levantou, ficou maravilhada com a sua leveza. Não parecia que faria muito para protegê-la. Ela a atirou de volta na cadeira, mas a assistente a pegou antes de cair.

— Cuidado — disse ela, sentando a peça com gentileza. — As placas são frágeis.

— De que serve uma armadura frágil? — perguntou Lila.

A mulher olhou para ela como se tivesse feito uma pergunta muito idiota. Lila odiava aquele tipo de olhar.

— Este é o seu primeiro *Essen Tasch* — afirmou ela.

Não era uma pergunta. Sem esperar a confirmação, a mulher inclinou-se sobre um baú ao lado da cadeira e pegou uma peça de reposição da armadura. Levantou-a para que Lila visse e atirou-a no chão. A placa rachou ao encontrar o piso, e, quando o fez, houve um clarão de luz. Lila se encolheu diante do brilho súbito; na esteira do clarão, a placa da armadura não era mais branca, tornara-se cinza escuro.

— É assim que eles contam os pontos — explicou a assistente, pegando de volta o pedaço usado da armadura. — Um conjunto completo de armaduras tem 28 peças. O primeiro mago a quebrar dez ganha o jogo.

Lila se abaixou e pegou a placa arruinada.

— Mais alguma coisa que eu deva saber? — indagou, girando a peça em suas mãos.

— Bem — falou a sacerdotisa —, você não pode golpear com o próprio corpo, apenas com seus elementos, mas tenho certeza de que você já sabia disso.

Lila não sabia. Uma trombeta soou. As primeiras partidas estavam prestes a começar.

— Você tem um nome? — perguntou ela, devolvendo a placa.

— Ister.

— Então, Ister... — Lila recuou na direção da cortina. — Você apenas vai... ficar aqui até eu precisar de você?

A mulher sorriu e tirou um códice do bolso.

— Eu tenho um livro.

— Deixe-me adivinhar, um texto religioso?

— Na verdade — respondeu Ister, empoleirando-se no sofá baixo —, é sobre piratas.

Lila sorriu. Estava começando a gostar da sacerdotisa.

— Bem — disse Lila —, não vou contar ao *Aven Essen*.

Ister abriu um sorriso.

— Quem você acha que me deu o livro? — Ela virou a página. — Sua partida é às quatro, mestre Stasion. Não se atrase.

* * *

— Mestre Kamerov — soou uma voz alegre assim que Kell entrou em sua tenda.

— Hastra.

A armadura e a capa do jovem guarda haviam sumido, e no lugar ele usava uma simples túnica branca adornada em ouro. Um lenço, igualmente ornamentado em ouro, amarrado frouxamente sobre seu rosto e garganta, resguardava tudo, exceto seu nariz aquilino e os cálidos olhos castanhos. Um cacho escapou do envoltório, e, quando ele puxou o lenço para baixo, deixando-o apenas em volta do pescoço, Kell viu que ele estava sorrindo.

Santos, ele parecia jovem, como um noviço do Santuário.

Kell não se deu ao trabalho de tirar o capacete. Era muito perigoso, e não apenas porque poderia ser reconhecido; a máscara era um lembrete constante do disfarce. Sem o seu peso, Kell poderia esquecer quem era e quem não era.

Relutante, ele despiu o casaco prateado e deixou-o sobre uma cadeira, enquanto Hastra colocava as placas da armadura sobre sua túnica de manga comprida.

Trombetas soaram ao longe. As primeiras três disputas estavam prestes a começar. Não havia como precisar quanto tempo demoraria a rodada de abertura. Algumas podiam durar uma hora. Outras acabariam em minutos. A de Kell era a terceira luta na arena oeste. Seu primeiro oponente era um mago de vento faroense chamado Ost-ra-Nes.

Ele repassou esses detalhes em sua mente enquanto as placas eram posicionadas e fixadas. Não percebeu que Hastra havia terminado até que o jovem guarda falou.

— Está pronto, senhor?

Um espelho estava diante da parede acortinada, e Kell se observou, o coração batendo forte. *Você deve estar animado*, Hastra tinha dito, e Kell *estava*. A princípio, ele pensara que era uma loucura. Honestamente, se ele pensasse muito sobre a situação, saberia que era mesmo loucura. Mas não podia evitar. Que se danasse a lógica, que se danasse a prudência; ele estava animado.

— Por aqui — indicou Hastra, revelando uma segunda porta de cortina no limite externo da tenda reservada.

Era quase como se essa adição tivesse sido projetada levando em conta o ardil de Kell. Talvez *tivesse* sido. Santos, por quanto tempo Rhy vinha planejando essa charada? Talvez Kell não tenha dado o devido crédito ao irmão rebelde. E talvez o próprio Kell não estivesse prestando atenção suficiente. Ele *passara* muito tempo em seus aposentos, ou no Dique, e presumira que, por sentir o corpo de Rhy, também conhecia a mente do irmão. Obviamente estivera enganado.

Desde quando você está tão envolvido na política imperial?

Estou envolvido no meu reino, irmão.

Rhy havia mudado, isso Kell *tinha* notado. Mas ele só havia percebido os humores volúveis do irmão, a maneira como seu temperamento se abatia, à noite. Isso era diferente. Era *inteligente*.

Apenas por precaução, Kell pegou sua faca, descartada juntamente com seu casaco, e puxou para trás uma das muitas tapeçarias da tenda. Hastra observou como ele cortou a carne macia do próprio antebraço e tocou seus dedos no sangue. Desenhou um pequeno símbolo na parede da lona, uma linha vertical com uma pequena marca horizontal no topo que ia para a direita e outra na parte inferior, que ia para a esquerda. Kell soprou até que estivesse seco, então deixou a tapeçaria voltar para o lugar, escondendo o símbolo.

Hastra nada perguntou. Simplesmente desejou-lhe sorte, depois voltou para a tenda quando Kell foi embora. Muito passos depois, um guarda real — Staff — se pôs ao lado dele. Caminharam em silêncio, as multidões na rua — homens e mulheres que se importavam menos com as lutas do que com as festas que as cercavam — abrindo caminho para ele. Aqui e ali, crianças acenavam estandartes, e Kell avistou leões emaranhados entre as demais flâmulas.

— Kamerov! — gritou alguém, e logo o cântico estava sendo entoado pelo ar. — *Kamerov, Kamerov, Kamerov* — o nome ondulando atrás dele como uma capa.

IV

— Alucard! Alucard! Alucard! — entoava a multidão.

Lila perdera o começo da disputa, mas não importava. Seu capitão estava ganhando.

A arena leste estava lotada. Nos níveis inferiores não havia espaço para uma mosca, já a vista nas arquibancadas superiores era pior, mas havia um pouco mais de ar para respirar. Lila tinha optado por um dos níveis mais altos abertos ao público, sopesando o desejo de estudar o jogo com a necessidade de manter o anonimato. O chapéu preto de Stasion caía sobre sua testa, seus cotovelos apoiados na grade enquanto via uma terra escura girar em torno dos dedos de Alucard. Ela imaginou poder ver o sorriso dele, mesmo com toda a distância.

O príncipe Rhy, que tinha aparecido alguns minutos antes com as bochechas enrubescidas pelo esforço das viagens entre os estádios, agora se encontrava na tribuna real e observava enlevado, ao seu lado um sisudo nobre faroense.

Dois postes se erguiam acima da tribuna real, cada um sustentando uma das flâmulas que marcavam a luta. A de Alucard era uma pena de prata — ou chama, ela não conseguia distinguir — sobre um pano de fundo azul-escuro. Lila sustentava uma idêntica em uma das mãos. A outra flâmula era verde-floresta com um conjunto de três triângulos brancos. O adversário de Alucard, um veskano chamado Otto, usava um capacete de aparência antiga, em forma de cúpula, com uma placa de nariz.

Otto escolhera o fogo para combater a terra de Alucard, e agora ambos realizavam uma verdadeira dança, um se esquivando dos golpes do outro. O chão de pedra lisa da arena estava pontilhado de obstáculos, formações rochosas que ofereciam tanto cobertura quanto possibilidades de

emboscada. Eles deviam estar protegidos, uma vez que Alucard não os fizera se mover.

Otto era surpreendentemente rápido para um homem com mais de dois metros de altura, mas seus movimentos eram bruscos, ao passo que Alucard era sutil como um prestidigitador. Lila não conseguia ver as coisas de outra maneira. A maioria dos magos, assim como a maioria dos lutadores comuns, entregava qual seria seu próximo ataque ao mover-se na mesma direção que sua magia. Mas Alucard podia ficar perfeitamente imóvel enquanto seu elemento se movia ou, neste caso, podia se esquivar para um lado e lançar seu poder para outro. E através desse método simples, porém eficaz, tinha marcado oito pontos contra dois de Otto.

Alucard era um showman, ostentando floreios, e Lila havia estado um número suficiente de vezes do outro lado de seus golpes para saber que ele agora estava brincando com o veskano, mudando para um modo defensivo de jogo para prolongar a luta e agradar a multidão.

Aplausos eclodiram na arena oeste, onde Kisimyr estava duelando com seu pupilo, Losen. Instantes depois, as palavras na tábua de divinação mais próxima mudaram, o nome de Losen desaparecera e o de Kisimyr fora escrito no nível seguinte da tabela. Na arena abaixo, chamas circundavam os pulsos de Otto. A coisa mais difícil no controle do fogo era a aplicação da força correta, dando-lhe tanto carga quanto calor. O veskano estava projetando o próprio peso nos golpes em vez de usar a força do fogo.

— A magia é como o oceano — dissera Alucard em sua primeira lição. — Quando as ondas seguem na mesma direção, elas constroem um ritmo. Quando elas colidem, destroem tudo. Vá de encontro à sua magia e você quebra o impulso. Mova-se com ela, e...

O ar ao redor de Lila começou a formigar de forma agradável.

— Mestre Tieren — falou ela sem se virar.

O *Aven Essen* se aproximou e ficou ao lado dela.

— Mestre Stasion — disse ele, casualmente. — Você não deveria estar se preparando?

— Minha luta é a última — respondeu ela, lançando-lhe um olhar de esguelha. — Eu queria ver a disputa de Alucard.

— Apoando amigos?

Ela deu de ombros.

— Estudando adversários.

— Entendo...

Tieren olhou inquisitivamente para ela. Ou talvez fosse um olhar de reprovação. Ele era um homem difícil de decifrar, mas Lila gostava dele. Não só porque não tentara impedi-la, mas porque ela podia lhe fazer perguntas, e ele claramente não tinha o hábito de proteger uma pessoa ao mantê-la na ignorância. Uma vez, ele havia confiado a ela uma tarefa difícil; por duas vezes ele havia guardado os segredos dela; e em todas as vezes havia deixado que ela escolhesse seu próprio caminho.

Lila indicou com a cabeça a tribuna real.

— O príncipe parece interessado nessa luta — arriscou ela, enquanto lá embaixo Otto escapava de um golpe por um triz. — Mas quem é o faroense?

— Lorde Sol-in-Ar — respondeu Tieren. — O irmão mais velho do rei.

Lila franziu o cenho.

— Ser mais velho não deveria *torná-lo* rei?

— Em Faro, a sucessão da coroa não é determinada pela ordem de nascimento, mas pelos sacerdotes. Lorde Sol-in-Ar não tem afinidade com a magia. Sendo assim, não pode ser rei.

Lila percebeu a contrariedade na voz de Tieren, e ela podia sentir que não era por Sol-in-Ar, mas pelos sacerdotes que o consideravam indigno.

Ela não acreditava em toda essa bobagem sobre a magia separar os fortes dos fracos, realizando algum tipo de julgamento espiritual. Não, isso era muito parecido com a ideia de destino, e Lila não apostava suas fichas nele. A pessoa escolhe seu caminho. Ou cria um novo.

— Como você sabe tantas coisas? — perguntou ela.

— Passei minha vida estudando a magia.

— Achei que não estivéssemos falando de magia.

— Estávamos falando de pessoas — disse ele, os olhos acompanhando a luta —, e as pessoas são o componente mais variável e mais importante na equação da magia. A magia em si é, afinal, uma constante, uma fonte pura e permanente, como a água. As pessoas e o mundo que formam são os condutores da magia, determinando sua natureza, colorindo sua energia como um corante faz com a água. Você entre todas as pessoas deveria ser capaz de ver que a magia muda nas mãos dos homens. É um elemento a ser moldado. Quanto ao meu interesse em Faro e Vesk, o império

arnesiano é vasto. Não é, no entanto, a extensão completa do mundo, e da última vez que me arrisquei a verificar, a magia existia além de suas fronteiras. Estou contente com o *Essen Tasch*, mesmo que seja apenas por esse lembrete e pela oportunidade de ver como a magia é tratada em outras terras.

— Espero que tenha escrito isso em algum lugar — falou ela. — Para a posteridade e tudo mais.

Ele bateu com o indicador na lateral da própria cabeça.

— Guardo tudo em um lugar seguro.

Lila bufou. Sua atenção se voltou para Sol-in-Ar. Os homens falam muito, e os homens do mar falam mais que a maioria.

— É verdade o que dizem?

— Eu não saberia dizer, mestre Elsor. Não me mantenho informado.

Lila duvidava que ele fosse tão ingênuo quanto parecia.

— Que lorde Sol-in-Ar quer derrubar o irmão e começar uma guerra?

Tieren pousou a mão no ombro dela com um aperto surpreendentemente firme.

— Cuidado com a sua língua — falou ele calmamente. — Há muitas orelhas aqui para observações tão displicentes.

Eles assistiram ao restante da disputa em silêncio. Não durou muito.

Alucard era um borrão de luz, seu capacete cintilando ao sol enquanto ele girava atrás de uma pedra e aparecia do outro lado. Lila observava, hipnotizada, enquanto ele erguia as mãos, e a terra ao seu redor se projetava para a frente.

Otto atraiu o fogo, mantendo-o ao seu redor como uma concha, protegendo a frente, a retaguarda e os flancos. O que era ótimo, exceto pelo fato de ele não conseguir *enxergar* através das chamas, fazendo com que não notasse o instante em que a terra mudou de direção e flutuou no ar, compactando-se em torrões antes de cair, não com uma força comum, mas como uma tempestade súbita. A multidão prendeu o fôlego, e o veskano ergueu os olhos tarde demais. Suas mãos dispararam na direção do céu, assim como o fogo, mas não rápido o suficiente. Três dos mísseis encontraram seu alvo, colidindo com o ombro, o antebraço e o joelho com força suficiente para quebrar as placas de armadura.

Em um clarão de luz, a luta estava encerrada.

Um juiz — um sacerdote, a julgar pelas vestes brancas — levou um círculo de ouro para perto dos lábios e anunciou:

— Alucard Emery avança para a próxima fase!

Os aplausos da multidão retumbaram, e Lila olhou para a tribuna real, mas o príncipe se fora. Ela olhou ao redor, já sabendo que Tieren também sumira. Trombetas soaram na arena central. Lila viu que Jinnar avançara. Ela avaliou a lista, buscando a próxima disputa que aconteceria na arena central.

Tas-on-Mir era o nome no topo da tabela, e, logo abaixo, *Kameroov*.

* * *

A magia cantava no sangue de Kell conforme a multidão rugia na arena acima. Santos, será que todas as pessoas da Londres Vermelha tinham aparecido para testemunhar as rodadas de abertura?

Jinnar passou por ele no túnel ao sair de sua disputa. Parecia não ter feito nenhum esforço.

— *Fal chas!* — chamou o mago de olhos prateados, retirando o restante da sua armadura. Pelo que parecia, apenas três placas haviam se quebrado.

— *Rensa tav* — respondeu Kell automaticamente enquanto seu peito zumbia com uma energia nervosa.

No que ele estava pensando? O que estava fazendo ali? Isso tudo era um erro... Ainda assim, seus músculos e ossos ainda suplicavam por uma luta, e, além do túnel, ele podia ouvi-los chamando o nome: *Kameroov! Kameroov! Kameroov!* Mesmo que não fosse o nome dele, o clamor enviava uma nova explosão de fogo através de suas veias.

Seus pés começaram a andar por si mesmos em direção à entrada do túnel, onde dois assistentes esperavam, cada um do lado oposto de uma mesa.

— As regras ficaram claras? — perguntou o primeiro.

— E você está pronto, disposto e preparado? — indagou o segundo.

Kell assentiu com a cabeça. Ele já tinha visto disputas suficientes desse torneio para saber como as coisas funcionavam, e Rhy insistira em rever todas e cada uma das regras novamente, por garantia. À medida que

o torneio avançava, as regras mudavam para permitir jogos mais longos e mais difíceis. O *Essen Tasch* então se tornaria muito mais perigoso, tanto para Kell quanto para Rhy. Mas as rodadas de abertura eram simplesmente destinadas a separar os bons dos muito bons; os habilidosos dos peritos.

— Qual o seu elemento? — exigiu o primeiro.

Sobre a mesa havia uma série de esferas de vidro, muito parecidas com as que Kell usara certa vez para ensinar magia a Rhy. Cada esfera continha um elemento: terra escura, água tingida, poeira colorida para dar a forma do vento e, no caso do fogo, um pouco de óleo para criar a chama. A mão de Kell pairou sobre as esferas enquanto tentava decidir qual delas escolher. Por ser um *Antari*, podia usar qualquer um dos elementos. Na pele de Kamerov, teria que escolher. Sua mão repousou sobre um orbe contendo água tingida com um azul vívido para que ficasse visível aos espectadores quando entrasse na arena.

Os dois assistentes fizeram uma mesura e Kell se dirigiu à arena, provocando uma onda de ruídos. Ele olhou de soslaio através da viseira. Era um dia de inverno ensolarado, de um frio mordaz, porém com uma forte luz que cintilava nos pináculos da arena e nos fios metálicos dos estandartes que ondulavam em todas as direções. Os leões da flâmula de Kell piscavam para ele de todos os lados da arena, ao passo que a espiral azul prateada de Tas-on-Mir se destacava aqui e ali contrastada com o fundo preto — sua irmã gêmea, Tos-an-Mir, ostentava o inverso: preto sobre o fundo azul prateado.

De longe, o drama e o espetáculo sempre pareceram ridículos, mas, estando ali, na arena, em vez de na arquibancada, Kell sentiu-se envolvido pelo show. A multidão cantando e aplaudindo pulsava com energia, com magia. Seu coração retumbava, seu corpo ansiava pela luta, e ele olhou para cima, além da multidão, para a tribuna real, onde Rhy tinha ocupado seu lugar ao lado do rei e agora olhava para baixo. Os olhos deles se encontraram e, embora Rhy não pudesse ver Kell através da máscara, ainda sentia o olhar passar entre eles como uma corda esticada sendo tangida.

Tente não nos matar.

Rhy acenou levemente com a cabeça, um gesto quase imperceptível da tribuna, e Kell ziguezagueou por entre os obstáculos de pedra até o centro da arena.

Tas-on-Mir já havia entrado no ringue. Ela estava vestida, como todos os faroenses, com um único pedaço de tecido enrolado em seu corpo, os detalhes perdidos sob sua armadura. Um capacete simples servia mais para emoldurar o rosto dela do que para escondê-lo, e gemas de uma pedra preciosa azul prateada cintilavam como gotas de suor ao longo de sua testa e de suas bochechas. Em uma das mãos, ela segurava um orbe cheio de pó vermelho. Seu elemento era o vento. A mente de Kell se agitou. O ar era um dos elementos mais fáceis de serem movidos, e um dos mais difíceis de combater, mas a força vinha facilmente, ao contrário da precisão.

Um sacerdote de vestes brancas estava sobre um pedestal na varanda mais baixa, para ser o árbitro do combate. Ele fez um gesto e os dois competidores se aproximaram, acenaram com a cabeça para a plataforma real e então se viraram um para o outro, cada um segurando sua esfera. A areia no orbe de Tas-on-Mir começou a girar, ao passo que a água na esfera de Kell chacoalhou preguiçosamente.

Então algo aconteceu: ou o estádio ficou em silêncio, ou o som da pulsação de Kell sobrepujou todo o resto — a multidão, o barulho dos estandartes sendo agitados, os aplausos distantes vindos das outras disputas. Em algum lugar naquele vácuo sem ruídos, as esferas caíram, e o primeiro som que atingiu os ouvidos de Kell foi o barulho cristalino dos orbes se estilhaçando no chão da arena.

Por um instante, o sangue nas veias de Kell correu acelerado e a velocidade do mundo à sua volta diminuiu. Então, de repente, voltou a se mover. O vento da maga faroense se ergueu e começou a girar em torno dela. A água escura girou em espirais ao redor dos braços de Kell antes de se juntar em uma poça flutuando acima das palmas de suas mãos.

A faroense se retraiu antes de disparar uma rajada de vento avermelhado com a força de uma lança. Kell pulou para trás a tempo apenas de desviar do golpe, sendo surpreendido por um segundo ataque que o atingiu na lateral, quebrando uma placa e espalhando luz pela arena.

O golpe fez com que Kell perdesse o fôlego. Ele olhou rapidamente para Rhy, na tribuna real, onde pode vê-lo agarrado à cadeira, rangendo os dentes. De relance, o gesto parecia apenas concentração, mas Kell sabia o que realmente era: um eco de sua própria dor. Ele proferiu um pedido silencioso de desculpas, depois mergulhou atrás do montículo de rocha mais próximo, escapando de outro ataque por um triz. Ele rolou e se

levantou, agradecido pelo fato de a armadura ter sido projetada para reagir apenas a ataques, e não a qualquer força autoinfligida.

Lá em cima, Rhy lançou-lhe um olhar fulminante.

Kell analisou as duas poças de água ainda pairando acima de suas mãos e imaginou a voz de Holland ecoando ao redor da arena, enredada pelo vento. Escarnecendo, provocando.

Lute.

Protegido pela rocha, ele ergueu a mão, e a esfera líquida acima de seus dedos começou a se desfazer em duas torrentes, depois em quatro e então em oito. As correntes de água circundavam a arena por lados opostos, esticando-se e ficando cada vez mais finas, transformando-se em fitas, em fios, até assumirem a forma de filamentos que se entrecruzavam em uma teia.

Como reação, o vento vermelho se agitou, ficando mais violento, da mesma maneira como sua água havia feito, transformando-se em uma dezena de lâminas de ar; Tas-on-Mir estava tentando forçá-lo a sair de seu refúgio. Kell estremeceu quando uma lasca de vento acariciou sua bochecha. A voz de sua adversária começou a elevar o vento que saía de uma dezena de lugares. Para o restante da arena parecia que Kell estava lutando às cegas, porém Kell podia *sentir* a faroense, o sangue e a magia pulsando sob a pele dela, a tensão contra os fios de água enquanto ele os puxava e tensionava. Onde... onde... *ali*. Ele girou, lançando-se não para o lado, mas para cima. Subiu no rochedo, o segundo orbe congelando um instante antes de deixar sua mão, despedaçando-se conforme se precipitava em direção a Tas-on-Mir, que conseguiu conjurar um escudo de vento antes que os fragmentos pudessem atingi-la. Mas ela estava tão concentrada no ataque dianteiro que se esquecera da teia de água que havia sido recomposta em uma fração de segundo, transformando-se em um bloco de gelo atrás dela. O bloco se lançou contra as costas da adversária, estilhaçando as três placas que protegiam sua coluna.

A multidão irrompeu em vivas quando a faroense caiu para a frente, de quatro, e a água navegou de volta para Kell, enroscando-se em seus pulsos.

Tinha sido uma finta. O mesmo golpe que usara contra Holland. Porém, ao contrário do *Antari*, Tas-on-Mir não ficara no chão. Um instante depois ela se levantou, o vento vermelho chicoteando em torno dela enquanto as placas quebradas caíam.

Três já foram, pensou Kell. *Faltam sete*.

Ele sorriu atrás de sua máscara, então ambos se tornaram um borrão de luz, vento e gelo.

* * *

Rhy apertava com força os braços da cadeira.

Lá na arena, Kell se abaixava e se esquivava dos golpes da faroense.

Mesmo na pele de Kamerov, ele era incrível. Movia-se pela arena com uma elegância impressionante, mal tocando o chão. Até hoje, Rhy só vira o irmão lutando em tumultos e brigas. Teria sido assim quando ele enfrentara Holland? Ou Athos Dane? Ou era fruto dos meses passados no Dique, impulsionado por seus próprios demônios?

Kell emplacou outro golpe, e Rhy teve que se controlar para não rir — do que estava acontecendo, do absurdo do que estavam fazendo, da dor extremamente real em seu flanco, do fato de que ele não podia fazê-la parar. Do fato de que ele não o faria, nem se pudesse. Havia uma espécie de controle em deixar correr solto, em se render.

— Este ano, nossos magos são fortes — disse ele ao pai.

— Mas não fortes demais — retrucou o rei. — Tieren escolheu bem. Esperemos que os sacerdotes de Faro e Vesk tenham feito o mesmo.

A sobancelha de Rhy arqueou-se.

— Pensei que o objetivo disso tudo fosse mostrar nossa força.

Seu pai lançou-lhe um olhar de censura.

— Nunca se esqueça, Rhy, de que você está assistindo a uma *competição esportiva*. Uma competição com três times fortes, mas com forças equivalentes.

— E se, em algum ano, Vesk e Faro jogassem para *ganhar*?

— Então saberíamos.

— Saberíamos o quê?

O rei voltou seu olhar para a disputa.

— Que a guerra se aproxima.

Na arena abaixo, Kell rolou e logo se levantou. A água escura espiralou e mudou subitamente de direção, deslizando por baixo e ao redor da parede de ar erguida pela faroense antes de atingir o peito dela. A

armadura se estilhaçou em um clarão com o golpe, e a multidão irrompeu em aplausos.

O rosto de Kell estava escondido, mas Rhy sabia que ele estava sorrindo.

Exibido, pensou, pouco antes de Kell se esquivar devagar demais e deixar que uma rajada de vento afiada como uma faca o atingisse, o golpe acertando suas costelas. A luz estourou diante dos olhos de Rhy e atrás deles, enquanto ele prendia a respiração. Uma dor queimou por sua pele, e ele tentou imaginar que poderia extraí-la, afastá-la de Kell, e mantê-la para si.

— Você está pálido — observou o rei.

Rhy afundou-se na cadeira.

— Estou bem.

E ele estava. A dor fazia com que se sentisse vivo. Seu coração martelava no peito, pulsando em sintonia com o coração do irmão.

O rei Maxim se levantou e olhou ao redor.

— Onde está Kell? — perguntou.

Sua voz tinha adquirido o hábito de endurecer ao pronunciar o nome de uma forma que revirava o estômago de Rhy.

— Tenho certeza de que ele está por perto — respondeu Rhy, olhando para os dois lutadores na arena. — Ele estava ansioso pelo torneio. Além disso, não é para isso que servem Staff e Hastra? Para ficar na cola dele?

— Eles estão vacilando em seus deveres.

— Quando o senhor vai parar de puni-lo? — explodiu Rhy. — Ele não foi o único a cometer um erro.

Os olhos de Maxim escureceram.

— E *ele* não é o futuro rei.

— O que isso tem a ver?

— Tudo — respondeu seu pai, inclinando-se e baixando a voz. — Você acha que eu faço isso por maldade? Com intenção de prejudicá-lo? Isto é uma lição, Rhy. Seu povo sofrerá quando você errar, e você sofrerá quando o seu povo o fizer.

— Acredite em mim — murmurou Rhy, esfregando um eco de dor que se espalhou por suas costelas. — Estou sofrendo.

Lá embaixo, Kell se abaixou e girou. Rhy percebeu que a luta estava chegando ao fim. A faroense fora superada, estivera em desvantagem

desde o início, e seus movimentos estavam ficando mais lentos, ao passo que os de Kell se tornavam cada vez mais rápidos, mais confiantes.

— Acha mesmo que a vida dele está em perigo?

— Não é com a vida *dele* que estou preocupado — disse o rei.

Mas Rhy sabia que não era verdade. Não totalmente. O poder de Kell fazia dele um alvo. Vesk e Faro acreditavam que ele era abençoado, a joia da coroa arnesiana, a fonte de poder que mantinha o império forte. Era um mito perpetuado pela própria coroa arnesiana, Rhy tinha certeza. No entanto, o perigo das lendas era que algumas pessoas as levavam a sério, e aqueles que pensavam que a magia de Kell protegia o império também poderiam pensar que, ao eliminá-lo, estariam enfraquecendo o império. Outros pensavam que se pudessem roubá-lo, teriam para si a força de Arnes.

Mas Kell não era um talismã... era?

Quando pequenos, Rhy olhava para Kell e via apenas seu irmão. À medida que cresceram, sua visão mudou. Alguns dias, ele pensava enxergar uma escuridão. Outras vezes, pensava ver um deus. Não que ele algum dia fosse dizer isso a Kell. Ele sabia que Kell odiava a ideia de ser o escolhido.

Rhy pensava que havia coisas piores na vida.

Na arena, Kell levava outro golpe e Rhy sentiu os nervos reverberarem pela extensão de seu braço.

— Tem certeza de que está bem? — pressionou seu pai, e Rhy percebeu que, agarrados à cadeira, os nós de seus dedos estavam brancos.

— Perfeitamente bem — respondeu ele, engolindo a dor enquanto Kell aplicava os dois golpes finais, um atrás do outro, encerrando o jogo.

A multidão irrompeu em aplausos enquanto a faroense cambaleava e acenava com a cabeça em um movimento rígido, antes de se retirar do ringue.

Kell voltou sua atenção para a tribuna real e fez uma reverência exagerada.

Rhy ergueu a mão, reconhecendo a vitória, e a figura em prata e branco desapareceu no túnel.

— Pai — falou Rhy —, se o senhor não perdoar Kell, vai perdê-lo.

Não houve resposta.

Rhy virou-se para o pai, mas o rei já havia ido embora.

V

Lila sempre ouvira que a pior parte era esperar, e concordava. Tanto que, de fato, ela raramente esperava por qualquer coisa. Esperar abria um grande espaço para perguntas, para dúvidas. Isso enfraquecia a determinação da pessoa, e foi provavelmente o motivo, enquanto ela estava no túnel da arena oeste *esperando* por sua disputa, pelo qual ela começou a sentir como se houvesse cometido um erro terrível.

Perigosa.

Imprudente.

Insensata.

Louca.

Um coro tão barulhento de dúvidas que as botas dela deram um passo para trás, sozinhas.

Em um dos outros estádios, a multidão aplaudiu quando um arnesiano saiu vitorioso.

Lila recuou mais um passo.

Então, de relance, ela viu uma flâmula, a *sua* flâmula, e seus passos cessaram.

Eu sou Delilah Bard, pensou. Pirata, ladra, maga.

Os dedos dela começaram a tamborilar.

Atravessei mundos e roubei navios. Lutei com rainhas e salvei cidades.

Os ossos dela estremeceram, e seu sangue acelerou nas veias.

Sou única.

As trombetas convocatórias soaram e então Lila se forçou a atravessar o arco, sua esfera pendendo dos dedos. O óleo iridescente chacoalhou lá dentro, pronto para ser incandescido.

Assim que ela entrou em campo, sua ansiedade se esvaiu, deixando uma excitação familiar em seu rastro.

Perigosa.

Imprudente.

Insensata.

Louca.

As vozes começaram a falar de novo, mas já não podiam detê-la. A espera terminara. Não havia mais volta, e esse simples fato facilitava o avanço.

As arquibancadas deram vivas quando Lila entrou na arena. Visto da tribuna, o estádio parecia consideravelmente grande. Visto do chão, parecia *gigantesco*.

Seus olhos vasculharam a multidão. Havia tantas pessoas, tantos olhos focalizados nela. Quando era uma ladra na noite, Lila Bard sabia que ficar fora da luz era o caminho mais seguro para se manter viva, mas ela não podia evitar, *gostava* desse tipo de truque. Ficar bem na frente de um alvo enquanto embolsava as moedas dele. Sorrir enquanto roubava. Olhá-los nos olhos e desafiá-los a ver através do estratagema. Porque os melhores truques não eram aqueles realizados enquanto o alvo estava de costas, mas enquanto estava olhando.

E Lila queria ser vista.

Até que ela viu a *veskana*.

Sar entrou na arena atravessando o amplo espaço com alguns passos antes de se deter no centro. Parada ali, ela parecia ter crescido diretamente do chão de pedra, um imponente carvalho em forma de mulher. Lila nunca tinha pensado em si mesma como uma pessoa baixa, porém, ao lado da *veskana*, ela se sentiu como um graveto.

Quanto maiores são, pensou Lila, pior é a queda. Assim espero.

Pelo menos as placas de armadura haviam sido ajustadas para servir nela, dando a Lila um alvo maior. A máscara de Sar era feita de madeira e metal entrelaçados, formando um tipo de fera, com chifres, focinho e olhos fendidos através dos quais brilhavam os próprios olhos azuis de Sar. Em sua mão estava um orbe cheio de terra.

Lila cerrou os dentes.

Terra era o elemento mais difícil: quase qualquer golpe desferido com ele era capaz de quebrar uma placa, mas também era concedido em menor quantidade. O ar estava em toda parte, o que significava que o fogo também estava, se você pudesse domá-lo para assumir a forma desejada.

Sar se curvou em uma mesura, sua sombra pairando sobre Lila.

O estandarte da veskana tremulava no alto, um azul límpido marcado por um único X amarelo. Em meio à letra de Sar e às facas de Lila, a multidão era um mar de linhas cruzadas. A maioria das flâmulas era prateada sobre preto, mas Lila achou que isso provavelmente tinha menos a ver com rumores sobre a habilidade de Stasion Elsor e mais com o fato de ele ser arnesiano. O time da casa sempre seria a maioria. Naquele momento, a lealdade da plateia era esperada. Mas Lila poderia conquistá-la. Já imaginava um estádio inteiro de flâmulas pretas e prateadas.

Não seja precipitada.

O chão da arena estava pontilhado de obstáculos; grandes pedras, colunas e muros baixos feitos da mesma rocha preta que o chão, para que os competidores e seus elementos se destacassem em contraste com o pano de fundo cor de carvão.

As trombetas silenciaram, e o olhar de Lila se ergueu até a tribuna real, mas o príncipe não estava lá. Havia somente um jovem com uma capa verde e uma coroa feita de madeira polida e prata entremeada — um dos nobres de Vesk — e o mestre Tieren. Lila deu uma piscadela e, embora o *Aven Essen* provavelmente não pudesse tê-la visto, os olhos brilhantes dele ainda pareceriam se estreitar, denotando desaprovação.

Um silêncio tenso desceu sobre a multidão, e Lila se virou para trás para ver um homem com vestes brancas e douradas na plataforma suspensa do juiz, que pairava sobre a arena sustentada em apenas uma das laterais por uma coluna. A mão dele estava erguida, e por um instante ela se perguntou se ele estava convocando magia, até que percebeu que estava apenas invocando silêncio.

Sar estendeu sua esfera, a terra se elevando e chacoalhando no interior com uma energia nervosa.

Lila engoliu em seco e levantou a sua, o óleo perturbadoramente imóvel em comparação com a terra.

Tigre, tigre, brilho, brasa...

Os dedos de Lila se fecharam em volta do orbe, e a superfície do óleo irrompeu em chamas. O efeito era impressionante, porém não poderia durar, não com tão pouco ar na esfera. Ela não esperou. No instante em que o homem de branco começou a baixar a mão, Lila estilhaçou o orbe no chão, fazendo jorrar pelo ar uma chama faminta de oxigênio. A força do

fogo deu um solavanco em Lila e surpreendeu o público, que pareceu pensar que tudo estava dentro do espírito do espetáculo.

Sar esmagou sua esfera nas próprias mãos, e, num piscar de olhos, a disputa estava em andamento.

* * *

— *Concentração* — *ralhou Alucard.*

— *Eu estou me concentrando* — *retrucou Lila, suas mãos pairando, uma de cada lado do óleo.*

— *Não está. Lembre-se, a magia é como o oceano.*

— *Já sei, já sei* — *resmungou Lila* —, *ondas.*

— *Quando as ondas seguem na mesma direção* — *disse ele, ignorando o comentário dela* —, *elas constroem um ritmo. Quando elas colidem, destroem tudo.*

— *Certo, então eu quero invocar uma onda...*

— *Não* — *falou Alucard.* — *Apenas deixe o poder passar através de você.*

Esa roçou na perna dela. O Spire balançou ligeiramente com o mar. Seus braços doíam por estarem erguidos, uma gota de óleo em cada palma. Era sua primeira lição, e ela já estava falhando.

— *Você não está se esforçando.*

— *Vá se ferrar.*

— *Não lute. Não force. Seja uma porta aberta.*

— *O que aconteceu com as ondas?* — *murmurou Lila.*

Alucard a ignorou.

— *Todos os elementos estão inerentemente conectados.* — *Ele continuou divagando enquanto ela lutava para invocar o fogo.* — *Não há uma linha divisória entre um e outro. Ao contrário, eles existem em um espectro, derramando-se uns nos outros. Trata-se de descobrir qual parte desse espectro tem maior atração sobre você. O fogo se derrama no ar, que se derrama na água, que se derrama na terra, que se derrama no metal, que se derrama nos ossos.*

— *E a magia?*

Ele franziu o cenho, como se não entendesse a pergunta.

— *A magia está em tudo.*

Lila flexionou as mãos, concentrando-se na tensão em seus dedos, porque precisava se concentrar em algo.

— *Tigre, tigre, brilho, brasa...* — *Nada aconteceu.*

— *Você está se esforçando demais.*

Lila exalou um som exasperado.

— *Eu pensei que não estivesse me esforçando o suficiente!*

— *É um equilíbrio. E está agarrando com força demais.*

— *Eu nem o estou tocando.*

— *É óbvio que está. Apenas não está usando as mãos. Você está exercendo força. Mas força não é o mesmo que controle. Você está caçando algo, quando tudo o que precisa fazer é embalá-lo. Você está tentando controlar o elemento. Mas não funciona assim, não realmente. É mais como uma... conversa. Perguntar e responder, pedir e atender.*

— *Espere aí. Então são ondas, portas, ou conversas?*

— *Pode ser o que você quiser.*

— *Você é um péssimo professor.*

— *Eu lhe avisei. Se você não está preparada para isso...*

— *Silêncio. Estou me concentrando.*

— *Você não pode obrigar a magia a acontecer.*

Lila respirou fundo. Tentou se concentrar na sensação do fogo, imaginar o calor nas palmas das mãos, mas isso também não funcionou. Em vez disso, ela encontrou as lembranças de Kell, de Holland, do modo como o ar mudava quando eles invocavam a magia, o formigar, o pulsar. Ela pensou em si mesma segurando a pedra preta, conjurando seu poder, pensou na vibração passando por seu sangue, seus ossos e algo mais, algo mais profundo. Algo estranho e impossível e, ao mesmo tempo, inteiramente familiar.

As pontas dos dedos dela começaram a queimar, não com calor, mas algo estranho, algo quente e frio, áspero e suave; vivo.

— *Tigre, tigre, brilho, brasa* — sussurrou ela baixinho e, um instante depois, o fogo começou a ganhar vida na palma de suas mãos.

Ela sequer precisava ver o que havia feito. Podia sentir. Não apenas o calor, mas o poder ondulando abaixo dele.

Agora era oficial: a magia corria nas veias de Lila.

* * *

Lila ainda estava tentando dar forma ao fogo quando a primeira bola de terra de Sar — que era basicamente uma pedra — atingiu seu ombro. O clarão de luz foi agudo e ofuscante quando a placa se partiu. A dor foi intensa e demorou a passar.

Não houve tempo para reagir. Outro torrão de terra veio na direção dela, e Lila girou para sair da linha de ataque de Sar, abaixando-se atrás de um pilar uma fração de segundo antes que a terra se estilhaçasse contra ele, fazendo chover pedrinhas no chão da arena. Pensando ter tempo antes do próximo ataque, Lila contornou o pilar, preparada para atacar, e foi atingida no peito por uma lança de terra que esmagou a placa central. O golpe lançou-a de encontro a um pedregulho, e suas costas bateram na rocha com uma força brutal: mais duas placas se quebraram enquanto ela arquejava e caía sobre as mãos e os joelhos.

Quatro placas perdidas em questão de segundos.

A veskana emitiu um riso abafado, grave e gutural, e, antes que Lila pudesse sequer se levantar, muito menos contra-atacar, outra bola de terra a atingiu no queixo, espatifando a quinta placa e a derrubando novamente de quatro.

Lila girou o corpo e se pôs de pé, xingando com voracidade, as palavras perdidas por entre os gritos, aplausos e flâmulas sendo agitadas. Pequenas chamas ainda ardiam em uma poça de óleo que mal sujava o chão. Lila se jogou para perto dela com vontade, enviando um rio de labaredas na direção de Sar. O fogo mal chamuscou a veskana, o calor lambendo a armadura inofensivamente. Lila praguejou e se abaixou atrás de uma barreira.

A veskana disse algo, escarnecendo, mas Lila continuou escondida.

Pense, pense, pense.

Ela passara o dia todo assistindo às disputas, reparando nos movimentos que os competidores faziam, na forma como jogavam. Ela captara segredos, rachaduras nas armaduras dos participantes e trejeitos que denunciavam suas jogadas.

E ela aprendera uma coisa muito importante.

Todos competiam *de acordo com as regras*. Bem, pelo que Lila entendera, não eram muitas, além da mais óbvia: não tocar uns nos outros. Mas esses competidores eram como artistas. Não jogavam sujo. Não lutavam como se realmente importasse. Evidentemente queriam ganhar, levar a glória e o prêmio, mas não lutavam como se suas *vidas* dependessem disso. Havia bravata demais e medo de menos. Todos se moviam com a confiança de saber que um sino tocaria, um apito soaria, a partida seria encerrada e eles ainda estariam seguros.

Lutas de verdade não funcionavam dessa forma.

Delilah Bard nunca tinha estado em uma luta que não fosse real.

Os olhos dela moveram-se por toda a arena e pousaram na plataforma do juiz. O homem havia recuado alguns passos, deixando a extremidade vazia. Ficava acima da arena, mas não muito alto. Ela conseguiria alcançá-la.

Lila puxou o fogo, retesando-o, deixando-o pronto para atacar. E então ela se virou, escalou a parede e saltou. E conseguiu, por pouco. A multidão ficou ofegante, surpresa com a forma como ela aterrissara na plataforma e girara na direção de Sar.

E com isso, a *veskana* hesitou.

Atingir a multidão era expressamente proibido. Mas não havia regras a respeito de ficar na frente dela. Aquele momento em suspenso era tudo o que Lila precisava. Sar não atacou, mas Lila o fez, lançando um cometa de fogo de cada mão.

Não lute. Não force. Seja uma porta aberta.

Mas Lila não se sentia como uma porta aberta. Sentia-se como uma lupa, amplificando qualquer magia estranha que queimava dentro dela de modo que, quando encontrou o fogo, a força foi sua própria explosão.

Os cometas se retorceram e arquearam pelo ar, colidindo em Sar vindos de ângulos diferentes. Um foi bloqueado por ela. O outro se chocou contra a lateral de seu corpo, estilhaçando as três placas que a cobriam do quadril ao ombro.

Lila sorriu como uma boba quando a multidão irrompeu em vivas. Um reluzir de ouro vindo do alto chamou sua atenção. Em algum momento, o príncipe havia chegado para assistir. Alucard estava na arquibancada abaixo e, no mesmo nível que ela, o juiz de branco avançava. Antes que ele pudesse decretar uma falta, Lila saltou da plataforma de volta para o

pedregulho. Infelizmente, Sar havia se recuperado tanto da surpresa quanto do golpe, e quando o pé de Lila atingiu o amontoado de rochas, um projétil de terra bateu em seu ombro, quebrando uma sexta placa de armadura e derrubando-a.

Ao cair, ela girou o corpo com uma elegância felina e aterrissou de cócoras.

Sar se preparou para atacá-la assim que as botas de Lila batessem nas pedras, razão pela qual Lila lançou fogo antes de alcançar o chão. O meteoro atingiu a canela da veskana, quebrando outra placa.

Quatro a seis.

Lila estava se recuperando.

Ela rolou para trás de uma barreira para se recompor enquanto Sar esticava os dedos grossos. A terra espalhada pela arena estremeceu e voltou para perto dela.

Lila viu um grande torrão de terra e caiu sobre um dos joelhos, os dedos se curvando em volta da terra no momento em que a força invisível de Sar se apoderou dela e puxou com poder suficiente para convocar o elemento, e Lila a reboque. Ela não soltou, as botas deslizando pelo piso de pedra lisa conforme Sar a arrastava sem perceber, Lila ainda escondida pelos vários obstáculos. As pedras, as colunas e as paredes terminaram, e, no instante em que isso aconteceu, Sar viu Lila soltar a bola de terra, agora recoberta de chamas. O torrão se voltou contra a veskana, impulsionado primeiro pelo poder de atração dela e depois pelo comando de Lila, espatifando-se no peito de Sar e quebrando mais duas placas.

Bom. Agora estavam empatadas.

Sar atacou de novo, e Lila se esquivou despreocupadamente. Ou pelo menos foi o que tentou fazer, porém sua bota se manteve firme no chão e ela olhou para baixo, onde pôde ver uma faixa de terra endurecida, escura como pedra e fundida ao chão. Os dentes de Sar cintilaram em um sorriso por trás de sua máscara, e tudo o que Lila pôde fazer foi erguer os braços a tempo de bloquear o ataque seguinte.

A dor reverberou por ela como se fosse um diapasão, quando as placas da barriga, do quadril e da coxa se espatifaram. Lila sentiu gosto de sangue e torceu para que tivesse simplesmente mordido a língua. Ela estava a uma placa de perder a maldita disputa, Sar estava se preparando para atacar de novo, e a terra que prendia sua bota ainda a segurava firme no lugar.

Lila não conseguia libertar o pé, e seu fogo estava espalhado por toda a arena, morrendo junto com suas chances de reagir. Seu coração acelerou e sua cabeça girou, o ruído na arena abafando tudo enquanto o golpe final de Sar avançava em sua direção.

Não havia sentido em bloqueá-lo, então ela estendeu as mãos, o calor esquentando o ar enquanto ela delineava seu último resquício de fogo na forma de um escudo.

Proteja-me, pensou ela, abandonando poesia e feitiço em detrimento da súplica.

Ela não esperava que funcionasse.

Mas funcionou.

Uma onda de energia percorreu seus braços indo ao encontro da esparsa chama, e um instante depois o fogo *explodiu* na frente dela. Uma *parede* de fogo irrompeu, dividindo a arena e transformando Sar em uma sombra no lado oposto, seu ataque de terra queimando até virar cinzas.

Lila arregalou os olhos por trás da máscara.

Ela nunca falara com a magia, não diretamente. Lógico, ela tinha praguejado, resmungado e feito uma série de perguntas retóricas, mas nunca havia comandado, não da forma como Kell fazia com o sangue. Não do jeito que ela havia feito com a pedra, antes de descobrir o preço a pagar.

Se o fogo reivindicara um, ela ainda não o sentira. Sua cabeça latejava, seus músculos doíam, seus pensamentos fervilhavam e a parede de chamas queimava ardentemente diante dela. O fogo lambia seus dedos estendidos e o calor roçava sua pele, mas não permanecia tempo suficiente em um só lugar para queimá-la.

Lila não tentou ser uma onda nem uma porta. Ela simplesmente *empurrou*, não com força, mas com vontade, e a parede de fogo disparou à frente, embarreirando o caminho da veskana. Para Lila pareceu que tudo durara uma eternidade. Ela não entendeu por que Sar estava parada, não até que o tempo voltasse ao foco e ela percebesse que o aparecimento da parede, sua transformação, havia sido obra de apenas um segundo.

O fogo retorcia-se como um lenço enrolado em uma mão, enquanto se lançava na direção de Sar, pressionando, ganhando força, calor e velocidade.

A veskana era muitas coisas, mas não era rápida, não tão rápida quanto Lila e definitivamente não tão rápida quanto o fogo. Ela ergueu os braços,

mas não conseguiu bloquear a explosão, que estilhaçou cada placa restante na parte da frente da armadura, produzindo um clarão de luz intenso.

Sar caiu para trás, a madeira de sua máscara chamuscada, e finalmente a terra em torno da bota de Lila se despedaçou, libertando-a.

A partida terminara.

E Lila *vencera*.

Quando suas pernas ficaram bambas, ela lutou contra o desejo de desmoronar no chão de pedra frio.

O suor escorria por seu pescoço, e suas mãos estavam em carne viva. Sua cabeça vibrava com energia, e ela sabia que, assim que a adrenalina se esvaísse, o corpo inteiro doeria infernalmente. Mas, naquele momento, ela se sentia incrível.

Invencível.

Sar se levantou, deu um passo na direção de Lila e estendeu uma das mãos, que engoliu a de Lila quando esta a pegou. Então a veskana desapareceu em seu túnel, e Lila se virou para a tribuna real a fim de oferecer uma reverência ao príncipe.

Ela estava no meio do gesto quando viu Kell ao lado de Rhy, desarrumado e esbaforido. Lila conseguiu terminar a medida, uma das mãos sobre seu coração. O príncipe aplaudiu. Kell apenas meneou a cabeça. Então ela saiu sob uma onda de aplausos e o eco de: Stasion! Stasion! Stasion!

Lila atravessou a arena com passos lentos e constantes, fugindo para o corredor escuro.

E lá ela caiu de joelhos e riu até o peito doer.

VI

— Você perdeu uma disputa e tanto — falou Rhy.

Stasion Elsor havia desaparecido, e o estádio começava a esvaziar. A primeira rodada estava terminada. Trinta e seis haviam se tornado dezoito e, no dia seguinte, dos dezoito sobriariam apenas nove.

— Desculpe — disse Kell. — Foi um dia cheio.

Rhy botou um braço nos ombros do irmão e estremeceu.

— Precisava ter levado aquele último golpe? — sussurrou sob os sons da multidão.

Kell se encolheu.

— Eu quis fazer um espetáculo para a plateia. — Mas ele estava sorrindo.

— É melhor se livrar desse sorriso — ralhou Rhy. — Se alguém o vir feliz assim, vai pensar que você enlouqueceu.

Kell tentou domar suas feições para que voltassem à severa forma habitual, mas não conseguiu. Estava além de seu controle. A última vez que se sentira assim vivo, alguém estivera tentando matá-lo.

O corpo doía em uma dezena de lugares diferentes. Ele tinha perdido seis placas contra dez do faroense. Usar apenas um elemento fora muito mais difícil do que ele pensava que seria. Normalmente ele permitia que os limites ficassem difusos, conjurando o que quer que precisasse, sabendo que poderia dispor de qualquer elemento e que eles atenderiam. No fim das contas, Kell gastara metade de sua concentração tentando não quebrar as regras.

Mas ele havia conseguido.

Rhy puxou seu braço de volta e apontou para o chão da arena onde o arnesiano havia estado.

— Aquele pode dar trabalho aos demais.

— Pensei que as probabilidades estavam a favor de *Alucard*.

— Ah, ainda estão. Mas esse é interessante. Você deveria assistir à próxima disputa dele, se conseguir tempo para isso.

— Vou verificar minha agenda.

Um homem pigarreou.

— Alteza, mestre Kell. — Era Tolners, o guarda de Rhy.

Ele os escoltou até a saída do estádio, e Staff se juntou a eles no caminho para o palácio. Havia apenas algumas horas desde que Kell saíra dali, mas ele se sentia um homem diferente. As paredes não eram tão sufocantes e nem mesmo os olhares o incomodavam tanto.

Lutar havia sido tão bom. A emoção combinada com um estranho alívio, um relaxamento de seus membros e de seu peito, como uma ânsia saciada. Pela primeira vez em meses, ele fora capaz de exercitar seu poder. Não de forma completa, é lógico, e a todo instante ele se lembrava da necessidade de discrição, de disfarce. Mas era *alguma coisa*. Algo de que ele precisava desesperadamente.

— Você com certeza virá hoje à noite — afirmou Rhy enquanto subiam as escadas para o saguão real. — Ao baile?

— Outro baile? — reclamou Kell. — Não se cansa deles?

— A política é exaustiva, mas a companhia pode ser agradável. E eu não posso esconder você de Cora para sempre.

— Falando em exaustão — murmurou Kell quando chegaram ao corredor.

Ele parou em frente ao próprio quarto, enquanto Rhy continuou a caminhar em direção às portas com a letra R incrustada em ouro.

— Os sacrifícios que fazemos — retrucou Rhy.

Kell revirou os olhos enquanto o príncipe desaparecia. Ele levou a mão à porta e parou. Um hematoma estava se formando em seu pulso, e ele podia sentir os outros lugares em que havia sido atingido ficando roxos por baixo de suas roupas.

Mal podia esperar pela partida do dia seguinte.

Empurrou a porta e já estava tirando o casaco quando viu o rei de pé em frente às portas de sua varanda, olhando para fora através do vidro fosco. O humor de Kell azedou.

— Senhor — disse ele, cautelosamente.

— Kell — replicou o rei à guisa de saudação. A atenção dele se voltou para Staff, que estava parado à porta. — Por favor, espere lá fora. — E então, para Kell: — Sente-se.

Kell sentou-se em um sofá, seus machucados de repente se parecendo menos com vitórias e mais com traições.

— Alguma coisa errada? — perguntou Kell quando ficaram sozinhos.

— Não — respondeu o rei. — Mas eu tenho pensado sobre o que você disse hoje pela manhã.

Hoje de manhã? Esta manhã parecia estar a anos de distância.

— Sobre o quê, senhor?

— Sobre sua proximidade com Rhy durante o *Essen Tasch*. Com tantos estrangeiros inundando a cidade, prefiro que você se mantenha no palácio.

O peito de Kell ficou apertado.

— Fiz algo errado? Estou sendo punido?

O rei Maxim sacudiu a cabeça.

— Não estou fazendo isso para puni-lo. Estou fazendo isso para proteger Rhy.

— Majestade, *sou eu* quem protege Rhy. Se houver algo a...

— Mas Rhy não precisa de sua proteção — interrompeu o rei —, não mais. A única forma de mantê-lo seguro é manter *você* a salvo. — A boca de Kell ficou seca. — Vamos, Kell — continuou o rei. — Você não se importa tanto assim. Não o vi no torneio o dia todo.

Kell meneou a cabeça.

— Essa não é a questão. Isso não é...

— A arena central pode ser vista das varandas do palácio. Você pode assistir ao torneio daqui. — O rei colocou um círculo de ouro do tamanho da palma de sua mão sobre a mesa. — Pode até ouvir tudo.

Kell abriu a boca, mas os protestos morreram em sua língua. Ele engoliu em seco e cerrou os punhos.

— Muito bem, senhor — falou ele, colocando-se de pé. — Também estou banido dos bailes?

— Não — disse o rei, ignorando o desafio na voz de Kell. — Controlamos quem entra e quem sai. Não vejo razão para mantê-lo longe dos bailes, contanto que você seja cuidadoso. Além disso, não queremos que nossos convidados se perguntem onde você está.

— É claro — murmurou Kell.

Assim que o rei saiu, Kell foi para o pequeno quarto fora da câmara principal e fechou a porta. As velas ganharam vida nas paredes cheias de prateleiras, e à luz delas era possível enxergar a parte de trás da porta, sua madeira marcada por uma dezena de símbolos, cada um deles um portal para outro lugar em Londres. Seria tão fácil ir embora. Eles não conseguiriam mantê-lo ali. Kell puxou uma faca e cortou uma linha superficial no próprio braço. Quando o sangue brotou, ele tocou o corte com os dedos, mas, em vez de tracejar um dos símbolos existentes, desenhou uma nova marca em um espaço limpo de madeira: uma linha vertical com uma pequena marca horizontal no topo que ia para a direita, e outra na parte inferior, que ia para a esquerda.

O mesmo símbolo que desenhara de manhã na tenda de Kamerov.

Kell não tinha a menor intenção de perder o torneio, mas, se uma mentira fosse dar paz de espírito ao rei, que fosse. Quanto a perder a confiança do rei, isso não importava. Havia meses o rei não confiava nele.

Kell sorriu sombriamente para a porta e foi se juntar ao irmão.

VII

Londres Branca

Ojka estava de pé em meio às árvores, limpando o sangue de suas facas.

Ela passara a manhã patrulhando as ruas de Kosik, seu antigo território, onde os problemas ainda se espalhavam como fogo em vegetações secas. Holland dissera que isso era esperado, que mudanças sempre trariam agitações, mas Ojka era menos tolerante. Suas lâminas encontraram as gargantas de traidores e descrentes, silenciando suas vozes dissidentes, uma a uma. Eles não mereciam fazer parte deste novo mundo.

Ojka guardou as armas em suas bainhas e respirou profundamente. Os terrenos do castelo, que um dia haviam sido repletos de estátuas, agora estavam cheios de árvores, todas florescendo apesar do frio do inverno. Tanto quanto Ojka podia se lembrar, seu mundo tinha cheiro de cinzas e sangue, mas agora cheirava a ar fresco e folhas caídas, a florestas e fogueiras vívidas, a vida e morte, a algo doce, úmido e limpo. Cheirava a promessa, a mudança, a poder.

Sua mão se dirigiu para a árvore mais próxima, e, quando ela encostou a palma da mão no tronco, sentiu uma pulsação. Ela não sabia se era dela mesma, do rei ou da própria árvore. Holland lhe dissera que era o pulso do mundo, que, quando a magia se comportava da maneira que deveria, não pertencia a ninguém e a todos ao mesmo tempo, a nada e a tudo. Era algo compartilhado.

Ojka não entendia isso, mas queria entender.

A casca era áspera, e, quando ela arrancou um pedaço com a unha, ficou surpresa ao ver que a madeira exposta estava manchada por fios de prata enfeitiçados. Um pássaro crocitou sobre ela e Ojka se aproximou, mas antes que ela pudesse examinar a árvore, sentiu o pulso de calor atrás

de seus olhos, a voz do rei cantarolando em sua cabeça, ressonante e bem-vinda.

Venha até mim, disse ele.

A mão de Ojka se afastou da árvore.

* * *

Ela ficou surpresa ao encontrar o rei sozinho.

Holland estava sentado na beirada de seu trono, os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça inclinada sobre uma tigela de prata cuja superfície estava repleta de fumaça espiralada. Ela prendeu a respiração quando percebeu que ele estava no meio de um feitiço. As mãos do rei estavam erguidas, uma de cada lado da tigela, e seu rosto era uma máscara de concentração. Sua boca era uma linha dura, mas havia sombras entrelaçadas aos seus dois olhos, enrolando-se no preto retinto do olho esquerdo antes de dominar o verde do olho direito. As sombras estavam vivas, serpenteando através da vista dele como a fumaça na tigela, onde se enrolava em torno de algo que ela não conseguia ver. Linhas de luz se desenhavam como relâmpagos na escuridão, e a pele de Ojka formigou com a força da magia antes que o feitiço terminasse. O ar ao redor dela estremeceu e então ficou quieto.

As mãos do rei se afastaram da tigela, mas demorou algum tempo antes que a escuridão viva abandonasse o olho direito do rei, deixando uma esmeralda cintilante em seu encaixe.

— Majestade — disse Ojka, cuidadosamente.

Ele não olhou para cima.

— Holland.

Com isso, ele ergueu a cabeça. Por um instante, seu olhar de duas cores continuou estranhamente vazio, seu foco distante, mas então se aprumou, e ela sentiu o peso da atenção dele fixa nela.

— Ojka — disse ele à sua maneira suave e reverberante.

— Você me convocou.

— Convoquei.

Ele se levantou e apontou para o chão ao lado do estrado.

Foi então que ela viu os corpos.

Havia dois deles, varridos para o lado como se fossem sujeira, e sinceramente pareciam menos corpos do que pilhas esfarelentas de cinzas: a pele preta esturricada nos ossos, as silhuetas contorcidas como se estivessem com dor, o que restava de mãos erguidas para suas gargantas destruídas. Um parecia muito pior do que o outro. Ela não sabia o que tinha acontecido com eles. E não tinha certeza se *queria* saber. No entanto, sentiu-se compelida a perguntar. A pergunta saiu, sua voz rasgando o silêncio.

— Cálculos — respondeu o rei, quase para si mesmo. — Eu estava errado. Pensei que a gargantilha fosse forte demais, mas não é. As pessoas é que eram muito fracas.

O medo se espalhou por Ojka como um arrepio conforme a atenção dela se voltava para a tigela de prata.

— Gargantilha?

Holland mergulhou as mãos dentro da tigela. Por um instante, algo nele pareceu recuar, resistir ao movimento, mas o rei persistiu. E, conforme o fez, a sombra se espalhou sobre a sua pele, seus dedos, suas mãos, seus pulsos, tornando-se um par de luvas pretas, lisas e fortes, sua superfície sutilmente adornada com o feitiço. Proteção para o que aguardava na escuridão.

Das profundezas da tigela de prata, o rei retirou um círculo de metal escuro, articulado em um lado com uma dobradiça, com símbolos encravados cintilando por toda a superfície. Ojka tentou ler as marcações, mas sua visão ficara desviando, incapaz de se fixar. O espaço dentro do círculo parecia engolir a luz, a energia, o ar ali dentro tornando-se pálido, incolor e fino como papel. Havia algo de *mau* naquela gargantilha de metal, mau de uma forma que distorcia o mundo ao seu redor; uma iniquidade que tocava os sentidos de Ojka, fazendo-a se sentir tonta e doente.

Holland revirou o círculo sobre suas mãos enluvadas, como se inspecionasse uma peça de artesanato.

— Deve ser forte o suficiente — disse ele.

Ojka arriscou dar um passo à frente.

— Você me convocou — repetiu ela, sua atenção rumando dos cadáveres para o rei.

— Convoquei — disse ele, erguendo o olhar. — Preciso saber se funciona.

O medo percorreu Ojka, a velha e instintiva mordida de pânico, mas ela se manteve firme.

— Majestade...

— Você confia em mim?

Ojka ficou tensa. Confiar. A confiança era uma coisa difícil de se conquistar em um mundo como o deles. Um mundo onde as pessoas eram sedentas por magia e matavam por poder. Ojka permanecera viva por tanto tempo por causa das suas lâminas, artimanhas e por pura desconfiança nos demais. Era verdade que as coisas estavam mudando agora, por causa de Holland, mas o medo e a cautela ainda sussurravam avisos.

— Ojka. — Ele a analisou por inteiro com seus olhos de esmeralda e tinta preta.

— Eu confio em você — disse ela, forçando as palavras a saírem, tornando-as reais, antes que pudessem recuar por sua garganta.

— Então se aproxime.

Holland ergueu a gargantilha como se fosse uma coroa, e Ojka sentiu-se recuar. Não. Ela conquistara este lugar ao lado dele. Conquistara seu poder. Fora forte o suficiente para sobreviver à transferência, ao teste. Ela tinha provado ser digna. Sob a pele dela, a magia tocou sua batida forte e constante. Ela não estava pronta para abrir mão de tudo, para abandonar o poder e voltar a ser uma assassina comum. *Ou algo pior*, pensou, olhando para os corpos.

Aproxime-se.

Dessa vez, o comando percorreu a mente dela, retesando-lhe os músculos, os ossos, a magia.

Os pés de Ojka avançaram, um passo, dois, três, até ela estar de pé diante do rei. *Seu* rei. Ele lhe dera tanto, e ainda tinha que reclamar seu preço. Nenhuma benção vinha sem custo. Ela teria pago a ele em feitos, em sangue. Se este era o custo — o que quer que isso fosse —, então ela o pagaria.

Holland baixou a gargantilha. As mãos dele estavam tão seguras, seus olhos, tão firmes. Ela deveria ter inclinado a cabeça, mas, em vez disso, manteve seu olhar no dele, e lá encontrou equilíbrio, encontrou calma. Ali ela se sentia segura.

Então o metal se fechou em torno de sua garganta.

A primeira coisa que sentiu foi o frio mordaz do metal sobre a pele. Houve surpresa, mas não dor. Então o frio ficou afiado como uma faca. Deslizou sob sua pele, rasgando-a por inteiro, a magia derramando-se como sangue vertendo das feridas.

Ojka arquejou e caiu de joelhos conforme o gelo lhe atravessava a cabeça e percorria seu peito, espinhos congelados se expandindo através do músculo e da carne, dos ossos e da medula.

Frio. Mordendo e lacerando, depois desaparecendo.

Em seu encaixe: nada.

Ojka dobrou-se sobre si mesma, os dedos apertando inutilmente a gargantilha de metal enquanto ela soltava um gemido animal. O mundo parecia errado — pálido, magro e vazio —, e ela se sentia separada dele, de si mesma, de seu rei.

Foi como ter um membro extirpado: nenhuma dor, mas todo o mal, um pedaço vital dela cortado tão rápido que ela podia sentir o espaço que ocupava, onde deveria estar. Então ela percebeu o que era. A perda de um sentido. Como visão, audição ou tato.

Magia.

Ela não podia mais sentir seu zumbido nem sua força. Havia estado em todos os lugares, uma presença constante desde seus ossos até o ar em torno de seu corpo, e, de maneira súbita e horrível... se fora.

As veias nas mãos dela começaram a clarear, indo do preto para um azul pálido, e no reflexo do piso de pedra polida ela viu o emblema escuro da marca do rei recuando por sua testa e bochechas, retirando-se até que nada restava além de uma mancha no centro de seus olhos amarelos.

Ojka sempre tivera um temperamento forte, que se incendiava rapidamente, e seu poder emergia com seu mau humor. Mas agora, conforme o pânico e o medo rasgavam seu corpo, nada se elevava para fazer frente a isso. Ela não conseguia parar de tremer, não conseguia se recuperar do choque, do terror e do medo. Ela estava fraca. Vazia. Carne, sangue e nada mais. E era *horrível*.

— Por favor — sussurrou ela para o chão da sala do trono enquanto Holland permanecia de pé ao lado dela, observando. — Por favor, meu rei. Eu sempre fui... leal. Eu sempre serei... leal. Por favor...

Holland ajoelhou-se diante dela e segurou seu queixo com a mão enluvada, guiando-a suavemente, pondo-a de pé. Ela podia ver a magia girando nos olhos dele, mas não podia senti-la em seu toque.

— Diga-me — pediu ele. — O que você está sentindo?

A palavra escapou de um tremor.

— Eu... eu não... sinto... coisa alguma.

O rei sorriu, sombrio.

— Por favor — sussurrou Ojka, odiando a palavra. — Você me escolheu...

O rei roçou o queixo dela com o polegar.

— Eu escolhi você — afirmou ele, seus dedos escorregando pela garganta dela. — E mantenho minha escolha.

Um instante depois, a gargantilha havia desaparecido.

Ojka arquejou, a magia flutuando de volta como o ar em suas veias famintas. Uma dor bem-vinda, resplandecente, vívida e cheia de vida. Ela inclinou a cabeça contra a pedra fria.

— Obrigada — sussurrou ela, observando a marca traçar seu caminho através de seu olho, por sua sobrancelha e seu rosto. — Obrigada.

Foram necessários vários segundos para que ela conseguisse ficar de pé, mas Ojka se forçou a se levantar enquanto Holland devolvia aquela gargantilha horrível à tigela de prata, as luvas derretendo de seus dedos e formando sombras ao redor do metal.

— Majestade — falou Ojka, odiando o tremor em sua voz. — Para quem é a gargantilha?

Holland levou os dedos até seu coração, sua expressão ininteligível.

— Um velho amigo.

Se isso é para um amigo, ela pensou, o que Holland faz aos seus inimigos?

— Vá — ordenou ele, voltando para seu trono. — Recupere sua força. Vai precisar dela.



A W
temple
card 9

NOVE

ROTA DE COLISÃO

I

No dia seguinte, quando Lila acordou, levou um segundo para se lembrar de onde estava e, acima de tudo, por que todo o seu corpo doía.

Ela se lembrava de ter se retirado para o quarto de Elsor na noite anterior e resistido ao desejo de cair na cama dele ainda completamente vestida. De alguma forma, ela havia voltado às suas próprias roupas, ao próprio quarto na Wandering Road, embora não se lembrasse muito do percurso. Agora já era o meio da manhã. Lila não conseguia se lembrar da última vez que dormira tanto ou tão pesado. O sono não deveria fazer a pessoa se sentir descansada? Ela sentia apenas uma grande exaustão.

Uma das botas de Lila estava presa em algo que ela descobriu ser a gata de Alucard. Lila não sabia como a criatura havia entrado no quarto dela, mas não se importava. E a gata também não pareceu se incomodar: mal se movera quando Lila libertara seu pé e se sentara.

Cada parte do corpo dela protestou contra o movimento.

Não era apenas o cansaço da disputa. Ela já havia estado em algumas brigas feias antes, mas nada a deixara assim. A única coisa que chegara perto disso foram as consequências do uso da pedra preta. O preço do uso do talismã fora sentir um vazio imenso e súbito, quando o de agora era sutil, porém profundo: prova de que a magia não era uma fonte inesgotável.

Lila se arrastou para fora da cama estreita e dura, gemendo de dor, agradecida pelo fato de o quarto estar vazio. Despiu-se de suas roupas com a maior cautela possível, assustando-se com os hematomas que começavam a aflorar nas suas costelas. A ideia de lutar novamente no dia de hoje a fez se encolher, e ainda assim uma parte dela estava empolgada com a possibilidade. Ela, contudo, precisava admitir que era uma parte muito pequena.

Perigosa.

Imprudente.

Insensata.

Louca.

As palavras começavam a parecer mais exultações do que crítica.

No andar de baixo, o salão principal estava quase vazio, mas ela avistou Alucard em uma mesa encostada à parede. Ela atravessou o cômodo, arrastando as botas até chegar a ele e afundar em uma cadeira.

Ele estava lendo um pedaço de papel e não levantou os olhos quando ela abaixou a cabeça sobre a mesa com um baque suave.

— Você não gosta muito das manhãs, não é?

Ela resmungou algo ofensivo. Ele serviu para ela uma xícara de um chá preto encorpado e forte, as especiarias ondulando através do vapor.

— Uma parte inútil do dia — respondeu ela, arrastando-se para se sentar ereta e pegar a xícara. — Não se pode dormir; não se pode roubar.

— Há *mais* coisas na vida.

— Como o quê?

— Como comer. Beber. Dançar. Você perdeu um baile e tanto ontem à noite.

Lila grunhiu ao pensar na festa. Era cedo demais para se imaginar como Stasion Elsor lutando na arena, que dirá no palácio.

— Eles celebram *todas* as noites?

— Acredite ou não, há quem venha para o torneio *apenas* para frequentar essas festas.

— Isso tudo não é cansativo? Toda essa... — Ela acenou com a mão, como se tudo pudesse ser resumido com um simples gesto.

Na verdade, Lila havia estado apenas em um baile em toda a sua vida, e aquela noite, que começara com uma máscara de demônio e um casaco novo glorioso, terminara com ambos recobertos com o sangue de um príncipe e vestígios poeirentos de uma rainha estrangeira.

Alucard deu de ombros e ofereceu a ela um tipo de doce.

— Posso pensar em formas menos prazerosas de se passar uma noite.

Ela pegou o naco de algo que lembrava pão e começou a morder um dos cantos.

— Vivo esquecendo que você faz parte daquele mundo.

O olhar dele ficou gelado.

— Não faço.

O café da manhã foi revigorante; a visão de Lila voltou a entrar em foco, e conforme isso acontecia, a atenção dela se voltou para o papel nas mãos dele. Era uma cópia da tabela de disputas, com os dezoito vitoriosos agora pareados em um conjunto de nove lutas inéditas. Ela estava tão cansada que sequer havia se dado ao trabalho de verificar.

— Como está o campo de batalha hoje?

— Bem, *eu* tenho o privilégio de enfrentar um dos meus amigos mais antigos, sem mencionar que ele é o melhor mago do vento que eu já conheci...

— Jinnar? — perguntou Lila, de repente interessada no assunto. Aquela seria uma partida e tanto.

Alucard concordou, sombrio.

— E você vai enfrentar... — Ele percorreu a página com o indicador.
— ... Ver-as-Is.

— O que você sabe sobre ele? — indagou ela.

Alucard franziu o cenho.

— Desculpe, você me confundiu com um companheiro? Da última vez que verifiquei, estávamos em lados opostos do jogo.

— Vamos lá, capitão. Se eu morrer no torneio você terá que encontrar uma nova ladra.

As palavras saíram antes que Lila se lembrasse de que já havia perdido seu lugar na tripulação do *Night Spire*. Ela tentou de novo:

— Meus gracejos espirituosos e inteligentes são únicos. Você sabe que vai sentir falta deles quando eu for embora. — Novamente, foi a coisa errada a dizer, e um silêncio pesado se instalou. — Tudo bem — disse ela, exasperada. — Mais duas perguntas e mais duas respostas em troca de tudo o que você sabe.

Os lábios de Alucard se curvaram. Ele dobrou a lista e colocou-a de lado, entrelaçando os dedos com uma paciência exagerada.

— Quando foi a primeira vez que você veio à nossa Londres?

— Há quatro meses — respondeu ela. — Precisava de uma mudança de ares. — Ela queria parar ali, mas as palavras continuavam saindo. — Eu me vi no meio de algo que não esperava, porém, depois que tudo começou, quis ver no que ia dar. E então acabou, e eu estava aqui, e ganhei

uma chance de recomeçar. Não é a qualquer passado que vale a pena se agarrar.

Isso angariou um olhar de interesse, e ela esperou que Alucard continuasse nessa linha de interrogatório, mas ele mudou de tática.

— Do que você estava fugindo na noite em que se juntou à minha tripulação?

Lila fechou a cara, direcionando sua visão para a xícara de chá preto.

— Quem disse que eu estava fugindo? — murmurou ela.

Alucard ergueu uma sobrancelha, paciente como um gato. Ela tomou um longo gole de chá escaldante, que desceu queimando todo o caminho por onde passou, antes de dizer:

— Então, todo mundo fala sobre o desconhecido como se fosse algo assustador, mas foi o *familiar* que sempre me incomodou. É algo pesado que cerca você como se fosse um muro de pedras, até que um dia você é surpreendido por estar dentro de um muro, de um teto e de uma prisão.

— Por isso você estava tão determinada a ocupar o lugar de Stasion? — perguntou ele friamente. — Porque minha companhia se tornou um fardo?

Lila deixou a xícara sobre a mesa, engolindo o desejo de se desculpar.

— Já gastou suas duas perguntas, capitão. Agora é minha vez.

Alucard pigarreou.

— Muito bem. Ver-as-Is. Obviamente é um faroense; e não é uma boa pessoa, pelo que ouvi dizer. Um mago de terra com um temperamento forte. Vocês dois devem se dar esplendidamente bem. É a segunda rodada, então você tem permissão para usar um segundo elemento, se for capaz.

Lila tamborilou com os dedos na mesa.

— Água.

— Fogo e água? É um par incomum. A maioria dos magos duplos escolhe elementos adjacentes. Fogo e água estão em lados opostos do espectro.

— O que posso dizer? Sempre fui contraditória. — Ela piscou seu olho bom. — E tive um professor tão bom...

— Bajuladora — murmurou ele.

— Cretino.

Ele levou a mão ao próprio peito, como se estivesse ofendido.

— Você vai competir esta tarde — falou ele, colocando-se de pé —, e eu competirei daqui a pouco. — Ele não pareceu animado.

— Está preocupado? — perguntou ela. — Com o seu jogo?

Alucard pegou sua xícara de chá.

— Jinnar é o melhor no que faz. Mas ele só faz uma coisa.

— E você é um homem de muitos talentos.

Alucard terminou sua bebida e colocou a xícara de volta sobre a mesa.

— Assim me disseram. — Ele vestiu seu casaco. — Vejo você do outro lado.

* * *

O estádio estava *lotado*.

O estandarte de Jinnar ondulava, o pôr do sol púrpura sobre um fundo cor de prata, e a prata de Alucard sobre o fundo azul-marinho.

Dois arnesianos.

Dois favoritos.

Dois amigos.

Rhy estava na tribuna real, mas Lila não viu sinal algum do rei nem da rainha, nem mesmo de Kell, embora tenha visto os irmãos de Alucard em uma varanda logo abaixo. Berras estava de cara fechada e carrancudo, enquanto Anisa aplaudia, torcia e tremulava a flâmula do irmão.

A arena era um borrão de movimento e luz, e toda a multidão prendia a respiração conforme os dois favoritos realizavam uma dança ao redor um do outro. Jinnar movia-se como o ar, e Alucard, como aço.

Lila mexia inquieta na pedra pálida, revirando a lembrança da Londres Branca entre os dedos enquanto observava, tentando acompanhar os movimentos dos competidores, decifrar as linhas de ataque, prever o que fariam e entender como fizeram o que fizeram.

Foi uma disputa acirrada.

Quando se tratava de vento, Jinnar era magnífico, mas Alucard tinha razão, esse era o único elemento dele. Podia transformá-lo em uma parede ou uma onda, usá-lo para cortar como uma faca, e com sua ajuda ele podia praticamente voar. Mas Alucard dominava terra e água, e tudo o que faziam entre eles: lâminas sólidas como metal, escudos de pedra e gelo e,

no final, seus dois elementos triunfaram sobre o de Jinnar. Alucard venceu quebrando dez placas da armadura de Jinnar contra sete da sua.

O mago de olhos prateados se retirou com um sorriso visível através dos fios de metal de sua máscara. Alucard inclinou seu queixo escondido por escamas na direção da tribuna real e fez uma ampla mesura para o príncipe antes de desaparecer no corredor.

O público começou a se dispersar, porém Lila permaneceu. A caminhada até a arena havia relaxado seus membros, mas ela não queria se mover novamente, não até que precisasse fazê-lo. Então ficou para trás observando as multidões indo e vindo conforme alguns partiam para assistir a outras disputas e outros vinham prestigiar o próximo jogo que aconteceria nessa arena. Os estandartes azuis e prateados desapareceram, substituídos por um gato vermelho vivo que flutuava sobre um fundo dourado — o estandarte de Kisimyr — e um par de leões sobre o vermelho.

Kameroov.

Lila guardou o fragmento de pedra branca de volta no bolso e se acomodou na arquibancada. *Essa* disputa seria interessante.

Ela imaginou que o elemento de Kisimyr fosse o fogo, mas a campeã arnesiana entrou na arena devagar — espreitando, na verdade, sua juba de cabelos pretos saindo como cordas enroladas por baixo de sua máscara felina —, segurando esferas de água e terra.

Para o deleite da multidão, Kameroov apareceu com os mesmos orbes.

Seria um jogo equilibrado, pelo menos com relação aos elementos. Aquela nem era a luta de Lila, graças a Deus, mas ela sentiu o pulso acelerar em empolgação.

As esferas caíram, e a disputa subitamente começou.

Eles estavam realmente bem equilibrados, pois levou quase cinco minutos para que Kisimyr acertasse o primeiro golpe, que pegou de relance na coxa de Kameroov. Foram mais oito até que Kameroov acertasse o segundo.

Lila estreitou os olhos enquanto observava, descobrindo algo antes mesmo de saber o que era.

Kisimyr se movia de uma maneira elegante, mas também quase animalesca. Porém, Kameroov... havia algo *familiar* na forma fluida como ele lutava. Era gracioso, quase sem fazer esforço, os floreios conduzidos

de uma maneira que parecia desnecessária. Antes do torneio, ela só tinha visto um punhado de brigas usando magia. Mas observá-lo ali, no chão da arena, era como um *déjà vu*.

Lila tamborilou com os dedos no parapeito e se inclinou para a frente. Por que ele parecia tão familiar?

* * *

Kell se abaixou, rolou e se esquivou, tentando acelerar sua velocidade para alcançar a de Kisimyr, algo difícil, porque ela era *rápida*. Mais rápida que seu primeiro adversário e mais forte do que qualquer um com quem já lutara, exceto Holland. A competidora o acompanhava movimento a movimento, ponto a ponto. Aquele primeiro golpe havia sido um erro. Desajeitado, desajeitado... Mas, santos, ele se sentira bem. Vivo.

Kell percebeu o esboço de um sorriso por trás da máscara de Kisimyr e, atrás da própria máscara, ele sorriu também.

Acima da mão direita dele, a terra pairava em um disco, ao passo que a água girava em torno de sua mão esquerda. Ele se contorceu ao deixar o abrigo de um pilar, mas ela já não estava mais lá. Estava atrás dele. Kell girou, atirando o disco. Lento demais. Os dois colidiram, atacaram e se separaram como se estivessem lutando com espadas em vez de usarem água e terra. Estocada. Evasão. Ataque.

Uma lança de terra endurecida passou a centímetros da bochecha blindada de Kell conforme ele rolava, se erguia em um joelho e atacava com os dois elementos simultaneamente.

Ambos acertaram o alvo, cegando-os na luz.

A multidão enlouqueceu, mas Kisimyr sequer hesitou.

Tingida de vermelho, a água da competidora estivera orbitando na forma de um cinturão. O ataque de Kell o aproximara desse círculo, e agora ela o empurrava com veemência contra uma parte dele, ao mesmo tempo que disparava sem quebrar o cinturão, congelando na forma de uma estaca gelada.

Kell saltou para trás, mas não rápido o suficiente. O gelo bateu em seu ombro, quebrando a placa e perfurando a carne por baixo dela.

A multidão perdeu o fôlego.

Kell sibilou de dor e pressionou a palma da mão contra a ferida. Quando afastou a mão de seu ombro, o sangue manchou seus dedos, vermelho como um rubi. A magia sussurrou através dele — *As Travars. As Orense. As Osaro. As Hasari. As Steno. As Staro* — e os seus lábios quase proferiram um feitiço, mas ele se conteve a tempo, enxugando o sangue na manga da camisa e atacando de novo.

* * *

Lila arregalou os olhos.

O restante da multidão tinha a atenção fixa em Kamerov, mas ela ergueu o olhar logo após o golpe e viu o príncipe Rhy na tribuna real, o rosto contorcido de dor. Ele a camuflou rapidamente e varreu a tensão de suas feições, mas os nós dos dedos dele continuaram agarrados ao balaústre, a cabeça inclinada. Então Lila enxergou e *compreendeu*. Ela estivera lá naquela noite, quando os príncipes se uniram, sangue a sangue, dor a dor, vida a vida.

A atenção dela se voltou bruscamente para a arena.

De repente, tudo ficou óbvio. A altura, a postura, os movimentos fluidos, a elegância incrível.

Ela abriu um sorriso feroz.

Kell.

Era ele. Tinha que ser. Ela conhecera Kamerov Loste durante a Noite dos Estandartes, marcara seus olhos cinzentos e seu sorriso de raposa. Mas também marcara sua altura, a maneira como se movia, e não havia dúvida, nenhuma dúvida em sua mente: o homem na arena não era o mesmo que lhe desejara boa sorte no Rose Hall. Era o homem ao lado de quem lutara em três Londres diferentes. Aquele a quem ela havia roubado, ameaçado e salvo. Era Kell.

— Por que você está sorrindo? — perguntou Tieren, aparecendo ao lado dela.

— Apenas apreciando o jogo — respondeu Lila.

O *Aven Essen* emitiu um pequeno zumbido de incredulidade.

— Responda uma coisa — acrescentou ela, mantendo os olhos fixos na luta. — O senhor pelo menos tentou dissuadi-lo desta loucura? Ou

simplesmente planeja fingir ignorância com relação a ele, também?

Houve uma pausa, e, quando Tieren respondeu, sua voz era serena.

— Eu não sei do que você está falando.

— É claro que não, *Aven Essen*. — Ela se virou para ele. — Aposto que se o Kamerov lá embaixo precisasse tirar o capacete, ele se pareceria com o homem que se apresentou na Noite dos Estandartes, não com certo jovem com um olho...

— Esse tipo de conversa me faz desejar ter entregado você — falou o sacerdote, interrompendo-a. — Rumores são coisas perigosas, *Stasion*, especialmente quando partem de alguém culpado de seus próprios crimes. Então eu vou perguntar de novo — disse ele. — Por que você está sorrindo?

Lila olhou firme nos olhos dele, com uma expressão dura.

— Nada — respondeu ela, voltando a observar a luta. — Nada mesmo.

II

No final, Kamerov vencera.

Kell vencera.

Fora uma disputa surpreendentemente acirrada entre a campeã atual e o chamado cavaleiro prateado. A multidão pareceria tonta de tanto prender a respiração, e a arena se transformara em uma bagunça de pedras quebradas e gelo preto, metade dos obstáculos rachados, lascados ou arruinados.

O jeito como ele se movera, como lutara. Mesmo no curto espaço de tempo que passaram juntos, Lila nunca o vira lutar assim. Um único ponto, ele havia vencido por um mísero ponto, destronando a campeã, e tudo no que ela conseguira pensar fora: *Ele está se controlando*.

Mesmo aqui ele está se controlando.

— Stasion! Stasion!

Lila arrastou os pensamentos para longe de Kell; ela tinha as próprias questões, e eram mais urgentes.

Sua segunda disputa estava prestes a começar.

Ela se via de pé no meio da arena oeste, e as arquibancadas eram um mar de prata e preto. O verde pálido do estandarte faroense era visto apenas aqui e ali.

De frente para ela estava o homem em pessoa, Ver-as-Is, com um orbe de terra tingida em cada mão. Lila observou o mago. Ele era ágil; os membros longos e delgados, exibindo os músculos; a pele tinha a cor do carvão, e os olhos eram de um verde incrivelmente pálido, igual ao da sua flâmula. Incrustados nas profundezas do rosto dele, os olhos pareciam brilhar. Mas foi o *ouro* que mais atraiu a atenção dela.

A maioria dos faroenses que ela já vira usava pedras preciosas na pele, mas Ver-as-Is usava ouro. Por baixo de sua máscara, que ocultava apenas a

metade superior de sua cabeça, contas do metal precioso traçavam as linhas do rosto e da garganta, formando um revestimento esquelético.

Lila se perguntou se isso era algum símbolo de *status*, uma demonstração de riqueza.

Mas ostentar a riqueza era apenas *pedir* para ser roubado, e ela se perguntou o quão difícil seria remover aquelas contas.

Como se mantinham no lugar? Cola? Magia? Não, ela notou que os enfeites de Ver-as-Is não estavam presos no lugar, não exatamente. Eles haviam sido enterrados, cada um deles incrustado na pele. Algo que havia sido feito com muita perícia, pois a carne em torno das contas quase não estava elevada, criando a ilusão de que o metal tinha crescido diretamente de seu rosto. Mas ela podia ver os vestígios fracos das cicatrizes, no local em que a pele e o objeto estranho se encontravam.

Isso certamente dificultaria o roubo.

Sem falar na lambança.

— *Astal* — avisou o juiz, vestido de branco e dourado. *Preparar.*

A multidão ficou em silêncio, prendendo a respiração.

O faroense ergueu seus orbes, esperando que ela fizesse o mesmo.

Lila levantou suas esferas — fogo e água —, proferiu uma oração rápida e as soltou.

* * *

Alucard pegou o decantador sobre a mesa e encheu dois copos.

O copo de Lila estava no meio do caminho para os lábios dela quando ele disse:

— Eu não beberia isso se fosse você.

Ela parou e examinou o conteúdo.

— O que é isso?

— Vinho da região do Avise... pelo menos a maior parte.

— A maior parte – ecoou Lila. Ela apertou os olhos e conseguiu ver partículas de algo girando no líquido. — O que você colocou nele?

— Areia vermelha.

— Suponho que tenha contaminado minha bebida favorita por um motivo?

— *De fato.*

Ele colocou o próprio copo de volta na mesa.

— *Hoje você vai aprender a controlar dois elementos simultaneamente.*

— *Não acredito que você arruinou uma garrafa de vinho do Avise.*

— *Eu disse a você que a magia era uma conversa...*

— *Você também disse que era um oceano — retrucou Lila. — E uma porta, e acho que uma vez você a comparou a um gato...*

— *Bem, esta noite estamos chamando a magia de conversa. Estamos simplesmente adicionando outro participante. O mesmo poder, falas diferentes.*

— *Nunca consegui dar tapinhas em minha cabeça e esfregar minha barriga ao mesmo tempo.*

— *Então isso vai ser interessante.*

* * *

Lila arquejou, buscando ar.

Ver-as-Is andava em círculos em volta dela, e seu corpo gritou, ainda dolorido do dia anterior. Mesmo cansada como estava, podia sentir a magia ali, sob sua pele, pulsando para sair.

Estavam empatados, seis a seis.

O suor escorreu por seus olhos quando ela se agachou, esquivou, saltou, golpeou. Um golpe de sorte levou a placa do bíceps do faroense. Sete a seis.

A água rodopiou diante dela como um escudo, transformando-se em gelo todas as vezes que Ver-as-Is atacava. O gelo se estilhaçava sob os golpes dele, mas era melhor acontecer com o gelo do que com suas preciosas placas.

O ardil não funcionou por muito tempo. Depois do segundo bloqueio, ele percebeu o que estava acontecendo e atacou duas vezes, consecutivamente. Lila perdeu mais duas placas em questão de segundos. Sete a oito.

Ela podia sentir sua força se esvaindo, e o faroense só parecia ficar mais forte. Mais rápido.

Fogo e água estavam provando ser uma escolha inútil. Não podiam se tocar. A cada vez que o faziam, anulavam-se, transformando-se em vapor ou fumaça...

E isso deu a ela uma ideia.

Ela se dirigiu para a rocha mais próxima, que era baixa o suficiente para ser escalada, e uniu as duas forças em suas mãos. Uma fumaça branca emergiu, enchendo a arena, e, sob essa cobertura, ela se virou e saltou sobre a rocha. De cima, ela podia ver o redemoinho de ar feito por Ver-as-Is enquanto ele se virava, tentando encontrá-la. Lila se concentrou e o vapor se separou; a água tornou-se névoa e depois gelo, congelando-se ao redor dele, enquanto seu fogo subiu pelo ar e depois despencou como chuva. Ver-as-Is transformou sua terra em um escudo abaulado, mas não antes que ela quebrasse duas placas dele. Nove a oito.

Antes que ela pudesse saborear a vantagem, uma estaca de terra voou pelo ar na direção dela, que pulou da pedra, de costas.

E direto para uma armadilha.

Ver-as-Is estava ali, dentro da área de defesa dela, arremessando quatro lanças de terra em sua direção. Não havia como evitar os ataques, nem *tempo*. Ela ia perder, mas não se tratava apenas do jogo, não naquele momento, porque aquelas lanças eram afiadas, tão afiadas quanto o gelo que tinha perfurado o ombro de Kell.

O pânico a percorreu, como tantas vezes havia acontecido quando uma faca se aproximara demais, e ela sentiu a balança se desequilibrar, sentiu o beijo do perigo, o toque da morte.

Não. Algo emergiu de dentro dela, algo simples e instintivo, e naquele momento o mundo inteiro *desacelerou*.

Era magia, tinha que ser, mas era diferente de tudo que ela já havia feito. Por um instante, o espaço dentro da arena pareceu *mudar*, diminuindo a pulsação e prolongando as frações de cada segundo, esticando o momento. Não muito, apenas por tempo suficiente para ela se esquivar, rolar e atacar. Uma das lanças de Ver-as-Is ainda lhe arranhou o braço, quebrando uma placa e derramando sangue, mas não importava, porque o corpo de Ver-as-Is demorou um instante — o mesmo instante roubado — a mais para se mover. O gelo dela atingiu a lateral do corpo dele, quebrando sua última placa.

E, da mesma forma que se abriu, o instante prolongado se fechou e tudo voltou ao normal. Ela não havia notado o silêncio impossível daquele segundo suspenso até que ele desabou. Em seu encalço, o mundo era um caos. Seu braço formigava, e a multidão explodira em vivas, porém Lila não conseguia parar de encarar Ver-as-Is, que estava olhando para si mesmo, como se seu próprio corpo o tivesse traído. Como se ele soubesse que o que acabara de acontecer não era possível.

Mas, se Lila quebrara as regras, ninguém mais pareceu notar. Nem o juiz, nem o rei, nem as arquibancadas em festa.

— A vitória é de Stasion Elsor — anunciou o homem de branco e dourado.

Ver-as-Is olhou furioso para ela, mas não pediu uma falta. Em vez disso, virou-se e saiu intempestivamente. Lila o observou ir embora. Ela sentiu algo úmido em seus lábios e sentiu um gosto de cobre. Quando ela passou os dedos nas mandíbulas de sua máscara e tocou o nariz, eles voltaram tingidos de vermelho. Sua cabeça estava girando. Mas estava tudo bem; havia sido uma luta brutal.

E ela vencera.

Só não sabia como.

III

Rhy estava empoleirado na beira da cama de Kell, esfregando a clavícula enquanto Hastra tentava enfaixar o ombro do *Antari*. Estava melhorando, mas não rápido o suficiente para um baile.

— Agente firme, irmão — provocou Kell. — Amanhã será pior.

Ele vencera. Havia sido um resultado apertado; não apenas porque ganhar de Kisimyr por mais que um fio de cabelo levantaria suspeitas. Não, ela era boa, excelente, talvez até a melhor. Mas Kell ainda não estava pronto para parar de lutar, ainda não estava pronto para desistir da liberdade e da emoção e voltar a ser um adorno em uma caixa. Kisimyr era forte, mas Kell estava desesperado, faminto, e havia marcado o décimo ponto.

Ele chegara aos nove finalistas.

Três grupos de três lutando uns contra os outros, um de cada vez, e apenas o competidor com a maior pontuação avançaria. Vencer não era o suficiente. Kell teria que ganhar por mais de um único ponto.

E estava sem sorte. Amanhã ele não teria apenas uma, mas duas lutas. Estava com pena do príncipe, mas não havia mais volta.

Kell havia contado a Rhy sobre o pedido do rei para que ele se mantivesse no palácio. Evidentemente tinha contado a ele *depois* de fugir para ir à disputa.

— Ele vai ter um ataque se descobrir — advertiu Rhy.

— O que não vai acontecer — falou Kell.

Rhy não pareceu convencido.

Mesmo com todas as suas empreitadas dissolutas, ele nunca havia sido bom em desobedecer ao pai. Até recentemente, Kell também não.

— Falando em amanhã — disse Rhy de seu lugar à beira da cama. — Você precisa começar a perder.

Kell ficou tenso, o que enviou uma pontada de dor por seu ombro.

— O quê? Por quê?

— Faz ideia do quanto foi difícil planejar isso tudo? E executar o plano? Honestamente, é um milagre que ainda não tenhamos sido descobertos...

Kell se levantou, testando o movimento do ombro.

— Bom, isso é que é um voto de confiança...

— E não vou deixar você colocar tudo a perder por *ganhar*.

— Não tenho a menor intenção de vencer o torneio. Ainda vamos para as nonas. — Kell sentiu que estava deixando algo passar. A expressão no rosto de Rhy confirmou sua desconfiança.

— Os trinta e seis escolhidos se tornam dezoito — disse Rhy, devagar.

— Os dezoito melhores se tornam nove.

— Eu sei fazer as contas — falou Kell enquanto abotoava sua camisa.

— Os nove melhores se tornam três — continuou Rhy. — E o que acontece com esses três, sábio matemático Kell?

Kell franziu o cenho. Então a ficha caiu.

— Ah.

— Ah — arremedou Rhy, saltando da cama.

— A Cerimônia da Retirada das Máscaras — lembrou Kell.

— Exatamente — falou seu irmão.

O *Essen Tasch* possuía poucas regras quando se tratava do combate e ainda menos determinações com relação aos disfarces usados durante as lutas. Os competidores eram livres para manter seus personagens durante a maior parte do torneio, mas a Cerimônia da Retirada das Máscaras exigia que os três finalistas se revelassem às multidões e aos reis, removessem suas máscaras e não as utilizassem na partida final e na subsequente coroação.

Como muitos dos rituais do torneio, a origem da Cerimônia da Retirada das Máscaras estava desaparecendo da memória, mas Kell sabia que a história remontava aos primeiros dias da paz, quando um assassino tentara usar o torneio e o anonimato que ele oferecia para matar a família real de Faro. O assassino eliminou o mago vencedor, vestiu seu capacete e, quando os reis e rainhas dos três impérios o convidaram para receber o prêmio, ele atacou, matando a rainha faroense e ferindo gravemente um jovem nobre antes de ser contido. A frágil paz poderia ter sido quebrada

naquele momento, porém ninguém estava disposto a reivindicar o assassino, que morreu antes de poder confessar. No final, a paz entre os reinos foi mantida, mas a Cerimônia da Retirada das Máscaras nasceu.

— Você *não pode* avançar além das nonas — falou Rhy, enfático.

Kell assentiu com o coração pesado.

— Anime-se, irmão — falou o príncipe, espetando o broche com o selo real sobre o peito dele. — Você ainda tem duas lutas para disputar. E, quem sabe, talvez alguém vença você de verdade.

Rhy se dirigiu para a porta, e Kell começou a andar atrás dele.

— Senhor — chamou Hastra. — Uma palavra, por favor.

Kell parou. Rhy se deteve na soleira da porta e olhou para trás.

— Você vem?

— Já encontro você.

— Se você não aparecer, estarei propenso a fazer algo estúpido, como me jogar nos braços de Aluc...

— Não vou faltar a esse baile idiota! — explodiu Kell.

Rhy deu uma piscadela e fechou a porta atrás de si.

Kell se virou para o guarda.

— O que foi, Hastra?

O guarda parecia extremamente nervoso.

— É só que... Quando você estava competindo, voltei para o palácio para verificar as coisas com Staff. O rei estava passando, parou e me perguntou como você passou o dia... — Hastra hesitou, deixando o óbvio não dito: o rei não teria perguntado uma coisa dessas se soubesse do esquema de Kell. O que significava que ele não sabia.

Kell ficou tenso.

— E o que você disse a ele? — perguntou, preparando-se.

Hastra olhou para o chão.

— Eu disse que o senhor não havia deixado o palácio.

— Você mentiu para o rei? — perguntou Kell num tom de voz deliberadamente calmo.

— Não foi uma mentira em si — respondeu Hastra devagar, erguendo os olhos. — Não exatamente.

— Como assim?

— Bom, eu disse a ele que *Kell* não havia deixado o palácio. Mas eu nada disse sobre *Kamerov*...

Kell encarou o jovem com espanto.

— Obrigado, Hastra. Rhy e eu não deveríamos ter colocado você nessa situação.

— Não — retrucou Hastra, com uma firmeza surpreendente, então acrescentou depressa —, mas eu entendo por que fizeram isso.

Os sinos começaram a soar. O baile havia começado. Kell sentiu uma dor aguda em seu ombro, e suspeitou fortemente que fosse Rhy insistindo.

— Bem — disse ele, dirigindo-se para a porta —, você não terá que mentir por muito tempo.

* * *

Naquela noite, Lila estava dividida sobre ir ao baile. Agora que ela sabia a verdade, queria ver o rosto de Kell sem a máscara, como se ela pudesse ver a fraude escrita nas linhas de sua expressão carrancuda.

Em vez disso, ela acabou vagando pelas docas, observando os navios subindo e descendo, escutando o murmúrio da água contra seus cascos. Sua máscara pendia da ponta de seus dedos, com as mandíbulas abertas.

O píer estava estranhamente vazio. A maioria dos marinheiros e dos trabalhadores portuários devia estar se aventurando nos bares e nas festas, ou pelo menos no Mercado Noturno. Os homens do mar, que amavam a terra mais do que qualquer um na costa, sabiam como aproveitar o melhor dela.

— Foi uma disputa e tanto hoje — soou uma voz. Um segundo depois Alucard apareceu, acompanhando o ritmo dos passos dela.

Lila pensou nas palavras que haviam trocado naquela manhã, na dor na voz dele quando perguntara a ela por que fizera isso, roubar a identidade de Elsor, colocar-se — colocar a *todos* — em risco. E ali estava de novo, aquele desejo traiçoeiro de pedir desculpas, de pedir seu lugar de volta no navio de Alucard, ou pelo menos nas boas graças dele.

— Está me seguindo de novo? — perguntou ela. — Você não devia estar comemorando?

Alucard inclinou a cabeça para trás.

— Não tive vontade de fazer isso hoje. Além disso — continuou ele, desviando o olhar para o chão —, eu queria ver o que você fazia que era

tão melhor do que bailes.

— Você queria ter certeza de que eu não tinha me metido em encrenca.

— Não sou seu pai, Bard.

— Espero que não. Pais não devem tentar seduzir suas filhas para descobrir seus segredos.

Ele balançou a cabeça pesarosamente.

— Foi só *uma* vez.

— Quando eu era mais jovem — disse ela, divagando —, costumava percorrer as docas de Londres, da minha Londres, olhando para todos os navios que chegavam. Alguns dias, eu imaginava como seria o meu. Em outros, apenas tentava imaginar um que me levasse embora. — Alucard estava olhando fixamente para ela. — O quê?

— Essa foi a primeira vez que você me deu uma informação voluntariamente.

Lila abriu um sorriso torto.

— Não se acostume.

Eles caminharam em silêncio por um tempo, os bolsos de Lila tilintando. O Atol cintilava vermelho ao lado deles, e, ao longe, o palácio resplandecia.

Mas Alucard nunca fora bom com o silêncio.

— Então é isso que você faz em vez de dançar — falou ele. — Assombra as docas como um fantasma de marinheiro?

— Bem, só quando me canso de fazer *isso*. — Ela tirou a mão do bolso e a abriu, revelando uma coleção de joias, moedas, bugigangas.

Alucard sacudiu a cabeça, exasperado.

— Por quê?

Lila deu de ombros. Porque era familiar, ela poderia dizer, e era boa nisso. Além disso, o conteúdo dos bolsos das pessoas era muito mais interessante *nesta* Londres. Ela tinha encontrado uma pedra de sonho, um seixo de fogo e algo que parecia uma bússola, mas não era.

— Uma vez ladra, sempre ladra.

— O que é isso? — perguntou ele, colhendo o fragmento de pedra branca dentre o emaranhado de pedras preciosas roubadas.

Lila ficou tensa.

— Isso é meu — disse ela. — Uma lembrança.

Ele deu de ombros e deixou cair o fragmento de volta na pilha.

— Você vai acabar sendo apanhada.

— Então é melhor eu me divertir enquanto ainda posso — retrucou ela, guardando o lote de objetos. — E, quem sabe, talvez a coroa me perdoe também.

— Eu não esperaria por isso. — Alucard começou a esfregar os pulsos e, ao perceber, parou e alisou o casaco. — Bem, você pode se contentar com assombrar docas e roubar transeuntes, mas eu preferiria uma bebida quente e um pouco de refinamento, então... — Ele fez uma mesura. — Posso confiar que você ficará longe de encrencas pelo menos até amanhã?

Lila apenas sorriu.

— Vou tentar.

* * *

No meio do caminho de volta à Wandering Road, Lila percebeu que estava sendo seguida.

Ela podia ouvir os passos deles, sentir o cheiro da magia no ar, sentir o coração acelerar daquela maneira familiar. Então, quando olhou para trás e viu alguém na rua estreita, não ficou surpresa.

Ela não fugiu.

Deveria ter fugido, deveria ter ido para uma rua principal quando percebeu a presença deles, deveria ter se colocado à vista em um local público. Em vez disso, Lila fez a única coisa que tinha prometido a Alucard que tentaria não fazer.

Ela se meteu em encrenca.

Quando chegou à curva seguinte da rua, um beco, ela entrou. Algo brilhava na extremidade mais distante, e Lila deu um passo na direção do brilho antes de perceber o que era.

Uma faca.

Ela girou e tentou sair do caminho quando a lâmina se aproximou dela. Lila era rápida, mas não o bastante, e a faca arranhou a lateral do seu corpo antes de bater no chão.

Lila pressionou a palma da mão em sua cintura.

O corte era superficial e mal estava sangrando, e quando ela ergueu o olhar novamente viu um homem, sua silhueta difusa pela escuridão. Lila

se virou, mas a entrada do beco estava sendo bloqueada por outra figura.

Ela mudou de posição, tentando manter os olhos nos dois ao mesmo tempo. Conforme adentrava nas sombras mais profundas do muro do beco, no entanto, uma mão agarrou seu ombro, e ela saltou para a frente. Foi então que uma terceira figura saiu da escuridão.

Não havia para onde correr. Ela deu um passo na direção da silhueta que estava na entrada do beco, na esperança de que fosse um marinheiro bêbado ou um bandido.

E então ela viu o ouro.

Ver-as-Is não estava de capacete, e sem ele Lila podia ver o restante do padrão que tracejava por cima dos olhos e adentrava a linha do cabelo.

— Elsor — sibilou ele, o sotaque faroense transformando o nome em um som viperino.

Merda, pensou Lila. Mas tudo o que ela disse foi:

— Você de novo.

— Sua escória vigarista — continuou ele em um arnesiano confuso. — Não sei como você fez aquilo, mas eu vi. Eu *senti*. Não havia como você ter...

— Não fique magoado — interrompeu ela. — Foi apenas um jo...

Lila foi silenciada por um punho que atingiu seu flanco machucado, e ela dobrou o corpo, tossindo. O golpe não viera de Ver-as-Is, mas de um dos outros cujos rostos decorados com pedras preciosas estavam mascarados com tecidos escuros. Ela apertou com mais força a máscara de metal que estava em sua mão e golpeou a testa do homem mais próximo com o capacete. Ele gritou e cambaleou para trás, mas, antes que Lila pudesse atacar de novo, eles já estavam sobre ela, as seis mãos deles contra as duas dela, empurrando-a com força contra a parede do beco. Ela tropeçou quando alguém puxou seu braço, dobrando-o atrás das costas. Lila caiu de joelhos por instinto e rolou, jogando o homem sobre seu ombro. Mas, antes que ela pudesse se levantar, uma bota acertou seu queixo; a escuridão explodiu em fragmentos de luz e um braço envolveu sua garganta por trás, puxando-a para colocá-la de pé.

Ela se contorceu para tentar alcançar a faca que mantinha presa às costas, mas o homem pegou seu pulso e torceu-o violentamente.

Lila não tinha saída. Ela esperou pela onda de poder que sentira na arena, esperou que o mundo desacelerasse e sua força retornasse, mas nada

aconteceu.

Então ela fez algo inesperado. Riu.

Ela não estava com vontade de rir — a dor rugia por seu ombro, e ela mal podia respirar —, mas o fez mesmo assim e foi recompensada pela confusão que se espalhou como uma mancha pelo rosto de Ver-as-Is.

— Você é patético — cuspiu ela. — Não conseguiu me vencer sozinho, então vem para cima de mim com três? Tudo o que faz é provar o quão fraco realmente é.

Lila buscou a magia, de fogo ou de terra, até mesmo de ossos, mas nada aconteceu. Sua cabeça latejou, e o sangue continuou a escorrer da ferida na lateral de seu corpo.

— Você acha que seu povo é o único que consegue encantar metal? — sibilou Ver-as-Is, aproximando a faca da garganta dela.

Lila encontrou o olhar dele.

— Você realmente vai me matar só porque perdeu uma disputa?

— Não — disse ele. — Olho por olho. Você trapaceou. Então eu também vou.

— Você já perdeu! — explodiu ela. — Qual é a porra do propósito disso aqui?

— Um país não é um homem, mas um homem é um país — falou ele, e então, para seus homens: — Livrem-se dele.

Os outros dois começaram a arrastá-la para as docas.

— Nem mesmo consegue fazer isso sozinho — esgarçou ela. Se o golpe o atingira, ele não demonstrara; apenas se virou e começou a se afastar.

— Ver-as-Is — chamou Lila. — Vou lhe dar uma opção.

— Ah, é? — Ele olhou para trás, os olhos verdes se arregalando com a graça que achou naquilo.

— Você pode me deixar ir embora agora e sair andando — falou ela, lentamente. — Ou irei matar todos vocês.

Ele sorriu.

— E, se eu te deixar ir, suponho que nos separaremos como amigos?

— Ah, não — disse ela, balançando a cabeça. — Eu vou matar *você* de qualquer forma. Mas, se seus homens me deixarem ir agora, eu não os matarei.

Por um momento, ela pensou ter sentido o braço em sua garganta afrouxar. Mas então ele voltou, duas vezes mais apertado. *Merda*, pensou ela, enquanto Ver-as-Is se aproximava, girando a faca na mão.

— Se palavras fossem armas... — divagou ele, baixando a lâmina. O cabo se chocou contra a têmpora dela, e tudo ficou escuro.

IV

Lila acordou como uma pessoa afogada rompendo a superfície da água.

Seus olhos se abriram, mas o mundo permaneceu na escuridão total. Ela abriu a boca para gritar e percebeu que já estava aberta, uma mordança de pano abafando o som.

Uma dor latejante assolava a lateral de sua cabeça, ficando pior a cada movimento, e ela pensou que fosse vomitar. Tentou se sentar e, rapidamente, descobriu que não podia.

O pânico a inundou, a necessidade de vomitar repentinamente substituída pela necessidade de respirar. Ela estava em uma caixa. Uma caixa muito pequena.

Ficou parada e exalou, trêmula, quando a caixa não se deslocou ou balançou. Até onde ela podia dizer, ainda estava em terra. A menos, obviamente, que estivesse *embaixo* dela.

De repente, o ar pareceu mais rarefeito.

Ela não sabia dizer se a caixa era *realmente* um caixão, porque não conseguia precisar as dimensões. Estava deitada de lado na escuridão. Tentou se mover novamente e entendeu por que não conseguia: suas mãos e pés tinham sido amarrados juntos, com os braços presos para trás. Seus pulsos doíam pela corda grossa que os apertava, os dedos dormentes, os nós tão apertados que sua pele já estava ficando em carne viva. A menor tentativa de se libertar causava um tremor vindo de uma dor aguda.

Vou matá-los, pensou. Vou matar todos eles. Ela não disse as palavras em voz alta porque a mordança a impedia... E também porque não havia muito ar na caixa. Saber disso a deixou com vontade de inspirar bem fundo.

Fique calma.

Fique calma.

Fique calma.

Lila não se afligia por qualquer motivo, mas não gostava de espaços pequenos e escuros. Ela tentou encontrar alguma faca em seu corpo, mas elas haviam sumido. Sua coleção de bugigangas havia sumido. Seu fragmento de pedra havia sumido. A raiva queimou através de Lila como fogo.

Fogo.

Era disso que ela precisava. *O que poderia dar errado ao conjurar fogo em uma caixa de madeira?*, perguntou a si mesma, com sarcasmo. No pior cenário, ela simplesmente queimaria viva antes que pudesse escapar. Mas, se ela quisesse sair dali — e *queria*, mesmo que fosse apenas para matar Ver-as-Is e seus homens —, precisava se libertar da corda. E cordas queimavam.

Então Lila tentou invocar o fogo.

Tigre, tigre, brilho, brasa...

Nada. Nem mesmo uma faísca. Não podia ser o ferimento da faca; já havia secado, e o feitiço secara com ele. Era assim que funcionava. *Era assim que funcionava?* Ela achava que sim.

Pânico. Mais pânico. Pânico arrebatador.

Ela fechou os olhos, engoliu em seco e tentou novamente.

E de novo.

E de novo.

* * *

— *Concentre-se* — disse Alucard.

— *Bem, na verdade, é um pouco difícil.*

Lila estava de pé no meio da cabine dele, com os olhos vendados. A última vez que o vira, estivera sentado em sua cadeira, um tornozelo apoiado no joelho oposto, bebendo um licor escuro. Julgando pelo som de uma garrafa sendo erguida e de uma bebida sendo derramada, ele ainda estava ali.

— *Olhos abertos, olhos fechados* — falou ele —, *não faz diferença.*

Lila discordou com veemência. Com os olhos abertos ela conseguia conjurar fogo. Com os olhos fechados, bem, não conseguia. Além disso,

ela se sentia uma completa idiota.

— *Qual exatamente é o objetivo disso?*

— *O objetivo, Bard, é que a magia é um sentido.*

— *Como a visão — explodiu ela.*

— *Como a visão — disse Alucard. — Mas não a visão. Você não precisa vê-la. Apenas senti-la.*

— *Tato também é um sentido.*

— *Não seja irritante.*

Lila sentiu Esa se enroscar em sua perna e resistiu à vontade de chutar a gata.

— *Odeio isso.*

Alucard a ignorou.

— *A magia é tudo e nada. É visão, paladar, olfato, audição e tato. E também é algo completamente diferente. É o poder em todos os poderes e, ao mesmo tempo, é o seu próprio poder. Quando você aprender a sentir sua presença, nunca mais estará sem ela. Agora pare de choramingar e concentre-se.*

* * *

Concentre-se, pensou Lila, lutando para manter a calma. Ela podia sentir a magia enrolada em seu pulso. Não precisava vê-la. Tudo que precisava fazer era alcançá-la.

Ela fechou os olhos bem apertados, tentando enganar sua mente para que pensasse que a escuridão era uma escolha. Ela era uma porta aberta. Estava no controle.

Queime, pensou ela, a palavra raspando como um fósforo dentro dela. Estalou os dedos e sentiu o calor familiar do fogo lambendo o ar sobre sua pele. A corda incandesceu, iluminando as dimensões da caixa — pequena, muito pequena, pequena demais —, e, quando ela virou a cabeça, um rosto macabro a encarou, mas se mostrou ser a máscara de demônio logo antes que Lila fosse invadida por uma dor abrasadora. Quando o fogo pairava acima de seus dedos, não machucava. Porém, agora, conforme lambia as cordas, ele *queimava*.

Ela mordeu o lábio para conter um grito enquanto as chamas queimavam seus pulsos antes de finalmente romper a corda. Assim que suas mãos ficaram livres, ela apagou o fogo, mergulhando de volta na escuridão. Lila puxou a mordaca da boca e sentou-se para alcançar seus tornozelos, batendo com a cabeça no topo da caixa e xingando com vontade quando caiu de volta para trás. Manobrando com cuidado, ela conseguiu alcançar as cordas em seus pés e desamarrá-los.

Com os membros livres, ela fez força contra a tampa da caixa. Nada aconteceu. Xingou e juntou as palmas das mãos, acendendo uma pequena chama entre elas. Àquela luz, ela pôde ver que a caixa não estava amarrada. Era um caixote de carga. E fora fechado com pregos. Lila apagou a luz e deixou sua cabeça dolorida repousar contra o fundo da caixa. Ela respirou fundo algumas vezes, para se acalmar — *emoção não é força*, disse a si mesma, recitando uma das muitas frases de efeito de Alucard —, então pressionou as palmas das mãos contra as paredes de madeira do caixote e *empurrou*.

Não com as mãos, mas com sua vontade. Comandou sua vontade contra a madeira, contra os pregos, contra o ar.

A caixa estremeceu.

E *explodiu*.

Os pregos de metal caíram soltos, as tábuas estalaram e o ar dentro da caixa empurrou tudo para *fora*. Lila cobriu a cabeça enquanto os restos da explosão caíam sobre ela, depois se pôs de pé, arfando por ar. A pele de seus pulsos estava irritada e ferida, suas mãos tremendo de dor e fúria enquanto ela lutava para se orientar.

Ela estivera errada. Estava em um porão de carga. De um navio. Mas, a julgar pela estabilidade da embarcação, ainda estava ancorada. Lila olhou para os vestígios da caixa. Não deixou de notar a ironia da situação: afinal, ela tentara fazer a mesma coisa com Stasion Elsor. Mas preferia acreditar que se ela realmente o tivesse colocado em um caixote, teria feito alguns buracos para o ar entrar.

Dos destroços, a máscara de diabo piscou para ela, que a recolheu, vestindo-a sobre a cabeça. Ela sabia onde Ver-as-Is estava hospedado. Tinha visto seu séquito na Sun Streak, uma taverna na mesma rua que a Wandering Road.

— Ei — gritou um homem, enquanto ela subia para o convés. — O que você pensa que está fazendo?

Lila não desacelerou. Atravessou rapidamente o navio e desceu a prancha até o píer, ignorando os gritos vindos do convés, ignorando o sol da manhã e o som distante de aplausos.

Lila havia advertido Ver-as-Is sobre o que aconteceria.

E ela era uma garota de palavra.

* * *

— Qual parte de *você precisa perder* você não entendeu?

Rhy estava andando de um lado para o outro na tenda de Kell, furioso.

— Você não deveria estar aqui — falou Kell, esfregando seu dolorido ombro.

Ele não tivera a intenção de ganhar. Só queria que fosse uma boa partida. Uma partida equilibrada. Não era culpa dele se “Rul, o Lobo” tinha tropeçado. Não era culpa dele que os nove melhores preferissem um combate corpo a corpo. Não era culpa dele se o veskano *claramente* se divertira demais na noite anterior. Havia visto o homem duelar, e ele fora brilhante. Por que não podia ter sido brilhante *hoje*?

Kell passou a mão pelos cabelos ensopados de suor. O capacete de prata estava jogado, posto de lado sobre as almofadas.

— Este não é o tipo de problema de que precisamos, Kell.

— Foi um acidente.

— Não quero ouvir.

Hastra estava de pé encostado na parede, com a expressão de quem queria desaparecer. Na arena central, ainda estavam gritando o nome de Kamerov.

— Olhe para mim — disse Rhy, puxando Kell pelo queixo para que seus olhos se encontrassem. — Você precisa começar a perder *agora*. — Ele voltou a perambular, sua voz baixa, embora tivesse mandado Hastra sair da tenda. — O jogo dos nove é um jogo de pontuação — prosseguiu. — A maior pontuação no seu grupo avança. Com sorte, um dos outros vai vencer a partida de lavada, mas, para sua informação, Kamerov vai *embora*.

— Se eu perder por muito, será suspeito.

— Então você precisa perder por pontos *suficientes* — disse Rhy. — A boa notícia é que vi seu próximo adversário na arena, e ele é bom o bastante para vencê-lo. — O humor de Kell azedou. — Está bem — corrigiu Rhy —, ele é bom o bastante para vencer *Kameroov*. E é exatamente o que ele vai fazer.

Kell suspirou.

— Quem irei enfrentar?

Rhy finalmente parou de perambular.

— Seu nome é Stasion Elsor. E, com sorte, ele vai trucidar você.

* * *

Lila trancou a porta atrás de si.

Encontrou suas facas em uma bolsa ao pé da cama, junto com as bugigangas e o fragmento de pedra. Os homens ainda estavam dormindo. Pelo que parecia — as garrafas vazias, os lençóis emaranhados —, eles tiveram uma noite agitada. Lila escolheu sua faca favorita, aquela com o soco-inglês como cabo, e se aproximou das camas, cantarolando baixinho.

Como se sabe quando o Sarows está chegando?

(Está chegando está chegando está chegando a bordo?)

Ela matou os dois companheiros de Ver-as-Is em suas camas, mas o próprio ela acordou, instantes antes de cortar sua garganta. Não queria que ele implorasse; queria somente que visse.

Uma coisa estranha acontecia quando os faroenses morriam. As pedras preciosas que demarcavam suas peles escuras perdiam o que as segurava e se soltavam. As contas de ouro despencaram do rosto de Ver-as-Is, batendo no chão como gotas de chuva. Lila pegou a maior e guardou-a como pagamento antes de ir embora. Voltou pelo caminho que tinha vindo com seu casaco apertado sobre o corpo e a cabeça baixa, pegando a máscara da lata de lixo em que ela a havia escondido. Seus pulsos ainda doíam e sua cabeça ainda latejava, mas ela se sentia muito melhor agora. E, conforme

seguiu seu caminho em direção à Wandering Road, respirando o ar fresco e deixando a luz do sol acalmar sua pele, uma tranquilidade a invadiu: a calma que advinha de assumir o controle, de fazer uma ameaça e cumpri-la. Lila sentiu-se ela mesma novamente. Mas, debaixo de tudo isso havia uma pontada de inquietação, não de culpa ou arrependimento, mas a sensação irritante de que estava esquecendo alguma coisa.

Quando ela ouviu o soar das trombetas, caiu em si.

Esticou o pescoço, vasculhando o céu para encontrar o sol, e achou apenas nuvens. Mas ela sabia. Sabia que estava tarde. Sabia que *ela* estava atrasada. Seu estômago despencou como uma pedra, então ela enfiou o capacete na cabeça e *correu*.

* * *

Kell estava no centro da arena, esperando.

As trombetas soaram pela segunda vez. Ele ajeitou os ombros e se virou para o túnel oposto, esperando que seu adversário emergisse.

Mas ninguém apareceu.

O dia estava frio, e sua respiração se tornou fumaça na frente de sua máscara. Um minuto se passou, depois dois, e a atenção de Kell acabou se dirigindo para a tribuna real onde estava Rhy, que observava, esperava. Atrás dele havia um lorde Sol-in-Ar impassível, uma princesa Cora entediada, uma rainha Emira perdida em pensamentos.

A multidão estava ficando inquieta, sua atenção se dissipando.

A empolgação de Kell se transformou em tensão, nervosismo, hesitação.

Seu estandarte — os leões espelhados sobre o vermelho — tremulou acima do pódio e da multidão. A outra flâmula — facas cruzadas sobre o preto — estalava na brisa.

Mas Stasion Elsor não estava em lugar algum.

* * *

— Você perdeu a hora — falou Ister quando Lila entrou na tenda dos arnesianos.

— Eu sei — retrucou Lila.

— Você nunca vai...

— Apenas *me ajude*, sacerdotisa.

Ister enviou um mensageiro ao estádio e convocou mais dois ajudantes. Os três correram para vestir a armadura em Lila, uma confusão de tiras, acolchoamentos e placas.

Cristo. Ela sequer sabia com quem iria lutar.

— Isso é sangue? — perguntou um ajudante, apontando para a gola dela.

— Não é meu — murmurou Lila.

— O que aconteceu com seus pulsos? — perguntou o outro.

— Muitas perguntas, pouco trabalho.

Ister apareceu com uma grande bandeja, cuja superfície estava coberta de armas. Não, não armas, exatamente, apenas os punhos e cabos.

— Acho que falta alguma coisa.

— Esses jogos são dos nove — disse Ister. — Você tem que fazer o resto.

Ela pegou um cabo na bandeja e passou seus dedos ao redor dele. Os lábios da sacerdotisa começaram a se mover, e Lila observou uma rajada de vento se agitar e girar ao redor e acima do cabo até formar uma espécie de lâmina.

Lila arregalou os olhos. As duas primeiras rodadas haviam sido travadas a distância, ataques lançados pela arena como explosivos. Mas essas armas significavam combate corpo a corpo, e esse tipo de enfrentamento era a especialidade dela. Lila pegou dois cabos na bandeja e guardou-os sob as placas em seus antebraços.

— *Fal chas* — disse Ister, pouco antes de as trombetas tocarem em alerta. Lila apertou a mandíbula do demônio e saiu, as últimas fivelas de sua máscara ainda flutuando soltas atrás dela.

* * *

Kell inclinou a cabeça na direção de Rhy, perguntando-se o que o príncipe faria. Se Elsor não aparecesse, perderia. Se ele perdesse, Kell teria os pontos para avançar. Kell *não podia* avançar. Ele viu a dúvida se espalhar

pelo rosto de Rhy, então o rei sussurrou algo em seu ouvido. O príncipe pareceu ficar mais pálido quando ergueu o círculo de ouro até a boca, pronto para decretar o fim da disputa. Mas, antes que pudesse falar, um assistente apareceu no canto da tribuna e falou rapidamente. Rhy hesitou, e, então, misericordiosamente, as trombetas soaram.

Instantes depois, Stasion entrou correndo no estádio, parecendo... desgrenhado. Mas, quando viu Kell, abriu um sorriso, seus dentes brilhando brancos atrás da máscara de diabo. Não havia calor naquele olhar. Era um sorriso de predador.

As multidões explodiram em aplausos excitados conforme Kameron Loste e Stasion Elson ocupavam seus lugares no centro da arena.

Kell olhou através de seu visor para a máscara de Elson. De perto, era algo saído de um pesadelo.

— *Tas renar* — falou Kell. *Você está atrasado.*

— Vale a pena esperar por mim — respondeu Stasion.

Sua voz pegou Kell de surpresa. Rouca, suave e afiada como uma faca. E, ainda, inegavelmente feminina.

Ele conhecia aquela voz.

Lila.

Mas não era Lila. *Não podia* ser Lila. Ela era humana, uma habitante da Londres Cinza. Sim, era uma habitante da Londres Cinza diferente de qualquer outro, mas ainda assim era uma habitante da Londres Cinza. Ela não sabia como fazer magia e definitivamente nunca seria louca o suficiente para entrar no *Essen Tash*.

No mesmo momento que o pensamento percorreu sua cabeça, o argumento de Kell desmoronou. Porque, se alguém era teimosa o suficiente para fazer algo tão estúpido, tão imprudente, tão suicida, era a garota que tinha afanado seu bolso naquela noite na Londres Cinza. Que o seguira através de uma porta entre mundos — uma porta à qual ela nunca deveria ter sobrevivido —, que enfrentara a pedra preta, a realeza branca e a própria morte com um sorriso mordaz.

O mesmo sorriso afiado que agora cintilava entre os lábios da máscara de demônio.

— *Espere* — disse Kell.

A palavra foi um sussurro, mas era tarde demais. O juiz já tinha decretado a partida e Lila havia soltado suas esferas. Kell deixou cair as

suas um instante depois, mas ela já estava atacando.

Kell hesitou, mas ela não. Ele ainda estava tentando processar a presença dela quando ela congelou o chão sob os pés dele, e então o golpeou de perto com um punhal feito de chamas. Kell se afastou, mas não o suficiente. Um momento depois ele estava caído de costas, a luz estourando a placa de seu abdômen e Lila Bard ajoelhando-se sobre ele.

Ele olhou para seus olhos castanhos de tons diferentes.

Será que ela sabia que era ele por trás da máscara prateada?

— Olá — disse ela, e, com essa única palavra, ele soube que sim.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Lila se afastou novamente. Kell rolou rapidamente para trás, alavancando-se em um agachamento de combate.

Ela agora brandia duas facas — *lógico* que ela havia escolhido lâminas: uma feita de fogo, outra, de gelo — e as estava girando casualmente. Kell não escolhera nada. (Era um movimento corajoso, algo que Kameronov faria, destinado a derrubá-lo. Mas não tão rápido.) Ele retorceu a água em um chicote e bateu, mas Lila rolou para fora do alcance e atirou sua lâmina de gelo. Kell se esquivou, e nesse momento de distração da parte dele, Lila tentou atacar de novo, mas desta vez a terra de Kell segurou a bota dela e seu chicote atacou. Lila pegou sua lâmina de fogo para bloquear o golpe; o chicote de água se partiu ao redor da lâmina, mas o final do chicote conseguiu encontrar o antebraço dela, quebrando uma placa.

Lila ainda estava presa no chão, mas sorria, e um instante depois sua lâmina de gelo atingiu Kell pela retaguarda. Ele cambaleou para a frente enquanto uma segunda placa se quebrava, perdendo o controle da terra que segurava o pé dela.

E então a luta começou para valer.

Eles duelaram, um borrão de elementos e membros, pontos marcados apenas por clarões de luz. Eles se encontravam e se separavam, desafiando-se golpe a golpe.

— Você ficou maluca? — rosnou ele quando seus elementos se chocaram.

— É bom ver você também — retrucou ela, agachando-se e girando atrás dele.

— Você tem que parar — ordenou ele, esquivando-se de uma bola de fogo por um triz.

— Você primeiro — ralhou ela, mergulhando atrás de uma coluna.

A água talhava, o fogo queimava e a terra retumbava.

— Isso é loucura.

— Não sou a única disfarçada aqui.

Lila se aproximou, e ele pensou que ela fosse atacar, mas no último segundo ela mudou de ideia, tocando a lâmina de fogo em sua palma vazia e empurrando.

Por um instante, o ar ao redor deles vacilou. Kell viu a dor passando pelo rosto de Lila, atrás da máscara, mas então uma parede de fogo *irrompeu* na direção dele, e tudo o que ele pôde fazer foi transformar a água em uma onda sobre a própria cabeça. Nuvens de vapor se formaram quando os dois elementos colidiram. Então Lila fez algo completamente inesperado. Ela estendeu a mão e congelou a água sobre a cabeça de Kell. A água *dele*.

O público perdeu o fôlego e Kell xingou quando a folha de gelo rachou, se estilhaçou e caiu sobre ele. Não era contra as regras, uma vez que ambos haviam escolhido água, mas era uma coisa rara, reivindicar o elemento do seu adversário para si mesmo e dominá-lo.

Uma coisa ainda mais rara era ser subjugado.

Kell poderia ter escapado, poderia ter prolongado a luta por mais um minuto, talvez por dois. Mas ele precisava perder. Então manteve sua posição e deixou o teto de gelo cair, quebrando as placas sobre seus ombros e costas e emitindo clarões de luz.

E assim, sem mais nem menos, estava tudo acabado.

Delilah Bard vencera.

Ela parou ao lado dele e lhe ofereceu a mão.

— Bela partida, *mas vares* — sussurrou ela.

Kell ficou ali parado, aturdido. Ele sabia que deveria se curvar a ela, à multidão, e sair, mas seus pés não se moviam. Ele observou enquanto Lila meneava sua máscara para as arquibancadas e para o rei, então a assistiu lhe lançar um último sorriso diabólico e se afastar. Kell prestou uma reverência apressada à tribuna real e correu atrás dela, saindo do estádio e entrando nas tendas, abrindo a cortina marcada pelas duas lâminas cruzadas.

Uma assistente esperava, a única figura na tenda vazia.

— Onde ela está? — perguntou ele, mesmo já sabendo a resposta.

A máscara de demônio estava sobre as almofadas, descartada com o resto da armadura. Lila já havia ido embora.

V

Lila se recostou na porta do quarto de Elsor, lutando para respirar.

Ela pegara Kell desprevenido, tinha certeza, e agora ele sabia. Sabia que ela chegara a Londres dias antes, sabia que estivera lá, perto dele, no torneio. Seu coração martelava no peito. Ela se sentia como um gato que finalmente pegara seu rato e depois o deixara fugir. Por enquanto.

A adrenalina começou a baixar, e, sua pulsação, a se acalmar. Sua cabeça latejava, e, quando ela engoliu em seco, sentiu gosto de sangue. Esperou que a onda de tontura passasse e, quando isso não aconteceu, deixou o corpo afundar no chão de madeira, com a voz de Kell ressoando em seus ouvidos.

Aquele tom de voz familiar e exasperado.

Isso é loucura.

Aquele ar de superioridade, como se não estivessem *ambos* infringindo todas as regras. Como se ele não estivesse interpretando um papel, exatamente como ela.

Você tem que parar.

Ela podia imaginar a carranca dele por trás daquela máscara de prata, o vinco se aprofundando entre aqueles olhos de duas cores.

O que ele faria agora?

O que *ela* faria?

O que quer que acontecesse, valia a pena.

Lila ficou de joelhos, franzindo o cenho quando uma gota de sangue atingiu o chão de madeira. Ela tocou seu nariz, depois enxugou a mancha vermelha com a manga da camisa e se levantou.

Começou a tirar as roupas de Elsor, arruinadas pelo ataque de Ver-as-Is e pela disputa subsequente. Lentamente, ela se desfez das armas e dos

tecidos, depois olhou para si mesma no espelho, semivestida. Seu corpo era uma teia de novos hematomas e velhas cicatrizes.

Um fogo queimava fraco na lareira, e havia uma bacia de água fria sobre a cômoda. Lila levou algum tempo para se limpar, secar e aquecer, lavando a graxa que escurecia seus cabelos e o sangue que manchava sua pele.

Ela olhou ao redor do quarto, tentando decidir o que vestir.

Então teve uma ideia.

Uma ideia nova e perigosa, que era, naturalmente, o seu tipo favorito.

Talvez seja hora, pensou, de ir a um baile.

* * *

— Rhy! — gritou Kell, e a multidão se abriu. Ele havia guardado o capacete e trocado o casaco, mas seu cabelo ainda estava suado, e ele, sem fôlego.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou o príncipe.

Ele estava caminhando de volta ao palácio, cercado por uma comitiva de guardas.

— Era ela! — sibilou Kell, entrando no ritmo dos passos do irmão.

Ao redor deles, as pessoas aplaudiam e acenavam, esperando ganhar um olhar ou sorriso do príncipe.

— Quem era ela? — perguntou Rhy, agradando a multidão.

— Stasion Elsor — sussurrou ele. — Era *Lila*.

Rhy franziu o cenho.

— Eu sei que foi um dia longo — disse Rhy, batendo de leve no ombro de Kell —, mas obviamente...

— Sei o que vi, Rhy. Ela falou comigo.

Rhy balançou a cabeça, o sorriso ainda fixado na boca.

— Isso não faz sentido. Tieren selecionou os jogadores há semanas.

Kell olhou em volta, mas Tieren estava convenientemente ausente.

— Bem, ele não me selecionou.

— Não, mas *eu* fiz isso. — Eles alcançaram os degraus do palácio, e a multidão ficou para trás conforme subiam.

— Não sei o que dizer. Não sei se ela é Elsor ou se está apenas se passando por ele, mas a pessoa com quem acabei de lutar lá atrás não era um mago vindo da área rural. Aquela era Delilah Bard.

— Foi por isso que você perdeu tão facilmente? — perguntou o príncipe quando chegaram ao topo dos degraus.

— Você me disse para perder! — gritou Kell enquanto os guardas abriam as portas. Suas palavras ecoaram pelo silencioso saguão de entrada, e o estômago de Kell se revirou quando olhou para cima e viu o rei de pé no centro do cômodo.

Maxim olhou para Kell e disse:

— Lá em cima. *Agora*.

Quando entraram no quarto, o rei continuou.

— Pensei que tivesse deixado isso explícito.

Kell estava sentado em sua poltrona ao lado da varanda, ouvindo um sermão como se fosse uma criança, enquanto Hastra e Staff permaneciam em silêncio. Rhy fora proibido de entrar e estava dando um chilique no corredor.

— Eu não ordenei que ficasse dentro das paredes do palácio? — perguntou Maxim, com a voz cheia de condescendência.

— Ordenou, mas...

— Você é surdo aos meus comandos?

— Não, senhor.

— Bem, obviamente não deixei explícito o suficiente quando pedi como seu pai, então agora eu ordeno como seu rei. Você está *confinado* ao palácio até segunda ordem.

Kell se endireitou.

— Isso não é *justo*.

— Não seja infantil, Kell. Eu não teria pedido se não fosse para seu próprio bem. — Kell escarneceu e os olhos do rei escureceram. — Está fazendo pouco caso do meu comando?

Kell se acalmou.

— Não. Mas nós dois sabemos que isso não tem a ver com o que é bom para *mim*.

— Você tem razão. Tem a ver com o que é bom para o nosso reino. E se você é leal a esta coroa e a esta família, ficará confinado a este palácio até o torneio terminar. Estamos resolvidos?

Kell sentiu um aperto no peito.

— Sim, senhor — disse ele, sua voz menos que um sussurro.

O rei virou para Staff e Hastra.

— Se ele sair desse palácio de novo, ambos enfrentarão acusações, entendido?

— Sim, Majestade — responderam eles.

Com isso, o rei saiu intempestivamente.

Kell colocou a cabeça entre as mãos, respirou fundo e então jogou no chão tudo que havia na mesinha diante dele, espalhando livros e estilhaçando uma garrafa de vinho do Avise no chão intrincado.

— Que desperdício — murmurou Rhy, atirando-se na cadeira oposta.

Kell afundou na sua poltrona e fechou os olhos.

— Ei, não é tão ruim — insistiu Rhy. — Pelo menos você já está fora da competição.

Isso deprimiu ainda mais o espírito de Kell. Seus dedos se dirigiram para os amuletos ao redor do pescoço, enquanto ele lutava para suprimir o impulso de *ir embora. Fugir*. Mas ele não podia, porque a despeito do que o rei pensava, Kell *era* leal à sua coroa, à sua família. A *Rhy*.

O príncipe se inclinou para a frente, aparentemente alheio à tempestade na cabeça de Kell.

— Então — disse ele —, o que devemos vestir para a festa?

— Para o inferno com essa festa — resmungou Kell.

— Vamos lá, Kell, a festa não fez nada a você. Além disso, e se certa jovem com uma inclinação para o *cross-dressing* decidir aparecer? Você não gostaria de perder isso.

Kell afastou a cabeça das almofadas.

— Ela não deveria estar competindo.

— Bem, ela chegou até aqui. Talvez você não esteja dando-lhe o devido crédito.

— Eu a deixei ganhar.

— E todos os outros fizeram o mesmo? — perguntou Rhy, divertindo-se. — E devo dizer que ela parecia muito segura de si.

Kell gemeu. Ela *estivera* mesmo. O que não fazia sentido. Mas, na verdade, nada sobre Lila fazia. Ele ficou de pé.

— Tudo bem.

— Esse é o espírito.

— Mas chega de vermelho e dourado — decretou ele, virando o casaco. — Hoje vou usar preto.

* * *

Calla estava cantarolando e colocando alfinetes na bainha de uma saia quando Lila entrou.

— Lila! — disse ela, alegremente. — *Avan.* Em que posso ajudá-la esta noite? Um chapéu? Algumas algemas?

— Na realidade... — Lila passou a mão por uma arara de casacos, depois suspirou e apontou com a cabeça para os vestidos. — Preciso de um desses. — Ela sentiu um pequeno temor, olhando fixamente para as roupas bufantes e pouco práticas, porém Calla abriu um sorriso deliciado. — Não fique tão surpresa — disse ela. — É para o mestre Kell.

Isso só fez o sorriso da comerciante se alargar.

— Qual é a ocasião?

— Um baile do torneio.

Lila começou a pegar um dos vestidos, mas Calla bateu de leve nos dedos dela.

— Não — disse Calla com firmeza. — Preto, não. Se você vai fazer isso, vai fazer direito.

— O que há de errado com o preto? É a cor perfeita.

— Para se esconder. Para se misturar às sombras. Para invadir castelos. Não para bailes. Eu deixei você ir de preto ao último e isso me incomodou por todo o inverno.

— Se isso é verdade, você não tem coisas suficientes com que se preocupar.

Calla estalou a língua em um barulho de desaprovação e se voltou para a coleção de vestidos. O olhar de Lila passeou por eles, e ela se encolheu ao ver um com uma saia amarela com as mangas roxas e aveludadas. Eles pareciam frutas maduras, como sobremesas decadentes. Lila queria parecer poderosa, não *comestível*.

— Ah — disse Calla, e Lila se preparou para o que viria quando a mulher tirou um vestido da prateleira e o apresentou a ela. — Que tal este?

Não era preto, mas tampouco parecia saído de uma confeitaria. O vestido era verde-escuro e lembrava Lila dos bosques à noite, de lascas de luar atravessando as folhas.

A primeira vez que ela fugira de casa — se é que podia ser chamada assim —, tinha 10 anos. Fora até o parque St. James's e passara a noite inteira tremendo sobre uma árvore baixa, olhando para a lua através dos galhos e imaginando que estava em outro lugar. De manhã, ela se forçara a voltar e encontrara seu pai bêbado e desmaiado no quarto. Sequer se preocupara em procurá-la.

Calla tentou interpretar as sombras no rosto dela.

— Não gosta?

— É bonito — respondeu Lila. — Mas não me convém. — Ela lutou para encontrar as palavras. — Talvez servisse a quem já fui, mas não a quem sou agora.

Calla assentiu e guardou o vestido.

— Ah, aqui está. — Ela pegou outro vestido e puxou-o da arara. — E esse aqui?

O vestido era... difícil de descrever. Sua cor estava entre o azul e o cinza, e era cravejado de gotas de prata. Milhares delas. A luz dançou através do corpete e pelas saias, fazendo com que a coisa toda cintilasse sombriamente.

Lembrava-a do mar e do céu noturno. Lembrava facas afiadas, estrelas e liberdade.

— Esse — respirou Lila — é perfeito.

Ela não percebera o quão complicado era o vestido até tentar vesti-lo. Tinha parecido uma pilha de tecido bem-costurado jogado sobre o braço de Calla, mas na verdade era a geringonça mais complicada que Lila já havia visto.

Aparentemente, o estilo do inverno priorizava a estrutura. Centenas de prendedores, botões e fechos. Calla apertou, puxou e endireitou, e de alguma forma colocou o vestido no corpo de Lila.

— *Anesh* — disse Calla quando terminou.

Lila lançou um olhar cauteloso ao espelho, esperando ver-se no meio de um elaborado dispositivo de tortura. Em vez disso, seus olhos se arregalaram de surpresa.

O corpete transformara a silhueta estreita de Lila em algo com curvas, ainda que modestas. Deu a ela uma cintura. Não podia fazer muito a respeito dos seios, uma vez que Lila não era bem fornida nesse quesito, mas felizmente a tendência do inverno era enfatizar os ombros, não o busto. O vestido subia até o pescoço dela, terminando em uma gola que lembrava a Lila vagamente da mandíbula de seu capacete. Pensar na máscara de demônio lhe deu força.

E tudo isso era, na verdade, outro disfarce.

Para consternação de Calla, Lila insistiu em manter as calças justas sob as saias, assim como as botas, alegando que ninguém seria capaz de notar.

— Por favor, me diga que isso é mais fácil de tirar do que de vestir.

Calla levantou uma sobrancelha.

— Você acha que o mestre Kell não sabe como?

Lila sentiu as bochechas queimarem. Ela devia ter demovido a comerciante de sua suposição meses antes, mas essa suposição, de que Kell e Lila eram de alguma forma comprometidos ou pelo menos tinham um caso, era a razão pela qual Calla tinha concordado em ajudá-la, para começar. E, tirando a questão do orgulho, a mercadora era extremamente prestativa.

— Aqui está a abertura — mostrou, apontando dois pinos na base do espartilho.

Lila estendeu a mão, tateando pelos cordões do espartilho, perguntando a si mesma se poderia esconder uma de suas facas ali.

— Sente-se — insistiu a comerciante.

— Sinceramente, não sei se consigo.

A mulher fez um gesto de reprovação e acenou para um banquinho. Lila sentou-se nele.

— Não se preocupe. O vestido não vai quebrar.

— Não é com o vestido que estou preocupada — resmungou ela.

Não era de admirar que muitas das mulheres de quem ela roubara parecessem fatigadas. Elas obviamente não conseguiam respirar, e Lila estava bastante certa de que seus espartilhos não estavam tão apertados quanto este.

Pelo amor de Deus, pensou Lila. Estou dentro de um vestido há cinco minutos e já estou choramingando.

— Feche os olhos.

Lila a encarou, cética.

— *Tac*, precisa confiar em mim.

Lila nunca fora boa em confiar em alguém, mas ela tinha chegado até ali, e, agora que já estava dentro do vestido, iria até o fim. Então fechou os olhos e deixou que a mulher passasse algo em suas pálpebras e também em seus lábios.

Lila manteve os olhos fechados ao sentir uma escova percorrendo seus cabelos, e dedos por entre os fios.

Calla cantarolava enquanto trabalhava, e Lila sentiu algo dentro de si afundar, entristecer. Sua mãe estava morta havia muito tempo, tanto tempo que ela mal conseguia se lembrar da sensação de suas mãos alisando seu cabelo, do som da voz dela.

Tigre, tigre, brilho, brasa.

Lila sentiu as palmas das mãos começarem a arder e, com medo de incendiar acidentalmente o vestido, apertou-as juntas e abriu os olhos, concentrando-se no tapete da tenda e na sutil dor provocada por grampos que deslizavam em seu couro cabeludo.

Calla havia colocado um punhado de grampos no colo de Lila. Eram de prata polida, e ela os reconheceu da pequena caixa que trouxera para terra firme.

— Estes você traz de volta — pediu Calla quando terminou. — Gosto deles.

— Trarei tudo de volta — disse Lila, levantando-se. — Não terei uso para um vestido como este além desta noite.

— A maioria das mulheres acredita que um vestido só precisa cumprir seu papel por uma noite.

— Essas mulheres são um desperdício — falou Lila, esfregando os pulsos.

Eles ainda estavam bastante esfolados pelas cordas que os prenderam de manhã. Calla viu e nada disse, apenas colocou largas pulseiras de prata sobre ambos. *Manoplas*, pensou Lila, mesmo que a primeira palavra a vir-lhe à mente tivesse sido *correntes*.

— Um toque final.

— Ah, pelo amor de Deus, Calla — reclamou ela. — Eu acho que isso é mais que suficiente.

— Você é uma garota muito estranha, Lila.

— Fui criada muito longe daqui.

— Bem, isso explica um pouco.

— Um pouco do quê? — perguntou Lila.

Calla apontou para ela.

— E suponho que, onde você foi criada, mulheres se vestiam como homens e usavam armas como joias.

— ... eu sempre fui única.

— Certo. Não é de se admirar que você e Kell se atraíam. Ambos únicos. Ambos... um pouco... — De repente, convenientemente, o idioma pareceu falhar.

— Maus? — arriscou Lila.

Calla sorriu.

— Não, não, não maus. Resguardados. Mas, hoje à noite — falou ela, prendendo um véu bordado em prata no cabelo de Lila —, você vai baixar a guarda dele.

Lila sorriu, sem querer.

— Essa é a ideia.

VI

Londres Branca

A faca cintilou nas mãos de Ojka.

O rei estava ao lado dela, esperando.

— Está pronta?

Os dedos dela apertaram a lâmina conforme o medo zumbia através de seu corpo. Medo e poder. Ela havia sobrevivido à marca, à febre do sangue e mesmo àquela gargantilha. Sobreviveria a isso.

— *Kosa* — respondeu ela, praticamente em um suspiro. *Estou.*

— Bom.

Eles estavam de pé no pátio do castelo, com os portões fechados e apenas as estátuas dos gêmeos caídos como testemunhas enquanto o olhar do rei aquecia sua espinha e o vento de inverno mordia seu rosto. A vida estava voltando à cidade, colorindo-a como um hematoma, mas o frio tinha permanecido nas extremidades. Especialmente à noite. O sol era quente, e as coisas cresciam abaixo dele, mas, quando se punha, levava todo o calor com ele. O rei disse que isso era normal, que um mundo saudável tinha estações de calor e luz e outras de sombra.

Ojka estava pronta para o calor.

Fora a primeira coisa que ela sentira quando a febre do sangue chegara. Um calor glorioso. Ela tinha visto as cascas queimadas de seus predecessores fracassados, mas tinha acolhido o fogo.

Ela acreditara, então, no poder de Holland. E em seu próprio potencial.

Ela ainda acreditara, mesmo quando a gargantilha do rei se fechara em torno de sua garganta.

E agora ele estava pedindo que ela acreditasse novamente. Que acreditasse na magia dele. Na magia que ele lhe dera. Ela havia conjurado

feitiços de sangue. Invocado gelo e fogo. Consertado algumas coisas e quebrado outras. Construído portas dentro de seu mundo. Isso não seria diferente. Ainda estava ao alcance dela.

Ela olhou para a faca, o punho na palma de uma das mãos, o fio pressionado na outra. Tinha suas ordens. E, no entanto, hesitava.

— Meu rei — disse ela, ainda de frente para o muro do pátio. — Não é covardia que me faz perguntar, mas...

— Só o que pensam, Ojka — falou Holland. — Você está se perguntando por que eu designei essa missão a você. Por que eu mesmo não vou até lá. A verdade é que não posso.

— Não há nada que você não possa fazer.

— Todas as coisas têm um preço — explicou ele. — Para restaurar este mundo, o *nosso* mundo, tive que sacrificar algo de mim mesmo. Se eu sair agora, não tenho certeza se poderei retornar.

Então essa era a origem do poder. Um feitiço. Um acordo. Tinha ouvido o rei falando consigo mesmo, como se estivesse com mais alguém, tinha visto o que se escondia à sombra do seu olho, até mesmo vira o reflexo dele se mover quando ele não o fizera.

Quanto Holland já havia sacrificado?

— Além disso... — Ela sentiu as mãos dele pousarem em seus ombros, sentiu calor e magia fluindo através dela mediante o toque dele. — Eu lhe dei poder para que você pudesse usá-lo.

— Sei disso, meu rei — sussurrou ela.

O olho direito de Ojka pulsou quando ele enlaçou sua ampla figura ao redor da delgada silhueta dela, moldando seu corpo ao dela. Os braços dele sombreavam os dela, os dedos traçando os ombros, os cotovelos e os pulsos, até que as mãos dele se uniram com as dela.

— Você ficará bem, Ojka, contanto que seja forte o bastante.

E se eu não for?

Ela pensou não ter dito as palavras em voz alta, mas o rei as ouviu de qualquer maneira.

— Então você estará perdida, e eu também. — As palavras eram frias, mas a forma como ele as disse, não. Sua voz era como sempre foi, uma pedra desgastada até ficar polida, com um peso que fez os joelhos dela enfraquecerem. Ele levou os lábios à orelha dela. — Mas tenho fé em você.

Com isso, ele guiou a mão dela que estava com a faca com a sua própria mão, arrastando a lâmina na pele dela. O sangue jorrou, escuro como tinta, e ele pressionou algo contra a palma da sua mão ensanguentada. Uma moeda, tão vermelha quanto o cabelo dela, com uma estrela dourada no centro.

— Você sabe o que estou lhe pedindo — falou ele, guiando a mão ferida e a moeda dentro dela até o frio muro de pedra. — Sabe o que deve fazer.

— Não vou decepcioná-lo, meu rei.

— Espero que não — disse Holland, afastando-se dela e levando o calor com ele.

Ojka engoliu em seco e se concentrou no lugar em que a palma de sua mão, incandescente de magia, encontrara as pedras frias enquanto ela dizia o comando, tal como ele a ensinara.

— *As Travars.*

Seu olho marcado pela magia cantou no crânio, seu sangue estremecendo com as palavras. Onde sua mão encontrara a pedra, sombras floresceram e se espalharam formando uma porta. Ela queria dar um passo à frente, atravessar, mas nunca teve a chance.

A escuridão a puxou para a frente. O mundo se rasgou. E ela também.

Seus músculos se laceraram. Seus ossos se partiram.

Sua pele queimava, seu sangue congelava, e tudo se transformou em dor.

Durou para sempre e mais um instante, e então nada mais havia.

Ojka caiu de joelhos, estremecendo com a sensação de que de alguma forma ela falhara. Não era forte o suficiente. Não era digna. E agora ela havia ido embora, arrancada de seu mundo, de seu propósito, de seu rei. Essa calma, esse sentimento de quietação, isso devia ser a morte.

E, contudo...

A morte não deveria ter limites, e eles existiam aqui. Podia senti-los, mesmo com os olhos fechados. Podia sentir onde seu corpo terminava e o mundo começava. Poderia a morte ser como um mundo? Teria música?

Os olhos de Ojka se abriram, e ela respirou fundo quando viu a rua de paralelepípedos sob seus pés, o céu noturno tingido de vermelho. Suas veias escurecidas ardiam na pele. Seu olho pulsou com poder. A moeda

carmesim ainda estava enterrada na palma de sua mão, e sua faca cintilava nas pedras a poucos metros de distância.

E então a compreensão a atingiu como uma onda.

Ela conseguira.

Um som escapou de sua garganta, algo que era uma mistura de surpresa e triunfo, enquanto ela cambaleava tentando ficar de pé. Tudo doía, mas Ojka regozijou-se com a dor. Significava que ela estava viva, que havia *sobrevivido*. Ela havia sido desafiada, testada e considerada digna.

Meu rei?, pensou ela, buscando através da escuridão do espaço e das paredes entre os mundos. Mundos que *ela* havia atravessado.

Por um longo instante, não houve resposta. Então, incrivelmente, ela ouviu a voz dele emparelhada com o zumbido da pulsação em sua cabeça.

Minha mensageira.

Era o som mais bonito de todos. Um fio de luz na escuridão.

Estou aqui, pensou, perguntando-se onde estava exatamente. Holland lhe falara sobre esse mundo. Esse brilho vermelho devia ser o rio. E aquele farol de luz, o palácio. Ela podia ouvir os sons das pessoas, sentir sua energia enquanto arrumava sua capa pálida e cobria seu olho marcado com o cabelo ruivo. *E agora?*

Houve outra pausa, e, quando a voz do rei soou novamente, estava calma e impassível.

Ache-o.





DEZ

CATÁSTROFE

Londres Vermelha

A partir dos degraus do palácio, a cidade cintilava em uma extensão de gelo, névoa e magia.

Lila absorveu aquela imagem e então se virou para apresentar o convite de Elsor. A escadaria estava repleta de estrangeiros e nobres, e os guardas não se deram ao trabalho de olhar o nome no envelope, apenas verificaram o selo real e mandaram que ela entrasse.

Quatro meses haviam se passado desde a última vez que ela colocara os pés dentro do palácio real.

Ela tinha visto o Rose Hall, é claro, antes do torneio, mas aquilo fora outra questão, algo impessoal. O palácio em si parecia uma grande casa. Um *lar* da realeza. O saguão de entrada estava novamente enfeitado com fileiras de buquês de flores, mas dessa vez eles haviam sido dispostos como um caminho, conduzindo Lila para a esquerda, através do vestíbulo e por mais um conjunto de portas grandes que deviam estar fechadas antes, mas que agora estavam bem abertas, como asas. Ela entrou no enorme salão de baile de madeira polida e cristais trabalhados que formavam uma colmeia de luz.

Chamavam esse salão de Grand Hall.

Na noite do Baile de Máscaras, Lila havia estado em outro salão, o Gold Hall, que era impressionante com suas pedras entalhadas e o trabalho em metal precioso. Mas esse aqui possuía todo o esplendor, a opulência e *algo mais*. Dezenas de lustres pendiam do teto abobadado a uma altura de vários andares e iluminavam o espaço com luz de velas refratada por cristais. Colunas se erguiam do chão de carvalho, adornadas com escadas

em espiral que culminavam em passarelas, que por sua vez levavam a galerias e alcovas acomodadas na parte superior das paredes.

No centro do salão de baile, erguido sobre um estrado, um quarteto de músicos tocava. Havia diversos instrumentos, mas todos eram feitos de madeira polida e adornados com fios de ouro. Os próprios músicos haviam sido polvilhados com ouro e permaneciam perfeitamente imóveis, exceto pelos movimentos necessários de seus dedos.

O que Jinnar tinha dito sobre o príncipe Rhy? Sempre tivera uma queda pelo drama...

Lila examinou o cavernoso salão de baile e viu o príncipe se movendo entre as mesas do outro lado do saguão. Ali, junto às portas da varanda, viu Alucard reverenciando uma bela criatura faroense vestida em seda roxa. Flertando.

Ela contornou a sala, perguntando-se quanto tempo demoraria para localizar Kell em meio a tamanha multidão. Porém, míseros instantes depois, ela o viu, não na pista de dança ou misturando-se com os convidados às mesas, mas no piso acima. Ele estava sozinho em uma das varandas mais baixas, sua forma esguia dobrada sobre o parapeito. Seu cabelo castanho avermelhado reluzia sob os lustres, e ele rolava um copo entre as palmas das mãos, parecendo inquieto. Do ângulo em que estava, ela não podia ver os olhos dele, mas imaginou que podia ver o vinco entre eles.

Parecia que procurava alguém.

E Lila teve a sensação de que esse alguém era *ela*.

Ela recuou para a segurança da sombra da coluna, e por alguns momentos, assistiu a Kell observando a multidão. Mas ela não se enfiara em um vestido apenas pelo prazer de vesti-lo, então finalmente terminou sua bebida, colocou o copo vazio na mesa mais próxima e saiu para a luz.

Assim que o fez, uma garota apareceu ao lado de Kell. A princesa de Vesk. A mão dela tocou o ombro de Kell, e Lila franziu o cenho. Ela tinha idade suficiente para flertar assim? Cristo, ela parecia uma *criança*. Esguia, mas com o rosto redondo; bonita, mas com covinhas: era *delicada*. Usava uma coroa de madeira e prata em cima dos cabelos loiros cor de palha presos em uma trança.

Kell olhou para a princesa, mas não se afastou do toque dela, que devia ter tomado sua imobilidade por um convite, porque deslizou seu braço

através do dele e descansou a cabeça em seu ombro. Lila se deu conta de que seus dedos estavam ávidos por uma faca, mas então, para sua surpresa, o olhar de Kell passou pela garota, descendo até o salão de baile e aterrissando *nela*.

Kell ficou visivelmente tenso.

Lila também.

Ela o observou dizer algo à princesa e recolher o braço. A garota pareceu contrariada, mas ele não olhou para ela novamente; não desviou o olhar de Lila por um instante sequer conforme descia as escadas e caminhava na direção dela, os olhos sombrios, os punhos cerrados ao lado do corpo.

Kell abriu os lábios e Lila se preparou para um ataque. Porém, em vez disso, ele suspirou, estendeu a mão e disse:

— Dance comigo.

Não fora uma pergunta. Mal fora um pedido.

— Eu não sei dançar — disse ela.

— Eu sei — falou ele simplesmente, como se o ato não exigisse duas pessoas.

Ele ficou parado ali, esperando, e os olhos dos convidados começaram a se virar para eles. Então Lila pegou a mão de Kell e deixou que ele a conduzisse para a parte menos iluminada do salão de baile. Quando a música começou, Kell envolveu os dedos de Lila com os seus, apertando-os, sua outra mão encontrou a cintura dela e eles começaram a se mover. Bem, Kell começou a se mover e ela se moveu com ele, obrigando-se a seguir sua condução, a confiar nele.

Ela não ficava assim tão perto dele havia meses. Sua pele zumbia onde ele a tocava. Isso era normal? Se a magia percorria a tudo e a todos, era isso que acontecia quando ela encontrava a si mesma?

Eles dançaram em silêncio por algum tempo, girando juntos e separados, em uma versão mais lenta de sua cadência na arena. E então, de nada, Lila perguntou:

— Por quê?

— Porque o quê?

— Por que você me pediu para dançar?

Ele *quase* sorriu. Uma aparição. Um truque da luz.

— Para você não poder fugir novamente antes que eu dissesse olá.

— Olá — disse Lila.

— Olá — falou Kell. — Onde você esteve?

Lila sorriu.

— Por quê? Sentiu minha falta?

Kell abriu a boca. E a fechou. Abriu-a de novo antes de finalmente conseguir responder:

— Senti.

A palavra fora dita em voz baixa, e a sinceridade da resposta pegou Lila desprevenida. Um golpe abaixo das costelas.

— O quê? — Ela se atrapalhou. — A vida com a realeza não lhe agrada mais?

Mas a verdade era que ela também sentira falta dele. Falta da teimosia, das irritações e de sua carranca constante. Falta dos olhos dele, um azul límpido e o outro preto reluzente.

— Você está... — começou ele, então parou.

— Ridícula?

— Maravilhosa.

Lila franziu o cenho.

— Você não — disse ela, vendo as sombras sob seus olhos e a tristeza neles. — Qual é o problema, Kell?

Ele ficou um pouco tenso, mas não a soltou. Respirou fundo, como se estivesse formulando uma mentira, mas, quando exalou, a verdade saiu.

— Desde aquela noite, eu não senti... Pensei que competir ajudaria, mas só piorou. Sinto como se estivesse sufocando. Sei que você acha que é loucura, que eu tenho tudo de que preciso, mas assisti a um rei murchar e morrer dentro de um castelo. — Ele olhou para baixo, como se pudesse ver o problema através de sua camisa. — Não sei o que está acontecendo comigo.

— Vida — disse ela, enquanto giravam pelo salão. — E morte.

— O que você quer dizer com isso?

— Todos acham que eu tenho um desejo de morte, sabe? Mas eu não quero morrer. Morrer é fácil. Não, eu quero *viver*, mas chegar perto da morte é a única forma de se sentir vivo. E uma vez que você faz isso, percebe que tudo o que estava fazendo antes não era *realmente* viver. Era apenas um arremedo. Pode me chamar de louca, mas acho que vivemos melhor quando os riscos são altos.

— Você é louca — disse Kell.

Ela riu de forma sutil.

— Quem sabe? Talvez o mundo tenha ficado distorcido. Talvez você ainda esteja possuído. Ou talvez tenha apenas provado o gostinho do que realmente significa estar vivo. Acredite em alguém que teve sua cota de escapar por um triz. Você quase morreu, Kell. Então agora sabe como é *viver*. Como é temer por aquela vida. Lutar por ela. E, ao descobrir isso, bem, não há como voltar atrás.

A voz dele saiu trêmula.

— O que eu faço?

— Eu sou a pessoa errada para você perguntar — retrucou ela. — Eu apenas fujo.

— Fugir parece uma boa ideia.

— Então fuja — falou ela. Ele riu, tenso, mas ela estava falando sério.

— Sabe qual é a questão da liberdade, Kell? Ela não nos vem naturalmente. Quase ninguém a tem entregue de mão beijada. Eu sou livre porque lutei por isso. Você é supostamente o mago mais poderoso em todos os mundos. Se você não quer estar aqui, então vá embora.

O ritmo da música acelerou. Eles se juntaram e depois se afastaram.

— Eu fiz uma promessa a Rhy — disse Kell enquanto eles giravam, levados pela dança. — Que estaria ao lado dele quando ele fosse rei.

Ela deu de ombros.

— Que eu saiba, ele ainda não está no trono. Olhe, eu fiquei aqui porque não tenho nada para o que voltar. Não há razão alguma para que você vá e não possa retornar. Talvez só precise esticar as pernas. Viver um pouco. Ver o mundo. Então você pode voltar e se estabelecer. E então você e Rhy podem viver felizes para sempre.

Ele bufou.

— Mas, Kell... — disse ela, com seriedade — ...não faça o que eu fiz.

— Vai ter que ser mais específica.

Ela pensou em Barron, no relógio de prata no fundo do casaco.

— Se você decidir partir, quando decidir partir, não faça isso sem dizer adeus.

A música atingiu suas notas finais, e Kell girou Lila em seus braços. Seus corpos se entrelaçaram, e ambos perderam o fôlego. Da última vez

que eles se abraçaram, estavam feridos, sangrando e prestes a serem presos. Aquilo parecera real; isso parecia um sonho.

Por cima do ombro de Kell, Lila viu a princesa de Vesk no canto do salão, cercada por cavaleiros, fuzilando-a com o olhar. Lila lançou-lhe um sorriso e deixou que Kell a conduzisse para fora do salão, por entre um par de colunas.

— Então, Kamerov? — disse ela quando encontraram um lugar calmo para conversar.

Ele a apertou ainda mais.

— Ninguém sabe. Ninguém *pode* saber.

Ela lançou a ele um olhar intimidador.

— Eu pareço do tipo que entrega segredos? — perguntou ela. Kell nada disse, apenas examinou-a com aquele estranho olhar de dois tons, como se esperasse que ela desaparecesse. — Então... — começou ela, pegando um copo de espumante de uma bandeja que passava. — Você matou o verdadeiro Kamerov?

— O quê? É lógico que não. Ele é uma invenção. — Kell franziu o cenho. — *Você* matou o verdadeiro Elsor?

Lila sacudiu a cabeça.

— Ele está em um navio para Denolar. Ou era Delo...

— *Delonar*? — explodiu Kell, balançando a cabeça. — Santos, no que você estava pensando?

— Não sei — respondeu ela, honestamente. — Eu não entendo o que sou, como estou viva, o que sou capaz de fazer. Acho que só queria tentar descobrir.

— Você não precisava entrar no torneio de maior visibilidade dos três impérios para testar suas habilidades recém-descobertas.

— Mas está sendo divertido.

— Lila — disse ele gentilmente, e pela primeira vez sua voz não parecia zangada. Tensa, sim, mas não nervosa. Ele alguma vez tinha dito o nome dela daquela forma? Soava quase como um desejo.

— Sim? — perguntou ela, sua respiração superficial.

— Você precisa desistir.

E foi assim que a ternura entre eles se despedaçou, substituída pelo Kell de que ela se lembrava: teimoso e mandão.

— Não, não preciso — disse ela.

— Você não pode continuar.

— Cheguei até aqui. Não vou desistir.

— Lila...

— O que vai fazer, Kell? Mandar me prender?

— Eu deveria.

— Mas eu não sou Stasion Elsor — falou ela, gesticulando para o vestido de baile. — Sou Delilah Bard. — A verdade realmente era o melhor disfarce. A carranca dele ficou ainda pior. — Vamos, não seja um mau perdedor.

— Eu entreguei a luta — explodiu ele. — E, mesmo que não tivesse entregado, você *não pode* continuar.

— Eu posso e vou.

— É perigoso demais. Se você derrotar Rul, será uma das três finalistas. Terá que remover sua máscara. E esse ardil pode funcionar a distância, mas você honestamente acredita que ninguém irá notar quem você é, e quem você não é, quando mostrar o seu rosto? Além disso, eu a vi na arena hoje...

— Quando eu *ganhei*?

— Quando você *vacilou*.

— Cheguei até aqui.

— Senti seu poder falhar. Vi a dor escrita em seu rosto.

— Isso nada teve a ver com a nossa disputa...

— O que vai acontecer se você perder o controle?

— Não vou perder.

— Você se lembra da regra cardinal da magia? — pressionou ele. — *Poder no equilíbrio. Equilíbrio no poder.* — Ele levantou a mão dela, franzindo o cenho ao olhar as veias no dorso. Estavam mais escuras do que deveriam ser. — Não acredito que você esteja em equilíbrio. Você está pegando e usando, e isso terá um preço.

Lila enrijeceu, aborrecida.

— O que é, Kell? Você está bravo comigo, está preocupado comigo ou feliz em me ver? Porque não consigo acompanhar.

Ele suspirou.

— Estou sentindo tudo isso. Lila, eu...

Mas ele parou de falar quando viu algo atrás dela. Lila observou a luz deixar os olhos dele, sua mandíbula cerrar.

— Ah, aí está você, Bard — falou uma voz familiar, e ela se virou para ver Alucard se aproximando. — Santos, isso é um *vestido*? A tripulação nunca vai acreditar.

— Só pode ser brincadeira — rosnou Kell.

Alucard o viu e então parou. Ele emitiu um som entre uma risadinha e uma tosse.

— Desculpe, eu não quis interromper...

— Está tudo bem, capitão — disse Lila ao mesmo tempo que Kell rosnou:

— Vá embora, Emery.

Lila e Kell se entreolharam, confusos.

— Você *o conhece*? — perguntou Kell.

Alucard endireitou-se.

— Evidente que sim. Bard trabalha para mim a bordo do *Night Spire*.

— Sou a melhor ladra dele — retrucou Lila.

— Bard — repreendeu Alucard —, não chamamos de roubo na presença da coroa.

Kell, entretanto, parecia estar prestes a perder a cabeça.

— Não — murmurou, passando a mão pelos cabelos cor de cobre. — Não. Não. Há *dezenas*.

— Kell? — indagou ela, movendo-se para tocar o braço dele.

Ele a repeliu.

— *Dezenas* de navios, Lila! E você tinha que subir a bordo *deste*.

— Sinto muito — respondeu ela, encrespando-se. — Eu achava que era livre para fazer o que bem entendesse.

— Para ser justo — acrescentou Alucard —, acho que ela estava planejando roubar o *Spire* e cortar minha garganta.

— Então por que não fez isso? — rosnou Kell, girando ao redor dela.

— Você está sempre tão ansiosa para talhar e apunhalar, por que não *o* esfaqueou?

Alucard inclinou-se.

— Acho que ela está começando a gostar de mim.

— *Ela* pode falar por si mesma — retrucou Lila. E se virou para Kell.

— Por que você está tão chateado?

— Porque Alucard Emery é um nobre sem valor com charme demais e honra de menos, e você escolheu ir embora com *ele*.

As palavras cortaram o ar conforme Rhy dobrava a esquina.

— Por que diabos vocês estão gritando?... — O príncipe parou quando viu Kell, Lila e Alucard agrupados ali. — Lila! — exclamou ele, alegremente. — Então você não é mesmo um fruto da imaginação de meu irmão.

— Olá, Rhy — disse ela com um sorriso torto. Lila se virou para Kell, mas ele já estava saindo intempestivamente do salão de baile.

O príncipe suspirou.

— O que você fez agora, Alucard?

— Nada — respondeu o capitão inocentemente.

Rhy virou-se para ir atrás de Kell, mas Lila se adiantou.

— Eu cuido disso.

* * *

Kell escancarou um par de portas do pátio. Por um instante ele ficou parado ali, deixando o ar gelado açoitá-lo sua pele. E então, quando o frio enregelante não era mais suficiente para aplacar sua frustração, ele mergulhou na noite de inverno.

Uma mão pegou a dele quando pisou na varanda, e Kell soube sem olhar para trás que era a dela. As pontas dos dedos de Lila ardiam de calor, e sua pele absorveu a faísca. Ele não olhou para trás.

— Olá — disse ela.

— Olá — falou ele, a palavra soando áspera.

Kell continuou seguindo em frente para a varanda, a mão dela frouxamente entrelaçada na dele. O vento frio se aquietou ao redor dos dois quando alcançaram a beirada.

— De todos os navios, Lila.

— Você vai me contar por que o odeia? — perguntou ela.

Kell não respondeu. Em vez disso, olhou para o Atol.

Alguns instantes depois, começou a falar:

— A Casa Emery é uma das famílias mais antigas de Arnes. Possui laços longínquos com a Casa Maresh. Reson Emery e o rei Maxim eram amigos íntimos. A rainha Emira é prima de Reson. E Alucard é o segundo filho de Reson. Três anos atrás, ele foi embora no meio da noite. Nenhuma

palavra. Nenhum aviso. Reson Emery veio pedir ajuda ao rei Maxim para encontrá-lo. E Maxim veio até mim.

— Você usou sua magia de sangue, como fez para encontrar Rhy e eu?

— Não — falou Kell. — Eu disse ao rei e à rainha que não consegui localizá-lo, mas a verdade é que nunca tentei.

Lila franziu a testa.

— Por que diabos não tentou?

— Não é óbvio? — perguntou Kell. — Porque fui eu quem lhe disse para ir embora. E eu queria que ele continuasse longe.

— Por quê? O que ele fez com você?

— Não *comigo* — respondeu Kell, com a mandíbula cerrada.

Os olhos de Lila brilharam com compreensão.

— Rhy.

— Meu irmão tinha 17 anos quando se apaixonou pelo seu *capitão*. Então Emery partiu o coração dele. Rhy ficou devastado. Eu não precisava de uma tatuagem mágica para saber a dor que meu irmão estava sentindo. — Ele passou a mão livre pelos cabelos. — Eu disse a Alucard que desaparecesse, e ele o fez, mas não ficou longe. Não, ele reapareceu alguns meses depois, quando foi arrastado de volta para a capital por crimes contra a coroa. Pirataria, dentre todas as coisas. O rei e a rainha encerraram a acusação, como um favor para a Casa Emery. Deram o *Night Spire* a Alucard, o acolheram sob o nome da coroa e mandaram que tomasse seu rumo. E eu disse a ele que se ele *voltasse* a pisar em Londres, eu o mataria. Pensei que desta vez ele fosse me ouvir.

— Mas ele voltou.

Kell apertou os dedos ao redor dos dela.

— Voltou. — A pulsação dela batia contra a dele, forte e firme. Ele não queria soltar. — Alucard sempre foi descuidado ao tratar de preciosidades.

— Eu não o escolhi — explicou ela, afastando Kell da beirada. — Só escolhi fugir.

Ela começou a se soltar, mas ele não estava pronto para deixar. Kell a puxou para si, seus corpos aninhados para se proteger do frio.

— Você acha que algum dia vai parar de fugir?

O corpo dela ficou tenso contra o dele.

— Não sei como.

A mão livre de Kell subiu pelo braço nu de Lila e rumou até a nuca. Ele inclinou a cabeça e descansou a testa na dela.

— Você poderia simplesmente... — sussurrou ele — ficar.

— Ou você poderia vir — retrucou ela — comigo.

As palavras eram um sopro de névoa contra os lábios dele, e Kell percebeu que estava se inclinando, atraído pelo calor dela, pelas palavras dela.

— Lila — disse ele, o nome doendo em seu peito.

Ele queria beijá-la.

Mas ela o beijou primeiro.

A última vez — a única vez — fora apenas um espectro dos lábios dela contra os dele. Estiveram ali e logo foram embora, tão rapidamente, um beijo roubado para dar sorte.

Isso era diferente.

Eles colidiram como se estivessem sendo impulsionados pela gravidade, e ele não sabia qual deles estava atraindo o outro; sabia apenas que estavam colidindo. Este beijo era a essência de Lila comprimida em um único gesto. Seu orgulho descarado, sua determinação obstinada, sua imprudência, sua ousadia e sua fome de liberdade. Era tudo isso ao mesmo tempo e deixou Kell sem fôlego. Roubou o ar dos pulmões dele. Lila pressionou os lábios fortemente contra os dele, e seus dedos se entrelaçaram com o seu cabelo conforme os dedos de Kell desciam pelas costas dela, enrolando-se com as intrincadas dobras de seu vestido.

Ela o empurrou para o parapeito e ele arquejou: o choque da pedra gelada misturado ao calor do corpo dela no seu. Kell podia sentir o coração de Lila acelerado, sentir a energia crepitando através dela, através dele. Eles rodopiaram, enlevados em outra dança, e então ele a imprensou contra a parede recoberta de geadas. A respiração dela parou, e Lila encravou as unhas no couro cabeludo dele. Ela enterrou os dentes no lábio inferior dele, derramando sangue, e deu uma risada maliciosa, e ainda assim ele a beijou. Não por desespero, por esperança ou por sorte, mas simplesmente porque ele queria. Santos, ele queria. Ele a beijou até a noite fria sumir e seu corpo inteiro cantar de calor. Ele a beijou até o fogo dizimar o pânico, a raiva e o peso em seu peito; até ele poder respirar novamente e até ambos ficarem sem fôlego.

E, quando eles se separaram, ele pôde sentir o sorriso dela nos lábios dele.

— Estou feliz por você ter voltado — sussurrou ele.

— Eu também estou — disse ela. E então olhou nos olhos dele e acrescentou: — Mas não vou desistir do torneio.

O momento se desfez. Despedaçado. O sorriso era firme e mordaz, e o calor desaparecera.

— *Lila...*

— *Kell* — imitou ela, libertando-se dele.

— Este jogo tem consequências.

— Posso lidar com elas.

— Você não está escutando — falou ele, exasperado.

— Não — explodiu ela —, *você* não está! — Ela lambeu o sangue de seus próprios lábios. — Eu não preciso ser salva.

— Lila — começou ele, mas ela já estava fora de alcance.

— Tenha um pouco de fé — disse ela, abrindo a porta. — Vou ficar bem.

Kell a observou ir embora, esperando que estivesse certa.

II

Ojka se agachou no pátio do palácio, escondida na sombra abaixo do encontro da varanda com o muro, o capuz escondendo o cabelo carmesim. Dentro deste estranho castelo de rio parecia estar havendo algum tipo de celebração. A luz dançava sobre as pedras e a música atravessava as portas. O ar frio mordida a pele de Ojka, mas ela não se importou. Estava acostumada ao frio, ao frio *de verdade*. E, comparativamente, o inverno nesta Londres era moderado.

Atrás do vidro enregelado, homens e mulheres comiam e bebiam, riam e giravam por uma ornamentada pista de dança. Nenhum deles tinha marcações. Nenhum deles tinha cicatrizes. Do outro lado do corredor, a magia estava sendo usada para coisas insignificantes, como acender braseiros, esculpir estátuas de gelo, encantar instrumentos e entreter convidados.

Ojka sibilou, enojada pelo desperdício de poder. Uma nova runa de tradução foi marcada em seu pulso, mas ela não precisava falar a língua local para saber o quanto eles estavam esbanjando. Desperdiçando vida, enquanto o povo dela passava fome em um mundo estéril.

Antes de Holland, ela se corrigiu. Agora tudo estava mudando. O mundo estava se curando, florescendo, mas será que algum dia se pareceria com *este*? Meses atrás, teria sido algo impossível de se imaginar. Agora era apenas difícil. O mundo de Ojka estava sendo lentamente despertado pela magia. Este aqui era um mundo agraciado havia muito.

Poderia uma pedra polida algum dia parecer verdadeiramente uma joia?

Ela sentiu uma vontade súbita de pôr fogo em algo.

Ojka, soou uma voz gentil e repreensiva em sua cabeça, suave e provocante como o sussurro de um amante. Ela levou os dedos até o olho,

o nó no cordel que a unia a seu rei. Seu rei, que podia ouvir seus pensamentos, sentir seus desejos — poderia sentir *todos*? — como se ambos fossem um só.

Eu não faria isso, Majestade, pensou ela. *Não a menos que o agradasse. Daí eu faria qualquer coisa.*

Ela sentiu a linha entre eles relaxar conforme o rei retornava para sua própria mente. Ojka voltou a atenção para o baile.

E então o viu.

Alto, magro, vestido de preto, circulando pelo salão com uma garota bonita em trajes verdes. Sob um círculo de prata e madeira, o cabelo da menina era claro, mas o de Kell era vermelho. Não tão vermelho quanto o de Ojka, não, mas o cobre ainda captava a luz. Um dos olhos dele era claro, o outro tão preto quanto o dela, quanto o de Holland.

Mas ele não se parecia em *nada* com o seu rei. Seu rei era belo, poderoso e perfeito. Esse *Kell* não passava de um menino magro.

E, no entanto, ela o reconhecera à primeira vista, não apenas porque Holland o conhecia, mas porque ele reluzia para ela como uma chama na escuridão. A magia irradiava como calor nos contornos da silhueta dele, e, quando seu olho escuro flutuou preguiçosamente pela parede de janelas, passando pela sombra, pela neve e por Ojka, ela *sentiu* seu olhar. Ele ondulou através dela, e ela se preparou, certa de que ele a veria, a sentiria, mas ele nada percebera. Ela se perguntou se o vidro era espelhado em vez de translúcido, de modo que todos lá dentro veriam apenas a si mesmos. Sorrisos refletindo de novo e de novo, enquanto lá fora a escuridão espreitava, mantida a distância.

Ojka ajustou seu equilíbrio no parapeito da varanda. Ela chegara até ali passando por uma série de degraus de gelo forjados no muro do palácio, mas a construção em si provavelmente era protegida contra invasores. Na única vez que ela tentara entrar por um par de portas no andar superior, havia sido repelida: não de forma barulhenta nem dolorosa, mas *vigorosamente*. O feitiço estava fresco, e a magia, ainda forte.

A única forma de entrar parecia ser pelas portas da frente, mas Holland a advertira a não causar tumulto.

Ela puxou o cordel em sua mente e o sentiu dominar a corda.

Eu o encontrei. Ela nem se deu ao trabalho de explicar. Simplesmente olhou. Ela era a visão do rei. O que via, ele também via. *Devo forçá-lo a*

sair?

Não, soou a voz do rei na mente dela. Cantava lindamente nos ossos dela. Kell é mais forte do que parece. Se tentar forçá-lo e falhar, ele nunca sairá. Ele precisa ir sozinho. Seja paciente.

Ojka suspirou. *Muito bem.* Mas a mente dela estava inquieta, e seu rei sabia. Uma calma tranquilizante passou para ela através das palavras dele, de seu comando.

Você não é apenas minha visão, disse ele. Você é minhas mãos, minha boca, minha vontade. Espero que se comporte como eu faria.

Farei isso, respondeu ela. E não falharei.

III

— Você está um lixo.

As palavras de Alucard reverberaram na mente de Lila; foram as únicas que ele dissera a ela naquela manhã, quando ela lhe desejara boa sorte.

— Você diz as coisas mais gentis — resmungara ela antes de escapar para sua própria tenda.

Mas a verdade era que Lila se *sentia* um lixo. Não conseguira dormir no quarto de Elsor, então voltara para a Wandering Road, com seus aposentos lotados e rostos familiares. Mas, sempre que fechava os olhos, estava de volta naquele maldito caixote ou na varanda com Kell. No final, ela passara a maior parte da noite olhando para a luz da vela que bruxuleava contra o teto, enquanto Tav e Lenos roncavam — vá saber onde Vasry estava — e as palavras de Kell repetiam-se continuamente em sua cabeça.

Ela fechou os olhos e sentiu o corpo cambalear levemente.

— Mestre Elsor, você está bem?

Lila voltou a prestar atenção ao seu redor. Ister estava colocando a última placa de armadura em sua perna.

— Estou bem — murmurou ela, tentando se concentrar nas lições de Alucard.

A magia é uma conversa.

Seja uma porta aberta.

Vá no ritmo das ondas.

No momento, ela se sentia como uma costa rochosa.

Olhou para o próprio pulso. A pele dos locais feridos pelas cordas já estava cicatrizando, mas, quando ela virou as mãos, viu que suas veias estavam escuras. Não pretas, como os gêmeos Dane, mas não tão claras

quanto deveriam estar. Uma onda de preocupação a percorreu, seguida rapidamente por irritação.

Ela estava bem.

Ficaria bem.

Chegara até ali.

Delilah Bard *não* desistia.

Kell vencera o veskano, Rul, por apenas dois pontos e perdera para ela por quatro. Ele estava fora do páreo, mas Lila poderia perder por um ponto e ainda avançaria. Além disso, Alucard já havia vencido sua segunda disputa, assegurando seu lugar entre os três finalistas ao lado da maga chamada Tos-an-Mir, uma das famosas gêmeas faroenses. Se Lila vencesse, finalmente teria uma chance de lutar contra ele. A perspectiva a fez sorrir.

— O que é isso? — perguntou Ister, indicando com a cabeça o fragmento de pedra pálida em sua mão.

Lila estivera esfregando-a, distraidamente. Agora ela a segurava à luz da tenda. Se ela apertasse os olhos, quase conseguiria ver o canto dos lábios de Astrid, congelada no que poderia ser uma risada ou um grito.

— Um lembrete — respondeu Lila, guardando o pedaço de estátua lascado no casaco que estava jogado sobre uma almofada.

Talvez fosse um pouco mórbido, mas isso fazia Lila se sentir melhor, sabendo que Astrid tinha parecido e jamais retornaria. Se *houvesse* uma espécie de magia que pudesse trazer de volta uma rainha malvada transformada em pedra, ela esperava que fossem ser necessárias todas as partes da estátua. Dessa forma, podia ter certeza de que uma sempre estaria faltando.

— De quê? — indagou Ister.

Lila pegou os punhos de adaga e os deslizou para dentro das placas de seus antebraços.

— De que eu sou mais forte do que as minhas chances — falou ela, saindo da tenda.

De que cruzei mundos e salvei cidades.

Lila entrou no túnel do estádio.

De que derrotei reis e rainhas.

Ela ajustou o capacete e caminhou para a arena, inundada pelos aplausos.

De que sobrevivi a coisas impossíveis.

Rul estava no centro do pátio, uma figura alta.

De que sou Delilah Bard...

Ela estendeu suas esferas, a visão borrando por um instante antes de soltá-las.

E ninguém pode me deter.

* * *

Kell estava na varanda de seu quarto, o círculo de ouro entre suas mãos no parapeito, os sons do estádio reverberando através do metal.

A arena leste pairava bem ao lado do palácio, seus dragões de gelo fluando no rio ao redor, as barrigas vermelhas. Com a ajuda de uma luneta, Kell podia ver o estádio: os dois guerreiros eram manchas brancas contra o chão de pedra escura; Lila com a máscara escura de demônio; Rul com o rosto canino de aço, o próprio cabelo selvagem se projetando como uma juba, um rufo ao redor do pescoço. A flâmula dele era um lobo azul contra um fundo branco, mas a multidão estava cheia de lâminas de prata cruzadas sobre o preto.

Hastra estava atrás de Kell, nas portas da varanda, e Staff ao lado das portas do quarto.

— Você o conhece, não é? — perguntou Hastra. — Stasion Elsor?

— Não tenho certeza — murmurou Kell.

Lá embaixo, a arquibancada aplaudiu. A disputa havia começado.

Rul escolhera terra e fogo, e os elementos giravam em torno dele. Ele trouxera uma alça e um cabo para a arena. A terra girou em torno do cabo, endurecendo para formar um escudo de pedra, ao passo que o fogo formou uma espada curva. Os punhos de Lila ganharam vida, como no dia anterior, um de fogo e outro de gelo. Por um instante, ambos ficaram parados, entreolhando-se, avaliando-se.

E então colidiram.

Lila atingiu o primeiro golpe, alcançando por baixo da espada de Rul, depois girando atrás dele e enfiando a adaga de fogo na placa da parte traseira de sua perna. Ele se contorceu, mas ela já estava de pé e fora de alcance, preparando outro ataque.

Rul era mais alto por pelo menos uns trinta centímetros e duas vezes mais largo, mas era mais rápido do que um homem de seu tamanho seria normalmente. Quando ela tentou encontrar de novo um espaço sob a guarda dele, falhou, perdendo duas placas na tentativa.

Lila deslocou-se para trás, e Kell podia imaginá-la dimensionando o homem, procurando uma entrada, uma fraqueza, uma abertura. De alguma forma, ela encontrou uma. E depois outra.

Ela não lutava como Rul, Kisimyr ou Jinnar. Não lutava como qualquer pessoa que Kell tivesse visto. Não era a questão de ser *melhor* — embora ela fosse certamente rápida e inteligente —, tratava-se apenas do fato de que ela lutava na arena da forma como ele supunha que ela fazia nas ruas da Londres Cinza. Como se tudo estivesse em jogo. Como se o adversário fosse a única coisa entre ela e a liberdade.

Logo ela passou à frente, seis pontos a cinco.

E então, de repente, Rul atacou.

Ela estava correndo na direção dele, estava no meio do passo quando ele virou o escudo de pedra e atirou-o como um disco. O objeto atingiu Lila no peito com força suficiente para jogá-la contra a coluna mais próxima. O clarão de luz das placas quebradas explodiu no abdômen, ombros e coluna, e Lila desmoronou no chão de pedra.

A multidão ofegou, e a voz no círculo de ouro anunciou o dano.

Quatro placas.

— *Levante-se* — rosnou Kell enquanto observava Lila lutando para se pôr de pé, uma das mãos segurando as costelas. Ela deu um passo e quase caiu, obviamente abalada, mas Rul ainda estava atacando. O enorme disco voltou voando para a mão dele, e em um único movimento fluido ele o girou e lançou novamente, dando mais potência à força da magia.

Lila devia ter visto o ataque, reparado que a pedra estava avançando contra ela. Para o horror de Kell, porém, ela não se esquivou. Em vez disso, ela soltou as duas adagas e jogou as *mãos* para o alto, em vez de seus antebraços, para bloquear o golpe.

Era loucura.

Não funcionaria. Não poderia funcionar. E, no entanto, de alguma forma, o escudo de pedra *desacelerou*.

Uma onda de espanto percorreu a multidão quando eles perceberam que Stasion Elsor não era um mago duplo, afinal. Ele tinha que ser um

tríade.

O escudo se arrastou pelo ar, como se estivesse lutando contra uma corrente, e parou a alguns centímetros das mãos estendidas de Lila. Ele pairou ali, suspenso.

Mas Kell sabia que o objeto não estava simplesmente erguido no ar.

Lila o estava *empurrando*. Tentando dominar o elemento de Rul da mesma forma que havia feito com o dele. Mas Kell deixara que ela o fizesse, ele havia *parado* de lutar. Rul, momentaneamente atordado, agora redobrava seus esforços. As botas de Lila deslizaram para trás pelo chão de pedra enquanto ela empurrava o disco com toda a sua força.

A arena em si pareceu tremer, e o vento soprou conforme os magos lutavam, comando contra comando.

Entre Lila e Rul, o disco de terra estremeceu. Através da luneta, Kell podia ver os membros dela tremendo, seu corpo curvado para a frente com o esforço.

Pare!, ele queria gritar, mas Lila continuava empurrando.

Sua tola teimosa, pensou Kell quando Rul convocou uma explosão de força, levantou sua espada de fogo e a atirou. A lâmina se projetou, mas deve ter atraído a atenção de Lila, porque ela vacilou, apenas o suficiente. Então o escudo de pedra tremulou para a frente e a atingiu na perna. Um golpe de raspão, mas duro o suficiente.

A décima placa fora quebrada.

A partida terminara.

A multidão irrompeu em aplausos, e Rul deu um grito vitorioso. Porém, a atenção de Kell ainda estava em Lila, que estava ali, com os braços dos lados do corpo, a cabeça inclinada para trás, parecendo estranhamente em paz.

Até o instante em que ela vacilou e desmoronou.

IV

Kell já estava atravessando o quarto quando a voz do juiz verteu do círculo, requisitando um médico.

Ele avisara a ela. Várias vezes, ele avisara.

A faca já estava na mão de Kell antes que ele alcançasse o segundo cômodo, com Hastra em seus calcanhares. Staff tentou bloquear o caminho, mas Kell era mais rápido, mais forte, e ele estava na alcova antes que os guardas pudessem detê-lo.

— *As Staro* — disse ele, selando a porta fechada atrás de si e desenhando o símbolo enquanto Staff esmurrava a madeira. — *As Tascen*.

O palácio se desfez, substituído pela tenda do torneio.

— *Rul é o vencedor* — anunciava o juiz enquanto Kell emergia da tenda de Kamerov e passava para a de Lila. Ele chegou lá quando dois assistentes a colocavam em um sofá, uma terceira tentando retirar o capacete. Eles se assustaram ao vê-lo e ficaram pálidos.

— Saiam — ordenou Kell. — Todos vocês.

Os dois primeiros recuaram instantaneamente, porém a terceira — uma sacerdotisa — o ignorou e continuou a retirar os pedaços articulados da máscara de demônio da cabeça de Lila e colocá-los de lado. Sob o capacete, o rosto de Lila estava fantasmagoricamente branco, com veias escuras tracejando as têmporas, e dois filetes de um vermelho-escuro escorrendo do nariz. A sacerdotisa pousou uma das mãos no rosto dela e, um instante depois, os olhos de Lila se abriram. Uma série de xingamentos subiu até a garganta de Kell, mas ele segurou a língua. Ele a segurou quando ela respirou com dificuldade e quando se arrastou para conseguir se sentar, ele se conteve quando ela levantou a cabeça, flexionou os dedos e levou um pano ao nariz.

— Pode ir, Ister — falou ela, limpando o sangue.

Kell segurou a língua o quanto pôde, mas, no momento em que a sacerdotisa saiu, ele não se conteve mais.

— Eu avisei! — gritou ele.

Lila estremeceu, tocando uma das têmporas com a mão.

— Estou bem — murmurou ela.

Kell emitiu um som abafado.

— Você desabou na arena!

— Foi uma partida difícil — rebateu ela, levantando-se, incapaz de esconder que não conseguia se equilibrar.

— Como você pode ser tão estúpida? — vociferou ele, a voz aumentando. — Você está sangrando, e o sangue está preto. Você brinca com a magia como se fosse um jogo. Você sequer entende as regras. Ou pior, decide que não há nenhuma. Você sai pisoteando o mundo, fazendo o que bem entende. É descuidada. Insensível. Imprudente.

— Falem baixo, vocês dois — disse Rhy, entrando na tenda, com Vis e Tolners às suas costas. — Kell, você não deveria estar aqui.

Kell o ignorou e dirigiu-se aos guardas.

— Prendam-na.

— Pelo quê? — grunhiu Lila.

— Acalme-se, Kell — pediu Rhy.

— Por ser uma impostora.

Lila zombou.

— Ah, e quem é você para...

Kell a empurrou com força contra o poste central da tenda, esmagando sua boca com a mão, tampando-a.

— Não se *atreva*.

Lila não revidou. Ela ficou imóvel como uma pedra, os olhos de tons diferentes o encarando. Havia algo selvagem neles, e ele pensou que ela realmente poderia estar com medo, ao menos chocada. Então sentiu a faca pressionada contra seu dorso.

E o olhar em seus olhos dizia que, se não fosse pela presença de Rhy, ela o teria esfaqueado.

O príncipe ergueu a mão.

— *Stasion* — disse ele, dirigindo-se a Lila enquanto segurava o ombro de Kell. — Por favor. — Ela baixou a faca, e Rhy puxou Kell para longe com a ajuda de Tolners.

— Você nunca escuta. Você nunca *pensa*. Ter poder é uma responsabilidade, Lila, uma que você claramente não merece.

— Kell — advertiu Rhy.

— Por que você a está defendendo? — explodiu ele, dando a volta no irmão. — Por que eu sou o único neste maldito mundo a ser responsabilizado por minhas ações?

Eles apenas o encaravam, o príncipe e os guardas, e Lila teve a coragem de sorrir. Era um sorriso sombrio e desafiador, manchado pelo sangue escuro que ainda marcava seu rosto.

Kell jogou as mãos para cima e saiu intempestivamente.

Ecoando nos paralelepípedos, ele ouviu o som das botas de Rhy o seguindo, mas Kell precisava de espaço, precisava de ar. E, sem saber direito o que estava fazendo, desembainhou a faca e puxou o colar com as moedas para fora da gola do casaco.

A última coisa que ele ouviu antes de pressionar os dedos ensanguentados na parede mais próxima foi a voz de Rhy lhe pedindo que parasse, mas então o feitiço brotou nos lábios de Kell e o mundo já se afastava, levando tudo com ele.

V

Em um instante Kell estava ali e no momento seguinte ele se fora, nada mais que um pouco de sangue na parede marcando sua passagem.

Rhy ficou em pé do lado de fora da tenda, olhando para o lugar em que seu irmão estivera, seu peito doendo não por uma dor física, mas pela súbita e horrível compreensão de que Kell havia ido propositalmente para onde ele não podia segui-lo.

Tolners e Vis apareceram como sombras atrás dele. Uma multidão estava se reunindo, alheia à discussão na tenda, alheia a tudo exceto à presença do príncipe no meio deles. Rhy sabia que deveria estar recompondo suas feições, abrindo um sorriso, mas não conseguia. Não conseguia desviar os olhos daquela marca de sangue.

Maxim apareceu com os guardas de Kell em seus calcanhares. A multidão se dividiu, dando passagem ao rei, que sorriu, acenando com a cabeça e com a mão mesmo enquanto tomava o braço de Rhy e o guiava de volta para o palácio. Falando sobre a rodada final, os três campeões e os eventos da noite, ele preencheu o silêncio com fragmentos de conversa inúteis até as portas do palácio se fecharem atrás deles.

— O que aconteceu? — explodiu o rei, arrastando-o para um aposento privado. — Onde está Kell?

Rhy se jogou em uma cadeira.

— Não sei. Ele estava no quarto dele, mas, quando viu a disputa desandar, foi até as tendas. Ele só estava preocupado, pai.

— Com o quê?

Não com o quê, pensou Rhy. *Com quem*. Mas ele não podia exatamente contar ao rei sobre a garota que desfilava como Stasion Elsor. A mesma que espalhara a Noite Preta por toda a cidade ao lado de Kell e que

também salvara o mundo, é claro, mas isso não importaria. Então, ele simplesmente disse:

— Nós brigamos.

— Onde ele está agora?

— Não sei. — Rhy colocou a cabeça entre as mãos, o cansaço pesando sobre ele.

— Levante-se — ordenou seu pai. — Vá se arrumar.

Rhy levantou a cabeça lentamente.

— Para quê?

— Para os festejos de hoje à noite, obviamente.

— Mas Kell...

— *Não* está aqui — disse o rei, sua voz pesada como uma pedra. — Ele pode ter abandonado os deveres, mas você não abandonou. Você *não vai* abandonar. — Maxim já estava indo para a porta. — Quando Kell retornar, eu lidarei com ele, mas, enquanto isso, você ainda é o príncipe de Arnes. Sendo assim, agirá como tal.

* * *

Kell se recostou contra o frio muro de pedra enquanto os sinos de Westminster soavam as horas.

Seu coração batia freneticamente pelo que havia feito.

Ele havia *fugido*. Fugido da Londres Vermelha. Fugido de Rhy. Fugido de Lila. Fugido de uma cidade e deixado uma bagunça em seu encalço.

E tudo isso a um passo de distância. Separado por um mundo inteiro.

Se você não quer estar aqui, então vá embora.

Fuja.

Não fora a intenção dele. Ele queria apenas um instante de paz, um momento para *pensar*; e agora estava ali, o sangue fresco pingando na rua gelada, a voz do irmão ainda ecoando em sua cabeça. A culpa o invadiu, mas ele a varreu da mente. Não era diferente das centenas de viagens que ele havia feito ao exterior, cada uma colocando-o fora de alcance.

Desta vez, simplesmente, a escolha havia sido *dele*.

Kell endireitou-se e saiu andando pelas ruas. Ele não sabia para onde estava indo, sabia apenas que o primeiro passo não era suficiente.

Precisava seguir em movimento antes que a culpa o castigasse. Ou o frio. O inverno da Londres Cinza tinha uma umidade incômoda, então ele puxou o casaco, baixou a cabeça e caminhou.

Cinco minutos depois, estava parado à porta da Five Points.

Ele poderia ter ido a qualquer lugar, mas sempre terminava ali. A única explicação real era que havia uma memória muscular. Seus pés o levavam por caminhos exauridos do mundo, a inclinação cósmica, uma deformação gravitacional que atraía massa e magia para um ponto fixo.

Lá dentro, um rosto familiar olhou para ele de trás do bar. Não era a larga testa nem a barba escura de Barron, mas os grandes olhos de Ned Tuttle, o queixo alongado, o sorriso amplo, surpreso e *maravilhado*.

— Mestre Kell!

Pelo menos o jovem Entusiasta não se lançou por cima do balcão quando Kell entrou. Ele apenas deixou cair três copos e derrubou uma garrafa de vinho do Porto. Kell deixou que os primeiros caíssem, mas salvou a bebida alguns centímetros antes que a garrafa batesse no chão: um gesto que passou despercebido por todos, exceto Ned.

Kell sentou-se em um dos bancos altos, e um instante depois um copo de uísque escuro apareceu diante dele. Não era magia, apenas Ned. Quando sorveu o conteúdo do copo em um único gole, a garrafa apareceu ao seu lado.

O Entusiasta fingiu se ocupar com um punhado de outros clientes enquanto Kell bebia. Ao fim do terceiro copo ele desacelerou; afinal, não era apenas o seu corpo que estava vandalizando. Mas por quantas noites Kell suportara a bebedeira de Rhy? Em quantas manhãs acordara com o sabor rançoso de vinhos e elixires recobrando a língua?

Kell serviu um pouco mais de bebida no copo.

Ele podia sentir os olhos dos clientes sobre si, e se perguntou se eles estavam sendo atraídos pela magia ou por fofocas. Será que podiam sentir a atração, o limite da gravidade, ou era apenas um rumor boca a boca? O que Ned contara? Alguma coisa? Tudo?

Naquele momento, Kell não se importava. Queria apenas sufocar seus sentimentos antes que estes o sufocassem. Apagar a imagem do rosto sangrento de Lila antes que arruinasse a lembrança de sua boca na dele.

Foi apenas uma questão de tempo antes que Ned reaparecesse, mas, quando o fez, não foi com perguntas ou conversas sem sentido. Em vez

disso, o jovem esguio se serviu de uma bebida da mesma garrafa, cruzou os braços na borda do balcão e colocou algo à frente de Kell. O objeto reluziu à luz da lamparina.

Um lin da Londres Vermelha.

A moeda que Kell havia deixado para trás em sua última visita.

— Acho que isso é seu — disse ele.

— É, sim.

— Tem cheiro de tulipas.

Kell inclinou a cabeça e o salão se inclinou junto.

— O rei da Inglaterra sempre disse que era de rosas.

Ned ficou boquiaberto.

— George Quarto disse isso?

— Não, o Terceiro — respondeu Kell, distraído, acrescentando: — o Quarto é um imbecil.

Ned quase engasgou com a bebida, soltando uma risada simples e espantada. Kell estalou os dedos, o lin da Londres Vermelha ficou em pé e começou a rodopiar em círculos preguiçosos. Os olhos de Ned se arregalaram.

— Será que um dia conseguirei fazer isso?

— Espero que não — disse Kell, olhando para ele. — Você não deveria ser capaz de fazer nada.

As feições esguias do homem se contorceram.

— Por quê?

— Há muito tempo, esse mundo, o seu mundo, possuía a própria magia.

Ned se inclinou para a frente como uma criança esperando pelo monstro na história.

— O que aconteceu?

Kell sacudiu a cabeça, o uísque embaralhando seus pensamentos.

— Uma porção de coisas muito ruins. — A moeda descreveu revoluções lentas. — A questão é o equilíbrio, Ned. — Por que Lila não conseguia entender? — Caos precisa de ordem. Magia precisa de moderação. É como o fogo. Não tem autocontrole. Ele se alimenta do que você der a ele, e, se você o alimentar demais, vai queimar e queimar até não restar mais nada.

Kell explicou:

— Seu mundo já teve fogo. Não era muito, pois estava muito longe da fonte, mas era o suficiente para queimar. Nós o eliminamos antes que pudesse fazê-lo, e o que restou começou a diminuir. Eventualmente, ele apagou.

— Mas como você sabe que nós teríamos queimado? — perguntou Ned, os olhos brilhando, febris.

Kell tocou de leve na moeda e a derrubou.

— Porque ter muito pouco de algo é tão perigoso quanto ter demais. — Ele se endireitou no banco. — O caso é que a magia não deveria mais existir aqui. Não deveria ser *possível*.

— Impossibilidade é algo que implora para ser refutado — disse Ned, alegremente. — Talvez não tenha sido possível por anos, talvez nem seja possível no momento, mas isso não significa que *não pode* ser. Não significa que *nunca* mais será. Você diz que a magia foi drenada, que a chama se extinguiu. Mas e se o fogo simplesmente precisasse ser alimentado?

Kell se serviu de outra bebida.

— Talvez você esteja certo.

Mas espero que esteja errado, pensou ele. Pelo bem de todos nós.

* * *

Rhy *não* estava disposto.

Não estava disposto a ir ao baile.

Não estava disposto a ser anfitrião.

Não estava disposto a sorrir, a brincar e a fingir que estava tudo bem. Seu pai lhe lançava olhares de advertência e a mãe o olhava de soslaio, como se pensasse que ele iria quebrar. Ele queria gritar com ambos por afugentar seu irmão dali.

Em vez disso, ele ficou entre o rei e a rainha enquanto os três competidores retiravam suas máscaras.

O primeiro a fazer isso foi o veskano, Rul, com seu cabelo áspero descendo pelo maxilar, ainda se vangloriando da vitória sobre Elsor.

Depois foi a vez de Tos-an-Mir, metade das favoritas gêmeas faroenses, suas joias tracejando formas de chamas em seu rosto, do cenho

ao queixo.

E, é lógico, Alucard Emery. Patife, libertino, membro da realeza e o mais novo queridinho do império arnesiano.

Rhy parabenizou o lorde Sol-in-Ar e o príncipe Col pela excelente exibição, anunciando seu encantamento pelo equilíbrio da disputa — um arnesiano, um faroense e um veskano nas finais! Quais eram as chances? — e depois se retirou para o refúgio de uma das colunas para beber em paz.

As festas daquela noite estavam sendo realizadas no Jewel Hall, um salão de baile feito inteiramente de vidro. Em um lugar tão aberto, Rhy sentia-se como se estivesse em um sepulcro.

Ao redor dele, pessoas bebiam. Pessoas dançavam. Música tocava.

Do outro lado do salão, a princesa Cora flertava com meia dúzia de nobres arnesianos enquanto olhava para todos os lados à procura de Kell.

Rhy fechou os olhos e se concentrou na pulsação do irmão, um eco da sua; tentou alcançá-lo através desse ritmo e transmitir... o quê? Que estava com raiva? Que sentia muito? Que não conseguiria chegar até o fim sem Kell? Que não o culpava por ter fugido? Que o *culpava*, sim?

Volte para casa, pensou ele, com algum egoísmo. *Por favor*.

Aplausos polidos soaram pelo salão de vidro, e ele abriu os olhos de má vontade para ver os três campeões retornando com roupas novas, suas máscaras enfiadas sob os braços, os rostos expostos.

Rul, com seu ar de lobo feroz, dirigiu-se diretamente para a mesa de bufê mais próxima, onde seus companheiros de Vesk já haviam bebido bastante.

Tos-an-Mir passou pela multidão seguida pela irmã, Tas-on-Mir, que sofrera sob a primeira vitória de Kell. Rhy só conseguia distingui-las pelas joias dispostas em suas peles escuras: Tos-an-Mir usava gemas cor de laranja flamejante, ao passo que as de Tas-on-Mir eram de um azul perolado.

Alucard era o centro de seu próprio universo particular. Rhy observou quando uma bela representante da *ostra* levou os lábios pintados até a orelha de Alucard para sussurrar algo e sentiu suas mãos apertando o cálice com mais vigor.

Alguém se recostou na coluna, ao lado dele. Uma figura magra, vestida de preto. Lila parecia melhor do que naquela tarde: ainda abatida, com

sombras como hematomas sob os olhos e, no entanto, ágil o suficiente para afanar dois cálices de uma bandeja que passava. Ela ofereceu um para Rhy. Ele o pegou, distraído.

— Você voltou.

— Bem — disse ela, indicando o salão de baile com a bebida —, vocês sabem como dar uma festa.

— Para Londres — elucidou Rhy.

— Ah — retrucou ela. — Isso.

— Você está bem? — perguntou ele, pensando na disputa daquela tarde.

Ela engoliu em seco, mantendo os olhos na multidão.

— Não sei.

Um silêncio se formou em torno deles, uma ilha de quietude em um mar de sons e barulho.

— Sinto muito — falou ela, finalmente, as palavras tão baixas que Rhy quase não as ouviu.

Ele virou o ombro para ela.

— Pelo quê?

— Na verdade, não sei. Parecia a coisa certa a dizer.

Rhy tomou um longo gole de sua bebida e analisou aquela garota estranha, suas linhas afiadas, o rosto resguardado.

— Kell tem apenas dois rostos — disse ele.

Lila arqueou uma sobrancelha.

— *Apenas* dois? A maioria das pessoas não tem só um?

— Pelo contrário, senhorita Bard. E você é Bard novamente, a julgar pelas suas roupas? Suponho que Stasion tenha sido deixado em algum lugar para se recuperar? A maioria das pessoas tem muito mais do que dois. Eu mesmo tenho um guarda-roupa inteiro.

Ele não sorriu quando disse isso. Seu olhar foi até os pais, até os nobres arnesianos, até Alucard Emery.

— Mas Kell tem apenas dois. Aquele que usa para o mundo em geral e aquele que usa para aqueles que ama. — Ele bebericou seu vinho. — Para nós.

A expressão de Lila endureceu.

— O que ele sente por mim não é amor.

— Porque não é suave, doce e apaixonado? — Rhy se jogou para trás, esticando-se contra a coluna. — Você sabe quantas vezes ele quase me espancou por amor? Quantas vezes eu fiz o mesmo? Eu vejo a forma como ele olha para aqueles que odeia... — Ele balançou a cabeça. — Há muito poucas coisas de que meu irmão gosta, e ainda menos pessoas.

Lila engoliu em seco.

— O que você acha que ele está fazendo?

Rhy olhou para o vinho.

— A julgar pela rapidez com que isso está me subindo à cabeça — falou ele, levantando o cálice —, eu diria que ele está afogando as mágoas, assim como eu.

— Ele vai voltar.

Rhy fechou os olhos.

— Eu não voltaria.

— Voltaria — afirmou Lila. — Voltaria, sim.

* * *

— Ned — falou Kell, já nas primeiras horas da manhã —, da última vez em que estive aqui, você queria me dar algo. O que era?

Ned olhou para baixo e balançou a cabeça.

— Ah, nada.

Mas Kell tinha visto a empolgação nos olhos do homem e, mesmo que ele não pudesse aceitar o que quer que fosse, ainda assim queria saber.

— Conte pra mim.

Ned mordeu o lábio, depois assentiu. Ele buscou algo embaixo do balcão e puxou um pedaço de madeira esculpida. Era aproximadamente do comprimento de uma mão, da palma à ponta do dedo, todo gravado com um padrão e com a extremidade pontiaguda.

— O que é isso? — perguntou Kell, curioso e confuso.

Ned levou o lin da Londres Vermelha até ele e equilibrou a ponta do bastão esculpido em seu topo. Quando ele soltou, a madeira não caiu. Ficou ali, perfeitamente vertical, a extremidade entalhada equilibrada sobre a moeda.

— Magia — disse Ned com um sorriso cansado. — Pelo menos era o que eu pensava. Agora sei que não é realmente magia. É apenas um truque inteligente com ímãs. — Ele cutucou a madeira com o dedo. Ela balançou e então voltou a ficar de pé. — Mas, quando eu era jovem, isso me fazia acreditar. Mesmo quando descobri que era um truque, eu ainda *queria* acreditar. Afinal, só porque isso não era magia, não significava que nada fosse. — Ele arrancou o bastão de seu poleiro e o colocou no balcão, bocejando.

— Eu deveria ir — falou Kell.

— Você pode ficar.

Era muito tarde, ou muito cedo, e a Five Points já estava vazia havia muito tempo.

— Não — disse Kell, simplesmente. — Não posso.

Antes que Ned pudesse insistir, antes que ele pudesse se oferecer para manter a taverna aberta, antes que pudesse dar a Kell o quarto no alto das escadas — aquele com a porta verde e a parede ainda estragada por seu primeiro encontro com Lila, quando ele a prendera na madeira, aquela marcada pelo feitiço de localização de Kell e manchada com o sangue de Barron —, Kell se levantou e saiu.

Ele ergueu a gola do casaco, adentrou na escuridão e começou a andar novamente. Andou pelas pontes e pelas ruas da Londres de Lila, pelos parques e trilhas. Andou até seus músculos doerem e a empolgação agradável do uísque esvaecer, então restou apenas aquela dor teimosa em seu peito, a pressão enervante da culpa, da necessidade, do dever.

E, ainda assim, ele caminhou.

Não conseguia parar de caminhar. Se parasse, começaria a pensar, e, se pensasse demais, voltaria para casa.

Ele andou por horas e, apenas quando parecia que suas pernas sucumbiriam se não parasse, ele finalmente se jogou em um banco ao lado do Tâmis e ouviu os sons da Londres Cinza, semelhante e ao mesmo tempo tão diferente da sua.

O rio não possuía luz. Era um estirão de preto que se tornava roxo com as primeiras insinuações da manhã.

Ele revirou as opções em sua mente como se fossem os lados de uma moeda.

Vá embora.

Vá para casa.

Vá embora.

Vá para casa.

Vá embora.

VI

Londres Vermelha

Ojka perambulou por entre as sombras do palácio, furiosa consigo mesma.

Ela o perdera. Não sabia como ele havia escapado, apenas que o fizera. Ela passara o dia procurando por ele nas multidões, esperara a noite cair, voltara para seu posto de guarda na varanda, mas o salão de baile estava escuro, e a celebração, em algum outro lugar. Um fluxo constante de homens e mulheres subia e descia os degraus, desaparecia e ressurgia, mas nenhum deles era Kell.

Nas horas mais escuras da noite, ela viu uma dupla de guardas, homens vestidos esplendidamente em vermelho e dourado, inclinando-se um para o outro na sombra dos degraus do palácio, falando baixo. Ojka desembainhou sua lâmina. Ela não conseguia decidir se deveria cortar as gargantas e roubar suas armaduras, ou torturá-los para obter informações. Mas, antes que ela pudesse fazer qualquer uma dessas coisas, ouviu um nome soando entre eles.

Kell.

Ao se aproximar deles, a runa de tradução começou a queimar contra a pele dela, e as palavras tomaram forma.

— ... dizendo que ele se foi... — continuou um.

— O que você quer dizer com *se foi*? Foi raptado?

— Fugiu. Melhor assim. Sempre me deu arrepios...

Ojka sibilou, recuando para os bancos. Ele não tinha ido embora. Ele não podia ter ido *embora*.

Ela se ajoelhou na terra fria e tirou um pedaço de pergaminho do bolso, abrindo-o sobre o chão. Em seguida, enfiou seus dedos na terra e arrancou um punhado, esfregando-o na palma da mão.

Não era magia de sangue. Apenas um feitiço que ela usara centenas de vezes em Kosik, para caçar aqueles que lhe deviam dinheiro ou a própria vida.

— *Køs øchar* — pronunciou ela conforme a terra caía no pergaminho. Ao cair, ia tracejando as linhas da cidade, o rio, as ruas.

Ojka limpou as mãos.

— *Køs Kell* — disse ela. Mas o mapa não mudou. A terra não se agitou. Onde quer que Kell estivesse, não estava em Londres. Ojka cerrou os dentes e se levantou, temendo a reação do rei, mesmo enquanto o chamava pelo vínculo.

Ele se foi, pensou ela, recebendo no instante seguinte a resposta de Holland: não apenas a voz dele, mas também seu descontentamento.

Explique.

Ele não está neste mundo, falou ela. *Ele se foi.*

Uma pausa e então: *Ele foi sozinho?*

Ojka hesitou. *Creio que sim. A família real ainda está aqui.*

O silêncio que se seguiu a deixou enjoada. Ela imaginou Holland sentado em seu trono, cercado pelos corpos que haviam falhado. Ela não seria um deles.

Finalmente, o rei falou.

Ele vai voltar.

Como você sabe?, perguntou Ojka.

Ele sempre volta para casa.

* * *

Rhy estava um caco. Ficara acordado durante a noite, remoendo a escuridão, remoendo as lembranças, resistindo ao desejo de tomar algo para dormir sem saber onde Kell estava e o que poderia acontecer com seu irmão se ele o fizesse. Em vez disso, o príncipe havia se revirado na cama por metade da noite antes de atirar longe os cobertores e andar de um lado para o outro até o amanhecer finalmente despontar na cidade.

A disputa final do *Essen Tasch* aconteceria em poucas horas. Rhy não se importava com o torneio. Não se importava com Faro, Vesk ou com a política. Ele só se importava com o irmão.

E Kell ainda estava sumido.

Ainda sumido.

Ainda sumido.

A escuridão zumbia na cabeça de Rhy.

O palácio estava acordando à volta dele. Logo ele teria que exhibir a coroa e o sorriso, desempenhar o papel de príncipe. Ele passou as mãos pelos cabelos, estremecendo de dor quando um cacho ficou preso em um de seus anéis. Rhy xingou. Então parou de perambular.

Os olhos dele dançaram pelo quarto, passaram pelos travesseiros, cobertores e sofás, tantas coisas *macias*, antes de pousar no broche real. Rhy o havia deixado de lado com sua camisa depois do baile, e agora reluzia com a primeira luz da manhã.

Ele testou a ponta contra o polegar, mordendo o lábio quando a peça derramou sangue. Rhy observou a gota brotar e escorrer pela palma de sua mão, seu coração acelerando. Então levou o broche até a dobra de seu antebraço.

Talvez fosse o resquício de álcool. Ou talvez fosse o pânico que o corroía por saber que ele não poderia chegar a Kell. Ou a culpa de saber o quanto seu irmão havia sacrificado, ou a necessidade egoísta de pedir que ele desistisse de algo mais, que voltasse, que voltasse para casa, que levou Rhy a pressionar a ponta do broche na carne macia do interior do antebraço e começar a escrever.

* * *

Kell sibilou com a súbita ardência em sua pele.

Ele estava acostumado com dores entorpecidas, dores sutis, ecos das várias peripécias de Rhy, mas essa era nítida e pungente, deliberada de uma forma que um golpe certo nas costelas ou uma joelhada nunca foram. A dor se arrastou pela parte de dentro do braço esquerdo, e ele levantou a manga, esperando ver sangue manchando sua túnica ou marcas vermelhas em sua pele, mas nada havia. A dor parou, então começou de novo, arranhando o braço em ondas. Não, *linhas*.

Kell olhou para a pele, tentando compreender aquela dor abrasadora.

Então, de repente, ele entendeu.

Ele não conseguiu ver as linhas, mas, quando fechou os olhos, sentiu que elas seguiam o caminho sobre a pele da maneira que Rhy costumava rastrear letras com a ponta dos dedos, escrevendo mensagens secretas no braço de Kell. Era um jogo que haviam jogado quando eram jovens, presos lado a lado em algum evento ou jantar enfadonho.

Não era um jogo, não agora. E, no entanto, Kell podia sentir as letras queimando em seu braço, marcadas com algo muito mais afiado do que uma unha.

D

D-E

D-E-S

D-E-S-C

D-E-S-C-U

D-E-S-C-U-L

D-E-S-C-U-L-P

D-E-S-C-U-L-P-E.

* * *

Kell já estava de pé no meio da letra C, xingando a si mesmo por ter ido embora, enquanto alcançava as moedas penduradas no pescoço e abandonava a aurora cinzenta de uma Londres pela manhã vibrante de outra.

Conforme se dirigia ao palácio, pensou em tudo o que gostaria de dizer ao rei, mas, quando subiu as grandes escadas e entrou no saguão, a família real já estava lá. Assim como o príncipe e a princesa de Vesk, além do lorde de Faro.

O olhar de Rhy encontrou o de Kell, e sua expressão ardia de alívio, mas Kell manteve a guarda enquanto avançava. Ele podia sentir a tempestade chegando, a energia no ar pesada com tudo que não fora dito. Ele estava preparado para a luta, para as palavras ásperas, as acusações, as ordens, mas, quando o rei falou, sua voz estava cálida:

— Ah, aí está ele. Estávamos prestes a sair sem você.

Kell não conseguiu esconder sua surpresa. Ele presumira que ficaria confinado ao palácio, talvez indefinidamente. Não que seria recebido de

novo sem a menor reprimenda. Ele hesitou, encontrando o olhar do rei. Estava tranquilo, mas ele podia ver o aviso ali.

— Desculpe meu atraso — disse ele, esforçando-se para manter a voz leve. — Eu estava em uma missão e perdi a noção do tempo.

— Você está aqui agora — falou o rei, levando uma mão ao ombro de Kell. — Isso é o que importa. — A mão apertou com força, e por um instante Kell pensou que não o soltaria. Mas então a procissão partiu, a mão de Maxim se soltou e Rhy chegou perto de Kell. Se por solidariedade ou desespero, ele não sabia.

A arena central estava lotada, as ruas transbordando de espectadores apesar de ser tão cedo. Em uma manobra sagaz, os dragões da arena oeste e os leões da leste foram movidos e agora convergiam para o estádio central. As bestas de gelo estavam no rio, os leões, dispostos em apoios de pedra, e os pássaros, flutuando sobre o estádio central. O piso do estádio era um emaranhado de obstáculos; colunas, pedregulhos e saliências de pedra. As arquibancadas acima fervilhavam com vida e cor: a flâmula de Alucard, com sua pena de prata, tremulava por todos os lados, e em alguns pontos havia o lobo azul de Rul e a espiral preta de Tos-an-Mir.

Quando os três magos surgiram de seus respectivos túneis e assumiram seus lugares no centro do ringue, o rugido foi ensurdecedor; Kell e Rhy se encolheram com o barulho.

Na franca luz da manhã, o príncipe estava horrível — Kell só podia presumir que também estava. Olheiras se destacavam sob os olhos claros de Rhy, que segurava o braço esquerdo com cautela, escondendo as letras recém-marcadas na pele. De todos os lados, o estádio estava vivo com energia e barulho, mas a tribuna real estava perigosamente silenciosa, o ar pesado com coisas não ditas.

O rei mantinha os olhos no chão da arena. A rainha finalmente lançou um olhar para Kell, mas estava cheio de desprezo. O príncipe Col pareceu sentir a tensão e observava tudo com seus olhos azuis de rapina, enquanto Cora parecia alheia aos humores perigosos, ainda irritada com a sutil rejeição de Kell.

Somente lorde Sol-in-Ar pareceu imune à atmosfera conflituosa. Seu humor até parecia estar melhor que o habitual.

Kell examinou as massas lá embaixo. Não percebeu que estava procurando por Lila até a encontrar na multidão. Isso deveria ser

impossível em um espaço tão gigantesco, mas ele podia sentir o deslocamento da gravidade, a atração de sua presença, e seus olhos encontraram os dela do outro lado do estádio. De onde estava, não conseguia ver os traços dela, não poderia saber se seus lábios estavam se movendo, mas ele os imaginava formando a palavra *olá*.

De repente Rhy deu um passo à frente, conseguindo reunir uma centelha de seu charme habitual enquanto levava o amplificador de ouro até os lábios.

— Bem-vindos! — gritou ele. — *Glad'ach! Sasors!* Que torneio! Seria mesmo justo que nossos três grandes impérios se encontrassem aqui, representados igualmente por três grandes competidores. De Faro, uma gêmea por nascimento, sem igual no ringue, a flamejante Tos-an-Mir. — Assovios encheram o ar quando a faroense se curvou, sua máscara de ouro cintilando na luz. — De Vesk, um lutador feroz, um lobo de homem, Rul! — Na arena, Rul soltou um uivo, e os veskanos na multidão o imitaram. — E, obviamente, do nosso império de Arnes, o capitão do mar, o príncipe do poder, Alucard!

Os aplausos foram estrondosos, e até Kell bateu palmas, ainda que devagar e sem fazer muito barulho.

— As regras desta rodada final são simples — continuou Rhy — porque são poucas. Isso não é mais um jogo de pontuação. A armadura de um mago é composta de vinte e oito placas; algumas são alvos largos, outras são pequenas e difíceis de atingir. Hoje, o último com placas intactas ganha a coroa. Então, torçam por seus magos, porque apenas um deixará esse ringue como campeão!

As trombetas soaram, as esferas caíram, e Rhy recuou para a sombra da plataforma quando a partida começou.

Lá embaixo, os magos se tornaram um borrão de elementos: a terra e o fogo de Rul; o fogo e o ar de Tos-an-Mir; a terra, o ar e água de Alucard. *Lógico que ele é um tríade*, pensou Kell com aspereza.

Levou menos de um minuto para Alucard atingir o primeiro golpe no ombro de Rul. Levou mais de cinco para Rul acertar o segundo na canela de Alucard. Tos-an-Mir parecia satisfeita em deixar os dois homens se atacarem, até que Alucard lhe acertou um golpe gelado na parte de trás dos joelhos, e ela se juntou à briga.

O ar na tribuna real era sufocante. Rhy ficou em silêncio, jogado e cansado na sombra do toldo da varanda, enquanto Kell permanecia vigilante ao lado do rei, cujo olhar nunca se afastava da partida.

Na arena, Tos-an-Mir se movia como uma sombra usando máscara de ouro, dançando no ar, enquanto Rul se abaixava e pulava com seu jeito de predador lupino. Alucard ainda se movia com o equilíbrio de um nobre, mesmo que seus elementos se arqueassem e quebrassem em torno dele em uma tempestade. Os sons da luta se perdiam sob a torcida crescente, mas todos os pontos eram marcados por uma explosão de luz, um clarão resplandecente que elevava o tom da multidão.

E então, misericordiosamente, a tensão na tribuna real começou a diminuir. O humor se amainou como o ar depois de uma tempestade, e Kell ficou tonto de alívio. Assistentes trouxeram chá. Príncipe Col fez uma piada, e Maxim riu. A rainha elogiou o mago de lorde Sol-in-Ar.

Ao fim de uma hora, Rul já não tinha mais placas e estava sentado no chão de pedra, parecendo aturdido, enquanto Alucard e Tos-an-Mir realizavam uma verdadeira dança um ao redor do outro, colidindo como espadas antes de se separar. Então, lenta porém seguramente, Alucard Emery começou a perder. Kell sentiu seu espírito se animar, embora Rhy tenha cutucado seu ombro quando ele chegou longe demais ao torcer por um dos pontos de Tos-an-Mir. Alucard enfim reagiu, diminuindo a vantagem, e ambos caíram em um empate.

Por fim, Tos-an-Mir se colocou atrás de Alucard e sob sua guarda. Ela se moveu para quebrar a última das suas placas com uma rajada de vento em forma de faca, porém, no último instante, ele se virou e saiu do caminho. Lançou um açoite de água que partiu a última placa da armadura dela.

E assim, acabou.

Alucard Emery vencera.

Kell soltou um gemido quando o estádio irrompeu em barulho, atirando vivas, rosas e flâmulas prateadas, enchendo o ar com um nome.

— Alucard! Alucard! Alucard!

E mesmo com Rhy tendo o bom senso de não vibrar e gritar como o resto da multidão, Kell podia vê-lo radiante e orgulhoso quando avançou para anunciar formalmente o vencedor do *Essen Tasch*.

Santo, pensou Kell. Emery ia ficar ainda mais insuportável.

Lorde Sol-in-Ar se dirigiu a Tos-an-Mir e à multidão em faroense; a princesa Cora elogiou Rul e os veskanos reunidos; e finalmente o príncipe Rhy dispersou as arquibancadas com a promessa de festas e cerimônias de encerramento, o restante do dia seria um motivo de celebração.

O rei sorriu e até bateu de leve nas costas de Kell quando a família Maresh voltou para o palácio, uma corrente de súditos alegres em seu encalço.

E enquanto subiam as escadas do palácio e entravam no salão repleto de flores, parecia que tudo ficaria bem.

Então Kell viu a rainha segurar Rhy no patamar com uma palavra, uma pergunta, e, quando ele se virou para ver por que haviam parado, as portas estavam se fechando, bloqueando a luz da manhã e os sons da cidade. No saguão sombrio, Kell viu o brilho cortante do metal quando o rei se despiu da ilusão de bondade e disse apenas duas palavras, nem mesmo dirigidas a ele, mas aos seis guardas que estavam circulando por ali.

Duas palavras que fizeram Kell desejar nunca ter voltado.

— Prendam-no.

VII

Lila ergueu seu cálice junto com a tripulação do *Night Spire*, brindando ao seu capitão.

Estavam todos reunidos nas mesas e cadeiras da Wandering Road, e era como se estivessem de volta ao navio depois de uma boa noite de ação, rindo, bebendo e contando histórias antes de ela e o capitão se recolherem.

Alucard Emery estava machucado, ensanguentado e, sem dúvida, exausto, mas isso não o impediu de comemorar. Ele estava em cima de uma mesa no centro do salão, pagando bebidas e discursando sobre pássaros e dragões; Lila não sabia ao certo, tinha parado de ouvir. Sua cabeça ainda estava martelando, e seus ossos doíam com cada movimento. Tieren lhe dera algo para aliviar a dor e restaurar suas forças, insistindo também em uma dieta de alimentos sólidos e noites bem dormidas. Ambos pareciam tão prováveis quanto sair de Londres sem um preço por sua cabeça. Enfim, ela tomou o tônico e fez promessas vagas sobre o resto.

— Equilíbrio — instruíra ele, colocando o frasco na mão dela — não é apenas importante para a magia. Parte disso é simplesmente bom senso. O corpo é um receptáculo. Se não for manuseado com cuidado, irá quebrar. Todo mundo tem limites. Até você, senhorita Bard.

Ele se virara para ir embora, mas ela o chamara de volta.

— Tieren. — Ela tinha que saber, antes de desistir de mais uma vida.
— Certa vez você me disse que viu algo em mim. Poder.

— Sim, eu disse.

— E o que você viu? — perguntara ela. — O que eu sou?

Tieren lançara a ela um de seus olhares longos e penetrantes.

— Você está perguntando se eu acredito que você seja uma *Antari*.

Lila assentiu.

— Não posso responder isso — dissera Tieren, simplesmente. — Eu não sei.

— Pensei que você fosse sábio — resmungara ela.

— Quem lhe disse isso? — Mas então seu rosto ficara sério. — Você é *algo*, Delilah Bard. Quanto ao quê, exatamente, não posso dizer. Mas, de uma forma ou de outra, imagino que vamos descobrir.

Um copo quebrou em algum lugar do salão, e a atenção de Lila se voltou para a taverna e para Alucard, ainda sobre a mesa.

— Ei, capitão — gritou Vasry. — Eu tenho uma pergunta! O que você está planejando fazer com todos esses ganhos?

— Comprar uma tripulação melhor — respondeu Alucard, a safira cintilando novamente em sua sobancelha.

Tav botou o braço nos ombros de Lila.

— Onde você esteve, Bard? Mal tenho visto você!

— Vejo vocês o suficiente a bordo do *Spire* — resmungou ela.

— Você fala grosso — disse Vasry, os olhos vidrados pela bebida —, mas tem o coração mole.

— Mole como uma faca.

— Sabe, uma faca só é algo ruim se você estiver do lado errado.

— Ainda bem que você é uma de nós.

O peito dela ficou apertado. Eles não sabiam nada sobre sua artimanha, sobre o real Stasion Elsor estar perdido em algum lugar do mar, sobre o fato de que Alucard a eliminara da tripulação.

Seus olhos encontraram os de Lenos do outro lado da mesa, e havia algo no olhar dele que a fez achar que *ele* soubesse. Que ela estava indo embora, pelo menos, mesmo que não soubesse o porquê da partida.

Lila se levantou.

— Preciso de um pouco de ar — murmurou, mas, depois de passar pela porta, ela não parou.

Ela já estava a meio caminho do palácio antes que se desse conta, e então continuou se dirigindo para lá até subir os degraus e encontrar mestre Tieren no patamar. E ver nos olhos dele que algo estava errado.

— O que foi? — perguntou ela.

O *Aven Essen* engoliu em seco.

— É Kell.

* * *

A prisão real era reservada para casos especiais.

Naquele momento, Kell parecia ser o único prisioneiro. Nada havia em sua cela exceto um catre e um par de argolas de ferro presas à parede. As argolas eram obviamente destinadas a segurar correntes, mas, no momento, não havia nenhuma. Havia apenas algemas em seus pulsos, frias e carregadas de magia. Cada pedaço de metal na cela fora marcado, encantado para anular ou amortecer qualquer poder. Ele sabia. Ajudara a conjurá-los.

Kell sentou-se na cama com as pernas cruzadas, a cabeça inclinada para trás na parede de pedra fria. A prisão era alojada na base do palácio, um pilar acima do Dique onde ele treinava. Mas, ao contrário do Dique, as paredes eram reforçadas, e nenhuma luz vermelha do rio as atravessava. Apenas o frio do inverno.

Kell estremeceu um pouco; haviam levado seu casaco junto com os amuletos de viagem que ficavam em seu pescoço e pendurado ambos na parede do lado de fora da cela. Ele não lutou contra os homens. Tinha ficado atordoado demais para se mover conforme os guardas se aproximavam, colocando bruscamente as algemas de ferro em seus pulsos. Quando se deu conta do que estava acontecendo, era tarde demais.

Nas horas seguintes, a raiva de Kell tinha esfriado e endurecido.

Dois guardas estavam do lado de fora da cela, observando-o com uma mistura de medo e fascínio, como se ele pudesse realizar um feitiço a qualquer momento. Ele fechou os olhos e tentou dormir.

Passos ecoaram na escada. Quem seria?

Tieren já havia estado ali. Kell fizera apenas uma pergunta para o ancião.

— Você sabia sobre Lila?

A expressão nos olhos de Tieren lhe dissera tudo o que ele precisava saber.

Os passos se aproximaram, e Kell ergueu os olhos, esperando pelo rei ou por Rhy. Mas, em vez disso, viu a rainha.

Emira ficou do outro lado das barras, resplandecente em suas vestes vermelhas e douradas, o rosto uma máscara inexpressiva. Se ela estava

feliz em vê-lo enjaulado ou triste com a visão, não demonstrava. Ele tentou encontrar os olhos dela, mas eles fugiram para a parede atrás da cabeça dele.

— Você tem tudo de que precisa? — perguntou ela, como se ele fosse um hóspede em uma das alas luxuosas do palácio, não um prisioneiro em uma cela.

Um riso ameaçou subir pela garganta de Kell. Ele engoliu em seco e nada disse.

Emira levou uma das mãos até as barras, como se estivesse testando sua força.

— As coisas não deveriam ter chegado a esse ponto.

Ela se virou para ir, mas Kell se sentou na beira da cama.

— Você me odeia, minha rainha?

— Kell — disse ela, gentilmente —, como eu poderia lhe odiar? — Algo nele se suavizou. Os olhos escuros dela finalmente encontraram os dele. Então ela disse: — Você devolveu meu filho.

As palavras o dilaceraram. Houve um tempo em que ela dizia ter dois filhos, não um. Se ele não tinha perdido todo o amor dela, havia perdido isso.

— Você a conheceu? — perguntou Kell.

— Quem? — perguntou a rainha.

— Minha verdadeira mãe.

As feições de Emira se contraíram e ela franziu os lábios.

Do andar superior ouviu-se uma porta sendo escancarada.

— Onde ele está? — Rhy desceu a escada como um furacão.

Kell pôde ouvi-lo chegando a um quilômetro de distância, podia sentir a raiva do príncipe enroscando-se na sua, fervilhante, enquanto a de Kell era gélida. Rhy chegou à prisão, olhou para Kell atrás das barras e ficou pálido.

— Deixem-no sair *imediatamente* — exigiu o príncipe.

Os guardas baixaram a cabeça em uma mesura, mas permaneceram em seus lugares, as mãos com manoplas ainda imóveis ao lado do corpo.

— Rhy — começou Emira, buscando o braço do filho.

— Saia de perto de mim, mãe — retrucou ele, virando as costas para ela. — Se não o soltarem — disse ele aos guardas —, então ordeno que me prendam.

Os guardas permaneceram impassíveis.

— Quais são as acusações? — rosnou ele.

— Traição — falou Emira ao mesmo tempo que um guarda respondeu:

— Desobediência ao rei.

— Eu desobedeço ao rei o tempo todo — afirmou Rhy. — E *eu* não fui preso. — Ele ofereceu as mãos.

Kell observou a briga dos dois, concentrando-se no frio, deixando-o se espalhar como geada e dominar tudo. Ele estava cansado de se importar.

— Isso não vai ficar assim. — Rhy agarrou as barras, expondo a manga dourada de sua camisa. Sangue havia transpassado o tecido, pontilhando-o no lugar em que ele entalhara a palavra.

Emira empalideceu.

— Rhy, você está machucado! — Ela olhou imediatamente para Kell, os olhos tão cheios de acusação. — O que...

O som de outras botas ecoou nas escadas, e um instante depois o rei estava ali, sua silhueta preenchendo a soleira da porta. Maxim olhou para a esposa e para o filho e ordenou:

— Saiam.

— Como o senhor pôde fazer isso? — demandou Rhy.

— Ele infringiu a lei — disse a rainha.

— Ele é meu irmão.

— Ele não é...

— *Saiam!* — gritou o rei.

A rainha ficou em silêncio e as mãos de Rhy penderam ao lado do corpo enquanto ele olhava para Kell, que assentiu taciturnamente.

— Vá.

Rhy sacudiu a cabeça e saiu. Emira era um fantasma silencioso em seu encalço, e Kell ficou sozinho para enfrentar o rei.

* * *

O príncipe passou por Lila como um raio.

Segundos depois, ela ouviu algo se quebrando e se virou para ver Rhy agarrado ao aparador mais próximo, um vaso quebrado aos seus pés. A água se infiltrara no tapete e se espalhara pelo chão de pedra, as flores

espalhadas no meio do vidro quebrado. A coroa de Rhy tinha desaparecido, e seus cachos estavam desgrenhados. Os ombros dele tremiam de raiva, e os nós de seus dedos agarrados ao móvel estavam brancos.

Lila sabia que provavelmente deveria ir embora, fugir antes que Rhy a notasse, mas seus pés já a levavam na direção do príncipe. Ela pisou na bagunça de pétalas e cacos de vidro.

— O que esse vaso fez a você? — perguntou ela, recostando o ombro na parede.

Rhy ergueu o olhar, seus olhos cor de âmbar rajados de vermelho.

— Receio que seja apenas um espectador inocente — respondeu ele. As palavras saíram vazias, sem humor.

Ele baixou a cabeça e soltou um suspiro trêmulo. Lila hesitou. Ela sabia que provavelmente devia fazer uma reverência, beijar a mão dele ou desmaiar; ou ao menos explicar o que estava fazendo ali, nos salões privados do palácio, o mais perto da prisão que conseguiria chegar. Mas, em vez disso, estalou os dedos, conjurando uma pequena adaga.

— Quem eu preciso matar?

Rhy emitiu um som abafado, algo entre um soluço e uma risada, e se agachou, ainda agarrado à borda de madeira do aparador. Lila se abaixou ao lado dele, então se mexeu com cautela e se recostou no aparador. Ela esticou as pernas, as botas pretas desgastadas afundando no tapete macio.

Um instante depois, Rhy desabou no tapete ao lado dela. A manga da camisa estava manchada com sangue seco, mas ele escondeu o braço junto à barriga. Obviamente não queria falar sobre isso, então ela não perguntou. Havia questões mais urgentes.

— Seu pai prendeu mesmo Kell?

Rhy engoliu em seco e assentiu silenciosamente.

— Cristo — murmurou ela. — E agora?

— O rei o deixará ir, quando sua raiva se acalmar.

— E depois?

Rhy balançou a cabeça.

— Honestamente, não sei.

Lila deixou a cabeça se apoiar no aparador, depois se encolheu.

— É culpa minha, sabe — falou o príncipe, esfregando o braço ensanguentado. — Eu pedi a ele para voltar.

Lila bufou.

— Bem, eu disse a ele para ir embora. Acho que nós dois somos culpados. — Ela respirou profundamente e se levantou. — Vamos?

— Aonde estamos indo?

— Nós o colocamos lá — disse ela. — Agora vamos tirá-lo.

* * *

— Não era isso o que eu queria — afirmou o rei.

Ele pegou um molho de chaves e destrancou a cela de Kell, então abriu as algemas de ferro. Kell esfregou os pulsos, mas não fez nenhum outro movimento quando o rei saiu pela porta aberta da cela, puxou uma cadeira e se sentou.

Maxim parecia cansado. Fios de prata haviam aparecido em suas têmporas, e eles reluziram à luz da lamparina. Kell cruzou os braços e esperou que o monarca encontrasse seu olhar.

— Obrigado — disse o rei.

— Pelo quê?

— Por não ir embora.

— Eu fui.

— Eu quis dizer daqui.

— Estou em uma cela — falou Kell secamente.

— Nós dois sabemos que isso não o impediria.

Kell fechou os olhos e ouviu o rei se recostar de volta na cadeira.

— Admito que perdi a paciência — declarou Maxim.

— O senhor me *prendeu* — rosnou Kell, sua voz tão baixa que o rei poderia não ter escutado se houvesse qualquer outro ruído na cela. Em vez disso, as palavras ressoaram, ecoando.

— Você me desobedeceu.

— Desobedeci. — Kell forçou os olhos a ficarem abertos. — Tenho sido leal a essa coroa, a essa família, a minha vida inteira. Eu dei tudo o que tenho, tudo o que sou, e o senhor me trata... — A voz dele vacilou. — Não posso continuar fazendo isso. Pelo menos quando me tratava como um filho, eu conseguia fingir. Mas agora... — Ele balançou a cabeça. — A rainha me trata como um traidor, e o senhor me trata como um prisioneiro.

O olhar do rei escureceu.

— Você criou essa prisão, Kell. Quando você vinculou sua vida à de Rhy.

— O senhor preferia vê-lo morrer? — explodiu Kell. — Eu salvei a vida dele. E, antes de me culpar por colocá-lo em perigo, nós dois sabemos que ele fez isso sozinho. Quando vai parar de punir somente a mim pelos pecados de uma família inteira?

— Vocês colocaram *todo o reino* em perigo com sua tolice. Mas pelo menos Rhy está tentando compensar o erro. Provar que ele merece minha confiança. Tudo o que você fez...

— *Eu trouxe seu filho de volta da morte!* — gritou Kell, levantando-se. — Fiz isso sabendo que vincularia nossas vidas, sabendo o que isso significaria para mim, o que eu me tornaria, sabendo que a ressurreição da vida dele seria o fim da minha, e eu fiz isso de qualquer maneira porque ele é meu irmão, seu filho e o futuro rei de Arnes. — Kell respirou fundo, as lágrimas escorrendo pelo rosto. — O que mais eu posso fazer?

Agora ambos estavam de pé. Maxim agarrou o cotovelo de Kell e o forçou a se aproximar. Kell tentou se libertar, mas Maxim era forte como uma árvore, e sua enorme mão agarrou a parte de trás do pescoço de Kell.

— Não posso *continuar pagando pelos meus erros indefinidamente* — sussurrou Kell no ombro do rei. — Eu dei minha vida a ele, mas o senhor não pode me pedir para deixar de viver.

— Kell — falou ele, suavizando a voz. — Sinto muito. Mas eu não posso deixá-lo ir embora. — O ar ficou preso no peito de Kell. O rei diminuiu a força com que o segurava, então ele se libertou. — Isso é maior do que você e Rhy. Faro e Vesk...

— Eu não me importo com as superstições deles!

— Deveria. As pessoas *agem* movidas por elas, Kell. Nossos inimigos vasculham o mundo em busca de outro *Antari*. Nossos aliados querem você para eles. Os veskanos estão convencidos de que você é a chave do poder do nosso reino. Sol-in-Ar acha que você é uma arma que pode se voltar contra os inimigos.

— Mal sabem eles que sou apenas um *peão* — cuspiu Kell, retirando-se do alcance do rei.

— Estas são as cartas que estão sobre nossa mesa — disse Maxim. — É apenas uma questão de tempo antes que alguém tente cooptá-lo, e, se

eles não puderem ter sua força, acredito que tentarão acabar com ela. Os veskanos estão certos, Kell. Se você morrer, Arnes também morrerá.

— Eu não sou a chave para este reino!

— Mas você é a chave para o meu filho. Para meu herdeiro.

Kell ficou enjoado.

— Por favor — implorou Maxim. — Ouça a voz da razão. — Mas Kell estava cansado da razão, cansado das desculpas. — Todos devemos fazer sacrifícios.

— Não! — gritou Kell. — Para mim, chega de sacrifícios. Quando isso tudo acabar e os lordes, as damas e a realeza tiverem partido, *eu vou embora*.

— Não posso deixar você ir.

— O senhor mesmo disse, Majestade. Não tem poder para me impedir.

— E, com isso, Kell deu as costas para o rei, pegou o casaco que estava pendurado na parede e saiu.

* * *

Quando Kell era criança, costumava ficar no pátio real do palácio, no pomar, fechar os olhos e ouvir a música, o vento, o rio e imaginar que estava em outro lugar.

Em algum lugar sem edifícios, sem palácios, sem pessoas.

Ele estava ali agora, entre as árvores — árvores de inverno, de primavera, de verão e de outono, todas florescendo. Apertou os olhos e ficou a escutar, esperando que a velha sensação de calma o encontrasse. Ele esperou. E esperou. E...

— Mestre Kell.

Ele se virou e viu Hastra alguns passos atrás. Alguma coisa estava errada, e, em um primeiro momento Kell não conseguiu descobrir o que era. Então percebeu que Hastra não usava o uniforme da guarda real. Kell sabia que era por causa dele. Mais um fracasso para adicionar à pilha.

— Desculpe, Hastra. Eu sei o quanto você queria isso.

— Eu queria uma aventura, senhor. E vivi uma. Não é tão ruim. Rhy falou com o rei, e ele concordou em me deixar treinar com o mestre

Tieren. Melhor o Santuário do que uma cela. — Então seus olhos se arregalaram. — Ah, me desculpe.

Kell apenas sacudiu a cabeça.

— E Staff?

Hastra fez uma careta.

— Receio que o senhor esteja preso a ele. Foi Staff quem chamou o rei quando o senhor sumiu da primeira vez.

— Obrigado, Hastra — falou ele. — Se como sacerdote você tiver metade das qualidades que demonstrou como guarda real, é melhor o *Aven Essen* tomar cuidado para não perder sua posição.

Hastra abriu um sorriso e foi embora. Kell ouviu o som dos passos dele se afastando do pátio, ouviu o som distante das portas do pátio se fechando e voltou sua atenção para as árvores. O vento aumentou, e o farfalhar das folhas era quase alto o suficiente para abafar os sons do palácio, para ajudá-lo a esquecer o mundo que esperava atrás daquelas portas.

Eu vou embora, pensou ele. *Você não tem poder para me impedir.*

— Mestre Kell.

— O que foi agora? — perguntou ele, virando-se para trás. Ele franziu o cenho. — Quem é você?

Havia uma mulher ali, entre duas árvores, as mãos cruzadas às costas e a cabeça inclinada como se estivesse esperando há algum tempo, embora Kell nem tivesse ouvido sua aproximação. Seu cabelo vermelho flutuava como uma chama acima de sua capa branca imaculada, e ele se perguntou por que ela parecia tão estranha e tão familiar ao mesmo tempo. Era como se eles já se conhecessem, embora ele tivesse certeza que não.

E então a mulher se empertigou e ergueu o olhar, revelando o rosto. A pele era clara, os lábios, vermelhos, e ela tinha uma cicatriz sob dois olhos de cores diferentes, um amarelo e o outro, impressionantemente preto.

Ambos os olhos se estreitaram, mesmo quando um sorriso dançou nos lábios dela.

— Tenho procurado você por toda parte.

VIII

O ar ficou preso no peito de Kell. A marca de *Antari* ficava confinada aos limites de um olho, mas o preto da íris da mulher se derramava como lágrimas por sua bochecha, linhas pretas como tinta corriam para seu cabelo vermelho. Não era natural.

— Quem é você?

— Meu nome — disse ela — é Ojka.

— *O que* é você? — perguntou ele.

Ela inclinou a cabeça.

— Sou uma mensageira. — Ela estava falando em ilustre real, mas seu sotaque era grosseiro, e ele conseguia ver a runa de tradução aparecendo por baixo da manga de sua camisa. Então, ela era da Londres Branca.

— Você é uma *Antari*? — Mas isso não era possível. Kell era o último deles. Sua cabeça girou. — Não pode ser.

— Sou apenas uma mensageira.

Kell sacudiu a cabeça. Algo estava errado. Ele não a *sentia* como uma *Antari*. A magia dela era mais estranha, mais sombria. Ela deu um passo à frente, e ele se pegou recuando. As árvores ficaram mais densas, mudando da primavera ao verão.

— Quem enviou você?

— Meu rei.

Então alguém reivindicara o trono da Londres Branca. Era apenas uma questão de tempo.

Ela deu outro passo lento à frente, e Kell manteve sua distância, passando do verão para o outono.

— Estou feliz por ter encontrado você — disse a jovem. — Estive procurando.

O olhar de Kell passou por ela e foi até as portas do palácio.

— Por quê?

Ela percebeu o olhar dele e sorriu.

— Para enviar uma mensagem.

— Se você tem uma mensagem para a coroa — disse ele —, entregue-a você mesma.

— Minha mensagem não é para a coroa — pressionou ela. — É para *você*.

Um tremor o percorreu.

— O que você poderia dizer a mim?

— Meu rei precisa de sua ajuda. Minha cidade precisa de sua ajuda.

— Por que eu? — perguntou ele.

A expressão dela mudou para a tristeza:

— Porque é sua culpa.

Kell deu um passo para trás, como se tivesse sido atingido.

— O quê?

Ela continuou avançando na direção dele, que continuou recuando, e logo eles estavam no inverno, um ninho de galhos nus balançando ao vento.

— A culpa é sua. Você derrubou os Dane. Você matou nosso último *Antari* verdadeiro. Mas *você* pode nos ajudar. Nossa cidade precisa de você. Por favor, venha. Encontre meu rei. Ajude-o a reconstruir.

— Não posso simplesmente ir embora — disse ele, as palavras saindo automaticamente.

— Não pode? — perguntou a mensageira, como se tivesse ouvido os pensamentos dele.

Eu vou embora.

A mulher — Ojka — gesticulou para uma árvore próxima, e Kell notou a espiral já desenhada em sangue. Uma porta.

Os olhos dele se dirigiram ao palácio.

Fique.

Você criou essa prisão.

Não posso deixar você ir.

Fuja.

Você é um Antari.

Ninguém pode detê-lo.

— E então? — perguntou Ojka, estendendo a mão, as veias pretas na pele dela. — Você vem?

* * *

— Como assim ele foi libertado? — explodiu Rhy.

Ele e Lila estavam de pé na entrada da prisão real, os olhares passando por um guarda e encarando a cela agora vazia. Ele estava preparado para atacar os homens e libertar Kell com a ajuda de Lila, mas não havia Kell para libertar.

— *Quando?*

— Ordens do rei — falou o guarda. — Nem dez minutos atrás. Não pode ter ido longe.

Rhy riu, uma risada doentia e histérica tomando conta da sua garganta, então saiu de novo, correndo de volta pela escada até o quarto de Kell, com Lila no encalço.

Ele chegou aos aposentos de Kell e abriu as portas, mas estavam vazios.

Lutou para aplacar o pânico crescente conforme voltava para o corredor.

— O que vocês dois estão fazendo? — perguntou Alucard, subindo a escada.

— O que *você* está fazendo aqui? — questionou Rhy.

— Procurando você — respondeu Alucard, ao mesmo tempo que Lila perguntou:

— Você viu Kell?

Alucard ergueu uma sobrancelha.

— Nós fazemos questão de nos evitar.

Rhy soltou um som exasperado e passou pelo capitão, apenas para colidir com um jovem na escada. Ele quase não reconheceu o guarda sem a armadura.

— Hastra — disse ele, sem fôlego. — *Você* viu Kell?

Hastra assentiu.

— Sim, senhor. Acabei de deixá-lo no pátio.

O príncipe relaxou de alívio. Ele estava prestes a começar a descer as escadas novamente quando Hastra acrescentou:

— Há alguém com ele agora. Eu acho. Uma mulher.

Lila ficou visivelmente irritada.

— Que tipo de mulher?

— O que você acha? — perguntou Alucard.

Hastra parecia um pouco atordoado.

— Eu... Não consigo lembrar do rosto dela. — Um vinco se formou entre as sobrancelhas dele. — É estranho, sempre fui tão bom fisionomista... Tinha algo no rosto dela... Algo estranho...

— Hastra — disse Alucard com a voz tensa. — Abra suas mãos.

Rhy sequer havia notado que as mãos do jovem guarda estavam fechadas em punhos dos lados de seu corpo.

Hastra olhou para baixo, como se também não tivesse notado, então as estendeu e abriu os dedos. Uma das mãos estava vazia. Na outra havia um pequeno disco cheio de feitiços entalhados na superfície.

— Hum — grunhiu o guarda. — Isso é esquisito.

Mas Rhy já corria escada abaixo na direção do saguão, com Lila o seguindo, deixando Alucard para trás.

* * *

Kell estendeu a mão e pegou a de Ojka.

— Obrigada — disse ela, com uma voz cheia de alegria e alívio enquanto seus dedos se apertavam contra os dele. Ela pressionou a mão livre na árvore marcada com sangue. — *As Tascen* — proferiu ela. Um instante depois, o pátio do palácio sumira, substituído pelas ruas da Londres Vermelha. Kell olhou ao redor. Levou um segundo para registrar onde estavam... Mas o importante não era onde eles *estavam* e sim onde *estariam* em breve.

Nessa Londres, era apenas uma rua estreita flanqueada de um lado por uma taverna e do outro pelo muro de um jardim.

Mas, na Londres Branca, eram os portões do castelo.

Ojka puxou um objeto de dentro da capa branca, depois pressionou a mão ainda ensanguentada na hera de inverno que se agarrava às pedras da

parede. Ela parou e olhou para Kell, esperando sua permissão, e Kell se pegou olhando para as ruas, o palácio real ainda visível a distância. Algo reverberou dele — culpa, pânico, hesitação —, mas, antes que ele pudesse desistir, Ojka disse as palavras e o mundo os engoliu. A Londres Vermelha desapareceu e Kell sentiu que estava dando um passo à frente, saindo da rua e entrando na Floresta de Pedra que ficava diante do castelo.

Porém, já não havia uma floresta de pedra, não mais.

Era apenas um bosque comum, cheio de árvores, galhos de inverno nus abrindo caminho para um límpido céu azul. Kell ficou espantado. Desde quando a Londres Branca tinha cores tão vivas? Este não era o mundo de que ele lembrava, não era o mundo de que ela falara, danificado e moribundo.

Este mundo não estava destruído.

Ojka estava perto do portão, recuperando o equilíbrio e apoiando-se no muro. Quando ela ergueu o olhar, um sorriso felino apareceu em seu rosto.

Kell teve apenas um segundo para processar as mudanças — a grama debaixo de seus pés, a luz do sol, o som dos pássaros — e perceber que cometera um erro terrível, antes de ouvir passos e se virar para se encontrar cara a cara com o *rei*.

Ele ficou de frente para Kell, os ombros empertigados e a cabeça alta, revelando dois olhos: um cor de esmeralda e o outro preto.

— Holland?

A palavra saiu como uma pergunta, porque o homem que estava diante dele não tinha quase nenhuma semelhança com o Holland que Kell conhecera, com quem havia lutado, a quem vencera e lançara no abismo quatro meses antes. Da última vez que Kell viu Holland, ele estava a algumas pulsações de morrer.

Aquele Holland não poderia estar de pé ali.

Aquele Holland nunca poderia ter sobrevivido.

Mas *era* Holland diante dele, e não apenas havia sobrevivido.

Ele havia sido *transformado*.

Havia uma cor saudável em suas bochechas, o brilho que só surgia no auge da vida, e seus cabelos — que, apesar da idade dele, sempre foram da cor de um carvão acinzentado — agora estavam lisos, pretos e brilhantes, esculpindo linhas afiadas conforme caíam contra suas têmporas e sua testa. Quando Kell encontrou o olhar de Holland, o homem-mago-rei-

Antari sorriu de verdade, um gesto que transformou mais o seu rosto do que as roupas novas e a aura da saúde.

— Olá, Kell — disse Holland, e uma pequena parte dele ficou aliviada ao descobrir que pelo menos a voz do *Antari* ainda era familiar. Não era uma voz alta, nunca fora, mas estava firme, marcada por uma rouquidão sutil que fazia parecer que ele estivera gritando. Ou urrando.

— Você não deveria estar aqui — falou Kell.

Holland arqueou uma única sobrancelha preta.

— E nem você.

Kell sentiu a sombra às suas costas, a mudança de peso no instante anterior ao bote. Ele já estava pegando sua faca, mas era tarde demais; seus dedos só encontraram o punho antes de algo frio e pesado apertar sua garganta e o mundo explodir em dor.

* * *

Rhy cruzou intempestivamente as portas para o pátio, chamando o nome do irmão. Não havia sinal dele antes da linha onde começava o pomar, nenhuma resposta exceto o eco da própria voz de Rhy. Lila e Alucard estavam em algum lugar atrás dele, o som das botas perdido sobre sua pulsação alucinada.

— Kell? — gritou ele de novo, entrando no pomar. Ele cravou as unhas na ferida em seu braço, a dor um cordel de titereiro que ele tentava puxar enquanto cruzava os limites das flores de primavera.

E então, a meio caminho entre as árvores verdejantes do verão e as douradas do outono, Rhy desabou com um grito.

Em um instante ele estava de pé e, no seguinte, estava caído de quatro, urrando de dor como se algo afiado e serrilhado o rasgasse de lado a lado.

— Rhy? — soou uma voz próxima quando o príncipe se dobrou sobre si mesmo, um soluço abrindo seu caminho à força.

Rhy.

Rhy.

Rhy.

O nome dele ecoava pelo pátio, mas ele estava se afogando em seu próprio sangue; tinha certeza de que o veria tingindo as pedras. Sua visão

ficou turva, saindo de foco enquanto ele caía, do jeito que acontecera tantas vezes quando a escuridão chegara, trazendo consigo as memórias e os sonhos.

Isso era um pesadelo.

Sua boca estava cheia de sangue.

Tinha que ser um pesadelo.

Ele tentou se levantar.

Isso era...

Ele desabou novamente com um grito quando a dor rasgou seu peito e enterrou-se entre suas costelas.

— Rhy? — berrou a voz.

Ele tentou responder, mas sua mandíbula estava travada. Ele não conseguia respirar. As lágrimas escorreram pelo rosto, e a dor era real demais, familiar demais, uma lâmina enfiada através da carne e do músculo, raspando o osso. O coração dele acelerou, depois tropeçou e pulou uma batida. Sua visão ficou preta, e ele estava de volta à cama do Santuário, caindo pela escuridão, chocando-se contra o...

* * *

Nada.

Lila correu direto para o muro do pátio, atravessando o estranho pomar e saindo do outro lado. Mas não havia nenhum sinal deles, nenhum sangue nas pedras, nenhuma marca. Ela voltou, tentando pensar em onde mais procurar. Então ouviu o grito.

Rhy.

Ela encontrou o príncipe no chão, protegendo o próprio peito. Ele estava soluçando, pressionando o braço contra as costelas como se tivesse sido esfaqueado, mas não havia sangue. Não ali. A compreensão a atingiu em cheio.

O que quer que estivesse acontecendo com Rhy não estava acontecendo realmente com ele.

Estava acontecendo com *Kell*.

Alucard apareceu e ficou lívido ao ver o príncipe. Ele chamou os guardas antes de cair de joelhos quando Rhy soltou outro soluço.

— O que está acontecendo com ele? — perguntou Alucard.

Os lábios de Rhy estavam manchados de sangue, e Lila não sabia se ele os havia mordido ou se o estrago era pior.

— Kell... — arquejou o príncipe, tremendo de dor. — Algo está... errado... não posso...

— O que Kell tem a ver com isso? — indagou o capitão.

Dois guardas reais apareceram com a rainha atrás deles, lívida de medo.

— Onde está Kell? — chorou ela assim que viu o príncipe.

— Para trás! — gritaram os guardas quando um punhado de nobres tentou se aproximar.

— Chamem o rei!

— Aguarde firme — implorou Alucard, falando com Rhy.

Lila recuou quando o príncipe se enrolou sobre si mesmo.

Ela começou a procurar nas árvores por um sinal de Kell, da mulher, da forma como eles haviam ido embora.

Rhy rolou para o lado e tentou se levantar, sem sucesso, e começou a tossir sangue no chão do pomar.

— Alguém encontre Kell! — exigiu a rainha, sua voz no limite da histeria.

Onde ele havia ido?

— O que posso fazer, Rhy? — sussurrou Alucard. — O que posso fazer?

* * *

Kell acordou com a dor.

Ele estava se partindo em pedaços, alguma parte vital sendo arruinada. A dor irradiava da gargantilha de metal em seu pescoço, cortando o ar, o sangue, o pensamento, o poder. Ele tentou desesperadamente invocar a magia, mas nada aconteceu. Arquejou por ar: ele sentia como se estivesse se afogando, o sabor do sangue se acumulando na boca mesmo ela estando vazia.

A floresta tinha desaparecido, e ao redor dele não havia ninguém. Kell estremeceu, seu casaco e sua camisa haviam desaparecido, e a pele nua de

suas costas e ombros estava pressionada contra algo frio e metálico. Ele não conseguia se mover; estava de pé, mas não por sua própria força. Seu corpo estava sendo suspenso por uma espécie de armação, os braços forçados a ficarem abertos dos dois lados do corpo, as mãos amarradas às barras verticais da estrutura. Ele podia sentir uma barra horizontal contra os ombros e uma vertical contra a cabeça e a coluna vertebral.

— Uma relíquia — disse uma voz calma, e Kell forçou sua visão a entrar em foco para ver Holland de pé diante dele — de meus predecessores.

O olhar do *Antari* era firme, e toda a sua silhueta estava imóvel como se fosse esculpida em pedra em vez de carne, mas seu olho preto girava, sombras prateadas retorcendo-se nele como serpentes em óleo.

— O que você fez? — engasgou Kell.

Holland inclinou a cabeça.

— O que eu *deveria* ter feito?

Kell cerrou os dentes, forçando-se a pensar em algo além da dor gélida da gargantilha.

— Você deveria... ter ficado na Londres Preta. Deveria... ter morrido.

— E deixado meu povo morrer também? Deixado minha cidade mergulhar em mais uma guerra, deixado meu mundo afundar mais e mais na direção da morte, sabendo que eu poderia salvá-lo? — Holland balançou a cabeça. — Não. Meu mundo já sacrificou o suficiente pelo seu.

Kell abriu a boca para falar, mas a dor o atravessou como uma faca, ficando mais aguda sobre o coração. Ele olhou para baixo e viu o selo do vínculo se quebrando. Não. *Não*.

— Holland — arquejou Kell. — Por favor. Você tem que tirar esta gargantilha.

— Vou tirar — disse Holland lentamente. — Quando você concordar.

O pânico rasgou o corpo de Kell.

— Com o quê?

— Quando eu estava na Londres Preta, depois que *você* me enviou para lá, eu fiz um acordo. Meu corpo pelo poder *dele*.

— *Dele*?

Mas só poderia haver uma coisa esperando naquela escuridão para fazer um acordo. A mesma *coisa* que esmagara um mundo, que tentara

escapar em um fragmento de pedra. Que abrisse um caminho devastando a cidade dele e que tentara devorar a alma de Kell.

— Seu *idiota* — rosnou ele. — Foi você mesmo... quem me disse que se abrir para a magia sombria era perder... — Os dentes dele estavam batendo. — Que você era o mestre... ou o servo. E olhe... o que você fez. Você pode estar livre do feitiço de Athos... mas apenas trocou um mestre por outro.

Holland pegou Kell pelo maxilar e esmurrou a cabeça dele contra o poste de metal. A dor reverberou por seu crânio. A gargantilha apertou mais, e o selo acima de seu coração se quebrou e se dividiu.

— Ouça-me — implorou Kell, a segunda pulsação vacilando em seu peito. — Eu conheço essa magia.

— Você conheceu uma sombra. Uma centelha de seu poder.

— Esse poder já destruiu um mundo.

— E curou outro — retrucou Holland.

Kell não conseguia parar de tremer. A dor estava desaparecendo, substituída por algo pior. Um frio horrível e destruidor.

— Por favor. Tire isso. Não vou lutar. Eu...

— Você teve seu mundo perfeito — falou Holland. — Agora quero o *meu*.

Kell engoliu em seco, fechou os olhos, tentou evitar que seus pensamentos se esfarrapassem.

Deixe-me entrar.

Kell piscou. As palavras saíram da boca de Holland, mas a voz não era a dele. Era mais suave, mais ressonante, e, enquanto ela falava, o rosto de Holland começou a mudar. Uma sombra sangrou de um olho para o outro, consumindo o olho verde esmeralda e tingindo-o de preto. Um fio de fumaça de prata se retorcia através daqueles olhos, e alguém — algo — olhou através deles, mas não era Holland.

— *Olá, Antari.*

A expressão de Holland continuou se alterando, suas feições se rearrumando de linhas duras para contornos suaves, quase gentis. As linhas de sua testa e das bochechas suavizadas como se fossem pedra polida, sua boca contorcida em um sorriso beatífico. Quando a criatura falou, tinha duas vozes: uma que enchia o ar e era uma versão mais suave da voz de Holland; enquanto a outra ecoava na cabeça de Kell, grave e

espessa como fumaça. Aquela segunda voz se contorceu atrás dos olhos de Kell e se espalhou por sua mente, procurando.

— *Posso salvar você* — falou, colhendo os pensamentos dele. — *Posso salvar seu irmão. Posso salvar tudo.* — A criatura estendeu a mão e tocou em um fio de cabelo suado de Kell, como se estivesse fascinado. — *Apenas me deixe entrar.*

— Você é um monstro — rosnou Kell.

Os dedos de Holland apertaram a garganta de Kell.

— *Eu sou um deus.*

Kell sentiu a vontade da criatura tentando sobrepujar a dele, sentiu-a forçando seu caminho pela sua mente com dedos gelados e precisão calculada.

— Saia da minha mente.

Kell fez toda a força que pôde contra as amarras e bateu com sua testa contra a de Holland. A dor o atravessou, quente e lancinante, o sangue escorrendo por seu nariz, mas a coisa no corpo de Holland apenas sorria.

— *Eu estou na mente de todos* — falou. — *Estou em tudo. Sou tão antigo quanto a criação. Eu sou vida, morte e poder. Sou inevitável.*

O coração de Kell estava batendo, mas o de Rhy estava se apagando. Uma batida por cada duas. E depois três. E depois...

A criatura mostrou os dentes.

— *Deixe-me entrar.*

Mas Kell não podia. Ele pensou em seu mundo, em soltar essa criatura sobre ele vestindo sua pele. Viu o palácio ruindo e o rio escurecendo, viu os corpos se desfazendo em cinzas nas ruas, toda cor sangrando até só restar o preto. E se viu parado no centro como tinha visto em cada pesadelo. Impotente.

Lágrimas escorreram pelo rosto dele.

Ele não podia. Não podia fazer aquilo. Não podia se *tornar* aquilo.

Rhy, me desculpe, pensou ele, sabendo que acabara de condenar os dois.

— Não — afirmou ele em voz alta, a palavra arranhando-lhe a garganta.

Mas, para a surpresa dele, o sorriso do monstro se alargou.

— *Eu esperava que você dissesse isso.*

Kell não compreendeu a alegria da criatura, não até que ela recuou e ergueu as mãos.

— *Eu gosto dessa pele. E, agora que você me recusou, posso ficar com ela.*

Algo mudou nos olhos da criatura, um clarão de luz, uma centelha de verde, resplandecendo, lutando, apenas para ser engolida novamente pela escuridão. O monstro sacudiu a cabeça, quase tristemente.

— *Holland, Holland...* — ronronou ele.

— Traga-o de volta — exigiu Kell. — Nós ainda não terminamos. — Mas a criatura continuou a balançar a cabeça enquanto alcançava a garganta de Kell. Ele tentou se afastar, mas não havia escapatória.

— *Você estava certo, Antari* — disse ela, deslizando a ponta dos dedos pela gargantilha metálica. — *A magia é somente serva ou somente mestra.*

Kell lutou contra a armação de metal, as algemas cortando seus pulsos.

— Holland! — gritou ele, a palavra ecoando pela sala de pedra. — Holland, seu imbecil, lute, reaja!

O demônio apenas observou, seus olhos pretos se divertindo, sem piscar.

— Mostre-me que você não é fraco! — gritou Kell. — Prove que você não é apenas um escravizado da vontade de outra pessoa! Você realmente percorreu todo esse caminho de volta para perder assim? Holland!

Kell pendeu contra a armação de metal, os pulsos sangrando e a voz rouca conforme o monstro se virava e se afastava.

— Espere, demônio — engasgou Kell, exaurido pela escuridão opressiva, pelo frio, pelo eco minguante do pulso de Rhy.

A criatura olhou para trás.

— *Meu nome* — disse ela — *é Osaron.*

Kell lutou contra a moldura metálica conforme sua visão ficava turva, entrava em foco novamente e então começava a falhar.

— Aonde você vai?

O demônio segurou algo para que ele visse, e o coração de Kell se apertou. Era uma única moeda carmesim, marcada por uma estrela dourada no centro. Um lin da Londres Vermelha.

— *Não* — implorou ele, contorcendo-se contra as algemas até elas descarnarem sua pele e o sangue escorrer pelos pulsos. — Osaron, você não pode.

O demônio apenas sorriu.

— E quem vai me parar agora?

IX

Lila perambulou pelo pomar.

Ela precisava fazer alguma coisa.

O pátio estava repleto de guardas, o palácio em estado de frenesi. Tieren tentava obter respostas de Hastra, e, várias fileiras de árvores à frente, Alucard ainda estava curvado sobre Rhy, murmurando algo muito suave para que ela pudesse ouvir. Parecia um sussurro calmante. Ou uma oração. Ela tinha ouvido homens orando no mar, não para Deus, mas para o mundo, para a magia, para qualquer coisa que pudesse estar ouvindo. Um poder superior, um nome diferente. Havia muito tempo, Lila não acreditava em Deus — desistira de rezar quando ficou evidente que ninguém responderia — e, por mais que estivesse disposta a admitir que a magia *existia*, ela não parecia ouvir ou pelo menos não parecia se importar. Lila sentia um estranho prazer nisso, porque significava que o poder era dela mesma.

Deus não iria ajudar Rhy.

Mas Lila podia.

Ela marchou de volta através do pomar.

— Para onde está indo? — perguntou Alucard, olhando por cima do príncipe.

— Consertar tudo — respondeu ela.

E com isso saiu correndo e atravessou as portas do pátio. Ela não parou, nem para os assistentes, nem para os guardas que tentaram bloquear seu caminho. Abaixou-se e girou, passando por eles, pelas portas do palácio e descendo os degraus.

Lila sabia o que precisava fazer, embora não tivesse ideia se funcionaria. Tentar era uma loucura, mas não tinha escolha. Isso não era

verdade. A velha Lila teria ressaltado que sempre havia uma escolha e que ela viveria muito mais se escolhesse a si mesma.

Mas, quando se tratava de Kell, havia uma dívida. Um vínculo. Diferente daquele que o ligava a Rhy, mas tão sólido quanto.

Aguente firme, pensou.

Lila abriu caminho pelas ruas lotadas e para longe das festas. Em sua mente, ela tentou desenhar um mapa da Londres Branca, o pouco que ela tinha visto, mas não conseguia se lembrar muito além do castelo, e Kell a advertira para nunca atravessar exatamente onde se queria chegar.

Quando ela finalmente se viu sozinha, puxou o fragmento de Astrid Dane de seu bolso traseiro. Então, enrolou a manga e desembainhou a faca.

Isso é loucura, pensou ela. *Uma loucura total e absoluta.*

Ela sabia a diferença entre as magias elemental e *Antari*. Sim, ela havia sobrevivido a isso antes, mas estivera com Kell, sob a proteção da magia dele. E agora estava sozinha.

O que eu sou?, perguntara a Tieren.

O que eu sou?, perguntara a si mesma por todas as noites no mar, por todos os dias desde que chegara lá naquela cidade, naquele mundo.

Naquele momento, Lila engoliu em seco e passou a lâmina da faca pelo antebraço. A faca rasgou sua carne, e um fino filete vermelho brotou e se derramou. Ela pintou a parede com seu sangue e apertou o pedaço de pedra.

O que quer que eu seja, pensou ela, pressionando a palma da mão no muro, *que seja o suficiente.*

AGRADECIMENTOS

Aqui estamos novamente. O fim de outro livro. Sempre me surpreendo por chegar tão longe. Pode ter levado dias, semanas ou mesmo meses para você ler *Um encontro de sombras*, mas eu levei anos para escrever, editar e enviar este livro para publicação. Tal duração torna esse momento surreal. Ainda mais difícil é lembrar a quem devo agradecer.

À minha mãe e meu pai, por me dizerem que eu poderia ser o que quisesse, fosse uma designer, uma interrogadora ou uma autora de ficção fantástica.

À minha editora, Miriam, por ser uma editora sagaz, uma paladina valente e um ás no uso de GIFs. Por ser amiga e companheira nesta aventura particularmente maravilhosa.

À minha agente, Holly, por provar sucessivamente que é cheia de magia.

À minha ex-agente de publicidade, Leah, ao meu novo agente publicitário, Alexis, e a Patty Garcia, por terem me mantido no rumo.

À diretora de arte Irene Gallo e ao designer de capa Will Staehle, por fazerem as coisas parecerem tão impactantes.

À minha leitora beta, Patricia, por ficar comigo nas horas boas e ruins, nas horas estranhas e nas horas obscuras.

À minha equipe de Nashville, especialmente Courtney e Carla, Ruta, Paige, Lauren, Sarah, Ashley, Sharon, David, e tantos outros mais, por serem a comunidade mais cálida em toda a terra.

Para minha querida colega de quarto escocesa, Rachel, por ser um deleite absoluto e não zombar de mim quando falava sozinha ou desaparecia por longos períodos até o fim dos prazos.

À minha nova colega de quarto, Jenna, por não ter ideia de onde está se metendo.

Aos meus leitores, que são, sem dúvida, os melhores leitores do mundo inteiro (foi mal, leitores de todos os outros livros).

A todos os outros: tantos ficaram ao meu lado, defenderam meu trabalho, comemoraram nos bons dias, estiveram perto nos piores e caminharam comigo passo a passo. Eu nunca poderei agradecer a todos, mas por favor saiba que, se você estiver lendo isso, você é importante. Vocês tiveram impacto em minha vida e em meus livros, e, por isso, sou incrivelmente grata.

(Também gostaria de salientar que escrevi nove livros sem deixar o final em suspenso.)

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Um encontro de sombras

Livros da autora:

<https://www.record.com.br/autores/v-e-schwab/>

Goodreads da autora:

https://www.goodreads.com/author/show/7168230.V_E_Schwab

Site da autora:

<https://www.veschwab.com/>

Twitter da autora:

<https://twitter.com/veschwab>

Instagram da autora:

<https://www.instagram.com/veschwab/?hl=pt>

V.E. SCHWAB



OS TONS
DE MAGIA
(VOL. III)

UMA CONJURAÇÃO DE LUT

Obras da autora publicadas
pela Editora Record

Série Vilões

Vilão

Vingança

Série Os Tons de Magia

Um tom mais escuro de magia

Um encontro de sombras

Uma conjuração de luz

Série A Guardiã de Histórias

A guardiã de histórias

A guardiã dos vazios

Série A Cidade dos Fantasma

A cidade dos fantasmas

A vida invisível de Addie LaRue

V.E. SCHWAB

OS TONS
DE MAGIA
{VOL. III}

UMA CONJURAÇÃO DE LUT

Tradução de
Ana Carolina Delmas
2ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2021

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO
NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S425c

Schwab, V. E., 1987-

Uma conjuração de luz [recurso eletrônico] / V.E. Schwab ;
tradução Ana Carolina Delmas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera
Record, 2021.

recurso digital (Os tons de magia ; 3)

Tradução de: A conjuring of light

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-061-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Delmas, Ana
Carolina. II. Título. III. Série.

21-72831

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Título original norte-americano:

A Conjuring of Light

Copyright © 2017 by Victoria Schwab

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5981-061-1

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre

nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: sac@record.com.br

*Para aqueles que encontraram o
caminho de casa.*

A magia pura não tem identidade. Ela simplesmente existe; é uma força da natureza, o sangue de nosso mundo, o tutano de nossos ossos. Nós lhe damos forma, mas jamais devemos lhe dar alma.

— TIEREN SERENSE,
Sumo sacerdote do Santuário de Londres

SUMÁRIO

UM | MUNDO EM RUÍNAS

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

DOIS | CIDADE NAS SOMBRAS

I

II

III

IV

V

VI

VII

TRÊS | SUCUMBIR OU LUTAR

I

II

III

IV

V

VI

QUATRO | ARMAS À MÃO

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

CINCO | CINZAS E REPARAÇÕES

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

SEIS | EXECUÇÃO

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

SETE | ZARPANDO

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

OITO | ÁGUAS INEXPLORADAS

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

NOVE | CONFUSÃO

I

II

III

IV

V

VI

VII

DEZ | SANGUE E VÍNCULOS

I

II

III

IV

V

VI

VII

ONZE | MORTE NO MAR

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

DOZE | TRAIÇÃO

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

TREZE | O LUGAR DE UM REI

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

QUATORZE | ANTARI

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

QUINZE | ANOSHE

I

II

III

IV

V

VI

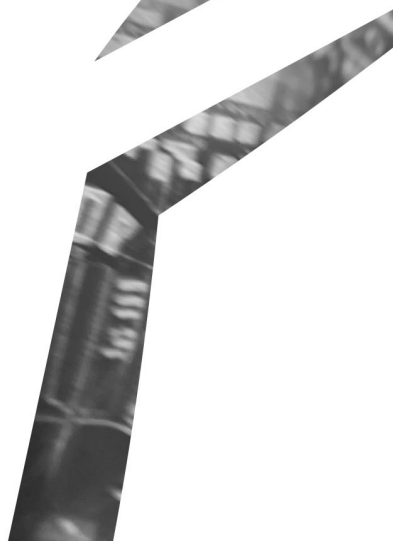
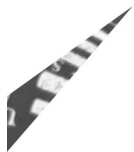
VII

VIII

IX

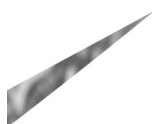
X

1





UM



MUNDO EM RUÍNAS



I

Delilah Bard — eterna ladra, recém-descoberta maga e sempre com a esperança de um dia se tornar pirata — corria o mais rápido que podia.

Aguente firme, Kell, pensou ela enquanto percorria as ruas da Londres Vermelha, o estilhaço de pedra que um dia fez parte da boca de Astrid Dane ainda firme na sua mão. Um souvenir roubado em outra vida, quando a magia e a existência de mundos múltiplos ainda eram novidade para ela. Quando tinha acabado de descobrir que as pessoas podiam ser possuídas, ou amarradas feito cordas, ou transformadas em pedra.

Fogos de artifício retumbavam ao longe, recebidos com vivas, cantos e música, os sons de uma cidade que comemorava o fim do *Essen Tasch*, o torneio de magia. Uma cidade alheia ao horror que ocorria no seu cerne. Lá no palácio, o príncipe de Arnes, Rhy, estava morrendo, o que significava que em algum lugar, a um mundo de distância, Kell também estava.

Kell. O nome reverberou por ela com a potência de uma ordem, de uma súplica.

Lila alcançou a estrada que procurava e desacelerou, cambaleando até parar, a faca já desembainhada, a lâmina pressionada na pele da sua mão. O coração dela martelava enquanto virava as costas para o caos e pressionava a palma sangrenta — e a pedra ainda aninhada nela — na parede mais próxima.

Lila já fez essa viagem duas vezes, mas sempre como passageira.

Sempre usando a magia de Kell.

Nunca a própria.

E jamais sozinha.

Mas não havia tempo para pensar nem para sentir medo, e muito menos para esperar.

Com peito arfando e pulso frenético, Lila engoliu em seco e pronunciou as palavras com toda a coragem que conseguiu reunir. Palavras que pertenciam apenas aos lábios de um mago de sangue. Um *Antari*. Como Holland. Como Kell.

— *As Travars*.

A magia subiu cantando pelo seu braço, espalhou-se pelo seu peito e então a cidade a envolveu com um solavanco, a gravidade oscilando conforme o mundo se abria.

Lila pensou que seria fácil, ou, ao menos, *simples*.

Algo a que se sobrevive ou não.

Ela estava enganada.

II

A um mundo de distância, Holland estava afundando.

Ele lutou para chegar à superfície da própria mente apenas para ser mais uma vez empurrado para o fundo da água escura por uma vontade forte como ferro. Ele lutou, arranhou, arquejou buscando ar; sua força se esvaindo cada vez que o corpo se debatia, a cada esforço desesperado. Era pior que perecer, porque perecer acabaria dando lugar à morte, mas isso não.

Não havia luz. Nem ar. Nem força. Tudo tinha sido tirado dele, amputado, deixando apenas escuridão e, em algum lugar além da opressão, uma voz gritando o seu nome.

A voz de Kell...

Longe demais.

Holland não conseguiu mais se segurar, ele fraquejou, escorregou, e estava afundando novamente.

Tudo o que ele sempre quis foi trazer a magia de volta, ver este mundo poupado da sua morte lenta e inexorável, uma morte causada primeiro pelo medo de outra Londres e depois pelo seu próprio medo.

Tudo o que Holland queria era ver o seu mundo recuperado.

Revigorado.

Ele conhecia as lendas — os sonhos — de um mago poderoso o suficiente para realizar isso. Forte o bastante para soprar ar de volta aos seus pulmões famintos e acelerar seu coração moribundo.

Até onde Holland se lembrava, isso era tudo que ele queria.

E, até onde Holland se lembrava, sempre desejou que esse mago fosse *ele*.

Mesmo antes de a escuridão florescer no seu olho, marcando-o com o sinal do poder, queria que fosse ele. Quando era criança, ficava de pé nas

margens do Sijlt atirando pedras na superfície congelada, imaginando que seria ele a fender o gelo. Já adulto, mantinha-se entre as árvores do Bosque de Prata rezando para ter força e proteger seu lar. Nunca quis ser *rei*, mesmo que nas histórias o mago sempre o fosse. Ele não queria governar o mundo. Queria apenas salvá-lo.

Naquela primeira noite, Athos Dane chamou isso de arrogância, quando Holland foi arrastado, sangrando e semiconsciente, até os aposentos do novo rei. Arrogância e orgulho, repreendeu ele enquanto entalhava a sua maldição na pele de Holland.

Coisas a serem subjugadas.

E Athos o conseguiu. Ele subjugou Holland quebrando osso por osso, dia após dia, uma ordem após a outra. Até que tudo o que Holland desejava, mais que a habilidade de salvar o seu mundo, mais que a força para trazer a magia de volta, mais que *qualquer coisa*, era que isso acabasse.

Era covardia, ele sabia, mas a covardia vem à tona com muito mais facilidade que a esperança.

E naquele momento na ponte, quando Holland baixou a guarda e deixou o jovem e mimado príncipe Kell atravessar seu peito com a barra de metal, a primeira coisa que sentiu — primeira, última e *única* coisa que sentiu — foi alívio.

Porque aquilo estava, enfim, acabado.

Mas não estava.

Não é fácil matar um *Antari*.

Quando Holland acordou, deitado num jardim morto, numa cidade morta, num mundo morto, a primeira coisa que sentiu foi dor. A segunda, foi liberdade. Athos Dane não tinha mais nenhum controle sobre ele, e Holland estava vivo. Ferido, porém vivo.

E enalhado.

Preso num corpo machucado e num mundo sem portas à mercê de outro rei. Mas dessa vez ele tinha uma *escolha*.

A oportunidade de dar um jeito nas coisas.

Ele se postou, quase morto, diante do trono de ônix, e falou ao rei entalhado em pedra, trocando sua liberdade por uma chance de salvar a sua Londres, de vê-la florescer novamente. Holland fez o acordo e pagou com corpo e alma. E com o poder do rei das sombras ele enfim trouxe a magia

de volta, viu seu mundo florescer em cores, seu povo se revitalizar com esperança, sua cidade ser restaurada.

Fez tudo o que estava ao seu alcance, abriu mão de tudo o que tinha para mantê-lo a salvo.

Mas ainda não era o bastante.

Não para o rei das sombras, que queria sempre mais, que se fortalecia a cada dia e desejava o caos, desejava a magia na sua forma mais pura, almejava um poder sem limites.

Holland estava perdendo o controle do monstro que habitava o seu corpo.

E, então, ele fez a única coisa que poderia fazer.

Ofereceu outro receptáculo a Osaron.

— *Muito bem...* — disse o rei, o demônio, o deus. — *Mas, se você não conseguir persuadi-lo, vou ficar com o seu corpo para mim.*

E Holland concordou. Como poderia discordar?

Faria qualquer coisa por Londres.

E Kell — o mimado, infantil e teimoso Kell, subjugado, impotente e capturado por aquela maldita gargantilha — ainda assim recusou.

É claro que recusou.

É claro...

Foi então que o rei das sombras sorriu, com os lábios do próprio Holland, que lutou com toda a força que conseguiu reunir. Mas trato é trato, e o acordo estava feito. Holland sentiu Osaron se erguer com um único e violento movimento e empurrá-lo para baixo, para as profundezas da sua própria mente, onde foi forçado a ficar pela corrente da vontade do rei das sombras.

Indefeso, preso num corpo, num acordo, incapaz de fazer qualquer coisa além de observar, de sentir e de se afogar.

— Holland!

A voz de Kell irrompeu enquanto ele espremia o corpo ferido na estrutura de metal, da mesma forma que *Holland* fez outrora, quando Athos Dane o prendeu pela primeira vez. O subjugou. A estrutura de metal drenou a maior parte do poder de Kell e a gargantilha no pescoço extirpou o resto. Havia terror nos olhos de Kell, um desespero que surpreendeu Holland.

— Holland, seu canalha, reaja, lute!

Ele tentou, porém seu corpo não mais lhe pertencia, e sua mente exausta estava afundando cada vez mais...

Desista, disse o rei das sombras.

— Mostre-me que você não é fraco! — provocava-o a voz de Kell. — Prove que não é só um escravizado da vontade dos outros.

Você não pode me deter.

— Você chegou mesmo até aqui para se entregar assim?

Eu já venci.

— Holland!

Holland odiava Kell e, naquele instante, o ódio era quase suficiente para lhe dar forças. Mas, ainda que quisesse morder a isca do outro *Antari*, Osaron era inflexível.

Holland ouviu a própria voz, mas obviamente não era a dele. Era uma versão distorcida emitida pelo monstro que usava o seu corpo. Holland segurava uma moeda carmesim, um símbolo de outra Londres, da Londres de Kell, que xingava e se debatia nas amarras até o peito arfar e os punhos ficarem ensanguentados.

Inútil.

Tudo isso era inútil.

Mais uma vez, ele era um prisioneiro no próprio corpo. A voz de Kell ecoou na escuridão.

Você apenas trocou um mestre por outro.

Agora eles se moviam, Osaron guiava o corpo de Holland. A porta se fechou atrás deles, mas os gritos de Kell ainda eram lançados na madeira, despedaçando-se em sílabas partidas e gritos sufocados.

Ojka estava de pé no corredor afiando suas facas. Ela ergueu o olhar, revelando a cicatriz em forma de crescente numa das faces e os olhos de duas cores, um amarelo e outro preto. Uma *Antari* forjada pelas mãos deles, pela vontade deles.

— Vossa Majestade — disse ela, empertigando-se.

Holland tentou emergir, tentou forçar a própria voz a atravessar os lábios dele, os seus *próprios* lábios. Mas, quando a fala veio, as palavras eram de Osaron.

— Vigie a porta. Não deixe ninguém passar.

A centelha de um sorriso perpassou o rasgão vermelho que era a boca de Ojka.

— Como quiser.

O palácio passou feito um borrão e então estavam do lado de fora, ladeando as estátuas dos gêmeos Dane na base da escadaria, movendo-se rapidamente sob um céu maculado através de um jardim que agora estava repleto de árvores em vez de corpos.

O que aconteceria com aquele lugar sem Osaron, sem *ele*? A cidade continuaria a florescer? Ou ruiria como um corpo extirpado de vida?

Por favor, implorou ele, silenciosamente. *Este mundo precisa de mim.*

— *Não há sentido nisso* — respondeu Osaron em voz alta, e Holland ficou enjoado porque isso era um pensamento na sua mente e não as suas palavras. — *Ele já está morto* — prosseguiu o rei. — *Recomeçaremos. Encontraremos um mundo digno do nosso poder.*

Eles alcançaram o muro do jardim, e Osaron retirou uma adaga da bainha na cintura. O corte do aço na carne não foi nada, como se Holland tivesse sido extirpado dos sentidos, enterrado fundo demais para sentir alguma coisa além do encarceramento de Osaron. Mas, conforme os dedos do rei das sombras se sujaram com o sangue e levaram a moeda de Kell até a parede, Holland tentou lutar uma última vez.

Ele não podia recuperar o seu corpo — não ainda, não por completo —, mas talvez não precisasse do controle total.

Uma das mãos. Cinco dedos.

Ele reuniu cada grama de força, cada fiapo de controle e os direcionou para aquele membro. E, no meio do caminho até a parede, a mão se deteve, pairando no ar.

O sangue escorreu pelo seu punho. Holland conhecia as palavras para destruir um corpo, para transformá-lo em gelo, em cinzas ou em pedra.

Tudo que precisava fazer era levar a própria mão ao peito.

Tudo que precisava fazer era dar forma à magia...

Holland sentia o aborrecimento perpassar por Osaron. Aborrecimento, mas não fúria, como se esta última resistência, este grande protesto, não fosse mais que uma comichão.

Que entediante.

Holland continuou lutando e conseguiu até guiar a própria mão por um centímetro ou dois.

Desista, Holland, advertiu a criatura na sua mente.

Holland fez com que o último resquício de determinação fosse para a mão, arrastando-a por mais um centímetro.

Osaron suspirou.

Não precisava ser assim.

O comando de Osaron o atingiu em cheio, como se o tivesse arremessado contra um muro. Seu corpo não se moveu, mas sua mente sofreu um solavanco e foi jogada para trás, paralisada por uma dor excruciante. Não a dor que sentiu centenas de vezes, à qual aprendeu a sobreviver, a deixar de lado, da qual poderia escapar. Essa dor estava enraizada no seu âmago. Ela o acendeu, repentina e incandescentemente, cada nervo queimando com tal calor calcinante que ele gritou, gritou e gritou dentro da própria cabeça até que a escuridão, por fim e misericordiosamente, fechou-se à sua volta, forçando-o a submergir.

E, dessa vez, Holland não tentou retornar à superfície.

Desta vez, ele se deixou submergir.

III

Kell continuou a se jogar na estrutura de metal por muito tempo depois de a porta ser fechada e o ferrolho trancado. Sua voz ainda ecoava nas paredes de pedra pálida. Gritou até ficar rouco. E, ainda assim, ninguém veio. O medo o esmagava; entretanto, o que mais o assustava era o que se afrouxava no seu peito — a desconexão de um vínculo vital, a crescente sensação de perda.

Ele mal sentia a pulsação do irmão.

Mal sentia alguma coisa além da dor nos pulsos e de um frio terrível e entorpecente. Ele se retorceu na estrutura de metal, lutando contra as amarras, mas elas não cederam. Havia feitiços rabiscados pelas laterais do dispositivo e, a despeito da quantidade de sangue que Kell esfregava no aço, ainda havia a gargantilha no pescoço que extirpava tudo de que precisava. Tudo que possuía. Tudo que *era*. A gargantilha lançava uma sombra na sua mente, uma película gélida nos seus pensamentos, um pânico depressivo, uma tristeza e, acima de tudo, uma ausência de esperança. De força. *Desista*, sussurrava pelo seu sangue. *Você nada tem. Você nada é. Impotente.*

Ele nunca foi impotente.

Não sabia ser impotente.

O pânico aflorou no lugar da magia.

Ele precisava fugir.

Fugir dessa estrutura de metal.

Fugir dessa gargantilha.

Fugir desse mundo.

Rhy havia entalhado uma palavra na própria pele para trazer Kell de volta para casa, e ele lhe deu as costas e partiu novamente. Abandonou o príncipe, a coroa, a cidade. Seguiu uma mulher de branco por uma porta

entre mundos porque ela lhe disse que ele era necessário, disse que ele podia ajudar, disse que era culpa dele e que ele precisava consertar as coisas.

O coração de Kell fraquejou dentro do seu peito.

Não. Não o *seu* coração, mas o de Rhy. Uma vida atrelada à dele com magia que ele não *possuía* mais. O pânico queimou outra vez, um sopro de calor no frio entorpecente, e Kell se agarrou àquilo, lutando contra o pânico vazio da gargantilha. Ele se empertigou na estrutura de metal, cerrou os dentes e *puxou* a algema até sentir o estalo dos ossos do punho, o rasgo na pele. O sangue verteu em gotas pesadas pelo chão de pedra, vibrante mas inútil. Ele mordeu os lábios para conter o grito conforme o metal se arrastava — se enterrava — na pele. A dor subiu lancinante pelo braço, porém ele continuou puxando, o metal rasgando o músculo e, então, o osso antes que a mão direita, enfim, estivesse livre.

Kell cambaleou para trás com um arquejo e tentou envolver a gargantilha com os dedos ensanguentados e vacilantes, mas, no momento em que tocou o metal, um frio terrível e cortante subiu pelo seu braço e invadiu sua cabeça.

— *As Steno* — implorou ele. — *Quebrar*.

Nada aconteceu.

Nenhum poder emergiu para encontrar as palavras.

Kell soluçou e se recostou na estrutura de metal. O cômodo se inclinou e escureceu, e ele sentiu a mente deslizando para a escuridão, mas forçou o corpo a ficar de pé, obrigando-se a engolir a bile que subia pela garganta. Ele fechou a mão descarnada e esmigalhada em volta do braço ainda preso e começou a puxar.

Foram minutos que pareceram horas, anos, antes que Kell por fim conseguisse se libertar.

Ele tropeçou para fora da estrutura e oscilou para ficar de pé. As algemas de metal haviam feito um corte profundo em seus pulsos — fundo demais — e a pedra pálida sob seus pés era agora de um vermelho escorregadio.

É seu?, sussurrou uma voz.

A memória do rosto jovem de Rhy retorcido de horror ao ver os antebraços dilacerados de Kell, o sangue em filetes por todo o peito do príncipe. *É tudo seu?*

Agora o vermelho escorria da gargantilha enquanto Kell puxava freneticamente o metal. Seus dedos doíam com o frio enquanto procuravam o fecho e o agarrava, mas ele não se mexia. Kell não conseguia mais focalizar direito. Tropeçou no próprio sangue e caiu, apoiando-se nas mãos fraturadas. Gritou de dor, encolhendo-se ao mesmo tempo que berrava com o próprio corpo para que se levantasse.

Precisava se levantar.

Precisava voltar para a Londres Vermelha.

Precisava deter Holland — deter *Osaron*.

Precisava salvar Rhy.

Precisava, precisava, precisava... Mas, naquele momento, tudo o que Kell conseguiu fazer foi se deitar no mármore frio com o calor se esvaindo numa poça rasa e vermelha ao seu redor.

IV

O príncipe desabou na cama, encharcado de suor, engasgado com o gosto metálico de sangue. À sua volta, vozes se erguiam e baixavam, ao passo que o quarto era um borrão de sombras e réstias de luz. Um grito rasgou seus pensamentos, embora sua mandíbula estivesse cerrada pela dor. Uma dor que era e não era dele.

Kell.

Rhy se curvou, tossindo e cuspiendo sangue e bile.

Ele tentou se levantar. Precisava ficar de pé, tinha que encontrar o irmão. Mas diversos pares de mãos surgiram da escuridão, lutando contra ele, segurando-o nos lençóis de seda; dedos se enterravam nos ombros, nos pulsos e nos joelhos, e de repente a dor estava ali outra vez, brutal e pontiaguda, descarnando a pele e arrastando suas unhas pelos ossos. Rhy tentou se lembrar. Kell: preso. A cela dele: vazia. Buscas pelo pomar banhado pelo sol. Ele chamando o nome do irmão. E então, do nada, veio a dor, deslizando por entre as costelas como na outra noite. Uma coisa horrível e lancinante, e logo ele não conseguia mais respirar.

Ele não conseguia...

— Não desista — pedia uma voz.

— Fique comigo.

— Fique...



Rhy aprendeu cedo a diferença entre desejo e necessidade.

Ser filho e herdeiro — o único herdeiro — da família Maresh, a luz de Arnes, o futuro do império, significava que ele jamais (como uma babá certa vez lhe disse, antes de ser retirada do serviço à realeza) havia de fato passado por nenhuma *necessidade*. Roupas, cavalos,

instrumentos musicais e artigos finos; tudo o que ele precisava fazer era pedir e lhe seria concedido.

E, ainda assim, o jovem príncipe *desejava* — e muito — algo que não podia ser conseguido. Desejava aquilo que corria no sangue de tantos meninos e meninas nascidos na pobreza. O que vinha tão facilmente ao seu pai, à sua mãe, a Kell.

Rhy desejava a magia.

E desejava com um ardor que rivalizava com qualquer necessidade.

Seu nobre pai tinha habilidade com metais e sua mãe o domínio fácil sobre a água, mas a magia não era a mesma coisa que ter cabelos pretos, olhos castanhos ou nascer na alta sociedade. Não seguia as regras de hereditariedade, não era passada de pai para filho. Ela escolhia o próprio curso.

E, aos 9 anos, a magia já dava indícios de não ter escolhido Rhy.

Mas Rhy Maresh se recusava a acreditar que havia sido completamente ignorado; ela *tinha* de estar ali, em algum lugar dentro dele, como uma pequena chama de poder esperando pelo sopro no momento certo, esperando ser atizada. Afinal, ele era um príncipe. E, se a magia não viesse até ele, ele iria até ela.

Foi essa lógica que o trouxera até aqui, até o chão de pedra da antiga e gélida biblioteca do Santuário, tremendo enquanto o frio das correntes de ar penetrava pela seda bordada das suas calças (feitas para o palácio, onde a temperatura era sempre amena).

Sempre que Rhy reclamava do frio do Santuário, o velho Tieren franzia o cenho.

A magia produz seu próprio calor, dizia ele, o que seria perfeito se você fosse um mago, o que Rhy não era.

Ainda não.

Desta vez, ele não reclamara. Sequer avisara ao sacerdote que estava ali.

O jovem príncipe se agachou numa alcova nos fundos da biblioteca, escondido entre uma estátua e uma grande mesa de madeira, e abriu no chão o pergaminho roubado.

Rhy nascera com dedos ágeis, mas obviamente, sendo da realeza, quase nunca precisava utilizá-los. As pessoas estavam sempre se propondo a lhe oferecer as coisas de bom grado, inclusive dispostas a levá-las até ele, desde uma capa num dia frio até um bolo decorado direto da cozinha do palácio.

Mas Rhy não requisitara o pergaminho; ele o retirara da mesa de Tieren, um entre outros tantos atados com as finas fitas brancas que os designava como feitiços de sacerdote. Nenhum deles era muito sofisticado ou elaborado, para a decepção de Rhy. Em vez disso, eram todos voltados para alguma utilidade prática.

Feitiços para impedir a comida de estragar.

Feitiços para proteger o pomar das geadas.

Feitiços para manter o fogo queimando sem combustível.

E Rhy testaria cada um deles até descobrir algum feitiço que fosse capaz de executar. Um feitiço que mostrasse que a magia certamente estava adormecida nas suas veias. Um feitiço que pudesse *despertá-la*.

Uma brisa varreu o Santuário conforme ele retirava um punhado de lins vermelhos do bolso e os colocava em cima do pergaminho para mantê-lo no chão. Sobre a página, com a caligrafia firme do sacerdote, havia um mapa. Não como o mapa na sala de guerra do seu pai, que exibia o reino inteiro. Não, este era o mapa de um feitiço. Um diagrama de magia.

No alto do pergaminho havia três palavras na língua comum.

Is Anos Vol, leu Rhy.

A Chama Eterna.

Abaixo dessas palavras havia um par de círculos concêntricos conectados por linhas delicadas e repletos de pequenos símbolos, a forma abreviada preferida, utilizada pelos fazedores de feitiços de Londres. Rhy estreitou os olhos, tentando extrair algum sentido daqueles rabiscos. Ele possuía aptidão para idiomas, captando a cadência etérea da língua faroense, as ondas entrecortadas de cada sílaba em veskano, as colinas e os vales dos dialetos fronteiriços do próprio Arnes. Porém, as palavras no pergaminho pareciam mudar e esmaecer diante dos seus olhos, entrando e saindo de foco.

Ele mordeu o lábio (era um mau hábito, do qual sua mãe sempre o advertia por não ser muito *principesco*), e então pousou as mãos, uma em cada lado do papel, a ponta dos dedos roçando o círculo externo, e iniciou o feitiço.

Ele manteve os olhos focados no centro da folha enquanto lia, pronunciando cada palavra, os fragmentos desajeitados e partidos na língua. Seu pulso martelou nos ouvidos, a batida descompassada com o ritmo natural da magia. Mas Rhy continuou com o feitiço, sustentando-o apenas com a força do seu comando, e, conforme se aproximava do fim, uma sensação de formigamento começou a se manifestar nas suas mãos. Ele podia senti-la subindo pelas palmas, pelos dedos, roçando o limite do círculo, e então...

Nada.

Nenhuma fagulha.

Nenhuma chama.

Ele pronunciou o feitiço uma, duas, três vezes, mas o calor nas mãos já se desvanecia, dissolvia-se numa mera comichão de dormência. Desanimado, ele permitiu que as palavras sumissem, levando o restante da sua concentração com elas.

O príncipe se deixou cair nas pedras frias.

— *Santo!* — murmurou ele, mesmo sabendo que era uma péssima forma de praguejar e que era ainda pior fazer aquilo *ali*.

— O que você está fazendo?

Rhy ergueu o olhar e viu o irmão de pé na entrada da alcova com uma capa vermelha envolvendo os ombros estreitos. Mesmo com 10 anos e 9 meses, o rosto de Kell tinha o ar de um homem sério, especialmente por causa da ruga entre as sobrancelhas. O cabelo ruivo de Kell reluzia até na luz cinzenta da manhã, e os seus olhos — um azul e outro preto como a noite — faziam com que as pessoas olhassem para baixo, desviassem o olhar. Rhy não sabia bem o porquê, mas sempre fazia questão de encarar Kell de frente para lhe mostrar que aquilo não importava. Olhos eram apenas olhos.

Kell não era seu irmão *de verdade*, é claro. Mesmo com um olhar de relance se perceberia como eram diferentes. Kell era uma amálgama, como se diferentes tipos de argila tivessem sido

entremeados: tinha a pele pálida de um veskano, o corpo delgado de um faroense e o cabelo acobreado encontrado apenas na fronteira norte de Arnes. Além disso, é claro, havia seus olhos. Um natural, ainda que não particularmente arnesiano, e o outro *Antari*, marcado pela própria magia como *aven*. Abençoado.

Rhy, por outro lado, com a pele negra, o cabelo preto e os olhos cor de âmbar, era todo de Londres, todo Maresh, todo da realeza.

Kell percebeu o embaraço do príncipe e o pergaminho aberto diante dele. Ele se ajoelhou diante de Rhy de forma que o tecido da sua capa se amontoou nas pedras à sua volta.

— Onde você arrumou isso? — perguntou Kell com uma óbvia pontada de desagrado na voz.

— Peguei de Tieren — respondeu Rhy. Seu irmão lhe lançou um olhar desconfiado e Rhy arremedou: — Do escritório de Tieren.

Kell passou os olhos de relance pelo feitiço e franziu o cenho.

— Uma chama eterna?

Com ar distraído, Rhy pegou um dos lins que estava no chão e deu de ombros.

— Foi o primeiro que vi. — Ele tentou fingir que não se importava com aquele feitiço estúpido, mas sentia um nó na garganta e uma ardência nos olhos. — Não importa — retrucou, jogando a moeda no chão como se atirasse uma pedra num rio. — Não consigo fazer com que funcione.

Kell se ajeitou, os lábios se movendo silenciosamente conforme lia os rabiscos do sacerdote. Ele manteve a mão acima do papel, as palmas em concha como se estivesse aninhando uma chama que ainda nem estava ali, e começou a recitar o feitiço. Quando Rhy tentou, as palavras caíram como pedras, mas nos lábios de Kell elas se tornaram poesia: suaves e sibilantes.

O ar ao redor deles se aqueceu imediatamente e um vapor emergiu das linhas escritas no pergaminho. Logo depois a tinta se reuniu e subiu, formando uma gota de óleo que ardeu.

A chama pairou no ar entre as mãos de Kell, branca e cintilante.

Ele fazia aquilo parecer tão fácil, e Rhy sentiu uma pontada de raiva do irmão, quente como uma fagulha — e tão breve quanto.

Não era culpa de Kell que Rhy não conseguisse fazer magia. Rhy começou a se levantar quando Kell agarrou os punhos da camisa dele. Ele guiou as mãos do irmão, posicionando-as de cada lado do feitiço e puxando o príncipe para o centro da sua magia. Um calor formigou na palma das mãos de Rhy, que ficou dividido entre o prazer diante do poder e a consciência de que o poder não era seu.

— Não está certo — murmurou ele. — Sou príncipe da coroa, herdeiro de Maxim Maresh. Eu devia ser capaz de acender o raio de uma vela.

Kell mordeu o lábio. A mãe nunca ralhava com *ele* por causa desse mau hábito. E então disse:

— Há tipos diferentes de poder.

— Eu preferia ter magia a uma coroa — resmungou Rhy.

Kell observou a pequena chama branca entre eles.

— A coroa é uma espécie de magia, se você parar para pensar. Um mago governa um elemento. Um rei governa um império.

— Apenas se o rei for forte o bastante.

Kell então ergueu os olhos.

— Você será um bom rei, se não se meter em confusão e morrer antes.

Rhy suspirou, fazendo a chama estremecer.

— Como você sabe?

Diante disso, Kell sorriu. Era algo raro, e Rhy queria que perdurasse. Ele era o único que conseguia fazer o irmão sorrir, uma capacidade da qual se orgulhava. Mas então Kell disse:

— Magia. — E Rhy quis lhe dar um soco.

— Você é um idiota — resmungou ele, tentando se desvencilhar, mas os dedos do irmão o seguraram com mais força.

— Não solte.

— Me largue — disse Rhy, primeiro em tom de brincadeira, mas então, conforme o fogo ficava mais brilhante e quente entre a palma das suas mãos, ele pediu de novo, com sinceridade: — Pare. Você está me machucando.

O calor lambeu os seus dedos, e uma dor incandescente subiu lancinante por suas mãos e braços.

— Pare — implorou ele. — Kell, *pare*.

Mas, quando Rhy desviou os olhos do fogo para o rosto do irmão, não foi isso que viu. Não era o rosto de Kell, mas uma poça de escuridão. Rhy arfou e tentou se desvencilhar, porém o irmão não era mais de carne e osso e, sim, de pedra, as mãos entalhadas como algemas ao redor dos punhos de Rhy.

Isso não estava certo, pensou ele. Tinha de ser um sonho — um pesadelo —, mas o calor do fogo e a pressão esmagadora nos seus pulsos eram demasiadamente reais. E ficavam piores a cada pulsação, a cada respiração.

A chama entre eles se tornou alongada e fina, assumindo a forma de uma lâmina de luz afiada cuja ponta estava direcionada para o teto. E então, lenta e terrivelmente, ela apontou para Rhy. Ele lutou e gritou, mas nada foi capaz de parar a faca enquanto ela ardia e se enterrava no seu peito.

Dor.

Faça parar.

A lâmina trinchou o caminho por entre as suas costelas, queimou os ossos e atravessou o coração. Rhy tentou gritar e engasgou com a fumaça. Seu peito era uma enorme ferida aberta e reluzente.

A voz de Kell soou, não da estátua, mas de algum outro lugar. Algum lugar longe e desvanecente. *Não desista.*

Mas doía. Doía demais.

Pare.

Rhy estava queimando de dentro para fora.

Por favor.

Morrendo.

Resista.

De novo.



Por um instante, a escuridão deu lugar a feixes de cor, um teto de tecidos ondulantes, um rosto familiar pairando no canto da sua visão turva pelas lágrimas. E olhos cor de tempestade arregalados de preocupação.

— Luc? — chamou Rhy com voz rouca.

— Estou aqui — respondeu Alucard. — Estou aqui. Fique comigo.

Ele tentou falar, mas o seu coração martelou nas costelas como se estivesse tentando quebrá-las para escapar.

Ele acelerou e então fraquejou.

— Encontraram Kell? — perguntou uma voz.

— Saia de perto de mim — ordenou outra.

— Todos para *fora*.

A visão de Rhy ficou turva.

O quarto oscilou, as vozes ficaram abafadas, e a dor deu lugar a algo pior, à agonia lancinante da faca invisível se dissolvendo em algo gélido conforme seu corpo lutava e falhava, lutava e falhava, e falhava e...

Não, implorou ele, mas sentia os fios sendo rompidos dentro de si, um por um, até que nada mais restou para sustentá-lo.

Até que o rosto de Alucard sumiu e o quarto se dissolveu.

Até que a escuridão envolveu Rhy com seus braços pesados e o enterrou.

V

Alucard Emery não estava acostumado a se sentir impotente.

Poucas horas antes, ele havia vencido o *Essen Tasch* e sido aclamado o mago mais poderoso dos três impérios. Mas agora, sentado à beira da cama de Rhy, não tinha ideia do que fazer. De como ajudar. De como salvá-lo.

O mago observou o príncipe se encolher, mortalmente pálido nos lençóis embolados. Observou Rhy berrar de dor, atacado por algo que nem mesmo Alucard conseguia ver ou combater. E ele teria agido, teria ido aos confins do mundo para manter Rhy a salvo. Mas, seja lá o que for que matava o príncipe, não estava ali.

— O que está *acontecendo*? — perguntou ele dezenas de vezes. — O que posso *fazer*?

Mas não houve resposta, então tudo que pôde fazer foi tentar compreender as súplicas da rainha, as ordens do rei, as palavras urgentes de Lila e os ecos das vozes diligentes dos guardas. E todos eles chamavam por Kell.

Alucard se inclinou para a frente, agarrou a mão do príncipe e observou os fios mágicos ao redor do corpo de Rhy se esfiaparem, ameaçando se romper.

Outros olhavam para o mundo e viam luz, sombra e cores, porém Alucard Emery sempre foi capaz de enxergar mais. Sempre conseguiu ver a urdidura e a trama do poder, o padrão da magia. Não apenas a aura de um feitiço ou o resíduo de um encantamento, mas o tom da verdadeira magia que circundava uma pessoa e pulsava nas veias. Todos conseguiam ver a luz vermelha do Atol, mas Alucard divisava o mundo inteiro em feixes de cores vívidas. Poços naturais de magia cintilavam em carmesim. Magos elementais eram envoltos em verde e azul. Maldições exalavam roxo.

Feitiços poderosos queimavam em dourado. Um *Antari*? Eles sozinhos irradiavam uma luz preta porém iridescente: não apenas uma cor, mas todas as cores combinadas juntas, naturais e não naturais, fios reluzentes e trêmulos que se enrolavam como seda ao redor e dançavam sobre a pele deles.

Alucard agora assistia a esses mesmos fios desfiando e se rompendo ao redor do príncipe em posição fetal.

Isso não estava certo. A minguada magia de Rhy sempre exibiu um verde-escuro (certa vez ele contara isso ao príncipe, apenas para observar as feições dele se enrugarem em desgosto, pois Rhy nunca gostou dessa cor).

Mas, no instante em que ele pôs os olhos em Rhy, depois de ficar três anos longe, Alucard soube que o príncipe estava diferente. *Alterado*. Não era o formato do queixo, nem a largura dos ombros ou as olheiras. Era a magia atrelada a ele. O poder vivia e respirava, estava fadado a se mover ao longo da vida de uma pessoa. Mas essa nova magia ao redor de Rhy estava imóvel, os fios enrolados tão apertados como uma corda em volta do corpo do príncipe.

E cada um deles brilhava como óleo na água. Fundindo cor e luz.

Naquela noite, no quarto de Rhy, quando Alucard deslizou a túnica para o lado para beijar o ombro do príncipe, ele viu o ponto onde os fios prateados se prendiam à pele de Rhy, tecendo cicatrizes circulares sobre o coração. Ele não precisou perguntar quem havia conjurado o feitiço — somente um *Antari* lhe vinha à mente —, mas Alucard não conseguia entender *como* Kell havia feito aquilo. Normalmente ele conseguia compreender um pedaço de magia ao olhar sua trama, mas os fios do feitiço não tinham começo nem fim. Os fios da magia de Kell mergulhavam diretamente no coração de Rhy e então se perdiam. Não, não se perdiam; eles se *enterravam*. O feitiço era rígido, imperturbável.

E agora, de alguma forma, estava ruindo.

Os fios se partiam, um a um, sob uma força invisível. A cada cordão perdido soava um soluço, uma respiração trêmula do príncipe semiconsciente. A cada títere esfiapado...

Então era disso que se tratava, ele percebeu. Não apenas um feitiço, mas um tipo de *vínculo*.

Com Kell.

Ele não sabia *por que* a vida do príncipe estava atrelada à do *Antari*. Nem queria imaginar, apesar de agora ter visto a cicatriz no meio das costelas trêmulas de Rhy, tão larga quanto o gume de uma adaga, e a compreensão o atingiu sem aviso, deixando-o enjoado e desamparado. Mas o vínculo estava se partindo, de modo que Alucard fez a única coisa que podia fazer.

Ele segurou a mão do príncipe e tentou verter o seu próprio poder nos fios em frangalhos, como se a luz azul de tormenta da sua magia pudesse se fundir com a luz iridescente de Kell em vez de ser inutilmente absorvida. Ele rezou para todos os poderes do mundo, para cada santo, cada sacerdote e cada figura abençoada — tanto para aqueles em que acreditava como para aqueles em que não acreditava — rogando força. E, quando ninguém respondeu, ele começou a falar com Rhy. Não lhe disse que aguentasse firme, não lhe pediu que fosse forte.

Em vez disso, falou do passado. Do passado *deles*.

— Você se lembra daquela noite, a véspera da minha partida? — Ele se esforçou para manter o medo longe da voz. — Você nunca respondeu a minha pergunta.

Alucard fechou os olhos, em parte para visualizar a lembrança e em parte porque não suportava ver o príncipe sentindo tamanha dor.

Era verão, e eles estavam deitados na cama, os corpos entrelaçados e quentes. Ele deslizou a mão pela pele perfeita de Rhy e, quando o príncipe ficou envaidecido, ele disse:

— Um dia você ficará velho e enrugado, e eu ainda vou te amar.

— Nunca ficarei velho — retrucou o príncipe com a certeza típica de alguém jovem, saudável e terrivelmente ingênuo.

— Então você planeja morrer jovem? — provocou ele, e Rhy encolheu elegantemente os ombros.

— Ou viver para sempre.

— Ah, é mesmo?

O príncipe afastou um cacho escuro da frente dos olhos.

— Morrer é tão mundano.

— E como, exatamente — perguntou Alucard, apoiando-se num dos cotovelos —, você pretende viver para sempre?

Rhy o puxou para baixo e então encerrou a conversa com um beijo.

Agora ele tremia sobre a cama, um soluço lhe escapou por entre os dentes cerrados. Os seus cachos pretos estavam grudados ao rosto. A rainha requisitou um pano úmido, requisitou o sumo sacerdote, requisitou Kell. Alucard segurava a mão do seu amante.

— Sinto muito por ter ido embora. Sinto muito. Mas estou aqui agora, então você não pode morrer — disse ele, com a voz enfim vacilante. — Não vê como isso seria rude, logo quando vim de tão longe?

A mão do príncipe o apertou mais forte quando seu corpo entrou em convulsão.

O peito de Rhy subiu e desceu num último e violento tremor.

E, em seguida, ele ficou imóvel.

E por um instante Alucard se sentiu aliviado porque Rhy finalmente estava descansando, finalmente tinha adormecido. Por um instante, tudo estava bem. Por um instante...

E então tudo se despedaçou.

Alguém gritava.

Os sacerdotes avançavam.

Os guardas o tiravam dali.

Alucard olhou para o príncipe.

Ele não compreendia.

Não *podia* compreender.

E então a mão de Rhy escorregou da sua e caiu na cama.

Sem vida.

Os últimos fios prateados estavam se soltando, deslizando da sua pele como lençóis no verão.

E logo *ele* começou a gritar.

Alucard não se lembra de nada do que aconteceu depois disso.

VI

Por um instante aterrorizante, Lila deixou de existir.

Ela sentiu como se estivesse sendo desfiada, despedaçada em milhões de fios, cada um sendo esticado, esfiapado e ameaçando arrebentar conforme ela saía do mundo, da própria vida — em direção ao nada. E então, tão repentinamente quanto antes, ela se viu cambaleando e caindo de quatro no meio da rua.

Ela deu um grito curto e involuntário quando chegou ao chão, sentindo os membros trêmulos e a cabeça ressoando como um sino.

O chão sob a palma das mãos — e *havia* um chão, de modo que ao menos isso era um bom sinal — era áspero e frio. A atmosfera estava calma. Sem fogos de artifício. Nenhuma música. Lila se levantou com muito esforço, o sangue pingando dos seus dedos e do seu nariz. Ela o limpou, salpicando as pedras de pontos vermelhos conforme desembainhava a faca e mudava de posição, apoiando as costas na parede gélida. Ela se lembrava da última vez em que estivera ali, nessa Londres, os olhos ávidos de homens e mulheres famintos por poder.

Um lampejo de cor chamou a sua atenção e ela olhou para cima.

O céu sobre a sua cabeça estava matizado pelo pôr do sol: cor-de-rosa, roxo e um tom de ouro reluzente. Mas o problema é que a Londres Branca *não tinha* cor, não dessa maneira, e por um terrível instante ela pensou que tivesse atravessado para *outra* cidade, outro mundo, e que ficaria presa ainda mais longe de casa. Onde quer que a sua casa fosse agora.

Mas não, Lila reconheceu a rua sob as suas botas, o castelo que se erguia em torres góticas e pontiagudas para o céu em contraste com o sol que se punha. Era a mesma cidade, ainda que estivesse completamente mudada. Passaram-se apenas quatro meses desde que ela estivera ali, quatro meses desde que ela e Kell enfrentaram os gêmeos Dane. Naquela

época, esse mundo era feito de gelo, cinzas e frias pedras brancas. E agora... Agora um homem passava por ela na rua e *sorria*. Não a careta retorcida de alguém faminto, mas o sorriso tímido daqueles que estão satisfeitos, daqueles que foram abençoados.

Isso estava errado.

Quatro meses, e nesse meio-tempo ela aprendeu a sentir a magia, a sua presença e até mesmo o seu propósito. Não conseguia *vê-la*, não como Alucard fazia, mas a cada respiração ela sentia o gosto do poder no ar como se fosse açúcar; doce e forte o suficiente para enjoar. O ar da noite cintilava com o poder.

O que será que estava acontecendo?

E onde estava Kell?

Lila sabia onde *ela* estava, ou ao menos onde escolheu atravessar, e então seguiu o muro alto que contornava a esquina até os portões do castelo. Eles estavam abertos e havia uma hera de inverno entremeada e subindo pelo ferro. Lila se forçou a parar pela segunda vez. A Floresta de Pedra, outrora um jardim repleto de cadáveres, se foi, substituída por um trecho realmente cheio de árvores e por guardas de armadura reluzente flanqueando os degraus do castelo em posição de alerta.

Kell tinha de estar lá dentro. Havia uma ligação entre eles, fina como uma linha, porém estranhamente forte. Lila não sabia se era feita de magia ou de algo diferente, mas a atraía para o castelo como uma espécie de gravidade. Ela tentou não pensar no que isso significava, em quanto mais ela teria de avançar e em quantas pessoas precisaria enfrentar para encontrá-lo.

Não havia um feitiço de localização?

Lila vasculhou a sua mente em busca das palavras. *As Travars* a havia transportado entre mundos, e *As Tascen* era a forma de se mover entre lugares diferentes dentro de um *mesmo* mundo. Mas e se ela quisesse encontrar uma pessoa, não um lugar?

Ela se amaldiçoou por não conhecer as palavras, por nunca ter perguntado. Kell lhe contou uma vez que encontrou Rhy depois de ele ter sido sequestrado, ainda menino. Que feitiço havia usado? Ela vasculhou a memória e se lembrou de algo que Rhy fez com as próprias mãos. Um cavalo de madeira? Outra imagem lhe veio à mente, a de um lenço — o lenço dela — encerrado na mão de Kell quando ele a encontrou pela

primeira vez, na Stone's Throw. Mas Lila não possuía nada que pertencesse a ele. Nenhum souvenir. Nenhum objeto.

Veio o pânico, e ela lutou contra ele.

E daí que não tivesse um amuleto para guiá-la? As pessoas eram mais do que aquilo que possuíam, e com certeza os objetos não eram as únicas coisas que continham marcas. Elas eram feitas de fragmentos, palavras... lembranças.

E estas Lila possuía.

Ela pressionou a palma da mão ainda ensanguentada no portão do castelo, o frio do ferro penetrando na ferida superficial enquanto ela cerrava os olhos e conjurava Kell. Primeiro com a lembrança da noite em que se conheceram, no beco em que ela o furtou, e então depois, quando ele atravessou a parede do quarto dela. Um estranho amarrado à sua cama, o gosto da magia, a promessa de liberdade, o medo de ser deixada para trás. De mãos dadas através de um mundo, e depois mais outro, imprensados um contra o outro enquanto se escondiam de Holland, enfrentando o malicioso Fletcher e lutando contra o não Rhy. O horror que assolou o palácio e a batalha na Londres Branca, quando o corpo ensanguentado de Kell se enroscou no dela em meio aos destroços da Floresta de Pedra. As peças quebradas que se tornaram a vida deles quando se separaram. E então o reencontro. Uma partida jogada por trás de máscaras. Um novo abraço. As mãos dele queimando na sua cintura quando dançaram, a boca de Kell ardendo contra a dela quando se beijaram, os corpos se golpeando como espadas na sacada do palácio. O calor aterrorizante e depois, cedo demais, o frio. O colapso dela na arena. A fúria dele arremessada como uma arma antes de ele virar as costas. Antes de ela deixá-lo ir.

Mas ela veio até aqui para levá-lo de volta.

Lila se preparou mais uma vez, a mandíbula cerrada diante da expectativa da dor que estava por vir.

Ela sustentou as lembranças na mente, pressionou-as no muro como se fossem um símbolo e proferiu as palavras.

— *As Tascen Kell.*

Pressionado na sua mão, o portão estremeceu e o mundo se desfez conforme Lila o atravessava cambaleando, saindo da rua para o aposento pálido e polido de um dos corredores do castelo.

Tochas ardiam em arandelas ao longo das paredes, passos soavam ao longe, e Lila se permitiu sentir uma breve satisfação, até mesmo alívio, antes de perceber que Kell não estava ali. A cabeça dela doía, um xingamento começou a ser emitido pelos seus lábios quando, do outro lado da porta à sua esquerda, ela ouviu um grito abafado.

O sangue de Lila se enregelou.

Kell. Ela alcançou a porta, mas, assim que os seus dedos se fecharam ao redor da maçaneta, Lila percebeu o assobio reverberante de metal cortando ar. Ela se afastou para o lado quando a faca se enterrou na madeira onde Lila estivera um segundo antes. Um cordão preto delineou o percurso do cabo da faca no ar, e ela se virou, seguindo a linha até uma mulher que usava um manto pálido. Uma cicatriz tracejava a maçã do rosto da outra mulher, mas essa era a sua única característica comum. A escuridão preenchia um dos olhos e se espalhava como cera derretida, escorrendo pela sua face e subindo pela sua têmpora, marcando a linha da mandíbula e se perdendo por um cabelo tão vermelho — mais vermelho que o casaco de Kell, ainda mais vermelho que o rio em Arnes — que parecia chamuscar o ar. Uma cor vívida demais para este mundo. Ou, ao menos, vívida demais para o que este mundo havia sido. Mas Lila sentiu que havia algo errado ali, e era mais que cores vibrantes e olhos arruinados.

A mulher não lembrava Kell, nem mesmo Holland, mas a pedra preta roubada meses antes. Aquela estranha atração, uma pulsação pesada.

Com um movimento do pulso, uma segunda faca apareceu na mão esquerda da estranha, o cabo amarrado na outra ponta do cordão. Um puxão leve e a primeira faca se soltou da madeira e voou direto para os dedos da sua mão direita. Um movimento tão gracioso quanto o de uma ave planando em formação.

Lila quase ficou impressionada.

— Quem raios é você? — perguntou ela.

— Sou uma mensageira — respondeu a mulher, mas Lila reconhecia uma assassina treinada quando via uma. — E você?

Lila desembainhou duas das suas facas.

— Sou uma ladra.

— Você não pode entrar.

Lila encostou as costas na porta, o poder de Kell como uma pulsação moribunda na sua espinha. *Agente firme*, pensou ela desesperadamente e, em seguida, disse em voz alta:

— Tente me impedir.

— Qual o seu nome? — perguntou a mulher.

— Por que você quer saber?

Ela sorriu, um sorriso homicida.

— O meu rei vai querer saber quem eu...

Mas Lila não esperou que ela terminasse a frase.

A sua primeira faca voou pelo ar e, quando a mulher moveu a mão para desviá-la, Lila atacou com a segunda. Estava a meio caminho de encontrar carne quando a lâmina do cordão veio na sua direção e ela teve de se abaixar, mergulhando para sair do caminho. Ela rodopiou, pronta para talhar de novo, apenas para se defender de outro ataque de escorpião. O cordão entre as facas era elástico e a mulher domava as lâminas como Jinnar dobrava o ar, Alucard a água ou Kisimyr a terra. As armas estavam envoltas em determinação, de modo que, quando voavam, tinham tanto a força do impulso como a elegância da magia.

E, além de tudo isso, a mulher se movia com uma graça perturbadora, com os gestos fluidos de uma dançarina.

Uma dançarina com duas lâminas muito afiadas.

Lila se abaixou e a primeira lâmina rasgou o ar ao lado do seu rosto. Vários fios de cabelo escuro pairaram até o chão. As armas eram borrões velozes que desviavam sua atenção para diferentes direções. Tudo o que Lila podia fazer era desviar dos pontos prateados e cintilantes.

Já teve sua cota de brigas de faca. Ela mesma começou a maioria delas. Sabia que o truque era encontrar uma posição de guarda e se manter nela, forçando um momento de defesa, uma abertura para o ataque. Mas este não era um combate corpo a corpo.

Como podia lutar contra uma mulher cujas facas sequer ficavam na mão dela?

A resposta, é claro, era simples: da mesma forma que lutava contra todos os outros.

Rápido e traiçoeiramente.

Afinal, o objetivo não era parecer boazinha. Era continuar viva.

As lâminas da mulher se projetaram como víboras, atacando com uma velocidade repentina e aterrorizante. Mas havia uma fraqueza: elas não conseguiam mudar de rumo. Uma vez que uma lâmina voava, voava em linha reta. E era por isso que uma faca na mão era melhor que uma arremessada.

Lila fingiu ir para a direita e, quando a primeira lâmina veio, ela partiu para o outro lado. A segunda chegou em seguida, traçando outro caminho, e Lila desviou novamente, abrindo um terceiro caminho enquanto ambas as lâminas estavam presas nas suas rotas.

— Peguei você — rosnou Lila, partindo para cima da mulher.

E então, para seu horror, as lâminas *mudaram de rumo*. Desviaram em pleno ar e mergulharam, fazendo Lila se mover freneticamente enquanto ambas as armas se enterravam no chão onde ela estivera agachada um segundo antes.

É claro. Uma encantadora de metal.

O sangue escorreu pelo braço de Lila e pingou pelos seus dedos. Ela foi rápida, mas não o suficiente.

Com outro movimento de pulso, as facas voaram de volta para as mãos da outra mulher.

— Nomes são importantes — disse ela, enrolando o cordão. — O meu é Ojka e eu tenho ordens de manter você fora daqui.

Atrás das portas, Kell soltou um grito de frustração e um soluço de dor.

— O meu nome é Lila Bard — respondeu ela, desembainhando a sua faca favorita — e eu não dou a mínima.

Ojka sorriu e atacou.

Quando o golpe seguinte foi desferido, Lila não mirou em carne ou lâmina, mas no cordão entre elas. O fio da faca se aproximou do tecido esticado e começou a...

Mas Ojka era rápida demais. O metal mal raspou no cordão antes que ele se recolhesse velozmente para os dedos da adversária.

— *Não!* — rosnou Lila, pegando o metal com a própria mão. A surpresa perpassou o rosto de Ojka, e Lila deixou escapar um pequeno som de triunfo pouco antes de a dor subir aguda pela sua perna quando uma *terceira* lâmina, curta e brutalmente afiada, enterrou-se na sua panturrilha.

Lila arquejou e cambaleou.

O sangue salpicou o chão pálido quando Lila puxou a faca da perna e se levantou.

Além daquela porta, Kell gritou.

Além daquele mundo, Rhy morreu.

Lila não tinha tempo para isso.

Ela raspou uma lâmina na outra e elas soltaram fagulhas, pegando fogo. O ar crepitou ao redor dela e, desta vez, quando Ojka lançou sua lâmina, os gumes chamuscantes das facas de Lila encontraram a extensão do cordão e o fogo se espalhou. Ele percorreu o tecido, lambendo por onde passava, e Ojka sibilou ao se retrair. No meio do caminho até a mão dela, o cordão se partiu e a faca despencou, perdendo-se no percurso até seus dedos. Uma dançarina que perdeu a deixa. O rosto da assassina queimou de raiva conforme ela diminuía a distância entre si e a oponente, agora armada com uma única lâmina.

Apesar disso, Ojka ainda se movia com a graça aterrorizante de uma predadora, e Lila estava tão atenta à faca na mão da mulher que esqueceu que o cômodo estava repleto de outras armas que uma maga poderia usar.

Lila se esquivou de um lampejo de metal e tentou pular para trás, mas a parte anterior dos seus joelhos bateu num banco baixo, fazendo com que ela tropeçasse e perdesse o equilíbrio. O fogo nas suas mãos se apagou e a mulher de cabelos ruivos estava diante dela antes que Lila chegasse ao chão, a lâmina já descendo num arco na direção do seu peito.

Lila ergueu os braços para bloquear a faca que descia cortando, os cabos das lâminas colidindo no ar em frente ao seu rosto. Um sorriso maldoso perpassou os lábios de Ojka quando a arma na sua mão se estendeu subitamente, o metal se afinando numa ponta de aço que se projetou para os olhos de Lila...

A cabeça de Lila pendeu para o lado quando o metal golpeou vidro e um som afiado de algo rachando reverberou no seu crânio. A faca, tendo atingido o seu olho falso, derrapou arranhando o chão de mármore. Uma gota de sangue escorreu pela sua bochecha onde a lâmina cortou a pele, como uma única lágrima carmesim.

Lila piscou, consternada.

A piranha tinha tentado enfiar uma faca no seu olho.

Felizmente, ela escolhera o olho errado.

Ojka olhou para baixo, presa num instante de confusão.

E um instante era tudo de que Lila precisava.

Sua própria faca, ainda erguida, agora cortou lateralmente, desenhando um sorriso vermelho ao longo da garganta da mulher.

A boca de Ojka abriu e fechou como um arremedo da pele aberta no seu pescoço, enquanto o sangue jorrava à sua frente. Ela desabou no chão ao lado de Lila, os dedos envolvendo a ferida larga e profunda: um golpe mortal.

A mulher se contorceu e depois ficou imóvel. Lila cambaleou para trás e para longe da crescente poça de sangue, a dor ainda latejando na panturrilha ferida e na cabeça zumbindo.

Ela se levantou e protegeu o olho despedaçado com uma das mãos.

A segunda lâmina que perdeu estava enterrada numa arandela e ela a retirou de lá, deixando uma trilha de sangue no seu rastro conforme mancava até a porta. Atrás dela, tudo estava silencioso. Ela tentou a maçaneta, mas estava trancada.

Provavelmente havia um feitiço para isso, mas Lila não o conhecia, e ela estava esgotada demais para conjurar ar, madeira ou qualquer outra coisa. Então, em vez disso, ela reuniu o que restava das suas forças e arrombou a porta com um chute.

VII

Kell encarou o teto, o mundo lá no alto tão distante e mais longínquo a cada respiração.

E então ouviu uma voz — a voz de *Lila* —, e ela era como um anzol o puxando de volta à superfície.

Ele arquejou e tentou se sentar. Não conseguiu. Tentou outra vez. Uma dor reverberou pelo seu corpo quando conseguiu se apoiar num dos joelhos. Em algum lugar longe dali, ele escutou o barulho de uma bota quebrando madeira. Uma tranca se partindo. Conseguiu ficar de pé ao mesmo tempo que a porta se abria, e lá estava ela, uma sombra tracejada na luz. E então a visão dele perdeu o foco e ela se tornou um borrão correndo na sua direção.

Kell ainda conseguiu dar um passo hesitante antes que as suas botas escorregassem na poça de sangue, antes que o choque e a dor o fizessem mergulhar na escuridão. Ele sentiu as pernas falhando pouco antes que braços quentes envolvessem a sua cintura conforme ele caía.

— Peguei você — falou Lila, tombando com ele até o chão.

A cabeça de Kell pendeu no ombro dela, e ele sussurrou rouco no casaco dela, tentando formar as palavras. Quando ela não entendeu, ele arrastou as mãos quebradas e ensanguentadas, os dedos dormentes mais uma vez se fechando ao redor da gargantilha no pescoço.

— Tire... isso — engasgou Kell.

O olhar de Lila — havia algo errado com os olhos dela? — percorreu o metal por um instante antes que ela envolvesse a gargantilha com ambas as mãos. Ela sibilou quando seus dedos encontraram o metal, mas não soltou, fazendo uma careta ao tatear o objeto até encontrar o fecho na base do pescoço de Kell. A gargantilha se abriu e ela a jogou do outro lado do cômodo.

O ar voltou aos pulmões de Kell e o calor verteu pelas suas veias. Por um instante, cada nervo no seu corpo cantou, primeiro com a dor e depois com o poder, conforme a magia retornava numa corrente elétrica. Ele arquejou e se curvou, o peito arfando e as lágrimas rolando pelo rosto conforme o mundo ao seu redor pulsava e ondulava, ameaçando pegar fogo. Até mesmo Lila deve ter sentido, uma vez que deu um pulo para trás, afastando-se enquanto o poder de Kell emergia e se assentava, reivindicando cada gota roubada.

Mas ainda faltava algo.

Não, pensou Kell. *Por favor, não*. O eco. A segunda pulsação. Ele baixou os olhos para as mãos em frangalhos, o sangue e a magia ainda pingando dos seus pulsos, mas nada daquilo importava. Ele atacou o próprio peito, rasgando a túnica sobre o selo que ainda estava ali, mas sob as cicatrizes e o feitiço apenas um coração batia. Apenas um...

— Rhy — falou ele, pronunciando a palavra em meio a um soluço. Um apelo. — Não consigo... Ele está...

Lila o pegou pelos ombros.

— Olhe para mim — disse ela. — O seu irmão ainda estava vivo quando eu parti. Tenha um pouco de fé. — As palavras dela eram vazias, e o medo dele ricocheteou dentro delas, preenchendo o espaço. — Além do mais — continuou —, você não pode ajudá-lo daqui.

Ela observou o cômodo e viu a estrutura de metal cujas algemas estavam recobertas de algo pegajoso e vermelho, a mesa ao lado dela, cheia de ferramentas, a gargantilha de metal jogada no chão, antes que a sua atenção voltasse para ele. *Havia* algo errado com os olhos dela. Um deles exibia o castanho usual, mas o outro estava repleto de rachaduras.

— Seu olho — começou ele, porém Lila o impediu de continuar com um aceno de mão.

— Agora não. — Ela se levantou. — Vamos, temos que sair daqui.

Mas Kell sabia que não tinha condições de ir a lugar nenhum. As mãos dele estavam fraturadas e feridas, o sangue ainda corria em filetes pelos seus punhos. Sua cabeça girava sempre que se mexia e, quando ela tentou ajudá-lo, ele sequer conseguiu ficar totalmente de pé antes que o seu corpo oscilasse e desabasse novamente. Ele deixou escapar um arquejo sufocado de frustração.

— Isso não combina com você — comentou ela, pressionando com os dedos um corte acima do tornozelo. — Fique quietinho, eu vou te remendar.

Kell arregalou os olhos.

— Espere! — exclamou ele, esquivando-se do toque dela.

Os lábios de Lila se encrespavam.

— Você não confia em mim?

— Não.

— Azar o seu — retrucou ela, pressionando com a mão ensanguentada o ombro dele. — Qual é a palavra, Kell?

O cômodo sacudiu quando ele balançou a cabeça.

— Lila, eu não acho...

— Qual é a porra da palavra?

Ele engoliu em seco e respondeu, trêmulo:

— *Hasari. As Hasari.*

— Tudo bem — falou ela, segurando-o com mais força. — Pronto? — E então, antes que ele pudesse responder, ela conjurou o feitiço. — *As Hasari.*

Nada aconteceu.

Os olhos de Kell se agitaram de alívio, exaustão, dor.

Lila franziu o cenho.

— Eu pronunciei direit...

Uma luz estourou entre eles, a força da magia os atirando para lados opostos como fragmentos de uma explosão.

As costas de Kell atingiram o chão e Lila se chocou com a parede mais próxima com um baque seco.

Ele ficou ali deitado, arquejando, tão pasmo que por um segundo não soube dizer se havia de fato funcionado. Mas, em seguida, ele flexionou os dedos e sentiu os destroços das mãos e dos pulsos sendo remendados, a pele lisa e quente por baixo dos filetes de sangue, sentiu o ar se mover livremente nos pulmões, sentiu o vazio sendo preenchido e o que estava quebrado sendo consertado. Quando se sentou, o cômodo não girou. A pulsação martelou nos seus ouvidos, mas o sangue estava de volta às suas veias.

Lila ficou jogada no chão contra a parede, massageando a parte de trás da cabeça e gemendo baixinho.

— Maldita magia — resmungou ela quando ele se ajoelhou ao seu lado. Ao vê-lo ileso, ela exibiu um sorriso convencido e triunfante.

— Eu disse que ia funcion...

Kell a interrompeu, segurando o rosto dela nas suas mãos ensanguentadas e a beijando de uma vez só, de um jeito íntimo e desesperado. Um beijo entrelaçado com sangue e pânico, dor, medo e alívio. Ele não perguntou como ela o encontrou. Não a repreendeu por isso, mas apenas disse:

— Você é *louca*.

Ela conseguiu dar um sorriso tímido e exausto.

— De nada.

Ele a ajudou a se levantar e pegou o próprio casaco, que estava amarfanhado sobre a mesa onde Holland — Osaron — o havia deixado.

Mais uma vez, Lila vasculhou o cômodo com o olhar.

— O que aconteceu, Kell? Quem fez isso com você?

— Holland.

Ele viu que o nome a atingiu como um soco e pensou nas imagens que passaram pela sua mente, as mesmas que dominaram a dele quando se viu frente a frente com o novo rei da Londres Branca e percebeu que não era um estranho, mas um inimigo conhecido. O *Antari* com olhos de duas cores, um de tom esmeralda, o outro preto. O mago preso ao serviço dos gêmeos Dane. Aquele que ele havia assassinado e empurrado para o abismo entre mundos.

Porém, Kell sabia que Lila trazia outra imagem na sua mente: a do homem que matou Barron e atirou o seu relógio ensanguentado aos pés dela só para provocá-la.

— Holland está morto — retrucou ela com frieza.

Kell meneou a cabeça.

— Não. Ele sobreviveu. E voltou. Ele está...

Gritos soaram do outro lado da porta.

Sons de passos ecoaram no chão de pedra.

— Droga — rosnou Lila, o olhar percorrendo o corredor. — Temos mesmo que sair daqui.

Kell se virou para a porta, mas ela já estava um passo à frente, com um lin da Londres Vermelha na mão ensanguentada que buscava a dele, enquanto ela levava a outra até a mesa.

— *As...* — começou Lila.

Kell arregalou os olhos.

— Espere, você não pode simplesmente...

— ... *Travars*.

Os guardas invadiram o cômodo enquanto ele se dissolvia, o chão cedia e eles caíam.

Descendo por uma Londres até outra.

Kell se preparou para o impacto, mas o chão nunca os atingiu. Não estava ali. O castelo se transformou em noite, as paredes e o chão deram lugar ao ar gélido, à luz vermelha do rio, às ruas fervilhantes e aos telhados com campanários que vinham na direção deles enquanto caíam.

* * *

Havia regras quando se tratava de fazer portas.

A primeira — e, na opinião de Kell, a *mais* importante — era a de que é possível se mover entre dois lugares num mesmo mundo, ou entre dois mundos num mesmo lugar.

Exatamente o mesmo lugar.

Por isso era tão importante ter certeza de que os seus pés estavam no chão e não sobre, digamos, o piso de um castelo a dois andares de altura, porque era provável que não houvesse o piso de um castelo no outro mundo.

Kell tentou avisar isso a Lila, mas era tarde demais. O sangue já estava na mão dela, o símbolo já estava na palma da sua mão, e, antes que ele pudesse emitir as palavras, antes que pudesse dizer algo além de *não*, eles já estavam caindo.

Eles mergulharam através do piso, através do mundo, e através de diversos metros noite de inverno adentro antes de colidir com o telhado inclinado de uma construção. As telhas estavam semicongeladas e eles deslizaram por mais alguns metros antes de se agarrarem aos canos de escoamento. Ou, melhor, Kell se agarrou. O metal sob as botas de Lila envergou abruptamente e ela teria despencado pela lateral se ele não a tivesse segurado pelo pulso e arremessado de volta para cima das telhas ao seu lado.

Por um longo tempo, nenhum dos dois falou, ficaram apenas deitados no telhado inclinado, exalando nuvens de respiração trêmulas no ar da noite.

— No futuro — disse Kell por fim —, certifique-se de que você está pisando *na rua*.

Lila exalou uma nuvem vacilante.

— Anotado.

O telhado frio ardia na pele corada de Kell, mas ele não se mexeu, não a princípio. Ele não conseguia — não conseguia pensar, não conseguia sentir, não conseguia se forçar a fazer algo que não fosse olhar para cima e admirar as estrelas. Pontos delicados de luz contra o céu azul noturno — o céu *dele* — tracejado com nuvens cujas bordas eram tingidas com o vermelho que emanava do rio, tudo tão normal, intocado e alheio ao que havia acontecido que de repente ele quis gritar. Porque, mesmo que Lila tivesse curado o seu corpo, ele ainda se sentia ferido, assustado e vazio, e tudo o que queria era fechar os olhos e afundar novamente para encontrar aquele lugar escuro e silencioso sob a superfície do mundo. O lugar em que Rhy... Rhy... Rhy...

Ele se forçou a sentar.

Precisava encontrar Osaron.

— Kell — começou Lila, mas ele já estava pulando do telhado e caindo na rua abaixo.

Poderia ter conjurado o vento para amenizar a queda, mas não o fez, mal sentiu a dor latejando nas suas canelas quando aterrissou nas pedras. Um instante depois, ouviu o barulho suave de um corpo caindo e Lila aterrissando agachada ao lado dele.

— Kell — repetiu ela, mas ele já atravessava a rua até o muro mais próximo, tirando a faca do bolso do casaco e entalhando uma linha na pele recém-curada. — Droga, Kell.

Ela agarrou a manga dele e lá estava Kell de novo, olhando fixamente para aqueles olhos castanhos, um inteiro e outro estilhaçado. Como poderia saber? Como poderia *não* saber?

— O que você quer dizer com *Holland está aqui*?

— Ele...

Algo se partiu dentro dele, e Kell estava de volta ao pátio com a mulher de cabelos vermelhos, *Ojka*, seguindo-a através de uma porta no

mundo para uma Londres que não fazia sentido, uma Londres que deveria estar em ruínas mas não estava, uma Londres colorida demais. E lá estava o novo rei, jovem e saudável, porém inconfundível. Holland. E então, antes que Kell pudesse compreender a presença do *Antari*, houve o frio terrível da gargantilha enfeitiçada, a dor excruciante de ser extirpado de si mesmo, de tudo, a armação de metal penetrando nos pulsos. E o olhar de Holland conforme ele se tornava outra pessoa, o som entrecortado da própria voz de Kell implorando enquanto o seu segundo coração falhava dentro do peito e o demônio dava as costas e...

Kell subitamente se encolheu. Estava de volta à rua, o sangue pingando dos seus dedos e Lila a alguns centímetros do seu rosto. E ele não saberia dizer se ela o havia beijado ou batido nele, sabia apenas que a sua cabeça latejava e que algo dentro dele ainda gritava.

— É ele — disse Kell com voz rouca —, mas não é. É... — Kell meneou a cabeça. — Eu não sei, Lila. De alguma forma, Holland chegou à Londres Preta e algo entrou dentro dele. É como Vitari, mas pior. E está... *vestindo* Holland.

— Então o verdadeiro Holland está morto? — perguntou Lila enquanto ele desenhava um símbolo nas pedras.

— Não — respondeu Kell, pegando a mão dela. — Ele ainda está lá em algum lugar. E agora ambos estão aqui.

Kell pressionou a palma da mão ensanguentada no muro e, desta vez, quando ele proferiu o feitiço, a magia respondeu sem esforço e misericordiosamente ao seu toque.

VIII

Emira se recusou a sair do lado de Rhy.

Nem quando os gritos dele se transformaram em soluços presos na garganta.

Nem quando a sua pele febril ficou pálida e as suas feições sem vida.

Nem quando a sua respiração parou e o seu pulso falhou.

Nem quando o quarto ficou silencioso, nem quando explodiu em caos e a mobília sacudiu, as janelas se estilhaçaram e os guardas tiveram de arrancar Alucard Emery da cama. Nem quando Maxim e Tieren tentaram retirar as mãos dela do corpo dele, porque não entendiam.

Uma rainha pode abandonar o trono.

Mas uma mãe *já* abandona um filho.

— Kell não vai deixá-lo morrer — disse em meio ao silêncio. — Kell não vai deixá-lo morrer — disse em meio ao barulho. — Kell não vai deixá-lo morrer — disse repetidamente para si mesma quando eles pararam de ouvir.

O quarto se tornou uma tempestade, mas ela permaneceu perfeitamente imóvel ao lado do filho.

Emira Maresh, que via rachaduras nas coisas mais lindas e passava pela vida com medo de quebrá-las ainda mais. Emira Nasaro, que jamais desejou ser rainha, que jamais quis ser responsável por legiões de pessoas e suas tristezas, suas alegrias. Que nunca pensou em trazer um filho a este mundo perigoso, e que agora se recusava a acreditar que o seu menino forte e belo... O coração dela...

— Ele está morto — declarou o sacerdote.

Não.

— Ele está morto — disse o rei.

Não.

— Ele está morto — falaram todas as vozes exceto a dela, porque não entendiam que, se Rhy estivesse morto, então Kell também estava, e isso não aconteceria, isso *não podia* acontecer.

E, ainda assim...

Seu filho não se movia. Não respirava. A pele dele, tão recentemente fria, havia assumido uma horrível palidez cinzenta, seu corpo esquelético e encovado como se tivesse morrido há semanas, meses, em vez de minutos. A camisa dele permanecia aberta, revelando o selo no peito e as costelas tão terrivelmente visíveis debaixo da pele que um dia foi negra.

Os olhos dela ficaram embaçados com as lágrimas, mas ela não as deixaria escorrer, porque chorar significaria estar de luto, e ela não ficaria de luto pelo seu filho porque ele *não estava morto*.

— Emira — implorou o rei quando ela baixou a cabeça sobre o peito demasiadamente parado de Rhy.

— Por favor — sussurrou ela, e a palavra não era um apelo ao destino, à magia, aos santos, aos sacerdotes ou ao Atol. Era a Kell. — Por favor.

Quando ela ergueu o olhar, quase pôde ver um lampejo prateado no ar — um fio de luz —, mas, a cada segundo que passava, o corpo sobre a cama apresentava menos semelhanças com o seu filho.

Os dedos dela afastaram o cabelo dos olhos de Rhy, e ela lutou para reprimir um tremor ao ver os cachos ressecados, a pele sem viço. Ele estava se desfazendo diante dos seus olhos, o silêncio pontuado apenas pelo crepitar seco dos ossos se acomodando, o som que lembrava as brasas de uma chama moribunda.

— Emira.

— Por favor.

— Vossa Majestade.

— Por favor.

— Minha rainha.

— Por favor.

Ela começou a cantarolar — não uma canção nem uma oração, mas, sim, um feitiço que ela havia aprendido quando era só uma menina. Um feitiço que ela cantara centenas de vezes quando Rhy era garoto. Um feitiço para adormecer. Para ter bons sonhos.

Para se libertar.

Ela estava quase chegando ao fim quando o príncipe arfou.

IX

Num instante, Alucard era arrastado para fora do quarto do príncipe; no instante seguinte, ficou lá, esquecido. Ele não notou a repentina ausência de peso nos braços. Não notou nada além do brilho dos fios luminescentes e do som da respiração de Rhy.

O arquejo do príncipe foi fraco, quase inaudível, mas reverberou pelo quarto, ouvido por todos, por cada um dos presentes enquanto a rainha, o rei e os guardas respiraram chocados, maravilhados, aliviados.

Alucard se apoiou no batente da porta, as pernas ameaçando ceder.

Ele *viu* Rhy morrer.

Viu os últimos fios desaparecerem do peito do príncipe, viu Rhy ficar imóvel, viu a deterioração imediata e impossível.

Mas agora, enquanto observava, tudo estava desfeito.

O feitiço retornou diante dos seus olhos, uma chama subitamente acesa das brasas. Não, das cinzas. Os fios emergiram como água jorrando de uma represa rachada antes de envolverem como braços ferozes e protetores o corpo de Rhy, que respirou pela segunda e pela terceira vez. E, entre cada inspiração e expiração, o cadáver do príncipe voltava à vida.

A carne voltou a preencher os espaços em torno dos ossos. A cor invadiu as maçãs encovadas do rosto. Tão rápido como havia se deteriorado, ele agora revivia, todos os sinais de dor e tensão se amainaram numa máscara de calma. Os seus cabelos pretos se assentavam na testa em cachos perfeitos. O peito subia e descia com o ritmo gentil de um sono profundo.

E, enquanto Rhy dormia sossegado, o quarto à sua volta mergulhava num novo tipo de caos. Alucard entrou aos tropeços. Vozes se sobrepunham em camadas de som sem sentido. Alguns gritavam e outros

sussurravam palavras de oração, agradecimentos pelo que acabaram de testemunhar, ou apenas para proteção.

Alucard estava no meio do caminho para a cabeceira de Rhy quando a voz do rei Maxim irrompeu no burburinho.

— Ninguém falará sobre isso — determinou ele, a voz trêmula enquanto endireitava a postura. — O baile em homenagem ao vencedor começou e deve ir até o fim.

— Mas, senhor... — começou um dos guardas ao mesmo tempo que Alucard alcançava a cama de Rhy.

— O príncipe está indisposto — interrompeu o rei. — Nada além disso. — O olhar dele se fixou, duro, sobre cada um deles. — Hoje à noite há aliados demais no palácio, e muitos inimigos em potencial.

Alucard não dava a mínima para o baile ou para o torneio, nem para as pessoas que estavam fora daquele quarto. Queria apenas tocar a mão do príncipe. Sentir o calor da sua pele e assegurar aos próprios dedos trêmulos, ao próprio coração ferido, que aquilo não era algum tipo de truque terrível.

O quarto se esvaziou ao redor dele. Primeiro o rei, depois os guardas e os sacerdotes, até que restavam apenas a rainha e Alucard, silenciosos, olhando para o príncipe adormecido.

Alucard esticou o braço, a sua mão se fechou sobre a de Rhy e, quando ele sentiu o batimento no pulso do príncipe, não parou para analisar a impossibilidade do que havia presenciado, não se perguntou que magia proibida poderia ser forte o suficiente para atrelar vida à morte.

Tudo o que importava — tudo o que *sempre* importou — era isso.

Rhy estava vivo.

X

Kell cambaleou para sair das ruas e entrar no seu quarto no palácio, repentinamente atingido pela luz, pelo calor e pela impossível normalidade. Era como se uma vida não tivesse sido estilhaçada, como se um mundo não tivesse sido despedaçado. O tecido fino ondulava em camadas vindas do teto, e havia uma enorme cama com cortinas num estrado perto de uma parede, com a mobília de madeira escura com adornos em ouro. No andar superior, ele ouvia os sons do baile em homenagem ao vencedor.

Como o baile podia ainda estar acontecendo?

Como eles podiam *não* saber?

É *claro* que o rei manteria o baile do vencedor como planejado, pensou Kell com amargura. Esconderia a situação do próprio filho dos olhos predadores de Vesk e Faro.

— O que quer dizer com “Holland está aqui”? — indagou Lila. — Aqui em Londres ou aqui em “bem aqui”? — Ela seguiu no encalço dele, mas Kell já atravessava as portas do seu quarto. O quarto de Rhy ficava no fim do corredor, as portas de cerejeira e ouro completamente fechadas.

O espaço entre os quartos estava lotado de homens e mulheres; guardas, *vestra* e sacerdotes. Eles se viraram abruptamente ao ver Kell, que estava sem camisa por baixo do casaco, o cabelo emplastrado na cabeça e a pele recoberta de sangue escorrido. Nos olhos deles, Kell viu o choque e o horror, a surpresa e o medo.

Eles se moveram, alguns na direção de Kell e outros para o lado oposto, mas todos estavam no seu caminho. Então Kell conjurou uma rajada de vento, forçando-os a se afastar enquanto ele atravessava a multidão até a porta do quarto de Rhy.

Ele não queria entrar lá.

Ele *tinha* de entrar lá.

O grito na sua mente ficava pior a cada passo e ainda pior conforme Kell abria as portas e derrapava pelo cômodo, ofegante.

A primeira coisa que viu foi o rosto da rainha, pálido de tristeza.

A segunda foi o corpo do irmão, estirado na cama.

A terceira, e última, foi o peito de Rhy subindo e descendo.

Com esse pequeno e abençoado movimento, o peito do próprio Kell se agitou.

A tempestade na sua mente, fragilmente contida até então, agora irrompia. A súbita e violenta enxurrada de medo, tristeza, alívio e esperança dando lugar a uma calma reverberante.

O corpo dele se curvou com o alívio; Rhy estava vivo. Kell apenas não havia sentido o débil retorno do coração de Rhy através do próprio pulso frenético e errático. Mesmo agora era sutil demais para ser sentido. Mas Rhy estava vivo. Ele estava vivo. Ele estava *vivo*.

Os joelhos de Kell cederam, mas, antes que ele chegasse ao chão, ela o apoiou — desta vez não era Lila, mas a rainha. Ela não impediu a queda, mas desmoronou suavemente com ele. Os dedos dela o agarraram, presos com força às dobras do casaco dele, e Kell se preparou para as palavras, para o golpe. Ele havia ido embora. Ele havia falhado com o filho dela. Ele quase havia perdido Rhy — de novo.

Em vez disso, Emira Maresh recostou a cabeça no seu peito nu e ensanguentado e chorou.

Kell ficou ali, ajoelhado e petrificado, antes de erguer os braços cansados e envolver cautelosamente a rainha com eles.

— Eu rezei — sussurrou ela repetidamente enquanto ele a ajudava a se levantar.

O rei estava lá, na soleira da porta, sem fôlego, como se tivesse corrido pelo palácio inteiro, e Tieren estava ao seu lado. Maxim avançou, intempestivo, e mais uma vez Kell se preparou para o ataque, mas o rei não disse nada. Apenas envolveu Kell e Emira ao mesmo tempo num abraço silencioso.

Não era um abraço suave. O rei se apoiava em Kell como se ele fosse a única estrutura de pé numa tempestade violenta. Segurava tão firme que doía, mas Kell não se desvencilhou.

Quando enfim Maxim se afastou, levando Emira com ele, Kell foi até a cama do irmão. Até Rhy. Levou uma das mãos ao peito do príncipe apenas para sentir a pulsação. E lá estava novamente, estável, impossível, e, quando o seu próprio coração começou a se acalmar, ele sentiu Rhy mais uma vez por trás das suas costelas, aninhado no seu peito, um eco, ainda distante mas se aproximando mais a cada batida.

O irmão de Kell não parecia um homem perto da morte.

A cor estava vívida nas suas faces, e o cabelo cacheado sobre a testa era preto, brilhante e abundante, um contraste com as almofadas reviradas e os lençóis amassados que denotavam sofrimento e esforço. Kell baixou a cabeça e pressionou os lábios na testa de Rhy, desejando acordá-lo e vê-lo gracejando sobre donzelas em perigo, feitiços ou beijos de amor verdadeiro. Mas o príncipe não se mexeu. As suas pálpebras não estremeceram. O pulso não acelerou.

Kell apertou gentilmente o ombro do irmão, mas nem assim o príncipe acordou, e ele teria sacudido Rhy se Tieren não tivesse tocado o pulso de Kell, guiando a sua mão para longe.

— Tenha paciência — disse o *Aven Essen*, com gentileza.

Kell engoliu em seco e se virou para o quarto, de repente consciente de como estava silencioso apesar da presença do rei, da rainha e do público crescente de sacerdotes e guardas, incluindo Tieren e Hastra, o último agora trajando roupas comuns. Lila estava parada na soleira da porta, pálida de exaustão e alívio. E no canto estava Alucard Emery, cuja vermelhidão dos olhos havia mudado suas íris da cor de tempestade para um azul de pôr do sol.

Kell não foi capaz de perguntar o que havia acontecido, o que eles tinham visto. Todos no quarto sustentavam a mortalha dos assombrados, as feições quase imóveis pelo choque. Estava tudo tão silencioso que Kell conseguia ouvir a música da porcaria do baile do vencedor tocando acima deles.

Tão silencioso que ele conseguia — finalmente — ouvir a respiração de Rhy, sutil e estável.

E Kell desejou ardorosamente que eles pudessem permanecer neste momento, desejou que ele pudesse se deitar ao lado do príncipe, dormir e evitar as explicações, as acusações de derrota e traição. Mas ele via as

perguntas nos olhos dos outros enquanto olhavam de Lila para ele, assimilando a sua volta repentina e o seu estado ensanguentado.

Kell engoliu em seco e começou a falar.

XI

A fronteira entre os mundos se abriu como seda sob uma lâmina afiada.

Osaron não encontrou resistência, nada além de sombras e um passo, um instante de vazio — aquela lacuna estreita entre o fim de um mundo e o começo do próximo — antes da bota de Holland, da *sua* bota, encontrar chão firme outra vez.

O caminho entre as Londres dele e a de Holland havia sido difícil, os feitiços antigos porém fortes, os portões fechados e enferrujados. Mas, como em metal velho, havia fraquezas, rachaduras. E, naqueles anos de busca pelo seu trono, Osaron as havia encontrado.

Aquela porta resistiu, mas essa aqui se abriu.

Abriu-se para algo maravilhoso.

O castelo se foi, o frio era menos gélido, e em todo lugar para onde olhava pulsava magia, que traçava linhas diante dos seus olhos, elevando-se do mundo como fumaça.

Tanto poder.

Tanto *potencial*.

Osaron ficou parado no meio da rua e sorriu.

Esse era um mundo que valia a pena moldar.

Um mundo que adorava magia.

E que *o* adoraria.

Música pairava na brisa, sutil como um carrilhão distante, e havia luz e vida por todos os lados. Mesmo as sombras mais escuras aqui eram poças rasas comparadas ao seu mundo, ao de Holland. O ar era rico com o aroma de flores e vinho de inverno, com o zumbido de energia, a inebriante pulsação de poder.

A moeda pendia entre os dedos de Osaron e ele a jogou para longe, atraído pela luz crescente do centro da cidade. A cada passo ele sentia que ficava mais forte, a magia invadindo os seus pulmões, o seu sangue. Ao longe, um rio brilhava vermelho, com uma pulsação tão forte, tão vital, enquanto a voz de Holland era uma batida de coração desvanecente na sua mente.

— *As Anasae* — sussurrou Holland de novo e de novo, tentando dispersar Osaron como se fosse uma maldição comum.

Holland, ralhou ele, não sou um mero feitiço que possa ser desfeito.

Uma tábua de divinação estava pendurada ali perto e, quando seus dedos roçaram nela, enroscaram-se nos fios de magia, e o feitiço tremulou e se transformou, as palavras mudando para a marca *Antari* da escuridão. Das sombras. *Dele.*

Conforme Osaron passava de lampião em lampião, as chamas aumentavam, estilhaçando o vidro e se derramando noite adentro enquanto as ruas sob suas botas se tornavam pretas e lisas, a escuridão se espalhando como gelo. Feitiços se desfaziam ao seu redor, os elementos se transformando em outros conforme o espectro se inclinava: fogo em ar, ar em água, água em terra, terra em pedra, pedra em magia, magia, *magia...*

Um grito soou atrás dele junto do som de cascos quando uma carruagem passou. O homem segurando as rédeas o xingou numa língua que ele nunca tinha ouvido, mas as palavras eram costuradas juntas assim como os feitiços, e as letras se desenrolaram e se realinharam na mente de Osaron, assumindo uma forma que ele conhecia.

— Saia da frente, seu imbecil!

Os olhos de Osaron se estreitaram, buscando as rédeas do cavalo.

— *Não sou imbecil* — disse ele. — *Sou um deus.*

Ele apertou as tiras de couro com mais força.

— *E deuses devem ser adorados.*

Uma sombra se espalhou pelas rédeas na velocidade da luz. Ela se fechou sobre as mãos do condutor, e o homem arquejou conforme a magia de Osaron escorria por debaixo da sua pele e entrava nas veias, envolvendo músculos, ossos e coração.

O condutor não lutou contra a magia, ou, se o fez, a batalha foi rapidamente perdida. Ele ao mesmo tempo pulou e caiu do assento da carruagem para se prostrar aos pés do rei das sombras e, quando olhou

para cima, Osaron viu o eco fumacento da sua forma verdadeira girando nos olhos do homem.

Osaron o analisou: os fios de poder que obedeciam ao seu comando eram débeis, fracos.

Então, pensou ele, esse é um mundo poderoso, mas nem todos que o habitam são poderosos.

Ele poderia encontrar uma utilidade para os fracos. Ou apenas usá-los. Eram como gravetos, secos porém finos, queimavam rápido, mas não por tempo suficiente para mantê-lo aceso.

— *Levante-se* — ordenou ele, e, quando o homem se pôs de pé com dificuldade, Osaron esticou o braço e agarrou o pescoço do condutor sem muita força, curioso com o que aconteceria se ele derramasse mais de si mesmo numa casca tão simplória. Imaginou o quanto ela aguentaria.

Os seus dedos apertaram mais forte e as veias sob eles incharam, ficaram pretas e se partiram através da pele do homem. Centenas de fissuras mínimas brilharam conforme o homem começou a *queimar* com a magia, a sua boca aberta num grito eufórico e silencioso. Sua pele se soltou e seu corpo incandesceu em brasas vermelhas e depois pretas até que ele finalmente se *despedaçou*.

A mão de Osaron ficou pairando, as cinzas se espalhando pelo ar da noite.

Ele estava tão absorto no momento que *quase* não reparou em Holland tentando emergir mais uma vez, escalar por aquela lacuna na sua atenção.

Osaron fechou os olhos, voltando a concentração para dentro de si.

Você está se tornando desagradável.

Ele enrolou os fios da mente de Holland nos dedos e puxou até que, no fundo da sua cabeça, o *Antari* deu um grito gutural. Até que a resistência — *e o barulho* — finalmente se despedaçaram como o condutor na rua, como cada coisa mortal que havia tentado ficar no caminho de um deus.

No silêncio subsequente, Osaron voltou a atenção para a beleza do seu novo reino. As ruas, vivas e cheias de pessoas. O céu, vivo com centenas de estrelas. O palácio, vivo com a luz — Osaron se maravilhou com este último, porque não era um palácio achatado como o do mundo de Holland, mas uma estrutura de vidro e ouro que se erguia e parecia perfurar o céu, um lugar realmente digno de um rei.

O restante do mundo parecia um borrão em volta do ponto deslumbrante que era o palácio enquanto ele andava pelas ruas. Avistou o rio, de um vermelho pulsante, e o ar ficou preso no seu peito.

Lindo. Desperdiçado.

Poderíamos ser muito mais.

Um mercado fervilhava em tons de vermelho e ouro ao longo da margem do rio, e, à frente, a escadaria do palácio estava repleta de buquês de flores recobertos de geada. Quando as suas botas pisaram no primeiro degrau, uma fileira de flores perdeu a camada de gelo e floresceu de volta às suas cores vivas.

Ele se controlou por tempo demais.

Tempo demais.

A cada passo a cor se espalhava; as flores cresciam sem controle, botões se abrindo e pedúnculos brilhando com espinhos, todos se derramando pela escadaria num tapete verde e dourado, branco e vermelho.

E tudo isso prosperava — *ele* prosperava — neste mundo estranho e rico, tão maduro e pronto para ser colhido.

Ah, ele faria coisas estupendas.

No seu encalço, as flores mudaram de novo, e de novo, e de novo, as pétalas se transformando em gelo, e o gelo em pedra. Uma desordem de cores, um caos de formas até que, finalmente, subjugadas por essa transformação eufórica, tornaram-se pretas e lisas como vidro.

Osaron alcançou o topo da escadaria e ficou cara a cara com um grupo de homens que esperava por ele diante das portas. Falavam com ele e, por um instante, ele simplesmente ficou ali e deixou as palavras se derramarem, emaranhadas, pelo ar, nada além de sons grosseiros desordenando a sua noite perfeita. Em seguida, ele suspirou e lhes deu forma.

— Eu disse *pare* — advertiu um dos guardas.

— Não se aproxime mais — ordenou um segundo enquanto desembainhava uma espada, o gume reluzindo com feitiços. Para enfraquecer magia. Osaron quase sorriu, apesar do gesto ainda parecer duro no rosto de Holland.

Havia apenas uma palavra para *parar* na língua dele — *anasae* —, mas significava apenas desfazer, desmanchar. Uma palavra para encerrar a

magia, mas tantas outras para fazê-la *crescer, se espalhar, mudar*.

Osaron ergueu uma das mãos, um gesto causal, o poder espiralando dos seus dedos e indo na direção daqueles homens nas suas cascas finas de metal, onde...

Uma explosão rasgou o céu acima deles.

Osaron ergueu a cabeça e viu, acima do palácio, uma esfera de luz colorida. E então outra, e mais outra, em estouros de vermelho e dourado. Gritos de alegria o alcançaram através do vento e ele sentiu a ressonância da pulsação dos corpos que estavam lá em cima.

Vida.

Poder.

— Pare — disseram os homens no seu idioma atrapalhado.

Mas Osaron estava apenas começando.

O ar rodopiou ao redor dos seus pés e ele pairou, erguendo-se no meio da noite.





DOIS

**CIDADE NAS
SOMBRAS**

Kisimyr Vasin estava um pouco bêbada.

Não de forma desagradável, apenas o suficiente para esmaecer as chatices do baile do vencedor, tornar mais belos os rostos no terraço e amenizar as conversinhas sem sentido, transformando-as em algo mais agradável. Ela ainda conseguiria se sair bem numa briga, e era assim que julgava a bebedeira: não por quantas copos havia tomado, mas por quão rápido conseguia transformar o conteúdo dos mesmos em armas. Ela inclinou o cálice, entornando todo o vinho, e o observou congelar e se transformar numa faca antes de aterrissar na sua outra mão.

Isso, pensou ela, reclinando-se sobre as almofadas. *Ainda estou bem.*

— Você está de mau humor — soou a voz de Losen de algum lugar atrás do sofá.

— Que bobagem — disse ela, arrastando as palavras. — Estou comemorando. — Ela inclinou a cabeça para olhar o pupilo e acrescentou secamente: — Não deu para perceber?

O jovem riu e os seus olhos se iluminaram.

— Como quiser, *mas arna*.

Arna. Santos, quando ela ficou velha o bastante para ser chamada de senhora? Não tinha nem 30 anos. Losen se afastou para dançar com uma nobre bastante jovem, então Kisimyr esvaziou o cálice e se recostou para observar, os ornamentos de ouro tilintando nos cabelos.

O terraço era agradável o bastante para uma festa, com colunas que se erguiam em coroas protuberantes que apontavam para o céu noturno, lareiras esféricas que aqueciam o ar da noite de inverno e piso de mármore tão branco que resplandecia como nuvens iluminadas pelo luar. Mas Kisimyr sempre preferiu a arena. Ao menos numa luta ela sabia como agir, conhecia o objetivo do exercício. Aqui, em sociedade, ela deveria sorrir,

fazer medidas e o pior: *socializar*. Kisimyr odiava socializar. Ela não pertencia à *vestra*, nem à *ostra*, apenas à boa e velha linhagem de Londres, carne e osso e uma boa dose de magia. Uma boa dose aperfeiçoada.

À sua volta, os outros magos bebiam e dançavam, as máscaras apoiadas de lado como ornamentos nos ombros ou usadas como capuzes sobre os cabelos. Aquelas sem rosto lembravam enfeites, ao passo que aquelas com feições humanas lançavam expressões enervantes vindas da nuca ou das suas capas. A própria máscara felina de Kisimyr estava apoiada no sofá, amassada e chamuscada de tantas lutas no ringue.

Kisimyr não estava em clima de festa. Ela sabia fingir que estava bem, mas ainda fervia de raiva por causa da partida final. Foi uma disputa apertada, e ela perdeu por pouco.

Mas, de todas as pessoas para quem podia ter perdido, tinha de ser para aquele menininho nobre e desagradável, Alucard Emery.

E onde estava o desgraçado? Nem sinal dele. Nem do rei e da rainha, a propósito. Nem do príncipe. Nem do irmão dele. O que era estranho. O príncipe e a princesa de Vesk estavam ali, rondando como se estivessem espreitando uma presa, enquanto o regente de Faro mantinha a própria corte perto de uma das colunas. Mas a família real arnesiana havia desaparecido.

A pele dela formigou num alerta como fazia antes de um oponente se mover no ringue. Havia algo errado.

Não havia?

Santos, ela não tinha certeza.

Um servo usando vermelho e dourado passou por ela, e Kisimyr pegou uma bebida da bandeja, vinho com especiarias, que fez cócegas no seu nariz e aqueceu os seus dedos antes de tocar a língua.

Mais dez minutos e ela iria embora, disse a si mesma.

Afinal de contas, ela era uma campeã, mesmo que não tivesse vencido este ano.

— Senhora Kisimyr?

Ela ergueu os olhos para o jovem da *vestra*, belo e bronzeado, as pálpebras pintadas de dourado para combinar com a faixa sobre a roupa. Ela olhou ao redor, procurando Losen, e logo encontrou o pupilo observando, parecendo tão presunçoso quanto um jovem gato oferecendo um rato.

— Meu nome é Viken Rosec... — começou o nobre.

— E eu não estou com vontade de dançar — interrompeu ela.

— Então — disse ele com timidez —, talvez eu possa lhe fazer companhia.

Ele não esperou por permissão e ela pôde sentir o sofá afundando ao seu lado. Mas a atenção de Kisimyr já estava longe do rapaz, no vulto de pé na beirada do terraço. Num instante, a área estava vazia e escura, e, no momento seguinte, enquanto os últimos fogos de artifício iluminavam o céu, ele surgiu ali. De onde ela se encontrava o homem nada mais era que uma silhueta contra a noite mais escura; porém, a forma como ele olhava ao redor, como se visse o terraço pela primeira vez, deixou-a alarmada. Não era um nobre nem um mago do torneio, e não pertencia a nenhum dos séquitos que ela viu ao longo do *Essen Tasch*.

A curiosidade aumentou e ela se levantou do sofá, deixando para trás a máscara nas almofadas ao lado de Viken, enquanto o estranho entrava por entre duas colunas, revelando uma compleição tão branca quanto a de um veskano, mas com cabelos mais pretos que os dela. Uma meia-capaz azul-marinho estava jogada sobre os ombros dele, e na sua cabeça, onde deveria haver uma máscara de mago, havia uma coroa de prata.

Um membro da realeza?

Mas ela nunca o tinha visto antes. Também nunca captara esse aroma peculiar de poder. A magia reverberava por ele a cada passo, e o cheiro de lenha queimada, cinzas e terra recém-revolvida contrastava com as notas florais que enchiam o cômodo ao redor.

Kisimyr não foi a única a notar.

Uma por uma, a cabeça dos presentes no baile se voltou para aquele canto do salão.

A cabeça do próprio estranho fez uma ligeira mesura, como se analisasse o piso de mármore sob as botas pretas e polidas. Ele passou por uma mesa onde alguém deixara um elmo, então passou um dos dedos quase displicentemente pela mandíbula de metal. Conforme o fazia, o objeto se desfazia em cinzas — não, cinzas não, mas areia, em milhares de partículas cintilantes de vidro.

Uma brisa fria as levou embora.

O coração de Kisimyr acelerou.

Sem pensar, os seus próprios pés a carregaram para a frente, acompanhando o estranho passo a passo conforme ele atravessava o terraço, até que ambos estavam em limites opostos do amplo círculo polido utilizado como pista de dança.

A música parou abruptamente, restando apenas acordes dissonantes até finalmente silenciar conforme a estranha figura avançava até o centro da pista de dança.

— *Boa noite* — disse o estranho.

Enquanto falava, ele ergueu a cabeça e os cabelos pretos se moveram, revelando dois olhos completamente pretos, com sombras revolvendo nas suas profundezas.

Aqueles que estavam perto o bastante para olhá-lo nos olhos ficaram tensos e recuaram. Os que estavam mais distantes devem ter percebido a onda de inquietação porque também começaram a se afastar.

Os faroenses observaram, joias dançando nos seus rostos escuros enquanto tentavam entender se aquilo era algum tipo de atração. Os veskanos permaneceram imóveis, esperando que o estranho sacasse uma arma. Os arnesianos, porém, irritaram-se. Dois guardas saíram em disparada para alertar todo o palácio lá embaixo.

Kisimyr manteve a posição.

— *Espero não ter interrompido* — continuou ele, a voz se dividindo em duas, uma suave e a outra retumbante; uma que se espalhava pelo ar como um monte de areia, a outra límpida e cristalina dentro da mente dela. Os olhos pretos dele percorreram o terraço. — *Onde está o seu rei?*

A pergunta reverberou no crânio de Kisimyr e, quando tentou afastar a presença dele, a atenção do estranho se voltou para ela, aterrissando como uma pedra.

— *Poderosa* — ponderou ele. — *Tudo aqui é poderoso.*

— Quem é você? — exigiu saber Kisimyr, a própria voz parecendo débil em comparação com a dele.

O homem pareceu refletir por um instante e então respondeu:

— *O seu novo rei.*

Isso provocou um burburinho na multidão.

Kisimyr esticou um dos braços e a jarra de vinho mais próxima se esvaziou, o conteúdo rumando até os seus dedos e endurecendo na forma de uma lança de gelo.

— Isso é uma ameaça? — perguntou ela, tentando se concentrar no homem e não naqueles olhos assustadores nem naquela voz retumbante. — Sou uma alta maga de Arnes. Uma campeã do *Essen Tasch*. Carrego o honrado selo da Casa Maresh. E não deixarei que você machuque o rei.

O estranho inclinou a cabeça, deliciado.

— *Você é forte, maga* — falou ele, abrindo os braços como se fosse acolher o abraço dela. Seu sorriso se alargou. — *Mas não o suficiente para me deter.*

Kisimyr girou a lança uma vez, de forma quase indolente, e então investiu contra o estranho.

Ela conseguiu dar dois passos antes de o chão de mármore se abrir sob os seus pés, pedra num momento e água no seguinte, e então, antes que ela pudesse alcançá-lo, pedra novamente. Kisimyr arquejou, o corpo estremecendo até parar por completo conforme a pedra endurecia em volta dos seus tornozelos.

Losen começou a correr até ela, mas Kisimyr ergueu uma das mãos num gesto para impedi-lo, sem desviar o olhar do estranho.

Não era possível.

O homem sequer havia se mexido. Não havia tocado a pedra ou dito qualquer coisa para mudar a sua forma. Ele simplesmente a comandara a mudar de uma forma para outra, como se não fosse nada.

— *E não é nada* — disse ele, as palavras preenchendo o ar e entrando furtivamente na mente dela. — *Minha vontade é magia. E magia é minha vontade.*

A pedra começou a escalar as canelas dela enquanto ele continuava a avançar, atravessando o salão até ela em passos longos e lentos.

Atrás dele, Jinnar e Brost atacaram. Eles conseguiram chegar até o limite do círculo antes de serem repelidos com um movimento de pulso, os corpos colidindo forte com as colunas. Nenhum deles se levantou.

Kisimyr rosnou e conjurou o outro aspecto do seu poder. O mármore retumbou sob os seus pés. Ele rachou, partiu-se, e mesmo assim o estranho continuou vindo na direção dela. Quando ela conseguiu se libertar, ele já estava ali, perto o suficiente para beijá-la. Ela sequer sentiu os dedos dele antes que já estivessem em torno do seu pulso. Kisimyr olhou para baixo, chocada com o toque que começou leve como uma pluma e se tornou sólido como pedra.

— *Poderosa* — ponderou ele outra vez. — *Mas você é poderosa o bastante para me suportar?*

Algo foi passado entre eles, de pele para pele, e então foi mais fundo, espalhando-se pelo braço dela e pelo seu sangue. Era estranho e maravilhoso como luz, como mel nas suas veias, doce, quente e...

Não.

Ela tentou rechaçá-lo, forçando a magia a sair, mas os dedos dele apenas apertaram mais forte, e de repente o calor gratificante se tornou uma chama, uma luz que se tornou fogo. Os ossos dela ficaram quentes, sua pele rachou, cada centímetro dela incandesceu e Kisimyr começou a gritar.

II

Kell contou tudo a eles.

Ou ao menos tudo que eles precisavam saber. Ele não contou que seguiu Ojka por vontade *própria*, ainda enfurecido por causa da sua prisão e da briga com o rei. Não contou que ele condenou a vida do príncipe e a sua própria em vez de concordar com as condições da criatura. E não contou que, em determinado momento, ele desistiu. Mas contou ao rei e à rainha de Lila e de como ela salvou a vida dele — e a de Rhy — e o trouxe para casa. Contou que Holland sobreviveu, do poder de Osaron, da gargantilha de metal amaldiçoada e do símbolo da Londres Vermelha nas mãos do demônio.

— Onde está esse monstro agora? — exigiu saber o rei.

Kell se encolheu.

— Não sei. — Ele precisava dizer mais, advertir a todos sobre a força de Osaron, mas tudo o que conseguiu dizer foi: — Vossa Majestade, eu prometo que vou encontrá-lo. — A sua fúria não se manifestou, estava cansado demais para isso, mas queimou com frieza nas veias. — E vou matá-lo.

— Você ficará aqui — declarou o rei, apontando para a cama do príncipe. — Ao menos até que Rhy acorde.

Kell começou a protestar, mas Tieren pousou a mão no seu ombro e ele vacilou sob a influência do sacerdote. Afundou numa cadeira ao lado da cama do irmão enquanto o rei saía do cômodo para convocar os guardas.

Do lado de fora das janelas, os fogos de artifício já haviam começado, inundando o céu com vermelho e dourado.

Hastra, que não havia tirado os olhos do príncipe adormecido, estava encostado numa parede próxima, sussurrando calmamente. Seus cachos

castanhos tinham nuances de dourado à luz do lampião, e ele girava algo repetidas vezes entre os dedos. Uma moeda. Num primeiro momento, Kell pensou que as palavras fossem algum feitiço para serenidade, lembrando-se de que Hastra já fora designado ao Santuário, mas logo percebeu que elas estavam apenas em arnesiano. Era uma oração, ou algo assim, mas ele pedia, dentre todas as coisas, perdão.

— Qual o problema? — perguntou Kell.

Hastra enrubesceu.

— Foi minha culpa ela ter encontrado você — sussurrou o ex-guarda.
— Minha culpa ela tê-lo levado.

“Ela”. Hastra se referia a *Ojka*.

Kell esfregou os olhos.

— Não foi — disse ele, mas o jovem apenas balançou teimosamente a cabeça, e Kell não conseguiu suportar a culpa nos olhos dele, tão similar à sua própria. Ele lançou um olhar de esguelha a Tieren, que agora estava junto a Lila. O sacerdote segurava o queixo dela com uma das mãos e a havia feito inclinar a cabeça para examinar o olho arruinado, ao passo que os dele não traziam sequer uma centelha de surpresa.

Alucard Emery ainda estava escondido, metade nas sombras, no canto depois da cama real. Seu olhar não estava em Kell nem no restante do cômodo, mas no peito de Rhy enquanto este subia e descia. Kell sabia do dom do capitão, da sua habilidade em ver os fios de magia. Agora Alucard estava ali, completamente imóvel, movendo apenas os olhos para seguir algum espectro invisível que se entrelaçava em volta do príncipe.

— Dê tempo a ele — murmurou o capitão, respondendo a Kell algo que ele ainda não havia perguntado. Kell respirou fundo, tentando dizer alguma coisa educada, mas a atenção de Alucard se deslocou repentinamente para as portas da varanda.

— O que foi? — perguntou Kell enquanto o homem saía de onde estava e espreitava a noite tingida de vermelho.

— Pensei ter visto algo.

Kell ficou tenso.

— Visto o quê?

Alucard não respondeu. Ele passou a mão pelo vidro da janela, limpando o vapor que a embaçava. Depois de um instante, balançou a cabeça.

— Deve ter sido impressão...

Ele foi interrompido por um grito.

Não naquele cômodo, nem mesmo no palácio, mas acima deles.

No terraço. O baile do vencedor.

Kell levantou antes de saber se conseguia ficar de pé. Lila, sempre a mais rápida, havia desembainhado a faca, mesmo que ninguém tivesse cuidado das suas feridas.

— Osaron? — questionou ela enquanto Kell se dirigia para a porta.

Alucard também correu, mas Kell se virou e o forçou a retornar com um simples e rancoroso empurrão.

— Não, você não.

— Você não espera que eu fique...

— Espero que cuide do príncipe.

— Pensei que essa fosse a sua obrigação — rosnou Alucard.

A alfinetada o atingiu em cheio, mas Kell ainda bloqueava o caminho do capitão.

— Se você for lá em cima, vai morrer.

— E você, não? — desafiou Alucard.

Na mente de Kell, surgiu a imagem da escuridão nadando nos olhos de Holland. O zumbido de poder. O horror de uma maldição enlaçada fortemente no seu pescoço. Kell engoliu em seco.

— Se eu *não* for, *todos* vão morrer.

Ele olhou para a rainha, que abriu e fechou os lábios inúmeras vezes como se procurasse uma ordem, um protesto, mas que no fim disse apenas:

— Vá.

Lila não tinha ficado esperando permissão.

Ela já havia percorrido metade da escadaria quando ele a alcançara, o que não teria conseguido se a perna de Lila não estivesse machucada.

— Como ele chegou até aqui? — murmurou Kell.

— Como ele saiu da Londres Preta? — retrucou Lila. — Como ele tirou o seu poder de você? Como ele...

— Tudo bem — vociferou Kell. — Já entendi.

Eles passaram correndo e empurrando os guardas que estavam ali, subindo um lance de escada atrás do outro.

— Vamos colocar as cartas na mesa

— falou Lila. — Não dou a mínima se Holland ainda estiver lá dentro. Se eu tiver uma chance, não vou poupá-lo.

Kell engoliu em seco.

— Combinado.

Quando eles alcançaram as portas do terraço, Lila agarrou a gola do casaco dele, puxando o seu rosto para perto do dela. Os olhos dela penetraram os dele, um perfeito, o outro fraturado em pontos de luz e sombra. Do outro lado das portas, o grito havia cessado.

— Você está forte o suficiente para vencer? — perguntou ela.

Estava? Isso não era um torneio de magia. Sequer era um fragmento de magia como Vitari. Osaron tinha destruído um mundo inteiro. Modificara outro por capricho.

— Não sei — respondeu ele com honestidade.

Lila lançou o vislumbre de um sorriso, afiado como vidro.

— Bom — respondeu ela, abrindo a porta. — Só idiotas têm certeza.

* * *

Kell não fazia ideia do que esperava encontrar no terraço.

Sangue. Corpos. Uma visão doentia da Floresta de Pedra que um dia se espalhara aos pés do castelo da Londres Branca, com seus cadáveres petrificados.

Em vez disso, o que ele viu foi uma multidão assolada entre a confusão e o terror, e, no meio dela, o rei das sombras. Kell sentiu o sangue deixar o rosto, dando lugar a um ódio frio pela figura que estava no meio do terraço — o monstro que habitava a pele de Holland — enquanto ele se virava lentamente num círculo, avaliando a plateia. Estava cercado pelos magos mais poderosos do mundo e não havia um traço sequer de medo naqueles olhos pretos. Apenas divertimento e um traço afiado de avidez entremeado. Parado ali, de pé no centro do círculo de mármore, Osaron parecia ser o centro do mundo. Inarredável. Invencível.

A cena mudou, e Kell viu Kisimyr Vasin deitada no chão aos pés de Osaron. Ao menos o que restou dela. Uma das magas mais fortes e poderosas de Arnes reduzida a um cadáver preto e carbonizado, os anéis de

metal dos seus cabelos agora fundidos, transformados em pequenos pontos derretidos de luz.

— *Mais alguém se habilita?* — perguntou Osaron com aquela versão distorcida e doentia da voz de Holland: sedosa, errada e que de alguma forma estava em todo lugar ao mesmo tempo.

Os membros da realeza veskana se agacharam atrás dos seus feiticeiros, um par de crianças assustadas, covardes vestidos em prata e verde. Lorde Sol-in-Ar, mesmo sem possuir magia, não fugiu, embora fosse possível ver o séquito faroense chamando por ele detrás de uma coluna. O restante dos magos se reuniu na beirada da plataforma de mármore, conjurando os seus elementos: chamas rodopiavam ao redor dos dedos, fragmentos de gelo eram erguidos como facas. Mas ninguém atacou. Eles eram lutadores de torneio, acostumados a se exhibir num ringue onde o maior risco era para o seu orgulho.

O que Holland tinha dito a Kell, tantos meses antes?

Sabe o que o torna fraco?

Você nunca teve de ser forte.

Tenho certeza de que nunca teve de lutar pela sua vida.

Agora Kell enxergava essa falha nesses homens e mulheres, os rostos sem máscaras pálidos de medo.

Lila tocou o braço dele, uma faca pronta para atacar na outra mão. Nenhum dos dois falou, mas tampouco precisavam. Nos bailes do palácio e nos jogos do torneio eles eram incompatíveis, desajeitados, porém aqui e agora, cercados de morte e perigos, entendiam um ao outro.

Kell acenou com a cabeça e, sem dizer uma palavra, Lila escapuliu com a destreza silenciosa de uma ladra para as sombras ao redor do terraço.

— *Ninguém?* — incitou o rei das sombras.

Ele chutou o que restava de Kisimyr, que se desfez como cinzas sob a sua bota.

— *Com todo esse poder, vocês se rendem muito facilmente.*

Kell respirou fundo e se forçou a dar um passo à frente, a sair do abrigo da fronteira do círculo e a entrar na luz. Quando Osaron o viu, deu um surpreendente sorriso.

— *Kell* — falou o monstro. — *A sua resiliência me surpreende. Veio se prostrar diante de mim? Veio implorar?*

— Eu vim para lutar.

Osaron inclinou a cabeça.

— *Da última vez em que nos encontramos, deixei você aos gritos.*

Os membros de Kell reverberaram, não de medo e, sim, de fúria.

— *Da última vez em que nos encontramos, eu estava acorrentado.* —

O ar em volta dele sibilou com o poder. — Agora estou livre.

O sorriso de Osaron se alargou.

— Mas eu vi o seu coração, e ele está preso.

As mãos de Kell se fecharam em punho. O mármore sob os seus pés tremeu e começou a rachar. Osaron fez um leve movimento com o pulso e a noite caiu com fúria sobre Kell. Apertou os seus pulmões e expulsou o ar, forçando-o a cair de joelhos. Ele precisou de toda a sua força para se manter de pé sob o peso, e, depois de um segundo terrível, Kell percebeu que não era o ar que o esmagava — Osaron exercia o seu comando nos seus próprios ossos. Kell era *Antari*. Ninguém jamais conseguiu controlar o corpo dele contra a sua vontade. Agora as suas juntas estavam imobilizadas e os seus membros ameaçavam se partir.

— *Verei você se ajoelhar diante do seu rei.*

— Não.

Kell tentou conjurar o chão de mármore outra vez, e a pedra tremeu enquanto o comando de um se chocava com o do outro. Ele se manteve de pé, mas percebeu pela expressão quase entediada no rosto do outro *Antari* que o rei das sombras estava brincando com ele.

— Holland — rosnou Kell, tentando controlar o seu pavor —, se você está aí dentro, lute. Por favor... lute.

Um olhar de desgosto passou pelo rosto de Osaron e então algo se chocou atrás de Kell, armaduras contra madeira, enquanto mais guardas formavam uma barreira no terraço, com Maxim ao centro.

A voz do rei ressoou na noite.

— Como se atreve a pisar no meu palácio?

Osaron desviou a atenção para o rei, e Kell arquejou, subitamente livre do peso do comando da criatura. Ele deu um passo cambaleante, já desembainhando a faca e derramando sangue, as gotas vermelhas caindo no chão de pedra pálida.

— Como ousa reivindicar o lugar de rei?

— *Tenho mais direito que você.*

Com outro movimento dos dedos compridos, a coroa do rei zarpou da cabeça dele, ou teria zarpado se Maxim não a tivesse agarrado no ar com uma velocidade aterradora. Os olhos do rei brilharam, como se estivessem incandescentes, enquanto ele apertava a coroa nas mãos e a transformava numa espada. Um gesto único e fluido que remetia aos seus dias passados, quando Maxim Maresh era o Príncipe de Aço em vez de o Rei de Ouro.

— Renda-se, demônio — ordenou ele —, ou será massacrado.

Atrás dele, os guardas reais ergueram as espadas, o feitiço rabiscado ao longo das lâminas. A visão do rei e dos guardas pareceu tirar os outros magos do estupor. Alguns começaram a se retirar, guiando os próprios nobres para fora do terraço ou simplesmente fugindo enquanto outros poucos foram corajosos o suficiente para avançar. Mas Kell sabia que eles não eram páreo nessa luta. Nem os guardas, nem os magos, nem mesmo o rei.

Mas a aparição do rei havia concedido algo a Kell.

Uma vantagem.

Com a atenção de Osaron ainda voltada para Maxim, Kell abaixou, agachando-se. O seu sangue havia se espalhado pelas fissuras que percorriam o chão de pedra, finas linhas vermelhas que alcançavam e contornavam a bota do monstro.

— *As Anasae* — comandou ele. *Dispersar*. Certa vez, as palavras foram suficientes para expurgar Vitari do mundo. Agora, nada fizeram. Osaron lhe lançou um olhar de pena, as sombras rodopiando nos seus olhos pretos como piche.

Kell não recuou. Forçou a palma da mão no chão.

— *As Steno* — ordenou ele, e o chão de mármore se fragmentou em centenas de estilhaços que se ergueram e se lançaram no rei das sombras. O primeiro encontrou o alvo, enterrando-se na perna de Osaron, e as esperanças de Kell aumentaram antes que ele percebesse o seu erro.

Ele não partira para um ataque mortal.

O primeiro estilhaço de pedra foi o único a atingir o alvo. Com nada mais que um olhar, o restante dos fragmentos hesitou, desacelerou e parou. Kell empurrou com toda a sua força, mas comandar o próprio corpo era uma coisa, e centenas de lâminas improvisadas era outra bem diferente. Osaron venceu com facilidade, virando os fragmentos de pedra no sentido oposto, como os raios de uma roda, como a borda ofuscante de um sol.

As mãos de Osaron se ergueram preguiçosamente, e os estilhaços tremeram como flechas em cordas retesadas, mas, antes que pudesse dispará-los nos guardas, no rei e nos magos que estavam no terraço, algo aconteceu com ele.

Uma hesitação. Um tremor.

As sombras nos seus olhos ficaram verdes.

Em algum lugar nas profundezas daquele corpo, Holland estava lutando, reagindo.

Os fragmentos de pedra caíram no chão quando Osaron ficou paralisado, toda a sua atenção concentrada para dentro de si mesmo.

Maxim percebeu a chance e fez um sinal.

Os guardas reais atacaram, uma dúzia de homens investindo contra um deus distraído.

E, por um instante, Kell achou que seria suficiente.

Por um instante...

Mas então Osaron ergueu o olhar, os olhos pretos reluzindo e um sorriso desafiador nos lábios. E os deixou se aproximar.

— Parem! — gritou Kell, mas era tarde demais.

Um instante antes de os guardas atingirem o rei das sombras, o monstro abandonou a casca. A escuridão verteu do corpo roubado de Holland, espessa e preta como fumaça.

O *Antari* desmoronou, e a sombra que era Osaron se moveu, serpenteando, pelo terraço. Caçando outro hospedeiro.

Kell se virou, procurando Lila, mas não conseguiu vê-la no meio da multidão e da fumaça.

E então, subitamente, a escuridão se voltou para *ele*.

Não, pensou Kell, que já havia recusado o monstro uma vez. Ele não suportaria outra gargantilha. O terror frio de uma pulsação parando no seu peito.

A escuridão se projetou na sua direção, e Kell involuntariamente deu um passo para trás, preparando-se para um ataque que nunca o atingiu. A sombra roçou os seus dedos ensanguentados e recuou, não como se tivesse sido repelida, mas como se estivesse avaliando algo.

A escuridão *gargalhou* — um som doentio — e começou a se reunir, a se aglutinar numa coluna e depois na forma de um homem. Não de carne e osso, mas de sombras sobrepostas, tão densas que pareciam pedra líquida,

algumas beiradas afiadas e outras esmaecidas. Havia uma coroa na cabeça da figura, uma dúzia de espirais apontava para cima como chifres, as pontas desvanecendo e se transformando em fumaça.

O rei das sombras na sua forma verdadeira.

Osaron inspirou, e a escuridão fundida no centro dele se acendeu como brasas incandescentes, o calor fazendo o ar ao redor dele ondular. E, ainda assim, ele parecia sólido como pedra. Enquanto Osaron analisava as próprias mãos, as falanges parecendo menos com dedos do que com pontas afiadas, a sua boca se alargou num sorriso cruel.

— *Há muito tempo eu não era forte o suficiente para manter a minha própria forma.*

A mão dele se projetou para o pescoço de Kell, mas se deteve quando aço veio cortando o ar. A faca de Lila atingiu a lateral da cabeça de Osaron, mas a lâmina não se alojou; passou direto por ela.

Então ele não era real, não era *corpóreo*. Ainda não.

Osaron olhou de relance para Lila, que já atirava outra lâmina. Ela parou abruptamente sob o olhar dele, o seu corpo nitidamente se retesando sob o domínio do monstro, e Kell aproveitou essa nova oportunidade, pressionando a palma da mão ensanguentada no peito da criatura. Mas a figura se transformou em fumaça ao redor dos dedos de Kell, recuando da magia dele, e Osaron se virou, as feições pétreas parecendo aborrecidas. Livre outra vez, Lila avançou com a espada curta de um dos guardas em punho e desferiu um furioso arco com a arma, causando um talho de cima para baixo, através do corpo dele, do ombro ao quadril.

Osaron se partiu em volta da lâmina e então simplesmente se *dissolveu*.

Ali num instante, e desaparecido no instante seguinte.

Kell e Lila se encararam, sem fôlego e atordoados.

Os guardas ergueram um Holland inconsciente, colocando-o rudemente de pé, com a cabeça pendendo enquanto, por todo o terraço, homens e mulheres estavam paralisados como se estivessem sob o efeito de um feitiço, mesmo que fosse apenas o choque, o pavor, a confusão.

Do outro lado do terraço, Kell encontrou os olhos do rei Maxim.

— *Você tem muito a aprender.*

Ele se virou para o som e encontrou Osaron de novo na sua forma verdadeira e de pé, não no centro arruinado do terraço, mas sobre as

estacas do parapeito, como se a grade de metal fosse terreno sólido. A sua capa ondulou na brisa. O espectro de um homem. A sombra de um monstro.

— *Não se destrói um deus* — declarou ele. — *Deve-se venerá-lo.*

Os olhos pretos dançavam com um prazer sombrio.

— *Não se preocupem. Vou ensiná-los. E, com o tempo...* — Osaron abriu os braços — *... tornarei este mundo digno de mim.*

Kell percebeu tarde demais o que ia acontecer.

Ele começou a correr assim que Osaron se inclinou para trás na grade de ferro e caiu.

Kell correu mais rápido e chegou a tempo de ver o rei das sombras atingir a água do Atol lá embaixo. O corpo bateu sem borrifar água, e, ao passar pela superfície e afundar, começou a se espalhar como tinta derramada na corrente do rio. Lila empurrou Kell e se esticou, tentando ver o que acontecia. Gritos ecoaram do terraço, mas os dois ficaram ali e observaram num silêncio aterrorizado enquanto a mancha de escuridão aumentava, e aumentava, e aumentava, espalhando-se até que o vermelho do rio se tornou preto.

III

Alucard andou de um lado para o outro no quarto do príncipe, aguardando notícias.

Ele nada ouviu desde aquele único grito, os primeiros berros dos guardas no corredor e os passos ecoando acima.

O dossel e as cortinas luxuosos de Rhy, os tapetes e os travesseiros volumosos, tudo criava um terrível isolamento, bloqueando o mundo lá fora e envolvendo o cômodo num silêncio opressivo.

Eles estavam sozinhos, o capitão e o príncipe adormecido.

O rei os deixou. Os sacerdotes os deixaram. Até a rainha os deixou. Um por um, todos foram embora, cada um olhando para Alucard com um olhar que dizia: *Sentado, parado*. Como se ele fosse embora. Ele abandonaria o silêncio enlouquecedor e as perguntas sufocantes com prazer, é claro, mas nunca Rhy.

A rainha foi a última a sair. Por muito tempo, ela ficou parada entre a cama e as portas, como se estivesse fisicamente dividida.

— Vossa Majestade — disse ele —, vou mantê-lo em segurança.

O rosto dela então mudou, a máscara da realeza caindo para revelar uma mãe assustada.

— Se você pudesse mesmo...

— *Você* pode? — perguntou ele, e os olhos castanhos e arregalados dela se dirigiram a Rhy, permanecendo nele por um bom tempo antes que ela se virasse e partisse.

Algo chamou a atenção dele na varanda. Não exatamente movimento, mas uma mudança na luz. Quando se aproximou das portas de vidro, viu uma sombra escorrendo pela lateral do palácio como uma cauda de vestido, um rabo, uma cortina preta e brilhante que cintilava, sólida,

etérea, sólida, conforme subia da margem do rio lá embaixo até o alto do terraço.

Só podia ser magia, mas não tinha cor nem luz. Se aquilo seguia a urdidura e a trama do poder, ele não conseguia ver os fios.

Kell havia contado a todos de Osaron e da sua magia venenosa de outra Londres. Mas como um mago podia fazer *isso*? Como alguém podia?

— É um demônio — dissera Kell. — Um pedaço vivo de magia.

— Um pedaço de magia que acredita ser um homem? — perguntara o rei.

— Não — respondera ele. — Um pedaço de magia que acredita ser um *deus*.

Agora, olhando para aquela coluna de sombras, Alucard entendeu. Aquela *coisa* não obedecia às linhas de poder de forma alguma. Ela as estava costurando do nada.

Ele não conseguia parar de olhar.

O chão pareceu se inclinar, e Alucard sentiu como se estivesse se virando para as portas de vidro e a cortina de escuridão lá fora. Se ele chegasse mais perto, talvez pudesse ver os fios...

O capitão ergueu as mãos e as apoiou nas portas da varanda. Estava prestes a abri-las quando o príncipe se mexeu em seu sono. Um grunhido suave, uma respiração sutil, e foi preciso apenas isso para fazer Alucard voltar. A escuridão do outro lado do vidro momentaneamente esquecida enquanto ele atravessava o quarto até a cama.

— Rhy — sussurrou ele —, você consegue me ouvir?

Uma ruga surgiu entre as sobrancelhas do príncipe. Um vislumbre de tensão passou pela mandíbula dele. Pequenos sinais, porém Alucard se agarrou a eles e então afastou os cachos escuros da testa de Rhy, tentando se livrar da imagem do príncipe decomposto sobre os lençóis reais.

— Por favor, acorde.

A sua mão percorreu a manga da camisa do príncipe e parou sobre a mão dele.

Alucard sempre adorou as mãos de Rhy, as palmas macias e os dedos longos, feitos para tocar, para falar, para a música.

Não sabia se Rhy ainda tocava, mas ele o fazia antes, e, quando fazia, tocava do mesmo jeito como falava um idioma. Fluentemente.

O lampejo de uma memória lhe ocorreu. Unhas dançando sobre a sua pele.

— Toque algo para mim — disse Alucard então, e Rhy sorriu aquele sorriso deslumbrante, a luz de velas transformando os seus olhos cor de âmbar em ouro enquanto os dedos pairavam, percorrendo as cordas sobre os ombros, as costelas, a cintura.

— Prefiro tocar você.

Agora, Alucard entremeava os seus dedos aos do príncipe, aliviado por encontrá-los quentes, aliviado mais uma vez quando a mão de Rhy apertou, mesmo que de leve, a sua. Com cuidado, Alucard subiu na cama. Com cautela, ele se deitou ao lado do príncipe adormecido.

Além da janela, a escuridão começou a se dividir, a se espalhar, mas os olhos de Alucard estavam fixos no peito de Rhy, vendo-o subir e descer. Vendo uma centena de fios prateados serem costurados vagarosamente de volta no lugar.

IV

Enfim, Osaron estava *livre*.

Houve um instante no terraço — o espaço entre uma inspiração e uma expiração — quando sentiu que os pedaços de si mesmo podiam se espalhar ao vento sem carne e osso que os unissem. Mas ele *não* se despedaçou. Não se dissolveu. Não deixou de existir.

Ele havia ficado mais forte ao longo dos meses que passara naquele outro mundo.

Mais forte a cada minuto que passava neste.

E estava livre.

Algo tão estranho, há tanto esquecido, que ele mal reconhecia.

Quanto tempo atrás ele se sentou naquele trono no centro de uma cidade adormecida, observando a pulsação do seu mundo diminuir o ritmo, observando até mesmo a neve parar de cair e pairar suspensa no ar. E nada mais havia a fazer além de dormir, e esperar, e esperar, e esperar, e esperar...

Para ser livre.

E agora.

Osaron sorriu, e o rio cintilou. Ele riu, e o ar se agitou. Flexionou os músculos, e o mundo estremeceu.

Este mundo o acolhia.

Este mundo *queria* mudar.

Ele sabia, no seu âmago, que poderia ser *mais*.

Sussurrava para Osaron: *Faça, faça, faça*.

Este mundo ardia de promessa, da mesma forma que o seu próprio mundo ardera tanto tempo atrás, antes de se tornar cinzas. Mas ele era um deus jovem na época. Ansioso demais para se doar, para ser amado.

Agora, tinha aprendido a lição.

Humanos não eram bons governantes. Eram crianças, servos, súditos, animais de estimação, comida, matéria bruta. Eles tinham um lugar, assim como ele, e ele seria o deus de que precisavam, e eles o amariam por isso. Ele lhes mostraria como.

Ele os alimentaria com poder. Apenas o suficiente para mantê-los ligados a ele. Um gostinho do que poderia ser. Do que *eles* poderiam ser. E, conforme se entrelaçasse por eles, através deles, extrairia um pouco da força deles, da magia deles, do potencial deles, e isso o alimentaria, o atiçaria, e eles dariam tudo isso de boa vontade, porque ele era deles e eles eram seus. E juntos realizariam algo extraordinário.

Eu sou a misericórdia, sussurrou ele nos seus ouvidos.

Eu sou o poder.

Eu sou rei.

Eu sou deus.

Ajoelhem-se.

E, por toda a cidade — sua nova cidade —, eles *já* estavam se ajoelhando diante dele.

Ajoelhar-se era algo natural, uma questão de gravidade, de deixar o peso levá-lo para baixo. A maioria deles *queria* fazê-lo; ele sentia a submissão.

E, aqueles que não o fizessem, aqueles que recusassem...

Bom, não havia lugar para eles no reino de Osaron.

Não havia lugar nenhum.

V

— *Dois vivas para o vento...*

— *E três para as mulheres...*

— *E quatro para o esplêndido mar.*

A última palavra se perdeu, dissolvendo-se nos sons grosseiros de canecas batendo nas mesas e cerveja derramando no chão.

— A letra é assim mesmo? — perguntou Vasry, recostando a cabeça na parede do reservado. — Pensei que fosse “vinho”, e não “vento”.

— Não seria uma canção do mar sem o vento — respondeu Tav.

— Não seria uma canção sem o vinho — retrucou Vasry, embolando as palavras.

Lenos não sabia se era para impressionar ou porque o marinheiro — e a tripulação inteira, a propósito — estava bêbado.

A tripulação inteira, na verdade, exceto Lenos. Ele nunca foi fã de bebidas (não gostava de como embaralhavam tudo e o deixavam enjoado por dias), mas ninguém parecia notar se ele bebia mesmo ou não, contanto que tivesse um copo nas mãos para brindar. E ele sempre tinha. Lenos segurava um cálice quando a população brindou ao capitão, Alucard Emery, o vencedor do *Essen Tasch*, e ainda o segurava quando continuaram brindando a cada meia hora ou algo assim, até perderem a conta.

Agora que o torneio havia acabado, a maioria das flâmulas estava sobre as mesas, encharcadas de cerveja, e a chama prateada e azul no estandarte de Alucard estava cada vez mais enlameada.

O ilustre capitão deles estava longe, provavelmente brindando a si mesmo no baile do vencedor. Se Lenos se esforçasse, conseguia ouvir o eventual eco dos fogos de artifício acima da algazarra da multidão na Estrada Errante.

Haveria um desfile formal na manhã do dia seguinte, e uma última celebração (e metade de Londres ainda estaria bêbada), mas esta noite o palácio era apenas para os campeões e as tavernas para os demais.

— Algum sinal da Bard? — perguntou Tav.

Lenos passou os olhos pela taverna lotada. Ele não a tinha visto, não desde a primeira rodada de bebidas. A tripulação caçou dele pela forma como ficava perto dela, confundindo o seu nervosismo com timidez, atração ou mesmo medo. Talvez fosse medo, ao menos um pouco, mas, se fosse isso, era uma reação inteligente. Lenos temia Lila da mesma forma que um coelho teme um sabujo. Da forma como um mortal teme o raio depois da tempestade.

Um arrepio o percorreu, súbita e friamente.

Ele sempre foi sensível ao equilíbrio das coisas. Poderia ter sido um sacerdote se tivesse um pouco mais de magia. Sabia quando as coisas estavam certas — aquele maravilhoso sentimento que lembrava o calor do sol num dia frio — e sabia quando elas estavam *aven* — como Lila, com o seu passado estranho e o seu poder estranho — e sabia quando as coisas estavam erradas.

E, naquele momento, havia algo errado.

Lenos tomou um gole de cerveja para acalmar os nervos — o seu reflexo uma carranca cor de âmbar na superfície do líquido — e se levantou. O primeiro imediato do *Spire* olhou para ele e se levantou também (Stross sabia desses seus *instantes* e, ao contrário do restante da tripulação, que o chamava de esquisito e supersticioso, parecia acreditar nele. Ou, ao menos, não desacreditar de pronto.).

Lenos se moveu pelo salão numa espécie de torpor, preso no estranho feitiço da sensação, a sensação de que havia algo errado o puxando como uma corda para algum lugar. Ele estava a meio caminho da porta quando o primeiro grito soou da janela da taverna.

— Tem algo no rio!

— Tem! — gritou Tav, retrucando. — Grandes arenas flutuantes. Estão lá tem uma semana.

Mas Lenos ainda se dirigia à entrada da taverna. Ele abriu a porta, imóvel pela súbita rajada de vento gelado.

As ruas estavam mais vazias que o normal, e as primeiras cabeças haviam acabado de sair de onde estavam para espiar.

Lenos andou, com Stross no seu encalço, até que viraram a esquina e viram o limite do mercado noturno, a multidão se dirigindo à margem do rio, pendendo para a água vermelha como uma carga solta a bordo de um navio.

O coração dele martelou no peito conforme avançava, o seu corpo esbelto abrindo passagem por lugares onde a forma larga de Stross ficava presa. Ali, logo em frente, o resplandecer carmesim do Atol e...

Lenos parou.

Havia algo se espalhando pela superfície do rio, como óleo, manchando a luz e a substituindo por algo preto, reluzente e errado. A escuridão chegou à margem do rio, espirrando na grama morta de inverno, na calçada de pedra, deixando para trás riscos iridescentes a cada onda que passava.

A visão atraiu os membros de Lenos, aquele mesmo puxão para baixo, tão simples como a gravidade, e, quando sentiu que andava para a frente, ele desviou o olhar, forçando-se a parar.

À sua direita, um homem tropeçou na beira do rio. Lenos tentou agarrá-lo pela manga, mas o sujeito já estava longe, seguido de perto por uma mulher. Por todo lado, a multidão estava dividida entre cambalear para trás e correr para a frente empurrando uns aos outros, e Lenos, incapaz de se *afastar* dali, podia apenas lutar para ficar no lugar.

— Pare! — gritou um guarda quando o homem que havia passado por Lenos se ajoelhou e esticou o braço, como se quisesse tocar a superfície do rio. Em vez disso, o rio tocou *nele*, estendeu a mão feita de água escura, envolveu o braço do sujeito com os dedos e o puxou. Gritos foram ouvidos, engolindo o barulho da água, o instante de luta antes de o homem submergir.

A multidão recuou enquanto os reflexos oleosos começaram a se acalmar, ficou em silêncio enquanto esperava o homem, ou seu corpo, emergir.

— Para trás! — ordenou outro guarda, forçando passagem. Ele estava quase na margem quando o homem reapareceu. O guarda deu um passo desajeitado para trás em choque quando o sujeito emergiu, não ofegando em busca de ar ou lutando contra a força do rio, mas lenta e calmamente, como se estivesse saindo de um banho de banheira. Suspiros e sussurros foram ouvidos enquanto o homem saía do rio e ia para a margem, alheio às

roupas molhadas que pesavam sobre ele. Pingando da sua pele, a água parecia límpida, clara; porém, quando se acumulava em poças nas pedras, cintilava e se movia.

Stross pousou a mão no ombro de Lenos, puxando-o, mas não conseguia tirar os olhos do sujeito na margem. Havia algo errado com ele. Algo muito errado. Sombras rodopiavam nos seus olhos, serpenteando como tufos de fumaça, e as suas veias se destacavam na pele marrom-clara, escurecidas como fios pretos. Porém, mais que tudo, era o sorriso forçado e fixo no rosto dele que fez Lenos estremecer.

O homem abriu os braços, vertendo água, e anunciou audaciosamente:

— O rei chegou.

Ele jogou a cabeça para trás e começou a gargalhar enquanto a escuridão escalava as margens ao seu redor, tentáculos de névoa preta que galgavam o caminho como dedos, agarrando-se até alcançar a rua. A multidão havia entrado em pânico; aqueles que estavam perto o suficiente para ver agora lutavam para sair dali, apenas para serem encurralados pelos que estavam atrás. Lenos se virou, procurando Stross, mas o homem não estava em lugar nenhum. Ao longo da margem, outro grito. Em algum lugar distante, o eco das palavras do homem, agora nos lábios de uma mulher, depois nos de uma criança.

— O rei chegou.

— O rei chegou.

— O rei chegou — disse um velho com olhos brilhando. — E ele é *glorioso*.

Lenos tentou fugir dali, mas a rua era uma massa ondulante de corpos encurralados pelo alcance das sombras. A maioria lutava para se libertar, mas pontuando a multidão havia aqueles que não conseguiam desviar os olhos do rio preto. Aqueles que ficavam imóveis como pedra, hipnotizados pelas ondas cintilantes, a força gravitacional do feitiço os puxando para baixo.

Lenos sentiu o próprio olhar ser atraído de volta para a escuridão e para a loucura, balbuciou uma oração para os diversos santos sem nome mesmo quando os seus longos membros deram um único passo à frente.

E então mais outro.

As suas botas afundaram no solo argiloso da margem do rio, os pensamentos se aquietando, a visão se estreitando naquela escuridão

hipnótica. No canto da mente, ele ouviu o ribombar de cascos, como um trovão, e então uma voz cortando o caos como uma faca.

— Volte! — gritou a voz, e Lenos piscou, afastando-se aos tropeços do alcance do rio e escapando por pouco de ser pisoteado por um cavalo real.

O enorme garanhão se deteve, mas foram as figuras montadas nele que atraíram a atenção de Lenos.

O príncipe *Antari* montava o cavalo, descabelado, o casaco vermelho aberto revelando o peito nu com sangue escorrido e uma cicatriz entalhada. E, atrás do príncipe de olhos pretos, agarrando-se a ele como à própria vida, estava Lila Bard.

— Animal maldito — resmungou ela, quase caindo ao tentar se desvencilhar da sela.

Kell Maresh — *Aven Vares* — desceu da montaria com facilidade, o casaco se agitando atrás dele, uma das mãos no ombro de Bard, e Lenos não soube dizer se o homem estava buscando equilíbrio ou o oferecendo. Os olhos de Bard esquadrinharam a multidão — um deles definitivamente estava *errado*, uma explosão de luz vítrea — antes de pousar em Lenos. Ela conseguiu abrir um leve e sofrido sorriso antes que alguém gritasse.

Perto dali, uma mulher desabou, um tentáculo de sombras se enrolando na sua perna. Ela tentou agarrá-lo, porém seus dedos passaram direto por ele. Lila se virou para ela, mas o príncipe *Antari* chegou primeiro. Ele tentou repelir a névoa com uma rajada de vento, e, quando isso não funcionou, sacou uma lâmina e entalhou uma linha nova na palma da mão.

Ele se ajoelhou, a mão pairando sobre as sombras que corriam entre o rio e a pele da mulher.

— *As Anasae* — ordenou ele, mas a substância apenas se dividiu ao redor do sangue. O próprio ar parecia vibrar com risadas enquanto as sombras penetravam na perna da mulher, manchando a pele antes de se infiltrar nas veias.

O *Antari* praguejou e a mulher estremeceu, agarrando-se cheia de medo à sua mão cortada. O sangue escorria pelos dedos dela e, enquanto Lenos observava, as sombras subitamente a largaram, recuando para longe da hospedeira.

Kell Maresh estava encarando o ponto onde a sua mão encontrava a da mulher.

— Lila! — gritou ele, mas ela já havia visto e desembainhado a faca. O sangue brotou da sua pele enquanto ela corria até um homem na margem, agarrando-o um instante antes que as sombras o fizessem. Mais uma vez, elas recuaram.

O *Antari* e... Não. Os dois *Antari*, pensou Lenos, pois era isso que Bard era, o que ela tinha de ser, começaram a agarrar todos ao seu alcance, passando os dedos manchados por mãos e faces. Mas o sangue nada fazia àqueles que já haviam sido envenenados. Estes apenas rosnavam e o limpavam, como se fosse algo sujo. E, para cada um que marcavam, dois caíam antes que os alcançassem.

O *Antari* da realeza se virou, sem fôlego, analisando o alcance da situação, a escala dos acontecimentos. Em vez de correr de pessoa em pessoa, ele ergueu as mãos com as palmas afastadas. Os seus lábios se moveram, e o sangue se aglomerou no ar, formando uma bola. Isso fez Lenos pensar no próprio Atol, com o brilho vermelho, uma artéria de magia pulsante e vibrante.

Com um único movimento ondulante, a esfera se ergueu sobre a multidão em pânico e...

Isso foi tudo o que Lenos viu antes que as sombras viessem *alcançá-lo*.

Tentáculos de noite serpentearam na direção dele, rápidos como víboras. Não havia para onde ir. O *Antari* ainda estava conjurando o feitiço e Lila estava longe demais, de modo que Lenos prendeu a respiração e começou a rezar como aprendeu em Olnis, quando as tormentas ficavam muito fortes. Fechou os olhos e rezou por calma enquanto as sombras quebravam sobre ele. Por equilíbrio, enquanto elas inundavam — ao mesmo tempo quentes e frias — sua pele. Por quietude, enquanto elas murmuravam como uma maré baixa na sua mente.

Deixe-me entrar, deixe-me entrar, deixe-me...

Uma gota de chuva caiu na sua mão, outra na sua face, e então as sombras recuaram, levando os seus murmúrios com elas. Lenos piscou, deixou o ar escapar trêmulo e viu que a chuva era vermelha. À sua volta, pequenas gotas de orvalho pontilhavam os rostos e os ombros, assentando-se como uma névoa em casacos, luvas e botas.

Não era chuva, percebeu.

Sangue.

As sombras na rua se dissolveram sob a névoa carmesim, e Lenos olhou para o príncipe *Antari* a tempo de vê-lo cambalear por causa do esforço. Ele conseguiu garantir um pouco de segurança, porém não seria o suficiente. A magia das trevas já estava ajustando o foco, a forma, dividindo-se de punho para uma mão aberta, os dedos de sombras surgindo em terra firme.

— *Santo!* — praguejou o príncipe enquanto cascos ressoavam no fim da rua. Uma onda de guardas reais alcançou o rio e desmontou. Bard se moveu rapidamente entre os homens armados, manchando o metal das suas vestes com a ponta dos dedos ensanguentados.

— Cerquem os envenenados — ordenou Kell Maresh, já se dirigindo ao seu cavalo.

As almas atormentadas não fugiram nem atacaram. Simplesmente ficaram ali, sorrindo e dizendo bobagens sobre um rei das sombras que sussurrava nos seus ouvidos, que lhes contava como o mundo poderia ser, como seria, que tocava as suas almas como música e lhes mostrava o verdadeiro poder de um rei.

O príncipe *Antari* subiu na montaria.

— Mantenham todos longe das margens — gritou ele. Lila Bard montou ao lado dele com uma careta, os braços apertados ao redor da sua cintura, e Lenos foi deixado ali, aturdido, enquanto o príncipe esporeava o cavalo, dando-lhe o comando para partir, e os dois sumiam pelas ruas de Londres.

VI

Eles precisavam se separar.

Kell não queria fazê-lo, isso era óbvio, mas a cidade era grande demais e a névoa rápida demais.

Ele pegou o cavalo porque ela o recusou. Havia diversas outras maneiras de morrer naquela noite.

— Lila — chamara ele, e ela esperara que ele a repreendesse, que a mandasse voltar para o palácio, mas ele apenas a pegara pelo braço e dissera: — Tenha cuidado. — Ele inclinara a testa para perto da dela e acrescentara num tom de voz quase baixo demais para ser ouvido: — Por favor.

Nas últimas horas, ela viu muitas versões dele. O menino ferido. O irmão em luto. O príncipe determinado. Esse Kell não era nenhum deles e, ao mesmo tempo, era todos. E, quando a beijou, ela sentiu o gosto da dor, do medo e da esperança desesperada. E então ele se foi, uma mancha de pele clara contra a noite, enquanto ele cavalgava para o mercado noturno.

Lila partiu a pé, dirigindo-se à aglomeração de pessoas mais próxima.

A noite deveria estar fria o suficiente para manter todos dentro das suas casas, mas o último dia do torneio significava que também era a última noite de celebração, e a cidade inteira estava nas tavernas, encerrando o *Essen Tasch* com classe. Havia muitas pessoas espalhadas pelas ruas; algumas atraídas pelo caos na margem do rio e outras ainda alheias a tudo, bebendo, cantarolando e tropeçando nos próprios pés.

Elas não notaram a ausência da luz vermelha no coração da cidade nem a névoa que se assomava, não até que estivesse praticamente sobre elas. Lila deslizou a faca pelo braço enquanto corria por entre as pessoas, a dor sobrepujada pelo pânico enquanto o sangue empoçava na palma da sua mão e ela sacudia o pulso, ferrões vermelhos arremessados pelo ar como

agulhas, marcando as peles. As pessoas que celebravam o torneio ficavam imóveis, chocados e procurando a fonte da agressão, mas Lila não se demorava em lugar nenhum.

— Entrem! — gritava ela, correndo. — Tranquem as portas.

Porém, portas trancadas e janelas fechadas nada significavam para a noite envenenada, e logo Lila se pegou esmurrando as portas das casas e tentando impedir a escuridão de entrar. Aqui e ali ouvia-se um grito distante de alguém que tentou resistir. Uma risada quando alguém sucumbia.

A mente dela fervilhava, mesmo com a cabeça girando.

O arnesiano dela não era muito bom, e, quanto mais sangue perdia, pior ele ficava, até que o seu discurso se dissolveu de: “Tem um monstro na cidade se movendo pela névoa, me deixe ajudar...” para simplesmente “Não sai daqui”.

A maioria a encarava de olhos arregalados, apesar de ela não saber se era por causa do sangue, do olho espatifado ou do suor escorrendo pelo seu rosto. Ela não se importava. Continuava tentando. Era uma causa perdida, aquilo tudo, uma tarefa impossível, uma vez que as sombras se moviam duas vezes mais rápido que ela. Parte dela queria desistir, recuar, poupar o que restava da sua força, pois apenas um tolo lutava quando *sabia* que não poderia ganhar. Porém, em algum lugar lá fora, Kell continuava tentando, e ela não desistiria até que ele o fizesse. De modo que se forçou a continuar.

Lila virou a esquina e viu uma mulher deitada na rua, o vestido claro amarfanhado nas pedras frias enquanto ela se encolhia em posição fetal e agarrava a própria cabeça, lutando contra a força monstruosa que fincava as suas garras dentro dela. Lila correu com a mão estendida e estava prestes a alcançá-la quando a mulher subitamente ficou imóvel. A luta abandonou os seus membros e a sua respiração enevoou o ar sobre o rosto enquanto ela se alongava preguiçosamente nas pedras geladas, alheia ao frio cortante, e sorria.

— Posso ouvir a voz dele — disse ela, extasiada. — Posso ver a beleza dele. — Ela virou a cabeça para Lila. Sombras deslizaram dos seus olhos como uma nuvem sobre uma campina. — Deixe-me mostrar a você.

Sem nenhum aviso, a mulher se levantou, tentando agarrar Lila, e os seus dedos envolveram o pescoço dela. Por um instante, Lila sentiu a

pressão de um calor calcinante e de um frio inebriante enquanto a magia de Osaron tentava penetrar.

Tentava... e falhava.

A mulher recuou violentamente, como se tivesse se queimado, e Lila a acertou com força no rosto.

A mulher desabou no chão, inconsciente. Era um bom sinal. Se ela estivesse de fato possuída, uma lâmina não a teria parado, muito menos um soco.

Lila se endireitou, ciente de que a magia a envolvia e circulava. Ela não conseguia se livrar da sensação de que a escuridão possuía olhos e que a estava observando.

E com muita atenção.

— Venha brincar — chamou Lila calmamente, girando a faca. As sombras ondularam. — Qual o problema, Osaron? Tímido? Está se sentindo nu sem um corpo? — Ela se virou lentamente. — Fui eu quem matou Ojka. Fui eu quem resgatou Kell. — Ela virou a lâmina por entre os dedos, transpirando uma calma que não sentia conforme a escuridão tremulava ao seu redor e começava a se reunir, formando uma coluna espessa antes de fazer crescer membros, um rosto, um par de olhos tão pretos como gelo à noite e...

Em algum lugar ali perto, um cavalo relinchou.

Um grito soou. Não o berro de desespero estrangulado de quem lutava contra a névoa enfeitiçada, mas o som simples e gutural da frustração. Uma voz que ela conhecia muito bem.

As sombras desmoronaram assim que Lila as atravessou com a espada, correndo para o som.

Para Kell.

Primeiro, ela encontrou o cavalo dele. Abandonado e galopando pelas ruas na sua direção com um corte superficial ao longo de um flanco.

— Droga — praguejou ela, tentando se decidir entre bloquear a passagem do cavalo ou sair do caminho dele.

Por fim, ela se abaixou, deixando o animal passar, e então saiu correndo na direção de onde ele tinha vindo. Ela seguiu o aroma da magia dele — rosas, folhas e terra — e encontrou Kell no chão, cercado não pela névoa de Osaron mas por homens. Três deles com armas em punho: uma lâmina, uma barra de ferro e uma tábua grossa de madeira.

Kell enfim se levantou, com a mão num dos ombros, o rosto fantasmagoricamente pálido. Não parecia ter sangue suficiente sequer para ficar de pé, quanto mais para revidar. Somente quando chegou mais perto que Lila se deu conta de que um dos homens era Tav, seu companheiro do *Night Spire*, e o outro era o homem que havia se passado por Kamerov na Noite dos Estandartes, antes do torneio. O terceiro vestia a capa e as armas da guarda real, a sua meia espada empunhada e pronta.

— Escutem — dizia Kell. — Vocês são mais fortes que isso. São capazes de lutar contra ele.

O rosto dos homens se contorceu de satisfação, surpresa, confusão. Eles falavam com as próprias vozes, não com o eco de duas vozes que Osaron usou no terraço, e ainda assim havia uma cadência musical na forma de pronunciar as palavras, uma espécie de cantar que a deixou arrepiada.

— O rei quer você.

— O rei o terá.

— Venha conosco.

— Venha e se ajoelhe.

— Venha e implore.

Kell se retesou, a mandíbula cerrada.

— Digam ao seu rei que ele não clamará essa cidade. Digam a ele...

O homem com o pedaço de madeira atacou, golpeando a barriga de Kell. Ele agarrou a tábua e a madeira incandesceu e se consumiu em cinzas nas mãos dele. O círculo se desfez: Tav ergueu a barra de ferro e o guarda avançou, mas Lila já estava de joelhos pressionando o chão frio com a palma das mãos. Ela se lembrava das palavras que Kell usou. E conjurou o que restava da sua força.

— *As Isera* — pronunciou ela. *Congelar.*

Gelo se espalhou por debaixo das mãos dela, deslizando pelo chão e subindo pelo corpo dos homens em questão de segundos.

Lila não possuía o controle de Kell, não conseguia dizer ao gelo aonde deveria ir, mas ele o viu chegando e saiu do caminho do feitiço. E, quando o gelo encontrou as suas botas, derreteu, deixando-o intocado. Os outros homens ficaram ali, encerrados no gelo, as sombras ainda nadando nos seus olhos.

Lila se levantou, e a noite oscilou perigosamente sob os seus pés, o feitiço roubando o que lhe restava de poder nas veias.

Em algum lugar, soou outro grito, e Kell deu um passo na direção dele, um joelho quase sucumbindo antes que ele se apoiasse numa parede.

— Chega — falou Lila. — Você mal se aguenta em pé.

— Então você pode me curar.

— Com *o quê?* — ralhou ela, gesticulando para a própria figura abatida e machucada. — Não podemos continuar com isso. Podemos sangrar até a última gota e ainda assim não marcaremos uma fração sequer dessa cidade. — Ela deixou escapar uma risada exausta e sem humor. — Você sabe que eu sou a favor de probabilidades desfavoráveis, mas isso é demais. É exagero.

Era uma causa perdida, e, se ele não conseguia enxergar isso... Mas ele conseguia, é claro. Ela via nos olhos de Kell, na rigidez da sua mandíbula, nas rugas do seu rosto, que ele também sabia. Sabia e não conseguia deixar acontecer. Não podia se render. Não podia recuar.

— Kell — disse ela com gentileza.

— Essa é a minha cidade — falou ele, visivelmente abalado. — O meu lar. Se eu não conseguir protegê-lo...

Os dedos de Lila se moveram até uma pedra solta na rua. Ela não deixaria que ele se matasse, não desta forma. Não depois de tudo. Se ele não ouvia a voz da razão...

Cascos retumbaram na pedra, e um instante depois quatro cavalos se puseram em círculo, montados por guardas reais.

— Mestre Kell! — gritou o que estava na frente. Lila reconheceu o homem como um dos guardas designados para proteger Kell. Era mais velho e lançou um olhar para ela. E então, obviamente sem saber como se dirigir a Lila, fingiu que ela não estava ali. — Os sacerdotes estão protegendo o palácio e o senhor deve retornar imediatamente. Ordens do rei.

Kell parecia estar prestes a amaldiçoar o rei. Em vez disso, ele balançou a cabeça.

— Ainda não. Estamos marcando os cidadãos onde podemos, mas ainda não encontramos uma forma de conter as sombras, ou de proteger a cidade contra...

— É tarde demais — interrompeu o guarda.

— O que você quer dizer com isso? — exigiu saber Kell.

— Senhor — falou outra voz, e um homem no fundo retirou o elmo. Lila o conhecia. Hastra. O guarda mais jovem de Kell. Quando ele falou, a sua voz era gentil, mas o seu rosto estava tenso. — Acabou, senhor — continuou ele. — A cidade foi subjugada.

VII

A cidade foi subjugada.

As palavras de Hastra seguiram Kell pelas ruas, subiram com ele os degraus do palácio e continuaram pelos corredores. Aquilo não podia estar certo.

Não podia ser verdade.

Como uma cidade podia ser subjugada quando ainda havia tantos lutando?

Kell entrou intempestivamente no Grand Hall.

O salão de festas cintilava, ornamentado, extravagante, mas o clima havia sido completamente alterado. Magos e nobres que estavam no baile do terraço agora se amontoavam no meio do salão. A rainha e o seu séquito carregavam tigelas de água e algibeiras de areia para os sacerdotes que desenhavam amplificadores no chão de mármore polido e feitiços de proteção em cada parede. Lorde Sol-in-Ar estava de pé recostado numa coluna, as feições sombrias porém indecifráveis. O príncipe Col e a princesa Cora estavam sentados na escada, parecendo em choque.

Ele encontrou o rei Maxim na plataforma onde os músicos vestidos de dourado tocavam todas as noites, em conferência com mestre Tieren e o chefe da guarda real.

— O que você quer dizer com “a cidade foi subjugada”? — perguntou Kell, marchando enfurecido pelo piso de mármore. Com as mãos ensanguentadas e o peito nu sob o casaco aberto, ele sabia que parecia louco. Não se importava. — Por que me chamou de volta? — Tieren tentou bloquear o seu caminho, mas Kell passou pelo sacerdote. — Você tem algum plano?

— O meu plano — respondeu o rei calmamente — é impedi-lo de se matar.

— Estava *funcionando* — rosnou Kell.

— O que estava funcionando? — indagou Maxim. — Abrir uma veia sobre Londres?

— Se o meu sangue puder proteger as pessoas...

— Quantas você protegeu, Kell? — perguntou o rei. — Dez? Vinte? Cem? Há *milhares* de pessoas nessa cidade.

Kell sentiu como se estivesse de volta à Londres Branca, a gargantilha de aço apertada no pescoço. Indefeso. Desesperado.

— Já é *alguma coisa*...

— *Não é* o suficiente.

— Você tem uma ideia melhor?

— Ainda não.

— Então, Santo, me deixe fazer o que eu puder!

Maxim o segurou pelos ombros.

— Escute — disse o rei em voz baixa. — Quais são os pontos fortes de Osaron? Quais são as fraquezas? O que ele está fazendo com o nosso povo? Pode ser desfeito? Quantas perguntas você falhou em se fazer porque estava ocupado demais sendo valente? Você não tem um plano. Nenhuma estratégia. Não encontrou uma rachadura na armadura do inimigo, um lugar para enfiar a faca. Em vez de planejar um ataque, você estava lá fora, golpeando cegamente, sequer capaz de desferir um golpe porque está gastando cada gota do seu sangue precioso protegendo os outros de um inimigo que não sabemos como derrotar.

O corpo inteiro de Kell se retesou com essas palavras.

— Eu estava lá fora tentando proteger o *seu povo*.

— E, para cada um que você blindou, outra dúzia mais foi possuída pela escuridão. — Não havia julgamento na voz de Maxim, apenas uma determinação sombria. — A cidade sucumbiu, Kell. Não se erguerá de novo sem a sua ajuda, mas isso não significa que você tenha de salvá-la sozinho. — O rei o segurou com mais força. — Não vou perder os meus filhos para isso.

Filhos.

Kell piscou, abalado pelas palavras, enquanto Maxim o soltava, a fúria se amainando.

— Rhy acordou? — perguntou ele.

O rei meneou a cabeça.

— Ainda não. — A atenção dele se desviou de Kell. — E você? — Kell virou a cabeça e viu Lila, o cabelo caindo sobre o olho fraturado enquanto ela raspava o sangue debaixo das unhas. Ela ergueu o olhar, atendendo à convocação. — Quem é você? — exigiu saber o rei.

Lila franziu o cenho e começou a responder. Kell a interrompeu.

— Essa é a senhorita Delilah Bard.

— Uma amiga do trono — completou Tieren.

— Eu já salvei a sua cidade — acrescentou Lila. — *Duas vezes*. — Ela inclinou a cabeça, adejando a cortina de cabelo escuro para revelar a difração de luzes vinda do seu olho espatifado. Para o mérito de Maxim, ele não se espantou. Simplesmente olhou para Tieren.

— Essa é garota de quem você me contou?

O sumo sacerdote assentiu com a cabeça, e Kell ficou se perguntando o que exatamente o *Aven Essen* tinha dito, e por quanto tempo Tieren sabia o que ela era. O rei avaliou Lila, o olhar percorrendo dos olhos dela até os dedos ensanguentados antes de tomar uma decisão. Maxim ergueu levemente o queixo e disse:

— Marque todos aqui.

Não era um pedido, e, sim, uma ordem do rei à sua súdita.

Lila abriu a boca, e por um segundo Kell pensou que ela diria algo terrível, mas a mão de Tieren tocou o ombro dela num sinal universal de “Fique quieta”. E, ao menos uma vez, Lila escutou.

Maxim se afastou, a voz subindo alguns decibéis para que os demais presentes no salão pudessem ouvi-lo. E eles *estavam* ouvindo, percebeu Kell, pois diversas cabeças se viraram com cautela para captar as palavras enquanto o rei se dirigia ao seu *Antari*.

— Holland foi levado para a prisão. — Apenas algumas horas antes era *Kell* quem estava preso embaixo do palácio. — Você falará com ele. Aprenda tudo o que puder sobre a força que estamos enfrentando. — A expressão de Maxim obscureceu. — Use quaisquer meios necessários.

Kell se retesou.

A opressão fria do aço.

A gargantilha no seu pescoço.

A pele rasgada pela estrutura de metal.

— Vossa Majestade — disse Kell, esforçando-se para utilizar o tom de voz correto. — Considere feito.

* * *

As botas de Kell ecoaram na escada da prisão, cada degrau o levando para mais longe da luz e do calor do coração do palácio.

Quando era garoto, a prisão real era o seu esconderijo favorito. As celas ficavam diretamente abaixo da sala dos guardas, entalhadas numa das gigantescas fundações de pedra que sustentavam o palácio acima do rio, e raramente estavam ocupadas. A prisão fora usada com frequência, de acordo com Tieren, quando Arnes e Faro estavam em guerra, mas agora estava abandonada. Os guardas reais a utilizavam ocasionalmente, só os santos sabem para quê, mas, quando Rhy fugia com nada além das suas risadas ou de um bilhete que dizia “Venha me encontrar”, Kell começava a busca pelas celas.

As celas estavam sempre geladas, o ar pesado com o cheiro das pedras úmidas, e a sua voz ecoando enquanto gritava por Rhy — “Venha brincar, venha brincar, venha brincar”. Kell sempre foi melhor em encontrar que Rhy em se esconder, e a brincadeira em geral terminava com os dois garotos enfiados numa das celas comendo maçãs furtadas e jogando rodadas de Santo.

Rhy sempre gostou de descer até lá, mas Kell achava que o irmão gostava mesmo era de subir as escadas quando era hora de voltar, de como podia simplesmente deixar aquele ambiente para trás quando ficava cansado e trocar o subterrâneo frio e úmido por roupas luxuosas e chá de especiarias, sendo então lembrado da sorte que tinha por ser um príncipe.

Kell nunca gostou daquelas celas quando criança.

Agora, ele as odiava.

A cada degrau, a repulsa crescia dentro dele, repulsa pela memória da sua prisão, repulsa pelo homem que estava agora sentado no lugar que ele já ocupou.

Lampiões lançavam uma luz pálida por todo o lugar. Ela cintilava onde encontrava metal e desvanecia nas pedras.

Quatro guardas de armadura completa estavam posicionados em frente à maior cela. A mesma que Kell havia ocupado algumas horas antes. As suas armas estavam a postos, os olhos fixos na silhueta atrás das grades.

Kell percebeu o jeito como os guardas olhavam para Holland, o veneno nos seus olhos, e sabia que era assim que outros queriam olhar para *ele*. Nada além de medo e raiva, nenhuma partícula de respeito.

O *Antari* branco estava sentado num banco de pedra nos fundos da cela, as mãos e os pés algemados à parede atrás dele. Uma venda preta estava amarrada sobre os olhos, mas Kell percebia pelo movimento sutil dos seus membros e pela inclinação da sua cabeça que Holland estava acordado.

A viagem do terraço até a cela foi curta, porém os guardas não foram gentis. Eles o despiram da cintura para cima à procura de armas, e machucados recentes podiam ser vistos na sua mandíbula e no seu tórax, a pele pálida revelando cada abuso apesar de terem tido o cuidado de limpar os vestígios de sangue. Diversos dedos pareciam quebrados, e o lento movimento do seu peito indicava algumas costelas quebradas.

De pé diante de Holland, Kell foi mais uma vez surpreendido pelas mudanças no homem. A largura dos ombros dele, os músculos discretos no tórax, os lábios sem emoção, tudo isso ainda estava ali. Mas as características novas — a cor nas faces e o rubor da juventude — Osaron levou embora ao partir. A pele do *Antari* parecia acinzentada onde não havia hematomas, e o seu cabelo já não exibia o mesmo preto brilhante da sua breve aparição enquanto rei. Até mesmo o tom de carvão esmaecido a que Kell estava mais acostumado agora se entremeava de fios prateados.

Holland parecia alguém preso entre duas versões de si mesmo, o que causava um efeito assustador e desconcertante.

Os seus ombros estavam recostados na parede de pedra gelada, mas, se ele podia sentir o frio, não demonstrava. Kell enxergou os restos do feitiço de controle de Athos Dane entalhados no peito do *Antari* — e arruinados pela barra de aço que o próprio Kell havia usado para transpassá-lo — antes de reparar na teia de cicatrizes desenhada na pele de Holland. Havia certa ordem nas mutilações, como se quem as tivesse infligido tivesse sido cuidadoso. Meticuloso. Kell conhecia por experiência própria a facilidade com que os *Antari* se curavam. Para deixar essas cicatrizes, as feridas teriam de ser muito, muito profundas.

No fim, foi Holland quem quebrou o silêncio. Ele não conseguia *enxergar* Kell, não através da venda, mas deve ter percebido que era ele, porque, quando o *Antari* mais velho falou, tinha a voz cheia de desprezo.

— Veio obter a sua vingança?

Kell respirou lenta e profundamente para se acalmar.

— Saíam — disse ele, gesticulando para os guardas.

Eles hesitaram, os olhos adejando entre os dois *Antari*. Um dos guardas se retirou sem vacilar, outros dois tiveram a decência de ficar nervosos, e o quarto pareceu relutante em perder o que aconteceria.

— Ordens do rei — advertiu Kell, e eles acabaram se retirando, levando com eles o retinir das armaduras, o eco das suas botas.

— Eles sabem? — perguntou Holland, flexionando os dedos destroçados. A voz dele não tinha mais o eco de Osaron, somente aquele tom familiar rouco. — Que você os abandonou? Que veio ao meu castelo por vontade própria?

Kell fez um leve movimento com o pulso e as correntes que envolviam Holland o apertaram, forçando-o contra a parede da cela. Ele nada ganhou com o gesto, uma vez que o tom de voz de Holland continuou frio e impassível.

— Vou entender isso como um não.

Mesmo através da venda, Kell conseguia *sentir* o olhar de Holland, o preto do seu olho esquerdo arranhando o preto do olho direito de Kell.

Ele evocou o tom de voz do rei da melhor forma que pôde.

— Você me contará tudo o que sabe sobre Osaron.

Um vislumbre dos dentes dele.

— E então você me deixará partir? — escarneceu Holland.

— O que é ele?

Houve uma pausa dramática, e Kell achou que Holland o forçaria a arrancar as respostas à força. Mas então ele respondeu.

— Um *oshoc*.

Kell conhecia essa palavra. Era o termo em mahktan para “demônio”, mas o que realmente significava era um pedaço de magia *encarnado*.

— Quais as fraquezas dele?

— Não sei.

— Como pode ser derrotado?

— Não pode. — Holland balançou as correntes. — Isso nos deixa quites?

— *Quites?* — rosnou Kell. — Mesmo se eu pudesse descontar as atrocidades que você cometeu durante o reinado dos Danes, isso não

mudaria o fato de que *você* foi o responsável por libertar o *oshoc*. *Você* tramou contra a Londres Vermelha. *Você* me atraiu para a sua cidade. *Você* me amarrou, torturou e propositalmente me separou da minha magia. E, ao fazer isso, *você* quase matou o meu irmão.

Um leve erguer de queixo.

— Se vale de alguma coisa...

— Não vale — vociferou Kell. Ele começou a andar de um lado para o outro, dividido entre a exaustão e a fúria; o corpo dolorido, mas os nervos à flor da pele.

E Holland permanecia enlouquecedoramente calmo. Como se não estivesse acorrentado a uma parede. Como se eles estivessem de pé num cômodo real em vez de separados por barras de ferro numa cela de prisão.

— O que você quer, Kell? Um pedido de desculpas?

Ele sentiu o temperamento explosivo enfim estourar.

— O que eu *quero*? Quero destruir o demônio que *você* libertou. Quero proteger a minha família. Quero salvar o meu lar.

— Eu também queria. Fiz o que fiz para...

— Não — rosnou Kell. — Quando os Danes governavam, talvez tivessem forçado a sua mão, mas desta vez *você* escolheu. Você escolheu libertar Osaron. Escolheu ser o seu hospedeiro. Escolheu dar a ele...

— A vida não é feita de escolhas — falou Holland. — É feita de acordos. Alguns são bons, outros são ruins, mas todos têm um preço.

— Você barganhou com a segurança do *meu* mundo...

Holland de repente tentou forçar as correntes, e, mesmo que a sua voz não tenha se elevado, cada músculo dele se retesou.

— E o que você acha que a *sua* Londres fez quando a escuridão surgiu? Quando a magia de Osaron consumiu o mundo dele e ameaçou se apoderar do meu? *Vocês* trocaram a segurança do *nosso* mundo pela do seu, trancaram as portas e nos encurralaram entre as águas violentas e as pedras. Como se sentem agora?

Kell envolveu o crânio de Holland com o seu comando e o forçou a bater na parede. Uma leve tensão na mandíbula de Holland e o resfolegar das suas narinas foram os únicos sinais de dor.

— O ódio é algo poderoso — continuou Holland por entre os dentes cerrados. — Agarre-se a ele.

E, naquele momento, Kell *quis* fazer isso. Quis continuar com aquilo, quis ouvir o som de ossos se partindo, quis ver se conseguiria subjugar Holland como Holland *o* havia subjugado na Londres Branca.

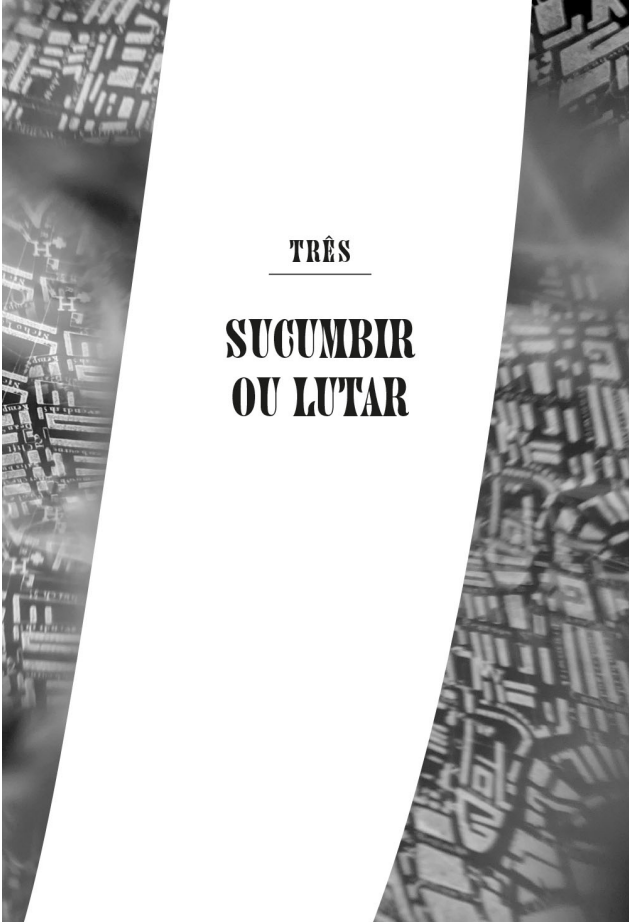
Mas Kell sabia que não conseguiria subjugá-lo.

Holland já estava devastado. Era visível, não nas cicatrizes, mas na forma com que falava, na forma como se continha diante da dor, familiarizado demais com a sua forma e intensidade. Ele era um homem vazio muito antes de encontrar Osaron, um homem sem medo nem esperança, com nada a perder.

Por um instante, Kell apertou mais forte mesmo assim — por ódio e por rancor — e sentiu os ossos de Holland rangendo sob a tensão.

E então forçou a si mesmo a soltá-lo.



The image features a black and white aerial photograph of a city grid, likely New York City, showing streets and building footprints. A large, diagonal cutout has been made through the center of the image, revealing a white background where the title is located. The cutout starts from the bottom left and extends towards the top right, creating a wide, irregular opening.

TRÊS

**SUCUMBIR
OU LUTAR**

I

Alucard sonhava com o mar quando ouviu a porta se abrir. Não foi um som alto, mas estava em desacordo com o contexto, deslocado do barulho do oceano e das gaivotas de verão.

Ele rolou para o lado, perdido por um instante no torpor do sono, com o corpo dolorido pelos abusos que havia cometido no torneio e a cabeça apoiada em lençóis de seda. E então um passo e tábuas de madeira rangendo no chão. A súbita e bastante concreta presença de outra pessoa no quarto. No quarto de *Rhy*. E o príncipe, ainda inconsciente, desarmado ao lado dele.

Alucard se levantou num único e fluido movimento, erguendo a água do copo ao lado da cama e a congelando na forma de uma adaga que já empunhava.

— Mostre-se.

Ele segurou o fragmento em posição de luta, pronto para atacar enquanto o intruso continuava a sua lenta marcha adiante. O quarto ao redor estava na penumbra, um lampião queimando às costas do invasor, deixando-o nas sombras.

— Quietos, cão — falou uma voz inconfundível.

Alucard xingou em voz baixa e se jogou de volta na cama, o coração martelando.

— Kell.

O *Antari* avançou, a luz iluminando a boca severa e os olhos estreitos, um azul, o outro preto. Mas o que chamou a atenção de Alucard, o que o hipnotizou foi o símbolo desenhado no peito nu. Um padrão de círculos concêntricos. Uma réplica exata da marca sobre o coração de *Rhy*, aquela emaranhada aos fios iridescentes.

Kell flexionou os dedos e a lâmina congelada de Alucard voou da mão dele, derretendo de volta numa faixa de água enquanto retornava para o copo.

O olhar de Kell se dirigiu à cama, os lençóis amarfanhados onde Alucard estivera deitado instantes antes.

— Está levando a sua tarefa a sério, pelo que vejo.

— Muito.

— Eu disse para mantê-lo em segurança, não aconchegado.

Alucard apoiou as mãos nos lençóis atrás de si.

— Sou mais do que capaz de desempenhar múltiplas tarefas. — Ele estava prestes a continuar quando percebeu a palidez na pele de Kell e o sangue manchando as suas mãos. — O que aconteceu?

Kell olhou para si mesmo, como se tivesse se esquecido de tudo.

— A cidade está sendo atacada — disse ele com a voz vazia.

De repente, Alucard se lembrou da coluna de magia sombria do lado de fora da janela, fragmentando-se pelo céu. Ele se virou para a sacada e ficou paralisado com a visão. Não havia mais a luz vermelha familiar refletida nas nuvens. Nenhum brilho vindo do rio lá embaixo. Quando ele alcançou a porta, Kell o segurou pelo pulso. Os dedos apertaram os seus ossos.

— Não — ordenou Kell com o seu jeito autoritário. — Estamos protegendo o palácio para manter a coisa lá fora.

Alucard se desvencilhou, esfregando a mancha de sangue que Kell deixou no seu pulso.

— *Coisa?*

O *Antari* olhou para além dele.

— Infecção, veneno, feitiço, eu não sei... — Ele ergueu uma das mãos como se fosse esfregar os olhos, então percebeu que ela estava ensanguentada e a abaixou. — O que quer que seja. O que seja que ele tenha feito... que esteja fazendo. Apenas fique longe das portas e das janelas.

Alucard olhou para ele, incrédulo.

— A cidade está sendo atacada e vamos simplesmente nos entocar no palácio e deixar isso acontecer? Há pessoas lá fora...

Kell cerrou a mandíbula.

— Não podemos salvar todos — disse ele, tenso. — Não sem um plano, e, até termos um...

— A minha *tripulação* está lá fora. A minha família também. E você espera que eu fique sentado aqui e observe...

— Não! — explodiu Kell. — Espero que você faça algo útil. — Ele apontou para a porta. — De preferência em outro lugar.

Alucard olhou para a cama.

— Não posso abandonar Rhy.

— Você já fez isso antes — retrucou Kell.

Era golpe baixo, mas ainda assim Alucard estremeceu.

— Eu disse à rainha que...

— Emery — interrompeu Kell, fechando os olhos, e foi apenas neste momento que percebeu quão perto o mago estava de desmoronar. O rosto dele não tinha cor e parecia que apenas a força de vontade o mantinha de pé, mas ele estava começando a vacilar. — Você é um dos melhores magos nesta cidade — disse Kell, retraindo-se como se admitir o fato o machucasse. — Prove. Vá e ajude os sacerdotes. Ajude o rei. Ajude alguém que precisa. Essa noite você não pode mais ajudar o meu irmão.

Alucard engoliu em seco e concordou com um aceno.

— Está bem.

Ele se forçou a atravessar o quarto, olhando para trás apenas uma vez, e viu Kell num movimento dividido entre sentar e desmoronar na cadeira que ficava ao lado da cama do príncipe.

* * *

O corredor que terminava no quarto de Rhy estava estranhamente vazio. Alucard chegou à escada antes de ver os primeiros serviçais passando correndo com os braços cheios de panos, areia e vasilhas com água. Não eram ferramentas para fechar ferimentos, mas para feitiços de proteção.

Um guarda contornou o corredor com o elmo debaixo do braço. Na testa uma linha desenhada com sangue, mas ele não parecia estar ferido. Além disso, a marca parecia proposital e não como se ele tivesse sujado o rosto sem querer.

Através de um par de portas de madeira, Alucard viu o rei cercado por membros da guarda, todos debruçados sobre um grande mapa da cidade. Pessoas correndo traziam notícias de novos ataques e, a cada notificação, o rei Maxim marcava o local no pergaminho com uma moeda preta.

Enquanto Alucard andava pelos corredores e descia lances de escada, sentia como se acordasse de um sonho diretamente para um pesadelo.

Horas antes o palácio brilhava com vida. Agora as únicas emoções eram nervosismo e hesitação. Os rostos eram máscaras do choque.

Como se estivessem em transe, os seus pés encontraram o Grand, o maior salão de festas do palácio, e pararam de pronto. Era raro Alucard Emery se sentir impotente, mas agora ficou ali num silêncio aturdido. Duas noites antes, homens e mulheres dançaram ali sob feixes de luz enquanto música era tocada sobre o estrado dourado. Duas noites antes, Rhy estivera ali, vestido de vermelho e dourado, sendo o centro cintilante das atenções de todo o baile. Duas noites antes, esse havia sido um local de risadas e música, de cálices de cristal e conversas sussurradas. Agora, membros da *ostra* e da *vestra* se aglomeravam em choque e sacerdotes de branco se posicionavam em todas as janelas, pressionando a palma das mãos nos vidros enquanto conjuravam feitiços por todo o palácio, criando um escudo contra a noite venenosa. Ele via a magia deles, pálida, brilhante e difusa, enquanto lançavam as redes de magia sobre janelas e paredes. Pareciam muito frágeis em comparação com as sombras pesadas que se projetavam sobre o vidro, querendo entrar.

Ali, de pé na entrada do salão de festas, os ouvidos de Alucard captavam fragmentos de informação muito pequenos e confusos, misturando-se uns aos outros até que ele não conseguia mais distingui-los, separar o real da fantasia, a verdade do medo.

A cidade estava sob ataque.

Um monstro havia chegado a Londres.

Uma névoa estava envenenando pessoas.

Invadindo mentes.

Deixando-as loucas.

Era como a Noite Preta outra vez, diziam, mas pior. A praga havia atacado vinte, talvez trinta pessoas, e passava de uma para a outra pelo toque. A coisa, ao que parecia, movia-se pelo próprio ar. Já havia reclamado centenas, talvez milhares de vítimas.

E estava se espalhando.

Os magos do torneio estavam aglomerados em grupos. Alguns falavam em tom grave e urgente enquanto outros simplesmente encaravam, através das janelas abobadadas da galeria, os tentáculos de névoa preta que se enrolavam no palácio, manchando a cidade com listras pretas.

Os faroenses se reuniam em volta de lorde Sol-in-Ar numa formação muito unida, enquanto o general falava no seu idioma serpentino, ao passo que os veskanos permaneciam num silêncio taciturno, o seu príncipe encarando a noite e a princesa vasculhando o salão.

A rainha viu Alucard e franziu o cenho, desvencilhando-se dos membros da *vestra* emaranhados nela.

— O meu filho acordou? — perguntou ela num sussurro.

— Ainda não, Vossa Majestade — respondeu ele. — Mas Kell está com ele agora.

Houve um longo silêncio, e a rainha acenou com a cabeça, apenas uma vez, a atenção já se desviando para outro lugar.

— É verdade? — perguntou ele. — Que Rhy... — Ele não conseguia pronunciar as palavras, não queria lhes dar forma e vida. Alucard havia captado fragmentos do caos do colapso de Rhy e visto o feitiço idêntico no peito de Kell.

Alguém feriu você, disse ele noites antes, oferecendo-se para beijar o selo marcado acima do coração do príncipe. Mas alguém fez algo pior que isso.

— Ele agora vai se recuperar — disse ela. — É isso que importa.

Ele queria dizer alguma coisa, contar a ela que também estava preocupado (perguntou-se se ela sabia — o *quanto* sabia — do verão que passou com o seu filho, do quanto gostava dele), mas a rainha já estava de saída, e ele ficou com as palavras amargando na língua.

— Certo, então quem é o próximo? — falou uma voz familiar perto dali, e Alucard se virou mais uma vez e avistou a sua ladra rodeada de guardas do palácio. O seu pulso acelerou até que ele se deu conta de que Bard não corria perigo algum.

Os guardas estavam se *ajoelhando* diante dela, e Lila Bard, dentre todas as pessoas, tocava a testa deles, como se estivesse concedendo bênçãos. De cabeça baixa, ela quase parecia uma santa.

Se uma santa se vestisse inteiramente de preto e portasse facas.

Se uma santa abençoasse com sangue.

Ele foi até ela e os guardas se afastaram, cada um deles ungido com uma linha vermelha.

De perto, Bard estava pálida, com sombras da cor de hematomas sob os seus olhos e a mandíbula cerrada enquanto ela envolvia um corte com uma atadura.

— Mantenha um pouco disso nas suas veias, se puder — disse ele, aproximando-se para ajudá-la a amarrar a atadura.

Ela olhou para cima e ele se deteve ao ver o brilho não natural do olhar dela. A superfície vítrea do seu olho direito, que no passado era castanha e *quase* igual ao olho esquerdo, estava completamente despedaçada.

— O seu olho — falou ele, estupidamente.

— Eu sei.

— Parece...

— Perigoso?

— Doloroso. — A ponta dos dedos dele tocaram o sangue que tinha secado como uma lágrima no canto do olho arruinado. Havia um corte onde a lâmina arranhara a pele. — Noite longa?

Ela deixou escapar uma única risada sufocada.

— E ficando mais longa ainda.

O olhar de Alucard foi da pele marcada dos guardas até os dedos ensanguentados dela.

— É um feitiço?

Bard deu de ombros.

— Uma bênção. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Não te contaram? — perguntou, distraidamente. — Eu sou *aven*.

— Você sem dúvida é uma figura e tanto — respondeu ele quando uma rachadura serpenteou pela janela mais próxima e um par de sacerdotes mais velhos correu até o noviço que trabalhava no feitiço de proteção do vidro. Ele baixou a voz. — Você esteve lá fora?

— Estive — respondeu ela, e as suas feições ficaram tensas. — Não... Não está... nada bom... — Ela parou no meio da frase. Bard nunca foi muito de conversar, mas ele achava que jamais a veria sem palavras. Ela demorou um instante, olhando para a estranha aglomeração diante deles, e começou a falar outra vez, em voz baixa. — Os guardas estão mantendo as pessoas dentro de casa, mas a névoa... o que quer que esteja *dentro dela*...

é venenosa. A maioria sucumbe pouco depois do contato. As pessoas não estão apodrecendo como acontecia na Noite Preta — acrescentou —, então não é uma possessão. Mas também não são mais elas mesmas. E aquelas que lutam contra o poder da névoa sofrem com algo pior. Os sacerdotes estão tentando aprender mais, mas até agora... — Ela exalou o ar com um sopro, tirando o cabelo da frente do olho danificado. — Eu consegui ver Lenos de relance na multidão e ele parecia bem. Já o Tav... — Ela balançou a cabeça.

Alucard engoliu em seco.

— A névoa já chegou à margem norte? — perguntou ele, pensando na propriedade dos Emery. Na sua irmã. Quando Bard não respondeu, ele se virou e seguiu em direção à porta. — Tenho de ir...

— Você não pode — advertiu ela, e ele esperou que o repreendesse, ou o lembrasse de que ele não podia fazer nada, mas essa era Bard, a sua Bard, e “não pode” significava algo mais simples. — Os guardas estão nas portas — explicou. — Eles têm ordens rigorosas para não deixar ninguém sair ou entrar.

— *Você* nunca deixou isso te impedir.

O espectro de um sorriso passou pelo rosto dela.

— Verdade. — E então: — Eu poderia impedir você.

— Você poderia tentar.

E ela deve ter visto a determinação no olhar dele, porque o sorriso tremulou e se apagou.

— Venha aqui.

Ela enrolou os dedos na gola do casaco dele e puxou o seu rosto para perto. Por um segundo estranho e desorientador, ele achou que ela queria beijá-lo. A memória de outra noite passou pela sua mente — um ponto de vista comprovado por corpos imprensados, uma discussão interrompida por um beijo —, mas agora ela simplesmente pressionou o polegar na testa dele e desenhou uma linha curta acima das sobrancelhas.

Ele ergueu uma das mãos para o rosto, mas ela a afastou.

— Isso deve proteger você — explicou ela, acenando com a cabeça para as janelas — do que quer que seja isso lá fora.

— Pensei que essa fosse a função do palácio — falou ele, sombrio.

Lila ergueu o queixo.

— Talvez — disse ela —, mas apenas se estiver planejando ficar aqui dentro.

Alucard se virou para ir embora.

— Que Deus te proteja — falou Bard, secamente.

— O quê? — perguntou ele, confuso.

— Nada — resmungou ela. — Apenas tente continuar vivo.

II

Emira Maresh ficou parada na porta do quarto do filho e observou os dois dormindo.

Kell estava jogado numa cadeira ao lado da cama de Rhy, sem o casaco e com um cobertor jogado sobre os ombros nus. A sua cabeça estava apoiada nos braços cruzados sobre os lençóis da cama.

O príncipe estava deitado com o corpo esticado na cama e um dos braços envolvia as costelas. A cor havia voltado ao seu rosto e as suas pálpebras tremulavam, os cílios dançando como quando ele sonhava.

Adormecidos, ambos pareciam tão serenos.

Quando eles eram crianças, Emira costumava pairar de quarto em quarto como um fantasma depois que iam dormir, ajeitando lençóis, afagando os seus cabelos e observando enquanto pegavam no sono. Rhy não deixava que ela o colocasse na cama — dizia que não era digno — e Kell, quando ela tentava, limitava-se a encará-la com aqueles olhos enormes e inescrutáveis. Ele conseguia fazer isso sozinho, insistia, e então o fazia.

Agora Kell se revirava no sono e o cobertor começou a escorregar dos seus ombros. Emira, sem pensar, foi ajeitá-lo; porém, quando os seus dedos roçaram a pele dele, ele acordou e se pôs prontamente de pé, como se estivesse sendo atacado: os olhos embaçados e o rosto contorcido de pânico. A magia já havia começado a fumar na sua pele, enchendo o ar com calor.

— Sou só eu — disse ela baixinho; entretanto, mesmo após o rosto dele demonstrar que já a havia reconhecido, o corpo não relaxou. As mãos se abaixaram, mas os ombros permaneceram rijos, o olhar recaindo sobre ela com uma dureza de pedra, enquanto o olhar de Emira se desviava para

a cama, para o chão, imaginando por que era tão mais difícil olhar para ele quando estava acordado.

— Vossa Majestade — disse ele com reverência, mas também com frieza.

— Kell — falou ela, tentando encontrar algum carinho em si mesma.

Ela queria continuar, queria que o nome dele fosse o começo de uma pergunta — *Por onde você esteve? O que aconteceu com você? Com o meu filho?* —, mas ele já estava de pé, vestindo o casaco.

— Eu não pretendia acordá-lo — disse ela.

Kell esfregou os olhos.

— Eu não pretendia dormir.

Ela queria impedi-lo de sair e não conseguiu. Não o fez.

— Sinto muito — disse ele, já na soleira da porta. — Sei que a culpa é minha.

Não, ela queria dizer. E *sim*. Porque sempre que olhava para Kell também via Rhy suplicando pelo irmão, via Rhy tossindo sangue por causa da ferida de outra pessoa, via Rhy imóvel, morto, não mais um príncipe, mas um corpo, um cadáver, algo sem vida há muito tempo. Mas ele voltou, e ela sabia que o responsável por isso era o feitiço de Kell.

Ela agora entendia o que Kell tinha dado ao príncipe e o que o príncipe era sem ele. E isso a *aterrorizava*: o modo como eles estavam vinculados. Mas o filho dela estava deitado na cama, vivo, e ela queria abraçar Kell, beijá-lo e dizer: *Obrigada, obrigada, obrigada*.

Ela não o perdoara de nada.

Ela devia tudo a ele.

Mas, antes que pudesse lhe dizer isso, ele havia ido embora.

Quando a porta se fechou atrás dele, Emira desabou na cadeira que Kell abandonara. As palavras presas na sua boca, não ditas. Ela engoliu em seco, retraindo-se como se elas descessem arranhando.

Ela se inclinou para a frente, pousando a mão gentilmente na de Rhy.

A pele dele estava macia e quente, o pulso forte. Lágrimas escorreram pelo seu rosto e congelaram conforme caíam, pequenas contas de gelo aterrissando no seu colo apenas para derreter novamente sobre o vestido.

— Está tudo bem — conseguiu dizer por fim, apesar de não saber se as palavras eram para Kell, para Rhy ou para si mesma.

Emira nunca desejou ser mãe.

Com certeza, jamais planejou se tornar rainha.

Antes de se casar com Maxim, Emira era a segundogênita de Vol Nasaro, o quarto na linha de sucessão ao trono, atrás dos Maresh, dos Emery e dos Loreni.

Quando criança, ela costumava ser o tipo de menina que quebrava coisas.

Ovos e jarras de vidro, xícaras de porcelana e espelhos.

— Você é capaz de quebrar uma pedra — costumava provocar o seu pai, e ela não sabia se era desastrada ou amaldiçoada; sabia apenas que, nas suas mãos, as coisas sempre se destruíam. Parecia uma piada cruel, uma vez que o seu elemento não era aço nem vento, mas água... *gelo*. Facilmente criado. Facilmente destruído.

A ideia de ter filhos sempre a aterrorizou. Eles eram tão pequenos, tão frágeis, machucavam-se tão facilmente. Mas então o príncipe Maxim entrou na sua vida, com a sua força tremenda, a sua determinação de aço, a sua bondade que lembrava água corrente sob a neve grossa do inverno. Ela sabia o que significava ser rainha, o que isso *implicava*, apesar de naquela época torcer em segredo para que isso não acontecesse, para que não pudesse acontecer.

Mas aconteceu.

E, por nove meses, ela se movimentou como se estivesse segurando uma vela no meio de uma ventania.

Por nove meses, ela prendeu a respiração, incentivada apenas pela certeza de que, se alguém quisesse chegar ao seu filho, teria de passar por ela primeiro.

Por nove meses, ela rezou para as fontes, para diversos santos e para o falecido Nasaro revogar a sua maldição ou fortalecer a sua mão.

E então Rhy nasceu, e ele era perfeito, e ela soube que passaria o resto da vida com medo.

A cada tropeço do príncipe, a cada tombo, era ela quem lutava contra as lágrimas. Rhy saía correndo e rindo, limpando os machucados como se fossem só terra, e ia brincar de novo, ia caçar a próxima catástrofe. E Emira ficava ali com as mãos ainda estendidas como se fosse pegá-lo no colo.

— Relaxe — dizia Maxim. — Meninos não se quebram tão facilmente. O nosso filho será tão forte quanto aço forjado e geleiras.

Mas Maxim estava errado.

Aço se enferruja e gelo só é forte até uma rachadura o fazer se espatifar no chão. Ela passava as noites acordada, esperando que algo se quebrasse, sabendo que isso aconteceria.

E, em vez disso, veio Kell.

Kell, que carregava um mundo de magia no sangue.

Kell, que era inquebrável.

Kell, que poderia proteger o seu filho.

— Num primeiro momento, eu *queria* criá-los como irmãos.

Emira não sabia quando havia começado a falar em vez de apenas pensar, mas ouviu a sua voz ecoando suavemente pelo quarto do príncipe.

— Vocês tinham idades tão próximas que pensei que seria bom. Maxim sempre quis mais de um filho, mas eu... eu não consegui me convencer a ter outro. — Ela se inclinou para a frente. — Eu me preocupava, sabe, que vocês dois pudessem não se dar bem; Kell era tão quieto e você tão barulhento, como a manhã e a meia-noite, mas ambos eram fortes como vinhas, desde o começo. E estava tudo bem quando o perigo eram só escadas escorregadias e joelhos machucados. Mas então as Sombras vieram e o capturaram, e Kell não estava lá porque vocês dois estavam numa das suas brincadeiras. E, depois disso, eu percebi que você não precisava de um irmão. Precisava de um guardião. Eu tentei criar Kell como tal, então, e não como filho. Mas já era tarde demais. Vocês eram inseparáveis. Eu pensei que talvez, conforme crescessem, vocês se separariam: Kell iria para a magia e você para a coroa. Vocês são tão diferentes que eu esperava que o tempo talhasse algum espaço entre os dois. Mas, em vez disso, vocês ficaram ainda mais próximos.

Houve um lampejo de movimento na cama, um movimento de pernas nos lençóis e ela já estava de pé, tirando os cachos pretos do rosto dele e sussurrando:

— Rhy, Rhy.

Os dedos dele agarraram os lençóis, e o seu sono foi ficando mais leve, inquieto. Uma palavra escapou dos lábios de Rhy, pouco mais que uma expiração, mas ela reconheceu o som e a forma do nome de Kell nos seus lábios antes de, finalmente, o filho acordar.

III

Por um instante, Rhy ficou preso entre adormecido e acordado, entre a escuridão impenetrável e uma explosão de cores. Havia uma palavra na sua língua, o eco de algo já dito, mas que se perdeu como um torrão de açúcar que se derrete.

Onde ele estava?

Onde ele esteve?

No pátio, procurando por Kell, e então desabando, atravessando o chão de pedra até um lugar escuro, aquele que chamava por ele sempre que adormecia.

Estava escuro ali também, mas era a escuridão difusa e sutil de um quarto à noite. O vermelho das almofadas da sua cama, com o seu bordado cor de mel, lançava sombras em variados tons de cinza, os lençóis estavam amarfanhados sob o corpo dele.

Sonhos se grudavam a ele como teias de aranha. Sonhos de dor, de mãos fortes o erguendo e depois o afundando, sonhos de gargantilhas frias como gelo e de estruturas de metal, de sangue derramado em pedras brancas. Mas ele não conseguia lembrar exatamente o que eram.

O corpo dele doía com a lembrança da dor, e ele desabou nos travesseiros, arquejando.

— Calma — disse a sua mãe. — Calma. — Lágrimas escorriam pelo rosto dela e ele se esticou para pegar uma gota, maravilhado com o cristal de gelo que rapidamente derreteu na palma da sua mão.

Ele achou que nunca a tinha visto chorar.

— Qual o problema?

Ela deixou escapar um som abafado, algo entre uma risada e um soluço, no limite da histeria.

— Qual o problema? — repetiu ela, trêmula. — Você foi embora. Você morreu. Fiquei aqui com o seu *cadáver*.

Rhy estremeceu com a última palavra, a escuridão o alcançando, tentando arrastá-lo de volta para a memória daquele lugar sem luz, sem esperança, sem vida.

A sua mãe ainda meneava a cabeça.

— Eu pensei... Eu pensei que ele tivesse curado a ferida. Pensei que ele tivesse trazido você de volta. Não tinha entendido que ele é a única coisa que o mantém aqui. Que vocês... Que vocês realmente... — A voz dela falhou.

— Eu estou aqui agora — confortou ele, acalmando-a, mesmo que uma parte dele ainda se sentisse presa em outro lugar. Ele estava se libertando de lá, instante a instante, centímetro a centímetro. — E onde está Kell?

A rainha ficou tensa e se afastou.

— O que aconteceu? — pressionou Rhy. — Ele está em segurança?

O rosto dela endureceu.

— Eu vi você morrer por causa dele.

A frustração atingiu Rhy em cheio, e ele não sabia se era apenas dele ou de Kell também, mas a intensidade era avassaladora.

— E estou *vivo* de novo por causa dele — explodiu Rhy. — Como você pode odiá-lo depois de tudo isso?

Emira cambaleou para trás como se tivesse levado um golpe.

— Eu não o odeio, apesar de querer conseguir odiá-lo. Vocês são cegos um em relação ao outro, e isso me deixa aterrorizada. Não sei como manter você em segurança.

— Você não tem de fazer isso — retrucou Rhy, levantando-se. — Kell já o fez por você. Ele deu a própria vida, e santos sabem mais o quê, para me salvar, para me *trazer de volta*. Não porque eu sou o príncipe dele. Mas porque sou irmão dele. E vou passar todos os dias dessa vida emprestada tentando recompensá-lo.

— Ele deveria ser o seu escudo — murmurou ela. — O seu abrigo. Você nunca deveria ter sido o dele.

Rhy balançou a cabeça, exasperado.

— Não foi apenas ao Kell que você falhou em compreender. A minha ligação com ele não começou com essa maldição. Você queria que ele

matasse por mim, morresse por mim e me protegesse a qualquer custo. Bem, mãe, desejo realizado. Você simplesmente falhou em perceber que esse tipo de amor, essa ligação vale para ambos os lados. Eu mataria por ele, morreria por ele e vou protegê-lo como puder de Faro e de Vesk, da Londres Branca e da Londres Preta, e de vocês.

Rhy foi até as portas da varanda e abriu as cortinas, pretendendo encher o quarto com a luz vermelha do Atol. Em vez disso, ele encontrou uma parede de escuridão. Os seus olhos se arregalaram, a raiva se dissolvendo em choque.

— O que aconteceu com o rio?

IV

Lila enxaguou o sangue das mãos, espantada por ainda restar um pouco em si mesma. O seu corpo era um emaranhado de dor — era engraçado como ele ainda encontrava maneiras de surpreendê-la — e, debaixo de tudo, havia um vazio que ela conhecia dos dias famintos e das noites gélidas.

Ela encarou a tigela de água, perdendo o foco.

Tieren já havia cuidado da sua panturrilha, onde Ojka tinha fincado a sua faca; das suas costelas, onde ela colidira com o telhado; do seu braço, onde ela vertera sangue, e mais sangue e mais sangue. E, quando ele terminou, colocou os dedos no queixo dela e o ergueu, o olhar dele um enorme peso, sólido mas estranhamente bem-vindo.

— Ainda inteira? — perguntou ele, e ela se lembrou do olho arruinado.

— Mais ou menos.

O quarto oscilou um pouco e então Tieren a ajudou a se equilibrar.

— Você precisa descansar — disse ele.

Lila afastou a mão dele com um tapa.

— Dormir é para os ricos e os enfadonhos — retrucou ela. — Não sou nenhum dos dois e conheço os meus limites.

— Você pode tê-los conhecido antes de vir para cá — ralhou ele —, antes de aceitar a magia. Mas o poder tem as suas próprias limitações.

Ela não deu ouvidos a ele, embora na verdade estivesse cansada de um jeito que raramente se sentia, um cansaço que ia muito além da pele, dos músculos e até mesmo dos ossos. Ele fincava os dedos na sua mente até tornar tudo confuso e desfocado. Um cansaço que tornava difícil respirar, pensar, existir.

Tieren suspirou e se virou para partir enquanto ela tirava o fragmento de pedra da face de Astrid Dane do bolso do casaco.

— Acho que já respondi a pergunta.

— Quando se trata de perguntas ao seu respeito, senhorita Bard — retrucou o sacerdote sem olhar para trás —, eu acho que mal começamos.

Outra gota de sangue bateu na água, manchando a bacia, e Lila se lembrou do espelho do mercado clandestino em Sassenroche; de como espetou os dedos, tirando sangue em troca de um futuro que poderia ser dela. Num dos lados, a promessa; do outro, os meios. O quão tentador foi virar o espelho. Não porque queria o que tinha visto, mas só porque havia poder em saber.

O sangue girou na tigela entre as mãos dela, transformando-se em formas incompletas antes de se dissolver numa névoa rosada.

Alguém pigarreou, e Lila ergueu o olhar.

Ela quase se esqueceu do rapaz que estava de pé à porta. Hastra. Ele a levou até ali, deu-lhe uma xícara de prata com chá — que ficou abandonada na mesa —, encheu a bacia e então assumiu o seu posto na porta para esperá-la.

— Eles estão com medo de que eu roube algo ou de que fuja? — perguntou ela quando ficou claro que ele fora designado para vigiá-la.

Ele corou e, depois de um instante, respondeu, tímido:

— Acho que um pouco de cada.

Ela quase riu.

— Sou prisioneira? — perguntou, e então ele olhou para ela com aqueles grandes olhos sinceros e disse, num inglês atenuado pelo sutil sotaque arnesiano:

— Somos todos prisioneiros, senhorita Bard. Ao menos essa noite.

Agora ele estava inquieto, olhando para ela e depois para o outro lado, e então de volta para ela. Os seus olhos se dividiam entre a poça cada vez mais vermelha e o olho despedaçado. Ela nunca conheceu um rapaz tão expressivo.

— Há algo que queira me perguntar?

Hastra piscou e pigarreou. Por fim, ele pareceu ter criado coragem.

— É verdade o que dizem sobre você?

— O que dizem? — inquiriu ela, limpando o último corte.

O garoto engoliu em seco.

— Que você é a terceira *Antari*. — Ouvir a palavra causou arrepios nela. — Da *outra* Londres.

— Não faço ideia — respondeu ela, limpando o braço com um pano.

— Espero que você seja como ele — insistiu o rapaz.

— Por quê?

As bochechas dele coraram.

— Só acho que o mestre Kell não devia ficar sozinho. Você sabe, ser o único.

— Até onde eu sei — disse Lila —, vocês têm outro na prisão. Talvez pudéssemos começar a sangria *nele*, em vez de em mim. — Ela amarrou a atadura, gotas vermelhas caindo na tigela.

Hastra corou.

— Eu só quis dizer... — Ele contraiu os lábios, buscando as palavras, ou talvez pela forma como dizê-las no idioma dela. — Estou feliz que ele tenha você.

— E quem disse que ele tem? — Mas as palavras não eram mordazes. Lila estava cansada demais para joguinhos. A dor era suportável mas persistente, e ela se sentia completamente drenada. Suprimiu um bocejo.

— Mesmo *Antari* precisam dormir — comentou Hastra com gentileza.

Ela não deu importância às palavras dele.

— Você parece Tieren falando.

O rosto dele se iluminou como se tivesse recebido um elogio.

— Mestre Tieren é sábio.

— Mestre Tieren é chato — retrucou ela, desviando o olhar mais uma vez para o reflexo na poça de água turva.

Dois olhos a encararam, um comum, o outro fraturado. Um castanho, o outro apenas uma explosão de luz fragmentada. Ela sustentou o olhar — algo que nunca gostou de fazer — e se deu conta de que, de um jeito estranho, isso era mais fácil agora. Como se esse reflexo de alguma forma estivesse mais próximo da verdade.

Lila sempre acreditou que segredos eram como moedas de ouro. Eles podiam ser acumulados ou utilizados, mas, uma vez que os gastasse ou perdesse, era muito difícil arranjar mais.

Por causa disso, ela sempre guardou os seus segredos, prezou-os acima de qualquer outra coisa.

Os atravessadores da Londres Cinza não sabiam que ela era cria das ruas.

Os patrulheiros não sabiam que ela era garota.

Ela mesma não sabia o que tinha acontecido com o seu olho.

Mas ninguém sabia que era falso.

Lila passou os dedos de leve pela água uma última vez.

Esse segredo já era, pensou.

E já estava ficando sem segredos para guardar.

— E agora? — perguntou ela, virando-se para o rapaz. — Ganho o direito de machucar mais alguém? De causar alguma confusão? Desafiar esse Osaron para uma briga? Ou vamos ver o que Kell anda fazendo?

Enquanto ela descartava as opções, os seus dedos dançavam distraidamente sobre as facas — faltava uma. Não estava perdida. Apenas emprestada.

Hastra segurou a porta para ela, olhando ameaçadoramente para a xícara abandonada.

— O seu chá, senhorita Bard.

Lila suspirou e pegou a xícara de prata, o conteúdo já frio.

Ela bebeu, retraindo-se com o sabor amargo dos resíduos antes de colocá-la de lado, e seguiu Hastra porta afora.

V

Kell não sabia que estava procurando por Lila, não até esbarrar em alguém que *não* era ela.

— Ah! — exclamou a garota, resplandecente num vestido verde e prateado.

Ele a segurou, equilibrando aos dois enquanto a princesa de Vesk se jogava em cima dele ao invés de se afastar. As suas faces estavam coradas, como se ela tivesse corrido, e os olhos estavam marejados e brilhantes. Com apenas 16 anos, Cora ainda tinha o porte e os membros longos característicos da juventude e o corpo de uma jovem mulher. Quando a viu pela primeira vez, ele ficou embasbacado por esse contraste; porém, agora, ela parecia uma criança, uma menina brincando de se fantasiar num mundo para o qual ainda não estava pronta. Ele ainda não conseguia acreditar que Rhy tinha medo dessa menina.

— Vossa Alteza.

— Mestre Kell — respondeu ela, sem fôlego. — O que está acontecendo? Eles não nos dizem coisa alguma, mas o homem no terraço e aquela névoa horrível e agora as pessoas nas ruas... Eu as vi pela janela antes que Col me afastasse delas — disse ela rapidamente, o sotaque veskano a fazendo tropeçar em algumas palavras. — O que vai acontecer com o resto de nós?

Ela estava ruborizada encostada nele, e Kell agradeceu por ter parado no próprio quarto para vestir uma camisa.

Ele a afastou com gentileza.

— Contanto que fiquem no palácio, estarão a salvo.

— A salvo — ecoou a voz dela, olhando de soslaio para as portas mais próximas, cujos painéis de vidro estavam recobertos da geada de inverno e

manchadas pela sombra. — Acho que só me sentirei segura — acrescentou — com você ao meu lado.

— Que romântico — disse uma voz amarga, e Kell se virou para ver Lila recostada numa parede, Hastra alguns passos atrás dela. Cora ficou tensa nos braços de Kell ao vê-los. — Estou interrompendo algo? — perguntou Lila.

Cora disse “sim” ao mesmo tempo que Kell disse “não”. A princesa lhe lançou um olhar mortificado, e então direcionou a irritação para Lila.

— Saia — ordenou ela naquele tom imperativo peculiar da realeza e das crianças mimadas.

Kell se encolheu, mas Lila apenas ergueu uma sobrancelha.

— O que foi que você disse? — perguntou ela, aproximando-se. Ela era quase uma cabeça mais alta que a garota da realeza veskana.

Para o crédito de Cora, ela não recuou.

— Você está na presença de uma princesa. Sugiro que aprenda qual é o seu lugar.

— E onde seria isso, *princesa*?

— Abaixo de mim.

Lila sorriu ao ouvir essas palavras, um daqueles sorrisos que deixavam Kell profundamente nervoso. O tipo de sorriso que normalmente precedia o uso de uma arma.

— *Sa'tach*, Cora! — O irmão dela, Col, virou o corredor, o rosto tenso de fúria. Com 18 anos, o príncipe não tinha nenhum dos traços infantis da irmã, nenhum vestígio da sua graça. Os últimos resquícios de juventude estavam nos olhos azuis penetrantes, mas em todos os outros aspectos ele era um touro, uma criatura de força bruta. — Eu disse a você que ficasse na galeria. Isso não é brincadeira.

Uma nuvem de tempestade atravessou o rosto de Cora.

— Eu estava procurando o *Antari*.

— E agora você o encontrou. — Ele acenou com a cabeça para Kell e então pegou a irmã pelo braço. — Venha.

Apesar da diferença de tamanho, Cora se desvencilhou dele, mas a sua rebeldia parou por aí. Ela lançou a Kell um olhar envergonhado e a Lila um olhar venenoso antes de seguir o irmão.

— Não mate o mensageiro — falou Lila depois que os dois foram embora —, mas acho que a princesa está querendo é cair... — ela olhou

Kell de cima a baixo — ... na sua cama.

Ele revirou os olhos.

— Ela é só uma criança.

— Filhotes de víbora também têm presas... — Lila não terminou a frase, mas perdeu o equilíbrio, sentindo o sutil balançar de um corpo tentando encontrar o eixo. Ela se apoiou numa parede.

— Lila? — Ele a alcançou para segurá-la. — Você dormiu?

— Não você também — explodiu ela fazendo um sinal de desdém com a mão, e então apontou para Hastra. — O que eu preciso é de uma bebida de verdade e de um bom plano. — As palavras foram cuspidas com a sua acidez típica, mas Lila não parecia bem. Havia respingos de sangue nas suas faces, mas foram os seus olhos, mais uma vez os olhos, que o hipnotizaram. Um era cálido e castanho, o outro uma explosão de linhas fraturadas.

Parecia errado, e ao mesmo tempo certo, e Kell não conseguia olhar para outra coisa.

Lila sequer tentou. E essa era a sua característica mais marcante. Cada olhar era um teste, um desafio. Kell se aproximou dela e levou uma das mãos ao seu rosto, a pulsação e o poder de Lila fortes na palma da sua mão. Ela ficou tensa com o toque, mas não se afastou.

— Você não parece bem — sussurrou ele, o polegar tracejando o queixo dela.

— Considerando tudo — murmurou ela —, acho que estou aguentando bem...

A muitos metros dali, Hastra parecia querer se fundir com a parede.

— Vá — disse Kell a ele sem tirar os olhos de Lila. — Descanse um pouco.

Hastra se mexeu, desconfortável.

— Não posso, senhor — respondeu ele. — Tenho de escoltar a senhorita Bard...

— Eu me encarrego disso — interrompeu Kell. Hastra mordeu o lábio e recuou alguns passos.

Lila deixou a sua testa descansar na dele, o rosto tão perto que os traços dela saíram de foco. E, ainda assim, o olho fraturado brilhava com uma luz assustadora.

— Você nunca me contou — sussurrou Kell.

— Você nunca reparou — respondeu ela. E então: — Alucard notou.

O golpe o atingiu em cheio, e Kell começou a se afastar quando as pálpebras de Lila tremularam e o corpo dela oscilou perigosamente.

Ele a apoiou.

— Vamos — disse ele, com gentileza. — Eu tenho um quarto lá em cima. Por que nós não...

Um lampejo sonolento de divertimento passou pelo rosto dela.

— Está tentando me levar para a cama?

Kell exibiu um sorriso.

— É justo. Eu passei algumas horas na sua.

— Se eu lembro bem — falou ela, a voz sonhadora de cansaço —, você ficou o tempo todo *na* cama.

— E amarrado a ela — observou Kell.

As arestas das palavras dela ficaram suaves.

— Bons tempos... — disse ela pouco antes de desabar. Aconteceu tão subitamente que Kell não pôde fazer nada além de passar os braços em volta dela.

— Lila? — chamou ele, primeiro com gentileza e depois com mais urgência. — *Lila?*

Ela murmurou alguma coisa encostada no rosto dele, algo sobre facas afiadas e cantos macios, mas não despertou, e Kell olhou para Hastra, que ainda estava ali de pé, parecendo completamente envergonhado.

— O que você fez? — interpelou Kell.

— Foi apenas um tônico, senhor — balbuciou ele —, algo para dormir.

— Você a *drogou*?

— Foi ordem de Tieren — respondeu Hastra, parecendo repreendido.

— Ele disse que ela era louca e teimosa e de nada nos serviria morta. — Hastra baixou a voz ao dizer isso, imitando o tom de voz de Tieren com uma similaridade espantosa.

— E o que você pretende fazer quando *ela acordar*?

Hastra se encolheu.

— Pedir desculpas?

Kell emitiu um som exasperado quando Lila se aconchegou — realmente *se aconchegou* — no ombro dele.

— Sugiro — explodiu ele com o jovem — que você pense em algo melhor. Como uma rota de fuga.

Hastra ficou pálido, e Kell pegou Lila nos braços, surpreso com a leveza. Ela ocupava tanto espaço no mundo — no mundo *dele* — que era difícil imaginar que fosse tão leve. Na sua concepção, ela era feita de pedra.

A cabeça de Lila se recostou no peito dele. E ele se deu conta de que nunca a tinha visto dormir — sem a mandíbula projetada, a ruga entre as sobrancelhas e o olhar ameaçador, ela parecia surpreendentemente jovem.

Kell rumou pelos corredores até chegar ao seu quarto e depositou Lila no sofá.

Hastra lhe entregou um cobertor.

— Não devíamos tirar as facas dela?

— Não há tônico suficiente no mundo que diminua o risco de fazer isso — falou Kell.

Ele começou a ajeitar o cobertor sobre ela e parou, franzindo o cenho ao olhar para as bainhas nos braços e nas pernas de Lila.

Uma delas estava vazia.

Não deve ser nada, disse a si mesmo, colocando-a para dormir. Porém, uma pontada de dúvida o acompanhou quando ele se levantou, uma preocupação desconfortável que se transformou num sussurro quando Kell chegou ao corredor.

Não deve ser nada, pensou ele enquanto deslizava até o chão, recostado na porta, e esfregava os resquícios de sono dos olhos.

Ele não pretendia cair no sono mais cedo, no quarto de Rhy. Queria apenas um momento de sossego para recuperar o fôlego. Para reunir forças para o que ainda estava por vir.

Neste momento, ele ouviu alguém pigarrear e ergueu os olhos para ver Hastra, que revirava uma moeda incessantemente por entre os dedos.

— Largue isso — disse Kell.

— Não posso — respondeu o antigo guarda.

Kell ordenou à moeda que abandonasse os dedos de Hastra e fosse para os dele. O guarda deixou escapar um leve guincho, mas não tentou recuperá-la.

De perto, Kell viu que não era uma moeda qualquer. Fora cunhada na Londres Branca, um disco de madeira com os vestígios de um feitiço de controle entalhados na face.

O que Hastra tinha dito?

Foi minha culpa ela ter encontrado você.

Então foi assim que Ojka conseguiu chegar até ele.

Era por isso que Hastra se culpava.

Kell fechou a mão com a moeda dentro e conjurou fogo, permitindo que as chamas devorassem o objeto.

— Pronto — disse ele, deixando cair as cinzas da palma da mão. Ele se levantou do chão com um impulso, mas o olhar de Hastra permaneceu ali, grudado aos ladrilhos.

— O príncipe está mesmo vivo? — sussurrou ele.

Kell recuou como se tivesse levado uma pancada.

— É claro. Por que você pergunta...

Os grandes olhos castanhos de Hastra estavam semicerrados de preocupação.

— Você não o viu, senhor. O jeito como ele estava antes de voltar. Ele não tinha apenas morrido. Era como se ele... *já tivesse morrido*. Morrido há muito tempo. Como se nunca mais fosse voltar. — Kell ficou tenso, mas Hastra continuou falando, a voz baixa porém urgente, o rosto corado. — E a rainha não saiu do lado do corpo dele, ficava repetindo que ele voltaria porque *você* voltaria, e eu sei que vocês dois têm a mesma cicatriz, sei que estão vinculados de alguma forma, vida com vida. E, bem, eu sei que não é o meu lugar, sei que não devo, mas tenho de perguntar. Isso é uma ilusão cruel? O verdadeiro príncipe está...

Kell levou uma das mãos ao ombro do guarda e sentiu que ele tremia. Sentiu o temor genuíno pela vida de Rhy. Apesar de toda a sua tolice, essas pessoas amavam o seu irmão.

Ele apontou para o fim do corredor.

— O verdadeiro príncipe — falou Kell com firmeza — está dormindo atrás daquela porta. O coração dele bate tão forte no peito quanto o meu coração bate no meu. E fará isso até o dia em que eu morrer.

Kell estava se afastando quando a voz de Hastra o atraiu de volta, baixa, mas insistente.

— Tem um ditado no Santuário. *Is aven stran*.

— O fio abençoado — traduziu Kell.

Hastra concordou com entusiasmo, acenando com a cabeça.

— Sabe o que significa? — Os olhos dele brilhavam enquanto ele falava. — É de um dos mitos, a Origem dos Magos. A Magia e o Homem

eram irmãos, sabe, mas nada tinham em comum, pois a fraqueza de um era a força do outro. E assim, um dia, a Magia conjurou um fio abençoado e se atrelou ao Homem. Amarrou tão apertado que o fio cortou a pele dos dois... — Neste instante, ele virou a palma das mãos para cima, flexionando os pulsos para exhibir as veias. — E, desse dia em diante, eles passaram a dividir o melhor e o pior, as forças e as fraquezas.

Algo se agitou no peito de Kell.

— Como a história termina? — perguntou ele.

— Não termina — respondeu Hastra.

— Nem mesmo se eles se separarem?

Hastra balançou a cabeça, negando.

— Não há mais *eles*, mestre Kell. A Magia deu tanto ao Homem, e o Homem tanto à Magia, que os seus limites se confundiram, e todos os fios deles se enrolaram, e agora eles não podem mais ser separados. Estão vinculados juntos, sabe, vida com vida. Metades de um todo. Se alguém tentar separá-los, ambos vão se desfilar.

VI

Alucard conhecia o palácio Maresh melhor do que deveria.

Rhy lhe mostrou uma dezena de formas de entrar e sair; portas ocultas e corredores secretos, uma cortina que se afastava para revelar uma escadaria, uma porta que se camuflava na parede. Todos os jeitos para um amigo se esgueirar até um quarto, ou um amante até uma cama.

Na primeira vez que Alucard entrou escondido no palácio, ele estava tão desorientado que quase esbarrou com *Kell*. E isso *teria* acontecido se o *Antari* estivesse no quarto dele, mas o cômodo estava vazio, a luz do lampião bruxuleando sobre a cama feita. Alucard estremeceu e fugiu por onde veio, caindo nos braços de Rhy alguns minutos depois, rindo de alívio até que o príncipe tapou a sua boca com a palma da mão.

Agora ele vasculhava a mente tentando se lembrar da saída mais próxima. Se as portas fossem feitas de — ou ocultas por — magia, ele veria os fios, mas os portais do palácio eram simples; madeira, pedra e tapeçaria, forçando-o a encontrar o caminho tateando e buscando pela memória em vez de enxergá-lo.

Uma porta oculta levava do primeiro andar até a estrutura sob o palácio. Seis colunas sustentavam a gigantesca estrutura, bases sólidas de onde o arco etéreo da residência dos Maresh se abobadava para o céu. Seis colunas de rochas ocas com uma rede de túneis que desembocavam no piso do palácio.

Era apenas uma questão de lembrar qual túnel seguir.

Alucard desceu até o local que acreditava ser o antigo santuário e o encontrou convertido numa espécie de câmara de treinamento. Os círculos concêntricos de uma arena de meditação ainda estavam montados no chão, porém as superfícies exibiam marcas de queimado e manchas dignas de um salão de treinamento.

Uma única tocha e o seu fogo branco encantado lançavam sombras cinzentas no espaço, e, na neblina sem cor, Alucard viu armas espalhadas numa pequena mesa, além de elementos em outra: bacias com água e areia e fragmentos de pedra. No meio disso tudo, uma pequena flor branca crescia num pote com terra, as folhas se espalhando pelas laterais, algo domado que se tornava selvagem.

Alucard escolheu a escadaria no lado oposto do cômodo, parando apenas quando alcançou a porta no topo. Uma linha tão tênue, pensou ele, entre o lado de dentro e o de fora, entre estar seguro e exposto. Mas a sua família e a tripulação estavam no lado de fora. Ele tocou a madeira, buscando toda a sua força, e a porta se abriu para a escuridão com um rangido.

Escuridão, e, antes dela, uma teia de luz.

Alucard hesitou, encarando o tecido do feitiço de proteção dos sacerdotes. Assemelhava-se à seda de uma teia, mas o véu não rasgou quando ele o atravessou; simplesmente estremeceu e voltou à sua forma original.

Deu um passo para a névoa, esperando que ela o envolvesse. E, ainda assim, as sombras foram absorvidas pelo seu casaco, varreram botas, mangas e gola e então sumiram, foram repelidas. Recuando a cada passo, porém perto, nunca longe.

A testa dele coçou, e ele se lembrou do toque de Lila, da listra de sangue agora seca, marcada por toda a sua fronte.

Era uma proteção leve, as sombras tentavam repetidas vezes encontrar uma forma de entrar.

Por quanto tempo duraria?

Ele ajeitou o casaco e apertou o passo.

A magia de Osaron estava em *todo lugar*, mas, em vez de fios de feitiço, Alucard via apenas uma sombra pesada, uma mancha cor de carvão por toda a cidade, a completa *ausência* de luz como pontos na sua visão. A escuridão se *movia* ao seu redor, cada sombra oscilando, mergulhando e ondulando como um cômodo fazia depois de muitas bebidas. E, entremeado por tudo isso, havia um aroma de madeira queimando e de flores desabrochando na primavera, de neve derretida e de papoulas, de fumaça de cachimbo e de vinho de verão. Às vezes enjoativo de tão doce e às vezes amargo, e tudo isso o deixava tonto.

A cidade era algo saído de um sonho.

Londres sempre foi feita tanto de sons quanto de magia, a música pairando no ar, os vidros cantantes e o riso da multidão, as carruagens e o burburinho do mercado.

Os sons que ele ouvia agora estavam todos errados.

O vento soprava alto e nele Alucard ouvia os cascos dos cavalos que os guardas montavam, o retinir do metal e a multidão de vozes fantasmagóricas, um eco das palavras que eram interrompidas antes de chegar até ele, formando uma música terrível. Vozes, ou talvez uma voz se repetindo, sobrepondo-se até parecer um coral, as palavras fora de alcance por pouco. Era um mundo de sussurros, e parte de Alucard queria se debruçar, ouvir, se esforçar até entender o que ela dizia.

Em vez disso, ele pronunciou os nomes.

Nomes de todos que precisavam dele, de todos de quem ele precisava e de todos que ele não podia — *não iria* — perder.

Anisa. Stross. Lenos. Vasry. Jinnar. Rhy. Delilah...

As tendas do torneio estavam vazias, a névoa se esgueirava dentro delas em busca de sinais de vida. As ruas estavam abandonadas, os cidadãos forçados a ficar dentro das suas casas como se madeira e pedra fossem suficientes para deter o feitiço. Talvez fossem. Mas Alucard duvidava disso.

No fim da rua, o mercado noturno estava em chamas. Dois guardas tentavam apagar o fogo desesperadamente, pegando água do Atol sem luz enquanto outros dois tentavam arrebanhar um grupo de homens e mulheres. A magia das trevas se desenhava no corpo deles, borrando a visão de Alucard, engolfando a luz da sua própria energia; azuis, verdes, vermelhos e roxos engolidos pelo preto.

Uma das mulheres chorava.

Outra ria das chamas.

Um homem seguia para o rio de braços abertos enquanto outro se ajoelhava em silêncio, a cabeça voltada para o céu. Apenas as montarias dos guardas pareciam imunes à magia. Os cavalos resfolegavam e balançavam os rabos, relinchando e batendo os cascos na névoa como se ela fosse uma serpente.

Berras e Anisa estavam do outro lado do rio, o *Night Spire* balançava no ancoradouro, mas Alucard sentiu os passos o guiarem para o mercado

que ardia e para os guardas quando um homem correu até eles empunhando um bastão de metal.

— *Ras al!* — gritou Alucard, arrancando a barra das mãos do sujeito antes que ele atravessasse o pescoço do guarda com ela, que caiu e deslizou pelo chão, mas a cena deu uma ideia aos demais.

Aqueles que estavam no chão começaram a se erguer, com movimentos estranhamente fluidos, quase coordenados, como se fossem guiados pela mesma mão invisível.

O guarda disparou para o seu cavalo, mas não o alcançou a tempo. Eles o atacaram, as mãos despedaçando cegamente a armadura enquanto Alucard corria até eles. Um homem batia o elmo e a cabeça do guarda nas pedras, dizendo:

— Deixe-o entrar, deixe-o entrar, deixe-o entrar.

Alucard arrancou o homem dali, mas, em vez de se soltar e cambalear para longe, o homem segurou firme o seu braço, os dedos se enterrando nele.

— Você já conheceu o rei das sombras? — perguntou ele, os olhos arregalados e espiralados com a névoa, as veias se tornando pretas. Alucard deu um chute no rosto do sujeito e se libertou.

— Vá para dentro — ordenou o segundo guarda — rápido, antes que....

A sua voz foi interrompida pelo barulho de algo metálico e o som molhado de uma lâmina atravessando carne. Ele olhou para baixo, para a meia espada real, a espada *dele*, se projetando do peito. Enquanto ele cambaleava e caía de joelhos, a mulher que empunhava o cabo da espada lançou para Alucard um sorriso ofuscante.

— Por que não o deixa entrar? — perguntou ela.

Os dois guardas jaziam mortos no chão, e agora uma dúzia de pares de olhos envenenados se voltou para ele. A escuridão tecia teias sobre a pele deles. Alucard se pôs de pé e começou a recuar. O fogo continuava destruindo as tendas do mercado, expondo os fios de metal que mantinham os tecidos esticados, o aço ficando vermelho por causa do calor.

Eles partiram para cima dele como uma onda.

Alucard xingou, flexionou os dedos, e o metal se soltou enquanto as pessoas se lançavam sobre ele. Os fios serpentearam no ar, primeiro na direção das suas mãos e então subitamente para o outro lado. Eles capturaram os homens e as mulheres no seu aperto metálico, enrolando-se

em braços e pernas. Mas, se eles sentiram a estocada ou a queimadura, não demonstraram.

— O rei vai encontrar você — rosnou um deles quando Alucard se dirigiu para a montaria do guarda.

— O rei vai entrar em você — disse um segundo enquanto ele montava e esporeava o cavalo, pondo-o em movimento.

As vozes seguiram no seu encalço.

— Salve o rei das sombras...

* * *

— Berras? — gritou Alucard enquanto atravessava os portões destrancados. — Anisa?

A casa da sua infância apareceu imponente diante dele, acesa como um lampião no meio da noite.

Apesar do frio, a pele de Alucard estava grudenta de suor por ter galopado freneticamente. Ele atravessou a Ponte de Cobre e prendeu a respiração por toda a sua extensão uma vez que a superfície do rio abaixo estava completamente tomada pela oleosidade da magia envenenada. Desesperada e, estupidamente, ele tinha esperanças de que a doença, qualquer que fosse, ainda não tivesse alcançado a margem norte, mas, no instante em que os cascos do seu cavalo tocaram em terra firme, essas esperanças desmoronaram. Mais caos. As pessoas se moviam em turbas, os marcados pelo *shal* ao lado dos nobres nas suas melhores roupas de inverno, ainda vestidos para o último baile do torneio, todos procurando aqueles que ainda não haviam sucumbido ao feitiço e os arrastando consigo.

E, soando em meio a tudo isso, o mesmo canto assombrado.

— Você já conheceu o rei?

Anisa. Stross. Lenos.

Alucard esporeou o cavalo para que ele corresse.

Vasry. Jinnar. Rhy. Delilah...

Alucard saltou do cavalo emprestado e correu escadaria acima.

As portas da frente estavam entreabertas.

Os criados haviam sumido.

O saguão de entrada estava vazio, exceto pela névoa.

— Anisa! — gritou ele outra vez, movendo-se do vestíbulo para a biblioteca, da biblioteca para a sala de jantar, da sala de jantar para o salão de festas. Em cada cômodo, os lampiões estavam acesos, as lareiras ardiam e o ar era asfixiante por causa do calor. Em cada cômodo, a névoa estava baixa e serpenteava entre as pernas das mesas e das cadeiras e subia pelas paredes como videiras em treliças. — Berras!

— Pelo amor dos santos, fique quieto — rosnou uma voz atrás dele.

Alucard se virou e encontrou o irmão mais velho com um ombro recostado na porta. Uma taça de vinho, como sempre, fora entrelaçada por seus dedos, e o rosto bem delineado exibia o desdém habitual. Berras, o prosaico e impertinente Berras.

O alívio expulsou o ar dos pulmões de Alucard.

— Onde estão os criados? Onde está Anisa?

— É assim que você me cumprimenta?

— A cidade está sob ataque.

— Está? — perguntou Berras distraidamente, e Alucard hesitou. Havia algo errado com a voz dele. Ela sustentava uma leveza que beirava o divertimento. Berras Emery nunca se divertia.

Ele devia ter percebido neste instante que havia algo errado.

Totalmente errado.

— Aqui não é seguro — falou Alucard.

Berras deu alguns passos.

— Não, não é. Não para você.

A luz incidiu sobre o olhar do irmão, revelando os fios de névoa que tremulavam nos seus olhos, deixando-os vidrados, as gotas de suor começando a se acumular nas concavidades do rosto. Sob a pele marrom-clara, as suas veias estavam escurecendo, e, se Berras Emery possuísse mais que um grama de magia, Alucard o teria visto se apagar, sufocado pelo feitiço.

— Irmão — disse Alucard bem devagar, apesar das palavras terem o gosto errado na sua boca.

Em outro momento, Berras teria desconsiderado o termo. Agora ele sequer parecia notar a menção.

— Você é mais forte que isso — falou Alucard, mesmo que Berras nunca tivesse sido o mestre do seu temperamento ou dos seus humores.

— Veio colher os louros? — prosseguiu Berras. — Mais um título para ser adicionado à sua coleção?

Ele ergueu o cálice e então, descobrindo que estava vazio, simplesmente o deixou cair. Alucard o pegou com o seu comando antes que se estilhaçasse no chão ornamentado.

— Campeão — articulou Berras, aproximando-se dele. — Nobre. Pirata. Gigolô.

Alucard ficou tenso, atingido em cheio pela última palavra.

— Você achava que eu não sabia?

— Pare — sussurrou ele, a palavra perdida entre os passos do irmão. Naquele instante, Berras pareceu tanto o pai. Um predador.

— Fui eu quem contou a ele — disse Berras, como se estivesse lendo a sua mente. — O nosso pai sequer ficou surpreso. Apenas *enojado*. Ele disse: “Que *decepção*.”

— Fico feliz que ele esteja morto — rosnou Alucard. — Queria apenas ter estado em Londres quando aconteceu.

Berras pareceu mais sombrio, porém a leveza na voz dele e a tranquilidade vazia permaneceram.

— Fui até a arena, sabe — divagou ele. — Fiquei para assistir à sua luta. Cada partida, acredita? Não carreguei a sua flâmula, é claro. Não fui até lá para vê-lo vencer. Só esperava que alguém lhe desse uma surra. Que o *exterminasse*.

Alucard sabia como dominar um lugar. Ele nunca se sentiu pequeno, exceto aqui, nesta casa, com Berras. E, apesar de anos de prática, ele sentiu que estava recuando.

— Teria valido a pena — continuou Berras — ver alguém arrancar esse olhar presunçoso do seu rosto...

Um som abafado ecoou no andar de cima, o barulho seco de algo batendo no chão.

— Anisa! — gritou Alucard, desviando os olhos de Berras por um instante.

Foi algo estúpido de se fazer.

O seu irmão o atirou com as costas na parede mais próxima, uma montanha de músculos e ossos. Por ter crescido sem magia, o seu irmão sabia usar os punhos. E o fazia bem.

Alucard se encurvou, o ar abandonando os pulmões quando os nós dos dedos acertaram as suas costelas.

— Berras — disse ele num arquejo — Escute...

— Não. Você *me* escute, irmãozinho. Já está na hora de colocar as coisas em ordem. Sou eu quem o nosso pai queria. Já sou herdeiro da Casa Emery, mas posso ser muito *mais*. E serei, quando você se for. — Os seus dedos grossos encontraram o pescoço de Alucard. — Há um novo rei em ascensão.

Alucard nunca foi de jogar sujo, mas recentemente havia passado tempo suficiente observando Delilah Bard. Ele ergueu as mãos com agilidade, uma das palmas esmagando o nariz do irmão. Cegador, era como ela chamava esse golpe.

Lágrimas e sangue escorreram pelo rosto de Berras, mas ele não se moveu um milímetro. Os seus dedos apenas apertavam o pescoço de Alucard com mais força.

— Ber... ras... — arfou Alucard, buscando vidro, pedra, água. Nem mesmo *ele* era forte o suficiente para convocar um objeto sem vê-lo, e, com Berras bloqueando o caminho e a sua visão escurecendo, Alucard se viu buscando inutilmente por qualquer coisa, por tudo. A casa inteira tremia com o poder de Alucard, a sua precisão cuidadosamente cultivada perdida no pânico, na luta por ar.

Os seus lábios se moveram, conjurando silenciosamente, implorando.

As paredes estremeceram. As janelas se estilhaçaram. Pregos se libertaram das tábuas e a madeira rachou conforme era arrancada do chão. Por um momento desesperador, nada aconteceu, e então o mundo desabou num único ponto.

Mesas e cadeiras, obras de arte e espelhos, tapeçarias e cortinas, pedaços das paredes, do chão e da porta, tudo se chocou em Berras com uma força esmagadora. As mãos enormes soltaram o pescoço de Alucard enquanto Berras era afastado pelo redemoinho de escombros que se enroscavam nas suas pernas e nos seus braços, arrastando-o para baixo.

Mas ele ainda lutava com a força cega de alguém privado de sentidos, de dor, até que o último candelabro caiu, causando grandes rachaduras no teto enquanto despencava, enterrando Berras em ferro, gesso e pedra. O redemoinho se desfez e Alucard arquejou com as mãos apoiadas nos joelhos. Ao seu redor, a casa ainda rangia.

Lá em cima, nada. Nada. Até que ele ouviu o grito da sua irmã.

* * *

Ele encontrou Anisa num quarto no andar superior, encolhida num canto, os olhos arregalados de pavor. Pavor, ele logo percebeu, de algo que não estava ali.

As mãos dela pressionavam as orelhas, a cabeça estava enterrada nos joelhos, e ela sussurrava repetidamente:

— Não estou sozinha, não estou sozinha, não estou sozinha.

— Anisa — falou ele, ajoelhando-se diante dela. O seu rosto estava afogueado, as veias marcadas no pescoço, a escuridão nublando os olhos azuis.

— Alucard? — A voz dela era quase inaudível. O corpo todo tremia. — Faça com que ele pare.

— Eu já fiz — respondeu ele, pensando que ela falava de Berras, mas então Anisa balançou a cabeça e disse:

— Ele fica tentando entrar.

O rei das sombras.

Ele vasculhou o ar ao redor dela e pôde ver as sombras se enrolando na luz verde do poder da irmã. Parecia que uma tempestade estava presa no cômodo escuro, o ar cintilando com salpicos de luz enquanto a magia dela lutava contra o intruso.

— Isso dói — sussurrou ela, encolhendo-se. — Não me deixe. Por favor. Não me deixe sozinha com ele.

— Está tudo bem — falou ele, erguendo a irmã caçula nos braços. — Não vou a lugar algum, não sem você.

A casa rangeu em volta deles enquanto ele carregava Anisa pelo corredor.

As paredes racharam e a escada começou a se abrir sob os seus pés. Um dano profundo tinha sido feito à casa, uma ferida mortal que ele não conseguia ver, mas sentia a cada tremor.

A Mansão Emery passara séculos erguida.

E agora estava desabando.

Alucard a *destruíra*, afinal.

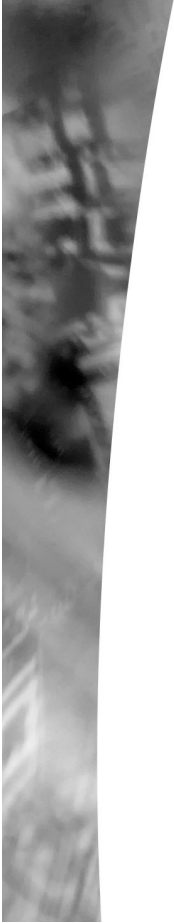
Foi necessária toda a sua força para manter a estrutura em volta deles, e, assim que cruzaram a soleira da porta, ele estava tonto por causa do esforço.

A cabeça de Anisa pendeu e encostou no seu peito.

— Fique comigo, Nis — pediu ele. — Fique comigo.

Ele montou no cavalo com a ajuda de um muro baixo e esporeou o animal, colocando-o em movimento, cavalgando através do portão enquanto o restante da propriedade terminava de desmoronar.





QUATRO

ARMAS À MÃO



Londres Branca

Nasi ficou de pé diante da plataforma e não chorou.

Ela tinha 9 invernos de idade, pelo amor dos corvos, e fazia muito havia aprendido a parecer calma, mesmo que fosse mentira. Às vezes, é preciso fingir, todos sabem disso. Fingir estar feliz. Fingir ser corajosa. Fingir ser forte. Se você finge por tempo o suficiente, acaba se tornando verdade.

Fingir não estar triste era o mais difícil, mas parecer triste faz com que as pessoas pensem que você é fraca, e, quando você já tem centímetros de menos e é franzina demais, e ainda por cima é uma menina, é preciso trabalhar em dobro para convencer a todos que isso não é verdade.

Então, mesmo que o cômodo estivesse vazio, exceto por Nasi e o cadáver, ela não deixava a tristeza transparecer. Nasi trabalhava no castelo fazendo o que fosse preciso, mas ela sabia que não deveria estar ali. Sabia que o salão norte, onde ficavam os aposentos privados do rei, era proibido. Mas o rei estava desaparecido e Nasi sempre foi boa em se esgueirar para onde não devia. De qualquer forma, ela não veio para bisbilhotar ou roubar.

Ela veio apenas para olhar.

E para ter certeza de que a mulher não estava se sentindo solitária.

Nasi sabia que isso era ridículo, porque pessoas mortas provavelmente não sentiam coisas como frio, tristeza ou solidão. Mas ela não tinha certeza, e, se fosse ela, gostaria que alguém lhe fizesse companhia ali.

Além disso, esse era o único cômodo silencioso do castelo.

O resto do lugar estava mergulhado em caos, todos gritando e procurando o rei, mas não aqui. Aqui, as velas queimavam e as portas e as

paredes pesadas mantinham tudo em silêncio. Aqui, no meio do cômodo, numa plataforma feita em um lindo granito preto, jazia Ojka.

Ojka, trajada de preto, as mãos abertas ao lado do corpo, uma lâmina pousada na palma de cada uma. Vinhas, a primeira coisa a florescer nos jardins do castelo, enrolavam-se na plataforma; havia um prato com água ao lado da cabeça de Ojka e outro com terra aos seus pés. Eram lugares para onde a magia poderia ir quando deixasse o corpo dela. Havia um pano preto dobrado sobre os olhos dela, e o seu cabelo vermelho e curto se acumulava ao redor da cabeça. Um pedaço de tecido branco estava amarrado no seu pescoço, mas, mesmo depois de morta, uma linha vermelho-escura o manchava onde alguém o havia cortado.

Ninguém sabia o que tinha acontecido. Apenas que o rei havia desaparecido e que a campeã escolhida do rei estava morta. Nasi tinha visto o prisioneiro do rei, o homem de cabelos vermelhos e o seu próprio olho preto, e se perguntou se isso era culpa dele, uma vez que também havia desaparecido.

Nasi fechou as mãos em punho e sentiu a súbita pontada dos espinhos. Ela havia se esquecido das flores, coisas selvagens colhidas nos limites do terreno do castelo. As mais bonitas ainda não tinham florescido, então ela fora obrigada a colher um punhado de botões esmaecidos permeados de espinhos perversos.

— *Nijk shöst* — murmurou ela, depositando o buquê de flores na plataforma. A ponta da trança da menina roçou no braço de Ojka quando ela se inclinou para a frente.

Nasi costumava usar o cabelo solto para cobrir as cicatrizes no rosto. Não importava se ela mal conseguia enxergar através da cortina opaca, nem que estivesse sempre tropeçando e pisando em falso. Era o seu escudo contra o mundo.

E então, um dia, Ojka passou por ela no corredor e a interpelou, dizendo a ela que afastasse o cabelo da frente do rosto.

Ela não queria, mas a cavaleira do rei ficou ali, de braços cruzados, esperando que lhe obedecesse. E assim o fez, retraindo-se ao puxar as mechas para trás. Ojka examinou o rosto dela, mas não lhe perguntou o que tinha acontecido: se ela havia nascido daquele jeito (não havia) ou se fora pega de surpresa no *Kosik* (ela fora). Em vez disso, a mulher ergueu a cabeça dela e disse:

— Por que você se esconde?

Nasi não conseguiu responder a Ojka, contar à cavaleira do rei que odiava as cicatrizes quando Ojka tinha a escuridão se espalhando por um lado do rosto e do outro uma linha prateada entalhada do olho até os lábios. Como ela não falou, a mulher se agachou diante de Nasi e a segurou com firmeza pelos ombros.

— Cicatrizes não são motivo de vergonha — disse Ojka —, a menos que você deixe que sejam. — A cavaleira se empertigou. — Se você não as carregar, elas carregam você. — E, com isso, ela foi embora.

Nasi passou a usar o cabelo para trás desde esse dia.

E, sempre que Ojka passava por ela nos corredores, os seus olhos, um amarelo e o outro preto, desviavam-se para a trança. E ela acenava com a cabeça em aprovação. E tudo em Nasi ficou mais forte, como uma planta sedenta que foi regada gota a gota.

— Eu carrego as minhas cicatrizes agora — sussurrou ela no ouvido de Ojka.

O som de passos ecoou do lado de fora das portas, a marcha pesada da Guarda de Ferro, e Nasi se afastou depressa, quase derrubando a tigela de água quando puxou a manga da roupa que havia ficado presa nas vinhas que se enrolavam na plataforma.

Mas ela tinha apenas 9 invernos e era pequena como uma sombra. Quando as portas se abriram, ela já havia ido embora.

II

Nas masmorras do palácio Maresh, o sono escapava de Holland.

A mente dele pairava, mas, sempre que começava a se assentar, ele via Londres, — a Londres *dele* — desmoronando e sucumbindo. Via as cores desvanecerem de volta ao cinza, o rio congelar e o castelo... bem, tronos não ficavam vazios. Holland sabia muito bem disso. Ele imaginou a cidade procurando pelo seu rei, ouvia os criados gritando o seu nome antes que novas lâminas encontrassem o pescoço deles. O sangue manchando o mármore branco, cadáveres poluindo a floresta enquanto botas esmagavam tudo que ele havia planejado como se fosse grama fresca sob os pés.

Holland buscou automaticamente por Ojka, a sua mente se esticando através dos mundos divididos, mas não encontrou resposta.

A cela que ele atualmente ocupava era uma tumba de pedra, enterrada em algum lugar nas profundezas do esqueleto do palácio. Nenhuma janela. Nenhum calor. Ele perdeu a conta do número de escadas quando os guardas arnesianos o arrastaram até ali, semiconsciente, a mente ainda estripada pela intrusão de Osaron e pela sua repentina saída. Holland mal assimilou as celas, todas vazias. A parte animal dele havia lutado contra o toque do metal frio se fechando nos seus pulsos, e, em resposta, eles bateram a sua cabeça na parede. Quando ele voltou, tudo estava preto.

Holland perdeu a noção do tempo — tentou contar; porém, sem luz alguma, a sua mente pulava, gaguejava e caía com facilidade nas memórias que ele não queria visitar.

Ajoelhe-se, sussurrara Astrid numa das suas orelhas.

De pé, ordenara Athos na outra.

Curve-se.

Ceda.

Pare, pensou ele, tentando arrastar a sua mente de volta para a cela gelada. Ela permanecia escorregando para longe dele.

Pegue a faca.

Segure contra o seu pescoço.

Fique completamente parado.

Ele tentava comandar os próprios dedos, é claro, mas o feitiço de vinculação se mantinha, e, quando Athos retornava horas — às vezes dias — depois, tirava a lâmina das mãos de Holland e lhe dava permissão para se mover de novo, o seu corpo se encolhia até chegar ao chão. Os músculos doloridos. Os membros tremendo.

Este é o seu lugar, dissera Athos. *De joelhos.*

— *Pare!* — O rosnado de Holland reverberou no silêncio da prisão, respondido apenas pelo seu próprio eco. Por alguns instantes, a sua mente ficou calma, mas logo, cedo demais, tudo recomeçou: as memórias se infiltrando pela pedra fria, pelas algemas de ferro e pelo silêncio.

† Na primeira vez em que alguém tentou matar Holland, ele mal tinha 9 anos.

O seu olho havia ficado preto no ano anterior, a pupila se dilatando dia após dia até que a escuridão tomou conta do verde, e depois do branco, envenenando lentamente todo o globo ocular. O seu cabelo era longo o suficiente para esconder a marca, contanto que ele mantivesse a cabeça abaixada, o que Holland sempre fazia.

Ele acordou com o assobio do metal, desviando para o lado a tempo de *quase* fugir da lâmina.

Ela arranhou o seu braço antes de se enterrar na cama estreita. Holland despencou no chão, batendo o ombro com força, e rolou, esperando encontrar um estranho, um mercenário, alguém marcado com o selo de ladrões e assassinos.

Em vez disso, ele viu o irmão mais velho. Tinha o dobro do seu tamanho, os olhos verdes de lodo do pai e os lábios tristes da mãe. O único parente de sangue que havia restado a Holland.

— Alox? — arfou ele, a dor latejando no braço machucado. Gotas de vermelho brilhante salpicaram o chão do quarto deles antes que

Holland conseguisse pressionar uma das mãos na ferida ensanguentada.

Alox estava de pé ao lado dele, as veias do pescoço já começando a ficar pretas. Aos 15 anos, ele já recebera as 12 marcas, todas para ajudar a dobrar a vontade e amarrar a magia que queria escapar.

Holland estava deitado de costas no chão, o sangue ainda vertendo entre os dedos, mas não gritou por ajuda. Não havia ninguém a quem recorrer. O pai deles estava morto. A mãe desaparecera nos covis de *sho*, afogando-se em fumaça.

— Fique parado, Holland — murmurou Alox, desvencilhando a lâmina da cama. Os olhos dele estavam vermelhos por causa de bebida ou de algum feitiço. Holland não se mexeu. Não conseguia se mover. Não porque a lâmina estivesse envenenada, apesar de ele temer essa possibilidade. Mas porque todas as noites ele sonhava com possíveis atacantes, dava a eles centenas de nomes e rostos, e nenhum jamais havia sido Alox.

Alox, que lhe contara histórias quando ele não conseguia dormir. Contos sobre um rei que estava por vir. Aquele com poder suficiente para trazer o mundo de volta.

Alox, que costumava deixá-lo se sentar em tronos de mentirinha em quartos abandonados e a sonhar com dias melhores.

Alox, o primeiro a ver a marca no seu olho e a prometer que o manteria em segurança.

Alox, que agora estava diante dele com uma faca.

— *Vosk* — implorou Holland. *Pare*.

— Isso não está certo — admoestou o irmão, intoxicado pela faca, pelo sangue, pela proximidade com o poder. — Essa magia não é *sua*.

Os dedos ensanguentados de Holland foram direto para o olho dele.

— Mas ela me escolheu.

Alox balançou a cabeça lentamente, de forma lúgubre.

— A magia não *escolhe*, Holland. — Ele se agitou. — Ela não pertence àqueles que a possuem. Pertence àqueles que a *tomam*.

Com isso, Alox desceu a faca com firmeza.

— *Vosk!* — implorou Holland, as mãos ensanguentadas esticadas diante dele.

Ele agarrou a lâmina, empurrando de volta com toda a força que tinha, não a arma propriamente, mas o ar em volta dela, o metal. Ela ainda conseguiu acertá-lo, o sangue vertendo pela palma das suas mãos.

Holland encarou Alox, a dor forçando as palavras a saírem dos seus lábios.

— *As Staro.*

As palavras saíram por conta própria, surgindo da escuridão da sua mente como um sonho lembrado de repente, e, com elas, a magia brotou das suas mãos feridas, envolveu a lâmina e se enroscou no seu irmão. Alox tentou se desvencilhar, mas era tarde demais. O feitiço deslizou sobre a pele dele, transformando carne em pedra conforme se espalhava pelo seu tórax, escalava pelos seus ombros e envolvia o seu pescoço.

Um único arquejo escapou e então estava tudo acabado. O corpo transformado em pedra no tempo que uma gota de sangue leva para atingir o chão.

Holland ficou ali, sob o peso precário da estátua do irmão. Com Alox congelado apoiado em apenas um joelho, Holland pôde olhar nos olhos dele, e se pegou encarando o rosto do irmão: a boca entreaberta e a expressão presa entre surpresa e raiva. Devagar e com cuidado, Holland se libertou, saindo lentamente de baixo da pedra. Ele se levantou, tonto com o uso repentino da magia e trêmulo por causa do ataque.

Ele não chorou. Não fugiu. Simplesmente ficou ali, examinando Alox, procurando por alguma mudança no irmão como se fosse uma sarda, uma cicatriz, algo que ele devesse ter visto. A sua própria pulsação estava se acalmando e algo mais, algo mais profundo, começava a se acalmar também, como se o feitiço tivesse transformado uma parte *dele* mesmo em pedra.

— Alox — disse ele, a palavra pouco mais que uma expiração enquanto ele esticava a mão para tocar a face do irmão, apenas para recuar diante da dureza da pedra. Os seus dedos deixaram uma

mancha vermelha ferruginosa na superfície daquele rosto de mármore.

Holland se inclinou para sussurrar algo no ouvido de pedra do irmão.

— Essa magia — falou ele, colocando a mão no ombro de Alox — é minha.

Ele o empurrou, deixando a gravidade tombar a estátua até ela cair e se espatifar no chão.



Passos soaram na escadaria da prisão, e Holland se endireitou, os sentidos voltando rapidamente de volta para a cela. Num primeiro momento, ele presumiu que o seu visitante fosse Kell, mas então contou as passadas e eram de três tipos distintos.

Estavam todos falando em arnesiano, correndo com a palavras e as juntando para que Holland não entendesse tudo.

Ele se forçou a ficar parado enquanto o cadeado era destrancado e a porta da cela se abria, forçou-se a não contra-atacar quando um inimigo agarrou o seu queixo, fazendo a sua boca ficar fechada.

— Vamos ver... olhos...

Dedos ásperos se enrolaram no seu cabelo e a venda foi desamarrada. Por um instante, o mundo ficou dourado. A luz dos lampiões lançava halos sobre tudo antes que o homem erguesse a sua cabeça.

— Deveríamos arrancar...

— Não parece... para mim.

Eles não usavam armadura, mas os três tinham a postura dos guardas do palácio.

O primeiro largou o queixo de Holland e começou a arregaçar as mangas.

Holland sabia o que estava por vir, mesmo antes de sentir o puxão agressivo nas correntes, os ombros se tensionando enquanto eles o colocavam de pé com violência. Ele sustentou o olhar dos guardas logo antes de receber o primeiro soco, um golpe brutal entre a clavícula e o pescoço.

Ele acompanhou a dor como uma corrente e tentou dispersá-la.

Na verdade, isso não era nada comparado com o que ele já sentiu. O sorriso frio de Athos surgiu na mente de Holland. A ferocidade daquele chicote de prata.

Ninguém sofre...

Ele perdeu o equilíbrio quando as suas costelas se partiram.

... tão lindamente como você.

A boca de Holland se encheu de sangue. Ele poderia ter cuspid no rosto deles, usado o mesmo esforço para transformá-los em pedra e deixá-los se quebrar no chão. Em vez disso, engoliu o sangue.

Não os mataria.

Tampouco lhes daria a satisfação de deixar transparecer a dor.

E então um cintilar de aço — inesperado — quando um guarda desembainhou uma faca. Quando o homem falou, foi no idioma comum dos reis.

— Isso é por Delilah Bard — disse ele, levando a adaga até o coração de Holland.

A magia ascendeu dentro dele, súbita e involuntariamente, as correntes frouxas agora fracas demais para deter a enchente enquanto a faca mergulhava para o seu peito nu. O corpo do guarda desacelerou quando Holland forçou o seu comando sobre metal e ossos. Mas, antes que pudesse deter a faca, ela voou da mão do guarda, escapando do controle do próprio Holland, e parou com um estalo na palma da mão de Kell.

O guarda se virou, o choque rapidamente dando lugar ao medo quando ele notou o homem na base da escada, o casaco preto camuflado nas sombras, o cabelo vermelho brilhando sob a luz.

— O que é isso? — perguntou o outro *Antari* com voz afiada.

— Mestre Ke...

O guarda voou, lançado para trás, e bateu com as costas na parede, entre dois lampiões. Ele não caiu, mas ficou pendurado lá, preso, enquanto Kell se virava para os outros dois. No mesmo instante, eles soltaram as correntes de Holland, que caiu sentado no banco, cerrando os dentes com a onda de dor. Kell largou o primeiro guarda e o homem despencou no chão.

O ar no cômodo estava congelando enquanto Kell observava a faca na sua mão. Ele levou a ponta dos dedos até a o gume e pressionou, extraindo uma única conta vermelha.

Os guardas recuaram, amontoados, e Kell ergueu o olhar, como se estivesse surpreso.

— Pensei que vocês quisessem um esporte sangrento.

— *Solase* — falou o primeiro guarda, levantando-se. — *Solase, mas vares*. — Os outros morderam a língua e se calaram.

— Saíam — ordenou Kell. — Da próxima vez que eu vir algum de vocês aqui embaixo, não sairão mais.

Os três fugiram, deixando a porta da cela aberta ao sair.

Holland, que nada tinha dito desde que os primeiros passos o tiraram dos seus devaneios, recostou a cabeça na parede de pedra.

— Meu herói.

A venda estava pendurada em volta do pescoço dele, e, pela primeira vez desde que estiveram no terraço, os seus olhos se encontraram enquanto Kell esticava a mão para fechar a porta da cela entre os dois.

Ele indicou a escada com um aceno de cabeça.

— Quantas vezes isso já aconteceu?

Holland não disse nada.

— Você não revidou.

Os dedos inchados de Holland se fecharam nas correntes como se dissesse: “Como eu poderia?”; e Kell arqueou as sobrancelhas como se retrucasse: “Elas fazem alguma diferença?” Porque ambos sabiam a verdade nua e crua: uma cela não é capaz de deter um *Antari*, a menos que ele a deixe fazê-lo.

Kell voltou a atenção para a faca, evidentemente a reconhecendo.

— Lila — murmurou ele. — Eu devia ter percebido antes.

— A senhorita Bard não tem apreço por mim.

— Não desde que você matou o único parente que ela tinha.

— O homem na taverna — falou Holland, pensativo. — Ela o matou quando pegou algo que não era dela. Quando me levou direto para a sua casa. Se fosse uma ladra melhor, talvez ele ainda estivesse vivo.

— É melhor guardar essa opinião para si mesmo — disse Kell —, se quiser manter a sua língua no lugar.

Houve um longo silêncio. Holland acabou sendo o responsável por quebrá-lo.

— Já acabou de se lamentar?

— Sabe de uma coisa? — explodiu Kell. — Você é ótimo em fazer inimigos. Alguma vez tentou fazer um *amigo*?

Holland inclinou a cabeça, sarcástico.

— Que utilidade eles têm? — Kell gesticulou para a cela. Holland não mordeu a isca. Ele mudou de assunto. — O que está acontecendo fora do palácio?

Kell pressionou o espaço entre os olhos com a palma da mão. Quando estava cansado, a sua calma falhava e as rachaduras nela apareciam.

— Osaron está livre — respondeu ele.

Holland ouviu e franziu o cenho conforme Kell contava do rio que se tornara preto e da névoa envenenada. Quando terminou, ele encarou Holland, esperando alguma resposta a uma pergunta que nunca foi feita. Holland não disse nada e, por fim, Kell emitiu um som exasperado.

— O que ele *quer*? — exigiu saber o jovem *Antari*, nitidamente resistindo ao ímpeto de andar de um lado para o outro.

Holland fechou os olhos e se lembrou do temperamento explosivo de Osaron, o seu eco de *mais, mais, mais, podemos fazer mais, ser mais*.

— Mais — respondeu ele, simplesmente.

— O que isso significa? — perguntou Kell.

Holland mediu as palavras antes de falar.

— Você pergunta o que ele quer — respondeu ele. — Mas para Osaron isso é menos sobre *querer* do que sobre *precisar*. O fogo precisa de ar. A terra precisa de água. E Osaron precisa de caos. Ele se alimenta disso, dessa energia de entropia. — Sempre que Holland encontrava um chão firme, sempre que as coisas começavam a se acalmar, Osaron os forçava a se mover mais uma vez, a mudar, ao caos. — Ele se parece muito com você — acrescentou enquanto Kell andava de um lado para o outro. — Não suporta ficar parado.

Na mente de Kell, as engrenagens estavam se movendo; pensamentos e emoções piscavam pelo seu rosto como luzes. Holland se perguntou se Kell sabia o quanto deixava isso transparecer.

— Então preciso encontrar uma forma de *fazê-lo* ficar parado — falou o jovem *Antari*.

— Se puder — disse Holland. — Por si só, isso não vai detê-lo, mas o forçará a ser imprudente. E, se humanos imprudentes cometem erros, deuses imprudentes também o farão.

— Você realmente acredita que ele é um deus?

Holland revirou os olhos.

— O que alguém é não importa. Apenas o que esse alguém *acredita* ser.

Uma porta se abriu no alto da escada e o reflexo de Holland foi ficar tenso, odiando o sutil, porém traidor ranger das correntes. Mas Kell não pareceu notar.

Pouco depois, um guarda apareceu na base da escada. Não um daqueles que havia atacado Holland, e sim um homem mais velho, as têmporas grisalhas.

— O que foi, Staff? — perguntou Kell.

— Senhor — respondeu bruscamente o homem. Ele não tinha amor pelo príncipe *Antari*. — O rei convocou o senhor.

Kell acenou com a cabeça e se virou para ir embora. Quando estava prestes a sair, hesitou.

— Você tem tão pouco apreço pelo seu próprio mundo, Holland?

Ele se retesou.

— O meu mundo — falou Holland calmamente — é a *única* coisa pela qual tenho apreço.

— E ainda assim você permanece aqui. Incapaz. Inútil.

Em algum lugar no âmago de Holland, alguém — o homem que ele fora, antes de Osaron, antes dos Danes — gritava. Lutava. Ele se mantinha impassível, aguardando essa onda passar.

— Você me disse uma vez — falou Kell — que ou você era o mestre ou o escravizado da magia. Então, qual dos dois é agora?

O grito morreu na mente de Holland, sufocado pelo silencioso vazio que ele treinou para ocupar o seu lugar.

— É isso que você não entende — disse Holland, deixando o vazio se apoderar dele. — Eu sempre fui só o escravizado.

III

A sala real de mapas sempre foi proibida.

Quando Kell e Rhy eram crianças, eles brincavam em cada cômodo e corredor do palácio, porém nunca ali. Não havia cadeiras nesta sala. Nenhuma parede forrada de livros. Nenhuma lareira, cela, porta escondida ou passagem secreta. Apenas uma mesa com o seu mapa imenso, de onde Arnes se erguia dos pergaminhos como um corpo sob um lençol esticado. O mapa abrangia a mesa de ponta a ponta com riqueza de detalhes, desde a cintilante cidade de Londres no centro até os mais longínquos limites do império. Pequenos navios de pedra flutuavam nos mares achatados, pequenos soldados de pedra demarcavam as guarnições reais posicionadas nas fronteiras e pequenos guardas de pedra patrulhavam as ruas em tropas esculpidas em quartzo rosa e mármore.

O rei Maxim dizia a eles que mexer as peças nesse tabuleiro tinha consequências. Que mover um cálice era decretar guerra. Afundar um navio era condenar a embarcação. Brincar com os homens era brincar com a vida deles.

O aviso foi dissuasão suficiente — quer fosse *verdade* ou não, nem Rhy nem Kell se atreveram a arriscar e sofrer tanto a fúria de Maxim quanto o próprio sentimento de culpa.

O mapa *era* realmente encantado. Mostrava o império exatamente como era: agora o rio brilhava como uma mancha de óleo; tentáculos de névoa finos como fumaça de cachimbo pairavam pelas ruas em miniatura; as arenas estavam abandonadas e a escuridão se erguia como vapor emanando de cada superfície.

O que ele não mostrava eram as pessoas que haviam sucumbido à névoa perambulando pelas ruas. Não mostrava os sobreviventes

desesperados, batendo nas portas das casas e implorando para entrar. Não mostrava o pânico, nem o barulho, nem o medo.

O rei Maxim estava de pé no lado sul do mapa, as mãos espalmadas na mesa, a cabeça inclinada sobre a imagem da sua cidade. De um lado estava Tieren, que parecia ter envelhecido dez anos no decorrer de uma única noite. Do outro se via Isra, a capitã da guarda da cidade, uma londrina de ombros largos, cabelos pretos e curtos e queixo forte. Mulheres podiam ser algo raro na guarda, mas, se alguém questionasse a posição de Isra, só o fazia uma vez.

Dois membros do conselho *vestrano* de Maxim, lorde Casin e Lady Rosec, comandavam o lado leste do mapa, enquanto Parlo e Lisane, os membros da *ostra* que organizaram e supervisionaram o *Essen Tasch*, ocupavam o oeste. Todos pareciam deslocados, ainda vestidos para o baile do vencedor e não para uma cidade sitiada.

Kell foi até a fronteira norte, parando diante do rei.

— Não conseguimos descobrir um sentido nisso — dizia Isra. — Parece haver dois tipos de ataque, ou ao menos dois tipos de vítimas.

— Eles estão possuídos? — perguntou o rei. — Durante a Noite Preta, Vitari ocupou múltiplos hospedeiros, se espalhando como uma praga entre eles.

— Isso não é possessão — interferiu Kell. — Osaron é forte demais para se apoderar de um hospedeiro comum. Vitari consumiu cada receptáculo que encontrou, mas isso demorava horas. Osaron consumiria alguém até virar cinzas em questão de segundos. — Ele pensou em Kisimyr, no terraço, o corpo dela rachando e se esfarelando sob a bota de Osaron. — Não há sentido em tentar possuí-los.

A menos, pensou Kell, que eles sejam Antari.

— Então, pelos santos — perguntou o rei —, o que ele *está* fazendo?

— Parece algum tipo de doença — falou Isra.

O *ostra*, Lisane, estremeceu.

— Ele os está infectando?

— Está criando marionetes — disse Tieren, sombrio. — Invadindo as mentes e os corrompendo. E, se isso falha...

— Ele os toma à força — afirmou Kell.

— Ou os mata no processo — acrescentou Isra. — Diluindo o montante, eliminando a resistência.

— Há alguma defesa? — indagou o rei, olhando para Kell. — Além de sangue *Antari*.

— Ainda não.

— Sobreviventes?

Houve um longo silêncio.

Maxim pigarreou.

— Não temos notícias da Casa Loreni nem da Casa Emery — começou a falar lorde Casin. — Os seus homens não poderiam ser mobilizados...

— Os meus homens estão fazendo tudo o que podem — explodiu Maxim. Ao lado dele, Isra lançou ao lorde um olhar intenso e frio.

— Enviamos batedores para seguir a linha da névoa — continuou ela em tom equilibrado. — E *existe* um perímetro na magia de Osaron. Nesse momento, os feitiços acabam sete medidas depois dos limites da cidade, demarcando um círculo, mas os relatórios mostram que está se espalhando.

— Ele está absorvendo poder de cada vida que reclama. — A voz de Tieren era calma, mas autoritária. — Se Osaron não for detido em breve, a sua sombra cobrirá Arnes.

— E depois Faro — interrompeu Sol-in-Ar, entrando intempestivamente pela porta. Num reflexo, a mão da capitã se dirigiu à espada, mas Maxim a deteve com um olhar.

— Lorde Sol-in-Ar — disse o rei com frieza. — Não mandei chamá-lo.

— Pois deveria ter feito isso — retrucou o faroense quando o príncipe Col apareceu no seu encalço —, uma vez que esse assunto não diz respeito apenas a Arnes.

— Você acha que essa escuridão vai se restringir às suas fronteiras? — acrescentou o príncipe veskano.

— Se o detivermos primeiro — afirmou Maxim.

— E, se não conseguirem — disse Sol-in-Ar enquanto os seus olhos escuros recaíam sobre o mapa —, não importará quem caiu primeiro.

Quem caiu primeiro. Uma ideia se acendeu no canto da mente de Kell, lutando para tomar forma em meio ao barulho. A sensação do corpo de Lila desabando sobre o dele. Olhando para o cálice vazio nas mãos de Hastra.

— Muito bem — falou o rei. Ele acenou para que Isra prosseguisse.

— As cadeias estão abarrotadas daqueles que sucumbiram — informou a capitã. — Nós requisitamos a praça e as celas do porto, mas estamos ficando sem lugares para colocá-los. Já estamos usando o Rose Hall para os que estão com febre.

— E quanto às arenas do torneio? — ofereceu Kell.

Isra balançou a cabeça.

— Os meus homens não chegarão perto do rio, senhor. Não é seguro. Alguns tentaram e não retornaram.

— Os símbolos de sangue não estão durando muito — acrescentou Tieren. — Eles se desvanecem em algumas horas e aqueles que sucumbiram parecem ter descoberto o seu propósito. Já perdemos diversos guardas.

— Chame o restante de volta imediatamente — ordenou o rei.

Chame o restante.

Era isso.

— Tive uma ideia — falou Kell, baixinho, os fios do plano ainda se entrelaçando.

— Estamos encurralados — disse o general faroense, passando uma das mãos sobre o mapa. — E essa criatura roerá os nossos ossos, a menos que encontremos uma forma de revidar.

Faça-o ficar parado. Force-o a ser imprudente.

— Tive uma ideia — falou Kell de novo, mais alto. Desta vez, a sala ficou em silêncio.

— Fale — disse o rei.

Kell engoliu em seco.

— E se tirarmos as pessoas?

— Que pessoas?

— Todas elas.

— Não podemos evacuar a cidade — explicou Maxim. — Há pessoas demais envenenadas pela magia de Osaron. Se elas partissem, simplesmente espalhariam a doença ainda mais. Não, ela precisa ser contida. Sequer sabemos se aqueles que se perderam podem ser trazidos de volta, mas precisamos ter esperança de que isso seja uma doença e não uma sentença de morte.

— Não, não podemos evacuar a todos — confirmou Kell. — Mas todo corpo alerta é uma arma em potencial, e, se quisermos ter uma chance de

derrotar Osaron, precisamos dele desarmado.

— Seja claro — ordenou Maxim.

Kell respirou fundo, mas foi interrompido por uma voz vinda da porta.

— O que significa isso? Nenhuma vigília ao lado da minha cama? Estou ofendido.

Kell se virou para ver o irmão parado na soleira da porta, as mãos nos bolsos e um ombro casualmente apoiado na soleira como se não houvesse nada errado. Como se ele não tivesse passado a maior parte da noite preso entre os vivos e os mortos. Nada disso transparecia, ao menos; não na superfície. Os seus olhos cor de âmbar estavam brilhantes, o cabelo penteado, o círculo de ouro polido de volta ao lugar onde pertencia, no alto dos cachos dele.

A pulsação de Kell ficou mais rápida quando viu o irmão, ao passo que o rei escondeu o seu alívio *quase* tão bem quanto o príncipe escondeu a sua provação.

— Rhy — falou Maxim, e a sua voz quase o traiu.

— Vossa Alteza — disse Sol-in-Ar lentamente —, nos disseram que havia sido ferido durante o ataque.

— Disseram que havia sucumbido à névoa das sombras — falou o príncipe Col.

— *Disseram* que havia adoecido antes do baile do vencedor — acrescentou lorde Casin.

Rhy conseguiu abrir um sorriso preguiçoso.

— Santos, os rumores se espalham rápido quando alguém está indisposto. — Ele gesticulou para si mesmo. — Como podem ver... — Ele olhou de esguelha para Kell — sou surpreendentemente resistente. Então, o que eu perdi?

— Kell estava prestes a nos contar — falou o rei — como derrotar esse monstro.

Os olhos de Rhy se arregalaram ao mesmo tempo que um espectro de cansaço passava pelo seu rosto. Ele tinha acabado de retornar. *Isso vai doer?*, parecia perguntar o seu olhar. Ou talvez: *Vamos morrer?* Mas tudo o que disse foi:

— Prossiga.

Kell se atrapalhou com os pensamentos.

— Não podemos evacuar a cidade — repetiu ele, dirigindo-se ao sumo sacerdote. — Mas não poderíamos colocá-la para dormir?

Tieren franziu o cenho, batendo com as juntas ossudas dos seus dedos na beira da mesa.

— Você quer lançar um feitiço sobre Londres?

— Sobre os seus habitantes — explicou Kell.

— Por quanto tempo? — perguntou Rhy.

— Pelo tempo que for preciso — retrucou Kell, virando-se de volta para o sacerdote. — Osaron o fez.

— Ele é um deus — observou Isra.

— Não — retrucou Kell, ríspido. — Não é.

— Então o que exatamente *estamos* enfrentando? — exigiu saber o rei.

— Ele é um *oshoc* — explicou Kell, utilizando a palavra de Holland. Somente Tieren pareceu entender.

— Um tipo de *encarnação* — explicou o sacerdote. — A magia na sua forma pura, natural, não é um indivíduo, não tem consciência. Simplesmente *é*. O rio Atol, por exemplo, é uma fonte imensa de poder, mas não tem identidade. Quando a magia se torna um indivíduo, adquire motivação, desejo, vontade.

— Então, Osaron é apenas um pedaço de magia com ego? — perguntou Rhy. — Um feitiço que deu errado?

Kell fez que sim com a cabeça.

— E, de acordo com Holland, ele se alimenta do caos. No momento, Osaron tem dez mil fontes. Mas, se tiramos todas elas, se ele não tiver nada além da própria magia...

— Que ainda é considerável — interrompeu Isra.

— Podemos atraí-lo para a luta.

Rhy cruzou os braços.

— E como você pretende lutar contra ele?

Kell tinha uma ideia, mas não se atrevia a dizer em voz alta, não ainda, com Rhy tendo acabado de se recuperar.

Tieren o poupou.

— Pode ser feito — disse o sacerdote, pensativo. — De certa forma. Nunca seríamos capazes de lançar um feitiço tão amplo, mas podemos fazer uma rede de encantamentos menores — divagou, meio para si mesmo —, e, com uma âncora, pode ser feito. — Ele olhou para cima, os

olhos claros reluzindo. — Mas preciso de algumas coisas que estão no Santuário.

Dez olhos se dirigiram para a única janela da sala de mapas, onde os dedos do feitiço de Osaron arranhavam para entrar, apesar da luz da manhã. O príncipe Col se retesou. Lady Rosec fixou o olhar no chão. Kell começou a se oferecer, mas um olhar de Rhy o deteve. O olhar não era de recusa. De forma alguma. Era de permissão. De confiança plena.

Vá, dizia o olhar. Faça o que tiver de fazer.

— Que coincidência — soou uma voz da porta. Todos olharam ao mesmo tempo e viram Lila, as mãos nos quadris e totalmente desperta. — Preciso *mesmo* de um pouco de ar fresco.

IV

Lila andou pelo corredor, uma bolsa de couro vazia numa das mãos e a lista de suprimentos de Tieren na outra. Ela teve o luxo de ver o choque no rosto de Kell e o desgosto no de Tieren ao mesmo tempo, e só por isso já valeu a pena. A sua cabeça ainda doía por causa do que quer que tenham lhe dado, mas a bebida forte fez sua parte, e o plano consistente — ou ao menos uma etapa dele — havia se encarregado do resto.

O seu chá, senhorita Bard.

Não era a primeira vez que era drogada, mas a maior parte das suas experiências havia sido de natureza mais... investigativa. Ela passou um mês a bordo do *Spire* coletando pó para as estacas e para a cerveja que pretendia levar para o *Copper Thief*, o suficiente para derrubar uma tripulação inteira. Ela inalou uma parte, primeiro por acidente e depois com certo propósito, treinando os sentidos para reconhecê-lo e para resistir à determinada quantidade, porque a última coisa de que precisava era desmaiar no meio da empreitada.

Desta vez, ela sentiu o gosto do pó no chá assim que ele tocou a sua língua, e até conseguiu cuspir a maior parte de volta na xícara, mas os seus sentidos já estavam falhando, apagando-se como a chama dos lampiões num vento forte, e ela sabia o que estava por vir: a superficial e quase agradável escorregadela antes da queda. Num minuto, ela estava no corredor com Kell; no seguinte, perdia o equilíbrio, o chão oscilando como num navio durante uma tempestade. Ela ouviu a melodia da voz dele, sentiu o calor dos seus braços, e então afundou, cada vez mais fundo, e a próxima coisa que sentiu foi acordar sobressaltada num sofá com dor de cabeça e um rapaz encostado na parede olhando para ela de olhos arregalados.

— Você não deveria estar acordada — gaguejou Hastra enquanto ela afastava os cobertores.

— Essa é realmente a primeira coisa que você quer me dizer? — perguntou ela, cambaleando até o aparador para se servir de uma bebida. Hesitou, lembrando-se do chá amargo, mas depois de algumas farejadas encontrou algo que queimou nas suas narinas de forma familiar. Ela engoliu dois dedos do líquido, apoiando-se no balcão. A droga ainda estava grudada nela como teia de aranha, e só lhe restou tentar colocar as ideias em ordem, estreitando os olhos até as linhas desfocadas entrarem em foco outra vez.

Hastra demonstrou uma leve inquietação.

— Vou lhe fazer o favor — disse ela, deixando o cálice vazio de lado — de presumir que isso não foi ideia sua. — Ela se virou para ele. — E você fará a si mesmo o favor de ficar fora do meu caminho. E, da próxima vez que mexer na minha bebida — ela desembainhou uma faca, girou-a nos dedos e a levou para perto do queixo dele —, vou fincar você numa árvore.

Sons de passos correndo na direção dela trouxeram Lila de volta ao presente.

Ela se virou, sabendo que era ele.

— Foi ideia sua?

— O quê? — gaguejou Kell. — Não. Foi de Tieren. E o que você fez com Hastra?

— Nada de que ele não possa se recuperar.

Uma ruga profunda se formou entre os olhos de Kell. Nossa, ele era um alvo fácil.

— Veio me deter ou se despedir?

— Nenhum dos dois. — As feições dele se amainaram. — Vim lhe dar isso. — Ele segurou a faca perdida diante de Lila, com o punho voltado para ela. — Acredito que seja sua.

Ela pegou a lâmina, examinando se havia sangue no gume.

— Uma pena — murmurou ela enquanto guardava a faca de volta na bainha.

— Apesar de entender a ânsia — falou Kell —, matar Holland *não* ajudaria. Precisamos dele.

— Como de uma dose de veneno — murmurou Lila.

— Ele é o único que conhece Osaron.

— E por que ele o conhece tão bem? — explodiu ela. — Porque fez um *acordo* com ele.

— Eu sei.

— Ele deixou aquela criatura entrar na mente dele...

— Eu sei.

— ... no mundo dele, e agora no seu...

— Eu *sei*.

— Então por quê?

— Porque podia ter sido eu — disse Kell, sombrio. As palavras pairaram entre os dois. — Quase fui eu.

A imagem voltou à mente dela, a de Kell jogado no chão diante da estrutura quebrada, o sangue vermelho e rico formando uma poça ao redor dos seus pulsos. O que Osaron tinha dito a ele? O que lhe oferecera? O que ele havia *feito*?

Lila se pegou se aproximando de Kell e parou. Ela não sabia o que dizer, como suavizar a ruga entre os olhos dele.

A bolsa escorregou do ombro dela. O sol estava alto.

— Preciso ir.

Kell assentiu com a cabeça, mas, quando Lila se virou para sair, ele segurou a mão dela. O toque foi suave, mas a atingiu como uma faca.

— Aquela noite na varanda — falou ele. — Por que você me beijou?

Lila sentiu um aperto no peito.

— Parecia uma boa ideia.

Kell franziu o cenho.

— Só isso? — Ele começou a soltá-la, mas ela não o fez. As mãos dos dois ficaram no meio deles, entrelaçadas.

Lila deixou escapar uma leve risada.

— O que você quer, Kell? Uma declaração do meu afeto? Eu o beijei porque quis e...

A mão dele segurou a dela com mais força, puxando-a para perto, e Lila espalmou a mão livre no peito dele para se equilibrar.

— E agora? — sussurrou ele. Os seus lábios estavam a centímetros dos dela, e ela sentia o coração de Kell martelando nas suas costelas.

— O quê? — disse ela com um sorriso ardiloso. — Tenho *sempre* de assumir o comando? — Ela começou a se inclinar, mas ele já estava ali, já

a estava beijando. Os corpos deles se encontraram com força, o último resquício de distância desaparecendo enquanto quadris encontravam quadris, dorsos encontravam dorsos e mãos procuravam pele. O corpo dela cantava como um diapasão encostado no dele, semelhante encontrando semelhante.

Kell a segurou mais apertado, como se pensasse que ela fosse desaparecer, mas Lila não iria a lugar nenhum. Ela poderia ter dado as costas a quase qualquer coisa, mas não daria as costas a isso. E esse fato em si era aterrorizante, mas ela não parou, assim como ele. Fagulhas saíam dos lábios dela, calor queimava pelos seus pulmões e o ar em volta deles se agitou como se alguém tivesse aberto as portas e as janelas.

O vento agitou o cabelo dos dois, e Kell *riu* encostado em Lila.

Um som suave e deslumbrante, curto demais, porém maravilhoso.

E então, cedo demais, o momento acabou.

O vento parou de soprar e Kell se afastou, ofegante.

— Melhor? — perguntou ela, a palavra pouco mais que um sussurro.

Ele baixou a cabeça e então deixou a testa se encostar na dela.

— Melhor — respondeu ele, e, quase ao mesmo tempo, chamou: — Venha comigo.

— Aonde estamos indo? — perguntou ela enquanto ele a puxava escada acima para um quarto. O quarto *dele*. Tecidos diáfanos ondulavam, pendurados no teto alto em estilo arnesiano, como a pintura de uma noite com nuvens. Um sofá estava cheio de almofadas, um espelho brilhava com os seus adornos em ouro e, sobre um tablado, ficava uma cama de dossel enfeitada com sedas.

Lila sentiu o rosto ficar quente.

— Não é hora para isso — começou ela, mas então ele a conduziu para além de todos esses objetos refinados até uma porta, e depois para uma alcova abarrotada de livros, velas e algumas bugigangas aleatórias. A maioria estava desgastada demais para ser qualquer coisa além de objetos com valor sentimental. Ali dentro, o ar cheirava menos a rosas do que a madeira envernizada e papéis antigos, e Kell a virou de frente para a porta. Ela viu as marcações na madeira — uma dúzia de símbolos desenhada no marrom avermelhado característico de sangue ressecado, cada um deles simples, porém distinto. Ela quase havia se esquecido dos atalhos.

— Este aqui — indicou ele, batendo com o indicador no círculo cortado por uma cruz. Lila desembainhou uma faca e espetou a ponta do polegar, tracejando com sangue a marca.

Quando terminou, Kell colocou a mão sobre a dela. Ele não lhe disse que ficasse em segurança. Não lhe disse que tomasse cuidado. Simplesmente encostou os lábios no cabelo dela e falou:

— *As Tascen.*

E ele se foi. O quarto se foi, o mundo se foi, e Lila estava mais uma vez se dirigindo para a escuridão.

V

Alucard cavalgou ferozmente para as docas, Anisa tremendo encostada nele.

A sua irmã recuperava e perdia a consciência, e a sua pele estava suada e quente. Ele sabia que não podia levá-la para o palácio. Agora que estava infectada, jamais a deixariam entrar. Mesmo que ela estivesse lutando contra aquilo. Mesmo que ela não tivesse sucumbido... que *não* fosse sucumbir, Alucard tinha certeza.

Ele tinha de levá-la para casa.

— Fique comigo — disse a ela quando alcançaram a fila de navios.

O nível do Atol estava alto, deixando marcas oleosas nas paredes das docas e se esparramando pelas margens. Aqui, na beira do rio, a magia rolava para fora da superfície da água como se fosse vapor.

Alucard desmontou, carregando Anisa rampa acima até o convés do *Spire*.

Ele não sabia se tinha esperanças de encontrar alguém a bordo ou se temia que isso acontecesse, uma vez que parecia que na cidade restavam apenas loucos, doentes e aqueles que haviam sucumbido.

— Stross? — chamou ele. — Lenos? — Mas ninguém respondeu, e então Alucard a levou para baixo.

— Volte — sussurrou Anisa quando o céu da noite desapareceu, substituído pelo teto baixo de madeira da cabine.

— Estou bem aqui — disse Alucard.

— Volte — implorou ela mais uma vez enquanto ele a deitava na sua cama e pressionava uma compressa fria no rosto da irmã. Os seus olhos se abriram, buscaram o foco e encontraram os dele. — Luc — disse, a voz de repente clara e límpida.

— Estou aqui — falou ele, e ela sorriu, os dedos tocando a testa dele. Os olhos de Anisa começaram a tremular de novo, e o medo o atravessou, súbito e mordaz.

— Ei, Nis — disse ele, apertando a mão dela. — Você se lembra da história que eu costumava lhe contar? — Ela estremeceu de febre. — Aquela sobre o lugar para onde as sombras vão à noite?

Anisa se enroscou perto dele, como fazia quando ele lhe contava fábulas. Uma flor ao sol, era o que a mãe deles costumava dizer. A sua mãe, que morreu há tanto tempo e levou com ela a maior parte da luz. Anisa era a única que possuía parte daquela luz. Anisa era a única que tinha os olhos dela, o calor dela. Anisa era a única que lembrava Alucard de dias mais amenos.

Ele se ajoelhou ao lado da cama, segurando a mão dela por entre as dele.

— Certa vez, uma garota se apaixonou pela própria sombra — começou ele a contar, a voz escorregando para o tom baixo e melódico das histórias contadas para dormir, mesmo quando o *Spire* balançava e o mundo atrás da janela escurecia. — Durante o dia todo, eles eram inseparáveis, mas, quando caía a noite, ela ficava sozinha e sempre se perguntava para onde teria ido a sua sombra. Ela vasculhava todas as gavetas, todos os jarros, e todo lugar onde ela mesma gostava de se esconder. Mas não importava onde ela procurasse, nunca conseguia encontrar. Até que finalmente a garota acendeu uma vela, para ajudar na busca, e ali estava a sua sombra.

Anisa murmurou algo sem sentido. Lágrimas escorreram pelas bochechas encovadas.

— Viu só? — Os dedos de Alucard seguraram os dela com mais força. — A sombra não havia ido embora. Porque as nossas sombras nunca se vão. Então, veja só, você nunca está sozinha. — A voz dele falhou. — Não importa onde você está, nem quando, não importa se o sol está no céu, ou se a lua está cheia, ou se não há nada no céu além das estrelas. Não importa se você tem uma luz à mão, ou nenhuma por perto, sabe... Anisa? Anisa, fique comigo... por favor...

Durante a hora seguinte, a doença começou a queimar através dela, até que o chamou de pai, o chamou de mãe, o chamou de Berras. Até que ela parou de falar por completo, mesmo no seu sono febril, e se afundou mais,

para algum lugar sem sonhos. As sombras ainda não haviam ganhado, mas a luz verde e viva da magia de Anisa começou a desvanecer. Desvanecer como um fogo consumindo a si mesmo, e tudo o que Alucard podia fazer era observar.

Ele se pôs de pé. A cabine balançou sob ele e Alucard foi até a cornija da lareira para se servir de uma bebida.

Alucard viu o próprio reflexo na superfície avermelhada do vinho e franziu o cenho, virando a taça. A mancha na sua testa, que Lila havia desenhado com o dedo ensanguentado, se foi. Apagada pela mão febril de Anisa ou talvez pelo ataque de Berras.

Que estranho, pensou ele. Sequer havia notado.

A cabine balançou mais uma vez antes que Alucard percebesse que não era o chão que se inclinava.

Era ele.

Não, pensou Alucard, pouco antes de uma voz penetrar na sua mente.

Deixe-me entrar, dizia ela, enquanto as suas mãos começavam a tremer. A taça escorregou e se espatifou no chão da cabine.

Deixe-me entrar.

Ele se apoiou na cornija da lareira, os olhos fechados se protegendo das vinhas assustadoras da maldição enquanto elas se entrelaçavam nele, por sangue e ossos.

Deixe-me entrar.

— Não! — rosnou ele em voz alta, fechando as portas da própria mente e forçando a escuridão a recuar. Até então, a voz havia sido um sussurro, suave, insistente, o pulso da magia como a batida persistente de um convidado à porta. Agora, forçava o caminho com todas as forças, esquadrinhando as fronteiras da mente de Alucard até que a cabine deu lugar à Mansão Emery. O seu pai estava diante dele, as mãos do homem cheias de fogo. O calor queimou a face de Alucard ao primeiro golpe.

— Uma vergonha! — rosnou Reson Emery, o calor tanto da sua fúria quanto da sua magia segurando Alucard de costas para a parede.

— Pai...

— Você jogou a si mesmo na lama. Jogou o seu nome. Jogou a sua família. — A mão dele segurou a pena de prata que pendia do pescoço de Alucard, uma chama lambia a sua pele. — Isso acaba agora — ressoou ele, arrancando o símbolo da Casa Emery do pescoço de Alucard. Ele se

derreteu nas mãos do pai, gotas de prata caíram no chão como se fossem sangue, mas, quando Alucard voltou a erguer o olhar, o homem diante dele era e não era o seu pai. A imagem de Reson Emery piscou e foi substituída por um homem feito de escuridão da cabeça aos pés, como se a escuridão fosse sólida, preta, e absorvesse a luz como pedra. Uma coroa cintilava na silhueta da sua cabeça.

— Posso ser misericordioso — disse o rei da escuridão —, se você implorar.

Alucard se empertigou.

— *Não*.

O cômodo sacudiu violentamente e ele tropeçou, caindo de joelhos numa cela de pedra gélida, imobilizado, enquanto os seus pulsos presos por algemas eram forçados para o bloco de ferro entalhado. Brasas estalaram quando o ferro de atíçar aumentou o fogo, e a fumaça queimou os pulmões de Alucard quando ele tentou respirar. Um homem puxou o atíçador dos carvões e a sua extremidade tinha um violento vermelho vivo, e mais uma vez Alucard enxergou as feições do rei.

— Implore — falou Osaron, levando o ferro de novo até as correntes.

Alucard cerrou os dentes e não implorou.

— Implore — disse Osaron, e as correntes ficaram quentes.

Conforme o calor descarnava a pele, a recusa de Alucard se tornou um grito único e prolongado.

Ele puxou o corpo para trás, subitamente livre, e se viu de novo de pé num corredor, sem rei, sem pai, apenas Anisa, descalça e de camisola, segurando um pulso queimado, os dedos do pai fechados como uma alga em volta da pele dela.

— Por que você me deixou nesse lugar? — perguntou ela.

E, antes que ele pudesse responder, Alucard foi arrastado de volta para a cela, e era o irmão Berras que agora segurava o ferro e sorria enquanto a pele do irmão queimava.

— Você nunca devia ter voltado.

Os pensamentos se revolviam, memórias abrindo caminho a fogo pela carne e pelos músculos, pela mente e pela alma.

— Pare — implorou ele.

— Deixe-me entrar — falou Osaron.

— Posso ser leal — disse a irmã.

- Posso ser misericordioso — falou o pai.
- Posso ser justo — acrescentou o irmão.
- Você só tem de *nos deixar entrar*.

VI

— Vossa Majestade?

A cidade estava sucumbindo.

— Vossa Majestade?

A escuridão se alastrava.

— Maxim.

O rei ergueu os olhos e viu Isra, evidentemente esperando uma resposta a uma pergunta que ele não ouviu. Maxim voltou a atenção para o mapa de Londres uma última vez, com as sombras que se alastravam, o rio preto. Como ele deveria lutar contra um deus, um fantasma ou o que quer que essa *coisa* fosse?

Maxim rosnou e se forçou a se afastar da mesa.

— Não posso ficar aqui, seguro dentro do meu palácio, enquanto o meu reino morre. — Isra bloqueou o caminho dele.

— Tampouco pode ir lá fora.

— Saia do caminho.

— O que o reino ganhará se o senhor morrer com ele? Desde quando a solidariedade representa algum tipo de vitória? — Poucas pessoas falariam com Maxim Maresh com tal sinceridade, mas Isra estava ao lado dele desde antes que ele se tornasse rei, lutou com ele na Costa de Sangue muitos anos atrás, quando Maxim era general e Isra a sua segunda em comando, a sua amiga, a sua sombra. — O senhor está pensando como um soldado e não como um rei.

Maxim deu as costas para ela, passando a mão pelos grosseiros cabelos pretos.

Não, ele estava pensando *demais* como um rei. Um rei que havia amolecido após tantos anos de paz. Um rei cujas batalhas agora eram

travadas em salões de festas e assentos em estádios, com palavras e vinho em vez de aço.

Como eles teriam lutado contra Osaron na batalha da Costa de Sangue?

Como eles teriam lutado contra ele se fosse um inimigo de carne e osso?

Com astúcia, pensou Maxim.

Mas essa era a diferença entre a magia e os homens — os últimos cometiam *erros*.

Maxim balançou a cabeça.

Esse monstro era magia com uma mente atrelada, e mentes poderiam ser enganadas, dobradas e até derrotadas. Mesmo os melhores lutadores tinham falhas nas suas posturas, fendas nas suas armaduras...

— Saia do caminho, Isra.

— Vossa Majestade...

— Não tenho a menor intenção de sair andando pela névoa — afirmou ele. — Você me conhece — acrescentou. — Se eu cair, cairei lutando.

Isra franziu o cenho, mas permitiu que ele passasse.

Maxim deixou a sala dos mapas, mas não virou para a galeria e, sim, para o outro lado, cruzando o palácio e subindo a escada para os aposentos reais. Ele atravessou o quarto sem parar para olhar para a cama acolhedora, para a grande escrivaninha de madeira encrustada de ouro, para a tigela de água limpa e os decantadores de vinho.

Ele esperava, de forma egoísta, encontrar Emira ali, mas o quarto estava vazio.

Maxim sabia que, se chamasse por ela, a rainha viria, iria ajudá-lo como pudesse para aliviar o fardo do que ele precisava fazer a seguir — quer fosse trabalhar a magia com ele ou simplesmente pressionar a mão fresca na sua testa, deslizando os dedos pelos cabelos dele como fazia quando eram jovens, cantarolando canções que funcionavam como feitiços.

Emira era o gelo para o fogo de Maxim, o banho frio no qual ele temperava o seu aço. Ela o deixava mais forte.

Mas ele não chamou por ela.

Em vez disso, andou sozinho até a parede mais afastada dos aposentos reais onde, parcialmente escondida por faixas de gaze e seda, havia uma porta.

Maxim levou a ponta dos dez dedos até a madeira oca e procurou pelo metal que havia ali dentro. Girou as duas mãos na porta e sentiu as engrenagens se movendo, o estalar dos pinos se soltando e outros entrando nos eixos. Não era uma trava simples, não havia combinação a ser testada, porém Maxim Maresh a havia construído e era o único a abri-la.

Certa vez, ele pegou Rhy tentando, quando o príncipe era apenas um menino.

O príncipe tinha uma queda por descobrir segredos, quer pertencessem a uma pessoa ou a um palácio, e no momento em que descobriu que a porta estava trancada ele deve ter ido encontrar Kell e arrastado o menino de olho preto — que ainda era novo nesse tipo de travessura inofensiva — até os aposentos reais. Maxim surpreendeu os dois, Rhy incitando Kell enquanto este erguia os dedos hesitantes para perto da madeira.

Maxim atravessou o quarto ao som do metal deslizando e alcançou a mão do garoto antes que pudesse abrir a porta. Não era uma questão de habilidade. Kell ficava mais poderoso a cada dia, a sua magia desabrochava como uma árvore na primavera. Porém, mesmo o jovem *Antari*, e talvez o jovem *Antari* acima de todos, precisava saber que o poder tinha limites.

Que regras devem ser obedecidas.

Rhy ficou amuado e explodiu, mas Kell nada disse enquanto Maxim os expulsava dali. Eles sempre foram assim, com temperamentos tão distintos. O de Rhy era quente e com pavio curto; o de Kell era frio e devagar para derreter. Estranhamente, pensou Maxim enquanto destrancava a porta, de muitas formas Kell e a rainha eram muito parecidos.

Nada havia de *proibido* a respeito da câmara atrás da porta. Era simplesmente particular. E, quando se é rei, privacidade é algo precioso, mais que qualquer joia.

Agora Maxim descia o pequeno lance de degraus de pedra até o seu escritório. O quarto era frio e seco, tracejado com metal. As prateleiras continham apenas alguns poucos livros, porém centenas de memórias, de objetos simbólicos. Não da sua vida no palácio. A rosa de ouro do casamento de Emira, a primeira coroa de Rhy, o retrato de Rhy e Kell no pátio das estações — tudo isso era mantido na câmara real. Estas eram relíquias de outros tempos, de outra vida.

Um estandarte queimado pela metade e um par de espadas, longas e finas como talos de trigo.

Um elmo reluzente, não de ouro, mas de metal polido, cravejado com fileiras de rubis.

Uma ponta de flecha de pedra que Isra removeu do seu flanco na última batalha da Costa de Sangue.

Havia armaduras de sentinela ao longo das paredes, máscaras sem rosto olhando para baixo, e, neste santuário, Maxim tirou a elegante capa cor de ouro e carmim, abriu as abotoaduras em forma de cálice que prendiam os punhos da camisa e pôs a coroa de lado. Peça por peça, ele se despiu da sua realeza e convocou o homem que fora antes.

An Tol Vares, era como o chamavam.

O Príncipe de Aço.

Fazia muito tempo que Maxim Maresh carregara aquele manto, mas havia tarefas para reis e tarefas para soldados, e neste momento o último arregaçou as mangas, pegou sua espada e começou a trabalhar.

VII

Quanta diferença de um dia para o outro, pensou Rhy, sozinho diante da janela enquanto o sol nascia. Um dia. Uma questão de horas. Um mundo de mudanças.

Dois dias antes, Kell havia desaparecido e Rhy entalhara oito letras no seu braço para trazê-lo de volta. *Desculpe*. Os cortes estavam frescos na sua pele, o mundo ainda queimava com movimento e, ainda assim, parecia que isso havia acontecido uma vida atrás.

Ontem, o seu irmão voltou para casa, foi preso e o príncipe teve de lutar para que ele fosse libertado, apenas para perdê-lo novamente, para perder a si mesmo, para perder tudo.

E acordar para testemunhar isso.

Nós ouvimos, nós ouvimos, nós ouvimos.

Na escuridão, era difícil enxergar a mudança, mas a luz fraca de inverno revelou uma cena aterrorizante.

Algumas horas antes, Londres transbordava com as comemorações do *Essen Tasch*, as flâmulas ondulantes para os magos finalistas que lutavam na arena central.

Agora, os três estádios flutuavam como cadáveres sombrios no rio escurecido, tendo como único som o canto regular dos sinos que vinha do Santuário. Corpos emergiam como maçãs na superfície do Atol e dezenas — centenas — mais se ajoelhavam ao longo da margem do rio, formando uma borda assustadora. Outros se moviam em bandos pelas ruas de Londres, procurando aqueles que ainda não haviam sucumbido, aqueles que não haviam se ajoelhado diante do rei das sombras. Quanta diferença de um dia para o outro.

Ele sentiu o irmão se aproximar.

Era estranha a forma como isso funcionava. Ele sempre foi capaz de sentir quando Kell estava por perto — uma intuição fraternal —, mas, nos últimos dias, ele sentia como se a presença do irmão funcionasse como uma amarra às avessas, ficando mais apertada ao invés de afrouxar quando eles se aproximavam.

Agora a tensão retumbava.

O eco no peito de Rhy ficou mais forte conforme Kell entrava no quarto. Ele parou na soleira da porta.

— Quer ficar sozinho?

— Nunca estou sozinho — disse o príncipe, distraidamente. E então, forçando-se a parecer mais alegre, completou: — Mas ainda *estou* vivo. — Kell engoliu em seco e Rhy podia ver o pedido de desculpas prestes a sair da garganta do irmão. — Não faça isso — falou Rhy, interrompendo-o. A atenção dele agora se voltava para o mundo do lado de fora do vidro. — O que acontece depois que os colocarmos para dormir?

— Forçamos Osaron a nos enfrentar. E o derrotamos.

— Como?

— Tenho um plano.

Rhy ergueu a ponta do dedo na direção do vidro. Do outro lado, a névoa assumiu a forma de mão, arrastou-se até a janela e então se afastou, desfazendo-se nas brumas.

— É assim que o mundo morre? — perguntou ele.

— Espero que não.

— Pessoalmente — respondeu Rhy com uma leveza súbita e vazia —, eu já cansei de morrer. Começou a perder o encanto.

Kell despiu o casaco e afundou numa cadeira.

— Você sabe o que aconteceu?

— Sei o que mamãe me contou, o que significa que sei o que você contou a ela.

— Quer saber a verdade?

Rhy hesitou.

— Se contá-la for ajudar a você.

Kell tentou sorrir, falhou e então meneou a cabeça.

— Do que você se lembra?

O olhar de Rhy dançou pela cidade.

— De nada — respondeu ele, mas na verdade se lembrava da dor, e da ausência da dor, da escuridão como água parada o envolvendo e de uma voz tentando trazê-lo de volta.

Você não pode morrer... vim de tão longe.

— Você viu Alucard?

Kell se encolheu.

— Presumo que ele esteja na galeria — respondeu como se não se importasse.

Rhy sentiu um aperto no peito.

— Você deve ter razão.

Mas Rhy sabia que ele não estava lá. Já o havia procurado no Grand Hall ao passar por lá atrás dele. O saguão de entrada, os salões de festa, a biblioteca. Rhy tinha vasculhado cada cômodo em busca daquele familiar brilho prata e azul, o cabelo tocado pelo sol e o lampejo de uma safira. Ele encontrou centenas de rostos, alguns conhecidos e outros estranhos, e nenhum deles pertencia a Alucard.

— Ele vai aparecer — acrescentou Kell, sem dar importância. — Ele sempre aparece.

Neste instante, um grito foi ouvido, não do lado de fora, mas de dentro do palácio. O barulho de portas sendo abertas com violência em algum lugar lá embaixo, um sotaque veskano em embate com um arnesiano.

— *Santo* — rosnou Kell, levantando-se. — Se a escuridão não os matar, o temperamento vai.

O irmão saiu do quarto sem olhar para trás, e Rhy ficou sozinho por um longo tempo, as sombras sussurrando no vidro, antes de pegar o casaco de Kell, encontrar a porta escondida mais próxima e sair por ela.

* * *

A cidade — a cidade *dele* — estava coberta de sombras.

Rhy se aninhou no casaco de Kell e envolveu o nariz e a boca com um lenço, como se faz antes de enfrentar um incêndio, como se um pedaço de tecido pudesse manter a magia afastada. Ele prendeu a respiração enquanto mergulhava no mar de névoa, mas, quando o seu corpo encontrou

as sombras, elas recuaram, concedendo a Rhy uma passagem de vários metros.

Ele olhou em volta e, por um instante, sentiu como se fosse um homem que esperava se afogar, apenas para descobrir que as águas eram rasas demais.

E então Rhy simplesmente parou de pensar e correu.

O caos desabrochava por todos os lados e o ar era um emaranhado sem sentido de sons, medo e fumaça. Homens e mulheres tentavam arrastar quem estava ao seu lado para o rio preto. Algumas pessoas tropeçavam e caíam, atacadas por inimigos invisíveis, enquanto outras se escondiam atrás de portas trancadas e tentavam conjurar feitiços de proteção para as paredes com água, terra, areia e sangue.

Ainda assim, Rhy se movia como um fantasma no meio deles. Invisível. Despercebido. Nenhum som de passos o seguia pelas ruas. Nenhuma mão tentava arrastá-lo para o rio. Nenhuma turba tentava contaminá-lo com sombras.

A névoa envenenada abria caminho para o príncipe e deslizava em torno dele como água ao redor de pedra.

Seria a vida de Kell que o protegia do mal? Ou a ausência de vida dele próprio? O fato de que nada mais havia restado nele para a escuridão reclamar?

— Entrem — gritou ele para os febris, mas eles não o ouviram. — Voltem — gritou para os que haviam sucumbido, mas eles não o escutaram.

A loucura se erguia ao redor dele, e Rhy se desligou da cidade caótica e voltou os olhos novamente para a busca pelo capitão do *Night Spire*.

Havia apenas dois lugares para onde Alucard Emery iria: a mansão da sua família ou o seu navio.

A lógica apontava para a mansão, mas algo na intuição de Rhy lhe dizia que fosse na direção oposta, para as docas.

Ele encontrou o capitão no chão da cabine.

Uma das cadeiras em frente à lareira havia caído, uma das mesas estava vazia e as canecas e taças que deviam estar sobre ela agora eram cacos brilhantes espalhados pelo tapete e pelo piso de madeira. Alucard — o sempre decidido, forte e belo Alucard — estava deitado encolhido, tremendo de febre. O cabelo de um castanho vivo grudado nas faces por

causa do suor. Ele agarrava a cabeça, a respiração saindo em arquejos irregulares enquanto falava com fantasmas.

— Pare... por favor... — A sua voz, aquela voz equilibrada e límpida, sempre cheia de risos, agora estava em frangalhos. — Não me faça...

Rhy se ajoelhou ao lado dele.

— Luc — chamou, tocando o ombro do homem.

Os olhos de Alucard se abriram de pronto, e Rhy recuou ao vê-los cheios de sombras. Não o preto retinto do olho de Kell, mas, em vez disso, os riscos ameaçadores da escuridão, que se retorciam e se enrolavam como serpentes na sua visão. As íris azuis de tempestade cintilavam e sumiam por trás da névoa.

— *Pare* — rosnou o capitão subitamente. Ele lutou para se levantar, os membros tremendo, apenas para desabar de novo no chão.

Rhy pairou sobre ele, inútil, sem saber se deveria mantê-lo no chão ou tentar ajudá-lo a se levantar. Os olhos de Alucard encontraram os dele, mas olharam através do príncipe. Ele estava em outro lugar.

— Por favor — implorou o capitão aos fantasmas. — Não me façam ir.

— Não farei — disse Rhy, perguntando-se quem Alucard via. O que ele via. Como libertá-lo. As veias do capitão se destacavam como cordas contra a pele dele.

— Ele nunca vai me perdoar.

— Quem? — perguntou Rhy, e Alucard franziu o cenho como se tentasse enxergar através da névoa e da febre.

— Rhy... — O veneno se agarrou com mais força, as sombras nos olhos dele eram rajadas de linhas luminosas como raios. O capitão sufocou um grito.

Rhy passou os dedos pelo cabelo de Alucard e pegou o rosto dele entre as mãos.

— Lute — ordenou. — O que quer que esteja se agarrando a você, *lute* contra isso.

Alucard se encurvou, tremendo.

— Não consigo...

— Concentre-se em mim.

— Rhy... — soluçou ele.

— Estou aqui. — Rhy Maresh se abaixou até o chão repleto de cacos de vidro, deitou ao lado dele e os seus rostos ficaram frente a frente. —

Estou aqui.

Ele então se lembrou. Como um sonho que se aproximava e se afastava da superfície, ele se lembrou das mãos de Alucard nos seus ombros, da sua voz atravessando a dor, buscando por ele, mesmo na escuridão.

Estou aqui agora, dissera ele. *Então você não pode morrer*.

— Estou aqui agora — repetiu Rhy, entrelaçando os dedos nos de Alucard. — E não vou deixá-lo, então não se atreva a me deixar.

Outro grito irrompeu da garganta de Alucard e a sua mão apertou mais forte enquanto as linhas pretas na sua pele começavam a brilhar. Primeiro vermelhas e depois brancas. Queimando. Ele estava queimando de dentro para fora. E isso doía. Doía assistir, doía se sentir tão inútil.

Mas Rhy manteve a palavra. Ele não o deixou.

VIII

Kell correu intempestivamente para o saguão oeste, seguindo o barulho de uma briga que estava começando.

Era apenas questão de tempo até o clima no palácio se alterar. Antes que os magos se recusassem a sentar, esperar e assistir à cidade sucumbir. Antes que alguém colocasse na cabeça que deveria agir.

Ele escancarou as portas e encontrou Hastra de pé diante da entrada oeste, a espada curta real apertada entre as mãos e parecendo um gato enfrentando uma fileira de lobos.

Brost, Losen e Sar.

Três dos magos do torneio, dois arnesianos e um veskano, antes competidores e agora aliados contra um inimigo comum. Kell esperava isso de Brost e de Sar, dois lutadores com temperamentos que faziam jus ao tamanho, mas o pupilo de Kisimyr, Losen, era como um salgueiro, conhecido tanto pela sua beleza quanto pelo talento incipiente. Anéis de ouro tilintavam no seu cabelo preto, e ele parecia deslocado entre os dois brutamontes. Mas havia manchas da cor de hematomas sob os olhos escuros e o seu rosto estava cinzento por causa da dor e da privação de sono.

— Saia do meu caminho — exigiu Brost.

Hastra não saiu do lugar, decidido.

— Não posso deixá-los passar.

— Por ordem de quem? — explodiu Losen com voz rouca.

— Da guarda real. Da patrulha da cidade. Do rei.

— O que está acontecendo? — perguntou Kell, andando até eles com passos largos.

— Fique fora disso, *Antari* — rosnou Sar sem sequer se virar para Kell. Ela era ainda mais alta que Brost: a sua silhueta veskana ocupava

todo o saguão e havia um par de machados presos às suas costas. Ela havia perdido para Lila na rodada de abertura e passara o restante do torneio se lamentando e bebendo. Mas agora os seus olhos pegavam fogo.

Kell parou atrás deles, confiando que o instinto dos lutadores os faria se virar. Deu certo, e, por entre os seus membros, ele viu Hastra desabar de encontro à porta.

Kell partiu para cima de Losen primeiro.

— Isso não vai trazer Kisimyr de volta.

O jovem mago corou de indignação. O suor pontilhava a sua testa e ele balançava um pouco quando falava.

— Você viu o que aquele monstro fez com ela? — falou ele, a voz se embaralhando. — Preciso...

— Não, não precisa — retrucou Kell.

— Kisimyr teria...

— Kisimyr tentou e falhou — disse Kell, sombrio.

— Você pode ficar aqui, se escondendo no seu palácio — rugiu Brost.

— Mas os nossos amigos estão lá fora! As nossas famílias!

— E a sua bravata não vai ajudá-los.

— Veskanos não ficam sentados inutilmente esperando pela morte — ressoou Sar.

— Não — retrucou Kell —, o seu orgulho os leva direto para ela.

Ela arreganhou os dentes.

— Não nos esconderemos como covardes nesse lugar.

— Esse lugar é a única coisa que os mantém seguros.

O ar começou a cintilar com o calor ao redor dos punhos cerrados de Brost.

— Não pode nos manter aqui.

— Acredite — falou Kell —, há dezenas de pessoas que eu preferia que estivessem aqui, mas vocês foram os únicos sortudos o bastante para estar no palácio quando a maldição nos atingiu.

— E agora as nossas cidades precisam de nós — rugiu Brost. — Somos a sua melhor proteção.

Kell fechou um dos punhos, furando a base da palma da mão com a ponta de metal que mantinha presa ao pulso. Ele sentiu a ferroada e o calor do sangue brotando na sua pele.

— Vocês são pôneis de exibição — disse ele. — Treinados para saltitar numa arena, e, se pensam que isso é o mesmo que combater magia, estão terrivelmente enganados.

— Como ousa... — começou Brost.

— O mestre Kell pode derrubar todos vocês com uma única gota de sangue — anunciou Hastra, atrás deles.

Kell encarou o jovem, estupefato.

— Ouvi dizer que o *Antari* real não tem dentes — interrompeu Sar.

— Não queremos machucá-lo, príncipezinho — escarneceu Brost.

— Mas vamos — murmurou Losen.

— Hastra — disse Kell, calmamente. — Saia.

O jovem hesitou, dividido entre abandonar Kell e desafiá-lo, mas, no fim, obedeceu. Os magos olharam de relance para ele enquanto Hastra passava e, neste instante, Kell se movimentou.

Um suspiro e já estava atrás deles, uma das mãos erguida para as portas que davam para fora do palácio.

— *As Staro* — falou ele. O lado interno da tranca das portas despencou com um barulho alto e metálico e novas barras de aço se espalharam de ponta a ponta sobre a madeira, selando as portas. — Agora — disse Kell, estendendo a mão ensanguentada, a palma voltada para cima, como se a oferecesse a eles —, voltem para a galeria.

Losen arregalou os olhos, mas o temperamento de Brost estava agitado demais e Sar estava louca por uma briga. Quando nenhum deles se mexeu, Kell suspirou e disse:

— Quero que lembrem que eu lhes dei uma chance.

* * *

Tudo acabou rápido.

Em alguns instantes, Brost se viu sentado no chão, com as mãos no rosto; Losen ficou jogado encostado na parede, apertando as costelas machucadas; e Sar ficou inconsciente, com as pontas das tranças loiras chamuscadas.

O saguão ficou um pouco danificado, mas Kell conseguiu manter a maior parte dos estragos restrita ao corpo dos três magos.

Atraídas pelo barulho, diversas pessoas abriram as portas do interior do palácio e encheram a entrada — alguns magos, outros nobres, todos se esforçando para ver o que acontecia no saguão. Três magos derrubados com Kell bem no meio deles. Era justamente o que ele precisava. Um escândalo. Os sussurros aumentaram, e Kell sentia o peso dos olhos e das palavras quando recaíam sobre ele.

— Vocês se rendem? — perguntou ele para os corpos jogados no chão, sem saber exatamente a quem perguntava.

Um grupo de feroenses pareceu se divertir bastante quando Brost se esforçou para ficar de pé, ainda apertando o nariz.

Dois veskanos foram ajudar Sar a se levantar, e, enquanto a maioria dos arnesianos se manteve afastada, Jinnar, o mago do vento de cabelos prateados, foi até Losen e ajudou o jovem de luto a ficar de pé.

— Venha — disse ele com a voz mais baixa e mais suave que Kell já ouviu. Lágrimas escorriam silenciosamente pelas faces de Losen, e Kell sabia que elas não vinham das costelas machucadas nem do seu orgulho ferido.

— Eu não fui ajudá-la no terraço — murmurou ele. — Não fui...

Kell se ajoelhou para limpar uma gota de sangue que tinha ficado no chão de mármore antes que manchasse e ouviu os passos pesados do rei antes de ver a multidão se abrir para dar passagem a ele, com Hastra no seu encalço.

— Mestre Kell — falou Maxim, passando os olhos por toda a cena. — Eu lhe agradeceria se não derrubasse o palácio. — Mas Kell conseguia sentir o tom de aprovação na voz do rei. Melhor demonstrar força que tolerar fraquezas.

— Peço desculpas, Vossa Majestade — disse Kell, fazendo uma reverência com a cabeça.

O rei girou nos calcanhares e tudo acabou. O motim foi subjugado. Um instante de caos e a ordem já restaurada.

Kell sabia tanto quanto Maxim o quanto isso era importante neste momento, com a cidade se agarrando a cada vestígio de poder, a cada sinal de força. Assim que os magos foram levados ou saíram dali e o saguão se esvaziou de espectadores, ele se jogou numa cadeira encostada na parede, a almofada ainda fumegando levemente por causa do incidente. Ele a

afofou, e então se virou para ver o seu antigo guarda ainda de pé ali, os olhos gentis arregalados sob o abrigo dos cabelos queimados de sol.

— Não precisa me agradecer — falou Kell, acenando com a mão.

— Não é isso, senhor — disse Hastra. — Quer dizer, eu sou grato, senhor, é claro. Mas...

Kell sentiu um nó na garganta.

— Qual o problema dessa vez?

— A rainha está chamando pelo príncipe.

— Pelo que sei — declarou Kell —, não sou eu.

Hastra olhou para o chão, para a parede, para o teto, antes de encontrar coragem para olhar de novo para Kell.

— Sei disso, senhor — disse ele, devagar. — Mas não consigo *encontrá-lo*.

Kell havia sentido que o golpe estava por vir, mas ainda assim foi atingido.

— Você vasculhou o palácio?

— De cima a baixo, senhor.

— Há mais alguém desaparecido?

Houve um instante de hesitação, e então:

— O capitão Emery.

Kell xingou baixinho.

Você viu Alucard?, perguntou Rhy, olhando fixamente para as janelas do palácio. Será que ele saberia se o príncipe tivesse sido infectado? Sentiria a magia sombria nadando no seu sangue?

— Faz quanto tempo? — perguntou Kell, já se dirigindo aos aposentos do príncipe.

— Não tenho certeza — respondeu Hastra. — Uma hora, talvez um pouco mais.

— *Santo*.

Kell invadiu o quarto de Rhy, pegando da mesa o broche de ouro do príncipe e enfiando no próprio polegar com mais força que o necessário. Ele esperava que, onde quer que Rhy estivesse, ele sentisse a perfuração do metal e que Kell estava a caminho.

— Devo contar ao rei? — perguntou Hastra.

— Você veio me procurar — respondeu Kell — porque tem mais bom senso que isso.

Ele se ajoelhou, desenhando um círculo de sangue no chão do quarto de Rhy, e pressionou a palma da mão, com o broche entre a carne e a madeira polida.

— Vigie a porta — ordenou ele, e então disse para a marca que fez e para a magia nela: — *As Tascen Rhy*.

O chão se abriu, o palácio desapareceu e houve um instante de escuridão antes de, muito rapidamente, dar lugar a um cômodo. O chão balançava gentilmente sob os seus pés, e Kell soube, antes mesmo de observar as paredes de madeira e as janelas em forma de escotilha, que estava num navio.

Kell encontrou os dois deitados no chão, as testas pressionadas uma na outra e as mãos entrelaçadas. Os olhos de Alucard estavam fechados, porém os de Rhy estavam abertos, o olhar fixo no rosto do capitão.

A raiva subiu pela garganta de Kell.

— Desculpe incomodar — explodiu ele —, mas dificilmente essa é uma hora para os amantes se...

Rhy calou Kell com um olhar. O âmbar dos seus olhos estava cercado de vermelho e então Kell notou o quão pálido e imóvel estava o capitão.

Por um segundo, ele pensou que Alucard Emery estivesse morto.

Então os olhos do capitão se abriram um pouco. Havia manchas roxas debaixo deles que lhe davam a aparência lúgubre de uma pessoa doente há muito tempo. E havia algo errado com a sua pele. Na luz fraca da cabine, ele distinguia uma cor prateada e não muito brilhante, mas com o cintilar embaçado de pele cicatrizada, em volta dos pulsos dele, da clavícula e do pescoço. Tracejava caminhos que desciam pelas suas faces como lágrimas e brilhava nas suas têmporas. Fios de luz traçavam caminhos onde o azul das suas veias deveria estar, ou estiveram.

Mas não havia feitiço nos olhos dele.

Alucard Emery sobreviveu à magia de Osaron.

Ele estava vivo, e, quando falou, ainda tinha aquele característico tom enfurecedor.

— Você podia ter batido na porta — disse ele, mas a sua voz era metálica, as palavras saíram baixinho, e Kell notou a escuridão nos olhos de Rhy. Não fruto de algum feitiço, mas apenas medo. O quão ruim a situação ficara? Quão perto ele estivera de sucumbir?

— Temos de ir — urgiu Kell. — Emery consegue ficar de pé ou... — A voz dele se perdeu quando a sua visão se adaptou à penumbra. Do outro lado da cabine, algo se moveu.

Uma silhueta, amontoada na cama do capitão, agora se levantava.

Era uma menina. O cabelo escuro caía em volta do seu rosto em ondas, amassadas no sono, mas foram os olhos dela que o paralisaram. Não estavam escurecidos pela maldição. Não havia nada neles. Estavam vazios.

— Anisa? — começou Alucard, esforçando-se para ficar de pé. A menção do nome reavivou uma lembrança em Kell. Algo sobre ler pergaminhos ao lado de Rhy, na biblioteca Maresh.

Anisa Emery, décima segunda na linha de sucessão ao trono, terceira filha de Reson e irmã mais nova de Alucard.

— Afaste-se — ordenou Kell, barrando o caminho do capitão sem tirar os olhos da menina.

Kell já deparou com a morte, já testemunhou o momento em que a pessoa deixa de existir e se torna apenas um corpo — a chama da vida extinta, deixando apenas a casca. Era tanto uma sensação quanto a visão do fato, o sentimento de perda.

Ao olhar para Anisa Emery, Kell teve a terrível sensação de que estava olhando para um cadáver.

Mas cadáveres não se levantam.

E ela o havia feito.

A menina jogou as pernas para fora da cama, e, quando os pés descalços encostaram no chão, as tábuas de madeira começaram a se petrificar, a cor escorrendo das tábuas enquanto murchavam, apodreciam. O coração dela brilhava no peito como carvão.

Quando ela tentou falar, não emitiu som nenhum, apenas o crepitar de brasas enquanto a coisa que estava dentro dela continuava a queimar.

Kell sabia que a menina não estava mais ali.

— Nis? — chamou novamente o irmão, aproximando-se dela. — Pode me ouvir?

Kell agarrou o braço do capitão e o puxou para trás no mesmo instante em que os dedos da menina roçaram as mangas de Alucard. O tecido ficou cinza onde ela encostou. Kell atirou Alucard nos braços de Rhy e se virou para Anisa, aproximando-se para detê-la com o seu comando, e, quando isso não funcionou — não era a vontade *dela* que ele combatia, não mais, e

sim a vontade de um monstro, um fantasma, um deus autoproclamado —, ele dobrou o navio em torno deles. A madeira se soltou das paredes da cabine para se interpor no caminho dela. Ela foi desaparecendo para eles, tábua por tábua, e então de repente Kell se deu conta de que estava duelando contra um segundo comando, o de Alucard.

— Pare! — gritou o capitão, lutando para se desvencilhar de Rhy. — Não podemos deixá-la, eu não posso deixá-la, não outra vez...

Kell se virou e deu um soco na barriga de Alucard Emery.

O capitão se encurvou, arquejando, e Kell se ajoelhou diante deles, desenhando rapidamente um segundo círculo no chão da cabine.

— Rhy, agora — disse Kell, e, assim que a mão do príncipe encontrou o ombro dele, ele proferiu as palavras. A menina incandescente se foi, a cabine se abriu, e eles estavam de volta ao quarto de Rhy, agachados no chão enfeitado do príncipe.

Hastra desfaleceu de alívio ao vê-los, mas Alucard já lutava para se levantar, e Rhy se esforçava para impedi-lo, murmurando “*Solase, solase, solase*” repetidas vezes.

Me desculpe, me desculpe, me desculpe.

Alucard agarrou Kell pela gola da camisa, os olhos arregalados e desesperados.

— Leve-me de volta.

Kell meneou a cabeça.

— Não há mais ninguém naquele navio.

— A minha irmã...

Ele segurou com firmeza os ombros de Alucard.

— Escute — disse ele. — Não há mais *ninguém*. As palavras devem por fim ter sido compreendidas, porque a luta cessou dentro de Alucard Emery. Ele se jogou no sofá mais próximo, tremendo.

— Kell — começou Rhy.

Ele se virou para o irmão.

— E você! Você é um tolo, sabia? Depois de tudo pelo que passamos, você simplesmente sai do palácio? Podia ter sido morto. Envenenado. É um milagre não ter sucumbido.

— Não — falou Rhy, devagar. — Não acho que seja.

Antes que Kell pudesse impedi-lo, o príncipe foi até a varanda e começou a destrancar as portas. Hastra correu até ele, mas já era tarde

demaís. Rhy abriu as portas e entrou na névoa; Kell o alcançou a tempo de ver as sombras se encontrarem com a pele do príncipe — e recuarem.

Rhy esticou a mão para a sombra mais próxima e ela se esquivou do seu toque.

Kell fez o mesmo. Mais uma vez, os tentáculos da magia de Osaron recuaram.

— A minha vida é a sua — falou Rhy devagar, pensativo. — E a sua é a minha. — Ele ergueu o olhar. — Faz sentido.

Ouviram-se o barulho de passos, e logo Alucard estava ao lado deles. Kell e Rhy se viraram para impedi-lo de passar pela porta, mas as sombras já estavam se afastando.

— Você deve ser imune — ponderou Rhy.

Alucard olhou para as próprias mãos, considerando as cicatrizes que tracejavam suas veias.

— E pensar que só precisei abrir mão da minha bela aparência.

Rhy conseguiu esboçar um sorriso.

— Eu até gosto do prateado.

Alucard arqueou uma sobrancelha.

— Gosta? Talvez eu comece uma moda.

Kell revirou os olhos.

— Se vocês dois já terminaram — interrompeu ele —, devíamos mostrar isso ao rei.

IX

Havia momentos em que Lila se perguntava como raios tinha vindo parar aqui.

Que passos, ou tropeços, dera. Um ano atrás, ela era uma ladra em outra Londres. Um mês atrás, ela era uma pirata, navegando o mar aberto. Uma semana atrás, ela era uma competidora do *Essen Tasch*. E agora ela era isso. *Antari*. Sozinha, e sem estar sozinha. Afastada, mas não à deriva. Havia vidas demais emaranhadas com a dela. Pessoas demais com quem se importar, e, mais uma vez, ela não sabia se devia ficar ou fugir. A resposta, no entanto, teria de esperar, porque esta cidade estava morrendo e ela queria salvá-la. E talvez isso fosse um sinal de que já havia escolhido. Por enquanto.

Lila examinou a cela do Santuário, que nada tinha além da cama estreita e de símbolos desenhados no chão. Lila já havia estado ali, com um príncipe moribundo jogado nos ombros. O Santuário já lhe parecera frio e vazio, mas agora estava ainda mais frio. O corredor lá fora, que era calmo, agora estava vazio como uma tumba, e a sua respiração era o único movimento no ar. Uma luz pálida queimava em archotes ao longo das paredes com uma firmeza que ela só pôde reconhecer como um feitiço. Uma corrente de ar passou, forte o suficiente para fazer o seu casaco se agitar, mas o vento mal conseguiu que as chamas oscilassem. Os sacerdotes saíram havia muito tempo, a maioria se refugiando enquanto sustentava os feitiços de proteção no palácio. O restante se espalhou pela cidade, perdido na névoa. Estranho, pensou ela, que eles não fossem imunes. Mas supôs que estar perto da magia nem sempre era positivo. Não quando a magia enganava tanto ao diabo quanto a um deus.

O silêncio do Santuário não parecia natural. Ela passou anos escapulindo por multidões, colhendo migalhas de privacidade em

aposentos apertados. Agora, ela se movia sozinha por um lugar construído para dezenas, centenas de pessoas, uma espécie de igreja que parecia inadequada sem os fiéis, sem o calor suave e constante da magia combinada deles.

Havia apenas quietude e a voz — ou vozes? — do lado de fora das paredes, que a instigava:

— *Saia, saia, ou me deixe entrar.*

Lila sentiu calafrios, enervada, e começou a cantar baixinho enquanto subia a escada.

— *Como se sabe que o Sarows está chegando...*

No andar mais alto ficava o salão principal, com o teto abobadado e as colunas de pedra, tudo entalhado na mesma rocha salpicada de manchas. Entre as colunas havia grandes bacias entalhadas em madeira branca e lisa, cada uma cheia de água, flores ou areia fina. Lila passou os dedos pela água quando passou, uma bênção instintiva, uma memória esquecida que vinha da infância, a um mundo dali.

Os seus passos ecoaram no espaço cavernoso e ela se retraiu, passando a andar como uma ladra, sem som mesmo no chão de pedra. Os pelos da sua nuca se eriçaram enquanto ela cruzava o salão e...

Um baque seco, como pedra atingindo madeira. Soou uma vez, e de novo, e de novo.

Alguém batia à porta do Santuário.

Lila ficou parada ali, sem saber o que fazer.

— *Alos mas en* — gritou uma voz. *Me deixe entrar.* Por causa das portas de madeira pesada, ela não conseguia discernir se pertencia a um homem ou a uma mulher, mas de qualquer forma eles estavam fazendo barulho demais. Ela viu o tumulto nas ruas, as turbas de homens e mulheres com olhos possuídos pelas sombras, atacando aqueles que ainda não haviam sucumbido, aqueles que tentavam lutar. Atraídos pela luta como gatos atrás de ratos. E a última coisa de que ela precisava era que entrassem *ali*.

— Droga — rosnou Lila, correndo irritada até as portas.

Estavam trancadas, e ela precisou usar todo o seu peso no ferro da tranca para fazê-lo se mexer, a faca entre os dentes. Quando o trinco por fim se soltou e as portas do Santuário se abriram, um homem entrou aos tropeços, caindo de joelhos no chão de pedra.

— *Rensa tav, rensa tav* — gaguejou ele, sem fôlego, enquanto Lila forçava as portas a se fecharem novamente e cuspiu a lâmina na palma da mão.

Ela se virou, pronta para lutar, mas ele ainda estava de joelhos, a cabeça abaixada, desculpando-se para o chão.

— Eu não devia ter vindo — falou ele.

— Provavelmente não — disse Lila —, mas agora você está aqui.

Ao ouvir o som da sua voz, a cabeça do invasor subitamente se ergueu e o capuz escorregou para trás, revelando um rosto magro e olhos arregalados, livres de feitiço.

A faca de Lila caiu ao lado dela.

— *Lenos?*

O segundo imediato do *Spire* a encarou.

— Bard?

Lila esperou que Lenos tropeçasse e fugisse de medo. Ele sempre a tratou como uma chama descontrolada, algo que podia queimá-lo a qualquer momento se ele chegasse perto demais. Mas o rosto dele era apenas uma máscara de choque. Choque e gratidão. Ele deixou escapar um soluço de alívio, e sequer recuou quando ela o colocou de pé, apesar de olhar pasmo para o lugar onde as mãos deles se encontraram ao mesmo tempo que disse:

— *Tas ira...*

Seu olho.

— Foi uma longa noite... — Lila olhou de relance para a luz que entrava pelas janelas. — Um longo dia. Como sabia que eu estava aqui?

— Não sabia — respondeu ele, a cabeça se mexendo de um lado para o outro com o nervosismo característico dele. — Mas, quando os sinos soaram, pensei que talvez um dos sacerdotes...

— Lamento desapontá-lo.

— O capitão está a salvo?

Lila hesitou. Ela não tinha visto Alucard, não desde que marcara a sua testa, mas, antes que pudesse lhe contar isso, outras batidas soaram na porta. Lila e Lenos se viraram.

— Deixe-me entrar — falou uma nova voz.

— Você estava sozinho? — sussurrou ela.

Lenos assentiu com a cabeça.

— Deixe-me entrar — continuou a voz, estranhamente equilibrada.

Lila e Lenos deram um passo para longe das portas. Elas eram sólidas, as trancas eram fortes, e o Santuário supostamente era resguardado contra magia das trevas, mas ela não sabia por quanto tempo essas coisas iriam aguentar na ausência dos sacerdotes.

— Vamos embora — disse ela. Lila tinha memória de ladra, e o mapa de Tieren se abriu na sua mente com todos os detalhes, revelando corredores, celas, o escritório. Lenos a seguiu de perto, os lábios se movendo silenciosamente em algum tipo de oração.

Ele sempre foi a pessoa religiosa a bordo do navio, rezando ao primeiro sinal de mau tempo, no início e no fim de cada viagem. Ela não fazia ideia de *para que* ou *para quem* ele rezava. O restante da tripulação não se incomodava, mas ninguém parecia acreditar muito naquilo. Lila presumiu que a magia representava para as pessoas daqui o que Deus representava para os cristãos, e ela nunca acreditou em Deus. Porém, mesmo que acreditasse, achava muito tolo acreditar que ele teria tempo de dar uma força a todos os navios no mar. E, ainda assim...

— Lenos — falou ela, devagar —, como é que você está bem?

Ele olhou para si mesmo, como se não tivesse muita certeza. Então puxou um talismã de dentro da camisa. Lila ficou tensa ao vê-lo. O símbolo na frente estava muito desgastado, mas tinha as mesmas extremidades curvas do símbolo na pedra preta, e olhar para ele causou em Lila a mesma sensação de calor e frio. No centro do talismã, preso numa conta de vidro, havia uma única gota de sangue.

— A minha avó — explicou ele — Helina. Ela era...

— *Antari* — interrompeu Lila.

Ele confirmou.

— Magia não é hereditária — disse ele —, de modo que o poder dela nunca me causou nenhum bem. — Ele olhou para o colar. — Até agora. — As batidas na porta persistiam, ficando mais fracas conforme eles andavam. — O pingente devia ter ficado com o meu irmão mais velho, Tanik, mas ele não quis. Disse que não passava de uma bugiganga inútil. Então eu fiquei com ele.

— Talvez os deuses da magia o favoreçam, afinal de contas — falou ela, averiguando os corredores dos dois lados.

— Talvez — ponderou Lenos, um pouco para si mesmo.

Lila pegou a segunda saída à esquerda e chegou às portas da biblioteca. Estavam fechadas.

— Bem — disse ela —, ou você é sortudo ou abençoado. Escolha um dos dois.

Lenos abriu um sorriso nervoso.

— Qual *você* escolheria?

Encostando a orelha na madeira, ela tentou escutar sinais de vida. Nada.

— Eu? — retrucou ela, empurrando as portas. — Eu escolheria ser inteligente.

As portas se abriram para exibir fileiras de mesas, livros ainda abertos sobre elas e páginas farfalhando levemente no cômodo cheio de correntes de ar.

No fundo da biblioteca, atrás da última fila de prateleiras, ela encontrou o escritório de Tieren. Havia uma pilha descomunal de pergaminhos em cima da escrivaninha. Potes de tinta e livros enchiam as paredes. Um gabinete estava aberto, deixando à mostra prateleiras e mais prateleiras de jarros de vidro.

— Tome conta da porta — pediu ela, os dedos passando por tinturas e ervas conforme ela semicerrava os olhos para ler os nomes escritos em arnesiano numa caligrafia que não conseguia decifrar. Ela cheirou um jarro que parecia conter óleo antes de virar a boca da garrafa contra a popa do polegar.

— *Tigre, tigre* — entoou para si mesma, reavivando o poder nas veias, liberando-o como desembainharia uma faca. Ela estalou os dedos e uma pequena chama surgiu na sua mão. Sob a luz bruxuleante, Lila examinou a lista de suprimentos e começou a trabalhar.

* * *

— Acho que isso é tudo — disse ela, pendurando a bolsa de lona no ombro. Pergaminhos pareciam prestes a cair e frascos se chocavam levemente lá dentro, garrafas de sangue e de tinta, ervas, areia e outras coisas cujo nome não fazia sentido. Além da lista de Tieren, ela afanou um frasco de algo chamado “durma bem” e uma pequena ampola com a

inscrição “chá da vidente”. Porém, deixou o restante, sentindo-se bastante impressionada com o autocontrole.

Lenos estava à porta, uma das mãos na madeira, e ela não sabia se estava se apoiando ou só ouvindo como marinheiros às vezes fazem com tempestades que se aproximam: não pelo som, mas pelo toque.

— Alguém ainda está batendo à porta — disse ele, baixinho. — E acho que agora há mais pessoas.

O que significava que eles não conseguiriam sair, não pelo caminho por onde entraram, não sem encontrar problemas. Lila colocou o pé no corredor e olhou ao redor, para a ramificação de caminhos, puxando pela memória o mapa e desejando ter tido tempo para estudar mais do que o caminho que pretendia percorrer. Ela estalou os dedos. Uma chama nasceu na palma da sua mão e ela prendeu a respiração até que o fogo se firmasse e então passasse a dançar sutilmente. Lila começou a andar, com Lenos nos seus calcanhares enquanto ela seguia o mapa.

Atrás deles soou o breve som de algo rolando de uma prateleira alta.

Lila se virou, o fogo queimando na sua mão, a tempo de ver uma esfera de pedra se espatifar no chão.

Ela se preparou para um ataque que nunca aconteceu. Em vez disso, a luz mostrou apenas um par de familiares olhos cor de ametista.

— Esa?

A gata de Alucard pulou para a frente, os pelos eriçados, mas, no instante em que Lila foi pegá-la, a criatura se esquivou, obviamente assustada, e saiu em disparada para a porta aberta mais próxima. Lila xingou em voz baixa. Ela pensou em deixá-la ali. Odiava a gata e tinha certeza de que o sentimento era mútuo, mas talvez ela conhecesse outra saída.

Lila e Lenos seguiram a gata através de uma porta e depois por uma segunda, os cômodos ficando congelantes de tão frios. Depois da terceira porta aberta, eles encontraram uma espécie de claustro ao ar livre. Uma dúzia de arcos abobadados levava a um jardim, não bem-cuidado como o restante do Santuário, e sim indomado: um emaranhado de árvores, algumas mortas pelo inverno e outras verdes e vivas como no verão. Isso lhe lembrou o pátio do palácio em que encontrou Rhy no dia anterior, porém sem um pinga de ordem. As flores floresciam e as videiras serpenteavam pelo caminho, e, além do jardim...

Além do jardim, não havia *nada*.

Nenhum arco. Nenhuma porta. Os claustros estavam voltados para o rio, e, em algum lugar depois da folhagem indomada, o jardim simplesmente terminava, transformando-se em escuridão.

— Esa? — gritou Lila, mas a gata havia sumido entre as cercas vivas e não conseguiam mais vê-la. Lila estremeceu e xingou o frio repentino e cortante. Ela já se virava para as portas, mas pôde ver o questionamento nos olhos de Lenos. A tripulação inteira sabia o quanto aquela gata idiota significava para Alucard. Certa vez, ele contou a Lila, brincando, que ela era um talismã onde ele guardava o próprio coração, mas também confessou que Esa foi presente da sua amada irmã mais nova. Talvez, de certa forma, as duas coisas fossem verdade.

Lila xingou e jogou a bolsa nos braços de Lenos.

— Fique aqui.

Ela ergueu a gola do casaco para se proteger do frio e correu até o jardim, pisando nas vinhas selvagens e se abaixando para desviar dos galhos baixos. Aquele lugar provavelmente era uma espécie de metáfora para o caos do mundo natural. Ela quase conseguia ouvir o sermão de Tieren para que pisasse com cuidado quando pegou a faca mais afiada que tinha e cortou uma vinha desagradável.

— Aqui, Esa — chamou Lila.

Ela estava no meio do jardim quando se deu conta de que não conseguia mais enxergar o caminho à frente. Ou atrás dela. Era como se tivesse saído completamente de Londres e entrado num mundo feito de nada além de névoa.

— Volte aqui, gatinha — murmurou ela, alcançando o limite do jardim —, ou eu juro por Deus que vou jogar você no...

Lila parou de falar. O jardim acabou abruptamente na frente dela, as raízes se arrastando até uma plataforma de pedra pálida. E, no fim da plataforma, exatamente como ela imaginava, não havia muro nem barreira. Apenas uma queda abrupta para o preto lustroso do Atol lá embaixo.

— Você não ouviu?

Lila se virou para a voz e encontrou uma garota cuja altura mal passava da sua cintura, de pé entre ela e o fim do jardim. Uma noviça trajando as vestes brancas do Santuário, o cabelo escuro completamente

preso numa trança. Os olhos dela rodopiavam com a magia de Osaron, e os dedos de Lila apertaram a lâmina com mais força. Ela não queria matar a garota. Não se ainda houvesse alguma parte dela ali dentro, tentando sair. Não queria, mas a mataria.

A pequena noviça ergueu a cabeça, encarando o céu pálido. A pele em volta das unhas dela estava machucada e havia marcas escuras de feridas nas bochechas.

— O rei está chamando.

— É mesmo? — perguntou Lila, dando um passo para o jardim.

A névoa ficava mais espessa ao redor delas, engolindo as fronteiras do mundo. E então, do nada, começou a nevar. Um floco caiu, pousando no seu rosto, e...

Lila se encolheu quando uma pequena lâmina de gelo rasgou a sua pele.

— Que merda é...

A noviça deu uma risadinha enquanto Lila limpava o rosto com a parte de trás da manga da camisa e, ao seu redor, os flocos de neve se transformavam em pontas de facas e continuavam caindo. O fogo apareceu nas mãos de Lila antes que ela pensasse em chamá-lo, e ela baixou a cabeça quando o calor a envolveu como um escudo, derretendo o gelo antes que ele a atingisse.

— Belo truque — murmurou ela, erguendo o olhar.

Mas a noviça se foi.

Um instante depois, uma mãozinha gélida se fechou no pulso de Lila.

— Peguei você! — falou a garota, a voz ainda cheia de risos enquanto a sombra vertia dos dedos dela apenas para recuar diante da pele de Lila.

O semblante da garota se fechou.

— Você é um *deles* — disse ela, enojada. Mas, em vez de soltá-la, a mão dela segurou Lila com mais força. A garota era forte, uma força sobre-humana. Veias pretas percorriam a sua pele como cordas e ela arrastou Lila para fora do jardim, até o lugar em que o Santuário terminava e o mármore caía. Lá embaixo, o rio se estendia numa superfície preta e totalmente parada.

— Solte — advertiu Lila.

A noviça não soltou.

— Ele não está feliz com você, Delilah Bard.

— Solte, *agora*.

As botas de Lila derraparam na superfície de pedra escorregadia. Quatro passos para o fim da plataforma. Três.

— Ele ouviu o que você disse sobre libertar Kell. E, se você não deixá-lo entrar — ela deu outra risadinha —, ele vai afogá-la no mar.

— Ora, se você não é assustadora — rosnou Lila, tentando se desvencilhar uma última vez. Quando isso não funcionou, ela sacou uma faca.

Estava quase fora da bainha quando outra mão, desta vez enorme, pegou o seu pulso e o torceu com brutalidade até ela soltar a arma. Quando Lila se virou, agora presa entre as duas, encontrou um guarda real, maior que Barron, de barba escura e com os vestígios arruinados da marca *dela* na testa.

— Você já conheceu o rei das sombras? — vociferou ele.

— Ah, caramba! — disse Lila quando uma terceira figura saiu do jardim. Uma velha senhora, descalça e vestindo apenas uma camisola cintilante.

— Por que não o deixa entrar?

Lila perdeu a paciência. Ela ergueu as mãos e *empurrou* como fez na arena há pouco dias. Fisicamente. Comando contra comando. Mas, seja lá do que aquelas pessoas eram feitas, isso não funcionou. Elas simplesmente se desviavam do ataque. Ele passava direto por elas como o vento pelo trigo, e elas a arrastaram mais uma vez para o precipício.

Dois passos.

— Eu não quero machucar vocês — mentiu ela. Naquele momento, ela queria muito machucá-los, mas isso não deteria o monstro que comandava as marionetes. Ela se atrapalhou para pensar em algo.

Um passo e o tempo dela acabou. A bota de Lila acertou o peito da garotinha e fez a noviça tropeçar e cair. Então ela flexionou os dedos, puxou uma segunda faca e a enterrou no joelho do guarda, por entre as articulações da armadura dele. Lila esperava que o homem caísse, gritasse ou ao menos a *soltasse*. Ele não fez nada disso.

— Ah, qual é? — rosnou ela enquanto ele a empurrava pelo meio passo que faltava para a beirada, a noviça e a mulher impedindo a sua fuga.

— O rei quer que você pague — disse o guarda.

— O rei quer que você implore — falou a garota.

— O rei quer que você se ajoelhe — avisou a velha.

Todas as vozes tinham o mesmo horrível tom cadenciado, e a beira do precipício estava bem perto dos seus calcanhares.

— Implore pela sua cidade.

— Implore pelo seu mundo.

— Implore pela sua vida.

— Eu não *imploro* — rugiu Lila, chutando com força a lâmina enterrada no joelho do guarda. Por fim, a perna dele cedeu, mas, quando ele se ajoelhou, levou-a junto. Por sorte ele caiu *longe* da beirada, e ela rolou, libertando-se do guarda, e ficou mais uma vez de pé. No entanto, os braços magros da mulher já se fechavam no seu pescoço. Lila a afastou, jogando-a em cima da noviça que se aproximava, e se afastou vários passos do precipício.

Agora, pelo menos, era o jardim que estava atrás dela e não o penhasco.

Mas os três atacantes estavam de pé outra vez, os olhos cheios de sombras e os lábios repletos das palavras de Osaron. E, se Lila fugisse, eles simplesmente a seguiriam.

O sangue dela cantava com a adrenalina da luta, e os seus dedos comicharam para conjurar fogo, mas fogo só funcionava com quem se incomodasse com as queimaduras. Um corpo sem medo nunca hesitaria diante das chamas. Não, Lila precisava de algo mais substancial. De peso.

Ela baixou os olhos para a grande plataforma de pedra.

Podia dar certo.

— Ele quer que eu me ajoelhe? — perguntou ela, deixando as pernas se dobrarem, a pedra fria atingindo os joelhos.

Os caídos a encaravam com um olhar sombrio enquanto ela pressionava a palma das mãos no chão de mármore e vasculhava a memória por um fragmento de Blake — alguma coisa, qualquer coisa em que concentrar a mente. Mas então, de repente, Lila se deu conta de que não *precisava* de palavras. Ela buscou a pulsação na rocha e encontrou um ritmo fixo, como uma corda sendo dedilhada.

Os caídos voltaram a avançar na direção dela, mas já era tarde demais.

Lila se agarrou às cordas e puxou.

O chão estremeceu sob ela. A garota, o guarda e a velha olharam para baixo enquanto fissuras se formavam como raízes profundas no chão de pedra. Uma enorme rachadura se abriu de ponta a ponta, separando a plataforma do jardim, as almas caídas de Delilah Bard. E então ela se quebrou, e os três despencaram para o rio lá embaixo com um estrondo, uma onda e depois mais nada.

Lila ficou de pé, ofegante, um sorriso desafiador se abrindo nos lábios ao mesmo tempo que os últimos pedaços de pedra se soltavam e caíam, fazendo barulho ao desaparecerem de vista. Não foi a mais elegante das soluções, ela sabia, mas foi eficiente.

No jardim, alguém chamava o nome dela.

Lenos.

Ela se virou na direção dele no mesmo instante em que um tentáculo de escuridão se enrolou na sua perna e *puxou*.

Lila atingiu o chão com força.

E continuou caindo.

Escorregando.

A sombra se enrolava no seu tornozelo como uma vinha teimosa. Não, como uma *mão*, arrastando-a para o precipício. Ela derrapou no chão destruído, tateando em busca de algo, de qualquer coisa em que pudesse se agarrar enquanto a beirada se aproximava cada vez mais. E então ela perdeu o chão e começou a cair, nada mais havia além do rio preto lá embaixo.

Os dedos de Lila se agarraram à beirada. Ela segurou com toda a sua força.

A escuridão também segurou firme, puxando-a para baixo enquanto as bordas quebradas da plataforma se enterravam nas suas mãos e o sangue brotava. E foi apenas então, quando as primeiras gotas caíram, que a escuridão recuou e a soltou.

Lila ficou ali pendurada, arquejando, forçando as mãos feridas a aguentar o seu peso enquanto ela se erguia, enganchava uma das botas na borda quebrada e se içava.

Ela rolou e ficou de barriga para cima, as mãos latejando, arfando por ar.

Ainda estava deitada quando Lenos, por fim, apareceu.

Ele olhou em volta, para a plataforma quebrada, para as marcas de sangue. Arregalou os olhos imensamente.

— O que foi que *aconteceu*?

Lila se esforçou para conseguir se sentar.

— Nada — murmurou ela, pondo-se de pé. Sangue ainda escorria em gotas grossas pelos seus dedos.

— Isso é nada?

Lila alongou o pescoço.

— Nada que eu não pudesse resolver — acrescentou ela.

E foi então que ela notou a massa branca e fofa nos braços dele. Esa.

— Ela veio quando chamei — disse ele, envergonhado. — E acho que encontramos uma saída.





CINCO

CINZAS E REPARAÇÕES



I

— Fascinante — disse Tieren, revirando as mãos de Alucard e passando um dos dedos ossudos pelo ar acima dos pulsos cheios de cicatrizes prateadas. — Você sente dor?

— Não — respondeu Alucard com tranquilidade. — Não mais.

Rhy observou empoleirado nas costas do sofá, os dedos entrelaçados para impedi-los de tremer.

O rei e Kell estudavam Tieren enquanto o sacerdote estudava o capitão, pontuando o silêncio pesado com perguntas que Alucard tentava responder, mesmo que ainda estivesse visivelmente sofrendo.

Ele não revelava como havia sido, apenas que entrara em delírio e que, naquele estado febril, o rei das sombras tentara entrar na sua mente. E Rhy não o traiu contando mais detalhes. As mãos dele estavam dormentes de apertar as de Alucard, o corpo dolorido do tempo que passou deitado no chão do *Spire*, mas, se Kell sentiu aquela dor, nada disse. E por isso, dentre tantas outras coisas, Rhy lhe era grato.

— Então, Osaron *precisa* de permissão — concluiu Tieren.

Alucard engoliu em seco.

— Imagino que a maioria a conceda sem perceber. A doença ataca rápido. Quando eu percebi o que estava acontecendo, ele já estava dentro da minha mente. E no instante em que tentei resistir... — Alucard desviou do assunto e encontrou o olhar de Rhy. — Ele retorce a sua mente, as suas memórias.

— Mas agora — interrompeu Maxim — a magia dele não pode tocar você?

— Parece que não.

— Quem o encontrou? — exigiu saber o rei.

Kell olhou para Hastra, que se adiantou.

— Fui eu, Vossa Majestade — mentiu o antigo guarda. — Eu o vi partir e...

Rhy o interrompeu.

— Não foi Hastra quem encontrou o capitão Emery. Fui *eu*.

O seu irmão suspirou, exasperado.

A mãe dele ficou imóvel.

— Onde? — perguntou Maxim num tom de voz que sempre fez Rhy se encolher. Desta vez, ele se manteve firme.

— No navio dele. Quando cheguei lá, Alucard já estava doente. Fiquei com ele para ver se sobreviveria, e ele conseguiu...

O seu pai ficou vermelho e a sua mãe, lívida.

— Você saiu sozinho — indagou ela — pela névoa?

— As sombras não me tocaram.

— Você se colocou em risco — ralhou o pai.

— Eu não estou em perigo.

— Você podia ter sucumbido.

— Vocês não entendem! — explodiu Rhy. — Qualquer parte de mim que Osaron pudesse levar já se foi.

O cômodo ficou em silêncio. Ele não conseguia olhar para Kell. Sentia a pulsação do irmão acelerando, sentia o peso do seu olhar.

E então a porta foi escancarada e Lila Bard entrou intempestivamente, seguida por um homem magro e nervoso que segurava, dentre todas as coisas, um *gato*. Ela viu, ou sentiu, a tensão zumbindo pela sala e se deteve.

— O que foi que eu perdi?

As mãos dela estavam enfaixadas, havia um arranhão profundo ao longo do seu queixo e Rhy observou o irmão se mover na direção dela tão naturalmente como se o mundo tivesse simplesmente virado de cabeça para baixo. Para Kell, aparentemente, havia.

— *Casero* — falou o homem atrás dela, os olhos abatidos se iluminaram ao ver Alucard. Ele nitidamente tinha vindo de fora do palácio, mas não exibia sinais de nenhum mal.

— Lenos — disse o capitão quando a gata pulou e foi se aninhar na sua bota. — Onde...?

— É uma longa história — interrompeu Lila, jogando a bolsa para Tieren e só então percebendo as cicatrizes prateadas no rosto de Alucard.

— O que aconteceu com *você*?

— É uma longa história — ecoou ele.

Lila foi até o aparador para se servir de uma bebida.

— A essa altura, não são todas?

Ela disse isso em tom leviano, mas Rhy notou que os seus dedos tremiam quando Lila levou a bebida cor de âmbar até os lábios.

O rei estava olhando para o marinheiro magro e desmazelado.

— Como você entrou no palácio? — questionou ele.

O homem olhou nervoso do rei para a rainha e depois para Kell.

— Ele é o meu segundo imediato, Vossa Majestade — respondeu Alucard.

— Isso não responde a minha pergunta.

— Nós nos encontramos... — começou Lila.

— Ele pode contar sozinho — explodiu o rei.

— Talvez se o senhor se desse ao trabalho de interrogar as pessoas na sua própria língua — retrucou Lila. O cômodo ficou em silêncio. Kell arqueou uma sobrancelha. Rhy, sem querer, quase começou a rir.

Um guarda apareceu na soleira da porta e pigarreou.

— Vossa Majestade — começou ele —, o prisioneiro deseja falar.

Lila ficou tensa com a menção a Holland. Alucard afundou pesadamente na cadeira.

— Finalmente! — exclamou Maxim, dirigindo-se à porta. O guarda, porém, baixou a cabeça, constrangido.

— Não com o senhor, Vossa Majestade. — Ele meneou a cabeça para Kell. — Com ele.

Kell olhou para Maxim, que concordou com um movimento bruto da cabeça.

— Traga-me respostas — advertiu ele — ou encontrarei outra forma de consegui-las.

Uma sombra passou pelo rosto de Kell, mas ele se limitou a fazer uma reverência e sair.

Rhy viu o irmão sair e então se virou para o pai.

— Se Alucard sobreviveu, devem haver outros. Deixe-me...

— Você sabia? — perguntou Maxim.

— O quê?

— Quando deixou a segurança desse palácio, você *sabia* que era imune à magia de Osaron?

— Eu suspeitava — respondeu Rhy —, mas teria ido de qualquer forma.

A rainha segurou o braço dele.

— Depois de tudo...

— Sim, depois de tudo — falou Rhy, desvencilhando-se dela. — *Por causa* de tudo. — Ele se virou para os pais. — Vocês me ensinaram que um governante sofre com o seu povo. Vocês me ensinaram que ele é a sua força, a pedra fundamental. Não entendem? Eu nunca terei magia, mas finalmente tenho um *propósito*.

— Rhy — começou a falar o pai.

— Não — interrompeu ele. — Não deixarei que pensem que os Maresh os abandonaram. Não me esconderei num palácio protegido quando posso andar sem medo por aquelas ruas. Quando posso lembrar ao nosso povo que ele não está sozinho, que estou lutando com ele, *por* ele. Quando posso ser derrubado e me levantar, e ao fazer isso lhe mostrar a imortalidade da esperança. É o que posso fazer pela minha cidade, e o farei com prazer. Vocês não precisam mais me proteger da escuridão. Ela não pode mais me machucar. Nada pode.

Rhy de repente se sentiu exausto, vazio, mas neste vazio havia uma espécie de paz. Não, não exatamente paz. Clareza. Determinação.

Ele olhou para a mãe, que apertava as mãos.

— Você prefere que eu seja o seu filho ou o príncipe de Arnes?

Os nós dos dedos dela estavam brancos.

— Você sempre será ambos.

— Então não terei êxito em nenhuma das duas funções.

Ele encontrou o olhar do pai, mas foi o sacerdote quem falou.

— O príncipe está certo — disse Tieren com a sua sutileza e o seu equilíbrio habituais. — A guarda real e a patrulha da cidade perderam metade dos seus membros e os sacerdotes estão chegando ao seu limite para tentar manter os feitiços de proteção do palácio de pé. Cada homem e mulher imunes à magia de Osaron são aliados de quem não podemos prescindir. Precisamos de cada vida que pudermos salvar.

— Então está decidido — falou Rhy. — Vou sair e...

— Não sozinho — interrompeu o pai e, mais uma vez, antes que Rhy pudesse protestar, completou: — *Ninguém* sai sozinho.

Alucard, sentado, ergueu o olhar, pálido e exausto. As mãos apertaram a cadeira com força e ele tentou ficar de pé quando Lila tomou a frente, terminando a bebida.

— Lenos, ponha o capitão na cama — ordenou ela, voltando-se depois para o rei. — Eu vou com Sua Alteza.

Maxim franziu o cenho.

— Por que eu deveria confiar a segurança do meu filho a *você*?

Ela inclinou a cabeça quando começou a falar, de forma que o cabelo escuro emoldurasse o olho estilhaçado. Naquele único gesto de desafio, Rhy pôde ver por que Kell gostava tanto dela.

— Por quê? — repetiu ela. — Porque as sombras não podem me tocar e os que sucumbiram não o farão. Porque sou boa com magia e melhor ainda com uma faca, e tenho mais poder no meu sangue do que você possui em todo esse maldito palácio. Porque não tenho escrúpulos com relação a matar e, acima de tudo, tenho uma aptidão para manter os seus filhos, os *dois* filhos, vivos.

Se Kell estivesse ali, teria ficado lívido.

Como era de esperar, o rei ficou quase roxo.

Alucard deixou escapar um som leve e exausto que poderia ter sido um riso.

A rainha olhou incrédula para aquela garota estranha.

E Rhy, apesar de tudo, sorriu.

* * *

O príncipe possuía apenas uma armadura.

E ela nunca esteve numa batalha, nunca viu nada além dos olhos de um escultor quando foi escalada para ser modelo de uma pequena escultura de pedra que ficava no quarto dos seus pais; um presente de Maxim para Emira no seu décimo aniversário de casamento. Rhy a vestiu apenas aquela vez e planejava vesti-la de novo na noite do seu vigésimo aniversário, porém nada naquela noite ocorreu conforme o planejado.

A armadura era leve, leve demais para uma batalha de verdade, mas era perfeita para posar: de um ouro suave e trabalhado, com acabamento em pérolas brancas e uma capa bege. Emitia um suave som de carrilhão sempre que ele se mexia, um som agradável como um sino distante.

— Você não é muito sutil, não é? — comentou Lila quando o viu marchando pelo vestíbulo do palácio.

Ela estava de pé na soleira da porta, os olhos sobre a cidade, vendo a névoa continuar a se mover na luz do fim da manhã. Mas, ao ouvir o som suave da aproximação de Rhy, ela se virou e quase gargalhou. E ele supunha que ela tinha motivos para isso. Afinal, Lila usava botas surradas e um casaco preto de gola alta, e, com as mãos enfaixadas, ela parecia uma pirata depois de uma noite difícil. E ali estava *ele*, praticamente reluzindo dentro do ouro polido, com uma guarnição inteira de guardas em prateado atrás dele.

— Nunca fui fã de sutilezas — respondeu ele.

Rhy imaginou Kell balançando a cabeça, dividido entre a exasperação e o divertimento. Ele podia parecer tolo, mas Rhy *queria* ser visto, queria que o seu povo — se estivesse lá fora, se estivesse *lá* — soubesse que o príncipe não estava se escondendo, que ele não tinha medo da escuridão.

Enquanto eles desciam a escadaria do palácio, a expressão de Lila ficou severa, as mãos feridas se fechando em punho. Ele não sabia o que ela tinha visto no Santuário, mas podia perceber que não fora agradável, e, apesar da postura confiante, a expressão no rosto dela agora o preocupava.

— Você acha que isso é uma má ideia — disse ele. Não era uma pergunta. Mas provocou algo em Lila, reacendendo o fogo nos olhos dela e dando ignição para um sorriso.

— Sem dúvida.

— Então por que está sorrindo?

— Porque — respondeu ela — esse é o meu tipo favorito de ideia.

Eles alcançaram a praça na base da escadaria, as flores que normalmente enchiam os degraus agora eram esculturas de vidro preto. Fumaça subia de uma dúzia de pontos no horizonte, não colunas comuns advindas de lareiras, mas névoas escuras demais de prédios em chamas. Rhy se empertigou. Lila se aninhou no seu casaco.

— Pronto?

— Não preciso de uma dama de companhia.

— Ótimo — disse ela, apertando o passo. — Não preciso de um príncipe tropeçando nos meus calcanhares.

Rhy começou a falar:

— Você disse ao meu pai...

— Que eu podia mantê-lo vivo — interrompeu ela, olhando para trás. — Mas você não precisa de mim.

Algo em Rhy se desanuviou. Porque, de todas as pessoas na vida dele, o irmão, os pais, os guardas e até mesmo Alucard Emery, Lila era a primeira, a única pessoa a tratá-lo como se ele não precisasse ser salvo.

— Guardas — gritou ele, endurecendo o tom de voz —, abram caminho.

— Vossa Alteza — começou um deles —, não podemos deixar....

Rhy se virou para eles.

— Temos terreno demais para cobrir, e, até onde eu sei, todos temos um bom par de olhos. — Ele olhou para Lila de relance, percebendo o erro, mas ela simplesmente deu de ombros. — Então façam bom uso dele e *encontrem sobreviventes*.

Era uma busca sombria.

Rhy encontrou cadáveres demais, e, pior ainda, o lugar onde os corpos *deveriam* estar, mas onde havia farrapos de tecido e pilhas de cinzas, o restante levado embora pelo vento do inverno. Ele pensou na irmã de Alucard, Anisa, queimando de dentro para fora. Pensou no que havia acontecido com aqueles que perderam a batalha para a magia de Osaron. E os que haviam sucumbido? Milhares de pessoas que *não* lutaram contra o rei das sombras, mas cederam, se entregaram. Será que ainda havia algo deles ali dentro, prisioneiros nas próprias mentes? Poderiam ser salvos? Ou já estavam perdidos?

— *Vas ir* — murmurou ele para os corpos que encontrou e para aqueles que não viu.

Vão em paz.

As ruas estavam longe de se encontrarem vazias, mas ele se movia através das massas como um fantasma, os olhos cheios de sombras passando por ele, através dele. Ele andava vestido de ouro reluzente, e nem assim o notavam. Ele chamou por eles, mas não responderam. Sequer se viraram.

Qualquer parte de mim que Osaron pudesse levar já se foi.

Ele realmente acreditava nisso?

As suas botas escorregaram um pouco no chão e, ao olhar para baixo, ele viu que uma parte da rua tinha *mudado*, de pedra para outra coisa, algo vítreo e preto como as flores na escadaria.

Ele se ajoelhou e passou a mão enluvada pelo caminho liso. Não era frio. Também não era quente. Não era úmido como gelo. Não era como *nenhuma* substância. O que não fazia sentido. Rhy se levantou, perplexo, e continuou procurando algo, *alguém* que ele pudesse ajudar.

Prateados, era como estavam chamando aqueles que haviam sido queimados pela magia de Osaron e sobreviveram. Os sacerdotes, afinal, acabaram descobrindo vários deles; a maioria havia se levantado das camas febris que se enfileiravam no Rose Hall.

Mas quantos outros esperavam na cidade?

Por fim, Rhy não encontrou o primeiro prateado.

O prateado o encontrou.

O menino saiu de uma casa e veio tropeçando até ele, caindo de joelhos aos pés de Rhy. Linhas dançavam pela sua pele como se estivessem iluminadas, o cabelo preto caía sobre os olhos reluzentes e febris.

— *Mas vares.*

Meu príncipe.

Rhy se ajoelhou em sua armadura, arranhando o metal quando a placa encontrou a pedra.

— Está tudo bem — disse ele ao menino que chorava, as lágrimas deixando novas trilhas sobre os caminhos prateados que marcavam as bochechas.

— Sozinho — murmurou ele, a respiração entrecortada. — Sozinho.

— Não mais — falou o príncipe.

Ele se levantou e começou a andar no sentido da casa, mas pequenos dedos agarraram a sua mão. O menino sacudiu a cabeça e Rhy viu as cinzas que manchavam o rosto dele. E entendeu. Não havia mais ninguém dentro da casa.

Não mais.

II

Lila foi direto ao mercado noturno.

A cidade à sua volta não estava vazia. Seria menos gélida se estivesse. Em vez disso, aqueles que haviam sucumbido ao feitiço de Osaron se moviam pelas ruas como sonâmbulos realizando tarefas das quais se lembravam nas profundezas dos seus sonhos.

O mercado noturno era uma sombra do que havia sido: metade fora consumida pelo fogo e o que restou continuava existindo daquela forma atordoadada e fantasmagórica.

Um vendedor de frutas anunciava maçãs de inverno, os olhos nadando em sombras, enquanto uma mulher carregava flores cujas bordas estavam pretas e congeladas. A cena toda tinha um ar assombrado, era um mar de marionetes, e Lila semicerrava os olhos para o ar ao redor deles como se procurasse as cordas.

Rhy se movia pela cidade como um espectro, mas Lila era como uma convidada indesejável. As pessoas olhavam para ela quando passava, os olhos se estreitando, mas os cortes na palma das suas mãos ainda eram recentes e o sangue as mantinha longe, mesmo enquanto os sussurros a seguiam pelas ruas.

Havia caminhos de gelo preto espalhados por todo o mercado, como se alguém tivesse jogado tinta aguada no chão e a deixado congelar. Lila pisava ao redor deles com a precisão de uma ladra e a graciosidade de uma lutadora.

Ela se dirigia até a familiar tenda verde de Calla, no fim do mercado, quando viu um homem derramar uma bacia de pedras flamejantes no rio. Ele era grande e barbudo, com cicatrizes prateadas tracejando as mãos e o pescoço.

— Você não conseguiu me pegar, seu monstro! — gritava ele. — Não conseguiu me aprisionar.

A bacia atingiu o rio com um estampido, revolvendo a água semicongelada e fazendo subir uma nuvem de vapor fumegante.

E, sem mais nem menos, a ilusão se espatifou.

O homem que vendia maçãs, a mulher com as flores e todos os outros infectados do mercado acordaram e se voltaram para o homem, como se despertassem de um sonho. No entanto, eles não estavam acordando. Em vez disso, era como se a escuridão emergisse de dentro deles, Osaron instigava e movia a cabeça das pessoas, olhando pelos seus olhos. Elas se moviam como um único corpo, que não lhes pertencia.

— Idiota — murmurou Lila, andando até ele, mas o homem não pareceu notar. Não pareceu se *importar*.

— Me enfrente, seu covarde! — bramiu ele quando uma parte da tenda mais próxima se soltou e voou ao seu lado.

A multidão zumbiu em desgosto.

— Como ousa? — disse um mercador, os olhos brilhando sem vida quando ele sacou uma faca.

— O rei não aceitará isso — falou um segundo, torcendo uma corda entre as mãos.

O ar tremeu com o súbito ímpeto de violência, e a compreensão atingiu Lila como um soco. Osaron ganhava obediência dos que haviam sucumbido e energia dos febris. Mas não tinha utilidade para aqueles que se libertavam do seu feitiço. E o que Osaron não podia utilizar...

Lila correu.

A perna machucada latejou quando ela disparou na direção do homem.

— Cuidado! — gritou ela, a primeira lâmina já voando. Atingiu o peito do atacante mais próximo, enterrada até o cabo, mas a faca do mercador já havia deixado a sua mão antes que ele caísse.

Lila derrubou no chão o homem com as cicatrizes quando o metal passou zumbindo sobre a cabeça deles.

O estranho olhou para ela, em choque, mas não havia tempo. Os infectados já os circundavam, as armas em punho. O homem esmurrou o chão com o punho e um pedaço de pavimento largo como uma barraca da feira se ergueu tornando-se um escudo.

Ele levantou outro arremedo de muro e se virou, nitidamente pretendendo conjurar um terceiro, mas Lila não tinha a menor intenção de ser sepultada. Ela pôs o homem de pé com certa brutalidade, correndo para a tenda mais próxima antes de uma chaleira de aço ser atirada na lateral de lona grossa.

— Continue em frente — gritou ela, abrindo caminho pela lona de uma segunda tenda e depois por uma terceira, antes de o homem detê-la de repente.

— Por que você fez aquilo?

Lila se desvencilhou dele.

— Um “obrigado” seria bom. Perdi a minha quinta faca favorita por...

Ele a colocou contra o pilar da tenda.

— Por quê? — rosnou ele, os olhos arregalados. Eram de um verde brilhante, pontilhado de preto e dourado.

Um chute rápido nas costelas com a sola da bota e ele cambaleou para trás, mesmo que para não tão longe quanto ela esperava.

— Porque você estava se esgoelando para nada além de sombras e névoa. Uma dica: não comece uma briga como aquela se quiser continuar vivo.

— Eu *não* queria continuar vivo. — A voz dele tremeu quando olhou para as cicatrizes prateadas nas suas mãos. — Eu não queria *isso*.

— Um monte de gente adoraria trocar de lugar com você.

— O monstro tirou tudo de mim. A minha esposa. O meu pai. Lutei porque pensei que haveria alguém esperando por mim. Mas, quando acordei, quando eu... — Ele soltou um som sufocado. — Você devia ter me deixado morrer.

Lila franziu o cenho.

— Qual o seu nome?

— O quê?

— Você tem um nome. Qual é?

— Manel.

— Bem, Manel, morrer não ajuda os mortos. Não encontra os perdidos. Muitas pessoas sucumbiram. Mas alguns de nós ainda estão de pé. Então, se você quiser desistir, saia por aquela cortina. Não vou detê-lo. Não vou salvá-lo de novo. Mas, se você quiser usar a sua segunda chance de forma melhor, venha comigo.

Lila girou nos calcanhares e cortou a lona da tenda seguinte, atravessando-a apenas para parar abruptamente.

Ela encontrou a tenda de Calla.

— O que foi? — perguntou Manel atrás dela. — Qual o problema?

— Essa é a última tenda — falou ela, devagar. — Vá pela abertura e siga até o palácio.

Manel cuspiu.

— O *palácio*. Os nobres se esconderam lá dentro enquanto a minha família morria. O rei e a rainha estavam em segurança nos seus tronos enquanto Londres sucumbia e aquele príncipe mimado...

— Já chega — rosnou Lila. — Aquele príncipe mimado está vasculhando as ruas em busca de pessoas como você. Ele está caçando os vivos, enterrando os mortos e fazendo tudo o que pode para impedir que os primeiros virem os segundos, então você pode ajudar ou desaparecer. Mas, de um jeito ou de outro, vá embora.

Ele lhe lançou um olhar intenso por um longo tempo, então xingou baixinho e desapareceu pela abertura da tenda, os sinos soando no seu encaixo.

Lila voltou a atenção para os fundos da loja vazia.

— Calla? — chamou ela, esperando que a mulher estivesse ali, e esperando que não estivesse. Os lampiões pendurados nos cantos estavam apagados; chapéus, lenços e capuzes nas paredes formavam silhuetas estranhas no escuro. Lila estalou os dedos e a luz se acendeu na sua mão, instável porém brilhante, conforme ela atravessava a pequena tenda, procurando qualquer sinal da vendedora. Queria ver o sorriso gentil da mulher, queria ouvir as palavras provocativas de Calla. Queria que Calla estivesse longe, muito longe, queria que ela estivesse a salvo.

Algo se quebrou sob as botas de Lila.

Uma conta de vidro como aquelas que Lila trouxe do mar. A caixa incrustada com ouro, fechos de rubi e uma dúzia de outras pequenas e belas coisas que ela deu a Calla para pagar pelo seu casaco, pela máscara e pela bondade.

As contas estavam espalhadas pelo chão numa trilha sem sentido que sumia embaixo da bainha de uma segunda cortina pendurada perto dos fundos da barraca. A luz passava por baixo dela e incidia sobre pedras preciosas, o tapete e algo sólido.

Delilah Bard não leu muitos livros na vida.

Os poucos que leu tinham piratas e ladrões, e sempre terminavam com liberdade e a promessa de mais histórias. Os personagens navegavam mar adentro. Sobreviviam. Lila sempre imaginou as pessoas daquela forma, como uma série de interseções e aventuras. Era mais fácil quando se andava pela vida, por mundos, como ela fazia. Era mais fácil quando não se importava, quando as pessoas chegavam a uma página e depois iam embora de novo, de volta para as próprias histórias. E era possível imaginar qualquer final que se quisesse para elas, caso se importasse o suficiente para escrevê-lo na sua própria mente.

Barron entrou na sua vida e se recusou a sair, e então acabou morrendo e ela era obrigada a ficar revivendo aquilo repetidas vezes em vez de deixá-lo viver em outra versão da história, sem ela.

Não queria aquilo para Calla.

Não queria olhar atrás da cortina, não queria saber o fim desta história, mas a sua mão se esticou de forma traiçoeira e puxou o tecido.

Lila viu o corpo no chão.

Ah, pensou Lila, a mente embotada. *Ali está ela*.

Calla, que estendia o único *i* do nome de Lila em vários e sempre parecia prestes a cair na gargalhada.

Calla, que simplesmente sorriu quando Lila entrou ali numa noite e pediu um casaco masculino em vez de um vestido feminino.

Calla, que achou que Lila estava apaixonada pelo príncipe de olho preto, mesmo antes de Lila realmente estar. Calla, que queria que Kell fosse feliz apenas como homem e não como *aven*. Que queria que *ela* — *Lila* — fosse feliz.

A caixa de bijuteria que Lila certa vez trouxe para a vendedora agora jazia aberta de lado, deixando esparramados centenas de pontos de luz pelo chão ao redor da cabeça da mulher.

Calla estava deitada de lado, o corpo baixinho e redondo encolhido, uma das mãos na bochecha. Mas a outra pressionava a orelha como se tentasse bloquear algo e, pensou — torceu — Lila por um instante, estivesse dormindo. Pensou que poderia — torceu para que pudesse — se ajoelhar e sacudir gentilmente a mulher e ela despertaria.

Mas obviamente Calla não era mais uma mulher. Sequer era um corpo. Os olhos — o que restou daqueles olhos acolhedores — estavam abertos e

tinham o mesmo tom que o restante dela: o tom pálido das cinzas de uma lareira muito tempo depois de o fogo se extinguir.

Lila sentiu um nó na garganta.

É por isso que eu fujo.

Porque gostar era um sentimento com garras. Ele as fincava e não largava mais. Gostar doía mais que uma facada na perna, mais que algumas costelas quebradas, mais que qualquer coisa que sangrasse ou se quebrasse e se curasse depois. Gostar não era uma ferida da qual alguém se recupera. Era um osso que não se emenda, um corte que nunca se fecha.

Era melhor não gostar — Lila *tentou* não gostar —, mas, às vezes, pessoas conseguiam atravessar as defesas. Como uma faca numa armadura, elas encontravam as rachaduras, passavam pela guarda, e não se sabia quão fundo elas haviam chegado até que se fossem e se ficasse sangrando pelo chão. E não era justo. Lila não desejou gostar de Calla. Não queria deixá-la entrar. Então por que, mesmo assim, doía tanto?

Lila sentiu lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Calla.

Ela não sabia por que tinha dito o nome dessa forma, suave, como se uma voz suave pudesse acordar os mortos.

Ela não sabia mesmo por que tinha dito aquilo.

Mas não teve tempo para ficar se perguntando. Quando Lila deu um passo à frente, uma rajada de vento passou pela tenda e Calla simplesmente... se espalhou pelo ar.

Lila deixou escapar um choro sufocado e correu para a cortina, mas era tarde demais.

Calla se foi.

Nada mais que uma pilha de cinzas arruinada e centenas de pedacinhos de prata e ouro.

Então algo cedeu em Lila. Ela afundou no chão, ignorando as fisdas das contas de vidro que cortavam os seus joelhos, os dedos se enterrando no tapete desgastado.

Ela não pretendia conjurar fogo.

Foi só quando a fumaça fez cócegas nos seus pulmões que Lila percebeu que a tenda estava em chamas. Parte dela queria deixá-la queimar, mas o restante não suportava a ideia da loja de Calla ser consumida como a sua vida, sem deixar vestígios. E nunca mais ser vista.

Lila juntou as mãos e sufocou o fogo.
Então limpou as lágrimas e se levantou.

III

Kell ficou diante da cela de Holland, esperando que o homem falasse.

Ele não o fez. Sequer ergueu o olhar para encontrar o de Kell. Os olhos do homem estavam fixos em algo ao longe, além das grades, além das paredes, além da cidade. Uma raiva fria queimava dentro deles, mas parecia direcionada tanto para dentro quanto para fora, para si mesmo e para o monstro que envenenara a sua mente e roubara o seu corpo.

— Você *me* chamou — disse Kell, afinal. — Presumi que tivesse algo a dizer.

Quando mesmo assim Holland não respondeu, ele se virou para sair.

— Cento e oitenta e dois.

Kell se voltou para ele.

— O quê?

A atenção de Holland ainda estava focada em outro lugar.

— É o número de pessoas assassinadas por Astrid e Athos Dane.

— E quantas foram assassinadas por *você*?

— Sessenta e sete — respondeu Holland, sem hesitar. — Três antes que me tornasse escravizado. Sessenta e quatro antes que me tornasse rei. E nenhuma desde então. — Ele enfim olhou para Kell. — Eu dou valor à vida. Já provoquei morte. Você foi criado como príncipe, Kell. Eu assisti ao meu mundo definhando, dia após dia, estação após estação, ano após ano, e a única coisa que me fazia continuar era a esperança de que eu fosse um *Antari* por um motivo. De que eu pudesse fazer algo para ajudar.

— Pensei que a única coisa que o fazia continuar era o feitiço de vinculação marcado na sua pele.

Holland ergueu a cabeça.

— Quando *você* me conheceu, a única coisa que me fazia continuar era a ideia de matar Athos e Astrid Dane. E então você tirou isso de mim.

Kell fechou a cara.

— Não pedirei desculpas por privá-lo da sua vingança.

Holland ficou um tempo em silêncio e então disse:

— Quando perguntei o que você queria que eu tivesse feito quando acordei na Londres Preta, você me disse que eu deveria ter ficado lá, que deveria ter morrido. Eu pensei nisso. Sabia que Athos Dane estava morto. Podia sentir. — As correntes chacoalharam quando ele esticou a mão para bater na marca arruinada que havia no seu peito. — Mas *eu* não estava. Não sabia por que, mas pensei em quem eu tinha sido naqueles anos antes de eles tirarem tudo de mim exceto o ódio, no que eu queria para o meu mundo. Foi o que me levou de volta para casa. Não o medo da morte... a morte é gentil, a morte é bondosa... e, sim, a esperança de que eu ainda fosse capaz de fazer algo mais. E a ideia de ser livre... — Ele piscou, como se tivesse se perdido.

As palavras reverberaram no peito de Kell, ecoando.

— O que vai acontecer comigo agora? — Não havia medo na voz dele. Não havia *nada*.

— Acredito que você será julgado...

Holland balançava a cabeça.

— Não.

— Você não está em posição de fazer exigências.

Holland sentou, erguendo o corpo o máximo que as correntes permitiam.

— Não quero um julgamento, Kell — disse ele com firmeza. — Quero uma execução.

IV

As palavras causaram impacto, como Holland sabia que fariam.

Kell olhava fixamente para ele, esperando pela reviravolta, por algo ainda não dito.

— Uma execução? — perguntou ele, balançando a cabeça. — A sua inclinação pela autodestruição é impressionante, mas...

— É uma questão de praticidade — respondeu Holland, deixando os ombros recostarem na parede — e não de reparação.

— Não entendi.

Você nunca entende, pensou ele com frieza.

— Como isso é feito aqui? — indagou ele com falsa casualidade na voz, como se estivesse falando de uma refeição ou de um baile, e não de uma execução. — Pela espada ou pelo fogo?

Kell o encarou, atônito, como se nunca tivesse presenciado uma execução.

— Imagino — falou o outro *Antari*, devagar — que seria feito pela espada. — Então Holland estava certo. — Como era feito na *sua* cidade?

Holland havia testemunhado a primeira execução atrás do irmão. Seguiria Alox até a praça durante anos. Ele se lembrava dos braços abertos e esticados à força, cortes profundos, ossos quebrados e sangue fresco recolhido em bacias.

— Na minha Londres, as execuções eram lentas, brutais e muito públicas.

O desgosto passou pelo rosto de Kell.

— Não glorificamos a morte com exposições.

As correntes chacoalharam quando Holland chegou para a frente, ainda sentado.

— A minha *precisa* ser pública. Algo num local aberto, onde ele possa ver.

— Aonde você quer chegar?

— Osaron precisa de um corpo. Ele não conseguirá conquistar este mundo sem um.

— É mesmo? — desafiou Kell. — Porque até agora ele está realizando um trabalho impressionante.

— São golpes óbvios e desajeitados — disse Holland com desdém. — Não é isso que ele quer.

— Você deve saber.

Holland ignorou a alfinetada.

— Não há glória numa coroa que ele não pode usar, mesmo que ainda não tenha percebido isso. Osaron é uma criatura de potencial. Nunca ficará satisfeito com o que tem, não por muito tempo. E, mesmo com todo o seu poder, toda a sua evocação, ele não pode fabricar carne e osso. Não que isso vá impedi-lo de tentar, de envenenar cada alma de Londres em busca de um peão ou receptáculo, mas nenhum servirá.

— Porque ele precisa de um *Antari*.

— E ele tem apenas três opções.

Kell ficou tenso.

— Você sabia de Lila?

— É claro — respondeu Holland, calmamente. — Não sou tolo.

— É tolo o suficiente para cair nas mãos de Osaron — falou Kell por entre os dentes cerrados. — Tolo o suficiente para pedir a própria execução. Com que propósito? Reduzir as opções dele de três para dois, e ele ainda...

— Planejo dar a Osaron o que ele quer — disse Holland, sombrio. — Planejo me ajoelhar, implorar e convidá-lo a entrar. Planejo fornecer a ele o seu receptáculo. — Kell olhou perplexo e nitidamente enojado. — E então planejo deixar você me matar.

O nojo de Kell se transformou em choque, e depois em confusão.

Holland sorriu, um frio e pesaroso repuxar dos lábios.

— Você devia aprender a esconder os seus sentimentos.

Kell engoliu em seco e fez uma leve tentativa de mascarar as suas feições.

— Por mais que eu fosse gostar de matar você, Holland, fazer isso não matará *Osaron*. Ou já esqueceu que magia não morre?

— Talvez não, mas pode ser contida.

— Com o quê?

— *As Tosal*.

Kell se encolheu por reflexo ao ouvir o comando de sangue, e então empalideceu ao entender o significado.

— Não.

— Então você conhece o feitiço?

— Eu poderia transformar você em pedra. Seria um fim mais gentil.

— Não estou procurando gentileza, Kell. — Holland ergueu o queixo, voltando a atenção para o teto alto da cela. — Estou procurando terminar o que comecei.

O *Antari* passou os dedos pelo cabelo cor de cobre.

— E se *Osaron* não morder a isca? Se ele não aparecer, você morrerá.

— A morte chega para todos nós — disse Holland, calmamente. — Quero apenas que a minha tenha algum significado.

† Na segunda vez que alguém tentou matar Holland, ele tinha 18 anos e estava voltando para casa com uma baguete de pão integral numa das mãos e uma garrafa de *kaash* na outra.

O sol estava se pondo, e a cidade mudava de forma. Andar com as duas mãos ocupadas era um risco, mas Holland havia encorpado: os membros longos ganharam músculos, os ombros ficaram mais largos e retos. Ele não usava mais o cabelo preto cobrindo o olho. Não tentava mais se esconder.

No meio do caminho para casa, percebeu que estava sendo seguido.

Não parou, não se virou, nem mesmo apertou o passo.

Holland não saía procurando brigas, mas ainda assim elas vinham até ele, seguiam-no pelas ruas como animais abandonados, como sombras.

Ele continuou andando, agora deixando que o retinir sutil da garrafa e o barulho regular dos seus passos formassem um pano de fundo para os sons do beco ao seu redor.

O rumor de passos.

A expiração suave antes de uma arma ser desembainhada.

Uma lâmina assobiando e saindo do escuro.

Holland deixou o pão cair e se virou com uma das mãos erguida. A faca parou a poucos centímetros do seu pescoço e pairou no ar, esperando para ser colhida. Em vez disso, ele retorceu as mãos e a faca girou no eixo, revertendo o curso. Com um estalar de dedos, ele fez o metal voar de volta para a escuridão, onde encontrou pele. Alguém gritou.

Três outros homens saíram da penumbra. Não por escolha — Holland os arrastou para a frente e o rosto deles se contorcia de tanto lutarem contra os próprios ossos, o comando sobre os corpos mais forte que as próprias vontades.

Ele conseguia sentir os corações acelerados, o sangue martelando nas veias.

Um dos homens tentou falar, mas Holland comandou a sua boca a ficar fechada. Ele não ligava para o que tinham a dizer.

Todos os três eram jovens, pouco mais velhos que o próprio Holland, e já possuíam tatuagens manchando pulsos, lábios e têmporas. Sangue e palavras, as fontes de poder. Ele estava quase convencido a ir embora dali e deixá-los presos ao chão da rua, mas este já era o terceiro ataque em menos de um mês e estava ficando cansado disso.

Ele liberou o rosto de apenas um deles.

— Quem enviou vocês?

— Ros... Ros Vortalis — gaguejou o jovem por entre os dentes ainda cerrados.

Não era a primeira vez que Holland ouvia esse nome. Não era nem mesmo a primeira vez que ouvia o nome da boca de um dos seus pretensos assassinos quando o seguiam até em casa. Vortalis era um bandido do *shal*, um zé-ninguém que tentava arrancar uma lasca de poder de um lugar com muito pouco para dividir. Um homem que tentava chamar a atenção de Holland por todas as vias erradas.

— Por quê? — perguntou ele.

— Ele nos disse... para trazer... a sua cabeça.

Holland suspirou. O pão ainda estava jogado no chão. O vinho começava a congelar.

— Diga a esse tal de *Vortalis* que, se ele quiser a minha cabeça, terá de vir buscá-la pessoalmente.

E, com isso, ele estalou os dedos e os homens foram arremessados para trás, exatamente como a faca, batendo na parede do beco com um baque seco. Eles caíram e não se levantaram. Holland pegou o pão, passou por cima dos corpos — os peitos ainda se mexiam — e continuou andando para casa.

Quando chegou lá, pressionou a palma da mão na porta, sentiu as trancas se soltarem na madeira e a abriu com facilidade. Havia uma folha de papel no chão e ele estava prestes a pegá-la quando ouviu som de passos, então ergueu o olhar a tempo de ver a garota. Ela atirou os braços ao redor do seu pescoço e, quando ele girou com o peso dela, as saias do vestido se abriram como pétalas, as bainhas manchadas de tanto dançar.

— Oi, Hol — disse ela, com meiguice.

— Oi, Tal.

Fazia nove anos desde que Alox o atacara. Nove anos tentando sobreviver numa cidade sedenta de sangue, prevendo cada tempestade, cada briga, cada sinal de problemas. E tudo isso esperando algo melhor.

E, então, algo melhor apareceu.

O nome dela era Talya.

Talya, um ponto de cor num mundo branco.

Talya, que carregava o sol com ela aonde quer que fosse.

Talya, tão linda que, quando sorria, o dia ficava mais resplandecente.

Certa noite, Holland a viu no mercado.

E, na noite seguinte, ele a viu na praça.

E, depois disso, ele a via em todos os lugares para onde olhava.

Ela tinha cicatrizes no canto dos olhos que cintilavam prateadas sob a luz e um riso de tirar o fôlego.

Quem ria daquele jeito num mundo como este?

Ela o fazia se lembrar de Alox. Não de como ele desaparecia por horas ou até dias e voltava para casa com as roupas manchadas de sangue, mas de como a presença dela conseguia fazê-lo esquecer a escuridão, o frio, o mundo morrendo lá fora.

— Qual o problema? — perguntou ela enquanto ele a colocava no chão.

— Nada — respondeu ele, beijando-a na testa. — Nada, mesmo.

E talvez isso não fosse rigorosamente verdade, mas havia uma verdade surpreendente sob a mentira: pela primeira vez na sua vida, Holland sentia algo próximo da felicidade.

Ele atçou o fogo com um olhar, e Talya o puxou para a cama estreita que dividiam. E então, partindo pedaços de pão e bebericando vinho gelado, ela lhe contou histórias sobre um futuro rei. Como Alox fazia. Da primeira vez, Holland havia se encolhido ao ouvir as palavras, mas não a impedira porque gostava de como ela as contava, tão cheia de energia e luz. As histórias eram as favoritas dela, portanto ele a deixara continuar.

Na terceira ou quarta vez que ela começara a contar as histórias, ele esquecera por que pareciam tão familiares.

Na décima vez, ele esquecera que a primeira vez que as ouvira fora da boca de outra pessoa.

Na centésima vez, ele já havia se esquecido que tivera aquela outra vida.

Naquela noite, eles dormiram enrolados em cobertores e ela passou os dedos pelo cabelo dele. E Holland se sentiu flutuando com o ritmo do toque e com o calor do fogo.

Foi quando ela tentou arrancar o seu coração.

Ela era rápida, mas ele era mais, a ponta da faca afundou pouco mais de um centímetro antes que Holland recobrasse os sentidos e empurrasse o corpo da garota para longe. Ele se pôs de pé, apertando o peito enquanto o sangue vertia por entre os dedos.

Talya apenas ficou ali, de pé, no meio do pequeno cômodo que compartilhavam, do *lar* deles, a lâmina pendendo dos dedos.

— Por quê? — perguntou ele, aturdido.

— Sinto muito, Hol. Eles me procuraram no mercado. Disseram que pagariam em prata.

Ele queria perguntar quando, queria perguntar quem, mas nunca teve a chance.

Ela avançou sobre ele mais uma vez, com força, com rapidez, com toda a sua graciosidade de dançarina, e a faca zumbiu baixinho na sua direção. Aconteceu muito rápido. Sem pensar, os dedos de Holland se contraíram e a faca girou na mão dela, congelando no ar enquanto o corpo de Talya continuava avançando. A lâmina se enterrou suavemente entre as costelas dela.

Talya olhou para ele com um misto de surpresa e indignação, como se pensasse que ele deveria ter deixado que ela o matasse, como se pensasse que ele simplesmente se renderia.

— Desculpe, Tal — disse ele enquanto ela se esforçava para respirar, para falar, mas não conseguia.

Ela tentou dar um passo, e Holland a pegou nos braços quando ela caiu. Toda a graciosidade de dançarina havia abandonado os seus membros no fim.

Holland ficou lá até ela morrer, então a deitou cuidadosamente no chão, levantou-se e saiu.



V

— Ele quer *o quê?* — perguntou o rei, erguendo os olhos do mapa.

— Uma execução — repetiu Kell, ainda vacilante.

As Tosal, foram as palavras de Holland.

— Deve ser um truque — falou Isra.

— Acredito que não — começou Kell, mas a guarda não estava ouvindo.

— Vossa Majestade — disse ela, voltando-se para Maxim —, decerto ele quer atrair Osaron para poder escapar...

As Tosal.

Confinar.

Kell utilizou o feitiço de sangue apenas uma vez na vida, num passarinho, um pequeno beija-flor que ele capturou nos jardins do Santuário. O beija-flor ficou completamente imóvel nas suas mãos, mas não morreu. Ele podia sentir o coração batendo freneticamente sob o peito emplumado enquanto o pássaro ficava ali, imóvel, como se estivesse paralisado, preso dentro do próprio corpo.

Quando Tieren descobriu, o *Aven Essen* ficou furioso. Feitiço de sangue ou não, Kell quebrou a lei cardeal do poder: usar magia para ferir uma criatura viva, para alterar a vida dela. Kell se desculpou profusamente e proferiu as palavras para desfazer o que havia conjurado, para remediar o estrago. Porém, para seu choque e horror, os comandos não surtiram efeito. Nada do que dizia parecia funcionar.

O passarinho não voltou à vida.

Ficou apenas lá deitado, parado como se estivesse morto, nas mãos dele.

— Eu não entendo.

Tieren meneou a cabeça.

— As coisas não são tão simples quando se trata de vida e morte — disse ele então. — Nem sempre o que é feito com a mente ou o corpo pode ser desfeito. — E então pegou o beija-flor, levou até o próprio peito e quebrou o pescoço do animal. O sacerdote depositou a ave sem vida de novo nas mãos de Kell. — Esse — falou Tieren, sombrio — foi um fim mais gentil.

Ele nunca mais tentou usar o feitiço, porque nunca aprendeu as palavras para desfazê-lo.

— *Kell*.

A voz do rei o arrancou daquela memória.

Kell engoliu em seco.

— Holland fez o que fez para salvar o mundo dele. Acredito nisso. Agora ele quer que tudo termine.

— Você está pedindo a nós que confiemos *nele*? — desafiou Isra.

— Não — respondeu Kell, sustentando o olhar do rei. — Estou pedindo que confiem em *mim*.

Tieren apareceu na soleira da porta.

Os dedos dele estavam manchados de tinta e as faces encovadas pelo cansaço.

— Mandou me chamar, Maxim?

O rei expirou pesadamente.

— Quanto tempo até o feitiço ficar pronto?

O *Aven Essen* balançou a cabeça.

— Não é algo simples, colocar uma cidade inteira para dormir. O feitiço deve ser quebrado em sete ou oito feitiços menores e então posicionado ao redor da cidade para formar uma reação em...

— Quanto *tempo*?

Tieren soltou um som exasperado.

— Dias, Vossa Majestade.

O olhar do rei voltou para Kell.

— Você pode fazer isso?

Kell não sabia se Maxim estava perguntando se ele tinha vontade ou força para matar outro *Antari*.

Não estou procurando gentileza, Kell. Estou procurando terminar o que comecei.

— Posso — respondeu ele.

O rei assentiu e passou uma das mãos pelo mapa.

— Os feitiços de proteção do palácio não se estendem até as varandas, certo?

— Não — falou Tieren. — Tudo o que podemos fazer é mantê-los ao redor de paredes, janelas e portas.

— Muito bem — disse o rei, deixando as juntas dos dedos caírem na beirada da mesa. — O pátio norte, então. Vamos erguer uma plataforma com vista para o Atol e realizar o ritual ao anoitecer. E, quer Osaron apareça ou não... — Os olhos escuros recaíram sobre Kell —, Holland morrerá pelas suas mãos.

As palavras seguiram Kell até o corredor.

Holland morrerá pelas suas mãos.

Ele desabou nas portas da sala de mapas, a exaustão envolvendo os seus membros.

É muito difícil matar um Antari.

Pela espada.

Um fim mais gentil.

As Tosal.

Ele se afastou da madeira e seguiu para a escada.

— Kell?

A rainha estava parada no fim do corredor, olhando pelas portas de uma varanda para a sombra na sua cidade. Os olhos dela encontraram os dele no reflexo do vidro. Havia tristeza neles, e Kell se pegou avançando um passo na direção dela antes de se deter. Não tinha força suficiente.

— Vossa Majestade — disse ele, fazendo uma reverência antes de se virar e ir embora.

VI

Rhy passou o dia inteiro vasculhando a cidade em busca de sobreviventes.

Sozinhos ou às vezes em pares, ele os encontrou. Abalados, frágeis, mas vivos. A maioria era surpreendentemente jovem. Somente alguns poucos eram muito velhos. E, assim como a magia nas suas veias, não havia fator comum. Nenhum laço de sangue, de gênero ou de riquezas. Ele encontrou uma garota da nobreza da Casa Loreni, ainda vestida para o baile do torneio; um homem mais velho em andrajos escondido num beco; uma mãe de camisola de seda vermelha; um guarda real cuja marca havia falhado ou simplesmente desvanecido. Todos agora marcados com as veias prateadas dos sobreviventes.

Rhy ficava com eles tempo suficiente para mostrar que não estavam sozinhos, tempo suficiente para levá-los até a escadaria do palácio para procurar abrigo, e então saía novamente, de volta para a cidade, em busca de mais pessoas.

Antes do amanhecer, ele voltou ao *Spire*. Sabia que era tarde demais, mas precisava ver, e encontrou o que restava de Anisa: uma pequena pilha de cinzas com algumas brasas no chão da cabine de Alucard, depois da gaiola de tábuas deformadas. Algumas gotas de prata do seu anel da Casa Emery.

Rhy atravessou o convés num silêncio entorpecido quando enxergou o brilho do metal e viu uma mulher sentada de costas para um barril e com uma faca nas mãos.

As botas dele se chocaram com a madeira do convés, produzindo um baque seco.

A mulher não se mexeu.

Estava vestida como um homem, como um *marinheiro*, uma faixa de capitão preta e vermelha na cabeça.

À primeira vista, ele podia perceber que ela era das terras da fronteira, da costa de onde Arnes olhava para Vesk. Ela tinha o porte de uma nortenha e a cor de uma londrina, o cabelo de um rico tom castanho estava preso em duas tranças grossas que se enrolavam como uma juba ao redor do rosto. Os olhos se mantinham abertos, sem piscar, mas olhavam para a frente com uma intensidade que indicava que ela ainda permanecia ali, e as linhas finas e prateadas brilhavam contra o rosto bronzeado pelo mar.

A faca na mão dela estava pegajosa, recoberta de sangue.

Não parecia ser dela.

Uma dúzia de avisos ecoaram na cabeça de Rhy — todos na voz de Kell — quando ele se ajoelhou ao seu lado.

— Qual o seu nome? — perguntou ele em arnesiano.

Nada.

— Capitã?

Depois de alguns longos segundos, a mulher piscou, num gesto lento e definitivo.

— Jasta — disse ela com voz rouca, e então, como se o nome acendesse algo dentro dela, acrescentou: — Ele tentou me afogar. O meu primeiro imediato, Rigar, tentou me arrastar para aquele rio sussurrante. — Ela não desviou os olhos do navio. — Então eu o matei.

— Há mais alguém a bordo? — perguntou ele.

— Metade está desaparecida. Os outros... — Ela parou de falar, os olhos escuros passeando pela embarcação.

Rhy tocou o ombro dela.

— Consegue ficar de pé?

O rosto de Jasta se virou para o dele. Ela franziu o cenho.

— Alguém já lhe disse que você parece o príncipe?

Rhy sorriu.

— Uma ou duas vezes. — Ele estendeu uma das mãos e a ajudou a se levantar.

VII

O sol já havia se posto e Alucard Emery estava tentando ficar bêbado.

Não tinha dado certo até aquele momento, mas ele estava determinado a conseguir. Até inventara uma brincadeira:

Toda vez que a sua mente se voltava para Anisa — os pés descalços, a pele febril, os pequenos braços em volta do seu pescoço —, ele tomava um gole.

Toda vez que pensava em Berras — o tom de voz sarcástico do irmão, o sorriso odioso, as mãos ao redor do seu pescoço —, ele tomava um gole.

Toda vez que os pesadelos subiam pela sua garganta como bile, ou os próprios gritos ecoavam na sua mente, ou ele tinha de se lembrar dos olhos vazios da irmã, do seu coração incandescente, ele tomava um gole.

Toda vez que pensava nos dedos de Rhy entrelaçados nos dele, na voz do príncipe dizendo “*fique, fique, fique comigo*”, ele tomava um gole bem grande.

Do outro lado do cômodo, Lila parecia entretida no seu próprio jogo; a ladra silenciosa estava na terceira taça. Era bastante difícil abalar Delilah Bard, isso ele sabia. E, ainda assim, algo a havia abalado. Talvez ele nunca fosse capaz de ler os segredos no rosto dela, mas conseguia ver que ela ocultava alguns. O que ela teria visto do lado de fora dos muros do palácio? Que demônios havia enfrentado? Eram desconhecidos ou amigos?

Toda vez que se perguntava algo que Delilah Bard jamais responderia, ele tomava um gole, até que a dor e o luto finalmente começaram a se embaralhar e a formar algo mais firme.

O cômodo balançou ao seu redor e Alucard Emery — o último Emery vivo — afundou de novo na cadeira, passando os dedos pela madeira entalhada e pelos delicados enfeites de ouro.

Como era estranho estar ali, no quarto de Rhy. Já havia sido estranho o bastante quando Rhy estava deitado na cama, mas naquele momento os detalhes, o quarto, tudo que não era o próprio Rhy havia ficado fora de foco. Agora, Alucard observava as cortinas cintilantes, o chão elegante e a cama enorme, já arrumada. Todos os sinais de luta tinham desaparecido.

O olhar cor de âmbar de Rhy ficava se aproximando dele como um pêndulo numa corda pesada.

Ele tomou mais um gole.

E depois mais um, e mais outro, preparando-se para a dor do desejo, da perda e das lembranças que o assolavam, um pequeno barco sendo miseravelmente arremessado contra as ondas.

* * *

Fique comigo.

Foi o que Rhy disse quando Alucard estava queimando de dentro para fora. Quando Rhy estava deitado ao lado dele na cabine do navio, esperando desesperadamente que as suas mãos conseguissem manter Alucard ali, inteiro e a salvo. Impedi-lo de desaparecer novamente, e, desta vez, para sempre.

Agora que Alucard estava vivo e razoavelmente bem, Rhy não conseguia olhar para o amante. Tampouco conseguia tirar os olhos dele, então acabou fazendo nenhuma e ambas as coisas ao mesmo tempo.

Fazia muito tempo desde a última vez em que Rhy teve a chance de estudar o seu rosto. Três verões. Três invernos. Três anos, e o coração do príncipe ainda estava partido nas rachaduras deixadas por Alucard.

Eles estavam no conservatório: Rhy, Alucard e Lila.

O capitão estava jogado numa cadeira de espaldar alto, e tanto as cicatrizes prateadas quanto a safira cintilavam sob a luz. Um cálice pendia numa das suas mãos e uma gata felpuda chamada Esa estava encolhida embaixo do assento. Os olhos deles estavam abertos, porém longe dali.

Na frente do aparador, Lila se servia de outra bebida. (Seria a quarta? Rhy sabia que não estava em posição de julgar.) No entanto, ela estava servindo com um pouco de generosidade demais e derramou o restante do vinho de verão de Rhy no chão ornamentado. Houve um tempo em que ele

se importaria com a mancha, mas essa vida se foi. Caiu por entre as tábuas como uma peça de joia, e agora estava ali, em algum lugar fora do alcance, vagamente lembrada mas facilmente esquecida.

— Vá com calma, Bard.

Foi a primeira coisa que Alucard disse na última hora. Não que Rhy estivesse esperando por isso.

O capitão estava lívido, a ladra pálida, e o próprio príncipe andava de um lado para o outro, a armadura deixada de lado numa cadeira no canto, como uma concha quebrada.

No fim do primeiro dia, eles encontraram vinte e quatro prateados. A maioria estava abrigada no Rose Hall, sendo atendida pelos sacerdotes. Mas havia mais. Ele sabia que havia mais. Tinha de haver. Rhy queria continuar procurando, manter as buscas noite adentro, mas Maxim não permitiu. Para piorar, o restante dos guardas reais o mantinha sob vigilância constante.

E o que perturbava Rhy tanto quanto o próprio confinamento quando ainda havia almas presas na cidade era a visão do apodrecimento que se espalhava por Londres. Uma escuridão na forma de uma espécie de gelo preto recobria as ruas e se espalhava pelas paredes: uma membrana que não era uma membrana, e sim uma *mudança*. Pedras, terra e água, tudo era engolido e substituído por algo que não era um elemento de forma alguma; era um nada escuro e vítreo, uma presença e uma ausência.

Ele contou a Tieren, mostrou um ponto isolado na fronteira do pátio, logo depois dos feitiços de proteção, onde o vazio se espalhava como geada. O rosto do velho ficou lívido.

— Magia e natureza existem em equilíbrio — disse ele, passando os dedos pelo ar acima da poça preta. — Isso é o que acontece quando o equilíbrio falha, quando a magia oprime a natureza.

O mundo estava se *deteriorando*, explicou ele. Porém, em vez de se tornar macio, como acontecia com os troncos no chão de uma floresta, ele se tornava rígido, calcificando-se em algo que parecia pedra, mas que não era pedra nenhuma.

— Quer ficar quieto? — explodiu Lila, olhando Rhy andar de um lado para o outro. — Você está me deixando tonta.

— Suspeito — disse uma voz vindo da porta — que tenha sido o vinho.

Rhy se virou, aliviado por ver o irmão.

— Kell — falou ele, tentando reunir algum bom humor enquanto inclinava o cálice para os guardas que protegiam a porta —, é assim que você se sente o tempo todo?

— Assim mesmo — respondeu Kell, tirando a bebida da mão de Lila e sorvendo um longo gole. Surpreendentemente, ela permitiu.

— Isso é irritante — disse Rhy com um gemido. E então perguntou aos homens: — Poderiam ao menos se sentar? Ou estão tentando parecer armaduras nas minhas paredes?

Eles não responderam.

Kell devolveu a bebida para Lila e então fechou o rosto quando viu Alucard. O irmão ignorou deliberadamente a presença do capitão e se serviu de uma bebida num cálice bem grande.

— A que estamos bebendo?

— Aos vivos — respondeu Rhy.

— Aos mortos — falaram Alucard e Lila ao mesmo tempo.

— Estamos sendo abrangentes — acrescentou Rhy.

A atenção dele se voltou para Alucard, que olhava para a noite lá fora. Rhy percebeu que não era o único que observava o capitão. Lila seguiu o olhar de Alucard para o vidro.

— Quando você olha para os que sucumbiram — perguntou ela —, o que você vê?

Alucard semicerrou os olhos devagar, como sempre fazia quando estava tentando imaginar algo.

— Nós atados — disse ele simplesmente.

— Se importa de explicar? — indagou Kell, que sabia do dom do capitão e se importava com isso tanto quanto com o que restou dele.

— Você não entenderia — murmurou Alucard.

— Talvez se você escolher as palavras certas.

— Eu não conseguiria escolher palavras pequenas o suficiente.

— Ah, pelo amor de Deus! — explodiu Lila. — Vocês dois parem de brigar por um instante.

Alucard se inclinou para a frente na cadeira e apoiou o cálice, outra vez vazio, no chão ao lado das suas botas, onde a gata o farejou.

— Esse *Osaron* — disse ele — está sugando a energia de todos em que toca. A magia dele se alimenta da nossa... a *infectando*. Ela entra nas

pessoas pelos fios do nosso poder, da nossa vida, e fica enrolada neles até que tudo esteja atado, cheio de nós.

— Você tem razão — falou Kell após alguns instantes. — Não faço ideia do que você está falando.

— Deve ser irritante — retrucou Alucard — saber que eu tenho um poder que você não tem.

Os dentes de Kell se cerraram de tal forma que chegaram a fazer barulho, mas, quando ele falou, manteve a voz tranquila, calma.

— Acredite ou não, aprecio as mais ínfimas diferenças entre nós. Além disso, posso não ser capaz de ver o mundo como *você* o vê, mas ainda sei reconhecer um idiota.

Lila bufou.

Rhy emitiu um som exasperado.

— Chega — disse ele, e então se dirigiu a Kell: — O que o nosso prisioneiro tinha a dizer?

À menção de Holland, a cabeça de Alucard se virou bruscamente. Lila se sentou empertigada com um brilho no olhar. Kell terminou a bebida de um gole só, fazendo uma careta, e contou:

— Ele será executado pela manhã. Uma demonstração pública.

Por um longo tempo, ninguém falou.

E, então, Lila ergueu a taça.

— Bom — disse ela, animada. — Vou brindar a *isso*.

VIII

Emira Maresh vagava pelo palácio como um fantasma.

Ela já tinha ouvido o que o povo dizia ao seu respeito. Era chamada de distante, distraída. Embora, na verdade, ela estivesse apenas escutando. Não só povo, mas tudo e todos sob os pináculos dourados do teto do palácio. Poucas pessoas notavam as jarras ao lado de cada cama, as bacias em cada mesa. Uma tigela com água era algo simples, mas com o feitiço certo podia transportar som. Com o feitiço certo, Emira podia fazer o palácio falar.

O medo que tinha de quebrar as coisas a ensinou a tomar cuidado com cada passo, a ouvir com atenção. O mundo era um lugar frágil, cheio de rachaduras que nem sempre podiam ser vistas. Um passo em falso e elas podiam se partir, quebrar. Um movimento errado e tudo podia ruir, vir abaixo, uma torre de cartas de Santo queimadas até virar cinzas.

Era função de Emira assegurar que o seu mundo permanecesse forte, escorar as fraturas, ouvir para perceber novas rachaduras. Era dever dela manter a sua família em segurança, o seu palácio intacto, o seu reino bem. Era a sua vocação, e, se ela fosse cuidadosa o suficiente, ágil o suficiente, então nada de mau aconteceria. Era isso que ela dizia a si mesma.

No entanto, *ela estava enganada*.

Ela fez tudo o que podia, e mesmo assim Rhy quase morreu. Uma sombra recaiu sobre Londres. O seu marido escondia algo. Kell não olhava para ela.

Ela não foi capaz de deter as rachaduras, mas agora voltava o seu foco para o restante do palácio.

Enquanto andava pelos corredores, ouvia os sacerdotes na sala de treinamento, os vincos dos pergaminhos, o arranhar das penas cheias de tinta, o burburinho suave enquanto eles preparavam o feitiço.

Ela ouvia os passos pesados dos guardas de armadura se deslocando pelos andares inferiores; as vozes graves e guturais dos veskanos e a melodia sibilante do idioma faroense no saguão leste; o murmúrio dos nobres na galeria enquanto ficavam ali sem fazer nada, sussurrando ao tomar chá. Falando da cidade, da maldição, do rei. O que ele estava fazendo? O que *podia* fazer? Maxim Maresh, amolecido pela idade e pelos tempos de paz. Maxim Maresh, um homem contra um monstro, contra um deus.

Do Rose Hall, Emira escutou os corpos febris se revirando, ainda presos em sonhos incandescentes, e, quando ela se virou para ouvir o que se passava na ala leste do palácio, ouviu o sono igualmente agitado do filho, que era ecoado pela inquietação de Kell se revirando.

E, através de tudo isso, o sussurro constante nas janelas e nas portas, as palavras abafadas pelos feitiços de proteção, retalhadas pelo subir e descer, pelo barulho do vento. Uma voz tentando entrar.

Emira escutou muitas coisas mas também ouviu as ausências onde deveria haver som e não havia. Ouviu o sussurro abafado daqueles que se esforçavam demais para serem silenciosos. Num canto do salão de festas, um par de guardas reunia coragem. Numa alcova, um nobre e um mago se enroscavam como cordas. E, na sala dos mapas, havia o som de um único homem de pé diante da mesa.

Ela foi ao encontro dele, mas, ao se aproximar, percebeu que não era o seu marido.

O homem na sala dos mapas estava de pé, de costas para a porta, a cabeça inclinada sobre a cidade de Londres. Emira observou quando ele estendeu um único dedo escuro e o colocou na pequena escultura de quartzo de um guarda real diante do palácio.

A figura tombou de lado com o leve retinir de pedra batendo em pedra. Emira se encolheu, mas a estátua não quebrou.

— Lorde Sol-in-Ar — disse ela, calmamente.

O faroense se virou, as contas de ouro branco incrustadas no seu perfil refletindo a luz. Ele não demonstrou surpresa pela presença dela nem culpa pela sua própria.

— Vossa Majestade.

— Por que está aqui sozinho?

— Estava à procura do rei — respondeu Sol-in-Ar com o seu jeito manso e sussurrante.

Emira balançou a cabeça, os olhos percorrendo rapidamente o cômodo. Parecia errado sem Maxim. Ela examinou a mesa, como se houvesse algo faltando, mas Sol-in-Ar já havia endireitado a figura caída e pegou outra na beirada da mesa. O cálice e o sol. A marca da Casa Maresh.

O símbolo de Arnes.

— Espero não passar dos limites — disse ele — ao afirmar que somos parecidos.

— O senhor e o meu marido?

Um único balançar de cabeça.

— A senhora e eu.

O rosto de Emira ficou quente ao mesmo tempo que a temperatura da sala caía.

— Como?

— Ambos sabemos muito e falamos pouco. Ambos ficamos ao lado de reis. Somos a verdade sussurrada nos ouvidos deles. A razão.

Ela não disse nada, apenas inclinou a cabeça.

— A escuridão está se espalhando — acrescentou ele, com gentileza, apesar das palavras estarem cheias de sobressaltos. — E precisa ser contida.

— E será — respondeu a rainha.

Sol-in-Ar assentiu uma vez.

— Diga ao rei — avisou ele — que podemos ajudar. Se ele permitir.

O faroense se dirigiu à porta.

— Lorde Sol-in-Ar — chamou a rainha —, o nosso estandarte.

Ele olhou para a figura entalhada na sua mão como se tivesse se esquecido dela por completo.

— Minhas desculpas — falou ele, colocando a peça de volta no tabuleiro.

* * *

Emira finalmente encontrou o marido nos aposentos deles, ainda que não estivesse na cama. Ele havia adormecido na escrivaninha, desabara na

mesa de madeira entalhada, a cabeça apoiada nos braços dobrados sobre um livro de registros, o cheiro de tinta ainda fresco.

Somente a primeira linha era legível sob a manga amarrotada da sua camisa.

Para meu filho, príncipe herdeiro de Arnes, quando chegar a hora...

Emira inspirou bruscamente ao ler essas palavras e depois se recompôs. Ela não acordou Maxim. Não puxou o livro sob a cabeça dele. Ela andou silenciosamente até o sofá, pegou uma coberta e ajeitou a manta sobre os ombros do rei.

Maxim se mexeu brevemente, os braços trocando de posição sob a cabeça, a pequena mudança revelando não apenas a linha seguinte — *saiba que um pai vive para seu filho, mas que um rei vive para seu povo* — como também a atadura enrolada no seu pulso. Emira ficou imobilizada pela visão, linhas de sangue brotando através do linho pristinamente branco.

O que Maxim fez?

O que ainda planejava fazer?

Ela era capaz de ouvir as maquinações do palácio; porém, a mente do seu marido era sólida, impenetrável. Não importava o quanto se esforçasse para escutar, tudo que ouvia era o coração dele.

IX

Quando a noite caiu, as sombras floresceram.

Elas se juntaram ao rio, com a névoa e com o céu sem luar, até que estavam em toda parte. *Osaron* estava em toda parte. Em cada pulsação. Em cada respiração.

Alguns haviam escapado. Por enquanto. Outros já haviam sido reduzidos a pó. Era algo necessário, como a destruição de uma floresta, a limpeza de um terreno para que coisas novas — coisas *melhores* — pudessem crescer. Um processo tão natural quanto a mudança das estações.

Osaron era o outono, o inverno e a primavera.

E, por toda a cidade, ele ouvia a voz dos seus servos leais.

Como posso servi-lo?

Como posso idolatrá-lo?

Mostre-me o caminho.

Diga-me o que fazer.

Ele estava na mente deles.

No corpo deles. Sussurrava nas mentes e fluía pelo sangue. Estava em cada um deles e não se vinculava a ninguém.

Em todo lugar e em lugar nenhum.

Era o suficiente.

E *não* era.

Ele queria *mais*.





SEIS

EXECUÇÃO

Londres Cinza

Ned Tuttle acordou com uma sensação ruim.

Ele havia se mudado recentemente da casa da sua família em Mayfair para o quarto no andar de cima da taverna, da *sua* taverna. Aquele lugar mágico que já se chamou Stone's Throw e que ele rebatizou de Five Points.

Ned se sentou empertigado, escutando atentamente o silêncio. Podia jurar que havia alguém falando, mas não conseguia mais ouvir a voz e, conforme o tempo passava, já não tinha mais certeza se aquilo tinha sido real ou se eram apenas os vestígios do sono agarrados a ele, o ímpeto de ouvir o eco de algum sonho peculiar.

Ned sempre teve sonhos muito vívidos.

Tão vívidos que nem sempre ele conseguia distinguir quando algo tinha realmente acontecido ou se ele simplesmente sonhara com aquilo. Os sonhos de Ned sempre foram estranhos, e às vezes eram maravilhosos, mas ultimamente ficaram... perturbadores, pendendo à escuridão, mais ameaçadores.

Quando era criança, os seus pais explicaram que os seus sonhos eram apenas efeito colateral da leitura de histórias demais, de desaparecer por horas, e às vezes dias, perdendo-se em mundos fictícios e fantásticos. Na sua juventude, ele entendeu os sonhos como um sinal da sua sensibilidade ao *outro*, àquele aspecto do mundo que a maioria das pessoas era incapaz de enxergar, aquele que nem mesmo *Ned* conseguia ver, mas no qual acreditava fervorosamente, com uma determinação obstinada, até o dia em que ele conheceu Kell e soube com certeza que o *outro* era real.

Porém, esta noite, Ned sonhou com uma floresta feita de pedra. Kell também estava no sonho. Havia estado nele, mas não mais, e agora Ned se sentia perdido, e toda vez que gritava por socorro a floresta inteira ecoava o apelo como uma igreja vazia. Mas as vozes que retornavam não eram dele. Algumas pareciam agudas e outras graves; algumas jovens e doces, outras velhas; e no meio delas havia uma voz que ele não conseguia distinguir, uma voz que se curvava nos seus ouvidos como algumas vezes a luz se curva num canto.

Agora, sentado na sua pequena cama dura, ele sentiu o estranho ímpeto de gritar, como fez na floresta, mas uma pequena parte dele — bem, não tão pequena quanto gostaria — tinha medo de que, assim como na floresta, *outra* voz respondesse.

Talvez o som tivesse vindo do primeiro andar da taverna. Ele jogou as pernas compridas para o lado da cama, deslizou os pés nos chinelos e se levantou. O velho piso de madeira rangendo sob os pés.

Ele se moveu silenciosamente, apenas o *nhec-nhec-nhec* o acompanhando pelo cômodo, e então o *ai* quando ele deu um esbarrão na cômoda, o tilintar dos lampiões de metal balançando e quase virando, então o leve baque deles voltando ao lugar, seguidos pelo tamborilar das velas rolando pela mesa.

— Droga — murmurou Ned.

Teria sido terrivelmente conveniente, pensou, se pudesse apenas estalar os dedos e conjurar um pouco de fogo, mas ele tentou por quatro meses seguidos e mal conseguiu mover as peças no jogo de elementos de Kell. Por isso vestiu desajeitadamente o roupão, no escuro e seguiu para a escada.

E sentiu um calafrio.

Definitivamente havia algo estranho.

Normalmente, Ned adorava coisas estranhas, vivia com a esperança de conseguir vê-las, mas esse era o tipo de estranho que beirava o *errado*. O ar recendia a rosas, madeira queimada e folhas mortas. E, quando ele se movia, parecia que estava percorrendo um ponto de água morna em meio a uma piscina fria, ou um ponto de água fria no meio da água morna. Como uma corrente de ar num cômodo de portas fechadas e janelas trancadas.

Ele conhecia essa sensação, já havia sentido isso antes, na rua, do lado de fora da Five Points, quando ela se chamava Stone's Throw e ele ainda

estava esperando pelo retorno de Kell com a terra que prometera. Ned vira uma carroça virar, ouvira o condutor falando nervosamente sobre o homem que ele tinha atropelado. Porém, não havia corpo, não havia homem, apenas fumaça, cinzas e uma leve vibração de magia.

Magia ruim.

Magia *sombria*.

Ned voltou para o quarto e pegou a sua adaga cerimonial. Ele a havia comprado de um freguês na semana anterior: no cabo havia incrustado um pentagrama de ônix, com runas entalhadas ao seu redor.

Meu nome é Edward Archibald Tuttle, pensou ele, segurando firme a adaga. *Sou o terceiro do meu nome e não tenho medo*.

O *nhec-nhec-nhec* o seguiu pelos degraus empenados, e, quando ele chegou ao fim da escadaria e ficou de pé na taverna escura ouvindo apenas o *tum-tum* do próprio coração, Ned percebeu de onde vinha a sensação de estranheza.

A Five Points estava silenciosa demais.

Um silêncio pesado, abafado e *não natural*, como se o cômodo estivesse cheio de lã em vez de ar. As últimas brasas da lareira se apagavam atrás da grade, o vento soprava pelas tábuas, mas nada disso emitia nenhum som.

Ned foi até a porta da frente e abriu o trinco. Lá fora, a rua estava vazia. Era a hora mais escura, o momento antes dos primeiros raios do alvorecer. Mas Londres nunca ficava completamente vazia, não tão perto do rio, de modo que ele foi logo cumprimentado pelo *clang-clang* das carruagens, pelos gorjeios distantes de risadas e música. Em algum lugar nas proximidades do Tâmsa, o arranhar das cordas de um violino, e, muito mais perto, o barulho de um gato de rua, silvando em busca de leite ou companhia, ou o que quer que um gato de rua procure. Uma dúzia de sons que formavam a tessitura da cidade, e, quando Ned fechou de novo a porta, os barulhos o seguiram, esgueirando-se pela frincha embaixo da porta, ao redor da soleira. A pressão diminuiu e o ar da taverna ficou mais fino, o feitiço quebrado.

Ned bocejou, a sensação de estranheza já se esvaindo enquanto ele subia a escada. De volta ao seu quarto, ele escancarou a janela, apesar do frio, e deixou que os sons de Londres entrassem. Mas, quando se deitou, puxou as cobertas e o mundo se aquietou, os sussurros voltaram. E, quando

ele mergulhou naquele estado entre a vigília e o sono, as palavras ininteligíveis finalmente tomaram forma.

Deixe-me entrar, diziam elas.

Deixe-me entrar.

II

Vozes ecoaram do lado de fora da cela de Holland logo depois da meia-noite.

— Vocês estão adiantados — falou o guarda mais perto das grades.

— Onde está o seu parceiro? — perguntou o que estava próximo à parede.

— O rei precisa de homens na escada principal — respondeu o intruso — por causa da chegada dos sujeitos cheios de cicatrizes. — A voz dele estava abafada pelo elmo.

— Recebemos ordens.

— Também recebi — retrucou o novo guarda. — E estamos ficando sem pessoal.

Uma pausa, e nesta pausa Holland sentiu algo estranho acontecer. Como se alguém pegasse o ar, pegasse a energia no ar, e desse um puxão. De leve. Um puxão de comando. Uma mudança no equilíbrio. Um sutil emprego de controle.

— Além disso — falou, distraído, o novo guarda —, o que vocês preferem? Ficar olhando para esse monte de lixo ou salvar os seus amigos?

O equilíbrio pendeu. Os homens abandonaram os seus postos. Holland se perguntou se o novo guarda sabia o que tinha feito. Era um tipo de magia proibido neste mundo e venerado no dele.

O novo guarda observou os demais subirem a escada, e o seu corpo oscilou um pouco. Quando eles já estavam longe, ele se recostou na parede, de frente para a cela de Holland, o metal da armadura raspando a pedra, e desembainhou uma faca. Ele brincou sem propósito com ela, os dedos na ponta do gume, jogando a lâmina para cima e pegando e jogando novamente. Holland sentiu como se estivesse sendo estudado, então

também resolveu observar. Analisou como o novo guarda inclinava a cabeça, a velocidade dos dedos dele na faca, o cheiro de outra Londres fluando no sangue dele.

No sangue *dela*.

Ele deveria ter reconhecido aquela voz, mesmo através do elmo roubado. Talvez se tivesse dormido — há quanto tempo não dormia? —, talvez se não estivesse ensanguentado, ferido e atrás das grades. Ainda assim, ele deveria ter percebido.

— Delilah — cumprimentou ele em tom monótono.

— Holland.

Delilah Bard, a *Antari* da Londres Cinza, depositou o elmo na mesa que ficava sob o gancho de onde pendiam as chaves do carcereiro. Os seus dedos dançaram a esmo nos dentes delas.

— A sua última noite...

— Veio se despedir?

Ela cantarolou.

— Algo do tipo.

— Você está muito longe de casa.

O olhar dela se voltou imediatamente para ele, rápido e sagaz como uma agulha de aço.

— Você também. — Um dos olhos dela trazia o brilho embaçado de quem bebeu demais. O outro, o falso, fora estilhaçado. Estava unido por uma casca de vidro, mas o interior era uma difração de cores e rachaduras.

A faca de Lila voltou para a bainha. Ela tirou as manoplas e as deixou na mesa também. Mesmo bêbada, ela se movia com a elegância de uma lutadora. Ela o lembrava de Ojka.

— Ojka — repetiu ela, como se lesse a sua mente.

Holland ficou tenso.

— O quê?

Lila tocou de leve com o dedo indicador a própria bochecha.

— A ruiva com a cicatriz e o rosto manchado de preto. Ela fez isso, tentou enfiar uma faca no meu olho, pouco antes que eu cortasse o pescoço dela.

As palavras foram um golpe certo. Apenas uma pequena chama de esperança bruxuleando no peito dele. Nada restou. Cinzas sobre brasas.

— Ela estava seguindo ordens — falou Holland, sem emoção.

Lila pegou as chaves no gancho.

— Suas ou de Osaron?

Era uma pergunta difícil. Quando elas haviam sido diferentes? Será que sempre foram as mesmas?

Ele ouviu o retinir do metal, e Holland piscou para ver a porta da cela se abrindo e Lila entrando. Ela fechou a porta atrás de si e a trancou novamente.

— Se você veio me matar...

— Não — escarneceu ela —, isso pode esperar até de manhã.

— Então por que está aqui?

— Porque pessoas boas morrem e pessoas más continuam vivas, e isso não me parece muito justo, não é, Holland? — Ela franziu o rosto. — De todas as pessoas que você poderia ter matado, escolheu alguém que realmente significava algo para mim.

— Eu tive de fazê-lo.

O punho dela o atingiu como uma tijolada, forte o bastante para que a cabeça dele fosse jogada de lado e o mundo ficasse branco por um instante. Quando a sua visão clareou, ela estava sobre ele com as juntas dos dedos sangrando.

Ela tentou golpeá-lo de novo, mas desta vez Holland agarrou o pulso de Lila.

— Basta — falou ele.

Mas não bastava. A mão livre de Lila balançou, o fogo dançando nas suas juntas, mas ele a agarrou também.

— *Basta.*

Ela tentou se desvencilhar, mas as mãos dele seguraram com mais força, encontrando o lugar sensível em que os ossos se encontram. Ele pressionou e um som gutural escapou da garganta dela, grave e animalesco.

— De nada adianta se apegar àquilo que foi tirado de você — rosnou ele. — *Nada.*

Por sete anos, a vida de Holland foi destilada a um único desejo. Ver Athos e Astrid Dane sofrer. E Kell havia roubado isso dele. Roubado o olhar nos olhos de Astrid quando enfiava uma adaga no seu coração. Roubado a expressão de Athos ao desmembrá-lo, pedaço a pedaço.

Ninguém sofre tão lindamente como você.

Sete anos.

Holland empurrou Lila para trás. Ela tropeçou, os ombros batendo nas grades. Por um instante, a cela foi preenchida pelos sons de respiração ofegante enquanto eles se encaravam no espaço estreito, duas feras enjauladas juntas.

E então, devagar, Lila endireitou o corpo e flexionou as mãos.

— Se quer vingança — disse ele —, vá em frente.

Um de nós deve tê-la, pensou ele, fechando os olhos. Respirou fundo para se acalmar e passou a contar os seus mortos, começando com Alox e terminando com Ojka.

Mas, quando voltou a abrir os olhos, Delilah Bard não estava mais ali.

* * *

Vieram buscá-lo logo após o alvorecer.

Na verdade, ele não sabia que horas eram, mas podia sentir o palácio se agitando lá em cima, o calor sutil do mundo além do pilar da prisão. Após tantos anos de frio, ele aprendeu a sentir as menores mudanças no aquecimento, a saber como marcar a passagem do dia.

Os guardas vieram e libertaram Holland da parede, e, por um instante, ele ficou preso por nada além de duas mãos antes que envolvessem os seus pulsos, os seus ombros e a sua cintura com a corrente. O metal pesado o fazia mancar, e foi necessária toda a sua força para ficar de pé, para subir a escada, a marcha reduzida a passos hesitantes.

— *On vis och* — disse ele a si mesmo.

Da aurora ao crepúsculo. Uma frase que possuía dois significados na sua língua natal.

Um novo começo. Um bom fim.

Os guardas marcharam com Holland para cima e através dos corredores do palácio, onde homens e mulheres se aglomeravam para vê-lo passar. Eles o conduziram a uma varanda, um grande espaço vazio, exceto por uma ampla plataforma de madeira recém-construída. E sobre ela havia um bloco de pedra.

On vis och.

Holland sentiu a mudança assim que pôs os pés do lado de fora, o formigar dos feitiços de proteção do palácio deu lugar ao ar fresco e à luz tão clara que feria os seus olhos.

O sol nascia num dia frio, e Holland, ainda despido da cintura para cima por baixo das correntes, sentiu o ar gélido fustigar a sua pele violentamente. Mas ele aprendera havia muito a não dar aos outros a satisfação de vê-lo sofrer. E, apesar de saber que estava no centro de uma encenação, tendo a orquestrado pessoalmente, Holland não se permitiu estremecer e implorar. Não diante dessas pessoas.

O rei estava presente, assim como o príncipe, além de quatro guardas, cujas testas estavam marcadas com sangue, e um punhado de magos, igualmente marcados — um jovem de cabelos prateados com vento soprando ao seu redor, um casal de gêmeos de pele negra com as faces adornadas de pedras preciosas e um homem loiro grande e largo como um muro. Ao lado deles, com a pele marcada por finas cicatrizes prateadas, havia um homem quase familiar, com uma pedra preciosa azul sobre um dos olhos; um homem idoso em vestes brancas com uma gota de sangue na testa; e Delilah Bard, com a luz incidindo no olho estilhaçado.

Por fim, logo ali na plataforma ao lado do bloco de pedra, Kell empunhava uma espada longa, a ponta larga apoiada no chão.

Os passos de Holland devem ter ficado mais lentos porque um dos guardas lhe deu um soco nas costas, forçando-o a seguir em frente e subir os dois degraus curtos até o estrado recém-construído. Ele parou e se empertigou, olhando para o rio escurecido além da varanda.

Tão parecido com a Londres Preta.

Parecido demais com a Londres Preta.

— Está repensando? — perguntou Kell, segurando a espada com firmeza.

— Não — respondeu Holland, olhando atrás dele. — Só estou tirando um instante para aproveitar a vista.

O seu olhar parou no jovem *Antari*, no jeito como ele segurava a espada, uma das mãos em volta do punho e a outra apoiada na lâmina, pressionando com força suficiente para arrancar um pouco de sangue.

— Se ele não vier... — começou Holland.

— Serei rápido.

— Da última vez, você errou o meu coração.

— Não vou errar a sua cabeça — retrucou Kell. — Mas espero que não chegue a isso.

Holland começou a falar, mas se forçou a sufocar as palavras.

Elas não tinham propósito.

Ainda assim, ele pensou nelas.

Espero que chegue.

A voz do rei retumbou na manhã fria.

— Ajoelhe-se — ordenou o governante de Arnes.

Holland se retesou ao ouvir as palavras, a mente tropeçando em outra direção, para outra vida, para o aço frio e a voz suave de Athos. Mas deixou que o peso das lembranças, assim como o atual peso das correntes, arrastasse-o para baixo. Ele manteve os olhos no rio, na escuridão que se movia logo abaixo da superfície, e, quando falou, a sua voz era baixa, as palavras direcionadas não para a multidão na varanda, nem para Kell, mas para o rei das sombras.

— Ajude-me.

As palavras eram pouco mais que vapor exalado pela respiração. Para a multidão reunida, talvez tenha parecido uma oração direcionada a qualquer deus que ele venerasse. E, de certa forma, era isso mesmo.

— *Antari* — falou o rei, dirigindo-se a ele não pelo nome, nem mesmo pelo título, mas apenas pelo que ele era, e Holland se perguntou se Maxim Maresh sequer sabia o seu verdadeiro nome.

Vosijk, esteve prestes a dizer. *O meu nome é Holland Vosijk.*

Mas isso já não importava.

— Você é culpado de pecados graves contra o império, culpado de praticar magia proibida, de incitar o caos e a destruição, de trazer a guerra...

As palavras do rei o rodearam quando Holland ergueu a cabeça mais uma vez para o céu. Pássaros voavam muito alto enquanto sombras se entremeavam às nuvens baixas. Osaron estava ali. Holland cerrou os dentes e se forçou a falar, não para os homens à sua volta, nem para o rei ou para Kell, mas para a presença que espreitava, que estava ouvindo.

— Ajude-me.

— Pelos seus crimes, você foi sentenciado à morte pela espada. O seu corpo será entregue ao fogo...

Ele sentia a magia do *oshoc* se emaranhando ao seu cabelo, roçando a sua pele, mas ainda não havia se instalado.

— Se quiser dizer algo, fale agora, mas saiba que o seu destino já foi decidido.

Foi então que ele ouviu uma nova voz, como uma vibração no ar invernial.

Implore.

Holland ficou imóvel.

— Nada tem a dizer? — perguntou o rei.

Implore.

Holland engoliu em seco e fez algo que jamais havia feito, nem nos sete anos de escravidão e tortura.

— Por favor — implorou ele, primeiro baixinho, e em seguida mais alto. — Por favor. Serei todo seu.

A escuridão gargalhou, mas não se manifestou.

O pulso de Holland disparou, as correntes subitamente apertadas demais.

— Osaron — clamou ele —, este corpo é seu. Esta vida, o que restou dela, é sua...

Os guardas se posicionaram dos dois lados de Holland, as mãos enluvadas forçando a cabeça dele no bloco de pedra.

— Osaron — rugiu ele, pela primeira vez resistindo aos guardas.

A gargalhada continuou, reverberando na sua mente.

— Deuses não precisam de corpos, mas reis sim! Como você vai governar sem uma cabeça para pôr a coroa?

Agora, Kell estava ao seu lado, empunhando a espada com as duas mãos.

— Termine — ordenou o rei.

Espere, pensou Holland.

— Mate-o — disse Lila.

— Fique parado — mandou Kell.

Holland semicerrou os olhos ao encarar a madeira da plataforma.

— Osaron! — berrou ele enquanto Kell erguia a espada.

Ela nunca chegou a baixar.

Uma sombra tomou conta da varanda. Num instante, o sol estava ali; no instante seguinte, eles estavam mergulhados na escuridão. Todos

olharam para cima a tempo de ver a onda preta se erguer sobre a cabeça e arrebentar com toda a força.

Holland se virou de lado, ainda preso ao bloco de pedra, quando o rio irrompeu na plataforma. Um dos guardas foi derrubado da beirada, caindo na escuridão que se revolia lá embaixo, enquanto o outro se agarrou a Holland.

A torrente gelada derrubou a lâmina das mãos de Kell e o empurrou para trás no tablado, um estilhaço de gelo prendendo a manga do seu casaco ao chão enquanto os guardas vinham proteger o rei e o príncipe. A onda atingiu os degraus entre a plataforma e a varanda e se ergueu, espiralando em forma de coluna, antes de ter as suas arestas amainadas até assumir a forma de um homem.

Um rei.

Osaron sorriu para Holland.

— *Viu só?* — disse ele com a voz que ecoava. — *Posso ser misericordioso.*

Alguém atravessou a extensão da varanda. O mago de cabelos prateados partiu para o ataque, o ar formando facas à sua volta.

Osaron sequer desviou o olhar de Holland, mas fez um movimento com os dedos aquosos e uma lança de gelo se materializou e foi arremessada na direção do peito do mago. O homem chegou a sorrir enquanto girava o corpo para se esquivar do estilhaço, o movimento leve como o ar antes de fazer a lança se espatifar com uma única rajada de vento.

Cabelos prateados e vestes ondulantes dançaram novamente indo para cima de Osaron, como um borrão, e então o mago golpeou, uma das mãos envolta numa lâmina de vento. A forma líquida de Osaron se abriu, enrolou-se no pulso do mago e então se fechou. O mago flutuante parou de repente, preso no cerne gelado da silhueta de Osaron. Antes que pudesse se libertar, o rei das sombras enfiou a própria mão no peito do mago.

Os seus dedos atravessaram completamente, as pontas afiadas de gelo preto brilhando com rajadas vermelhas.

— *Jinnar!* — gritou alguém quando o vento na plataforma parou subitamente e o mago desabou no chão, sem vida.

Osaron sacudiu o sangue dos dedos enquanto subia os degraus.

— *Diga-me, Holland* — provocou ele —, *eu pareço precisar de um corpo?*

Aproveitando-se da distração dele, Kell arrancou o estilhaço de gelo da manga do casaco e o atirou com força nas costas do rei das sombras. Holland, mesmo contra a sua vontade, ficou impressionado. Mas ele atravessou a forma aquosa de Osaron sem causar danos. Ele se virou, como se estivesse se divertindo, para encarar Kell.

— *Será preciso mais que isso*, Antari.

— Eu sei — retrucou Kell, e Holland viu o fio de sangue espiralando na coluna de água que formava o tórax de Osaron um instante antes de Kell dizer: — *As Isera*.

E, simples assim, Osaron *congelou*.

Aconteceu num instante, e o rei das sombras foi substituído por uma estátua esculpida em gelo.

Holland encontrou o olhar de Kell na superfície congelada do tronco de Osaron.

Ele foi o primeiro a ver, o alívio se transformando em horror quando o mago morto, Jinnar, se levantou. Os seus olhos estavam pretos — não com sombras, mas de um preto sólido —, e a pele dele já começava a queimar com a força do novo parasita. E, quando falou, uma voz familiar e suave verteu dos seus lábios.

— *Será preciso mais que isso* — repetiu Osaron, o cabelo prateado fumegando.

Corpos se erguiam ao redor dele, e Holland entendeu tarde demais. A onda. A água.

— Kell! — gritou ele. — As marcas de sangue...

Ele foi interrompido por um punho quando o guarda mais próximo socou as suas costelas com a mão protegida por uma manopla, a mancha carmesim do seu elmo lavada pela primeira onda do rio.

— Ajoelhe-se diante do rei.

O homem com cicatrizes prateadas e o príncipe Maresh avançaram, mas Kell os impediu com um movimento entrecortado do braço — um muro de gelo se ergueu e os manteve fora da plataforma e longe de Osaron.

Osaron, que agora estava entre Holland e Kell no seu hospedeiro roubado, a pele dele descamando como anéis de papel queimado.

Holland se forçou a se levantar apesar do peso das correntes.

— Que substituto medíocre você escolheu — disse ele, chamando a atenção do *oshoc* enquanto Kell se aproximava com sangue pingando dos dedos. — Como ele se despedaça rápido. — A voz dele era baixa entre o caos que se erguia e cheia de desprezo. — Não é o corpo digno de um rei.

— *Você ainda ofereceria o seu no lugar dele?* — devaneou Osaron. Aquela casca estava morrendo rapidamente, incandescida por um brilho cor de sangue que brotava na sua pele.

— Ofereço — afirmou Holland.

— *Tentador* — falou Osaron. Os seus olhos pretos queimaram dentro do crânio. Num segundo, ele estava ao lado de Holland. — *Mas prefiro ver você cair.*

Holland sentiu o empurrão antes mesmo de ver a mão, sentiu a força no seu peito e o súbito peso da gravidade enquanto o mundo adernava, a plataforma desaparecia e as correntes o puxavam para a beirada e para baixo, para dentro do rio.

III

Kell viu Holland cair.

Num instante, o *Antari* estava ali, na beirada; no instante seguinte, ele se foi, submergindo no rio sem dispor de nenhuma magia, apenas o peso morto e frio do ferro enfeitiçado ao redor dele. A varanda estava um caos, um guarda de joelhos, lutando contra a névoa, enquanto Lila e Alucard se posicionavam para lutar com o cadáver animado de Jinnar, que agora nada mais era que um monte de ossos chamuscados.

Não havia tempo para pensar, para refletir, para questionar.

Kell mergulhou.

A queda era maior do que parecia.

O impacto expulsou o ar dos pulmões de Kell, vibrando os seus ossos, e ele arquejou quando o rio se fechou à sua volta, frio como gelo e preto como tinta.

Lá embaixo, quase fora do campo de visão, uma forma pálida havia descido até o fundo da água podre.

Kell nadou até Holland, os pulmões ardendo enquanto ele lutava contra a pressão do rio. Não apenas da água, mas também da magia de Osaron, sugando o calor e a concentração enquanto tentava forçar a entrada.

Quando alcançou Holland, o homem estava de joelhos no leito do rio, os lábios se movendo debilmente e sem emitir nenhum som, o corpo preso pelas algemas nos pulsos e pelo peso das correntes de aço envolvendo a cintura e as pernas. O *Antari* lutou para se pôr de pé, mas não conseguiu. Após uma breve luta, ele perdeu a batalha para a gravidade e afundou outra vez de joelhos, causando uma nuvem de sedimentos quando os ferros atingiram o leito do rio.

Kell pairou diante dele, o seu próprio casaco pesado por causa da água, peso suficiente para mantê-lo submerso. Ele puxou uma adaga e cortou a

pele antes de perceber a inutilidade, pois, no instante em que o sangue brotou, sumiu, disperso pela corrente do rio. Kell xingou, desperdiçando uma pequena bolha de ar enquanto Holland lutava para manter o que restava do dele. O cabelo preto de Holland flutuou na água ao redor do seu rosto, os olhos fechados, a resignação na sua postura, como se ele preferisse se afogar a retornar para o mundo lá em cima.

Como se quisesse terminar a própria vida aqui, no leito do rio.

Mas Kell não permitiria isso.

Os olhos de Holland se abriram de repente quando Kell segurou os seus ombros, agachado para alcançar os seus pulsos no lugar onde estavam presos ao fundo do rio. O *Antari* meneou a cabeça meticulosamente, mas Kell não desistiu. O seu corpo inteiro doía por causa do frio e da falta de ar, e ele pôde ver o peito de Holland tremendo ao lutar contra o ímpeto de respirar fundo.

Kell envolveu as algemas de ferro com as mãos e puxou, não com força, mas com magia. Ferro era um mineral, algo entre pedra e terra no espectro dos elementos. Ele não podia dispersá-lo, mas podia, com muito esforço, mudar a sua forma.

Transmutar um elemento não é tarefa simples, mesmo numa sala de trabalho com muito tempo e concentração. Fazê-lo embaixo da água cercado de magia das trevas enquanto o seu peito gritava e Holland se afogava lentamente era completamente diferente.

Concentre-se, ralhou mestre Tieren na mente dele. *Desconcentre-se*.

Kell comprimiu os olhos e tentou se lembrar das instruções de Tieren.

Elementos não são completos em si mesmos, dissera o Aven Essen, e sim partes, cada um deles é um nó de uma corda sempre circulante, cada um dá lugar ao seguinte e assim por diante. Há uma pausa natural, mas nenhuma costura.

Aprendera a fazer isso muitos anos antes; bastante tempo desde que ele ficara no escritório do sumo sacerdote com um copo em cada mão, seguindo as linhas do espectro do elemento enquanto derramava o conteúdo dos copos de um para o outro, transformando um cálice de água em areia, areia em pedra, pedra em fogo, fogo em ar, ar em água. Repetidas vezes, devagar e minuciosamente, a ação jamais fluindo com tanta naturalidade quanto na teoria. Os sacerdotes podiam fazê-lo, estavam tão afinados com as sutilezas da magia, com os limites entre os poros dos

elementos nas suas mãos. Porém, a magia de Kell era forte demais, brilhante demais, e na metade das vezes ele falhava, estilhaçando o vidro e derramando o seu conteúdo, que agora era metade pedra, metade vidro.

Concentre-se.

Desconcentre-se.

O ferro estava frio nas suas mãos.

Inflexível.

Nós numa corda.

Holland estava morrendo.

O mundo líquido se revolveu sombrio.

Concentre-se.

Desconcentre-se.

Os olhos de Kell se abriram de súbito. Ele encontrou o olhar de Holland e, assim que o metal começou a ficar macio nas suas mãos, viu algo se iluminar no rosto do mago. Foi então que Kell se deu conta de que a resignação havia sido uma máscara, um véu para encobrir o pânico. As algemas cederam sob os dedos desesperados de Kell, transformando-se de ferro em areia, num sedimento que formou uma nuvem e em seguida se dissolveu na corrente do rio.

Na súbita ausência de correntes, Holland avançou. Ele subiu, a necessidade de ar o impulsionando para a superfície.

Kell tomou impulso no leito do rio para segui-lo.

Ou tentou fazê-lo.

Ele subiu alguns metros apenas para ser puxado de volta para baixo, preso por uma força repentina e invisível. O último resquício de ar nos pulmões de Kell escapou numa corrente violenta quando ele lutou contra a prisão da água. A força em volta das suas pernas apertou, tentando esmagar a força dos seus membros, do seu peito, arrastando os seus braços para os lados num eco cruel da estrutura de aço no castelo da Londres Branca.

A água diante de Kell se moveu e espiralou, a corrente formando a silhueta de um homem.

Olá, de novo, Antari.

Kell compreendeu tarde demais. Naquele último instante na varanda, quando Osaron olhou não para Holland, mas para ele. Quando empurrou

Holland para o rio, sabendo que Kell o salvaria. Eles montaram uma armadilha para o rei das sombras, e ele armou uma para eles. Para *ele*.

Afinal, Kell foi aquele que resistiu, aquele que se recusou a se render.

Agora você vai se ajoelhar?

As amarras invisíveis forçaram Kell de encontro ao leito do rio. Os seus pulmões queimaram quando ele tentou lutar contra o rio. Tentou e falhou. O pânico tomou conta dele.

Agora você vai implorar?

Ele fechou os olhos e tentou lutar contra a necessidade de ar que gritava no peito, afogando os sentidos. A sua visão ficou salpicada de pontos de luz branca e de pontos escuros e vazios.

Agora você vai me deixar entrar?

IV

Lila viu Kell desaparecer na beirada da varanda.

A princípio, pensou que ele havia sido derrubado, que ele não pularia por *vontade própria* na água preta, não por Holland, mas então ela se lembrou das palavras de Kell — *podia ter sido eu* — e entendeu, com uma clareza gélida, que ele não havia lhe contado a verdade. A execução era uma farsa. Matar Holland nunca esteve nos planos.

Tudo não passou de uma armadilha, Osaron não mordeu a isca e agora Holland estava afundando até o leito do Atol. E Kell estava indo com ele.

— Que inferno — murmurou Lila, tirando o casaco.

Na varanda, Jinnar havia desmoronado, o corpo se transformando em cinzas lamacentas enquanto aqueles que sucumbiram ao feitiço de Osaron eram subjugados. Um par de guardas cheios de cicatrizes prateadas lutava para recuperar a ordem ao mesmo tempo que um terceiro combatia a febre que o devastava. O rei havia passado pelos seus próprios guardas, vasculhando a varanda enquanto Alucard protegia Rhy, que pousava uma das mãos sobre o peito como se não conseguisse respirar.

Porque, é claro, ele não *conseguia* respirar. Kell não era o único que se afogava.

Lila se virou, subiu no beiral da varanda e pulou.

A água cortava como facas. Ela vociferou coisas incoerentes, em choque pela dor e pelo frio. Ia *matar* alguém quando isso acabasse.

Sem o peso do casaco, o corpo dela se rebelou, tentando com todas as forças fazê-la flutuar até a superfície, até o ar, até a vida. Em vez disso, ela nadou para baixo, até a silhueta no leito do rio. Os seus pulmões queimavam e a água gelada aferroava o seu olho aberto. Ela esperava que fosse Holland, preso pelo peso das correntes. Mas a figura lutava livremente, o cabelo uma nuvem emaranhada.

Kell.

Lila bateu os pés quando uma mão agarrou o seu braço. Ela se virou para trás e viu Holland, agora livre das correntes.

Ela tentou chutá-lo para longe dali, mas a água a impediu e os dedos dele apertaram o seu braço, forçando-a a olhar de novo para a figura lutando no fundo do rio.

Por um instante frio e doentio, Lila pensou que Holland queria que ela visse Kell morrer.

Mas então ela a viu, a silhueta sutil de algo, de *alguém*, pairando na água diante dele.

Osaron.

Holland apontou para si mesmo e então para o rei das sombras. Apontou para ela e então para Kell. E depois a soltou, e ela entendeu.

Eles mergulharam ao mesmo tempo, mas Holland alcançou o leito do rio primeiro, aterrissando com uma nuvem de sedimentos que alcançaram a forma do rei das sombras como partículas de poeira captando luz.

Lila alcançou Kell encoberta pela água turva e tentou puxá-lo para cima, libertá-lo, mas Osaron continuou segurando firme. Ela acenou desesperadamente para Holland num apelo silencioso e então o mago abriu os braços e *empurrou*.

O rio recuou, dispersou-se em todas as direções, entalhando uma coluna de ar com Kell e Lila ao centro. Kell e Lila, mas não Holland.

Lila respirou fundo, os pulmões doendo, enquanto Kell desmoronava no leito do rio, arquejando e vomitando água.

Tire-o daqui, articulou com os lábios Holland, as mãos tremendo pelo esforço de manter o rio e *Osaron* afastados.

Com o quê?, queria dizer Lila. Eles podiam respirar, mas ainda estavam de pé no fundo do rio, Kell semiconsciente e Lila com toda a sua força mas nenhuma das habilidades dele. Ela não podia conjurar asas de ar nem esculpir uma escadaria de gelo. O seu olhar se dirigiu para o leito de sedimentos.

A coluna de ar oscilou ao redor deles.

Holland estava perdendo o controle.

As sombras se avolumavam, enrolando-se na água ao redor do *Antari* vacilante como membros errantes, dedos errantes, lábios errantes.

Ela queria deixá-lo lá, mas Kell os levara até ali, até este ponto, tudo por causa da porcaria da vida de Holland. *Deixe-o. Salve-o. Que ele se dane.* Lila rosnou e, mantendo uma das mãos na manga da camisa de Kell, esticou a outra para a coluna, alargando o círculo até que Holland tropeçou para dentro dele, a salvo.

A salvo era um termo relativo.

Holland respirou com dificuldade, e Kell, enfim recobrando os sentidos, pressionou o leito alagado do rio com a palma das mãos. Ele começou a se erguer, um disco de terra sob os pés deles, emergindo para a superfície conforme a coluna de ar desmoronava lá embaixo.

Eles atravessaram a superfície e cambalearam até a margem do rio sob o palácio, caindo no chão, encharcados e quase congelados, porém vivos.

Holland foi o primeiro a se recuperar, mas, antes que começasse a se levantar, Lila levou uma faca até o pescoço dele.

— Parado — disse ela com os próprios membros tremendo.

— Espere... — começou Kell, mas o rei e os seus homens já haviam chegado, e os guardas forçaram Holland a ficar de joelhos na margem gélida. Quando perceberam que ele não estava mais acorrentado, metade deles avançou, espadas em punho, e a outra metade se afastou. Mas Holland não se moveu para atacar. Lila manteve a faca em riste o tempo inteiro até que os homens do rei jogassem o prisioneiro de volta na cela. No seu encalço, Rhy chegou intempestivamente à margem do rio. A mandíbula estava tensa e as faces vermelhas, como se ele quase tivesse se afogado. Porque, é claro, ele tinha.

Kell o viu chegando.

— Rhy...

O príncipe deu um soco no rosto do irmão.

Kell cambaleou e caiu para trás, e o príncipe se abalou numa dor espelhada, afagando o próprio queixo.

Rhy agarrou Kell pelo colarinho encharcado do seu casaco.

— Eu já fiz as pazes com a morte — falou ele, apontando um dedo violentamente para Holland, que já estava longe —, mas me recuso a morrer por *ele*.

Com isso, Rhy empurrou o irmão de novo. Os lábios de Kell se abriram e se fecharam, um filete de sangue num canto, mas o príncipe se virou e marchou de volta ao palácio.

Lila se empertigou.

— Você mereceu — disse ela antes de deixar Kell ali, na margem, encharcado, tremendo e sozinho.

V

“Deuses não precisam de corpos, mas reis sim.”

Osaron *ruminou* as palavras que ecoavam na sua mente. Ervas daninhas a serem arrancadas pela raiz. Afinal, ele era um deus. E um deus não precisava de um corpo. De uma casca. De uma *gaiola*. Um deus estava em todo lugar.

O rio se agitou e dele se ergueu uma gota, uma conta preta e cintilante que se alargou e se alongou até formar uma silhueta, membros, dedos, um rosto. Osaron ficou de pé na superfície da água.

Holland estava *errado*.

Um corpo era apenas uma ferramenta, uma coisa a ser usada, descartada, mas nunca *necessária*.

Osaron queria matar Holland lentamente, arrancar o seu coração mortal, um coração que ele *conhecia*, um coração que ele ouviu durante meses.

Ele deu tanto a Holland — uma segunda chance, uma cidade renascida. E tudo o que pediu em troca foi *cooperação*.

Eles fizeram um acordo.

E Holland pagaria por tê-lo quebrado.

A *insolência* desses Antari.

E quanto aos *outros* dois...

Ele ainda não havia decidido como os usaria.

Kell era uma tentação.

Uma dádiva concedida e então perdida. Um corpo a domar, ou simplesmente a destruir.

E a garota. Delilah. Forte e mordaz. Tanta obstinação dentro dela. Tanta promessa. Ela podia ser muito *mais*.

Ele queria...

Não.

Mas então...

Eram coisas diferentes um deus querer e um humano precisar.

Ele não *precisava* desses brinquedos, dessas cascas.

Não precisava ser *confinado*.

Ele estava em todo lugar.

(Era o suficiente.)

Era...

Osaron olhou para a sua forma esculpida em água escura e se lembrou de outro corpo, de outro mundo.

Em falta...

Não.

Mas *faltava* alguma coisa.

Ele se ergueu da superfície da água, subindo no ar para observar a cidade que se tornaria a *sua* cidade, e franziu o cenho. Era meio-dia e mesmo assim Londres estava imersa em sombras. As brumas do seu poder cintilavam, revolviam-se, enrolavam-se, mas, por baixo desse cobertor, a cidade parecia *enfadonha*.

O mundo, o seu mundo, deveria ser belo, brilhante, cheio de luz e magia, uma canção de poder.

E *seria* assim quando a cidade parasse de lutar. Quando todos se curvassem, todos se ajoelhassem, todos o reconhecessem como rei, e então ele faria da cidade tudo o que ela podia ser, o que ela *devia* ser. O progresso era um processo e as mudanças demandavam tempo. Um inverno antes de cada primavera.

Mas, enquanto isso...

Em falta...

O que faltava...

Ele girou no próprio eixo e lá estava.

O palácio real.

Em algum lugar ali dentro estavam amontoados aqueles que o desafiavam, escondendo-se atrás dos feitiços de proteção como se pudessem sobreviver a *ele*. E eles sucumbiriam com o tempo, mas era o palácio em si que brilhava aos seus olhos, erguendo-se sobre o rio escurecido como um segundo sol, lançando os seus raios de luz

avermelhada ao céu mesmo agora. O seu eco dançando na superfície escura e espelhada do rio.

Todo governante precisava de um palácio.

Ele já tivera um antes, é claro, no centro da sua primeira cidade. Algo belo e esculpido com desejo, comando e puro potencial. Osaron dissera a si mesmo que não repetiria aquele lugar, que não cometeria os mesmos erros...

Mas aquela era a palavra errada.

Ele era jovem, estava aprendendo e, apesar de a cidade ter sido destruída, não foi culpa do *palácio*. Não foi culpa *dele*. Foi culpa deles, do povo, com as suas mentes imperfeitas, as suas formas frágeis. E sim, ele concedeu poder a eles, mas agora já havia aprendido a lição. Aprendeu que o poder devia ser dele e somente dele, e aquele havia sido um palácio *muito* esplêndido. O coração escuro do seu reino.

Daria mais certo aqui.

Bem aqui.

E então, talvez, este lugar pareceria o seu lar.

Lar.

Que ideia estranha.

Mesmo assim. Aqui. Isto.

Osaron agora pairava no ar, muito acima da extensão de preto brilhante que se tornara o rio, das arenas sem vida que pareciam enormes esqueletos de pedra e madeira enfeitados com os leões, as serpentes e as aves de rapina; os corpos vazios, os estandartes ainda ondulando na brisa.

Bem aqui.

Ele abriu as mãos e puxou os cordões do seu mundo, os fios de poder das pedras do estádio e da água lá embaixo, e as silhuetas gigantescas começaram a se unir, rangendo conforme se libertavam das suas pontes e sustentações.

Na mente dele, o palácio tomou forma: fumaça, pedra e magia flutuando e se reorganizando em algo diferente, algo maior. E assim foi, tanto na mente dele quanto no mundo abaixo. O seu novo palácio se alongou como uma sombra, erguendo-se em vez de se alargar, os tentáculos de névoa subindo pelas laterais como vinhas e se amainando numa pedra de um preto polido como uma pele nova sobre ossos velhos. Lá em cima, os estandartes do estádio se ergueram como fumaça antes de

endurecer na forma de uma coroa feita de pináculos reluzentes acima da sua criação.

Osaron sorriu.

Era um começo.

VI

Kell sempre foi fã do silêncio.

Ele almejava aqueles momentos demasiadamente raros em que o mundo se acalmava e o caos da vida no palácio dava lugar a uma calmaria simples e confortável.

Esse *não* era aquele tipo de silêncio.

Não, esse silêncio era algo vazio e melancólico, uma calma opressora quebrada apenas pelo espalmar da água do rio batendo no piso polido, pelo crepitar do fogo na lareira e pelo arrastar dos pés de Rhy com o seu andar desassossegado.

Kell sentou numa das cadeiras do príncipe, uma xícara de chá fumegante numa das mãos, o queixo machucado na outra, e o seu cabelo era uma bagunça de mechas vermelhas encharcadas, a água do rio escorrendo pelo pescoço. Enquanto Tieren cuidava dos seus pulmões feridos, Kell fazia o inventário dos estragos: dois guardas mortos, assim como outro mago arnesiano. Holland estava de volta à prisão, a rainha estava na galeria e o rei postado do outro lado do cômodo, ao lado da lareira do príncipe, exibindo uma expressão sombria, lúgubre. Hastra estava perto da porta, Alucard Emery — uma sombra da qual Kell não parecia conseguir se livrar — estava sentado no sofá com um cálice de vinho enquanto um dos seus colegas de navio, Lenos, pairava como uma sombra atrás dele. Sangue e cinzas ainda manchavam a testa de Alucard. Parte era dele, mas o resto pertencia a Jinnar.

Jinnar, que tinha partido para a luta e falhado.

O melhor mago do vento de Arnes reduzido a um títere queimado, a uma pilha de cinzas.

Lila estava descansando no chão, as costas apoiadas no sofá de Alucard, e Kell, à visão dela sentada ali, perto da porcaria do corsário em

vez de perto dele, sentiu o fogo no seu peito dolorido se atingar.

Os minutos passaram depressa, e o seu cabelo molhado enfim começou a secar. Ainda assim, ninguém tinha dito uma palavra. Pelo contrário, o ar zumbia com a frustração de coisas não ditas, de ímpetos que começavam a ficar dormentes.

— Bem — falou o príncipe por fim —, acho que podemos dizer que aquilo não saiu como o planejado.

As palavras quebraram o gelo, e de repente o cômodo se encheu de vozes.

— Jinnar era meu *amigo* — disse Alucard, encarando Kell com raiva —, e ele está morto por sua causa.

— Jinnar está morto por culpa dele mesmo — retrucou Kell, desvencilhando-se das atenções de Tieren. — Ninguém o forçou a ficar naquela varanda. Ninguém pediu a ele que atacasse o rei das sombras.

Lila ficou irritada.

— Você devia ter deixado Holland se afogar.

— Por que não deixou? — interrompeu Rhy.

— Afinal — continuou ela —, não era para ser uma *execução*? Ou você tinha outros planos? Planos que não dividiu conosco.

— É, Kell — replicou Alucard. — Explique isso para nós.

Kell lançou um olhar gélido ao capitão.

— Por que você está aqui?

— Kell — falou o rei numa voz grave e rígida —, conte a eles.

Kell, frustrado, passou uma das mãos pelo cabelo arrepiado.

— Osaron precisa de permissão para possuir um hospedeiro *Antari* — explicou ele. — O plano era Holland deixar Osaron entrar, e então eu mataria Holland.

— Eu sabia — disse Lila.

— Parece que Osaron também — completou Rhy.

— Durante a execução — continuou Kell —, Holland estava tentando atrair Osaron. Quando Osaron apareceu, presumi que tinha funcionado, mas então ele empurrou Holland no rio... Eu não pensei...

— Não — explodiu Rhy —, não pensou.

Kell continuou defendendo as suas ações.

— Ele *poderia* ter deixado Holland se afogar, *ou* poderia simplesmente estar tentando afastá-lo de nós antes de reclamar o seu hospedeiro, e, se

vocês pensam que Osaron é ruim sem um corpo, deviam tê-lo visto quando estava dentro de Holland. Só percebi que ele estava atrás de *mim* quando já era tarde demais.

— Era o certo a fazer — proclamou o rei. Kell olhou para ele, aturdido. Era o mais próximo que Maxim havia chegado de tomar o partido de Kell em *meses*.

— Bem — falou Rhy, rabugento —, Holland continua vivo e Osaron, livre. E ainda não temos a menor ideia de como detê-lo.

Kell pressionou os próprios olhos com a palma das mãos.

— Osaron ainda precisa de um corpo.

— Ele não parece concordar com você — disse Lila.

— Ele vai mudar de ideia — retrucou Kell.

Rhy parou de andar de um lado para o outro.

— Como você sabe?

— Porque, nesse momento, ele pode se dar ao luxo de ser teimoso. Ele tem opções de sobra. — Kell olhou para Tieren, que permanecia em silêncio, imóvel como uma pedra. — Quando vocês colocarem a cidade para dormir, ele ficará sem corpos com os quais brincar. Vai ficar inquieto. Vai ficar com raiva. E então teremos a atenção dele.

— E *então* faremos o quê? — perguntou Lila, exasperada. — Mesmo que consigamos convencer Osaron a ocupar o corpo que dermos a ele, teremos de ser rápidos o bastante para encarcerá-lo lá. É como tentar agarrar um raio.

— Precisamos de outra forma de contê-lo — falou Rhy. — Algo melhor que um corpo. Corpos contêm mentes, e mentes, como bem sabemos, podem ser manipuladas. — Ele apanhou uma pequena esfera de prata de uma prateleira e a estendeu a todos, mostrando-a na palma da sua mão. A esfera era feita de finas cordas de metal entremeadas de tal maneira que elas se afastavam, expandindo-se num orbe maior feito de filamentos delicados. Em seguida, a esfera se retraiu mais uma vez, fechando-se numa densa bola de prata, totalmente recolhida e retesada. — Precisamos de algo mais forte. Algo permanente.

— Precisamos de um Herdeiro — disse Tieren, calmamente.

Todos os presentes olharam para o *Aven Essen*, mas Maxim foi o único a falar. Ele estava ficando vermelho.

— Você me disse que eles não existiam.

— Não — falou Tieren —, eu lhe disse que não o ajudaria a *produzir* um.

O sacerdote e o rei trocaram olhares por um longo tempo até que Rhy se pronunciou.

— Alguém se importaria de explicar?

— Um Herdeiro — começou Tieren a falar com calma, dirigindo-se a todos — é um dispositivo que transfere magia. E, mesmo que pudesse ser produzido, é algo corrupto por natureza, que desafia completamente as leis cardeais, além de ser uma *interferência* — Maxim ficou tenso ao ouvir isso — na ordem natural da seleção da magia.

O cômodo ficou em silêncio. O rosto do rei estava rígido de raiva, as feições de Rhy estavam lívidas e a compreensão se assentou no peito de Kell. Um dispositivo para transferir magia permitiria dá-la àqueles que não a possuíam. O que um pai não faria por um filho nascido sem poder? O que um rei não faria pelo seu herdeiro?

Quando o príncipe falou, a voz era cautelosa, equilibrada.

— Isso é realmente possível, Tieren?

— Em *teoria* — respondeu o sacerdote, cruzando a sala até uma escrivaninha decorada que ficava no canto do cômodo. Ele pegou um pergaminho numa das gavetas, tirou um lápis de uma das muitas dobras das suas vestes brancas de sacerdote e começou a desenhar.

— A magia, como vocês sabem, não segue uma linhagem sanguínea. Ela escolhe os fortes e os fracos de acordo com a sua vontade. E isso é *natural* — acrescentou ele, olhando severamente para o rei. — Porém, tempos atrás, um nobre chamado Tolec Loreni queria encontrar uma forma de passar não apenas as suas terras e os seus títulos, mas também o seu poder para o amado primogênito. — O desenho na página começou a tomar forma. Um cilindro de metal no formato de um rolo de pergaminho cuja superfície estava repleta de feitiços incrustados. — Ele projetou um dispositivo que poderia ser enfeitiçado para conter e manter o poder de uma pessoa até que o familiar imediato pudesse reclamá-lo.

— Por isso chamou de *Herdeiro* — deduziu Lila.

Rhy engoliu em seco.

— E realmente funcionou?

— Bem, não — respondeu Tieren. — O feitiço o matou instantaneamente. Porém — o rosto dele se iluminou —, a sua sobrinha,

Nadina, tinha uma mente brilhante. Ela aperfeiçoou o projeto e o primeiro Herdeiro foi produzido.

Kell balançou a cabeça.

— Por que nunca ouvi falar disso? E, se eles funcionam, por que não são mais utilizados?

— O poder não gosta de ser forçado a seguir caminhos — ponderou Tieren. — O Herdeiro de Nadina Loreni funcionou. Mas funcionava em *qualquer um. Para* qualquer um. Não havia como controlar *quem* reclamava o conteúdo de um Herdeiro. Magos podiam ser *persuadidos* a renunciar todo o seu poder para o dispositivo, e, uma vez que ele era entregue ao Herdeiro, podia ser reivindicado por qualquer um. Como podem imaginar, as coisas ficaram... confusas. No fim, a maioria dos Herdeiros foi destruída.

— Mas, se encontrarmos os projetos dos Loreni — falou Lila —, podemos recriar um...

— Não precisamos fazer isso — disse Alucard, falando pela primeira vez. — Sei exatamente onde encontrar um dispositivo desses.

VII

— O que você quer dizer com *vendeu*? — explodiu Kell com o capitão.

— Eu não sabia o que *era*.

Isso já se arrastava por alguns minutos, e Lila se serviu de outra bebida quando o cômodo em que estava começou a zumbir com a raiva de Kell, com a frustração do rei e com o aborrecimento de Alucard.

— Não reconheci a magia — explicou Alucard pela terceira vez. — Nunca tinha visto algo parecido. Eu sabia que era raro, mas só isso.

— Você *vendeu* um *Herdeiro* — repetiu Kell, prolongando as palavras.

— Tecnicamente — retrucou Alucard, defendendo-se —, eu não o *vendi*. Eu fiz uma troca.

Todos gemeram ao ouvir isso.

— Com quem você o trocou? — exigiu saber Maxim. O rei não estava com uma aparência boa. Havia manchas escuras sob os seus olhos e parecia que ele não dormia fazia dias. Não que qualquer um deles tivesse dormido, mas Lila gostava de pensar que lidava muito bem com o cansaço, uma vez que tivera uma boa dose de prática.

— Maris Patrol — respondeu Alucard.

O rei corou ao ouvir o nome. Ninguém mais pareceu notar. Mas Lila notou.

— O senhor conhece.

A atenção do rei se voltou para ela.

— O quê? Não. Apenas a sua reputação.

Lila sabia reconhecer uma mentira, especialmente uma mal contada, mas Rhy interveio.

— E que reputação é essa?

Não foi o rei quem respondeu. Lila também notou isso.

— Maris gerencia o *Ferace Stras* — respondeu Alucard.

— O Águas Prósperas? — traduziu Kell, presumindo que Lila não conhecesse as palavras. Mas ela conhecia. — Nunca ouvi falar dele — acrescentou.

— Não estou surpreso — provocou o capitão.

— *Er an merst ...* — começou Lenos, falando pela primeira vez. *É um mercado.* Alucard lançou um olhar reprimindo o homem, mas o imediato continuou a falar com a voz suave e o sotaque da área rural de Arnes. — Serve a marinheiros de determinado tipo, buscando negociar... — Ele finalmente entendeu o olhar do capitão e desviou do assunto.

— Você quer dizer um mercado clandestino — emendou Lila, inclinando o cálice para o capitão. — Como Sassenroche.

O rei arqueou uma sobrancelha ao ouvir isso.

— Vossa Majestade — começou Alucard —, aconteceu antes de eu servir à coroa...

O rei ergueu uma das mãos, evidentemente sem interesse em ouvir desculpas.

— Você acredita que o Herdeiro ainda esteja lá?

Alucard assentiu com a cabeça.

— O chefe do mercado se apegou a ele. Da última vez que o vi, estava no pescoço de Maris.

— E onde fica esse *Ferese Stras*? — perguntou Tieren, empurrando um pedaço de pergaminho para eles. Na superfície estava desenhado um mapa simples do império. Sem legendas, apenas as fronteiras das regiões. A visão daquilo fez algo formigar na mente de Lila.

— Esse é o problema — falou Alucard, passando uma das mãos pelos cachos bagunçados do cabelo castanho. — Ele muda de lugar.

— Pode encontrá-lo? — perguntou Maxim.

— Com um criptograma de pirata, é claro — respondeu Alucard. — Mas não tenho mais um desses. Pela honra de Arnes, eu juro que...

— Você quer dizer que foi confiscado quando foi preso — disse Kell. Alucard lhe lançou um olhar venenoso.

— Um criptograma de pirata? — perguntou Lila. — É como uma carta náutica?

Alucard assentiu.

— Mas nem todas as cartas náuticas são desenhadas da mesma forma. Todas têm portos, caminhos a serem evitados, os melhores lugares e

horários para fazer negócios. Mas um criptograma de pirata é projetado para guardar segredos. A olho nu, o criptograma é praticamente inútil, nada além de linhas. Nenhuma cidade está nomeada. — Ele olhou para o mapa simplificado de Tieren. — Como aquele.

Lila franziu o cenho. Ali estava de novo, aquela sensação de formigamento, mas agora começava a ganhar forma. Na sua mente, surgia outro cômodo em outra Londres, em outra vida. Um mapa sem marcações aberto na mesa do sótão da Stone's Throw, preso a ela pelos ganhos da noite.

Ela deve ter baixado a guarda, deixado a lembrança transparecer no rosto, porque Kell tocou no seu braço.

— O que foi?

Ela deslizou o dedo pela borda do cálice, tentando não deixar a emoção transparecer na voz.

— Eu já tive um mapa como esse. Afanei de uma loja quando tinha 15 anos. Sequer sabia o que era. O pergaminho estava enrolado e amarrado com uma fita. Mas foi como se me *atraísse* para ele, então o peguei. O mais estranho, apesar de tudo, é que nunca pensei em vendê-lo. Acho que gostava da ideia de um mapa sem nomes, sem títulos de lugares, nada além de terra, mar e promessas. Eu o chamava de meu mapa para qualquer lugar do mundo...

Lila percebeu que o cômodo havia ficado em silêncio. Todos estavam olhando para ela — o rei e o capitão, o mago, o sacerdote e o príncipe.

— O que foi?

— Onde ele está agora? — perguntou Rhy. — Esse mapa para qualquer lugar do mundo?

Lila deu de ombros.

— Lá na Londres Cinza, imagino, no quarto no andar de cima da Stone's Throw.

— Não — disse Kell com gentileza. — Não está mais lá.

A informação a atingiu como um soco. Uma porta se fechando com violência.

— Ah... — disse ela, um pouco sem fôlego. — Bem... eu devia ter imaginado que alguém o...

— Eu o peguei — interrompeu Kell. E então, antes que ela pudesse lhe perguntar o motivo, ele acrescentou depressa: — Ele chamou a minha

atenção. É como você disse, Lila, o mapa tem uma espécie de poder de atração. Deve ser o feitiço.

— Deve ser — disse Alucard com acidez.

Kell franziu o cenho para o capitão, mas foi buscar o mapa.

Enquanto ele esteve fora do cômodo, Maxim sentou numa cadeira, os dedos agarrando os braços estofados. Se mais alguém notou a exaustão nos olhos escuros do monarca, nada disse, mas Lila percebeu quando Tieren também se movimentou, assumindo um lugar atrás da cadeira do rei. Ele apoiou a mão no ombro de Maxim e Lila notou que as feições do rei se amainaram, alguma dor ou moléstia amenizada pelo toque do sacerdote.

Ela não soube por que a visão a deixou nervosa, mas ainda estava tentando se livrar do formigamento de inquietação quando Kell voltou com o mapa nas mãos. Todos os presentes se reuniram ao redor da mesa, exceto o rei, enquanto Kell desenrolava o prêmio, prendendo as bordas. Um dos lados estava manchado com sangue seco havia muito tempo. Os dedos de Lila se estenderam na direção da mancha, mas ela se refreou e enfiou as mãos no bolso do casaco, os dedos se fechando em volta do relógio no seu interior.

— Eu voltei lá uma vez — falou Kell com suavidade, a cabeça inclinada na direção dela. — Depois de Barron...

Depois de Barron, disse ele. Como se Barron fosse uma coisa simples, um marco no tempo. Como se Holland não tivesse cortado o pescoço dele.

— Você afanou mais alguma coisa? — perguntou ela com voz severa.

Kell meneou a cabeça.

— Sinto muito — respondeu ele, e ela não sabia se Kell se desculpava por ter pegado o mapa ou por não ter pegado outras coisas. Ou simplesmente por fazê-la se lembrar de uma vida, de uma morte, que queria tanto esquecer.

— Bem — perguntou o rei —, é um criptograma?

Alucard, do outro lado da mesa, assentiu.

— Parece que sim.

— Mas as portas foram seladas há séculos — disse Kell. — Como um criptograma de pirata arnesiano foi *parar* na Londres Cinza?

Lila bufou.

— Sério, Kell?

— O quê? — explodiu ele.

— Você não foi o primeiro *Antari* — retrucou ela — e aposto que também não foi o primeiro a quebrar as regras.

Alucard ergueu uma sobrancelha à menção dos crimes passados de Kell, mas teve o bom senso de não dizer nada. Manteve a atenção fixa no mapa, correndo os dedos de um lado para o outro como se procurasse por uma pista, por um fecho escondido.

— Você ao menos sabe o que está fazendo? — perguntou Kell.

Alucard emitiu um som que não era um não nem um sim, e pode muito bem ter sido um xingamento.

— Poderia me emprestar uma faca, Bard? — pediu ele, e Lila pegou uma pequena lâmina afiada no punho do casaco. Alucard segurou a arma e furou rapidamente o polegar, pressionando o corte no canto do papel.

— Magia de sangue? — perguntou ela, chateada por nunca ter sabido a forma de revelar os segredos do mapa, por sequer saber que ele tinha segredos a revelar.

— Não exatamente — respondeu Alucard. — O sangue é apenas a tinta.

Sob a mão dele, o mapa se *desdobrava* — foi essa a palavra que veio à mente dela —, o carmesim se espalhando em linhas finas através do papel, iluminando tudo, de portos a cidades, até serpentes pontuando mares e uma borda decorativa ao redor das beiradas.

O pulso de Lila acelerou.

O seu mapa para qualquer lugar do mundo se tornou um mapa para *todos os lugares*, ou, ao menos, todos para onde um pirata gostaria de ir.

Ela semicerrou os olhos, tentando decifrar os nomes escritos em sangue. Logo divisou *Sasenroche*, o mercado clandestino encravado nos penhascos no ponto exato onde Arnes, Faro e Vesk se encontravam. Viu uma cidade chamada *Astor* nos penhascos, e também um ponto na fronteira norte do império marcado apenas por uma pequena estrela e pelas palavras *Is Shast*.

Ela se lembrou daquela palavra da taverna na cidade, com o nome de duplo significado.

A Estrada ou *a Alma*.

Mas não conseguiu encontrar *Ferese Stras* em lugar nenhum.

— Não estou encontrando.

— Paciência, Bard.

Os dedos de Alucard roçaram a beirada do mapa, e foi aí que ela viu que a borda não era apenas decoração, mas sim três faixas de números pequenos e amontoados enfeitando o papel. Enquanto ela olhava, os números pareceram se *mexer*. Era uma progressão fracionada, lenta como calda sendo derramada; porém, quanto mais ela observava, mais certeza tinha: a primeira e a terceira linhas estavam correndo para a esquerda e a do meio para a direita. Com que propósito, ela não sabia.

— *Isso* — falou Alucard, orgulhoso, tracejando as linhas — é o criptograma de pirata.

— Impressionante — disse Kell, a voz recheada de ceticismo. — Mas você consegue *entendê-lo*?

— Melhor torcer para que sim.

Alucard pegou uma pena e começou a estranha alquimia de transformar os símbolos na decoração do mapa em algo como coordenadas: não um conjunto, nem dois, e sim três. Ele fez isso mantendo uma linha de conversação, não com o restante das pessoas no cômodo, mas com ele mesmo. As palavras baixas demais para Lila ouvir.

Ao lado da lareira, o rei e Tieren mantinham uma conversa muda.

Ao lado das janelas, Kell e Rhy estavam lado a lado em silêncio.

Lenos estava empoleirado, nervoso, no canto do sofá, remexendo no seu medalhão.

Apenas Lila ficou com Alucard e o observou traduzir o criptograma de pirata, pensando o tempo inteiro no quanto ela ainda tinha a aprender.

VIII

Demorou quase uma hora para o capitão decifrar o código, o ar do cômodo ficando mais tenso a cada minuto, o silêncio tão rígido quanto velas de navio no vento forte. Era uma calmaria de ladrões, encolhida, à espreita, e Lila precisou ficar lembrando a si mesma de respirar.

Alucard, que normalmente era o responsável por perturbar qualquer silêncio antes que ele se tornasse opressivo, estava ocupado rabiscando números num pedaço de papel e brigando com Lenos sempre que o homem pairava sobre ele.

Tieren os havia deixado pouco depois que o capitão começara a trabalhar no mapa, explicando que precisava ajudar os sacerdotes com o feitiço, e o rei Maxim se levantara alguns minutos depois, parecendo um cadáver ressuscitado.

— Aonde você vai? — perguntou Rhy quando o pai se voltou para a porta.

— Tenho outros assuntos a resolver — respondeu ele distraidamente.

— O que pode ser mais...

— Um rei não é somente um homem, Rhy. Não tem o luxo de privilegiar uma direção e ignorar as demais. Esse Herdeiro, *se* puder ser encontrado, é apenas um caminho. É meu dever seguir por todos. — O rei saiu dando apenas a breve ordem de ser chamado quando aquela porcaria do negócio do mapa estivesse concluída.

Rhy se deitou no sofá, um dos braços cobrindo os olhos, enquanto Kell parecia estar de mau humor ao lado da lareira e Hastra ficava de prontidão com as costas viradas para a porta.

Lila tentou se concentrar nesses homens, nos movimentos lentos como engrenagens de relógio, mas a atenção dela insistia em se voltar para a janela, para aqueles tentáculos de fumaça que se enrolavam e

desenrolavam no vidro, assumindo formas e se dispersando, crescendo e arrebrandando como ondas sobre o palácio.

Ela olhou para a névoa, procurando formas nas sombras do mesmo modo que fazia com as nuvens — um pássaro, um navio, uma pilha de moedas de ouro — antes de perceber que as sombras estavam realmente tomando forma.

Mãos.

A revelação era perturbadora.

Lila observou enquanto a escuridão se reunia num mar de dedos. Hipnotizada, ela levou uma das mãos ao vidro frio, o calor do toque dela embaçando a janela ao redor da ponta dos seus dedos. Do outro lado do vidro, as sombras mais próximas desenharam uma imagem espelhada, a palma pressionada contra a dela, a emenda do vidro de repente fina demais, reverberando conforme a parede e o feitiço de proteção se esticavam e estremeciam entre elas.

Ela franziu o cenho quando flexionou os dedos e a sombra imitou os seus movimentos lentamente, como uma criança faria, próximo mas não ao mesmo tempo, uma fração fora de ritmo.

Moveu a mão de um lado para o outro.

As sombras a seguiram.

Bateu com os dedos no vidro sem fazer barulho.

A outra mão repetiu.

Ela estava começando a dobrar os dedos num gesto rude quando viu uma escuridão maior — aquela além da onda de mãos, aquela que se erguia do rio e cobria o céu — começar a se mover.

A princípio, ela achou que estavam se unindo numa coluna, mas logo a coluna começou a criar asas. Não do tipo que se encontra num pardal ou num corvo. Asas que se transformavam nas alas de um *castelo*. Contrafortes, torres, torreões se abrindo como uma flor, desabrochando súbita e violentamente. Enquanto ela observava, as sombras cintilaram e endureceram em pedra preta e brilhante.

A mão de Lila se afastou do vidro.

— Estou ficando louca — disse ela — ou há outro palácio flutuando no rio?

Rhy se sentou, empertigado. Kell chegou ao lado dela num instante, bisbilhotando através da névoa. Partes dele ainda desabrochavam, outras

se dissolviam na névoa, presas num processo de fazer e refazer infinito. A coisa toda parecia ao mesmo tempo muito real e totalmente impossível.

— *Santo* — xingou Kell.

— Aquele monstro maldito — rosnou o príncipe, agora de pé do outro lado de Lila — está brincando de blocos de montar com as minhas arenas.

Lenos ficou atrás, os olhos arregalados de terror ou admiração enquanto ele encarava aquele palácio incrível, mas Hastra abandonou o seu posto ao lado da porta, aproximando-se para conseguir ver.

— Por todos os santos... — sussurrou ele.

Lila chamou por cima do ombro.

— Alucard, venha ver isso.

— Estou um pouco ocupado — murmurou o capitão, sem erguer os olhos. A julgar pela ruga entre as sobrancelhas, o criptograma não era tão simples quanto ele esperava. — Malditos números, fiquem *quietos* — murmurou ele, inclinando-se mais sobre o mapa.

Rhy continuava balançando a cabeça.

— Por quê? — perguntou ele. — Por que ele tinha de usar as arenas?

— Quer saber? — falou Kell — Esse não é nem de longe o aspecto mais importante dessa situação.

Alucard emitiu um som triunfante e deixou a pena de lado.

— Pronto!

Todos se voltaram para a mesa, exceto Kell. Ele ficou em frente à janela, visivelmente chocado com a mudança de foco.

— Então nós vamos simplesmente ignorar o palácio de sombras? — perguntou ele, balançando a mão para o espectro do lado de fora do vidro.

— De forma alguma — respondeu Lila, voltando a olhar para ele. — Na verdade, palácios de sombras são o meu limite. E é por isso que estou ansiosa para encontrar esse Herdeiro. — Ela olhou para o mapa. E franziu o cenho.

Lenos olhou para o pergaminho.

— *Nas teras* — disse ele, calmamente. *Não enxergo.*

O príncipe inclinou a cabeça.

— Eu também não.

Lila se aproximou do mapa.

— Talvez você devesse desenhar um *X* para dar um efeito dramático.

Alucard bufou indignado.

— Vocês são um grupo bem ingrato, sabiam? — Ele pegou um lápis e, apanhando um livro de aparência cara da estante, usou a lombada para desenhar uma linha no mapa. Kell finalmente se aproximou quando Alucard desenhou uma segunda linha, e uma terceira. As linhas se cruzaram em ângulos estranhos até formarem um pequeno triângulo. — Ali — disse ele, adicionando um *X* com um floreio no centro dele.

— Acho que você cometeu um erro — falou Kell, seco. Afinal de contas, o *X* não estava na costa, nem em terra firme, mas no mar Arnesiano.

— Difícilmente — retrucou Alucard. — *Ferise Stras* é o maior mercado clandestino *sobre as águas*.

Lila abriu um sorriso.

— Então não é um mercado — disse ela. — É um *navio*.

Os olhos de Alucard brilharam.

— É ambos. E agora — acrescentou ele, batendo com o dedo indicador no papel — nós sabemos onde encontrá-lo.

— Vou chamar o meu pai — falou Rhy enquanto os outros olhavam o mapa. De acordo com os cálculos de Alucard, o mercado não estava longe nessa época do ano, flutuando entre Arnes e a fronteira noroeste de Faro.

— Quanto tempo até chegar lá? — perguntou Kell.

— Depende do clima — respondeu Alucard. — Uma semana, talvez. Talvez menos. Presumindo que não encontremos problemas.

— Que tipo de problemas?

— Piratas. Tempestades. Navios inimigos. — E então, com uma piscadela enfeitada por uma safira, acrescentou: — É o mar, afinal. Tente acompanhar.

— Ainda temos um problema — disse Lila, acenando com a cabeça para a janela. — Osaron tomou conta do rio. A magia dele está mantendo os navios nos seus ancoradouros. Nada em Londres conseguirá navegar, e isso inclui o *Night Spire*.

Ela viu Lenos se empertigar ao ouvir isso, a forma macilenta do homem mudando o pé de apoio.

— A força de Osaron não é infinita — disse Kell. — A magia dele tem limites. E, nesse momento, o poder dele ainda está largamente concentrado na cidade.

— Muito bem — provocou Alucard. — Você não pode usar a sua magia para tirar o *Spire* de Londres?

Kell revirou os olhos.

— Não é assim que o meu poder funciona.

— Então para que você serve? — murmurou o capitão.

Lila observou Lenos deixar o cômodo. Nem Kell nem Alucard pareceram notar. Estavam ocupados demais implicando um com o outro.

— Ótimo — disse Alucard. — Preciso sair da esfera de atuação de Osaron e *então* encontrar um navio.

— Você? — retrucou Kell. — Não vou deixar o destino dessa cidade nas *suas* mãos.

— Fui eu quem encontrou o Herdeiro.

— E foi você quem o perdeu.

— Uma troca não é a mesma coisa que...

— Não vou deixar você...

Alucard se inclinou sobre a mesa.

— Você sequer sabe navegar, *mas vares*? — O tratamento honorífico foi dito com uma doçura viperina. — Pois é, suspeitei que não.

— Não deve ser preciso dar muito duro para aprender — rosnou Kell —, se eles permitem que alguém como você o faça.

Um brilho de travessura faiscou nos olhos do capitão.

— Sou muito bom com coisas duras. É só perguntar...

O soco atingiu Alucard no meio do rosto.

Lila sequer viu Kell se mover, mas o queixo do capitão estava marcado de vermelho.

Era um insulto, ela sabia, para um mago golpear outro com o próprio punho.

Como se não valesse a pena usar magia com ele.

Alucard exibiu um sorriso selvagem, o sangue manchando os seus dentes.

O ar zumbiu com magia e...

As portas se abriram e todos se viraram, esperando que o rei ou o príncipe retornassem. Em vez disso, ali estava Lenos, segurando uma mulher pelo cotovelo, o que produzia uma imagem estranha, uma vez que a mulher tinha o dobro do peso dele e não parecia do tipo que se deixava

conduzir facilmente. Lila a reconheceu, era a capitã que os recebera no porto antes do torneio.

Jasta.

Ela só podia ser metade veskana, larga como era. O cabelo estava preso em duas enormes tranças ao redor do rosto e os olhos escuros eram enfeitados com ouro. Apesar do frio do inverno, vestia apenas um par de calças e uma túnica leve, cujas mangas estavam arregaçadas até os cotovelos, revelando linhas prateadas de cicatrizes recentes por toda a pele. Ela sobrevivera à névoa.

Alucard e Kell se distraíram com a visão dela.

— *Casero Jasta Felis* — falou a mulher, apresentando-se de má vontade.

— *Van nes* — disse Lenos, empurrando a capitã para a frente com um cutucão. *Diga a eles.*

Ela lhe lançou um olhar que Lila reconheceu, um que ela mesma já distribuía diversas vezes. Um olhar que dizia, simplesmente, que, na próxima vez que o marinheiro encostasse a mão nela, perderia um dedo.

— *Kers la?* — perguntou Kell.

Jasta cruzou os braços, as cicatrizes cintilando na luz.

— Alguns de nós querem deixar a cidade. — Ela falou na língua comum, e o sotaque tinha o ronco de um gato grande, pulando letras e borrando sílabas de modo que Lila perderia uma a cada três palavras se não tomasse cuidado. — Posso ter mencionado algo sobre um navio, lá embaixo na galeria. O seu amigo me ouviu, e agora aqui estou.

— Os navios em Londres não podem zarpar — disse o rei, aparecendo atrás dela com Rhy ao lado. Ele falou na língua da capitã como um homem que dominava o arnesiano, mas não apreciava o gosto do idioma. Jasta deu um passo formal para o lado, meneando um pouco a cabeça. — *Anesh* — falou ela —, porém meu navio não está aqui. Está ancorado em Tanek, Vossa Majestade.

Tanto Alucard quanto Lila se empertigaram ao ouvir isso. Tanek estava na saída do Atol, o último porto antes do mar aberto.

— Por que você não navegou até Londres? — perguntou Rhy.

Jasta lançou ao príncipe um olhar desconfiado.

— É um *patacho* muito sensível. Parece corsário.

— Um navio pirata — falou Kell, sem rodeios.

Jasta lhe lançou um sorriso feroz e cheio de dentes.

— Essas são suas palavras, príncipe, não minhas. A minha embarcação transporta de tudo. É o patacho mais rápido do mar aberto. Vai e volta de Vesk em apenas nove dias. Mas, se o senhor quer saber, não, ele não navega sob o vermelho e dourado.

— Agora navega — determinou o rei, com clareza.

Depois de um instante, a capitã concordou.

— É perigoso, mas eu poderia guia-los até o navio... — Ela parou de falar.

Por um instante, Maxim pareceu irritado. Então o olhar dele se estreitou e as suas feições se amainaram.

— O que você quer?

Jasta fez uma medida curta.

— Cair nas boas graças da coroa, Vossa Majestade... e cem lish.

Alucard sibilou por entre os dentes ao ouvir a soma e Kell ficou irritado, mas o rei evidentemente não estava com humor para negociações.

— Concedido.

A mulher ergueu uma sobrancelha.

— Eu devia ter pedido mais.

— Você não devia ter pedido nada — disse Kell.

A pirata o ignorou, os olhos escuros analisando o cômodo.

— Quantos vão?

Lila não perderia isso. Ela ergueu a mão.

Assim como Alucard e Lenos.

E também *Kell*.

Ele o fez enquanto sustentava o olhar do rei, como se desafiasse o monarca a impedi-lo. Mas o rei nada disse, assim como Rhy. O príncipe apenas encarou a mão erguida do irmão com o rosto impassível. Do outro lado do cômodo, Alucard cruzou os braços e franziu o cenho para Kell.

— Isso não pode dar errado — murmurou ele.

— Você poderia ficar para trás — explodiu Kell.

Alucard bufou, Kell se agitou, Jasta observou a cena, divertindo-se, e Lila se serviu de mais uma bebida.

Tinha a sensação de que ia precisar.

IX

Rhy ouviu Kell chegando.

Num momento, ele estava sozinho, encarando a imagem fantasmagórica do palácio de sombras, a versão estranha e impostora do seu *lar*, e, no momento seguinte, avistou o reflexo do irmão no vidro. Kell não usava mais o casaco vermelho real, mas o preto de gola alta e com botões prateados fechando a frente. Era o casaco que usava sempre que levava mensagens para outras Londres. Um casaco feito para viajar. Para partir.

— Você sempre quis viajar além das fronteiras da cidade — falou Rhy. Kell abaixou a cabeça.

— Não era isso que eu tinha em mente.

Rhy se virou para ele. Kell estava de pé em frente ao espelho, de forma que Rhy podia ver o seu próprio rosto replicado. Ele tentou, e falhou, fazer com que as suas feições se suavizassem. Tentou, e falhou, deixar a tristeza longe da voz.

— Era para irmos juntos.

— E um dia nós iremos — falou Kell. — Mas agora não posso deter Osaron sentado aqui, e, se houver uma chance de ele estar atrás de um *Antari* em vez da cidade, se houver uma chance de atraí-lo para longe...

— Eu sei — interrompeu Rhy como se dissesse *Pare*. De uma forma que dizia: *Confio em você*. Ele se jogou numa cadeira. — Eu sei que você pensa que era apenas uma frase vazia, mas eu tinha planejado tudo. Nós podíamos ter ido embora antes da estação acabar, explorado a ilha primeiro, ido dos vales enevoados e subido até Orten, depois descido pelas florestas Stasina até os penhascos de Astor, e então pego o navio para o continente. — Ele se inclinou, deixando o olhar escapulir para o teto e suas dobras de cor. — Uma vez que aportássemos, teríamos de ir primeiro

a Hanas e então pegar uma carruagem para Linar. Ouvi dizer que a capital um dia será rival de Londres. E dizem que o mercado em Nesto, perto da fronteira faroense, é feito de vidro. Imaginei pegarmos um navio lá e pararmos no ponto de Sheran, onde as águas mal formam uma costura entre Arnes e Vesk, tão estreitas que se pode atravessá-las a pé, e então voltaríamos a tempo para o ocaso do verão.

— Parece uma aventura e tanto — disse Kell.

— Você não é a única alma inquieta — falou Rhy, levantando-se. — Suponho que esteja na hora.

Kell assentiu.

— Mas eu lhe trouxe algo. — Ele enfiou uma das mãos no bolso e tirou dois broches de ouro, cada um ornamentado com o cálice e o sol nascente da Casa Maresh. Os mesmos broches que eles usaram durante o torneio: Rhy com orgulho e Kell sob coação. O mesmo broche que Rhy usou para entalhar a palavra no seu braço, e o seu gêmeo aquele que Kell usou para trazer Rhy e Alucard de volta do *Night Spire*.

— Fiz o melhor que pude para enfeitiçar os dois juntos — explicou o irmão. — O vínculo deve se manter, não importa a distância.

— Pensei que o meu jeito fosse bastante inteligente — disse Rhy, esfregando o antebraço no lugar em que havia entalhado a palavra.

— Este aqui exige bem menos sangue. — Kell se aproximou e colocou o broche sobre o coração do irmão. — Se algo preocupante acontecer e você precisar que eu volte, simplesmente segure o broche e diga “tol”.

Tol.

Irmão.

Rhy conseguiu abrir um sorriso pesaroso.

— E se eu me sentir solitário?

Kell revirou os olhos, prendendo o segundo broche na frente do próprio casaco.

O peito de Rhy se contraiu.

Não vá, ele queria dizer, mesmo que soubesse que não era justo, não era certo, não era principesco. Ele engoliu em seco.

— Se você não voltar, terei de salvar o mundo sem você e roubar toda a glória para mim.

Uma risada curta, o fantasma de um sorriso, mas então Kell levou a mão ao ombro de Rhy. Era tão leve. Tão pesado. Ele podia sentir o fio

entre os dois se retesando, as sombras dando voltas nos seus calcanhares, a escuridão sussurrando na sua mente.

— Escute — disse o irmão —, prometa que não sairá atrás de Osaron. Não até que estejamos de volta.

Rhy franziu o cenho.

— Você não espera que eu me esconda no palácio até que tudo esteja terminado.

— Não — retrucou Kell. — Mas espero que você seja inteligente. E espero que confie em mim quando digo que tenho um plano.

— Ajudaria se você me contasse.

Kell mordiscou o lábio. Um hábito horrível. Dificilmente principesco.

— Osaron não pode saber que estamos prontos — disse ele. — Se chegarmos intempestivamente, exigindo uma batalha, ele saberá que temos uma carta na manga. Mas, se chegarmos para salvar um dos nossos...

— Eu serei uma isca? — falou Rhy, fingindo estar horrorizado.

— Qual o problema? — provocou Kell. — Você sempre gostou que as pessoas lutassem pela sua causa.

— Na verdade — disse o príncipe —, prefiro que as pessoas lutem *por* mim.

Kell segurou a manga do casaco dele com mais força e o humor desvaneceu no ar.

— Quatro dias, Rhy. Voltaremos nesse tempo. E então você poderá arrumar confusão e...

Atrás deles, alguém pigarreou.

Os olhos de Kell se semicerraram. A mão dele despencou do braço de Rhy.

Alucard Emery estava esperando na porta, com o cabelo preso para trás e uma capa de viagem azul jogada nos ombros. O corpo de Rhy doeu com a visão dele. De pé, ali, Alucard não parecia um nobre, ou um mago tríade, ou mesmo o capitão de um navio. Parecia um estranho, alguém que poderia se misturar à multidão e desaparecer. *Era assim que ele estava naquela noite*, imaginou Rhy, *quando fugiu sorrateiramente da minha cama, do palácio, da cidade?*

Alucard entrou no quarto, as finas cicatrizes prateadas dançando na luz.

— Os cavalos estão prontos? — perguntou Kell, frio.

— Quase — respondeu o capitão, arrancando as próprias luvas.

Um breve silêncio recaiu sobre eles enquanto Kell esperava a saída de Alucard e Alucard permanecia onde estava.

— Eu gostaria — disse o capitão por fim — de ter uma palavra com o príncipe.

— Precisamos ir — anunciou Kell.

— Não vai demorar.

— Não temos...

— Kell — falou Rhy, dando um leve e gentil empurrão no irmão, direcionando-o para a porta —, vá. Estarei aqui quando você voltar.

Os braços de Kell subitamente envolveram os ombros de Rhy, e então, com a mesma rapidez, eles se soltaram. Rhy ficou tonto com o peso deles e depois com a sua falta. Um tecido preto ondulante passou, e a porta se fechou atrás de Kell. Um pânico estranho e irracional subiu pela garganta de Rhy e ele teve de lutar para sufocar o ímpeto de gritar pelo irmão ou correr atrás dele. Mas o príncipe se manteve firme.

Alucard estava olhando para o lugar onde Kell estivera como se o *Antari* tivesse deixado a sombra para trás. Algum vestígio visível agora pairava entre eles.

— Sempre odiei a proximidade de vocês dois — murmurou Alucard.

— Suponho que agora eu deva ser grato por isso.

Rhy engoliu em seco, forçando-se a desviar o olhar da porta.

— Suponho que eu também deva ser. — A sua atenção se voltou para o capitão. Em todo o tempo que passaram juntos nos últimos dias, eles mal haviam se falado. Houve o delírio de Alucard a bordo do navio e a lembrança fugaz da mão de Alucard, a voz dele uma corda para puxá-lo da escuridão. O *Essen Tasch* foi uma enxurrada de risos espirituosos e olhares roubados, mas, da última vez em que estiveram juntos neste quarto, *sozinhos* neste quarto, as costas de Rhy estavam presas contra o espelho, os lábios do capitão no seu pescoço. E, antes disso... antes disso...

— Rhy...

— Já vai embora? — interrompeu ele, esforçando-se para manter a conversa casual. — Ao menos dessa vez você veio se despedir.

Alucard se retraiu com o golpe, mas não recuou. Em vez disso, diminuiu o espaço entre os dois, Rhy lutando para conter um arrepio

quando os dedos do capitão encontraram a sua pele.

— Você estava comigo na escuridão.

— Eu estava retribuindo um favor. — Rhy sustentou o olhar dele. — Acho que agora estamos quites.

Os olhos de Alucard examinavam o rosto dele, e Rhy sentiu que corava, o corpo cantando com a ânsia de puxar a boca de Alucard para a sua, de deixar o mundo fora daquele quarto desaparecer.

— É melhor você ir — disse ele, sem fôlego.

Mas Alucard não se afastou. Uma sombra passou pelo rosto do capitão, havia uma tristeza nos seus olhos.

— Você nunca perguntou.

As palavras afundaram como pedra no peito de Rhy, e ele cambaleou sob aquele peso. Um lembrete pesado demais sobre o que havia acontecido três verões atrás. De ir para a cama nos braços de Alucard e acordar sozinho. Alucard desaparecido do palácio, da cidade, da vida dele.

— O quê? — retrucou ele com frieza na voz, mas as faces queimando. — Você queria que eu perguntasse por que você partiu? Por que escolheu o mar aberto no lugar da minha cama? Uma marca de criminoso no lugar do meu toque? Eu não perguntei a você, Alucard, por que eu não quero ouvir.

— Ouvir o quê? — perguntou Alucard, aninhando o rosto de Rhy numa das mãos.

Ele afastou a mão.

— As desculpas. — Alucard tomou fôlego para falar, mas Rhy o interrompeu. — Sei o que eu significava para você. Um fruto a ser colhido, um caso de verão.

— Você significava mais do que isso. Você é mais...

— Foi só uma estação.

— Não foi....

— *Pare* — exigiu Rhy com toda a força equilibrada da realeza. — Apenas. Pare. Nunca apreciei mentirosos, Luc, e aprecio menos ainda os tolos. Então não me faça me sentir como um. Você me pegou desprevenido na Noite dos Estandartes. O que aconteceu entre nós, aconteceu... — Rhy tentou controlar a respiração, e então acenou com a mão no ar, dispensando Alucard com desdém. — Mas agora acabou.

Alucard agarrou o pulso de Rhy, a cabeça abaixada para esconder aqueles olhos azuis de tempestade enquanto dizia baixinho:

— E se eu não quiser que acabe?

As palavras aterrissaram como um golpe, deixando Rhy sem fôlego, com um suspiro entrecortado. Algo queimou por todo o seu corpo, e Rhy precisou de um instante para entender o que era. *Raiva*.

— Que direito você tem — disse ele calma e imperiosamente — de querer *qualquer coisa* de mim?

A mão dele estava espalmada no peito de Alucard, um toque que um dia foi quente e que agora era cheio de força para empurrar Alucard para longe. O capitão se recompôs e ergueu o olhar, alarmado, mas não se mexeu para avançar. Ele estava errado nesta situação. Podia ser um nobre, mas Rhy era um príncipe. Intocável a menos que *quisesse* ser tocado. E ele tinha acabado de deixar claro que não queria.

— Rhy — falou Alucard, cerrando os punhos, qualquer brincadeira encerrada —, eu não queria ir embora.

— Mas você foi.

— Se ao menos você me escutasse...

— Não. — Rhy estava lutando contra outro temor interno e profundo. A tensão entre o amor e a perda, entre agarrar e deixar partir. — Não sou mais um brinquedo. Não sou mais um jovem tolo. — Ele expulsou a hesitação das palavras. — Sou o príncipe coroado de Arnes. O futuro rei desse império. E, se você quiser outra audiência comigo, uma chance de se explicar, então deve conquistá-la. Vá. Traga-me esse Herdeiro. Ajude-me a salvar a minha cidade. E então, mestre Emery, considerarei o seu pedido.

Alucard piscou rapidamente, obviamente abalado. Porém, depois de um longo tempo, ele se recompôs e endireitou o corpo.

— Sim, Vossa Alteza. — Ele se virou e atravessou o quarto com passos firmes, as botas ecoando as batidas do coração de Rhy. Pela segunda vez, ele via alguém que lhe era precioso indo embora. Pela segunda vez, ele se manteve firme. Mas não pôde impedir o ímpeto de suavizar o golpe. Pelos dois.

— E, Alucard — chamou quando o capitão alcançou a porta, e Alucard olhou para trás, o semblante pálido, porém composto, enquanto Rhy dizia: —, tente não matar o meu irmão.

Houve o vislumbre de um sorriso leve e desafiador no rosto do capitão. Entremeado com alegria, com esperança.

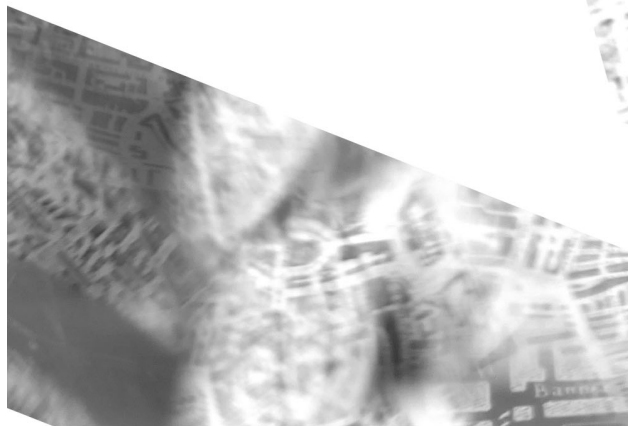
— Farei o possível.





SETE

ZARPANDO



I

Não era de admirar que Lila odiasse despedidas, pensou Kell. Teria sido muito mais fácil simplesmente *ir embora*. O coração do irmão ainda ecoava no seu peito enquanto ele descia a escada interna do palácio, mas os fios que os vinculavam se afrouxavam a cada passo. Como seria quando estivessem em cidades diferentes? Quando dias e léguas se alongassem entre os dois? Ele ainda sentiria o coração de Rhy?

O ar ficou subitamente gelado em volta dele, e Kell encontrou Emira Maresh embarreirando o seu caminho. É claro, tinha sido fácil demais. Depois de tudo, o rei permitiria que ele partisse, mas a rainha não.

— Vossa Majestade — disse ele, esperando acusações, uma reprimenda. Em vez disso, os olhos da rainha recaíram sobre ele, não um olhar severo, mas algo suave e forte. Eram um ciclone de verde e dourado, aqueles olhos, como folhas suspensas por uma brisa de outono. Olhos que não olhavam nos dele havia semanas.

— Então você está indo embora — falou ela, as palavras presas entre uma pergunta e uma observação.

Kell se manteve firme.

— Estou, por enquanto. O rei me deu permissão...

Emira já balançava a cabeça, um gesto interiorizado, como se estivesse tentando limpar a própria mente. Havia algo nas mãos dela, um pedaço de pano retorcido e apertado.

— Dá azar — disse ela, estendendo o pano — ir embora sem levar um pedaço de casa.

Kell encarou a oferta. Era um quadrado vermelho, do tipo que se costura nas túnicas das crianças, bordado com duas letras: *KM*.

Kell Maresh.

Ele nunca tinha visto aquilo e franziu o cenho, confuso com a segunda inicial. Nunca se considerou um Mareth. Irmão de Rhy, sim, e, certa vez, filho adotado deles, mas nunca isso. Nunca um membro da família.

Ele se perguntou se aquilo era algum tipo de oferta de paz, algo feito recentemente. Mas o tecido parecia antigo, desgastado pelo toque de outra pessoa.

— Eu mandei fazê-lo — falou Emira, hesitante de uma forma como raramente se comportava — quando você veio para o palácio pela primeira vez, mas depois eu não consegui... Não achei que fosse... — Ela desviou do assunto e tentou novamente. — As pessoas se machucam tão facilmente, Kell. De centenas de formas diferentes, e eu tinha medo... mas você precisa entender que você é... você sempre foi...

Desta vez, quando ela parou de falar, não teve forças para recomeçar, apenas ficou ali de pé, cabeça baixa, encarando o pedaço de tecido, o polegar roçando as letras de um lado para o outro, e ele sabia que era o momento de se aproximar dela ou de ir embora. A escolha era sua.

E não era justo, ele não deveria *ter* de escolher. Ela deveria ter ido até ele uma dezena de vezes, deveria tê-lo escutado, deveria ter feito milhares de coisas. Mas ele estava cansado, e ela sentia muito. E, naquele momento, era o suficiente.

— Obrigado — disse Kell, aceitando o pedaço de tecido —, minha rainha.

E então, para a sua surpresa, ela estendeu a mão com o pano e colocou a outra no rosto dele, como tinha feito tantas vezes quando ele retornava de uma das suas viagens. Havia uma pergunta silenciosa nos olhos dela. *Você está bem?*

Porém, agora, a pergunta era outra: *Nós vamos ficar bem?*

Ele assentiu com a cabeça uma vez, aninhando-se no toque dela.

— Volte para casa — falou ela com suavidade.

Kell encontrou o olhar dela.

— Eu voltarei.

Ele foi o primeiro a se afastar, os dedos da rainha escorregando do seu queixo para o ombro, e para a manga do casaco antes de ele partir. *Eu voltarei*, pensou Kell, e, pela primeira vez em um longo tempo, ele soube que era verdade.

* * *

Kell sabia o que precisava fazer agora.

E sabia que Lila não ficaria feliz.

Ele se dirigiu à prisão real, e estava quase lá quando sentiu o pulso se acalmar, o cobertor de calma que recaía sobre os ombros toda vez que estava na presença do sacerdote. Os passos de Kell ficaram mais devagar, porém não pararam quando Tieren apareceu ao seu lado. O *Aven Essen* nada disse, e o silêncio envolveu os membros de Kell como água.

— Não é o que você pensa — falou ele. — Não estou fugindo.

— Eu nunca disse que você estava.

— Não estou fazendo isso porque quero partir — continuou Kell. — Eu nunca... — Ele tropeçou nas palavras. Houve um tempo em que teria fugido, em que *fugira*. — Se eu acreditasse que a cidade estaria mais segura comigo aqui...

— Você espera atrair o demônio para longe. — Não era uma pergunta.

Por fim, os passos de Kell diminuíram o ritmo até parar.

— Osaron *quer*, Tieren. É a natureza dele. Holland estava certo sobre isso. Ele quer mudanças. Ele quer poder. Ele quer qualquer coisa que *não exista*. Fizemos uma oferta e ele escarneceu dela, tentando reivindicar a minha vida no lugar. Ele não quer o que tem, ele quer *usurpar* o que não tem.

— E se ele escolher não ir atrás de você?

— Se isso acontecer, ponha a cidade para dormir. — Kell voltou a andar, determinado. — Prive-o de cada marionete, de cada pessoa, e então, quando retornarmos com o Herdeiro, ele não terá escolha a não ser nos enfrentar.

— Muito bem... — falou Tieren.

— É agora que você me diz para tomar cuidado?

— Ah — disse o sacerdote —, acho que o momento para isso já passou.

Eles andaram juntos, Kell parando apenas quando alcançou a porta que levava para as celas lá embaixo. Ele levou a mão à madeira, os dedos espalmados na superfície.

— Eu fico me perguntando — disse ele, devagar — se tudo isso não é culpa minha. Quando começou, Tieren? — Ele ergueu o olhar. — Com a escolha de Holland ou com a minha?

O sacerdote o encarou, os olhos brilhando no rosto cansado, e meneou a cabeça. Pela primeira vez, o velho parecia não saber a resposta.

II

Delilah Bard *não* gostava de cavalos.

Nunca gostou, nem quando os conhecia apenas pelos dentes que gostavam de morder, caudas que gostavam de golpear e cascos que gostavam de pisotear. Nem quando se encontrou no lombo de um, a noite passando por ela tão rapidamente que virara um borrão, nem agora que observava um par de guardas cheios de cicatrizes prateadas selando três cavalos para o trajeto até o porto.

Até onde ela sabia, nada com tão pouco cérebro deveria ter tanta força.

No entanto, podia dizer o mesmo de metade dos magos do torneio.

— Se você olha para os animais desse jeito — ponderou Alucard, batendo de leve no ombro dela —, não me admira que eles odeiem você.

— Bem, então o sentimento é mútuo. — Ela olhou ao redor. — E a Esa?

— A minha gata detesta cavalos quase tanto quanto você — disse ele. — Deixei Esa no palácio.

— Deus os ajude.

— Tagarelas, tagarelas — disse Jasta em arnesiano, a juba de cabelos puxada para trás sob um capuz de viagem. — Vocês sempre fofocam na língua da realeza?

— Como um pássaro canoro — gabou-se Alucard, olhando em volta. — Onde está Sua Alteza?

— Bem aqui — falou Kell, sem responder à provocação. E, quando Lila se virou para ele, entendeu o porquê. Ele não estava sozinho.

— *Não* — rosnou ela.

Holland estava um passo atrás de Kell, flanqueado por dois guardas, as mãos acorrentadas a ferro sob a meia-capa cinzenta. Os olhos dele encontraram os dela, um de um verde estonteante, o outro preto.

— Delilah — disse ele, como forma de cumprimento.
Ao lado dela, Jasta ficou imóvel como uma pedra.
Lenos ficou lívido.
Até Alucard parecia desconfortável.
— *Kers la?* — rosnou Jasta.
— O que ele está fazendo aqui? — ecoou Lila.
Kell franziu ainda mais as sobrancelhas.
— Não posso deixá-lo no palácio.
— É claro que pode.
— Não farei isso. — E, com essas três palavras, ela percebeu que não era apenas com a segurança do *palácio* que ele estava preocupado. — Ele vem conosco.
— Ele não é um bichinho de estimação — explodiu ela.
— Viu só, Kell? — falou Holland em tom monótono. — Eu disse a você que ela não ia gostar.
— *Ela* não é a única — murmurou Alucard.
Jasta rosnou algo em voz baixa e arrastada demais para ser ouvida.
— Estamos perdendo tempo — falou Kell, movendo-se para abrir as algemas de Holland.
Lila já tinha uma faca empunhada antes que a chave tocasse no ferro.
— Ele fica acorrentado.
Holland ergueu as mãos algemadas.
— Você sabe, Delilah, que elas não vão me deter.
— É claro que não — retrucou ela com um sorriso feroz. — Mas elas vão atraparalhar você o suficiente para que *eu* possa.
Holland suspirou.
— Como quiser — disse ele pouco antes de Jasta lhe dar um soco no rosto. A cabeça dele pendeu para o lado e os pés deram um passo para trás, mas ele não caiu.
— Jasta! — gritou Kell quando o outro *Antari* abriu e fechou o maxilar e cuspiu um bocado de sangue no chão.
— Mais alguém? — perguntou Holland, sombrio.
— Eu não me importaria de... — começou Alucard, mas Kell o interrompeu.
— Já chega — explodiu ele, o chão tremendo levemente junto com a ordem. — Alucard, como você se ofereceu, Holland pode cavalgar com

você.

O capitão ficou emburrado ao ouvir a atribuição, mesmo quando ajudou o *Antari* acorrentado a subir no cavalo.

— Se você tentar alguma coisa... — rosnou ele.

— Você vai me matar? — disse Holland, seco, terminando a frase.

— Não — respondeu Alucard com um sorriso perverso. — Deixo Bard acabar com você.

Lenos se ajeitou na sela com Jasta, um par igualmente cômico, a silhueta imensa dela fazendo com que o marinheiro parecesse ainda menor e mais esquelético. Ele se inclinou e bateu no flanco do cavalo ao mesmo tempo que Kell subia na própria sela. Ele estava enfurecedoramente elegante montado no cavalo, com a postura régia que alguém só adquiriria com anos de prática, pensou Lila. Era um daqueles momentos que lhe lembravam, como se pudesse esquecer, que Kell no fundo era um príncipe. Ela fez uma anotação mental de dizer isso a ele em algum momento em que estivesse particularmente irritada.

— Vamos — falou ele, estendendo a mão.

Desta vez, quando a puxou para a sela, Kell a sentou na frente dele, ao invés de atrás, um dos braços envolvendo a cintura dela de modo protetor.

— Não me apunhale — sussurrou Kell no ouvido dela, e Lila desejou que a noite estivesse totalmente escura para que ninguém a visse corar.

Ela lançou um último olhar para o palácio e para o eco escuro e distorcido se estendendo como uma sombra ao seu lado.

— E se Osaron nos seguir? — perguntou ela.

Kell olhou de relance para trás.

— Se tivermos sorte, ele seguirá.

— Você tem uma noção estranha de sorte — comentou Jasta, esporeando o cavalo para que o animal andasse.

A montaria de Lila se moveu embaixo dela, assim como o seu *estômago*. *Não é assim que vou morrer*, disse ela a si mesma. Num retumbar de cascos e em meio à névoa da respiração, os cavalos mergulharam noite adentro.

III

Era um palácio digno de um rei.

Digno de um *deus*.

Um lugar de promessas, potencial, poder.

Osaron andou pelo grande salão da sua mais nova criação, os passos recaindo sem som na pedra polida. O chão tremia sob cada passo; grama, botões de flor e gelo nasciam a cada passada. E desvaneciam atrás dele como pegadas na areia.

Colunas se ergueram do chão, crescendo como árvores e não exatamente como pilares de mármore, os membros de pedra ramificando para cima e para os lados. Flores de um vidro escuro brotavam, assim como folhas de outono e gotas de orvalho, e nas suas colunas brilhantes ele viu como o mundo poderia ser. Tantas transformações possíveis, um potencial infinito.

E ali, no coração do grande salão, estava o seu trono. A base criava raízes, o espaldar se elevava como pináculos em forma de coroa, os braços estavam abertos como os de um velho amigo que espera ser abraçado. A superfície dele cintilava com uma luz iridescente e, enquanto Osaron subia os degraus, ficava de pé na plataforma e assumia o assento, o palácio inteiro cantava com a certeza de que a sua presença ali era o correto.

Osaron ficou sentado no centro dessa teia e sentiu as cordas retesadas da cidade, a mente de cada um dos seus servos presos como marionetes aos fios de magia. Um puxão aqui, um tremor ali, pensamentos transportados como se fossem movimentos ao longo de milhares de linhas.

Em cada vida devotada, um fogo ardia. Algumas chamas eram sem graça e pequenas, pouco mais que uma centelha, enquanto outras cintilavam brilhantes e quentes. Estas eram convocadas agora, chamadas de cada canto da cidade.

Venham, pensou ele. Ajoelhem-se diante de mim como crianças, e eu os criarei. Serão homens. Serão mulheres. Serão escolhidos.

Além dos muros do palácio, pontes começaram a desabrochar como gelo sobre o rio, mãos estendidas para conduzi-los para dentro.

Meu rei, disseram eles, levantando das suas mesas.

Meu rei, disseram eles, deixando os seus trabalhos.

Osaron sorriu, saboreando o eco daquelas palavras até que um novo coro os interrompeu.

Meu rei, sussurraram os seus súditos, *os maus estão indo embora.*

Meu rei, disseram eles, *os maus estão fugindo.*

Aqueles que ousaram recusá-lo.

Aqueles que ousaram desafiá-lo.

Osaron uniu as mãos, os dedos esticados e entrecruzados apontando para cima. Os *Antari* estavam deixando Londres.

Todos eles?, perguntou Osaron, e o eco respondeu.

Todos eles. Todos eles. Todos eles.

As palavras de Holland voltaram à sua mente numa intromissão indesejada.

Como você vai governar sem uma cabeça para pôr a coroa?

Palavras rapidamente sufocadas pelos seus servos clamorosos.

Devemos persegui-los?

Devemos detê-los?

Devemos buscá-los?

Devemos trazê-los de volta?

Osaron tamborilou no braço do trono. O gesto não emitiu som algum.

Devemos?

Não, pensou Osaron. O seu comando reverberou pela mente de milhares como uma vibração que percorre a corda de um instrumento musical. Ele se recostou no trono esculpido. *Não. Deixem que partam.*

Se aquilo era uma armadilha, ele não cairia.

Não precisava deles.

Não precisava da mente deles, nem dos seus corpos.

Ele possuía *milhares*.

Os primeiros dentre aqueles que convocara estavam entrando no salão e um homem andou até ele com um maxilar orgulhoso e a cabeça erguida.

Ele parou diante do trono e se ajoelhou, a cabeça escura abaixada numa reverência.

— *Levante-se* — ordenou Osaron, e o homem obedeceu. — *Qual o seu nome?*

O homem ficou de pé, os ombros largos e os olhos cheios de sombras, um anel de prata com a forma de uma pena circulando um dos polegares.

— O meu nome é Berras Emery — respondeu o homem. — Como posso servi-lo?

IV

Tanek surgiu diante deles pouco depois do pôr do sol.

Alucard não gostava do porto, mas o conhecia bem. Por três anos, foi o mais perto de Londres que ousou chegar. Em muitos aspectos, era perto demais. As pessoas daqui conheciam o nome Emery, faziam ideia do que significava.

Foi aqui que ele aprendeu a ser outra pessoa. Não um nobre, mas o alegre capitão do *Night Spire*. Aqui ele conheceu Lenos e Stross, numa partida de Santo. Aqui ele foi lembrado, repetidas vezes, de quão perto e quão longe estava de casa. Sempre que retornava a Tanek, ele via Londres nas tapeçarias e nos ornamentos, ouvia-a nos sotaques, sentia o seu cheiro no ar, aquele aroma que lembrava os bosques na primavera. E o seu corpo doía.

Mas, agora, Tanek em nada parecia Londres. Estava fervilhando de forma surreal, alheia ao perigo que espreitava no interior. As docas estavam cheias de navios, as tavernas cheias de homens e mulheres, e o maior perigo era ser furtado ou pegar um resfriado de inverno.

No fim, Osaron não mordeu a isca malfeita, de modo que a sombra do seu poder havia acabado uma hora antes, o peso dela sumindo, deixando a sensação de ar fresco após a tempestade. O mais estranho, pensou Alucard, foi a *forma* como havia acabado. Não de súbito, mas lentamente, ao longo de um quilômetro, o feitiço desvanecendo de modo que, ao fim do seu alcance, as poucas pessoas que encontravam não tinham sombras nos olhos, e sim algo como uma sensação ruim, um desejo de voltar. Várias vezes eles passaram por viajantes na estrada que pareciam perdidos, quando, na verdade, eles simplesmente haviam vagado até a fronteira do feitiço e parado, repelidos por algo que não podiam nomear, não conseguiam lembrar.

— Não contem a eles — advertiu Kell quando passaram pelo primeiro grupo. — A última coisa de que precisamos é que o pânico se espalhe além da capital.

Um homem e uma mulher passaram por eles tropeçando, de braços dados e rindo, ébrios.

A notícia evidentemente não havia chegado ao porto.

Alucard desceu Holland do cavalo, depositando-o bruscamente no chão. O *Antari* não dissera uma palavra desde que eles partiram e o silêncio deixava Alucard nervoso. Bard também não falava muito, mas o silêncio dela era de um tipo diferente, presente e inquisitivo. O silêncio de Holland pairava no ar, fazendo Alucard querer falar apenas para quebrá-lo. Porém, talvez fosse a magia do homem que o deixasse inquieto, com os seus fios prateados salpicando o ar como raios.

Eles entregaram os cavalos para um cavaleiro que arregalou os olhos ao ver os emblemas reais gravados nos arreios.

— Fiquem de cabeça baixa — pediu Kell enquanto o jovem levava os cavalos embora.

— Não somos um grupo discreto — falou Holland, finalmente, a voz áspera como pedra bruta. — Talvez, se você me soltasse...

— Nem pensar — disseram Lila e Jasta, as mesmas palavras sobrepostas em diferentes línguas.

O ar ficou um pouco mais quente apesar da escuridão crescente, e Alucard olhou em volta, procurando a fonte daquele calor, quando ouviu o barulho de botas de armadura se aproximando e avistou o brilho do metal.

— Ah, vejam só! — disse ele. — Uma festa de boas-vindas.

Seja por causa dos cavalos reais, seja por causa da visão daquela estranha comitiva, um par de soldados vinha direto na direção deles.

— Alto lá! — gritaram em arnesiano, e Holland teve o bom senso de esconder as mãos algemadas sob a capa. Mas, ao ver Kell, os dois homens ficaram pálidos: um fez uma reverência exagerada e o outro murmurou o que pode ter sido uma bênção ou uma oração, em voz baixa demais para ser entendida.

Alucard revirou os olhos diante da cena enquanto Kell adotava uma imitação da sua arrogância usual, explicando que estavam ali a serviço da coroa. Sim, estava tudo bem. Não, eles não precisavam de escolta.

Por fim, os homens retornaram aos seus postos e Lila fez uma imitação jocosa da reverência na direção de Kell.

— *Mas vares* — disse ela, e então se ajeitou rapidamente, o rosto já sem humor. Com um gesto que era ao mesmo tempo casual e assustadoramente veloz, ela desembainhou uma faca do cinto.

— O que foi? — indagaram Kell e Alucard ao mesmo tempo.

— Tem alguém nos seguindo — respondeu ela.

Kell ergueu as sobrancelhas.

— Você não pensou em nos contar isso antes?

— Eu poderia ter me enganado — falou ela, girando a faca por entre os dedos —, mas não me enganei.

— Onde está...

Antes que Kell pudesse terminar, ela girou o corpo e atirou a faca.

A faca cantou no ar, provocando um grito quando cravou num poste, alguns centímetros acima de um amontoado de cachos castanhos salpicados de fios dourados. Um jovem estava de pé, as costas pressionadas no poste e as mãos vazias erguidas para mostrar a rendição imediata. Na testa havia uma marca de sangue. Ele vestia roupas comuns, sem enfeites vermelhos e dourados, sem os símbolos da casa Maresh bordados no casaco, mas Alucard ainda assim o reconheceu do palácio.

— *Hastra* — disse Kell, sombrio.

O jovem se abaixou e se afastou da lâmina de Lila.

— Senhor — falou ele, desalojando a faca.

— O que você está fazendo aqui?

— Tieren me enviou.

Kell rosnou e murmurou:

— É claro que enviou. — E então, mais alto, disse: — Vá para casa. Você não tem nada para fazer aqui.

O garoto, e ele de fato não passava de um garoto, tanto no comportamento quanto na idade, empertigou-se ao ouvir isso, estufando o peito estreito.

— Sou o seu guarda, senhor. Para que eu sirvo se não para protegê-lo?

— Você não é o meu guarda, *Hastra* — retrucou Kell. — Não mais.

O garoto se encolheu, mas se manteve firme.

— Muito bem, senhor. Mas, se não sou um guarda, então sou um sacerdote, e as minhas ordens vieram diretamente do *Aven Essen*.

— Hastra...

— E ele é realmente uma pessoa difícil de agradar, sabe...

— Hastra...

— E o senhor me deve um favor, pois eu o apoiei quando fugiu do palácio e entrou no torneio...

A cabeça de Alucard se virou bruscamente para eles.

— Você fez *o quê*?

— Basta — interrompeu Kell, acenando com a mão.

— *Anesh* — falou Jasta, que não estava acompanhando a conversa nem parecia se importar. — Venha, volte, eu não dou a mínima. Prefiro não ficar aqui à mostra. É ruim para a minha reputação ser vista com príncipes de olho preto, guardas reais e nobres que brincam de se fantasiar.

— Eu sou um corsário — retrucou Alucard, ofendido.

Jasta apenas bufou e começou a andar para as docas. Hastra ficou para trás, os olhos castanhos arregalados ainda focados em Kell, cheios de expectativa.

— Ah, qual é? — disse Lila. — Todo navio precisa de um bichinho de estimação.

Kell ergueu as mãos, derrotado.

— Tudo bem. Ele pode ficar.

* * *

— Quem era você? — perguntou Alucard enquanto andavam pelas docas, passando por navios de todos os tamanhos e cores. A ideia de que *Kell* participara do torneio, do seu torneio, era loucura. A ideia de que Alucard tivera a oportunidade de duelar com ele, que talvez *tivesse* duelado, era enlouquecedora.

— Não importa — respondeu Kell.

— Nós duelamos? — Mas como isso seria possível? Alucard teria visto os fios prateados, teria percebido...

— Se tivéssemos — disse Kell, assertivo —, eu teria vencido.

A irritação reverberou por Alucard, mas então ele pensou em Rhy, no vínculo entre os dois, e a raiva engoliu a indignação.

— Você tem noção de como isso foi idiota? De como foi perigoso para o príncipe?

— Não que isso seja da sua conta — retrucou Kell —, mas foi tudo ideia de Rhy. — Aqueles olhos de duas cores irromperam no caminho de Alucard. — Você tentou impedir *Lila*?

Alucard olhou sobre os ombros. Bard estava no fim da comitiva, Holland alguns passos à frente dela. O outro *Antari* olhava para os navios como Lila olhara para os cavalos, com uma mistura de desconforto e desdém.

— Qual é o problema? — dizia ela — Não sabe nadar?

Holland franziu os lábios.

— É um pouco mais difícil quando se está acorrentado. — A atenção dele voltou para as embarcações e Alucard compreendeu. Reconheceu a expressão nos olhos dele, uma preocupação que beirava o medo.

— Você nunca esteve num navio, não é?

O homem não respondeu. Não precisava responder.

Lila deixou escapar uma risada leve e maliciosa. Como se ela soubesse alguma coisa sobre navios quando Alucard a acolheu.

— Chegamos — avisou Jasta, parando ao lado de algo que poderia, em alguns lugares, ser qualificado como um navio. Da mesma forma como um chalé poderia ser qualificado como uma mansão. Jasta deu um tapinha no casco como um cavaleiro faria no flanco de um cavalo. O nome da embarcação estava escrito em letras prateadas ao longo do casco branco. *Is Hosna. O Ghost*. — Ele é um pouco pequeno — disse a capitã —, mas navega rápido.

— Um pouco pequeno — repetiu Lila, seca. *O Ghost* tinha metade do tamanho do *Night Spire*, três velas curtas e um casco em estilo faroense, estreito e alongado como uma pena. — É um *patacho*.

— É um corredor — explicou Alucard. — Não carregam muito peso, mas há poucas embarcações mais rápidas em mar aberto. Não será um percurso confortável, nem de longe, mas chegaremos rápido ao mercado. Especialmente com três *Antari* mantendo o vento ao nosso favor.

Lila olhou ansiosamente para os navios que ladeavam o patacho, embarcações enormes com madeira escura e velas reluzentes.

— O que acham daquele ali? — disse ela, apontando para um navio imponente que estava a duas docas dali.

Alucard balançou a cabeça.

— Não é nosso.

— *Poderia* ser.

Jasta lançou a ela um olhar penetrante, e Lila revirou os olhos.

— Estou brincando — falou ela, embora Alucard soubesse que não estava. — Além disso — acrescentou —, não iríamos querer algo bonito *demais*. Coisas bonitas tendem a atrair olhares gananciosos.

— Falando por experiência própria, Bard? — provocou ele.

— Obrigado, Jasta — interrompeu Kell. — Traremos o seu navio de volta inteiro.

— Ah, eu me certificarei disso — disse a capitã, subindo pela rampa estreita do barco.

— Jasta...

— Minha embarcação, minhas regras — falou ela com as mãos nos quadris. — Eu posso levá-lo ao seu destino na metade do tempo, e, se você está em alguma missão para salvar o reino, bem, é o meu reino também. E não me importaria em ter a coroa do meu lado da próxima vez que *eu* estiver em águas turbulentas.

— Como você sabe que os nossos motivos são tão honrados? — perguntou Alucard. — Poderíamos estar simplesmente fugindo.

— *Você* poderia — disse ela, e então virou o dedo em riste para Kell —, mas *ele* não está. — E com isso ela subiu no convés com passos pesados, e eles não tiveram escolha senão segui-la e subir a bordo.

— Três *Antari* subiram num barco — cantarolou Alucard, como se estivesse no começo de uma piada na taverna. Ele teve o prazer adicional de ver tanto Kell quanto Holland tentarem se equilibrar quando o convés balançou sob o peso súbito. Um deles parecia desconfortável, o outro enjoado, e Alucard poderia ter assegurado a eles que não seria tão ruim assim quando estivessem no mar, mas não estava se sentindo muito generoso.

— Hano! — gritou Jasta, e a cabeça de uma jovem garota apareceu por cima de uma pilha de caixotes, o cabelo preto puxado para trás num coque bagunçado.

— *Casero!* — Ela subiu no caixote, as pernas balançando, penduradas na beirada. — Você voltou mais cedo.

— Tenho um carregamento — avisou Jasta.

— *Sha!* — gritou Hano, deliciada.

Ouviram-se um baque e um xingamento abafado em algum lugar a bordo, e um instante depois um velho saiu de trás de outro caixote, esfregando a cabeça. As suas costas eram arqueadas feito um gancho, a pele era negra e os olhos de um branco leitoso.

— *Solase* — resmungou ele, e Alucard não conseguiu dizer se ele estava se desculpando com eles ou com as caixas nas quais tinha esbarrado.

— Esse é Ilo — disse Jasta, meneando a cabeça para o cego.

— Onde está o restante da sua tripulação? — perguntou Kell, olhando ao redor.

— Somos apenas nós três — respondeu Jasta.

— Você deixou uma garotinha e um cego protegendo um navio cheio de mercadorias roubadas? — indagou Alucard.

Hano deu uma risadinha e ergueu uma bolsinha. A bolsa de *Alucard*. Um instante depois, Ilo exibiu uma lâmina. Era de Kell.

O mago fez um movimento com os dedos e a lâmina voou de volta para as suas mãos, o punho primeiro, e a exibição lhe valeu aplausos de aprovação da garota. Alucard recuperou a bolsa com um floreio semelhante e foi mais longe, fazendo com que o couro se amarrasse novamente ao seu cinto. Lila apalpou a si mesma, certificando-se de que ainda tinha todas as facas, e sorriu de satisfação.

— O mapa — solicitou Jasta. Alucard entregou a ela. A capitã desenrolou o pergaminho, estalando a língua. — Para Águas Prósperas, então — disse ela. Não foi surpresa para ninguém que Jasta, dados os seus interesses particulares, conhecesse o mercado.

— O que há nessas caixas? — perguntou Kell, apoiando a mão numa tampa.

— Um pouco disso, um pouco daquilo — respondeu a capitã. — Nada que morda.

Hastra e Lenos já estavam desenrolando as cordas, o jovem guarda seguindo alegremente a liderança do marinheiro.

— Por que você está acorrentado? — perguntou Hano. Alucard não tinha visto a garota sair do seu poleiro, mas agora ela estava diante de Holland, as mãos nos quadris numa imitação da postura de Jasta, o coque

preto batendo aproximadamente na altura das costelas do *Antari*. — Você fez uma coisa ruim?

— Hano! — gritou Jasta, e a garota correu para longe de novo sem esperar uma resposta. O barco foi desamarrado e balançou embaixo deles. Bard sorriu e Alucard sentiu o seu equilíbrio mudar e depois retornar.

Holland, entretanto, inclinou a cabeça para trás e inspirou profundamente para se acalmar, os olhos erguidos para o céu como se isso o impedisse de ficar enjoado.

— Venha — disse Kell, pegando o braço do outro *Antari*. — Vamos encontrar a prisão.

— Não gosto daquele ali — falou Alucard quando Bard ficou ao seu lado.

— Qual dos dois? — perguntou ela secamente, mas então olhou para ele de relance e deve ter visto alguma coisa na sua expressão, pois ficou séria. — O que você vê quando olha para Holland?

Alucard respirou fundo e expirou, formando uma nuvem.

— É com isso que a magia se parece — disse ele girando os dedos no meio da fumaça. Em vez de se dispersar, o ar pálido espiralou e se enrolou em fitas finas de névoa contra o horizonte sem divisão entre noite e mar. — Mas a magia de Holland é assim. — Ele espalmou os dedos e as fitas de nevoeiro se quebraram, desfiaram. — Ele não é mais fraco por isso. Na verdade, a luz dele brilha mais que a sua ou a de Kell. Mas ela é desigual, instável, as linhas todas quebradas, reformadas, como ossos que não se emendaram. É algo...

— Não natural? — sugeriu ela.

— Perigoso.

— Que ótimo — disse ela, cruzando os braços para se proteger do frio. Deixou escapar um bocejo, como um rosnado silencioso que escapa por entre os dentes cerrados.

— Vá descansar — sugeriu ele.

— Eu vou — falou Bard, mas não saiu do lugar.

Alucard se virou automaticamente para o leme antes de se lembrar de que não era o capitão deste navio. Ele hesitou, como um homem que passou por uma porta para buscar algo mas esqueceu o que ia buscar. Por fim, foi ajudar Lenos com as velas, deixando Bard na amurada do navio.

Quando olhou para trás, dez, quinze, vinte minutos depois, ela ainda estava lá, os olhos fixos na linha onde a água encontra o céu.

Rhy saiu cavalgando assim que eles partiram.

Havia almas demais para encontrar, e a ideia de permanecer no palácio mais um minuto lhe dava vontade de gritar. Logo a escuridão estaria sobre todos, sobre ele, a noite cairia e eles seriam confinados. Mas, por enquanto, ainda havia luz, ainda havia tempo.

Ele reuniu dois homens, ambos prateados, e rumou para a cidade, tentando impedir a sua atenção de se dirigir ao palácio fantasmagórico que flutuava ao lado do dele, à estranha procissão de homens e mulheres que subiam os degraus. Tentou evitar que o foco ficasse preso à estranha substância preta que tinha transformado trechos de estrada em riachos de algo brilhante parecido com gelo e que subia pelos muros como hera ou geada. *Magia oprimindo a natureza.*

Ele encontrou um casal escondido nos fundos de casa, com medo demais para sair. Uma menina vagando, atordoada e recoberta com as cinzas de outra pessoa — se era parente, amigo ou estranho, ela não sabia dizer. Na terceira viagem, um dos guardas veio galopando até ele.

— Vossa Alteza — chamou o homem, a marca de sangue borrada com suor na sua fronte enquanto ele guiava as rédeas do cavalo —, há algo que o senhor precisa ver.

Eles estavam no salão de uma taverna.

Duas dúzias de homens, todos vestidos com o dourado e o vermelho da guarda real. E todos doentes. Todos morrendo. Rhy conhecia cada um deles de vista, se não de nome. Isra dissera que alguns deles estavam desaparecidos. Que as marcas de sangue haviam falhado. Mas eles não desapareceram. Eles estavam *aqui*.

— Vossa Alteza, espere! — gritou o prateado enquanto Rhy avançava para o salão, mas ele não tinha medo da fumaça ou da doença. Alguém

havia afastado as mesas e as cadeiras do caminho, liberado espaço, e agora os homens do seu pai, os seus homens, estavam deitados no chão em fileiras. Havia espaço aqui e ali onde alguns tinham se levantado ou caído para sempre.

As armaduras tinham sido arrancadas e postas de lado, arrumadas como uma galeria de espectadores vazios ao longo das paredes enquanto, no chão, os guardas suavam, contorciam-se e lutavam contra demônios que ele não conseguia ver, da mesma forma que Alucard tinha feito a bordo do *Spire*.

As veias se destacavam em preto nos pescoços, e todo o salão cheirava vagamente a pele chamuscada enquanto a magia se incendiava através deles.

O ar estava espesso com algo parecido com poeira.

Cinzas, entendeu Rhy.

Tudo o que restou daqueles que queimaram.

Um homem estava caído encostado na parede ao lado das portas, o rosto coberto de suor e a doença começando a se instalar.

A barba dele estava aparada bem rente, o cabelo era cheio de fios grisalhos, e Rhy o reconheceu imediatamente. Tolners. Um homem que serviu o seu pai antes que ele fosse rei. Um homem designado para servir *Rhy*. Ele vira o guarda esta manhã no palácio, em segurança e sadio do lado de dentro dos feitiços de proteção.

— O que foi que você fez? — perguntou ele, agarrando o guarda pelo colarinho. — Por que você saiu do palácio?

A visão do homem entrava e saía de foco.

— Vossa Majestade — grasnou ele. Preso pela febre, confundiu Rhy com o pai. — Nós somos... a guarda real. Não... nos escondemos. Se não formos... fortes o suficiente para enfrentar a escuridão... nós não... merecemos servir... — Ele parou de falar, abalado por um arrepio violento e súbito.

— Seu tolo — explodiu Rhy, mesmo quando baixou Tolners de volta à cadeira e fechou o casaco do homem em volta da sua silhueta trêmula. Rhy se virou para a sala de guardas moribundos, passando a mão pegajosa de cinzas pelos cabelos, sentindo-se furioso, impotente. Ele não podia salvar esses homens. Só podia assistir enquanto eles lutavam, falhavam, morriam.

— Nós somos a guarda real — murmurou um homem no chão.

— Nós somos a guarda real — ecoaram outros dois, entoando a frase como um canto contra a escuridão que lutava para levá-los.

Rhy queria gritar, xingar, mas não podia, porque sabia as coisas que havia feito em nome da força; sabia o que estava fazendo naquele momento, andando pelas ruas amaldiçoadas, vasculhando a névoa envenenada; sabia que, mesmo que a magia de Kell não o estivesse protegendo, ele teria ido até lá de qualquer forma, pela sua cidade, pelo seu povo.

E então Rhy fez o que tinha feito por Alucard no chão do *Spire*.

Fez a única coisa que podia.

Ele *ficou*.

* * *

Maxim Maresh sabia o valor de um único *Antari*.

Ele havia ficado de pé diante das janelas e observado *três* viajarem para longe do palácio, da cidade, do monstro que envenenava o coração de Londres. Ele tinha pesado as probabilidades, sabia que era a decisão certa, a estratégia com a maior chance de sucesso. E, no entanto, não podia deixar de sentir que, de repente, as suas melhores armas estavam fora de alcance. Pior que isso, que ele havia afrouxado a mão e os deixado cair, e agora estava diante de um inimigo sem uma lâmina com que lutar.

A sua própria não estava pronta — ainda estava sendo forjada.

O reflexo de Maxim pendia no vidro. Ele não parecia bem. Sentia-se ainda pior. Estava com uma das mãos apoiada na janela, e sombras contornavam os seus dedos numa imitação fantasmagórica, um eco mórbido.

— O senhor o deixou partir — falou uma voz gentil, e o *Aven Essen* se materializou no vidro atrás dele, um espectro de branco.

— Deixei — disse Maxim. Ele viu o corpo do filho na cama, o peito imóvel, as faces encovadas, a pele cinzenta. A imagem foi gravada como luz nos seus olhos, era uma imagem que ele jamais esqueceria. E entendia, agora mais que nunca, que a vida de Kell era a de Rhy e, se ele próprio não

pudesse protegê-la, ele a veria partir. — Tentei deter Kell uma vez. Foi um erro.

— Ele poderia ter ficado desta vez — argumentou Tieren cuidadosamente — se o senhor tivesse pedido em vez de ordenado.

— Talvez. — A mão de Maxim escorregou do vidro. — Mas esta cidade não é mais segura.

Os olhos azuis do sacerdote eram penetrantes.

— O mundo pode não ser mais seguro.

— Nada posso fazer sobre os perigos do mundo, Tieren, mas posso fazer algo a respeito do monstro aqui em Londres.

Ele começou a atravessar a sala, e deu três passos antes que o chão oscilasse violentamente debaixo dele. Por um instante terrível, a sua visão escureceu e ele pensou que fosse cair.

— Vossa Majestade — disse Tieren, pegando-o pelo braço. Sob a sua túnica, a recente linha de cortes doía. As feridas eram profundas, a carne e o sangue entalhados. Um sacrifício necessário.

— Estou bem — mentiu ele, desvencilhando-se.

Tieren lançou um olhar de desprezo para o rei, e ele se arrependeu de mostrar o seu progresso ao sacerdote.

— Não posso impedir você, Maxim — falou Tieren —, mas esse tipo de magia tem consequências.

— Quando o feitiço de sono ficará pronto?

— Se não tiver cuidado...

— Quando?

— É difícil fazer um feitiço desses, e ainda mais difícil espalhá-lo sobre uma cidade. A própria natureza dele beira o obsceno, colocar corpo e mente para dormir ainda é uma manipulação, a sobreposição da vontade de um sobre...

— *Quando?*

O sacerdote suspirou.

— Mais um dia. Talvez dois.

Maxim se endireitou e assentiu com a cabeça. Eles durariam esse tempo. Teriam de durar. Quando voltou a andar, o chão se manteve firme sob os seus pés.

— Vossa Majestade...

— Vá e conclua o seu próprio feitiço, Tieren. E me deixe concluir o meu.

VI

Quando Rhy voltou ao palácio, a luz já havia desaparecido e a sua armadura, antes dourada, estava tingida com uma fina camada de cinzas. Mais de metade dos homens na taverna havia morrido, e os poucos que sobreviveram agora marchavam no seu encalço. Levavam os elmos debaixo do braço, tinham o rosto maltratado pela febre e iluminado por linhas de prata que escorriam como lágrimas pelas faces.

Rhy subiu os degraus da frente do palácio num silêncio exausto.

Os guardas prateados posicionados nas portas do palácio nada disseram, e ele se perguntou se eles sabiam — eles *tinham* de saber, depois de deixar tantos companheiros entrar no nevoeiro. Eles não olhariam nos olhos do príncipe, mas olharam uns para os outros, trocando um único cumprimento com a cabeça que pode ter significado orgulho ou solidariedade, ou qualquer outra coisa que Rhy não conseguiu decifrar.

O seu segundo guarda, Vis, estava de pé no saguão da frente, evidentemente esperando notícias de Tolners. Rhy balançou a cabeça e passou por ele, passou por todos, dirigindo-se aos banhos reais, precisando ficar limpo. Mas, ao andar, a armadura parecia ficar mais apertada, arranhando o seu pescoço, apertando as suas costelas.

Ele não conseguia respirar e, por um instante, pensou no rio, em Kell preso sob a superfície enquanto ele arquejava por ar lá em cima, mas isso não era um eco do sofrimento do irmão. O seu próprio peito subia e descia na armadura, o próprio coração martelava, os próprios pulmões estavam cheios de cinzas de homens mortos. Ele tinha de se livrar daquilo.

— Vossa Alteza? — chamou Vis enquanto ele lutava para tirar a armadura. As peças caíram no chão, retinindo e levantando nuvens de poeira.

Mas o seu peito continuava arfando, assim como o seu ventre, e ele mal alcançou a bacia mais próxima antes de vomitar.

Rhy agarrou as bordas da bacia, respirando com dificuldade enquanto o coração finalmente começava a desacelerar. Vis ficou ali perto, segurando o elmo descartado.

— Foi um longo dia — comentou Rhy tremendo, e Vis não perguntou o que estava errado, não disse nada. E por isso Rhy ficou agradecido. Ele limpou a boca com a mão trêmula, endireitou-se e continuou andando para os banhos reais.

Ele já estava desabotoando a túnica quando chegou às portas e viu que a sala adiante não estava vazia.

Dois criados envolvidos em tecidos prata e verde estavam de pé junto à parede mais distante, e Cora estava empoleirada na borda de pedra da grande piscina no chão, mergulhando um pente na água e passando pelos longos cabelos soltos. A princesa veskana usava apenas um robe aberto e Rhy sabia que o povo dela não era puritano quando se tratava de corpos, mas ainda assim ele corou ao ver tanta pele pálida.

A camisa dele ainda estava meio abotoada e as suas mãos deslizaram de volta para o lado do corpo.

Os olhos azuis de Cora o encontraram.

— *Mas vares* — falou ela num arnesiano pausado.

— *Na ch'al* — respondeu ele, rouco, em veskano.

O pente descansou no colo dela quando olhou para o rosto dele, marcado pelas cinzas.

— Quer que eu vá embora?

Ele honestamente não sabia. Depois de horas mantendo a cabeça erguida, sendo forte enquanto outros homens lutavam e morriam, ele não conseguia mais desempenhar outra performance, não conseguia fingir que estava tudo bem. Porém, a ideia de ficar sozinho com os seus pensamentos, com as sombras, não aquelas que estavam fora das paredes do palácio, e sim as que vinham procurar por *ele* à noite...

Cora estava começando a se levantar quando ele disse:

— *Ta'ch*.

Não.

Ela se sentou novamente sobre os joelhos enquanto dois dos servos dele se aproximavam e começavam a despi-lo com movimentos rápidos e

eficientes. Ele esperava que Cora desviasse o olhar, mas ela observou com firmeza, uma luz curiosa nos olhos dela enquanto liberavam a última parte da armadura dele, desamarravam as botas, desabotoavam os botões no punho e na gola com mãos mais firmes que as dele. Os servos retiraram a túnica, expondo o seu peito nu, a pele negra e lisa exceto pela linha nas suas costelas, a cicatriz girando sobre o coração.

— Limpem a armadura — pediu ele com suavidade. — Queimem os tecidos.

Rhy deu um passo à frente; um comando silencioso de que ele mesmo cuidaria do resto.

Ele permaneceu de calças, andou descalço pelos belos degraus ornamentados e entrou na piscina. A água morna abraçou os seus tornozelos, os seus joelhos, a sua cintura. A água límpida se enevoou ao redor dele, deixando um rastro nebuloso de cinzas no seu encalço.

Ele se dirigiu até o centro da piscina e submergiu, dobrando os joelhos até encostar no fundo. O seu corpo tentou se levantar, mas ele expulsou todo o ar dos pulmões e agarrou a grade do fundo com os dedos, segurando até doer, até que a água ficasse parada ao seu redor, o mundo se fechasse e não houvesse mais cinzas para desgrudar da sua pele.

E, quando ele finalmente se levantou, irrompendo na superfície com um arquejo, Cora estava ali. O seu robe havia sido abandonado na borda, o cabelo comprido e loiro preso habilmente por um pente. As mãos dela flutuavam na superfície da água como lírios.

— Posso ajudar? — perguntou Cora. Antes que ele pudesse responder, ela o estava beijando, a ponta dos dedos roçando os quadris dele abaixo da água. O calor fluiu através dele, simples e físico, e Rhy lutou para manter o juízo enquanto as mãos da menina pegaram o caderço das suas calças e começaram a desamarrá-lo.

Ele se desvencilhou dos lábios dela.

— Pensei que gostasse do meu irmão — disse ele com rispidez.

Cora lhe lançou um sorriso malicioso.

— Eu gosto de muitas coisas — respondeu ela, puxando-o para perto outra vez. A mão dela deslizou sobre ele, que sentia uma excitação crescente conforme ela apertava o corpo contra o dele, a boca macia buscando a sua. Parte de Rhy queria permitir, queria possuí-la, queria se perder como havia feito tantas vezes depois que Alucard partiu, para

afastar as sombras e os pesadelos com a distração simples e bem-vinda de outro corpo.

As mãos dele subiram até os ombros dela.

— *Ta'ch* — disse ele, afastando-a.

As faces dela coraram, a mágoa passando pelo seu rosto antes da indignação.

— Você não me quer.

— Não — falou ele com gentileza. — Não assim.

O olhar dela baixou para o ponto em que os seus dedos ainda repousavam na pele dele e a sua expressão exibiu uma falsa timidez.

— O seu corpo e a sua mente parecem discordar, meu príncipe.

Rhy corou e recuou um passo dentro da água.

— Peço desculpas. — Ele continuou a se retirar até as suas costas atingirem a borda de pedra da piscina. Ele se sentou num banco.

A princesa suspirou, deixando os braços boiarem distraidamente na água de forma infantil, como se aqueles dedos não tivessem acabado de percorrer a pele dele com muita habilidade.

— Então é verdade — provocou ela — o que dizem sobre você?

Rhy ficou tenso. Ele já ouviu a maioria dos rumores e todas as verdades, ouviu homens falando da sua falta de poderes, questionando se ele merecia ser rei, comentando quem compartilhava a sua cama e quem não o fazia, mas ainda assim se forçou a perguntar.

— O que dizem, Cora?

Ela se dirigiu até ele, os fios de cabelos loiros escapando do coque no calor do banho, e se sentou ao seu lado no banco, as pernas encolhidas sob o corpo. Cruzou os braços na borda da piscina e inclinou a cabeça sobre eles. E assim ela pareceu abandonar a sua última tentativa de sedução e voltou a ser uma menina.

— Dizem, Rhy Maresh, que o seu coração já tem dono.

Rhy tentou falar, mas não sabia o que dizer.

— É complicado — conseguiu dizer.

— É claro que é. — Cora percorreu os dedos pela água. — Eu já estive apaixonada uma vez — acrescentou, como se fosse um reflexo. — O nome dele era Vik. Eu o amei do jeito que a lua ama as estrelas. É assim que falamos quando uma pessoa enche o mundo de luz.

— O que aconteceu?

Ela ergueu os pálidos olhos azuis.

— Você é o único herdeiro do seu trono — disse ela. — Mas eu sou uma de sete. Amor não basta.

A maneira como Cora falou isso, como se fosse uma verdade simples e imutável, fez com que ele sentisse os olhos queimando e um nó na garganta. Pensou em Alucard, não em como ele se comportou quando Rhy o mandou embora, ou mesmo como estava na Noite dos Estandartes, mas no Alucard que se demorava na sua cama naquele primeiro verão, os lábios brincando na sua pele enquanto ele sussurrava as palavras.

Eu te amo.

Os dedos de Cora ficaram parados, espalmados na superfície da água, e Rhy notou os arranhões profundos que circundavam o seu pulso, a pele ferida. Ela o flagrou olhando e agitou a mão num movimento dispersivo.

— O meu irmão tem temperamento forte — disse ela distraidamente. — Às vezes, ele esquece a própria força. — E então, com um leve sorriso de desafio, concluiu: — Mas ele sempre esquece a minha.

— Ainda doem?

— Nada que não vá se curar. — Cora mudou de posição. — As suas cicatrizes são muito mais interessantes.

Rhy levou os dedos à marca sobre o coração, mas não disse nada, e ela não perguntou nada. Instalou-se um silêncio tranquilo entre os dois, o vapor subindo em gavinhas ao redor deles, os padrões espiralando na névoa. Rhy sentiu a mente flutuando para sombras e homens moribundos, para lâminas enterradas entre costelas e lugares frios e escuros, pegajosos por causa do sangue. E, além de tudo isso, o silêncio, espesso como algodão, pesado como pedra.

— Você tem o dom?

Rhy piscou, as visões se dissolveram e ele voltou ao banho.

— Que dom?

Os dedos de Cora se curvaram em meio ao vapor.

— No meu reino, há aqueles que olham para o nevoeiro e veem coisas que não estão lá. Coisas que ainda não aconteceram. Agora mesmo, você parecia estar vendo algo.

— Não estava vendo — disse Rhy. — Apenas lembrando.

* * *

Eles permaneceram horas sentados no banho, ansiosos para não abandonar o calor nem a companhia. Ficaram empoleirados lado a lado no banco de pedra da borda da piscina, ou nos azulejos mais frescos da sua beirada, e conversaram. Não sobre o passado, nem sobre as suas respectivas cicatrizes. Em vez disso, eles compartilharam a presente situação. Rhy contou a ela da cidade além das paredes do palácio, da maldição lançada sobre Londres, da sua transmutação estranha e que se alastrava, dos que haviam sucumbido e dos prateados. E Cora lhe contou do palácio claustrofóbico com os seus nobres irritantes, da galeria onde se reuniam para se preocupar, dos cantos onde eles se encolhiam para sussurrar.

Cora tinha o tipo de voz que ressoava numa sala, mas, quando falava suavemente, havia uma música nela, uma melodia que ele achava calmante. Ela contou histórias de tal senhor e tal senhora, identificando-os pelas roupas porque ela nem sempre sabia os seus nomes. Falou também dos magos com os seus temperamentos e egos, recontando conversas inteiras sem gaguejar ou parar.

Cora, ao que parecia, tinha uma mente como uma pedra preciosa, nítida e brilhante, mas enterrada sob a atmosfera infantil. Ele sabia por que ela fazia isso: era a mesma razão pela qual ele agia como libertino tanto quanto agia como membro da realeza. Às vezes, era mais fácil ser subestimado, desprezado, dispensado.

— ... E então ele realmente o fez — dizia Cora. — Engoliu uma taça de vinho e acendeu uma fagulha. E puf! Queimou metade da barba.

Rhy acabou rindo. E ele sentiu que isso foi fácil, errado e muito necessário. Cora balançou a cabeça.

— Nunca desafie um veskano. Isso nos torna estúpidos.

— Kell disse que teve de desacordar uma das suas magas para evitar que ela saísse no nevoeiro.

Cora inclinou a cabeça.

— Não vi o seu irmão o dia todo. Aonde ele foi?

Rhy inclinou a cabeça para trás, recostando nos azulejos.

— Procurar ajuda.

— Ele não está no palácio?

— Ele não está na cidade.

— Ah! — exclamou ela, pensativa. E logo o seu sorriso estava de volta, preguiçoso nos lábios. — E o que é isso? — perguntou, mostrando o broche real de Rhy.

Ele se empertigou.

— Onde você conseguiu isso?

— Estava no bolso da sua calça.

Ele esticou a mão para pegá-lo e ela o tirou do alcance, brincando.

— *Devolva* — exigiu ele, e ela deve ter percebido a advertência na voz de Rhy, o tom frio e repentino de comando, porque não resistiu, não continuou com joguinhos. A mão dele se fechou no metal aquecido pela água do banho. — Está ficando tarde — disse, saindo do banho. — Tenho de ir.

— Eu não queria aborrecê-lo — falou ela, parecendo genuinamente magoada.

Ele correu uma das mãos pelos cachos úmidos.

— Você não me aborreceu — mentiu ele enquanto um par de servos se aproximava, envolvendo os seus ombros nus com um manto. A raiva queimou dentro dele, mas voltada apenas a si mesmo, por deixar a sua guarda baixar, o seu foco se perder. Ele devia ter ido embora havia muito tempo, mas não queria enfrentar as sombras que surgiam quando dormia. Agora o corpo doía e a mente estava confusa pelo cansaço. — Foi um longo dia e estou cansado.

A tristeza passou pelo rosto de Cora.

— Rhy — miou ela —, era só brincadeira. Eu não teria ficado com ele.

Ele se ajoelhou na borda azulejada da piscina, ergueu o queixo dela e lhe deu um único beijo na testa.

— Eu sei.

Então a deixou sentada sozinha.

Do lado de fora, Vis estava jogado numa cadeira, cansado, mas acordado.

— Sinto muito — falou Rhy enquanto o guarda se punha de pé ao lado dele. — Você não deveria ter esperado. Ou eu não deveria ter demorado.

— Está tudo bem, senhor — disse o homem com voz sonolenta, andando atrás dele.

O palácio havia ficado silencioso ao redor deles, apenas o burburinho dos guardas em serviço enchia o ar conforme Rhy subia a escada e parava diante do quarto de Kell antes de lembrar que ele não estava lá.

O seu quarto estava vazio, os lampiões acesos lançando longas sombras em todas as superfícies. Uma coleção de tônicos cintilou em cima do aparador; misturas de Tieren para quando as noites iam mal. Porém, o calor do banho ainda estava agarrado ao seu corpo e o amanhecer estava a poucas horas de distância, de modo que Rhy colocou o broche sobre a mesa e caiu na cama.

E então foi atacado por uma bola de pelos brancos.

A gata de Alucard estava dormindo no seu travesseiro e chiou de indignação quando Rhy pousou nos lençóis. Ele não tinha energia para expulsar o animal; os seus olhos cor de violeta o desafiavam a tentar. Então Rhy se jogou de volta na cama, satisfeito em compartilhar o espaço. Ele jogou um braço sobre os olhos e ficou surpreso ao sentir o peso macio de uma pata cutucando o seu braço antes de se aninhar ao seu lado. Ele deslizou os dedos distraidamente no pelo da criatura, deixando que o suave ronronar e o fraco porém persistente cheiro do capitão — brisa do mar e vinho de verão — o fizessem dormir.

VII

Há um momento, quando um navio entra em alto-mar.

Quando a terra fica para trás e o mundo se estende para todos os lados, nada além de água, céu e liberdade.

Esse era o momento favorito de Lila, quando qualquer coisa podia acontecer e nada ainda havia acontecido. Ela ficou no convés do *Ghost* enquanto Tanek se despedia deles e a noite selvagem lhes abria os braços.

Quando ela finalmente desceu, Jasta estava esperando na base da escada.

— *Avan* — disse Lila casualmente.

— *Avan* — retumbou Jasta.

Era um corredor estreito, e ela teve de se esquivar da capitã para conseguir passar. Estava no meio do caminho quando a mão de Jasta disparou e se fechou em torno do seu pescoço. Os pés de Lila deixaram o chão e ela ficou pendurada, presa bruscamente contra a parede. Ela lutou para resistir, atordoada demais para conjurar magia ou alcançar a sua lâmina. Quando enfim liberou a faca que mantinha atada às costelas, a capitã recolheu a mão e Lila caiu, escorregando pela parede. Uma perna se dobrou antes que ela conseguisse se equilibrar.

— Por que raios você fez isso?

Jasta ficou parada ali, olhando para Lila como se não tivesse acabado de tentar estrangulá-la.

— Isso — disse a capitã — foi por insultar o meu navio.

— Você só pode estar de brincadeira — grunhiu Lila.

Jasta simplesmente deu de ombros.

— Isso foi um aviso. Da próxima vez, jogo você ao mar.

Tendo dito isso, a capitã estendeu a mão. Parecia má ideia aceitá-la, porém seria pior ainda recusá-la. Antes que Lila pudesse decidir, Jasta se

abaixou e a puxou para cima, deu-lhe um tapinha firme nas costas e se afastou, assobiando.

Lila observou a mulher indo embora, abalada pela violência repentina, pelo fato de que não a tinha previsto. Ela guardou a lâmina na bainha com os dedos trêmulos e foi encontrar Kell.

* * *

Ele estava na primeira cabine à esquerda.

— Bom, isso é aconchegante — comentou ela, parada na soleira da porta.

A cabine tinha metade do tamanho de um armário e era tão acolhedora quanto. Com espaço suficiente para apenas um catre estreito, assemelhava-se um pouco demais com o caixão improvisado no qual Lila havia sido enterrada por um faroense ressentido durante o torneio.

Kell estava sentado na cama, revirando o broche real nos dedos. Quando a viu, ele o guardou no bolso.

— Tem lugar para mais uma? — perguntou ela, sentindo-se tola ao dizer isso. Havia apenas quatro cabines, e uma delas estava sendo usada como prisão.

— Acho que podemos dar um jeito — respondeu Kell, pondo-se de pé. — Mas se você preferir...

Ele deu um passo na direção da porta, como se fosse sair. Ela não queria que ele o fizesse.

— Fique — pediu ela, e lá estava, aquele sorriso oscilante, como brasa reavivada a cada respiração.

— Tudo bem.

Um único lampião pendia do teto, e Kell estalou os dedos, o fogo pálido dançou no seu polegar enquanto ele se esticava para acender o pavio. Lila se virou cuidadosamente examinando o cubículo.

— Um pouco menor que as suas acomodações habituais, *mas vares?*

— Não me chame assim — disse ele, virando-a de volta para si. Ela estava prestes a dizê-lo novamente apenas para provocá-lo quando notou a expressão nos seus olhos e cedeu, passando as mãos pelo casaco de Kell.

— Tudo bem.

Ele a puxou para perto, roçando o polegar na sua bochecha, e Lila sabia que ele estava olhando para o seu olho, para a espiral de vidro fraturado.

— Você não percebeu mesmo?

A cor se espalhou pelas faces pálidas de Kell e ela se perguntou, distraidamente, se a pele dele ganhava sardas no verão.

— Suponho que você não acreditaria em mim se eu dissesse que estava distraído pelo seu encanto?

Lila soltou uma risada baixa e afiada.

— Pelas minhas facas, talvez. Pelos meus dedos rápidos. Mas não pelo meu encanto.

— Esperteza, então. Poder.

Ela sorriu maliciosamente.

— Continue.

— Eu estava distraído por tudo em você, Lila. Ainda estou. Você é enlouquecedora, exasperante, incrível. — Ela o estivera provocando, mas ele evidentemente não. Tudo nele, a determinação da boca, o franzir das sobrancelhas, a intensidade daquele olho azul, era terrivelmente sério. — Eu nunca soube o que pensar sobre você. Desde o dia em que nos conhecemos. E isso me aterroriza. Você me aterroriza. — Ele aninhou o rosto dela entre as mãos. — E pensar em você indo embora novamente, desaparecendo da minha vida, é o que mais me aterroriza.

O coração de Lila havia disparado, tocando aquela velha canção: *fuja, fuja, fuja*. Mas ela estava cansada de correr, de abandonar as coisas antes que tivesse a chance de perdê-las. Ela puxou Kell para perto.

— Na próxima vez que eu for embora — sussurrou ela na pele dele —, venha comigo. — Ela deixou o olhar vagar pelo pescoço dele, pela mandíbula, pelos lábios. — Quando tudo isso tiver acabado, quando Osaron se for e nós tivermos salvado o mundo mais uma vez, quando todos os outros ficarem felizes para sempre, venha comigo.

— Lila — disse ele, e havia tristeza demais na sua voz.

De repente, ela se deu conta de que não queria ouvir a resposta, não queria pensar em todas as maneiras como a história deles poderia acabar, na chance de nenhum deles continuar vivo, a salvo. Ela não queria pensar em nada além deste barco, deste instante, então o beijou profundamente, e

o que quer que ele fosse dizer morreu nos seus lábios assim que encontraram os dela.

VIII

Holland se sentou na cama com as costas apoiadas na parede da cabine.

Do outro lado das tábuas de madeira, o mar se chocava com o casco do navio e o balanço o deixava tonto. As algemas em torno do pulso de Holland tampouco o ajudavam, pois o ferro havia sido enfeitiçado para amortecer magia. O efeito era o de um pano molhado sobre fogo: não o bastante para dissipar as chamas, mas suficiente para fazê-lo fumer, como uma nuvem que confundisse os seus sentidos.

O seu equilíbrio também era prejudicado pela segunda algaema, não mais ao redor do pulso, e sim presa a um gancho na parede da cabine.

E o pior era que ele não estava sozinho.

Alucard Emery estava recostado na soleira da porta com um livro numa das mãos e uma taça de vinho na outra (só de pensar em ambos Holland ficava enjoado) e de vez em quando os seus olhos azuis se erguiam como se ele quisesse se certificar de que o *Antari* ainda estava ali, preso com segurança à parede.

A cabeça de Holland doía. A sua boca estava seca. Ele queria ar. Não o ar saturado da cela-cabine, mas sim o ar fresco do andar de cima, assobiando pelo convés.

— Se você me libertasse — propôs ele —, eu poderia ajudar a impulsionar o navio.

Alucard lambeu o polegar e virou uma página.

— Se eu te libertar, você poderia matar a todos nós.

— Eu poderia fazer isso daqui — falou Holland, casualmente.

— Palavras que não ajudam a sua causa — disse o capitão.

Havia uma pequena janela embutida na parede acima da cabeça de Holland.

— Você poderia pelo menos abrir aquilo — pediu ele. — Dar a nós dois um pouco de ar.

Alucard lhe lançou um longo olhar de desconfiança antes de enfiar o livro debaixo do braço. Tomou o último gole de vinho, colocou a taça vazia no chão e avançou, inclinando-se sobre Holland para destravar a escotilha.

Uma rajada de ar frio entrou e Holland encheu os pulmões enquanto uma pequena onda se chocava com o casco e entrava pela abertura, derramando-se pela cabine.

Holland se preparou para o borrico gelado, mas ele nunca veio.

Com um movimento de pulso e palavras murmuradas, a água subiu, circundando os dedos de Alucard uma vez antes de endurecer, formando uma lâmina fina porém forte. A sua mão apertou o punho da faca quando ele pousou a ponta de gelo no pescoço de Holland.

Ele engoliu em seco, testando do fio da lâmina enquanto encontrava o olhar de Alucard.

— Seria tolice — disse devagar — derramar o meu sangue.

Dobrando o pulso, Holland sentiu o estilhaço de madeira que havia escondido debaixo da algema, a ponta se enterrando na base da palma da mão. Não seria preciso pressionar muito. Uma gota, uma palavra, e as correntes derreteriam. Mas isso não o libertaria.

O sorriso de Alucard se aguçou e a faca se dissolveu de volta numa fita de água que dançava no ar ao redor dele.

— Lembre-se apenas de uma coisa, *Antari* — advertiu ele, girando os dedos e a água junto com eles. — Se esse navio afundar, você afunda junto. — Alucard se endireitou, expulsando a água do mar pela janela aberta. — Deseja mais alguma coisa? — perguntou, a imagem da hospitalidade.

— Não — respondeu Holland com frieza. — Você já fez muito.

Alucard exibiu um sorriso gelado e abriu o livro de novo, obviamente satisfeito com o seu posto.

† Na terceira vez em que a Morte veio buscar Holland, ele estava de joelhos.

Ele se agachou ao lado do córrego, o sangue escorrendo da ponta dos dedos em gotas vermelhas e pesadas enquanto as árvores do Bosque de Prata se erguiam ao seu redor. Duas vezes por ano ele ia até lá, um lugar rio acima onde o Sijlt se ramificava através de um bosque que crescia do chão estéril em tons de metal polido — nem madeira, nem pedra, nem aço. Alguns diziam que o Bosque de Prata tinha sido feito pelas mãos de um mago, enquanto outros diziam que era o lugar onde a magia fazia a sua declaração final antes de se retirar da superfície do mundo.

Era um lugar onde, se se parasse e fechasse os olhos, era possível sentir os ecos do verão. Uma lembrança da magia natural impregnada na madeira.

Holland inclinou a cabeça. Ele não rezava, não sabia para quem rezar nem o que dizer, apenas observava as águas gélidas do Sijlt se moverem sob a sua mão estendida, o rio esperando para capturar cada gota que caísse. Um traço carmesim, uma nuvem rosa, e então tudo desvanecia, a superfície pálida do riacho voltava ao seu habitual cinza esbranquiçado.

— Que desperdício de sangue — veio de uma voz atrás dele em tom casual.

Holland não se assustou. Ele tinha ouvido os passos vindo da fronteira do bosque, o som de botas pisando na grama seca. Uma faca curta e afiada estava pousada no banco ao seu lado, e os dedos de Holland se dirigiram para ela, apenas para descobrir que não estava mais lá. Ele então se levantou e se virou para encontrar o estranho empunhando a sua arma com ambas as mãos. O homem era muitos centímetros mais baixo que Holland e duas décadas mais velho, vestindo um cinza desbotado que quase passava por preto. Os seus cabelos eram de um castanho que parecia empoeirado e os olhos escuros eram salpicados de partículas de âmbar.

— Bela lâmina — comentou o intruso, testando a ponta. — É preciso mantê-las afiadas.

O sangue pingou da palma da mão de Holland e os olhos do homem se dirigiram imediatamente para o vermelho vivo antes de ele abrir um sorriso largo.

— *Sot* — falou ele, tranquilo. — Não vim atrás de problemas. — Ele se sentou num tronco petrificado e enfiou a faca na terra dura diante dos seus pés antes de entrelaçar os dedos e se inclinar para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos. Uma das mãos estava coberta por feitiços de vinculação, um elemento rabiscado ao longo de cada um dos dedos. — Bela vista.

Holland não disse nada.

— Venho aqui às vezes para pensar — continuou o homem, tirando um cigarro enrolado de trás da própria orelha. Ele olhou para a ponta, apagada, e então o estendeu para Holland. — Pode ajudar um amigo?

— Não somos amigos — retrucou Holland.

Os olhos do homem dançavam com luz.

— Ainda não.

Holland não se mexeu. O homem suspirou e estalou os próprios dedos, produzindo uma pequena chama do tamanho de uma moeda, que dançava acima do seu polegar. Não era uma façanha desprezível, essa exibição de magia natural, mesmo com o feitiço rabiscado na sua pele. Ele tragou longa e profundamente.

— Os meus amigos me chamam de Vor.

O nome atingiu o peito de Holland como uma pedra.

— Vortalis.

O homem se iluminou.

— Você lembra — falou ele. Não disse: “Você ouviu falar de mim” ou “Você me conhece”, e sim “Você lembra”.

E Holland lembrava. Ros Vortalis. Ele era uma lenda no Kosik, um mito nas ruas e nas sombras, um homem que usava palavras tanto quanto armas, e aquele que sempre parecia conseguir o que queria. Um homem conhecido em toda a cidade como Caçador, assim chamado por rastrear qualquer pessoa e qualquer coisa que desejasse e por nunca desistir da sua presa. Um homem que caçava *Holland* havia anos.

— Você tem uma reputação — disse Holland.

— Ah! — exclamou Vortalis, exalando. — Ambos temos. Quantos homens e mulheres andam nas ruas de Londres desarmados? Quantos

encerram combates sem levantar um dedo? Quantos se recusam a se juntar às gangues ou à guarda...

— Não sou bandido.

Vortalis inclinou a cabeça. O seu sorriso havia desaparecido.

— O que você é então? Qual é o seu objetivo? Toda a magia nesse pequeno olho preto e para que você a usa? Esvaziar as veias num rio congelado? Sonhar com um mundo melhor? Decerto, há usos melhores.

— O meu poder nunca me trouxe nada além de dor.

— Então você o está usando da forma errada. — Com isso, ele se levantou e apagou o cigarro na casca da árvore mais próxima.

Holland franziu a testa.

— Isso é sagrado...

Ele não teve chance de concluir a advertência, pois foi neste instante que Vortalis se moveu, tão rápido que só podia ser um feitiço, algo rabiscado em algum lugar sob as suas roupas. Porém, feitiços apenas *amplificavam* o poder. Eles não conjuravam do nada.

O punho dele estava a centímetros do rosto de Holland quando o comando do *Antari* agiu sobre carne e osso, forçando Vortalis a parar. Mas não foi o suficiente. O punho do homem tremeu no ar, lutando contra a contenção, e depois partiu com toda força, como um tijolo atravessando vidro, e atingiu o maxilar de Holland. A dor foi repentina, aguda. Vortalis estava radiante enquanto recuava para longe do alcance de Holland. Ou ao menos tentava. O rio se ergueu atrás dele e avançou. Mas, um instante antes de pegar Vortalis pelas costas, ele se moveu outra vez, evitando um golpe que não poderia ter previsto antes que Holland enfim perdesse a paciência e arremessasse, vindas de lados opostos, duas lanças de gelo na direção do homem.

Ele se esquivou da primeira, mas a segunda o atingiu no estômago, a lança girando no próprio eixo de modo que se estilhaçou ao lado das costelas do homem em vez de atravessá-lo.

Vortalis caiu para trás com um gemido.

Holland ficou de pé, esperando para ver se o homem se levantaria. Ele o fez, rindo suavemente enquanto se desequilibrava e caía de joelhos.

— Já me disseram que você era bom — disse Vortalis, esfregando as costelas. — Tenho a sensação de que você é ainda melhor do que pensam.

Os dedos de Holland se flexionaram em torno do sangue que secava. Vortalis pegou um estilhaço de gelo, manipulando-o menos como uma arma do que como um artefato, e concluiu:

— Tanto que você poderia ter me matado.

E Holland poderia. Com facilidade. Se ele não tivesse girado a lança, ela teria atravessado direto carne e músculos, quebrado ossos. Mas ele pensou em Alox, o corpo de pedra se espatifando no chão, e em Talya, caindo sem vida na própria faca.

Vortalis se levantou com a mão na lateral do corpo.

— Por que não me matou?

— Você não estava tentando *me* matar.

— Os homens que enviei estavam. Mas você também não os matou.

Holland sustentou o olhar de Vortalis.

— Você tem algo contra matar? — pressionou Vortalis.

— Já tirei vidas — respondeu Holland.

— Não foi isso que perguntei.

Holland permaneceu em silêncio. Ele cerrou os punhos, concentrado na linha de dor que percorria a palma da sua mão. Por fim, disse:

— É fácil demais.

— Matar? Claro que é — retrucou Vortalis. — Viver com isso, essa é a parte difícil. Mas, às vezes, vale a pena. Às vezes, é *necessário*.

— Não era necessário matar os seus homens.

Vortalis ergueu uma sobrancelha.

— Eles poderiam ter ido atrás de você de novo.

— Eles não o fizeram — falou Holland. — Você continuou enviando novos emissários.

— E você continuou deixando que vivessem. — Vortalis se alongou, estremeando um pouco por causa das costelas feridas. — Eu diria que você deseja a morte, mas não parece tão ansioso para morrer. — Ele foi até o limite do bosque, de costas para Holland, enquanto olhava

para a pálida extensão da cidade. Acendeu outro cigarro e o enfiou entre os dentes. — Sabe o que eu acho?

— Não me importo...

— Acho que você é um romântico. Um daqueles tolos que esperam que surja um futuro rei. Esperam que a magia volte, que o mundo acorde. Mas não funciona assim, Holland. Se quiser mudanças, tem de fazê-las. — Vortalis acenou com desdém para o córrego. — Você pode esvaziar as veias naquela água, mas não mudará nada. — Ele estendeu a mão. — Se você realmente quer salvar essa cidade, me ajude a dar um uso melhor a esse sangue.

Holland olhou para a mão do homem, recoberta de feitiços.

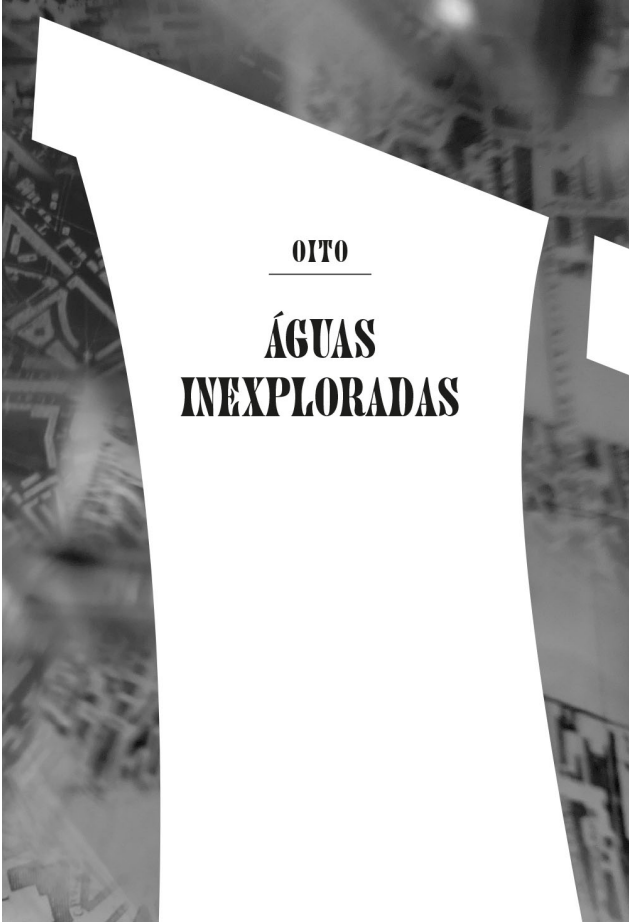
— E que uso seria esse?

Vortalis sorriu.

— Pode me ajudar a matar um rei.





An aerial photograph of a city, likely Rio de Janeiro, showing a dense urban landscape with buildings and streets. A large, white, irregular geometric shape is overlaid on the image, resembling a stylized letter 'A' or a map of a specific area. The text is centered within this white shape.

OITO

**ÁGUAS
INEXPLORADAS**

I

O café tinha gosto de água suja, mas ao menos mantinha as mãos de Alucard aquecidas.

Ele não havia dormido, os nervos à flor da pele por causa do navio estranho, do mago traidor e do fato de que sempre que fechava os olhos via Anisa queimando, via Jinnar se esfarelando em cinzas, via a si mesmo estendendo a mão como se houvesse algo que pudesse fazer para salvar a irmã, o amigo. Anisa sempre foi tão vivaz, Jinnar sempre foi tão forte, e no fim nada disso fez diferença.

Eles continuavam mortos.

Alucard subiu os degraus para o convés e tomou outro gole, esquecendo-se de quão ruim a bebida realmente era. Ele cuspiu a lama marrom sobre a amurada e limpou a boca.

Jasta estava ocupada amarrando uma corda ao mastro principal. Hastra e Hano estavam sentados num caixote à sombra da vela maior, o jovem guarda de pernas cruzadas e a marinheira empoleirada como um corvo, inclinando-se para a frente para ver algo sobre as mãos dele em concha. Parecia, dentre todas as coisas, com os primórdios verdejantes de um botão de acácia desabrochando. Hano emitiu um som de encantamento enquanto a flor se movia lentamente diante dos seus olhos. Hastra estava cercado pelos finos fios brancos de luz que pertenciam apenas àqueles raros indivíduos que mantinham os elementos em equilíbrio. Alucard se perguntou por um breve momento por que o jovem guarda não havia se tornado sacerdote. O ar ao redor de Hano era um ninho de espirais azul-escuras: uma maga do vento em formação, como Jinnar...

— Cuidado — disse uma voz. — Um marinheiro não vale de nada se não tiver todos os dedos.

Era Bard. Ela estava de pé perto da proa, ensinando a Lenos um truque com uma das suas facas. O marinheiro observava, de olhos arregalados, enquanto ela pegava a lâmina com a ponta dos dedos e a atirava no ar. Quando a apanhava pelo cabo, o gume da faca estava em chamas. Ela agradeceu com uma reverência, e Lenos abriu um sorriso nervoso.

Lenos, que tinha procurado Alucard na primeira noite de Lila a bordo do *Spire* e advertido que ela era um mau presságio. Como se Alucard já não soubesse.

Lenos, que a chamou de Sarows.

Quando Alucard viu Delilah Bard pela primeira vez, ela estava parada no seu navio, amarrada pelos pulsos e encrespando o ar com prata. Ele só havia conhecido um mago que brilhava daquele jeito e o sujeito em questão tinha um olho preto e um ar de desprezo por tudo que falava mais alto que qualquer palavra. Lila Bard, no entanto, tinha dois olhos castanhos comuns e nada a dizer a respeito de si mesma, nada a dizer a respeito do cadáver da tripulação de Alucard, esticado lá na prancha. Ela lhe ofereceu uma única frase fragmentada:

Is en ranes gast.

Eu sou a melhor ladra.

E, enquanto ficava lá, observando o seu sorriso afiado, as suas linhas de luz prateada, Alucard pensou: *Bem, você certamente é a mais estranha.*

A primeira decisão ruim que ele tomou foi acolhê-la a bordo.

A segunda foi deixá-la ficar.

A partir daí, as decisões ruins pareciam se multiplicar como bebidas num jogo de Santo.

Naquela primeira noite, na cabine dele, Lila se sentou em frente a Alucard, a sua magia emaranhada, um nó de poder nunca utilizado. E, quando ela lhe pediu que a ensinasse, ele quase engasgou com o vinho. Ensinar magia a uma *Antari*? Mas Alucard o fez. Ele preparou a bobina do poder, azeitou-a o melhor que pôde e observou a magia fluir através de canais mais limpos, mais brilhantes que qualquer coisa que ele já tinha visto.

Ele teve os seus momentos de clareza, é claro.

Ele pensou em vendê-la para Maris no *Ferace Stras*.

Pensou em matá-la antes que ela decidisse matá-lo.

Pensou em deixá-la, traí-la, imaginou uma dezena de maneiras de lavar as mãos com relação a ela. Lila era sinônimo de problemas, e até a tripulação sabia disso, e eles sequer conseguiam ver a palavra escrita em prata emaranhada acima da sua cabeça.

Mas, apesar de tudo isso, ele *gostava* dela.

Alucard pegou uma garota perigosa e a transformou em algo positivamente letal, e ele sabia que essa combinação provavelmente seria o fim dele, de uma forma ou de outra. Então, quando ela o traiu, atacando um competidor antes do *Essen Tasch*, roubando o seu lugar, mesmo sendo impossível que não soubesse o que isso significaria para *ele, para a sua tripulação, para o seu navio...* Alucard não ficou surpreso. Pelo contrário, ficou um pouco aliviado. Ele sempre soube que os *Antari* eram magos egoístas e teimosos. Lila estava simplesmente provando que o seu instinto estava correto.

Então, ele pensou que seria fácil se livrar dela, retomar o seu navio, a sua ordem, a sua vida. Mas nada relacionado a Bard era fácil. Aquela luz prateada o confundia, deixava a sua própria magia verde e azul totalmente emaranhada.

— Você *sabia*.

Alucard não tinha ouvido Kell se aproximar, não tinha notado a prata agitando o ar fora dos seus pensamentos, mas agora o outro mago estava ao lado dele, acompanhando o seu olhar para Bard.

— Nós parecemos diferentes para você, não é? — perguntou ele.

Alucard cruzou os braços.

— Todo mundo parece diferente para mim. Não há dois fios de magia iguais.

— Mas você sabia o que ela era — disse Kell — no momento em que a viu.

Alucard inclinou a cabeça.

— Imagine a minha surpresa — falou ele — quando uma ladra com uma nuvem de prata matou um dos meus homens, se juntou à minha tripulação e depois pediu *a mim* que ensinasse magia *a ela*.

— Então ela ter entrado no *Essen Tasch* foi culpa *sua*.

— Acredite ou não — retrucou Alucard, ecoando as palavras que Kell dissera sobre Rhy na noite anterior —, a ideia foi dela. E tentei impedi-la.

Veementemente, mas parece que ela é bastante teimosa. — O olhar dele se desviou para Kell. — Deve ser uma característica *Antari*.

Kell deu um grunhido de aborrecimento e se virou para ir embora. Sempre saindo intempestivamente. Esse definitivamente era um hábito *Antari*.

— Espere — pediu Alucard. — Antes de ir, há algo...

— Não.

Alucard se eriçou.

— Você nem sabe o que eu ia dizer.

— Sei que provavelmente era sobre Rhy, então sei que não quero ouvir, porque, se você disser mais alguma coisa sobre como o meu irmão é na cama, eu vou quebrar a sua cara.

Alucard riu baixinho, com tristeza.

— Isso é *engraçado*? — rosnou Kell.

— Não... — disse Alucard, desviando o assunto. — É tão fácil te provocar. Você realmente não pode me culpar por fazê-lo.

— Não mais do que você pode me culpar por te dar um soco quando você for longe demais.

Alucard ergueu as mãos em rendição.

— Justo. — Ele começou a esfregar as velhas cicatrizes que circundavam os seus pulsos. — Olhe, tudo o que eu queria dizer era que... eu nunca quis magoá-lo.

Kell lhe lançou um olhar de desprezo.

— Você o tratou como um caso sem importância.

— Como você sabe?

— Rhy estava apaixonado por você, e você o *abandonou*. Você o fez pensar que... — Kell soltou um suspiro exasperado. — Ou você esqueceu que fugiu de Londres muito antes de eu tentar expulsá-lo?

Alucard balançou a cabeça, os olhos fugindo para a constante linha azul do mar. O seu maxilar estava cerrado, o corpo lutando contra a verdade. A verdade tinha garras e elas estavam cravadas no seu peito. Seria mais fácil deixar aquilo não dito, mas, quando Kell se virou novamente para ir embora, ele se forçou a falar.

— Eu *fui embora* — falou ele — porque o *meu* irmão descobriu onde eu passava as minhas noites, com quem eu *estava*.

Alucard manteve os olhos na água, mas ouviu os passos de Kell parando.

— Acredite ou não, nem todas as famílias estão dispostas a deixar de lado o decoro para satisfazer o gosto de um membro da realeza. Os Emery têm valores antigos. Rígidos. — Ele engoliu em seco. — O meu irmão, Berras, contou ao meu pai, que me bateu até eu não aguentar mais. Até quebrar o meu braço, o meu ombro, as minhas costelas. Até eu apagar. E então Berras me colocou no mar. Acordei preso no porão de um navio cujo capitão estava dez rish mais rico, com a ordem de não retornar a Londres até que a sua tripulação tivesse me *endireitado*. Eu fugi daquele navio na primeira vez que ele ancorou, com três lin no bolso, uma boa quantidade de magia nas veias, e ninguém para me acolher em casa. Então não, eu não voltei. E isso é culpa minha. Mas eu não sabia o que significava para ele. — Alucard desviou o olhar do mar e encarou Kell. — Eu nunca quis ir embora — continuou. — E, se soubesse que Rhy me amava tanto quanto eu o amava, jamais teria permanecido longe.

Os dois ficaram lá, rodeados pela bruma do mar e pelo crepitar das velas.

Por um longo minuto, nenhum deles falou.

Por fim, Kell suspirou.

— Eu ainda não suporto você.

Alucard riu de alívio.

— Ah, não se preocupe — disse ele. — O sentimento é mútuo.

Com isso, o capitão deixou o *Antari* e se dirigiu à ladra. Lenos a deixara sozinha na amurada e agora ela usava a sua faca para raspar a sujeira debaixo das unhas, o olhar fixo em algo distante.

— O meu reino pelo que está passando na sua cabeça, Bard.

Ela olhou para ele e um sorriso repuxou o canto da sua boca.

— Pensei que nunca mais compartilharíamos um convés.

— Bem, o mundo é cheio de surpresas. E reis das sombras. E maldições. Café? — perguntou Alucard, oferecendo a caneca.

Ela olhou para o lodo marrom e disse:

— Dispenso.

— Não sabe o que está perdendo, Bard.

— Ah, sei, sim. Cometi o erro de prová-lo hoje de manhã.

Alucard fez uma cara azeda e derrubou o restante da bebida no mar. Ilo fazia o cozinheiro habitual do *Spire* parecer um chef do palácio.

— Preciso de uma refeição de verdade.

— Sinto muito — provocou Lila. — Quando foi que alguém trocou o meu capitão durão por um nobre chorão?

— Quando foi que alguém trocou a minha melhor ladra por uma mala sem alça?

— Ah — disse ela —, mas eu sempre fui assim.

Lila inclinou o rosto para o sol. O seu cabelo estava ficando comprido, os fios escuros roçando os seus ombros, o olho de vidro piscando na luz branca do inverno.

— Você adora o mar — afirmou ele.

— Você não?

A mão de Alucard apertou a amurada.

— Amo partes dele. O ar em mar aberto, a energia de uma tripulação trabalhando em conjunto, a oportunidade de aventuras e tudo mais. Porém... — Ele sentiu a atenção dela ficar mais aguçada e parou. Durante meses, eles seguiram uma linha cuidadosa entre a completa mentira e a verdade por omissão, presos num impasse, nenhum dos dois querendo ceder. Eles partilhavam verdades como se fossem joias preciosas, e sempre em troca de algo.

Agora mesmo, ele quase se descuidou e contou algo de graça.

— Porém...? — cutucou ela com o leve toque de uma ladra.

— Você não se cansa de correr, Bard?

Ela ergueu a cabeça.

— Não.

O olhar de Alucard rumou para o horizonte.

— Então você ainda não deixou o bastante para trás.

Uma brisa gelada os atingiu, Lila cruzou os braços na amurada e olhou para a água lá embaixo. Ela franziu a testa.

— O que é aquilo?

Algo balançou na superfície, um pedaço de madeira à deriva. E depois outro. E mais outro. As tábuas flutuavam em pedaços quebrados, as bordas queimadas. Um arrepio desagradável percorreu Alucard.

O *Ghost* estava navegando pelos destroços de um navio.

— Aquilo — explicou Alucard — é trabalho das Serpentes do Mar.

Os olhos de Lila se arregalaram.

— Por favor, me diga que você está falando de mercenários e não de cobras gigantes que comem navios.

Alucard ergueu uma sobrancelha.

— Cobras gigantes que comem navios? Sério?

— O quê? — desafiou ela. — Como você quer que eu saiba qual é o limite nesse mundo?

— O limite fica bem antes de cobras gigantes que comem navios... Viu isso, Jasta? — gritou ele.

A capitã semicerrou os olhos para onde ele apontava.

— Vi. Parece ter uma semana, talvez.

— Não faz muito tempo — murmurou Alucard.

— Você queria a rota mais rápida — gritou ela, virando-se para o leme quando um grande pedaço de casco passou flutuando com parte do nome ainda pintado.

— Então, o que são elas, essas Serpentes do Mar? — perguntou Lila.

— Mercenários. Afundam os próprios navios antes de atacar.

— Como distração? — questionou Lila.

Ele balançou a cabeça, negando.

— Uma mensagem. De que não vão mais precisar deles. De que, quando acabarem de matar todos a bordo e despejarem os corpos no mar, eles vão pegar o barco das vítimas e ir embora.

— Hum — balbuciou Lila.

— Exatamente.

— Parece um desperdício de um navio em perfeito estado.

Ele revirou os olhos.

— Só você lamentaria o navio ao invés dos marinheiros.

— Bem — falou ela com ar sério —, o navio certamente não fez nada de errado. As *pessoas* podem ter feito por merecer.

II

Quando Kell era jovem e não conseguia dormir, ele costumava perambular pelo palácio.

O simples ato de andar estabilizava algo nele, acalmava os nervos e aquietava os pensamentos. Ele perdia a noção do tempo mas também do espaço e então se encontrava em alguma parte estranha do palácio sem lembrar como chegara lá, a atenção voltada para dentro de si mesmo em vez de para fora.

Ele não conseguiria se perder daquela forma no *Ghost* — o navio inteiro tinha aproximadamente o tamanho dos aposentos de Rhy —, mas ainda se surpreendeu ao olhar para cima e perceber que estava de pé ao lado da cela improvisada de Holland.

O velho, Ilo, estava apoiado numa cadeira na entrada da prisão, em silêncio, esculpindo um pedaço de madeira preta na forma de um navio apenas com o tato e fazendo um trabalho bastante decente. Ele parecia perdido na tarefa como Kell estivera momentos antes, porém agora Ilo se levantava, sentindo a sua presença e lendo nela uma dispensa silenciosa. Ele deixou a pequena escultura de madeira para trás, na cadeira. Kell olhou para o pequeno cômodo, esperando ver Holland olhando para ele, e franziu o cenho.

Holland estava sentado no catre com as costas voltadas para a parede, a cabeça apoiada nos joelhos dobrados. Uma das mãos fora algemada à parede, a corrente pendendo como uma coleira. A sua pele tinha assumido uma palidez acinzentada. O mar nitidamente não lhe fazia bem. O seu cabelo preto, Kell percebeu, estava agora entremeado com fios brilhantes cor de prata, como se o fato de se livrar de Osaron tivesse lhe custado algo vital.

Porém, o que mais surpreendeu Kell foi o simples fato de Holland estar *dormindo*.

Kell nunca viu Holland baixar a guarda, nunca o viu relaxado, muito menos inconsciente. E, no entanto, ele não estava completamente *quieto*. Os músculos nos braços do outro *Antari* se contraíam e ele estava ofegante como se estivesse preso num pesadelo.

Kell prendeu a respiração enquanto tirava a cadeira do caminho e entrava no cômodo.

Holland não se mexeu quando Kell se aproximou, nem quando ele se ajoelhou em frente à cama.

— Holland? — chamou Kell calmamente, mas o homem não se mexeu.

Foi apenas quando a mão de Kell tocou no braço de Holland que ele acordou. A sua cabeça se levantou de súbito e ele se afastou tão rápido quanto, ou ao menos tentou, pois os seus ombros bateram na parede da cabine. Por um instante, o seu olhar ficou arregalado e vazio, o corpo encolhido, a mente em outro lugar. Durou apenas um segundo, mas, naquele fragmento de tempo, Kell enxergou medo. Um medo profundo e treinado, do tipo incutido à força em animais que haviam mordido os seus mestres, a compostura cuidadosa de Holland escorregando e revelando a tensão que havia por baixo de tudo. E então ele piscou, uma vez, duas vezes, os olhos recuperando o foco.

— Kell — exalou ele bruscamente, a postura voltando àquele arremedo de calma, de controle, enquanto ele lutava com quaisquer demônios que assombravam o seu sono. — *Vos och?* — perguntou ele ríspidamente na própria língua. *O que foi?*

Kell resistiu ao ímpeto de recuar sob o olhar do homem. Eles quase não se falaram desde que ele fora até a cela de Holland e lhe pedira que se levantasse. Então, ele disse apenas:

— Você parece doente.

O cabelo escuro de Holland estava encharcado de suor, os olhos febris.

— Preocupado com a minha saúde? — disse ele em tom áspero. — Que comovente. — Ele começou a mexer distraidamente na algema que envolvia o pulso. Sob o ferro, a sua pele parecia vermelha, esfolada, e, antes de Kell ter realmente se decidido, já estendia a mão para o metal.

Holland ficou paralisado.

— O que você está fazendo?

— O que parece que estou fazendo? — retrucou Kell, pegando a chave. Os seus dedos se fecharam ao redor da algema, e o metal frio, com o estranho peso entorpecente, fez com que ele pensasse na Londres Branca: na gargantilha, na estrutura de metal e nos seus próprios gritos...

As correntes caíram, batendo no chão com peso e força suficientes para marcar a madeira.

Holland olhou para a própria pele, para o lugar onde o metal estivera. Ele flexionou os dedos.

— Acredita que é uma boa ideia?

— Acho que logo saberemos — respondeu Kell, recuando para se sentar na cadeira encostada na parede oposta. Ele manteve a guarda, a mão ainda pairando sobre uma lâmina, porém Holland não fez movimento nenhum para atacar, apenas esfregou o pulso cuidadosamente. — É uma sensação estranha, não é? — perguntou Kell. — O rei me prendeu. Passei algum tempo naquela cela. Nessas correntes.

Holland ergueu uma única sobrancelha escura.

— Quanto tempo você passou acorrentado, Kell? — indagou ele, o desprezo escorrendo na voz. — Foram algumas horas ou um dia inteiro?

Kell ficou em silêncio e Holland balançou a cabeça pesadamente, um som de escárnio saindo da sua garganta. O *Ghost* deve ter se chocado com uma onda, porque balançou e Holland empalideceu.

— Por que estou nesse navio? — Quando Kell não respondeu, ele continuou: — Ou talvez a melhor pergunta seja: por que *você* está nesse navio?

Kell continuou sem dizer nada. Conhecimento é uma arma, e ele não tinha a intenção de armar Holland, não ainda. Ele esperava que o outro mago o pressionasse a contar, mas, em vez disso, ele se recostou com o rosto voltado para a janela aberta.

— Se você escutar, pode ouvir o mar. E o navio. E as pessoas nele. — Kell se retesou, mas Holland continuou: — Aquele Hastra, ele tem o tipo de voz que se propaga. Os capitães também, ambos gostam de falar. Um mercado clandestino, um dispositivo para magia... Não vou demorar muito para descobrir tudo.

Então ele não estava deixando o assunto de lado.

— Desfrute do desafio — falou Kell, perguntando-se por que ele ainda estava ali, por que havia ido até ali, em primeiro lugar.

— Se você está planejando um ataque contra Osaron, então me deixe *ajudar*. — A voz do outro *Antari* havia mudado, e levou um instante para Kell entender o que estava entremeado nela. Paixão. Raiva. A voz de Holland sempre foi regular e constante como uma rocha. Agora tinha fissuras.

— Ajudar requer confiança — afirmou Kell.

— Dificilmente — retrucou Holland. — Apenas interesse mútuo. — O olhar dele queimou através de Kell. — Por que você me trouxe? — perguntou ele novamente.

— Eu o trouxe para que você não causasse problemas no palácio. E o trouxe como isca, com a esperança de que Osaron nos seguisse. — Era uma verdade parcial, mas contá-la, assim como ver o olhar de Holland, afrouxou algo em Kell. Ele cedeu. — Esse dispositivo de que você ouviu falar... é chamado de Herdeiro. E vamos usá-lo para aprisionar Osaron.

— Como? — perguntou Holland, não incrédulo, e, sim, intenso.

— É um receptáculo para o poder — explicou Kell. — Magos já os utilizaram no passado para transmitir a totalidade da sua magia, transferindo-a para um dispositivo.

Holland ficou calado, porém os seus olhos ainda brilhavam febris. Depois de um longo momento, ele falou novamente, a voz baixa, composta.

— Se você quiser que eu use este Herdeiro...

— Não foi por isso que eu trouxe você — interrompeu Kell, rápido demais, sem saber se a suposição de Holland estava longe demais ou próxima demais da verdade. Ele já havia considerado o dilema; na verdade, tentou não pensar em mais nada depois que saíram de Londres. O Herdeiro exigia sacrifício. Seria um deles. Tinha de ser. Mas ele não confiava que fosse Holland, que já havia sucumbido uma vez. E não queria que fosse Lila, que nada temia, mesmo quando devia. E sabia que Osaron tinha a *ele* como alvo, mas ele tinha Rhy, e Holland não tinha ninguém. E Lila tinha vivido sem poder, e ele preferia morrer a perder o irmão, a perder a si mesmo... E os pensamentos giravam e giravam dentro da sua cabeça.

— Kell — falou Holland com voz firme —, eu me responsabilizo pelas minhas sombras e Osaron é uma delas.

— Como Vitari era minha — retrucou Kell.

Onde isso começou?

Ele se levantou antes que pudesse dizer mais alguma coisa, antes de começar a considerar seriamente essa possibilidade.

— Podemos discutir sobre sacrifícios nobres quando tivermos o dispositivo nas mãos. Enquanto isso — ele acenou com a cabeça para as correntes de Holland —, aproveite o gosto da liberdade. Eu lhe daria permissão para andar no navio, mas...

— Entre Delilah e Jasta, eu não chegaria muito longe. — Holland esfregou os pulsos novamente. Flexionou os dedos. Parecia não saber o que fazer com as próprias mãos. Por fim, cruzou os braços, imitando a postura de Kell. Holland fechou os olhos, mas Kell sabia que ele não estava descansando. A sua guarda estava erguida, a nuca eriçada.

— Quem eram eles? — perguntou Kell com suavidade.

Holland piscou.

— O quê?

— As três pessoas que você matou antes dos Danes.

A tensão reverberou pelo ar.

— Não importa.

— Foram importantes o bastante para você não esquecê-las — argumentou Kell.

Mas o rosto de Holland voltou a se esconder atrás da sua máscara de indiferença e o cômodo se encheu de silêncio até que ambos ficassem submersos nele.

III

† Vortalis sempre quis ser rei. Não aquele *futuro* rei, dissera a Holland, mas o rei de *agora*. Ele não se importava com as histórias. Não acreditava nas lendas. Mas sabia que a cidade precisava de ordem. Precisava de força. Precisava de um líder.

— Todos querem ser rei — falou Vortalis.

— Eu não — afirmou Holland.

— Bem, então ou você é mentiroso ou tolo.

Eles estavam sentados num reservado da Scorched Bone. O tipo de lugar onde homens podiam falar sobre regicídio sem levantar suspeitas. A atenção se voltava para eles aqui e ali, mas Holland sabia que tinha menos a ver com o tópico em discussão do que com o seu olho esquerdo e com as facas de Vortalis.

— Formamos uma bela dupla — disse o homem assim que entraram na taverna. — O *Antari* e o Caçador. Parece o título de uma daquelas histórias que você gosta — acrescentou, servindo a primeira rodada de bebidas.

— Londres *tem* um rei — falou Holland, afinal.

— Londres *sempre* tem um rei — retrucou Vortalis. — Ou rainha. E há quanto tempo o governante tem sido um tirano?

Ambos sabiam que havia apenas um jeito de o trono mudar de mãos: pela força. Um governante usava a coroa desde que pudesse mantê-la na cabeça. E isso significava que todo rei ou rainha havia cometido um assassinato antes. Poder exigia corrupção e corrupção recompensava o poder. As pessoas que alcançavam o trono sempre pavimentaram o caminho com sangue.

— É preciso ser tirano — comentou Holland.

— Mas não tem de ser assim — argumentou Vortalis. — Você poderia ser a minha força, o meu cavaleiro, o meu poder, e eu poderia ser a lei, o direito, a ordem. E juntos poderíamos fazer mais que tomar esse trono — falou, pousando a caneca na mesa. — Poderíamos *mantê-lo*.

Ele era um orador talentoso, Holland tinha de admitir isso. O tipo de homem que alimentava a paixão como um atizador faz com carvões em brasa. Eles o chamavam de Caçador, mas, quanto mais tempo Holland ficava na sua presença, mais pensava nele como Fole. Ele dissera isso a Vortalis uma vez e o homem havia rido, dissera que era mesmo um homem de ego inflado.

Havia nele um encanto inegável, não apenas os ares juvenis de quem ainda não tinha visto o que o mundo tem a oferecer de pior mas o brilho de alguém que conseguia acreditar na mudança apesar de tudo.

Quando Vortalis falava com Holland, sempre encarava os dois olhos dele, e, naquele olhar salpicado de partículas de âmbar, Holland sentia como se estivesse sendo realmente *visto*.

— Você sabe o que aconteceu com o último *Antari*? — perguntava Vortalis, inclinando-se para perto de Holland. — Eu sei. Eu estava lá no castelo quando a rainha Stol cortou a sua garganta e se banhou no seu sangue.

— O que você estava fazendo no castelo? — perguntou Holland.

Vortalis lhe lançou um olhar duro por um longo tempo.

— Foi isso que lhe chamou a atenção na minha história? — Ele balançou a cabeça. — Veja, o nosso mundo precisa de cada gota de magia possível, e nós temos reis e rainhas que a derramam como água para que possam ter um gostinho do poder, ou talvez apenas para que a magia não se levante contra eles. Nós chegamos aonde estamos por causa do medo. Medo da Londres Preta, medo da magia que não era nossa para a controlarmos. Mas esse caminho não nos levará para a frente, apenas para baixo. Eu poderia ter matado você...

— Poderia ter tentado...

— Mas o mundo *precisa* de poder. E de homens que não tenham medo dele. Pense no que Londres poderia fazer com um líder assim —

disse Vortalis. — Um rei que se importasse com o seu povo.

Holland passou o indicador lentamente pela borda da caneca, a cerveja intocada enquanto o outro homem esvaziava o segundo copo.

— Então você quer matar o nosso rei atual.

Vortalis se inclinou para a frente.

— Não é o que todo mundo quer?

Era uma pergunta válida.

Gorst — um homem com a estatura de uma montanha, que abrira o seu caminho até o trono com o respaldo de um exército e que transformara o castelo numa fortaleza e a cidade numa favela. Os seus homens vasculhavam as ruas, saqueando tudo o que podiam, tudo o que queriam, em nome de um rei que fingia se importar, que alegava poder ressuscitar a cidade enquanto na verdade a drenava por completo.

E toda semana o rei Gorst cortava pescoços na praça de sangue, um dízimo para o mundo moribundo, como se aquele sacrifício, um sacrifício que sequer era dele, pudesse consertar o mundo. Como se o derramamento do sangue *deles* fosse prova da devoção *dele* à causa do povo.

Por quantos dias Holland havia ficado parado no canto daquela praça, assistindo, e pensado em cortar o pescoço de Gorst? De oferecer *a ele* de volta à terra faminta?

Vortalis olhava para ele com ar pesado e Holland compreendeu.

— Você quer que *eu* mate Gorst. — O outro homem sorriu. — Por que você mesmo não o mata?

Vortalis não tinha problemas em matar, não ganhou a alcunha se abstendo de violência, e era realmente muito bom nisso. Mas apenas um tolo entraria numa luta sem as suas facas mais afiadas, explicou Vortalis, inclinando-se para mais perto, e ninguém era tão preparado quanto Holland para a tarefa.

— Eu sei que você não gosta da prática — acrescentou ele —, mas há uma diferença entre matar com um propósito e matar por esporte, e os sábios compreendem que alguns devem cair para que outros possam se levantar.

— Alguns pescoços precisam ser cortados — disse Holland, seco.

Vortalis abriu um sorriso mordaz.

— Exatamente. Então, você pode ficar sentado esperando por um final de contos de fada ou pode me ajudar a escrever um final de verdade.

Holland tamborilou na mesa.

— Não será fácil — disse ele, pensativo. — Não com a guarda dele.

— São como ratos, aqueles homens — falou Vortalis, pegando um cigarro muito enrolado. Ele acendeu a ponta no lampião mais próximo. — Não importa quantos eu mate, mais deles correm para ocupar os lugares.

— Eles são leais? — perguntou Holland.

Uma fumaça jorrou das narinas do homem num resfolegar de escárnio.

— A lealdade é comprada ou merecida e, até onde sei, Gorst não tem nem as riquezas nem o charme para merecer o seu exército. Estes homens lutam por ele, morrem por ele, limpam a bunda dele. Têm a devoção cega dos amaldiçoados.

— Maldições morrem com os seus criadores — divagou Holland.

— E assim voltamos ao ponto: a morte de um tirano e criador de maldições. E por que você é tão adequado para o trabalho. De acordo com um dos poucos espiões que consegui, Gorst se resguarda no topo do palácio, numa sala com os quatro lados protegidos, trancado como um prêmio no seu próprio cofre. Agora, é verdade — falou Vortalis, os olhos dançando, iluminados — que os *Antari* podem criar portas?

* * *

Três noites depois, ao soar da nona badalada, Holland atravessou o portão do castelo e desapareceu. Um passo o fez atravessar a soleira e o seguinte o fez entrar no meio dos aposentos reais, um cômodo repleto de almofadas e sedas.

Sangue escorreu da mão do *Antari*, na qual ainda segurava o talismã. Gorst usava tantos que sequer percebeu que estava faltando, afanado pelo espião de Vortalis dentro do castelo. Três palavras simples — *As Tascen Gorst* — e ele estava lá dentro.

O rei estava sentado diante de uma lareira ardente, empanturrando-se de um banquete de aves, pães e peras cristalizadas. Por toda a cidade, as pessoas definhavam, mas os ossos de Gorst tinham sido engolidos havia muito tempo pelos constantes banquetes.

Ocupado com a refeição, o rei não notou Holland parado ali, atrás dele, não ouviu quando ele sacou a faca.

— Tente não esfaqueá-lo pelas costas — aconselhara Vortalis. — Afinal de contas, ele *é* o rei. Ele merece ver a chegada da lâmina.

— Você tem um conjunto muito estranho de princípios.

— Ah, mas pelo menos eu os tenho.

Holland estava no meio do caminho até o rei quando percebeu que Gorst não estava jantando sozinho.

Uma garota, de não mais que 15 anos, estava sentada nua ao lado do rei como uma besta, um animal de estimação. Ao contrário de Gorst, ela não parecia entretida e a sua cabeça se ergueu com o movimento dos passos de Holland. Ao vê-lo, ela começou a gritar.

O som foi bruscamente interrompido quando ele prendeu o ar nos pulmões da garota, mas Gorst já estava se levantando, a enorme silhueta escondendo a lareira. Holland não esperou, a sua faca foi chicoteando até o coração do rei.

E Gorst a *pegou*.

O rei apanhou a arma do ar com um sorriso de escárnio enquanto a garota ainda arranhava o próprio pescoço.

— Isso é tudo que pode fazer?

— Não — respondeu Holland, juntando a palma das mãos ao redor do broche. — *As Steno* — falou, abrindo as mãos enquanto o broche se estilhaçava em uma dúzia de cacos de metal. Eles voaram pelo ar, rápidos como a luz, atravessando roupas, carne e músculos.

Gorst rosnou enquanto sangue brotava no branco da sua túnica, manchava as mangas, mas ainda assim ele não caiu. Holland forçou o metal a entrar mais fundo, sentiu os estilhaços raspando os ossos, e Gorst caiu de joelhos ao lado da garota.

— Acha que é tão fácil... matar... um rei? — ofegou ele, e então, antes que Holland pudesse detê-lo, Gorst pegou a faca de Holland e a usou para cortar o pescoço da garota.

Holland cambaleou, liberando a voz dela enquanto o sangue jorrava no chão. Gorst estava passando os dedos pela poça viscosa, numa tentativa de escrever um feitiço. A vida dela não valera mais que a tinta mais mesquinha.

A raiva queimou em Holland. As suas mãos se estenderam, e Gorst foi puxado para trás e para cima, uma marionete acionada por cordões. O tirano soltou um rugido gutural quando os seus braços foram forçados a se abrir.

— Acha que pode governar essa cidade? — disse ele com voz rouca, os ossos lutando contra o domínio de Holland. — Tente e verá... quanto tempo... vai aguentar.

Holland convocou o fogo da lareira, uma fita de chamas que envolveu o pescoço do rei numa gola flamejante. Por fim, Gorst começou a se lamentar, gritos se arrastando até virarem choramingos. Holland deu um passo à frente, pisando no sangue desperdiçado da garota, até chegar perto o suficiente para que o calor da fita ardente lambesse a sua pele.

— Está na hora — falou ele, as palavras perdidas sob os sons de uma angústia mortal — para um novo tipo de rei.

* * *

— *As Orense* — falou Holland quando tudo estava terminado.

As chamas tinham se extinguido e as portas dos aposentos se abriram uma após a outra quando Vortalis entrou na sala, uma dúzia de homens no seu encalço. No peitoral das armaduras escuras, eles já usavam o selo escolhido por ele, a mão aberta com um círculo entalhado na palma.

O próprio Vortalis não estava vestido para batalha. Ele usava o habitual cinza escuro, as únicas manchas de cor nos espectros dos seus olhos e nos rastros de sangue que ele trazia como lama para dentro do cômodo.

Os corpos dos guardas de Gorst estavam espalhados pelo corredor atrás dele.

Holland franziu o cenho.

— Pensei que você tivesse dito que a maldição seria revogada. Eles não teriam de morrer.

— É melhor prevenir do que remediar — disse Vortalis, e então, ao ver a expressão no rosto de Holland, explicou-se: — Eu não matei aqueles que pediram misericórdia.

Ele olhou para o corpo de Gorst, para as feridas ensanguentadas, a queimadura em volta do pescoço, e assobiou baixinho.

— Lembre-me de nunca irritar você.

A refeição de Gorst ainda estava na frente da lareira, e Vortalis pegou o cálice do rei morto, despejou o conteúdo no fogo, provocando um sibilo, e se serviu de uma nova bebida, balançando o vinho para limpar o recipiente.

Ele ergueu o cálice para os seus homens.

— *On vis och* — disse ele. — O castelo é nosso. Derrubem os antigos estandartes. Ao amanhecer, quero que toda a cidade saiba que o tirano não se senta mais no trono. Pegue o conteúdo das suas despensas e esse vinho horrível e distribua tudo desde o *das* até o Kosik. Deixe o povo saber que há um novo rei em Londres e que seu nome é Ros Vortalis.

Os homens irromperam em aplausos, saindo pelas portas abertas, passando ao largo e por cima dos corpos da velha guarda.

— E encontrem alguém para limpar essa bagunça! — gritou Vortalis para eles.

— Você está de bom humor — comentou Holland.

— Você também deveria estar — repreendeu Vortalis. — É assim que as mudanças acontecem. Não com um sussurro e um desejo como naqueles contos de que você gosta, mas com um plano bem executado. E, bem, um pouco de sangue, mas o mundo é assim mesmo, não é? É a nossa vez agora. Eu serei o rei dessa cidade e você pode ser o seu valente cavaleiro. E juntos construiremos algo melhor. — Ele ergueu o cálice para Holland. — *On vis och* — repetiu. — A novos amanheceres, bons finais e amigos leais.

Holland cruzou os braços.

— Muito me admira que você ainda tenha algum amigo depois de enviar tantos atrás de mim.

Vortalis riu. Holland não ouvia uma risada assim desde Talya, e, mesmo naquela época, a risada dela tinha sido doce como bagas envenenadas, ao passo que a de Vortalis era como a corrente marinha. Ele disse:

— Eu nunca lhe enviei amigos. Apenas inimigos.



IV

Lenos estava de pé na popa do *Ghost*, brincando com um dos pequenos navios esculpidos que Ilo deixava por toda parte, quando um pássaro passou voando.

Ele ergueu o olhar, preocupado. Aquela aparição súbita só podia significar uma coisa: estavam se aproximando de terra firme. O que não seria um problema se eles não estivessem indo direto para o mercado de Maris, no meio do mar. O marinheiro correu para a proa enquanto o *Ghost* deslizava serenamente em direção a um porto que se erguia no litoral.

— Por que estamos aportando?

— É mais fácil traçar o curso a partir daqui — respondeu Jasta. — Além do mais, estamos com poucos suprimentos. Saímos com pressa.

Lenos lançou um olhar nervoso para Alucard, que subia os degraus.

— Não estamos mais com pressa? — perguntou Lenos.

— Não vamos demorar muito — foi tudo o que Jasta disse.

Lenos protegeu os olhos do sol, já passara do zênite e agora estava descendo para o horizonte. Ele semicerrou os olhos para a fileira de navios atracados às docas.

— Porto de Rosenal — explicou Alucard. — É a última parada para resolver qualquer coisa antes da baía do norte.

— Não gosto disso — resmungou o príncipe *Antari* quando se juntou a eles no convés. — Jasta, nós...

— Nós descarregaremos os caixotes e reabasteceremos — insistiu a capitã enquanto ela e Hano desenrolavam as cordas e as jogavam para fora do navio. — Uma hora, talvez duas. Estiquem as pernas. Sairemos do porto até o anoitecer e chegaremos ao mercado no fim da manhã.

— Eu não me importaria de fazer uma refeição — falou Alucard, desatrelando a rampa. — Sem ofensa, Jasta, mas Ilo cozinha tão bem

quanto vê.

O navio parou quando dois ajudantes do cais pegaram as cordas e as amarraram. Alucard desceu a rampa sem olhar para trás, com Bard nos calcanhares.

— *Santo* — murmurou Jasta baixinho. Kell e Lenos se voltaram para ela. Havia algo errado, os instintos de Lenos diziam isso.

— Você vem? — gritou Lila, mas Kell gritou em resposta:

— Vou ficar no navio. — E então ele se virou para Jasta. — O que foi?

— Você precisa sair daqui — disse a capitã do *Ghost*. — Agora.

— Por quê? — perguntou Kell, mas Lenos já tinha visto o trio que se encaminhava para o cais. Dois homens e uma mulher, todos de preto, e cada um deles com uma espada pendurada na cintura. Um formigamento nervoso passou por todo o seu corpo.

Kell finalmente notou os estranhos.

— Quem são eles?

— Confusão — cuspiu Jasta, e Lenos se virou para avisar Alucard e Bard, mas eles já estavam na metade do cais, e o capitão deve ter percebido o perigo também, pois jogou o braço casualmente no ombro de Lila, tirando-a do caminho.

— O que está acontecendo? — perguntou Kell quando Jasta girou nos calcanhares e começou a se dirigir para o porão.

— Eles não deveriam estar aqui, não nessa época do ano.

— Quem são *eles*? — insistiu Kell.

— Esse é um porto privado — respondeu Lenos, as longas pernas acompanhando o ritmo com facilidade — dirigido por um homem chamado Rosenal. Esses são os seus guardas. Normalmente eles não atracam antes do verão, quando o tempo está bom e o mar está cheio. Estão aqui para checar a carga, procurar contrabando.

Kell balançou a cabeça.

— Pensei que esse navio *lidava* com contrabando.

— E lida — falou Jasta, descendo os degraus em dois passos e seguindo para o porão. — Os homens de Rosenal pegam uma parte. É conveniente também, uma vez que os únicos navios que vêm aqui não carregam as cores reais. Mas eles estão adiantados.

— Eu ainda não entendo por que temos de *sair* — disse Kell. — A sua carga é problema seu.

Jasta se virou para ele, a sua silhueta preenchendo o corredor.

— É mesmo? Você não está mais em Londres, príncipezinho, e nem todo mundo fora da capital é amigo da coroa. Aqui quem reina é o dinheiro, e sem dúvida os homens de Rosenal adorariam pedir resgate por um príncipe ou vender pedaços de um *Antari* para o *Ferese Stras*. Se quiser chegar lá inteiro, pegue o mago traidor e vá embora.

Lenos viu Kell empalidecer.

Passos soaram no convés, Jasta rosnou e prosseguiu a marcha, deixando Kell sem opção a não ser apanhar um par de capuzes dos ganchos no corredor e usar um deles para cobrir os cabelos cor de cobre. Holland não poderia ter ouvido o aviso de Jasta através do chão, mas o barulho deve ter dito o suficiente, porque ele já estava de pé quando eles chegaram.

— Suponho que haja um problema. — Lenos sentiu um aperto no estômago de preocupação ao vê-lo livre, mas Kell apenas empurrou o segundo capuz para as mãos do *Antari*.

— Jasta? — gritou uma nova voz lá em cima.

Holland colocou o capuz, o olho preto perdido sob a sombra da aba enquanto a capitã os empurrava para fora da cabine em direção a uma janela nos fundos do navio. Ela a abriu, revelando uma pequena escada que mergulhava na água lá embaixo.

— Vão. Agora. Voltem daqui a uma ou duas horas. — Jasta já se virava quando uma das figuras chegou à escada que levava ao porão. Um par de botas pretas apareceu e Lenos jogou a sua silhueta estreita na frente da janela.

Atrás dele, Kell saiu.

Ele esperou pelo barulho da água, mas não ouviu nada além de uma respiração ofegante, um instante de silêncio, e então o baque seco de botas atingindo o cais. Lenos olhou por cima do ombro e viu Holland pulando da escada e aterrissando agachado elegantemente ao lado de Kell, pouco antes de os mercenários de Rosenal chegarem ao porão.

— O que é isso? — perguntou a mulher quando viu Lenos, os braços esticados na abertura. Ele conseguiu abrir um sorriso desajeitado.

— Estou apenas arejando o porão — respondeu ele, virando-se para fechar a janela. A mercenária agarrou o seu pulso e o empurrou para o lado.

— É mesmo?

Lenos prendeu a respiração quando ela enfiou a cabeça pela janela, examinando a água e as docas.

Mas, quando ela voltou para o porão, ele viu a resposta na sua expressão entediada e relaxou de alívio.

Ela não tinha visto nada de estranho.

Os *Antari* haviam ido embora.

V

Lila tinha um mau pressentimento sobre Rosenal.

Ela não sabia se era o porto em si que a perturbava ou o fato de que estavam sendo seguidos. Provavelmente a segunda opção.

A princípio, ela achou que não era nada, um eco dos nervos daquele encontro quase mortal nas docas, mas, conforme subia o morro para a cidade, a certeza se assentou como uma capa sobre os seus ombros, a percepção arranhando a sua nuca.

Lila sempre sabia quando não estava sozinha. As pessoas tinham uma presença, um peso no mundo. Lila sempre conseguiu perceber isso, mas agora se perguntava se não era a magia no seu sangue que estivera ouvindo esse tempo todo, vibrando como a corda de um instrumento musical esticada.

E, quando eles alcançaram o cume, Kell também sentiu ou simplesmente percebeu a tensão de Lila, que estava ao seu lado.

— Acha que estamos sendo seguidos? — perguntou ele.

— Provavelmente — intrometeu-se Holland, falando sem emoção. Vê-lo solto e desacorrentado a deixou de estômago revirado.

— Sempre presumo que estou sendo seguida — disse ela com um falso gracejo. — Por que acha que tenho tantas facas?

Kell franziu o cenho.

— Para ser sincero, eu não sei dizer se você está brincando.

— Algumas cidades são envoltas em névoa — comentou Alucard —, outras em maus agouros. Rosenal simplesmente possui um pouco dos dois.

Lila desvencilhou o seu braço do de Kell, os sentidos formigando. A vista do porto que a cidade oferecia mostrava um ninho emaranhado de ruas, além de prédios achatados que se amontoavam para se proteger do vento frio. Marinheiros correndo de uma porta a outra, capuzes e golas

erguidos para proteger do frio. A cidade era um grande enigma formado por becos, com poucas nesgas de luz e sombras profundas o suficiente para engolir lugares em que alguém poderia se esconder para espreitar.

— O lugar assume um tipo estranho de charme... — continuou o capitão. — Essa sensação de ser observado...

Os passos dela diminuíram diante da entrada de uma rua sinuosa, o peso familiar de uma faca surgiu na sua mão. O mau pressentimento estava piorando. Lila conhecia o modo como um coração disparava quando perseguia alguém e o jeito como vacilava quando era perseguido. Naquele momento, o seu coração se sentia menos como um predador e mais como uma presa, e ela não gostava disso. Ela semicerrou os olhos para a escuridão do beco, mas não viu nada.

Os outros estavam se adiantando, e Lila parecia prestes a se virar para alcançá-los quando a viu. Ali, na concavidade onde a rua fazia uma curva — a silhueta de um homem. O reflexo dos dentes podres. Uma sombra envolvendo o pescoço dele. Os seus lábios se moviam e, quando o vento aumentou, carregou os versos capengas de uma melodia.

Uma música que ela cantarolara centenas de vezes a bordo do *Spire*.

Como se sabe quando o Sarows está chegando?

Lila estremeceu e deu um passo à frente, passando a ponta do dedo pelo fio besuntado de óleo da faca.

Tigre, tigre...

— Bard!

A voz de Alucard cortou o ar, estilhaçando a percepção de Lila. Eles estavam esperando, todos eles, no alto da estrada, e, quando Lila olhou de novo para o beco, a estrada estava vazia. A sombra sumira.

* * *

Lila se jogou na cadeira decrepita e cruzou os braços. Perto dali, uma mulher subiu no colo do seu companheiro, e, três mesas à direita, uma briga estourou, cartas de Santo se espalhando pelo chão quando uma mesa foi virada entre os homens briguentos. A taverna era só bebida velha, corpos aglomerados e barulhos desordenados.

— Não é o melhor grupo de pessoas — observou Kell, tomando um gole da sua bebida.

— Nem o pior — disse o capitão, apoiando na mesa uma rodada de bebidas e uma bandeja cheia de comida.

— Você realmente pretende comer tudo isso? — perguntou Lila.

— Sozinho, não — respondeu ele, empurrando uma tigela de ensopado na direção dela. O estômago de Lila roncou e ela pegou a colher, mas manteve o olhar fixo em Holland.

Ele estava sentado no fundo do reservado e Lila na ponta, o mais longe possível dele. Não conseguia se livrar da sensação de que ele a estava observando por baixo daquele capuz, mesmo que, todas as vezes que ela verificara, a atenção dele estivesse voltada para a taverna atrás dela. Os dedos dele desenhavam padrões sem sentido numa poça de cerveja derramada, mas o seu olho verde se contraía de concentração. Ela demorou vários segundos para entender que Holland estava contando as pessoas no salão.

— Dezenove — falou ela, calmamente, e tanto Alucard quanto Kell olharam para Lila como se ela tivesse dito algo sem sentido, mas Holland simplesmente respondeu:

— Vinte. — E, sem querer, Lila girou o corpo na cadeira. Ela contou rapidamente. Ele estava certo; ela não contou um dos homens atrás do bar. Droga. — Se você precisa usar os seus olhos — acrescentou —, então está fazendo do jeito errado.

— Bem — falou Kell, franzindo o cenho para Holland antes de se virar para Alucard —, o que você sabe sobre esse mercado flutuante?

Alucard tomou um gole da sua cerveja.

— Bem, ele existe há tanto tempo quanto o seu dono, Maris, e isso é bastante tempo. Dizem que, da mesma forma que magia nunca morre, também nunca desaparece realmente. Apenas vai parar no *Ferise Stras*. É como uma lenda entre aqueles que navegam: se há algo que você deseja, encontrará no Águas Prósperas. Por um preço.

— E o que você comprou — perguntou Lila — da última vez em que esteve lá?

Alucard hesitou, baixando a caneca. Ela sempre se surpreendia com as coisas que ele decidia ocultar.

— Não é óbvio? — disse Kell. — Ele comprou a visão dele.

Alucard estreitou os olhos. Lila arregalou os dela.

— É verdade?

— Não — retrucou o capitão. — Só para você saber, mestre Kell, eu sempre tive esse dom.

— Então o que foi? — pressionou Lila.

— Comprei a morte do meu pai.

A mesa ficou quieta, um oásis de silêncio no salão barulhento. Kell ficou boquiaberto. Alucard cerrou os dentes. Lila se limitou a encará-lo.

— Isso não é possível — murmurou Kell.

— Estamos em alto-mar — disse Alucard, pondo-se de pé. — Tudo é possível. E a propósito... Tenho uma incumbência para resolver. Encontrarei vocês no navio.

Lila fechou a cara. Havia centenas de nuances entre a verdade e a mentira, e ela conhecia todas. Sabia dizer quando alguém estava sendo desonesto e quando estava contando meias-verdades.

— *Alucard* — insistiu ela —, o que você...

Ele se virou com as mãos nos bolsos.

— Ah, esqueci de mencionar... Cada um de vocês precisa de um passe para entrar no mercado. Algo de valor.

Kell colocou a caneca sobre a mesa com um baque seco.

— Você poderia ter dito isso antes de sairmos de Londres.

— Poderia — disse Alucard. — Devo ter me esquecido. Mas não se preocupe, tenho certeza de que você pensará em *algo*. Talvez Maris se contente com o seu casaco.

O nó dos dedos de Kell ficou branco pela força com que ele segurou a caneca, enquanto o capitão ia embora. Quando a porta fechou atrás dele, Lila já estava de pé.

— Aonde *você* vai? — explodiu Kell.

— O que você acha? — Ela não sabia como explicar. Eles tinham um acordo, ela e Alucard, mesmo que nunca verbalizassem. Cuidavam um do outro. — Ele não deveria ir sozinho.

— Deixe-o em paz — resmungou Kell.

— Ele é dado a se perder — disse ela, abotoando o casaco. — Eu...

— Eu te disse para *ficar*...

Foi a coisa errada a dizer.

Lila se eriçou.

— Que engraçado, Kell — disse ela, friamente. — Isso soou como uma ordem. — E, antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Lila levantou a gola do casaco para se proteger do vento e saiu intempestivamente.

* * *

Em questão de minutos, Lila perdeu Alucard de vista.

Ela não queria admitir, sempre se orgulhou de ser uma rastreadora inteligente, mas as ruas de Rosenal eram estreitas e sinuosas, cheias de curvas inesperadas e ocultas que tornavam fácil demais perder alguém de vista, perder o rastro de quem se estava tentando seguir. Fazia sentido, ela supunha, numa cidade que servia principalmente a piratas e ladrões e ao tipo de pessoa que não gostava de ser rastreada.

Em algum lugar naquele labirinto, Alucard simplesmente desapareceu. Depois disso, Lila desistiu de qualquer tentativa de ser furtiva, deixou que seus passos fizessem barulho e até chamou o nome dele, mas não adiantou. Ela não conseguiu encontrá-lo.

O sol estava se pondo rapidamente sobre o porto, a última luz dando lugar à sombra. No crepúsculo, as fronteiras entre luz e escuridão começavam a se confundir e cada coisa assumia camadas monótonas de cinza. O anoitecer era a única hora do dia em que Lila realmente sentia falta do segundo olho.

Se estivesse um pouco mais escuro, ela teria subido no telhado mais próximo e vasculhado a cidade, mas havia luz do dia suficiente para transformar a ação numa exibição.

Ela parou no cruzamento de quatro becos, certa de que já havia estado ali, e estava prestes a desistir, a voltar para a taverna e para a bebida à sua espera quando ouviu a voz.

Aquela *mesma* voz, a melodia carregada pela brisa.

Como se sabe quando o Sarows está chegando...

Com um movimento de pulso, uma faca surgiu na palma da sua mão, a outra livre para alcançar a lâmina sob o casaco.

Passos soaram, e ela se virou, preparando-se para o ataque.

Mas o beco estava vazio.

Lila começou a se posicionar no mesmo instante em que um baque ressoou no chão atrás dela, botas na pedra, e ela girou, pulando para trás enquanto a lâmina de um estranho cantava no ar, errando por pouco o seu estômago.

O seu agressor abriu aquele sorriso podre, mas ela olhou direto para a tatuagem de uma adaga no pescoço dele.

— Delilah Bard — rosnou ele. — Lembra de mim?

Ela girou as lâminas.

— Vagamente — mentiu.

Na verdade, ela se lembrava. Não do nome dele, que Lila nunca soube, mas conhecia a tatuagem que os exibiam assassinos do *Copper Thief*. Eles navegavam sob o comando de Baliz Kasnov, um pirata impiedoso que ela havia assassinado de forma um tanto descuidada semanas antes. Fora parte de uma aposta com a tripulação do *Night Spire*. Eles zombaram da ideia de que ela poderia roubar um navio inteiro sozinha.

Ela provará que eles estavam errados, ganhara a aposta e até poupara a maioria dos ladrões.

Agora, quando outros dois homens pularam dos telhados atrás dele e um terceiro emergiu das sombras, ela decidiu que o ato de misericórdia tinha sido um erro.

— Quatro contra um não me parece nem um pouco justo — disse ela, voltando as costas para a parede enquanto mais dois homens se aproximavam, as tatuagens como feridas escuras e irregulares o queixo.

Isso fazia um total de seis.

Ela já teve de contá-los uma vez, mas naquela situação contava corpos caindo em vez de novos homens surgindo.

— Vou te dizer uma coisa — falou o primeiro atacante. — Se você implorar, podemos fazer isso rápido.

O sangue de Lila cantou como sempre fazia antes de uma luta: límpido, brilhante e faminto.

— E por que — disse ela — eu iria querer apressar as suas mortes?

— Piranha arrogante — rosnou o segundo. — Vou fo...

A sua faca assobiou pelo ar e se enterrou no pescoço dele. Sangue escorreu pela frente do corpo dela enquanto ele arranhava o pescoço e tombava para a frente. Ela conseguiu passar por baixo da guarda do homem seguinte antes que o corpo caísse no chão, empurrando a lâmina

serrilhada pelo queixo dele antes que o primeiro soco a atingisse, o punho chegando à mandíbula dela.

Lila caiu com força, cuspendo sangue na rua.

O calor percorreu os seus membros quando a mão de alguém a agarrou pelos cabelos e a colocou de pé, uma faca sob o queixo dela.

— Últimas palavras? — perguntou o homem de dentes podres.

Lila ergueu as mãos, como se estivesse se rendendo, antes de abrir um sorriso perverso.

— *Tigre, tigre* — falou ela, e o fogo rugiu, vivo.

VI

Kell e Holland estavam sentados de frente um para o outro, envoltos num silêncio que apenas ficava mais denso conforme Kell tentava afogar o aborrecimento na bebida. De todas as razões para Lila ir embora, de todas as pessoas que ela poderia acompanhar, tinha de ser Emery.

Do outro lado do salão, um grupo de homens bastante embriagados cantava uma espécie de canção do mar.

— *Sarows está chegando, está chegando, está chegando a bordo...*

Kell terminou de beber a cerveja e esticou a mão para pegar a dela.

Holland estava desenhando com os dedos em algo derramado na mesa, a caneca à sua frente intocada. Agora que eles estavam de volta a terra firme, a cor voltava ao seu rosto. Mas, mesmo vestindo tons invernais de cinza e com um capuz encobrindo a testa, havia algo em Holland que chamava a atenção. A maneira como ele se comportava, talvez, misturada com um aroma sutil de magia estrangeira. Cinzas, aço e gelo.

— Diga alguma coisa — murmurou Kell para a sua bebida.

Holland voltou a atenção para ele, e em seguida desviou propositalmente o olhar.

— Esse Herdeiro...

— O que tem ele?

— Eu deveria ser o responsável por utilizá-lo.

— Talvez. — A resposta de Kell foi simples, contundente. — Mas eu não confio em você. — A expressão de Holland endureceu. — E com certeza não deixarei Lila tentar. Ela não sabe *usar* o poder dela, quanto menos como sobreviver à perda dele.

— Com isso sobra apenas você.

Kell baixou os olhos para o resto da cerveja.

— Sobro apenas eu.

Se o Herdeiro funcionasse como Tieren havia sugerido, o dispositivo absorveria a magia de uma pessoa. Mas a magia de Kell era o que vinculava a vida de Rhy à sua. Ele aprendera isso com a gargantilha, aquela horrível secção de poder do corpo, o falsete do coração descompassado de Rhy. Seria assim? Doeria tanto assim? Ou seria fácil? O seu irmão sabia o que ele faria, dera o seu consentimento. Ele tinha visto nos olhos de Rhy quando se separaram. Ouvira na voz dele. Rhy havia se conformado muito antes de se despedir.

— Pare de ser egoísta.

Kell ergueu a cabeça de supetão.

— O quê?

— Osaron é *meu* — disse Holland, finalmente pegando a sua bebida.

— Não dou a mínima para as suas noções altruístas, para a sua necessidade de ser herói. Quando chegar a hora de um de nós destruir esse monstro, serei *eu*. E, se você tentar me impedir, Kell, vou lembrar a você da pior maneira qual de nós é o *Antari* mais forte. Entendeu?

Holland encontrou o olhar de Kell por cima da caneca, e, além das palavras e do desafio, ele viu algo mais nos olhos do homem.

Misericórdia.

O peito de Kell doeu com alívio quando ele disse:

— Obrigado.

— Pelo quê? — questionou Holland com frieza. — Não estou fazendo isso por *você*.



No fim, Vortalis nomeou a si mesmo Rei do Inverno.

— Por que não do verão — perguntou Holland — ou da primavera?

Vortalis bufou.

— Você sente algum calor no ar, Holland? Você vê o rio correndo azul? Nesse mundo, não estamos na primavera e certamente não no verão. São estações para o seu futuro rei. Isso é inverno, e precisamos sobreviver a ele.

Eles estavam de pé, lado a lado, na varanda do castelo enquanto os estandartes — a mão aberta virada no fundo escuro — crepitavam ao

vento. Os portões estavam abertos, o terreno se enchia de ponta a ponta enquanto as pessoas se reuniam para ver o novo rei e esperavam que as portas do castelo se abrissem para que pudessem levar os seus casos e as suas reivindicações. O ar zumbia com excitação. Sangue fresco no trono significava novas oportunidades para as ruas. A esperança de que *esse* governante fosse bem-sucedido onde tantos haviam fracassado antes dele, de que ele seria o único a restaurar o que estava perdido — o que começara a morrer quando as portas se fecharam pela primeira vez — e de que reavivaria as brasas.

Vortalis usava um único anel de aço polido no cabelo para combinar com o círculo no seu estandarte. Fora isso, ele parecia o mesmo homem que viera ao encontro de Holland meses antes, no meio do Bosque de Prata.

— O traje combina com você — disse o Rei do Inverno, gesticulando para a meia-capta de Holland, o alfinete de prata com o selo de Vortalis.

Holland deu um passo para trás, afastando-se da beirada da varanda.

— Até onde eu sei, *você* é o rei. Então por que *eu* estou em exibição?

— Porque governar é um equilíbrio entre esperança e medo, Holland. Eu posso ter *jeito* com as pessoas, mas você tem jeito para *assustá-las*. Eu as atraio como moscas, mas você as mantém à distância. Juntos somos um sinal de boas-vindas e uma advertência, e eu gostaria que todos soubessem que o meu cavaleiro de olho preto, a minha espada mais afiada, está ao meu lado. — Ele lançou um olhar de soslaio a Holland. — Estou ciente da tendência da nossa cidade ao regicídio, incluindo o padrão sangrento que perpetuamos para estarmos aqui hoje, mas, por mais egoísta que pareça, não estou disposto a cair da mesma forma que Gorst.

— Gorst não tinha a *mim* — falou Holland, e o rei abriu um sorriso.

— Graças aos deuses por isso.

— Devo lhe chamar de rei agora? — perguntou Holland.

Vortalis suspirou.

— Você deveria me chamar de amigo.

— Como quiser... — um sorriso invadiu os lábios de Holland com a lembrança do encontro deles no Bosque de Prata —, Vor.

O rei sorriu ao ouvir isso, um gesto amplo e brilhante, tão em desacordo com a cidade ao seu redor.

— E pensar, Holland, que tudo o que foi preciso foi uma coroa e...

— Köt Vortalis — interrompeu um guarda atrás deles.

O rosto de Vor se fechou, a luz substituída pelas feições endurecidas apropriadas para um novo rei.

— O que é?

— Há um menino solicitando uma audiência.

Holland franziu a testa.

— Ainda não abrimos as portas.

— Eu sei, senhor — falou o guarda. — Ele não entrou pela porta. Ele simplesmente... *apareceu*.

* * *

A primeira coisa que Holland notou foi o casaco vermelho do garoto.

Ele estava de pé no salão do trono, esticando a cabeça para observar as estruturas abobadadas do teto do castelo. E aquele casaco era de uma cor tão vívida, não um vermelho desbotado como o sol num fim de tarde, ou os tecidos usados no verão, mas um carmesim vibrante cor de sangue fresco.

O cabelo dele era de um tom mais suave, como folhas de outono, amainado porém não desbotado, e ele usava botas pretas retintas, verdadeiramente pretas, tão escuras quanto as noites de inverno, com fechos de ouro que combinavam com os punhos. Cada centímetro dele era afiado e cintilante como a visão de aço novo. Ainda mais estranho que a sua aparência era o aroma que emanava dele, algo doce, quase enjoativo, como botões de flor esmagados e deixadas para apodrecer.

Vortalis assobiou baixinho ao vê-lo e o menino se virou, revelando um par de olhos descasados. Holland ficou imóvel. O olho esquerdo do menino era de um azul translúcido. O direito era preto intenso. Os

seus olhares se encontraram e uma vibração estranha passou pela cabeça de Holland. O estranho não devia ter mais de 12 ou 13 anos, a pele sem marcas característica de um membro da realeza e uma postura imperiosa para combinar, mas ele era inegavelmente *Antari*.

O menino deu um passo à frente e começou a falar rapidamente, numa língua estrangeira, o sotaque suave e cadenciado. Vortalis tinha uma runa de tradução na base do pescoço, fruto dos seus tempos no exterior, mas Holland nada possuía a não ser um ouvido bom para distinguir tons. Ao ver o vazio no seu olhar, o garoto parou e recomeçou, desta vez na língua nativa de Holland.

— Minhas desculpas — pediu ele. — O meu mahktan não é perfeito. Aprendi com um livro. O meu nome é Kell e trago uma mensagem do meu rei.

Ele levou a mão ao casaco, e do outro lado da sala os guardas avançaram, Holland já se colocando na frente de Vor, quando o menino tirou, dentre tudo que era possível, uma *carta*. Aquele mesmo aroma doce emanou do envelope.

Vortalis olhou para o papel e disse:

— Sou o único rei aqui.

— É claro — falou o menino *Antari*. — O *meu* rei está em outra Londres.

O salão ficou em silêncio. Todos sabiam, é claro, das outras Londres e dos mundos ao redor delas. Havia a Londres distante, um lugar onde a magia não tinha influência. Havia a Londres destruída, onde a magia devorava tudo. E então existia a Londres cruel, aquele lugar que havia selado as suas portas, forçando o mundo de Holland a enfrentar a escuridão sozinho.

Holland nunca esteve naquele outro lugar, conhecia o feitiço para ir até lá, tinha encontrado as palavras enterradas na sua mente como um tesouro, meses depois de ter transformado Alox em pedra. Mas para viajar era necessário um símbolo, assim como uma fechadura precisa de uma chave, e ele nunca possuiu nada com que lançar o feitiço, com que comprar a passagem e abrir o caminho.

E, no entanto, Holland sempre acreditou que o outro mundo era como o *dele*. Afinal, ambas as cidades haviam sido poderosas. Ambas

havam sido vibrantes. Ambas haviam sido isoladas quando as portas foram fechadas. Mas, quando Holland viu esse tal *Kell*, com o traje vibrante, o brilho saudável, ele viu o salão como o garoto devia ver: desbotado, revestido com uma camada de negligência sob a forma de uma geada, a marca de anos lutando por cada gota de magia. Então, ele sentiu uma onda de raiva. Era *assim* que a outra Londres vivia?

— Você está muito longe de casa — comentou Vor com frieza.

— Muito longe — falou o garoto — e a apenas um passo. — O olhar dele continuava se voltando para Holland, como se estivesse fascinado pela visão de outro *Antari*. Então eles eram raros no mundo dele também.

— O que o seu rei deseja? — perguntou Vor, recusando-se a receber a carta.

— O rei Maresh deseja restaurar a comunicação entre o seu mundo e o meu.

— Ele deseja abrir as portas?

O menino hesitou.

— Não — respondeu ele com cautela. — As portas não podem ser abertas. Mas este poderia ser o primeiro passo para retomar as relações...

— Não dou a mínima para relacionamentos — retrucou o Rei do Inverno. — Estou tentando reconstruir uma *cidade*. Esse tal *Maresh* pode me ajudar com isso?

— Eu não sei — respondeu Kell. — Sou apenas o mensageiro. Se o senhor anotar...

— Guarde a mensagem. — Vortalis voltou as costas para ele. — Você encontrou o seu caminho de entrada — falou ele. — Encontre o de saída.

Kell ergueu o queixo.

— Essa é a sua resposta final? — perguntou ele. — Talvez eu deva retornar em algumas semanas, quando o *próximo* rei assumir o trono.

— Cuidado, garoto — advertiu Holland.

Kell voltou a sua atenção — e aqueles olhos enervantes, tão estranhos e tão familiares — para ele. O menino estendeu uma moeda,

pequena e vermelha, com uma estrela dourada no centro. Um símbolo. Uma chave.

— Aqui — disse ele. — Para o caso do seu rei mudar de ideia.

Holland não disse nada, mas flexionou a mão e a moeda pulou da mão do garoto para a dele, os dedos se fechando silenciosamente sobre o metal.

— É *As Travaras* — acrescentou Kell —, caso você não saiba.

— Holland — disse Vortalis da porta.

Holland ainda sustentava o olhar de Kell.

— Estou indo, meu *rei* — falou ele enfaticamente, interrompendo o contato.

— Espere — gritou o garoto, e Holland percebeu pelo tom de voz que as palavras não eram para Vor, mas para ele. O *Antari* correu até ele, os passos soando como sinos por causa dos fechos de ouro do casaco.

— O quê? — perguntou Holland.

— É muito bom — disse Kell — encontrar alguém como eu.

Holland franziu a testa.

— Eu não sou como você — falou ele, e em seguida foi embora.



VII

Por um tempo, Lila aguentou firme.

Chama e aço contra força cega, a astúcia da ladra contra o poder do pirata.

Ela podia até estar ganhando.

E então, de repente, não estava mais.

Seis homens se tornaram quatro, mas quatro ainda eram muito mais que um.

Uma faca deslizou pela sua pele.

Uma mão se fechou no seu pescoço.

As suas costas bateram com força na parede.

Não, não uma parede, percebeu ela, uma *porta*. Ela a atingiu com força suficiente para rachar a madeira, para sacudir parafusos e pinos nos seus encaixes. E teve uma ideia. Ela ergueu as mãos e os pregos estremeceram, libertando-se. Alguns atingiram apenas ar ou pedra, mas outros encontraram pele e carne, fazendo com que dois dos piratas do *Copper Thief* cambaleassem para trás agarrando braços, ventres e cabeças.

Sem os parafusos, a porta tombou atrás dela e Lila caiu para trás, rolando agachada dentro de um corredor maltrapilho e erguendo a porta de volta à posição original antes de pressionar a madeira com os dedos grudentos de sangue.

— *As Steno* — proferiu ela, pensando que era a palavra que Kell lhe ensinara para *fechar*, mas estava errada. A porta inteira se *estilhaçou* como um painel de vidro, lascas de madeira caindo, e, antes que pudesse conjurá-las de volta, Lila foi arrastada para a rua. Algo a atingiu na barriga — um punho, um joelho, uma bota — e o ar deixou os seus pulmões num exalar violento.

Ela evocou o vento, que atravessou o beco e girou à sua volta, forçando os homens a recuar enquanto dava um passo correndo, pegava impulso na parede e saltava para a beira do telhado.

Lila quase conseguiu, mas um deles agarrou a sua bota e a puxou de volta. Ela caiu, atingindo o chão da rua com uma força brutal. Algo se partiu dentro do seu peito.

E então eles foram para cima dela.

* * *

Holland estava provando ser uma péssima companhia.

Kell tentou manter uma conversa, mas era como tentar atizar brasas em carvões depois de um balde de água ter sido derramado sobre eles, produzindo nada além de fios frágeis de fumaça. Ele por fim desistiu, resignando-se ao silêncio desconfortável, quando o outro *Antari* encontrou o seu olhar do outro lado da mesa.

— Amanhã, no mercado — disse ele —, o que você vai oferecer?

Kell ergueu uma sobrancelha. A sua própria mente estava pairando sobre aquela questão.

— Estava pensando — respondeu ele — em oferecer você.

Foi dito em tom de brincadeira, mas Holland apenas olhou para ele, e Kell suspirou, desistindo. Ele nunca foi muito bom com sarcasmo.

— Vai depender — respondeu ele, honestamente — se Maris aprecia preço ou valor.

Ele revirou os bolsos e pegou um punhado de moedas, o lenço de Lila, o seu broche real. O olhar no rosto de Holland espelhava a preocupação no âmagô de Kell — nenhuma daquelas coisas era boa o suficiente.

— Você *poderia* oferecer o casaco — disse Holland.

Mas a ideia fez o peito de Kell doer. Era *seu*, uma das únicas coisas na sua vida que não lhe fora concedida pela coroa, ou barganhada, nem oferecida por causa da sua posição, mas conquistada. Ele o ganhara num simples jogo de cartas.

Kell guardou as bugigangas e, em vez disso, tirou o cordão de debaixo da camisa. Na ponta estavam penduradas as três moedas, uma para cada

mundo. Ele desamarrou o cordão e deslizou a última moeda para a palma da mão.

O símbolo da Londres Cinza.

O perfil de George III estava na face, o rosto desgastado pelo uso.

Kell deu ao rei um novo lin em cada visita, mas ainda tinha o mesmo xelim que George lhe dera na sua primeira viagem. Antes que a idade e a loucura o consumissem, antes que o seu filho o enterrasse em Windsor.

O seu preço era muito baixo, mas valia muito para ele.

— Odeio interromper esse devaneio que você está tendo — falou Holland, acenando com a cabeça para a janela —, mas certo alguém retornou.

Kell se virou na cadeira, esperando ver Lila, mas em vez disso viu Alucard entrando na taverna. Ele tinha um frasco na mão e o segurava contra a luz de um lampião. O conteúdo cintilou fracamente como areia branca ou vidro quebrado em pedaços muito pequenos.

O capitão olhou para eles e fez um sinal impaciente de convocação que se assemelhava muito a um gesto rude.

Kell suspirou e se levantou.

Os dois *Antari* deixaram a taverna, Alucard um quarteirão à frente, os passos largos enquanto se dirigia às docas. Kell franziu a testa, examinando as ruas.

— Onde está Lila? — gritou Kell.

Alucard se virou, as sobrancelhas erguidas.

— Bard? Eu a deixei com você.

O pânico tomou conta dele.

— E ela foi atrás de *você*.

Alucard começou a balançar a cabeça, mas Kell se dirigia para a porta, com Holland nos calcanhares.

— Dividam-se — orientou Alucard enquanto eles se espalhavam pelas ruas. Ele desceu a primeira rua, mas, quando Holland começou a descer por outra, Kell agarrou a manga do casaco dele.

— Espere. — A sua mente girou, dividida entre dever e pânico, entre razão e medo.

Deixar o *Antari* da Londres Branca desacorrentado era uma coisa.

Deixá-lo fora do seu campo de visão era outra.

Holland olhou para a mão do jovem *Antari* que o segurava.

— Você quer encontrá-la ou não?

A voz de Rhy ecoou na cabeça de Kell, aquelas advertências sobre o mundo além da cidade, sobre o valor de um príncipe de olho preto. Um *Antari*. Ele contou a Kell o que os veskanos pensavam dele, assim como os faroenses, mas não disse muito a respeito do próprio povo. E Kell, idiota, não pensou no risco de um sequestro por resgate. Ou algo pior, conhecendo Lila.

Kell rosnou, mas soltou Holland.

— Não me faça me arrepender disso — advertiu ele, saindo em disparada.

VIII

Lila se recostou na parede, ofegante. Ela estava sem facas e o sangue escorria sobre os seus olhos por causa de um golpe na têmpora. Doía para respirar, mas ela ainda estava de pé.

Seria preciso mais que isso, pensou ela, dando impulso para se afastar da parede e passando por cima dos corpos dos seis homens que agora jaziam mortos na rua.

Havia um sentimento de vazio nas suas veias, como se ela tivesse gastado tudo o que tinha. O chão balançou sob os seus pés e ela se apoiou na parede do beco, deixando um rastro vermelho ao passar. Um pé após o outro, cada respiração a dilacerando um pouco, a pulsação pesada nos seus ouvidos, e então um som que não era o pulso dela.

Passos.

Alguém estava vindo.

Lila ergueu a cabeça com dificuldade, vasculhando a mente cansada em busca de um feitiço enquanto os passos ecoavam nas paredes do beco.

Ouviu uma voz chamando o seu nome em algum lugar muito atrás dela e se virou bem a tempo de ver alguém enfiar uma faca entre as suas costelas.

— Isso é por Kasnov — rosnou o sétimo ladrão, enterrando a arma até o punho. A lâmina rasgou o seu peito e saiu pelas costas e, por um instante, por apenas um instante, ela não sentiu nada além do calor do sangue. Mas em seguida a dor engoliu tudo.

Não a dor superficial e incômoda de pele arranhada, e sim algo profundo. Lancinante.

A faca se soltou e as suas pernas cederam sob ela.

Lila tentou respirar, sufocada pelo sangue que subia na sua garganta. Que encharcava a camisa dela.

Levante-se, pensou enquanto o seu corpo permanecia caído no chão.

Não é assim que vou morrer, pensou, *não é...*

Ela vomitou sangue na rua.

Havia algo errado.

Doía.

Não.

Kell.

Levante-se.

Ela tentou se levantar e escorregou em algo pegajoso e quente.

Não.

Desse jeito, não.

Ela fechou os olhos e tentou desesperadamente conjurar magia.

Não havia restado nada.

Tudo o que tinha era o rosto de Kell. E de Alucard. O relógio de Barron. Um navio. O mar aberto. Uma chance de liberdade.

Ainda não terminei.

A visão dela saiu de foco.

Desse jeito, não.

O peito dela estremeceu.

Levante-se.

Ela agora estava deitada de barriga para cima, o ladrão a circundava como um abutre. Acima dele, o céu estava mudando de cor, uma miríade de nuances, como um hematoma.

Como o mar antes de... O quê?

Ele estava se aproximando, agachando-se ao lado dela, enterrando um joelho no seu peito ferido. Ela não conseguia respirar, e não era assim que ela deveria morrer, e...

Um borrão de movimento, rápido como uma faca, na sua visão periférica, e o homem se foi. Os inícios de um grito cessaram, o som distante de algo pesado batendo em algo sólido, porém Lila não conseguia levantar a cabeça para ver, não conseguia...

O mundo ficou estreito, a luz se esvaiu do céu e então foi completamente apagada pela sombra ajoelhada sobre ela, pressionando uma mão sobre as suas costelas.

— Agente firme — disse uma voz grave enquanto o mundo escurecia. E então: — Aqui! Agora!

Outra voz.

— Fique comigo.

Ela estava com tanto frio.

— Fique...

Foi a última coisa que ouviu.

IX

Holland se ajoelhou sobre o corpo de Lila.

Ela estava pálida como um cadáver, mas ele foi rápido o bastante: o feitiço foi lançado a tempo. Kell estava do outro lado de Lila, aflito, o rosto lívido sob os cabelos vermelhos, e ele verificava as feridas dela como se duvidasse do trabalho de Holland.

Se ele tivesse chegado lá primeiro, poderia ele mesmo tê-la curado.

Holland não achou prudente esperar.

E agora havia problemas mais urgentes a resolver.

Ele viu as sombras se movendo lentamente sobre a parede no fim do beco. O *Antari* se pôs de pé.

— Fique comigo — murmurava Kell para a forma ensanguentada de Lila, como se isso fosse ajudar. — Fique com...

— Quantas lâminas você tem? — interpelou Holland.

Os olhos de Kell não deixaram Lila, mas os seus dedos foram até a bainha no seu antebraço.

— Uma.

Holland revirou os olhos.

— Excelente — disse ele, juntando a palma das mãos. O corte que havia feito na própria mão gotejou uma nova linha vermelha. — *As Narahi* — murmurou.

Acelerar.

A magia incandesceu ao comando dele, que se moveu com uma velocidade que raramente mostrava e que certamente nunca pretendeu mostrar a *Kell*. Era um feitiço difícil em qualquer circunstância, e esgotante quando usado em si mesmo. Porém, valeu a pena quando o mundo ao seu redor *desacelerou*.

Ele se tornou um borrão, pele pálida e manto cinzento cortando a escuridão. Quando o primeiro homem agachado no telhado puxou a faca, Holland já estava atrás dele. O homem arregalou os olhos para o lugar onde o seu alvo estivera enquanto Holland erguia as mãos e, com um movimento elegante, quebrava o pescoço do homem.

Holland deixou o corpo inerte cair nas pedras do beco e o seguiu rapidamente, posicionando-se de costas para Kell, que finalmente sentiu o cheiro do perigo, enquanto outras três sombras, com armas cintilando, caíam do céu.

E, simples assim, a luta começou.

Não durou muito tempo.

Logo, mais três corpos estavam espalhados pelo chão e o ar de inverno ao redor dos dois *Antari* se encheu de exaustão e triunfo. O sangue escorria do lábio de Kell, e as juntas dos dedos de Holland estavam em carne viva. Ambos haviam perdido os seus capuzes, mas fora isso estavam inteiros.

Era estranho lutar ao lado de Kell em vez de contra ele, a ressonância dos seus estilos, tão diferentes e de alguma forma em sincronia. Era enervante.

— Você melhorou — observou ele.

— Fui obrigado — retrucou Kell, limpando o sangue da faca antes de colocá-la de volta na bainha. Holland teve o estranho ímpeto de dizer algo mais, mas Kell já se dirigia novamente até o lado de Lila ao mesmo tempo que Alucard aparecia na entrada do beco com uma espada numa das mãos e uma foice de gelo na outra, nitidamente pronto para se juntar à luta.

— Você está atrasado — comentou Holland.

— Perdi toda a diversão? — perguntou o mago. Porém, quando viu Lila nos braços de Kell, o corpo inerte recoberto de sangue, qualquer traço de humor se esvaiu do seu rosto. — *Não*.

— Ela vai sobreviver — falou Holland.

— O que aconteceu? Santos, Bard. Você está me ouvindo? — disse Alucard, enquanto Kell retomava o seu cântico inútil, como se fosse um feitiço, uma oração.

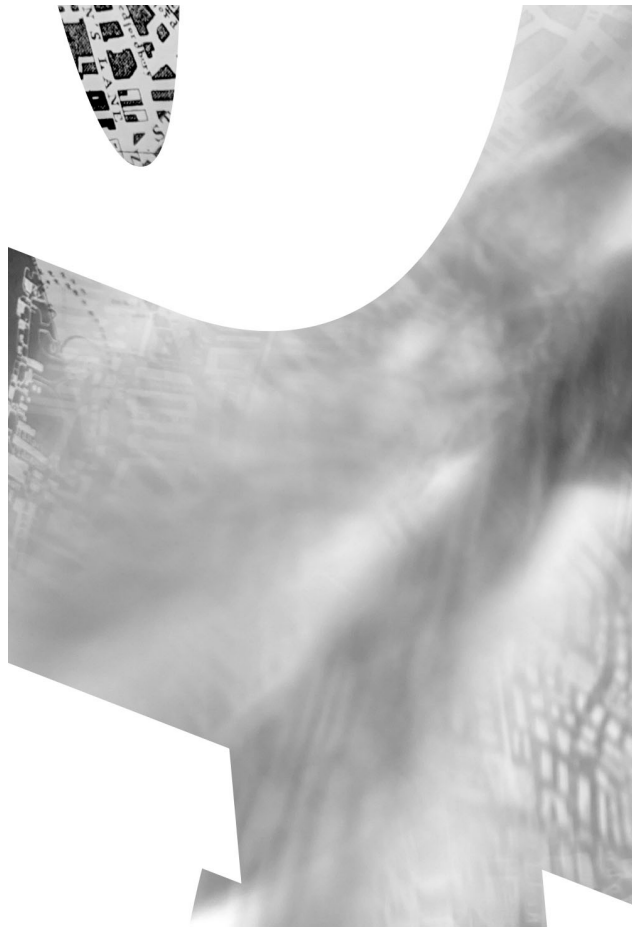
Fique comigo.

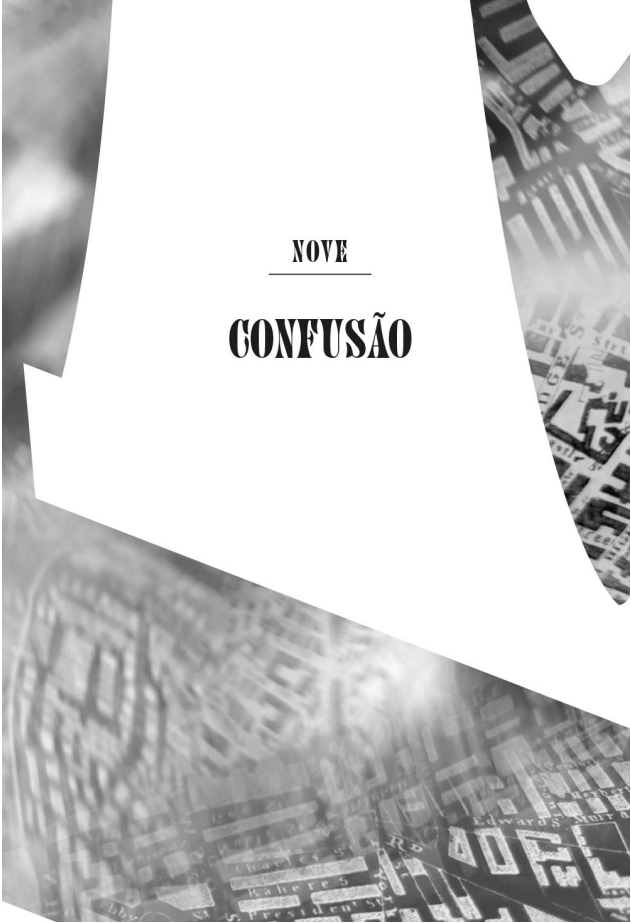
Holland se recostou na parede do beco, subitamente cansado.

Fique comigo.

Ele fechou os olhos, as lembranças subindo como bÍlis pela sua garganta.

Fique comigo.



An aerial, black-and-white photograph of a city street grid, likely New York City. A bright light source, possibly the sun, is positioned in the lower right quadrant, creating a strong lens flare and illuminating the surrounding streets. The grid pattern of the streets is clearly visible, with some street names like "Charles St", "Edwards St", and "Presidents St" partially legible. The image is framed by a white border that has irregular, torn edges on the left and right sides.

NOVE

CONFUSÃO

I

Tieren Serense nunca foi capaz de enxergar o futuro.

Ele só conseguia enxergar a si mesmo.

Era isso que muitos não entendiam sobre divinação. Um homem não podia olhar para o fluxo da vida, para o coração da magia e lê-los como se fossem livros. O mundo falava a sua própria língua, tão indecifrável quanto o chilrear de um pássaro ou o farfalhar das folhas. Um idioma que nem sacerdotes deveriam compreender.

É um homem arrogante aquele que se considera um deus.

E um deus arrogante, pensou Tieren, olhando pela janela, aquele que se considera um homem.

Então, quando ele derramou a água na bacia, quando pegou o frasco de tinta e pingou três gotas na água, quando olhou para a nuvem que florescia abaixo daquela superfície, ele não estava tentando ver o futuro. Ele sequer estava olhando para fora, mas, sim, para dentro.

Afinal, uma travessa de divinação era um espelho para a mente de alguém, uma forma de olhar para si mesmo, de formular perguntas que só ele mesmo poderia responder.

Esta noite, as perguntas de Tieren giravam em torno de Maxim Maresh. Em torno do feitiço que o seu rei estava tecendo e quão longe o *Aven Essen* deveria deixá-lo ir.

Tieren Serense serviu a Nokil Maresh quando era rei e observou o seu único filho, Maxim, crescer. Ficou ao seu lado quando ele se casou com Emira e esteve lá para levar Rhy ao mundo e Kell ao palácio. Passou a vida servindo a essa família.

Agora não sabia como salvá-la.

A tinta se espalhou pela bacia, tingindo a água de cinza, e, no tremor da sua superfície, ele sentiu a rainha antes de vê-la. Um rubor gélido

invadiu o cômodo atrás dele.

— Espero que não se importe, Vossa Majestade — disse ele em tom suave. — Peguei emprestada uma das suas tigelas.

Ela estava ali de pé, de braços cruzados como se estivesse com frio ou guardando algo frágil atrás das costelas.

Emira, que jamais confidenciou algo a ele, que nunca o buscou como ouvinte, não importando quantas vezes ele se oferecesse. Em vez disso, ele aprendeu sobre ela através de Rhy, Maxim e Kell. Ele aprendeu sobre ela observando-a assistir ao mundo com aqueles olhos grandes e escuros que nunca piscavam por medo de perder alguma coisa.

Agora aqueles grandes olhos escuros observavam a tigela rasa entre as mãos dele.

— O que você viu?

— Eu vejo o que todos os reflexos mostram — respondeu ele, cansado.

— Vejo a mim mesmo.

Emira mordeu o lábio, um gesto que ele viu Rhy fazer centenas de vezes. Os dedos dela se apertaram em torno das próprias costelas.

— O que Maxim está fazendo?

— O que ele acredita ser o certo.

— Não fazemos todos nós? — sussurrou ela.

Lágrimas suaves deslizaram pelas suas bochechas e ela as afastou com as costas da mão. Foi apenas a segunda vez que ele viu Emira chorar. A primeira foi há mais de vinte anos, quando ela era nova no palácio. Ele a encontrou no pátio, de costas para uma árvore de inverno, os braços em volta de si mesma como se estivesse com frio, mesmo que a duas fileiras de árvores dali o verão desabrochasse. Emira estava perfeitamente imóvel, exceto pelo tremor silencioso do seu peito, mas ele podia ver a tempestade nos olhos dela, a tensão na sua mandíbula. E ele se lembrou de ter pensado, naquele momento, que ela parecia velha para alguém tão jovem. Não envelhecida, mas desgastada, cansada do peso da sua própria mente. Medos, afinal, eram algo pesado. E quer Emira os expressasse, quer não, Tieren conseguia senti-los no ar, densos como chuva antes de cair.

Ela não lhe contou o que estava errado, mas, uma semana depois, Tieren ouviu a notícia, viu o rosto de Maxim brilhar de orgulho enquanto Emira estava ao seu lado, protegendo-se da declaração como se fosse uma sentença.

Ela estava grávida.

Emira pigarreou, os olhos ainda fixos na água nebulosa.

— Posso lhe perguntar uma coisa, mestre Tieren?

— É claro, Vossa Majestade.

O olhar dela desviou para ele, duas piscinas escuras que escondiam as suas profundezas.

— O que o senhor mais teme?

A pergunta o pegou de surpresa, porém a resposta surgiu para satisfazê-la.

— O vazio — respondeu ele. — E a senhora, minha rainha?

Os lábios dela se curvaram num sorriso triste.

— Tudo — respondeu. — Ou ao menos é o que parece.

— Não acredito nisso — falou Tieren, gentilmente.

Ela refletiu.

— A perda, então.

Tieren enrolou um dedo na barba.

— Amor e perda — disse ele — são como um navio e o mar. Eles se erguem juntos. Quanto mais amamos, mais temos a perder. Mas a única maneira de evitar a perda é evitar o amor. E como um mundo assim seria triste.

II

Lila abriu os olhos.

Num primeiro momento, tudo o que viu foi o céu. Aquele mesmo pôr do sol cor de hematoma que ela estava olhando um instante antes. Porém, o momento se foi e as cores desbotaram, deixando um pesado manto de noite. O chão estava frio embaixo dela, mas seco, um casaco amontoado sob a sua cabeça.

— Não devia demorar tanto — falou uma voz. — Tem certeza...

— Ela vai ficar bem.

A sua cabeça girou, os dedos procurando as costelas, o lugar onde a lâmina havia entrado. A camisa estava pegajosa por causa do sangue e ela se encolheu num reflexo, esperando a dor. A *lembrança* da dor a atravessou, mas não passava de um eco, e, quando ela respirou, testando, o ar fresco encheu os seus pulmões em vez do sangue.

— Malditos piratas do *Copper Thief* — disse uma terceira voz. — Deveria tê-los matado meses atrás. E pare de zanzar, Kell, você está me deixando tonto.

Lila fechou os olhos e engoliu em seco.

Quando ela piscou, a visão saindo e entrando em foco, Kell já estava ajoelhado ao seu lado. Lila olhou para os olhos de duas cores e percebeu que não eram os olhos dele. Um era preto. O outro verde-esmeralda.

— Ela acordou. — Holland se endireitou, o sangue escorrendo de um corte ao longo da palma da mão dele.

Um gosto forte de cobre ainda dominava a sua boca, então ela rolou o corpo e cuspiu nas pedras.

— Lila — disse Kell. Havia tanta emoção na pronúncia do seu nome, como ela poderia ter pensado que aquela voz fria e firme pertencia a ele? Ele se agachou ao lado dela, uma das mãos embaixo das suas costas. Ela

estremeceu com a memória súbita e visceral da lâmina raspando o osso, projetando-se sob a sua omoplata, enquanto ele a ajudava a se sentar.

— Eu disse que ela ficaria bem — falou Holland, cruzando os braços.

— Ela ainda parece bastante abalada — comentou Alucard. — Sem ofensa, Bard.

— Sem problema — falou ela com voz rouca. Ela olhou para o rosto deles: Kell pálido, Holland austero e Alucard tenso; e soube que havia chegado bem perto da morte.

Apoiando-se em Kell, ela ficou de pé.

Dez ladrões do *Copper Thief* jaziam espalhados no chão do beco. As mãos de Lila tremeram quando ela assimilou a cena, e então chutou o cadáver mais próximo o mais forte que pôde. Repetidas vezes, até que Kell a pegou pelos braços e a puxou para perto, a respiração deixando os seus pulmões em suspiros fracionados, mesmo que o seu peito estivesse curado.

— Eu contei errado — disse ela em seu ombro. — Pensei que fossem seis...

Kell secou as lágrimas das faces de Lila. Ela não percebera que estava chorando.

— Você só passou quatro meses no mar — disse ele. — Quantos inimigos fez?

Lila riu, um riso que mais parecia um pequeno soluço irregular, quando ele a puxou para mais perto.

Ficaram assim por um longo tempo, enquanto Alucard e Holland andavam entre os mortos, tirando as facas de Lila de peitos, pernas e pescoços.

— E o que aprendemos com isso, Bard? — perguntou o capitão, limpando uma lâmina no peito de um cadáver.

Lila olhou para o corpo dos homens que ela havia poupado a bordo do *Copper Thief*.

— Homens mortos não guardam rancor.

* * *

Eles voltaram em silêncio para o navio, o braço de Kell em volta da cintura dela, apesar de Lila não precisar mais de apoio. Holland andava na

frente com Alucard, e Lila manteve os olhos na nuca dele.

Ele não precisava fazer aquilo.

Ele poderia tê-la deixado sangrar até o fim, ali na rua.

Ele poderia ter ficado e a assistido morrer.

Era isso que ela teria feito.

Ela disse a si mesma que era o que teria feito.

Não é o suficiente, pensou ela. Não é compensação por Barron, por Kell, por mim. Eu não esqueci.

— *Tac!* — exclamou Jasta enquanto eles andavam pelo píer. — O que aconteceu com *você*?

— Rosenal — respondeu Lila, sem emoção.

— Diga-me que estamos prontos para partir — falou Kell.

Holland não disse nada, mas foi direto para o porão. Lila o observou ir embora.

Eu ainda não confio em você, pensou ela.

Como se pudesse sentir o peso do olhar dela, Holland olhou por cima do ombro.

Você não me conhece, parecia dizer o seu olhar.

Você não conhece nada a meu respeito.

III



— Tenho pensado no garoto — comentou Vor.

Eles estavam sentados ao redor de uma mesa baixa no quarto do rei, ele e Holland, jogando uma partida de Ost. Era um jogo de estratégia e risco, e a forma preferida de Vortalis de descontrair, mas ninguém mais jogava com ele — os guardas estavam cansados de perder partidas e dinheiro, de modo que Holland sempre acabava na frente do tabuleiro.

— Qual garoto? — perguntou ele, rolando as fichas na palma da mão.

— O mensageiro.

Aquela visita acontecera dois anos antes, e por dois longos anos eles vinham tentando reconstruir uma cidade arrasada, tentando esculpir um abrigo contra a tempestade. Tentando... e falhando. Holland manteve o tom de voz calmo.

— O que tem ele?

— Você ainda tem a moeda? — perguntou Vor, embora ambos soubessem que ele tinha. Estava sempre no seu bolso, o metal desgastado pelo manuseio. Eles não falavam sobre as ausências de Holland, sobre as vezes em que ele desaparecia e voltava cheirando de forma doce demais a flores em vez de a cinzas e pedras. Holland nunca ficou lá, é claro. E ele nunca ia embora por muito tempo. Ele odiava aquelas visitas, odiava ver o que o seu mundo poderia ter sido, e ainda assim ele não conseguia deixar de ir, de ver, de saber o que existia do outro lado da porta. Ele não conseguia desviar o olhar.

— Por quê? — perguntou ele agora.

— Acho que é hora de enviar uma carta.

— Por que agora?

— Não banque o tolo — falou Vor, deixando as fichas caírem sobre a mesa. — Não lhe cai bem. Ambos sabemos que as provisões estão diminuindo e os dias ficando mais curtos. Eu faço leis e as pessoas as infringem, eu instauro a ordem e elas a transformam em caos. — Ele passou a mão pelo cabelo, os dedos agarrando o anel de aço da sua coroa. O seu equilíbrio habitual vacilou. Com um grunhido, ele arremessou a coroa pela sala. — Não importa o que eu faça, a esperança continua apodrecendo e eu posso ouvir os sussurros começando nas ruas. Sangue novo, eles clamam. Como se isso fosse consertar o que está errado, como se derramar o suficiente fosse trazer a magia de volta para curar este mundo.

— E você consertaria tudo com uma *carta*? — perguntou Holland.

— Eu consertaria de qualquer maneira que conseguisse — retrucou Vor. — Talvez o mundo deles já tenha sido como o nosso, Holland. Talvez eles conheçam uma forma de *ajudar*.

— Foram eles que nos isolaram, são eles que vivem pomposamente enquanto apodrecemos, e você iria até lá implorar...

— Eu faria qualquer coisa se achasse que isso realmente ajudaria o meu mundo — explodiu Vortalis — e você também faria. É por isso que você está aqui ao meu lado. Não porque você é a minha espada, nem porque você é o meu escudo, nem porque você é meu amigo. Você está aqui comigo porque *ambos* faremos qualquer coisa que pudermos para manter o nosso mundo vivo.

Holland então olhou com severidade para o rei, e com severidade observou os fios prateados entremeados nos cabelos escuros dele, o sulco permanente entre as sobrancelhas. Ele ainda era charmoso, ainda magnético, ainda sorria quando algo lhe trazia prazer, mas esse ato agora desenhava rugas profundas na sua pele, e Holland sabia que os feitiços nas mãos de Vor não eram mais suficientes para vincular a magia.

Holland posicionou uma ficha no tabuleiro, como se eles ainda estivessem jogando.

— Pensei que estava aqui para manter a sua cabeça sobre os ombros.

Vortalis conseguiu dar um riso forçado, um falso humor.

— Isso também — disse ele. E então falou, sério: — Escute o que eu digo, Holland. De todas as maneiras de morrer, apenas um tolo escolhe o orgulho.

Um criado entrou com um pedaço de pão, uma garrafa de *kaash* e uma pilha de cigarros finos. Apesar da coroa e do castelo, Vor ainda era um homem que prezava os seus hábitos.

Ele pegou um cigarro bem enrolado e Holland estalou os dedos, oferecendo uma chama.

Vor se recostou na cadeira e examinou a extremidade incandescente do cigarro.

— Por que você não quis ser rei?

— Presumo que eu não seja arrogante o suficiente.

Vor riu.

— Talvez você seja um homem mais sábio que eu. — Ele deu uma longa tragada. — Estou começando a pensar que os tronos transformam todos nós em tiranos.

Ele exalou a fumaça e tossiu.

Holland franziu o cenho. O rei fumava dez vezes por dia e nunca parecia sentir qualquer coisa por isso.

— Você está bem?

Vor já estava acenando com a mão, fazendo pouco da pergunta. Porém, ao se inclinar para a frente para se servir de uma bebida, colocou muito peso na borda da mesa e ela virou, as fichas de Ost se derramando pelo chão de pedra quando ele caiu.

— Vortalis!

O rei ainda estava tossindo, um som profundo e angustiante, e arranhando o próprio peito com as duas mãos quando Holland o virou de barriga para cima. No chão perto dele, o cigarro ainda queimava. Vor tentou falar, mas conseguiu apenas expelir sangue.

— *Kajt* — xingou Holland enquanto apertava um estilhaço de vidro até que se enterrasse na sua mão, o sangue brotando quando ele rasgou a túnica de Vor e pressionou o peito do rei com a palma da mão, ordenando que ele se *curasse*.

Mas a toxina havia sido rápida demais e o coração do rei lento demais. Não estava funcionando.

— Agente firme, Vor...

Holland estendeu as mãos de encontro ao peito arfante do amigo, e ele sentia o veneno no sangue de Vor, que afinal não era veneno, e sim uma centena de pequenas lascas de metal enfeitiçado, rasgando o rei por dentro. Não importava o quão rápido Holland tentasse sanar o dano, os fragmentos destruíam mais.

— Fique comigo — ordenou o *Antari* com toda a força de um feitiço, enquanto ele retirava os fragmentos de metal, a pele do rei encharcada primeiro com suor e depois com sangue enquanto as lascas de metal perfuravam veias, músculos e carne antes de sair.

Uma névoa vermelha escura se formou no ar sobre o peito de Vor.

— *As Tanas* — disse Holland, cerrando os punhos, e os cacos se juntaram numa nuvem de aço antes de se fundirem novamente numa peça sólida, o feitiço rabiscado pela superfície.

Mas era tarde demais.

Ele agiu tarde demais.

Sob o aço enfeitiçado, sob a mão de Holland, o rei ficou imóvel. Sangue sujava o seu peito, salpicava a sua barba e reluzia nos seus olhos abertos e vazios.

Ros Vortalis estava morto.

Holland cambaleou, o aço amaldiçoado caindo dos seus dedos, pousando entre as fichas de Ost abandonadas. Não rolou, e sim caiu suavemente na poça de sangue, fazendo-o espirrar. Sangue que já enlameava as mãos de Holland, enevoava a sua pele.

— Guardas — chamou ele uma vez, suavemente, e então ergueu a voz de um jeito que nunca fez antes: — *Guardas!*

O cômodo estava silencioso demais, o castelo calmo demais.

Holland gritou de novo, mas ninguém apareceu. Parte dele sabia que eles não viriam, mas o choque ainda reverberava, entremeado com a dor, tornando-o desajeitado, lento.

Ele se forçou a ficar de pé, afastou-se do corpo de Vor, desembainhando a lâmina que o seu rei — o seu amigo — lhe deu no dia em que estiveram na varanda, no dia em que Vor se tornou o Rei

do Inverno, no dia em que Holland se tornou o seu cavaleiro. Holland deixou o rei e passou intempestivamente pelas portas, deparando com um castelo assustadoramente silencioso.

Ele chamou os guardas mais uma vez, mas é claro que eles já estavam mortos.

Corpos estavam tombados para a frente nas mesas e nas paredes, os corredores estavam vazios e o mundo fora reduzido ao *pinga-pinga* de sangue e vinho nos pisos de pedra clara. Deve ter acontecido em minutos. Segundos. O tempo que levou para acender um cigarro, para tragar e exalar uma nuvem de fumaça amaldiçoada.

Holland não viu o feitiço escrito no chão.

Não sentiu o salão ficar lento ao redor dele até cruzar a linha de magia, o seu corpo subitamente se arrastando como se estivesse em água em vez de ar.

Em algum lugar, ecoando nas paredes do castelo, alguém riu.

Era uma risada tão diferente da risada de Talya, tão diferente do riso de Vor. Sem doçura, sem riqueza, sem calor. Uma risada fria e afiada como vidro.

— Olhe, Athos — disse a voz. — Conquistei um prêmio para nós.

Holland tentou se virar, arrastando o corpo para o som, mas ele foi lento demais e a faca veio por trás, uma lâmina dentada que afundou profundamente na sua coxa. A dor acendeu a sua mente como uma luz quando ele cambaleou e caiu sobre um dos joelhos.

Uma mulher dançava na sua visão periférica. Pele branca. Cabelo branco. Olhos como gelo.

— Olá, coisa linda — falou ela, girando a faca até Holland começar a gritar. Um som que ecoou pelo castelo silencioso demais, apenas para ser interrompido por um lampejo prateado, um talho de dor, um chicote se fechando ao redor do seu pescoço, roubando o ar, roubando tudo. Um puxão rápido e Holland foi forçado para a frente, de quatro, o seu pescoço pegando fogo. Ele não conseguia respirar, não conseguia falar, não conseguia lançar um encantamento com o sangue que agora pingava no chão sob ele.

— Ah — disse uma segunda voz. — O infame Holland. — Uma forma pálida avançou, enrolando a ponta do chicote nos dedos. — Eu

tinha esperanças de que você sobrevivesse.

A figura parou na fronteira do feitiço e afundou de cócoras diante da forma retorcida de Holland. De perto, a sua pele e o seu cabelo eram do mesmo branco que os da mulher, os seus olhos eram do mesmo azul gelado.

— Então — falou o homem com um sorriso lento —, o que devemos fazer com *você*?

* * *

Alox estava morto.

Talya estava morta.

Vortalis estava morto.

Mas Holland não estava.

Ele estava preso a uma estrutura de metal, a pele quente e febril e os membros estendidos como uma mariposa no meio do voo. Sangue escorria para o chão de pedra, uma poça vermelho-escura sob os pés.

Ele poderia ter lançado centenas de feitiços com todo aquele sangue, mas a sua mandíbula estava amarrada. Ele acordou com o torno ao redor da cabeça, os dentes cerrados com tanta força que a única coisa que conseguiu produzir foi um som gutural, um gemido, um soluço de dor.

Athos Dane nadou na sua visão, aqueles frios olhos azuis e aquela boca curvada, um sorriso espreitando sob a superfície como um peixe sob gelo fino.

— Quero ouvir a sua voz, Holland — disse o homem, deslizando a faca pela pele dele. — Cante para mim. — A lâmina afundou mais, buscando nervos, atingindo tendões, deslizando entre ossos.

Holland estremeceu com a dor, mas não gritou. Nunca o fez. Era um pequeno consolo, no fim, alguma esperança errática de que, se não cedesse, Athos desistiria e simplesmente o mataria.

Ele *não* queria morrer. Não no começo. Nas primeiras horas, nos primeiros dias, ele resistiu, até que a estrutura de metal cortasse a sua pele, até que a poça de sangue se tornasse grande o suficiente para que

ele se visse por inteiro nela. Até que a dor se tornasse um cobertor e a sua mente ficasse turva, privada de comida, de sono.

— É uma pena — devaneou Athos quando Holland não emitiu som nenhum. Ele se virou para uma mesa que continha, entre tantas coisas macabras, uma tigela de tinta. Nela ele mergulhou a faca manchada de sangue, cobrindo de preto o aço carmesim.

O estômago de Holland se revirou ao ver aquilo. Tinta e sangue, estes eram ingredientes de *maldições*. Athos voltou para ele e espalmou a mão sobre as costelas de Holland, saboreando nitidamente a respiração ofegante, o coração descompassado, os menores sinais de pavor.

— Você acha que sabe — falou ele em voz baixa — o que planejei para você. — Ele ergueu a faca, levou a ponta à pele pálida e intacta sobre o coração de Holland e sorriu. — Você não faz ideia.

* * *

Quando terminou, Athos Dane deu um passo para trás e admirou o trabalho.

Holland estava pendurado na estrutura de metal, sangue e tinta escorrendo do peito arruinado. A cabeça zumbia com magia, apesar de uma parte vital dele ter sido arrancada.

Não, não arrancada. Enterrada.

— Já terminou?

A voz pertencia a outra Dane. Holland se esforçou para erguer a cabeça.

Astrid estava parada na soleira da porta atrás do irmão, os braços cruzados preguiçosamente.

Athos, com um sorriso satisfeito, balançou a lâmina como se fosse um pincel.

— Não se pode apressar um artista.

Ela estalou a língua, aquele olhar gélido passando sobre o peito mutilado de Holland enquanto ela se aproximava, as botas ressoando com força na pedra.

— Diga-me, irmão — falou ela, tocando com dedos frios o braço de Holland. — Você acha que é sensato manter esse bichinho de estimação? — Ela arrastou uma unha ao longo do ombro dele. — Ele pode morder.

— Qual a vantagem de se ter uma fera que *não pode* morder?

Athos deslizou a faca pela face de Holland, cortando a tira de couro do torno que prendia a sua boca. A dor cantou pela sua mandíbula quando ela afrouxou o torno, os dentes doendo. O ar entrou nos seus pulmões, mas, quando ele tentou falar, invocar os feitiços que mantinha na ponta da língua, eles congelaram na sua garganta tão subitamente que ele se engasgou e quase vomitou.

Um dos pulsos foi solto da algema, depois o outro, e Holland cambaleou para a frente, os membros gritando e quase cedendo sob o peso repentino, enquanto Athos e Astrid ficaram ali parados, simplesmente *observando*.

Ele queria matar os dois.

Queria e não podia.

Athos havia entalhado as linhas da maldição, uma a uma, enterrando as regras do feitiço na sua pele com aço e tinta.

Holland tentara fechar a mente para a magia, mas ela já estava dentro dele, queimando no seu peito, atravessando como um espeto a sua carne, a sua mente e a sua alma.

As correntes do feitiço eram coisas rígidas e articuladas. Eles se enrolaram na sua cabeça, pesadas como ferro em torno de cada membro.

Obedeça, disseram eles. Não para a sua mente, nem para o seu coração; apenas para as suas mãos, para os seus lábios.

A ordem fora escrita na sua pele, entremeada nos seus ossos.

Athos inclinou a cabeça e gesticulou distraidamente.

— Ajoelhe-se.

Quando Holland não fez menção de obedecer, um bloco de pedra o atingiu nos ombros, um peso súbito, perverso e invisível o forçou a avançar. Ele lutou para se manter de pé, e o feitiço de vinculação atravessou os seus nervos, moeu os seus ossos.

A visão dele ficou branca e algo muito próximo a um grito escapou da sua boca dolorida antes que as pernas enfim se dobrassem, as canelas encontrando o chão de pedra fria.

Astrid bateu palmas uma vez, satisfeita.

— Vamos testar?

Um som, parte xingamento, parte choro, ecoou pela sala quando um homem foi arrastado, as mãos atadas às costas. Ele estava ensanguentado, havia sido espancado, o rosto quase totalmente coberto de hematomas. Ainda assim, Holland o reconheceu como um dos homens de Vor. Ele cambaleou e foi endireitado. No momento em que viu Holland, algo mudou nele. Despencou. A sua boca se abriu.

— *Traidor.*

— Corte o pescoço dele — instruiu Athos.

As palavras reverberaram pelos membros de Holland.

— Não — disse ele com voz rouca. Era a primeira palavra que conseguia proferir em dias, e foi inútil: os seus dedos se moveram antes mesmo que a sua mente pudesse processar. O vermelho brotou no pescoço do homem e ele caiu, as últimas palavras afogadas em sangue.

Holland olhou para a própria mão, a ponta da faca agora carmesim.

Eles deixaram o corpo onde caíra.

E trouxeram outro.

— Não — rosnou Holland ao vê-lo. Um rapaz da cozinha que mal tinha 14 anos e olhava para ele com olhos arregalados e inseguros.

— Me ajude — implorou ele.

Então trouxeram outro.

E mais outro.

Um a um, Athos e Astrid enfileiraram os restos da vida de Vor diante de Holland, instruindo-o repetidas vezes a cortar os pescoços. Ele tentou resistir à ordem todas as vezes. E todas as vezes falhou. Todas as vezes teve de olhar nos olhos deles e ver o ódio, a traição, a angústia da confusão antes de dilacerá-los.

Os corpos foram se empilhando. Athos assistiu. Astrid sorriu.

A mão de Holland se movia, guiada por uma corda de marionete.

E a sua mente gritou até por fim perder a voz.



IV

Lila não conseguia dormir.

A luta continuava girando na sua cabeça, becos escuros e facas afiadas, o coração tão acelerado que ela tinha certeza de que o som acordaria Kell. No meio da noite, ela se levantou do catre, atravessou a pequena cabine com dois passos curtos e se afundou no chão encostada na parede, uma lâmina apoiada no joelho, um conforto leve porém familiar.

Era tarde, ou cedo, aquela hora escura e densa antes dos primeiros raios de luz do dia. Estava frio na cabine, então ela tirou o casaco do gancho na parede e se aninhou nele, enfiando a mão livre no bolso para se aquecer. Os seus dedos roçaram em pedra, prata, prata, e ela pensou nas palavras de Alucard.

Cada um de vocês precisa de um passe para entrar no mercado. Algo de valor.

Ela procurou entre as posses escassas algo precioso o bastante para pagar a sua entrada. Havia a faca que ela roubou de Fletcher, com lâmina serrilhada e soqueira no cabo, e também a que ganhou de Lenos, com o botão escondido que dividia a lâmina em duas. Havia o pedaço de mármore branco, manchado de sangue, que foi parte do rosto de Astrid Dane. E, por último, aquele peso quente e constante no fundo do bolso: o relógio de Barron. A única ligação com o mundo que ela abandonou. A vida que ela abandonou. Lila sabia, com certeza absoluta, que as facas não seriam suficientes. Com isso, restavam a sua chave para a Londres Branca e a sua chave para a Londres Cinza. Ela fechou os olhos, segurando os dois símbolos até a mão doer, sabendo qual deles era inútil e qual compraria a sua entrada.

Na sua mente, viu o rosto de Barron na noite em que voltou ao Stone's Throw, a fumaça do navio em chamas ainda subindo atrás dela. Ouviu a

própria voz oferecendo o relógio roubado como pagamento. Sentiu o peso e o calor das mãos dele ao fecharem os seus próprios dedos em torno do relógio, dizendo que ficasse com ele. Porém, ela deixou o objeto para trás na noite em que seguiu Kell, mais um sinal de gratidão que qualquer outra coisa, o único adeus que conseguiu dizer. Mas o relógio voltou para ela pelas mãos de Holland, manchado com o sangue de Barron.

Era parte do seu passado agora.

E se apegar a ele não o traria de volta.

Lila devolveu os objetos ao casaco e recostou a cabeça na parede da cabine.

Na cama, Kell se mexeu em seu sono.

Lá em cima, o som abafado de alguém andando no convés.

O barulho suave do mar. O balançar do navio.

Os seus olhos estavam quase se fechando quando ela ouviu um arquejo curto e dolorido. Ela se inclinou para a frente, atenta, mas Kell ainda estava dormindo. Ela ouviu o arquejo de novo e se pôs de pé, com a faca em punho enquanto seguia o som através do estreito corredor até a cabine onde mantinham Holland.

Ele estava deitado de barriga para cima no catre, desacorrentado, nem mesmo vigiado, e sonhava. Um pesadelo, ao que parecia. Os dentes estavam cerrados, o peito subia e descia numa respiração estranha e em *staccato*. Todo o corpo dele estremeceu, os dedos agarrando o cobertor fino embaixo dele. A boca se abriu e uma expiração ficou presa na sua garganta. O pesadelo o assolou como um calafrio, mas ele não emitiu som nenhum.

Deitado ali, preso dentro dos seus sonhos, Holland parecia... vulnerável.

Lila ficou parada, observando. E então ela se pegou entrando no quarto.

As tábuas do chão rangeram embaixo dela, e Holland se retesou durante o sono. Lila prendeu a respiração, hesitando por um instante antes de atravessar o espaço estreito, estender a mão e...

Holland pulou para a frente, os dedos se fechando no pulso dela. A dor subiu pelo braço de Lila. Não havia eletricidade nem magia, apenas pele na pele e o ranger dos ossos.

Os olhos dele estavam febris quando encontraram os dela no escuro.

— O que você pensa que está fazendo? — As palavras saíram num silvo, como o vento que passa por uma fresta.

Lila desvencilhou o braço.

— Você estava tendo um pesadelo — retrucou ela, esfregando o pulso.
— Eu ia acordar você.

Os olhos dele logo notaram a faca na sua outra mão. Ela havia esquecido que estava lá. E se forçou a embainhá-la.

Agora que ele estava acordado, o rosto de Holland era uma máscara de calma, o estresse denunciado apenas pelo filete de suor que deslizava pela sua têmpora, traçando lentamente uma linha ao longo das bochechas e da mandíbula. Mas os seus olhos a acompanharam enquanto ela recuava para a porta.

— O quê? — perguntou Lila, cruzando os braços. — Está com medo de que eu tente te matar enquanto dorme?

— Não.

Lila o observou.

— Eu não esqueci o que você fez.

Ao ouvir isso, Holland fechou os olhos.

— Nem eu.

Ela ficou parada sem saber o que dizer, o que fazer, imobilizada pela incapacidade de fazer qualquer um dos dois. Tinha a sensação de que Holland não estava tentando dormir, mas tampouco tentava dispensá-la. Ele estava lhe dando uma chance de atacá-lo, testando a sua resolução de não fazê-lo.

Era tentador e ao mesmo tempo não era, e isso a irritou mais que qualquer coisa. Lila bufou e se virou para ir embora.

— Eu salvei a sua vida — disse ele com voz suave.

Ela hesitou e se virou de volta.

— Uma vez.

Com um leve arquear de sobrancelha e um único movimento no rosto, Holland disse:

— Diga-me, Delilah, quantas vezes serão necessárias?

Ela balançou a cabeça em desgosto.

— O homem na Stone's Throw — falou ela. — Aquele com o relógio, aquele cujo pescoço você cortou. Ele não merecia morrer.

— A maioria das pessoas não merece — comentou Holland calmamente.

— Você em algum momento pensou em poupar a vida dele?

— Não.

— Sequer hesitou antes de matá-lo?

— Não.

— Por que não? — rosnou ela, o ar se agitando com a raiva.

Holland sustentou o seu olhar.

— Porque foi mais fácil.

— Eu não...

— Porque, se parasse, eu pensaria, e, se pensasse, lembraria. E, se eu me lembrasse, eu iria... — Ele engoliu em seco, uma mínima oscilação no pescoço. — Não, eu não hesitei. Cortei o pescoço dele e acrescentei a morte àquelas que contabilizo todos os dias quando acordo. — Os olhos dele se fixaram nela, duros. — Agora me diga, Delilah, com quantas vidas você acabou? Você sabe o número?

Lila fez menção de responder e parou.

A verdade — a enfurecedora, enlouquecedora e doentia verdade — era que ela não sabia.

* * *

Lila voltou intempestivamente para a própria cabine.

Ela queria dormir, queria brigar, queria reprimir o medo e a raiva que subiam pela sua garganta como um grito. Queria erradicar as palavras de Holland, extirpar a memória da faca entre as costelas, sufocar o terrível instante em que a energia imprudente do perigo se transformou em puro medo.

Ela queria esquecer.

Quando entrou, Kell estava se levantando, o casaco numa das mãos.

Queria sentir...

— Aí está você — falou ele, o cabelo despenteado pelo sono. — Estava indo agora mesmo procurar...

Lila o pegou pelos ombros e pressionou a sua boca na dele.

— ... *você*. — terminou Kell, a palavra pouco mais que um sussurro entre os lábios dela.

... isso.

Kell retribuiu o beijo. Intensificou o beijo. A corrente de magia percorreu os lábios dela como uma faísca.

E então os seus braços a envolveram, e, com esse pequeno gesto, ela compreendeu, sentiu essa atração chegar aos ossos; não o pulso elétrico do poder e, sim, algo por baixo dele, aquele peso que ela nunca entendeu. Num mundo onde tudo balançava, oscilava e se desfazia, isso era terra firme.

Seguro.

O coração dela batia forte nas suas costelas, alguma parte primitiva sua dizendo *corra*. E ela estava *correndo*, mas não para longe. Estava cansada de fugir. Então, correu para Kell.

E ele a pegou.

O casaco dele caiu no chão e logo eles estavam ao mesmo tempo andando e tropeçando pelo pequeno cômodo. Eles erraram a cama, mas encontraram a parede — não era tão longe — e, quando as costas de Lila encontraram o casco do navio, a embarcação inteira pareceu balançar sob os pés deles, pressionando o corpo de Kell sobre o dela.

Lila arquejou, menos por causa do peso súbito sobre ela do que por causa da sensação do corpo dele contra o seu, uma perna de Kell entre as suas.

A mão dela escorregou por baixo da camisa dele com toda a graça praticada de uma ladra. Mas, desta vez, ela *queria* que ele sentisse o seu toque, a palma das suas mãos deslizando sobre as costelas dele e pelas costas, a ponta dos dedos se enterrando nas escápulas.

— Lila — murmurou Kell no ouvido dela quando o navio aprumou, então ele balançou para o outro lado e os dois tropeçaram, caindo no catre.

Ela o puxou para baixo junto consigo, e ele se apoiou nos cotovelos, pairando sobre ela. Os cílios de Kell eram fios de cobre em torno do olho preto e do olho azul. Nunca havia notado isso. Lila estendeu a mão e afastou o cabelo do seu rosto. Era macio como uma pluma ao passo que o resto dele era afiado, anguloso. O rosto de Kell roçou na palma da mão dela. Os quadris dele se afundaram nos de Lila. O corpo dos dois se

acendeu um contra o outro, a energia elétrica atravessando a pele de ambos.

— Kell — disse ela, a palavra entre um sussurro e um suspiro.

E então a porta se abriu.

Alucard ficou parado à porta, encharcado, como se tivesse acabado de ser jogado no mar ou o mar tivesse sido jogado sobre ele.

— *Parem de foder com o navio.*

Kell e Lila olharam para ele num silêncio atordoado e então caíram na gargalhada quando a porta se fechou com brusquidão.

Eles caíram de volta no catre, o riso desaparecendo apenas para ressurgir do silêncio com força total. Lila riu de doer, e, mesmo quando pensou que havia terminado, o som saiu em forma de soluços.

— Calma — sussurrou Kell no cabelo dela, e isso quase a incendiou de novo enquanto ela rolava para perto dele na cama estreita, espremendo-se para não cair. Ele abriu espaço, um braço embaixo da cabeça e o outro em volta da cintura de Lila, puxando-a para si.

Ele cheirava a rosas.

Ela lembrou ter pensado isso quando se encontraram pela primeira vez e, mesmo agora, com o mar salgado e a madeira úmida do navio, ela sentia o aroma, o cheiro sutil e fresco de jardim que tinha a magia dele.

— Ensine-me as palavras — sussurrou ela.

— Hum? — perguntou ele, sonolento.

— Os feitiços de sangue. — Ela apoiou a cabeça numa das mãos. — Quero conhecê-los.

Kell suspirou fingindo estar exausto.

— Agora?

— Isso, agora. — Ela rolou e se deitou de costas, os olhos focados no teto de madeira. — O que aconteceu em Rosenal... Não planejo deixar que aconteça de novo. Nunca mais.

Kell ergueu o corpo e se apoiou num cotovelo, pairando sobre ela. Ele olhou para Lila por um longo tempo, estudando-a, e então um sorriso travesso surgiu no seu rosto.

— Está certo — falou ele. — Vou ensinar a você.

Os cílios de cobre se afundaram sobre os olhos de duas cores.

— Existe *As Travars*, para viajar entre os mundos.

Ela revirou os olhos.

— Esse eu conheço.

Ele desceu um pouco, levando os lábios ao ouvido dela.

— E *As Tascen* — continuou, a respiração quente — para se mover dentro de um mundo.

Ela sentiu um arrepio de prazer quando os lábios dele roçaram na sua mandíbula.

— E *As Hasari* — murmurou ele. — Curar.

A sua boca encontrou a dela, roubando um beijo antes de dizer:

— *As Staro*. Selar.

E teria deixado que ele se demorasse ali, mas a boca de Kell continuou descendo.

— *As Pyrata*.

Uma respiração no pescoço dela.

— Queimar.

As mãos dele deslizaram por baixo do tecido da blusa de Lila.

— *As Anasae*.

Uma explosão de calor entre os seus seios.

— Dissipar.

Acima do umbigo de Lila.

— *As Steno*.

Uma das mãos dele desamarrando os cordões das calças dela.

— Quebrar.

Retirando-as.

— *As Orense*.

Os dentes dele roçando o osso do quadril de Lila.

— Abrir...

A boca de Kell parou no meio das pernas dela, e o corpo de Lila se arqueou contra ele, os dedos enrolados nos cachos acobreados dele enquanto o calor a atravessava por completo. Suor brotou na pele dela. Lila queimou por dentro, e a sua respiração ficou ofegante. Uma das mãos estava agarrada no lençol, acima da sua cabeça, enquanto algo como magia surgia dentro dela. Uma maré que subia e subia até que ela não conseguiu mais segurar.

— Kell — gemeu ela quando o beijo dele ficou mais intenso. O seu corpo inteiro estremeceu com o poder e, quando ela por fim se soltou, arrebitou numa onda ao mesmo tempo elétrica e sublime.

Lila desmoronou nos lençóis emitindo algo entre uma risada e um suspiro, a cabine inteira zumbindo no encalço, o lençol chamuscado onde ela o agarrara.

Kell se levantou e se espremeu mais uma vez ao lado dela.

— A lição foi boa o suficiente? — perguntou ele, a própria respiração ainda irregular.

Lila abriu um sorriso largo e depois rolou para cima dele, montando na cintura de Kell. Os olhos dele se arregalaram, o peito arfando debaixo dela.

— Bem — disse ela, posicionando as mãos de Kell acima da cabeça dele —, vamos ver se eu me lembro de tudo.

* * *

Eles deitaram juntos, apertados naquele catre estreito, o braço de Kell em torno dela. O calor do momento se foi, substituído por uma calidez agradável e constante. A camisa dele estava aberta e ela levou a ponta dos dedos até a cicatriz sobre o seu coração, tracejando círculos distraidamente até que os olhos dele se fecharam.

Lila sabia que não ia dormir. Não assim, corpo encostado em corpo na cama.

Ela costumava dormir com as costas viradas para a parede.

Costumava dormir com uma faca no joelho.

Costumava dormir *sozinha*.

Mas logo a embarcação ficou em silêncio, o pequeno patacho balançando gentilmente na correnteza, e a respiração de Kell era calma e uniforme, o pulso dele batendo suavemente contra a pele dela e, pela primeira vez desde que conseguia se lembrar, Lila caiu num sono verdadeiramente tranquilo e profundo.

V

— *Santo* — murmurou Alucard —, está *piorando*.

Ele cuspiu a última leva do café dormido de Ilo no mar. Jasta gritou do timão, as palavras perdidas na brisa, ele limpou a boca com o dorso da mão e ergueu o olhar, percebendo que o Águas Prósperas tomava forma no horizonte.

Primeiro, apenas uma sombra, e então, lentamente, um navio.

Na sua primeira viagem para encontrar a embarcação infame de Maris, ele esperava encontrar algo como o porto de Sassenroche ou o mercado noturno de Londres, só que localizado no mar. *Is Ferase Stras* não era um nem outro. Era de fato um navio, ou melhor, vários, erguendo-se juntos como corais sobre o mar azul cristalino. Quadrados de lona se estendiam aqui e se inclinavam ali, transformando a rede de conveses e mastros em algo que se assemelhava a um ninho de tendas.

A coisa toda parecia instável, um castelo de cartas esperando para cair, balançando e oscilando na brisa do inverno. Tinha o ar desgastado de algo que já existia havia muito tempo, algo que não parava de crescer: não era demolido e reconstruído por capricho ou pelo vento, mas ganhava camadas como se fossem demãos de tinta.

Porém, havia uma estranha elegância naquela loucura, uma ordem naquele caos, tornada mais intensa pelo silêncio que envolvia o navio. Não havia gritos em convés nenhum. Nenhuma sobreposição de vozes ecoando na brisa. Tudo sobre as ondas estava em silêncio, uma propriedade em ruínas se banhando ao sol.

Fazia quase dois anos desde que Alucard tinha visto a embarcação de Maris pela última vez, e a visão ainda o deixava estranhamente impressionado.

Bard apareceu ao lado dele na amurada.

Ela soltou um assobio baixo, os olhos arregalados com a mesma luz faminta.

Um bote já havia sido baixado e estava preparado ao lado do mercado flutuante. Quando o *Ghost* diminuiu a velocidade, Alucard conseguiu distinguir um homem esquelético, a pele castigada pelo sol e pelo mar, sendo escoltado da embarcação de Maris.

— Espere! — dizia ele. — Eu paguei o meu tributo. Deixe-me continuar procurando. Vou encontrar outra coisa!

Mas os homens que o carregavam pareciam alheios aos seus pedidos e protestos enquanto o jogavam pela amurada. Foi uma queda de vários metros antes de aterrissar no convés da sua pequena embarcação, gemendo de dor.

— Um conselho — advertiu Alucard, com voz despreocupada. — Quando Maris disser para sair, você sai.

— Não se preocupe — disse Bard. — Vou me comportar.

Não era uma noção reconfortante. Até onde ele sabia, ela só tinha um tipo de comportamento, e em geral terminava com vários mortos.

Nas mãos de Jasta, o *Ghost* diminuiu a velocidade, parando ao lado do *Ferese Stras*. Uma prancha foi colocada entre o *Ghost* e a beirada do mercado flutuante, que levava a uma plataforma coberta com uma porta simples de madeira. Eles cruzaram a prancha, um de cada vez, Jasta na frente, depois Lila e Kell, com Alucard na retaguarda. Depois de uma hora de discordância, tinham tomado a decisão de deixar Holland para trás com Hastra e Lenos.

O *Antari* que sobrou voltou a ser algemado, mas algum acordo silencioso deve ter sido acertado entre Holland e Kell, porque ele tinha conquistado a liberdade de se mover a bordo do navio. Alucard havia entrado na cozinha naquela manhã e visto o mago sentado à mesa estreita, segurando uma xícara de *chá*. Agora Holland estava no convés, encostado no mastro à sombra da vela principal, os braços cruzados no limite que as suas correntes permitiam, a cabeça inclinada para o céu.

— Devemos bater à porta? — perguntou Lila, sorrindo para Alucard. Porém, antes que ela pudesse estender a mão e bater com o punho na porta, esta se abriu e um homem vestindo roupas brancas deu um passo à frente. Isso, mais que tudo, tornou a cena surreal. A vida no mar era uma pintura feita basicamente em tons suaves: o sol e o sal desbotavam as cores, o suor

e a sujeira tornavam cinza qualquer branco. No entanto, o homem estava de pé, no meio das brumas do mar e da luz do meio da manhã, impecável nas calças e na túnica cor de leite, ambas imaculadas.

Na cabeça, usava algo que ficava entre um lenço e um elmo. Estava enrolado na cabeça e caía sobre a testa e as maçãs do rosto altas. O espaço entre eles deixava os olhos à mostra. Estes eram de um tom muito claro de castanho, emoldurados por longos cílios pretos. Ele era adorável. Sempre foi adorável.

Ao ver Alucard, a figura inclinou a cabeça.

— Não acabei de me livrar de você?

— É bom ver você também, Katros — saudou Alucard alegremente.

O olhar do homem passou por Alucard e parou nos demais, demorando um instante em cada um antes de estender a mão bronzeada.

— Os seus passes.

Eles os entregaram: Jasta, uma pequena esfera de metal cheia de buracos que assobiavam e sussurravam; Kell, uma moeda da Londres Cinza; Lila, um relógio de prata; e Alucard, o frasco de sonhos que ele pegou em Rosenal. Katros desapareceu atrás da porta e os quatro ficaram em silêncio na plataforma por longos minutos antes que ele voltasse para deixá-los entrar.

Kell foi o primeiro a passar pela porta, desaparecendo no espaço de sombras à frente, seguido por Bard com os seus passos rápidos e silenciosos e depois por Jasta. Porém, quando a capitã do *Ghost* começou a avançar, Katros bloqueou o seu caminho.

— Não desta vez, Jasta — disse ele, a voz sem emoção.

A mulher franziu o cenho.

— Por que não?

Katros deu de ombros.

— Maris escolhe.

— A minha oferta foi boa.

— Talvez — foi tudo o que ele disse.

Jasta deixou escapar um som que pode ter sido um xingamento ou apenas um grunhido, baixo demais para Alucard entender. Eles eram mais ou menos do mesmo tamanho, ela e Katros, mesmo contando o elmo, e Alucard se perguntou o que aconteceria se ela tentasse forçar a entrada.

Duvidava que terminaria bem para qualquer um dos dois, então ficou aliviado quando ela ergueu as mãos em rendição e voltou para o *Ghost*.

Katros se virou para ele, um sorriso de esguelha encravado como uma flecha nos lábios.

— Alucard — falou ele, avaliando o capitão com aqueles olhos claros, e então disse por fim: —, entre.

VI

Kell entrou na sala e parou.

Ele esperava um espaço contraditório, um interior tão estranho e misterioso quanto a fachada do navio.

Em vez disso, encontrou um cômodo com aproximadamente o mesmo tamanho da cabine de Alucard a bordo do *Night Spire*, embora muito mais entulhado. Armários cheios de bugigangas, caixas lotadas de livros, baús enormes que cobriam todas as paredes, alguns trancados e outros abertos (um deles balançava como se dentro houvesse algo vivo que quisesse sair). Não havia janelas e, com tanta bagunça, Kell imaginava que a sala teria cheiro de mofo e coisas comidas por traças. No entanto, ficou surpreso ao encontrar ar fresco e limpo; o único aroma era sutil mas agradável, como papel velho.

Havia uma mesa larga no centro da sala com um grande cão branco — que mais parecia uma pilha de livros enfiados embaixo de um tapete felpudo do que um cachorro — roncando suavemente debaixo dela.

E ali, atrás da mesa, estava Maris.

O rei do mercado flutuante, que descobriram ser uma *rainha*.

Maris era velha, mais velha que qualquer pessoa que Kell já tinha visto, a pele escura até mesmo para os padrões arnesianos, com centenas de linhas formando rachaduras na superfície feito casca de árvore. Porém, assim como a sentinela na porta, as suas roupas (uma túnica branca com um laço amarrado no pescoço) não tinham sequer um único vinco. Os longos cabelos prateados estavam puxados para trás do rosto envelhecido e se derramavam por entre os seus ombros como uma folha de metal estreita. Ela usava prata nas orelhas e nas mãos, e uma delas segurava os passes da tripulação do *Ghost* enquanto a outra tinha os dedos ossudos curvados ao redor de uma bengala prateada.

E, do pescoço, junto de outras três ou quatro correntes de prata, pendia o Herdeiro. Era do tamanho de um pequeno rolo de pergaminho, exatamente como Tieren disse. Mas não exatamente um cilindro, e sim um objeto de seis ou oito lados, Kell não conseguia ver de onde estava, todos curtos, planos e formando cada um deles uma coluna. Cada faceta primorosamente modelada e com a base afilada na forma de um fuso.

Quando já estavam todos ali, exceto Jasta, que aparentemente tinha sido mandada de volta, Maris pigarreou.

— Um relógio de bolso. Uma moeda. E um frasco de açúcar. — A voz dela não continha nenhum traço da fragilidade da idade, era profunda, baixa e desdenhosa. — Devo admitir que estou desapontada. — Ela ergueu o olhar, revelando olhos cor de areia. — O relógio nem sequer é encantado, embora suponha que isso seja metade do charme. E isso é sangue? Bem, para você essa é a outra metade do charme. Embora eu goste de um objeto com história. Quanto à moeda, sei que não é daqui, mas está um pouco desgastada, não é? E quanto ao frasco de sonhos, capitão Emery, pelo menos você se lembrou, o que é desnecessário pois veio com dois anos de atraso. Mas devo dizer que esperava mais de dois magos *Antari* e do vencedor do *Essen Tasch*. Sim, eu já sei, as notícias voam. Alucard, suponho que lhe deva parabéns, embora duvide que tenha tido muito tempo para comemorar com as sombras pairando sobre Londres.

Tudo isso foi dito sem a menor pausa, ou, até onde Kell podia ver, a necessidade de respirar. Mas não foi isso o que mais o irritou.

— Como você sabe do estado de Londres?

A atenção de Maris se voltou para ele, e ela começou a responder, mas então estreitou os olhos.

— Ah — disse ela —, parece que você encontrou o meu velho casaco. — As mãos de Kell se ergueram defensivamente para o colarinho, mas Maris acenou com a mão, desfazendo-se do objeto. — Se eu o quisesse de volta, não o teria perdido. Essa coisa tem vontade própria, acho que o feitiço deve estar se desgastando. Ainda engole moedas e cospe fiapos? Não? Ele deve gostar de você.

Kell não disse uma palavra sequer, já que Maris parecia mais que satisfeita em continuar as suas conversas sem interlocutor. Ele se perguntou se a velha era um pouco estúpida, mas os seus olhos pálidos se

moviam de alvo em alvo com toda a velocidade e precisão de uma faca bem arremessada.

Agora a atenção dela se fixava em Lila.

— Você não é mesmo uma peça? — disse Maris. — Mas aposto que é preciso o diabo para mantê-la. Alguém já te disse que tem algo errado com o seu olho? — A mão dela se inclinou, deixando os passes caírem descuidadamente sobre a mesa. — O relógio deve ser seu, querida viajante. Tem cheiro de cinzas e sangue em vez de flores.

— É a coisa mais preciosa que possuo — falou Lila por entre os dentes cerrados.

— *Possuía* — corrigiu Maris. — Ah, não me olhe assim, querida. *Você* abriu mão dele. — Os dedos dela apertaram a bengala, provocando um estalo de ligamentos e ossos. — Vocês devem querer algo especial. O que traz um príncipe, um nobre e uma estranha ao meu mercado? Vieram com um prêmio em particular em mente ou estão aqui para dar uma olhada?

— Só queremos ... — começou Kell, mas Alucard deu uma batida no ombro dele com a mão.

— Ajudar a nossa cidade — disse o capitão.

Kell lhe lançou um olhar confuso, mas teve o bom senso de ficar calado.

— Você está certa, Maris — continuou Alucard. — Uma sombra caiu sobre Londres e nada do que possuímos é capaz de detê-la.

A velha tamborilou com as unhas na mesa.

— E eu que pensava que Londres não quisesse mais saber de *você*, mestre Emery.

Alucard engoliu em seco.

— Talvez — disse ele, lançando um olhar sombrio para Kell. — Mas eu ainda me importo com ela.

A atenção de Lila ainda estava voltada para Maris.

— Quais são as regras?

— Isso é um mercado clandestino — declarou ela. — Não há regras.

— Isso é um navio — retrucou Lila. — E todo navio tem regras. A capitã as decreta. A menos, é claro, que você *não* seja a capitã desse navio.

Maris arreganhou os dentes.

— Eu sou capitã e tripulação, comerciante e lei. Todos a bordo trabalham para mim.

— Eles são da sua família, não são? — perguntou Lila.

— Pare de falar, Bard — advertiu Alucard.

— Os dois homens que jogaram o outro ao mar, eles se parecem com você. E o que vigia a porta, Katros, não é? Ele tem os seus olhos.

— Muito observadora — falou Maris — para uma garota com apenas um olho de verdade. — A mulher se levantou e Kell esperou ouvir o rangido e o estalo de velhos ossos se assentando. Em vez disso, ouviu apenas uma expiração suave, o farfalhar de pano enquanto se ajustava. — As regras são bastante simples: o seu passe permite que você tenha acesso a esse mercado e ele só compra isso e mais nada. Tudo a bordo tem um preço, independentemente de você optar por pagá-lo ou não.

— E presumo que só podemos escolher uma coisa — disse Lila.

Kell se lembrou do homem jogado ao mar, do jeito que ele gritou por outra chance.

— Sabe, senhorita Bard, é possível ser afiada o suficiente para cortar a si mesma.

Lila sorriu, como se isso fosse um elogio.

— Por fim — continuou Maris com um olhar penetrante na direção dela —, o mercado tem cinco tipos de feitiços de proteção contra atos de magia e roubo. Encorajo vocês a não tentar colocar no bolso algo que não seja seu. Não vai acabar bem.

Com isso, Maris se sentou novamente, abriu um livro de registros e começou a escrever.

Eles ficaram ali parados, esperando que ela dissesse mais, ou que os dispensasse, mas depois de muito tempo de desconforto durante o qual os únicos sons eram o chacoalhar de um baú, o chapinhar do mar e o arranhar da sua pena, os dedos ossudos de Maris apontaram para uma segunda porta que ficava entre duas pilhas de caixas.

— Por que vocês ainda estão aqui? — perguntou ela sem erguer o olhar, e essa foi toda a despedida que receberam.

* * *

— Por que estamos sequer nos dando ao trabalho de percorrer o navio? — perguntou Kell assim que passaram pela porta. — Maris tem a única

coisa de que precisamos.

— E essa é a última coisa que você vai *dizer* a ela — retrucou Alucard.

— Quanto mais você quer algo de alguém — acrescentou Lila —, menos a pessoa vai querer abrir mão. Se Maris descobrir do que realmente *precisamos*, vamos perder qualquer poder de barganha. — Kell cruzou os braços e fez menção de retrucar, mas ela continuou: — Nós somos três e há apenas um Herdeiro, o que significa que vocês dois precisam encontrar outra coisa para comprar. — Antes que um deles pudesse protestar, ela os interrompeu. — Alucard, você não pode pedir o Herdeiro de volta, pois foi você quem o deu a ela. E, Kell, sem querer ofender, você tende a deixar as pessoas com raiva.

Kell franziu o cenho.

— Não vejo como isso...

— Maris é uma *ladra* — falou Lila — e das boas, pela aparência do navio. Então, ela e eu temos algo em comum. Deixe o Herdeiro comigo.

— E o que *nós* devemos fazer? — perguntou Kell, apontando para si mesmo e para o capitão.

Alucard gesticulou, mostrando todo o mercado, a safira cintilando acima do olho.

— Compras.

VII

Holland ainda odiava estar no mar — odiava o movimento de subir e descer do navio, a sensação constante de desequilíbrio —, mas se movimentar ajudava um pouco. As algemas ainda exerciam uma pressão seca e opressora, porém o ar no convés era limpo e fresco e, se fechasse os olhos, quase conseguia imaginar que estava em outro lugar. Embora não soubesse de fato que outro lugar seria esse.

O seu estômago doía, ainda vazio por causa das primeiras horas a bordo, e ele relutantemente retornou ao porão.

O velho, Ilo, estava no balcão estreito da cozinha, lavando batatas e cantarolando consigo mesmo. Ele não parou quando Holland entrou, nem mesmo baixou o volume da cantoria, apenas continuou como se não soubesse que o mago estava ali.

Havia uma tigela de maçãs no centro da mesa, e Holland estendeu a mão, as correntes arranhando a madeira. Ainda assim, o cozinheiro não se mexeu. Então o gesto foi intencional, pensou Holland, virando-se para ir embora.

Mas o caminho estava bloqueado.

Jasta estava na soleira da porta, meia cabeça mais alta que Holland, os olhos escuros voltados para ele. Não havia gentileza naquele olhar e nenhum sinal de que os outros estivessem com ela.

Holland franziu a testa.

— Isso foi rápido...

Ele parou de falar ao ver a lâmina na mão de Jasta. Um pulso algemado se apoiou na mesa, a maçã na outra mão, um pequeno pedaço de corrente entre os dois. Ele perdera a lasca que mantinha entre o metal e a pele, mas havia uma faca no balcão mais próximo, com o cabo ao seu alcance. Ele não se moveu em direção à faca, ainda não.

Era um cômodo estreito e Ilo continuava lavando e cantarolando como se não houvesse nada errado, ignorando intencionalmente a crescente tensão.

Jasta segurava a lâmina displicentemente, com um conforto que espantou Holland.

— Capitã — disse ele com cautela.

Jasta olhou para a faca.

— O meu irmão está morto — falou ela lentamente — por sua causa. Metade da minha tripulação morreu por sua causa.

Ela deu um passo para perto dele.

— A minha cidade está em perigo por sua causa.

Ele se manteve firme. Ela estava perto agora. Perto o suficiente para usar a lâmina antes que ele pudesse detê-la sem que as coisas ficassem feias.

— Talvez dois *Antari* sejam suficientes — disse ela, levando a ponta da faca até a gola do casaco de Holland. Jasta sustentou o olhar dele enquanto pressionava a faca, testando, a ponta afundando apenas o suficiente para derramar um pouco de sangue antes que uma nova voz ecoasse pelo corredor. Hastra. Seguido por Lenos. Os passos soando rápidos na escada. — Talvez — repetiu, recuando —, mas não estou disposta a arriscar.

Ela se virou e saiu intempestivamente. Holland se jogou no balcão, limpando o sangue da sua pele, quando Hastra e Lenos apareceram e Ilo começou a cantar outra canção.





DEZ

SANGUE E VÍNCULOS



Londres Cinza

Ned Tuttle acordou com o som de alguém batendo à porta.

Era fim da manhã e ele havia adormecido numa mesa da taverna, as ranhuras do pentagrama entalhado na mesa agora marcadas como vincos de lençol na lateral do seu rosto.

Ele se sentou, perdido por um instante entre onde estava e onde estivera.

Os sonhos estavam ficando mais estranhos.

Todas as vezes ele se via num lugar diferente — numa ponte sobre um rio preto, olhando para um palácio de mármore, carmesim e ouro — e em todas as vezes ele estava perdido.

Tinha lido sobre homens que podiam andar pelos sonhos. Eles eram capazes de se projetar em outros lugares, em outros tempos. Porém, quando andavam, eram capazes de falar com as pessoas, aprender coisas, e sempre saíam de lá mais sábios. Quando *Ned* sonhava, apenas se sentia cada vez mais sozinho.

Ele se movia como um fantasma através de multidões de homens e mulheres que falavam línguas que ele nunca ouviu, pessoas cujos olhos nadavam com sombras e cujas bordas ardiam com luz. Às vezes, elas pareciam não vê-lo, mas outras vezes elas o viam e isso era pior, porque então tentavam alcançá-lo, agarrá-lo, e, por causa disso, Ned precisava correr e, toda vez que corria, ele acabava perdido.

E então ele ouvia aquela voz peculiar; os murmúrios e os sussurros, baixos, suaves e firmes como água sobre rochas, as palavras abafadas por algum véu invisível entre eles. Uma voz que tentava alcançá-lo

exatamente como aquelas mãos de sombras, envolvendo o seu pescoço com os dedos.

As têmperas de Ned martelavam no ritmo das batidas à porta, quando ele pegou o cálice sobre a mesa que tão recentemente lhe serviu de cama. Ao perceber que estava vazio, ele praguejou e pegou a garrafa acomodada um pouco longe dos seus dedos, bebendo no gargalo de um jeito que lhe faria ser repreendido se ainda estivesse em casa. A mesa em si estava cheia de pergaminhos e tinta, além do conjunto de elementos que ele comprou do cavaleiro que comprou de Kell. Este último item balançava esporadicamente, como se estivesse possuído (e *estava*: os pedaços de osso, pedra e gotas de água tentavam sair dali). Ned pensou, atordoado, que aquilo podia ter sido a fonte das batidas, mas, quando apoiou a mão firmemente na caixa, o som ainda ecoava, vindo da porta.

— Já estou indo — gritou ele com voz rouca, parando por um instante para acalmar a cabeça que latejava. Mas, quando se levantou e se virou para a porta da taverna, ficou boquiaberto.

A porta estava batendo sozinha, balançando para a frente e para trás no batente, lutando contra o ferrolho. Ned se perguntou se estava ventando forte lá fora, mas, quando abriu as venezianas, a placa da taverna permanecia imóvel como uma estátua sob as primeiras luzes da manhã.

Um arrepio percorreu o seu corpo. Ele sempre soube que esse lugar era especial. Ouviu rumores de outros clientes quando era um deles, e agora eles se inclinavam para a frente nas suas banquetas e perguntavam a *ele*, como se soubesse mais que eles.

— É verdade... — começavam, e depois prosseguiam com uma dúzia de perguntas diferentes.

— Que esse lugar é assombrado?

— Que ele foi construído sobre uma Linha de Ley?

— Que ele fica em dois mundos?

— Que ele não pertence a nenhum dos dois?

É verdade?, é verdade?, e Ned só sabia que, o que quer que fosse, atraiu-o para si e agora estava atraindo algo mais.

A porta continuou com as suas batidas fantasmagóricas enquanto Ned subia a escada e entrava no quarto, vasculhando as gavetas até encontrar o maior feixe de sálvia e o seu livro de feitiços favorito.

Ele estava no meio da escada outra vez quando o barulho parou.

Ned voltou para a taverna, fazendo o sinal da cruz por precaução, e colocou o livro sobre a mesa, folheando as páginas até encontrar um encanto para banir forças negativas.

Ele foi até a lareira, alimentou as últimas brasas do fogo que tinha ficado aceso à noite e o tocou com a ponta do feixe de sálvia até que ele ficou em brasas.

— Eu expulso a escuridão — entoou ele, varrendo o ar com a sálvia. — Não é bem-vinda — continuou, benzendo portas e janelas. — Vão embora, espíritos perversos, demônios e fantasmas, pois este é um lugar de...

Ele parou de falar quando a fumaça da sálvia espiralou no ar ao seu redor e começou a criar *formas*. Primeiro bocas e depois olhos, rostos saídos de pesadelo que se desenhavam nas plumas de fumaça pálida ao redor dele.

Isso não deveria acontecer.

Ned procurou desajeitadamente um pedaço de giz e se pôs de joelhos, desenhando um pentagrama no chão da taverna. Ele entrou na figura, desejando ter um pouco de sal também, mas sem coragem de se aventurar atrás do bar, pois à sua volta os rostos grotescos cresciam, desfaziam-se e cresciam novamente, as bocas escancaradas, como se estivessem rindo ou gritando. Porém, o único som emitido foi *aquela voz*.

A mesma dos seus sonhos.

Estava perto e longe, o tipo de voz que parecia vir de outro cômodo e de outro mundo ao mesmo tempo.

— O que é você? — perguntou Ned com voz trêmula.

— *Eu sou um deus* — respondeu a voz. — *Eu sou um rei*.

— O que você quer? — insistiu ele, porque todos sabiam que espíritos tinham de dizer a verdade. Ou isso só valia para os fae? Cristo...

— *Eu sou justo* — falou a voz. — *Eu sou misericordioso...*

— Qual é o seu nome?

— *Venere-me e faremos coisas grandiosas...*

— Responda.

— *Eu sou um deus... Eu sou um rei...*

Foi quando Ned percebeu que, o que quer que fosse, *onde* quer que estivesse, a voz não falava com *ele*. Estava recitando as suas falas, repetindo as palavras como se fosse um feitiço. Ou uma invocação.

Ned começou a sair do pentagrama, o pé escorregando em algo liso. Ao olhar para baixo, viu uma pequena mancha preta no chão de madeira, do tamanho de uma moeda grande. Primeiro, ele pensou que tinha deixado de limpar algo que fora derramado, restos da bebida de alguém agora congelados no frio recente. Mas a sala não estava muito fria, e, quando Ned tocou a estranha mancha escura, não era isso. Ele bateu uma vez com a unha e o barulho soou quase como de vidro, e então, diante dos seus olhos, a mancha começou a se *espalhar*.

As batidas recomeçaram, mas desta vez uma voz muito humana gritou do outro lado:

— Ei, Tuttle! Abra!

Ned olhou da porta para os rostos de fumaça que ainda pairavam no ar, para a mancha de escuridão no chão e gritou:

— Estamos fechados!

As palavras foram recebidas por um xingamento resmungado e pelo arrastar de botas. Assim que o homem foi embora, Ned se levantou, apoiando uma cadeira na porta trancada por precaução antes de voltar para o livro aberto e começar a procurar um feitiço mais potente.

II

Não importava que Alucard já tivesse ido ao mercado antes. E não importava que ele tivesse uma bússola na cabeça, fruto de anos no mar, e aptidão para aprender caminhos. Em poucos minutos, Alucard Emery estava perdido. O mercado flutuante era um labirinto de escadas, cabines e corredores, todos sem pessoas e repletos de tesouros.

Não havia comerciantes aqui, anunciando as suas mercadorias aos gritos. Esta era uma coleção particular, a exibição de um tesouro de pirata. Apenas os objetos mais raros, estranhos e proibidos do mundo chegavam ao navio de Maris.

Era espantoso que nada se perdesse ou fosse furtado ali, embora Alucard tivesse ouvido que não foi por falta de tentativas. Maris tinha uma reputação aterrorizante, mas uma reputação só ia até certo ponto e, inevitavelmente, embriagado tanto pelo poder quanto por vinho barato, um ladrão ainda tentaria roubar a rainha do *Ferace Stras*.

Como ela avisou, isso nunca terminava bem.

A maioria das histórias envolvia perda de membros, embora alguns dos casos mais estranhos envolvessem tripulações inteiras espalhadas por terra e mar em pedaços tão pequenos que ninguém jamais encontrou mais que um polegar, um calcanhar.

Fazia sentido. Quando se tem uma fortuna em magia das trevas à sua disposição, há muitas maneiras de mantê-la em segurança. O mercado não era simplesmente protegido contra dedos leves. Era protegido, sabia ele, contra *intenções*. Não se podia desembainhar uma faca. Não era possível alcançar algo que não se pretendia comprar. Em certos dias, quando os feitiços de proteção estavam mais caprichosos, sequer era possível pensar em roubar.

Ao contrário da maioria dos magos, Alucard gostava dos feitiços de proteção de Maris, do modo como eles silenciavam tudo. Sem o ruído de outras magias, os tesouros brilhavam e os seus olhos podiam captar os fios de poder presos a cada artefato, as assinaturas dos magos que os encantaram. Num lugar sem comerciantes para dizer a ele o que um objeto *fazia*, a sua visão vinha a calhar. Um feitiço era, afinal, uma espécie de tapeçaria tecida com os fios da própria magia.

Mas isso não o impediu de se perder.

No fim das contas, Alucard levou meia hora para encontrar o quarto de espelhos.

Ele ficou lá parado, cercado por artefatos de todos os formatos e tamanhos — alguns feitos de vidro, outros de pedra polida, outros que refletiam o seu próprio rosto e outros que lhe mostravam outras épocas, outros lugares e outras pessoas. Examinou os feitiços até encontrar o caminho certo.

Era um objeto bonito, oval com borda de ônix e duas alças, como uma bandeja de servir. Não era um espelho comum, nem de longe, mas também não era estritamente proibido. Apenas muito raro. A maior parte das magias refletivas mostrava o que estava na mente, mas a mente é capaz de inventar praticamente qualquer coisa, então um refletor podia ser enganado e mostrar uma fábula em vez de a verdade.

Lançar-se ao passado, refletindo as coisas não como eram lembradas, ou reescritas, mas como *foram*, como de fato aconteceram, era um tipo muito especial de magia.

Ele recolocou o espelho no estojo, um compartimento que parecia uma bainha, porém feito de ônix delicadamente entalhado, e foi encarar Maris.

Estava retornando para os aposentos da capitã quando os seus olhos se prenderam nos fios familiares da magia *Antari*. A princípio, pensou que estava simplesmente vendo Kell, cuja iridescência sempre se arrastava atrás dele como um casaco. Porém, quando dobrou a esquina, o mago não estava em lugar nenhum. Em vez disso, os fios de magia se derramavam de uma mesa onde se enrolavam em torno de um anel.

Era antigo, o metal fosco com a idade, e largo, do comprimento de uma falange. Estava numa mesa com centenas de outros, cada um numa caixa aberta; mas, se o restante era entremeado com fios azuis e verdes,

dourados e vermelhos, este estava entrelaçado com fios daquela cor instável, como óleo e água, que distinguia um *Antari*.

Alucard pegou o anel e foi encontrar Kell.

III

Apesar da abundância de magia natural e de anos de estudos rigorosos ao lado do *Aven Essen*, Kell não sabia tudo o que havia para saber sobre feitiços. Ele *sabia* disso, mas ainda assim era desconcertante estar cercado por tantas *evidências* que corroboravam o fato. No mercado de Maris, Kell sequer *identificava* metade dos objetos, muito menos os encantamentos entrelaçados neles. Quando a magia era escrita na superfície de um objeto, ele normalmente conseguia entender, mas a maioria dos talismãs nada tinha além de um desenho ou um enfeite. De vez em quando, ele *sentia* a intenção, não com um propósito específico, mas num sentido geral, e isso era tudo.

Ele sabia que o *Ferese Stras* era um lugar para onde a maioria das pessoas ia com um objeto em mente, um objetivo, e, quanto mais se vagava sem um propósito, mais se começava a se sentir perdido.

E provavelmente foi por isso que ele achou o quarto das facas tão reconfortante. Era o tipo de lugar para onde Lila gravitaria; a menor não tinha mais que o comprimento da palma da sua mão e a maior ultrapassava a envergadura dos seus braços.

Ele sabia que Maris não lidava com armas comuns, mas, ao estreitar os olhos para enxergar melhor os feitiços esculpidos à mão nos cabos e nas lâminas — cada mago tinha o seu próprio dialeto —, ele ainda ficou surpreso com a variedade.

Espadas para abrir feridas que não se curariam.

Facas para sangrar a verdade em vez de sangue.

Armas que canalizavam poder, ou o roubavam, ou matavam com um único golpe, ou ainda...

Um assobio baixo soou atrás dele quando Alucard apareceu na entrada do cômodo.

— Escolhendo um presente? — perguntou o capitão.

— Não.

— Ótimo. Então pegue isso.

Ele deixou cair um anel na mão de Kell.

Kell franziu a testa.

— Estou lisonjeado, mas acho que você está pedindo o irmão errado em casamento.

Um som exasperado escapou da garganta do homem.

— Eu não sei o que *faz*, mas é... como você. E eu não quero dizer pomposo e irritante. A magia que envolve esse anel... ela é *Antari*.

Kell se empertigou.

— Tem certeza? — Ele semicerrou os olhos, examinando o aro. Não trazia selos, nenhum feitiço óbvio, mas o metal zumbia bem fraco na sua pele, ressoando. De perto, a prata tinha sulcos, não em padrões mas em anéis. Hesitante, Kell o colocou no dedo. Nada aconteceu. Não que qualquer coisa fosse acontecer, é claro, uma vez que o navio era protegido. Ele deixou o anel escorregar de volta para a palma da mão. — Se você o quer, compre você — disse, entregando-o a Alucard. Mas o capitão se esquivou.

— Não posso — falou ele. — Há outra coisa de que preciso.

— Do que você poderia precisar?

Alucard desviou propositalmente o olhar.

— O tempo está passando, Kell. Apenas pegue o anel.

Kell suspirou e ergueu o anel outra vez, segurando-o entre as mãos e o revirando lentamente em busca de marcas ou pistas. E então aconteceu a coisa mais estranha. Ele o puxou gentilmente, e parte do anel *caiu* na sua mão.

— Perfeito — disse Alucard, olhando ao redor. — Agora você o quebrou.

Mas Kell não achava que o tivesse quebrado. Em vez de segurar dois pedaços quebrados de um anel, ele agora segurava dois *anéis*: o original, de alguma forma intacto, como se não tivesse dado metade de si mesmo para fazer o segundo, e este, que era uma réplica exata do irmão. Os dois reverberaram nas mãos dele, cantando na sua pele. O que quer que eles fossem, eram fortes.

E Kell sabia que precisariam de cada gota de força que pudessem reunir.

— Vamos lá — chamou ele, enfiando os dois anéis no bolso. — Vamos ver Maris.

* * *

Eles encontraram Lila postada ali, ainda esperando do lado de fora da porta de Maris. Kell percebeu que foi preciso uma grande dose de autocontrole para que ela ficasse ali, esperando, quando havia tantos tesouros espalhados pelo navio. Ela estava inquieta, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco.

— Então? — perguntou Alucard. — Você pegou?

Ela balançou a cabeça.

— Ainda não.

— Por que não?

— Estou guardando o melhor para o final.

— Lila — repreendeu Kell —, temos apenas uma chance...

— Eu sei — disse ela, empertigando-se. — Então acho que você vai ter de confiar em mim.

Kell mudou o pé de apoio. Ele queria confiar nela. *Não* confiava, mas queria. Por enquanto, isso teria de ser suficiente.

Por fim, ela abriu um leve e afiado sorriso.

— Ei, quer fazer uma aposta?

— Não — responderam Kell e Alucard ao mesmo tempo.

Lila deu de ombros, mas, quando ele segurou a porta para ela, ela não o seguiu.

— Confie em mim — repetiu ela, apoiando-se na amurada como se não tivesse outro lugar para ir. Alucard pigarreou, Maris estava esperando, e finalmente Kell não teve escolha a não ser deixar Lila ali, olhando avidamente para o mercado.

Lá dentro, Maris estava sentada à sua mesa, folheando o livro de registros. Eles ficaram ali, em silêncio, esperando que olhasse para eles. Ela não olhou.

— Vá em frente — disse ela, virando a página.

Alucard foi o primeiro. Ele avançou um passo e mostrou, dentre todas as coisas, um *espelho*.

— Você deve estar brincando — rosnou Kell, mas Maris se limitou a sorrir.

— Capitão Emery, você sempre teve aptidão para encontrar coisas raras e preciosas.

— Como você acha que a encontrei?

— Lisonjas não servem como pagamento aqui.

A safira acima do olho de Alucard cintilou.

— E, no entanto, assim como dinheiro, nunca é demais.

— Ah — retrucou ela —, mas, assim como dinheiro, eu também não tenho interesse nelas.

Ela largou o livro e estendeu a mão sobre a mesa, os dedos indo para uma grande esfera num aparador ao lado da mesa. A princípio, Kell achou que o objeto era um globo terrestre, a superfície desgastada e amassada contendo impressões que poderiam ter sido terra e mar. Mas agora ele via que era algo completamente diferente.

— Cinco anos — disse ela.

Alucard soltou um leve e audível suspiro, como se tivesse levado um soco nas costelas.

— Dois.

Maris juntou a ponta dos dedos.

— Eu pareço o tipo de pessoa que barganha?

O capitão engoliu em seco.

— Não, Maris.

— Você é jovem o suficiente para arcar com o custo.

— Quatro.

— Alucard — advertiu ela.

— Muito pode ser feito com um ano — replicou ele. — E eu já perdi três.

Ela suspirou.

— Muito bem. Quatro.

Kell ainda não havia compreendido, não até Alucard colocar o espelho na beirada da mesa e ir até a esfera. Não até ele colocar as mãos nos sulcos de ambos os lados enquanto o mostrador girava, passando de zero para quatro.

— Chegamos a um acordo? — perguntou ela.

— Sim — respondeu Alucard, meneando a cabeça.

Maris estendeu a mão e puxou uma alavanca no suporte da esfera, e Kell observou com horror quando um tremor sacudiu o corpo do capitão, os ombros encolhidos contra a pressão. E então estava feito. O aparelho o soltou, ou ele o fez, e o capitão pegou a sua recompensa e recuou, embalando o espelho no peito.

O seu rosto havia se alterado ligeiramente; as cavidades nas suas bochechas se aprofundaram e rugas muito sutis apareceram no canto dos olhos. Ele envelheceu um pouco.

Quatro *anos*.

A atenção de Kell se voltou subitamente para a esfera. Era, como o Herdeiro pendurado no pescoço de Maris, como muitas coisas aqui, um tipo proibido de magia. Transferia poder, transferia *vida*. Aquelas coisas contradiziam a natureza, elas...

— E você, príncipe? — perguntou Maris, os olhos pálidos dançando no seu rosto escuro.

Kell desviou o olhar da esfera e tirou os anéis do bolso do casaco, mas apenas um saiu, e não dois. Ele congelou, com medo de ter deixado o segundo cair, ou, pior, de que o casaco o tivesse engolido como às vezes fazia com moedas, mas Maris não pareceu preocupada.

— Ah — exclamou ela enquanto ele colocava o objeto sobre a mesa —, anéis de vinculação *Antari*. Alucard, o seu pequeno *talento* às vezes é bastante inconveniente!

— Como eles funcionam? — perguntou Kell.

— Eu pareço um manual de instruções? — Ela se recostou na cadeira. — Eles estão parados no meu mercado há muito tempo. Coisas cheias de caprichos, elas requerem certo jeito, e se pode dizer que esse jeito está quase extinto, embora, entre o meu barco e o seu, você tenha conseguido reunir uma bela coleção. — Kell sentiu o choque passar por ele. Começou a falar, mas ela acenou com a mão, interrompendo-o. — O terceiro *Antari* nada significa para mim. Os meus interesses estão limitados a este navio. Mas, quanto à sua compra — ela ergueu os dedos —, três.

Três anos.

Poderia ter sido mais.

Mas poderia ter sido menos.

— A minha vida não é apenas minha — retrucou ele, lentamente.

Maris ergueu uma sobrancelha, o leve gesto fazendo com que rugas se multiplicassem como rachaduras no rosto dela.

— Esse problema é seu, não meu.

Alucard ficou em silêncio atrás dele, os olhos abertos porém vazios, como se a sua mente estivesse em outro lugar.

— De que servem para você — pressionou Kell — se ninguém mais pode usá-los?

— Ah, mas *você* pode usá-los — retrucou ela —, e aí reside o valor.

— Se eu recusar, nós dois acabaremos de mãos vazias. Como você disse, Maris, eu sou uma raça à beira da extinção.

A mulher o analisou por cima da ponta dos dedos.

— Hum. Dois por apresentar um argumento válido — falou ela — e um por me incomodar. O custo fica em três, Kell Maresh. — Ele começou a recuar quando ela acrescentou: — Seria sensato da sua parte aceitar essa oferta.

E havia algo no seu olhar, algo velho e estável, e ele se perguntou se ela via algo que ele não conseguia ver. Kell hesitou e em seguida foi até a esfera e colocou os dedos nos sulcos.

O mostrador passou de quatro para três.

Maris puxou a alavanca.

Não doeu, não exatamente. O orbe pareceu se vincular de repente às mãos dele, segurando-as no lugar. O seu pulso martelou na sua cabeça, e houve uma dor curta e entorpecida no seu peito, como se alguém estivesse tirando o ar dos seus pulmões. E então estava feito. Três anos gastos em três segundos. A esfera o libertou e ele fechou os olhos por causa de uma onda superficial de tontura antes de pegar o anel, agora legitimamente dele. Comprado e pago. Ele queria ficar longe desse cômodo, desse navio. Mas, antes que pudesse escapar, Maris falou novamente, a voz pesada como pedra.

— Capitão Emery — disse ela —, deixe-nos a sós.

Kell se virou para ver Alucard desaparecer pela porta, deixando-o sozinho com a anciã que tinha acabado de lhe roubar três anos de vida.

Ela se levantou da mesa, os nós dos dedos brancos por segurar a bengala que ajudava a sustentar o corpo velho, e então os seus dedos se cruzaram atrás da esfera.

— Capitã? — incitou ele, mas ela nada falou, ainda não. Ele observou a velha mulher espalmar uma das mãos no topo do orbe. Ela murmurou algumas palavras e a superfície de metal brilhou, um traço de luz que se recolheu linha por linha por baixo dos seus dedos. Quando sumiram, Maris exalou, os ombros relaxando como se um peso tivesse sido tirado deles.

— *Anesh* — disse ela, limpando as mãos. Havia uma nova agilidade nos seus movimentos, uma retidão na sua coluna. — Kell Maresh — falou, revirando o nome na língua. — O prêmio da coroa arnesiana. O *Antari* criado como realza. Nós já nos encontramos, você e eu.

— Não, nós não nos encontramos — retrucou Kell, embora a visão dela fizesse cócegas em alguma coisa na sua mente. Não uma lembrança, ele percebeu, mas a ausência de uma. O lugar onde uma lembrança deveria estar. O lugar onde ela estava *faltando*.

Ele tinha 5 anos quando foi dado à família real, deixado no palácio com nada além de uma faca na bainha, as letras *KL* esculpidas no cabo, e um feitiço de memória marcado no seu cotovelo. O seu pouco tempo de vida até então apagado.

— Você era jovem — falou ela —, mas pensei que agora pudesse se lembrar.

— Você me conhecia antes? — Ele ficou espantado com a ideia. — Como?

— Eu lido com coisas raras, *Antari*. E existem poucas coisas mais raras que você. Conheci os seus pais — continuou Maris. — Eles o trouxeram aqui.

Kell se sentiu tonto, enjoado.

— Por quê?

— Talvez fossem gananciosos — disse ela distraidamente. — Talvez estivessem com medo. Talvez quisessem o que fosse melhor. Talvez quisessem apenas se livrar de você.

— Se você sabe a resposta...

— *Você* realmente quer saber? — interrompeu ela.

Ele fez menção de dizer “quero”, a palavra automática, mas ficou presa na sua garganta. Quantos anos ele passou acordado na cama, roçando a cicatriz no cotovelo com o polegar, imaginando quem ele era, quem havia sido *antes*?

— Você quer saber a última coisa que a sua mãe me disse? O que as iniciais na faca do seu pai representam? Você quer saber quem é a sua verdadeira família?

Maris contornou a mesa e se sentou com uma precisão lenta que disfarçava a sua idade. Ela pegou uma pena e rabiscou algo num pedaço de pergaminho, dobrando-o duas vezes num quadrado pequeno e perfeito que segurou entre dois dedos envelhecidos.

— Para remover o feitiço que eu coloquei em você — disse ela.

Kell olhou para o papel, a visão entrando e saindo de foco. Ele engoliu em seco.

— Qual é o preço?

Um sorriso dançou pelos lábios velhos da mulher.

— Esse aqui, e somente esse, é de graça. Chame isso de uma dívida agora paga, de gentileza ou de uma porta que se fecha. Chame do que quiser, mas não espere mais nada.

Ele se forçou a se inclinar para a frente, forçou a mão a não tremer enquanto buscava o papel.

— Você ainda tem aquela ruga entre os olhos — comentou ela. — Ainda é o mesmo menino triste que era naquele dia.

Kell fechou o punho em volta do pedaço de papel.

— Isso é tudo, Maris?

Um suspiro escapou como vapor por entre os lábios dela.

— Suponho que sim. — Mas a voz dela o seguiu pela porta. — Há algo singular sobre feitiços de esquecimento — acrescentou quando ele pairou sob a soleira, entre a sombra e a luz intensa. — A maioria desvanece por conta própria. Forte num primeiro momento, seguro como pedra. Mas, com o tempo, eles se desgastam. A menos que a pessoa *não queira* que desvançam...

E, com isso, uma rajada de vento passou e a porta do mercado de Maris se fechou atrás dele.

IV

O mercado chamava por Delilah Bard.

Ela não conseguia ver os fios de magia da mesma forma que Alucard, não era capaz de ler os feitiços como Kell, mas a atração que havia ali era a mesma, tentadora como moedas novas, como joias finas, como armas afiadas.

Tentação: essa era a palavra para o que ela sentia, a ânsia de se permitir olhar, tocar, provar.

Mas aquele brilho, aquela promessa não dita, promessa de força, de poder, lembrou Lila da espada que ela encontrou na Londres Cinza. Lembrou como a magia Vitari a chamou através do aço, cantando promessas. Quase todas as coisas na sua vida mudaram desde aquela noite, mas ela ainda não confiava nesse tipo de desejo cego e imensurável.

Então ela esperou.

Esperou até que os sons do outro lado da porta cessassem, esperou até Kell e Alucard estarem longe, esperou até não haver mais ninguém e mais nada que a impedisse, até que Maris estivesse sozinha, e o desejo no peito de Lila tivesse esfriado até se tornar algo duro, afiado, útil.

E só então ela entrou.

A velha estava à mesa, segurando o relógio de Lila na mão enrugada como se fosse o pedaço de uma fruta madura enquanto enfiava um prego na superfície de cristal.

Não é Barron, disse Lila a si mesma. *Aquele relógio não é ele. É só uma coisa, e coisas foram feitas para ser usadas.*

Sob os pés de Maris, o cachorro soltou um suspiro, e deve ter sido uma ilusão, porque a rainha do mercado parecia... mais jovem. Ou, pelo menos, algumas rugas mais longe da antiguidade.

— Nada te agrada, queridinha? — disse ela sem levantar os olhos.

— Eu sei o que quero.

Maris deixou o relógio sobre a mesa com um surpreendente nível de cuidado.

— E ainda assim as suas mãos estão vazias.

Lila apontou para o Herdeiro pendurado no pescoço da mulher.

— Sim, porque você está usando o meu prêmio.

A mão de Maris se ergueu.

— Essa antiguidade? — duvidou ela, girando o Herdeiro entre os dedos como se fosse um pingente qualquer.

— O que posso dizer? — falou Lila, casualmente. — Tenho fraqueza por coisas antiquadas.

Um sorriso rasgou o rosto da velha, a inocência despida como pele.

— Você sabe o que é isso.

— Uma pirata inteligente mantém o seu melhor tesouro por perto.

Os olhos arenosos de Maris se voltaram para o relógio prateado.

— Um argumento válido. E se eu recusar?

— Você disse que tudo tinha um preço.

— Talvez eu tenha mentido.

Lila sorriu e disse sem malícia:

— Então, talvez eu apenas o arranque do seu pescoço enrugado.

Maris soltou uma risada rouca.

— Você não seria a primeira a tentar, mas não acho que isso acabaria bem para nenhuma de nós duas. — Ela passou os dedos pela bainha da túnica branca. — Você não acreditaria como é difícil tirar sangue dessas roupas. — Maris pegou o relógio de novo, sopesando-o. — Você precisa saber que não costumo aceitar coisas sem poder, mas poucas pessoas percebem que a memória lança o seu próprio feitiço, e ele se escreve num objeto assim como a magia, esperando ser apanhada, ou desfeita, por dedos inteligentes. Outra cidade. Outra casa. Outra vida. Tudo vinculado a algo tão simples como um cálice, um casaco, um relógio de prata. O passado é uma coisa poderosa, não acha?

— Passado é passado.

Um olhar fulminante.

— Não caio em mentiras com facilidade, senhorita Bard.

— Não estou mentindo — retrucou Lila. — Passado é passado. Ele não vive em coisa alguma. Com certeza não vive em algo de que se pode abrir

mão. Se isso acontecesse, eu teria lhe dado tudo o que eu era, tudo o que eu sou. Mas você não pode ter isso, nem mesmo para pagar uma olhada no seu mercado. — Lila tentou desacelerar o coração antes de continuar. — O que você *pode* ter é um relógio de prata.

O olhar de Maris sustentou o dela.

— Um belo discurso. — Ela passou o Herdeiro pela cabeça e o colocou na mesa, ao lado do relógio. O seu rosto não demonstrou tensão, mas, quando o objeto atingiu a madeira, produziu um baque sólido, como se pesasse muito mais do que parecia pesar, e os ombros da mulher pareceram mais leves com a ausência dele. — O que você vai me dar?

Lila inclinou a cabeça.

— O que *você* quer?

Maris se recostou e cruzou as pernas, apoiando uma bota branca nas costas do cachorro. Ele não pareceu se importar.

— Você ficaria surpresa em saber que pouquíssimas pessoas perguntam isso. Elas vêm aqui supondo que vou querer dinheiro ou poder, como se eu precisasse de qualquer um deles.

— Então por que administrar esse mercado?

— Alguém tem de ficar de olho nas coisas. Pode chamar isso de paixão ou de passatempo. Mas, quanto ao pagamento... — Ela se endireitou na cadeira. — Sou uma mulher velha, senhorita Bard, mais velha do que pareço, e só tem uma coisa que eu quero de verdade.

Lila levantou o queixo.

— E o que seria isso?

Ela abriu as mãos.

— Algo que ainda não tenho.

— Algo impossível, pelo aspecto desse lugar.

— Na verdade, não — falou Maris. — Você quer o Herdeiro. Vou vendê-lo para você pelo preço de um olho.

O estômago de Lila se revirou.

— Sabe — disse ela, esforçando-se para manter um tom de voz casual —, eu preciso do único que tenho.

Maris riu.

— Acredite ou não, queridinha, eu não estou no negócio de cegar os meus clientes. — Ela estendeu a mão. — O quebrado serve.

* * *

Lila observou a tampa da caixinha preta se fechar sobre o seu olho de vidro.

O custo foi alto e a perda ainda maior, percebeu ao concordar com o preço. O olho sempre foi inútil, a sua origem tão estranha e desconhecida para ela quanto o acidente que lhe tirou o verdadeiro. Ela se perguntava a respeito disso, é claro. Um trabalho manual tão refinado que deve ter sido roubado de alguém. E, no entanto, Lila não era sentimental com relação a nada disso. Nunca foi particularmente apegada à bola de vidro, mas, no instante em que ela se foi, Lila se sentiu subitamente estranha, exposta. Uma deformidade em exibição, uma ausência tornada visível.

É apenas uma coisa, disse a si mesma mais uma vez, *e coisas foram feitas para ser usadas*.

Os seus dedos apertaram o Herdeiro, saboreando a dor causada pelo corte que fazia na palma da sua mão.

— As instruções estão escritas na lateral — dizia Maris. — Mas talvez eu devesse ter mencionado que o receptáculo está vazio. — A expressão da mulher ficou tímida, como se ela tivesse conseguido enganá-la. Como se pensasse que Lila estava atrás dos restos do poder de outra pessoa em vez do próprio dispositivo.

— Ótimo — disse ela simplesmente. — É ainda melhor assim.

Os lábios finos da mulher se curvaram, divertidos, mas se ela queria saber mais não perguntou. Lila se dirigiu para a porta, ajeitando o cabelo sobre o olho perdido.

— Um tapa-olho vai ajudar — falou Maris, colocando algo sobre a mesa. — Ou talvez isso.

Lila se virou para ela.

A caixa era pequena e branca. Aberta, a princípio, parecia vazia, nada além de um retalho de veludo preto amassado forrando o interior. Mas então a luz mudou e o objeto refletiu o sol, cintilando fracamente.

Era uma esfera quase do tamanho e do formato de um olho.

E era de um preto fechado.

— Todos conhecem a marca de um *Antari* — explicou Maris. — O olho inteiramente preto. Houve uma moda, hum, cerca de um século atrás.

Aqueles que perdiam um olho em batalha ou por acidente e precisavam de um falso usavam um de vidro preto, se fazendo passar por mais do que eram. A moda acabou, é claro, quando aqueles poucos ambiciosos e mal orientados descobriram que um *Antari* é muito mais que apenas uma marca. Alguns foram desafiados a duelos que não poderiam vencer, outros foram sequestrados ou assassinados por causa da sua magia, e alguns simplesmente não suportaram a pressão. Sendo assim, esses olhos se tornaram bastante raros — explicou Maris. — Quase tão raros quanto você.

Lila não percebeu que tinha atravessado o quarto até que sentiu os dedos roçarem o vidro preto e liso. Parecia cantar sob o toque dela, como se quisesse ser segurado.

— Quanto?

— Pegue.

Lila ergueu o olhar.

— Um presente?

Maris riu baixinho, um som como vapor escapando de uma chaleira.

— Aqui é o *Ferese Stras* — disse ela. — Nada é de graça.

— Eu já dei a você o meu olho esquerdo — rosnou Lila.

— E, mesmo que olho por olho seja suficiente para alguns, em troca disso — falou ela, empurrando a caixa para Lila —, precisarei de algo mais precioso.

— Um coração?

— Um favor.

— Que tipo de favor?

Maris encolheu os ombros.

— Suponho que saberei quando eu precisar. Mas, quando eu chamá-la, você virá.

Lila hesitou. Era um negócio perigoso, ela sabia, do tipo que vilões tramam ao persuadir donzelas em contos de fadas e que demônios fazem com homens perdidos. Mas ainda assim ela se ouviu responder, uma única palavra formando o vínculo.

— Aceito.

O sorriso de Maris se abriu ainda mais.

— *Anesh* — falou ela. — Experimente.

Assim que o colocou no lugar, Lila ficou diante do espelho, piscando ferozmente para a sua aparência alterada, a surpreendente diferença de uma sombra no seu rosto, um poço de escuridão tão completo que demonstrava uma ausência. Era como se um pedaço dela estivesse faltando. Não apenas um olho, mas um eu inteiro.

A garota da Londres Cinza.

Aquela que furtava carteiras, arrancava bolsas e congelava até a morte nas noites de inverno, tendo apenas o seu orgulho para mantê-la aquecida.

Aquela sem família, sem mundo.

Esse novo olho parecia surpreendentemente estranho. Errado, porém certo.

— Isso — disse Maris. — Não está melhor?

E Lila sorriu, porque estava.

V

O pedaço de papel que Maris deu a Kell ainda queimava na palma da sua mão, mas ele manteve o punho fechado enquanto esperava de pé ao lado de Alucard do outro lado da porta.

Temia que, se atravessassem a plataforma e deixassem o navio, não lhes fosse permitido retornar. E, por causa da tendência de Lila de arrumar confusão, Kell quis ficar por perto.

Mas então a porta se abriu e Lila saiu por ela, o Herdeiro apertado numa das mãos. No entanto, não foi o dispositivo em forma de rolo de pergaminho que chamou a sua atenção. Foi o sorriso de Lila. Um sorriso feliz e radiante e, pouco acima dele, uma esfera preta e brilhante onde estivera a estilhaçada. Kell respirou fundo.

— O seu olho — comentou ele.

— Ah — disse Lila, com um sorriso presunçoso —, você reparou.

— Santos, Bard — falou Alucard. — Será que quero saber quanto *isso* custou?

— Valeu cada centavo — afirmou ela.

Kell estendeu a mão e colocou o cabelo de Lila atrás da orelha para poder ver melhor. O novo olho parecia severo, estranho e absolutamente genuíno. O seu próprio olhar não entrava em conflito com ele da forma como fazia com o de Holland. E, ainda assim, agora que estava ali, agora que os olhos de Lila se dividiam entre castanho e preto, ele não conseguia imaginar como algum dia pensou que ela era comum.

— Combina com você.

— Sem querer interromper... — falou Alucard atrás deles.

Lila jogou o Herdeiro para ele como se fosse uma simples moeda, um mero objeto em vez de o objetivo principal desta missão maluca, a sua

melhor — e talvez única — chance de salvar Londres. Kell sentiu um peso no estômago, mas Alucard apanhou o talismã no ar com facilidade.

Alucard atravessou a prancha entre o mercado e o *Ghost*, Lila o seguindo de perto, mas Kell não se mexeu. Ele olhou para o papel que segurava. Era nada mais que um pedaço de pergaminho, e ainda assim podia pesar mais que uma rocha, pela forma como o prendia ao chão de madeira.

A sua verdadeira família.

Mas o que isso queria dizer? Família são aqueles que lhe dão a vida ou aqueles que lhe acolhem? Será que os primeiros anos da sua vida valiam mais que o resto?

Há algo singular sobre feitiços de esquecimento.

Rhy era seu irmão.

A maioria desvanece por conta própria.

Londres era seu lar.

A menos que a pessoa não queira que desvaneçam...

— Kell? — gritou Lila, olhando por cima do ombro com os seus olhos de duas cores. — Você vem?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Já estou indo.

Os dedos de Kell se fecharam e, com um sopro de calor, o papel pegou fogo. Kell deixou que queimasse, e, quando o bilhete já não passava de cinzas, ele as jogou por cima da amurada, deixando que o vento as levasse antes mesmo que atingissem a superfície do mar.

* * *

A tripulação estava no convés, reunida ao redor de um caixote de madeira. Um arremedo de mesa onde Kell apoiou o prêmio pelo qual pagou com três anos da sua vida.

— Pode me explicar de novo — disse Lila — por que, num navio cheio de coisas brilhantes, você comprou um anel?

— Não é apenas um anel — protestou ele, expressando mais certeza do que realmente sentia.

— Então o que é? — perguntou Jasta de braços cruzados, evidentemente ainda ressentida por ter tido a sua entrada negada.

— Não sei exatamente — respondeu ele, na defensiva. — Maris chamou de anel de *vinculação*.

— Não — corrigiu Alucard. — Maris chamou de *anéis* de vinculação.

— Tem mais de um? — perguntou Holland.

Kell pegou o aro de metal e puxou, da mesma forma que fez antes, um se transformando em dois como as facas de Lila faziam. Porém, esses não tinham fecho ou botão escondido. Não era ilusão. Era magia.

Ele colocou o anel recém-formado em cima do caixote, analisando o original. Talvez dois fosse o limite da sua magia, mas ele não acreditava nisso.

Mais uma vez Kell segurou o anel com as duas mãos, mais uma vez ele puxou, e mais uma vez o aro se duplicou.

— Aquele ali nunca fica menor — notou Lila enquanto Kell tentava produzir um quarto anel. Não funcionou. Não havia resistência nem repulsão. A recusa era simples e sólida, como se o anel simplesmente não tivesse mais nada a oferecer.

Toda magia tem limites.

Era algo que Tieren diria.

— E você tem certeza de que foi produzido por um *Antari*? — indagou Lenos.

— Isso foi o que *Alucard* disse — respondeu Kell, olhando de relance para ele.

Alucard ergueu as mãos, defendendo-se.

— *Maris* confirmou. Ela chamou de anéis de vinculação *Antari*.

— Tudo bem — disse Lila —, mas o que eles *fazem*?

— Isso ela não quis contar.

Hastra pegou um dos anéis produzidos por feitiço e olhou através dele, semicerrando os olhos, como se esperasse ver algo além do rosto de Kell do outro lado.

Lenos cutucou o segundo anel com o indicador, sobressaltando-se um pouco quando o objeto rolou para longe e provou não ser um espectro e sim um aro sólido de metal.

O anel caiu do caixote e Holland o pegou no ar, as suas correntes chacoalhando ao esbarrar na madeira.

— Podem remover essas coisas ridículas?

Kell olhou para Lila, que franziu o cenho mas não ameaçou começar um motim. Ele colocou o anel original no seu dedo para que não caísse enquanto removia as algemas. Elas caíram com um baque seco, todos no convés se retesando com o súbito barulho e com a ciência de que Holland estava livre.

Lila pegou o terceiro anel das mãos de Hastra.

— Um tanto sem graça, não? — Ela começou a colocá-lo no dedo e então olhou para Holland, que ainda analisava o anel na palma da mão. Os olhos dela se estreitaram com desconfiança; afinal de contas, eles eram anéis de *vinculação*. Mas, no momento em que Holland recolocou o anel sobre o caixote, Lila exibiu um sorriso malicioso para Kell.

— Vamos ver o que eles fazem? — perguntou ela, já deslizando o aro de prata pelo dedo.

— Lila, espere...

Kell tentou tirar o próprio anel, mas era tarde demais. No momento em que o aro passou pela primeira falange, ele sentiu como se tivesse levado um soco.

Kell deu um grito curto e ofegante e se curvou, apoiando-se no caixote enquanto o convés se inclinava violentamente sob os seus pés. Não era dor, mas algo tão profundo quanto. Como se um fio no âmago do seu ser tivesse subitamente sido esticado e todo o seu eu vibrasse com a repentina tensão do cordão.

— *Mas vares* — começou a perguntar Hastra —, qual o problema?

Não havia um *problema*. O poder o atravessou de ponta a ponta, tão brilhante que acendeu o mundo, cada um dos seus sentidos reverberando com a tensão. A visão dele ficou turva, ofuscada pela súbita onda e, quando conseguiu se concentrar, olhar para Lila, quase podia *ver* os fios entre eles, um rio metálico de magia.

Os olhos dela estavam arregalados, como se ela também pudesse ver.

— Ah! — exclamou Alucard, percorrendo as linhas de energia com o olhar. — Então foi isso que Maris quis dizer.

— O quê? — perguntou Jasta, incapaz de enxergar.

Kell se endireitou, os fios zumbindo sob a sua pele. Ele queria tentar algo, então ele a estendeu. Não uma das mãos, mas a vontade, o comando, e atraiu uma fração da magia de Lila para si. Era como beber luz: quente,

exuberante e surpreendentemente brilhante. De repente, tudo parecia possível. Era assim que o mundo parecia para Osaron? Era assim que parecia se *sentir* invencível?

Do outro lado do convés, Lila franziu o cenho ao sentir a mudança no equilíbrio.

— Isso é meu — disse ela, puxando o poder de volta. Tão rapidamente quanto havia chegado, a magia se foi, não apenas a parte emprestada de Lila mas também a sua fonte natural. E por um instante aterrorizante o mundo de Kell ficou preto. Ele cambaleou e caiu de joelhos no convés. Perto dali, Lila emitiu um som que era parte choque, parte triunfo, enquanto ela reivindicava o poder dele para si.

— Lila — falou ele, mas a sua voz estava instável, fraca, engolida pelo vento forte, pelo balanço do navio e por aquela súbita e eviscerante ausência de força que se parecia tanto com a gargantilha amaldiçoada e com a armação de metal. Todo o corpo de Kell tremeu, a visão oscilou, e, através da visão escura, ele a viu unir as mãos e, com nada além de um sorriso, invocar um arco de fogo.

— *Lila, pare* — arquejou ele, mas ela não parecia ouvi-lo. O olhar de Lila estava vazio, em outro lugar, a atenção consumida pela luz vermelho-dourada do fogo que crescia e crescia ao redor dela, ameaçando tocar as tábuas de madeira do *Ghost* e subir em direção à vela de lona. Um grito soou. Kell tentou se levantar, mas não conseguiu. As suas mãos formigavam com o calor, porém ele não conseguia tirar o anel do dedo. Estava preso, fundido no lugar por qualquer que fosse o feitiço que unia os dois.

E então, tão subitamente quanto o ganho da magia de Lila e a perda da sua, uma nova onda de magia surgiu nas veias de Kell. Não vinha de Lila, que ainda estava no centro ardente do seu próprio mundo. Era uma terceira fonte, afiada e fria, mas igualmente brilhante. A visão de Kell entrou em foco e ele viu *Holland*, o último anel na sua mão, a sua presença inundando os caminhos entre eles com magia nova.

O poder do próprio Kell retornou como ar aos seus pulmões famintos, enquanto o outro *Antari* arrancava fio após fio da magia de Lila, o fogo nas suas mãos se encolhendo conforme o poder se dissipava, dividido entre eles, o ar ao redor das mãos de Holland dançando com tentáculos de chamas roubadas.

Lila piscou rapidamente, acordando do jugo do poder. Assustada, ela arrancou o anel do dedo e quase caiu por causa do repentino ápice e da subsequente perda de poder. Assim que o aro saiu da sua mão, ele derreteu, primeiro se dissolvendo numa fita de névoa prateada e depois... virando nada.

Sem a presença dela, a conexão estremeceu e diminuiu, retesando-se entre Kell e Holland, a luz do seu poder coletivo diminuindo uma fração. Mais uma vez, Kell tentou arrancar o anel do dedo. E, mais uma vez, não conseguiu. Nada aconteceu até que *Holland* retirou o próprio anel, o eco do original de Kell, o feitiço se quebrando e o seu anel se soltando, caindo no convés de madeira e rolando vários metros antes de Alucard pará-lo com a ponta da bota.

Por um longo momento, ninguém falou nada.

Lila estava apoiada na amurada, o convés chamuscado sob os seus pés. Holland apoiou uma das mãos no mastro para se equilibrar. Kell estremeceu, lutando contra o ímpeto de vomitar.

— Que... — arquejou Lila — ... merda... foi essa?

Hastra assobiou baixinho para si mesmo enquanto Alucard se ajoelhava e pegava o anel abandonado.

— Bem — ponderou ele —, eu diria que valeu os três anos.

— Três anos de quê? — perguntou Lila, cambaleando enquanto tentava se endireitar. Kell encarou o capitão com raiva, mesmo enquanto caía de costas sobre uma pilha de caixotes.

— Não quero ofendê-la, Bard — continuou Alucard, arrastando a bota sobre o ponto do convés que Lila havia chamuscado —, mas você poderia treinar mais.

A cabeça de Kell estava martelando tão alto que ele levou um instante para entender que Holland também estava falando.

— É assim que faremos — dizia ele em voz baixa, o olho verde tomado por um brilho febril.

— Faremos o quê? — perguntou Lila.

— É assim que pegaremos Osaron. — Algo atravessou o rosto de Holland. Kell pensou ter sido um sorriso. — É assim que vamos *vencer*.

VI

Rhy estava na sua montaria, estreitando os olhos em meio à névoa de Londres em busca de sinais de vida.

As ruas estavam silenciosas demais, a cidade vazia demais.

Na última hora, ele não encontrou um único sobrevivente. Na verdade, ele não viu praticamente ninguém. Aqueles atingidos pela maldição, que se moviam como ecos em meio às pulsações das suas vidas, haviam se retirado para as suas casas, deixando apenas névoa cintilante e podridão preta se espalhando centímetro por centímetro sobre a cidade.

Rhy olhou para o palácio das sombras, pairando como óleo na superfície do rio, e por um instante quis atirar o seu cavalo através da ponte gélida até as portas daquele lugar escuro e não natural. Queria forçar a entrada. Enfrentar o rei das sombras.

Mas Kell lhe pediu que esperasse. *Eu tenho um plano*, disse ele. *Você confia em mim?*

E Rhy confiava.

Ele virou o cavalo para o outro lado e se afastou.

— Vossa Alteza — falou o guarda, encontrando-o na entrada da estrada.

— Localizou mais alguém? — perguntou Rhy, um peso no coração quando o homem balançou a cabeça.

Eles cavalgaram em silêncio de volta para o palácio, apenas o som dos cavalos reverberando pelas ruas desertas.

Errado, disse o seu instinto.

Eles chegaram à praça, e ele fez o cavalo desacelerar quando os degraus do palácio entraram no campo de visão. Lá, na base da escada, havia uma jovem segurando um punhado de flores. Rosas de inverno, com pétalas de um branco gélido. Enquanto ele observava, ela se ajoelhou e

depositou o buquê nos degraus. Era um gesto tão comum, o tipo de coisa que um plebeu teria feito num dia normal de inverno, uma oferenda, um agradecimento, uma oração. Porém, aquele não era um dia normal de inverno e tudo naquela cena estava fora de lugar, não fazia sentido tendo como cenário o nevoeiro e as ruas desertas.

— *Mas vares?* — indagou o guarda quando Rhy desmontou.

Errado, disseram as batidas do seu coração.

— Levem os cavalos e entrem — ordenou ele, começando a atravessar a praça a pé. Enquanto se aproximava, via a escuridão se espalhando como tinta ao redor das outras flores, pingando no pálido chão de pedra polida.

A jovem não ergueu o olhar, não até que ele estivesse praticamente ao seu lado, e então ela se levantou e apontou o queixo para o palácio, revelando os olhos envoltos pela névoa, veias tracejadas de preto com a maldição do rei das sombras.

Rhy ficou petrificado, mas não recuou.

— Todas as coisas ascendem e todas as coisas caem — disse ela, a voz fina, doce e melodiosa, como se recitasse o verso de uma canção. — Até mesmo castelos. Até mesmo reis. — Ela não reconheceu Rhy, ou foi o que ele pensou, até que esticou a mão, os dedos finos apertando a armadura sobre o antebraço dele com tanta força que a afundou levemente. — Ele o vê agora, príncipe vazio.

Rhy se desvencilhou, tropeçando nos degraus e caindo para trás.

— Soldadinho de brinquedo quebrado.

Ele se levantou novamente.

— Osaron vai destruir os seus vínculos.

Rhy manteve as costas voltadas para o palácio enquanto recuava. Um passo, dois passos.

Mas no terceiro degrau ele tropeçou.

E no quarto as sombras vieram.

A mulher deu uma risadinha maníaca e o vento fez com que as suas saias ondulassem enquanto as marionetes de Osaron vertiam de casas, lojas e becos. Dez, vinte, cinquenta, cem. Elas surgiram no canto da praça diante do palácio, segurando barras de ferro, machados, lâminas; fogo, e gelo, e pedra. Algumas eram jovens e outras velhas, algumas altas e outras pouco mais que crianças. E todas estavam sob o feitiço do rei das sombras.

— Só pode haver um castelo — gritou a mulher, seguindo Rhy enquanto ele subia a escada, tropeçando. — Só pode haver um...

Uma flecha a atingiu no peito, atirada por um guarda lá em cima. A jovem cambaleou um passo antes de envolver com os mesmos dedos delicados a flecha e arrancá-la. Sangue escorreu pelo seu peito, mais preto que vermelho, mas ela se arrastou atrás dele mais alguns passos antes de o seu coração falhar, as suas pernas se dobrarem e o seu corpo morrer.

Rhy chegou ao patamar e se virou para ver a sua cidade.

A primeira onda de ataque atingiu a base da escadaria do palácio. Ele reconheceu um dos homens à frente. Rhy pensou, por um segundo aterrorizante, que fosse Alucard, antes que percebesse que era o irmão mais velho do capitão. Lorde Berras.

E, quando Berras viu o príncipe, e agora ele realmente *via*, aqueles malditos olhos escuros se estreitaram e um sorriso feroz e sem alegria se espalhou pelo seu rosto. Uma chama dançou em torno da sua mão.

— Derrubem — urgiu ele numa voz mais grave e severa que a do irmão. — Derrubem *tudo*.

Era mais que uma ordem. Era o comando de um general, e Rhy observou com choque e horror a massa subindo a escada. Ele desembainhou a espada quando algo brilhou no céu, um cometa de fogo lançado por algum inimigo invisível. Um par de guardas o puxou para trás e para dentro do palácio um ínfimo instante antes que a explosão atingisse os feitiços de proteção e se espatifasse num clarão de luz ofuscante, porém inútil.

Os guardas bateram as portas, fechando-as para a visão aterrorizante do lado de fora do palácio e a substituindo subitamente pela madeira escura e pela ressonância silenciosa da magia poderosa. E a isso se seguiu o som doentio dos corpos se chocando com pedra, madeira e vidro.

Rhy cambaleou para trás, afastando-se das portas, e correu para a janela da sacada mais próxima.

Até aquele dia, Rhy nunca tinha visto o que acontecia quando um corpo proscrito se atirava contra um feitiço de proteção ativo. A princípio, ele era simplesmente repellido, mas, conforme tentava repetidas vezes, o efeito era semelhante ao de aço contra gelo espesso, um arrancava lascas do outro enquanto também se desgastava. Os feitiços de proteção do palácio estremeceram e ruíram, mas o mesmo aconteceu com os

amaldiçoados. Sangue escorria de narizes e ouvidos enquanto atiravam elementos, feitiços e punhos contra os muros, arranhando a base, atirando-se nas portas.

— O que está acontecendo? — perguntou Isra, entrando intempestivamente no vestíbulo. Quando a chefe da guarda real viu o príncipe, recuou um passo e fez uma reverência. — Vossa Alteza.

— Encontre o rei — pediu Rhy enquanto o palácio tremia ao seu redor. — Estamos sendo atacados.

* * *

Naquele ritmo, os feitiços de proteção não resistiriam. Rhy não precisava ter o dom da magia para perceber isso. A galeria do palácio tremia com a força dos corpos que se atiravam na madeira e na pedra. Eles estavam nas margens. Eles estavam nos degraus. Eles estavam no rio.

E eles estavam se matando.

O rei das sombras estava matando a todos.

Por todos os lados, sacerdotes se esforçavam para desenhar novos anéis de concentração no chão da galeria. Feitiços para focalizar magia. Para reforçar proteções.

Onde estava Kell?

Clarões cintilavam no vidro a cada golpe, os feitiços se esforçando para resistir à força dos ataques.

O palácio real era uma concha. E estava rachando.

Os muros tremeram e várias pessoas gritaram. Nobres se amontoavam nos cantos. Magos embarreiravam portas, preparando-se para quando o palácio cedesse. O príncipe Col permanecia diante da irmã como um escudo humano, enquanto lorde Sol-in-Ar instruía o seu séquito com um fluxo rápido de palavras em faroense.

Outra explosão, e os feitiços de proteção se quebraram, a luz vazando pelas frestas ao longo das janelas. Rhy ergueu a mão para o vidro, esperando que se despedaçasse.

— Para trás — ordenou a sua mãe.

— Todo mago deve ficar dentro de um círculo — ordenou o seu pai. Maxim apareceu nos primeiros momentos do ataque, parecendo exausto,

porém determinado. Havia sangue salpicado no punho da sua camisa, e Rhy se perguntou, aturdido, se o pai estivera brigando. Tieren estava ao seu lado. — Pensei que você tivesse dito que as proteções aguentariam — disse o rei.

— Contra o feitiço de Osaron — respondeu o sacerdote, desenhando outro círculo no chão. — Não contra a força bruta de trezentas almas.

— Temos de detê-los — falou Rhy. Ele não tinha trabalhado tão duro e salvado tão poucos apenas para assistir ao restante do seu povo se arrebentar contra aqueles muros.

— Emira — ordenou o rei —, leve todos para o Jewel. — O Jewel era o salão de festas no centro absoluto do palácio, o mais distante dos muros externos. A rainha hesitou, os olhos arregalados e perdidos enquanto o seu olhar ia de Rhy para as janelas. — Emira, *agora*.

Naquele instante, uma transformação estranha aconteceu na sua mãe. Ela pareceu acordar de um transe. Emira se empertigou e começou a falar num arnesiano nítido e claro.

— Brost, Losen, venham comigo. Vocês conseguem manter um círculo, não? Ótimo. Ister — disse ela, dirigindo-se a uma das sacerdotisas —, venha e conjure os feitiços de proteção.

Os muros estremeceram e houve um barulho profundo e perigoso.

— Eles não vão aguentar — disse o príncipe veskano, desembainhando uma lâmina como se o inimigo fosse de carne e osso, alguém que pudesse ser retalhado.

— Precisamos de um plano — falou Sol-in-Ar — antes que este refúgio se torne uma prisão.

Maxim se virou para Tieren.

— O feitiço para adormecer. Está pronto?

O velho sacerdote engoliu em seco.

— Está, mas...

— Então, pelo que há de mais sagrado — interrompeu o rei —, *faça-o agora*.

Tieren se aproximou do rei, baixando a voz.

— Um feitiço desse porte requer uma âncora.

— O que você quer dizer? — perguntou Rhy.

— Um mago para manter a magia no lugar.

— Um dos sacerdotes, então... — começou a falar Maxim.

Tieren meneou a cabeça.

— As exigências de tal feitiço são muito profundas. A mente errada vai se partir...

Rhy compreendeu subitamente.

— Não — disse ele. — Você, não...

Ao mesmo tempo que o pai dava a ordem:

— Siga em frente.

O *Aven Essen* assentiu.

— Vossa Majestade — falou Tieren —, uma vez iniciado o feitiço, eu não poderei ajudá-lo com...

— Está tudo certo — interrompeu o rei. — Posso terminar sozinho. Vá.

— Teimoso como sempre — comentou o velho, balançando a cabeça. Mas ele não discutiu, não se deteve. Tieren girou nos calcanhares, as vestes ondulando, e chamou três dos seus sacerdotes, que saíram no seu encalço. Rhy correu atrás deles.

— Tieren! — gritou ele. O velho reduziu o passo, mas não parou. — Do que o meu pai está falando?

— Assuntos do rei só interessam a ele.

Rhy se colocou no caminho dele.

— Como príncipe real, exijo saber o que ele está fazendo.

O *Aven Essen* estreitou os olhos, depois flexionou os dedos e Rhy se sentiu forçado fisicamente a sair da frente dele, enquanto Tieren e os três sacerdotes iam embora, tornando-se um borrão de vestes brancas. Rhy levou a mão ao peito, atordoado.

— Não fique aí parado, príncipe Rhy — falou Tieren —, quando poderia ajudar a salvar a todos nós.

Rhy se desencostou da parede e correu atrás deles.

Tieren conduziu o caminho pelo corredor dos guardas até a sala de treinamento.

Os sacerdotes haviam aberto espaço, removido armaduras, armas e equipamentos, exceto por uma única mesa de madeira, sobre a qual estavam pergaminhos e tinta, além de frascos vazios deitados de lado, cujo conteúdo lembrava poeira, cintilando numa tigela rasa.

Mesmo naquele momento, com as paredes tremendo, um par de sacerdotes trabalhava incansavelmente, as mãos firmes rabiscando no chão

de pedra símbolos que ele não conseguia ler.

— Chegou a hora — avisou Tieren, despindo o manto mais pesado.

— *Aven Essen* — falou um dos sacerdotes, erguendo o olhar. — Os símbolos finais não estão...

— Vão ter de servir. — Ele desabotoou a gola e os punhos da túnica branca. — Vou ancorar o feitiço — explicou, dirigindo-se a Rhy. — Se eu me mover ou morrer, ele será quebrado. Não deixe que isso aconteça, não enquanto a maldição de Osaron se mantiver.

Tudo estava acontecendo rápido demais. Rhy cambaleou.

— Tieren, por favor...

Mas ele se acalmou quando o velho se virou e levou as mãos envelhecidas ao rosto do príncipe. Apesar de tudo, uma sensação de calma o invadiu.

— Se o palácio ruir, saia da cidade.

Rhy franziu a testa, concentrando-se em meio à paz repentina.

— Eu *não* vou fugir.

Um sorriso cansado se espalhou pelo rosto do velho.

— Essa é a resposta certa, *mas vares*.

Com isso, Tieren afastou as mãos dele, e a onda de calma desapareceu. Medo e pânico surgiram, fluindo novamente com fúria pelo sangue de Rhy, e, quando o sacerdote se dirigiu ao centro do círculo do feitiço, o príncipe lutou contra o ímpeto de puxá-lo de volta.

— Lembre ao seu pai — disse o *Aven Essen* — que mesmo reis são feitos de carne e osso.

Tieren se ajoelhou no centro do círculo e Rhy foi forçado a recuar quando os cinco sacerdotes começaram a trabalhar, deslocando-se com movimentos suaves e confiantes, como se o palácio não estivesse ameaçando desmoronar ao redor deles.

Um deles pegou uma tigela de areia enfeitiçada e derramou o conteúdo granulado ao redor da linha branca do círculo. Outros três ocuparam os seus lugares enquanto o último estendia uma vela longa e fina para Rhy e lhe explicava o que fazer.

Ele embalou a pequena chama como se fosse uma vida enquanto os cinco sacerdotes uniam as mãos, as cabeças baixas, e começavam a recitar um feitiço numa língua que o próprio Rhy não sabia falar. Tieren fechou os

olhos, os lábios se movendo no ritmo do feitiço, que começou a ecoar nas paredes de pedra, enchendo o quarto como fumaça.

Do lado de fora do palácio, outra voz sussurrou através das rachaduras nos feitiços de proteção.

— *Deixe-me entrar.*

Rhy se ajoelhou, como haviam lhe indicado, e com a vela tocou a linha de areia que traçava o círculo.

— *Deixe-me entrar.*

Os outros continuaram entoando o feitiço, mas, quando a extremidade da areia se acendeu como um rastilho, os lábios de Tieren pararam de se mover. Ele respirou fundo, e então o velho sacerdote começou a expirar lentamente, esvaziando os pulmões enquanto o fogo sem chamas queimava ao redor do círculo, deixando uma linha preta e carbonizada no rastro.

— *Deixe-me entrar* — vociferou a voz, ecoando no cômodo enquanto os centímetros finais de areia queimavam e o último suspiro deixava os pulmões do sacerdote.

Rhy esperou que Tieren respirasse novamente.

Ele não o fez.

A forma ajoelhada do *Aven Essen* caiu de lado, e os outros sacerdotes logo estavam ali para ampará-lo antes que ele atingisse o chão. Eles baixaram o corpo até o chão de pedra, colocando-o dentro do círculo como se fosse um cadáver, apoiando a sua cabeça e entrelaçando os seus dedos. Um deles tirou a vela das mãos de Rhy e a aninhou nas do velho.

A chama bruxuleante ficou subitamente imóvel.

O cômodo inteiro prendeu a respiração quando o palácio estremeceu uma última vez e depois ficou imóvel.

Do lado de fora das paredes, os sussurros, os gritos, o esmurrar de punhos e corpos... tudo parou. Um silêncio pesado caiu como um lençol sobre a cidade.

O feitiço estava feito.

VII

— Entregue-me o anel — falou Holland.

Lila ergueu uma sobrancelha. Não foi uma pergunta ou um pedido. Foi uma *ordem*. E, considerando que o emissor havia passado a maior parte da viagem acorrentado no porão, aquilo lhe pareceu bastante ousado.

Alucard, que ainda segurava o anel de prata, fez menção de recusar, mas Holland revirou os olhos, flexionou os dedos e o anel disparou para fora da mão do capitão. Lila avançou para pegá-lo, mas Kell segurou o seu braço e o anel pousou na palma da mão de Holland.

Ele revirou o aro nas mãos.

— Por que nós o deixaríamos ficar com o anel? — rosnou ela, desvencilhando-se.

— Por quê? — repetiu Holland enquanto um fragmento de prata voava na direção dela. Lila pegou o segundo anel no ar. Um instante depois, Kell pegou o terceiro. — Porque eu sou o mais forte.

Kell revirou os olhos.

— Quer provar isso? — vociferou Lila.

Holland estava avaliando o anel.

— Há uma diferença entre poder e força, senhorita Bard. Sabe qual é? — Ele ergueu os olhos. — Controle.

A indignação se acendeu nela como um fósforo, não apenas porque odiava Holland, odiava o que ele estava insinuando, mas porque sabia que estava certo. Apesar de todo o seu poder bruto, não passava disso, bruto. Sem forma. Selvagem.

Ela *sabia* que ele estava certo, mas os seus dedos ainda ansiavam por uma faca.

Holland suspirou.

— A sua desconfiança é mais uma razão para me deixar fazer isso.

Lila franziu o cenho.

— Como assim?

— O anel original é a âncora. — Ele o colocou no polegar. — Sendo assim, está ligado às suas cópias, e não o contrário.

Lila não entendeu. Não era um sentimento de que gostasse. A única coisa que gostava *menos* era do olhar de Holland, o olhar presunçoso de alguém que *sabia* que ela estava perdida.

— Os anéis vão vincular o nosso poder — disse ele lentamente. — Mas *you* pode quebrar a conexão quando quiser, enquanto *eu* ficarei preso ao feitiço.

Um sorriso cruel atravessou o rosto de Lila. Ela estalou a língua.

— Não consegue passar um dia sem se acorrentar a alguém, não é mes...

Num instante, ele estava sobre ela, os dedos envolvendo o pescoço de Lila e a faca dela na garganta dele. Kell ergueu as mãos, exasperado, Jasta gritou uma advertência sobre derramar sangue no seu navio e uma segunda lâmina pousou embaixo do queixo de Holland.

— Ora, ora — disse Alucard casualmente. — Eu entendo, eu mesmo já pensei em matar *you dois*, mas, pelo bem maior, vamos tentar manter um ambiente civilizado.

Lila baixou a faca. Holland soltou o pescoço dela.

Cada um deu um único passo para trás. A irritação queimava dentro de Lila, mas não só isso. Ela levou um segundo para reconhecer. *Vergonha*. Estava ali, um peso frio, fumegando no seu estômago. Holland estava ali, de pé, as feições cuidadosamente compostas, como se o golpe não o tivesse atingido. O que evidentemente havia acontecido.

Ela engoliu em seco, pigarreou.

— Você estava dizendo...?

Holland sustentou o olhar dela.

— Estou disposto a ser a âncora do nosso feitiço — explicou ele com cuidado. — Enquanto nós três estivermos vinculados, o meu poder será de vocês.

— E, até que nós decidamos quebrar esse vínculo — retrucou ela —, o *nosso* poder será *seu*.

— É o único jeito — pressionou Holland. — A magia de um *Antari* não foi suficiente para atrair Osaron, mas juntos...

— Podemos atraí-lo — concluiu Kell. Ele olhou para o anel na sua mão e, em seguida, deslizou-o pelo dedo. Lila viu o momento em que os seus poderes se encontraram. O tremor que passou como um calafrio entre eles, o ar zumbindo com os poderes combinados.

Lila olhou para o seu próprio anel de prata. Ela se lembrava do poder, sim, mas também da sensação aterrorizante de estar exposta e ao mesmo tempo presa, nua e sujeita à vontade de outra pessoa.

Ela queria ajudar, mas a ideia de se vincular a outro...

Uma sombra atravessou a sua visão quando Holland se aproximou dela. Ela não olhou para cima, não queria ver a expressão dele, cheia de desprezo, ou, pior, o que quer que agora estivesse visível pela brecha que ela abria.

— Não é fácil, é? Acorrentar-se a outra pessoa? — Um calafrio a percorreu quando ele jogou as palavras de volta na cara dela. Lila cerrou o punho em que estava o anel. — Mesmo quando é por uma causa maior — continuou ele sem levantar a voz. — Mesmo quando se pode salvar uma cidade, curar um mundo, mudar a vida de todos que se conhece... — Os olhos dela se voltaram para Kell. — É uma escolha difícil de fazer.

Lila encontrou o olhar de Holland, esperando — e possivelmente até torcendo para — encontrar aquela calma fria e implacável, talvez tingida de nojo. Em vez disso, ela encontrou tons de tristeza, de perda. E, de alguma forma, de força. Força para continuar. Tentar novamente. Confiar.

Ela colocou o anel no dedo.





ONZE

**MORTE
NO MAR**

I

Que todos os santos sem nome acalmem os ventos e aquietem o mar revolto...

Lenos revirou o talismã da sua avó nas mãos enquanto rezava.

Peço proteção para este navio...

Um som reverberou por todo o navio, que estremeceu, e a isso se seguiu uma torrente de xingamentos. Lenos ergueu o olhar quando Lila se levantou, o vapor emanando das suas mãos.

... e para aqueles que navegam a bordo dele. Imploro por águas gentis e céus limpos enquanto traçamos nossa jornada...

— Se quebrarem o meu navio, vou matar todos vocês — gritou Jasta.

Os dedos dele apertaram o pingente.

... rumo ao perigo e à escuridão.

— Malditos *Antari* — resmungou Alucard, subindo intempestivamente os degraus até o patamar onde Lenos estava postado, com os cotovelos apoiados na amurada.

O capitão se chocou com um caixote e pegou um cantil.

— É por isso que eu bebo.

Lenos prosseguiu.

Imploro como humilde servo, com fé no vasto mundo e em todo o seu poder.

Ele se endireitou, colocando o colar de volta sob a gola da camisa.

— Interrompi algo? — perguntou Alucard.

Lenos olhou das marcas chamuscadas no convés para Jasta ao leme, berrando, quando o navio se inclinou de repente sob a força da magia que os três *Antari* estavam fazendo, e enfim olhou para o homem que estava sentado no chão, bebendo.

— Na verdade, não — disse Lenos, cruzando as longas pernas e se sentando ao lado dele.

Alucard ofereceu o conteúdo do cantil a Lenos, mas ele recusou. Nunca foi muito de beber. Nunca achou que a bebedeira compensasse a ressaca.

— Como sabe que eles estão ouvindo? — perguntou Alucard, tomando outro gole. — Esses santos para quem você reza.

Até onde Lenos sabia, o capitão não era um homem espiritualizado, e não havia problema nisso. A magia era um rio esculpindo o próprio curso, escolhendo para quem fluir e de quem desviar. E, para aqueles de quem se desviava, bem, havia uma razão para isso também. Porque eles tendiam a ter uma visão melhor da água se estivessem na margem. Lenos deu de ombros, procurando as palavras certas.

— Não é... exatamente... uma conversa.

Alucard arqueou uma sobrancelha, a safira cintilando à luz difusa do fim do dia.

— O que é, então?

Lenos hesitou.

— É mais como... uma oferenda.

O capitão emitiu um som que poderia ter significado compreensão. Ou ele poderia simplesmente estar pigarreando.

— Sempre há um tripulante estranho... — devaneou Alucard. — Como você foi parar no meu navio?

Lenos baixou os olhos para o talismã que ainda estava aninhado na palma da sua mão.

— A vida — disse ele, uma vez que não acreditava em sorte; era a ausência de projeto. E, se Lenos acreditava em algo, era que tudo tinha uma ordem, uma razão para acontecer. Às vezes se estava perto demais para ver, outras vezes longe demais, mas existia.

Ele pensou sobre isso e acrescentou:

— E Stross.

Afinal, foi o rude primeiro imediato do *Spire* que deparou com Lenos em Tanek quando ele saía da embarcação vinda de Hanas, que simpatizou com ele por alguma razão e que o levou para o convés de um novo navio, com o seu casco brilhando e as suas velas azul-marinho. Lá estava reunido

um grupo estranho; porém, o mais estranho para Lenos era o homem empoleirado no leme.

— Agora estamos acolhendo desgarrados? — perguntou então o homem quando viu Lenos.

Ele tinha um jeito agradável, o tipo de sorriso que fazia qualquer um querer sorrir também. Lenos ficou observando — os marinheiros da sua aldeia eram todos bronzeados e descarnados. Até os capitães pareciam ter sido deixados ao relento por um verão, um inverno e uma primavera. Mas esse homem era jovem, forte e impressionante e vestia roupas pretas retintas com detalhes prateados.

— O nome é Alucard Emery — disse ele, e um burburinho passou pelos homens reunidos. Mas Lenos não fazia ideia do que era ser um Emery, ou por que ele deveria se importar. — Este aqui é o *Night Spire* e vocês estão aqui porque o navio precisa de uma tripulação. Mas vocês não são a minha tripulação. Ainda não. — Ele indicou com a cabeça o homem mais próximo, uma figura grande e imponente com músculos definidos feito cordas grossas envolvendo a sua estrutura. — O que você sabe fazer?

Uma risada perpassou o grupo.

— Bem — respondeu o homem grande —, eu sou razoavelmente bom em levantar peso.

— Leio qualquer mapa — ofereceu outro.

— Ladrão — disse um terceiro. — O melhor que vai encontrar.

Todos os homens a bordo eram mais que marinheiros. Cada um deles tinha uma habilidade; alguns tinham várias. E então Alucard Emery olhou para Lenos com aquele olhar escuro como uma tempestade.

— E você? — perguntou ele. — O que *you* sabe fazer?

Lenos avaliou a sua própria compleição, muito magra, as costelas se sobressaindo a cada respiração, as mãos ásperas não pelo trabalho, mas apenas por uma infância passada brincando em margens rochosas. A verdade é que Lenos nunca foi muito bom em nada. Nem em magia inata ou com mulheres bonitas, nem com demonstrações de força ou no jeito de se expressar. Sequer tinha muita habilidade em navegar (embora soubesse dar nós e não tivesse medo de se afogar).

A única coisa para a qual Lenos tinha aptidão era pressentir o perigo: não em lê-lo num prato escurecido ou localizá-lo em linhas de luz, mas

simplesmente *senti-lo*, da forma como alguém sente um tremor sob os pés, uma tempestade que se aproxima. Sentir o perigo e sair do seu caminho.

— Então? — insistiu Alucard.

Lenos engoliu em seco.

— Eu sei dizer quando há algo errado.

Alucard ergueu uma sobrancelha (ainda não havia uma safira cintilando, não até a primeira jornada a Faro).

— Capitão — acrescentou Lenos apressadamente, interpretando mal a surpresa do homem, tomando-a por insulto.

Alucard Emery exibiu outro tipo de sorriso.

— Muito bem — disse ele —, vou cobrá-lo.

Isso aconteceu em outra noite, em outro tempo, em outro navio.

Mas Lenos manteve a sua palavra.

— Estou com um mau pressentimento — sussurrou ele agora, olhando para o mar. A água estava calma, o céu limpo, mas havia um peso no seu peito, como se estivesse prendendo a respiração há tempo demais.

— Lenos — Alucard deu uma risadinha e se levantou —, tem um pedaço de mágica desfilando como um deus, um nevoeiro envenenado destruindo Londres e três *Antari* treinando a bordo do nosso navio — falou o capitão. — Eu ficaria preocupado se *não* estivesse.

II

Maldição, pensou Lila ao se curvar no convés.

Após horas de treino, ela se sentia tonta e a pele de Kell estava encharcada de suor, porém Holland mal parecia ter se esforçado. Ela lutou contra o ímpeto de acertá-lo no estômago antes que Hano gritasse do alto do mastro, do cesto da gávea. O navio precisava de brisa.

Ela se jogou num caixote enquanto os outros iam ajudar. Parecia que tinha disputado três partidas do *Essen Tasch* e perdido todas. Cada centímetro do seu corpo, até os ossos, doía por causa do uso dos anéis. Como os outros dois *Antari* ainda tinham energia suficiente para conjurar vento para as velas ela não fazia ideia.

Mas o treinamento parecia estar funcionando.

Conforme o navio singrava pelas primeiras sombras do crepúsculo, eles atingiram certo equilíbrio. Já conseguiam manter uma espécie de harmonia e amplificar as suas magias sem demandar demais um do outro. Era uma sensação tão estranha, ser mais forte e mais fraco ao mesmo tempo, tanto poder e tamanha dificuldade em comandá-lo, como uma arma mal balanceada.

Ainda assim, o mundo resplandecia com magia, os fios dela entremeados no ar como luz, remanescendo a cada vez que Lila piscava. Ela sentia como se pudesse estender a mão, mexer num deles e fazer o mundo cantar.

Ela ergueu a mão diante dos olhos, protegendo-os do sol para observar o anel de prata ainda no dedo médio.

Era controle. Era equilíbrio. Era tudo o que ela não era, e mesmo agora Lila se sentia tentada a atirá-lo no mar.

Ela nunca prezou pela moderação. Não quando era apenas uma menina de rua rápida em julgar as coisas e com uma faca ainda mais rápida, e

certamente não agora que havia acendido a magia nas suas veias. Ela sabia que era assim, *gostava* disso e estava convencida de que isso a mantinha viva. Viva, mas sozinha. Era difícil ficar de olho nos outros quando se estava ocupada cuidando de si mesma.

Lila estremeceu, o suor há muito frio no seu couro cabeludo.

Quando foi que as estrelas apareceram?

Ela se levantou, pulou do caixote e estava a meio caminho do porão quando ouviu o canto. O seu corpo doía e ela queria uma bebida, mas os seus pés seguiram o som e ela logo encontrou a fonte. Hastra estava sentado de pernas cruzadas com as costas na amurada e algo resguardado entre as mãos em concha.

Mesmo com pouca luz, os cachos castanhos de Hastra estavam entremeados de dourado. Ele parecia jovem, ainda mais jovem que ela, e, quando a viu ali parada, não fugiu como Lenos. Em vez disso, Hastra sorriu.

— Senhorita Bard — disse ele calorosamente —, eu gosto do seu novo olho.

— Eu também — concordou ela, escorregando até se sentar no chão.
— O que você tem nas mãos?

Hastra abriu a mão dos e revelou um pequeno ovo azul.

— Encontrei nas docas, em Rosenal — explicou ele. — É preciso cantar para os ovos, sabia?

— Para que choquem?

Hastra balançou a cabeça.

— Não, isso vai acontecer de qualquer forma. É preciso cantar para que estejam felizes ao chocar.

Lila ergueu uma sobrancelha. Eles tinham mais ou menos a mesma idade, porém havia algo de *infantil* em Hastra. Ele era jovial de uma forma que ela jamais foi. E, além disso, o ar estava sempre quente ao redor dele, da mesma maneira que acontecia com Tieren, a calma deslizava pela mente dela como seda, como neve.

— Kell me disse que você devia ter se tornado sacerdote.

O sorriso de Hastra ficou triste.

— Eu sei que não fui um guarda muito bom.

— Não acredito que ele tenha dito isso como insulto.

Ele roçou o polegar pela casca frágil.

— Você é tão famosa no seu mundo quanto Kell é aqui?

Lila pensou nos cartazes de “Procura-se” pendurados na Londres *dela*.

— Não pelos mesmos motivos.

— Mas você decidiu ficar.

— Acho que sim.

O sorriso dele ficou mais caloroso.

— Fico feliz.

Lila exalou, soprando e balançando o próprio cabelo.

— Eu não ficaria — disse ela. — Sou propensa a complicar as coisas.

Hastra baixou os olhos para o pequeno ovo azul.

— Vida é caos. Tempo é ordem.

Lila dobrou os joelhos, encostando-os no peito.

— O que isso significa?

Ele corou.

— Não tenho certeza. Mas mestre Tieren disse isso, então me pareceu sábio.

Lila começou a rir, mas parou abruptamente quando o seu corpo estalou de dor. Ela realmente precisava daquela bebida, por isso deixou Hastra com o seu ovo e as suas canções e se dirigiu ao porão.

* * *

A cozinha não estava vazia.

Jasta estava sentada à mesa estreita, um copo numa das mãos e um baralho na outra. O estômago de Lila roncou, mas o cheiro do cômodo dizia que Ilo tinha tentado fazer um ensopado (e falhado). Então, em vez disso, ela foi até a despensa e se serviu de um copo da bebida que Jasta estava tomando. Algo forte e escuro.

Sentia o olhar da capitã pousado nela.

— Esse olho novo — ponderou Jasta — lhe cai bem.

Lila ergueu o copo para ela.

— Saúde.

Jasta pousou o seu copo e embaralhou as cartas com as duas mãos.

— Sente-se aqui comigo. Jogue uma partida.

Lila examinou a mesa, que estava recoberta com os restos de uma partida, copos vazios empilhados numa das pontas e cartas na outra.

— O que aconteceu com o último adversário?

Jasta deu de ombros.

— Ele perdeu.

Lila sorriu sem vontade.

— Acho que vou recusar.

Jasta soltou um grunhido baixinho.

— Você não vai jogar porque sabe que vai perder.

— Você não vai conseguir me provocar para me fazer jogar.

— *Tac*, talvez no fim das contas você não seja uma pirata, Bard. Talvez esteja apenas fingindo, como Alucard, brincando de se vestir com roupas que não lhe servem. Talvez o seu lugar seja em Londres e não aqui, no mar.

O sorriso de Lila se tornou mordaz.

— O meu lugar é onde eu escolher.

— Acho que você é uma ladra, não uma pirata.

— Uma ladra rouba na terra; uma pirata, no mar. Até onde sei, eu sou ambas.

— Essa não é uma diferença real — falou Jasta. — A verdadeira diferença é *tarnal*. — Lila não conhecia a palavra. A mulher deve ter percebido isso, porque procurou uma tradução por alguns segundos e disse: — Audácia.

Os olhos de Lila se estreitaram. Ela não sabia que Jasta falava outra língua além do arnesiano. No entanto, marinheiros tinham o hábito de roubar palavras como se fossem moedas, guardando-as para quando fossem necessárias.

— Sabe — continuou Jasta, cortando o baralho —, uma ladra joga apenas quando sabe que vai ganhar. Uma pirata joga até mesmo quando acha que vai perder.

Lila terminou a bebida e acomodou a perna sobre o banco, sentindo os membros pesados como chumbo. Ela tamborilou na mesa com o nó dos dedos, o novo anel cintilando à luz do lampião.

— Está bem, Jasta. Dê as cartas.

Era uma partida de Santo.

— Se perder, você bebe — falou Jasta, distribuindo as cartas.

Elas deslizaram pela superfície da mesa, viradas para baixo. O verso das cartas era preto e dourado. Lila olhou as próprias cartas e as analisou distraidamente. Ela conhecia as regras o suficiente para saber que era menos sobre jogar pelas regras do que sobre trapacear.

— Então, me diga — continuou a capitã, organizando a própria mão —, o que você quer?

— Essa é uma pergunta muito abrangente.

— E fácil. Se você não sabe a resposta, não conhece a si mesma.

Lila parou por um momento, refletindo. Ela jogou duas cartas na mesa. Um fantasma e uma rainha.

— Liberdade — respondeu. — E você?

— O que eu quero? — devaneou Jasta. — Vencer.

Ela jogou um par de santos.

Lila praguejou.

Jasta abriu um sorriso torto.

— Beba.

* * *

— *Como se sabe quando o Sarows está chegando?* — cantarolou Lila enquanto andava pelo corredor estreito do navio, a ponta dos dedos tateando ambas as paredes em busca de equilíbrio.

No mesmo instante, o aviso de Alucard sobre Jasta voltava à sua mente com força total.

— *Nunca desafie aquela mulher para uma competição de quem bebe mais. Ou para uma luta de espadas. Ou qualquer coisa em que você possa perder. Porque você vai.*

O navio oscilou sob os seus pés. Ou talvez fosse ela quem estava oscilando. Inferno. Lila era magra, mas tinha experiência. E, mesmo assim, ela nunca teve tanta dificuldade em ingerir muita bebida.

Quando chegou ao quarto, encontrou Kell debruçado sobre o Herdeiro, examinando as marcas nas laterais do objeto.

— Oi, bonitão — disse ela, apoiando-se na soleira da porta.

Kell ergueu o olhar, um meio sorriso nos lábios por alguns instantes antes de se desmanchar.

— Você está bêbada — falou ele, lançando-lhe um olhar demorado e avaliativo. — E não está usando sapatos.

— Os seus poderes de observação são espantosos. — Lila olhou para os próprios pés, descalços. — Eu os perdi.

— Como você perdeu os sapatos?

Lila franziu as sobrancelhas.

— Eu os apostei. Perdi.

Kell se levantou.

— Para quem?

Um leve soluço.

— Jasta.

Kell suspirou.

— Fique aqui. — Ele passou por ela e seguiu para o corredor, uma das mãos pousando na sua cintura e então, rápido demais, o toque se foi. Lila conseguiu ir até a cama e desabou nela, pegando o Herdeiro que havia sido deixado de lado e o segurando contra a luz. O fuso na base do cilindro era afiado o suficiente para cortar, então ela girou o dispositivo cuidadosamente entre os dedos, estreitando os olhos para enxergar as palavras marcadas ao redor dele.

Rosin, dizia um dos lados.

Cason, lia-se em outro.

Lila franziu o cenho, repetindo as palavras, quando Kell reapareceu à porta.

— *Dar... e Tomar* — traduziu ele, jogando as botas para ela.

Ela se sentou rápido demais e se retraiu.

— Como conseguiu isso?

— Simplesmente expliquei que ela não podia ficar com as botas. Não serviriam. E então eu dei as minhas a Jasta.

Lila olhou para os pés descalços de Kell e caiu na gargalhada. Kell se inclinava sobre ela, pressionando a boca de Lila com uma das mãos.

— *Vai acordar o navio inteiro* — disse ele num sussurro suave, o ar a acariciando.

E ela caiu de volta no catre, levando-o junto.

— Droga, Lila. — Ele se apoiou um instante antes de bater com a cabeça na parede. A cama realmente não era grande o suficiente para dois. — O quanto você bebeu?

Os risos de Lila cessaram.

— Nunca fui de beber acompanhada — ponderou ela em voz alta. Era estranho se ver falando mesmo que não estivesse pensando em fazer isso. As palavras apenas saíram. — Não queria ser pega de surpresa.

— E agora?

Aquele sorriso cintilante.

— Acho que dou conta de você.

Ele se abaixou até o seu cabelo roçar na têmpora de Lila.

— É mesmo?

Mas então algo na escotilha chamou a atenção dele.

— Há um navio lá.

Lila girou a cabeça.

— Como consegue enxergá-lo no escuro?

Kell franziu o cenho.

— Porque está em chamas.

Lila se pôs de pé em um segundo, o mundo inclinando sob os seus pés descalços. Ela enterrou as unhas na palma das próprias mãos, esperando que a dor clareasse a sua mente. O perigo teria de fazer o resto.

— O que isso significa? — perguntava Kell, mas ela já corria escada acima.

— Alucard! — gritou Lila assim que alcançou o convés.

Por um breve e terrível segundo, o *Ghost* ficou quieto ao seu redor, o convés vazio, e Lila pensou que fosse tarde demais. Mas não havia cadáveres, e um segundo depois a capitã estava lá; Hastra também, ainda embalando o seu ovo. Lenos apareceu, esfregando os olhos para despertar, os ombros tensos como se tivesse acordado de um pesadelo. Kell os alcançou, descalço, enquanto pegava o casaco.

Ao longe, o navio queimava, uma chama vermelha e dourada contra a noite.

Alucard parou ao lado dela.

— *Santo* — xingou ele, as chamas refletidas nos seus olhos.

— *Mas aven...* — começou Lenos.

E então ele emitiu um som estranho, como um soluço preso na garganta, e Lila se virou a tempo de ver a lâmina dentada se projetando do peito dele antes de Lenos ser jogado para o lado e as Serpentes do Mar embarcarem no *Ghost*.

III

Durante meses, Kell treinou sozinho sob o palácio real, deixando o chão do Dique manchado com suor e sangue. Lá, ele enfrentou centenas de inimigos e lutou contra centenas de formas, afiando a mente e a magia, aprendendo como usar tudo e qualquer habilidade que possuísse. Tudo isso foi uma preparação — não para o torneio, uma vez que ele nunca havia pensado em competir, mas para este exato momento. Para que, quando chegasse a hora de encarar a morte mais uma vez, estivesse preparado.

Ele treinou para lutar no palácio.

Treinou para lutar nas ruas.

Treinou para lutar à luz do dia e na escuridão.

Mas Kell não pensou em treinar para lutar no mar.

Sem o poder de Alucard enfunando as velas, as lonas desinflaram e se enroscaram, revirando o *Ghost* de forma que a água se chocava com o costado, balançando o navio enquanto os mercenários invadiam o convés.

Tudo o que restou de Lenos, após uma onda curta e fugaz, foram as gotas de sangue salpicando a madeira. Um instante de calmaria numa noite que se transformou em caos — água e vento rugindo nos ouvidos de Kell, madeira e aço sob os seus pés, tudo caturrando e balançando como se tivesse sido pego por uma tempestade. Tudo era tão mais barulhento e feroz que aquelas batalhas imaginárias travadas no Dique, tão mais aterrorizante que as partidas do *Essen Tasch* que, por um instante — apenas um instante —, Kell ficou petrificado.

Mas então o primeiro grito rasgou o ar, uma crista de água se ergueu como gelo quando Alucard conjurou uma lâmina direto do mar sombrio, e não havia mais tempo para pensar, não havia tempo para planejar, não havia tempo para nada além de *lutar*.

Kell logo perdeu Lila de vista, confiando nos fios da sua magia, naquele zumbido persistente do poder dela nas suas veias, para lhe confirmar que ela continuava viva enquanto o *Ghost* mergulhava no caos.

Hastra estava atracado com uma das sombras, as costas voltadas para o mastro, e Kell fez um movimento com o pulso, liberando os estilhaços de aço que mantinha embainhados nos punhos da própria camisa, quando os dois primeiros assassinos avançaram sobre ele. Os pregos de aço voaram como fizeram tantas vezes no Dique, mas agora eles perfuravam corações em vez de figuras de treinamento, e, para cada sombra que ele matava, aparecia outra.

O aço sibilou atrás dele, e Kell se virou a tempo de desviar da faca de um assassino. Mesmo assim ela encontrou carne, mas cortou a face no lugar do pescoço. A dor era algo distante, acirrada apenas pelo ar marinho quando os seus dedos roçaram o corte e então agarraram o pulso do assassino. Gelo subiu pelo braço do assassino, e Kell soltou assim que outra sombra o agarrou pela cintura e jogou o seu corpo de lado com força na amurada do navio.

Diante de tamanha força, a madeira se quebrou e ambos despencaram no mar. A superfície era como uma muralha gélida e o impacto expulsou o ar dos pulmões de Kell, a água gelada os envolvendo enquanto ele lutava com o assassino, a escuridão que revolvía ao redor deles quebrada apenas pela luz do navio em chamas, em algum lugar acima da água. Kell tentou acalmar o oceano, ou ao menos afastá-lo dos seus olhos, mas ele era grande demais, e, mesmo se convocasse o poder de Holland e de Lila juntos, ainda assim não seria o bastante. Ele estava ficando sem ar e não suportava a ideia de Rhy, a uma Londres de distância, não conseguir respirar novamente. Não tinha escolha. Quando o assassino avançou outra vez com a sua faca curva, Kell deixou o golpe acertá-lo.

Um arquejo escapou numa corrente de ar quando a lâmina cortou a manga e atingiu o seu braço. Imediatamente, a água começou a ficar turva com o sangue.

— *As Steno* — proferiu ele, as palavras abafadas pela água, o seu último suspiro exalado, porém ainda audível e carregado de intenção. O mercenário ficou rígido quando o seu corpo se transformou de carne e osso em pedra, e então afundou rapidamente até o leito do mar. Num reflexo, Kell subiu com urgência para a superfície e emergiu entre as ondas. De

onde estava, conseguia ver os botes dos atacantes, feitos de madeira, aço e feitiços, conduzindo da água até o convés do *Ghost*.

Kell escalou, o braço latejando e as roupas encharcadas e pesadas o empurrando para baixo a cada movimento da subida. Mas ele conseguiu, jogando-se de lado para dentro da embarcação.

— Cuidado, senhor!

Kell se virou ao mesmo tempo que o assassino avançava sobre ele, mas o homem foi impedido repentinamente pela espada de Hastra, cravada nas suas costas. O assassino se curvou e Kell se pegou encarando os olhos aterrorizados do jovem guarda. O rosto, as mãos e os cachos de Hastra estavam salpicados de sangue. Ele parecia prestes a perder o equilíbrio.

— Você está ferido? — perguntou Kell com urgência.

Hastra balançou a cabeça.

— Não, senhor — respondeu ele, a voz trêmula.

— Ótimo — falou Kell, recolhendo a faca do assassino. — Então vamos recuperar esse navio.

IV

Holland estava sentado na cama, estudando o aro de prata no polegar, quando ouviu Lila subir intempestivamente a escada, depois o barulho de algo pesado se chocando com a água, os passos de muitos pés.

Ele se levantou, e estava na metade do caminho até a porta quando o piso oscilou e a sua visão mergulhou na escuridão, todo o seu poder se esvaindo por um instante súbito e vacilante.

Ele cambaleou, buscando forças, e caiu de joelhos, o corpo se tornando algo separado do seu poder, como se alguém tivesse puxado a sua magia feito uma corda.

Por um instante aterrorizante, nada restou, e então, tão subitamente quanto desapareceu, o cômodo estava de volta, tudo no lugar, exatamente como antes, porém agora havia gritos lá em cima, um navio em chamas lá fora e alguém descendo os degraus.

Holland se forçou a ficar de pé, a cabeça ainda girando por causa da privação de magia.

Ele arrancou da parede as correntes que abandonou, enrolou-as nas mãos e foi cambaleando até o corredor.

Dois estranhos vinham na sua direção.

— *Kers la?* — falou um deles quando Holland se deixou tropeçar e cair.

— Um prisioneiro — disse o segundo ao ver o brilho do metal e presumindo, erroneamente, que Holland ainda estava acorrentado.

Ele ouviu o sibilar das lâminas sendo liberadas das bainhas enquanto convocava o seu poder de volta como se inspirasse.

O sangue de Holland cantou, a magia fluindo nas suas veias, renovada, no instante em que a mão do invasor se enrolou nos seus cabelos, virando a sua cabeça para trás e expondo a sua garganta. Por um ínfimo instante,

ele deixou que pensassem que estavam ganhando, deixou que pensassem que seria fácil e quase pôde sentir a guarda deles baixar, a tensão diminuir.

E então ele avançou, girando para cima e se desvencilhando num movimento suave, quase displicente, e envolveu o pescoço de um inimigo com as correntes antes de transformar em pedra o torno feito de correntes de ferro. Ele soltou e o homem tombou para a frente, agarrando inutilmente o próprio pescoço enquanto Holland tirava uma lâmina da bainha no quadril e cortava o pescoço do segundo homem.

Ou tentou fazer isso.

O assassino foi rápido, desviando ao dar um passo para trás, depois dois, dançando ao redor da lâmina como Ojka costumava fazer. Mas Ojka nunca tropeçou, e o assassino o fez, errando o suficiente para Holland derrubá-lo e transpassar a espada pelas costas dele, espetando o sujeito no chão.

Holland passou por cima dos corpos que ainda se contorciam e seguiu para a escada.

A foice surgiu do nada, cantando da sua maneira peculiar.

Se Athos e Astrid não tivessem predileção pelas sinuosidades malignas do aço, se Holland não tivesse sonhado em usar as lâminas curvas para cortar o pescoço deles, nunca teria reconhecido o som da lâmina, nem saberia como e quando abaixar.

Ele dobrou um joelho ao mesmo tempo que a foice era cravada na parede acima da sua cabeça e se virou bem a tempo de agarrar uma segunda lâmina com as próprias mãos. O aço cortou rápido e profundamente, mesmo enquanto ele se esforçava para amortecer o golpe, comandando metal, ar e osso. O assassino se inclinou com a lâmina e o sangue de Holland gotejou espesso no chão; o triunfo se transformando em medo no rosto do homem quando ele percebeu o que havia feito.

— *As Isera* — pronunciou Holland, fazendo surgir gelo da palma das mãos machucadas, engolindo lâmina e pele em um segundo.

A foice escorregou dos dedos congelados; as mãos do próprio Holland cantando de dor. Os cortes eram profundos, mas, antes que pudesse curá-los, antes que pudesse fazer qualquer coisa, uma corda se enrolou no seu pescoço. As suas mãos rumaram para o pescoço, porém outras duas cordas surgiram do nada, apertando os seus pulsos e forçando os braços a se manterem abertos.

— Contenham-no — ordenou uma assassina, passando por cima de alguns corpos que entulhavam o corredor. Ela segurava um gancho numa das mãos. — Eles querem o olho intacto.

Holland não atacou. Ficou imóvel, fazendo um balanço das suas armas e contando as vidas que adicionaria à sua lista.

Enquanto a assassina se aproximava dele, as suas mãos começaram a formigar com um calor estranho. O eco da magia de outra pessoa.

Lila.

Holland sorriu, enrolou os dedos nas cordas e puxou. Não as próprias cordas, e, sim, o feitiço de outra *Antari*.

Fogo irrompeu pelas cordas.

Os fios retorcidos se partiram como ossos e Holland se libertou. Com um movimento da mão as lanternas se quebraram, o corredor ficou escuro e ele avançou sobre eles.

V

As Serpentes do Mar lutavam bem.

Assustadoramente bem.

Certamente melhor que os tripulantes do *Copper Thief*, melhor que todos os piratas que Lila encontrou naqueles meses no mar.

As Serpentes lutavam como se fosse muito importante.

Lutavam como se a vida delas dependesse disso.

Mas ela também lutava assim.

Lila se abaixou enquanto uma lâmina curva se enterrava no mastro atrás dela, girou para longe fugindo de uma espada que cortava o ar. Alguém tentou enrolar uma corda no seu pescoço, mas ela a pegou, girou e se soltou, então enfiou a sua faca entre as costelas de um estranho.

A magia retumbava nas suas veias, tracejando o navio em linhas de vida. As Serpentes se moviam como sombras, mas para Lila elas brilhavam com luz. As lâminas dela deslizaram sob armaduras, encontraram carne e arrancaram sangue.

Um punho acertou o seu queixo, uma faca roçou a sua coxa, mas ela não parou, não diminuiu o ritmo. Estava zumbindo com poder, um pouco dela e um pouco emprestado, e a sua totalidade incandescendo.

Sangue escorreu pelo olho bom de Lila, mas ela não se importou, porque sempre que tirava uma vida ela via Lenos.

Lenos, que a temeu.

Lenos, que foi gentil apesar disso.

Lenos, que a chamou de presságio, de sinal de mudança.

Lenos, que a enxergou antes que ela fosse capaz de reconhecer a si mesma.

Lenos, que morreu com um ferrão no peito e a mesma confusão triste que ela sentiu no beco em Rosenal, a mesma compreensão horrível

rabiscada no seu rosto.

Ela conseguia sentir Kell e Holland lutando também, em lados opostos do navio, sentir o flexionar e repuxar da magia deles nas suas veias, a dor deles como um membro amputado.

Se as Serpentes possuíam magia, não estavam fazendo uso dela. Talvez estivessem apenas evitando danificar o *Ghost*, uma vez que já haviam afundado o seu próprio navio. Mas Lila se amaldiçoaria se percesse tentando poupar este pequeno barco de merda. Fogo ardia nas mãos dela. As tábuas do assoalho rangiam quando ela as convocava. O navio se inclinou violentamente embaixo dela.

Ela afundaria a porcaria da embarcação se fosse necessário.

Mas não teve a oportunidade. A mão de alguém surgiu e agarrou a gola do seu casaco, puxando-a para trás de um caixote. Ela libertou a faca da bainha escondida sob o braço, porém a outra mão do atacante, muito maior que a dela, segurou o seu pulso e o prendeu contra a madeira, ao lado da sua cabeça.

Era Jasta, pairando sobre ela, e, por um instante, Lila pensou que a capitã estivesse tentando ajudar; tentando, por algum motivo, tirá-la do caminho do perigo, poupá-la da luta. Então ela viu o corpo caído no convés.

Hano.

Os olhos da garota brilhavam no escuro, abertos, vazios, um corte limpo atravessando o pescoço.

A raiva percorreu Lila quando foi atingida pela compreensão. A insistência de Jasta em conduzir o *Ghost*, em ir com eles até o mercado flutuante. O perigo repentino nas docas de Rosenal. O jogo da embriaguez que haviam disputado mais cedo naquela mesma noite com uma bebida forte demais.

— Você está com eles.

Jasta não negou. Limitou-se a exibir um sorriso impiedoso.

Lila projetou o seu comando contra a capitã vira-casaca e a outra mulher foi forçada a recuar.

— Por quê?

A mulher deu de ombros.

— Aqui quem reina é o dinheiro.

Lila atacou, mas Jasta era duas vezes mais rápida do que parecia e igualmente forte. Um segundo depois, Lila foi empurrada de volta para a lateral do navio, a amurada esmagando as suas costelas com força suficiente para arrancar o ar dos seus pulmões.

Jasta estava no mesmo lugar de antes, parecendo quase entediada.

— As minhas ordens são para matar o príncipezinho de Arnes — disse ela, pegando uma lâmina no quadril. — Ninguém me disse o que fazer com você.

O ódio gélido subiu pelas veias de Lila, sobrepujando até mesmo o calor do poder.

— Se queria me matar, já deveria ter feito isso.

— Mas eu não *tenho* de matar você — falou Jasta enquanto a embarcação continuava sendo invadida por sombras ameaçadoras. — Você é uma ladra e eu sou uma pirata, mas ambas somos lâminas. Vejo isso em você. Você sabe que aqui não é o seu lugar. Não aqui com eles.

— Você está errada.

— Pode fingir o quanto quiser — escarneceu Jasta. — Pode mudar as suas roupas. Mudar de idioma. Mudar de rosto. Mas você sempre será uma lâmina, e elas são boas para uma coisa e somente uma coisa: cortar.

Lila deixou as mãos penderem ao lado do corpo, como se estivesse ponderando sobre as palavras da traidora. Sangue escorria dos seus dedos, e os seus lábios se moveram lentamente, de forma quase imperceptível. As palavras *As Athera* perdidas entre os regozijos de Jasta e metais se chocando por todo lado.

Lila ergueu a voz.

— Talvez você esteja certa.

O sorriso de Jasta se alargou.

— Sei reconhecer uma lâmina. Sempre soube. E eu posso ensiná-la a...

Lila cerrou o punho, convocando madeira, e os caixotes atrás de Jasta se projetaram com força para a frente. A mulher se virou, tentando se esquivar, mas a magia sussurrada de Lila funcionou — *As Athera, crescer* — e as tábuas do navio se ramificaram pelas botas de Jasta enquanto ela se gabava. A capitã despencou no convés e ficou debaixo de caixas pesadas.

Jasta soltou um xingamento sufocado, numa língua que Lila não conhecia, a perna presa sob o peso, o som do osso se partindo pairando no ar.

Lila se agachou diante dela.

— Talvez você esteja certa — repetiu ela, levando a sua lâmina até o pescoço de Jasta. — E talvez esteja errada. Não escolhemos o que somos, mas escolhemos o que fazemos. — A faca estava pronta para se enterrar.

— Certifique-se de cortar bem fundo — provocou Jasta quando o sangue brotou ao redor da ponta da lâmina, derramando-se em linhas finas pelo seu pescoço.

— Não — falou Lila, recuando.

— Não vai me matar? — zombou Jasta.

— Ah, vou sim — respondeu Lila —, mas não antes de você me contar tudo.

VI

O navio estava tomado por sangue, aço e morte.

E então não estava mais.

Não houve um íterim.

O último corpo desabou no convés, aos pés de Kell, e estava tudo acabado. Ele soube por causa do silêncio e da repentina quietude dos fios de magia que se moviam entre ele, Holland e Lila.

Kell cambaleou de exaustão enquanto Holland subia a escada, passando por cima de uma poça brilhante de umidade, as mãos uma confusão de pele rasgada. No mesmo instante, Alucard apareceu, mantendo um braço contra o peito. Alguém havia arrancado a safira da sua testa e sangue escorria sobre um dos seus olhos, transformando o cinza tempestade da íris num azul violento.

Perto dali, Hastra desabou sobre um caixote, ainda trêmulo e pálido. Kell tocou o ombro do jovem guarda.

— Foi a primeira vez que você tirou uma vida?

Hastra engoliu em seco e assentiu.

— Eu sempre soube que a vida era frágil — disse ele com voz rouca.

— Manter algo vivo já é bastante difícil. Mas matar... — Ele foi parando de falar e então, de forma abrupta, virou-se e vomitou no convés.

— Está tudo bem — falou Kell, ajoelhando-se ao lado dele, o seu próprio corpo reclamando por causa de uma dúzia de pequenas feridas, bem como pelo vazio que sempre se seguia a uma luta.

Depois de alguns segundos, Hastra se endireitou, limpando a boca na manga do casaco.

— Acredito estar pronto para me tornar sacerdote. Acha que Tieren me aceitaria de volta?

Kell apertou o ombro do rapaz.

— Podemos conversar com ele — falou Kell — quando voltarmos para casa.

Hastra conseguiu abrir um sorriso.

— Isso seria bom.

— Onde está Bard? — interrompeu Alucard.

Lila apareceu um instante depois, arrastando a forma enorme e manca da capitã do *Ghost*.

Kell olhou, chocado, quando Lila forçou Jasta a ficar de joelhos no convés. O rosto da mulher estava inchado e manchado de sangue, as mãos amarradas com uma corda grossa, uma das pernas visivelmente quebrada.

— Lila, o que você...

— Por que não conta a eles? — disse Lila, cutucando Jasta com a bota. Quando a mulher apenas rosnou, Lila falou: — Foi ela.

Alucard emitiu um som de nojo.

— *Tac*, Jasta. As Serpentes do Mar?

Foi a vez de a mulher escarnecer.

— Não podemos todos ser bichinhos de estimação da coroa.

A mente cansada de Kell se transformou. Uma coisa era ser atacado por piratas. Outra era ser feito de recompensa.

— Quem contratou você?

— Encontrei isso com ela — falou Lila, exibindo uma bolsa de pedras preciosas azuis. Não de qualquer tipo, mas as pequenas gemas ovais usadas para enfeitar o rosto de um faroense.

— Sol-in-Ar — resmungou Kell. — Qual era a sua missão?

Quando Jasta respondeu com uma cusparada no convés, Lila enfiou a bota na perna ferida da mulher. Um rosnado escapou da garganta dela.

— Matar o traidor teria sido um privilégio — rugiu ela. — Fui contratada para matar o príncipe de olho preto. — O olhar dela rumou até encontrar o de Kell. — E uma Serpente não para até o trabalho estar concluído.

A faca surgiu do nada.

Num instante, as mãos de Jasta estavam vazias e, no seguinte, o último pedaço oculto de aço que ela tinha estava livre e voando para o coração de Kell. A mente dele foi mais rápida que os seus membros, e as suas mãos se levantaram devagar demais, tarde demais.

Ele se perguntaria por semanas, meses, anos, se poderia ter impedido.

Se poderia ter reunido forças para afastar o aço.

Mas, naquele instante, nada mais lhe restava.

A lâmina atingiu o destino, cravando-se até o cabo.

Kell cambaleou para trás, preparado para uma dor que nunca veio.

Os cachos de Hastra flutuaram diante dos seus olhos, tocados por fios de ouro mesmo no escuro. O rapaz tinha se movido rápido como a luz, pulando entre Kell e a faca. Os seus braços não estavam estendidos para bloquear a lâmina, mas esticados como se quisessem pegá-la.

Ela o atingiu no coração.

Um som gutural saiu da garganta de Kell quando Hastra — Hastra, que fazia as coisas crescerem, que teria sido sacerdote, que poderia ter sido qualquer coisa que quisesse e escolhera ser guarda, o guarda de *Kell* — cambaleou e tombou.

— Não! — gritou Kell, pegando o corpo do jovem antes que atingisse o convés.

Ele já estava tão quieto, imóvel, já morto, mas Kell tinha de dizer alguma coisa, tinha de fazer alguma coisa. Qual era o propósito de possuir tanto poder se as pessoas continuavam morrendo?

— *As Hasari* — implorou ele, pressionando o peito de Hastra com a palma da mão, mesmo quando as últimas batidas do seu pulso desvaneceram sob as mãos de Kell.

Era tarde demais.

Ele chegou tarde demais.

Mesmo a magia tinha seus limites.

E Hastra já estava morto.

Cachos caíram para trás, mostrando olhos que uma vez, instantes atrás, estiveram iluminados com vida, porém agora estavam escuros, imóveis, abertos.

Kell baixou o corpo de Hastra, arrancando a faca do peito do seu guarda enquanto se punha de pé. O seu peito estava ofegante, respirações irregulares se liberando sem controle. Ele queria gritar. Ele queria chorar e soluçar.

Em vez disso, ele atravessou o convés e cortou o pescoço de Jasta.

VII

Rhy rosnou de dor.

Não foi um golpe súbito e pungente, e sim a dor profunda de músculos extenuados ao limite, de energia que foi drenada. A sua cabeça latejava e o seu coração disparou quando ele se sentou, tentando se aterrar com o toque dos lençóis de seda, com o calor do fogo ainda queimando na lareira.

Você está aqui, disse a si mesmo, tentando desvencilhar a mente do pesadelo.

No sonho, ele estava se afogando.

Não do jeito como ele quase se afogou na varanda, apenas algumas horas (ou dias?) antes, quando Kell seguiu Holland até o rio. Não, isso foi mais lento. O eu de Rhy no sonho estava afundando, cada vez mais, num tumulto formado por ondas, a pressão da água expulsando o ar dos seus pulmões.

Mas a dor que Rhy sentia agora não o seguiu para fora do sonho.

Não pertencia de forma alguma a ele.

Pertencia a Kell.

Rhy pegou o broche real na mesa, desejando ser capaz de ver o que estava acontecendo com o irmão, em vez de apenas sentir os efeitos. Às vezes, ele pensava que conseguia, em vislumbres e sonhos, mas nada ficava, nada jamais permanecia.

Rhy fechou os dedos ao redor do aro de ouro enfeitado, esperando sentir o calor dos feitiços de Kell, e só então percebeu o quão impotente ele realmente era. Quão inútil para Kell. Ele poderia convocar o irmão, mas Kell não iria, não poderia, convocar Rhy.

Rhy se jogou nos travesseiros, apertando o broche contra o peito.

A dor já estava desaparecendo, um eco de um eco, uma maré recuando, deixando apenas desconforto e medo no seu encalço.

Ele não conseguiria voltar a dormir.

Os decantadores no aparador cintilaram à luz fraca do lampião, chamando-o, e ele se levantou para servir uma bebida, adicionando uma única gota do tônico de Tieren ao líquido cor de âmbar. Rhy levou o cálice aos lábios, mas não bebeu. Algo chamou a sua atenção. A sua armadura. Estava estendida como um corpo adormecido no seu sofá, os braços encouraçados cruzados. Não havia necessidade dela naquele momento, não com a cidade dormindo, mas ela ainda o chamava, mais alto que o tônico, mais alto até mesmo que a escuridão, sempre pior antes do amanhecer.

Rhy deixou o cálice de lado e pegou o elmo de ouro.

VIII

Mitos não tomam forma de repente.

Não brotam no mundo já definidos. Eles se formam aos poucos, rolando entre as mãos do tempo até que as suas bordas se suavizem, até que a repetição da história dê peso suficiente às palavras, às lembranças, para mantê-las em movimento por conta própria.

Mas toda história começa em algum lugar, e, naquela noite, enquanto Rhy Maresh andava pelas ruas de Londres, um novo mito tomava forma.

Era a história de um príncipe que vigiava a sua cidade enquanto ela dormia. Que andava a pé, com medo de atropelar um dos caídos, que traçava o seu caminho por entre os corpos do seu povo.

Alguns diriam que ele se movia em silêncio, com apenas o suave tinir dos passos de armadura dourada ecoando como sinos distantes pela rua silenciosa.

Alguns diriam que ele falava. Que mesmo na escuridão total os adormecidos o ouviam sussurrar, repetidamente:

— Vocês não estão sozinhos.

Alguns diriam que isso jamais aconteceu.

De fato, não havia ninguém lá para ver.

Mas Rhy realmente *andou* por entre eles, porque era o seu príncipe, porque não conseguia dormir e porque sabia o que era ser aprisionado por um feitiço. O que era ser arrastado para a escuridão, estar vinculado a algo e ainda assim se sentir completamente sozinho.

Uma camada cintilante de geada estava se instalando sobre o seu povo, fazendo-os parecer mais estátuas que homens, mulheres e crianças. O príncipe tinha visto árvores caídas serem lentamente engolidas pelo musgo, pedaços do mundo lentamente reclamados, e, enquanto ele se

movia por entre a multidão de caídos, perguntava-se o que aconteceria se Londres ficasse sob este feitiço por um mês, uma estação, um ano.

O mundo se refaria por cima dos corpos adormecidos?

O mundo os reclamaria, centímetro a centímetro?

A neve começou a cair pesada (estranho, estavam perto da primavera, mas essa não era a coisa mais estranha caindo sobre Londres), e então Rhy espanou o gelo das faces imóveis, rasgou a lona das carcaças fantasmagóricas do mercado noturno e tirou cobertores de casas agora assombradas apenas com lembranças de vida. E, pacientemente, o príncipe cobriu cada pessoa que encontrava, embora não parecessem sentir frio sob a segurança que os envolvia com a magia e o sono.

O frio se alimentou dos dedos do príncipe. Infiltrou-se pela armadura e chegou à pele dolorida, mas Rhy não voltou atrás, não interrompeu a sua vigília até a primeira luz do dia romper o casulo da escuridão e a aurora derreter levemente a geada. Só então o príncipe voltou ao palácio, deitou-se na cama e dormiu.





DOZE

TRAIÇÃO

I

O amanhecer despontou em silêncio sobre o *Ghost*.

Eles jogaram os corpos por cima da amurada: Hano, com o pescoço cortado; Ilo, que encontraram morto lá embaixo; Jasta, que traiu a todos; e cada um dos cadáveres das Serpentes.

Hastra foi o único envolvido num cobertor. Kell cingiu o tecido cuidadosamente ao redor das pernas do rapaz, da cintura, dos ombros, poupando o seu rosto o quanto foi possível. O sorriso tímido se foi, os cachos outrora brilhantes agora estavam sem viço.

Marinheiros costumavam ser atirados ao mar, mas Hastra não era marinheiro. Era membro da guarda real.

Se houvesse flores na embarcação, Kell as teria colocado no espaço sobre o coração de Hastra. Esse era o costume em Arnes para marcar a ferida mortal.

Pensou na flor que estava no Dique, aquela que Hastra um dia fez para ele, convocando vida de um torrão de terra, uma gota de água e uma semente, a soma muito maior que as partes, uma nesga de luz num mundo que escurecia. Ainda estaria lá quando eles voltassem para casa? Ou já teria perecido?

Se Lenos estivesse lá poderia ter dito alguma coisa, proferido uma oração a todos os santos, mas Lenos também se foi, perdido na maré, e Kell não tinha flores, não sabia orações, não tinha nada além da raiva vazia que nadava no seu coração.

— *Anoshe* — murmurou ele enquanto o corpo era deixado de lado.

Eles deveriam ter limpado o convés, mas não parecia haver propósito nisso. O *Ghost*, ou o que restava dele, alcançaria Tanek ainda naquele dia.

O seu corpo oscilou de cansaço.

Ele não dormiu. Nenhum deles dormiu.

Holland estava concentrado em manter o vento nas velas enquanto Alucard permanecia no comando do leme, entorpecido. O poder era precioso, mas Lila insistiu em curar as feridas do capitão. Kell presumiu que não poderia culpá-la. Alucard Emery fez a parte dele para manter o navio à tona.

A própria Lila estava por perto, passando as pedras faroenses de uma mão para a outra, olhando para os pedacinhos azuis, a testa franzida indicando que estava perdida nos próprios pensamentos.

— O que foi? — perguntou ele.

— Eu matei um faroense uma vez — murmurou ela, colocando as pedras de volta na primeira mão. — Durante o torneio.

— Você *o quê*? — começou Kell, esperando que tivesse ouvido mal, que ele não se sentisse compelido a mencionar isso para Rhy, ou, pior, para Maxim, assim que atracassem. — Quando você...

— Essa não é a questão dessa história — ralhou ela, deixando as pedras caírem por entre os dedos. — Você já viu um faroense se desfazer delas? Já os viu negociar com qualquer coisa a não ser dinheiro?

Kell franziu um pouco a testa.

— Não.

— Isso porque as pedras são incrustadas na pele deles. Não se pode arrancar uma, nem se quiser, não sem uma faca.

— Eu não sabia disso.

Lila deu de ombros, estendendo a mão sobre um caixote.

— É o tipo de coisa em que se pensa quando se é uma ladra. — Ela inclinou a mão e as gemas bateram no tampo de madeira. — E, quando matei aquele faroense, as gemas no seu rosto ficaram livres. Caíram como se o que as estivesse segurando no lugar não existisse mais.

Kell arregalou os olhos.

— Você não acha que elas vieram de um faroense.

— Ah, tenho certeza de que vieram — disse Lila, pegando uma única pedra. — Mas duvido que ele tenha tido escolha.

II

Maxim terminou o seu feitiço em algum momento depois do amanhecer.

Ele se recostou na mesa e admirou o trabalho, os homens sem rosto em formação, os peitorais fechados sobre corações de aço. Doze cortes profundos marcavam o interior do braço do rei, alguns já se curando e outros recentes. Doze figuras revestidas de aço e vinculadas por um feitiço estavam diante dele, forjadas, soldadas e renovadas.

O esforço de vincular magia era extenuante, um dreno constante do seu poder, amplificando-se a cada couraça adicionada. O seu corpo tremia levemente com o peso, mas não demoraria muito, uma vez que a tarefa fosse iniciada. Maxim iria suportar.

Ele se endireitou — o quarto girou perigosamente por vários segundos antes de se estabilizar — e desceu a escada para compartilhar uma última refeição com a sua esposa, com o seu filho. Uma despedida sem palavras. Emira iria entender, e Rhy, ele esperava, iria perdoá-lo. O livro ajudaria.

Enquanto Maxim andava, ele se imaginou sentado com eles no grande salão, a mesa coberta de bules de chá e pães frescos, fumegantes. A mão de Emira na dele. A risada de Rhy transbordando pelo cômodo. E Kell, onde ele sempre esteve, sentado ao lado do irmão.

Maxim deixou a mente cansada viver dentro deste sonho, desta lembrança, deixou que ela o levasse adiante.

Somente uma última refeição.

Uma última vez.

— Vossa Majestade!

Maxim suspirou, virando-se. O seu último sonho morreu ao ver os guardas reais segurando um homem entre eles. O prisioneiro usava os tecidos roxo e branco da comitiva faroense, veias prateadas correndo como

metal derretido entre as pedras preciosas que se destacavam na pele escura. Sol-in-Ar seguia atrás dos homens intempestivamente pelo corredor, diminuindo a distância a cada passo.

— Soltem-no — ordenou o lorde faroense.

— O que significa isso? — perguntou Maxim, o cansaço desgastando todos os músculos, todos os ossos.

Um dos guardas brandia uma carta.

— Nós o interpelamos, Vossa Majestade, tentando se esgueirar para fora do palácio.

— Um mensageiro? — perguntou Maxim, rodeando Sol-in-Ar.

— Estamos proibidos de enviar cartas? — desafiou o lorde faroense.

— Não sabia que éramos prisioneiros aqui.

Maxim fez menção de abrir a carta, mas Sol-in-Ar agarrou o seu pulso.

— Não transforme aliados em inimigos — advertiu ele no seu tom sibilante. — Vocês já têm o segundo tipo em demasia.

Maxim ergueu o pulso livre e cortou a carta, abrindo-a com um único gesto fluido, os olhos voando pela escrita faroense.

— Você chamou reforços.

— *Precisamos* deles — disse Sol-in-Ar.

— Não. — A cabeça de Maxim martelava. — Isso só vai atrair mais vidas para a luta...

— Talvez se tivesse nos *contado* sobre o feitiço dos sacerdotes...

— ... mais vidas para Osaron reclamar e usar contra *todos* nós.

O príncipe veskano chegou neste instante, e Maxim voltou a própria ira contra ele, também.

— E você? Os veskanos também mandaram alguma mensagem para fora de Londres?

Col ficou lívido.

— E arriscar a vida deles também? É claro que não.

Sol-in-Ar olhou com raiva para o príncipe veskano.

— Você está mentindo.

Maxim não tinha mais energia para situações como esta. Não tinha mais tempo.

— Confinem lorde Sol-in-Ar e o seu séquito nos quartos.

O faroense o encarou, chocado.

— Rei Maresh...

— Você tem duas opções — interrompeu Maxim. — Os seus quartos ou a prisão real. E, para o seu próprio bem, e o nosso, espero que tenha enviado apenas um homem.

Quando os homens de Maxim levaram Sol-in-Ar embora, ele não protestou, não brigou. Disse apenas uma coisa com palavras engasgadas e tensas.

— Você está cometendo um erro.

* * *

A família Maresh não estava sentada no grande salão. As cadeiras permaneciam vazias. A mesa não foi posta. Não seria por algumas horas, percebeu ele. O sol sequer havia nascido.

O corpo de Maxim estava começando a tremer.

Ele não tinha forças para continuar procurando, de modo que voltou aos aposentos reais, esperando inutilmente que Emira estivesse ali, esperando por ele. O seu coração afundou ao encontrar o cômodo vazio, mesmo que uma ínfima parte sua expirasse aliviada por ele ter sido poupado da prolongada dor da despedida.

Com mãos trêmulas, ele começou a colocar os seus assuntos em ordem. Terminou de se vestir, organizou a sua escrivaninha e acomodou o texto que escreveu para o filho no meio dela.

O feitiço exauria Maxim a cada respiração, a cada pulsação; os fios da magia se enroscavam nas paredes e desciam a escada, drenando energia a cada instante não utilizada.

Em breve, prometeu o rei ao feitiço. Em breve.

Ele escreveu três cartas: uma para Rhy, uma para Kell e, por fim, uma para Emira. Todas longas demais e curtas demais. Maxim sempre foi um homem de ação, não de palavras. E o tempo urgia.

Ele estava soprando a tinta quando ouviu a porta se abrir.

O seu coração acelerou, a esperança emergindo enquanto ele se virava, esperando encontrar a esposa.

— Minha querida... — Maxim parou de falar ao ver a garota, pálida, loira e vestida de verde, uma coroa de prata nos cabelos e uma mancha vermelha como se fosse tinta na testa.

A princesa veskana sorriu. Ela tinha quatro lâminas polidas entre os dedos, finas como agulhas, e de cada uma delas pingava sangue. Quando falou, a sua voz era calma, vibrante, como se não tivesse acabado de invadir os aposentos reais, como se não houvesse corpos no corredor atrás dela nem sangue borrando a sua frente.

— Vossa Majestade! Esperava encontrá-lo aqui.

Maxim se manteve firme.

— Princesa, o que você está...

Antes que ele pudesse concluir a frase, a primeira lâmina voou pelo ar, e, quando o rei ergueu a mão, a magia conjurada para desviar o golpe, uma segunda lâmina já se enterrava na sua bota, prendendo o seu pé ao chão.

Um rugido de dor escapou quando Maxim ainda assim tentou girar o corpo para desviar de uma terceira lâmina, apenas para receber uma quarta no braço. Esta última não havia sido arremessada, ainda estava na mão da sua atacante enquanto ela fincava o aço bem acima do cotovelo dele, prendendo o braço na parede.

Tudo aconteceu num piscar de olhos.

A princesa veskana estava na ponta dos pés como se quisesse beijá-lo. Ela era muito jovem para parecer tão velha.

— Você não parece bem — comentou ela.

A cabeça de Maxim latejou. Ele deu demais de si para o feitiço. Tinha pouca força para convocar magia para uma briga. Mas ainda havia a lâmina embainhada no seu quadril. Outra na sua panturrilha. Os seus dedos estremeceram, mas, antes que ele pudesse alcançar qualquer uma delas, uma das lâminas descartadas de Cora voltou para os dedos dela.

Ela a encostou no pescoço dele.

O braço e o pé de Maxim estavam ficando dormentes; não apenas por causa da dor, mas por algo mais.

— Veneno — rosnou ele.

A princesa fez que sim com a cabeça.

— Não é o suficiente para matar — falou ela alegremente. — Esse é o meu trabalho. Mas você tem sido um anfitrião muito gentil.

— O que você fez? Sua menina tola.

O sorriso dela ganhou um ar de escárnio.

— Essa menina tola trará glória ao nome da família. Essa menina tola vai tomar o seu palácio e entregar o seu reino para o dela. — Cora se

inclinou para perto, a voz deslizando de doce para sensual. — Mas, antes, essa menina tola vai cortar o seu pescoço.

Pela porta aberta, Maxim viu o corpo caído dos seus guardas espalhado pelo corredor, braços e pernas em armadura esparramados pelo carpete.

E então viu o vestígio de pele negra, o brilho de pedras preciosas como lágrimas que refletiam luz.

— Você está delirando, princesa — disse ele enquanto o entorpecimento se espalhava pelos seus membros e os faroenses avançavam em silêncio, com Sol-in-Ar à frente. — Matar um rei lhe garante apenas uma coisa.

— O quê? — sussurrou ela.

Maxim encontrou os olhos da princesa.

— Uma morte lenta.

A lâmina de Cora começou a cortar quando os faroenses encheram a sala.

Num piscar de olhos, Sol-in-Ar conteve a menina assassina contra o próprio corpo, um braço em torno do pescoço dela.

Ela girou a faca em forma de agulha na mão, movendo-se para enterrar a ponta na perna do faroense, mas os outros chegaram rápido até ela, segurando os seus braços e a forçando a se ajoelhar diante de Maxim.

O rei tentou falar e percebeu que a sua língua estava pesada na boca, o seu corpo lutando contra inimigos demais entre o veneno e o custo da magia despendida.

— Encontrem os guardas arnesianos! — ordenou Sol-in-Ar.

Cora então lutou violentamente, com selvageria, todo o humor juvenil extirpado quando eles a privaram das suas lâminas.

Maxim por fim removeu a faca do braço com os dedos entorpecidos e libertou o pé, o sangue escorrendo pela bota enquanto ele se movia com passos irregulares até o aparador.

Ali encontrou os tônicos que Tieren mantinha preparados para ele, os para dor e os para o sono, e um, apenas um, para veneno. Então, ele se serviu de um copo de líquido rosado, como se estivesse simplesmente com sede e não lutando contra a morte.

Os seus dedos tremiam, mas ele bebeu sofregamente e colocou o copo vazio de lado, enquanto a sensibilidade retornava numa onda de calor,

trazendo também a dor. Uma nova leva de guardas apareceu na soleira da porta, todos sem fôlego e armados, com Isra no comando.

— Vossa Majestade — falou ela, examinando a sala e empalidecendo ao ver a pequena princesa veskana presa, o lorde faroense dando ordens em vez de confinado à sua ala do palácio, as facas descartadas e o rastro de pegadas sangrentas.

Maxim se forçou a se empertigar.

— Cuide dos seus guardas — ordenou ele.

— Os seus ferimentos — começou Isra, mas o rei a interrompeu.

— Não é tão fácil se livrar de mim. — Ele se virou para Sol-in-Ar. Foi uma situação quase irreversível, e ambos sabiam disso, mas o lorde faroense não disse nada. — Estou em dívida com você — continuou —, e retribuirei o favor. — Temendo que pudesse cair se demorasse muito, Maxim voltou a atenção para a menina veskana ajoelhada no chão. — Você falhou, princesinha, e isso vai lhe custar caro.

Os olhos azuis de Cora estavam febris.

— Não tanto quanto a você — disse ela, os lábios se abrindo num sorriso frio. — Ao contrário de mim, o meu irmão Col *nunca* erra o alvo.

O sangue de Maxim gelou enquanto ele se virava para Isra e para os outros guardas.

— Onde está a rainha?

III

Rhy não saiu à procura da mãe.

Encontrou com ela totalmente por acidente.

Antes dos pesadelos, ele sempre dormia até tarde. Passava a manhã inteira deitado, maravilhado com o fato de como os travesseiros pareciam mais macios depois do sono, ou de como a luz se movia no teto recoberto pelo dossel de tecidos. Nos primeiros 20 anos de vida, a sua cama era o seu lugar favorito no palácio.

Agora ele só queria se livrar dela.

Toda vez que o seu corpo afundava nas almofadas, ele sentia a escuridão chegando, envolvendo-o com os braços. Toda vez que a sua mente deslizava em direção ao sono, as sombras estavam lá para encontrá-lo.

Nos dias atuais, Rhy acordava cedo, desesperado por luz.

Não importava que ele tivesse passado a maior parte da noite de vigília nas ruas, não importava que a mente dele estivesse nebulosa, nem que os seus membros estivessem rígidos, machucados e doloridos pelo eco das lutas de outra pessoa. A falta de sono o preocupava menos do que o que ele encontrava nos seus sonhos.

O sol mal despontava no rio quando Rhy acordou, o restante do palácio ainda envolto num sono conturbado. Ele poderia ter chamado um criado — havia sempre dois ou três acordados —, mas, em vez disso, ele mesmo se vestiu, não com a armadura principesca nem com o vermelho e dourado formais, e, sim, com as vestes pretas e macias que às vezes usava nas salas íntimas do palácio.

Pegou a espada quase por reflexo, a arma em desacordo com o restante do traje. Talvez tenha sido a ausência de Kell. Talvez tenha sido o sono de Tieren. Talvez fosse a forma como o seu pai ficava mais pálido a cada dia,

ou talvez ele simplesmente estivesse se acostumando a usá-la. Qualquer que fosse o motivo, Rhy pegou a espada curta real e prendeu o cinto nos quadris.

Ele vagou distraído para o salão, a mente privada de sono esperando encontrar o rei e a rainha tomando café da manhã, mas é claro que o cômodo estava vazio. De lá, Rhy rumou para a galeria, mas se virou aos primeiros sons de vozes, baixas, preocupadas e fazendo perguntas para as quais ele não tinha respostas.

Rhy recuou, primeiro para as salas de treinamento, cheias com os remanescentes exaustos da guarda real, e depois para a sala de mapas em busca do pai, que não estava lá. Ele vasculhou salão de festas atrás de salão de festas à procura de paz, de tranquilidade, de um pingo de normalidade. Encontrou prateados, nobres, sacerdotes, magos, perguntas.

Quando chegou ao Jewel, só queria ficar sozinho.

Em vez disso, Rhy Maresh encontrou a rainha.

Ela estava de pé no centro da enorme câmara de vidro com a cabeça inclinada para a frente, como se rezasse.

— O que você está fazendo, mãe? — As palavras foram ditas suavemente, mas a voz dele ecoou pela sala vazia.

Emira ergueu a cabeça.

— Ouvindo.

Rhy deu uma olhada no salão, como se houvesse alguma coisa, ou alguém, que ele não tivesse percebido. Mas eles estavam sozinhos na enorme câmara. Sob os seus pés, o chão estava marcado por círculos inacabados, feitiços iniciados quando o palácio estava sendo atacado e abandonados assim que a magia de Tieren se instalou. O teto se erguia alto, florescendo ao redor de finas colunas de cristal.

A sua mãe estendeu a mão e percorreu o círculo mais próximo com os dedos.

— Você lembra — perguntou ela, a voz ecoando — quando pensou que as flores da primavera eram todas comestíveis?

Os passos dele soaram no chão de vidro, fazendo a sala cantar debilmente enquanto se aproximava dela.

— Foi culpa de Kell. Foi ele quem insistiu que eram.

— E você acreditou nele. E ficou muito enjoado.

— Eu me vinguei dele, lembra? Quando o desafiei para ver quem comia mais bolo com frutas. Ele não percebeu, até dar a primeira mordida, que os cozinheiros haviam feito todos com limão. — Uma risada suave escapou com a lembrança de Kell resistindo à vontade de cuspir e vomitando num vaso de mármore. — Nós tivemos uma boa cota de travessuras.

— Você diz isso como se já tivessem parado de fazê-las. — A mão de Emira soltou a coluna. — Quando cheguei ao palácio, odiei esta sala — comentou ela distraidamente, mas Rhy conhecia a mãe, sabia que nada do que dizia ou fazia era privado de significado.

— Odiou? — questionou ele.

— Eu pensei: o que poderia ser pior que um salão de festas feito de vidro? Era apenas questão de tempo para ele se quebrar. E então, um dia, ah, eu estava tão furiosa com o seu pai, não lembro por quê, mas eu queria quebrar alguma coisa. Então vim até aqui, até esse salão frágil, e soquei as paredes, o chão, as colunas. Eu bati com as minhas mãos no cristal e no vidro até as minhas juntas ficarem em carne viva. Mas não importava o que eu fizesse, o Jewel não quebrava.

— Até mesmo vidro pode ser forte — ponderou Rhy — se for grosso o suficiente.

Um sorriso vacilante, estava ali e logo não estava mais, então retornou. O primeiro foi real; o segundo, fingido.

— Criei um filho inteligente.

Rhy correu a mão pelo próprio cabelo.

— Você também *me* criou.

Ela franziu o cenho ao ouvir isso como fez tantas vezes diante dos gracejos dele. Franziu-o de um jeito que o fez lembrar Kell, mas ele jamais diria isso.

— Rhy — começou ela —, eu nunca quis...

Atrás deles, um homem pigarreou. Rhy se virou e deparou com o príncipe Col parado à porta, as suas roupas amarrotadas e o cabelo desgrenhado, como se nunca tivesse ido dormir.

— Espero não estar interrompendo — disse o veskano com uma tensão sutil na voz que alarmou o príncipe.

— Não — respondeu com frieza a rainha ao mesmo tempo que Rhy dizia:

— Está.

Os olhos azuis de Col olharam de um para o outro, visivelmente registrando o desconforto, mas ele não se retirou. Em vez disso, entrou no Jewel, deixando as portas se fecharem atrás de si.

— Eu estava procurando a minha irmã.

Rhy se lembrou dos hematomas no pulso de Cora.

— Ela não está aqui.

O príncipe veskano vasculhou o cômodo com o olhar.

— Posso ver que não — falou Col, andando até eles. — O seu palácio é de fato magnífico. — Ele se movia num ritmo casual, como se admirasse o salão, mas os seus olhos continuavam se alternando entre Rhy e a rainha. — Sempre que penso que já vi tudo, encontro outro cômodo.

Uma espada pendia do seu quadril, o punho incrustado de joias deixando a arma em destaque, mas ainda assim Rhy se arrepiou ao notá-la, ao notar a postura do príncipe, com a própria presença dele. E, então, a atenção de Emira se voltou de repente para cima, como se ela tivesse ouvido algo que Rhy não podia escutar.

— Maxim.

O nome do seu pai saiu estrangulado na forma de um sussurro dos lábios da rainha, e ela rumou para a porta apenas para ser detida quando Col desembainhou a espada.

Com esse único gesto, tudo no veskano mudou. A arrogância juvenil evaporou, e o ar casual deu lugar a algo sombrio, determinado. Col podia ser um príncipe, mas empunhava a espada com a calma controlada de um soldado.

— O que você está fazendo? — questionou Rhy.

— Não é óbvio? — Col segurou a lâmina com mais força. — Estou ganhando uma guerra antes que ela comece.

— Abaixе a espada — ordenou a rainha.

— Mil perdões, Vossa Majestade, mas não posso.

Com esperança, Rhy buscou nos olhos do príncipe alguma sombra de corrupção, a vontade distorcida pela maldição que estava do lado de fora das paredes do palácio. E estremeceu ao ver que eles estavam verdes e límpidos.

O que quer que Col estivesse fazendo era por vontade própria.

Em algum lugar atrás das portas, um grito emergiu, as palavras sufocadas, perdidas.

— Para constar — falou o príncipe veskano, brandindo a espada —, eu só vim pela rainha.

A sua mãe abriu os braços, o ar em volta dos dedos dela cintilando com gelo.

— Rhy — disse ela, a voz um sopro de fumaça —, *fuja*.

Antes que a palavra fosse completamente pronunciada, Col já investia.

O veskano era rápido, porém Rhy era mais, ou ao menos assim parecia conforme a magia da rainha pesava nos membros de Col. O ar gelado não era suficiente para deter o ataque, mas diminuiu a velocidade de Col o suficiente para Rhy se jogar na frente da mãe. A lâmina destinada a ela, em vez disso, atravessou o peito *dele*.

Rhy arquejou com a dor selvagem do aço perfurando a pele, e por um instante ele se viu de volta aos seus aposentos, um punhal entre as costelas e sangue vertendo entre as mãos, a terrível ardência da carne rasgada rapidamente dando lugar a um frio entorpecente. Mas essa dor era real, era quente e não dava lugar a nada.

Ele sentia cada terrível centímetro do metal, desde o ferimento de entrada logo abaixo do esterno até o ferimento de saída abaixo do ombro. Rhy tossiu, cuspiendo sangue no chão de vidro, e as suas pernas ameaçaram ceder. Mas ele conseguiu se manter de pé.

O corpo gritou, a mente gritou, mas o coração continuava batendo teimosamente, *desafiadoramente*, ao redor da lâmina do outro príncipe.

Rhy respirou fundo, a respiração entrecortada, e ergueu a cabeça.

— Como você... se atreve? — rosnou ele, a boca sendo tomada pelo gosto cúprico de sangue.

A expressão de vitória no rosto de Col se transformou em choque.

— Não é possível — gaguejou ele, e, então, horrorizado, perguntou: — *O que é você?*

— Eu sou... Rhy Maresh. Filho de Maxim e Emira, irmão de Kell, herdeiro desta cidade e futuro rei de Arnes.

As mãos de Col soltaram a arma.

— Mas você deveria estar *morto*.

— Eu sei — falou Rhy, desembainhando a própria lâmina e enterrando o aço no peito de Col.

Era um ferimento espelhado, mas não havia feitiços que protegessem o príncipe veskano. Não havia magia que o salvasse. Não havia nenhuma vida vinculada à dele. A lâmina se afundou. Rhy esperava sentir culpa, raiva, ou mesmo triunfo, quando o jovem loiro desmaiou, sem vida. Mas tudo o que sentiu foi alívio.

Rhy inspirou novamente e envolveu com as mãos o punho da espada ainda incrustada no seu peito. Ela se soltou, toda a lâmina tingida de vermelho.

Ele a deixou cair no chão.

Só então ouviu o leve suspiro, um grito quase silencioso, e sentiu os dedos frios da mãe apertando o seu braço. Ele se virou para ela. Viu a mancha vermelha se espalhando na frente do seu vestido, onde a espada havia entrado. Através dele. Através dela. Ali, logo acima do coração dela. O buraco pequeno demais de um ferimento severo demais. Os olhos da mãe encontraram os dele.

— Rhy — disse ela, uma leve ruga desconcertada entre as sobrancelhas, a expressão que esboçou centenas de vezes sempre que ele e Kell se metiam em brigas, sempre que ele gritava, roía a unha ou fazia qualquer coisa que não fosse principesca.

O sulco na fronte dela se aprofundou, mesmo quando os seus olhos ficaram vidrados, uma das mãos deslizando até a ferida. E, então, ela começou a cair. Ele a pegou, tropeçou quando o peso repentino dilacerou o seu peito aberto e arruinado.

— Não, não, não — balbuciou Rhy, afundando com ela no chão de vidro. Não, não era justo. Pela primeira vez ele foi rápido o suficiente. Pela primeira vez ele foi forte o suficiente. Pela primeira vez...

— Rhy — repetiu ela. Tão gentil, gentil demais.

— Não.

As mãos ensanguentadas de Emira buscaram o rosto dele, tentaram segurar as suas faces e erraram, manchando o queixo de vermelho.

— Rhy...

As lágrimas dele se derramaram sobre os dedos dela.

— Não.

A mão dela tombou, o corpo caiu sobre ele, imóvel, e, na súbita quietude, o mundo de Rhy se estreitou na mancha que se espalhava, no persistente sulco entre os olhos da mãe.

Só então a dor veio, envolvendo-o com uma força tão repentina, um peso tão horrível, que ele agarrou o próprio peito e começou a gritar.

IV

Alucard assumiu o leme do navio, a atenção se dividindo entre os três magos no convés e a linha do horizonte no mar. Ter o *Ghost* sob o seu comando parecia errado, leve demais, comprido demais, um sapato feito para o pé de outra pessoa. O que ele não daria pela segurança robusta do *Spire*. Por Stross, Tav e Lenos, cada nome uma lasca de madeira sob a sua pele. E por Rhy, esse nome uma ferida ainda mais profunda.

Alucard nunca desejou Londres tão intensamente.

O *Ghost* estava tendo um bom desempenho, indo rápido, mas, mesmo com o dia claro e fresco, além de três *Antari* em recuperação mantendo o vento nas velas, alguém ainda tinha de traçar um curso. E, apesar de toda a presunção, Kell Maresh nada sabia sobre o comando de um navio, Holland mal conseguia manter a comida no estômago e Bard aprendia rápido, mas sempre seria melhor ladra que marinheira — e ele jamais diria isso diretamente a ela. Assim, a tarefa de levar o *Ghost* a Tanek e a sua tripulação (ou o que restava dela) a Londres ficou ao encargo dele.

— O que isso quer dizer? — A voz de Bard subiu do convés inferior. Ela estava de pé perto do príncipe *Antari* enquanto ele segurava o Herdeiro contra o sol.

Alucard estremeceu, lembrando-se do que havia passado para pegar o maldito objeto. A dica em Sassenroche. O barco para as falésias de Hanas. O túmulo sem nome e o caixão vazio, e isso foi só o começo. Mas tudo rendeu uma boa história, e para Maris isso foi metade do preço.

E todos pagavam o preço. Especialmente na primeira vez. Se Maris não o conhecesse, não confiava em você, então oferecer algo modesto significava ser mandado embora rapidamente sem convite para voltar. Sendo assim, Alucard pagou o preço. Encontrou aquele Herdeiro e o levou

para Maris. E agora eles estavam aqui, e o objeto estava aqui com ele mais uma vez.

O irmão de Rhy (Alucard descobriu que odiava Kell um pouco menos quando pensava nele desse jeito) estava girando o dispositivo cuidadosamente entre os dedos enquanto Bard se debruçava sobre ele.

Holland observava os outros em silêncio, e Alucard o analisava. O terceiro *Antari* não falava muito e, quando o fazia, as suas palavras eram secas e repletas de desprezo. Ele tinha o ar de quem conhece a extensão da própria força, e sabia que era inigualável, pelo menos na companhia atual. Alucard poderia ter gostado dele se ele fosse um pouco menos imbecil. Ou talvez um pouco mais. Poderia ter gostado dele, de qualquer forma, se não fosse um traidor. Se não tivesse invocado o monstro que agora assolava Londres como um incêndio. O monstro que matou Anisa.

— *Dar e Tomar* — disse Kell, estreitando os olhos.

— Certo — pressionou Bard. — Mas como isso *funciona*?

— Imagino que se deva furar a mão com o fuso — explicou ele.

— Dê para mim.

— Isso não é brinquedo, Lila.

— E eu não sou criança, Kell.

Holland pigarreou.

— Todos nós devemos nos familiarizar com o objeto.

Kell revirou os olhos e deu uma última olhada, avaliando o Herdeiro antes de oferecê-lo.

Holland estendeu a mão para pegá-lo quando Kell arquejou de repente e o soltou. O cilindro caiu dos seus dedos quando ele se encolheu e um gemido baixo escapou da sua garganta.

Holland pegou o Herdeiro e Bard pegou Kell. Ele ficou branco feito a vela de um navio, uma das mãos no peito.

Alucard correu imediatamente até eles, uma palavra martelando na sua cabeça, no seu coração.

Rhy.

Rhy.

Rhy.

Magia cintilou na sua visão quando ele chegou até Kell, examinando as linhas prateadas que envolviam o *Antari*. O nó que ficava no coração de

Kell ainda estava lá, mas os fios se mantinham incandescentes, pulsando fracamente com certa tensão invisível.

Kell lutou para conter um grito, o som assobiando entre os dentes cerrados.

— O que houve? — perguntou Alucard, mal ouvindo as próprias palavras por cima daquele eco de pânico no sangue. — O que está acontecendo?

— O príncipe — foi tudo o que Kell conseguiu dizer, a respiração ofegante.

Isso eu sei, queria gritar Alucard.

— Ele está vivo? — Alucard percebeu a resposta antes mesmo de Kell franzir o cenho de escárnio para ele.

— É claro que está — retrucou o *Antari*, afundando os dedos no peito. — Mas... ele foi atacado.

— Por quem?

— Não sei — vociferou Kell. — Eu não sou vidente.

— Aposto em Vesk — declarou Bard.

Kell soltou um leve soluço de dor quando os fios se acenderam, chamuscando o ar antes de voltar ao habitual cintilar prateado.

Holland guardou o Herdeiro no bolso.

— Se ele não pode morrer, não há com o que se preocupar.

— É claro que *há* — vociferou Kell em resposta, forçando-se a ficar de pé. — Alguém acabou de tentar *assassinar* o príncipe de Arnes. — Ele tirou um broche real do bolso do casaco. — Temos de ir. Lila. Holland.

Alucard os encarou.

— E quanto a *mim*? — O seu pulso estava voltando ao normal, mas todo o seu corpo ainda vibrava com o pânico animalesco, com a necessidade de agir.

Kell pressionou o polegar no alfinete do broche, derramando sangue.

— Você pode ficar com o navio.

— De jeito nenhum — rosnou Alucard, lançando o olhar para a escassa tripulação deixada a bordo.

Holland estava ali parado, observando, mas, quando Lila fez menção de se aproximar de Kell, os seus dedos pálidos seguraram o braço dela. Ela olhou para ele com raiva, mas Holland não soltou, e Kell não olhou para

trás, não esperou para ver se eles o seguiam quando levou o objeto à parede.

Holland balançou a cabeça.

— Isso não vai funcionar.

Kell não estava escutando.

— *As Tascen...*

O restante do feitiço foi interrompido por um barulho crepitante que rachou o ar, acompanhado pelo súbito tranco que sacudiu o navio e pelo grito atordoado de Kell quando o seu corpo foi violentamente arremessado de costas pelo convés.

Para Alucard, parecia que os fogos do Dia do Santo haviam sido disparados no meio do *Ghost*.

Um crepitar de luz, uma explosão de energia, a magia prateada de Kell ricocheteando no azul, verde e vermelho do mundo natural. O irmão de Rhy tentou se levantar, segurando a cabeça, evidentemente surpreso por ainda se encontrar no navio.

— Que raios foi isso? — perguntou Bard.

Devagar, Holland deu um passo à frente, lançando a sombra sobre Kell.

— Como eu estava dizendo, você não pode fazer uma porta num veículo em movimento. Isso desafia as regras da magia transicional.

— Por que você não disse isso antes?

O outro *Antari* ergueu uma sobrancelha.

— Obviamente, presumi que você soubesse.

A cor estava voltando ao rosto de Kell, a carranca de dor desaparecendo, substituída por um rubor quente.

— Até alcançarmos terra firme — continuou Holland —, não somos melhores que magos normais.

O desprezo na voz dele perturbou os nervos de Alucard. Não era de admirar que Bard estivesse sempre tentando matá-lo.

Lila emitiu um som indistinto e Alucard se virou a tempo de ver Kell de pé, as mãos erguidas para o mastro. A corrente de magia encheu a sua visão, o poder se inclinando para Kell como água num copo. Um segundo depois, a rajada de vento atingiu o navio com tanta força que as velas se enfunaram com um estalo e a madeira do navio inteiro rangeu.

— Cuidado! — gritou Alucard, correndo até o leme enquanto o navio se inclinava sob a força do vendaval súbito.

Ele colocou o *Ghost* de volta no curso enquanto Kell o impulsionava com um grau de foco, de força concentrada, que ele jamais viu num *Antari*. Um nível de força reservado não para Londres, nem para o rei ou a rainha, nem para Rosenal ou para o próprio Osaron.

Mas para Rhy, pensou Alucard. O mesmo poder do amor que quebrou as leis do mundo e trouxe um irmão de volta à vida.

Os fios de magia se esticavam e brilhavam enquanto Kell impunha a sua força às velas; Holland e Lila se seguravam enquanto ele ultrapassava os limites do próprio poder e se apoiava no deles.

Aguente firme, Rhy, pensou Alucard enquanto o navio patinava em frente, subindo até deslizar na superfície da água, o mar borrifando ao redor deles enquanto o *Ghost* retornava mais uma vez para Londres.

V

Rhy desceu a escadaria da prisão.

Os seus passos eram lentos e ponderados, uma vez que ele tentava se recompor. Respirar doía, uma dor que nada tinha a ver com o ferimento no peito e tudo a ver com o fato de a sua mãe estar morta.

Ataduras envolviam as suas costelas e passavam por cima do ombro, apertadas demais, a pele por baixo já fechada. *Curada*, se essa fosse a palavra certa para isso. Mas não era, porque Rhy Maresh não se *curava* havia meses.

Curar-se era algo natural, curar-se levava *tempo*. Tempo para os músculos se recomporem, para os ossos se fundirem, para a pele se fechar, para as cicatrizes se formarem, para a dor lentamente desvanecer e permitir o retorno da força.

Para ser justo, Rhy nunca conheceu o longo sofrimento da convalescença. Sempre que ele se feria quando criança, Kell estava lá para remendá-lo. Nada que fosse pior que um corte ou uma contusão durou mais que o tempo que levou para encontrar o irmão.

Porém, mesmo aquilo havia sido diferente.

Uma escolha.

Rhy se lembrou de ter caído do muro do pátio quando tinha 12 anos e torcido o pulso. Lembrou-se da rapidez de Kell em derramar o sangue, da sua própria rapidez em detê-lo, porque era mais fácil suportar a dor que ver a feição de Kell quando a lâmina furava, que saber que o irmão se sentiria tonto e enjoado pelo resto do dia por causa do esforço da magia. E porque, secretamente, Rhy queria saber que tinha escolha.

Curar-se sozinho.

Mas, quando Astrid Dane cravou a lâmina entre as suas costelas, quando a escuridão o engoliu e depois recuou como a maré, não houve

escolha, não houve chance de dizer não. A ferida já estava fechada. O feitiço já estava feito.

Ele passou três dias na cama num arremedo de convalescença. Sentiu-se fraco e doente, mas tinha menos a ver com o seu corpo remendado do que com o novo vazio dentro de si. A voz na sua cabeça que sussurrava *errado, errado* a cada pulsação.

E agora ele não se curou. Uma ferida era uma ferida e então não era mais.

Um tremor atravessou o seu corpo quando ele alcançou o último degrau.

Rhy não queria fazer isso.

Não queria encará-la.

Mas alguém tinha de lidar com os vivos, tanto quanto alguém tinha de lidar com os mortos, e o rei já havia reivindicado os últimos. O seu pai, que estava lidando com a dor como se fosse um inimigo, algo a derrotar, a subjugar. Que ordenou que todos os veskanos no palácio fossem reunidos, colocados sob o jugo da guarda armada e confinados na ala sul. O seu pai, que deitou a esposa morta no bloco de pedra do luto com um cuidado tão peculiar, como se ela fosse frágil, como se alguma coisa pudesse atingi-la agora.

Na penumbra da prisão, havia um par de guardas de vigia.

Cora estava sentada de pernas cruzadas no banco nos fundos da cela, como uma criança. Não estava acorrentada à parede, como Holland estivera, mas os pulsos delicados estavam presos em ferros tão pesados que as suas mãos tinham de ficar apoiadas no banco diante dos joelhos, fazendo com que ela parecesse estar inclinada para a frente pronta para sussurrar um segredo.

Sangue manchava o seu rosto como sardas, mas, quando viu Rhy, ela sorriu. Não o sorriso escancarado dos loucos ou o sorriso pesaroso dos arrependidos. O mesmo sorriso que ela lhe ofereceu quando se empoleiraram nos banhos reais contando histórias: um sorriso alegre, inocente.

— Rhy — cumprimentou ela, radiante.

— Foi ideia sua ou de Col?

Cora fez biquinho, emburrada com a falta de preâmbulo. Mas então os seus olhos encontraram as ataduras visíveis pelo colarinho engomado de

Rhy. Devia ter sido um golpe mortal. E foi.

— O meu irmão é um dos melhores espadachins de Vesk — disse Cora. — Col nunca errou um alvo.

— Ele não errou — falou Rhy, simplesmente.

Rugas surgiram na testa de Cora, depois sumiram. Expressões rodopiavam no seu rosto como páginas sendo passadas pela brisa, rápidas demais para se alcançar.

— Há rumores na minha cidade — disse ela. — Boatos sobre Kell e rumores sobre você. Dizem que você mo...

— Foi ideia sua ou dele? — exigiu saber Rhy, lutando para manter a voz firme, para esconder a dor da mesma forma que o seu pai fazia; a tristeza mantida atrás de uma represa.

Cora se levantou apesar do peso das algemas.

— O meu irmão tem dom para espadas, não para estratégias. — Ela envolveu as barras da grade com os dedos, o barulho de metal contra metal soando como um sino. A algaema escorregou para baixo e Rhy viu mais uma vez a pele machucada no pulso de Cora. Havia algo não natural naquelas marcas, ele percebia agora, algo não humano.

— Não foi o seu irmão que fez isso, foi?

Ela o pegou olhando e riu.

— Falcão — admitiu. — Aves belíssimas. É fácil esquecer que têm garras.

Ele conseguia ver agora, a curva das patas que confundiu com dedos, a puntura das garras da criatura.

— Sinto muito pela sua mãe — disse Cora, e o que ele mais odiou foi que ela pareceu sincera. Rhy pensou na noite que passaram juntos, em como ela o fez se sentir menos solitário. A tranquilidade da presença dela, a compreensão de que ela era apenas uma criança, uma garota brincando de faz de conta, com esquemas que não entendia por completo. Agora, ele se perguntava sobre aquela inocência, se tudo havia sido ilusão. Se ele deveria ter sido capaz de perceber alguma coisa. Se isso teria mudado alguma coisa. Se...

— *Por que* você fez isso? — perguntou ele, a determinação ameaçando falhar. Ela inclinou a cabeça, perplexa, como uma ave de rapina encapuzada.

— Sou a sexta dentre sete filhos. Que futuro há para mim? Em que mundo eu iria governar?

— Você poderia ter matado a sua *própria* família em vez de a minha.

Cora se inclinou, aquele rosto angelical pressionado contra as barras da cela.

— Eu pensei a respeito. Suponho que um dia eu possa fazê-lo.

— Não fará, não. — Rhy se virou para ir embora. — Você nunca saíra dessa cela.

— Eu sou igual a você — disse ela com suavidade.

— Não. — Ele se desvencilhou das palavras dela.

— Quase não possuo magia — pressionou ela. — Mas nós dois sabemos que existem outros tipos de poder. — Rhy diminuiu o passo. — Há o charme, a astúcia, a sedução, a estratégia.

— O assassinato — disse ele, voltando-se para Cora.

— Nós usamos o que temos e criamos o que não possuímos. Na verdade, não somos tão diferentes assim — falou Cora, segurando as grades. — Nós dois queremos a mesma coisa. Sermos vistos como fortes. A única diferença entre nós é o número de irmãos no nosso caminho para o trono.

— Essa não é a única diferença, Cora.

— Isso não te deixa louco, ser o mais fraco?

Ele envolveu as mãos dela com as suas, prendendo-as nas barras da cela.

— Eu estou vivo porque o meu irmão é forte — disse ele, friamente.

— Você só está viva porque o seu está morto.

VI

Osaron se sentou no trono e esperou.
Esperou que o palácio do impostor caísse.
Esperou que os seus súditos retornassem.
Esperou que a sua vitória fosse anunciada.
Que qualquer coisa fosse anunciada.

Milhares de vozes haviam sussurrado na sua cabeça — determinadas, chorando, cantando, implorando, triunfantes — e então, num único instante, elas se foram, o mundo parou repentinamente.

Ele estendeu a mão outra vez e puxou os fios, mas ninguém respondeu.
Ninguém veio.

Não era possível que todos tivessem perecido ao se jogar contra os feitiços de proteção do palácio. Não era possível que todos tivessem desaparecido tão facilmente do jugo do seu poder, do seu comando.

Ele esperou, perguntando-se se o próprio silêncio era algum tipo de truque, um ardil, mas, quando o silêncio se alongou, os seus pensamentos altos e ecoando no espaço vazio, Osaron se levantou.

O rei das sombras foi até as portas do palácio, a madeira escura e lisa se dissolvendo em fumaça diante dele e tomando forma mais uma vez no seu encaixo, abrindo-se como o mundo deveria se abrir para um deus.

Contra o céu, o palácio de pedra do impostor se erguia, as proteções rachadas, porém não destruídas.

E ali, enchendo os degraus, as margens, a cidade, Osaron viu os corpos das suas marionetes, com as cordas cortadas.

Para onde quer que olhasse, ele os via. Milhares. Mortos.

Não, não mortos.

Porém, não totalmente *vivos*.

Apesar do frio, cada um possuía o brilho essencial da vida, o ritmo débil e constante de um coração ainda batendo, o som tão suave que não conseguia romper o silêncio.

Aquele silêncio, aquele silêncio horrível e ensurdecedor, tão parecido com o mundo, com o seu mundo, quando a última vida se esvaiu e tudo o que restou foi um fragmento de poder, uma lasca ressequida da magia que certa vez foi Osaron. Ele andou por dias por entre os restos mortais da sua cidade. Cada centímetro havia ficado preto, até que ele próprio ficou imóvel, fraco demais para se mexer, fraco demais para fazer qualquer coisa além de existir, de pulsar teimosamente como esses corações adormecidos.

— *Levantem-se* — ordenou ele aos seus súditos.

Ninguém respondeu.

— *Levantem-se* — gritou ele nas suas mentes, no próprio âmago deles, puxando cada fio, buscando lembranças, sonhos, ossos.

Ainda assim, ninguém se levantou.

Um servo jazia encolhido aos pés do deus, e Osaron se ajoelhou, colocando a mão no peito do homem e envolvendo o coração com os dedos.

— *Levante-se* — ordenou ele.

O homem não se mexeu. Osaron apertou com mais força, derramando mais e mais de si mesmo naquele hospedeiro, até que a forma simplesmente... se desfez. Inútil. Inútil. Todos eles, inúteis.

O rei das sombras ficou de pé, as cinzas soprando ao vento enquanto ele olhava para aquele *outro* palácio, aquele lugar de realeza *redundante*, os fios de feitiço se projetando dos seus pináculos. Então eles fizeram isso, roubaram os seus servos, silenciaram a sua voz.

Não importava.

Eles não conseguiriam detê-lo.

Osaron conquistaria esta cidade, este mundo.

E, primeiro, ele próprio derrubaria o palácio.

VII

As pessoas falavam de amor como se fosse uma flecha. Algo que voava rápido e sempre encontrava o alvo. Falavam disso como se fosse uma coisa agradável, porém Maxim foi atingido por uma flecha e sabia como realmente era: excruciante.

Ele nunca quis se apaixonar, nunca quis se abrir para aquela dor; teria fingido de bom grado ter sido alvejado.

E então conheceu Emira.

E, por um longo tempo, pensou que a flecha tinha aplicado o seu truque mais cruel, que o atingira e falhara com *ela*. Pensou que ela havia se esquivado, assim como costumava se esquivar do que não gostava.

Ele passou um ano tentando remover a farpa do próprio peito antes de perceber que não queria fazê-lo. Ou talvez que não pudesse. E mais um ano até perceber que ela também havia sido ferida.

Foi uma perseguição lenta, como derretimento de gelo. Uma afinidade entre quente e frio, entre forças poderosas igualmente opostas, daqueles que não sabiam ser mais brandos, como se acalmar. E encontraram a resposta um no outro.

A farpa da flecha já estava curada havia muito tempo. Ele tinha esquecido totalmente a dor.

Mas agora...

Agora ele sentia a ferida, uma haste que transpassou as suas costelas. Arranhando ossos e pulmões a cada respiração entrecortada, tirando a mão que revolia a flecha, tentando soltá-la antes que o matasse, porém causando danos demais no processo.

Maxim queria estar com ela. Não com o corpo exposto no Rose Hall, mas com a mulher que ele amava. Ele queria estar com ela e, em vez disso, estava na sala do mapa, de frente para Sol-in-Ar, obrigado a fazer

um curativo numa ferida mortal, a sufocar a dor porque a batalha ainda não havia sido vencida.

O seu feitiço pulsava nas paredes do crânio, ele sentia gosto de sangue sempre que engolia em seco, e, quando levou o cálice de cristal aos lábios, a sua mão tremia.

Sol-in-Ar estava do lado oposto do mapa, os dois separados pela vasta extensão do império arnesiano reproduzida sobre a mesa, a cidade de Londres se erguendo ao centro. Isra aguardava na porta, a cabeça baixa.

— Sinto muito pela sua perda — disse o lorde faroense, porque era algo que precisava ser dito. Ambos os homens sabiam que faltavam palavras. Sempre faltariam.

Como rei, Maxim sabia que não era certo ficar de luto por uma vida em detrimento de uma cidade inteira, mas o Maxim que pousou a rosa sobre o coração da esposa ainda estava estilhaçado por dentro.

Quando foi a última vez que ele a viu? Qual foi a última coisa que disse a ela? Ele não sabia, não conseguia se lembrar. A flecha revolveu. A ferida latejou. Ele lutou para lembrar, lembrar, lembrar.

Emira, com os seus olhos escuros que viam tanto e os seus lábios que guardavam sorrisos como se fossem segredos. Com a sua beleza, a sua força, a sua concha sólida ao redor do coração frágil.

Emira, que baixou os seus muros o suficiente para deixá-lo entrar, que os tornou duas vezes mais fortes quando Rhy nasceu para que nada pudesse entrar. Ela, cuja confiança ele batalhou para conquistar, cuja confiança traiu quando prometeu repetidas vezes que os manteria em segurança.

Emira, que agora se foi.

Aqueles que acreditam que a morte se assemelha ao sono jamais a viram.

Quando Emira dormia, os seus cílios dançavam, os seus lábios se abriam, os seus dedos remexiam, cada parte dela viva e perdida nos sonhos. O corpo no Rose Hall não era a sua esposa, não era a sua rainha, nem a mãe do seu herdeiro, não era ninguém. Estava vazio, a presença intangível da vida, da magia e da personalidade extinta como uma vela, deixando para trás apenas a cera fria.

— Você sabia que eram os veskanos — disse Maxim, forçando a mente de volta à sala de mapas.

A feição de Sol-in-Ar estava sombria, os adornos de ouro branco no rosto do lorde estranhamente imóveis na luz.

— Eu suspeitava.

— Como?

— Eu não possuo magia, Vossa Majestade — respondeu Sol-in-Ar num arnesiano lento, porém cadenciado, as pontas suavizadas pelo seu sotaque —, mas possuo astúcia. O tratado entre Faro e Vesk se tornou frágil nos últimos meses. — Ele gesticulou para o mapa. — Arnes fica exatamente no meio dos nossos impérios. Um obstáculo. Um muro. Tenho observado o príncipe e a princesa desde que cheguei aqui, e, quando Col lhe afirmou que não tinha enviado mensagens para Vesk, eu soube que ele estava mentindo. Soube porque o senhor acomodou o presente dele no cômodo abaixo do meu.

— O falcão — falou Maxim, lembrando-se do presente ofertado pelos veskanos, um grande predador cinzento, antes do *Essen Tasch*.

Sol-in-Ar confirmou.

— Eu fiquei surpreso com o presente deles. Uma ave como aquela não gosta de ficar engaiolada. Os veskanos as usam para enviar missivas em grandes áreas inóspitas do seu território, e, quando ficam confinadas, grasnam baixo constantemente. A que estava abaixo do meu quarto ficou em silêncio dois dias atrás.

— *Santo* — murmurou Maxim. — Você deveria ter mencionado algo.

Sol-in-Ar ergueu uma das sobrancelhas.

— O senhor teria escutado, Vossa Majestade?

— Peço desculpas — falou o rei — por desconfiar de um aliado.

O olhar de Sol-in-Ar era firme, os adornos pálidos eram como pontos de luz.

— Ambos somos homens da guerra, Maxim Maresh. Confiança não é algo que nos venha com facilidade.

Maxim balançou a cabeça e encheu outra vez o seu cálice, esperando que o líquido aniquilasse o gosto persistente de sangue e desse firmeza às suas mãos. Ele não pretendia manter o seu feitiço em suspenso por tanto tempo, só queria... ver Emira, despedir-se...

— Faz muito tempo — falou ele, forçando os pensamentos a voltar para a situação — desde que eu estive na guerra. Antes de ser rei, fui comandante na Costa de Sangue. Esse foi o apelido que os meus soldados

e eu demos para o mar que corre entre os impérios. Aquela lacuna de território onde piratas, rebeldes e qualquer um que se recusasse a reconhecer a paz ia para fazer uma pequena guerra.

— *Anastamar* — disse Sol-in-Ar. — Era o nosso nome para o lugar. Significa *O estreito da Morte*.

— Apropriado — ponderou Maxim, sorvendo um longo gole. — Naquela época, a paz era recente o suficiente para ser frágil, embora eu suponha que a paz seja sempre frágil, e eu tinha apenas mil homens para vigiar toda a costa. Embora eu tivesse outro título. Não um dado pela corte, ou pelo meu pai, mas pelos meus soldados.

— O Príncipe de Aço — disse Sol-in-Ar, e então, lendo a expressão de Maxim, continuou: — É surpresa que as lendas das suas façanhas atravessem as suas fronteiras? — Os dedos do faroense roçaram a borda do mapa. — O Príncipe de Aço, que arrancou o coração do exército rebelde. O Príncipe de Aço, que sobreviveu à noite das facas. O Príncipe de Aço, que matou a rainha pirata.

Maxim terminou a bebida e deixou o copo de lado.

— Suponho que nunca sabemos a grandeza das histórias da nossa vida. Quais partes sobreviverão e quais morrerão conosco, mas...

Ele foi interrompido por um tremor repentino, não em seu corpo, mas no cômodo. O palácio estremeceu violentamente, as paredes sacudindo, as figuras de pedra no mapa ameaçando tombar. Maxim e Sol-in-Ar buscaram apoio enquanto o tremor passava.

— Isra — ordenou Maxim, mas a guarda já avançava pelo corredor. Ele e Sol-in-Ar a seguiram.

Os feitiços de proteção ainda estavam fracos por causa do ataque, mas isso não deveria fazer diferença, uma vez que todos além das portas do palácio estavam adormecidos.

Todos... menos Osaron.

Agora a voz da criatura retumbava através da cidade, não o sussurro suave e sedutor na mente de Maxim, mas algo sonoro e trovejante.

— *Esse palácio é meu. Essa cidade é minha. Essas pessoas são minhas.*

Osaron sabia do feitiço, logo deveria saber também que vinha de dentro das paredes do palácio. Se Tieren acordasse, o encantamento se estilhaçaria. Os caídos acordariam.

Então, estava na hora.

Maxim se forçou a ir para a frente do palácio, carregando o peso do seu feitiço a cada passo, mesmo que o seu coração chamasse por Rhy. Quem dera o seu filho estivesse ali. Quem dera ao menos Maxim pudesse vê-lo uma última vez.

Como se convocado pelo pensamento, o príncipe apareceu na soleira da porta, e de repente Maxim desejou não ter sido tão egoísta. O luto e o medo estavam estampados na feição de Rhy, fazendo-o parecer jovem. Ele *era* jovem.

— O que está acontecendo? — perguntou o príncipe.

— Rhy — disse ele, a palavra curta deixando-o sem fôlego. Maxim não sabia como fazer isso. Se ele parasse de se mexer, jamais recomeçaria.

— Aonde você está indo? — questionou o seu filho ao mesmo tempo que a voz de Osaron agitava o mundo.

— *Enfrente-me, falso rei.*

Maxim puxou os fios do seu poder e sentiu o feitiço se retesar, apertando como uma armadura ao redor de si enquanto corações de aço ganhavam vida dentro dos peitorais de aço.

— Pai — chamou Rhy.

— *Renda-se, e eu pouparei os que estão aí dentro.*

O rei convocou os seus homens de aço, sentiu-os marchando pelos corredores.

— *Recuse, e eu vou destruir esse lugar.*

Ele continuou andando.

— Pare! — exigiu Rhy. — Se você for lá fora, vai morrer.

— Não há vergonha na morte — afirmou o rei.

— *Você não é nenhum deus.*

— Você não pode fazer isso — disse Rhy, embarreirando o seu caminho quando eles chegaram no saguão da frente. — Você está indo direto para a armadilha dele.

Maxim parou, o peso do feitiço e o rosto arrasado do seu filho ameaçando prendê-lo ali.

— Deixe-me passar, Rhy — ordenou ele com gentileza.

O seu filho meneou a cabeça furiosamente.

— Por favor.

Lágrimas transbordavam pelos seus cílios escuros, ameaçando se derramar. O coração de Maxim doeu. O palácio estremeceu. A guarda de aço estava chegando. Eles chegaram ao saguão da frente, uma dúzia de armaduras enfeitadas com sangue, comando e magia para se mover. Espadas curtas reais pendiam nas cinturas e, nos elmos, a luz suave do coração enfeitado deles ardia como carvão em brasa. Eles estavam prontos. Ele estava pronto.

— Rhy Maresh — falou Maxim com firmeza —, vou lhe pedir como seu pai, mas, se for preciso, vou comandar você como seu rei.

— *Não* — disse Rhy, agarrando-o pelos ombros. — Não vou deixar você fazer isso.

A flecha no seu peito se afundou.

— Sol-in-Ar — falou Maxim. — Isra.

E eles entenderam. Os dois se aproximaram e agarraram os braços de Rhy, puxando-o para longe. Rhy lutou ferozmente contra eles, mas, com um aceno de cabeça do rei, Isra atingiu as costelas do príncipe com uma das suas manoplas e Rhy se curvou, arquejando.

— *Não, não...*

— *Sosora nastima* — disse Sol-in-Ar. — *Ouçá o seu rei.*

— Observe, meu príncipe — acrescentou Isra. — Observe com orgulho.

— Abram as portas — ordenou Maxim.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Rhy.

— Pai...

A madeira pesada se dividiu. As portas se abriram. Na base da escadaria do palácio estava a sombra, um demônio disfarçado de rei.

Osaron ergueu o queixo.

— *Enfrente-me.*

— Solte-me! — gritou Rhy.

Maxim atravessou as portas. Ele não olhou para trás, nem para a guarda de aço que marchava no seu encalço, nem para o rosto do filho, os olhos que se pareciam tanto com os de Emira agora vermelhos de angústia.

— *Por favor* — implorou Rhy. — Por favor, me soltem...

Foram as últimas palavras que Maxim ouviu antes de as portas do palácio se fecharem.

VIII

Rhy tinha 8 anos quando viu a sala dos mapas do pai pela primeira vez.

Ele não tinha permissão de ir além das portas douradas, então viu apenas de relance as figuras de pedra organizadas ao longo da extensa mesa, as cenas se movendo com o mesmo feitiço lento das imagens nas tábuas de divinação pela cidade.

Ele tentou voltar para lá sorrateiramente, é claro, mas Kell não o ajudaria, e havia outros lugares no palácio a explorar. Mas Rhy não conseguia esquecer a estranha magia daquela sala. Então, naquele inverno, quando o tempo mudou e o sol parecia que nunca ia sair, ele fabricou o seu próprio mapa, construindo o palácio a partir de um suporte dourado de bolo de três andares, o rio com uma tira de gaze e mais uma centena de figuras minúsculas com qualquer coisa em que pudesse colocar as mãos. Ele fez *vestra* e *ostra*, sacerdotes e guardas reais.

— Esse aqui é você — disse a Kell.

Ele segurava um acendedor de fogo com a ponta vermelha, um pouco de tinta preta para formar um olho. Kell não ficou impressionado.

— Esse aqui é você — disse à mãe.

Ele brandiu a rainha que idealizara com o frasco de vidro de algum tônico.

— Esse aqui é você — disse a Tieren.

Ele mostrou com orgulho o pedacinho de pedra branca que havia tirado do pátio.

Ele trabalhou na construção por mais de um ano antes que o seu pai viesse vê-la. Nunca encontrou um objeto adequado para fazer o rei. Kell, que normalmente não queria brincar, ofereceu uma pedra com uma dúzia de pequenas ranhuras que *quase* formavam um rosto macabro, se vista na luz certa, mas Rhy achou que parecia mais o cozinheiro real, Lor.

Certa noite, Rhy estava agachado sobre o tabuleiro antes de dormir quando Maxim entrou. Ele era um homem enorme envolto em vermelho e dourado, a barba escura e as sobrancelhas engolindo o rosto. Não era de admirar que Rhy não tivesse conseguido encontrar a peça para interpretá-lo. Nada parecia *grande* o suficiente.

— O que é isso? — perguntou o pai, ajoelhando-se ao lado do palácio improvisado.

— É um jogo — respondeu Rhy com orgulho —, igual ao seu.

Foi então que Maxim o pegou pela mão e o levou, descendo a escada e atravessando o palácio, os pés descalços afundando no tapete macio. Quando alcançaram as portas douradas, o coração de Rhy saltou, meio apavorado, meio empolgado, quando o pai destrancou as portas.

A memória com frequência distorce alguma coisa, tornando-a ainda mais maravilhosa. Mas a própria memória de Rhy sobre a sala de mapas empalideceu diante da verdade. Rhy havia crescido cinco centímetros naquele ano. Porém, em vez de parecer menor, o mapa era igualmente grandioso, igualmente arrebatador, igualmente mágico.

— Isso — disse o pai severamente — não é um jogo. Cada navio, cada soldado, cada pedaço de pedra e vidro... As vidas desse reino dependem do equilíbrio desse tabuleiro.

Rhy encarou o mapa, maravilhado, o objeto ainda mais mágico depois da advertência do pai. Maxim ficou de braços cruzados enquanto Rhy circulava a mesa, examinando cada aspecto antes de voltar sua atenção ao palácio.

Não era uma chaleira nem um prato de bolo. O palácio brilhava, uma miniatura perfeita, esculpida em vidro e ouro, do lar de Rhy.

Rhy ficou na ponta dos pés, olhando pelas janelas.

— O que você está procurando? — perguntou o pai.

Rhy ergueu o olhar, com os olhos arregalados.

— Você.

Enfim um sorriso irrompeu na barba aparada. Maxim apontou para uma sutil elevação na paisagem da cidade, uma praça a duas pontes do palácio onde havia um grupo de guardas de pedra a cavalo. E, no meio deles, não maior que o restante, uma figura se destacava apenas pelo aro de ouro de uma coroa.

— Um rei — disse o pai — deve ficar com o seu povo.

Rhy enfiou a mão no bolso do pijama e tirou uma pequena figura, um príncipe esculpido em puro açúcar, roubado do seu último bolo de aniversário. Ali, com cuidado, Rhy colocou a figura no mapa ao lado do pai.

— E o príncipe — disse ele com orgulho — deve ficar com o seu rei.

* * *

Rhy gritou, debateu-se, lutou para se livrar do agarrão.

Um rei deve ficar com o seu povo.

Ele implorou, suplicou, tentou se libertar.

Um príncipe deve ficar com o seu rei.

As portas estavam fechadas. O seu pai havia desaparecido, engolido por madeira e pedra.

— Vossa Alteza, por favor.

Rhy desferiu um soco, atingindo o queixo de Isra com força. Ela o soltou, e ele deu um único passo antes que Sol-in-Ar o prendesse com uma eficiência violenta, um braço torcido nas costas.

— Vossa Alteza, não.

A dor queimou no seu corpo quando tentou lutar, mas agora a dor não representava nada para Rhy e ele se soltou, deslocando o ombro quando lançou o cotovelo para trás, atingindo o rosto do faroense.

Mais guardas estavam chegando, bloqueando a porta enquanto Isra gritava ordens por entre os dentes manchados de sangue.

— Afastem-se — exigiu ele, a voz falhando.

— Vossa Alteza...

— *Afastem-se.*

Lentamente, com relutância, os guardas se afastaram das portas e Rhy avançou, agarrando-se à maçaneta um instante antes de Isra prender a sua mão na madeira.

— Vossa Alteza — rosnou ela —, não se *atreva* a fazer isso.

Um rei deve ficar com o seu povo.

— Isra — implorou ele —, um príncipe deve ficar com o seu rei.

— Então, fique com ele — disse a guarda — honrando o seu último pedido.

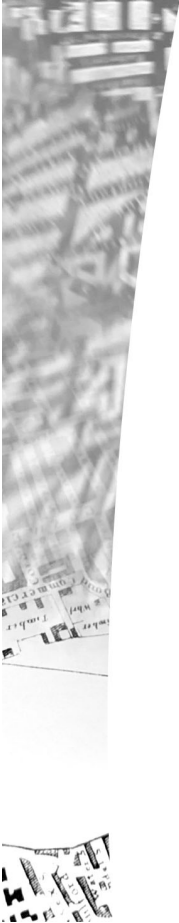
O peso da mão de Isra recuou, e Rhy ficou sozinho diante das amplas portas de madeira. Em algum lugar do outro lado, tão perto e ao mesmo tempo tão longe...

Ele sentiu algo se despedaçar dentro de si, não carne, porém algo muito mais profundo. Ele espalmou as mãos na madeira. Rhy fechou os olhos com força, encostou a testa na porta, todo o corpo tremendo com o ímpeto de abri-las e correr atrás do pai.

Ele não fez isso.

As suas pernas cederam, o corpo afundou no chão e, se o mundo tivesse escolhido aquele momento para engoli-lo por inteiro, Rhy teria ficado grato.





TREZE

O LUGAR DE UM REI



Maxim Maresh havia se esquecido da névoa.

Assim que atravessou os feitiços de proteção do palácio, sentiu o veneno de Osaron pesando no ar. Era tarde demais para prender a respiração. O ar forçava a entrada, enchendo os seus pulmões enquanto a maldição sussurrava na sua mente.

Ajoelhe-se diante do rei das sombras.

Maxim resistiu à atração hipnótica da névoa, os nervos se esfarelando enquanto ele lutava contra o seu jugo, direcionando o foco para o som dos guardas de aço que marchavam em seu encalço e para a figura ondulante ao pé da escadaria do palácio.

Sem um corpo, o rei das sombras parecia menos um homem e mais uma fumaça presa num vidro escuro, a presença se movendo dentro de um falso invólucro como uma ilusão. Apenas os seus olhos pareciam sólidos, como o preto brilhante de uma pedra polida.

Igual ao de Kell, pensou Maxim, e então rescindiu o pensamento. *Não, nada parecido com o de Kell.*

O olhar de Kell tinha o calor de uma chama, ao passo que o de Osaron era afiado, frio e completamente desumano.

Ao ver Maxim descendo a escada, o rosto do rei das sombras cintilou, os lábios se contorcendo num sorriso.

— *Falso rei.*

Maxim forçou o corpo a descer degrau por degrau enquanto a sua visão ficava turva e a sua pele formigava com o começo da febre. Quando as suas botas pisaram no chão de pedra da praça, os doze homens da sua guarda final se espalharam, assumindo os seus postos ao redor de ambos os reis como ponteiros de um relógio. Cada um empunhava uma espada curta de aço com a lâmina enfeitiçada para extirpar magia.

Osaron mal pareceu notar as figuras nos seus casulos de aço, a forma como se moviam juntas como dedos de uma mesma mão, a maneira como as sombras se desviavam e espiralavam ao redor das armaduras e das lâminas sem tocá-las.

— *Veio se ajoelhar?* — perguntou o rei das sombras, as palavras ecoando no crânio de Maxim, reverberando nos seus ossos. — *Veio implorar?*

Maxim ergueu a cabeça. Ele não trajava armadura nem elmo, nada além de uma única espada no quadril e da coroa de ouro apoiada na cabeça. Ainda assim, ele olhou diretamente dentro daqueles olhos de ônix e disse:

— Vim destruí-lo.

A escuridão riu, um som grave como o de um trovão.

— *Veio morrer.*

Maxim quase perdeu o equilíbrio, não de medo, mas por causa da febre. Delírio. A noite dançou diante dos seus olhos, as lembranças se sobrepondo à realidade. O corpo de Emira. Os gritos de Rhy. A dor perfurou o peito de Maxim conforme ele lutava para resistir à magia do rei das sombras. A doença acelerou o seu coração, a maldição de Osaron dominando a sua mente enquanto o seu próprio feitiço exauria o seu corpo.

— *Devo fazer com que os seus próprios homens o matem?*

Osaron fez um movimento com a mão, mas a guarda de aço que os circundava não se moveu. Nenhuma mão que brandia uma espada se ergueu para atacar. Nenhuma bota se mexeu obedientemente para a frente.

Um olhar carregado passou pelo rosto do rei das sombras, como uma nuvem no céu, quando ele percebeu que os guardas não eram pessoas, apenas marionetes em cordas desajeitadas, a armadura nada além de um encanto oco, um último esforço de poupar os homens de Maxim desta tarefa lúgubre.

— *Que desperdício.*

Maxim se endireitou, o suor escorrendo pela nuca.

— Você mesmo terá de me enfrentar.

Com isso, o rei arnesiano desembainhou a espada, enfeitiçada para arrebentar os fios da magia como as outras, e golpeou a massa sombria diante de si. Osaron não se esquivou, nem desviou, nem atacou. Ele sequer

se moveu. Simplesmente se *abriu* ao redor da lâmina de Maxim e se formou de novo alguns metros à esquerda.

Mais uma vez Maxim atacou.

Mais uma vez Osaron se dissolveu.

A cada golpe, a cada ataque, o cansaço e a febre de Maxim aumentavam, como uma maré ameaçando engoli-lo.

E então, no quinto, sexto ou décimo ataque, Osaron finalmente revidou. Dessa vez, quando ele voltou a assumir uma forma, foi dentro do alcance de Maxim.

— *Basta* — disse o monstro, com um sorriso cintilante.

Ele estendeu a mão insubstancial, os dedos espalmados, e Maxim sentiu o seu corpo paralisar subitamente. Sentiu os ossos sob a pele gemerem e rangerem, a dor acendendo os seus nervos enquanto ele ficava imobilizado como um boneco contra a noite.

— *Tão frágil* — repreendeu Osaron.

A mão dele se contraiu, mais névoa que dedos, e o pulso de Maxim se estilhaçou. A sua espada curta se espatifou no chão, o barulho metálico de metal raspando em pedra abafou a sua respiração ofegante.

— *Implore* — disse o rei das sombras.

Maxim engoliu em seco.

— Não, eu...

A sua clavícula se partiu com um estalo violento, como um joelho partindo um graveto. Um grito sufocado atravessou os seus dentes cerrados.

— *Implore*.

Maxim estremeceu, as costelas sacudindo sob a força do comando de Osaron enquanto elas tamborilavam como dedos nos seus ossos.

— Não.

O rei das sombras estava provocando, brincando, prolongando. E Maxim permitiu, com a esperança de que durante todo esse tempo Rhy estivesse a salvo dentro do palácio, longe das janelas, longe da porta, longe de tudo isso. Os guardas de aço estremeciam no lugar, a manopla segurando a espada com firmeza. Ainda não. Ainda não. Ainda não.

— Eu sou o rei... deste império...

Algo rachou dentro do seu peito, e Maxim sofreu um espasmo, o sangue subindo pela garganta.

— *É isso que se passa por rei neste mundo?*

— O meu povo jamais vai...

Ao ouvir isso, a mão de Osaron, não de carne e osso nem de fumaça, mas algo denso, frio e *errado*, envolveu o maxilar de Maxim.

— *A insolência dos reis mortais.*

Maxim olhou para o redemoinho de escuridão no olhar da criatura.

— A... insolência de... deuses... caídos.

O rosto de Osaron se abriu num sorriso terrível.

— *Vou trajar o seu corpo pelas ruas até ele queimar.*

Naqueles olhos pretos, Maxim viu o reflexo deformado do palácio, o *soner rast*, o coração pulsante da sua cidade.

O seu lar.

Ele puxou as últimas cordas e os guardas enfim avançaram. Doze homens sem rosto desembainharam espadas.

— Eu sou o chefe... da Casa Maresh — disse Maxim — ... o sétimo rei sob esse nome... e você não é digno... de usar a minha pele.

Osaron inclinou a cabeça.

— *Veremos.*

A escuridão forçou a entrada.

Não era uma onda, e, sim, um oceano. Maxim sentiu a sua vontade ceder sob o peso do poder de Osaron. Não havia ar. Nem luz. Nem superfície.

Emira. Rhy. Kell.

As flechas se fincaram profundamente, a dor uma âncora, mas a mente de Maxim já estava se estilhaçando e o seu corpo se quebrou ainda mais quando ele impôs o último resquício das suas forças aos seus guardas de aço. As manoplas se apertaram e doze espadas curtas se ergueram no ar, apontando para o centro do círculo enquanto Osaron se derramava como metal derretido no corpo de Maxim Maresh.

E o rei começou a *queimar*.

A sua mente derreteu, a sua vida falhou, mas não antes de uma dúzia de pontas de aço cantar pelo ar, dirigindo-se para a fonte do seu feitiço.

Para o corpo de Maxim.

O seu coração.

Ele parou de lutar. Era como se livrar de um peso grande demais, o ofuscante alívio de se entregar. A voz de Osaron riu na sua cabeça, mas ele

já caía, já não estava mais lá quando as lâminas encontraram o alvo.

II

Por toda a cidade de Londres, a escuridão começou a escassear.

A escuridão profunda recuou e o lustroso painel preto do rio rachou, abrindo caminho, aqui e ali, para violentos borbotões de vermelho enquanto o jugo de Osaron vacilava, falhava.

O corpo de Maxim Maresh se ajoelhou na rua, uma dúzia de espadas enterrada até o cabo. O sangue se acumulou debaixo dele numa mancha de um vermelho vivo e, por alguns instantes, o corpo não se mexeu. Os únicos sons vinham do sangue do rei morto gotejando intensamente na pedra e do assobio do vento pelas ruas adormecidas.

E então, depois de um longo tempo, o cadáver de Maxim se levantou.

Ele estremeceu como uma cortina ao vento, e então uma espada se libertou do seu peito arruinado e retiniu no chão. E então outra, e mais outra, uma a uma até que as doze lâminas estavam livres, extensões de aço carmesim jogados pela rua. Fumaça começou a vazar de cada ferimento em finos tentáculos antes de se agrupar numa nuvem, depois formar uma sombra e, por fim, algo parecido com um homem. Levou várias tentativas, a escuridão se transformando em fumaça repetidas vezes antes de por fim conseguir manter a forma, com os limites oscilando, instáveis, enquanto o seu peito subia e descia com a respiração ardente.

— *Eu sou rei* — rosnou a sombra enquanto as espirais de vermelho no rio desapareciam e a névoa espessava.

Mas o jugo do pesadelo não era tão forte quanto antes.

Osaron soltou um rugido de raiva quando os seus membros se dissolveram e se formaram novamente.

O feitiço gravado naquelas espadas ainda corria como gelo pelas veias do seu poder, liberando calor e chamas sufocantes. Um pequeno feitiço tão estúpido, enterrado tão profundamente.

Osaron zombou do cadáver do rei, que enfim se ajoelhara diante dele.

— *Todos os homens se curvam.*

Dedos de sombras deram um peteleco uma vez e o corpo tombou, sem vida, no chão.

Mortal insolente, pensou o rei das sombras ao se virar e atravessar a cidade adormecida, subindo a ponte e entrando no seu palácio, fumegando enquanto lutava para manter a forma a cada passo. Quando a sua mão roçou uma coluna, atravessou-a direto como se ele não fosse *nada*.

Mas o falso rei estava morto e Osaron continuava vivo. Seria preciso muito mais que metal enfeitiçado, muito mais que a magia de um homem, para matar um deus.

O rei das sombras subiu a escada para o trono e se sentou, as mãos de fumaça nos braços do assento.

Esses mortais pensavam que eram fortes, pensavam que eram espertos, mas nada eram além de crianças neste mundo, no mundo de Osaron, e ele viveu o suficiente para ter certeza disso.

Eles *não faziam ideia* do que ele era capaz.

O rei das sombras fechou os olhos e abriu a mente, indo além do palácio, além da cidade, além do mundo, até os limites extremos do seu poder.

Assim como uma árvore poderia se conhecer, desde a raiz mais profunda até a folha mais alta, Osaron conhecia cada centímetro da própria magia. E então ele buscou, e buscou, e buscou, tateando no escuro até que a sentiu lá. Ou melhor, sentiu o que restava dele dentro dela.

— *Ojka.*

Osaron sabia, é claro, que ela estava morta. Ela se foi, como acontecia com todas as coisas no devido tempo. Ele sentiu o instante em que isso aconteceu, mesmo aquela pequena morte agitou a sua mente, a repentina sensação de perda pálida porém palpável.

Ainda assim... Osaron continuava reverberando por ela. Estava no sangue dela. Aquele sangue podia não *fluir* mais, mas ele ainda vivia nele, o seu comando um filamento, um fio de arame envolto no seu corpo de palha. A sua consciência se perdeu, a sua própria vontade desapareceu, mas a sua forma ainda era uma forma. Um receptáculo.

E assim Osaron preencheu o silêncio da sua mente e envolveu os membros dela com o seu comando.

— *Ojka* — repetiu ele. — *Levante-se.*

III

Londres Branca

Nasi sempre sabia quando havia algo errado.

Ela sabia no seu âmagô, uma habilidade adquirida em anos observando rostos, mãos, lendo os leves trejeitos que uma pessoa deixava escapar antes de fazer algo ruim.

Agora, não era uma pessoa fazendo algo ruim.

Era um mundo.

Um frio incômodo estava de volta no ar, a geada se acumulando no canto das janelas do castelo. O rei continuava desaparecido, e, sem ele, Londres estava retornando ao caos, desta vez ainda *pior*. Parecia que o mundo se desfiava ao redor dela, toda cor e toda vida sangrando como deve ter acontecido da primeira vez, tantos anos antes. Porém, de acordo com as histórias, daquela vez foi lento, e agora acontecia rapidamente, como uma cobra trocando de pele.

E Nasi sabia que ela não era a única a perceber.

Toda Londres parecia sentir a estranheza.

Alguns membros da Guarda de Ferro do rei, aqueles ainda leais à sua causa, estavam fazendo o melhor que podiam para manter as coisas sob controle. O castelo se mantinha sob vigia constante. Nasi não conseguiu escapular de novo, portanto não tinha flores frescas, não que muitas tivessem sobrevivido à súbita geada, para deixar ao lado do corpo de Ojka.

Mas ela veio de qualquer jeito, em parte por causa do silêncio, em parte porque o restante do mundo estava se tornando assustador, e, se algo acontecesse, Nasi queria estar perto da fiel escudeira do rei, mesmo que estivesse morta.

Era início da manhã, aquela hora antes de o mundo acordar por completo, e ela se mantinha de pé ao lado da cabeça da mulher, rezando por poder, por força (eram as únicas orações que ela conhecia). Começava a não ter o que dizer quando, sobre a mesa, os dedos de Ojka *estremeceram*.

Nasi tomou um susto, mas, mesmo de olhos arregalados e coração disparado, tentou se acalmar como fazia quando era pequena e cada mínima sombra parecia se transformar num monstro. Pode ter sido ilusão, provavelmente foi, então ela estendeu a mão e tocou o pulso da escudeira, buscando a pulsação.

Com certeza absoluta, Ojka ainda estava fria. Ainda estava morta.

E então, abruptamente, a mulher se sentou.

Nasi cambaleou para trás quando o pano preto caiu do rosto de Ojka.

Ela não piscou, não virou a cabeça, sequer pareceu notar Nasi, a plataforma dos mortos ou o cômodo iluminado por velas. Os olhos dela estavam bem abertos, monótonos e vazios, e Nasi se lembrou dos soldados que costumavam proteger Astrid e Athos Dane: esvaziados e enfeitiçados para serem submissos.

Ojka estava parecida com eles.

Ela era real, e, ainda assim, irreal; viva e ao mesmo tempo muito, muito morta.

A ferida no seu pescoço permanecia ali, profunda como sempre foi, mas agora Ojka mexia a mandíbula. Quando tentou dizer algo, um assobio baixo saiu da sua garganta arruinada. A escudeira contraiu os lábios e engoliu em seco, e Nasi viu os tentáculos de sombra e fumaça envolverem o seu pescoço, quase como um curativo novo.

Ela pulou da mesa, empurrando as vinhas e as tigelas que Nasi dispusera com tanto cuidado em torno do cadáver. Eles caíram no chão com um clangor e um estampido.

Ojka sempre foi muito graciosa, mas agora os seus passos pareciam pouco naturais, como um potro ou uma marionete se mexendo, e Nasi recuou até o seu ombro bater na coluna. A escudeira olhou diretamente para a garota, sombras nadando no seu olho pálido. Ojka não falou, apenas a encarou, a água derramada pingando nas pedras atrás dela. A sua mão pairou em direção ao rosto de Nasi quando as portas se abriram e dois membros da Guarda de Ferro irromperam no local, atraídos pelo barulho.

Eles viram a escudeira morta de pé e ficaram petrificados.

A mão de Ojka se afastou de Nasi quando ela se virou para encará-los, a graciosidade retornando. O ar ao redor dela cintilava com magia, e algo da mesa — uma adaga — zarpou até a mão de Ojka.

Os guardas agora estavam gritando, e Nasi devia ter fugido, devia ter feito algo, mas ela permanecia paralisada contra a coluna, presa por algo tão forte quanto a magia mais poderosa.

Não queria ver o que aconteceria em seguida, não queria ver a escudeira do rei morrer pela segunda vez, não queria ver os últimos integrantes da guarda de Holland perecerem diante de um espectro. Então ela se agachou, fechou os olhos com força e tapou os ouvidos com as mãos. Como ela costumava fazer quando algo errado acontecia no castelo. Quando Athos Dane brincava com as pessoas até quebrá-las.

Porém, mesmo através das mãos, ela ouviu a voz que saiu da garganta de Ojka — não era a de Ojka, e, sim, de outra pessoa, vazia, ecoante e suntuosa —, e os guardas também deviam temer fantasmas e monstros, porque, quando Nasi enfim abriu os olhos, não havia sinal de Ojka nem dos homens.

O cômodo estava vazio.

Ela estava completamente só.

IV

O *Ghost* estava quase de volta a Tanek quando Lila sentiu a embarcação parar subitamente.

Não o suave costear de um navio perdendo velocidade, mas uma parada violenta como não era natural acontecer no mar.

Ela e Kell estavam na cabine quando isso aconteceu, empacotando os poucos pertences, a mão de Lila rumando repetidamente para o bolso — a ausência do relógio tinha um peso próprio e estranho — enquanto Kell ficava colocando a mão no peito.

— Ainda dói? — perguntou ela, e Kell fez menção de responder quando o navio gaguejou bruscamente, o rangido da madeira e das velas interrompido pelo grito de Alucard chamando por eles. A voz dele tinha a leveza peculiar de quando estava bêbado ou nervoso, e ela tinha certeza de que Alucard não andara bebendo ao leme do navio (embora não fosse ficar surpresa se o tivesse feito).

Era um dia cinzento, a névoa nublando o mundo fora do barco. Holland já estava no convés, encarando o nevoeiro.

— Por que você parou? — perguntou Kell, o cenho franzido.

— Porque temos um problema — respondeu Alucard, inclinando a cabeça para a frente.

Lila examinou o horizonte. O nevoeiro era mais pesado do que deveria ser naquele horário, pairando como uma segunda pele sobre a água.

— Não consigo ver nada.

— Essa é a ideia — disse Alucard. As suas mãos se espalharam, os seus lábios se moveram e a névoa que ele havia conjurado ficou um pouco mais tênue diante deles.

Lila semicerrou os olhos e a princípio não viu nada além de mar, mas então...

Ela ficou imóvel.

Não havia terra à frente.

E, sim, uma fileira de navios.

Dez embarcações pesadas com cascos de madeira clara e bandeiras cor de esmeralda que cortavam o nevoeiro como facas.

Uma frota veskana.

— Bem — falou Lila lentamente —, acho que isso responde à pergunta sobre quem pagou Jasta para nos matar.

— E a Rhy — acrescentou Kell.

— Quão longe estamos de terra firme? — perguntou Holland.

Alucard balançou a cabeça.

— Não muito, mas eles estão exatamente entre nós e Tanek. A costa mais próxima fica a uma hora velejando para ambos os lados.

— Então daremos a volta.

Alucard lançou um olhar duro para Kell.

— Não nisso aqui — disse ele, gesticulando para o *Ghost*, e Lila entendeu. O capitão havia manobrado a embarcação de forma que a proa estreita ficasse de frente para a espinha dorsal da frota. Enquanto o nevoeiro se mantivesse ali e o *Ghost* ficasse parado, *poderia* passar despercebido, mas, assim que se aproximasse, seria um alvo. O *Ghost* não carregava bandeiras, assim como os três pequenos navios balançando como boias ao lado da frota, cada um portando a bandeira branca de uma embarcação capturada. Os veskanos estavam nitidamente dominando a passagem.

— Devemos atacar? — perguntou Lila. Isso fez com que Kell, Alucard e Holland olhassem para ela incrédulos. — O que foi? — indagou.

Alucard balançou a cabeça, consternado.

— Deve haver *centenas* de homens a bordo desses navios, Bard.

— E nós somos *Antari*.

— *Antari*, não imortais — retrucou Kell.

— Não temos tempo para lutar contra uma frota — disse Holland. — Precisamos alcançar terra firme.

O olhar de Alucard se voltou para a fileira de navios.

— Ah, vocês podem chegar à costa — falou ele —, mas terão de *remar*.

Lila achou que Alucard só podia estar de brincadeira.

Ele não estava.

Rhy Maresh manteve os olhos na luz.

Ele estava de pé na beirada do círculo de feitiços onde Tieren estava deitado, a atenção voltada para a vela nas mãos do sacerdote, com a chama firme e imóvel.

Ele queria acordar o *Aven Essen* do transe, queria enterrar a cabeça no ombro do velho e chorar. Queria sentir a calma da magia dele.

Nos últimos meses, ele se tornou íntimo da dor e da morte, mas o luto era algo novo. Dor era claridade e morte era escuridão, mas luto era cinzento. Uma laje de pedra descansando no seu peito. Uma nuvem tóxica que não o deixava respirar.

Não posso fazer isso sozinho, pensou ele.

Não posso fazer isso...

Não posso...

O que quer que o seu pai tenha tentado fazer não deu certo.

Rhy viu o rio se iluminar, viu as sombras que começavam a se retirar, teve um vislumbre da cidade de vermelho e ouro como um espectro através da névoa.

Mas não perdurou.

Em questão de minutos, a escuridão retornou.

Ele perdeu o pai pelo quê?

Um instante?

Uma respiração?

Eles recuperaram o corpo do rei na base da escadaria do palácio.

O seu pai, que jazia numa poça de sangue gelido.

O seu pai, que agora jazia ao lado da sua mãe, um par de esculturas, receptáculos vazios, os olhos fechados, os corpos subitamente envelhecidos pela morte. Quando foi que as faces da sua mãe ficaram

encovadas? Quando foi que as têmporas do seu pai se tornaram grisalhas? Eles eram impostores, imitações grosseiras das pessoas que foram em vida. Das pessoas que Rhy amou. A visão deles — do que restou deles — o deixou enjoado, de modo que ele correu para o único lugar que podia. Para a única pessoa.

Para Tieren.

Tieren, que dormia tão quieto que poderia ser dado como morto se Rhy não tivesse acabado de ver a morte, se não tivesse pousado as mãos nas costelas imóveis do pai, se não tivesse se agarrado ao ombro endurecido da mãe.

Volte...

Volte...

Volte...

Ele não disse as palavras em voz alta, com medo de acordar o sacerdote, um sentimento profundo de que não importava o quão suave fosse o tom da sua voz, a tristeza ainda falaria alto. Os demais sacerdotes estavam ajoelhados, as cabeças baixas como se eles mesmos estivessem em transe, os cenhos franzidos de concentração enquanto o rosto de Tieren carregava a mesma palidez serena dos homens e das mulheres adormecidos nas ruas. Rhy teria dado qualquer coisa para ouvir a voz do *Aven Essen*, para sentir o peso dos braços dele nos seus ombros, para ver a compreensão nos seus olhos.

Ele estava tão perto.

Ele estava tão longe.

Lágrimas arderam nos olhos de Rhy, ameaçando se derramar, e então isso aconteceu, elas atingiram o chão a centímetros da borda de cinzas do círculo do feitiço. Os seus dedos doíam por terem esmurrado Isra, o ombro latejava por ter se deslocado para escapar de Sol-in-Ar. Mas essas dores eram pouco mais que uma memória, ferimentos superficiais comparados ao rasgo no peito,   ausência que restou no lugar de onde duas pessoas foram extirpadas, arrancadas.

Os seus braços pesaram ao lado do corpo.

Numa das mãos, a própria coroa, o aro de ouro que ele usava desde menino; e na outra, o broche real que era capaz de alcançar Kell.

Ele pensou em chamar o irmão, é claro. Segurou o broche até que o emblema do cálice e do sol cortasse a palma da sua mão, mesmo que Kell

tivesse dito que sangue não era necessário. Kell estava errado. Sangue era sempre necessário.

Uma palavra e o seu irmão viria.

Uma palavra e ele não estaria mais sozinho.

Uma palavra... mas Rhy Maresh não conseguiu se forçar a fazer isso.

Ele falhou tantas vezes consigo mesmo. Não falharia com Kell.

Alguém pigarreou atrás dele.

— Vossa Majestade.

Rhy exalou uma respiração trêmula e se afastou da beirada do feitiço de Tieren. Ao se virar, ele deparou com a capitã da guarda da cidade do seu pai, um hematoma aflorando no queixo de Isra, os olhos pesados com o luto.

Ele a seguiu saindo da câmara silenciosa para o corredor, onde um mensageiro aguardava, ofegante, as roupas grudadas no corpo com suor e lama, como se tivesse cavalgado ferozmente. Era um dos batedores do pai, enviado para monitorar a propagação da magia de Osaron para além da cidade. Por um instante, a mente exausta de Rhy não foi capaz de processar por que o mensageiro tinha vindo até *ele*. Então se lembrou: não restou mais ninguém — e ali estava de novo, pior que uma faca, o súbito golpe da memória, uma ferida em carne viva, reaberta.

— O que houve? — perguntou Rhy com voz áspera.

— Trago notícias de Tanek — respondeu o mensageiro.

Rhy se sentiu nauseado.

— A névoa chegou tão longe?

O mensageiro meneou a cabeça.

— Não, senhor, ainda não. Mas encontrei um cavaleiro na estrada. Ele viu uma frota na entrada do Atol. Dez navios. Carregam a bandeira verde e prateada de Vesk.

Isra xingou baixinho.

Rhy fechou os olhos. O que o seu pai dizia, que política era uma dança? Vesk estava tentando ditar o ritmo. Era hora de Rhy assumir o comando. Mostrar que ele era o rei.

— Vossa Majestade? — urgiu o mensageiro.

Rhy abriu os olhos.

— Tragam-me dois magos veskanos.

* * *

Ele os encontrou na sala de mapas.

Rhy preferia o Rose Hall, com os tetos de pedra abobadados, o tablado, o trono. Mas o rei e a rainha jaziam lá, de modo que esta sala teria de servir.

Ele estava de pé no lugar do pai atrás da mesa, os braços apoiados na beirada da madeira. Os seus sentidos deviam estar lhe pregando uma peça, mas Rhy pensou ter sido capaz de sentir os sulcos onde os dedos de Maxim Maresh pressionavam a borda da mesa, a madeira ainda preservando um pouco de calor.

Lorde Sol-in-Ar estava encostado na parede à sua esquerda, flanqueado por membros do seu séquito.

Isra e dois membros da guarda estavam alinhados na parede à sua direita.

Os magos veskanos vieram, Otto e Rul, homens enormes conduzidos por um par de guardas armados. Por ordens de Rhy, as suas algemas haviam sido removidas. Ele queria que os homens percebessem que não estavam sendo punidos pelas ações da sua coroa.

Ainda não.

Na arena do torneio, Rul, o Lobo, uivou antes de cada partida.

Otto, o Urso, bateu no próprio peito.

Agora, os dois estavam silenciosos como estátuas. Ele podia ver nos seus rostos que eles sabiam da traição dos seus governantes, do assassinato da rainha, do sacrifício do rei.

— Sentimos muito pela sua perda — disse Rul.

— Sentem? — perguntou Rhy, encobrindo a tristeza com desprezo.

Enquanto Kell passou a infância estudando magia, Rhy estudou pessoas, aprendeu tudo o que podia sobre o seu reino, da *vestra* e da *ostra* até os plebeus e os criminosos. E então ele passou para Faro e Vesk. E, apesar de saber que não era possível conhecer verdadeiramente o mundo através de um livro, teria de ser um começo.

Afinal de contas, conhecimento era uma forma de poder, um tipo de força. E os veskanos, pelo que aprendeu, respeitavam raiva e alegria, até mesmo inveja, mas não luto.

Rhy gesticulou para o mapa.

— O que vocês veem?

— Uma cidade, senhor — respondeu Otto.

Rhy concordou, meneando a cabeça para as fileiras de figuras que dispusera na entrada de Arnes. Pequenos navios de pedra pintados de verde-esmeralda e carregando estandartes cinzentos.

— E ali?

Rul franziu o cenho para a fileira.

— Uma frota?

— Uma frota *veskana* — explicou Rhy. — Antes de o seu príncipe e de a sua princesa atacarem o meu rei e a minha rainha, eles enviaram uma mensagem para Vesk e convocaram uma frota de dez navios de guerra. — Ele olhou para Otto, que ficou tenso com as notícias, não de culpa, pensou ele, mas de choque. — Será que o seu reino se cansou da nossa paz? Será que almeja guerra?

— Eu... Eu sou apenas um mago — falou Otto. — Não sei o que se passa no coração da minha rainha.

— Mas você conhece o seu império. Não faz parte dele? O que o *seu* coração lhe diz?

Rhy sabia que os veskanos eram pessoas orgulhosas e teimosas, mas não eram tolas. Gostavam de uma boa briga, mas não saíam por aí atrás de guerras.

— Nós não...

— Arnes pode ser o campo de batalha — interrompeu Sol-in-Ar —, mas, se Vesk procura guerra, vai encontrá-la em Faro também. Dê a ordem, Vossa Majestade, e eu trarei cem mil soldados para engrossar as suas fileiras.

Rul ficou vermelho como brasa; Otto, branco como giz.

— Nós não *fizemos* isso — rugiu Rul.

— Nada sabíamos dessa traição — acrescentou Otto com firmeza. — Não queremos...

— *Querer?* — rosnou Rhy. — O que querer tem a ver com isso? E eu lá quero ver o meu povo sofrer? Quero ver o meu reino afundado em guerra? As massas pagam pelas escolhas de poucos, e, se os membros da sua realza tivessem ido a vocês e pedido ajuda, podem me dizer que não teriam ajudado?

— Mas eles não pediram — retrucou Otto com frieza. — Com todo o respeito, Vossa Majestade, um governante não segue o seu povo, mas um povo deve seguir as regras dele. O senhor está certo, muitos pagam pelas escolhas de poucos. Mas a *realeza* é quem escolhe, e somos nós que pagamos por isso.

Rhy lutou contra o ímpeto de se encolher diante das palavras. Lutou contra o ímpeto de olhar para Isra ou para Sol-in-Ar.

— Mas o senhor perguntou ao meu coração — continuou Otto —, e o meu coração tem família. O meu coração tem vida e lar. O meu coração se regozija com campos de disputa, não de guerra.

Rhy engoliu em seco e pegou um dos navios.

— Vocês escreverão duas cartas — disse ele, pesando o marcador na palma da mão. — Uma para a frota e outra para a coroa. Você contará a eles da traição a sangue-frio do príncipe e da princesa. Contará a eles que podem se retirar agora e tomaremos as ações dos dois membros da realeza como iniciativas próprias. Que podem se retirar e poupar o seu reino de uma guerra. Mas, se eles avançarem qualquer extensão na direção desta cidade, eles o farão sabendo que enfrentarão um rei muito vivo e um império aliado. Se avançarem, terão assinado a morte de milhares de pessoas.

A voz de Rhy baixou um tom enquanto ele falava, como o seu pai sempre fazia, as palavras zumbindo como aço recém-forjado.

Reis não precisam levantar a voz para serem ouvidos.

Uma das muitas lições de Maxim.

— E esse rei das sombras? — perguntou Rul friamente. — Devemos escrever sobre ele também?

Os dedos de Rhy apertaram o pequeno navio de pedra.

— A fraqueza da minha cidade se tornará a sua se esses navios zarparem para Londres. O meu povo vai dormir, mas o seu vai morrer. Pelo bem deles, sugiro que você seja o mais persuasivo possível. — Ele colocou o marcador de volta na mesa. — Está entendido? — concluiu, as palavras mais uma ordem que uma pergunta.

Otto assentiu. Assim como Rul.

Quando as portas se fecharam atrás deles, a força abandonou os ombros de Rhy. Ele desabou na parede da sala de mapas.

— Como me saí? — perguntou ele.

Isra curvou a cabeça em reverência.

— Lidou com eles como um rei.

Não houve tempo para saborear o elogio.

Os sinos do Santuário estavam em silêncio com o restante da cidade, mas aqui no palácio um relógio começou a badalar. Ninguém mais se agitou, porque ninguém mais estava contando o tempo, mas Rhy se empertigou.

Kell estava fora havia quatro dias.

Quatro dias, Rhy. Voltaremos nesse tempo. E então você poderá arrumar confusão...

Mas os problemas vieram e se foram e voltaram sem nenhum sinal do seu irmão. Ele prometeu a Kell que esperaria, mas Rhy já havia esperado o bastante. Era apenas questão de tempo antes que Osaron recuperasse as suas forças. Apenas questão de tempo antes que ele voltasse a sua atenção para o palácio. A última defesa da cidade. Ele abrigava todos os corpos acordados, todos os prateados, todos os sacerdotes, protegia Tieren e o feitiço que mantinha o restante das pessoas adormecido. E, se caísse, nada mais restaria.

Ele fez uma promessa a Kell, mas o seu irmão estava atrasado, e Rhy não podia ficar aqui, sepultado com os corpos dos seus pais.

Ele não se esconderia das sombras uma vez que as sombras não podiam tocá-lo.

Ele tinha uma escolha. E a levaria adiante.

Ele próprio enfrentaria o rei das sombras.

* * *

Mais uma vez, a capitã da guarda embarreirou o seu caminho.

Isra tinha a idade do seu pai, mas, onde Maxim era — fora — largo, ela era esbelta, com músculos rijos. E, ainda assim, era a mulher mais imponente que ele conhecia, altiva e severa, uma das mãos sempre descansando no cabo da espada.

— Saia do caminho — instruiu Rhy, prendendo a capa vermelha e dourada nos ombros.

— Vossa Majestade — disse a guarda —, sempre fui honesta com o seu pai e sempre serei honesta com o senhor, então me perdoe por falar livremente. Com quanto sangue devemos alimentar este monstro?

— Vou alimentá-lo com cada gota que tenho — respondeu Rhy — se isso for capaz de saciá-lo. Agora, saia do caminho. É uma ordem do seu rei. — As palavras queimaram a sua garganta quando ele as disse, mas Isra obedeceu, saindo do caminho.

A mão de Rhy estava na porta quando a mulher falou de novo, a voz baixa, insistente.

— Quando essas pessoas acordarem — disse ela —, precisarão do seu rei. Quem vai liderá-las se o senhor morrer?

Rhy sustentou o olhar da mulher.

— Você não sabia? — disse ele, abrindo a porta. — Eu já estou morto.

VI

O *Ghost* tinha um único bote, uma coisinha pequena amarrada no costado do navio. Possuía um assento e dois remos, e era destinado a transportar uma única pessoa entre embarcações, ou talvez entre a embarcação e a costa, caso esta não conseguisse atracar ou não pretendesse fazê-lo.

O bote não parecia capaz de comportar quatro pessoas, quanto mais levá-las para a praia sem afundar, mas eles não tinham muita escolha.

Eles o baixaram até a água, e Holland foi o primeiro a descer, equilibrando a pequena embarcação contra o costado do *Ghost*. Kell já havia passado uma perna para dentro do bote, mas, quando Lila se moveu para segui-lo, viu Alucard ainda no meio do convés, com a atenção concentrada na frota distante.

— Vamos, capitão.

Alucard balançou a cabeça.

— Vou ficar.

— Esse não é o momento para atos grandiosos — falou Lila. — O navio nem é seu.

Mas, pela primeira vez, o olhar de Alucard era duro, inflexível.

— Sou o vencedor do *Essen Tasch*, Bard, e um dos magos mais poderosos dos três impérios. Não posso parar uma frota de navios, mas, se eles decidirem se mover, farei o possível para atrasá-los.

— E eles vão te matar — disse Kell, passando a perna de volta para o convés.

O capitão ofereceu apenas um sorriso inexpressivo.

— Eu sempre quis morrer com glória.

— Alucard... — começou Lila.

— Fui eu quem fiz a névoa — falou ele, olhando por entre os dois. — Deve dar cobertura a vocês.

Kell assentiu, e então, um instante depois, estendeu-lhe a mão. Alucard olhou para ela como se fosse ferro em brasa, mas a aceitou.

— *Anoshe* — disse Kell.

Lila sentiu um aperto no peito ao ouvir a palavra. Era o que os arnesianos diziam quando se despediam. Lila não disse nada, porque adeus em qualquer idioma parecia uma rendição e ela não estava disposta a isso.

Mesmo quando Alucard envolveu os ombros dela com os braços.

Mesmo quando ele deu um beijo na sua testa.

— Você é a minha melhor ladra — sussurrou ele, e os olhos dela queimaram.

— Eu devia ter matado você — murmurou ela, odiando a própria voz vacilante.

— Provavelmente — retrucou ele. E então, num tom tão suave que as suas palavras escaparam a todos, exceto a ela, disse: — Mantenha-o em segurança.

E então os seus braços se foram, Kell a puxou para o barco, e a última visão que teve de Alucard Emery foi da linha dos seus ombros largos, da sua cabeça erguida enquanto ele permanecia sozinho no convés, encarando a frota.

* * *

As botas de Lila atingiram o fundo do bote, balançando-o de tal maneira que fez com que Holland agarrasse as laterais.

Na última vez em que ela esteve num barco tão pequeno, ficou sentada no meio do mar com as mãos amarradas e um barril de cerveja envenenada entre os joelhos. Aquilo foi uma aposta. Isso era um jogo arriscado.

O bote se afastou e, dentro de instantes, a névoa de Alucard estava engolindo o *Ghost* e o escondendo do mundo.

— Sente-se — falou Kell, pegando um remo.

Ela assim o fez, alcançando sem pensar o segundo remo. Holland se sentou no fundo do barquinho, arregaçando casualmente as mangas da camisa.

— Uma ajudinha? — disse Lila, e o seu olho verde se estreitou para ela enquanto ele pegava uma pequena lâmina e a pressionava na palma da mão.

Holland levou a mão ensanguentada à lateral do barco e disse algo que ela nunca tinha ouvido antes — *As Narahi* —, e a pequena embarcação deslizou pela água, quase derrubando Kell e Lila do banco.

A espuma espirrou nos olhos dela, salgada e gélida, o vento açoitando em volta do seu rosto, mas, quando a sua visão clareou, Lila percebeu que o bote estava avançando, roçando a superfície da água como se fosse impulsionado por uma dúzia de remos invisíveis.

Lila olhou para Kell.

— Você não me ensinou esse.

Kell estava boquiaberto.

— Eu... Eu não conhecia esse.

Holland lançou a ambos um olhar insípido.

— Incrível — disse ele secamente. — Ainda há coisas que você não aprendeu.

VII

As ruas estavam repletas de corpos, mas Rhy se sentia completamente sozinho.

Sozinho, ele abandonou o seu lar.

Sozinho, ele andou pelas ruas.

Sozinho, ele subiu pela ponte de gelo que levava ao palácio de Osaron.

As portas se abriram ao seu toque, e Rhy ficou petrificado. Esperava encontrar uma réplica sinistra do seu próprio palácio; porém, em vez disso, encontrou um espectro, um corpo esquelético escavado e depois preenchido com algo menos substancial. Não havia grandes corredores, nenhuma escadaria que levasse a outros andares, nenhum salão de festas ou sacada.

Apenas um espaço cavernoso, a carcaça das arenas ainda visível aqui e ali sob um verniz de sombras e magia.

Colunas cresciam do chão como árvores, ramificando-se em direção a um teto que dava lugar aqui e ali ao céu aberto, um efeito que fazia o palácio parecer ao mesmo tempo uma obra-prima e uma ruína.

A maior parte da luz vinha daquele telhado quebrado e o restante de dentro, um brilho que recobria cada superfície como fogo preso por trás de vidro grosso. Mesmo aquela luz rarefeita estava sendo engolida, obliterada pela mesma substância preta e viscosa que ele viu se espalhando pela cidade, a magia anulando a natureza.

As botas de Rhy ecoaram quando ele se forçou a atravessar o amplo salão e a rumar para o magnífico trono no centro, tão natural e ao mesmo tempo tão não natural quanto o palácio ao redor. Etéreo e vazio.

O rei das sombras estava de pé a vários passos de distância, examinando um cadáver.

O próprio cadáver estava de pé, sustentado por faixas de escuridão presas como as cordas de uma marionete na cabeça e nos braços e iam até o teto. Fios que não apenas sustentavam o corpo; pareciam costurá-lo e mantê-lo no lugar.

Era uma mulher, isso dava para perceber, e, quando Osaron remexeu os dedos, os fios se retesaram, erguendo o rosto dela para a luz difusa. Os seus cabelos vermelhos, mais vermelhos que os de Kell, escorriam lisos pelas bochechas encovadas e, embaixo de um olho fechado, uma mancha preta lhe escorria pelo rosto como se ela tivesse chorado tinta.

Sem um invólucro, Osaron parecia tão espectral quanto o palácio, uma imagem semiformada de um homem, a luz brilhando através dele toda vez que se movia. O seu manto esvoaçou, soprado por algum vento imaginário, e a sua forma inteira ondulou e estremeceu, como se ele não conseguisse mantê-la.

— *O que é você?* — perguntou o rei das sombras, e, embora encarasse o cadáver, Rhy sabia que as palavras se dirigiam a *ele*.

Alucard advertiu Rhy da voz de Osaron, da forma como ela ecoava na cabeça de uma pessoa, serpenteando pelos pensamentos. Porém, quando ele falou, Rhy não ouviu nada além das meras palavras sendo reverberadas nas pedras.

— Sou Rhy Maresh — respondeu ele —, e eu sou o rei.

Os dedos de sombra de Osaron escorregaram e baixaram. O corpo da mulher sem muita firmeza, pendurado pelas cordas.

— *Reis são como ervas daninhas neste mundo.* — Ele se virou, e Rhy viu o rosto feito de camadas de sombras. Oscilava com emoções, ali um instante e depois não mais, irritação e divertimento, raiva e desprezo. — *Esse aqui veio para implorar, se curvar ou lutar?*

— Vim para vê-lo com os meus próprios olhos — disse Rhy. — Para lhe mostrar a face desta cidade. Para que saiba que não estou com medo. — Era mentira, ele estava de fato com medo, mas este empalidecia diante do luto, da raiva e da necessidade de agir.

A criatura lhe lançou um olhar demorado e inquiridor.

— *Você é o vazio.*

Rhy estremeceu.

— Não sou vazio.

— *O oco.*

Ele engoliu em seco.

— Não sou oco.

— *O morto.*

— Não estou morto.

O rei das sombras seguia até ele, e Rhy lutou contra o ímpeto de recuar.

— *A sua vida não é sua.*

Osaron estendeu a mão, então Rhy deu um passo para trás, ou tentou, apenas para descobrir que as suas botas estavam presas ao chão por uma magia que ele não conseguia ver. O rei das sombras levou a mão ao peito de Rhy, e os botões da sua túnica se esfarelaram, o tecido se abrindo para revelar os círculos concêntricos do selo marcado sobre o coração. Lascas de frio perfuraram o ar entre sombra e pele.

— *É a minha magia.* — Osaron fez um gesto como se fosse arrancar o selo, porém nada aconteceu. — *E não é a minha magia.*

Rhy soltou o ar trêmulo.

— Você não tem posse sobre mim.

Um sorriso dançou nos lábios de Osaron, e a escuridão apertou as botas de Rhy. O medo aumentou, mas Rhy se esforçou para sufocá-lo. Ele não era um prisioneiro. Estava ali por escolha própria. Chamando para si a atenção de Osaron, a ira.

Perdoe-me, Kell, pensou ele, encarando o rei das sombras.

— Certa vez, alguém tirou o meu corpo de mim — falou ele. — Tiraram o meu arbítrio. Nunca mais. Não sou uma marionete e você não pode me obrigar a fazer *nada*.

— *Você está errado.* — Os olhos de Osaron se iluminaram como os de um gato no escuro. — *Posso fazê-lo sofrer.*

O frio esfaqueou as canelas de Rhy quando as amarras ao redor dos tornozelos se transformaram em gelo. Ele prendeu a respiração quando o frio começou a se espalhar, não pelos membros, mas em volta de todo o seu corpo, uma cortina, uma coluna, devorando primeiro a visão do rei das sombras e da sua marionete morta, depois do trono, e por fim do cômodo inteiro, até que ele ficasse preso dentro de uma concha de gelo. A superfície era tão lisa que ele conseguia ver o próprio reflexo, distorcido pela deformação do gelo à medida que se espessava. Ele via a sombra da criatura do outro lado. E imaginou Osaron sorrindo.

— *Onde está o Antari agora?* — Uma das suas mãos fantasmagóricas pousou no gelo. — *Devemos mandar uma mensagem para ele?*

A coluna de gelo estremeceu, e então, para o horror de Rhy, estacas começaram a crescer. Ele tentou recuar, mas não havia para onde ir.

Rhy sufocou um grito quando a primeira ponta perfurou a panturrilha.

Dor fluíu por ele, quente e lancinante, mas passageira.

Eu não sou vazio, disse ele a si mesmo quando uma segunda ponta cortou o seu flanco. Um grito abafado soou quando outro estilhaço atravessou o seu ombro, perfurando e saindo do outro lado da clavícula com uma facilidade terrível.

Eu não sou oco.

O ar ficou preso no seu peito quando gelo perfurou um pulmão, as costas, o quadril e um pulso.

Eu não estou morto.

Ele viu a mãe ser transpassada, o pai ser morto por uma dúzia de lâminas de aço. E não pôde salvá-los. O corpo deles pertencia a eles. A vida deles pertencia a eles.

Mas a de Rhy não. E isso não era uma fraqueza, ele percebia agora, e, sim, uma força. Ele podia sofrer, mas aquilo não o mataria.

Eu sou Rhy Maresh, disse a si mesmo enquanto o sangue escorria pelo chão.

Eu sou o rei de Arnes.

E sou indestrutível.

VIII

Eles estavam quase alcançando o litoral quando Kell começou a tremer.

Era um dia frio, mas o calafrio vinha de outro lugar, e, assim que ele percebeu o que era — um eco —, a dor chegou. Não um golpe indireto, mas repentino, violento e afiado como facas.

De novo, não.

A dor atravessou a sua perna, o seu ombro, as suas costelas, abrindo uma investida completa contra os seus nervos.

Ele arquejou, apoiando-se na lateral do barco.

— Kell?

A voz de Lila estava distante, abafada pela pulsação que martelava nos seus ouvidos. Ele *sabia* que o irmão não podia morrer, mas isso não amainava o medo, não impedia o pânico animal e elementar que pulsava no sangue, clamando por ajuda. Esperou que a dor passasse, como sempre acontecia, desaparecendo a cada batida do coração como uma pedra lançada na superfície de um lago, o impacto dando lugar a ondulações menores antes de enfim ser suavizado.

Mas a dor não passou.

Cada respiração trazia uma nova rocha, um novo impacto.

As mãos de Lila pairaram no ar.

— Posso curar você?

— Não — respondeu Kell, a respiração entrecortada. — Não é... o corpo dele não está... — A sua mente girou.

— Vivo? — propôs Holland.

Kell franziu o cenho.

— Claro que está *vivo*.

— Mas aquela vida não é dele — retrucou Holland calmamente. — Ele é apenas uma concha. Um receptáculo para o seu poder.

— Pare.

— Você cortou algumas cordas da própria magia e criou uma marionete.

A água se elevou em torno do pequeno barco, provocada pelo temperamento de Kell.

— *Pare*. — Desta vez, a palavra veio de Lila. — Antes que ele nos afunde.

Mas Kell ouviu a pergunta na voz dela, a mesma que ele se fez por meses.

Algo estava verdadeiramente vivo se não podia morrer?

Uma semana depois de Kell ter vinculado a vida do irmão à sua, ele acordou com uma dor súbita na palma da mão, ardente, como se a pele estivesse queimando. Olhou para a mão machucada, certo de que a carne estaria cheia de bolhas, carbonizada, mas não estava. Em vez disso, encontrou o irmão sentado no quarto diante de uma mesa baixa com uma vela em cima, os olhos distantes enquanto mantinha a mão sobre a chama. Kell afastou bruscamente os dedos de Rhy do fogo, pressionando a pele vermelha e descamada com um pano úmido enquanto o irmão aos poucos colocava a cabeça no lugar.

— Me desculpe — disse Rhy, um bordão agora cansativo. — Eu só precisava... saber.

— Saber o quê? — explodiu Kell, e os olhos do irmão já haviam se perdido.

— Se eu sou real.

Agora Kell tremia no chão do pequeno barco, o eco da dor do irmão lancinante, uma dor que não cedia. Não parecia um ferimento autoinfligido, não foi causado pela chama de uma vela ou por uma palavra entalhada na pele. Essa dor era profunda e penetrante, como a lâmina no peito, mas ainda pior, porque vinha de todo lugar.

A boca de Kell se encheu de bile. Ele julgava saber o que era estar enjoado.

Tentou lembrar que a dor só era aterrorizante por causa do que representava — perigo, morte — e que, sem essas coisas, não era nada...

A sua visão ficou turva.

... apenas mais uma sensação...

Os seus músculos gritaram.

... uma corda de marionete...

Kell estremeceu violentamente e percebeu os braços de Lila ao seu redor, magros, porém fortes, o calor do delgado corpo dela como a chama de uma vela contra o frio. Ela estava dizendo algo, mas ele não conseguia entender as palavras. A voz de Holland oscilava, reduzida a pequenos arroubos de sons desconexos.

A dor estava ficando mais tranquila — não se suavizando, apenas se estabilizando em algo terrível. À força, ele tentou colocar os pensamentos em ordem, focar a visão, e viu o litoral se aproximando. Não o porto de Tanek, mas uma extensão de praia rochosa. Não importava. Terra firme era terra firme.

— Rápido — murmurou ele de forma grosseira, e Holland lhe lançou um olhar sombrio.

— Se esse barco for mais rápido, pegará fogo antes de termos sequer a chance de bater naquelas rochas. — Mas ele percebeu que o nó dos dedos do mago estava branco por causa do esforço e sentiu o mundo se abrir ao redor do poder dele.

Num instante, a costa entrecortada surgia ao longe; no instante seguinte, estava quase em cima deles.

Holland ficou de pé, e Kell conseguiu esticar o corpo dolorido, a mente clareando o suficiente para ele conseguir pensar.

Tinha o símbolo na mão — o pedaço de tecido que a rainha lhe deu, com as letras *KM* bordadas na seda —, e sangue fresco respingou no tecido quando o barco se aproximou precariamente da costa rochosa. Quando eles chegaram perto o suficiente para desembarcar, o casaco deles estava encharcado de água gelada.

Holland desceu primeiro, apoiando-se nas pedras desgastadas pelo mar.

Kell começou a segui-lo e escorregou. Ele teria caído na arrebentação se Holland não estivesse lá para agarrar o seu pulso e arrastá-lo até a praia. Kell se virou para buscar Lila, mas ela já estava ao seu lado, a mão dela na dele e a de Holland no seu ombro enquanto Kell pressionava o pedaço de pano na parede de pedra e pronunciava as palavras que os levaria para casa.

A névoa gelada e a costa irregular desapareceram instantaneamente, substituídas pelo mármore liso do Rose Hall, com o teto abobadado e os tronos vazios.

Não havia sinal de Rhy, nenhum sinal do rei nem da rainha, até que ele se virou e viu a larga mesa de pedra no meio do salão.

Kell ficou paralisado e, em algum lugar atrás dele, Lila soltou um suspiro curto e chocado.

Levou um instante para ele entender as silhuetas que estavam sobre a mesa, para entender que eram corpos.

Dois corpos, lado a lado sobre a pedra, cada um envolto num pano vermelho, as coroas ainda cintilando nos cabelos.

Emira Maresh, com uma rosa branca, adornada com ouro e pousada sobre o coração.

Maxim Maresh, as pétalas de outra rosa espalhadas pelo peito.

O frio se instalou nos ossos de Kell.

O rei e a rainha estavam mortos.

IX

Alucard Emery imaginou a sua morte centenas de vezes.

Era um hábito mórbido, mas três anos no mar lhe deram bastante tempo para pensar, beber e sonhar. Na maior parte das vezes, os sonhos começavam com Rhy; porém, conforme as noites se estendiam e os cálices eram esvaziados, eles invariavelmente se tornavam mais sombrios. Os seus pulsos doíam e os pensamentos nublavam, e ele se pegava se perguntando: quando? Como?

Às vezes, era algo glamoroso e outras, algo terrível. Uma batalha. Uma lâmina perdida. Uma execução. Um resgate que deu errado. Sufocando no próprio sangue ou engolindo o mar. As possibilidades eram infinitas.

Mas ele jamais imaginou que a morte seria assim.

Jamais imaginou que iria enfrentá-la sozinho. Sem uma tripulação. Sem um amigo. Sem alguém da família. Sem mesmo um inimigo, exceto as massas sem rosto que preenchiam os navios que o aguardavam.

Tolo, diria Jasta. Todos enfrentamos a morte sozinhos.

Ele não queria pensar em Jasta. Ou em Lenos. Ou em Bard.

Ou em *Rhy*.

O ar marinho arranhava as cicatrizes nos pulsos de Alucard, e ele as esfregou enquanto o navio, que sequer era o *seu* navio, balançava em silêncio nas ondas.

Os navios veskanos, adornados de verde e prata, estavam reunidos, flutuando de forma sombria, resoluta, uma linha montanhosa ao longo do horizonte.

O que eles estavam esperando?

Ordens de Vesk?

Ou de dentro da cidade?

Eles sabiam do rei das sombras? Da névoa amaldiçoada? Era isso que os detinha? Ou estavam apenas esperando pela cobertura da noite para atacar?

Santo, que bem fazia ficar especulando?

Eles não se moveram.

Poderiam se mover a qualquer instante.

O sol estava se pondo, tingindo o céu de um vermelho sangrento, e a sua cabeça latejava por causa da exaustão de manter a névoa por tanto tempo. Ela estava ficando mais tênue, e não havia nada a fazer a não ser esperar, esperar, e tentar reunir forças para...

Para fazer o quê?, desafiou uma voz na sua mente. *Mover o mar?*

Não era possível. Aquilo não foi apenas uma frase que ele disse a Bard para tentar impedir a ladra de fazê-lo. Tudo tinha limites. A mente dele fervilhou como vinha fervilhando pela última hora, teimosa, obstinada, como se conseguisse enfim virar uma esquina e encontrar uma ideia. Não uma noção maluca disfarçada de plano, mas uma ideia *de verdade* esperando por ele.

O mar. Os navios. As velas.

Agora ele estava apenas listando coisas.

Não. Espere. As *velas*. Talvez pudesse descobrir um jeito de...

Não.

Não a essa distância.

Ele precisaria mover o *Ghost*, conduzi-lo até a retaguarda da frota *veskana* e então... o quê?

Alucard esfregou os olhos.

Se ele ia morrer, poderia ao menos pensar numa forma de fazer isso valer a pena.

Se ele ia morrer...

Mas esse era o problema.

Alucard *não queria* morrer.

De pé ali, na proa do *Ghost*, percebeu com uma clareza alarmante que morte e glória não lhe interessavam nem de longe tanto quanto viver o suficiente para voltar para casa. Para ter certeza de que Bard estava viva e tentar encontrar qualquer membro remanescente da tripulação do *Night Spire*. Para ver os olhos cor de âmbar de Rhy, para pressionar os lábios na

curva do pescoço dele. Para se ajoelhar diante do seu príncipe e lhe oferecer a única coisa que sempre escondeu: a verdade.

O espelho do mercado flutuante estava guardado num caixote ali perto.

Quatro anos de vida por um presente que nunca seria dado.

Um movimento ao longe chamou a sua atenção.

Uma sombra deslizando pelo céu do crepúsculo, agora de um azul cor de hematoma em vez do vermelho sangrento. Sentiu um aperto no coração. Era uma ave.

Ela mergulhou num dos navios veskanos, engolida pela linha de mastros, redes e velas dobradas. Alucard prendeu a respiração até o peito doer, até a visão ficar turva. Era isso. A ordem para se moverem. Ele não tinha muito tempo.

As velas...

Se pudesse danificar as velas...

Alucard começou a juntar todo pedaço de aço solto a bordo do navio, saquear os caixotes, a cozinha e o porão em busca de lâminas, painéis e utensílios de cozinha, qualquer coisa que pudesse transformar em algo capaz de cortar. A magia zumbia pelos seus dedos conforme ele comandava as superfícies para que ficassem afiadas e modelava gumes serrilhados.

Ele as alinhou como soldados no convés, três dúzias de arremedos de armas que podiam perfurar e rasgar. Tentou ignorar o fato de que as velas estavam baixas, tentou sufocar a noção de que nem mesmo *ele* tinha a habilidade de controlar tantas coisas ao mesmo tempo, não com precisão e delicadeza.

Mas força bruta era melhor que nada.

Tudo o que precisava fazer era levar o *Ghost* para uma posição em que tivesse alcance para atacar. Ele estava voltando a atenção para o próprio navio quando viu as velas veskanas sendo içadas.

Aconteceu numa onda, verde e prata brotando nos mastros do navio central, e então nos demais, de ambos os lados, até que a frota inteira estava pronta para zarpar.

Era um presente, pensou Alucard, aprontando as suas armas, puxando o ar com os resquícios da sua força assim que o primeiro navio começou a se mover.

Seguido do segundo.

E do terceiro.

A boca de Alucard pendeu aberta. As suas últimas forças falharam, morreram.

O vento se dissipou, e ele ficou ali, olhando, um arremedo de lâmina caindo dos dedos, porque os navios veskanos não estavam zarpando para Tanek, para o Atol e para a cidade de Londres.

Eles estavam indo *embora*.

A formação da frota se desfez enquanto eles giravam no eixo e voltavam para alto-mar.

Um dos navios passou perto o suficiente para que enxergasse os homens a bordo, e um soldado veskano olhou para ele, o rosto largo indecifrável por baixo do elmo. Alucard ergueu uma das mãos, cumprimentando. O homem não acenou em resposta. O navio seguiu em frente.

Alucard observou as embarcações partirem.

Ele esperou até que as águas estivessem calmas, até que as últimas cores desvanecessem do céu.

E então caiu de joelhos no convés.

X

Kell encarou, entorpecido, os corpos sobre a mesa.

O seu rei e a sua rainha. O seu pai e a sua mãe...

Ele ouviu Holland chamando o seu nome, sentiu os dedos de Lila se fecharem no seu braço.

— Temos de encontrar Rhy.

— Ele não está aqui — disse uma nova voz.

Era Isra, a chefe da guarda da cidade. Kell havia tomado a mulher por uma estátua com a sua armadura completa e de cabeça baixa, esquecera as regras do luto — os mortos nunca eram deixados sozinhos.

— Onde? — foi o que ele conseguiu dizer. — Onde ele está?

— No palácio, senhor.

Kell se dirigiu para as portas que levavam de volta ao palácio real quando Isra o deteve.

— Não esse — disse a mulher, cansada. Ela apontou para as enormes portas da frente do Rose Hall, aquelas que levavam para as ruas da cidade. — O *outro*. No rio.

A pulsação de Kell martelou loucamente no peito.

O palácio das *sombras*.

A sua cabeça girou.

Quanto tempo ele passou longe?

Três dias?

Não, quatro.

Quatro dias, Rhy.

E então você poderá arrumar confusão.

Quatro dias, o rei e a rainha estavam mortos e Rhy não esperou um instante sequer.

— Você simplesmente o deixou ir? — explodiu Lila, confrontando a guarda.

Isra se eriçou.

— Não tive escolha. — Ela encontrou os olhos de Kell. — A partir de hoje, Rhy Maresh é o rei.

A realidade o atingiu como um soco.

Rhy Maresh, jovem nobre, libertino galanteador, príncipe ressuscitado.

O menino que sempre procurava lugares onde se esconder, que se movia pela própria vida como se fosse uma peça de teatro.

O seu irmão, que certa vez aceitou um amuleto amaldiçoado porque trazia a promessa de força.

O seu irmão, que agora entalhava desculpas na própria pele e estendia as mãos sobre chamas de vela para se sentir vivo.

O seu irmão era rei.

E o primeiro ato?

Marchar direto para o palácio de Osaron.

Kell queria torcer o pescoço de Rhy, mas então se lembrou da dor que sentiu, onda após onda o balançando no barco, arrebatando através dele mesmo agora, numa corrente de sofrimento. *Rhy*. Kell passou por Isra sem pensar, passou pelas diversas fileiras de grandes bacias de pedra até as portas do Rose Hall e saiu para a luz difusa de Londres.

Ouviu passos atrás de si — os de Lila rápidos e suaves de ladra, os de Holland seguros —, mas não olhou para trás, não olhou para o chão, um mar de corpos enfeitados deitados pelas ruas. Manteve os olhos fixos no rio e na sombra impossível que se erguia contra o céu.

Kell sempre pensou no palácio real como um segundo sol preso num nascer perpétuo sobre a cidade. Se isso era verdade, o palácio de Osaron era um eclipse, um pedaço de escuridão perfeita, apenas as bordas delineadas com luz refletida.

Em algum lugar atrás dele, Holland pegou uma arma da bainha de um homem caído e Lila xingou baixinho enquanto se movia por entre os corpos, mas nenhum dos dois se afastou muito de Kell.

Juntos, os três *Antari* subiram a rampa de ônix da ponte do palácio.

Juntos, alcançaram o vidro preto e polido das portas do palácio.

A maçaneta cedeu ao toque de Kell, mas Lila deteve o pulso dele e o segurou com força.

— Esse é mesmo o melhor plano? — perguntou ela.

— É o único que temos — respondeu Kell enquanto Holland tirava o Herdeiro do pescoço e colocava o dispositivo dentro do bolso. Ele deve ter sentido Kell o encarando, porque ergueu o olhar e encontrou os olhos dele. Um olho verde e um preto, e ambos firmes como uma máscara.

— De uma forma ou de outra — falou Holland —, será o fim.

Kell assentiu.

— O fim.

Eles olharam para Lila. Ela suspirou, soltando os dedos de Kell.

Três anéis de prata refletiram a luz moribunda, o de Lila e o de Kell ecos mais estreitos do aro de Holland — todos eles reverberando com o poder que compartilhavam quando a porta se abriu, e os três *Antari* deram um passo à frente e entraram na escuridão.





QUATORZE

ANTARI



I

Assim que as botas de Kell atravessaram a soleira da porta, a dor queimou no seu peito. Era como se os muros do palácio de Osaron tivessem silenciado a conexão e, agora, sem os obstáculos, o cordão se esticasse e cada passo aproximasse Kell do sofrimento de Rhy.

Lila já havia desembainhado duas facas, mas o palácio estava vazio, o salão deserto. A magia de Tieren funcionou, privou o monstro das suas muitas marionetes, mas Kell ainda sentia a tensão nervosa de Lila nos seus próprios membros, viu o mesmo desconforto refletido mais uma vez no rosto inescrutável de Holland.

Havia algo errado neste lugar, como se tivessem saído de Londres, saído do tempo, saído completamente da vida e ido para algum lugar que não existia. Era magia sem equilíbrio, poder sem nenhuma regra, e estava morrendo, cada superfície assumindo lentamente a mortalha preta e brilhante da natureza reduzida a nada.

Mas, no centro da vasta câmara, Kell sentiu.

Uma pulsação de vida.

Um coração batendo.

E então, quando os olhos de Kell se ajustaram à penumbra, ele viu Rhy.

O seu irmão estava pendurado a vários metros do chão, suspenso dentro de uma teia de gelo, sustentado por uma dúzia de pontas afiadas que penetravam e atravessavam o corpo do príncipe, as superfícies gélidas escorregadias e vermelhas.

Rhy estava vivo, mas só porque não podia morrer.

O seu peito tremia e arfava, as lágrimas congeladas nas bochechas. Os lábios se mexeram, mas as palavras não podiam ser ouvidas, o sangue era uma poça escura e extensa abaixo dele.

Isso é seu?, perguntou Rhy quando eram jovens e Kell cortou os pulsos para curá-lo. *É tudo seu?*

Agora as botas de Kell chapinhavam o sangue de Rhy, o ar metálico na sua boca enquanto ele corria até o irmão.

— Espere! — gritou Lila.

— Kell — advertiu Holland.

Mas, se aquilo era uma armadilha, eles já haviam sido pegos. Capturados no momento em que entraram no palácio.

— Agente firme, Rhy.

Os cílios de Rhy tremularam ao som da voz de Kell. Ele tentou erguer a cabeça, mas não conseguiu.

A mão de Kell já estava molhada com o próprio sangue quando ele chegou perto do irmão. Teria derretido o gelo com um único toque, uma palavra, se tivesse a oportunidade.

Em vez disso, os seus dedos pararam alguns centímetros acima do gelo, impedidos pelo comando de outra pessoa. Kell lutou contra a magia enquanto uma voz se derramava das sombras atrás do trono.

— *Aquilo é meu.*

A voz veio de lugar nenhum. De toda parte. E, ainda assim, estava confinada. Não mais uma construção vazia de sombras e magia, mas vinculada a lábios, dentes e pulmões.

Ela entrou na luz, o cabelo vermelho esvoaçando ao redor do seu rosto como se fosse agitado por algum vento imaginário.

Ojka.

* * *

Kell a *seguiu*.

Ouviu as suas mentiras no pátio do palácio, as palavras misturadas com dúvidas e raiva para formar algo venenoso, e deixou que ela o conduzisse por uma porta no mundo e para dentro de uma armadilha.

E agora, quando viu Ojka, ele estremeceu.

* * *

Lila a *matou*.

Enfrentou a mulher no corredor com Kell gritando do outro lado da porta, Rhy morrendo a um mundo de distância, e nenhuma opção a não ser lutar. Perdeu um olho de vidro antes de cortar o pescoço dela.

E agora, quando viu Ojka, ela sorriu.

* * *

Holland a *criou*.

Tirou a mulher das ruas de Kosik, dos becos que moldaram o seu próprio passado tantos anos antes, e deu a ela a oportunidade que Vortalis dera a ele, a oportunidade de fazer mais, de ser mais.

E agora, quando viu Ojka, ele ficou petrificado.

II

Ojka, a assassina...

Ojka, a mensageira...

Ojka, a *Antari*...

... não era mais Ojka.

— *Meu rei* — foi como ela chamou Holland tantas vezes, mas a sua voz sempre foi grave, sensual, e agora ressoava no salão e na sua cabeça, familiar e estranha, assim como este lugar era familiar e estranho. Holland enfrentou Osaron num eco deste palácio quando o rei das sombras não passava de vidro, fumaça e brasas moribundas de magia.

E agora ele o enfrentava mais uma vez no seu mais novo receptáculo.

Os olhos de Ojka já foram amarelos, mas agora ambos reluziam pretos. Havia uma coroa empoleirada nos cabelos dela, um aro escuro e sem peso com espinhos apontados para o alto como pingentes de gelo no ar acima da sua cabeça. O pescoço estava envolto por uma fita preta, a pele ao mesmo tempo luminosa pelo poder e inconfundivelmente morta. Ela não respirava, e as veias escuras se destacavam contra a pele, ressecadas, vazias.

Os únicos sinais de vida, o que parecia impossível, vinham daqueles olhos pretos, os olhos de *Osaron*, que dançavam com luz e traziam sombras espiraladas.

— *Holland* — falou o rei das sombras, e a raiva queimou nele ao ouvir o monstro formar a palavra com os lábios de Ojka.

— Eu matei você — ponderou Lila, em posição de ataque ao lado de Holland, as facas em prontidão.

O rosto de Ojka se contorceu com divertimento.

— *Magia não morre.*

— Solte o meu irmão — exigiu Kell, colocando-se à frente dos outros dois *Antari*, a voz imperiosa mesmo neste momento.

— *Por que eu deveria fazer isso?*

— Ele não possui poder — disse Kell. — Nada que você possa utilizar, nada que possa *tomar*.

— *E, ainda assim, ele vive* — ponderou o cadáver. — *Que curioso. Toda vida tem fios de magia. Então, onde estão os dele?*

O queixo de Ojka apontou para cima, e o gelo que empalava o corpo de Rhy se abriu como dedos da mão, arrancando do príncipe um grito sufocado. A cor desapareceu do rosto de Kell enquanto ele lutava para suprimir um grito espelhado, dor e desafio lutando na sua garganta. O anel zumbiu no dedo de Holland quando o poder que compartilhavam reverberou entre eles, tentando ir para Kell na sua aflição.

Holland o manteve firme.

As mãos de Ojka se ergueram, delicadas porém fortes, as palmas para cima.

— *Veio finalmente implorar, Antari? Veio se ajoelhar?* — Aqueles olhos pretos de redemoinho se fixaram em Holland. — *Veio me deixar entrar?*

— Nunca mais — retrucou Holland, e era verdade, ainda que o Herdeiro pesasse no seu bolso. Osaron tinha um talento para deslizar pela mente de uma pessoa, revirar os pensamentos, mas Holland tinha mais prática que a maioria em escondê-los. Ele forçou a mente a não pensar no dispositivo.

— Viemos detê-lo — declarou Lila.

As mãos de Ojka baixaram.

— *Deter a mim?* — indagou Osaron. — *Vocês não podem parar o tempo. Vocês não podem parar as mudanças. E vocês não podem me deter. Sou inevitável.*

— Você — disse Lila — nada mais é que um demônio disfarçado de deus.

— *E você* — falou Osaron com suavidade — *terá uma morte lenta.*

— Já matei esse corpo uma vez — retrucou ela. — Creio que posso matá-lo de novo.

Holland ainda olhava fixamente para o cadáver de Ojka. Os hematomas na pele dela. O tecido enrolado no pescoço. E, como se Osaron

pudesse sentir o peso daquele olhar, ele voltou o rosto roubado para Holland.

— *Não está feliz de ver a sua fiel escudeira?*

A raiva de Holland nunca foi tão ardente. Forjada a frio e afiada, as palavras eram como uma pedra de amolar deslizando pelo gume. Ojka foi leal, não a Osaron, mas a *ele*. Serviu a ele. Confiou nele. Olhou para ele e não viu um deus, e, sim, um rei. E ela estava morta — como Alox, como Talya, como Vortalis.

— Ela não o deixou entrar.

Um meneio de cabeça. Um sorriso forçado.

— *Na morte, ninguém é capaz de recusar.*

Holland empunhou uma lâmina, uma foice retirada de um dos corpos deitados na praça.

— Vou arrancá-lo desse corpo — disse ele —, mesmo que eu tenha de cortar pedaço por pedaço.

Fogo se acendeu nas lâminas de Lila.

Sangue pingou dos dedos de Kell.

Eles haviam se posicionado lentamente em torno do rei das sombras, circulando-o, encurralando-o.

Exatamente como planejaram.

† — **Ninguém se oferece — instruiu Kell. — Não importa o que Osaron diga ou faça, não importa o que ele prometa ou ameace, ninguém o deixa entrar.**

Estavam sentados na cozinha do *Ghost* com o Herdeiro entre eles.

— Então devemos simplesmente bancar a isca? — perguntou Lila, girando uma adaga com a ponta apoiada na mesa de madeira.

Holland começou a falar, mas o navio sofreu um solavanco súbito e ele teve de parar, engolir em seco e se recuperar.

— Osaron cobiça o que não possui — falou ele quando a onda de enjoo passou. — O objetivo não é dar a ele um corpo, mas forçá-lo a precisar de um.

— Esplêndido — comentou Lila, azeda. — Então tudo o que temos de fazer é derrotar uma encarnação de magia poderosa o suficiente

para destruir mundos inteiros.

Kell lhe lançou um olhar fulminante.

— Desde quando você evita uma luta?

— Não estou evitando — explodiu ela. — Só quero me certificar de que podemos vencer.

— Venceremos se formos mais fortes — retrucou Kell. — E, com os anéis, talvez sejamos.

— *Talvez* sejamos — ecoou Lila.

— Todo receptáculo pode ser esvaziado — explicou Holland, revirando o aro de prata no polegar. — Magia não pode ser eliminada, mas pode ser enfraquecida, e o poder de Osaron pode ser enorme, mas não é de forma alguma infinito. Quando o encontrei na Londres Preta, ele estava reduzido a uma estátua, fraco demais para manter uma forma que fosse capaz de se mover.

— Até *você* dar uma a ele — murmurou Lila.

— Exatamente — falou Holland, ignorando a alfinetada.

— Osaron tem se alimentado da minha cidade e do seu povo — acrescentou Kell. — Mas, se o feitiço de Tieren funcionou, ele deve estar ficando sem fontes.

Lila arrancou a adaga do tampo da mesa.

— O que significa que ele deve estar pronto e esperando uma luta.

Holland assentiu.

— Tudo o que temos de fazer é dar uma a ele. Enfraquecê-lo. Deixá-lo desesperado.

— E então o que fazemos? — perguntou Lila.

— *Então* — disse Kell —, e só então, damos a ele um hospedeiro. — Kell acenou para Holland quando disse isso, o Herdeiro pendurado no pescoço do *Antari*.

— E se ele não escolher *você*? — rosnou ela. — É muito bonito se oferecer, mas, se ele der uma chance *a mim*, vou aceitá-la.

— Lila — começou Kell, mas ela o interrompeu.

— E você também vai. Não finja o contrário.

O silêncio se instaurou sobre eles.

— Você está certa — falou Kell, por fim, e, para a surpresa de Holland, embora ele não devesse mais se surpreender, Lila Bard abriu

um sorriso. Era duro e sem nenhum humor.

— Então é uma corrida — disse ela. — Que vença o melhor *Antari*.



Osaron se movia com uma fração da elegância de Ojka, mas com o dobro da velocidade. Duas espadas idênticas brotaram das suas mãos como plumas de fumaça e se tornaram reais, as superfícies cintilando ao cortar o ar onde Lila estava um instante antes.

Mas Lila já estava pairando no ar, tomando impulso na coluna mais próxima enquanto Holland conjurava uma rajada de vento pelo salão com uma força imensa, e os estilhaços de aço de Kell voavam na rajada como uma tempestade.

As mãos de Ojka se ergueram, imobilizando o vento e o aço dentro dele ao mesmo tempo que Lila mergulhava para atacar Ojka, rasgando as suas costas.

Osaron, porém, era rápido demais, e a faca de Lila mal roçou o ombro da sua hospedeira. Sombras verteram da ferida como vapor antes de a pele morta se costurar de volta.

— *Não foi rápida o suficiente, pequena Antari* — disse ele, golpeando o rosto de Lila com as costas da mão.

Lila caiu de lado, a faca tombando da sua mão enquanto ela rolava e se agachava em posição de ataque. Ela agitou os dedos, e a lâmina caída zumbiu no ar, enterrando-se na perna de Ojka.

Osaron rosnou quando mais fumaça verteu do ferimento, e Lila abriu um sorriso frio.

— Aprendi isso com ela — falou Lila, uma nova lâmina aparecendo entre os seus dedos — pouco antes de cortar o pescoço dela.

A boca de Ojka rosnou.

— *Farei você...*

Mas Holland já avançava, eletricidade dançando pela sua foice enquanto esta cortava o ar. Osaron se virou e bloqueou o golpe com uma espada, tentando com a outra acertar o peito de Holland. Ele girou o corpo, saindo do caminho, a lâmina roçando nas suas costelas quando Kell atacou pelo outro lado, o punho envolto em gelo.

O gelo se estilhaçou na face de Ojka, cortando a carne e chegando até o osso. Antes que o ferimento pudesse se cicatrizar, Lila já estava ali, a lâmina vermelha de tão incandescente.

Eles se moviam como pedaços da mesma arma. Dançavam como as facas de Ojka — quando *ela* as empunhava —, cada empurrão e puxão transmitido pelo vínculo entre os três. Quando Lila se movia, Holland sentia a sua trajetória. Quando Holland blefava, Kell sabia onde atacar.

Eles eram borrões de movimento, fragmentos de luz dançando em volta de uma espiral de escuridão.

E estavam vencendo.

III

Lila estava ficando sem facas.

Osaron transformou três delas em cinzas, duas em areia e uma sexta, aquela que ela ganhou de Lenos, desapareceu por completo. Só lhe restava uma — a faca que ela afanou da loja de Fletcher no seu primeiro dia na Londres Vermelha —, e não estava feliz com a possibilidade de perdê-la.

Sangue escorria pelo seu olho bom, mas ela não se importava. Havia fumaça vazando do corpo de Ojka em uma dúzia de lugares enquanto Kell, Holland e o demônio se confrontavam. Eles deixaram as suas marcas.

Mas não era o suficiente.

Osaron ainda estava de pé.

Lila passou um polegar pela bochecha ensanguentada e se ajoelhou, pressionando a mão na pedra, mas, quando tentou evocá-la, a rocha resistiu. A superfície vibrava com magia, mas soava como se estivesse oca.

Porque, é claro, não era *real*.

Era algo saído de um sonho, morta por dentro, como...

O chão começou a amolecer e ela pulou para trás um instante antes de virar piche. Mais uma das armadilhas de Osaron.

Estava cansada de jogar pelas regras do rei das sombras.

Cercada por um palácio que apenas ele era capaz de comandar.

O olhar de Lila percorreu o cômodo e se ergueu, subiu, passando pelas paredes até o lugar por onde o céu brilhava. Ela teve uma ideia.

Lila estendeu o seu comando com toda a força — e parte do poder de Holland, além de parte do poder de Kell — e *puxou*, não o ar, e, sim, o Atol.

— Você não pode exercer a sua vontade sobre o oceano — disse Alucard certa vez.

Mas ele nunca disse nada sobre um rio.

† Sangue escorria pelo pescoço de Lila enquanto ela pressionava o lenço no nariz.

Alucard estava sentado diante dela com o queixo apoiado numa das mãos.

— Sinceramente, não sei como você sobreviveu tanto tempo.

Lila deu de ombros, a voz abafada pelo tecido.

— É difícil me matar.

O capitão se pôs de pé.

— Ser teimosa não é o mesmo que ser infalível — disse ele, servindo-se de uma bebida —, e eu já lhe disse três vezes que você não pode mover a porra do oceano, não importa o quanto tente.

— Talvez *você* não esteja se esforçando o *suficiente* — murmurou ela.

Alucard balançou a cabeça.

— Tudo tem uma escala, Bard. Você não pode comandar o céu, não pode mover o mar, não pode deslocar todo o continente sob os seus pés. Correntes de vento, bacias de água, torrões de terra, essa é a amplitude do alcance de um mago. Essa é a amplitude do poder deles.

E então, sem aviso, ele jogou a garrafa de vinho na cabeça dela.

Ela foi rápida o suficiente para pegá-la, mas foi por pouco, atrapalhando-se com o pano no nariz sangrento.

— Que merda é essa, Emery? — explodiu ela.

— Isso cabe na sua mão?

Ela olhou para a garrafa, a mão envolvendo o vidro, a ponta dos dedos sem se tocar por pouco.

— A sua mão é a sua mão — disse Alucard simplesmente. — Ela tem limites. O seu poder também tem. Ela só consegue envolver determinada extensão, e não importa o quanto você estique os dedos em torno dessa garrafa, eles nunca se tocarão.

Ela deu de ombros, girou a garrafa na mão e a quebrou na mesa.

— E agora? — falou ela.

Alucard Emery gemeu. Ele beliscou a ponte do nariz como costumava fazer quando ela estava sendo particularmente enlouquecedora. Lila tinha o hábito de contar o número de vezes ao dia em que o levava a repetir o gesto.

O seu recorde atual era sete.

Lila se empertigou no assento. O nariz havia parado de sangrar, embora ainda sentisse o gosto de cobre na língua. Ela comandou os cacos quebrados a pairar no ar entre eles, onde formaram uma nuvem na forma vaga de uma garrafa.

— Você é um mago brilhante — disse ela —, mas há algo que você simplesmente não entende.

Ele se jogou de volta na cadeira.

— O quê?

Lila sorriu.

— O segredo para vencer uma luta não é força, e, sim, estratégia.

Alucard ergueu as sobrancelhas.

— Quem disse alguma coisa sobre lutar?

Ela o ignorou.

— E *estratégia* é só uma palavra sofisticada para um tipo especial de bom senso, a capacidade de ver opções, de criá-las onde antes não existiam. Não se trata de conhecer as regras.

Ela baixou a mão e a garrafa desmoronou de novo, despencando numa chuva de vidro.

— Se trata de saber como quebrá-las.



IV

Não era o suficiente, pensou Holland.

Para cada golpe que o atingia, Osaron se esquivava de três, e, para cada um de que desviavam, Osaron acertava três. O chão começou a ficar salpicado de sangue.

Escorria pela bochecha de Kell. Pingava dos dedos de Lila. Encharcava a lateral da roupa de Holland, deixando-a viscosa.

A cabeça dele girava enquanto os outros dois *Antari* drenavam o seu poder.

Kell estava ocupado conjurando um turbilhão de vento enquanto Lila estava praticamente imóvel, a cabeça voltada para o ponto em que a carcaça do telhado encontrava o céu.

Osaron viu a oportunidade e investiu contra ela, mas o vento de Kell açoitou o cômodo inteiro, encurralando o rei das sombras dentro de um túnel de ar.

— Temos de fazer alguma coisa — gritou ele por cima do vento enquanto Osaron atacava a coluna. Holland sabia que não aguentaria por muito tempo. Como previsto, instantes depois, o ciclone se despedaçou e o estouro arremessou Kell e Holland para trás. Lila cambaleou, mas se manteve de pé, um filete de sangue escorrendo do seu nariz conforme a pressão do palácio aumentava e a escuridão tampava as janelas em todos os lados.

Kell ainda estava se levantando quando Osaron correu outra vez para Lila, rápido demais para ser alcançado. Holland tocou o corte ao longo das próprias costelas.

— *As Narahi* — disse ele, as palavras retumbando através do seu corpo.

Acelerar.

Era um feitiço difícil de realizar sob circunstâncias melhores, e, neste momento, exaustivo, mas valeu a pena quando o mundo à sua volta *desacelerou*.

À sua direita, Lila ainda olhava para cima. À sua esquerda, Kell afastava as mãos contra a enorme força do tempo, uma fagulha se formando em câmera lenta entre a palma das mãos dele. Apenas Osaron ainda se movia com relativa velocidade, os olhos pretos se virando para Holland, que girou a foice e partiu para o ataque.

Eles se chocaram, separaram-se e se chocaram de novo.

— *Farei você se curvar.*

Arma contra arma.

— *Farei você ruir.*

Comando contra comando.

— *Você foi meu, Holland.*

As costas dele colidiram com uma coluna.

— *E será meu mais uma vez.*

A lâmina arranhou o braço dele.

— *Assim que eu ouvi-lo implorar.*

— Nunca! — rosnou Holland, brandindo a foice. Ela deveria ter encontrado as espadas de Osaron, mas no último instante as armas desapareceram e ele deteve a lâmina de Holland apenas com as mãos de Ojka, deixando o aço fazer cortes profundos. Sangue verteu ao redor da lâmina, preto, morto, mas ainda assim *Antari*, e o rosto roubado de Osaron se abriu num sorriso sombrio e triunfante.

— *As Ste...*

Holland arquejou, deixando a foice cair antes que o feitiço fosse pronunciado.

Foi um erro. A arma se desfez em cinzas nas mãos de Osaron e, antes que Holland conseguisse desviar, o demônio segurou o rosto dele com a mão ensanguentada e o encurralou contra a coluna.

Lá em cima, uma sombra obscurecia o céu. Holland agarrou os pulsos de Osaron, tentando soltar a mão dele, e por um instante os dois ficaram presos num estranho abraço, antes que o rei das sombras se inclinasse e sussurrasse no seu ouvido.

— *As Osaro.*

Escurecer.

As palavras ecoaram na sua mente e se transformaram em sombras, transformaram-se em noite, transformaram-se num tecido preto que envolveu a visão de Holland, obscurecendo Osaron, o palácio e a onda de água que se erguia sobre tudo, mergulhando o mundo de Holland na escuridão.

* * *

Pingava sangue do nariz de Lila quando a onda de água preta se ergueu sobre o palácio...

Grande demais...

Gigantesca demais...

E então *arrebentou*.

Lila soltou o comando do rio, a cabeça girando quando ele desabou sobre o salão do palácio. Ela jogou as mãos para cima para bloquear o peso esmagador, mas a sua magia foi lenta, lenta demais, no encaixe da conjuração.

A coluna protegeu Holland da pior parte do golpe, mas a água jogou o corpo de Ojka no chão com um barulho alto de algo sendo fraturado. Lila mergulhou em busca de cobertura, mas não encontrou nada, e apenas os reflexos rápidos de Kell pouparam ambos do mesmo destino de Ojka. Lila sentiu o poder diminuir quando Kell o puxou para perto do dele e o convocou de volta na forma de um escudo acima da cabeça dela. O rio caiu como uma chuva forte, derramando-se em cortinas ao redor dela.

Através do véu, ela viu o corpo de Ojka se contorcer e flexionar, peças quebradas que já voltavam a se encaixar enquanto Osaron forçava a marionete a se pôr de pé.

Perto dali, Holland estava caído de quatro, os dedos espalmados no chão inundado como se procurasse algo que havia deixado cair.

— Levante-se! — gritou Lila, mas, quando a cabeça de Holland se virou, ela recuou. Os olhos dele estavam errados. Não pretos, mas fechados, cegos.

Não havia mais tempo.

Osaron estava de pé, Holland não. Ela e Kell corriam para a frente, as botas chapinhando a água rasa que girava em torno deles e se transformava

em armas.

Uma espada se formou do nada na mão de Osaron enquanto Holland se debatia, os olhos vazios. Os seus dedos envolveram o tornozelo do rei das sombras, mas, antes que pudesse convocar um feitiço, já estava sendo jogado para trás com um chute violento, derrapando no chão molhado.

Kell e Lila correram, mas foram lentos demais.

Holland estava de joelhos diante do rei das sombras, que empunhava a sua espada no alto.

— *Eu disse que o faria se ajoelhar.*

Osaron baixou a espada, e Kell desacelerou a arma com uma nuvem de geada enquanto Lila se jogava em Holland, derrubando-o para tirá-lo do caminho um instante antes de metal se chocar com pedra.

Lila girou, atirando água transformada em fragmentos de gelo que zumbiam no ar. Osaron ergueu a mão, mas não foi rápido o suficiente, não foi *forte* o suficiente, e várias lascas de gelo encontraram a sua carne antes que ele pudesse desviá-las.

Não houve tempo para saborear a vitória.

Com um único movimento do braço de Osaron, cada gota de água do rio que ela havia convocado se uniu e espiralou, formando uma coluna antes de se transformar em pedra escura. Mais um pilar no palácio.

Osaron apontou para Lila.

— *Você vai...*

Ela correu para ele, chocada quando o chão agora seco espirrou água sob os seus pés. A pedra se acumulou como uma poça ao redor dos seus tornozelos, líquido num instante e depois sólido, prendendo-a no chão da mesma forma que prendeu Kisimyr no telhado do palácio.

Não.

Lila estava presa, empunhando a última faca que tinha numa das mãos e na outra o fogo começava a queimar enquanto ela se preparava para receber um ataque que nunca aconteceu.

Porque Osaron tinha se virado.

E ele estava partindo para cima de *Kell*.

* * *

Kell tinha apenas um instante roubado enquanto Lila lutava contra Osaron, mas correu até a prisão de gelo.

Agente firme, Rhy, implorou ele, atacando a gaiola de gelo com a sua lâmina, apenas para ser repellido pelo comando do rei das sombras.

Ele tentou repetidas vezes, um choro de frustração subia pela sua garganta.

Pare.

Ele não sabia se tinha ouvido a voz de Rhy ou se apenas a sentira enquanto tentava alcançá-lo. A cabeça do seu irmão estava tombada para a frente, o sangue escorrendo pelos seus olhos cor de âmbar e os transformando em ouro.

Kell...

— Kell! — gritou Lila, e ele olhou para cima, percebendo o reflexo de Ojka na coluna de gelo enquanto se aproximava dele. Kell se virou, conjurando a água tingida de carmesim que estava aos seus pés numa lâmina, erguendo a arma um instante antes de o rei das sombras atacar.

As lâminas gêmeas de Osaron desceram zunindo, espatifando a lança nas mãos de Kell antes de se alojarem nas paredes da prisão de Rhy. O gelo rachou, mas não se quebrou. E, naquele instante, enquanto as armas de Osaron estavam presas, o seu invólucro emprestado pego entre o ataque e a retirada, Kell enfiou o estilhaço de gelo no peito de Ojka.

O rei das sombras baixou os olhos e viu a ferida como se estivesse se divertindo com a débil tentativa de ataque, mas a mão de Kell estava destruída por segurar a lança estilhaçada, recoberta tanto com sangue viscoso quanto com gelo. E, quando ele falou, o feitiço reverberou no ar.

— *As Steno.*

Quebrar.

A magia rasgou o corpo de Ojka, lutando contra a vontade de Osaron enquanto os ossos dela se partiam e se remendavam, despedaçavam-se e se assentavam, um fantoche sendo dilacerado num instante e remendado no seguinte. Lutando e falhando para manter a forma, o receptáculo roubado do rei das sombras começou a parecer grotesco, pedaços se soltando, a coisa toda costurada mais pela magia do que por músculos e tendões.

— Esse corpo não vai aguentar — vociferou Kell enquanto mãos destruídas o empurravam para a gaiola do seu irmão.

Osaron abriu um sorriso largo e arruinado.

— *Você tem razão* — disse ele quando uma ponta de gelo se enterrou nas costas de Kell.

V

Alguém gritou.

Uma única e agonizante nota.

Mas não foi Kell.

Ele *queria* gritar, mas a mão arruinada de Ojka envolvia a sua mandíbula, forçando a sua boca a ficar fechada. A lâmina congelada havia perfurado logo acima do seu quadril e saíra pela lateral, a ponta recoberta de sangue vermelho vivo.

Além de Osaron, Lila estava tentando se libertar, e Holland continuava de quatro, vasculhando o chão em busca de algo que tinha perdido.

Um gemido escapou da garganta de Kell quando o rei das sombras cutucou o rasgo na lateral do seu corpo.

— *Essa não é uma ferida mortal* — comentou Osaron. — *Ainda não.*

Ele sentiu a voz do monstro deslizando pela sua mente e o oprimindo.

— *Deixe-me entrar* — sussurrou ela.

Não, pensou Kell visceralmente, violentamente.

Aquela escuridão — a mesma que o capturou quando ele tombou na Londres Branca há tão pouco tempo — envolveu o seu corpo ferido, quente, suave e acolhedora.

— *Deixe-me entrar.*

Não.

A coluna de gelo queimou fria na sua espinha.

Rhy.

Osaron ecoou na sua mente, dizendo:

— *Posso ser misericordioso.*

Kell sentiu os estilhaços de gelo que se soltaram, não do corpo dele, mas do irmão, a dor recuando membro a membro. Ele ouviu o suspiro curto, o som suave e úmido de Rhy desmoronando no chão pegajoso por

causa do sangue, e o alívio tomou conta dele, mesmo quando o frio se enraizou outra vez, ramificou e floresceu.

— *Deixe-me entrar.*

Na visão periférica de Kell, algo cintilou no chão. Um pedaço de metal, perto da mão tateante de Holland.

O Herdeiro.

A mente de Kell estava se perdendo, escorregando na dor quando convocou o objeto a ir até ele, mas, quando o cilindro subiu ao ar, o seu poder falhou, súbita e completamente. Como se tivesse sido extirpado, roubado.

Tomado por uma ladra.

* * *

Lila não conseguia se mexer.

O chão agarrava as suas pernas num abraço de pedra, os ossos ameaçando se quebrar a cada movimento. Do outro lado da câmara, Kell estava preso e sangrando, e ela não conseguia alcançá-lo, não com as mãos, não podia forçar Osaron a se afastar. Mas poderia atraí-lo para ela. Puxou o vínculo entre eles, roubando a magia de Kell, e com isso a atenção de Osaron. O poder fluía como luz diante dos olhos de Lila e o demônio se virou para ela, como uma mariposa atraída por uma chama.

Olhe para mim, queria dizer enquanto Osaron abandonava Kell. *Venha até mim.*

Mas, assim que aqueles olhos pretos se voltaram para ela, Lila teria dado tudo para se soltar, para se libertar.

Kell estava horrivelmente pálido, os dedos escorregando na lâmina de gelo que atravessava a lateral do seu corpo. Holland se agarrou a uma coluna e lutou para ficar de pé. O Herdeiro estava jogado no chão, ali perto, mas, antes que Lila pudesse convocá-lo, Osaron estava ali, a mão lacerada enrolada nos seus cabelos e uma lâmina no seu pescoço.

— *Solte* — sussurrou ele, e, se se referia à faca ou ao comando, ela não sabia. Mas, pelo menos, agora tinha a atenção de Osaron. Ela deixou a arma cair retinindo no chão.

Osaron forçou o rosto dela a se voltar para o dele, o olhar dela para o dele, e Lila o sentiu deslizar pela sua mente, sondando pensamentos e lembranças.

— *Tanto potencial.*

Ela tentou se afastar, mas estava presa, o chão apertando os seus tornozelos, Osaron agarrando o seu couro cabeludo e a lâmina ainda no seu pescoço.

— *Eu sou o que você viu no espelho em Sassenroche* — disse o rei das sombras. — *Sou o que você sonha em ser. Posso torná-la imbatível. Posso torná-la livre.*

Do outro lado da sala do trono, Kell enfim reuniu forças para se libertar. O gelo se estilhaçou ao redor dele, e ele desabou no chão. Osaron não se virou. A sua atenção estava voltada para ela, os olhos dançando famintos à luz do poder de Lila.

— Livre — falou Lila com suavidade, como se medisse a palavra.

— *Sim* — sussurrou o rei das sombras.

Na escuridão dos olhos dele, ela viu aquela versão de si mesma.

Imbatível.

Indestrutível.

— *Deixe-me entrar, Delilah Bard.*

Era tentador, mesmo agora. A mão dela se ergueu até tocar o braço de Ojka. Um abraço de dançarina, como num passo de dança. Os dedos ensanguentados se enterrando na carne arruinada.

Lila sorriu.

— *As Illumae.*

Osaron recuou, mas era tarde demais.

O corpo de Ojka começou a queimar.

A lâmina golpeou cegamente o pescoço de Lila, mas ela se esquivou e depois se foi, afastando-se da mão de Ojka enquanto o cadáver se consumia em chamas.

A fumaça vertia do corpo que se debatia, primeiro o odor acre de carne queimada e depois a névoa escura do poder de Osaron quando este foi finalmente forçado a deixar o seu receptáculo.

O palácio estremeceu com a perda repentina do seu poder, do seu controle. O chão se soltou das botas de Lila e ela tropeçou para a frente, livre, enquanto Osaron lutava para encontrar uma forma.

As sombras se agitaram, desmoronaram, giraram novamente.

O Osaron que tomou forma era um espectro de si mesmo.

Uma fachada quebradiça, transparente e achatada. As suas extremidades estavam borradas e difusas, e através do seu centro espectral ela via Kell apertando a ferida na frente do próprio corpo, além de Rhy lutando para se levantar.

Era isso.

A oportunidade dela.

A oportunidade de todos.

Ela flexionou os dedos, convocando o Herdeiro. O objeto estremeceu no chão e se ergueu na direção dela.

E então caiu, tombando de volta no chão quando a força dela sumiu. Era como o contrário de ser engolida por uma onda. Todo o poder jorrando súbita e violentamente para longe. Lila arquejou quando o mundo oscilou embaixo dela, as suas pernas cederam, a sua visão ficou turva.

Magia era algo tão novo que a ausência dela não deveria ter doído tanto, mas Lila se sentiu estripada quando a última gota de poder foi arrancada dela. Procurou por Kell, certa de que ele havia roubado o seu poder, mas Kell ainda estava no chão, ainda estava sangrando.

O rei das sombras pairou sobre ela, as mãos espalmadas, e o ar começou a se enrolar no pescoço de Lila, apertando até impedi-la de falar, de respirar.

E logo ali, atrás dele, num halo de luz prateada, estava Holland.

* * *

Holland não conseguia enxergar.

A escuridão estava por toda parte, brandindo furiosa ao seu redor como uma tempestade, engolindo o mundo. Mas ele conseguia ouvir. E então ouviu Kell sendo esfaqueado, ouviu Ojka queimar, ouviu o Herdeiro quando Lila o convocou do chão, e soube que era a sua oportunidade. E, quando evocou o anel de vinculação e convocou a magia dos outros dois *Antari* para si, ele encontrou uma espécie de visão. O mundo tomou forma não na luz e na escuridão, mas em faixas de poder.

Os fios reluziam, fluindo em torno e através da silhueta ajoelhada de Lila, e de Kell, e de Rhy, tudo isso desenhado em luz prateada.

E ali, bem à sua frente, a ausência.

Um homem na forma de um vazio.

Um vazio na forma de um homem.

Não era mais um fantoche. Apenas um pedaço de magia podre, lisa, preta e vazia.

E, quando o rei das sombras falou, foi na sua própria voz, líquida e sussurrante.

— *Eu conheço a sua mente, Holland* — disse a escuridão. — *Eu vivi dentro dela.*

O rei das sombras se aproximou dele, e Holland deu um único e último passo para trás, os ombros encontrando a coluna ao mesmo tempo que os dedos apertavam o cilindro de metal.

Ele podia sentir a cobiça de Osaron.

As necessidades dele.

— *Você quer ver o seu mundo? Como ele desmorona sem você?*

Uma mão fria, não de carne e sangue, e, sim, de sombra e gelo, pousou sobre o coração de Holland.

Estou cansado, pensou ele, sabendo que Osaron ouviria. *Cansado de lutar. De perder. Mas jamais deixarei você entrar.*

Sentiu a escuridão sorrir, doentia e triunfante.

— *Você esqueceu?* — sussurrou o rei das sombras. — *Você nunca me expulsou.*

Holland exalou. Um suspiro trêmulo.

Para Osaron, pode ter soado como medo.

Para Holland, era simplesmente alívio.

O fim, pensou ele quando a escuridão o envolveu e se instalou dentro dele.

VI

Lila estava de joelhos quando aconteceu.

Osaron voltou para Holland, como vapor entrando num bule, e o seu corpo ficou rígido. As suas costas arquearam. Os seus lábios se abriram num grito silencioso e, por um instante atroz, Lila pensou que tinha sido tarde demais. Pensou que ele tivesse sido lento demais, que não tivera tempo, força ou ímpeto suficiente para aguentar...

E então Holland enterrou a ponta do Herdeiro na palma da mão e proferiu uma palavra por entre os dentes cerrados.

— *Rosin.*

Dar.

Um instante depois, o palácio das sombras explodiu em luz.

Lila arquejou quando algo começou a se rasgar dentro dela, então se lembrou do anel de vinculação. Fechou a mão em punho e quebrou o aro no chão de pedra, cortando a conexão antes que o Herdeiro pudesse sugá-la também.

Mas Kell não foi rápido o bastante.

Um grito escapou da garganta dele, e Lila se levantou desajeitadamente, tropeçando na direção dele enquanto Kell se curvava, tentando agarrar o anel com dedos ensanguentados e escorregadios.

Rhy chegou até ele primeiro.

O príncipe tremia, o corpo deslizando entre a vida e a morte, inteiro, despedaçado e inteiro outra vez quando se ajoelhou diante de Kell, os dedos fantasmagóricos fechados ao redor da mão do irmão. O anel se soltou. O objeto patinou pelo chão, quicando uma vez antes de se dissolver em fumaça.

Kell desabou sobre Rhy, pálido e imóvel, e Lila caiu de joelhos ao lado deles, lambuzando de sangue a face de Kell ao tocar o seu rosto, passando

as mãos pelo cabelo dele, o cobre dividido por uma mecha prateada.

Ele estava vivo, tinha de estar vivo, porque Rhy ainda estava ali, inclinado sobre o irmão, os olhos ao mesmo tempo vazios e cheios, ensopado de sangue, porém respirando.

No meio do salão, Holland era uma esfera de luz, um milhão de fios prateados entremeados com preto, todos visíveis, todos se desenrolando no ar à sua volta num silêncio que não era nada silencioso, mas que retumbava nos ouvidos dela.

E então, subitamente, a luz se foi.

E o corpo de Holland ficou encolhido no chão.

VII

Kell abriu os olhos e viu o mundo desmoronando.

Não, não o mundo.

O palácio.

Estava ruindo, não como uma construção feita de aço e pedras, mas como brasas queimando, erguendo-se em vez de baixar. Foi assim que o palácio das sombras pereceu. Ele simplesmente se desfez, a ilusão se dissolvendo, deixando apenas o real para trás, pouco a pouco, pedra por pedra, até que ele estava caído no chão não de um palácio, mas das ruínas da arena central, os assentos vazios, os estandartes prateado e azul ainda ondulando na brisa.

Kell tentou se sentar e arquejou, esquecendo que havia sido esfaqueado.

— Com calma — disse Rhy, retraindo-se.

O seu irmão estava ajoelhado diante dele, recoberto de sangue, as roupas rasgadas em uma dúzia de lugares por onde o gelo o havia transpassado. Mas ele estava vivo, a pele sob o tecido já se emendando, apesar do espectro de dor que permanecia nos seus olhos.

As palavras de Holland voltaram a Kell.

— *Você cortou algumas cordas da própria magia e criou uma marionete.*

Holland. Ele se arrastou devagar para se levantar e viu Lila agachada sobre o outro *Antari*.

Holland estava deitado de lado, encolhido como se só estivesse dormindo. Mas, na única vez em que Kell o viu dormindo, tudo nele parecia tenso, atormentado por pesadelos, e agora as suas feições eram suaves, o seu sono sem sonhos.

Apenas três coisas destruíam a imagem de paz.

O seu cabelo cor de carvão, que agora era de um branco vibrante.

As suas mãos, que ainda seguravam o Herdeiro, com a ponta espetada na palma de uma delas.

E o dispositivo em si, que assumiu uma escuridão sombria, porém familiar. Uma ausência de luz. Um vazio no mundo.

Holland conseguiu.

Ele prendeu o rei das sombras.

VIII

Nos mitos, o herói sobrevive.

O mal é extinto.

O mundo volta ao normal.

Às vezes, há celebrações; outras vezes, há velórios.

Os mortos são enterrados. Os vivos seguem em frente.

Nada muda.

Tudo muda.

Isso é um mito.

Isso não é um mito.

O povo de Londres ainda estava deitado nas ruas, envolto pela coberta de sono. Se tivesse acordado naquele exato instante, teria visto a explosão de luz no palácio espectral, como uma estrela morrendo, banindo as sombras.

Teria visto a ilusão ruir, o palácio desmoronar e voltar a ser a carcaça das três arenas, os estandartes tremulando lá no alto.

Se tivesse se levantado, teria visto a escuridão oleosa do rio rachar como gelo, dando lugar ao vermelho, a névoa rareando como faz pela manhã antes da abertura do mercado.

Se tivesse olhado por tempo suficiente, teria visto as silhuetas saindo dos escombros — o príncipe (agora o seu rei) cambaleando pela ponte arruinada com o braço em volta do irmão, e talvez se perguntasse quem estava apoiando quem.

O povo de Londres teria visto a jovem parada onde um dia estiveram as portas do palácio, não a entrada destroçada do estádio. Teria visto Lila cruzando os braços por causa do frio e esperando a chegada dos guardas reais. Teria visto os guardas carregando o corpo para fora, o cabelo tão branco quanto aquela estrela morrendo.

Mas o povo nas ruas não acordou. Ainda não.

Não viu o que aconteceu.

E então jamais saberia.

E ninguém que esteve dentro do palácio das sombras, que não era mais um palácio e sim a carcaça de algo morto, arruinado, quebrado, disse qualquer coisa sobre aquela noite, exceto que estava acabado.

Um mito sem voz é como um dente-de-leão sem um sopro de vento.

Não há como espalhar sementes.





QUINZE

ANOSHE



I

O rei da Inglaterra não gostava de ficar esperando.

Um cálice de vinho estava displicentemente apoiado nos seus dedos, e o conteúdo sacudia precariamente enquanto ele andava de um lado para o outro do cômodo, não derramando apenas por causa dos constantes goles que o monarca bebericava. George IV havia abandonado a festa, uma festa em homenagem a *ele* (como era a maioria das celebrações a que se dignava a comparecer), para atender a esse encontro mensal.

E Kell estava atrasado.

O mensageiro já se atrasou antes — esse compromisso foi arranjado pelo pai de George, e, como a saúde do velho era precária, Kell fez questão de se atrasar para provocá-lo, George tinha certeza disso —, mas nunca se atrasou *tanto*.

O acordo era claro.

A troca de cartas estava agendada para o dia 15 de cada mês.

Às seis da tarde, e não depois das sete.

Mas, quando o relógio na parede soou *nove* badaladas, George foi obrigado a encher novamente o próprio cálice porque havia dispensado todos os demais. Tudo para agradar ao seu convidado. Um convidado que não estava ali.

Havia uma carta volumosa sobre a mesa. Não apenas uma missiva — o tempo para correspondências sem propósito se foi —, e, sim, uma lista de exigências. Instruções, na verdade. Um artefato mágico por mês em troca da melhor tecnologia da Inglaterra. Era mais que justo. Sementes de magia por sementes de força. Poder por poder.

O relógio bateu mais uma vez.

Nove e meia.

O rei se jogou no sofá, os botões se retesando contra a silhueta nada discreta. O seu pai foi enterrado apenas seis semanas antes, e Kell já estava provando ser um problema. A relação entre os dois teria de ser corrigida. Regras teriam de ser definidas. Ele não era um velho tolo e não se sujeitaria à índole do mensageiro, mago ou não.

— Henry — chamou George.

Ele não gritou o nome — reis não precisavam elevar a voz para serem ouvidos —, porém, um instante depois, a porta se abriu e um homem entrou.

— Vossa Majestade — disse ele com uma mesura.

Henry Tavish era alguns centímetros mais alto que George, um detalhe que irritava o rei, e tinha bigode grosso e cabelos aparados bem curtos. Um sujeito elegante com a tarefa nada elegante de conduzir negócios quando a coroa não podia, ou não faria, ela mesma.

— Ele está atrasado — falou o rei.

Henry conhecia o nome e a posição do visitante.

George foi cuidadoso, é claro. Não saiu espalhando a notícia de que havia essa outra Londres, por mais que quisesse fazê-lo. Sabia o que aconteceria se fizesse isso cedo demais. Alguns poderiam acreditar, mas, em meio à admiração, haveria traços venenosos de ceticismo.

— Que histórias fantasiosas — diriam. — Talvez mentes perturbadas sejam um mal de família.

Revolucionários eram facilmente confundidos com loucos.

E George não permitiria isso. Não. Quando ele revelasse a magia a este mundo — *se* revelasse —, não seria um sussurro, um rumor, e, sim, uma ameaça grandiosa e incontestável.

Mas Henry Tavish era diferente.

Ele era fundamental.

Era *escocês*, e todo bom inglês sabia que escoceses têm poucas reservas quanto a sujar as mãos.

— Ainda nenhum sinal dele — disse o homem com o seu jeito brusco, porém melodioso.

— Verificou a Stone's Throw?

O rei George não era tolo. Vinha seguindo o “embaixador” estrangeiro desde antes da sua coroação e teve a sua cota de homens relatando que perderam de vista o homem estranho que usava um casaco ainda mais

estranho, que ele simplesmente desaparecia. *Minhas desculpas, Vossa Majestade, sinceras desculpas, Vossa Majestade*. Porém, Kell nunca deixava Londres sem visitar a Stone's Throw.

— Agora se chama Five Points, senhor — explicou Henry. — Gerenciada por um sujeito bastante ansioso chamado Tuttle, depois da morte do antigo dono. Uma coisa horrível, de acordo com as autoridades, mas...

— Não preciso de uma aula de história — interrompeu o rei —, apenas de uma resposta direta. Você verificou a taverna?

— Sim, senhor — respondeu Henry. — Passei por lá, mas o local estava fechado. O estranho é que, apesar disso, pude ouvir alguém lá dentro, andando apressado, e, quando mandei Tuttle abrir, ele disse que não podia. Não que não faria, não queria, e sim que não podia. Pareceu suspeito. Ou se está dentro ou se está fora, e ele parecia ainda mais agitado que o normal, como se alguma coisa o tivesse assustado.

— Você acha que ele estava escondendo algo.

— Acho que ele estava *se escondendo* — corrigiu Henry. — É notório que aquela taverna serve a ocultistas, e Tuttle se autoproclama mago. Sempre achei que fosse um ardil, mesmo depois que o senhor me contou sobre esse Kell. Entrei lá uma vez, não havia nada além de algumas cortinas e bolas de cristal, mas talvez haja uma razão para o seu viajante frequentar aquele lugar. Se ele estiver tramando algo, talvez esse Tuttle saiba o quê. E, se o seu viajante tiver coragem de lhe deixar esperando, bem, talvez ele ainda apareça por lá.

— A insolência disso tudo — resmungou George. Ele deixou o cálice sobre a mesa e se levantou, apanhando a carta que estava na mesa.

Parecia que ainda havia coisas que um rei devia resolver sozinho.

* * *

Estava ficando pior.

Muito pior.

Ned tentou fazer os feitiços de expurgo em três idiomas diferentes, e ele não falava *nenhum* deles. Queimou toda a sálvia que tinha em estoque, e então metade das outras ervas que mantinha na cozinha, mas a voz

continuava ficando mais alta. Agora a sua respiração se transformava em névoa independentemente de quão alimentado estava o fogo da lareira. Além disso, aquele ponto preto no chão havia se expandido até ficar do tamanho de um livro, depois do de uma cadeira e agora estava maior que a mesa que Ned apressadamente havia empurrado contra as portas.

Ele não tinha escolha.

Precisava convocar o mestre Kell.

Ned nunca convocou alguém com sucesso, a menos que se contasse a sua tia-avó quando ele tinha 14 anos, e ele não tinha certeza de que foi ela, uma vez que a chaleira apitou e o gato se assustou. Mas esses eram tempos de desespero.

Havia, é claro, o problema de Kell estar em outro mundo. No entanto, ao que parecia, essa criatura também, e *ela* estava conseguindo alcançar este mundo, então, talvez, Ned pudesse sussurrar em resposta. Talvez os muros fossem mais finos aqui. Talvez houvesse uma corrente de ar.

Ned acendeu cinco velas ao redor do conjunto de elementos e da moeda com que Kell o presenteou na última visita, um altar improvisado no centro da mesa mais auspiciosa da taverna. A fumaça pálida, que estava se espalhando mesmo na ausência de sálvia, parecia rodear a oferenda, o que Ned tomou como um ótimo sinal.

— Tudo bem, então — disse ele para ninguém, para Kell e para a escuridão entre eles. Ned se sentou, os cotovelos na mesa e a palma das mãos virada para cima, como se esperasse que alguém estendesse os braços e pegasse as suas mãos.

Deixe-me entrar, sussurrou aquela voz onipresente.

— Eu convoco Kell. — Ned parou, percebendo que sequer sabia o nome completo do outro homem, e recomeçou: — Eu convoco o viajante conhecido como Kell, da Londres longínqua.

Idolatre-me.

— Eu convoco a luz contra a escuridão.

Eu sou o seu novo rei.

— Eu convoco um amigo contra um inimigo que não conheço.

Arrepios irromperam no braço de Ned, outro bom sinal, ou ao menos esperava que fosse. Continuou:

— Eu convoco o estranho com muitos mantos.

Deixe-me entrar.

— Eu convoco o homem com a eternidade em seu olho e a magia em seu sangue.

As velas bruxulearam.

— Eu convoco *Kell*.

Ned fechou as mãos em punho e as chamas trêmulas se apagaram.

Ele prendeu a respiração quando cinco finos tentáculos de fumaça branca e translúcida se ergueram no ar, formando cinco rostos com lábios bocejando.

— Kell? — aventurou-se Ned, a voz vacilante.

Nada.

Ned afundou na cadeira.

Em qualquer outra noite, ele teria ficado extasiado por ter apagado as velas, mas isso não era suficiente.

O viajante não apareceu.

Ned estendeu a mão e pegou a moeda estrangeira com a estrela no centro e o aroma persistente de rosas. Ele a revirou nos dedos.

— Que belo mago eu sou... — murmurou para si mesmo.

Do lado de fora das portas trancadas, ele ouviu o som pesado de uma carruagem parando. Um instante depois, um punho bateu na madeira.

— Abra! — gritou uma voz grave.

Ned se endireitou, colocando a moeda no bolso.

— Estamos fechados!

— Abra esta porta — ordenou o homem outra vez — por ordem de Vossa Majestade, o rei!

Ned prendeu a respiração como se pudesse sufocar o instante junto com a falta de ar, mas o homem continuava batendo à porta, a voz continuava dizendo “Deixe-me entrar”, e ele não sabia o que fazer.

— Arrombe — ordenou uma segunda voz, suave e pomposa.

— Espere! — gritou Ned, que de fato não podia se dar ao luxo de perder a porta da frente, não quando aquela lasca de madeira era uma das poucas coisas impedindo a escuridão de sair.

Ele deslizou o trinco, abriu um pouco a porta, uma fresta suficiente apenas para ver um homem com um elegante bigode mosqueteiro ocupando o degrau.

— Receio ter havido um vazamento, senhor, não é apropriado para...

O homem de bigode abriu a porta com um único empurrão violento, e Ned cambaleou para trás enquanto George IV entrava na sua taverna.

O homem não estava trajado como rei, é claro, mas um rei era um rei não importava se usasse seda e veludo ou um saco de juta. Estava no porte, no olhar arrogante e, é claro, no fato de que o seu rosto estava na moeda recém-cunhada no bolso de Ned.

Porém, mesmo um rei estaria em perigo.

— Eu imploro — pediu Ned. — Deixem este local imediatamente.

O homem do rei bufou ao passo que o próprio George escarneceu.

— Você acabou de dar uma ordem ao rei da Inglaterra?

— Não, não, é claro que não, Vossa Majestade... — O olhar dele percorreu o cômodo com nervosismo. — Mas não é seguro.

O rei franziu o nariz.

— A única coisa que pode me deixar doente é o estado deste lugar. Agora, onde está Kell?

Ned arregalou os olhos.

— Vossa Majestade?

— O viajante conhecido como Kell. Aquele que tem frequentado esta taverna uma vez por mês sem falta nos últimos sete anos.

As sombras estavam começando a se agrupar atrás do rei. Ned praguejou baixinho, num misto de xingamento e oração.

— O que foi?

— Nada, Vossa Majestade — gaguejou Ned. — Não vi mestre Kell este mês, eu juro, mas posso mandar avisar... — as sombras agora estavam formando rostos, os sussurros se avolumavam — ... mandar avisar se ele aparecer. Sei o endereço do senhor. — Uma risada nervosa. As sombras olharam maliciosamente. — A menos que prefira que eu mesmo vá...

— Que raios você está olhando? — perguntou o rei, olhando para trás.

Ned não conseguia enxergar o rosto de Sua Majestade, de modo que não pôde avaliar a expressão que passou pelo rosto do rei quando ele viu os fantasmas de bocas escancaradas e olhos desdenhosos, os comandos silenciosos para se *ajoelhar, implorar, idolatrar*.

Será que ele também era capaz de ouvir as vozes?, ponderou Ned. Mas não teve chance de perguntar.

O acompanhante do rei se benzeu, girou nos calcanhares e deixou a Five Points sem olhar para trás.

O próprio rei ficou paralisado, exceto pela mandíbula se abrindo e se fechando sem emitir nenhum som.

— Vossa Majestade? — indagou Ned enquanto os fantasmas bocejavam e se desfaziam em fumaça, em névoa, em nada.

— Eu... — disse George devagar, ajeitando o casaco. — Bem, então...

E, sem mais uma palavra, o rei da Inglaterra se recompôs, empertigou-se e saiu rapidamente da taverna.

II

Chovia quando o falcão retornou.

Rhy estava de pé numa varanda superior, sob a proteção dos beirais, observando enquanto os carregadores tiravam do rio os restos das arenas do torneio. Isra esperava lá dentro, ao lado da porta. Outrora capitã da guarda da cidade do seu pai, agora capitã da *sua* guarda real. Ela era uma estátua de armadura, enquanto o próprio Rhy usava vermelho, como era costume para aqueles de luto.

Veskanos, Rhy leu, passavam cinzas no rosto, enquanto faroenses pintavam de branco as joias do rosto por três dias e três noites. As famílias arnesianas, porém, louvavam a perda celebrando a vida, e faziam isso usando vermelho: a cor do sangue, do nascer do sol, do Atol.

Ele sentiu o sacerdote passando pela porta, atrás dele, mas não se virou, não o saudou. Sabia que Tieren também estava de luto, mas não conseguia suportar a tristeza nos olhos do velho, não conseguia suportar o seu azul calmo e frio. O jeito como ele ouviu as notícias sobre Emira, sobre Maxim, a feição impassível como se ele soubesse, antes que o feitiço fosse lançado, que acordaria para encontrar o mundo diferente.

E então eles ficaram em silêncio sob a cortina de chuva, sozinhos com os seus pensamentos.

A coroa real pesava nos cabelos de Rhy, muito maior que o aro de ouro que ele usou na maior parte da vida. Aquele aro cresceu com ele, o metal expandido a cada ano para se adequar às mudanças da sua estatura. E devia ter durado mais vinte anos com ele.

Em vez disso, foi simplesmente arrancado dele, guardado para um futuro príncipe.

A nova coroa de Rhy era um peso grande demais. Uma lembrança constante da sua perda. Uma ferida que não fecharia.

O restante das suas feridas *de fato* se curou, e rápido demais. Como um alfinete enfiado em argila, o dano absorvido tão logo a arma foi retirada. Ele ainda era capaz de evocar as emoções, como uma lembrança, mas elas estavam distantes, desvanecendo, deixando no seu encalço aquela terrível pergunta.

Aquilo foi real?

Eu sou real?

Real o suficiente para sentir a dor do luto. Real o suficiente para estender a mão e saborear as gotas de chuva que caíam gélidas na sua pele. Para abandonar a cobertura do palácio e deixá-las encharcá-lo.

E real o suficiente para sentir o coração acelerar quando a mancha escura atravessou o céu pálido.

Ele reconheceu imediatamente a ave, sabia que vinha de Vesk.

A frota estrangeira havia se retirado da foz do Atol, mas a coroa ainda precisava pagar pelos seus crimes. Col estava morto, mas Cora estava na prisão real, esperando para saber qual seria o seu destino. E aqui estava ele, amarrado ao tornozelo de um falcão.

As notícias da traição de Col e Cora se espalharam com o despertar da cidade, e Londres já clamava que Rhy levasse o império à guerra. Os faroenses prometeram ajudar, rápido demais para o gosto de Rhy, e Sol-in-Ar retornou para Faro em nome da diplomacia. Rhy temia que isso significasse que ele foi preparar o exército.

Sessenta e cinco anos de paz, pensou ele, sombrio, arruinados por duas crianças entediadas e ambiciosas.

Rhy se virou e seguiu para a escadaria, Isra e Tieren ao seu lado. Otto esperava no saguão de entrada.

O mago veskano espanou a chuva dos grossos cabelos loiros. Um pergaminho, cujo selo já havia sido rompido, estava apertado numa das suas mãos.

— Vossa Majestade, trago notícias da minha coroa.

— Que notícias? — perguntou Rhy.

— A minha rainha não busca guerra.

Era uma frase vazia.

— Mas os filhos dela buscam.

— Ela deseja se retratar.

Outra promessa vazia.

— Como?

— Se agradar ao rei arnesiano, ela enviará um suprimento de vinho de inverno para um ano, sete sacerdotes e o seu filho mais novo, Hok, que tem o maior dom para magia com pedras de todo Vesk.

A minha mãe está morta, Rhy queria gritar, *e você quer me dar bebida e perigo*. Em vez disso, ele se limitou a falar:

— E quanto à princesa? O que a rainha me dará em troca dela?

A expressão de Otto endureceu.

— A minha rainha nada quer com ela.

Rhy franziu o cenho.

— Elas são do mesmo sangue.

Otto balançou a cabeça.

— A única coisa que desprezamos mais que um traidor é um fracassado. A princesa agiu contra as ordens da rainha de manter a paz. Ela armou a sua própria missão e então falhou em realizá-la. A minha rainha permite que Vossa Majestade faça com Cora o que desejar.

Rhy esfregou os olhos. Veskanos não olhavam para misericórdia e enxergavam força, e ele sabia que a única solução que a rainha buscava, a única que ela *respeitaria*, era a execução de Cora.

Ele suprimiu o ímpeto de andar de um lado para o outro, de roer as unhas, de fazer uma dúzia de coisas que não eram *apropriadas* a um rei. O que o seu pai diria? O que o seu pai *faria*? Ele resistiu ao ímpeto de olhar para Isra ou Tieren, ao ímpeto de protelar a decisão ou fugir.

— Como posso saber que a rainha não usará a execução da filha contra mim? Ela poderia alegar que eu destruí os últimos resquícios de paz, que assassinei Cora em nome da vingança.

Otto ficou em silêncio por um longo tempo, e então disse:

— Não conheço as intenções da minha rainha, apenas as palavras dela.

Tudo isso poderia ser uma armadilha e Rhy sabia disso. Mas ele não via alternativa.

O seu pai lhe ensinara tantas coisas sobre paz e guerra, havia comparado ambas a uma dança, a um jogo, a um vento forte. Mas as palavras que surgiam agora na mente de Rhy pertenciam às primeiras lições.

Guerra contra um império, disse Maxim, é como lutar com uma faca contra um homem de armadura completa. Podiam ser desferidos três

golpes ou trinta, mas, se a mão estivesse determinada, a lâmina acabaria encontrando uma abertura.

— Assim como a sua rainha — disse Rhy, afinal —, eu não busco guerra. A nossa paz tem sido enfraquecida e uma execução pública poderia tanto apaziguar a fúria da minha cidade quanto insuflá-la.

— Não é necessária uma demonstração, apenas um ato — falou Otto —, contanto que os olhos certos o vejam.

A mão de Rhy foi até o cabo da espada curta de ouro no quadril. Era para ser decorativa, outro pedaço do elaborado traje de luto, mas foi afiada o suficiente para transpassar Col, então faria o mesmo com Cora.

Ao observar o gesto, Isra deu um passo à frente, falando pela primeira vez.

— Eu farei isso — ofereceu ela, e Rhy queria permitir que o fizesse, queria se despir da empreitada de matar. Já houve sangue suficiente.

Mas ele meneou a cabeça, forçando-se a tomar o caminho das celas da prisão.

— A morte é minha — declarou ele, tentando carregar as palavras com uma raiva que não sentia. Queria senti-la, porque queimaria, aquecendo o gelo do luto.

Tieren não o seguiu. Sacerdotes eram feitos para celebrar a vida, não a morte. Mas Otto e Isra rumaram no encalço de Rhy.

Ele se perguntou se Kell conseguiria sentir o seu coração acelerado, se ele viria correndo. O rei ponderou, mas não desejou que acontecesse. O seu irmão tinha os próprios capítulos para encerrar.

Assim que Rhy e as suas botas alcançaram a escada, ele soube que havia algo errado.

Em vez de encontrar a voz cadenciada de Cora, encontrou o silêncio e o gosto ácido e metálico de sangue na língua. Ele desceu apressadamente os últimos degraus até a prisão, absorvendo a cena.

Não havia guardas.

A cela da princesa ainda estava trancada.

E Cora jazia ali, estirada num banco de pedra, os dedos jogados sem vida pelo chão, as unhas engolidas pela viscosidade brilhante do sangue.

Rhy oscilou para trás.

Alguém deve ter lhe dado uma lâmina. Por misericórdia ou escárnio? De qualquer forma, ela fez cortes em ambos os braços do cotovelo ao

pulso e escreveu na parede sobre o banco uma única palavra em veskano.

Tan'och.

Honra.

Otto ficou olhando em silêncio, mas Rhy correu para abrir a cela, sem saber com que propósito. Cora de Vesk estava morta. E, mesmo que ele tivesse ido até ali para matá-la, a visão do seu corpo sem vida e do olhar vazio ainda lhe provocava náuseas. E então, para a sua vergonha, veio o alívio. Porque ele não sabia se teria sido capaz de ir até o fim. E não queria descobrir.

Rhy destrancou a cela e entrou.

— Vossa Majestade — começou a falar Isra quando o sangue sujou as botas dele e espirrou nas suas roupas, mas Rhy não se importava.

Ele se ajoelhou, afastando o cabelo loiro e escorrido do rosto de Cora antes de se forçar a se levantar, forçar a voz a ficar firme. O olhar de Otto estava fixo, não no cadáver e sim na palavra escrita com sangue na parede. Rhy sentiu o perigo da situação, o chamado para que agisse.

Quando os olhos azuis do veskano voltaram a encarar os de Rhy, estavam firmes, sem nenhum traço de emoção.

— Uma morte é uma morte — falou Otto. — Informarei à minha rainha que está feito.

III

Ned estava caindo de cansaço. Ele não dormiu mais que algumas horas nos últimos três dias, nem um minuto sequer desde a visita do rei. As sombras pararam em algum momento antes do anoitecer, mas Ned não confiava no silêncio mais do que confiava no som. Então manteve as janelas tapadas com tábuas de madeira, a porta trancada e se posicionou a uma mesa no centro do salão com um cálice numa das mãos e uma adaga cerimonial na outra.

A sua cabeça estava começando a pender quando ele ouviu vozes vindo do degrau da frente. Ele levantou, tropeçando, quase derrubando a cadeira quando as trancas da taverna começaram a se *mexer*. Observou com horror abjeto quando os três ferrolhos deslizaram e se abriram, um por um, movidos por alguma mão invisível. E então a maçaneta estremeceu e a porta rangeu enquanto se abria para dentro.

Ned agarrou a garrafa quase vazia mais próxima com a mão livre, empunhando-a como um bastão de críquete, alheio às últimas gotas que se espalharam pelo seu cabelo e escorreram pelo pescoço quando duas sombras cruzaram a soleira da porta, as extremidades margeadas de névoa.

Ele se moveu para atacar, apenas para ver a garrafa ser arrancada dos seus dedos. Um segundo depois, ela se chocou na parede, estilhaçada.

— *Lila* — disse uma voz familiar e irritada.

Ned estreitou os olhos para ajustá-los à luz repentina.

— Mestre Kell?

A porta se fechou, mergulhando o cômodo outra vez numa escuridão cerrada conforme o mago se aproximava.

— Olá, Ned.

Ele trajava o seu casaco preto, a gola erguida para proteger do frio. Os seus olhos brilhavam com aquele magnetismo, um azul e outro preto, mas

uma mecha prateada agora maculava o acobreado do seu cabelo. Havia algo diferente no seu rosto, estava mais magro, como se tivesse passado muito tempo doente.

Ao lado dele, a mulher — Lila — inclinou a cabeça. Ela era esbelta, com cabelos escuros que roçavam na sua mandíbula e caía sobre os seus olhos — um castanho e o outro preto.

Ned olhou para ela com franca admiração.

— Você é como ele.

— Não — retrucou Kell, seco, passando por ele. — Ela é única.

Ao ouvir isso, Lila lhe lançou uma piscadela. Ela segurava um pequeno baú, mas, quando Ned se ofereceu para pegá-lo, ela recuou, deixando-o na mesa, uma das mãos apoiada protetoramente na tampa.

Mestre Kell circulava pelo salão, como se procurasse invasores, e Ned começou a falar, lembrando-se das boas maneiras.

— O que posso fazer por vocês? — perguntou ele. — Vieram tomar uma bebida? Quer dizer, é claro que não vieram apenas pela bebida, a menos que tenha sido isso, e então fico muito lisonjeado, mas...

Lila emitiu um som nada apropriado a uma dama e Kell a fulminou com o olhar antes de oferecer um sorriso cansado a Ned.

— Não, não viemos pela bebida, mas talvez seja melhor você servir alguma.

Ned assentiu, abaixando-se atrás do balcão do bar para pegar uma garrafa.

— Um pouco lúgubre, não acha? — murmurou Lila, percorrendo o lugar lentamente.

Kell percebeu as janelas lacradas, o livro de feitiços e o piso cheio de cinzas.

— O que aconteceu aqui?

Ned não precisou de mais encorajamento. Lançou-se a contar a história dos pesadelos, das sombras e das vozes na sua mente. Para a sua surpresa, os dois magos o ouviram, as bebidas intocadas, a sua própria caneca esvaziada duas vezes antes que a narrativa acabasse.

— Sei que parece loucura — terminou ele —, mas...

— Mas não parece — completou Kell.

Ned arregalou os olhos.

— Vocês também viram as sombras, senhor? O que elas eram? Algum tipo de eco? Era magia das trevas, isso eu lhe digo. Fiz tudo o que pude aqui, bloqueei a taverna, queimei cada folha de sálvia que havia e tentei uma dúzia de formas diferentes de limpar o ar, mas elas continuavam chegando. Até que pararam, do nada. Mas e se elas retornarem, mestre Kell? O que devo fazer?

— Elas não retornarão — disse Kell. — Não se eu tiver a sua ajuda.

Ned ficou perplexo, certo de que havia ouvido errado. Ele sonhou centenas de vezes com esse momento: ser preciso, ser necessário. Mas era um sonho. Ele sempre acordava. Por detrás do balcão, ele se beliscou e não estava dormindo.

Ned engoliu em seco:

— A *minha* ajuda?

E Kell acenou com a cabeça.

— Acontece, Ned — falou ele, os olhos se dirigindo para o baú sobre a mesa —, que eu vim lhe pedir um favor.

* * *

Lila, ao contrário dos outros, achou que era uma péssima ideia.

No entanto, tinha de admitir: achava que qualquer coisa que envolvesse o Herdeiro era má ideia. Por ela, aquilo deveria ser lacrado dentro de uma pedra, trancado dentro de um baú e jogado num buraco no centro da terra. Em vez disso, foi selado em pedra, trancado dentro de um baú e trazido para cá, para uma taverna no meio de uma cidade sem magia.

Confiado a um homem, *esse* homem, que se assemelhava ligeiramente a um pombo, com os seus grandes olhos e movimentos alvoroçados. O estranho era que ele a lembrava um pouco de Lenos, o ar nervoso, os olhares bajuladores, mesmo que fossem voltados para Kell e não para ela. Ele parecia oscilar no limite entre a reverência e o medo. Ela observou Kell explicar o conteúdo do baú, não inteiramente, mas o suficiente: o que provavelmente era demais. Observou como esse sujeito, Ned, assentiu tão rápido que a sua cabeça parecia uma engrenagem, os olhos arregalados como os de uma criança. Observou quando os dois levaram o baú para o porão.

Eles o enterrariam lá.

Ela os deixou com a tarefa e perambulou pela taverna, sentindo o ranger familiar das tábuas sob os pés. Esfregou a bota numa pequena mancha preta e lisa, a mesma substância viscosa e suspeita que manchava as ruas de Londres, nos lugares em que a magia havia chegado e se deteriorado. Mesmo com Osaron contido, o dano permanecia. Nem tudo, ao que parecia, podia ser consertado com um feitiço.

No corredor, ela encontrou a escadaria estreita que levava a outro patamar e mais acima, até a pequena porta verde. Os pés dela se moveram por conta própria, subindo os degraus desgastados um por um até chegar ao quarto de Barron. A porta estava entreaberta, dando lugar a um espaço que não era mais dele. Ela desviou os olhos, sem saber se algum dia seria capaz de olhar para o cômodo, e continuou a subir, a voz de Kell desvanecendo quando ela alcançou o topo. Atrás da pequena porta verde, o quarto dela estava intocado. Parte do chão estava escuro, mas não liso, com a marca sutil de dedos na mancha avermelhada onde Barron morreu.

Ela se agachou e levou uma das mãos às marcas. Uma gota de água pingou no chão, como o primeiro sinal de uma chuva em Londres. Lila enxugou bruscamente a face e se levantou.

Espalhados pelo chão, como se fossem estrelas oxidadas, estavam cartuchos de bala da arma de Barron. Os seus dedos tremeram, a magia zumbindo no sangue, e o metal se ergueu no ar, unindo-se como uma explosão de trás para a frente até que as contas se juntaram e se fundiram, formando uma única esfera de aço que caiu na palma da sua mão estendida. Lila guardou a bola no bolso, saboreando o peso enquanto descia a escada.

Ned e Kell estavam de volta à taverna, Ned tagarelando e Kell ouvindo indulgentemente, apesar de Lila conseguir ver o cansaço nos seus olhos, a exaustão. Ele não vinha se sentindo bem, não desde a batalha e o anel, e era um tolo se pensava que ela não havia notado. Mas ela não disse nada e, quando os seus olhos se encontraram, o cansaço desapareceu, dando lugar a algo gentil, cálido.

Lila deslizou a ponta dos dedos pelo tampo da mesa de madeira, a superfície marcada com uma estrela de cinco pontas.

— Por que você mudou o nome?

A cabeça de Ned se virou para ela, e Lila percebeu que era a primeira vez que falava com ele.

— Foi só uma ideia — respondeu ele —, mas, sabe, tive um azar danado desde que fiz isso, então acho que é um sinal para voltar ao nome original.

Lila deu de ombros.

— O nome não importa.

Ned a olhou semicerrando os olhos, como se ela estivesse fora de foco.

— Nós nos conhecemos? — perguntou ele. Ela balançou a cabeça, negando, mesmo sabendo que o tinha visto ali uma dezena de vezes, na época em que o lugar se chamava Stone's Throw. Na época em que Barron estava atrás do balcão do bar, servindo bebidas diluídas com água para homens em busca de um pouco de magia. Na época em que ela ia e vinha como se fosse um fantasma.

— Se o seu rei vier aqui novamente — dizia Kell —, entregue esta carta a ele. O *meu* rei gostaria que ele soubesse que essa será a última...

Lila escapuliu pela porta da frente e saiu para o dia cinzento. Olhou para cima, para a placa sobre a entrada, para as nuvens escuras ao longe, ameaçando chuva.

A cidade sempre parecia enfadonha nesta época do ano, mas parecia ainda mais desolada agora que ela conhecia a Londres Vermelha e o mundo que a cercava.

Lila inclinou a cabeça para trás, encostando-a nos tijolos frios, e ouviu Barron como se ele estivesse ali, de pé ao lado dela, com um charuto na boca.

— *Sempre procurando encrenca.*

— O que seria a vida sem um pouco de encrenca? — perguntou ela baixinho.

— *Você vai continuar procurando até encontrar.*

— Me desculpe que a encrenca tenha encontrado você.

— *Você sente saudades de mim?* — A voz grave de Barron parecia pairar no ar.

— Como uma comichão — murmurou ela.

Lila sentiu a aproximação de Kell, sentiu que ele estava tentando se decidir se deveria tocar no seu braço ou lhe dar espaço. No fim, ficou apenas perto dela, meio passo atrás.

— Você confia mesmo nele? — perguntou Lila.

— Confio — respondeu ele, a voz tão firme que ela quis se apoiar nela. — Ned é um bom homem.

— Ele cortaria uma das próprias mãos se isso deixasse você feliz.

— Ele acredita em magia.

— E você acha que ele nunca vai tentar usar o Herdeiro?

— Ele jamais conseguirá abrir a caixa, e, mesmo que abra, não. Não acho que vá tentar usá-lo.

— Por quê?

— Porque eu pedi a ele que não o fizesse.

Lila bufou. Mesmo depois de tudo que ele viu e fez, Kell ainda tinha fé nas pessoas. Ela esperava, pelo bem de todos, que ele estivesse certo. Só desta vez.

Ao redor deles, carruagens retiniam, pessoas corriam, passeavam e tropeçavam por ali. Ela havia esquecido a solidez simples desta cidade, deste mundo.

— Podemos ficar um pouco, se você quiser — ofereceu Kell.

Ela respirou fundo, o ar na sua língua era rançoso e cheio de fuligem, em vez de magia. Não havia nada para ela aqui, não mais.

— Não. — Lila meneou a cabeça, buscando a mão dele. — Vamos para casa.

IV

O céu era como um lençol azul imaculado, esticado por trás do sol. Estendia-se, sem nenhuma nuvem nem nada, exceto por um único pássaro preto e branco que pairava acima das suas cabeças. Ao atravessar a esfera de luz, a ave se tornou um bando, partindo-se como luz num prisma que encontra o sol.

Holland esticou o pescoço, hipnotizado pela cena, mas, toda vez que tentava contar o número de aves, a sua visão perdia o foco, exaurida pela luz mesclada.

Ele não sabia onde estava.

Como havia chegado ali.

Estava de pé num pátio, os muros altos recobertos de trepadeiras que ostentavam flores de um roxo exuberante — um tom irrereal, mas as pétalas eram sólidas, macias. O ar parecia o ápice do verão, um toque de calor, o aroma doce de flores e terra cultivada; o que lhe dizia onde ele *não* estava, onde não podia estar.

E, ainda assim...

— Holland? — chamou uma voz que ele não ouvia fazia anos. Há vidas. Ele se virou, procurando a fonte da voz, e encontrou uma brecha no muro do pátio, um portal sem porta.

Ele o atravessou, e o pátio desapareceu, o muro sólido atrás dele e à frente a estrada estreita repleta de pessoas, as roupas brancas, mas os rostos cheios de cor. Ele *conhecia* este lugar — era no Kosik, a pior parte da cidade.

E, ainda assim...

Um par de olhos verdes de lodo entrou no seu caminho, reluzindo de uma sombra no fim da alameda.

— Alox? — chamou ele, indo atrás do irmão, quando um grito o fez girar nos calcanhares.

Uma menina pequena passou correndo, apenas para ser arrebatada pelos braços de um homem. Ela soltou outro gritinho quando ele a girou no ar. Na verdade, não era um grito.

Uma risada curta e satisfeita.

Um velho puxou a manga de Holland e disse: “O rei está chegando”; e Holland quis perguntar o que isso significava, mas Alox estava se afastando, e então Holland correu atrás dele, seguindo a estrada, dobrando a esquina e...

O seu irmão se foi.

Assim como a alameda estreita.

De repente, Holland estava no meio de um mercado agitado, com barracas cheias de frutas coloridas e pães recém-assados.

Ele conhecia o lugar. Era a Praça Principal, onde tantos foram executados ao longo dos anos, o sangue devolvido à terra raivosa.

E, ainda assim...

— Hol!

Ele se virou novamente, procurando a voz, e viu a ponta de uma trança cor de mel desaparecer na multidão. O girar de uma saia.

— Talya?

Havia três delas dançando no canto da praça. As outras duas dançarinas estavam vestidas de branco, enquanto Talya era uma explosão de vermelho.

Ele abriu caminho pelo mercado em direção a ela, mas, quando conseguiu atravessar a multidão, as dançarinas não estavam mais lá.

A voz de Talya sussurrou no seu ouvido.

— O rei está chegando.

Mas, quando ele se virou para Talya, ela se foi novamente. Assim como o mercado e a cidade.

Tudo desapareceu, levando consigo a agitação e o barulho. O mundo mergulhou mais uma vez num silêncio interrompido apenas pelo farfalhar das folhas, pelo canto distante dos pássaros.

Holland estava de pé no meio do Bosque de Prata.

Os troncos e os galhos ainda cintilavam com o brilho metálico, mas a terra sob as suas botas era rica e escura, as folhas lá em cima eram de um

verde deslumbrante.

O riacho serpenteava através do bosque, a água descongelando, e um homem estava agachado na beirada para molhar os dedos nela, uma coroa depositada na grama ao lado dele.

— Vortalis — chamou Holland.

O homem se pôs de pé, virou-se para Holland e sorriu. Ele começou a falar, mas as suas palavras foram engolidas por um vento forte e súbito.

Ele atravessou o bosque, farfalhando galhos e arrancando folhas. Estas começaram a cair como chuva, banhando o mundo de verde. Através do aguaceiro, Holland viu os punhos cerrados de Alox, os lábios entreabertos de Talya, os olhos oscilantes de Vortalis. Presentes e ausentes, presentes e ausentes, e, toda vez que ele dava um passo para perto de um deles, as folhas os engoliam, deixando apenas que as suas vozes ecoassem pelo bosque ao seu redor.

— O rei está chegando — gritou o seu irmão.

— O rei está chegando — cantou a sua amante.

— O rei está chegando — disse o seu amigo.

Vortalis reapareceu, andando rápido pela chuva de folhas. Ele estendeu a mão, a palma voltada para cima.

Holland ainda estava tentando alcançá-la quando acordou.

* * *

Holland sabia onde estava por causa da suntuosidade do cômodo, vermelho e dourado salpicados como tinta em todas as superfícies.

O palácio real Maresh.

A um mundo de distância.

Era tarde, as cortinas estavam fechadas, a lamparina ao lado da cama apagada.

Holland procurou distraidamente pela sua magia antes de lembrar que ela não estava mais lá. A compreensão o atingiu como uma perda, deixando-o sem fôlego. Ele olhou para as próprias mãos, sondando as profundezas do seu poder, o lugar onde o seu poder sempre esteve, onde deveria estar. E nada encontrou. Nenhum zumbido. Nenhum calor.

Um suspiro trêmulo, o único sinal exterior de pesar.

Ele se sentiu oco. Ele *estava* oco.

Corpos se moveram do outro lado da porta.

O barulho de algo pesado se movendo, o som sutil da armadura retinindo, acomodando-se.

Hesitante, Holland levantou, desenterrando o corpo dos grossos cobertores da cama, da massa de travesseiros que lembravam nuvens. A irritação tremeluziu dentro dele — quem poderia dormir dessa forma?

Era mais gentil, talvez, que uma cela de prisão.

Não tão gentil quanto uma morte rápida.

O ato de se levantar exigiu muito dele, ou talvez simplesmente tivesse sobrado muito pouco; ele estava sem fôlego quando os seus pés encontraram o chão.

Holland se recostou na cama, o olhar percorrendo o quarto escuro, encontrando um sofá, uma mesa, um espelho. Ele viu o seu reflexo ali e ficou paralisado.

O seu cabelo, que já foi cor de carvão e brevemente de um preto retinto, agora era de um branco impactante. Uma mortalha gelada, súbita como a neve. Ao lado da sua pele pálida, deixava-o quase sem cor.

Exceto pelos seus olhos.

Os seus olhos, que por tanto tempo marcaram o seu poder, definiram a sua vida. Os seus olhos, que o tornaram um alvo, um desafio, um rei.

Os seus olhos, *ambos* agora de um verde intenso, quase da cor de uma *folha*.

V

— Tem certeza disso? — perguntou Kell, olhando para a cidade.

Ele achava... Não, ele *sabia* que era uma péssima ideia, mas também sabia que a decisão não lhe cabia.

Uma única e profunda ruga marcou a testa de Holland.

— Pare de perguntar.

Ali na colina, observando o horizonte da cidade, Kell estava em pé e Holland, sentado num banco de pedra, recuperando o fôlego. Ele obviamente tinha esgotado as suas forças para conseguir subir, mas insistiu em fazê-lo, e, agora que estavam no local, insistia nisso também.

— Você poderia ficar aqui — ofereceu Kell.

— Não quero ficar aqui — respondeu Holland sem emoção. — Quero ir para casa.

Kell hesitou.

— Lá não é exatamente um lugar gentil com aqueles que não tem poder.

Holland sustentou o seu olhar. Contra a pele pálida e o impacto do cabelo recentemente branco, os seus olhos ficaram ainda mais vívidos e verdes, e ainda mais surpreendentes agora que os dois eram assim. E, no entanto, Kell ainda sentia que estava olhando para uma máscara. Uma superfície calma atrás da qual Holland, o *verdadeiro* Holland, estava escondido mesmo agora. Por trás da qual sempre se esconderia.

— Ainda é o meu lar — disse ele. — Eu nasci naquele mundo...

Ele não terminou a frase. Não era necessário. Kell sabia o que ele iria dizer.

E eu morrerei nele.

No encalço do seu sacrifício, Holland não parecia *velho*, apenas cansado. Mas era um cansaço profundo, um lugar outrora cheio de poder e

agora esvaziado, deixando a concha vazia para trás. Magia e vida estavam interligadas em tudo e em todos, mas especialmente num *Antari*. Sem isso, Holland visivelmente não estava completo.

— Não tenho certeza de que isso vai funcionar — falou Kell — agora que você está...

Holland o interrompeu.

— *Você* não tem nada a perder por tentar.

Mas isso não era exatamente verdade.

Kell não contou a Holland, não contou a ninguém além de Rhy, e apenas por necessidade, a verdadeira extensão dos danos. Quando o anel de vinculação se alojou no seu dedo e Holland despejou a sua magia — além da de Osaron e quase a de Kell — no Herdeiro, algo se rasgou dentro dele. Algo vital. Agora, toda vez que convocava fogo, ou comandava água, ou conjurava qualquer coisa com sangue, ele sentia dor.

Toda vez, sem exceção, doía, uma ferida no âmago do seu ser.

Mas, ao contrário de uma ferida, recusava-se a cicatrizar.

A magia sempre fez parte de Kell, tão natural quanto respirar. Agora, ele não conseguia recuperar o fôlego. Os atos mais simples demandavam não apenas força, mas vontade. Vontade de sofrer. De ser ferido.

A dor nos lembra de que estamos vivos.

Foi o que Rhy lhe disse quando acordou pela primeira vez e viu as suas vidas vinculadas. Quando Kell o pegou com a mão sobre a chama. Quando ele soube do anel de vinculação, do custo da sua magia.

A dor nos lembra.

Kell temia a dor, que parecia piorar a cada vez, sentia enjoo ao pensar nisso, mas não negaria este último pedido a Holland. Kell lhe devia isso, e então não disse nada.

Em vez disso, olhou ao redor da colina, a cidade abaixo deles.

— Em que parte do seu mundo estamos agora? Onde estaremos quando atravessarmos?

Um lampejo de alívio atravessou o rosto de Holland, rápido como a luz cintilando na água.

— No Bosque de Prata — respondeu ele. — Alguns dizem que é o lugar onde a magia morreu. — Um instante depois, acrescentou: — Outros acham que não é nada, que nunca foi nada além de um velho bosque.

Kell esperou que o homem dissesse mais, mas ele se levantou lentamente, inclinando-se um pouco sobre uma bengala, apenas os nós dos dedos tensos e brancos o traindo, denunciando o quanto lhe custava ficar de pé.

Holland apoiou a outra mão no braço de Kell, sinalizando que estava pronto, e então Kell desembainhou a faca e fez um corte na mão livre, um desconforto tão singelo se comparado à dor que o aguardava. Ele puxou o pingente da Londres Branca do pescoço, manchando a moeda de vermelho, e estendeu a mão para encostá-la no banco.

— *As Travars* — pronunciou ele, a voz de Holland ecoando suavemente sob a sua enquanto os dois atravessavam.

* * *

A dor nos lembra...

Kell cerrou os dentes para conter o espasmo, estendendo a mão para se apoiar na coisa mais próxima, que não era um banco ou uma parede, e sim o tronco de uma árvore, a casca lisa como metal. Ele se recostou na superfície fria, esperando que a onda de enjoo passasse e, quando isso aconteceu, ele forçou a cabeça a se levantar e viu um pequeno bosque e Holland, a poucos metros de distância. Vivo, intacto. Um córrego cortava o solo diante dele, pouco mais que uma fita de água. E, além do bosque, a Londres Branca se erguia em pináculos de pedra.

Na ausência de Holland — e de Osaron —, a cor havia começado a desvanecer do mundo. O céu e o rio assumiram novamente um tom cinza pálido, o chão desnudo. Essa era a Londres Branca que Kell sempre conheceu. Aquela outra versão, da qual teve um vislumbre no pátio do castelo, momentos antes de Ojka fechar a gargantilha no seu pescoço, era como algo saído de um sonho. Ainda assim, o coração de Kell doía ao vê-la perdida e ao ver Holland suportar essa perda, as superfícies suaves da sua máscara enfim quebrando e deixando a tristeza transparecer.

— Obrigado, Kell — falou ele, e Kell entendeu o significado dessas palavras: uma dispensa.

No entanto, ele se sentia enraizado naquele lugar.

A magia fazia tudo parecer muito inconstante. Era fácil esquecer que algumas coisas, uma vez mudadas, jamais poderiam ser desfeitas. Que nem tudo era mutável ou infinito. Algumas estradas continuavam e outras tinham fim.

Por um bom tempo, os dois ficaram em silêncio, Holland incapaz de seguir em frente, Kell incapaz de recuar.

Por fim, a terra aliviou o seu domínio.

— De nada, Holland — respondeu Kell, libertando-se.

Ele chegou aos limites do bosque antes de se virar, olhando para Holland pela última vez, o outro *Antari* parado ali no meio do Bosque de Prata, a cabeça inclinada para trás, os olhos verdes fechados. A brisa do inverno despenteava os cabelos brancos, as roupas acinzentadas.

Kell se demorou ali, revirando os bolsos do casaco de muitos lados e, quando finalmente se moveu para sair, depositou um único lin vermelho num toco de árvore. Um lembrete, um convite, um presente de despedida para um homem que Kell jamais voltaria a ver.

VI

Alucard Emery andava de um lado para o outro na parte externa do Rose Hall, vestindo um azul tão escuro que parecia preto até captar luz. Era a cor das velas do seu navio. A cor do mar à meia-noite. Sem chapéu, sem faixa, sem anéis, mas o cabelo castanho foi lavado e preso para trás com prata. As abotoaduras e os botões também reluziam, polidos para lembrarem gotas de luz.

Ele era um céu de verão à noite salpicado de estrelas. E passou quase uma hora escolhendo o traje. Não conseguia escolher entre Alucard, o capitão, e Emery, o nobre. No fim, não escolheu nenhum dos dois. Hoje ele era Alucard Emery, o homem que cortejava um rei.

Ele perdeu a safira que usava acima da sobancelha e ganhou uma nova cicatriz no lugar. Não cintilava ao sol, mas, de qualquer forma, caía-lhe bem. As marcas prateadas que tracejavam a sua pele, relíquias do veneno do rei das sombras, agora reluziam com a sua própria luz sutil.

Eu até gosto do prateado, disse Rhy.

Alucard até que gostava, também.

Os seus dedos pareciam nus sem os anéis, mas a única ausência que importava era da pena de prata que usava no polegar. A marca da Casa Emery.

Berras sobreviveu ileso ao nevoeiro, o que significava que tinha sucumbido a ele, e acordou na rua com o restante das pessoas, alegando não se lembrar do que disse ou fez sob o feitiço do rei das sombras. Alucard não acreditou numa só palavra, e permaneceu na companhia do irmão apenas por tempo suficiente para lhe contar da destruição da propriedade e da morte de Anisa.

Após um longo silêncio, Berras se limitou a dizer:

— E pensar que a linhagem agora reside apenas em nós.

Alucard balançou a cabeça, enojado.

— Pode ficar com ela — disse ele, e foi embora. Não atirou o anel no irmão, apesar de que teria sido ótimo. Em vez disso, simplesmente o deixou cair nos arbustos quando saiu dali. No instante em que o anel se foi, ele se sentiu mais leve.

Agora, assim que as portas para o Rose Hall se abriram, ele ficou *tonto*.

— O rei o receberá — falou o guarda real, e Alucard se forçou a seguir em frente, a bolsa de veludo pendendo dos seus dedos.

* * *

O salão não estava cheio, mas também não estava vazio, e Alucard subitamente desejou ter requisitado uma reunião privada com o príncipe. Com o *rei*.

Vestra e *ostra* estavam reunidos, alguns aguardando uma audiência, outros simplesmente esperando que o mundo voltasse ao normal. O séquito veskano ainda estava confinado nos aposentos, ao passo que a comitiva faroense se dividiu: metade navegou para casa com lorde Sol-in-Ar e os demais permaneceram no palácio. Os conselheiros, outrora leais ajudantes de Maxim, estavam prontos para aconselhar, enquanto os membros da guarda real margeavam o corredor e flanqueavam o estrado.

O rei Rhy Maresh estava sentado no trono do pai, o assento da mãe vazio ao seu lado. Kell estava de pé ao lado dele, a cabeça abaixada numa conversa tranquila. Mestre Tieren estava do outro lado de Rhy, parecendo mais velho que nunca, mas os olhos de um azul pálido eram astutos em meio aos sulcos e às rugas do rosto. Ele pousou uma das mãos no ombro de Rhy enquanto falava, um gesto simples, caloroso.

A cabeça do próprio Rhy estava inclinada para baixo enquanto ele ouvia, a coroa um aro de ouro pesado no seu cabelo. Havia tristeza nos seus ombros, mas então os lábios de Kell se moveram e Rhy conseguiu produzir um sorriso efêmero, como luz atravessando nuvens.

O coração de Alucard se animou.

Ele observou a sala rapidamente e viu Bard recostada numa das jardineiras de pedra, inclinando a cabeça do jeito que sempre fazia quando

estava escutando sorrateiramente. Ele se perguntou se ela havia afanado algum bolso esta manhã ou se esse tipo de coisa havia ficado no passado.

Kell pigarreou, e Alucard ficou surpreso ao perceber que os seus pés o tinham levado até o estrado. Ele encontrou os olhos cor de âmbar do rei e os viu se suavizar brevemente com... O quê? Seria felicidade? Preocupação? Isso antes que Rhy falasse.

— Capitão Emery — disse ele, a mesma voz de sempre, e, apesar disso, diferente, distante —, você solicitou uma audiência.

— Como foi prometido que eu poderia fazer, Vossa Majestade, se retornasse — Alucard olhou de relance para Kell, a sombra no ombro do rei — sem matar vosso irmão.

Um burburinho de divertimento percorreu o salão. Kell franziu o cenho, e Alucard imediatamente se sentiu melhor. Os olhos de Rhy se arregalaram um pouco; ele percebeu para onde a conversa estava indo e obviamente presumira que Alucard pediria uma audiência *privada*.

Mas o que eles tinham ia além de beijos roubados entre lençóis de seda, ia além de segredos compartilhados apenas à luz das estrelas, ia além de um flerte juvenil, ia além de um namorico de verão.

E Alucard estava aqui para provar isso. Para abrir o seu coração diante de Rhy, das pessoas no Rose Hall e do restante de Londres.

— Há quase quatro anos — começou ele —, eu deixei vossa... corte sem explicação ou pedido de desculpas. Ao fazê-lo, receio ter ferido a coroa e vossa estima por mim. Eu vim para me retratar com o meu rei.

— O que é isso na sua mão? — perguntou Rhy.

— Uma dívida.

Um guarda se adiantou para pegar o pacote, mas Alucard se afastou, olhando para o rei.

— Permite-me?

Após um instante, Rhy assentiu, levantando-se enquanto Alucard se aproximava do estrado. O jovem rei desceu os degraus e o encontrou ali, diante do trono.

— O que você está fazendo? — perguntou Rhy com sutileza, e o corpo inteiro de Alucard cantou para ouvir *essa* voz, a que não pertencia ao rei de Arnes, mas ao príncipe que conheceu, à pessoa por quem se apaixonou e que perdeu.

— O que prometi — sussurrou Alucard, segurando o espelho com ambas as mãos e inclinando a superfície para o rei.

Era um liran.

A maioria das superfícies de divinação era capaz de compartilhar o conteúdo da mente de alguém, as ideias e as memórias eram projetadas na superfície. Mas a mente era algo volúvel — podia mentir, esquecer, reescrever.

Um liran exibía apenas a verdade.

Não como era lembrada, não como se *queria* lembrar, mas como realmente aconteceu.

Não era uma magia simples, separar a verdade da memória.

Alucard Emery havia trocado quatro anos do seu futuro pela chance de reviver a pior noite do seu passado.

Nas suas mãos, a superfície do espelho ficou escura, engolindo o reflexo de Rhy e o salão atrás dele enquanto outra noite, outro quarto, tomava forma no vidro.

Rhy ficou petrificado com a visão do seu quarto, com a visão *deles*, membros emaranhados e risadas silenciosas na cama, os seus dedos deslizando pela pele nua de Alucard. As bochechas de Rhy coraram quando ele estendeu a mão e tocou a borda do espelho. Ao fazê-lo, a cena se tornou viva. Misericordiosamente, o som do prazer dos dois não ecoou pela sala do trono. Ficou preso entre eles, enquanto a cena se desenrolava.

Alucard, levantando-se da cama de Rhy, tentando se vestir enquanto o príncipe abria alegremente cada fecho que ele prendia, desamarrava cada nó. O último beijo de despedida, a partida de Alucard pelo labirinto de corredores escondidos e pela noite.

O que Rhy não podia ver — nem na época nem agora — na superfície do espelho era a felicidade de Alucard ao atravessar a Ponte de Cobre até a margem norte, o coração acelerado enquanto subia os degraus da frente até a propriedade Emery. Não podia sentir a súbita e terrível palpitação daquele coração quando ele viu Berras esperando no corredor.

Berras, que o havia seguido até o palácio.

Berras, que *sabia*.

Alucard tentou disfarçar, fingindo estar embriagado, deixando-se tombar casualmente na parede enquanto tagarelava sobre as tavernas em

que esteve, a diversão que teve, sobre os problemas em que se meteu ao longo daquela longa noite.

Não funcionou.

O desgosto de Berras estava entalhado em pedra. Assim como os seus punhos.

Alucard não queria brigar com o irmão, até se esquivou do primeiro golpe, e do segundo, apenas para ser atingido na cabeça por algo afiado e prateado.

Ele caiu, o mundo zumbindo. Sangue escorria até os seus olhos.

O seu pai pairava sobre ele, a bengala brilhando, apertada na sua mão.

De volta ao Rose Hall, Alucard fechou os olhos, porém as imagens continuavam a passar na sua mente, gravadas a fogo na memória. Os seus dedos apertaram o espelho, mas ele não soltou; nem quando o irmão o chamou de desgraça, de tolo, de prostituto. Nem quando ouviu ossos se partindo, o seu próprio grito abafado, silêncio e, em seguida, o balanço nauseante de um navio.

Alucard teria deixado a memória continuar, deixado serem exibidas as primeiras noites horrorosas no mar e a fuga até a prisão com algemas de ferro e a vara aquecida, o retorno forçado a Londres e o aviso nos olhos do irmão, a dor nos do príncipe e o ódio nos de Kell.

Ele teria deixado o espelho exibir os acontecimentos pelo tempo que Rhy quisesse, mas de repente algo pesou na superfície do espelho, e ele abriu os olhos para ver o jovem rei ali bem perto, com uma das mãos estendida sobre o vidro como se quisesse bloquear as imagens, os sons, as lembranças.

Os olhos cor de âmbar de Rhy estavam reluzentes, a testa franzida de raiva e de tristeza.

— Basta — disse ele com voz trêmula.

Alucard *queria* falar, tentou encontrar as palavras certas, mas Rhy já estava soltando o objeto, cedo demais, virando-se, cedo demais, e retornando ao trono.

— Já vi o suficiente — concluiu ele.

Alucard deixou o espelho cair ao seu lado, o mundo ao redor forçosamente entrando em foco. O salão em volta dele paralisado, em silêncio.

O jovem rei agarrou as beiradas do trono e trocou sussurros com o irmão, cuja expressão oscilava entre surpresa e aborrecimento, até se acomodar em algo como resignação. Kell assentiu, e, quando Rhy se virou para o salão e falou outra vez, a voz dele estava equilibrada.

— Alucard Emery — falou ele, o tom suave, porém firme —, a coroa aprecia a sua honestidade. *Eu* aprecio. — Ele olhou para Kell uma última vez antes de continuar. — A partir de agora, você está despojado do seu título de corsário.

Alucard quase se curvou sob o peso da sentença.

— Rhy... — O nome saiu dos seus lábios antes que ele percebesse o erro. A impropriedade. — Vossa Majestade...

— Você não navegará mais para a coroa no *Night Spire* ou em qualquer outra embarcação.

— Eu não...

A mão do rei se ergueu num único gesto silenciador.

— O meu irmão deseja viajar, e eu lhe dei permissão. — A expressão de Kell azedou ao ouvir a palavra, mas não interrompeu Rhy. — Sendo assim — continuou —, preciso de um aliado. Um amigo comprovado. Um mago poderoso. Preciso de você aqui em Londres, mestre Emery. Comigo.

Alucard ficou rígido. As palavras foram um golpe, repentino mas não duro. Elas provocavam a linha entre prazer e dor, provocavam o medo de que ele tivesse ouvido mal e a esperança de que não tivesse.

— Esse é o primeiro motivo — continuou Rhy, inabalável. — O segundo é mais pessoal. Perdi a minha mãe e o meu pai. Perdi amigos e estranhos que um dia poderiam ter sido amigos. Perdi pessoas demais para contar. E não vou sofrer por perder você.

O olhar de Alucard foi para Kell. O *Antari* encontrou os seus olhos, e Alucard encontrou um aviso nos dele, mas nada além disso.

— Obedecerá à vontade da coroa? — perguntou Rhy.

Alucard passou vários segundos atordoado enquanto reunia faculdades mentais suficientes para fazer uma reverência e pronunciar três simples palavras.

— Obedecerei, Vossa Majestade.

Naquela noite, o rei veio até o quarto de Alucard.

Eram aposentos elegantes na ala oeste do palácio, dignos de um nobre. De um membro da realeza. Não havia portas escondidas. Apenas a entrada ampla com madeira incrustada e acabamento em ouro.

Alucard estava empoleirado na beira do sofá, rolando um copo entre as mãos, quando a batida soou. Ele tinha esperança de ouvi-la ao mesmo tempo que não ousava nutri-la.

Rhy Maresh entrou no quarto sozinho. O seu colarinho estava desabotoado, a coroa pendia dos seus dedos. Ele parecia cansado, triste, adorável e perdido. Porém, ao ver Alucard, algo nele se iluminou. Não uma luz que Alucard pudesse ver nos fios derretidos que se enrolavam nele, mas uma luz por trás dos seus olhos. Era a coisa mais estranha, mas Rhy pareceu se tornar *real*, sólido como nunca antes.

— *Avan* — disse o príncipe que não era mais príncipe.

— *Avan* — disse o capitão que não era mais capitão.

Rhy deu uma olhada no cômodo.

— É apropriado? — perguntou ele, deslizando a mão distraidamente por uma cortina, os longos dedos se enrolando em vermelho e dourado.

O sorriso de Alucard se enviesou.

— Suponho que vá servir.

Rhy deixou a coroa cair no sofá enquanto se aproximava, e os seus dedos, agora livres do fardo, tracejaram o queixo de Alucard como se procurassem se assegurar de que Alucard estava ali e de que era real.

O coração de Alucard estava acelerado, mesmo agora ameaçando fugir. Não havia necessidade. Não havia para onde ir. Nenhum lugar em que preferisse estar.

Ele sempre sonhava com isso durante as tempestades em alto-mar. Sempre que uma espada era desembainhada contra ele. Sempre que a vida mostrava a sua fragilidade, a sua inconstância. Ele sonhou com isso quando estava na proa do *Ghost* enfrentando a morte numa frota de navios.

Agora ele estendia os braços para puxar Rhy para perto, apenas para ser rejeitado.

— Não é certo que você faça isso — repreendeu ele, baixinho — agora que eu sou rei.

Alucard recuou, tentando disfarçar a mágoa e a confusão. Mas então os cílios escuros de Rhy baixaram sobre os seus olhos e os lábios dele

deslizaram para abrir um sorriso de falsa timidez.

— Deve-se permitir que um rei assuma a *liderança*.

Alucard foi inundado pelo alívio, seguido por uma onda de calor quando a mão de Rhy se enredou no seu cabelo, desarrumando as presilhas prateadas. Os lábios roçaram no seu pescoço, o calor tocou a sua mandíbula de leve.

— Você não concorda? — respirou o rei, mordiscando a clavícula de Alucard de um jeito que roubou o ar do seu peito.

— Sim, Vossa Majestade — conseguiu dizer, e então Rhy o estava beijando, longa e lentamente, saboreando-o. O quarto se moveu sob os seus pés trôpegos, os botões da sua camisa se abrindo. Quando Rhy se afastou, Alucard estava encostado na cabeceira da cama, a camisa aberta. Ele deu uma risada leve e atordoada, resistindo à vontade de arrastar Rhy para perto, de pressioná-lo contra os lençóis.

O desejo o deixou sem ar.

— É assim que será de agora em diante? — perguntou Alucard. — Serei o seu companheiro de cama e também o seu guarda?

Os lábios de Rhy se abriram num sorriso deslumbrante.

— Então, você admite — falou ele, acabando com a distância que restava entre os dois para sussurrar no ouvido de Alucard — que é meu.

E, com isso, o rei o arrastou para a cama.

VII

Arnesianos tinham uma dúzia de palavras para dizer “olá”, mas nenhuma para “adeus”.

Quando se tratava de despedidas, às vezes diziam “*vas ir*”, o que significava “em paz”. Porém, era mais frequente escolherem dizer “*anoshe*” — “até outro dia”.

Anoshe era uma palavra usada com estranhos na rua, com amantes entre um encontro e outro, com pai, filhos, amigos e familiares. Amortecia o golpe de ir embora. Facilitava a tensão da despedida. Um aceno cuidadoso para a certeza do hoje, para o mistério do amanhã. Quando um amigo partia, com pouca chance de voltar para casa, eles diziam *anoshe*. Quando um ente querido estava morrendo, eles diziam *anoshe*. Quando cadáveres eram cremados, corpos devolvidos à terra e almas à corrente, os que ficaram de luto diziam *anoshe*.

Anoshe trazia consolo. E esperança. E força para deixar partir.

Quando Kell Maresh e Lila Bard se separaram pela primeira vez, ele sussurrou a palavra no seu encalço, baixinho, cheio de certeza, de esperança, de que eles se encontrariam mais uma vez. Ele sabia que não era um fim. E este também não era o fim, ou, se era, então era apenas o fim de um capítulo, um interlúdio entre dois encontros, o começo de algo novo.

E, assim Kell subiu até o quarto do irmão, não o quarto que ele mantinha ao lado do cômodo de Kell (embora ainda insistisse em dormir lá), mas o que havia pertencido à sua mãe e ao seu pai.

Sem Maxim e Emira, havia pouquíssimas pessoas de quem Kell devia se despedir. Não a *vestra* ou a *ostra*, nem os criados ou os guardas que restaram. Ele teria dito adeus a Hastra, mas Hastra também estava morto.

Kell já havia ido ao Dique naquela manhã e deparado com a flor que o jovem guarda trouxe à vida naquele dia, apodrecendo no seu recipiente. Ele a levou para o pomar, onde estava Tieren, entre as fileiras do inverno e da primavera.

— Você pode dar um jeito? — perguntou Kell.

Os olhos do sacerdote se direcionaram para a pequena flor murcha.

— Não — respondeu ele gentilmente, mas, quando Kell começou a protestar, Tieren ergueu a mão enrugada. — Não há nada para dar jeito. É uma acina. Elas não duram muito. Florescem uma única vez, e então morrem.

Kell olhou desamparado para a flor branca e murcha.

— O que eu faço? — perguntou ele, a questão muito maior que as palavras.

Tieren abriu um sorriso suave e introspectivo, deu de ombros como de costume.

— Deixe estar. A flor vai se desfazer, o caule e as folhas também. É para isso que eles *existem*. Acinas fortalecem o solo para que outras coisas possam crescer.

* * *

Kell alcançou o topo da escada e diminuiu o passo.

Guardas reais flanqueavam o corredor até os aposentos do rei, e Alucard estava do lado de fora, recostado na madeira da ponta e folheando um livro.

— É assim que você o protege? — perguntou Kell.

O homem virou uma página deliberadamente.

— Não me diga como fazer o meu trabalho.

Kell respirou fundo para manter a calma.

— Saia do meu caminho, Emery.

Os olhos pretos de tempestade de Alucard se ergueram do livro.

— E qual é o seu assunto com o rei?

— Pessoal.

Alucard ergueu a mão.

— Talvez eu deva revistá-lo em busca de arm...

— Toque em mim e eu quebro os seus dedos.

— Quem disse que preciso tocá-lo? — A mão dele se contraiu e Kell sentiu a faca na sua manga estremecer antes de ele empurrar o homem contra a madeira.

— Alucard! — gritou Rhy pela porta. — Deixe o meu irmão entrar antes que eu precise encontrar *outro* guarda.

Alucard deu um sorrisinho irônico, fez uma reverência e se afastou.

— Imbecil — murmurou Kell ao passar por ele, empurrando-o.

— Idiota — gritou o outro mago no seu encalço.

* * *

Rhy estava esperando na sacada, os cotovelos apoiados no parapeito.

O ar ainda estava gelado, mas o sol aquecia a sua pele, rico com a promessa da primavera. Kell entrou intempestivamente no quarto.

— Quer dizer que vocês dois estão se entendendo bem? — perguntou Rhy.

— Muito, muito bem — murmurou o irmão, passando pelas portas e se debruçando no parapeito ao lado dele. Um reflexo da sua própria pose.

Eles ficaram por algum tempo na mesma posição, aproveitando o dia, e Rhy quase esqueceu que Kell tinha vindo se despedir, que ele estava indo embora. E então uma brisa soprou, repentina e cortante, e a escuridão sussurrou no canto da sua mente, trazendo a tristeza da perda, a culpa por ter sobrevivido e o medo de que ele continuasse vivendo mais que aqueles que amava. Que essa vida emprestada fosse longa demais ou curta demais. E sempre havia o inevitável limiar, bênção ou maldição, e a sensação de se inclinar para a frente numa rajada de vento enquanto esta tentava forçá-lo a recuar a cada passo.

Os dedos de Rhy apertaram o parapeito.

E Kell, cujos olhos de duas cores sempre viram através dele, disse:

— Você gostaria que eu não tivesse feito isso?

Ele abriu a boca para dizer “Claro que não”, ou “Santos, não”, ou qualquer outra coisa que deveria ter dito, que *havia dito* uma dúzia de vezes, com a repetição desatenta de alguém que, ao perguntarem como foi o dia, responde “Ótimo, obrigado”, independentemente do verdadeiro

humor. Ele abriu a boca, mas nada saiu. Havia tanta coisa que Rhy não disse desde o seu retorno, que ele não se *permitia* dizer, como se dar voz às palavras significasse lhes dar peso, o suficiente para desequilibrar a balança e esmagá-lo. Mas tantas coisas tentaram matá-lo e aqui estava ele, ainda de pé.

— Rhy — falou Kell, o olhar pesado como pedra —, você gostaria que eu não tivesse trazido você de volta?

Ele respirou fundo.

— Não sei — respondeu ele. — Pergunte-me pela manhã, depois de passar horas sobrecarregado de pesadelos, drogado além do aceitável apenas para conter as lembranças da morte, o que não foi tão ruim quanto voltar, e eu diria que sim. Eu gostaria que você tivesse me deixado morrer.

Kell pareceu nauseado.

— Eu...

— Mas, se me perguntar depois do meio-dia — interrompeu Rhy —, quando já senti o sol atravessando o frio, ou o calor do sorriso de Alucard, ou o peso constante do seu braço em volta dos meus ombros, eu diria a você que valeu a pena. Que *vale* a pena.

Rhy virou o rosto para o sol. Ele fechou os olhos, saboreando a maneira como a luz ainda o alcançava.

— Além disso — acrescentou, esforçando-se para dar um sorriso —, quem não adora um homem com um passado sombrio? Quem não quer um rei com cicatrizes?

— Ah, sim — disse Kell, sarcástico. — Esse é o verdadeiro motivo pelo qual eu fiz isso. Para torná-lo mais atraente.

Rhy sentiu o seu sorriso falhar.

— Quanto tempo você vai ficar fora?

— Não sei.

— Para onde você vai?

— Não sei.

— O que você vai fazer?

— Não sei.

Rhy baixou a cabeça, subitamente cansado.

— Gostaria de poder ir com você.

— Eu também gostaria — falou Kell —, mas o império precisa do seu rei.

Com brandura, Rhy disse:

— O rei precisa do seu irmão.

Kell pareceu devastado, e Rhy sabia que poderia fazê-lo ficar. E sabia que não suportaria fazê-lo. Ele soltou um longo e trêmulo suspiro e se endireitou.

— Já era hora de você fazer alguma coisa egoísta, Kell. Você faz com que o restante de nós fique mal. Tente se livrar desse complexo de santo enquanto estiver longe.

Do outro lado do rio, os sinos da cidade começaram a soar as horas.

— Vá — disse Rhy. — O navio está esperando.

Kell deu um único passo para trás, pairando na soleira da porta.

— Mas nos faça um favor, Kell.

— O quê? — perguntou o irmão.

— Não acabe morto.

— Farei o melhor que puder — retrucou Kell, e então começou a ir embora.

— E volte — acrescentou Rhy.

Kell fez uma pausa.

— Não se preocupe — disse ele. — Voltarei. Depois que tiver visto.

— Visto o quê? — perguntou Rhy.

Kell sorriu.

— Tudo.

VIII

Delilah Bard se dirigia para as docas, uma pequena bolsa pendurada no ombro. Tudo o que tinha no mundo e que ainda não estava no navio. O palácio se erguia atrás dela: pedra, ouro e uma luz cor-de-rosa avermelhada.

Ela não olhou para trás. Sequer diminuiu o passo.

Lila sempre foi boa em desaparecer.

Desvanecendo como luz entre tábuas de madeira.

Cortando laços com a mesma facilidade com que cortava as alças de uma bolsa.

Ela nunca dizia adeus. Nunca entendeu o motivo. Dizer adeus era como estrangular lentamente, cada palavra apertando a corda. Era mais fácil simplesmente fugir à noite. Muito mais fácil.

Mas Lila dissera a si mesma que ele teria ido atrás dela.

Então, no fim, ela havia ido até ele.

— Bard.

— Capitão.

E, então, ela ficara paralisada. Não sabia o que dizer. Era por isso que odiava despedidas. Dera uma olhada na câmara do palácio, observando o chão incrustado, o teto forrado de tecidos e as portas da sacada, antes que ficasse sem ter para onde olhar e tivesse de encarar Alucard Emery.

Alucard, que lhe deu um lugar no seu navio, que lhe ensinou as primeiras lições sobre magia, que... Ela sentira um nó na garganta.

Malditas despedidas. Coisas tão inúteis.

Ela acelerou o passo, seguindo para os navios.

Alucard se recostara na cabeceira da cama.

— O meu reino pelo que está passando na sua cabeça.

E Lila havia inclinado a cabeça.

— Eu só estava pensando — dissera ela — que deveria ter matado você quando tive a oportunidade.

Ele arqueara uma sobrancelha.

— E eu deveria ter jogado você no mar.

Um silêncio confortável recaíra entre os dois, e ela sabia que sentiria falta disso. Ela se retraía com a ideia de sentir saudades antes de suspirar e deixar a sensação baixar, assentar-se. Havia coisas piores, ela supunha.

As botas dela soaram na madeira das docas.

— Cuide bem daquele navio — ordenara ele, e Lila se foi com apenas uma piscadela, como as que Alucard sempre lhe lançava. Ele tinha uma safira para refletir a luz, e tudo o que Lila tinha era um olho de vidro preto, mas ela conseguira sentir o sorriso dele como o sol nas suas costas quando partira e deixara a porta se fechar atrás de si.

Não foi um adeus, não de verdade.

Qual era a palavra para se despedir?

Anoshe.

Era isso.

Até outro dia.

Delilah Bard sabia que voltaria.

O cais estava repleto de navios, mas apenas um deles chamou a sua atenção. Uma embarcação impressionante com casco escuro polido e velas azul-marinho. Ela subiu pela rampa até o convés onde a tripulação aguardava, alguns rostos conhecidos, outros novos.

— Bem-vindos ao *Night Spire* — disse ela, exibindo um sorriso afiado como uma faca. — Podem me chamar de capitã Bard.

IX

Holland estava sozinho no Bosque de Prata.

Ele ouviu os sons da partida de Kell, aqueles poucos passos curtos dando lugar ao silêncio. Inclinou a cabeça para trás e respirou fundo, estreitando os olhos ao encarar o sol.

Uma mancha preta riscou as nuvens. Um pássaro, como no seu sonho, e o seu coração cansado se acelerou. Mas havia apenas uma ave, e não Alox, nem Talya, nem Vortalis. Vozes há muito silenciadas. Vidas há muito perdidas.

Com Kell longe e ninguém mais para ver, Holland se recostou na árvore mais próxima, a superfície gelada como aço frio na sua coluna. Ele se deixou afundar, baixando o corpo cansado na terra morta.

Uma brisa suave soprava pelo bosque árido. Holland fechou os olhos e imaginou quase conseguir ouvir o farfalhar das folhas, quase conseguir sentir o peso suave das folhas caindo uma a uma sobre a sua pele. Ele não abriu os olhos, não queria perder a imagem. Apenas deixou as folhas caírem. Deixou o vento soprar. Deixou o bosque sussurrar, sons disformes que se entrelaçavam em palavras.

O rei está chegando, parecia dizer.

Sentiu a árvore esquentar nas suas costas, e Holland soube vagamente que nunca se levantaria.

É o fim, pensou. Sem medo, apenas alívio e tristeza.

Ele tentou. Deu tudo o que tinha. Mas estava muito cansado.

O farfalhar das folhas nos seus ouvidos estava ficando mais alto, e ele se sentiu afundando na árvore, no abraço de algo mais macio que metal, mais escuro que a noite.

O seu coração desacelerou, diminuindo o ritmo como uma caixa de música, o fim de uma estação.

O último resquício de ar deixou os pulmões de Holland.
E então, enfim, o mundo respirou.

X

Kell trajava um casaco que ondulava ao vento.

Não era o vermelho da realeza, nem o preto do mensageiro, nem o prateado do torneio. Este casaco era de lã cinza e simples. Ele não tinha certeza se era novo, velho ou algo entre os dois, sabia apenas que nunca o tinha visto. Não até aquela manhã em que, revirando o casaco de preto para vermelho, ele deparou com um lado que não reconheceu.

Este novo casaco tinha gola alta, bolsos profundos e botões pretos robustos que desciam pela frente. Era um casaco para tempestades e marés fortes e só os santos sabiam para que mais.

Ele planejava descobrir, agora que estava livre.

A liberdade em si era atordoante. A cada passo, Kell se sentia sem nenhuma âncora, como se pudesse ser arrastado para longe. Mas não, lá estava a corda, invisível porém forte como aço, correndo entre o coração dele e o de Rhy.

Que esticaria.

Que alcançaria.

Kell andou pelas docas, passando por balsas e fragatas, navios locais, as embarcações de prisioneiros veskanas e os patachos faroenses, navios de todo tamanho e forma, enquanto procurava o *Night Spire*.

Ele deveria saber que ela escolheria aquele, com o casco escuro e as velas azuis.

Ele chegou à rampa do barco sem olhar para trás, mas ali, enfim, hesitou e se virou, olhando para o palácio uma última vez. Vidro e pedra, ouro e luz. O coração pulsante de Londres. O sol nascente de Arnes.

— Reconsiderando?

Kell esticou o pescoço para ver Lila recostada na amurada do navio, o vento da primavera despenteando o seu cabelo curto e escuro.

— De maneira alguma — respondeu ele. — Estou só apreciando a vista.

— Bem, vamos logo, antes que eu decida zarpar sem você. — Ela se virou, gritando ordens à tripulação do navio como uma verdadeira capitã, e todos os homens a bordo ouviram e obedeceram. Eles entraram em ação com um sorriso, jogaram cordas e içaram a âncora como se não pudessem esperar para zarpar. Ele não podia culpá-los. Lila Bard era uma força sem limites. Não importava se as suas mãos estivessem cheias de facas ou de fogo, se a sua voz fosse baixa e persuasiva ou afiada como aço, ela parecia ter o mundo nas mãos. Talvez tivesse mesmo.

Afinal, ela já havia arrebatado duas Londres para si.

Ela era ladra, fugitiva, pirata, maga.

Ela era feroz, poderosa e aterrorizante.

Ela ainda era um mistério.

E ele a amava.

Uma faca atingiu as docas entre os pés de Kell e ele deu um salto.

— Lila! — gritou ele.

— Zarpando! — gritou ela do convés. — E traga de volta essa faca — acrescentou. — É a minha favorita.

Kell balançou a cabeça e soltou a lâmina da madeira.

— *Todas* são suas favoritas.

Quando ele subiu a bordo, a tripulação não parou, não se curvou, não o tratou como nada além de outro par de mãos, e logo o *Spire* se afastava das docas, as velas aproveitando a brisa da manhã. O coração dele martelava no peito e, quando fechou os olhos, sentiu um pulso gêmeo ecoando o seu.

Lila parou ao seu lado e ele lhe devolveu a faca. Ela não disse nada, embainhando a lâmina em algum compartimento escondido e apoiando o ombro no dele. A magia corria entre os dois como uma corrente, um laço, e ele se perguntou quem ela teria sido se tivesse ficado na Londres Cinza. Se nunca o tivesse roubado, se nunca tivesse mantido o conteúdo como um resgate para aventura.

Talvez ela nunca tivesse descoberto a magia.

Ou talvez ela tivesse simplesmente mudado o próprio mundo em vez do dele.

Os olhos de Kell se ergueram para o palácio uma última vez, e ele pensou quase conseguir divisar a silhueta de um homem de pé, sozinho,

numa das varandas mais altas. Ao longe, era pouco mais que uma sombra, mas Kell pôde ver o aro de ouro reluzindo sobre os cabelos quando uma segunda figura se colocou ao lado do rei.

Rhy ergueu a mão e Kell fez o mesmo, uma única palavra não dita entre os dois.

Anoshe.

Uma conjuração de luz

Livros da autora:

<https://www.record.com.br/autores/v-e-schwab/>

Goodreads da autora:

https://www.goodreads.com/author/show/7168230.V_E_Schwab

Site da autora:

<https://www.veschwab.com/>

Twitter da autora:

<https://twitter.com/veschwab>

Instagram da autora:

<https://www.instagram.com/veschwab/?hl=pt>

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Índice

UM TOM MAIS ESCURO DE MAGIA

ROSTO

OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS

CRÉDITOS

DEDICATÓRIA

EPÍGRAFE

SUMÁRIO

UM | O VIAJANTE

I

II

III

DOIS | A REALEZA VERMELHA

I

II

III

TRÊS | A LADRA CINZA

I

II

III

QUATRO | O TRONO BRANCO

I

II

III

IV

V

CINCO | A PEDRA PRETA

I

II

III

IV

V

SEIS | LADRÕES SE ENCONTRAM

I

II

III

IV

SETE | O SEGUIDOR

I

II

III

OITO | UM ACORDO

I

II

III

NOVE | FESTIVAL FOGO

I

II

III

IV

DEZ | UMA TORRE BRANCA

I

II

III

IV

V

VI

ONZE | BAILE DE MÁSCARAS

I

II

III

IV

V

DOZE | SANTUÁRIO SACRIFÍCIO

I

II

III

IV

V

VI

TREZE | O REI À ESPREITA

I

II

III

IV

V

VI

QUATORZE | A ÚLTIMA PORTA

I

II

III

IV

AGRADECIMENTOS

COLOFON

UM TOM MAIS ESCURO DE MAGIA

UM ENCONTRO DE SOMBRAS

OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS

ROSTO

CRÉDITOS

DEDICATÓRIA

EPÍGRAFE

SUMÁRIO

UM | LADRA AO MAR

I

II

III

IV

V

DOIS | UM PRÍNCIPE À SOLTA

I

II

III

IV

V

TRÊS | A VIRADA DA MARÉ

I

II

III

IV

V

VI

QUATRO | O CHAMADO DAS LONDRES

I

II

III

IV

V

CINCO | ACOLHIDA REAL

I

II
III
IV
V
VI
VII

SEIS | IMPOSTORES

I
II
III
IV
V

SETE | INTERSEÇÕES

I
II
III
IV
V

OITO | O ESSEN TASCH

I
II
III
IV
V
VI
VII

NOVE | ROTA DE COLISÃO

I
II
III
IV
V

VI	
DEZ CATÁSTROFE	
I	
II	
III	
IV	
V	
VI	
VII	
VIII	
IX	
AGRADECIMENTOS	
COLOFON	
UM ENCONTRO DE SOMBRAS	
UMA CONJURAÇÃO DE LUZ	
OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS	
ROSTO	
CRÉDITOS	
DEDICATÓRIA	
EPÍGRAFE	
SUMÁRIO	
UM MUNDO EM RUÍNAS	
I	
II	
III	
IV	
V	
VI	
VII	
VIII	
IX	
X	

XI

DOIS | CIDADE NAS SOMBRAS

I

II

III

IV

V

VI

VII

TRÊS | SUCUMBIR OU LUTAR

I

II

III

IV

V

VI

QUATRO | ARMAS À MÃO

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

CINCO | CINZAS E REPARAÇÕES

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

SEIS | EXECUÇÃO

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

SETE | ZARPANDO

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

OITO | ÁGUAS INEXPLORADAS

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX
NOVE | CONFUSÃO

- I
- II
- III
- IV
- V
- VI
- VII

DEZ | SANGUE E VÍNCULOS

- I
- II
- III
- IV
- V
- VI
- VII

ONZE | MORTE NO MAR

- I
- II
- III
- IV
- V
- VI
- VII
- VIII

DOZE | TRAIÇÃO

- I
- II
- III
- IV
- V

VI
VII
VIII

TREZE | O LUGAR DE UM REI

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X

QUATORZE | ANTARI

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII

QUINZE | ANOSHE

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII

IX

X

UMA CONJURAÇÃO DE LUZ
COLOFON

YORK TIMES • AUTORA
Nº 1
MAIS VENDIDA DO MUNDO



A
VIDA
INVISÍVEL
DE ADDIE
LARUE

V. E.
SCHWAB

A vida invisível de Addie LaRue

Schwab, V. E.

9786559810475

504 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma vida que ninguém lembra. Um livro que ninguém esquece. Em A vida invisível de Addie LaRue, o aguardado best-seller de V.E. Schwab, conheça Addie e se perca em sua vida invisível — porém memorável.

Compre na pré-venda e ganhe um pôster, um marcador de páginas transparente e um marcador da capa.

França: 1714. Addie LaRue não queria pertencer a ninguém ou a lugar nenhum. Em um momento de desespero, a jovem faz um pacto: a vida eterna, sob a condição de ser esquecida por quem a conhecer. Um piscar de olhos, e, como um sopro, Addie se vai. Uma virada de costas, e sua existência se dissipa na memória de todos.

Após tanto tempo vivendo uma existência deslumbrante, aproveitando a vida de todas as formas, fazendo uso de tantos artifícios quanto fosse possível e viajando pelo tempo e espaço, através dos séculos e continentes, da história e da arte, Addie entende seus limites e descobre — apesar de fadada ao esquecimento — até onde é capaz de ir para deixar sua marca no mundo.

Trezentos anos depois, em uma livraria, um acontecimento inesperado: Addie LaRue esbarra com um rapaz.

Ele enuncia cinco palavras.

Cinco palavras capazes de colocar a vida que conhecia abaixo:

Eu me lembro de você.

Uma jornada inspirada no mito faustiano sobre busca e perda, eternidade e finitude e, acima de tudo, uma questão: até onde se vai para alcançar a liberdade? Best-seller do The New York Times e recomendado pelo Entertainment Weekly, A vida invisível de Addie LaRue é um livro inesquecível e que colocou V.E. Schwab entre as principais autoras de fantasia da atualidade.

"Para alguém fadada ao esquecimento, AddieLaRue se provou uma personagem deliciosamente inesquecível, e sua história é uma celebração da imortalidade." - Neil Gaiman

"Perfeitamente equilibrada entre escuridão e luz, mito e realidade. Essa história é, ironicamente, inesquecível." - Alix E. Harrow

"A vida invisível de Addie LaRue irá enfeitiçar os leitores da mesma forma que a protagonista é enfeitiçada." - Naomi Novak

[Compre agora e leia](#)

"Me mantive fascinada a cada capítulo."
- LEIGH BARDUGO

A RAINHA DO NADA

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

HOLLY BLACK



A rainha do nada (Vol. 3 O Povo do Ar)

Black, Holly

9786555871739

294 páginas

[Compre agora e leia](#)

A rainha do nada é o aguardado final da trilogia O Povo do Ar, best-seller #1 do New York Times.

Ele será a destruição da coroa e a ruína do trono.

O poder é mais fácil de adquirir do que de manter. Jude aprendeu a lição mais difícil de sua vida quando abdicou do controle do Rei Cardan em troca de um poder imensurável.

Agora, ela carrega o outrora impensável título de Grande Rainha de Elfhame, mas as condições são longe de ser ideais. Exilada por Cardan no mundo mortal, Jude se encontra impotente e frustrada enquanto planeja reivindicar tudo que Cardan tomou dela.

A oportunidade surge com sua irmã gêmea, cuja vida está em perigo. Para salvá-la de uma situação tenebrosa envolvendo Locke, Jude decide voltar ao Reino das Fadas se passando por

Taryn. Antes disso, porém, ela precisa confrontar os próprios sentimentos contraditórios pelo rei que a traiu.

No entanto, ao voltar a Elfhame, Jude constata que tudo mudou. A guerra está prestes a eclodir, e ela caminha próximo a seus inimigos. Será que ela vai ser capaz de resgatar a Coroa e o amor incondicional de Cardan, ao mesmo tempo que destrói os planos de seus inimigos? Ou será que tudo está perdido para sempre?

A rainha do nada é o épico desfecho da trilogia *O Povo do Ar*, da renomada autora Holly Black. Com intrigas palacianas, reviravoltas inesquecíveis e uma construção de universo ao mesmo tempo complexa e crível, Holly Black se consagra mais uma vez como a rainha do Reino das Fadas e um dos nomes mais icônicos da fantasia para jovens adultos.

[Compre agora e leia](#)



VENCEDOR DO GOODREADS CHOICE AWARDS 2020
DE MELHOR ROMANCE

DE SANGUE E CINZAS

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

JENNIFER L.
ARMENTROUT

De sangue e cinzas (Vol. 1)

Armentrout, Jennifer L.

9786559810765

588 páginas

[Compre agora e leia](#)

De sangue e cinzas é uma história de fantasia cativante, repleta de ação, sexy, viciante e inesperada, perfeita para os fãs de Sarah J. Maas. Esperado ansiosamente pelos leitores, o livro venceu o *Goodreads Choice Awards* na categoria Melhor Romance.

A pré-venda acompanha um marcador de páginas, um pôster dos personagens Poppy e Hawke e um saquinho porta-livros.

Uma donzela...

Escolhida desde o nascimento para inaugurar uma nova era, a vida de Poppy nunca foi verdadeiramente sua. A existência da Donzela é solitária. Nunca ser tocada. Nunca ser vista. Nunca sentir prazer. À espera de sua Ascensão, ela prefere estar entre os guardas, lutando contra o mal que levou sua família, do que se preparar para ser considerada digna pelos deuses. Mas a escolha nunca foi dela.

Um dever...

O futuro de todo o reino repousa sobre os ombros de Poppy, uma responsabilidade que ela nem tem certeza se quer para si mesma, afinal, uma Donzela também tem um coração, uma alma e vontades. Quando Hawke, um guardião encarregado de garantir sua Ascensão, entra em sua vida, destino e dever confundem-se com desejo e necessidade. Ele incita a raiva dela, faz com que Poppy questione tudo em que acredita e a provoca com o que é proibido.

Um reino...

Abandonado pelos deuses e temido pelos mortais, um reino caído está se erguendo mais uma vez, determinado a retomar o que é seu por meio da violência e da vingança. Conforme a sombra dos amaldiçoados se aproxima, os limites entre o proibido e o tolerável se tornam cada vez mais turvos. Poppy não só está prestes a se tornar indigna pelos deuses, como sua vida fica cada vez mais ameaçada à medida que os fios embebidos de sangue que mantêm seu mundo unido começam a se desfazer.

"Jennifer Armentrout tem o poder de controlar minhas emoções com cada palavra que escreve. De perder o fôlego a chorar, passava pelas páginas correndo para descobrir o que aconteceria a seguir. Eu não conseguia parar de ler sobre Hawke e Poppy, e você também não conseguirá." — Brigid Kemmerer, autora de *Sombria e solitária maldição*, best-seller do *New York Times*

[Compre agora e leia](#)

SARAH J. MAAS

Autora de Trono de vidro

CORTE DE ESPINHOS E ROSAS

Ela roubou uma vida.
Agora deve pagar com o coração.



Galera

Corte de espinhos e rosas - Corte de espinhos e rosas - vol. 1

J. Maas, Sarah

9788501107114

434 páginas

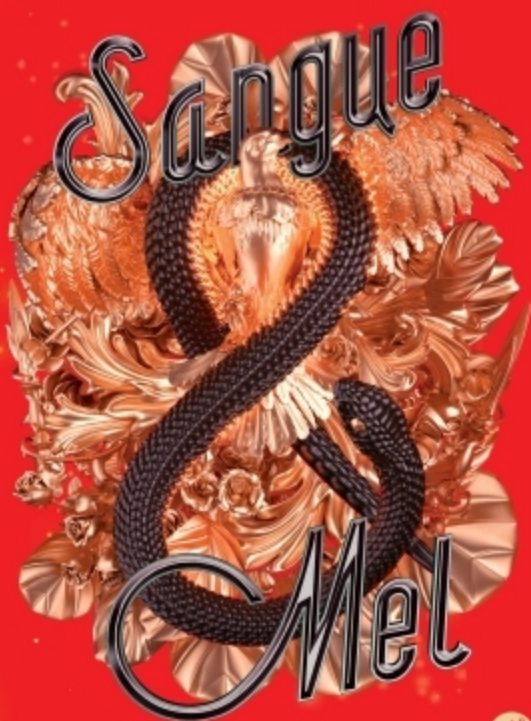
[Compre agora e leia](#)

Ela roubou uma vida. Agora deve pagar com o coração. Nesse misto de A Bela e A Fera e Game of Thrones, Sarah J. Maas cria um universo repleto de ação, intrigas e romance. Depois de anos sendo escravizados pelas fadas, os humanos conseguiram se libertar e coexistem com os seres místicos. Cerca de cinco séculos após a guerra que definiu o futuro das espécies, Feyre, filha de um casal de mercadores, é forçada a se tornar uma caçadora para ajudar a família. Após matar uma fada zoomórfica transformada em lobo, uma criatura bestial surge exigindo uma reparação. Arrastada para uma terra mágica e traiçoeira — que ela só conhecia através de lendas —, a jovem descobre que seu captor não é um animal, mas Tamlin, senhor da Corte Feérica da Primavera. À medida que ela descobre mais sobre este mundo onde a magia impera, seus sentimentos por Tamlin passam da mais pura hostilidade até uma paixão avassaladora. Enquanto

isso, uma sinistra e antiga sombra avança sobre o mundo das fadas e Feyre deve provar seu amor para detê-la... ou Tamlin e seu povo estarão condenados.

[Compre agora e leia](#)

A ESPERADA SEQUÊNCIA DE PÁSSARO & SERPENTE



SHELBY MAHURIN



Galera

Sangue & mel (Vol. 2 Pássaro & serpente)

Mahurin, Shelby

9786559810758

518 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em Sangue & mel, a aguardada sequência do best-seller do New York Times Pássaro e serpente, as apostas estão mais arriscadas. E as bruxas, com sede de vingança.

A pré-venda acompanha um marcador de páginas e um pôster dos personagens Lou e Reid.

Após o incidente no Modraniht, Lou, Reid, Coco e Ansel estão fugindo não apenas do coven das Dames Blanches, mas com mesma intensidade do reino e da igreja. Eles se tornaram, agora, verdadeiros fugitivos destituídos de um abrigo para garantir sua proteção e segurança.

Para sobreviver, eles precisarão não apenas de organização e estratégia, mas, sobretudo, cúmplices. Aliados fortes. E, na companhia constante uns dos outros... um pouco de paciência. No entanto, à medida que o desespero de Lou intensifica, um lado sombrio de sua magia se manifesta com cada vez mais frequência – uma versão de seu próprio e complexo poder que pode custar a Reid algo que ele não pode jamais arriscar perder.

Mas Reid, obstinado, não parece inclinado a abandonar sua promessa. Sempre leal e unido a Lou, seus votos foram incontestáveis: aonde ela for, ele irá.

Até que a morte os separe.

"No mundo de Lou, ela não só encontra a sua voz, mas faz com que os homens percebam e mudem suas visões sobre as mulheres. Com tantas voltas e reviravoltas, este livro é perfeito para fãs de Pássaro e serpente." – School Library Journal

"Sedutor, sexy e convincente. Mahurin entregou uma sequência destemida que me fisionou. Esta é, oficialmente, uma das minhas séries favoritas de todos os tempos." – Adalyn Grace, autora best-seller do New York Times de All the stars and teeth

"Uma sequência de tirar o fôlego do universo mágico construído por Mahurin que coloca em oposição a força do amor à necessidade de proteger aqueles que se ama... a qualquer custo. Você perderia sua alma para salvar a de outra pessoa? Sangue e mel não se limita a responder esta questão, mas joga o leitor na história, em uma brilhante e interminável montanha-russa." – Jodi Picoult, autora best-seller do New York Times de Um milhão de pequenas coisas.

[Compre agora e leia](#)